MAPPA

DE

PORTUGAL

ANTIGO E MODERNO

PELO PADRE

JOÃO BAUTISTA DE CASTRO

BENEFICIADO NA SANTA BASILICA PATRIARCHAL DE LISBOA

TOMO PRIMEIRO

PARTE I E II

3.ª EDIÇÃO REVISTA E ACCRESCENTADA

POR

MANOEL BERNARDES BRANCO

LISBOA

TYP. DO PANORAMA — Rua do Arco do Bandeira — 112

MDCCCLXX

INTRODUCÇÃO Á OBRA

Entrei na laboriosa empresa d'este mappa não só para instruir aos nacionaes principiantes, mas especialmente para informar com individuação sincera aos estrangeiros do estado verdadeiro do nosso paiz; considerando, que só assim poderiamos atalhar os continuos erros, e descuidos, que se observam ainda nos authores modernos, que sem conhecimento das nossas terras chegam a fallar de Portugal.

Elles attribuem esta ignorancia á falta de quem lhes communique uma exacta geografia do nosso continente, e ao menos um epitome historico das mais importantes, e publicas acções. Atrevi-me a cultivar este meu projecto, não obstante ver-me suspenso com o embaraço de não ter cabedal sufficiente para desempenhar a idéa; porem, como ha assumptos, cuja utilidade unida á boa intenção do escriptor costuma supprir os defeitos da obra, cheguei a publicar cinco partes, que correndo pelo mundo, tiveram a felicidade do benigno acolhimento que experimentaram dos curiosos. (1)

Agora porem que se fez precisa esta nova, e segunda edição por falta de exemplares da primeira, achei conveniente augmental-a com opportunos retoques, e novas especies proprias do assumpto; entre as quaes me pareceu indispensavel fazer algumas observações sobre o Mappa.

Com razão disse Justo Lipsio (2) que o invento dos Mappas fôra a mais engenhosa idéa, em que os homens tinham dado: pois em breve espaço, e a uma vista nos mostra todo o mundo, e por elle conhecemos o sitio, e grandeza de cada reino, provincia, ou lugar. Attribue-se esta invenção aos egypcios, e particularmente a elrei Sesostris, como diz Diodoro Siculo, (3) posto que Diogenes dê a primazia a Anaximandro (4) discipulo de Thales Milesio.

(1) Veja-se ao P. Azeved. no Trat. Ilias in nuce p. 52. (2) Lips. l. 2. ep. 51.
(3) Diod. Sic. l. 1. sect. 2. (4) Laertius in ejus vita.

Porem, ou fosse um, ou outro, é infallivel que os Mappas n'aquelle tempo não eram delineados, como agora são as cartas geograficas, mas eram umas taboas dispostas em columnas, em que se demarcava a altura das terras: assim como vemos nas de Ptolomeu, e nas chamadas Theodosianas. (1) Depois se foram expressando em globos, ou esferas, de que faz menção o mesmo Ptolomeu, (2) e de Roma se divulgou este uso para todas as mais terras do universo.

Costumam pois os Mappas ser ordinariamente delineados em dois circulos, que representam dois meios globos com uma linha, que os atravessa pelo meio, que significa a Equinocial, e elles o globo terrestre expressado em plano. No alto está o polo Arctico, a que tambem chamam polo septentrional, ou do norte. Na parte mais infima está outro polo chamado Antarctico, ou do sul. Á mão direita fica o oriente, e á esquerda o occidente.

Para cada uma das partes da Equinocial correm outras duas linhas, que significam os tropicos. A, que está para a parte do norte, é o tropico de Cancro: e a, que está para a parte do sul, é o de Capricornio. A linha que corre obliquamente de um dos tropicos para o outro, cortando a Equinocial, significa a Ecliptica; ainda que esta não se pinta em todos os Mappas.

As linhas, ou riscos, que correm de norte a sul, denotam os graus de longitude, e as que correm de nascente a poente, cortam e mostram os graus de latitude, os quaes começam da linha Equinocial, e acabam de uma parte do norte, da outra no sul. De modo, que da Equinocial para o norte ficam oito linhas das sobreditas, as quaes estão distantes uma da outra 10 graus; e assim denotam os 90 graus, que ha da linha Equinocial ao norte. Na mesma fórma se contam outras tantas linhas da Equinocial para o sul.

Estas linhas, em que se mostram os graus, tambem costumam escrever-se pela orla dos Mappas; e advirta-se que as linhas de norte sul, ou meridianos, sempre se vão chegando umas a outras cada vez mais, quanto mais se vão chegando para algum dos polos: e assim desde que passam da Equinocial, nunca os graus tem a mesma quantidade; d'onde é certo, que as terras, que estão v. g. debaixo do circulo Arctico, não podem estar entre si tão remotaas, como as que estão debaixo da Equinocial, ou de cada um dos tropicos.

O mais util dos Mappas é a intelligencia da sua graduação; para o que se hade saber que o grau é o espaço de 18 leguas. (3) E foi necessario inventar a conta dos graus, para declarar a parte onde está arrumada a cidade, ou lugar, que queremos saber, e onde o havemos buscar no Mappa; e para isto é preciso não só o grau de altura, ou latitude, mas o de leste oeste, ou de longitude.

(1) A Elian. l. 3. c. 28. apud Cellar. l. 1. c. 1. Geogr. ant. (2) Ptolomeu l. 1. c. 21. (3) Pimentel na Arte de Navegação part. 1 c. 3.

Chama-se grau de latitude, porque, ainda que o mundo seja redondo, e nos globos não haja mais largura que comprimento, com tudo como estes graus se contém da linha para cada um dos polos, a este respeito se diz esta a largura, ou latitude do mundo; e contém sómente a quarta parte do comprimento. De sorte que tendo o mundo 360 graus de comprimento, ou de leste oeste, tem só da linha para o norte 90, e outros tantos da linha para o sul.

Os graus de altura começam da linha; de sorte que se estivermos 18 leguas affastados da linha para o norte, diremos que estamos em um grau de altura do polo da parte do norte: e se estivermos 36 leguas, diremos que estamos em dois graus de altura do polo; e d'aqui por diante até 90 graus; e do mesmo modo da parte do sul. Chamam-se graus de altura do polo, porque, assim como elles vão crescendo, assim se vai levantando para nós o polo sobre o horisonte.

São os graus de longitude, ou comprimento 360, e, porque de oriente para occidente, ou vice versa, não ha signal algum fixo, a respeito do qual se podessem assentar os graus, e começar a conta d'elles, de consentimento de homens sabios, uns assentaram o principio, e fim d'estes graus na ilha do Corvo, outros na de Tenarife; porem modernamente o estabeleceram na ilha do Ferro, que é a mais occidental das Canarias, e corre do occidente para o oriente. (1)

Para assentar estas distancias, e graus, foi necessario o conhecimento dos eclipses da lua; porque, como sejam no mesmo ponto em toda a parte, Ptolomeu, e outros companheiros desejosos de alcançar quantos graus uma terra ficava mais oriental que outra, nos tempos, em que haviam succeder os eclipses, se iam áquelles lugares, e observavam a hora da noite, que n'elles era o eclipse, e sabida ella, ficavam entendendo quanto uma terra estava mais oriental que a outra; porque aquelles lugares, onde o eclipse apparecia mais tarde, é certo que ficavam mais orientaes, pois n'elles mais cedo anoitece, que nos outros mais occidentaes.

Todavia parece que n'estes graus, e no assento dos lugares, e terras a respeito d'elles não póde haver muita certeza; porque ella não podia achar-se senão pela dita experiencia, que não seria possivel fazer-se em todos os lugares; e menos n'aquellles, que depois se descobriram. Assim advertimos que nos Mappas se acha entre uns, e outros diversidade nos graus de longitude, porque uns principiando por differente Meridiano põem os lugares em mais, outros em menos gráus. Vê-se isto n'esta observação que fiz sobre a longitude de Lisboa, segundo as cartas geograficas de varios authores.

(1) Vallemont nos Elem. da Hist. l. 2. c. 3.

Altura de polo de Lisboa conforme diversos geografos nas cartas de Portugal

Latitud.		*Longit.*		*Carta geografica de*
gr.	m.	gr.	m.	
38	58	7	12	Fernando Alvares Seco.
38	26	9	54	Mons. Sanson.
38	33	—	—	P. Du-Val.
38	53	10	5	Pedro Mortier.
38	55	5	15	Francisco Halma.
38	40	7	45	Carlos Allard.
38	40	10	14	João de Ram.
38	48	7	42	Nicolau Vischer.
38	35	7	37	P. Placido Agostinho.
38	40	12	—	João Bautista Lavanha.
38	35	9	52	João Bautista Nolim.
38	48	8	6	Mons. Tailot.
38	50	9	45	Jacome Canteli.
38	40	12	—	Gaspar Baillieu.
38	48	9	12	João Bautista Homannu.
38	40	7	—	Pedro Teixeira.
38	48	9	15	Manoel Pimentel.
38	45	—	—	P. Capassi.
38	39	—	—	P. Dechales.
38	40	—	—	P. Ricciolo, e Tosca.
39	38	5	10	Petavio.

De sorte que em todas as cartas geograficas se encontra differença nas longitudes. Advirto que para a formatura d'este Mappa me vali da Carta de João Bautista Hommannu, impressa no anno de 1737, por ser a que mais se ajusta ás computações da arte de navegar do nosso insigne cosmografo Manoel Pimentel, tidas pelas mais exactas.

Da intelligencia do grau de longitude em que estiver algum lugar, segue-se o effeito de se saber quanto está oriental, ou occidental a respeito de outros, e quantas leguas ha de um a outro, estando na mesma altura de polo, contando 18 leguas por cada grau nas terras, que ficam perto da linha. Segue-se tambem saber-se quanto nasce, ou põem o sol mais cedo em uma terra, que em outra: pois n'aquella que está mais oriental um grau que outra, nasce, e se põe o sol primeiro quatro minutos de hora, e na que está mais oriental 15 graus, nasce, e se põe o sol uma hora primeiro. Isto se entende em iguaes alturas do polo; por quanto póde uma terra ser mais occidental que outra, e nascer-lhe

muito mais cedo o sol no verão, por causa da sua maior altura do polo.

Maiores effeitos resultam do conhecimenio dos graus de latitude: porque se sabe se o lugar está muito chegado á linha, ou pelo contrario ao norte: se a terra será quente, temperada, ou fria: se a gente será alva, negra, ou morena, segundo a observação ordinaria fundada na maior visinhança, ou distancia do sol. Tambem fica manifesta a quantidade dos dias do anno; porque quanto menos são os graus de altura, tanto mais são iguaes os dias com as noites.

Finalmente do conhecimento do grau de longitude, e latitude juntamente resulta uma apta noticia para buscar no Mappa a terra, que sabemos está em tal grau, e as leguas que dista uma da outra. Mas porque é util saber a diversidade que ha de medidas itinerarias, conforme as varias accepções das provincias, informarei d'ellas com a melhor exacção que me foi possivel extrahir dos authores.

Braça portugueza, 10 palmos de craveira, ou 6 pés, ou 80 pollegadas.

Covado portuguez, 3 palmos, ou 2 pés portuguezes.

Dedo, 4 grãos de cevada lateralmente unidos.

Grau em Portugal, 18 leguas.

—Em Alemanha, 10 leguas das grandes, 12 das medianas, 15 das pequenas, conforme diz Briecio, porem segundo Cluverto em Alemanha um grau da esfera corresponde na terra a 5 leguas das grandes, ou a 10 das medianas, ou a 15 das pequenas.

—Em Italia, 60 milhas.

—Em França, 20 leguas das grandes, e 25 das communs.

—Em Inglaterra, 27 leguas das grandes, 50 das medianas, 60 das pequenas.

Legua portugueza, 28:168 palmos craveiros, ou 2;818 braças de 10 palmos cada uma, ou 3:000 milhas italicas.

—Allemã grande, 6:000 passos geometricos.

Mediana, 5:000 passos.

Pequena, 4:000 passos, segundo Briecio.

—Italica, 1:000 passos.

—Franceza, 3:000 passos.

—Ingleza, 2:181 passos geometricos.

—Castelhana, o mesmo que a portugueza.

Milha, 1:000 passos.

Palmo craveiro, 8 polegadas

Passo commum, 4 palmos e meio, ou 3 pés.

—Andante, 3 palmos, ou 2 pés.

—Geometrico, 7 palmos e meio de craveira escassos, ou 5 pés geometricos.

Pé portuguez, 12 pollegadas, ou palmo e meio de craveira.

—Francez, o mesmo.
Polegada, 10 pontos, ou linhas.
Toeza, 6 pés regios. É propriamente medida franceza.
Vara portugueza, 5 palmos.
—Valenciana, 4 palmos.
Verga, 10 pés geometricos.

Entendida a configuração dos Mappas, ou cartas geographicas universaes, facilmente se entendem as particulares, as quaes, se forem de um reino, se chamam corograficas, e se representarem uma só provincia, ou cidade, se chamam topograficas. N'estas, para se saber a distancia que ha de um lugar a outro, o modo mais facil é applicar no Mappa um pé do compasso ao centro da cifrasinha, que em todos os lugares costuma vir expressada na sua verdadeira situação local, e o outro pé á outra terra, e depois transferindo assim o compasso aberto ao petipé, ou escala das leguas, que se põe na parte mais desembaraçada da carta, este lhe mostrará a distancia.

Porem, se a distancia dos lugares achados fôr maior na abertura do compasso, que a graduação do petipé, então se tomará n'este uma distancia arbitraria de 10 ou 20 leguas, e transferindo o compasso ao corpo do Mappa, irá regulando por linha recta de um a outro lugar, até fazer justa a medição.

Ha outros modos de achar a distancia de um lugar a outro, sabidas as suas latitudes, e longitudes verdadeiras, os quaes modos ensina a Trignometria por via das taboadas dos senos, e tangentes. Tambem pelo quarto de circulo de reducção, sabidas as differenças das latitudes, e longitudes, é muito facil, e exacto, cujo uso se póde ver na Arte de navegar do famoso Manoel Pimentel.

Pelo exame, e calculo d'estes modos formei as taboas topograficas, e itinerarias das principaes terras de Portugal, advertindo que as distancias das leguas de um lugar a outro em as ditas taboas são tiradas por linha recta, conformando-me com as cartas geograficas de Pedro Teixeira, e João Bautista Hommannu, como já disse.

No mais estou certo, que assim como descubro defeitos nas obras dos outros, não ficarei tambem isento da censura, e reparos que os doutos me fizerem, a cujo racionavel juizo me submetto: esperando que as suas advertencias me sirvam de instrucção para a emenda. Sobre tudo protesto não haver escripto n'esta obra palavra, ou clausula que não seja totalmente sujeita á correcção da santa igreja catholica romana, a cujo infallivel dictame rendo de boa vontade o meu entendimento.

MAPPA

DE

PORTUGAL

CAPITULO I

Da situação, etymologia, e clima d'este reino

Na parte mais occidental da Europa, como corôa de toda a Hespanha, sitio estabelecido da clemencia do ceu para cabeça do mais dilatado imperio, está collocado o famoso Reino de Portugal entre o parallelo de 37, e 42 graus de latitude septentrional, e entre os 9, e 13 gráus de longitude, (1) cuja distancia intermedia reduzida a leguas, commensuradas pela margem maritima, vem a fazer 100 no seu justo comprimento, e 35 na sua maior largura. De circumferencia tem 285 leguas: as 135 de ribeira maritima, respeitando alguns angulos; e as 150 de raia terrestre. conforme a Geographia Blaviana. (2)

Este calculo vai formado na hypothese de que damos 18 leguas a cada grau do Meridiano, e 14 a cada grau do parallelo; e que o Reino tem de latitude 5 graus com alguns minutos, e 3 de longitude.

As partes, ou limites confinantes são estes: Galiza fica-lhe ao Norte, ou Septentrião: a costa do Algarve ao Sul, ou Meio dia; o mar Oceano, chamado de Portugal, pelo Occidente; e Castella a velha, Leão, e Andaluzia confinam pelo Oriente.

O primeiro nome, que teve este Reino, foi o de *Lusitania*, querendo os mais dos geographos, e historiadores que Luso, ou Lysias, filho de Bacco, fosse o que pelos annos 800 do diluvio universal lhe conferisse o nome, deduzido com pouca differença do seu proprio. (3) Porem este systema tão constantemente recebido, e patrocinado padece as contradicções que occasionam as fabulas em que se funda.

Quem quizer dar credito ao doutissimo Samuel Bocharto, (4) a palavra *Lusitania* é vocabulo Fenicio, derivado da raiz *Luz*, que se inter-

(1) Sanson, e João Bapt. Hom. Mappa de Port (2) Geograf. Blavian. (3) Plin. lib. I. cap. 8. Resend. I. de Antiq. Maced. Flor de Hesp c. 13. Exc. n. I. Baudrand. Diccion. Geogr. Brito Monarc. Lusit. p. I. lib. I. (4) Bochart. I. I. c. 35. Geogr. Sacr.

preta *Amygdalum*, isto é, *Amendoa*, dos quaes fructos foi sempre fertil Portugal: (1) e como os Fenices costumavam dar nome ás terras que habitavam, conforme os fructos de que eram mais abundantes, (2) não parecia improvavel, nem incongruente esta conjectura, por ser estabelecida em historia verdadeira, se acaso não tivera tambem a objecção de serem os Fenices os que só povoaram a costa do cabo de S. Vicente, que n'aquelle tempo não se chamava Lusitania, mas Celtica.

Mons. de La Clede (3) tem por etymologia mais certa deduzir a palavra *Lusitania* dos antigos povos chamados *Lusos*, que habitaram este nosso continente, a qual na lingua Celtica significava homem de alta e robusta disposição, vocabulo conveniente ao valor, e esforço dos antigos portuguezes.

Quanto ao nome de *Portugal*, por não darmos derivação antiga a um vocabulo moderno, temos por mais certo que se deduzio da povoação chamada *Cale*, que antigamente houve na margem austral do rio Douro, fronteira á cidade do Porto: a qual povoação pela frequencia das gentes, que alli concorriam, se foi fazendo affamada. Depois com o progresso do tempo se deu este mesmo nome á cidade do Porto, que se fundou defronte; e como a fortuna tambem favorece aos lugares, desde o anno 1057 pouco mais, ou menos, como quer Estaço, ou 1069, como dizem outros, se estendeu a todo o reino aquelle nome de Portugal, que era proprio de uma so cidade. (4)

Não averiguamos se a palavra *Cale*, como quer João Salgado de Araujo, (5) foi imposta por aquelles gregos, que fizeram transito a estas partes com o principe Menelao, e fundaram uma povoação na foz do Douro com o nome de Cale, que significa *Porto ameno e seguro*; porque não sabemos que haja historia verdadeira, em que esta memoria se possa fundar. Da mesma fórma rejeitamos todas as mais etymologias, como improvaveis e nugatorias.

Inclue-se Portugal no clima sexto, e principio do setimo, e por isso é o seu maior dia de 15 horas: mostrando se n'este breve espaço de terra tão benigna a inclinação do ceu, que em algumas das nossas provincias tempera de sorte os extremos do frio e do calor, que faz confundir os tempos com suavissima equivocação. (6) Com esta favoravel temperança influem Sagittario, Capricornio e Piscis com tão feliz aspecto, respirando n'este reino ares tão benevolos, que o constituem patria de todos; pois vemos que as gentes das mais remotas partes do mundo attrahidas da benignidade d'este clima, para aqui veem, e aqui vivem

(1) Ludov. Robert. Map. Comerc. t. 2. pag. 22. (2) Hoffm. Diccion. verb. «Lusit.» (3) De La Cled. Histor. de Portug. tom. 1. p. 6. mihi. (4) Cellar. na Geogr. antiq. tom. 1. liv. 2. c. 1. § 49. Argot. Antig. de Brag. liv. 2. c. 7. e 9. Estac. Antig. de Portug. c. 92. n. 2. Brandão. Hist. de Hesp. tom. 1. l.b. 1. c. 4. Lima Geogr. de Portug. t. 1. pag 188. (5) Araujo Mart. Lusit. Certam. 1. art. 8. pag. 83. Torniel. ad ann. 1331. num. 2. (6) Maced. Excel. de Port. cap. 1. Exc. l. 5. 6.

longo tempo satisfeitos, sem estranharem a mudança dos ares, nem com a saudade da patria, nem com a ausencia de seus patricios.

D'este influxo celeste nasce a fertilidade do terreno tão fecundo em todo o genero de fructos, summamente encarecidos dos escriptores antigos: (1) e se agora não experimentamos tão grande abundancia, é porque nas comarcas do reino se poupam mais ao trabalho da cultura com a esperança da providencia alheia: e quando as terras estão vagas e ociosas, não pódem corresponder a seus donos com fertilidades sufficientes. (2)

CAPITULO II

Memorias de algumas povoações que existiram em Portugal, as quaes ou se mudaram em outras, ou totalmente se extinguiram

Esta respeitosa noticia, a que Plinio (3) dá o titulo de sagrada, é conveniente saber-se, não só para se conferir melhor o moderno com o antigo, mas para se conhecer a excellencia dos lugares, a honra que tiveram, a situação em que existiram, que tudo assás contribue para a verdadeira geographia e historia do Reino. É bem verdade, que a antiguidade dos tempos, e a incuria dos homens fez perder muitas memorias que nos podiam servir de muito; e outros as involveram em fabulas que não nos servem de nada. Assim que, quanto nos fôr possivel, manifestaremos a posição mais verosimil de alguns lugares notaveis de Portugal, especialmente do tempo dos romanos, que os vandalos e mouros arruinaram, demoliram e escureceram.

Aguas Celenas, *Cilinas*, ou *Celanas*. Era povoação, que esteve na provincia do Minho. Lembram-se d'ella Ptolomeu, (4) e Antonino em seu Itinerario no segundo caminho de Braga para Astorga. Dos geografos modernos querem uns (5) que fosse onde está hoje o logar de *Fão*, meia legua acima da barra do rio Cávado da parte do Sul, e onde se celebrou o famoso concilio contra os Priscilianistas, em que presidio S. Toribio em tempo de S. Leão Papa. Outros porem (6) o constituem em Barcellos, persuadidos da semelhança do vocabulo do rio *Celano*, que pòr alli passa, chamado hoje Cávado; porém estas conjecturas são mui falliveis para estabelecer a geographia verdadeira. Tenho por mais certo o sitio que constitue Antonino, que é quatro leguas antes de chegar ao Padrão, como bem explica o Padre Mestre Flores na *Espanha sagrada, tom.* 15, *pag.* 75.

Aguas Flavias. Todos concordam na verdadeira situação d'esta terra,

(1) Strab. lib. 5. Polyb. lib. 38. Athen. lib. 4 (2) Mallet. Descripc. del Univ. tom. 4, pag. 175. (3) Plin. lib. 8. Epist. 24. «Revertere gloriam veterem, & hanc ipsam senectutem, quae in homine venerabilis, in urbibus sacra est». (4) Ptolom. apud. Cellar. lib. 2. cap. I. Geogr. antiq. Veja-se Botelho no Alfonso liv. 3. est. 77. (5) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3. pag. 627. Corog. Port. tom. I. p. 310. Argot. Antig. de Brag. t. I. cap 2. (6) Villalob. Nobiliarch. Portug. pag. 89. Corogr. Port. t. I. pag. 296.

que era onde vemos hoje a villa de *Chaves*. (1) Dizem que tomou este nome dos banhos, que alli havia, e do imperador Flavio Velpasiano, a quem se dedicára uma notavel inscripção. Foi colonia dos romanos mui frequentada e ennobrecida por elles, como larga, e eruditamente mostra o insigne indagador de antiguidades (2) lusitanicas, o reverendo D. Jeronymo Contador de Argote. Veja-se tambem o Padre Mestre Flores allegado.

Aguas Layas, ou *Leenas*. Na carta geografica de Abrahão Ortelio achamos demarcado este lugar com o nome de *Aquæ Leæ Turudorum* quasi em 41 graus de latitude, e 12 de longitude. Alguns (3) querem que estivessem entre as villas de *Monção* e *Valladares*; o que não póde ser pela arrumação d'aquelle insigne geografo. Nosso famoso Argote persuade-se com razão (4) que esta era a cidade de *Lais*, capital dos povos Turolicos, e que existira onde hoje chamam a freguezia de S. Martinho de *Lanhoso*, termo da villa de Caminha.

Ambracia. O illustrissimo D. Rodrigo da Cunha (5) diz que esta cidade estivera no sitio de *Barcellos*, a qual foi fundação dos gregos. Funda-se na authoridade de Rodrigo Caro, (6) que diz que a *Ambracia* em Portugal, onde foi martyrisado Santo Epitecto, estava em um logar perto de Braga. Porem o author do Agiologio Lusitano, seguindo a Sandoval, não assente a isso, (7) porque diz que é Placencia. Finalmente João Salgado de Araujo no *liv.* I *dos Successos militares, pag.* 5, *v.* diz que Ambracia estivera em Grecia, onde hoje chamam Larta: o mesmo diz Poyares no *Diccionario Geographico* com Cellario na *Geografia antiga, l.* 2, *c.* 13, § 177.

Araduca. Convem alguns dos geographos (8) que estivesse esta cidade collocada, onde hoje vêmos a nobre villa de *Guimarães*. E seguindo esta opinião Manoel de Faria, fallando da sobredita villa de Guimarães, diz: (9)

Na aldeia d'Araduca celebrada
Pela rara belleza das pastoras.

O mesmo diz Filippe de la Gandara nas *Armas, e Triumfos de Galliza, cap.* 17, *num.* 3. Porem Gaspar Estaço (10) segue o contrario, e o intenta provar com a arrumação, que lhe dá Ptolomeu na altura de 41 graus e 50 minutos, e com 17 leguas e meia da bocca do Douro, dis-

(1) Resend. lib. I. Antiq. Lusit. Cellar. Geogr. antiq. lib. 2. c. I. § 51. Vasaeus Chronic. Hispan. pag. 254. Gruter. pag. 156. n. 4. (2) Argot. Antig. de Brag. t. I. lib. 2. c. 3. 4. 5. Et de antiq. Convent. Brachar. lib. I. cap. 3. (3) Gaspar Barreir. na Corogr. (4) Argot. Mem. do Arceb. de Brag. tom. I. pag. 323. (5) Cunha Hist Eccl. de Braga. part I. cap. 19. Villasboas Nobil. Port. pag. 79. (6) Rodr. Caro in notis ad Dextr. ann. 265. «Ambrasiae in Lusitania S. Epitectus ejusdem Civitatis civis. & Pontifex Martyr Christi. (7) Agiol. Lusit. tom. 3. pag. 38. (8) O Campo Chron. p. 1. liv. 3. cap. 27. Argot Antig. de Brag. t. I. lib. 2. c. 6. n. 513 D. Franc. Man. Cent. 3. Cart. 62. p. 425. (9) Faria Fonte de Aganip. p. 2. Eclog. 4. Est. 10. (10) Estaç. nas Antig. de Port. c. 20.

tancia mui differente da que tem Guimarães, pois dista da bocca do Douro 8 leguas sómente. Fr. Bernardo de Brito (1) diz que o que antigamente foi *Araduca*, é hoje *Amarante*: e já houve quem disse que era *Aljubarrota*. Eu pudera dizer muito mais, sobre ser Guimarães a antiga Araduca, mas por ora basta o que está dito. Vejam os curiosos ao Padre Mestre Flores, author moderno, *tom.* 15, da *España Sagrada*, *pag.* 286.

Araducta. Conforme a situação do Mappa de Abrahão Ortelio, parece ser a *Arouca* que hoje existe.

Aravor. O author da Corographia Portugueza (2) quer que fosse esta uma cidade em tempo dos imperadores Trajano e Adriano, em cujo sitio está hoje a villa de *Marialva*: porem esta noticia só n'este auctor a achámos.

Aricio Pretorio, ou *Ayre*. D'esta povoação se faz memoria no Itinerario de Antonino Pio na terceira Via militar que ia de Lisboa para Merida, e se persuadem Resende e Vasconcellos, (3) que existia nas ribeiras do Tejo, onde hoje está Benavente; porem, como advertio fr. Bernardo de Brito, o sitio de Benavente tem algumas particularidades, que não se compadecem com as confrontações do Itinerario de Antonino. Gaspar Barreiros tem para si (4) que distava uma legua de Coruche, onde agora está a villa de *Erra*; porem Jorge Cardoso (5) diz que estivera esta povoação duas legoas affastada de Abrantes, onde chamam *Alvega*, porque n'este sitio ha vestigios antigos, que assim o persuadem. Na carta geographica de Ortelio vemos demarcada *Aricio* entre a Feira e Arouca; e na altura de *Benavente*, ou *Salvaterra* se vê *Aritium Prœtorium*, em que parece convir com Resende.

Aroche. Consta ser esta uma notavel cidade, sobre cujas ruinas se levantou depois a villa de Moura no Alemtejo, como eruditamente provam fr. Manoel de Sá, (6) e Resende com alguns cippos alli descobertos.

Aunona. O dr. D. João Ferreras (7) persuade-se que esta cidade estava situada na provincia do Minho junto ao rio Ave; porém nosso Argote (8) não é d'esta opinião.

Auranca. Existio esta povoação não longe do rio Vouga, 9 leguas de Coimbra, segundo nos informam Brandão na Monarquia, liv. 10. c. 18., e Jorge Cardoso no Agiologio. (9)

Balsa. Tem para si o famoso antiquario Resende (10) que estivera esta cidade no Algarve, onde agora reside *Tavira*; mas, segundo Ptolomeu e Ortelio, parece ser *Castro-Marim*. Todavia Christovão Cellario se-

(1) Monarc. Lusit. liv. 2. cap. II. (2) Corogr. Portug. tom 2. pag. 308. (3) Resend. de Antiq. Lusit. (4) Gasp. Barr. na Corogr. (5) Cardos. no Agiol. tom. 3. p. 371. (6) Sá Mem. Hist part. 2. p. 1. & seq. Resend. de antiq. lib. 4 pag. mihi 171. (7) Ferreras Histor. de Hesp. part. 3. ad ann. 466. (8) Argot Antig. de Braga tom. 1. p. 376. (9) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 2. p. 314. (10) Res. lib. 4.

gue a conjectura de Resende; (1) e Gaspar Barreiros em um manuscripto diz que é a aldeia chamada *Simine*. Porém ou Balsa seja Castro-marim ou Tavira, o certo é que no termo de Beja na horta chamada do Bacello, não longe de *Baleizam*, achou no anno de 1742 o incansavel padre fr. Francisco de Oliveira Religioso Dominico, grande imitador de Resende no descobrimento das antiguidades do nosso reino, um cippo romano sepulchral de Cayo Blosio Saturnino, habitador de Balsa, erecto a sua filha; cuja inscripção vem no 2. *tom.* do *Diccionario Geographico* do P. Cardoso *a pag.* 23, e na Gazeta de 20 de Setembro de 1742. Donde sem muita violencia se póde conjecturar pela semelhança do nome, que Balsa estivera no sitio de Baleizam. Não me intrometto n'esta antigualha; a qual acabaremos de entender, quando o sobredito religioso fr. Francisco, nosso amigo, divulgar as antiguidades, e grandezas d'esta provincia, de que tem junto grosso cabedal.

Benis. Por algumas congruencias parece ao laborioso D. Jeronymo Contador de Argote (2) que era esta uma cidade episcopal existente perto da villa de Caminha.

Beselga. Dentro dos termos de Thomar e Torres Novas existio esta povoação com titulo, e grandeza de cidade. Hoje é um logar pobre e pequeno, que para memoria lamentavel do que foi, ainda conserva o appellido em um monte fronteiro, a que os moradores chamam *Monte da Cividade.* Muitas ruinas antigas se descobriram n'estes contornos, de que se prova a sua verdadeira situação, como se persuade Cardoso. (3) Fr. Leão de S. Thomaz persuade-se que é *Agueda*, uma legua de Thomar.

Britonia. Grande controversia ha entre os geografos sobre a verdadeira situação d'esta cidade. Que ella foi povoação florentissima em tempo dos suevos e godos, e gozou a honra de cathedral com bispos dentro de Hespanha, é infallivel. Os auctores castelhanos querem que ella estivesse em Galiza, onde hoje está Oviedo ou Mondonhedo, de que os despersuade Jorge Cardoso. (4) Muitos dos nossos insistem, (5) em que esta cidade estivera no sitio de *Britiandos*, abbadia de Ponte de Lima. O author da Corographia Portugueza a constitue no logar da freguezia de S. Martinho de *Birtello*, termo da villa da Ponte da Barca. (6) Ultimamente o incançavel e erudito Padre Argote convem em que existio junto do rio Lima, (7) fundando-se em mais provaveis d cumentos.

Calantia. Querem que existisse esta povoação no Alemtejo, e no mesmo terreno de *Arrayolos*, dando-lhe por fundadores os Celtas. (8)

Caldelas. Na freguezia da Magdalena, termo de Thomar, existe um

(1) Cellar. lib. 2. Geogr. antiq. cap. I. (2) Argot. Mem. de Brag. tom. I. lib 2. c. 6. n. 516. (3) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3. p. 760. V. Argais na Poblacion Ecclesiast. de Hespanh. ad ann. 893. (4) Cardos. Agiol Lusit. tom. 2. p. 2[illegible] (5) Monarq. Lus. l 7. c. 23 Fr. Leão Benedict. tr. 2. p. 2. c. 21. (6) Corogr. Port. t. I. p. 237. (7) Argot. Mem. de Brag. tom. 2. p. 682. (8) Vasconc. in not. ad Resend. lib. I. p. 258. Rodr. Mend. Poblac. gen. de Hesp. p. 135. D Franc. Man. cent. 3. cart. 62. Corogr. Port t. 2. p. 525. Agiol. Lus. tom. 3. p. 86. Cardoso no Diccion. Geogr. tom. I. p. 487.

logar com este mesmo nome, de que infere o author da Corographia (1) houvera alli antigamente a cidade *Caldede*. E junto da ermida de S. Pedro se descobrem ainda muitas pedrinhas quadradas de varias côres, que parece serviam em templos, ao modo dos nossos azulejos. Descendo do sobredito logar, apparecem por algumas quebradas pedaços de arcos de pedra, e canos de metal, por onde lhe vinha agua de longe. Tambem seus moradores teem achado algumas ferramentas de lavoura, e moedas de cobre, das quaes confessa Jorge Cardoso (2) conservava uma com a effigie de Antonino Pio de uma parte, e da outra a figura do rio Tibre.

Caliabria. Foi uma grande povoação dos romanos, que existio na comarca de Riba Coa sobre o rio Douro no cimo de um monte, que dista uma legua de Villa Nova de Foscoa entre o norte e o nascente, a cujo sitio com pouca corrupção seus moradores ainda hoje chamam *Calabre*. As ruinas de suas muralhas dão claros indicios da sua grandeza, como bem diz a *Monarquia Lusitana liv. 5. c. 24.*

Cambeto. O doutissimo Padre Argote intenta mostrar (3) que esta cidade estava situada onde agora chamam S. Salvador de *Cambezes* no Couto do Luzio, termo de Monção; porem no Mappa da antiga Lusitania, composto por Abrahão Ortelio, a vemos situada com o nome de *Cambetum Lubenorum* na altura de 41 graus de latitude, e 13 de longitude, que deita mais para a provincia de Tras-os-Montes, que do Minho.

Campos Elysios. Anda introduzida nas historias de Hespanha a antiga existencia d'estes campos constituidos de ameno e delicioso temperamento; mas como cada um os leva para o terreno, que lhe figura o desejo, é justo que averiguemos isto em beneficio da verdade com alguma maior extensão. Pertendem os authores castelhanos (4) collocal-os uns em Sevilha, outros em Andaluzia, outros em Cordova, e em diversas outras provincias. Os nossos escriptores (5) querem uns que estivessem na provincia do Minho, outros no Algarve, e outros na Estremadura nos campos visinhos de Lisboa, chamados *Lysirias*, como se dissessemos *Elysirios*, ou *Elysirias*; porem o certo é que não estiveram em parte alguma de Hespanha.

Dizem mais, que estes campos eram cheios de summa delicia, onde todo o anno havia perpetua primavera, e estação florente, para o qual iam as almas dos varões famosos descançar, como em premio de suas proezas. O primeiro author que innovou esta fabula foi Home-

(1) Corogr. Port. tom. 3. p. 175. (2) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3. p. 761. (3) Argot. Mem. de Brag. tom 1. p. 316. (4) Rodr. Car. Antig. de Sevilh. Caram. Explicac. Mystic. de las armas de Hespanh. p. 72. (5) Heit. Pint. in Ezech. cap. 13. Maced. Flor. de Hespanh. c. 1. exc. 6. Far. Epit p. 4. lib. 5. cap. 4. Becan. in Hermat. p. 229. Luiz Mar. Antig. de Lisb. D. Franc. Man. cent. 3. cart. 62. Corogr. Port. tom. 1. p. 209. Lacerd. in l. 6. Virgil. Æneid.

ro, (1) o qual introduzindo a Ulysses nas praias do Oceano, lhe encarece a bondade do clima; porem o sentido d'aquelle grande poeta, segundo a mais racionavel conjectura, foi encobrir com a supposição dos campos Elysios a noticia, que aprendeu em os livros de Moysés do sagrado Paraiso.

Prova-se com o que diz S. Gregorio Nazianzeno, (2) que os gregos, offerecendo-se lhes no animo certa especie do nosso paraiso, o deram a entender (ainda que discrepando alguma cousa em o nome) com outros vocabulos, tomando-o de Moysés e dos nossos livros. O mesmo reconheceu Proclo de Hesiodo, pois ainda que confunde com o commum erro dos demais gregos as ilhas dos Bemaventurados com os campos Elysios, escreve, (3) que quando aquelle poeta nomeia as ilhas dos Bemaventurados, parece significar o Paraiso ou o campo Elysio, chamado assim, porque conservava indissoluveis os corpos. Christiano Becmano (4) comprova o mesmo parecer, convindo em que o campo Elysio dos gentios não foi outra cousa que expressado debaixo de alguma sombra.

E pois é constante foi Homero o primeiro, em quem se offerece celebrada a amena felicidade dos campos Elysios, não parece dubitavel expressar n'elle o Paraiso, quando S. Justino Martyr constantemente assegura (5) tivera noticia d'elle o tal poeta: ajuntando-se a isto o quanto se conforma o aprazivel clima, e deliciosa morada dos campos Elysios de Homero com o que referem as sagradas lettras, teve o Paraiso, que a nossa vulgata chama do *Deleite*, substituindo assim a voz *Eden*, que conserva o Hebreu, como adverte S. Jeronymo. (6)

D'isto se collige que o animo de Homero não foi collocar os campos Elysios na Hespanha, como julgou Estrabo, (7) a quem seguiram os mais, que os situam n'ella, porem só quiz expressar com este nome o Paraiso sagrado, de que faz memoria Moysés. (8) A causa porem, que commoveu ao poeta para collocar os sobreditos campos no ultimo Oceano, foi por seguir a opinião dos Orientaes, que affirmavam estivera o Paraiso distante da terra habitada no mesmo oceano, como seguio Santo Efrem, conforme allega Moysés Barcepha, (9) e Malvenda. (10) Com esta

(1) «Elysium in campum, terrarumque ultima tandem
Dii te transmittent, stat flavus ubi Rhadamanthus
Existitque viris, ubi vita facilima durans
Non hyemis vis multa: nives non ingruit imber
Stridula, sed semper Zephyrorum flamina mittit.
Ingens Oceanus, senimina grata virorum. Homer. Odyss. d. vers. 563

(2) S. Gregor. Nazianz. orat. 20. p. 333. «Paradisi videlicet nostri speciem quandam animo intuentes, atque ex Mosaicis, ut opinor, nostrisque libris, tametsi in nomine noan hil discreparit, aliis tamen vocabulis, hoc ipsum indicantes.» (3) Proclus in Hesiod. fol. 27. «Beatorum insulas cum dicit Paradisum, aut campum Elysium significare videtur, sic dictum, quod corpora servet indissolubilia.» (4) Bechman. de origin. ling. Latin. p. 333. (5) S. Justin. in Cohortat. ad Graecos p. 27. «Permulta esse á Poeta, ex Divinis quoque Prophetarum libris in opus suum relata... Deinde veró, ut Paradisi effigiem Alcinoi horti conservarent, fecit illos florentes, & frugum ubertate scatentes. (6) Div. Hieron. in Genes. cap. 2. vers. 15. (7) Strab. de Situ Orbis lib. 3. p. mihi 143. (8) Genes. 5. 23. (9) Barcepha de Paradis. cap. 12. (10) Malvend. de Parad. lib 1. cap. 9.

breve demonstração nos parece ficaram estes campos phantasticos excluidos inteiramente das nossas provincias.

Canace ou *Canali*. Conforme diz Rodrigo Caro, (1) foi esta uma cidade, que Ptolomeu situa no Algarve, e assim a vemos collocada na carta de Ortelio por cima de Tavira: porem Severim de Faria escreveu ao author da Benedictina Lusitana, dizendo-lhe que a cidade de *Canace* estivera no sitio da Serra d'Ossa, onde chamam Val de infante, quatro leguas afastada de Evora. (2) Hauberto tambem a constitue junto de Evora, e faz memoria de S. Mauricio abbade Basiliense, que padecera aqui martyrio. (3)

Capara. Padeceu engano Hauberto em dizer que ficava esta cidade junto de Evora, (4) porque, segundo a melhor conjectura, foi cidade habitada pelos povos Vetones, segundo Ptolomeu; e Ortelio a poem quasi na latitude de 40 graus, e 13 de longitude. Hoje fica fóra dos limites de Portugal, e como diz Argaes, (5) pertence ao bispado de Placencia.

Carmona. O author da Benedictina Lusitana diz, (6) que cinco leguas de Braga, junto á estrada que vai para Vianna, duas leguas pouco mais ou menos, antes d'ella ao pé de um monte existira antigamente uma povoação grande com o nome de *Carmona*, cujas ruinas e vestigios se vão de quando em quando descubrindo.

Cauca. Tenho para mim que padeceu engano Jorge Cardoso (7) em collocar esta cidade no sitio de Villa Pouca de Aguiar, entre Chaves, e Villa Real, a quem seguiram Macedo, (8) e outros: porque mais me accommodo ao exame do estudiosissimo Argote, (9) e tambem porque vejo no Mappa de Ortelio arrumada esta cidade na altura de 41 graus de latitude, e perto de 15 de longitude, não pouco distante de Segovia.

Ceciliana. O Itinerario de Antonino sitúa esta povoação entre Setubal e Alcacer do Sal. Plinio lhe chama *Castra Ceciliana*, talvez deduzido de Cicilio Metelo, que deu nome a este logar. Uns querem que seja hoje Agualva, tres leguas de Setubal, outros Alcaçovas, o que não póde ser. D. Francisco Manuel diz que é ou a Galveia ou Agua de Moura. Com o mesmo nome de *Castra Celicis* vejo uma povoação situada na carta de Abrahão Ortelio junto de Meribriga, que é em 38 graus, e 5 minutos de latitude, e 12 graus, e 5 minutos de longitude, e outra quasi na mesma latitude, e 14 graus de longitude.

Celiobriga. Foi o que agora é *Celorico de Basto*, ou nas suas visinhanças. Consta da inscripção, que se achou em uma pedra na egreja de Santa Senhorinha de Basto, que allega Argote nas Memorias do arcebispado de Braga. (10)

(1) Rodr. Car. ad ann. Christ. 419. (2) Benedict. Lusit. tom. I. pag. 304. (3) Haub. Chron. ad ann. 420. (4) Haubert. ad ann. 85. (5) Argaes Poblacion Ecles. de Hesp. tom. I. fol. 10. (6) Benedict. Lus. tom. 2. p. 109. (7) Cardos. Agiol. Lus. tom. I. p. 172. (8) Maced. Flor. de Hesp. excel. 10. n. 3. Purific. Chron. de S. Agost. p. 2. liv. 7. tit. I. §. I. (9) Argot. Antig. de Brag. part. I. p. 377. (10) Argot. Mem. de Brag. tom. I. p. 818.

Centocellas. Defende Jorge Cardoso (1) a situação d'esta cidade junto ao rio Zezere no bispado da Guarda, e perto de *Belmonte*, onde permanece uma ermida de S. Cornelio, proxima a uma torre quadrada de obra romana, onde diz estivera preso este Santo; o que tambem confirma João Salgado de Araujo no liv. 3. das guerras da provincia da Beira pag. 100: porem o padre fr. Antonio da Purificação, (2) e os incansaveis antiquarios Argote e Leal (3) mostram com evidencia ser erro de Cardoso.

Cinania. D'esta cidade faz menção Valerio Maximo, (4) encarecendo muito o valor de seus moradores, e dizendo que ficava na Lusitania. Fr. Bernardo de Brito. (5) e seu abreviador Manoel de Faria (6) mostram que estivera fundada junto de *Roriz.* Pertende porem Gaspar Estaço mostrar, (7) e o Padre Henrique de Abreu no discurso, que faz sobre esta cidade, que estivera junto da serra do Marão, (8) onde ha passagem aos que vão da Beira para o Minho pela estrada, que da villa de Teixeira vai a Amarante. Aqui ao pé da serra está a villa de Mezão Frio. e uma legua pela ribeira do Douro acima está o logar de Cidadelhe, e ao norte ha ruinas de grande povoação: aqui prova o dito author foi Cinania. Jorge Cardoso (9) a poem na eminencia de um monte sobre o rio Ave, legua e meia distante de Guimarães. O author da Corographia Portugueza (10) a descobrio entre Lanhoso, e o Couto de Pedralva. Modernamente o Padre D. Jeronymo nas Memorias eruditissimas de Braga (11) confessa que é incerta a precisa situação de Cinania.

Cetobriga. Foi uma cidade do Gentilismo, em cujas ruinas se fundou a villa de Setubal. Fr. Bernardo de Brito, (12) seguindo a Florião do Campo, e a outros, diz que fora fundada e povoada por Tubal no anno 145 depois do diluvio, e lhe chamára *Cethubala* ou *Cœtum-Tubalis*, que quer dizer ajuntamento de Tubal, de cujo nome com pouca mudança se deduzio *Setubal.* Porém André de Resende, (13) e Diogo de Paiva dizem, que não póde ser: antes o Paiva com tenacidade a constitue em Andaluzia. O que temos por mais provavel é o que diz o famoso Resende. que houve duas povoações d'este nome: a antiga, onde agora está o sitio chamado Troya, que n'aquelle tempo se dizia *Cetobriga*, e significava cidade de muito e grande peixe; porque *Briga* na lingua dos antigos lusitanos queria dizer cidade ou fortaleza, e *Cete* peixes grandes. D'esta opinião é Gaspar Barreiros, (14) o qual affirma, que no seu tempo havia no sitio d'esta Troia vestigios de umas salgadeiras, em que sec-

(1) Cardos. Agiol. Lusit. tom. I. p. 338. (2) Purific. Chron. August. tom. I. p. 215 vers. (3) Argot. Mem. de Brag. tom. 2. p. 694. Leal, Mem. do Bispad. da Guard. part. I. tit. 3. c. 2. n. 202. 203. 204. (4) Valer. Maxim. l. 6. cap. 4. (5) Monarq. Lusit. part. I. liv. 3. cap. 13. (6) Far. Epitom. p. 110. part. 2. cap. 10. (7) Estaç. Antig. de Portug. cap. 19. (8) P. Abreu no fim da vida de S. Quiteria p. 307. (9) Cardos. Agiol. Lusit. tom. I. p. 320. e tom. 3. p. 17. (10) Corog. Port. tom. I. p. 162. (11) Argot. Mem. de Brag. p. 386 e 457. (12) Monarq. Lusit. p. I. cap. 3. Heit. Pint. in Ezech. cap. 27. Far. Europ. Portug. tom. 3. part. I. cap. 3. (13) Resend. l. 4. de Antiq. p. mihi 216. Paiv. no Exame de Antiguid. p. 9. (14) Barreir. Corogr. p. 63.

cavam o peixe, porque se fazia aqui uma grande pescaria d'elle; e que debaixo da agua se mostravam ainda ruinas de edificios, cousa que tambem testifica Resende. Extincta finalmente a antiga *Setubal* ou *Cetobriga* na geral destruição de Hespanha, se passaram alguns moradores dos que restaram para defronte, e principiaram a povoar nova colonia n'aquelle sitio, intitulando-a da mesma fórma *Cetobriga*. Correndo depois o tempo, se veio a chamar *Cetobala*, e d'ahi *Cetubala*, e hoje *Setubal*. D'esta opinião é Luiz Nunes. (1) Christovão Cellario, (2) e convem no mesmo Villalpando *in Ezechielem tom. 2. p. 46*. Affirma tambem o allegado Resende, que no sitio de Troya, ou antiga Cetobriga está por cima da porta da egreja de Nossa Senhora uma cabeça de carneiro em pedra, e lhe parece que houvera alli um templo de Jupiter. De outras pedras ali descubertas faz tambem memoria o sobredito antiquario.

Collipo. Foi esta cidade municipio romano, e nas suas ruinas se levantou a cidade de *Leiria*, como é constante entre todos os geografos. (3)

Concordia. Teve esta cidade seu assento uma legua affastada de Thomar para o occidente, onde se descobrem ainda vestigios de sua antiguidade. Ptolomeu se lembra d'esta povoação, pondo-a na Lusitania, e quasi com elle concordam Bivar, (4) Plinio e outros. (5) Houve outra Concordia junto ao rio Guadiana, que antigamente se chamou Bertobriga, Bocoris ou Nortobriga, de que falla Pedro de Medina. (6) Jorge Cardoso (7) diz, que guardava em seu poder algumas moedas achadas no sitio da primeira Concordia, que bem provam a antiga certeza d'esta povoação. Author ha, que diz é *Tentugal*.

Contraleucos conforme Ortelio; ou *Catraleucus* segundo Ptolomeu, foi povoação romana, de cujas ruinas se erigiu a villa do Crato, como o mostra fr. Leão de S. Thomaz na *Benedictina Lusitana*. Outros querem que seja Castello Branco. Verdade seja que esta povoação, no conceito de D. Francisco Manoel é uma das que por nenhum modo são hoje por nós conhecidas.

Egitania. Foi no sitio de Idanha a Velha uma cidade nobilissima no tempo dos romanos, e municipio seu mui estimado. O doutor Manoel Pereira da Silva Leal, dignissimo academico regio, escreve d'ella eruditamente nas Memorias da Guarda. (8)

Eminio. Hoje é o logar de *Agueda* no termo de Aveiro. Foi povoação notavel da Lusitania, e cidade Episcopal. Teve prelados, de que se acha a memoria de Gelasio pelos annos 411 de Christo, e de Possido-

(1) Luiz Nunes cap. 38. (2) Cellario Geograf. Antiq. liv. 2. cap. I. § 16. (2) Plin. liv. I. cap. 24. Gruter. p. 1155. Vasconcel. lib. 5. de Eborensi. Municip. p. mihi 24. Duarte Nun. Desc. de Portug. p. 13. Brandão t. 3. Cardos. no Agiol. t. 2. p. 374. Barreiros na Corograf. p. 50. v. (3) Bivar ad ann. 145. (4) Plin. liv. 4. cap. 22. Benedict. Lusit. part. 4. trat. 2. p. 173. Abreu Vid. de S. Quit. p. 203. (5) Medin. liv. 2. (6) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3. p. 760. & tom. I. p. 457. (7) Leal, Mem. do Bisp. da Guard. p. 14. & seq.

nio pelos annos 589. Ortelio lhe dá tambem o nome de *Colubria*. O academico Manoel Pereira da Silva Leal (1) pertende mostrar que não tivera bispos, como alguns affirmaram. Fallam d'ella Plinio e Ptolomeu *apud Cellarium l. 2. c. 1. § 9.*

Equabona. É hoje a villa de Coina. Por aqui continuava a primeira via militar dos romanos; que ia de Lisboa para Merida.

Eritreia ou *Erythia*. Encontramos muito embaraçada entre os authores a situação d'esta ilha. Fr. Bernardo de Brito, (2) seguindo a Pomponio Mela, (3) diz, que estivera na costa de Portugal, e que havendo aqui pelos annos de Christo 582 um grande terremoto, se apartára da terra firme, e o que ficou é ao que agora chamamos *Berlengas*, talvez deduzido da palavra *Londobris*, que tambem lhe dá Ortelio. Esta opinião seguem Resende, Baudrand, Luiz Marinho de Azevedo, e outros que este allega. (4)

Porem Diogo de Paiva (5) persuadido com a geral confusão de alguns authores em não distinguirem a ilha Erythia da de Cadis e Tarteso, é de contrario parecer. Os romanos tiveram o abuso de chamar com o mesmo nome de Cadis as outras ilhas, que estavam immediatas a ella, da maneira que se chamam hoje ilhas de Cabo Verde, e das Canarias todas as que se conservam sujeitas ás duas principaes, como cabeças de todas as outras suffraganeas, como bem observa o marquez de Montejar nas suas eruditas Disquisições; (6) e assim é infallivel ser diversa esta ilha das outras, e o mostram Salmacio, Rufo Festo Avieno, Samuel Bocharto, Rodrigo Caro, Christovão Cellario e outros. (7)

Eburobricio. Questionam os geographos sobre a verdadeira situação d'esta terra. Diogo Mendes de Vasconcellos e Gaspar Barreiros (8) dizem que estivera no sitio, onde hoje está *Evora de Alcobaça*; porém Fr. Bernardo de Brito, (9) reprovando a Vasconcellos, diz que fôra em *Alfezeirão*, mas em outra parte duvida. (10) Mons. de La Cled. (11) no mappa da antiga Lusitania nenhuma duvida põe em situar a *Alfezeirão* no mesmo logar de *Eburobricio*, e quasi na mesma altura se conformam os mappas de Ortelio e Cellario. Do antigo templo que houve aqui dedicado a Neptuno pelo famoso capitão Decio Junio Bruto, consta a grande resistencia que os seus moradores fizeram ao poder romano pelos annos 130 antes de Christo Senhor nosso vir ao mundo. (12)

Evandria. É Olivença. Antonino lhe chama Evandriana.

Flaviobriga. O Doutor João de Barros na Descripção do Minho tem

(1) Id Dissertaç. Exegetic. not. 3. n. 28. (2) Monarq. Lusit. liv. 5. cap. 25. (3) Mela liv. 3. cap. 24. (4) Resend. lib. 2. Antiq. p. 66. mihi. Baudrand Diction. geogr. verb. «Erythia». Marinh. de Azeved. Antiguidades de Lisb. p. 103. (5) Paiv. Exame de Antig. p. 42. (6) Montejar. Antig. de Hesp. part. 2. disquis. 5. §. 2. cap. 2. (7) Salmac. Exercit. Plinian. p. 284. Avien in Oris maritim. vers. 308. Bochart. Geograf. Sacr. p. 679. Car. Antig. de Sevilh. l. 3. cap. 25. Cellar. Geogr. antiq. liv. 2. cap 1. §. 127. (8) Vasconcel. in Annotat. ad Resend. Barreir. Corograf. p. 50. (9) Monarq. Lusit. liv. 3. cap. 11. (10) Ibid. liv. 5. cap. 17. (11) De la Cled. Hist. de Portug. tom. 1. (12) Monarq. ut supr.

para si que estivera esta povoação no sitio de *Favayos*, villa da provincia Trasmontana, onde affirma que vira letreiros, que assim o testemunhavam. Foi uma das cidades que edificou el-rei Brigo.

Foro dos Limicos. Era uma cidade collocada junto do rio Lima. O Padre Argote persuade-se que estivera no sitio, a que hoje chamam *Santo Estevão da Faxa.* (1)

Foro dos Narbassos, Foi cidade cabeça de uns povos assim chamados, que existio perto de Braga, conforme a conjectura do incançavel Argote. (3)

Gerabrica ou *Jerabrica.* Segundo a geografia de Fr. Bernardo de Brito (3) esteve esta cidade situada onde vemos hoje a villa de *Póvos.* Prova-o este author com o Itinerario de Antonino, o qual assigna de Lisboa a Jerabrica trinta mil passos, que fazem as sete leguas, que se contam d'esta cidade áquella villa. Porem Gaspar Estaço, Gaspar Barreiros e Brandão mostram com o mesmo Itinerario, que *Jerabrica* foi o que hoje é *Alemquer.* (4)

Lacobriga. Em tempo dos romanos foi cidade mui famosa, e lembra-se d'ella Baptista Mantuano, (5) quando diz, que erigira o senado d'esta povoação sete estatuas a Ardiboro, capitão insigne do imperador Valentiniano, as quaes prostraram os vandalos, quando a tomaram. Das suas ruinas se edificou a cidade de *Lagos* no Algarve, e n'este sitio vemos collocada a sua arrumação no mappa de Ortelio e de Pomponio Mela, com quem se conforma Vasconcellos, (6) d'onde parece receber engano Vasco Mousinho de Quevedo, equivocando Lagos com Lamego, (7) e a mesma equivocação encontro em Gabriel Pereira, (8) porque une os povos da serra da Estrella com os de Lacobriga, que sendo Lagos eram provincias mui distantes. Talvez que tudo proceda de se equivocarem com outra povoação, que ficava junto de Lamego, porem mais encostada para o mar, a que Ortelio chama *Langobrica*, que Vasconcellos tem pela villa da *Feira.* Ha quem diga que *Lacobriga* é a villa de *Abrantes*, outros do *Landroal*, e João de Mariana diz que é a villa de *Alvor*, fundada por Anibal. Parece a outros ser Santiago de Cacem, como diz D. Francisco Manoel na carta 62 da centuria 3.

Magneto. Foi na opinião de alguns uma cidade em tempo de romanos, e existio onde hoje chamam *Santa Maria de Meinedo*, que é um lugar do bispado do Porto. (9)

(1) Argot. nas antiguid. da Chancellar. de Brag. p. 128. (2) Argot. Mem. do Arceb. de Brag. liv. 2. cap. 6. n. 525 (3) Monarq. Lusit. liv 6. cap. 4. (4) Estaç. Antig. de Portug cap. 87. Barreir. Corog. tit. de Talaver. Brand. Monarq. Lusit. liv. 10. cap. 34.

(5) «Dicitur Ardiburi posuisse Lacobriga septem
Victori toties statuas, totiesque per illum
Eruta Wandalicis bello insurgente procellis.»

Mantuan. in Agelaric.

(6) Vasconcel. Descr. Regn. Lusitan. p. 797. (7) Mousinh. no Afric. cant. 3. est. 14. (8) Gabr. Pereir. na Ulyss. cant. 8. est. 146. (9) Argot. Mem. de Brag. liv. 4. cap. 4. p. 670.

Merobriga. De duas povoações com este mesmo nome achamos memoria em Portugal: uma no sitio onde está Montemôr o velho, outra em Santiago de Cacem. Consta da Carta Geografica de Abrahão Ortelio. Plinio as confunde; porem nosso Resende assenta, que a verdadeira foi onde agora é *Santiago de Cacem.* (1) Aqui se venera na Matriz a notavel reliquia do Santo Lenho, que D. Bataza lhe deixou. Tambem na escada exterior da casa da camara se vê a inscripção do famoso Medico Cassio Januario natural de Beja. Resende se persuade que esta terra fôra conquistada aos mouros por D. Bataza; o que não foi assim, como declara Brandão na Monarquia liv. 16. cap. 35.

Myrtilis Julia. Esteve esta famosa cidade e municipio no sitio de *Mertola.* É indubitavel. Antonino assigna 36000 passos até Beja, que são nove leguas das nossas, distancia verdadeira que ha de uma a outra parte. Quasi todos os geografos se conformam n'esta situação. (2)

Moro foi uma antiga cidade situada nas ribeiras do Tejo, de cujas ruinas a maior parte dos geographos dizem se levantou o castello de Almourol, posto que pela semelhança do nome parece mais fundação dos arabes. Cuidam alguns que existira onde agora vemos, ou Punhete, ou Tancos, ou Paio de Pelle. Estrabo no *liv.* 3. *da sua Geografia* se lembra d'ella, quando disse que M. Bruto fizera de Moro fronteira para conquistar os lusitanos.

Nabancia. Era uma povoação que ficava para a parte do Nascente da villa de *Thomar*, onde affirmam nascera a gloriosa virgem e martyr Santa Iria. (3) Na divisão dos bispados, que fez Wamba, se lhe dá o nome de *Naba*, (4) conforme a intelligencia de Argote.

Norba Cesarea. O capitão Braz Garcia Mascarenhas, governando a praça de Alfaiates na Beira, diz que descobrira os claros vestigios d'esta cidade entre Alafões e Salvaterra, e entre os rios Elja e Ponsul, onde chamam os Toulões. (5) Hoje é *Alcantara.*

Numancia. Não é facil julgar o verdadeiro sitio d'esta famosa cidade pela nimia variedade de opiniões, que achamos nos escriptores. Nenhum melhor que o eruditissimo Argote (6) soube aclarar esta confusão, distinguindo tres cidades com este proprio nome; e com bons fundamentos mostra que nenhuma existio no sitio, em que alguns dos nossos authores pertendem anciosamente collocal-a, que é onde chamam *Nemão*, meia legua distante da villa de Freixo junto ao Douro: e são d'este parecer Brito, Brandão, Cardoso, e João Salgado de Araujo com maior tenacidade, (7) a cujos fundamentos responde bem o sobredito Padre Argote.

(1) Resend. de Antiq. Lusitan. lib. 4. p. mihi 188. e 209. (2) Andr. Schotti. Isaac. Vosio, Plinio, Antonin. e out. os apud Cellar. lib. 2. cap. 1. §. 20. Geograf. antiq. (3) Monarq. liv. 9. cap. 27. Agiol. Lusit. tom 2. p. 68. (4) Argot. Mem. do Arc. de Bag. p. 649. (5) P. Henriq. de Abreu, Vid. de S. Quiter. p. 203. (6) Argot. Mem. do Arc. de Brag. l. 2. cap. 14. dissert. 3. (7) Monarq. Lusit. liv. 6. cap. 2. & 16. cap. 45. Cardos. Agiol. Lusitan. tom. 2. a 20 de Abril, & tom. 3. p. 726. Arauj. nos Success. milit. p. 169. et seqq.

Obobriga. Padeceu erro o author da Corographia Portugueza (1) em collocar esta povoação na villa de *Monção*: mais ajustada congruencia tem em dizer que foi *Crosia*, posto que o insigne Argote o tem por fabula. (2)

Offel ou *Osset*. Tambem não lidam pouco os historiadores e geographos em averiguar a genuina situação local d'esta cidade. Fr. Bernardo de Brito tem para si que estivera no valle Ossella, tres leguas distante de Arouca, bispado de Lamego; (3) e accrescenta que n'este sitio achára vestigios d'aquelle notavel templo, onde havia a pia baptismal milagrosa, e que no meio de uns cumulos de pedra, estava uma cova feita ao comprido, cuberta de silvas, a que chamavam o banho, onde parece que n'aquella consumida reliquia perseverava ainda a tradição do tal prodigio.

Todavia Fr. Antonio da Purificação mostra (4) que esta terra teve sua existencia não longe de Vizeu: que na sua principal egreja houvera uma reliquia de Santo Estevão muito milagrosa: que ainda no seu tempo havia uma ermida de fabrica antiquissima: que pouco adiante para a parte do mar está uma fonte, que chamam das virtudes: que mais para baixo estão n'aquelles contornos uns campos chamados de *Assem*, que bem mostra ser vocabulo derivado de *Ossem*.

Jorge Cardoso (1) julga que ficava Osset junto de Agueda, e que era cidade tão forte, que a ella se fôra refugiar Santo Hermenegildo o anno 581 para rebater a furia de Leovigildo, como dizem alguns historiadores. (6) D. Joseph de Santa Maria Carthusiano, Vigario do convento de Nossa Senhora de las Cuevas em Sevilha, saiu á luz o anno de 1630 com um livro sobre a situação de *Ossel*, e a colloca na Betica, seguindo a opinião de Rodrigo Caro, a que João Franco Barreto lhe responde na Historia dos bispos de Evora cap. 11. 12. 13. Porem uma das razões que ha para desfazer estas conjecturas, é a authoridade de S. Maximo, que expressamente diz ficava a tal povoação e bautisterio no bispado de *Pax Augusta*, (7) que é Badajoz.

Ossonoba, a que Plinio chama *Lusturia*, (8) e Bocharto (9) interpreta Fortaleza de Baal, esteve nas visinhanças de Faro no Algarve, onde hoje chamam *Estoy*. Foi cidade famosa e nobre, pois teve cadeira episcopal, como se collige de alguns concilios em que se vêem assignados varios bispos com o titulo de Ussonobenses, os quaes numéra o catalogo dos bispos do Algarve, que vem no fim das suas constituições. Em tempo dos romanos foi republica. Consta de um cippo, que está na muralha da fortificação de Faro, cujas letras se podem ver em Resende e

(1) Corogr. Port. tom. I. p. 210. (2) Argot. Mem. do Arc. de Brag. p. 396. (3) Monarq. Lusitan. liv. 6. cap. 11. (4) Purific. Chronic. August. tom. I. p. 134. vers. (5) Cardos. Agiol. Lusitan. tom. 2. p. 546. (6) Fr. Leão de S. Thom. Benedictin. Lusit. tom 2. p. 279. Saavedr. Coron. Gotic. part. I. cap. 12. (7) S. Max ad ann. 550. «Prope Osset oppidum Lusitaniae in Diœcesi Pacis Augustae fontes baptismatis in pervigilio Paschatis excitantur.» (8) Plin. l. .3 cap. I. (9) Bochart. Geogr. Sacr. lib. I. cap. 34. tom. 2.

Grutero. (1) Strabo (2) lhe chama Sonoba, se acaso não é outro lugar, como escrupulisa Bocharto. Na invasão dos Mouros padeceu não só a ruina das suas fabricas e muros, mas do nome, porque lhe chamaram *Exubona*. Duarte Nunes (3) e o Padre Poyares não distinguem Estoy de Estombar, sendo elles tão diversos. D. Rodrigo da Cunha (4) e Jorge Cardoso cairam na mesma confusão, sendo que este emendou o erro, retratando-o em outro lugar. (5)

Panonias. Foi uma cidade que no tempo dos romanos existio no terreno de Villa Réal, onde hoje está a aldeia chamada o *Assento*, da freguezia de S. Pedro de Val de Nogueiras: assim o mostra largamente o reverendo Padre Argote. (6)

Pineto. Era outra cidade situada no lugar, que hoje chamam *Val de Telhas*, cinco leguas distantes da villa de Chaves, e foi povoação romana como affirma o mesmo erudito Argote. (7)

Salacia. De duas cidades com este mesmo nome achamos memorias que existiram em nosso continente: uma cinco leguas de Braga no sitio onde chamam *Salamonde;* assim o prova Argote (8) com o Itinerario de Antonino: a outra *Salacia* esteve onde hoje vemos *Alcacer do Sal*, e foi cidade que os romanos chamaram imperatoria, honra que lhe deu Augusto Cesar fazendo-a tambem municipio. (9)

Scalabis. É sem controversia a villa de Santarem, a que os romanos tambem chamaram *Julium Præsidium*. Em tempo dos godos mudou o nome de Scalabis no que hoje possue, adquirindo-o da Santa virgem e martyr Irena, cujo tumulo, não sem mysterio, se conserva nas aguas do Tejo defronte de Santarem, o qual melhor pronunciado é o mesmo que *Santa-Irene.*

Talabrica. Quasi todos os geografos convem em ser esta cidade collocada antigamente onde está hoje *Aveiro*: (10) só Rodrigo Mendes da Silva, seguindo a Florião do Campo, (11) diz que Aveiro não foi a *Talabrica*, mas sim a *Labara*, o que não é provavel, porque Labara é um logar pequeno sobre o mar no termo do Porto. Duarte Nunes a constitue junto de Aveiro na ribeira do Vouga, onde ha o lugar chamado Cacia, e na parte da ermida de S. Julião; com quem se conforma Gaspar Barreiros pag. 51.

Tubuci foi povoação dos romanos, de cujas ruinas, conforme diz Resende, se erigiu Abrantes, e se comprova com o Itinerario de Antonino; o qual na segunda via militar que descreve de Lisboa para Merida, assigna de Scalabis a Tubuci trinta e dois mil passos, que fazem as oito leguas que ha de Santarem a Abrantes. Alguns attribuem Tubuci a Tancos.

(1) Resend. l. 4. p. 201. Gruter. p. 271. (2) Strab. liv. 3. p. 99. (3) Nun. Descr. de Portug. pag. 13. Poyar. Dicion. Geogr. pag. 184. (4) Rodr. da Cunh. Hist. de Brag. part. 2. cap. 61. Cardos. Agiol. Lusit. tom. 1. prolog. §. 6. (5) Id. Card. tom. 2. Agiol. p. 10. Vide etiam Argaes Dialog. 3. cap. 8. (6) Argot. Mem. do Arc. de Brag. p. 325. (7) Id ibid. p. 359. (8) Ibid. p. 370. (9) Plin. lib. 4. cap. 22. Barreir. Corogr. p. 63. (10) Cellar. Geogr antiq. lib. 2. cap. 1. §. 9. (11) Mend. da Silv. Poblac. gen. de Hesp.

Tuntobriga. Foi uma cidade, que pertencia á chancellaria de Braga, e de que se não sabe mais que o nome.

Vacca. Persuade-se Jorge Cardoso no tom. 2. do Agiologio pag. 65, que esta antiga cidade estivesse onde hoje vemos erecta a de Vizeu; porem Plinio e Ptolomeu não fazem d'ella menção. O author da Corografia Portugueza diz, que por tradicção a cidade antiga chamada *Vacca* estivéra onde hoje é a villa de Vouga na comarca de Aveiro: porem quando trata da cidade de Viseu, traslada tudo que achou em Jorge Cardoso, convindo com elle em ser Viseu a antiga Vacca.

Outras muitas povoações existiram em nosso reino em tempo dos romanos, que se acham mencionadas nas Taboas de Ptolomeu, e Cartas de outros geographos, posto que nós não conhecemos, nem lhe podemos saber o verdadeiro significado, mais que por conjectura, assim como fez Argote com algumas da provincia Bracarense Das que sem muita controversia podemos declarar situadas em varias partes do nosso continente, são as que numeram Resende e Vasconcellos a saber:

Ad septem Aras	Açumar ou Alegrete,
Amœa	Portalegre.
Aquæ Flaviæ	Chaves.
Aritium Prætorium	Benavente
Arucitana	Moura.
Balsa	Tavira.
Bracara Augusta	Braga.
Brætoleum	Vianna de Caminha
Budua	Botova ou Ouguella
Calantica	Arrayolos.
Calem	Porto.
Ceciliana	Agualva ou Agua de Moira
Cellium	Ceice junto de Thomar
Cetobriga	Setubal.
Collipo	Leiria.
Concia	Miranda do Douro
Conimbrica	Condeixa a velha
Ebora ou Liberalitas Julia	Evora.
Eburobritium	Evora d'Alcobaça
Elteri	Alter do Chão
Eminium	Agueda.
Equabona	Coina.
Forum Limicorum	Ponte de Lima
Fraxinum	Alpalhão ou Gavião
Helvij	Elvas
Jerabrica	Póvos ou Alemquer
Igædita	Idanha, ou Guarda

Lacobrica	Lagos
Lama ou *Lamecca*	Lamego
Langobrica	Feira
Malceca	Marateca
Malusaro	Ponte de Sor
Medobrica	Aramenha
Merobriga	Santiago de Cacem
Moro	Almorol ou Punhete
Myrtilis Julia	Mertola
Nœbia	Neiva
Olisipo ou *Fœlicitas Julia*	Lisboa
Ossonoba	Estoi junto de Faro
Pax Julia	Beja
Portus Anibalis	Villa Nova de Portimão
Salacia ou *Urbs Imperatoria*	Alcacer do Sal
Saurium	Soure
Scalabis ou *Julium Prœsidium*	Santarem
Serpa	Serpa
Talabrica	Aveiro
Tubuci	Abrantes

CAPITULO III

Descripção circular pela margem maritima, e raia terrestre

Antes de entrarmos a ver o reino interiormente, faremos pela parte de fóra um giro ou descripção hydrografica e geografica, rodeando-o todo, e informando dos principaes portos, surgidouros e praças fronteiras, de que consta. Principiando pois pela margem septentrional, o primeiro porto, que se nos offerece, é

Caminha. Fica esta barra sobre o rio Minho, e é o termo, que divide Portugal de Galliza, ficando-lhe opposta a villa da Guarda, e os lugares de Tamugem, Rosal e outros dos galegos. Na entrada tem uma ilha, onde está o forte de Nossa Senhora da Insoa. Faz esta ilha duas barras pequenas: uma para o Norte, e é perigosa: outra para o Sul; e continuando a distancia de tres leguas para o Meio dia, segue-se

Vianna na foz do rio Lima: é barra estreita, e da parte de fóra da ponta do Norte ha um recife, que corre ao Sul, e dá capacidade para ancorarem embarcações não muito grandes, porque hoje está mais entupida de areias. Sobre a barra tem um castello com cinco baluartes, dois revelins, e defronte da mesma barra tem mais uma plataforma para sua defensa. D'aqui se continua até

Esposende, que dista de Vianna tres leguas para o Sul. N'esta barra, onde desagua o rio Cávado, não ha surgidouro capaz de embarca-

ções grandes, porque de maré cheia não tem mais que duas braças escaças de agua, e assim só caravellas lhe frequentam o porto. Corre o rio Cávado por entre a villa de Esposende, e o lugar do Fão, ficando aquella para a parte do norte, e este do sul. Defronte d'este lugar, quasi meia legoa da barra, estão uns penhascos que correm de norte a sul um quarto de legoa em tres fileiras, a que os mareantes chamam *cavallos de Fão*, entre os quaes pódem bordejar navios, pois tem cinco ou seis braças de fundo em preamar. O author da Corographia Portugueza tom. I, pag. 310, diz, que este era o porto, em que se carregavam de ouro as frotas d'el-rei Salomão, ácerca do qual veja-se tambem a Antonio de Sousa de Macedo nas Flores de Hespanha cap. 4, excel. 2. O mais certo é que foi este o porto d'onde saiam as armadas dos romanos para fazerem as suas conquistas. Vindo caminhando para o sul o espaço de tres leguas, segue-se a

Villa do Conde. Dá entrada a esta barra a foz do rio Ave, porem estreita. Na bocca da barra tem um forte de cinco baluartes delineado pelo insigne engenheiro italiano Filippe Tersio. D'aqui vai correndo a marinha até o

Porto, quatro leguas para o sul, deixando n'este caminho o porto de Leça ou de Mattosinhos. Faz n'esta barra sua foz o rio Douro, e fica distante da cidade meia legua. Ha na barra duas lages, uma da parte do norte, e outra do sul, por entre as quaes é a carreira ordinaria de entrar e sair, mas ha-de ser com tres quartos de agua cheia, sendo navio grande, e entrando de verão; porque de inverno sempre é perigosa pela maior quantidade de areias, que se ajuntam. Perto da entrada da barra para a parte do norte está o castello de S. João da Foz em quadro prolongado; consta de quatro baluartes pequenos. Um dos seus lados estreitos, que olha ao poente, cai sobre o mar, e no outro lado opposto está a porta coberta com um pequeno revelim. Aqui se termina a provincia do Minho; e continuando da barra do Porto sempre para o sul o espaço de dez leguas, se encontra a primeira barra da Beira, que é

Aveiro. Desagua aqui o rio Vouga, e fica a barra distante da cidade tres leguas: é larga na bocca, e chega a ter em preamar vinte e quatro palmos de agua de alto, porem é mudavel, por ser de areia. Corre da ponta da barra até a villa de Ovar um canal profundo pela distancia de sete leguas, e retalhando a terra com varios braços, e esteiros no ambito de quinze leguas, se reparte em muitas peninsulas e lezirias, onde se fabricam marinhas de sal clarissimo, e se cultiva todo o genero de lavoura. Proseguindo o espaço de oito leguas ao Sudoeste, encontramos a barra do

Mondego. É na entrada baixa e para dentro montuosa. Na bocca da barra para o norte está o forte de Santa Catharina, e fóra do forte meia legua na costa fica a villa de *Boarcos*, onde tambem ha surgidouro com seis ou sete braças de fundo de areia. Na distancia de dez le-

guas tambem para o sudoeste segue-se já na provincia da Estremadura a

Pederneira. É enseada pequena, onde só entram patachos e caravelas. Para a parte do norte está na eminencia do monte a igreja de Nossa Senhora de Nazareth, imagem milagrosa e bem conhecida pelo concurso de muitas romagens. D'aqui pela mesma linha a pouco espaço de duas leguas está

Selir, pequeno porto. Verdadeiramente esta barra pertence á villa de S. Martinho, e está entre duas serras de grandes penhascos, por onde entra um braço de mar, que pela parte da terra faz uma enseada, que terá meia legua de circuito, onde se abrigam caravelas e patachos. De Selir, continuando a costa para o sudoeste cinco leguas, segue-se

Peniche, onde tambem chamam *Cabo de Carvoeiro.* Fica, estando a maré cheia, a modo de peninsula, d'onde tomou o nome. Da banda do norte é terra baixa, e do sul é onde tem o surgidouro em seis ou sete braças de fundo. Duas leguas para o oeste do cabo de Peniche estão duas ilhas pequenas com muitos penhascos ao redor, a que chamam as *Berlengas*, onde ha a fortaleza de S. João. Do cabo de Peniche para o sul, caminhando onze leguas, está a *Ericeira* e a pouco espaço o *Cabo da Roca.* Para diante mais duas leguas está *Cascaes*, onde ha capacidade de se dar fundo, pois tem dezoito até vinte braças de alto. D'aqui proseguindo, interposto o espaço de duas leguas, se encontra o famoso porto de

Lisboa. Esta barra, onde desemboca o Tejo, está no meio de duas fortalezas, chamadas vulgarmente de S. Gião ou Julião, e S Lourenço ou Torre do bogio, que outros dizem cabeça secca, em distancia uma da outra de 980 passos geometricos de sete palmos e meio cada passo. Em tempo do insigne geographo Estrabo tinha a bocca d'esta barra 2:500 passos; agora se tem estreitado muito mais, e por causa dos cachopos que existem no meio d'ella, se faz difficil a entrada, a qual se divide em dois canaes: o que toma por entre os cachopos e a fortaleza de S. Gião, chama-se canal da terra, e é perigoso: o que vai por entre os cachopos da Trafaria e a Cabeça secca, ou fortaleza de S. Lourenço chama-se carreira da alcaçova, e é a mais segura, porque tem 500 braças de largo e 9 de alto com bom fundo. Entrando pela barra dentro, a duas leguas se vê a formosa torre de Belem, obra d'el-rei D. Manoel, fundada 200 passos sobre o Tejo; e continuando a pequena distancia de uma legua da parte do norte, se vê a grande cidade de Lisboa: mas como o Tejo fórma aqui o mais famoso porto do mundo e um grande seio, fazendo-se navegavel no espaço de vinte leguas, posto que não continue na mesma largura, daremos noticia de todos os portos, que ha desde a barra para dentro do Tejo de uma e outra parte.

Portos do Tejo da parte do sul

Trafaria, Portinho de Costa, Torre Velha, Porto Brandão, Manatega, Alfansina, Arrabida, Arialva, Fonte da pipa, Cassilhas, Caramujo. Motella, Oliveirinha, Corroyos, Santa Martha, Talaminho, Amora, Rio dos Judeus, Arrentella, Seixal, Rosario, Porto dos PP. Paulistas, Aldeia, Cabo da Linha, Coina, Fornos d'el-rei, Palhaes, A Telha, A Verderena, Barreiro, Lavradio, Barra a barra, Alhos Vedros, Moita, Esteiro furado, Sarilhos grandes, Sarilhos pequenos, Aldeia Gallega, Lançada, Quinta de D. Maria, Samouco, Alcochete, Barroca d'Alva, Pancas, Çamora Correia, Benavente, Salvaterra, Escaroupim, Mugem, Santa Martha, Almeirim, Chamusca, Pinheiro, Moita, Barca, Brito, Santa Margarida, Crucifixo, etc.

Portos do Tejo da parte do norte

S. Gião, Oeiras, Caxias, Carcavelos, Paço d'Arcos, Cartuxa, Boa Viagem, Santa Catharina, Pedrouços, Belem, Junqueira, Santo Amaro, Alcantara, Pampulha, Santos velhos, Caes do Tojo, A Dizima, Remolares, Corpo Santo, Caes da Pedra, Alfama, Caes do Carvão, Bica do Sapato, Santa Apollonia, Cruz da Pedra, Madre de Deus, Xabregas, Grillo, Beato Antonio, Poço do Bispo, A Martinha, Braço de Prata, Cabo rubo, Unho de D. Garcia, Marvilla, Olivaes, Sacavem.

Aqui desagua este rio no Tejo por uma grande bocca, fazendo uma profundissima foz; e ficando quasi ao norte da cidade, volta contra o noroeste, onde se encontram os vistosos portos de *Unhos, Friellas, Mealhada, Granja, Marnotas, Santo Antonio do Tojal, etc.* Continuando pela marinha direita segue-se:

Massaroca, Santa Iria, Povoa, Alverca, Alhandra, Villa Franca, Povos, Castanheira, Villa Nova, Azambuja, Casa branca, Valada, Porto de Mugem, Santarem, Azinhaga, Labruja, Cardiga, Barquinha, Tancos, Payo de pelles, Praia, Punhete, Redemoinhos, Abrantes.

Tornando agora a seguir o progresso da marinha do Oceano Lusitanico prosegue a Costa da Roca de Cintra até o

Cabo de Espichel na distancia de oito leguas ao sudoeste. Em outro tempo se chamou Promontorio Barbarico, habitação dos povos Sarrios. No cimo d'esta serra está um templo dedicado á milagrosa imagem de Nossa Senhora do Cabo. Pouco mais para diante uma legua está

Cezimbra, em que ha fortaleza, e se póde surgir. D'aqui á Arrabida ha duas leguas, e junto d'ella *a Torre de Outão*, e uma enseada para setias, e barcos de tres velas. Na distancia de uma boa legua para leste se offerece a barra de

Setubal, que tem em preamar cinco braças, e em baixamar vinte e seis palmos. Faz aqui o Oceano uma grande enseada, e vem n'ella mergulhar suas correntes o rio Sadão. Distante de Setubal quinze leguas fica

Sines ja no reino e provincia do Algarve, onde ha surgidouro em dez ou quinze braças. Vai d'aqui correndo a costa ao sul vinte leguas até o cabo de S. Vicente, chamado Promontorio Sacro; mas n'este caminho mais tres leguas se vê a

Ilha do Pessegueiro, antigamente chamada Petanio, como diz João de Mariana liv. I, cap. 21, entre a qual e a terra ha surgidouro em duas e tres braças. Para diante ao sul mais duas leguas está a barra de

Odemira, capaz sómente de caravelas, e tem duas varas de fundo. Caminhando-se para diante sete leguas está

Arrifana, onde ha uma enseada, na qual se póde surgir em oito até doze braças. Segue-se em distancia de cinco leguas o cabo de S. Vicente, e na pequena distancia de uma legua para o lesueste está

Sagres, que da parte de leste em uma enseada abrigada tem surgidouro com quatorze e quinze braças de fundo. Cinco leguas para diante continúa

Lagos. Tem um porto capaz de receber grandes armadas em sete para oito braças de fundo, e defendido da fortaleza chamada da *Bandeira*, bem guarnecida de artilheria, encontrando-se por esta costa outras muitas fortalezas que a defendem. Não está muito longe de Lagos a foz de

Alvor. Foi na opinião verosimil fundação de Anibal, chamada *Portus Anibalis*. Navega-se da sua foz até á villa em lanchas. Defronte de Alvor meia legua ao mar está uma pedra, que não apparece senão em baixamar de aguas vivas. Uma legua para leste, segue-se

Villa Nova de Portimão, em cuja barra por causa dos bancos de areia moviveis se não entra sem piloto practico. Tem na entrada dois fortes, um ao poente chamado de Santa Catharina, e outro ao nascente a que chamam de S. João, com duas baterias. Terá a barra de preamar vinte e tres palmos e de baixamar dez, com que tem capacidade para bastantes embarcações grandes. D'aqui se navega até Silves, que lhe dista duas leguas, mas sómente se póde ir em barcos, porque esta bahia tem só meia legua de comprimento capaz. Descobre-se logo

Albufeira, onde está o cabo de Carvoeiro, e n'elle um forte da senhora da Encarnação. D'aqui tres leguas para leste está a villa de Albufeira no fundo de uma enseada feita por dois cabos, um da parte de leste, outro de oeste. Segue-se

Faro, a entrada de cuja barra é estreita, e fica para a parte de leste da cidade, da qual dista legua e meia. Mais adiante cinco leguas vemos

Tavira, cuja barra terá de surgidouro cinco braças de fundo, e é

defendida por duas fortalezas bem artilhadas. Está para diante a villa de Cacella. e logo mais tres leguas continuando a mesma costa do Algarve, está ultimamente.

Castro Marim defronte de Ayamonte, que lhe fica da outra parte do rio Guadiana, o qual desemboca por aqui no mar oceano, e separa o reino do Algarve de Andaluzia. Costeando e subindo por este rio cinco leguas com os olhos ao norte, vemos a villa de

Alcoutim, ultima do reino do Algarve, e fronteira a S. Lucar do Guadiana. Tem seu castello e recinto de muros antigos em terreno levantado. Pouco mais para cima entra o rio Vascão no Guadiana, e separa o Algarve do Campo de Ourique. Segue-se a praça de

Mertola já no Alemtejo. e junto ao Guadiana, onde tem tres váus, o do Carvoeiro, o dos Moinhos e o das Vaccas. Seguindo para cima a margem do Guadiana, encontrâmos na distancia de seis leguas a praça e villa de

Serpa, a qual com as de *Moura*. *Mourão*, *Olivença*, *Ouguella* e *Nondar* estão no districto de Andaluzia em uma lisonja ou cotovello de terra, que alli se fórma da parte direita, pondo-nos voltados ao norte, deixando á mão esquerda o Guadiana, cujas terras ficarão sendo nossas desde o anno de 1297 pela concordata ou tratado de Alcanisses, que fez el-rei D. Diniz com el-rei D. Fernando IV de Castella. Pela margem do mesmo Guadiana está *Jurumenha*, e depois segue-se

Elvas, fronteira a Badajoz, d'onde dista tres leguas, e duas da ribeira do Caya, que divide Castella de Portugal. É praça bem fortificada e de notavel aqueducto. Para diante logo duas leguas está a praça de

Campo Mayor em uma grande planicie mui bem fortificada ao moderno com lago de agua nativa no seu fosso. D'aqui para diante seguem-se *Arronches*. *Alegrete*. *Portalegre*, *Marvão*, *Castello de Vide*, e *Montalvão*, praças todas fronteiras de Castella. Faz por aqui o Tejo a separação das duas provincias Alemtejo e Beira, entrando ou correndo por entre Malpica, e Monforte. Passando o Tejo, a primeira praça que se encontra na Beira, indo por esta parte é

Rosmaninhal, que de uma parte está fortificada com o Tejo, e de outro lado com o rio Elja, que faz aqui sua foz. No demais é cercada de espessura, que a faz mui defensavel. Para diante duas leguas junto ao rio Elja está a villa de

Segura com seu castello pequeno, porem que descortina bem o campo. Vem por aqui o Elja fazendo a raia terminativa de Portugal, e Castella de norte a sul. Adiante para o norte legua e meia está a villa de

Salvaterra da Beira com castello forte bem descortinado e guarnecido de presidio. Tem opposta a villa de Sarça, e tambem mais para dentro a villa de Alcantara, praça de armas castelhana, que se oppoem

ás tres villas nossas Salvaterra, Segura e Rosmaninhal. Nas costas de Salvaterra cinco leguas fica *Idanha Nova*, cuja aspereza de sitio serve de fortaleza. Caminhando tres leguas para o nascente segue-se

Penagarcia com castello forte sobre penhasco. Tem umas montanhas, que lhe servem de grande defensa e confiança contra qualquer temeridade inimiga, que intentar invadir-nos por aqui. Nas costas de Penagarcia está situada

Idanha a Velha quasi em peninsula, que fórma o rio Ponsul: é sitio doentio, mas tem muros fortes. Na distancia de uma legua segue-se a villa de

Monsanto com seu castello fundado em um monte das mais raras asperezas e altura, que dizem ha em Hespanha, porque se despenha a todos os lados por mais de meia legua. Tem esta villa a singularidade de que sendo sitiada desde donde lhe podem deitar o cordão, póde para dentro d'elle lavrar pão, vinho e azeite para se sustentar, sem o inimigo lh'o poder impedir: por isso entre os castelhanos anda um adagio, que diz: *Monsanto, Monsanto, orejas de mulo, el que te ganare, ganar puede el mundo*; e já os romanos a tiveram sete annos de cerco. Tem por opposto o castello de Trebejo. Passadas tres leguas, segue-se ao Norte

Penamacor, cuja villa e castello está sobre um eminente penhasco, e é por sitio inexpugnavel. Oppoem-se-lhe o castello de Elges. A tres leguas de Penamacor está a villa do

Sabugal com muito bom castello, e detraz d'elle a villa de Sortelha inexpugnavel. Do Tejo até perto do Sabugal se corre a raia com Castella de norte a sul, e desde o lugar de Meimão corre leste oeste pela serra de Malcata até o lugar de Lagiosa, quatro leguas do Sabugal. De Lagiosa até o Douro corre a raia Nornordeste a susudoeste, e onde começa a fazer-se esta raia fica a villa e praça de

Alfaiates, tres leguas do Sabugal. Sendo governador d'esta praça o capitão Braz Garcia Mascarenhas, foi cercada com giro de 4680 pés geometricos, excepto as voltas dos baluartes, que tem altura de vinte e cinco pés. Foi obra de importancia. Tem por oppostos os castellos de Paio e Albergaria. Seguem-se *Villar Maior* e *Castello Mendo*, duas leguas em distancia um do outro, indo sempre ao norte. Outras duas para diante esta *Castello Bom*, e mais outras duas a' praça de

Almeida, a quem faz frente Cidade Rodrigo. É das melhores praças do reino. Está em uma campina raza, que se descobre por alcance de vista desde uma legua; e com ser terra chã, se descobrem d'ella terras de onze bispados, Lamego, Guarda, Coimbra, Viseu, Braga, Miranda, Porto, Coria, Ciudad Rodrigo, Placencia e Salamanca. Na maior eminencia tem sua fortaleza, que domina bastantemente o terreno. Tres leguas para o norte segue-se

Castel Rodrigo em sitio alto e forte. Tem esta villa as armas reaes

d'este reino ao revez o elmo para baixo, por não querer dar entrada a D. João I passando por alli para Chaves, porque seus moradores seguiam o partido da rainha de Castella D. Brites. Acabada de costear a provincia da Beira, se passa aqui o Douro, que a divide de Traz os Montes, onde vemos logo o *Castello d'Alva* e *Freixo de Espada á cinta* em sitio baixo, mas com cinco torres, e fortaleza grandiosa. Segue-se o *Mogadouro*, a *Bemposta*, *Penas Royas*, *Algoso*, terras todas fronteiras do reino de Leão. Depois segue-se

Miranda do Douro collocada sobre asperos penhascos, a quem o rio, que lhe dá o nome, a separa pelo nascente de Castella. Tem bom castello com artelharia, e faz frente a Carvalhaes. Segue-se *Vimioso*, *Outeiro*, cinco leguas cada uma de Miranda; e contaremos nove, se passarmos d'aqui Nornoroeste a

Bragança, a qual existe nas margens do rio Fervença, que a aparta da raia de Galliza, tendo por opposta a Puebla de Senabria na distancia de quatro leguas. Seguem-se já na raia de Galiza

Vinhaes, *Monforte do Rio livre*, *Chaves*; *Montalegre*; e avisinhando pelo rio Lima, deixando a serra do Marão e entrando na do Gérez, em cujo encontro se dividem as duas provincias Minho e Traz os Montes, se avistam n'esta linha alguns castellos, como o de *Lanhoso* em correspondencia da fortaleza de Araujo; o *Castello da Nobrega* com as terras de Entrimo por fronteiras; o *Castello de Lindoso*, a quem se oppõem o logar de Ferreiros; o *Castello Laboreiro*, que tem por opposto o da Lobeira, tudo na raia de Galiza fronteira do Minho. Segue-se a villa de

Melgaço com excellente castello, a quem se oppõem os lugares Crecente, Fornelos e outros. Legua e meia para diante *Valladares*, que tem oppostos em Galiza os lugares de Cella, e Marcella. Outra legua e meia está *Monção* em sitio eminente. Uma legua para diante segue-se *Lapella* e outra

Valença, fronteira á cidade de Tuy. Logo outras duas leguas se offerece *Villa Nova de Cerveira*, fundada, e cercada de muros de cantaria. Oppoem-se ao lugar da Barca de Goyão, presidio Galiziano: e d'aqui outras duas leguas se encontra outra vez com *Caminha*, d'onde principiámos o gyro d'esta demarcação

CAPITULO IV

Divisão antiga

Muitas foram as repartições, que antigamente houve n'este nosso paiz. Antes de conquistarem e habitar Hespanha os carthaginezes e romanos, toda ella estava dividida em muitas provincias de povos agrestes que debaixo do nome geral de Ibéros se dividiam em Turdetanos. Celtas, Cantabros, Turdulos e infinitos outros de que depois trataremos.

Vieram os carthaginezes, e como se confederaram com a maior parte d'aquellas gentes, conservaram as repartições das suas comarcas.

Porem tanto que os romanos metteram o pé em Hespanha, e começaram a contender com os cartaginezes sobre o dominio das terras, que foi pelos annos 557 da fundação de Roma, dividirão toda ella em duas partes, a que chamaram Hespanha citerior e Hespanha ulterior. (1) A citerior ficava para a parte de Italia, ou mais oriental ao rio Ebro, e foi a que os romanos mais habitaram: a ulterior é a que ficava para o lado occidental do mesmo rio, e ficou na sujeição dos cartaginezes. Todavia esta repartição se variava pela republica romana, conforme parecia aos seus interesses, accrescentando ou diminuindo as terras de uma ou de outra parte.

Acabou finalmente Octaviano Augusto de vencer na celebrada guerra Cantabrica aquelles povos e mudando-lhes o governo e limites, dividio a Hespanha em tres provincias, a saber. *Lusitanica*, *Betica* e *Tarraconense*. A Lusitanica incluia a maior parte do que hoje chamamos Portugal, com outras muitas terras, que hoje pertencem ao reino de Leão e provincia da Estremadura castelhana, O rio Douro a separava pelo lado septentrional da Tarraconense: pelo oriental uma linha, que sahia do Douro quasi n'aquella parte, donde se incorpora com o rio Pisuerga, a qual linha descia a buscar o Guadiana, e este depois dividia a Lusitania da Betica até entrar no Oceano, cuja costa cercava o restante da Lusitania.

N'esta divisão de Augusto se confundiram os limites da primitiva Lusitania: porque elles começavam na foz do rio Tejo, e desde alli corria até o cabo de *Finis Terræ*, e aquelle espaço depois situado entre os rios Tejo e Guadiana, a que hoje chamamos Alemtejo e Algarve, não se chamava Lusitania, mas sim Celtica. Da mesma fórma padeceram alteração os confins da Betica e Tarraconense, e d'aqui nasce a confusão entre os authores como bem advertio o estudiosissimo Padre Argote. (2)

Corria o anno de Christo 118, quando o imperador Elio Adriano, visitando as terras do seu imperio, dividio a Hespanha em seis provincias: Tarraconense, Cartaginense, Betica, Lusitania, Galiza e Tingitania; e n'esta divisão a provincia do Minho ficava fóra da Lusitania, e se incluia na de Galiza, como bem mostra Florião do Campo com particularidade e certeza. (3) Constantino Magno fez outra divisão em sete provincias, mas sem alterar as demarcações anteriores. Outras divisões querem alguns que fizessem os romanos, mas são dubias.

O que temos por certo, é que os romanos alem d'estas repartições

(1) Tit. Liv. liv. 36. cap. 28. Mela lib. 2. cap. 6. Solin. cap. 23. Strab. liv. 3. pag. 166. (2) P. Argot. Antiguid. da Chancel. de Brag. p. 38. e nas Mem. do Arceb. de Brag. pag. 40. e 41. (3) Isaac Vossio nas Notas a Pompon Mela liv. 2. cap. 6. Flor. do Camp. liv. 1. cap. 3. Moral. liv. 7. cap. 2. Osorius no Prolog. de reb. Emman. Resend. Antiq. lib. 3 Estac. Antig. de Portug. cap. 19. e 20. Plin. lib. 4. cap. 20. Volaterran Geograph. lib. 1. Barreir. Corogr. p. 90. João Salgad. Successos Milit. p. 168. vers.

tinham dividida cada uma das provincias em Chancellarias, a que chamavam *Conventos Juridicos*, collocados nas cidades mais insignes da provincia, ás quaes acudiam os povos da comarca para administração da justiça. D'estes conventos juridicos, a que correspondem hoje as nossas relações, havia quatorze em toda a Hespanha: as que tocaram ás nossas terras, f ram tres: *Braga*, Beja e *Santarem*.

Havia tambem algumas cidades privilegiadas com o titulo de *Municipios*. Colonias eram aquellas, que tinham sido fundadas por familias romanas, e taes foram em nosso terreno *Beja e Santarem*, alem de outras tres, que hoje nos não pertencem, e gozavam seus cidadãos do privilegio de cidadãos romanos. Municipios eram os que se governavam por leis proprias, e estes foram *Lisboa*, *Evora*, *Mertola e Alcacer do Sal*.

Extincto o dominio romano, invadiram os barbaros as Hespanhas o anno de 409 depois de Christo, e d'aqui por diante se alteraram notavelmente os limites das nossas provincias em todas as subsequentes sujeições até o reinado d'elrei D. Fernando o Magno, o qual falleceu no anno de 1067, deixando repartido entre seus filhos as terras dos seus dominios; e cabendo as de Portugal a elrei D. Garcia, desde então se principiou a chamar Portugal o que era Lusitania. Declaradas pois as divisões antigas, passemos a expressar as modernas.

CAPITULO V

Divisão moderna pelas provincias

Presentemente se divide Portugal em seis provincias ou regiões: duas ficam na parte septentrional, e se chamam *Entre Douro e Minho*, e *Tras os Montes*: duas no coração do reino, chamadas *Beira*, e *Estremadura*: e outras duas na parte meridional, a que chamam *Alemtejo*, e *Algarve*, que tambem logra o titulo de reino. Cada provincia d'estas se subdivide em comarcas ou ouvidorias para boa administração da justiça: e cada comarca tem debaixo da sua jurisdição certo numero de villas e logares, em que existem seus juizes, que governam subordinados aos corregedores das comarcas. Supposta esta prejacente noticia, entremos a descrever a primeira região da parte do norte, chamada

Provincia do Minho

Como esta provincia está encerrada entre as famosas correntes dos dois rios, Douro e Minho no occidente septentrional de Hespanha, da tal situação tomou nome de Entre Douro e Minho, que em latim se diz *Interamnensis*, ou *Duriminea*. Quasi todos os geogra-

fos (1) lhe dão de comprido de norte a sul dezoito leguas, e de nascente a poente doze de largo na sua maior largura, porque em algumas partes não tem mais que oito.

Confina esta provincia da banda do Meio dia com o rio Douro, que a separa da Beira: da banda do occidente parte com o mar oceano, começando em S. João da Foz, e acabando na villa de Caminha, onde o rio Minho divide Portugal de Galiza. D'ahi para cima, que é a parte do norte, vai pelo dito rio até o termo da villa de Monção, e ali passa o termo de Galiza o rio Minho, e se raparte por marcos até o castello de Castro-Laboreiro, que são doze leguas desde a villa de Caminha. D'alli atravessa o resto pelo monte do Gerez, que está da parte do nascente, e vai pela terra de Barrozo até á ponte de Cavez, que está no rio Tamega, e d'ahi pelo rio abaixo até á villa de Amarante; e deixando o rio, vai pelo monte do Bayão dar no Douro, d'onde começámos.

O clima é o mais temperado, porque está entre o parallelo de 41 e 42 graus de altura do Polo Arctico. D'aqui nasce, que sendo tão pequena esta região, é summamente fertil; e a benignidade dos seus ares, a affluencia dos seus rios, as abundancias e delicias dos seus campos comprovam a fama do seu admiravel temperamento; d'onde se animou a dizer Manoel de Faria, (2) que se no mundo houve Campos Elysios, existiram n'esta provincia; e se os não houve, merecia que sómente os houvesse n'ella, se é que este titulo se deve dar a sitio ameno e delicioso.

Assim o vemos, porque a maior parte d'esta provincia está sempre cheia de arvoredos de todo o genero, que organisam um continuado bosque perpetuo e mui aprazivel, composto de loureiros, azinheiros, platanos, buxos, murtas, teixos, pinheiros e ciprestes, que todos nem de Inverno perdem a folha, alem de castanheiros, carvalhos, sovereiros e outras arvores, d'onde se criam as mais robustas madeiras do mundo, (3) tão ferteis, que ha castanheiro, que dá trinta e quarenta alqueires de castanha, e ainda um moio, como affirma João Salgado de Araujo: (4) pé de vide em latada ou em arvore, que dá pipa de vinho: pé de nogueira que dá moio de noz: laranjeira, que dá cinco carros de laranja: pé de carvalho, que dá meio moio de bolota, e alguns tão grandes, que não o abrangem quatro homens, como é na quinta de Mouro de S. João de Ataens da villa de Pico de Regalados. Testifica o doutor João de Barros na descripção que fez d'esta provincia, capitulo 7, que vira um, em cujo oco cabiam cincoenta cabras, e outro onde cabiam dez homens a ca-

(1) Duarte Nun. Descripç. de Portug. cap. 28. João de Barr. na Descripç. do Minho cap 6. Far. Europ. Port. tom. 3. part. 2. cap. 2. n. 4. João Salgad. de Arauj. nos Success. Milit. liv. I. cap. I. Geograf. Blavian. Cost. Corogr. Port. tom. I. c. I. Lim. Geogr. Histor. tom. I. p. 2. (2) Far. no Epitom. part. 4. cap. 5. n. 4. Maced. Flor. de Hesp. cap. I. excel. 6. (3) D. Franc. Man. Epanafor 4. p. 518. (4) João Salgad. de Arauj. nos Success. Milit. liv. I. cap. 1 pag. 3. vers.

vallo, dando por testemunha ao marquez de Villa Real, que foi uma das pessoas, que entrara dentro, o que parece encarecimento, posto que o mesmo escreve Manoel de Faria. (1)

Esta abundancia é igual em tudo. De bois e vaccas sustenta quatrocentos mil, e mais de um milhão de ovelhas e carneiros, segundo dizem Duarte Nunes, (2) e outros. O doutor João de Barros, sendo ouvidor de Braga o anno de 1500 e tantos, diz, que por ordem d'elrei mandára fazer a conta do gado, que havia só no termo d'aquella cidade, e achára treze mil cabeças de gado miudo, e de bois e vaccas onze mil. A mesma fecundidade corresponde a todo o genero de caça, carnes, e peixes, tudo de excellente sabor, principalmente havendo tantos rios povoados de gostosos salmões, lampreias, trutas, salmonetes, saveis, bogas e tainhas, com infinitos outros igualmente admiraveis. Criam-se tambem todo o genero de legumes e hortaliça: tem muito mel, e lacticinios, muito milho, o pão que basta, e até minas de ouro, prata, ferro e estanho. Lavra-se o linho mais fino, de que se fabrica o panno branco muĩ estimado na Europa. Só azeite ha pouco n'esta provincia, não porque a terra deixe de criar oliveiras, mas porque não as plantam; porque lisongeados os seus naturaes com o prestimo, e sabor do chamado unto, de que usam tanto nos guisados, como ás vezes nas luzes, esqueceram-se de as cultivar.

São seus habitadores de fecundissima propagação, e larga vida; e até nos tempos que a natureza constitue estereis, são aqui fecundas as mulheres. Muitos exemplos e casos ajuntou para confirmação d'esta raridade e excellencia Gaspar Estaço, (3) e Antonio de Sousa de Macedo. (4) Basta dizer, que da gente innumeravel, que não póde sustentar este paiz, se tem povoado o mundo, e com especialidade o Brasil e as Minas, e que é mais a gente, que a terra, onde não ha parte alguma, em que se não ouça tanger algum sino, e cantar um gallo. (5) Parece toda a provincia uma cidade continuada.

Conduz muito para esta geral fertilidade a grande copia de boas aguas, que, como se esta região fôra toda perenne tanque, assim brota e rega seus campos e pomares por vinte e cinco mil fontes, (6) e innumeraveis rios grandes e pequenos, sendo os de maior nome os seguintes: *Ave*, *Basto*, *Benade*, *Biturim*, *Cabrão*, *Caldas*, *Campanhão*, *Cávado*, *Celho*, *Celinho*, *Côa*, *Cosme*, *Coura*, *Deiriz*, *Deste*, *Dolo*, *Douro*, *Enfesta*, *Ensalde*, *Fato*, *Ferreira*, *Fulias*, *Gadanha*, *Gifães*, *Gojim*, *Herdeiro*, *Homem*, *Landim*, *Lavoreiro*, *Leça*, *Lima*, *Locia*, *Maçarelos*, *Mejarelhas*, *Melres*, *Minho*, *Moles*, *Mouro*, *Neiva*, *Olo*, *Ovelha*, *Ouvir*, *Pontido*, *Prado*,

(1) Far. no Epitom. part. 4. cap. 17. (2) Nun. Descripç. de Portug. cap. 23. e 29. Vasconcell. in Descript. Lusitan. (2) Estaç. Antig. de Portug cap. 72. (3) Maced. Flor. de Hespan. cap. 3. excel 1. (4) João Salgad. Success. Milit. pag. 3. vers. (5) Maced. Flor. de Hesp. cap 2. excel. 3. Barbos. de Potestat. Episcop. part 1. tit. 3. cap. 3. Gil Gonsal. de Avil. no Theatro de las grandez. de Madrid. p. 300.

Ramada, Rellas, Siguelos, Sousa, Tamega, Taveira, Teixeira, Torto, Trovella, Tua, Valengo, Vargeas, Veadões, Vez, Vizella, Zezere pequeno, e outros que se diffundem nos capitaes.

Duzentas são as pontes de cantaria, a que estes rios obedecem, e as mais famosas a de *Cavez* mui larga e mui alta, com cinco arcos de pedras tão admiravelmente lavradas, que todas são de um tamanho: a de *Mondim* com seis arcos: a de *Amarante* feita por diligencias de . Gonçalo; e outras muitas. Contam-se-lhe seis portos de mar capazes de receber navios: *Caminha, Vianna, Esposende, Leça, Villa do Conde,* e *Porto.*

As praças de armas cercadas e acastelladas são dezaseis: *Porto, S. João da Foz, Villa do Conde, Vianna, Caminha, Villa Nova, Valença, Lapela, Monção, Melgaço, Castello Lavoreiro, Lindoso, Nobrega, Lanhoso, Aguiar de Pena, Celorico de Basto*; e pelo Certão tem: *Braga, Guimarães, Ponte de Lima,* e *Barcellos,* de todas as quaes se faz pleito e homenagem. E segundo o calculo de João Salgado de Araujo, (1) tinha no anno de 1644 seis mil homens capazes de tomar armas. Mas pelo que toca ao militar, accrescento uma singularidade d'esta provincia, e é, que pelos muitos rios menores, que comprehende, pontes d'elles, barcas dos maiores e grande abundancia de bosques, sem duvida que causará uma grande difficuldade para se deixar penetrar de inimigos; e já estes embaraços remiram muitas vezes este paiz da invasão dos romanos, aos quaes lhe custou tempo, trabalho, e gente a sua conquista, quando tudo rendiam suas armas então victoriosas contra as mais nações do mundo todo.

Pelo que pertence ao estado ecclesiastico, ha n'esta provincia duas igrejas cathedraes: *Braga,* arcebispado, e *Porto,* bispado. Cinco collegiadas: *Guimarães, Barcellos, Valença, Cedofeita, Vianna.* Parochias, conforme o calculo de alguns authores, (2) tem 1460, e de outros tem 1500. (3) Conventos e mosteiros de diversas Ordens mais de 150. De ermidas e igrejas não parochiaes um grande numero. Corpos de santos que venera, tem quatorze. Santos nacionaes tem grande quantidade: *S. Damazo, S. Gonçalo de Amorante, S. Torcato, S. Pedro de Rates, S. Gerardo, S. Vitouro, S. Fructuoso, S. Martinho de Dume, S. Rozendo, Santa Senhorinha, Santa Suzana, o Irmão Pedro de Basto,* e outros muitos, de qne o Agiologio Lusitano faz memoria. De homens insignes já em lettras, já em armas tem produzido, e produz numero grandissimo, de que nós, quando fallarmos das suas patrias particulares, nos lembraremos.

Não é para esquecer uma excellente gloria, que esta provincia tem, qual é dar-se n'ella principio á vida eremitica muitos annos antes que S. Paulo primeiro ermitão a introduzisse no reino; pois sendo S. Felix

(1) Arauj. Success. Milit. liv. 1. cap. 1. (2) August. Barb. de Potest. Episcop. part. 1. tit. 3. cap. 8. (3) Car. Europ. Port. tom. 3. part. 2. cap. 2. Lim. Geogr. Histor. tom. 2. pag. 3.

o que deu sepultura a S. Pedro de Rates, como consta das suas lições, e que vivia nos desertos d'esta provincia em um alto monte de S. Miguel de Laundos, abbadia da villa de Esposende, (1) fica precedendo S. Felix a S. Paulo o que vai do anno 46, em que morreu S. Pedro de Rates, ao de 300 em que floreceu S. Paulo. A causa porem que houve para chamar a S. Paulo primeiro ermitão, veja-se no Agiologio Lusitano tom. I.

Divide-se finalmente esta provincia em seis comarcas. que vem a ser: *Guimarães, Braga, Porto, Vianna, Barcellos* e *Valença*. Cada uma d'ellas tem varias povoações debaixo da sua jurisdicção. Tudo d'esta provincia resumiu n'estas duas estancias a musa de um engenho hespanhol:

Es Entre Duero, y Miño la primera
Porcion del Reyno, en rios muy bañada,
D'onde Braga *magnanima prospera*
De los Brachatos hija sublimada.
Al Romano dificil. y guerrera:
A los de Porto altiva. y respetada:
De Augusto honor, Juridico Convento,
Corte Sueva, y Arçobispal assiento.

Del Duero ilustra el margen atractivo
Porto. *que de Gatelo pueblo raro*
Con mitra Episcopal se ostenta altivo,
Dandole a Portugal nombre preclaro.
Guimarães *Villa es noble, y primitivo*
Solio de Reys Lusos. Tiene claro
Timbre Puente de Lima: *altas bellezas*
Vianna, *de partido ambas cabeças.*

Comarcas da provincia do Minho

I — Guimarães, Correição consta de:

Cinco villas. — Aguiar da Penha, Amarante, Canavezes, Guimarães, Povoa.

Dezenove concelhos. — Atey, Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto. Santa Cruz de Riba Tamega, Felgueiras. Gestaço. Gouveia de Riba Tamega, Hermello, S. João de Rey, Lanhoso. Mondim, Montelongo, Ribeira de Pena, Ribeira de Soás, Roças, Serva, Vieira, Villaboa da Roda, Unhão.

Quatorze coutos. — Abbadim, Fonte Arcada, Mancellos, Moreira de

(1) Corograf. Portug. tom. I. p. 313. Padilha. Histor. Eccles. cent. I. cap. 16. Monarq. Lusitan. part. 3. liv. 8. cap. 32. Rodrig. Mend. da Silv. La Descripç. de Portug.

Rei, Parada de Bouro, Pedraido, Pombeiro, Pousadela, Refoios de Basto, Taboado, Tibães, Travanca, Tugas, Vimieiro.

Quatro honras. — Cepães, Meinedo, Ovelha, Villacahiz.

Um julgado — Lagiosa.

II — Vianna, Correição consta de:

Sete villas. — Arcos de Valdevez, Monção, Ponte da Barca, Ponte de Lima, Prado, Vianna, Villa Nova de Cerveira.

Doze concelhos — Albergaria de Penella, Bouro, Coura, Entre Homem e Cávado, Geraz do Lima, Lindoso, Santa Martha do Bouro, Santo Estevão da Faxa, Soajó, Souto de Roberdãos, Villa Garcia, Pico de Regalados.

Quinze coutos. — Aboim da Nobrega, Azevedo, Baldreu, Boilhosa, Bouro, Cervães ou Villar de Areas, S. Fins, Freiriz, Luzio, Manhente, Nogueira, Queimada, Sabariz, Souto, Rendufe.

III. — Barcellos Ouvidoria consta de

Sete villas. — Barcellos, Castro Laboreiro, Esposende, Famelicão, Melgaço, Rates, Villa do Conde.

Tres concelhos. — Larim, Portella das Cabras, Villachã.

Cinco coutos. — Cornelã, Fragoso, Gondufe, Palmeira, Villar de Frades.

Um julgado. — Vermoim.

Uma honra. — Fralães.

IV. — Valença, Ouvidoria consta de

Tres villas. — Caminha, Valença, Valladares.

Dois coutos. — Feães, Paderne.

V. — Braga, Ouvidoria consta de

Uma cidade. — Braga.

Treze coutos — Arentim, Cabaços, Cambezes, Capareiros, Dornelas, Ervededo, Feitosa, Goivães, Moure, Pedralva, Provesende, Pulha, Ribatua.

VI. — Porto, Correição consta de

Uma cidade. — Porto.

Tres villas. — Melres, Povoa de Varzim, Villanova.

Treze concelhos. — Aguiar de Sousa, Avintes, Bayão, Bemviver,

Gaya, Gondomar, Lonsada, Maya, Penafiel de Sousa, Penaguião, Portocarreiro, Refoyos de Ribadave, Soalhães.

Sete coutos. — Ansede, Entre ambos os rios, Ferreira, Meinedo, Paço de Sousa, Pendorada, Villaboa de Quires.

Seis Behetr. e honras. — Baltar, Barbosa, Frasão, Gallegos, Louredo, Sabrosa.

Provincia de Tras os Montes

A segunda região, ou provincia do Reino, é chamada *Tras os Montes*, porque do Reino de Galiza até o Douro de norte a sul atravessam uns montes mui altos, que parece estão cercando a provincia do Minho, como fazem os Alpes á Italia; e são de tanta eminencia estes montes, que em muitas partes tem uma legua de subida aspera, como se experimenta nas serranias do Gerez, e altura do Marão; e assim havendo respeito ao Minho, fica esta provincia além d'aquelles montes, que lhe deram o nome.

Sua demarcação costuma fazer-se da Portela de Homem pela banda do norte até á ponte de Cavez; e continuando do poente pelo rio Tamega até entrar no Douro, faz este a divisão com a provincia da Beira até Vilvestre. D'aqui olhando para o norte, o mesmo rio Douro a aparta do Reino de Leão até quatro leguas depois de se chegar a Miranda; e d'aqui por divisas, e marcos até dar no rio Mação não longe de Maid, onde inclina a poente com a serra chamada de Teixeira, e as de Senabria, e Gerez até vir incorporar-se onde começou.

O commum dos geografos (1) dá a esta provincia trinta leguas de comprido, e vinte de largo: porém o Abbade de Pera (2) diz, que não fizeram boa medição; porque da Portella de Homem até Urros defronte de Vilvestre são trinta e quatro leguas, e de Canavezes até o rio Mação fazem trinta e seis (é erro, porque verdadeiramente não devem ser mais que vinte e seis conforme os Mappas de Fernão Alvares Seco, e Pedro Teixeira) e assim lhe dá de circuito cento e trinta leguas.

Muito mal se informou Florião do Campo não só na demarcação, que dá a esta Provincia, mas em dizer que é terra infructifera; porque supposto não ser tão fértil como Entre Douro e Minho, a verdade é haver aqui muitos valles deliciosos, e muitas villas abastadas de pão, vinho, azeite, mel, frutas, gados, caças, legumes, e sedas. Tal é a villa de Chaves mui amena, na qual habitaram os romanos muito tempo, por ser boa terra, e Villa Real, e outros muitos lugares d'esta região: só de frutas de espinho não tem abundancia.

O clima não ha duvida, que é frio em extremo: tem nove mezes de inverno, e tres de verão ardentissimo, por não ser arejáda do norte,

(1) Colmenar. Del ces da Port. tom. 4. pag. 713. Lim. Geograf. Histor. tom. 2. pag. 61.
(2) Arauj. Success. Milit. p. 68. vers.

que embaça nas montanhas, e com tudo é terra sadia, e de boas aguas, excepto em Bragança, e Miranda, que são pessimas. Os rios mais nomeados são estes:

Angueira, Alvedrinha, Azibo, Beça, Corgo, Caldo, Calvo, Douro, Fervença, Frio, Fresno, Lobos, Mação, Mente, Pinhão, Rabaçal, Sabor, Tamega, Tinhella, Tua, Tuella, Villariça, Vellarva, Zacharias. Fontes medicinaes tem quarenta e tres.

A gente, que habita esta provincia, é pela maior parte robusta, e corpulenta: as pessoas nobres são dotadas de grande primor, e brio: mui valentes, e honrados; aptos para a guerra, e tem grande exercicio da gineta e brida, em que fazem sumptuosas festas. São mui devotos da igreja, e veneram com estimação a seus ministros: conservam as amizades, e com os estranhos são attenciosos. As mulheres nobres tem grande recolhimento, as outras ajudam a cultivar as terras a seus maridos, e ás vezes mais trabalham ellas que elles: em fim diz o Abbade João Salgado de Araujo, que não se sabe d'esta provincia vicio algum nativo d'ella.

Inclue esta provincia duas cidades: *Miranda*, que tem bispo, e *Bragança*, que o não tem. Ha tres igrejas que parecem collegiadas: *Chaves, Villa Real e Torre de Moncorvo*, e consta de muitas abbadias, reitorias e vigairarias. As villas que teem fortalezas confinantes com Galiza e Castella são estas:

Montalegre, Erveredo, Chaves, Monforte do rio livre, Bragança, Outeiro, Miranda, Folgoso, Penas de Royas, Mogadouro, Freixo de Espada á cinta, e de todas se dá homenagem.

Divide-se finalmente esta provincia em quatro correições: *Moncorvo, Miranda, Bragança* e *Villa Real*. Servem de epitome das suas grandezas estas duas oitavas:

Es Tras los Montes la porcion segunda
De heroicas poblaciones adornada,
Donde Miranda *Episcopal se funda*
Sobre peñascos bien encastillada.
Delrey Brigo Bragança *hija segunda,*
De la Inez bella, como desdichada,
Talamo, en llano delicioso brilla,
De esclarecidos Duques alta silla.

Entre otras villas sale floreciente
La Torre de Moncorvo ; *la apacible*
Villa Flor : Mirandela *con gran puente:*
Belica Chaves, Villa Real *plausible,*

Freixo de Espadacinta *muy valiente,*
Alfandega da Fé *apeticible,*
Mascareñas *en frutas deliciosa*
Fertil Chacim, *y en trato generosa.*

Comarcas da provincia de Tras os Montes

I. — Torre do Moncorvo, Correição consta de

Vinte e seis villas. — Abreiro, Agua revez, Alfandega da Fé, Anciães, Castro Vicente, Chacim, Cortiços, Frechas, Freixiel, Freixo de Espada-cinta, Lamas de Orelhão, Linhares, Moncorvo, Mirandella, Monforte de rio livre, Mós, Murça de Panoya, Nuzellos, Pinhovelo, Sampayo, Sezulfe, Torre de D. Chama, Valdasnes, Villas-boas, Villaflor, Villarinho da Castanheira.

II. — Miranda, Correição consta de

Uma cidade. — Miranda.
Quatorze villas. — Algoso, Azinhoso, Bemposta, Carrocedo, Failde, Frieira, Mogadoiro, Penas de Royas, Rebordainhos, Sanseriz, Val de Passó, Villar Seco da Lomba, Vimioso, Vinhaes.

III. — Bragança, Ouvidoria consta de

Uma cidade. — Bragança.
Dez villas. — Chaves, Ervedosa, Gustey, Montalegre, Outeiro, Rebordãos, Ruivães, Val de Nogueira, Val de Prados, Villafranca.

IV. — Villa Real, Ouvidoria consta de

Nove villas e coutos. — Alijó, Dornellas, Ervededo, Favayos, Lordelo, S. Mamede de Riba-Tua, Provezende, Ranhados, Villa Real.
Duas honras. — Gallegos, Sabrosa

Provincia da Beira

Quasi no coração do Reino está situada esta provincia, e com a extensão de trinta e quatro leguas desde Punhete até Villa Nova do Porto; e se contarmos de Buarcos até Vál de la mula, são trinta e seis, e de Punhete até a foz do Agueda são quarenta e cinco, e da foz do Douro até Rosmaninhal fazem cincoenta e uma. Por esta demarcação, que o Abbade de Pera tem por certa, e exacta, vem a ter esta provincia de circumferencia duzentas leguas pouco mais, ou menos, com o que tor-

ce para costear a Estremadura; porem commumente se lhe dá trinta e seis leguas de comprido, e outro tanto de largo, e assim fórma uma figura quadrada, tendo algumas entradas em Alemtejo, e Estremadura Lusitana.

Confina pelo oriente com a Estremadura castelhana e leoneza, e parte da provincia de Traz os Montes, cujos limites continua pelo norte com os da região de Entre Douro, e Minho. Pelo occidente recebe as aguas do oceano, e pelo Meio Dia confina com a Estremadura de Portugal e Alemtejo. Chama-se Beira, ou porque seus primeiros habitadores se chamavam Berones, como diz Fr. Bernardo de Brito, (1) ou porque respeitando-se a sua situação, por ser toda cercada de agua dos rios Douro, Tejo, Coa e Oceano, significa o mesmo que Margem. Borda ou Beira. (2) João Salgado diz que o seu verdadeiro nome é *Vera*, que se converteu em Beira.

Reparte-se em duas largas porções de terra: uma, que se diffunde desde a serra da Estrella até o rio Tejo e se diz *Beira baixa*: outra, que desde a mesma serra se espalha até o rio Douro, e desde a cidade de Coimbra até a do Porto, que aqui se diz Beiramar. e no restante *Beira alta*. (3) Esta dilatada extensão de terreno grangeou a esta provincia o honroso titulo de Principado, que desde o anno de 1734 anda nos netos primogenitos dos monarchas portuguezes. (4)

É terra mui fertil de centeio, milho, castanha, vinho, gados, caças, e gostosos peixes, produzindo a amenidade d'este paiz toda a diversidade de saborosissimas fructas, especialmente os celebrados verdeaes de inverno, ajudando muito para esta abundancia a grande copia de aguas de fontes e rios, sendo os mais nomeados os seguintes:

Agueda, Alva, Alfusqueiro, Araril, Arda, Balsamão, Berosa, Ceira, Coa, Dão, Dansos, Douro, Elja, Freixiandas, Lomba, Lorvco, Marnel, Mondego, Paiva, Ponsul, Ramalhoso, Sardão, Soberbo, Tourões, Tripeiro, Veroza, Vouga, Xudruro, Zezere.

Tem produzido esta provincia homens famosissimos. D'aqui foi elrei Wamba e o famoso Viriato, posto que Entre Douro e Minho contenda sobre a naturalidade d'este segundo; porque diz o Gerudense, que os soldados que aquelle insigne capitão trazia comsigo, eram Duriminios. Os mais d'aquelles celebrados aventureiros, que foram a Inglaterra em defensa das doze damas motejadas de feias, d'aqui eram naturaes, como tambem o foram oito reis portuguezes, dois Sanchos, tres Affonsos, D. Pedro, D. Fernando e D. Duarte; e por não se gloriar só do nascimento, honra-se não pouco de ser conservatorio de tres corpos veneraveis e regios, como é o d'elrei D. Affonso Henriques, da rainha

(1) Brit na Geograf. Lusitan. cap. 4. Fr. Man. da Esper. na 1. part. da Hist. Serafic. liv. 4. cap. 13. (2) Povar. Diccionar. Geogr p. 76. Lim. Geograf. Histor. tom. 2. pag. 83. (3) Fr. Man. da Roch. Portug. renascid. part. 1. p. 109. (4) Histor. Genealog. da casa real Port. tom. 8. p. 354.

Santa Isabel e de D. Sancho I, e tambem do d'el-rei D. Rodrigo, ultimo rei Godo.

Manoel de Faria mal affecto porem á gente d'esta região, com injurioso conceito critica absolutamente a todos os nacionaes d'ella de pedintes, e de pouco asseados. (1) O defeito particular de alguns individuos não deve ser motivo para deteriorar a opinião commum de uma provincia inteira. Eu bem sei que já fr. Bernardo de Brito, (2) tratando dos antigos habitadores da serra da Estrella, chamados herminios, diz, que eram homens asperos e duros de condição, indomitos pelas armas, mui rusticos no traje e modo de vestir, amigos de roubar o alheio, e pouco fieis no que tratavam, porem a cultura dos tempos e a mesma experiencia tem mostrado quanto se deve desvanecer este conceito, pois o que vemos hoje nos seus naturaes, principalmente nos da primeira esfera, é um animo valente e brioso, amigos de buscar honras e fortuna, ou pela carreira das lettras, ou das armas, em que tem feito progressos de grande credito para todo o reino.

Continuando a descrever suas grandezas, incluem-se n'esta provincia cinco cidades: quatro com bispo: *Coimbra, Viseu, Lamego, Guarda;* e *Aveiro* modernamente erecta em cidade, que o não tem. Divide-se em nove comarcas: de quatro são cabeças as quatro cidades; e das cinco é: *Castello Branco, Pinhel, Esgueira, Montemór o velho* e *Feira*. Tem duzentas e trinta e quatro villas, das quaes cincoenta e oito são acastellanas, alem das cinco cidades. As que confinam com Castella são estas: *Castello Branco*, que no anno de 1704 foi accommettida de castelhanos, e fica opposta á villa de Herrera: *Rosmaninhal, Segura, Salvaterra da Beira*, que todas tres se oppõem á villa de Alcantara, praça de armas de Castella: *Penagarcia, Idanha a velha, Monsanto* defensavel por natureza, *Proença, Belmonte, Penamacor, Sabugal, Sortelha, Alfaiates, Villar-Maior, Castello Mendo, Castello Bom, Almeida, Pinhel, Castello Rodrigo.*

Tem mais de sete mil homens, que podem tomar armas: ha n'esta provincia a maior porção das comendas d'este reino: sustenta mais de quarenta e quatro conventos de religiosos de varias Ordens, e vinte e tres de religiosas: muitas egrejas com coro em que se reza o officio divino: innumeraveis abbadias e ermidas. Uma das singularidades, de que se póde gloriar, é comprehender as duas mais admiraveis officinas da virtude, e letras, que tem o reino, quaes são Bussaco e a Universidade de Coimbra, d'onde tem saido varões portentosos na santidade e nas sciencias. Comprehendemos tudo succintamente nas seguintes estancias:

(1) Far. Europ. Port. tom. 3. pag. 3. cap. 2. (1) Brit. Geogr. Lusitan. cap. 2.

Es Beira la tercera region, que ostenta
De Viriato el nombre formidable,
Donde Coimbra *Episcopal se assienta*
De Mondego en la orilla deleitable.
Produxo siete Reyes opulenta
Grande en lo noble en letras admirable:
Yaze Obispal Vizeu *en gran llanura*
Del infeliz Rodrigo sepultura.

Lamego, *Episcopal sale gallarda.*
Aveiro *en territorio es abundante.*
Sobre peñascos asperos la Guarda
Con Iglesia pastoral luze brillante.
Sin Mitra Idaña, *solo el timbre guarda,*
Que de Wamba adquirió patria elegante;
Mas poblacion la nueva Idaña tiene,
Que en el sitio cercano se contiene.

Castello Branco *entre otras cobra fama:*
Tentugal *por la fuente, que ay en ella,*
Montemaior *de Brigo obra se acclama,*
Fuerte Almeida, *que en armas tiene estrella.*
Celorico *el laurel de Apolo enrama:*
Por sus duques Lafões, *y* Avero *es bella:*
Cobillan *gosa celebre fortuna*
De la Cava fatal illustre cuna.

Comarcas da provincia da Beira

I — Coimbra, Correição consta de

Uma cidade. — Coimbra.

32 villas. — Alvaiazere, Ançã, Ancião, Arganil, Avó, Bobadella, Botão, Buarcos, Cantanhede, Carvalho, Celavisa, Cernache, Santa Comba-Dão, Coja, Santa Christina, Esgueira, Fadeira, Fajão, Goes, Mira, Miranda do Corvo, Pena Cova, Pereira, Podentes, Pombalinho, Pombeiro, Rabaçal, Redondos, Tentugal, Vacariça, Villa Nova de Anços, Villa Nova de Monçarros.

II — Esgueira, Provedoria consta de

Uma cidade — Aveiro.

Vinte e seis villas. — Aguieira, Anadia, Angeja, Assequins, Avelãs de caminho, Avelãs de cima, Bemposta, Brunhido, Eixo, Estarreja, Fer-

reiros. Ilhavo. S. Lourenço do Bairro. Oiz da Ribeira, Oliveira do Bairro, Paes. Prestimo, Recardães. Sangalhos, Segadães, Serem, Sousa, Trofa, Villarinho do Bairro. Vagos, Vouga.

Um concelho. — Fermedo.

Um couto. — Esteve.

III — Viseu. Correição consta de

Uma cidade. — Vizeu.

Vinte e duas villas. — Alva, Banho, Candosa, Coja, Enfias, Ferreira d'Aves, Lagares, Mortagoa, Nogueira, Oliveira do Conde, Oliveira de Frades. Oliveira do Hospital, Penalva d'Alva, Perselada, Reriz, Sabugosa. Sandomil, Santa Comba Dão, S. Pedro do Sul, Taboa, Trapa, Tendela.

Trinta concelhos. — Azere, Azurara, Barreiro, Besteiros. Canas de Sabugosa, Canas de Senhorim, Currellos, Folhadal, Foz de Piodão. Gafanhão, Guardão, Gulfar, S. João de Areas, S. João do Monte. Lafões, Mões, Mouraz, Ovoa, Penalva do Castello, Pinheiro de Azere, Povolide, Ranhados, Satão, Senhorim, Sever, Silvares, Sinde, Tavares, Treixedo, Villa Cova de Subavô.

Dois coutos. — Maceiradão, Moimenta.

IV — Feira, Ouvidoria consta de

Cinco villas. — Cambra, Castanheira, Feira, Ovar, Pereira de Susão.

V — Lamego, Correição consta de

Uma cidade. — Lamego.

Trinta e duas villas. — Arcos, Armamar, Arouca. Barcos, Britiande, Castello, Castrodairo, Chavães, S. Cosmado, Fantello, Fragoas, Goujim, Granja do Tedo, Lalim. Lazarim, Leomil, Longa, Lumiares, Moimenta da Beira. Mondim, Nagosa, Parada do Bispo, Passó, Pendilho, Sande, Taboaço, Tarouca, Valdigem, Varzea da serra, Veanha, Villacova, Villa-seca.

Vinte concelhos. — Alvarenga, Aregos, Barqueiros, Cabril, Caria, Couto da Ermida, S. Christovão da Nogueira, Ferreiros, S. Martinho de Mouros, Mossão, Paiva, Parada d'Ester, Pera e Peva, Pezo da Regoa, Pinheiro, Resende, Sanfins, Sinfães, Teixeira, Tendaes.

VI — Pinhel, Correição, consta de

Cincoenta e quatro villas. — Aguiar, Alfaiates, Algodres, Almeida, Almendra, Castanheira, Casteição, Castello bom, Castello melhor, Cas-

tello mendo, Castello Rodrigo, Cedavim, Cinco Villas, Ervedosa, Escalhão, Figueiró da Granja, Fonte Arcada, Fornos, Guilheiro, Horta, S. João da Pesqueira, Lamegal, Langroiva, Marialva, Matança, Meda, Moreira, Muxagata, Nemão, Paradella, Paredes, Penaverde, Penedono, Penella, Pinhel, Ponto, Povoa, Ranhados, Reigada, Sernancelhe, Sindim, Soutelo, Souto, Tavora, Touça, Trancoso, Trovões, Valença do Douro, Val de coelha, Vallongo, Vargeas, Veloso, Villa Nova de Foscoa, Villar maior.

Um concelho.—Carapito.

VII=Guarda, Correição consta de

Uma cidade.—Guarda.

Vinte e nove villas.—Açores, Alvoco da Serra, Baraçal, Cabra, Castro verde, Ceia, Celorico, Codeceiro, Covilhã, Folgosinho, Forno Telheiro, Gouveia, Jarmello, Lagos, Linhares, Loriga, Lourosa, Manteigas, Santa Marinha, Mello, Mesquitella, Midões, Oliveirinha, Seixo, S. Romão, Torrozello, Vallazim, Valhelhas, Villacova.

Um couto.—Mosteiro.

VIII—Castello Branco, Correição consta de

Vinte e duas villas.—Alpedrinha, Atalaya, Belmonte, Bemposta, Castello Branco, Castello Novo, Idanha a nova, Idanha a velha, Monsanto, Penagarcia, Penamacor, Proença a velha, Rosmaninhal, Sabugal, Salvaterra do Estremo, Sarzedas, Segura, Sortelha, Touro, S. Vicente, Villa velha do Rodão, Zibreira.

IX—Montemór o velho, Ouvidoria consta de

Cinco villas.—Louriçal, Louzã, Montemór o velho, Penella, Serpins.

Provincia da Estremadura

Esta provincia se fórma de uma faxa de terra, que corre desde a bocca do rio Mondego até o caudaloso Tejo, e continua pela comarca de Setubal até entestar com Santiago de Cacem. Comprehende em toda esta longitude, conforme uns, quarenta leguas; e segundo outros, trinta e tres. De largo uns lhe dão dezoito, outros dezaseis (1) leguas na sua maior largura, porem se lançarmos uma linha de Cascaes, até a Pampilhosa, acharemos trinta e seis leguas de latitude. Pelo occidente o mar

(1) Geograf. Blavian. Mendes da Silv. Mons. de La Clede tom. 2. pag. mihi 59. Coregr. Port. tom. 3. Lim. Geogr. Histor. tom. 2. p. 136. Far. Europ. Portug. tom. 3. part. 3. cap. 2. p. 160.

occeano a termina: pelo Meio dia confina com o Alemtejo a travez, e pelo norte com a Beira.

É o clima d'esta região o mais saudavel e temperado de todo o reino, porque a benignidade do ceu faz aqui ser insensiveis aquellas estações do tempo, que gradualmente succedem umas ás outras com mudança suave; e assim participando quasi sempre de ar puro, e ceu sereno, produz n'ella a natureza com abundancia os fructos de todos os generos. Fertil é de azeites, bastando só a villa de Santarem para prover o reino e suas conquistas: fertil é de vinhos, e dos melhores, chamados de barra a barra, tão estimados das nações septentrionaes: fertil é de fructas, das quaes sómente a villa de Collares todo o anno provê a côrte de Lisboa, e se conduzem para outras muitas terras da Europa. De trigo, legumes e hortaliças tem o que lhe basta. Cria caças de toda a especie, e das mais gostosas, porque comprehende as melhores coutadas do reino. Peixe em abundancia e saborosissimo: e finalmente sem exaggeração podemos dizer, que é a provincia mais fertil e farta de Portugal, concorrendo tambem as outras com os seus productos para mais a fertilizar e enriquecer, tratando-a verdadeiramente como rainha, pois existe no meio do reino coroada de todas.

Muito conduz para toda esta abundancia os seus famosos portos, especialmente o de Lisboa, por onde todos os annos entram as ricas frotas do Brazil, e em pouco mais tempo as preciosas mercadorias da Asia, e quasi todos os dias innumeraveis embarcações estrangeiras para commodidade do commercio, que é n'esta provincia o maior de todo o reino. Conduz tambem não pouco a grande copia de boas aguas de suas fontes, e rios, os quaes, segundo seu maior nome são estes:

Aguas livres, Alcantara, Alferradede, Alfusqueiro, Aljés, Alpiaça, Alviella, Arunca, Barcarena, Bezelga, Broya, Cadavás, Cambra, Canha, Castellãos, Cera, Caranque, Chileiros, Crins, Esporão, Guardão, Lago, Lena, Liten, Liça, Liz, Montijo, Nabão, Pernes, Rezes, Sado, Sizandro, Tejo, Val de lobos, Unhaes, Zezere, a que podemos accrescentar por singularidade as virtuosas aguas das que chamamos Caldas, que n'esta provincia existem as de melhor fama.

Quanto ao estado ecclesiastico, tem duas igrejas cathedraes: *Lisboa* que logra a dignidade de patriarchado; e *Leiria* a de bispado. Numeram-se-lhe quatrocentas e sessenta e duas parochias, alem de outras muitas igrejas, que o não são. Tres insignes collegiadas: *Santa Maria Maior* em Lisboa, *Nossa Senhora da Misericordia* em Ourem, e *Santa Maria da Alcaçova* em Santarem, com outras, que o parecem, como na igreja de Santo Antonio de Lisboa, Santo Antonio do Tojal, etc. Dois grandes priorados das Ordens Militares: de *Santiago* em Palmella, de *Christo* em Thomar. Seis templos regios os mais insignes: *Alcobaça*, *Batalha*, *Belem*, *Mafra*, *Thomar*, *S. Vicente de Fóra*. Conventos e mosteiros mais de cento e setenta. Um supremo Tribunal do Santo Officio. E

finalmente é onde com maior culto, aceio e grandeza se executam todas as festividades, funcções ecclesiasticas, e officios divinos, augmentando-se mais a devoção com os prodigiosos santuarios, que encerra cheios de continuadas maravilhas.

As sciencias nos seus frequentados collegios, e academias: as artes liberaes nas suas grandes e opulentas fabricas: a politica, o trato, e a civilidade florecem n'esta região: até o idioma se pronuncia com maior pureza e cadencia do que nas outras provincias; pois n'ella reside a côrte de Lisboa, que como princeza de todas as do mundo, como lhe chamou o nosso poeta, infunde qualidades para a melhor cultura e perfeição. Finalmente

Es la quarta provincia Estremadura,
Que contiene a Lisboa, *donde cria*
Del claro lis beviendo la dulçura
Con Episcopal Baculo Leiria.
La villa de Batalla *se assegura*
De Reyes Portuguezes urna umbria.
Santarem *con portentos se corona,*
Y de aver sido throno real blasona.

Con gran juridicion Thomar *se ofrece*
Al dulce Nabun, que sus campos baña.
Alemquer *del Alano permanece*
Fundacion en frutifera campaña.
Cintra *del quinto Alonso patria crece.*
Primera poblacion sale de España,
Setubal *al mar grande dirigida*
Morada de Tubal apetecida.

Comarcas da provincia da Estremadura

I — Lisboa, capital do reino consta de

Quarenta e uma paroquias. — Senhora da Ajuda, Santo André, Senhora dos Anjos, S. Bartholomeu, Santa Catharina, Chagas de Jesus, S. Christovão, Senhora da Conceição, Santa Cruz do Castello, Senhora da Encarnação, Santa Engracia, Santo Estevão, S. João da Praça, S. Jorge, S. Joseph, Santa Isabel, S. Julião, Santa Justa, Senhora do Loreto, S. Lourenço, S. Mamede, Santa Maria, Santa Maria Magdalena, Santa Marinha, S. Martinho, Senhora dos Martyres, Senhora das Mercês, S. Miguel, S. Nicolau, Patriarchal, S. Paulo, S. Pedro, Senhora da Pena, Santissimo Sacramento, Salvador, Santiago, Santos, S. Sebastião, Senhora do Soccorro, S. Thomé, S. Vicente.

II — Torres Vedras, Correição consta de

Dezoito villas. — Alhandra, Alverca, Arruda, Bellas, Cadaval, Cascaes, Castanheira, Chileiros, Collares, Enxara dos Cavalleiros, Ericeira, Lourinhã, Mafra, Povos, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras, Villa Franca de Xira, Villa Verde.

III — Alemquer, Ouvidoria consta de

Oito villas. — Aldeia Galega da Merciana, Alemquer, Caldas, Chamusca, Cintra, Obidos, Salir do Porto, Ulme.

IV — Leiria, Correição consta de

Uma cidade — Leiria.
Onze villas. — Alcobaça, Alfeizeirão, Aljubarrota, Alpedriz, Alvorninha, Atouguia, Batalha, S. Catharina, Cella, Coz, Ega, Evora de Alcobaça, S. Martinho, Mayorga, Pederneira, Peniche, Pombal, Redinha, Salir do Mato, Soure, Turquel

V — Thomar, Correição consta de

Vinte e oito villas.—Abiul, Abrantes, Aguas Bellas, Aguda, Alvaro, Alvares, Amendoa, Arega, Assinceira, Atalaia, Chão de couce, Dornes, Ferreira, Figueiró dos vinhos, Maçãs de caminho, Mação, Pampilhosa, Paio de pelle, Pedrogão grande, Pias, Ponte de Sor, Punhete, Pussos, Sardoal, Sovereira formosa, Tancos, Thomar, Villa de Rei.

VI — Ourem, Ouvidoria consta de

Sete villas. — Aguda, Avelar, Chão de Couce, Maçãs de D. Maria, Ourem, Porto de Moz, Pousa Flores.

VII — Santarem, Correição consta de

Quinze villas. — Alcanede, Alcoentre, Almeirim, Aveiras de cima, Aveiras de baixo, Azambuja, Azambugeira, Erra, Golegã, Lamarosa, Montargil, Mugem, Salvaterra de Magos, Santarem, Torres Novas.

VIII — Setubal, Correição consta de

Dezaseis villas — Alcacer do Sal, Alcochete, Aldeia Galega, Alhos Vedros, Almada, Barreiro, Cabrella, Çamora Correia, Canha, Coina, Grandola, Lavradio, Moita, Palmella, Setubal, Sezimbra.

Provincia do Alemtejo

Chama-se esta provincia *Alemtejo*, respeitando as outras provincias de Portugal, que ficam ao norte do rio Tejo; mas isto é conforme a divisão politica, e não fisica. Dilata-se entre os limites da Estremadura castelhana, reino do Algarve, mar oceano, Tejo e Guadiana, quasi em fórma quadrada, pelo que lhe dão muitos trinta e quatro leguas de uma e outra parte: (1) porém o seu maior cumprimento pelo certão são trinta e nove leguas, pela costa vinte e oito, e tendo pela margem do Tejo trinta e cinco de largura, se estreita e reduz na raia do Algarve a vinte e uma. (2)

É o seu terreno pela maior parte plano, posto que o atravessam algumas serras, a de Ossa, Caldeirão, Portalegre, Montemuro, Marvão, e outras, d'onde nascem fontes e rios, não em tanta abundancia, como nas outras provincias, porque tambem o ardente sol no verão consome aqui muito sua humidade, mas todavia sempre se lhe numeram de maior nome os seguintes:

Abrilongo, Alcarapinha, Alcaraviça, Alcarache, Algale, Anheloura, Aramenho, Aviz, Benavile, Boñafide, Botova, Cabaça, Caya, Cayola, Campilhas, Canha, Carreiras, Cobrinhas, Corbes, Corona, Dejebe, Detença, Enxarrama, Erra, Ervedal, Figueiró, Fonte boa, Galego, Guadiana, Lavra, Lamarosa, Leça, Limas, Lixosa, Lucefece, Machede, Marataca, Mourinho, Niza, Odemira, Odivellas, Odivor, Peramança, Regalvo, S. Romão, Sarrazola, Seda, Sever, Severa, Sor, Sorraya, Taleigão, Tejo, Tera, Terjes, Videgão, Xever, Xevora, Xola, Xouxou, Zata.

É fertilissima, pois correspondem os fructos com grande abundancia. De trigo, diz Macedo, (3) que só a freguezia da cathedral de Evora dá ao dizimo cada anno setecentos moios, com a circumstancia de que os lavradores não cultivam todas as terras capazes de sementeira, senão escolhem algumas a que chamam folhas, para fazerem a lavoura de tres em tres annos; isto é, a que se semeou este anno, não se torna a affolhar senão passados tres annos; porque se Alemtejo cultivasse annualmente todas as dilatadas campinas e charnecas que tem, daria trigo, centeio e cevada para todo o mundo. A esta abundancia attendeu Camões, quando cantou:

E vós tambem, ó terras Transtaganas,
Affamadas co dom da Flava Ceres.

Alem dos trigos é abundante de boas fructas, azeite, vinho, mel, cera, lãs, caças, gados, excellentes queijos, finos marmores, affamados e

(1) Far. Europ. Port. tom. 3. part. 3. cap. 2. Rodrig. Mend. da Silv. na Descripç. de Portug. Geograf. Blavian. tom. de Hespanh. pag. 403. (2) Abbad. de Per. Success. Milit. p. 179. (3) Sousa de Macedo nas Flor. de Hespanh. cap. 5 excel. 3. (4) Cam. cant. 3. est. 62.

cheirosos barros; de sorte que esta provincia não necessita de cousa alguma, que em si não tenha com abundancia: até peixe colhe abundantemente da ribeira do Sado, que entra no rio de Alcacere, e na da Fonte Santa, que está no caminho de Estremoz, alem de outros rios, que temos nomeado.

Ha em Alemtejo quatro cidades: *Evora*, que tem arcebispo: *Elvas* e *Portalegre*, que tem bispos: *Beja* que o não tem. Contam-se mais de cem villas: dois grandes priorados das Ordens militares de *Aviz* e de *Malta*. Divide-se em oito comarcas, que são: *Evora*, *Beja*, *Campo de Ourique*, *Villa Viçosa*, *Elvas*, *Portalegre*, *Crato*, *Aviz*, das quaes algumas são ouvidorias.

Sempre n'esta provincia floreceram homens de singulares engenhos: em tempos antigos Aprigio, Isidoro Pacense e outros muitos: nos mais proximos aos nossos André de Resende, o Padre Maldonado, o Padre Manoel de Goes, o Doutor Pedro Nunes, rarissimo na mathematica, Thomaz Rodrigues, insigne medico, alem de muitos outros em todas as faculdades. E no valor teve tambem homens assignalados, como foi D. Payo Peres Correia, Josué Portuguez, D. Nuno Alvares Pereira, D. Vasco da Gama, primeiro descubridor das Indias, os quaes bastam para credito da provincia. Tudo se recopila n'estas duas estancias.

Sigue quinta Region la de Alemtejo,
Cuya cabeça, y Metropolitana
Es Evora, *de Roma claro espejo,*
Del gran Giraldo gloria soberana.
Tiene noble dominio, y fiel consejo
Portalegre *risueña Diocesana.*
Elvas *con Mitra luze venerable,*
Siendo por su Castillo inexpugnable.

Beja *ciudad insigne se publica,*
Y el precioso licór de Baco enseña.
Entre otras villas Estremoz *mui rica*
Es invencible, y fuerte Jurumeña.
Por sus inclytos Nobles a Belona
Montemayor *el Nuevo el ser dedica.*
Villa Viçosa *en llano está florido*
Templo de Proserpina y de Cupido,

Comarcas da provincia do Alemtejo

1 — Evora, Correição consta de

Uma cidade. — Evora.

Onze villas. — Aguias, Alcaçovas, Canal, Estremoz, Lavre, Montemór o Novo, Montoito, Pavía, Redondo, Vianna, Vimieiro.

II — Beja, Ouvidoria consta de

Uma cidade. — Beja.
Dezoito villas. — Agua de Peixes, Aguiar, Albergaria dos Fuzos, Alvito, Beringel, Faro, Ferreira, Ficalho, Frades, Moura, Odemira, Oriolas, Serpa, Torrão, Vidigueira, Villa Alva, Villa Nova de Alvito, Villa Ruiva.

III — Campo d'Ourique, Ouvidoria consta de

Quinze villas. — Aljustrel, Almodovar, Alvalade, Castro Verde, Collos, Entradas, Gravão, Mertola, Messejana, Ourique, Padrões, Panoyas, Santiago de Cacem, Sines, Villa Nova de mil fontes.

IV — Villa Viçosa, Ouvidoria consta de

Quatorze villas. — Alter do chão, Arrayolos, Borba, Chancellaria, Evora Monte, Lagomel, Margem, Monsarás, Monforte, Portel, Souzel, Villa Boim, Villa Viçosa, Villa Fernando.

V — Elvas, Correição consta de

Uma cidade. — Elvas.
Seis villas. — Barbacena, Campo Mayor, Mourão, Olivença, Ouguela, Terena.

VI — Portalegre, Correição consta de

Uma cidade. — Portalegre.
Doze villas. — Alegrete, Alpalhão, Arronches, Assumar, Arez, Castello de Vide, Marvão, Meadas, Montalvão, Niza, Povoa, Villa Flor.

VI — Crato, Ouvidoria consta de

Doze villas. — Amieira, Belver, Cardigos, Carvoeiro, Certã, Crato, Envendos, S. João de Gafete, Oleiros, Pedrogão pequeno, Proença a Nova, Tolosa.

VIII — Aviz, Ouvidoria consta de

Dezassete villas. — Alandroal, Alter Pedroso, Aviz, Benavente, Be-

navilla, Cabeço de Vide, Cabeção, Cano, Coruche, Figueira, Fronteira, Galveias, Jurumenha, Mora, Noudar, Seda, Veiros.

Provincia e reino do Algarve

Forma esta região do Algarve um dos principaes angulos da peninsula lusitana no cabo de S. Vicente com a concurrencia das linhas meridional e occidental até a foz do Guadiana. Dão-lhe os geografos vinte e sete leguas de comprido, e nove de largo. Os mouros lhe chamaram Algarve, que quer dizer *Terra Occidental*, (1) mas outros interpretam *Terra plana e fertil;* porque sem embargo de comprehender algumas serras pelo certão, occupa pela costa do mar planicies mui ferteis e deliciosas.

Constitue-se reino forte e separado de Portugal pelos montes Caldeirão e Monchique, e de Andaluzia pelo rio Guadiana: de sorte que a sua situação é a mais vantajosa de todas as nossas provincias. Sua primeira conquista foi intentada por elrei D. Affonso Henriques: continuou-a com grandes progressos elrei D. Sancho I, e a acabou de conseguir elrei D. Affonso III, ficando desde então o reino do Algarve incorporado com permanencia na coroa de Portugal, que organisa suas reaes armas com a orla dos sete castellos dourados em campo vermelho. (2)

Consta de quatro cidades: *Faro*, onde hoje está a sé cathedral; *Silves*, d'onde foi mudada; *Tavira* e *Lagos*. Tem mais doze villas, a saber: *Albufeira*, *Alcoutim*, *Aljezur*, *Alvor*, *Cassella*, *Castro Marim*, *Loulé*, *Odeseixe*, *Paderne*, *Sagres*, *Villa do Bispo*, *Villa Nova*. Tem dois promontorios o cabo de S. Vicente e o de Santa Maria. Tem cem pontes de pedra, sessenta e duas pias de baptisar, e outras particularidades, que reservamos para lugar mais proprio.

Faz ser esta provincia abundante com especialidade a grande copia de figos, passas e amendoas, de que se extrahem todos os annos por negocio para differentes partes de Levante, Italia e Flandes consideraveis sommas; e assim como em outras terras estão semeados os campos de trigo, cevada e centeio, esta os tem cubertos de vinhas, amendoeiras, figueiras e tambem palmeiras, de cujos ramos tecem seus moradores varias curiosidades. (2) A pescaria de atum não serve de pequeno lucro, e com que fazem um grave negocio. Os rios que cortam e regam este reino, são muitos, porem pequenos, sendo os de maior nome o *Adoleite*, *Belixari*, *Guadiana*, *Lampas* e *Vascão*.

Seus habitadores são esforçados e aptos para a guerra; e já em tempos antigos venceram valerosamente ao capitão romano Sergio Gal-

(1) Colmen. Delices de Hesp. tom. 4. p. 809. (2) Monarq. Lusit. liv. 16. cap. 4. (3) Rodrig. Mend. da Silv. Descripç. de Hesp.

ba. São mui dados á sciencia maritima, e se prezam muito de que no seu terreno escolhessem o primeiro patriarcha e fundador de Hespanha *Tubal*, e o famoso *Hercules* os seus jazigos, se é certo o que diz fr. Bernardo de Brito. Divide-se finalmente o Algarve em duas comarcas, conforme a Geografia moderna do Padre D. Luiz de Lima, e vem a ser: *Lagos* e *Tavira*. Tem sete fontes medicinaes: tres praças de armas que são: *Lagos*, *Faro*, *Castro Marim*, bem fortificadas com quatro mil homens de guarnição; e até o presente numera quarenta governadores, ou capitães generaes com o segundo marquez do Louriçal D. Francisco de Menezes seu actual e benemerito governador.

El reino del Algarbe es la postrera
Porcion, cuyas ciudades son Tavira
Delrei Itrigo gallarda Primavera,
Donde herido del viento el mar suspira.
Faro *Obispal adorna su ribera,*
Al oceano fuerte Lagos mira.
Con poca vezindad nombre difuso
Alcança Silves *Paraiso Luso.*

Comarcas da provincia e reino do Algarve

I — Lagos, Correição consta de

Duas cidades. — Lagos, Silves.

Sete villas. — Aljezur, Alvor, Odeseixe, Paderne, Sagres, Villa Nova de Portimão, Villa do Bispo.

II — Tavira, Correição consta de

Duas cidades. — Tavira, Faro.

Cinco villas. — Albufeira, Alcoutim, Cacella, Castro Marim, Loulé.

MAPPA

DO QUE COMPREHENDEM AS SEIS PROVINCIAS DE PORTUGAL

Provincias	Minho	Tr. os M.	Beira	Estrem.	Alemtejo	Algarve
Comarcas	6	4	8	8	8	2
Cidades	2	2	5	2	4	4
Villas	26	50	234	114	100	12
Patriarc.	—	—	—	1	—	—
Arcebisp.	1	—	—	—	1	—
Bispados	1	1	4	1	2	1
Inquisiç.	—	—	1	1	1	—
Univers.	—	—	1	—	1	—
Paroquias	1500	620	1090	460	350	67
Cid. capit.	Porto	Miranda	Coimb.	Lisboa	Evora	Faro
Pr. d'arm.	Vianna	Chaves	Alm.	Lisboa	Elvas	Lagos
L.de comp.	18	34	36	40	39	28
L. de largo	12	26	36	18	35	8

CAPITULO VI

Dos montes, promontorios e serras de maior nome

Quasi todos os principaes montes e serranias, que fortalecem e ornam este nosso continente, são ramos e esgalhos dos celebres Pyrineus, que dividem França de Hespanha, os quaes, entrando por varias partes do reino, adquirem o nome conforme as terras por onde se vão descubrindo; e com tal elevação em alguns sitios, que justamente lhes chamou Athlantes o famoso Caramuel, (1) pois com sua altivez pertendem coroar-se de estrellas, e suster os ceus em seus hombros. Dos mais affamados daremos a breve informação, a que o nosso methodo nos obriga.

Abelheira. Descobre-se esta serra no termo da villa de Moura em o Alemtejo, e participa da serra da Adiça, communicando-se tambem com a dos Machados, que lhe fica meia legua distante. Dá pastos a muitos gados, e cria-se n'ella caça de todo o genero, e muitas ervas de grande virtude medicinal. Ha outra serra d'este mesmo nome na provincia de

(1) Caram. no seu Philip. Prud. Proem. §. I. n. 3.

Traz os Montes no sitio da Igrejinha, onde se descobrem ruinas de edificios arabes.

Aboboreira. Fica na provincia do Minho perto do concelho de Gouveia. É inculta e inhabitavel em todos os quatro mil passos de ambito que occupa o seu terreno, posto que não é esteril para a muita caça, que alli se cria.

Achada. Começa esta serra desde a ribeira de Cascaes, e se vai unir com a de Montejunto. Participa de aspero temperamento, não obstante admittir cultura pelas suas raizes.

Açor. Ha no reino duas serras com este mesmo nome; uma na Beira, que principia no termo da villa de Coja, e acaba na de Arganil, occupando o espaço de quasi sete leguas de comprido e duas de largo, e lança varios braços por diversos sitios. A outra serra jaz no Algarve.

Albardos. Serra aspera da Estremadura, lançada desde o termo de Santarem até Porto de Moz. É de clima destemperado, e n'ella nascem alguns rios e canteiras de pedra fina. Os religiosos de Alcobaça são senhores de todos os limites d'esta serra.

Alcacovas. Está junto da villa do seu mesmo nome na comarca de Evora. Levanta-se em desmedida altura, pois do cimo d'ella se descobrem povoações mui distantes. O insigne fr. Luiz de Sousa diz (1) ser provavel haver aqui no tempo dos romanos algum edificio nobre, segundo se collige de algumas moedas, que se tem descoberto, e de outros vestigios de antiguidade que refere o Diccionario Geografico do Padre Cardoso. A ribeira chamada Odiege ou Diege, que discorre por esta serra, fertilisa grandemente aquellas porções, que se deixam cultivar, e onde se cria abundancia de caça e de gado.

Alcubertas. Fica no termo da villa de Alcanede, onde se descobre uma grande concavidade, e dentro d'ella uma casta de pedra brilhante que parece cristal; e outras, que congeladas da neve com a mistura da terra são mui galantes e procuradas para ornar embrechados e grutescos.

Aleidões. Apparece no Alemtejo e no termo de Grandola, estendendo-se até Santiago de Cacem. Participa de ares saudaveis, e consta de muitas carvalheiras, dando pasto a bastante gado, que alli se cria, e a innumeraveis colmeias para a producção do mel.

Algáres. Principia esta serra a descobrir-se uma legua distante da villa de Grandola para a parte do Levante, e continuando contra o nascente vai acabar, onde chamam o castello velho pelo espaço de duas leguas. É quasi toda minada por baixo, e foi d'onde os romanos extrahiram bastantes riquezas. Fica sobranceira ao rio Corona, que separa pelo meio os termos de Grandola e Alvalade. A *Corografia Portugueza* no

(1) Sousa na Histor. de S. Domingos part. 3. liv. 3. cap. 20.

tom. 3. *pag.* 336 refere outras circumstancias d'esta serra, da qual não trata o Diccionario Geografico.

Alpedreira. Fica no arcebispado de Evora e se communica com a serra de Portel. É secca e esteril. Cria muito lobo pelas concavidades que tem; e em algumas partes se cultiva com trabalho para sementeira de centeio.

Alqueidão. É da Estremadura, e fica no territorio de Leiria. A sua temperie é fria. e em parte se cultiva trigo, milho e linho. Cria tambem alguma caça miuda.

Altar de Trevim. É uma serra, que fica no termo da Lousã, demasiadamente aspera e empinada, de cuja eminencia se avistam muitas villas e lugares, que causam aos olhos agradavel perspectiva. Tem muita caça, e cria porcos montezes e lobos, não sem prejuiso dos gados, que por alli pastam.

Alvão. Na provincia Transmontana, e na comarca de Guimarães. É fria e no inverno cheia de neve. Cria muito lobo e muito mato rasteiro; cultiva-se em partes, e tem caça de perdizes, coelhos e lebres.

Alvayazere. Fica junto á villa de seu nome no bispado de Coimbra. É serra aspera e pedregosa com quatro leguas de comprido. Cria muito alecrim, e por isso o muito mel, que as abelhas fabricam da sua flor é o mais estimavel. Está aqui uma grande gruta mui espaçosa, onde se entra, e onde nasce agua capaz de se beber. Suppõem-se que seria habitação dos romanos, segundo vestigios, que no cimo da serra se descobrem.

Airó. Esta serra, que fica a um lado da villa de Barcellos, tem bastante eminencia, e no mais alto se estende uma planicie banhada por diversas fontes de bella agua, onde ha uma ermida com uma devota imagem da Senhora da Fé. Em outro tempo se denominava monte aureo, de que se derivou o nome, que tem presentemente a serra. Em pouca distancia da dita ermida ainda existem as ruinas de outra dedicada a S. Silvestre, obra do servo de Deus Joanne o Pobre, natural de Catalunha, varão penitente e virtuoso, que ali viveu solitario e morreu com signaes de predestinado.

Na raiz d'esta serra, encostado ao norte está o convento de Villar de Frades, hoje dos conegos seculares de S. João Evangelista, e antigamente dos monges de S. Bento, onde aconteceu aquelle prodigioso caso a um monge, que reflectindo sobre as palavras de David no Psalmo 89 onde diz: *Que mil annos diante de Deus são como um dia que passou*, se foi contemplando atraz da harmonia de um passarinho, que com a suavidade da sua voz o enterteve extatico na cerca do convento o espaço de sessenta annos, sem ser visto, nem achado de ninguem; dando-lhe Deus a entender pelo engodo transitorio d'aquella ave canora, quanto na sua adoravel presença as eternidades de gloria, parecem instantes, como bem diz o doutor Villas Boas, que refere este caso na Nobiliarquia

*

Portugueza cap. 9 e o Agiologio Lusitano tom. 1.º Toda esta serra é fertil de pastos e arvores, em que se dá o melhor vinho de enforcado que d'este genero ha no reino.

Amarella. É serra do Minho mui despenhada, e quasi principio da do Gerez. Descobrem-se da sua maior altura muitas povoações distantes, e do mar oceano quanto a potencia da vista póde alcançar; alargando-se tambem a vista até grande parte de Galiza, que lhe serve de termo. Cria muito lobo cervaz e javalizes, que damnificam os gados, por cujo motivo os moradores dos concelhos alli proximos lhes vão fazer montaria em tempos determinados por obrigação.

Amoreira. Fica na provincia da Estremadura, e nos limites de Odivellas, de cujo cume se descobrem por todas as partes muitas povoações. Todo o seu mato são fetos, e consta de excellentes pedreiras negras para alvenaria, d'onde se extrahe muita parte para varias obras de primor.

Anciam. Tem seu assento na Beira entre as villas do Rabaçal e Pombal, e corre de Thomar até Coimbra. Em algumas partes é mais eminente, que em outras, mas sempre de vista alegre, pois cria muito alecrim e variedade de boninas, e outras flores, que servem de pasto aos muitos enxames de abelhas, de que fabricam excellente mel. Dizem que fôra habitada pelos mouros, de que ha ainda alguns vestigios. Aqui se vê uma grande lapa chamada *Algar da agua* aberta em um penhasco tão espaçosamente, que podem caber dentro quinhentos homens. Cria tambem abundancia de perdizes, coelhos, lebres e raposas. O author da Corografia chama a esta serra a Carreira. (1)

Araceli. É uma serra do Alemtejo no arcebispado de Evora, que tem meia legua de comprido, despovoada, e que em algumas partes admitte cultura. O seu mato é rasteiro, e n'elle se criam ervas medicinaes, a agrimonia, a douradinha, e com especialidade o arbusto Daro, de cujas bagas se faz azeite muito bom para as luzes, e tambem para o prato, e tem particular virtude para as dores de flatos. Ha aqui muita caça de toda a casta, e muitas colmeias de abelhas, de que se tira bastante mel. No cimo da serra se logra uma boa vista desafogada, e se adora a imagem da senhora com o titulo de *Araceli*, que deu nome á serra.

Arada. Serra junto ao concelho de Lafões, que terá tres leguas de comprido. Tem grandes despenhadeiros e perigosos. Na planicie da sua maior altura, que é espaçosa, está o lugar da Coelheira. Consta toda esta serra de mato real, onde se cria muita caça, até aguias, e ervas medicinaes,

Arga. Chama Ptolomeu a esta serra Promontorio Avaro. (2) Divide ella os termos de Vianna, Ponte de Lima, Coura e Caminha, e deu ter-

(1) Monarq. Lusit. tom. 1. na Geogr. Resende liv. 1. de Antiq. Corograf. Port. tom. 2. pag. 89. (2) Ptolom. lib. 2. Geogr. tab. 2. Corograf. Portug. tom. 1. p. 282. Argote de Antiq. Bracar. lib. 1. cap. 3. e nas Memor. de Braga tom 1. lib. 1. cap. 10.

reno antigamente a um convento Benedictino entre as densas matas do seu ambito, o qual hoje é paroquia, cujo reitor assiste em Filgueiras. Tem esta serra cousas muito especiaes, que mais extensamente se podem ver na Corografia Portugueza e no Diccionario Geografico. (1)

Arrabida. É esta serra uma aspera montanha da Estremadura, que corre direita de nordeste a sudueste no mais desabrido d'ella pelo espaço de duas leguas, e continua mais tres até o cabo de Espichel por sitio menos agreste, fazendo varias quebradas. Fica-lhe na raiz para a banda do norte o sitio de Azeitão; para a parte do sul as praias do Sado. Olhando de cima para o mar oceano se vê Cezimbra á mão direita, e Setubal á esquerda: e d'esta mesma parte quasi no meio da serra, está o convento dos padres Arrabidos da mais estreita observancia franciscana, mui penitentes, e onde viveu muitos annos S. Pedro de Alcantara.

Conforme diz Gaspar Barreiros (2) o nome de Arrabida é derivado da antiga *Arabriga*, que Ptolomeu e Ortelio situam com igual demarcação perto da dita serra; e mostra ter mais probabilidade que o, que dizem o doutor Alvaro Gonçalves de Camões, a quem seguem fr. Antonio da Piedade, e João de Brito de Mello, (3) os quaes a derivam do nome *Errabundus*: porque os, que subiam a esta serra, sempre erravam o caminho. O padre fr. Francisco Gonzaga diz, (4) que os mouros, quando aqui habitaram, lhe pozeram este nome, que no seu idioma significa o mesmo que oratorio, ou lugar solitario e proprio de fazer penitencia.

Os romanos chamaram a esta serra *Promontorio Barbarico*; ou, porque os seus habitadores chamados Sarrios levaram d'aqui para Roma muita grã, de que a serra abunda, com a qual os romanos tingiam os seus vestidos, a cuja côr encarnada davam o nome de barbara, e aos conductores barbaros, como diz André de Resende; (5) ou, porque os povos, que primeiramente aqui viviam, tinham costumes barbaros e rusticos, como observa fr. Bernardo de Brito e Florião do Campo. (6)

Na bella descripção d'esta serra, que vem no Diccionario Geografico, se diz, que á sua vertente, onde se erigio a torre de Outão, se chamou antigamente o Promontorio de Neptuno; e que se presume havia alli templo dedicado áquella falsa divindade, segundo uma estatua de bronze com varias inscripções, e outros nobres vestigios, que se descobriram, e hoje se não acham pela barbaridade dos que fizeram pouco caso d'ellas.

De muitas cousas notaveis é fertil todo o corpo d'esta montanha, que os estreitos limites, a que me cingi, me não permittem relatar com miudeza. Os desejosos de maiores noticias podem ver o primeiro tomo

(1) Corograf. loc. supr. citat. Cardoso Diccion. Geogr. tom. I. (2) Barreir. na Corograf. pag. 62. Santuar. Marian. tom. 2. pag. 465. (3) Piedad. Chron. da Arrab. part. I. liv. I. cap. 5. Brito de Mello Chron. da Arrab. m. s. p. I. c. 6. (4) Gonzag. de Origin. Relig. Seraph. part. 3. pag. 1123. (5) Resende lib. I. de Antiquit. pag. mihi 37. (6) Monarq. Lusit liv. I. c. 28.

da Chronica da Arrabida do padre fr. Antonio da Piedade, que no cap. 5.º faz uma descripsão d'esta serra extensamente, posto que em estylo mais poetico do que historico. Excede a todas as descripções, a que vem no primeiro tomo do Diccionario Geografico de Portugal feita pelo padre Antonio dos Reis, da Congregação do Oratorio, e que publicou seu irmão o padre Luiz Cardoso. Não nos esqueçamos porem da admiravel circumstancia de ser toda a serra limpa de bichos venenosos; nem da pedra, que d'aquí se extrahe, salpicada de côres diversas, que á maneira de remendinhos pardos, brancos, vermelhos, e negros a esmaltam e matizam galantemente. D'ella se fabricou o exquisito retabulo ou frontaria exterior da igreja do Hospital Real no rocio de Lisboa, presentemente arruinado e extincto.

Atalaya. Ha no reino tres serras com este nome: duas na Estremadura, e uma na Beira. A que fica no termo de Pombal, consta de canteiras de excellente pedra. e admitte cultura e criação de alguma caça. A que se vê junto da freguezia de Santo Estevão das Galés, tem um quarto de legua de comprido, e toda de admiravel vista. É regada com algumas fontes, que nascem alli mesmo, e dá terreno para habitação de dois lugares, e pasto para os seus gados. Cria com especialidade muita erva medicinal, e outros varios fructos e caça A da provincia da Beira fica no termo de Trancoso, e é mui destemperada, mas abundante de lenha e caça miuda.

Barregudo. É uma serra, que fica no termo de Torres Vedras, e que na distancia de tres leguas caminha a entestar com a de Montejunto. Adquire nomes differentes segundo os sitios. No de Penedos negros se encontram varias pedrinhas miudas, mui resplandecentes; e uma casta de areia mui brilhante. Dá passagem ao rio Sizandro, e se deixa cultivar com utilidade: produzindo tambem caça rasteira e do ar.

Barris. É um braço da serra da Arrabida, que fica ao poente da villa de Palmella. Abunda de aguas com boa qualidade, e cria muitas ervas medicinaes e a finissima grã, sendo todo o seu terreno um admiravel composto de alegre divertimento para os passageiros, a quem suavisam tambem muito a continua harmonia dos passaros, que por alli se criam.

Besteiros. É uma serra aspera e cheia de penedia escabrosa pela distancia de uma legua no bispado de Viseu, onde se acha uma fonte de agua tão fria, que não se póde aturar n'ella a mão. Cria mato rasteiro, e se lhe cultiva centeio e milho, que o produz em abundancia. Pastam n'ella muitos rebanhos de gado miudo e grosso.

Bornes de Monte mel. Fica no termo de Braga, e tem duas leguas de comprido. Recebe muita neve em tempo de inverno. O mais especial d'ella é ser tão alta, que se descobrem do sitio chamado Miradouro, povoações de treze bispados.

Borralheira. Dão este nome a uma serra, que com bastante emi-

nencia se levanta junto da villa da Ponte, comarca de Pinhel. No mais alto está uma ermida de Santa Barbara, que a camara da villa mandou edificar por causa dos muitos raios e coriscos, que alli cahiam, os quaes depois da ermida erecta nunca mais offenderam o sitio, nem atemorisaram aos moradores. (1) O Diccionario Geografico, não fazendo menção d'esta serra, dá noticia de outra com o mesmo nome na provincia de Traz os Montes, e na freguezia de S. Pedro de Paradella, e não tem cousa notavel.

Bussaco. Jaz esta famosa serra na provincia da Beira, e é parte da serra da Estrella. Dista de Coimbra tres legoas para o nordeste, e meia da villa de Vacariça. Lança-se de nascente a poente pelo espaço de tres leguas, e do seu cume se descobre grande parte do reino; porque para o lado oriental se avistam as serras da Estrella e a de Castello Rodrigo, que lhe ficam na distancia de trinta leguas. Para a parte do Meio dia se vêem as serras de Minde e de Marvão, que lhe ficam quarenta leguas distantes. Para o norte se divisa a serra de Grijó, affastada quinze leguas; podendo-se livremente da sua altura apontar com o dedo para terras de sete bispados, estando os dias claros.

Tres etymologias assigna fr. João do Sacramento (2) ao nome d'esta serra, das quaes a mais verosimil é, por haver na sua raiz um convento de Religiosos Benedictinos, erecto em memoria da cova de Sublaco, que aquelle grande patriarcha escolhera para sua primeira habitação, e que de *Sublaco* vieram a alterar a palavra, vertendo-a em *Bussaco.*

N'esta alta montanha se criam finissimos marmores, toda a casta de arvoredo, plantas, flores e ervas medicinaes, regadas com muitas fontes de excellente agua artificiosamente conduzida e repartida por engenhosa industria do memoravel bispo de Coimbra D. João de Mello. Sobre tudo dá terreno ao devotissimo convento de Carmelitas Descalços, que exercitam aqui, como os Anacoretas da antiga Thebaida, a vida contemplativa. (3)

Cabreira. Fica na provincia de Traz os Montes, e tem duas leguas de comprido. É demasiadamente fria por causa da muita neve, que recebe de inverno. D'ella nascem varios regatos, de que se forma o rio Ave. Avistam-se da sua maior altura as praias do oceano para a banda de Fão e Esposende. Ha no reino outras serras d'este nome, de menos consideração, que se podem ver no Diccionario Geografico do padre Luiz Cardoso.

Cantaro. No mais alto da serra da Estrella se levanta uma eminente pyramide formada de rochedos calvos e escarpados, a que chamam serra do Cantaro; porque, segundo diz o padre Carvalho na sua Corografia (4) costumavam os antigos senhores da villa de Carvalho, que lhe fica situada

(1) Santuar. Marian. tom. 3. pag. 255. (2) Chron. dos Carmel. Descalç. part. 2. liv. 4. c. 13. (3) Idem tom. 2. pag. 76. Bened. Lusit. tom. 2. pag. 283. Corogr. Port. tom. 2. pag. 69. Diccion. Geogr. de Cardos. tom. 2. (4) Corogr. Portug. tom. 2. pag. 76.

nas suas raizes, ter prompto um cantaro de agua para beberem os passageiros, que por alli passavam. Cria-se n'esta montanha a herva Argenciana, ou a Argenteira, boa para as febres. O mais, que ha n'esta serra, diremos quando tratarmos da lagoa *Escura*.

Caramullo. Fica esta serra quatro leguas distante de Vizeu, e diz o author da Corografia Portugueza, que alguns lhe dão o nome de Besteiros, e antigamente lhe chamavam o Monte de Alcoba. No mais alto d'este outeiro, que é todo composto de penedos uns sobre outros, ao modo de columna, está uma planicie, em que podem caber trezentos homens, e d'elle se descortina quanto a vista póde alcançar, excepto para o oriente, que lh'a embaraça a serra da Estrella, d'onde dista doze leguas. Em tempo claro se vem as embarcações no mar, e se ouvem os tiros de artilharia na bárra de Aveiro, estando distante oito leguas.

Carpento. Fica esta montanha no Algarve, de quem se denominou o lugar de Moncarapacho. É aspera por natureza, composta de grandes penedias, e habitação de muitos bichos e lobos. Na raiz d'este monte está um sitio chamado o *Abismo*. É uma cova como um poço de quatro varas de profundo. A este sitio descem os curiosos, os quaes dizem que se descobre lá um boqueirão, pelo qual se entra e caminha por uma mina muito profunda, sem se saber até hoje o seu fim, porque ninguem até agora se animou a descobril-o.

Cintra. Esta serra, que dista de Lisboa cinco leguas, é uma das mais famosas do reino pela composição rara, com que a natureza a organisou; pois consta de calhaus tão grandes, que alguns teem vinte pés de diametro, postos uns sobre outros como se fossem montes de nozes; mas com tal ligação, que parecendo estarem ameaçando eminente ruina, elles se sustentam no seu natural equilibrio. No cume da serra se descobrem vestigios de antiga fortificação com cinco torres arruinadas, que se suppoe ser fabrica de Mouros. Em tempo dos romanos foi chamada esta serra *Promontorio da Lua*, d'onde Camões veio a dizer:

E nas ssrras da Lua conhecidas
Subjuga a fria Cintra o duro braço.

Teve principio este nome desde que os habitadores gentios d'esta serra determinando dedicar a Octaviano Augusto um templo, que o imperador não quiz acceitar, elles o offereceram como idolatras ao sol e á lua; e, porque a esta chamavam *Cynthia*, se derivou d'ella o nome de *Cintra*.

De Cynthia *tomou* Cintra *celebrada*
O nome que em rochedos é famosa.

Disse Gabriel Pereira; e Francisco Botelho no seu Alfonso:

Diola nombre um gran templo, que aun expone
De Cynthia tan magnifico, y notable,
Que ser pudo d'el risco ala oportuna
Casa del Sol el templo de la Luna.

D'isto ha memoria em varios cippos, que n'este sitio se descobriram, referidos pelos nossos escriptores, de que daremos noticia, quando tratarmos d'esta villa. Só quero advertir que o insigne Damião de Goes n'aquella admiravel Descripção de Lisboa, que fez em latim, confunde o Montejunto com a serra de Cintra. (1) E o nosso grande poeta Francisco Botelho erradamente dá a esta serra o nome de Promontorio *Artabro*, (2) o qual, conforme o melhor parecer dos geografos, é o cabo de *Finis terrœ*. Quem quizer mais largas informações d'esta serra, leia os authores abaixo nomeados. (3)

Estrella. Existe esta serra na provincia da Beira, e foi antigamente conhecida com o nome de monte *Herminio*, que queria dizer aspero e intratavel. (4) Hoje conserva o de Estrella, porque dizem ter no mais alto um penedo do feitio de estrella. É esta serra um ramo dos Pyrineus, deduzido d'aquelle grosso e grande braço, que aparta Castella velha de Castella nova: está continuamente coberta de neve, que por isso disse um nosso poeta: (5)

Que é de Herminia senhor serra nevada,
Onde o quente verão nunca começa.

Para a parte do poente se despenha com escabrosos precipicios sobre as villas de S. Romão, Valezim, Loriga, e Arouca da serra, que lhe fica nas raizes: da parte do sul fica a villa da Covilhã: do sueste as de Manteigas e Balhelhas: do nascente a cidade da Guarda: do norte as villas de Linhares, Mello, Gouveia, Santa Marinha e Ceia. D'esta serra nascem os três celebrados rios Zezere, Alva, e Mondego, perto uns dos outros, e se encaminham a tres differentes partes.

Falperra. Fica esta serra servindo de atalaia á villa de Aguiar da Penha, que lhe nasce das raizes, e se utilisa das fertilidades do ameno valle em que existe. (6)

S. Gens. Pouco distante da cidade de Braga corre esta serra, que tomou o nome de uma ermida antiga, a qual ainda está no alto d'ella,

(1) «Mons vero Tagrus, cujus Varro meminit, meo quidem judicio ille idem est, quem nos Sintreum vocamus, & á quo Lunae promontorium in mare prorumpit millia passuum ab Olisipone plus, minusve, quod nostris hodie ROCHAM appellari placuit, &c.» Goes tract. de Olisipone. (2) Botelho no Alfonso l. I. est. 7. da impress. de Roma. (3) Resend. lib. I. de Antiq. Monarq. Lus. liv. I. c. 22. e liv. 5. c. 15. Duart. Nun. Descripc. de Portug. c. 10. Faria sobre a Ode I. de Cam. Franc. d'Almeida Jordão em especial relação que imprimiu d'esta serra no ann. de 1748. (4) Monarq. Lusit. t. 1. liv. 4. cap. 1. Esperança tom. 1. da Chronic. p. 421. Resende de Antiq. lib. 1. (5) Maced. no Olisip. cant. 4. est. 11. (6) Carv. Corogr. Portug. tom. I. p. 171.

da invocação do mesmo santo, e que dizem fôra edificada por Theodomiro rei suevo. Ao pé d'esta serra se vê o convento de Tibães de religiosos Bentos. Ha outra serra com este mesmo nome no Alemtejo, que é parte da serra de Ossa, e summamente alta. (1)

Gerez. Os antigos chamaram a esta serra *Juressum*, que Antonio de Sousa de Macedo (2) diz ser deduzido dos tres celebres Geriões, que alli habitaram; fabula, a que não devemos dar credito. Principia algumas leguas distante de Braga para a parte do norte, e caminhando encostada ao oriente, entra por Galiza. É de summa elevação e por algumas partes tão aspera que é intratavel: sómente a habitam cabras montezes, javalis, e lobos, sendo que por algumas partes é aprazivel. O padre D. Jeronymo Contador de Argote faz d'este monte dois especiaes capitulos. (3)

Guardunha. Em distancia de cinco leguas da serra da Estrella, e em sete de Idanha a velha fica esta montanha cercada de muitas povoações, arvores, fontes, ervas, e fructas deliciosas. A palavra *Guardunha* é arabica, e significa refugio ou guarda da Idanha; porque sendo os moradores d'esta povoação expulsos pelos mouros, se foram refugiar a esta serra para se defenderem d'elles. (4)

Hermello. É montanha do Minho, que tem uma legua de alto. e no cume ainda apparecem vestigios da cidade do Marão, quartel de Decio Bruto.

Labruja, ou laboriosa pelo trabalho que causa aos caminhantes. Fica esta serra na estrada real, que vai de Ponte de Lima para Valença. (5)

Lousã. É ramo da serra da Estrella, e muita parte do anno está cuberta de neve. (6)

Marão. Esta serra é uma união de montes altos, que se vão abraçando uns aos outros. Chega ao Douro, e lança o monte de Teixeira e o Entrilho, povoado bastantemente de feras, onde está o grande penedo, que uma criança póde fazer bulir, e tange, quando se bole. (7) Consente o Marão que o rio Douro o atravesse; e posto já na provincia da Beira, se chama Serra de Almofala, Monte de Muros, Serra de Touro, Serra de Pera, Serra de Fragoas, de Manhouce, de Besteiros, de Cantaro, de Miranda, do Espinhal, e montes de Penela, onde se une com a serra da Estrella; e chamada serra de Ancião e de Albardos, se precipita no mar desde a rocha de Cintra. (8)

Marvão. Esta serra é o Herminio menor, onde ha minas de ouro e de chumbo, e ainda se vêem ruinas da cidade Meidobriga, se havemos de dar credito a Resende. (9)

(1) Corograf. Portug. tom. 1. pag. 168. e tom. 2. pag. 447. (2) Maced. Olisip. cant. 2. est. 18. (3) Argot. Antig. de Brag. p. 372. (4) Santuar. Marian. tom. 3. p. 59. Corogr. Portug. tom. 2. p. 412. (5) Corogr. Port. tom. 1. p. 204. (6) Leit nas Miscelan. pag. 15 (7) João Salgad. nos Success. Milit. p. 106. (8) Sousa, Chronic. de S. Dom. part. 3. pag. 189. (9) Resend. liv. 1. de Antiquitat.

Minde. Na villa de Porto de Mos se prolonga esta serra do norte para o sul, e da parte meridional nasce um pequeno rio, que faz sua corrente para o norte. Fr. Bernardo de Brito (1) não distingue esta serra de outra chamada Albardos, de que tambem se lembra Manoel de Faria. (2)

Monchique ou *Monsico*. Levanta-se no Algarve com eminencia tal que excede á de Cintra. É fertil e aprazivel, com abundancia de agua admiravel. Corre de oriente a poente, d'onde se descobre a maior parte do campo de Ourique e do oceano, servindo de signal aos navegantes para demandarem seguramente a nossa barra; de sorte que principia de Castro Marim, e finalisa junto de Aljezur. Alguns authores lhe dão o nome de *Sico*, ou secco por antifrase. Resende diz que é braço da Serra Morena. (3)

Monte do figo. No Algarve junto do lugar de Moncarapacho existe esta montanha meia legua distante para o norte. É de aspera subida, em que se gastam algumas horas, por ter quasi um quarto de legua. Em cima tem uma admiravel planicie com muitas aguas e arvores de todas as castas silvestres e fructiferas. Sobre esta planicie se levanta outro monte, a que se sobe com maior difficuldade, e no cume está uma cruz e uma cova d'onde se tira muita terra por devoção, e para remedio de varias enfermidades, porque affirmam que apparecera alli o archanjo S. Miguel, o qual é venerado em uma ermida do seu nome, que por este motivo os fieis lhe edificaram. É este monte o primeiro que avistam os navegantes, que vem das Indias de Castella, muitas leguas ao mar, por ser de immensa altura.

Montejunto. Duas leguas e meia de Alemquer contra o norte se estende esta serra, a que antigamente chamavam monte *Tagro*, de que talvez se originaria o nome de *Tagarro* a uma povoação edificada nas suas visinhanças. (4) Dizem alguns. (5) que é a mais alta serra de Portugal, e que terá de circuito mais de quatro leguas, e de altura meia legua. No alto é terra fertil, e ha duas lagôas de boa agua. Venera-se uma ermida de Nossa Senhora das Neves, e o primeiro convento dos religiosos Dominicos n'este reino, que fundou o veneravel fr. Sueiro Gomes. (6)

Das eguas, que por esta montanha pastavam e concebiam do zefiro, escreveram maravilhas os antigos. e ainda modernos, (7) e em outra obra (8) nós o reprovamos, como fabula originada da grande velocidade

(1) Monarq. Lusitan. liv 11. cap. 30. e na Geogr. cap. 2. (2) Far. Europ. Port. tom. 3. part. 3. cap. 6. (3) Resend. lib, I. Antiquit. Vide Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 654. Far. no Epitom. part. 4. cap. 9. Diccionar. Geogr. tom. I. verb «Algarve.» (4) Fr. Luiz de Sousa, Histor. de S. Dom. part. I. liv. I. cap. 12. (5) Far. na Europ. Portug. part. 3. tom. 3. cap 6. (6) Santuar. Marian tom. 2. p 215. (7) Plin. Columel. e outros apud. Mayol. part. I. colloq. 7. Fonseca na Medic. Lusit. disp 2. cap. 5. (8) Recreação Proveit. part. I. colloq. 4. p. 254. Veja-se tambem Gerundens. no Paralipoem. n. da Histor. de Hesp. lib. I. pag. 6. Kormanni tract. de Virgin. jure cap. 12. Resend. lib. I. Bernard. Florest. tom. 4. p. 267. Maced. Flor. de Hespanh. cap. 3.

e ligeireza, com que correm os cavallos que por esta serra se criam. O mais certo é haver aqui canteiras de finissima pedra e minas de azeviche. (1)

Monte de Minhoto. Junto ao rio Zezere está esta serra, mui alta e povoada de grandes penhascos bastantemente debruçados para a parte do rio. Em cima ha uma ermida de Nossa Senhora da Estrella, e um poço de agua admiravel, porque nunca se sécca. Dizem (2) que antigamente houvera aqui uma azinheira, que em lugar de bolotas dava umas contas a modo de azeviche, as quaes pisadas serviam de remedio para muitas enfermidades.

Monte-Muro. Está junto a Evora, e é parte da serra de Besteiros: os antigos lhe chamaram *Mons Maurus.* Toma grande distancia de terra, mas em si é aspero, e da mesma grosseria, e rusticidade participa a gente, que o habita.

Ossa. Fica esta famosa serra entre Evora, e Estremoz pelo espaço de sete leguas de comprido, e duas e meia de largo. Compõe-se de muitos oiteiros, que parecem montes de ossos, d'onde talvez lhe viria o nome. Manoel de Faria lhe buscou derivação poetica. (3) Comprehende em si muitas terras, o Canal, Evoramonte, Terena, Alandroal, Pomares, Borba, e Villa-Viçosa, regadas todas pela maior parte das perennes fontes, que d'ella procedem.

No mais alto d'este monte, d'onde se descobre quasi todo o Alemtejo, e parte das duas Estremaduras portugueza, e castelhana, está a ermida de S. Gens em uma planicie tão eminente, que ás vezes se vê chover pelas abas da serra, e ella ficar enxuta. Descendo a um val ameno, estão fundados os dois celebres conventos dos eremitas de S. Paulo, e Val de infantes, verdadeira thebaida portugueza.

Tem esta serra tantas fontes, que só em uma herdade do convento se contam mais de oitenta. Ha no meio da serra pé de limeira, que chegou a dar dez mil limas, segundo affirma João Salgado de Araujo, na *Descripção d'esta provincia* pag. 173 v. Descobrem-se tambem n'esta serra minas de pedra de cores escuras, pedras de afiar, enxofre, e almagre.

Pomares. Antigamente se chamou *Monte de Venus.* Está junto a Evora, onde agora se chama o lugar de Pomares. Foi mui celebre pelos trofeos, que o famoso Viriato n'elle levantou. (4) Da sepultura de Lucio

(1) Brit. Geogr. Lusitan. cap. 2. (2) Santuar. Marian. tom. 3. p. 425.

(3) «Es nombre desta horrifica montana
El de la que fue patria de Centauros,
Que contra el Cielo puestos en campana
Amontonaron Oetas, Pindos, Tauros.
El nombre desta finalmente es Ossa,
Que aun aora escalar los Cielos osa.

Faria na 4. p. da Fonte de Aganipe Eglog. 5,

(4) Monarq. Lusit. tom. 1. liv. 4. c. 8. Vasconcel. lib. 5. de Ebor. Municip.

Silo Sabino, de que Resende lib. 3 de Antiq. e a Evora gloriosa pag. 17 fazem memoria, já hoje não ha noticia alguma.

Sandonho. Fica dominando Villapouca de Aguiar, e fronteira de outra serra chamada Falperra.

Estes são os montes, que ha no reino de maior fama. Póde ser que ainda encontremos occasião no discurso d'esta obra, em que demos noticia de outros.

CAPITULO VII

Dos rios, ribeiras, e lagoas mais consideraveis

É tanta a abundancia de rios, que fertilisam, e regam nossas Provincias, que por este motivo deu Estrabo á Lusitania o titulo de feliz. (1) Dos capitaes, e de alguns, que se diffundem n'elles, faremos uma succinta e hydrografica narração pelo mesmo estylo, que vamos observando.

Abbadia. Passando por Alcobaça, vai inundar os campos da villa de Mayorga.

Abrancalha ou *Abrancuida.* É ribeira, que corre distante de Abrantes uma legua para o norte, fertilisando com suas aguas muitos pomares e hortas deliciosas.

Abrilongo. Entra no rio Sévera ou Xévora junto da villa de Ouguella, e cria mui gostoso peixe, por serem suas aguas frigidissimas. Veja-se o que dizemos do Botova.

Agualva. Ribeira, que passa junto da villa de Bellas.

Agua santa. É um grande ribeiro, que nasce da serra de Ossa, e se mette no rio Tera.

Aguas livres. É uma formosa ribeira de abundantes aguas, que corre pela freguezia de Bellas, termo de Lisboa. Em algumas partes é caudalosa, e não se passa sem ponte, como é no lugar chamado Ninha a Pastora, e no forte da Cruz quebrada. São conduzidas estas aguas para Lisboa em soberbo e forte aqueducto, que por ora descreveremos brevemente.

Tem elle o seu primeiro manancial n'esta ribeira em distancia de boa meia legua da ponte, a que alguns chamam de Bellas. A abundancia de agua n'este nascimento por si só vence os tres principaes chafarizes de Alfama, que ha na cidade. Manifestou-se pois este famoso aqueducto para se pôr prompto em 6 de Agosto de 1732; e logo ao principio da ribeira em distancia de 1800 palmos se lhe introduzio uma boa fonte, a que chamam a Fonte santa do leão; e continuando o aqueducto ao lado direito da ribeira, (que logo a atravessou junto ao nascimento, que fica á parte do poente) caminha até avistar a ponte de Caranque, e aqui se

(1) Strab. apud Resend. lib 2. de Antiquit. tit. de Flumin. Duart. Nun. Descripç. de Port. cap. 21.

aparta da mesma ribeira para o lugar da Porcalhota, encostando-se ao outeiro de S. Braz.

N'este progresso vai mais para diante recolher a agua, que lança a fonte chamada de S. Braz para a parte da Porcalhota, e logo atravessa por baixo da estrada junto á quinta do Galvão proximamente á ermida de Santo Antonio da mesma quinta, d'onde salvando sobre uma ponte a ribeira, que passa por dentro da dita quinta, se inclina a buscar a raiz do lugar da Fragosa; e continuando pela mesma encosta até o lugar de Calhariz, fronteiro á freguezia de Bemfica, se vai prolongando por defronte do convento de S. Domingos até o monte, que chamam das tres cruzes, d'onde se passa a ribeira de Alcantara para se introduzir no Bairro alto, recolhendo por este caminho (que é o da mais baixa nivelação, que permittia o calice, em que a agua deve cair no dito bairro) varias fontes, que se vão encontrando, e descubrindo nos alicerces da mesma obra.

A fórma d'este aqueducto é de um corredor, ou mina artificial de sete palmos de largo e quatorze de alto, a que não chegou algum dos aqueductos romanos. Tem pelo meio um passeio de tres palmos de vão, fabricado de finissimo lagedo, e a cada lado um encanamento de marmore, que recebem ambos quarenta e duas manilhas de agua em palmo e meio de bocca, e palmo e quarto de alto.

Uma das cousas singulares d'este aqueducto é vir correndo a agua horisontalmente por estes encanamentos sem declividade alguma; mas esta se lhe vai dando a certas distancias por linhas perpendiculares, como por degraus de escada, para total segurança e conhecimento do quanto se sobe, ou desce; cousa que tambem não se acha executada em aqueducto algum. D'esta sorte conduzidas á custa do povo, ainda que perdem o antigo nome de aguas livres, mereceram outro maior e mais conhecido na utilidade publica de uma tão populosa cidade, e na graça de um tão inclyto monarcha, para cujo ardor em sollicitar a commoda conservação de seus vassallos ainda é pouco todo o manancial d'esta ribeira.

Os romanos, quando Lisboa era seu municipio, intentaram introduzir-lhe estas aguas por aqueductos subterraneos, abrindo a este fim muitos rochedos; e entre as penedias asperissimas de dois montes, que n'aquelle sitio existem, fizeram um muro larguissimo e forte, que lhe servia para represar a agua de um valle em uma lagôa, em que traziam bateis, como diz Francisco de Ollanda em um tratado manuscripto, intitulado: *Fabrica, que falta a Lisboa*, o qual vimos, e se conserva na livraria do excellentissimo conde do Redondo.

Tambem o senhor rei D. Manuel determinou encaminhar estas aguas para Lisboa, e que corressem na praça do Rocio. Para isso mandou fazer ao allegado Francisco de Ollanda o desenho de um chafariz, que nós vimos e constava da figura de Lisboa em cima de uma columna cercada de quatro elefantes, que pelas trombas expulsavam a agua. Estes

desejos não tiveram effeito, nem ainda em tempo do infante D. Luiz, que tanto apeteceu conduzir esta agua para a ribeira das naus, em fórma que as da India d'ella fizessem as suas aguadas. Consta tambem pelo que diz Luiz Marinho de Azevedo, que o senado de Lisboa tinha junto para a obra d'esta conducção mais de seis centos mil cruzados, os quaes se divertiram nas festas, que se fizeram com a entrada de Filippe III. Todos estes embaraços estiveram esperando pela providente resolução d'elrei D. João V para fazer mais feliz o seu reinado, escolhendo e approvando para a sumptuosidade d'esta fabrica o risco e desenho do brigadeiro Manuel da Maya, que por sua sciencia, engenho, e outros attrativos de bondade merece immortaes elogios.

Agueda. N'este reino ha dois rios d'este proprio nome: um, que passa por Agueda, e este é o *Emineum* dos antigos, que vai morrer em Aveiro: outro, que divide Portugal de Castella na comarca de Riba-Coa. Nasce na serra da Estrella, passa pela Ciudad Rodrigo, vai á ponte da villa de S. Felizes, d'onde a pouco espaço por entre altos montes em Vilvestre entra no Douro.

Aguilhão. Nasce na serra do Marão formado de tres fontes, e com arrebatado curso se mette no rio Corgo. Cria muitos e gostosos peixes, especialmente bordallos, que se apanham aos cardumes. Pelas margens ha copia de arvoredos e vinhas, que fazem toda a sua corrente agradavel e amena; dando que fazer a mais de vinte açudes, deixa-se atravessar por tres pontes de pau, e uma de cantaria.

Alborrel. Nasce na serra de Portalegre. Vem circulando Aremanha, e divide Portugal de Castella. N'elle se pescam gostosos barbos.

Alcantara. Esta formosa ribeira quasi que cerca Lisboa, e se mette no Tejo pela parte do poente. Luiz Mendes de Vasconcellos no livro, que compoz, intitulado: *Sitio de Lisboa*, mostra de quanta utilidade seria communicar-se este rio com o de Sacavem, do qual não dista mais que legua e meia, para que ficando dentro d'este circulo Lisboa, conseguisse o mais seguro e fertil terreno, que houvesse no mundo. N'este sitio está a fabrica real da polvora reedificada por Antonio Cremer.

Alcaraviça. É ribeira, que corre pela aldeia chamada dos Gallegos no termo da villa de Borba, onde tem seu nascimento em duas fontes tão abundantes de agua, que fazem moer muitas azenhas.

Alcarabouça. Provê este rio de bastante peixe a villa de Ficalho, por onde corre quatro leguas distante de Serpa.

Alcarapinha. Corre junto a Elvas, e nasce na serra de Aviz. Suas aguas augmentam muito a ribeira de Coruche.

Alcarque. Conforme a Geografia Blaviana é rio, que no seu Mappa vem assignado na provincia do Alemtejo.

Alcarrache. É uma ribeira, que nasce em Castella na serra de Santa Maria, e vem sair ao termo de Mourão, trazendo de jornada quinze leguas; até que engrossada sua corrente com as aguas de outros ribeiros,

e fazendo trabalhar muitos moinhos, vai morrer no Guadiana. Pescam-se n'elle excellentes e grandes barbos, e outros peixes mais miudos: e se vadeia por duas boas pontes de pedra.

Alcoa, antigamente *Coa*. É o que unindo-se com o chamado *Baça*, deu nome ao sitio de *Alcobaça*, onde os religiosos Bernardos teem o famoso e magnifico templo, que alli fez edificar o santo rei D. Affonso Henriques.

Alcofra. É rio caudaloso da Beira no termo de Lafões, e que se mette no Alfusqueiro. As suas margens estão cheias de carvalhos e castanheiros enlaçados com muitas vides, de que se faz o bom vinho de embarrado. Cria saborosas fructas, e se deixa vadear por quatro pontes de pau.

Alemquer. Nasce ao pé da serra de Montejunto, e caminhando norte sul o espaço de uma legua vem buscar nome á villa de Alemquer. Aqui fertilisa as suas quintas e hortas com a abundancia de suas aguas saudaveis, e aos seus moradores com a copia das suas trutas, barbos e bogas: até que incorporado com o rio de Ota se mette no Tejo, junto de Villa Nova da Rainha.

Alferradede. É ribeira, que rega muitos pomares e hortas do termo da villa do Sardoal, e vai morrer ao Tejo.

Alfusqueiro. Passa este rio junto do lugar dos Ferreiros, termo da villa de Vouga, e tem uma grande ponte de um só olhal, muito alta, fabricada de cantaria. Discorre tambem pela villa de Assequins, e vai descançar no rio Vouga.

Algés. Nasce este rio em um outeiro, que fica defronte do lugar de Monsanto, termo de Lisboa; e augmentado com as aguas de um regato que brota por cima de Outorella, entra a fertilisar a quinta das Romeiras até ir mergulhar-se no mar pelo pé do forte da Conceição, onde está uma ponte de pedra, que parte com a nobre quinta do duque de Gadaval.

Algodea. Banha e fecunda esta ribeira as hortas e pomares, que ficam fóra da villa de Setubal; depois entra no Sado.

Alja ou *Alje*. É uma caudalosa e arrebatada ribeira, que discorre pela villa de Arega, cinco leguas de Thomar, e se vai esconder no rio Zezere. Pescam-se n'elle excellentes trutas, e outros peixes mui gostosos. Os antigos lhe chamavam ribeira fria.

Almaceda. É rio, que cerca a villa de Sarzedas, e entra no Ocreza sempre arrebatado.

Almansor. Divide esta ribeira do Alemtejo os limites da freguezia de Nossa Senhora da Repreza, dos de Santa Sofia; e chegando até o termo de Montemór o Novo, onde troca o nome pelo de Canha, se esconde no Tejo perto de Benavente; deixando com a benignidade das suas aguas ferteis os pomares e as terras, por onde passa.

Almonda. Tem sua origem este rio na serra d'Aire, legua e meia

da villa de Torres Novas. São as aguas no seu nascimento e matriz, tão claras, e é tanto o peixe que se cria n'ellas, que ainda que o pégo é fundo, se está vendo de cima das barreiras andarem a saltar: por isso é aqui mui aprazivel a pescaria. Os romanos acharam n'este rio muita semelhança com o Mondego, por cuja causa lhe chamaram *Alius munda*, d'onde se originou com pouca corrupção *Almonda*. Mette-se no Tejo junto do lugar da Azinhaga, como bem o diz o reverendo padre Luiz Cardoso no Diccionario Geografico, emendando-me.

Alpiaça. É rio da Estremadura, que nasce perto da villa de Ulme; de inverno corre arrebatado, e cria excellentes barbos e fataças. Mette-se no Tejo.

Alpreade. Nasce esta ribeira na serra da Gardunha, e correndo sempre desassocegada, vai acabar no rio Ponsul, passando por quatro pontes de pedra, e fazendo trabalhar trinta e quatro azenhas, tres lagares e um pizão. Cria muitas trutas e bordallos.

Alva. Este rio tem o nascimento na serra da Estrella; e fazendo logo seu caminho ao poente por baixo de um monte, discorrendo em algumas partes mui claro, vem cercar as villas de Arganil, Coja, Pombeiro, Penalva, Sandomil, Villa Cova de Subavó, e S. Romão, onde tem duas pontes, uma chamada de Peramol, pela qual vai o caminho de Verão para a Covilhã, outra de cantaria lavrada na estrada, que vai para Valezim. Pescam-se n'elle boas bogas, trutas, lampreias, e saveis. Finalmente entrando no Mondego rico de outras ribeiras, acaba no oceano.

Alvar. Nasce esta ribeira na serra de Montemel pela parte do lugar de Covellas; e passando junto da villa de Alfandega da Fé, vem ao lugar de Santa Justa, d'onde caminhando quatro leguas, desagua na ribeira Vellarva.

Alvaro. No termo da villa de Alvaro pela banda do sul tem seu nascimento esta ribeira, que dá o nome á villa; e passando por duas pontes de pedra rodeia o monte da villa, e se mette no Zezere, fazendo parecer aquella povoação uma peninsula.

Alviella. A boa opinião, que fiz da Corografia Portugueza composta pelo padre Antonio Carvalho, me obrigou seguir-lhe as pizadas em muitas noticias, que d'elle tirei, e a elle me refiro. Entre ellas foi a maravilhosa voragem, ou sorvedouro, que diz acontecer nos olhos de agua em a nascente d'este rio de Alviella; mas como o reverendo padre Luiz Cardoso, natural de Pernes, poude examinar melhor esta particularidade, e a reconhece agora no Diccionario Geografico por fabulosa, é justo que eu n'esta segunda impressão do meu mappa, agradecendo-lhe a advertencia melhore a noticia.

Nasce pois este rio nas vertentes da serra do Patello junto do lugar da Louriceira, debaixo de um grande rochedo; e logo em seu nascimento vem com abundancia de peixes, especialmente bordallos, engrossando-se com varios ribeiros até desembocar no Tejo junto ao lu-

gar do Reguengo. Cria outras muitas castas de peixes saborosos em todo o tempo: faz moer muitos moinhos e lagares de azeite; e as suas ribeiras e margens estão cheias de arvoredo silvestre e fructifero, que as fazem vistosissimas. Sujeita-se porem a oito pontes; e dá abrigo a bastante caça miuda de arribação.

Almioso. É uma ribeira da Estremadura, que nascendo pobre no Troviscal, vai desaguar caudaloso no fim da cerca dos religiosos Capuchos da Certã. Cria muitos peixes miudos, e admitte algumas pontes. As suas margens são incultas por fragosas, mas entre as suas areias se acha ouro.

Analoura ou *Anhaloura.* Nasce entre as villas de Borba e Villa Viçosa, rega a villa de Veiros, e misturada com a ribeira de Fronteira, vai engrossar a de Sauzel, e entram ambas por Aviz, até desembocar no Sorraya.

Ancora. As aguas d'este rio, que nascem na serra de Arga, dividem o concelho de Caminha do de Vianna. Dizem que adquirira o nome que possue, desde que el-rei Ramiro II lançara n'elle sua mulher D. Urraca atada em uma ancora para ir mais depressa ao fundo. Authores ha que teem isto por fabula. Morre finalmente no mar junto de Caminha, onde fórma uma pequena barra com o fortim da Lagarteira.

Anços, antigamente *Anceo.* Vem da Redinha banhar a villa de Soure, e dar nome a Villa Nova de Anços; e junto com outras correntes se mette no Mondego abaixo de Coimbra.

Aravil. Nasce junto de Castello Branco, e morre no Tejo. Pelo inverno corre arrebatado, e no verão sécca. É constante levar nas suas correntes algum ouro, e por isso procurado de gandaeiros.

Arcão. Nasce no celebre olho de agua Borbolegão na villa de Grandola, e se mette no Sado acima de Alcacer.

Ardila, ou *Ardita.* É uma ribeira furiosa da villa de Moura. Fazem-n'a opulenta as enchentes das ribeiras Brunhos e Lavandeira. Desemboca no Guadiana, passando primeiro pela villa de Noudar, que a deixa quasi reduzida a ilha, juntando-se com a ribeira da Murtiga.

Arestal. É uma lagôa profunda, que fica na Beira e na serra do seu mesmo nome. Em todo o anno lança agua por todas as partes, e faz nascer d'ella dois ribeiros. Dizem que se communica com o mar.

Arunca. Nasce na ribeira de Gaia, e augmentando-se com as aguas de outras ribeiras, vae correndo até á villa de Pombal pelo espaço de tres leguas, fertelisando de caminho muitos pomares, e quintas. Antes de se metter no Mondego, passa pelas villas de Soure, e Villanova de Anços. No tempo de inverno se infurece, e corre com tanto impeto, que leva comsigo searas, e edificios. Os antigos lhe chamaram Tapiço. (1)

Asturãos. Rio do Minho, que nasce no sitio de Azevosa com muita

(1) Cardos. Agiolog. Lusitan. tom. 1. pag. 305.

humildade, e continuando com a mesma brandura, vae acabar no Lima, deixando de si saudades nas diliciosas, e frescas margens, por onde passou.

Ave. Procede da serra de Agra, e de uma ribeira, a que chamam da Lage; e, unindo-se com um regato ao pé da serra de Cabreira, já com bastante cabedal separa o concelho de Vieira das montanhas de Barroso, e quatro leguas antes de entrar no Oceano, divide o arcebispado de Braga do bispado do Porto. Rega os conventos de Bairão, e de S. Tyrso, e os campos do lugar Celeiró. Tendo recebido abaixo de Guimarães o Vizella, ou Avizella, que passa por Pombeiro, caminha apressadamente por baixo de varias pontes muito boas, e finalmente vae sepultar se no mar por entre a villa de Conde, e Azurara. O padre Vasconcellos, como traductor de Duarte Nunes, o faz erradamente, como elle, nascer junto de Guimarães, como bem repara fr. Leão de Santo Thomaz. (1) Em algumas partes corre com tanta doçura, e suavidade, que obrigou a cantar d'elle Manoel de Faria: (2)

De donde ouvindo estava o som divino,
Que faz correndo o Ave crystalino.

Todas as terras, por onde este rio passa, e vae regando, são diliciosas, e elle abundante de barbos mui grandes, e saborosissimos.

Aviz. E' uma ribeira, que nasce acima de Monforte, e passando pela villa de Fronteira, e outras terras, em que recebe varios riachos, com que se engrossa, chega á villa de Aviz, onde adquire o nome, e passa por uma ponte de boa fabrica, até ir acabar ao Tejo incorporado com o Sarroga, e Divor.

Azibo. Com forças medianas discorre pelos limites da villa de Chachim, sete leguas de Moncorvo. Principia no lugar de Podense, termo de Bragança, e, depois de caminhar quasi sete leguas, vae introduzir se no rio Sabor por cima da ponte de Remondes, limite da villa de Castro-Vicente.

Baça. Este rio, juntando-se com outro chamado Coa, nasce da parte Oriental de Alcobaça, e fazendo volta para o Occidente, rega por grande espaço os fertilissimos campos de Maiorca, e Abbadia, até que junto da villa da Pederneira se mergulha no Oceano.

Balocas. Ribeira, que se mette no rio Alva.

Balsemão. Em distancia de quatro leguas da cidade de Lamego nasce este rio na serra da Rosa, mas elle o não parece; porque, tanto que póde correr, caminha furioso, rompendo, e lavrando pedras com tal estrondo, que ensurdece ainda pelo verão, quando leva menos agua. Vai á ponte de Lamego, atravessando o sitio da maior fertilidade, a que

(1) Fr. Leão, Benedictic. Lusitan. tom. 2, p. 15. Monarq. Lusitan. liv. 14. cap. 5.
(2) Far Font. de Aganip. part. 4. Eglog. 4.

chamam da Ribeira, e se mergulha impetuoso no Douro juntamente com o Barosa, com quem se havia communicado. Antigamente lhe chamavam Unguio.

Barcarena. Nasce esta ribeira nos limites de Bellas, termo de Lisboa, e fertilisando os lugares da Agualva e de Laveiras, aqui se esconde no Tejo por baixo do convento da Cartuxa. Faz trabalhar com a sua agua no sitio de Barcarena a magestosa fabrica da polvora reedificada no anno de 1729 pelo hollandez Antonio Cremer.

Baroza. Nasce este rio de dois principios: um é no monte de S. João de Tarouca, e nasce mui bravo, mordendo pedras até a ponte de Mondim, que muitas vezes derruba. Mais para baixo lhe entra outro braço, que nasce em Barcia da Serra, d'onde chega a Lazarim á ponte de Baroza. Baixa aos campos de Tarouca muito brando, mas com a aprazivel serenidade solapa nocivo terras, e campos muito bons, e os leva. Unido vai a Ucanha adornar a nobre ponte da torre, mui grandiosa, e adiante lhe entra a ribeira de Salzedas, com que em fim morre no Douro.

Barroco. Nasce este rio na serra da Arada em a Beira, e fazendo varias voltas, e passagens, se precipita por entre penhas no escuro pego do Vourão até ir acabar no Vouga. As suas margens são deliciosas pelas grandes sombras de arvoredos, com que convida aos passageiros.

Basegueda, ou *Besadega.* Tem o seu nascimento este rio na serra Marvana, tres leguas distante de Penamacor, onde tem uma ponte de cantaria com cinco olhaes. A sua corrente é mui socegada, excepto no inverno, que corre arrebatada. Cria excellentes trutas, e rega pelas suas margens vistosos e frescos arvoredos; e, deixando-nos saudades com as suas areias de ouro, vai morrer castelhano em o rio Erga.

Beça. É rio do Minho, e nasce em Traz os Montes; corre sempre arrebatado e furioso por penedia, e por isso é infructifera a sua corrente. Depois de caminhar seis leguas se mette no Tamega com bastante copia de boas bogas e trutas.

Bezelga. Nasce junto da villa de Ourem; e correndo mais de legua e meia, vai descançar no rio Nabão por entre Thomar e Cinceira.

Biturim. Entra no Douro pela provincia do Minho.

Borbolegão. É este um celebre olho de agua, que nasce na villa de Grandola, e passa pela natural ponte dos Aivados, que suas mesmas aguas formaram galantemente em uma rocha. Mais para baixo vão tão violentas no sitio chamado Diabroria, que fazem moer a um moinho entre dia e noite moio e meio de trigo. N'este olho de agua, que será do tamanho de uma roda de carro, se lança de alto um homem a pique, e cravando-se n'elle até os peitos, o impeto das aguas o faz vir pouco a pouco para cima, até que arremeça com elle na margem com tanta furia, como se fôra uma leve cortiça. O mesmo faz a qualquer pezado

madeiro, que lhe lançam. Dentro n'elle se ouve estrondo como o que faz na costa o mar bravo. Finalmente vai morrer no oceano pela villa de Sines.

Botova. O nascimento d'este rio é nas serras de Albuquerque, e se augmenta com as enchentes do Xévora, que nascendo ao pé da serra de S. Mamede, e correndo pelos penhascos do monte chamado dos Sete, passa por S. Julião da Codiceira, onde recolhe as aguas do Abrilongo. D'esta sorte juntos vão communicar-se com o Guadiana á vista da cidade de Badajoz. D'este rio faz menção Antonino em o seu Itinerario com o nome de *Budua.*

Brescos. Na freguezia de Santo André, termo da villa de Santiago de Cacem, existe esta lagoa, que tem de circuito meia legua, cujo especial peixe, que d'elle se tira em abundancia, se arrenda todos os annos. Muitas pessoas distinctas vão fazer alli por divertimento suas pescarias. Devemos esta noticia ao M. R Padre fr. Francisco de Oliveira, Dominicano, que por carta nos communicou.

Briteiros. Nasce no Minho, na freguezia e coito de Pedralva, e fenece no Ave. No seu principio é pobre, mas enriquecido com varias levadas, se faz rio opulento, cheio de muitas trutas, e escalhos saborosissimos.

Bugão. Tem este rio a sua origem na freguezia de Santiago de villa Chã, termo da villa da Barca, e se mette no Lima arrebatadamente. Todo o peixe, que n'elle se cria, é de admiravel gosto.

Cabrão. É um pequeno regato, que corre pela freguezia de S. Lourenço, termo da villa dos Arcos de Valdevez. Com a pouca enchente, que leva, caminha com arrebatada furia, e passando pela ponte de cantaria, a que chamam do Rodalho, divide as aguas do Lima, onde finalisa. Criam-se n'elle boas trutas, porem tambem não lhe faltam sanguisugas.

Cabrella. É ribeira do Alemtejo, que nasce nas Silveiras, termo de Montemór. Recolhe as correntes de outras duas ribeiras chamadas da Safira e S. Romão, que lhe ficam ao nascente, e da parte do norte se engrossa com outras duas, e se mette no mar com o nome de Marateca. O seu curso em partes é furioso, pelo embaraço, que lhe fazem as penedias, por onde corre.

Cachoeiras. Nasce na comarca de Alemquer formado de varios regatos, e vai acabar no Tejo entre a Villa Nova da Rainha, e a Castanheira. Tem duas pontes, uma de pau, outra de pedra no lugar do Carregado.

Cadavai. É ribeira, que fertilisa as hortas no termo da villa do Sardoal, e se mette no Tejo.

Caldo. Corre pela villa de Monte Alegre na provincia Trasmontana, provendo de peixe os seus habitadores.

Cambas. É pequeno rio, que entra no Zezere.

Campanhão. Entra no Douro.

Campilhas. Entra no rio Sadão mui corpulento em Alvalade.

Caná. Faz d'elle menção Macedo. (1)

Canal. É ribeira da serra de Ossa, d'onde procede, e enriquece a ribeira de Tera.

Canha. Rega esta ribeira os valles e os campos de Montemór o novo, e se submette a duas pontes, uma chamada de Alcacere, e outra de Evora, e fenece no Tejo. A esta ribeira foi parar o corpo da gloriosa virgem e martyr Santa Quiteria, da qual a lançaram os barbaros com uma mó de moinho ao pescoço pelos annos 300 pouco mais, ou menos depois de Christo, cujo corpo sendo achado pelos christãos, o foram occultar em uma cova no sitio de Monfurado, para baixo de um monte, onde está uma ermida da invocação de S. Christovão; mas até agora está tão occulto, que nimguem tem dado com elle. Nos fins de Julho de 1738 correu a noticia, que um tal Manoel da Costa Pedreiro, natural da mesma villa, achára muito por acaso a mó, com que a santa foi lançada no mesmo rio. Tinha de diametro dois palmos, e de altura seis dedos, e era de pedra branca com salpicos pretos; mas não se assentou em cousa certa. Veneram-se hoje tres imagens de Santa Quiteria na provincia do Alemtejo. Uma em Montemór o novo, na igreja de S. João de Deos: outra na ermida de S. Christovão: e outra em a nova egreja dos monges das Covas no Altar collateral da parte da epistola, collocada no anno de 1759.

Carbuncas, ou *Cabruncas.* Nasce na serra de Freixedas do bispado de Leiria. Diffunde-se até a villa de Pombal, onde adiante com o Dançcos caminha a Soure, e vai finalisar no Mondego.

Carcedo. Faz menção d'este rio Macedo nas Flores de Hespanha, sem dizer onde nasce, ou por onde corre.

Cardeira. Nasce esta ribeira das vinhas de Beja, e correndo de norte a sul, depois de passar pela ponte de um arco, expira no Guadiana em a freguezia de Santa Catharina de Quintos, termo da mesma cidade de Beja.

Carnide. É uma ribeira, que nasce no termo de Leiria, e vai buscar o Louriçal, onde tem uma ponte, e depois de andar seis leguas, vai morrer no Mondego por cima da barra da Figueira.

Castellãos. Nasce no lugar de Cadraço, que fica no concelho de Guardão, e, correndo por entre montes e penhascos, vem a formar o rio Crins, que se mette no Mondego.

Cávado, a quem os romanos chamavam *Celando*, e Ptolomeu appellida *Cavus.* Nasce nas Asturias, conforme alguns, ou na serra do Gerez, segundo outros; e precipitando-se ao valle para receber outras ribeiras, especialmente o chamado *Homem*, cerca e põe em peninsula as mes-

(1) Macedo nas Flor. de Hesp. cap. 2. excel. 2.

mas terras, por onde passa uma legua de Braga. Rega com suas aguas frigidissimas as villas de Prado, onde tem ponte; os muros de Barcellos, onde tem outra formosa ponte, e vai acabar no mar por entre Fão e Esposende; e de Fão até a barra dá uma volta para o norte quasi do feitio de um C, e n'esta volta quebram muito sua força as marés. Vejam os curiosos as perguntas e respostas, que ácerca d'este rio fez o reverendo padre Argote. (1) Pescam-se n'este rio muitos salmões, relhos, e outra variedade de peixe, e se acham tambem n'elle amethystos, jacinthos, e crystaes mui finos. Entre todas as pontes por onde se deixa vadear, é mui famosa e magnifica a que existe na freguezia de S. Thomé de Perozelo; pois consta de doze arcos de cantaria, obra romana; e por aqui fazia transito uma das vias militares, que sahiam de Braga para Astorga.

Cá-vay. Este rio passa pelo termo de Castello Branco não mui distante da igreja de Nossa Senhora de Mercoles.

Caya. Nasce em Castella na serra de S. Mamede junto do monte chamado dos Sete, termo da Villa de Marvão; e correndo pelo meio dos soutos da villa de Alegrete, e perto de Arronches, vem separar Campo Maior da cidade de Elvas, e passa pela celebrada ponte de Caya antes de entrar no Guadiana proximo a Badajoz. É esta ribeira mui conhecida, porque sobre a ponte, que alli se levanta, se costuma fazer a entrega das pessoas reaes de Portugal e Castella, que por casamento mudam de reino: assim o vimos em 19 de Janeiro de 1729 nas reaes entregas das serenissimas princezas do Brasil, e das Asturias.

Cayde. É um ribeiro, que nasce no monte de Santo Antonio perto da villa de Guimarães, e se mette no Celho.

Ceife. Ribeira, que corre pela freguezia de Santa Margarida do termo da villa de Proença a velha.

Cellinho. Desde o lugar do Reboto junto a Guimarães corre com o Celho, e se esconde no lugar dos Sumes, e torna a surgir no lugar de Sercedelo para se intrometter com o Ave.

Celano. O mesmo que o *Cávado.*

Celho. Tem seu nascimento na fonte de S. Torcato perto de Guimarães, e conduzido com o augmento de outros riachos, vai passando triumphante pelos arcos de diversas pontes, a da Madre de Deos, a de Caneiros, a do Miradouro, a do Soeiro, e se vai esconder no rio Ave por baixo da ponte de Servás, conservando sempre o mesmo nome. No lugar de Penouços deram as aguas d'este rio de beber ás tropas portuguezas e castelhanas, que se acharam na batalha da Veiga das Favas.

Ceiça. Ribeira, que entra no Nabão, e nasce no termo da villa das Pias.

Cerdeira. Ribeira, que corre pela villa de Coja, e entra no Alva.

(1) Argot. nas Memor. do Arcebispado de Braga tom. 2. pag. 865.

Ceras, antigamente *Ceres*. Entra no Nabão.

Cértoma. Nasce no couto da Vacariça, perto do Bussaco, e vai acabar no Agadão mui soberbo. As suas aguas antigamente eram pessimas: depois que tiveram a felicidade de beber d'ellas Santa Isabel, ficaram com tal virtude, que até os gados, que alli bebem, são as suas carnes de melhor sabor que os de outra parte. (1)

Ceira. Rega as villas de Goes e Cerpins, fertilisando seus campos. e enriquecendo seus moradores de grãos de ouro, que suas correntes levam.

Chança. Esta ribeira fica distante meia legua da villa de Ficalho, e divide por esta parte o nosso reino do de Castella.

Chinches. Corre ao norte da cidade de Elvas por um amenissimo valle povoado de fresquissimo arvoredo, hortas, e pomares, e repartindo os montes de Nossa Senhora da Graça e do Castello. Visto este rio da cidade, faz uma agradavel perspectiva.

Chileiros. Nasce este rio na lagôa de Malveira, lugar da freguezia de Alcainça, termo da villa de Cintra; e discorrendo pelas margens do monte Malhamartello, passa por baixo da estrada real de Mafra, onde se augmenta com os riachos Sexeira, e Pinheiro, que lhe dão forças para cortar com maior efficacia o alto monte chamado de Moncharro. Depois entra pelas terras da freguezia da Igreja nova, e passa pelos lugares de Moinhos, Granja, Lage, e Farello, onde recebe as aguas do ribeiro *Bocco* da banda do sul, e da mesma parte recolhe outro, que nasce na fonte de Danços. D'aqui vai caminhando até o moinho das Peras pardas. onde se lhe introduzem as correntes do rio Mourão, e as do Almargem do Bispo. Alli faz um salto, de cujo impulso formam as aguas um profundo poço, que está sempre provido de muito e bom peixe; e mettendo-se pela freguezia de Chileiros, e Carvoeira, vai até á igreja de Nossa Senhora do Porto occultar-se no mar. Tem este rio mais de quatro leguas de comprido, em cuja distancia fertilisa boas terras, que todas se fabricam. Da Mouxeira para baixo vai banhando deliciosas planicies cheias de muitas vinhas, que só a freguezia da Carvoeira dizima um anno por outro trezentas pipas de vinho. Criam-se n'elle muitos bordallos, mugens e fataças, que entram pela foz, quando se rompe com as cheias.

Chouchou. É ribeira, que banha a villa de Serpa.

Coa. No reino temos dois rios d'este nome: um, que corre junto de Alcobaça, e que se préza de dar nome á dita villa; outro, que nasce na serra de Xalma, porção da da Gata, e entra em nosso reino por Folgosinho. Outros lhe dão o nascimento mais perto de Alfayates, e concordam em se metter no Douro em Villa Nova de Foscôa. Os romanos lhe chamavam *Cuda*, e aos povos, por cujas terras passava, davam o nome

(1) Cardos. Diccionar. Geogr. tom. 2. pag. 613.

de cudanos e transcudanos. As aguas d'este rio são boas para tingir lãs e caldear ferro; porém pessimas para se beber, porque causam melancolia e dores de cabeça.

Cobres. Nasce esta ribeira pouco abaixo de Castro Verde, e unindo-se com o Terges, se vão incorporar ambos com o Guadiana, onde perdem o nome.

Corgo. Nasce perto da Villa Pouca, discorre pelos limites de Villa Real, e vai sepultar-se no Douro abaixo de Canellas e Poyares. Os romanos lhe chamavam *Corrugo.*

Corona. Em distancia de uma legua de Grandola corre este rio pelas raizes da serra dos Algares, e serve de linha divisoria dos termos de Grandola e Alvalade.

Coura. Corre este rio de nascente para o poente, e cerca juntamente com o Minho a villa de Caminha, e se mettem no mar ambos, formando duas barras, e a ilha Insoa.

Cris. É um rio composto de muitas ribeiaas, o qual passando pela villa de Santa Comba Dão, se mette no Mondego.

Dão. Nasce na serra de Carapito pela parte do sul, ficando-lhe da parte do norte a serra da Estrella; e dando volta ao poente, vai ao castello de Penalva com furia bastante. Faz as extremas dos bispados de Viseu e Coimbra pelas terras do concelho de Besteiros, e por baixo da villa de Santa Comba Dão, a que dá o nome, se mette no Mondego.

Dançοs. Tem sua origem junto da igreja de Nossa Senhora da Estrella por cima da Redinha, bispado de Coimbra. Mistura-se com o Mondego.

Davino. Tem seu nascimento na serra, que fica para a parte do sul da villa de Grandola, e corre do poente para o nascente; e junto da villa, atravessa uma formosa varzea de vinhas, e muitas arvores de fructa, que fazem deliciosa vista, dando por aqui passagem sobre ponte de pedra para o Algarve e Campo de Ourique.

Degebe, ou *Odigebe.* Nasce este rio na herdade do Passo, freguezia de S. Bento do Mato do Alemtejo. Atravessam-n'o tres pontes em outros tantos braços no caminho de Estremoz. Tem outra ponte por onde passam os que vão de Monte de Trigo, termo de Portel, para a villa do Redondo. No Verão corre pouco, e conserva a agua só em alguns pégos, ou poços, por cuja causa os mouros lhe deram o nome que tem, que na sua lingua significa fosso, ou cisterna. (1)

Deste. Nasce acima de Braga uma legua pouco mais ou menos para a parte do nascente: rega os arrebaldes de Braga: tem uma ponte de pouca fabrica, e logo adiante se ajunta com o Ave. Antigamente se chamava *Aleste.*

Diabroria. É uma lagôa, que ha no termo da villa de Grandola por

(1) Fonsec. Evor. glor. p. 89. fin.

baixo do olho de agua chamado *Borbolegão*, de que já fallamos, a qual se fórma de uma corrente de agua, que se despenha de uma altissima rocha; e sem já mais ter diminuição em tempo algum, nem se lhe achar fundo, cria muitos safios, eirozes, e outras castas de peixes, que se pescam á cana. Chama-se esta lagôa Diabroria por causa de um moinho que alli ha, o qual moe entre dia e noite dois moios e meio de pão. (1)

Douro. Conforme as melhores informações nasce este grande rio nas montanhas de Cantabria junto á cidade de Soria, cujos povos antigamente eram chamados *Duraços*. Surte de uma portentosa lagôa, e descendo por alcantiladas penedias, discorre pelo reino de Leão, onde se lhe agregam o Pisuerga, Carrion, e Tormes. Com este augmento chega a Çamora, e d'aqui se introduz em Portugal, passando primeiro por Miranda, e Freixo. Logo desce ao Porto, e recolhe os rios Coa, Tua, Pinheiro, Barroza, Tamega, Ferreira, Sousa, e outros, até ir lançar-se no mar em S. João da Foz. É tão grande a magestade d'este rio, que, quando n'elle se introduzem as aguas dos outros, posto que opulentos, não fazem demonstração alguma na sua entrada.

Em Portugal é dos que não admittem ponte, porque sempre corre precipitado, e por isso nunca lh'a poderam fazer. Só nas Caldas abaixo de Lamego, onde chamam os Piares, estão signaes de arcos de ponte, e por não se poderem proseguir, deixaram a empreza. Fertilisa muito as terras, por onde corre, com fructos de todo o genero mui excellentes. Pescam-se n'elle grande numero de saveis, e lampreias, que na primavera saem do mar, e desovam pelo rio acima vinte leguas até S. João da Pesqueira, onde no meio está um fragoso cachão, que embaraça a passagem para diante. Em tempo de André de Resende intentou o desembargador Martinho de Figueiredo desimpedir este precipicio e fazer navegavel o Douro mais para cima; porém encontrou taes contratempos, e resistencia na inveja dos homens, mais duros, que o mesmo rochedo, que se deixou da empreza começada.

Tem fama de trazer areias de ouro, e de facto ha pessoas, que no lugar, onde o Tua entra no Douro, vão alli gandaiar, e não debalde, como affirma o grande Argote. (2) O doutor Francisco da Fonseca Henriques, fallando d'este rio, diz, que as suas aguas tem virtude deobstruente, porque passam por muita tamargueira, e assim são uteis para os opilados do baço. Tambem se affirma, que a vista das suas aguas causa melancolia e dores de cabeça.

Elja, ou *Elga*. Corre direito ao sul, e passa por entre Valverde, e Castello das Eljas. Divide por dez leguas Portugal de Castella, e se diffunde no Tejo entre Rosmaninhal, e Alcantara.

Enfesta. Pequeno ribeiro, que desagua no Minho.

(1) Corograf. Port. tom. 3. p. 336. Bluteau tom. I. do Suplem. ao Vocab. p. 315.
(2) Argote nas Antiguidades da Chancellar. de Braga. pag. 20.

Enguias. Corre esta ribeira por um lugar do seu nome, que fica no termo da villa de Belmonte.

Enxarrama, ou *Xarrama*, nasce do ribeiro do Louredo, e se junta depois com o da Lage, perto do convento do Espinheiro de Evora. Tem sete pontes pequenas, e uma grande. A primeira da cidade para o Espinheiro: a segunda no caminho, que conduz para Villa Viçosa: a terceira na estrada para Beja: a quarta da quinta do Sande: a quinta a dos fornos da cal: a sexta a que vai para Portel: a setima do Louredo: a oitava grande e sumptuosa, que fica da parte do norte da villa do Torrão. Por ella passa quem vai para Alcacer do Sal, e para Alcaçovas, ficando no meio d'esta o grande ribeiro das Banhas. Depois finalmente que desagua na ribeira do Sado, vai com ella o Enxarrama metter-se no rio de Alcacer do Sal.

Enxurro. Corre perto da villa da Pederneira este ribeiro, que lhe serve de grande utilidade.

Erra. Rega esta ribeira os campos de Coruche, e n'ella se mette a do Odivor.

Escura. É uma lagôa assim chamada, e mui celebre no mais aspero da serra da Estrella, que tem muitos passos de circuito, e consta de aguas tristes, e verdenegras, a que nunca se lhe achou fundo, nem cria cousa alguma. Quando o mar anda bravo, se embravece tambem a agua da lagôa, dando bramidos a modo de trovão, que se ouvem d'alli muitas leguas; d'onde querem dizer os naturaes que se communica com o mar, não obstante estar d'elle muito affastado, e serem doces as suas aguas; porque affirma João Vaseu terem se-lhe achado mastros de navio. Perto d'esta lagôa nascem os celebres rios Mondego, Zezere, e Alva.

Mons. Marvellu, que teve a curiosidade de ver, e observar o melhor d'este reino para a sua Historia natural que intentava compôr, escreve nas suas Memorias, (1) que subindo, e penetrando a altura d'esta serra, e fazendo lançar dentro da lagôa Escura um moço atado com uma corda, observara este, que tendo andado cento e cincoenta passos, sentira que as aguas puxavam fortemente por elle; d'onde se póde inferir, que as aguas, que alli formam aquelle lago, tem alguma abertura, ou voragem, por onde desaguam impetuosamente.

Esporão. Nasce na Povoa da Margem da parte do sul do concelho de Guardão, e se mette no Criz.

Fervença. Banha a cidade de Bragança.

Figueiró. A ribeira, que se diffunde pela villa de Niza, e nasce na serra de Portalegre.

Filvida. Corre pelo concelho de Sever, e faz parte da divisão dos bispados de Viseu e Coimbra

(1) Mem. instr. tom. I. pag. 201.

Folques. É uma ribeira de Arganil, que entra no Alva.

Freixiandas. Discorre por Alvayazere.

Freixo. Atravessa este grande ribeiro a mata da Bardeira da villa do Vimieiro. Passa por entre Selmes, e Cuba, aldeias no termo de Beja. Corre sempre por penedias, de que procede criar singulares bordalos.

Fresno. Mantem, e fertilisa este rio a cidade de Miranda, a quem cerca pela parte do occidente, e onde é recebido em ponte de pedra lavrada. Ha aqui proxima uma fonte, cuja agua vem por arcos conduzida do lugar de Villarinho.

Fulias. Desagua no Minho.

Gafaria. Entra no Douro.

Garcia menino. É um celebre pego, cujas aguas enriquecem o rio Sadão, e onde se acha em todo o anno muito peixe, especialmente as nomeadas tainhas de bocca vermelha.

Germunde. Entra no Douro.

Gobe. Entra no Guadiana da parte de Portugal.

Grefões. D. Francisco Manoel cuida que é o Celando, que nós apropriamos ao Cávado. Veja-se o padre Poyares no Diccionario pag. 347.

Gogim. Faz este rio com suas aguas, que banham a freguezia do Salvador de Sabadim, comarca de Vianna, augmentar grandemente o rio Vez, com o qual se incorpora.

Guadiana. Nasce quatro leguas de Montiel em uma lagôa chamada Roidera da terra de Alhambra; e, sumindo-se junto de Argamansilha, resurge d'alli sete leguas perto de Daimiel, onde chamam os olhos do Guadiana; e correndo do oriente para poente, entra em Estremadura. Chegando a Medalhim, muda seu curso para Meio dia até chegar uma legua antes de Merida, d'onde torna ao poente, banhando seus muros, e os do castello de Lobon, e cidade de Badajoz, a uma legua da qual, e duas da cidade de Elvas, divide os termos de ambas por uma parte, e o rio Caya por outra.

O nome proprio antigo de Guadiana foi *Ana*, derivado, conforme a opinião de alguns, de *Sic-ano*, que dizem ser rei de Hespanha; porém, segundo Samuel Bocharto, (1) é palavra Syriaca, a qual significa ovelha, porque nas margens d'este rio se apascentam grandes rebanhos d'esse gado. Os mouros lhe chamam *Guad-hana*, que quer dizer cousa, que se esconde. Entra em fim em Portugal abundante de aguas de outros menores rios, que se lhe introduzem, e perdem n'elle o nome. Continua seu curso, dividindo a antiga Betica da Lusitania, e se lança no oceano athlantico entre Ayamonte e Castro Marim.

Enobrecem-n'o tres formosas pontes, a de Merida, Badajoz, e Oli-

(1) Bochart. Geogr. Sacr. liv. I. cap. 35.

vença. N'esta ponte mandou el-rei D. João II edificar uma torre de tres sobrados com suas janellas, e seteiras, que defendiam a passagem do rio. Depois a mandou reedificar el-rei D. Manoel, ficando uma das mais galhardas, e formosas pontes de todo o reino por sua fortaleza, arquitectura, e fabrica, a qual assenta sobre os penhascos do rio, que n'aquella parte corre alcantilado sobre dezoito arcos, e tudo é passo importantissimo para soccorrer Olivença, em que os passageiros pagavam certo direito, que já não permanece. No principio das ultimas guerras de Castella, que aconteceram o anno de 1709, a arruinaram os castelhanos. Fr. Bernardo de Brito na Geografia de Portugal, fallando das aguas d'este rio, diz, que costumam fazer negra a farinha do trigo, que com ellas se moe. Tem ellas virtude diuretica, e deobstruente, como nos diz o *Aquilegio Medicinal.*

Herdeiro. Corre este rio chegado aos muros de Guimarães. Traz sua origem da fonte do Bom-Nome, que está no Casal, que chamam d'Entre as vinhas, na freguezia de S. Pedro de Azurey. Tem uma só ponte de pedra lavrada, que chamam de Santa Luzia, mais magestosa do que convinha á pobreza das suas aguas. Vai acabar no rocio de S. Lazaro, aonde ajudando-o outro regato, vão ambos incorporar-se com o Celho no lugar do Reboto.

Homem. Tem seu berço na serra do Gerez, e no sitio chamado *Lamas de Homem.* D'alli correndo direito ao poente precipitado por entre penedias, vai engrossando com os cabedaes de outras ribeiras até se despenhar estrondosamente na Portela de Homem; d'onde voltando a corrente para o Meio dia dentro do espaço de meia legua, torna a enriquecer-se com as aguas de treze rios, com as quaes muito mais poderoso vai desembocar no rio Cávado a uma legua de Braga.

Jarda. Ribeira bem conhecida no termo de Lisboa, e na freguezia de Bellas, por onde corre.

Inha. É uma ribeira mui impetuosa, que corre de altos precipicios, e onde se criam aguias. Mette-se no Douro.

Jocete. Mette-se no Guadiana.

Isna. Divide os termos das villas da Certã e Abrantes.

Junqueira. Rio, que desagua na enseada da villa de Sines.

Lamas. A Geografia Blaviana o assigna no Alemtejo.

Lampas. Entra no Guadiana da parte de Portugal.

Laurede. Tambem entra no Guadiana da mesma parte.

Lavandeiras. Corre pela villa de Moura, e faz um profundo fosso a um dos seus baluartes, a que dá nome, e se mette no Ardila para ir desembocar no Guadiana.

Leça. Principia doze leguas acima da foz do Douro. Outros lhe descobrem a origem no monte Corva, e concordam em que elle depois de discorrer pelo termo da cidade do Porto, se vai lançar no mar em Matozinhos, fazendo apraziveis os campos, por onde passa. D'este rio to-

mou nome o mosteiro de Leça, da Ordem de S. João de Malta, e foi mui celebrado na lyra do insigne Sá de Miranda. Ha n'elle tres pontes de pedra boas, e grandes, em Matozinhos, no mosteiro de Leça, e em Alfena. Alguns authores equivocam este rio com o Celando, especialmente Manoel de Faria, e ainda com o Lethes, chegando a dizer não só na Europa Portugueza tom. 3. pag. 3. cap. 7. mas na Fonte de Aganippe part. 2. Poema 8.

El Leça, que por hondo, y fresco valle
Corriendo con sociego grave, y blando
Occupa angosta, y tortuosa calle
Con los nombres de Lethes, y Celando;
Pero si del olvido se appellida,
Quien una vez le ve, já mais le olvida.

Equivocação, em que tambem caiu Resende, como bem notam João Salgado de Araujo, e o incansavel academico D. Jeronymo Contador de Argote na Geografia de Braga.

Lena. Nasce perto da villa de Porto de Mós, e caminhando até Leiria se incorpora com o Lis, e ambos se vão esconder no oceano.

Lima. É rio de grande fama. Nasce nas Asturias, conforme Estrabo, vem por Galiza passar a Portugal pela ponte da Barca, e Ponte de Lima até ir fazer foz propria em Vianna. Pescam-se n'elle, alem de outros peixes, os grandes salmões, e solhos. Fr. Bernardo de Brito (1) deduz o nome d'este rio da terra, onde nasce, que é *Limia* em Galiza, a qual se chama assim por causa dos muitos lamarões, e lagôas, que tem, chamadas em grego *Lymnas*, e em latim *Lymum*, d'onde se derivou o *Lima* em portuguez.

Pomponio Mella, e Hermoláo Barbaro dizem, que se chamou *Belion*, e depois *Lethes*. Assim cantou o mellifluo Bernardes na Eglog, 7.

Junto do Lima claro, e fresco rio,
Que Lethes se chamou antigamente.

A causa d'este nome *Lethes*, que significa esquecimento, foi pela sabida desavença, que entre si tiveram os celtas, e os turdulos nas passagens das suas margens, chegando a alterar-se em fórma, que mataram seu general, de cujo delicto envergonhada a gente, determinaram logo ausentar-se, impondo ao rio um nome de esquecimento, para que ficasse desvanecida, e sepultada a memoria de semelhante insulto.

Assim permaneceu este nome expressivo do successo, e proprio ao idioma dos turdulos. Vieram depois os gregos, e os latinos, e perdida

(1) Brito Monarq. Lusitan. liv. 2. cap. 4.

já a noticia do vocabulo, mas não do acontecimento, que por tradição perseverava, se contentaram de lhe chamar rio *Lethes*. De tudo vimos a concluir contra a persuasão vulgar, que ainda que o nosso rio *Lima* fosse em algum tempo chamado *Lethes*, nem por isso tem dependencia com o Lethes fabuloso dos antigos, de que fallam os authores abaixo; (1) porque este nome *Lethes* se acha imposto a outros rios illustres, como diz Claudiano: (2) e todos os rios, que tem adquirido semilhante nome, é porque houve n'elles motivos, ainda que incognitos, de especial esquecimento, e taes são os que signala Estrabo (3) em Macedonia, e em Candia, sem que por este principio haja dependencia, que faça perverter o certo com o fabuloso.

Porem, se nos argumentarem com o caso dos Romanos referido por Lucio Floro, (4) que chegando ás praias d'este rio, repugnaram atravessal-o, crendo que se esqueceriam das suas patrias, porque estavam persuadidos era elle o verdadeiro *Lethes;* respondemos, que este conceito era futil e aereo; pois Junio Bruto, Proconsul, que os governava, para lhes offuscar o panico terror, que os surprendia, passou-se da outra parte do Lima, e de lá recitou muitas cousas particulares de Roma, para que vissem ser falso que aquelle rio fazia esquecer, pois elle atravessando-o, se lembrara do seu paiz, e dos successos anteriores: e, como adverte Adão Ruperto, commentando Lucio Floro, toda aquella repugnancia dos soldados nasceu da infamia do nome, que lhes offerecia o rio, e não de causa, que n'elle houvesse para produzir o esquecimento; no que tambem se conforma Isacio Vossio, commentando a Mella pag. 229 contra cujo parecer, mas sem fundamento, está o famoso Caramuel, que no prologo do seu *Filippe Prudente*, fallando do Lima, attribue ás suas aguas serem nocivas á memoria, e que d'aqui se occasionara a fabula. O certo é, que este rio corre com tal brandura, que não só parece que corre esquecido de correr, mas que faz esquecer os olhos, que o vem, de que o vissem correr alguma hora, como galantemente disse D. Francisco Manoel em uma das suas cartas, e o imitou nosso insigne Botelho, e o padre Reis. (5) .

Liria. É ribeira de Castello Branco.

Lis Nasce no termo de Leiria no lugar das Côrtes, que fica uma legua distante da cidade. Rodeia-lhe o castello, e deixando a cidade, e o castello á mão esquerda, vai dobrando contra o norte, onde estão os arrebaldes da cidade, até se ajuntar com o rio Lena.

Lixosa. Nasce esta ribeira na serra de S. Mamede, d'onde vem circulando pelo espaço de uma legua ametade dos pomares de Portalegre, fazendo trabalhar os seus moinhos, e lagares. Toma o nome de Lixosa,

(1) Virgil. liv. 7. Æneid. Silio Italico liv. 1. Lactancio Firmiano lib. 7. c. 22. de Div. Instit. et alii.. (2) Claudian. liv. 2. do Raptu Proserpinae v. 218. (3) Strab. lib. 10. e 14. (4) Lucio Flor. liv, 2. cap. 17. (5) Botelh. no 7. do Alfonso est. 31. Reys em a Nota 124. da Epistol. ad Jametem.

porque passa por uma quinta assim chamada. D'ahi a duas leguas entra pelo Crato, onde tem ponte de nove arcos, e se lhe ajuntam os ribeiros de Linhares, e Xocanal. No fim de quatro leguas passa pela villa de Seda, onde toma este nome; e caminhando tres leguas se incorpora com as ribeiras da Fronteira, e Sarrazola para entrar em Aviz mais opulento. Todas estas correntes quando chegam á cerca dos Freires, fazem um grande pégo, a que chamam do Barco, e d'ahi por diante fica sendo uma só ribeira com o nome de Aviz. Finalmente entra no Tejo com o nome de Sorraya depois de ter enriquecido as suas margens com abundancia de peixes, especialmente de saveis, que no mez de Maio se matam á espada.

Lobos. Ribeira, que nasce na serra do lugar de Bornes, termo de Bragança; e tendo caminhado tres leguas, entra no rio Tua junto a Mirandella.

Lousão. É uma ribeira no termo da villa de Thomar da parte do Meio dia, que rega uma formosa e amena planicie.

Locia. É um pequeno regato, que passa pelo meio da villa de Amarante.

Lucefece. Nasce na serra d'Ossa, e correndo junto da villa de Terena da parte do norte, fertilisando o Alandroal, e Redondo, se vai metter no Guadiana.

Mação. Nasce perto da serra chamada Teixeira, e entra no Douro.

Maratéca. E' uma das grandes ribeiras do Alemtejo, não muito longe da Agualva. Por ella se passa para a Moita.

Marcabron. Serve esta ribeira de separar os termos de villa Alva, e o de villa de Frades. Por outra parte divide os limites de Beja dos de villa Ruiva, e Alvito: mette-se no de Odivellas, que vai parar ao Sado.

Marnel. Discorre pelo lado meridional da villa de Vouga.

Mendo-Marques. No termo de Arrayolos, e no sitio da freguezia de S. Gregorio corre esta ribeira.

Mente, ou *Rabaçal.* E' rio, que nasce perto de Pentes, lugar de Galiza, e rega o termo da villa de Monforte, d'onde caminha para o Tua, no qual se mergulha junto ao lugar de Chellas em Mirandella, depois de caminhar doze leguas. Pescam-se n'elle boas trutas.

Merce. E' uma ribeira, que nasce junto do lugar de Val de Prados, termo de Bragança; e correndo perto da villa de Cortiços, passa por uma ponte de dois arcos, para se ir incorporar com o Tua.

Minho. Para diante do Lima tres leguas ao norte corre o Minho quasi tão opulento como o Douro. Estrabo lhe dá o nome de *Benis.* Nasce perto da cidade de Lugo, e caminhando o espaço de trinta e seis leguas, rega em Portugal as villas de Melgaço, Monção, Valença, Cerveira, e vem fenecer no mar entre a cidade de Tuy, e a villa de Caminha. Dizem que o chamar-se Minho é por causa da côr, que as suas aguas recebem do fundo, que tiram um pouco a vermelho: outros o attribuem ao verme-

lhão, que nasce n'elle, porem João Salgado na Hydrografia d'este rio diz, que se deriva da fonte Minhão, onde nasce, quatro leguas ao norte de Lugo. Fallam d'este rio os authores abaixo allegados. (1)

Mondego. Tem sua origem na serra da Estrella; e discorrendo pela cidade de Coimbra, lhe communicam suas aguas fecundidade, e recreio nos campos, e nos bosques; e depois de banhar todo o terreno, e passar pela famosa, e formosa ponte, vai concluir seu curso, e formar o porto de Buarcos. Da serenidade do seu progresso se lembrou Camões, quando cantou: (2)

> *Vão as serenas aguas*
> *Do Mondego descendo,*
> *E mansamente até o mar não param.*

Falla o poeta de quando elle corre no tempo do estio; porque no inverno se precipita furioso, causando muitos estragos e ruinas; d'onde Vasco Mousinho veio a dizer: (3)

> *Mondego no verão sereno e brando,*
> *Turvo no inverno, bravo, e dissoluto.*
> *Té lá onde na foz, que vai buscando,*
> *Paga de suas aguas o tributo.* (4)

Montijo. É rio da villa de Aldeia Gallega. Nasce em um bom porto, uma legua antes que se sepulte no mar: é mui espaçoso e navegavel quasi com todo o vento: com baixamar espraia, mas nem por isso (se fôr preciso) deixarão a toda a hora de receber os seus canaes com segurança as embarcações, que vão de Lisboa.

Mós. É uma pequena ribeira, que corre perto da villa de Mós. Caminha quatro leguas antes de se metter no Douro: um quarto de legua affastado da villa tem ponte de tres arcos.

Murtigão. Ribeira, que passa junto ao convento da Tomina.

Nabão, antigamente chamado *Nava de Juncoso.* (5) Corre este venturoso rio pela villa de Thomar; e damos-lhe o nome de venturoso, não só porque deu fama, e nome á insigne cidade de Nabancia, que esteve aqui fundada, e foi regada com suas aguas, mas porque ellas tiveram a sagrada prerogativa de conduzirem até Santarem o bemaventurado cor-

(1) Plinio lib. 33. cap. 7; Vitruvio liv. 7. cap. 9. Strab. lib. 3. Pompon. Mella lib. 3. cap. 1. Bochart. tom. 2. pag. 626. Nicol. de Santa Maria na Chronic. dos Coneg. Regrant. liv. 6. cap. 1. Maced. Poema Olisip. cant. 2. est. 80. João Salgad. nos Successos Militar. p. 40. D. Francisco Xavier da Garma no Theatro de Hespanh. tom. 1. p. 76. Argot. Mem. de Brag. pag. 105. e nas Antiguid. da Chancel. de Brag. pag. 32. e outros, que deixo de allegar. (2) Cam. cant. 4. (3) Mousinh. cant. 3. est. 38. do African. (4) Veja-se a Monarq. Lusitan. pag. 4. liv. 4. cap. 18. João Salgad. Success. Milit. p. 106. Corograf. Portug. tom. 2. pag. 2. (5) Brandão na Monarq. Lusit. liv. 9. cap. 27.

po da gloriosa Santa Iria, que junto d'ellas martyrisou o cruel Banão, por ordem de Britaldo, filho do governador de Nabancia; d'onde fr. João Felix disse: (1)

Præcipitat Naban, Irenes Virginis olim,
Qui sacra mœrenti corpora vexit aqua.

Nasce elle na fonte do Agroal junto da foz da ribeira das Pias; e entrando com arrogancia pela villa dentro de Thomar, e pela ponte da Granja, sae por outra, que fica para o sul, chamada das Ferrarias; e engrossado com outros riachos, se occulta no Zezere para entrarem ambos no Tejo junto á villa de Punhete.

Neiva. Este rio sae das montanhas de Avoim, e vem fertilisando os campos da Ponte da Barca, e Ponte de Lima; e depois de se sujeitar a quatro pontes, entra no mar oceano pela foz, que não dista muito de Vianna. Duarte Nunes diz, (2) que este rio se mette no Cávado, para ambos entrarem no mar entre Fão e Esposende; porem outros (3) emendam esta equivocação com a noticia mais certa, que temos expendido; porque as duas povoações de Fão e Esposende ficam para a parte do norte muito mais adiante, d'onde o rio desemboca.

Niza. Cerca por um lado a villa de seu nome, e nasce na serra de Portalegre.

Noeime. Nasce junto da Guarda com dois braços: um d'elles na fonte Dorna, que corre ao Poente, vira para o norte, e depois continúa ao nascente; o outro principia no lugar de Porcas pela parte do sul, e se mette no rio Coa por baixo da Miuzella: é a informação, que nos dá João Salgado de Araujo pag. 108.

Obidos. No termo d'esta villa está a celebre lagôa, que tem de norte a sul uma legua de comprido, de nascente a poente tres quartos de legua, de sorte que faz a fórma de uma cruz com os braços de mar que umas vezes se lhe communica, e outras não. Serve de pé a esta cruz a barra a que chamam foz, a qual com os ventos nortes se entupe tanto de areia, que divide o mar da mesma lagôa. N'ella entram tres rios, dois pelo sul, e um pelo nascente: os dois são os que passam pelo arrabalde de Obidos, e pelo lugar da Amoreira, onde chamam Aboboriz: o terceiro vem das Caldas.

Quando esta lagôa está communicavel com o mar, é fertil de toda a qualidade de peixe; pescando-se n'ella muitas douradas, robalos, solhos, tainhas, safios; e até excellente marisco. de ostras, amejoas, berbigões, e admiraveis camarões; de cuja fertilidade se utilisam as duas villas de Obidos, e Caldas, e mais terras circumvisinhas; tomandó to-

(1) Fr. João Fel. na Isagoge pag. 35. (2) Duart. Nun. Descripç. de Port. (3) Araujo Success. Milit. liv. 1. cap. 1. Benedictin. Lusit. tom. 2. p. 109.

dos o deleitavel divertimento de fazerem alli repetidos lanços; e juntando-se ás vezes na lagôa mais de vinte bateiras para esse effeito.

No sitio, a que chamam da Cabana, memoravel não só pela ermida da Senhora do Bom Successo, de muita devoção: mas pelo ameno e delicioso do lugar povoado de grande arvoredo, o senhor rei D. João IV teve o gosto de jantar alli, como consta de um padrão aberto em lamina de pedra, que diz: *O serenissimo, e feliz restaurador d'este reino el-rei D. João IV jantou n'esta cabana: a 14 de Setembro de 1645 foi feita.* Em outro padrão está outro letreiro, que diz assim: O *magnanimo monarcha D. João V e os serenissimos infantes D. Antonio e D. Manoel jantaram n'esta cabana a 14 de Abril de 1714.*

Acha-se no meio d'este bosque uma mesa de pedra lavrada, simplesmente inteiriça, que tem duas varas e meia de comprido, e vara e meia de largo: por ambos os lados ha dois bancos tambem de pedra do mesmo comprimento, e nas cabeceiras outros dois. Defronte da mesa corre uma fonte de cinco bicas de agua perenne, que faz o lugar mais aprazivel. Aqui se divertiram na caça dos galeirões, e adens em outubro de 1761 o fidelissimo D. Joseph I. com a rainha nossa senhora, o serenissimo infante D. Pedro, a serenissima princeza, e mais pessoas reaes com a maior parte da côrte.

Ocreza. É uma ribeira, que corre junto da villa de Sarzedas.

Odemira. Banha Villa Nova de Mil fontes no Algarve, e a pouco espaço se mette no mar.

Odiége. Fórma-se de duas ribeiras nas freguezias de S. Brissos, termo de Montemór o Novo, e de S. Sebastião da Gesteira, termo de Evora. Tem ponte, e passada ella, se vê no alto de um oiteiro da parte do sul a milagrosa fonte da Senhora da Esperança das Alcaçovas, de que fallam o *Santuario Mariano tom.* 6, *pag.* 320, e o *Diccionario Geografico* de Cardoso *tom.* I, *pag.* 143.

Odivellas. Nasce na serra de Portel, e vai regar a villa de Alvito. Tem duas pontes, uma da banda do sul no caminho que faz o correio d'esta villa para Beja: d'onde dista cinco leguas: outra em villa Ruiva na estrada por onde se vai d'esta villa para Evora: esta ponte foi fabrica dos romanos, por ser transito da via militar de Evora para Beja. Para diante da Aldeia de Alfundão separa o termo de Beja do Torrão, e incorporado com a ribeira do Marcabron, vai morrer ao Sado.

Odivor. Fertilisa pela parte do norte os campos da villa das Aguias; e discorrendo pelo termo de Arrayolos, tem na freguezia de Santa Anna duas pontes, e dá movimento a sete moinhos. Esta ribeira é a mesma que a de Arrayolos.

Olivença. Passa esta ribeira pelo termo da villa de seu nome. Alguns dizem, que nasce nas serras de Salvaterra, outros na de Salva Leon: mas sempre concluem, que tem sua origem em Castella, cujas correntes fazem apartar aquelle reino do nosso: mette-se no Guadiana.

Olho de Pedralva. É uma pequena ribeira, que nasce de uma fonte no lugar de Pedralva, termo da villa de S. Lourenço do Bairro, bispado de Coimbra.

Orãos. É um dos rios, que banham a villa de Soure, e vem da villa de Pombal para se metter no Mondego.

Paiva. Nasce este rio em o sitio de Nossa Senhora da Lapa; e chegando á freguezia de S. Martinho do Gafanhão. divide o bispado de Lamego do de Viseu: depois correndo até o castello de Paiva, perde o nome entrando no Douro cançado de ter andado doze leguas. Escreve d'elle Jorge Cardoso, (1) d'onde tirou o que diz a Corografia Portugueza. (2)

Palhas. É um rio, que corre por Villar Maior, conforme vemos no mappa de João Bautista Lavanha.

Paul. Rio, que entra no Zezere.

Pega. Ribeira, que corre perto da villa de Pinhel, e desagua no Coa.

Pedonde. Nasce em Arouca abundante de gostosas lampreias, e acaba no Douro.

Pera. É rio menor que o Zezere, onde se embebe; cerca a villa de Pedrogão, e utilisa a de Figueiró com a copia de seu peixe. D'este rio se lembra Camões. (3)

Pera-manca. Tem seu nascimento nas vinhas de Evora, e corre junto da cerca dos Capuchos de Valverde, e se mette no Odiege depois de passar por uma ponte.

Pernes. Esta famosa ribeira deu o nome, ou o tomou do lugar, que fica no termo de Alcanede: é abundante de agua, e assim a communica por muitos moinhos, que anima, e a muitas hortas, e pomares, que fertilisa. A agua da levada, que corre mais junto da ponte, dizem, que por intercessão de um bispo, que por alli passára, lhe infundiu virtude para sarar toda a casta de chagas. Cria bom peixe, e desagua no Tejo.

Pias. Dá esta fertilissima ribeira nome a uma villa, e nasce em um lago junto da ermida de S. Marcos dentro da quinta chamada da Figueira, de uns formosos olhos de agua; e costeando a serra de Monchite, se mette no Nabão, fertilisando em tal fórma as terras, por onde corre, que lhes faz duplicar dentro de um anno todo o genero de fructos.

Piodão. Corta pelo meio o concelho de Vide de Foz de Piodão, e entra no Alva.

Pipa. Rega pela parte do norte a villa da Arruda.

Pisco. Pela parte do oriente da villa de Langroiva corre este rio, que fertilisa seus campos de pão, azeite, e fructas.

Ponsul. De tal fórma cerca a villa de Idanha a velha, que a reduz a peninsula. Em distancia de uma legua para o nascente de Castello Branco tem ponte.

(1) Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 3. p. 573. (2) Costa, Corograf. Portug. tom. 3. p. 260. (3) Cam. canç. 12. est. 2.

Pontega. Passa pelas freguezias de S. Gregorio, e Nossa Senhora da Consolação, termo de Arrayolos, e se mette no Odivor.

Quarteira. Este rio é do Algarve, e corre junto a Faro.

Rabaçal. É o mesmo que o rio *Mente*.

Ramalhoso. Ribeiro, que passa pela villa de S. Vicente, e seu termo.

Regalvo. Desagua na enseada da villa de Sines.

Rezes. Ribeira do termo do Sardoal.

Riba-Pinhel. Nasce perto da igreja de Nossa Senhora da Lagôa: começa sua corrente pelo termo da Guarda encaminhado ao sul: passa ao termo de Jarmelo direito ao nascente, e torna a voltar para o norte por entre Jarmejo, e Castello Mendo. Vai á ponte de Pinhel, e uma legua adiante entra no Côa.

Ribeira de Freixas. É um pequeno rio, que corre meia legua distante da villa de Trancoso.

Ribeira dos Gallegos. Corre pelo termo da villa de Vinhaes, e junto da freguezia de Santa Cecilia dos Casares, onde se pescam muitas, e boas trutas.

Ribeira da Murta. No termo de Alvayazere discorre esta ribeira pela freguezia de S. Pedro do Rego, e divide este termo do da villa das Pias.

Rio das Maçãs. É uma ribeira, que corre junto á villa de Collares.

Rio Mourinho. Passa pelo termo de Montemór o Novo, e por junto do convento dos religiosos paulistas, que os provê de grandes pardelhas.

Rio Tinto. Corre uma legua distante do Porto. Chama-se tinto, porque, quando foi a geral destruição de Hespanha, mataram os cidadãos do Porto tantos mouros, que o sangue chegou a tingir a agua. (1) Mette-se no Douro.

S. Romão. Nasce na freguezia de S. Martinho das Amoreiras, termo de Ourique. Corre pelas villas de Alvalade, Garvão, e termo de Panoyas, até desaguar no porto d'elRei, termo da villa de Alcacer do Sal.

Sabor. Nasce por cima do lugar de Rabal, que fica na raia de Galiza, mas é termo de Bragança, d'onde dista duas leguas. Discorre sempre por altas, e alcantiladas penedias, até chegar aos confins da villa de Castro Vicente: e, depois de ter andado dezaseis leguas, e obedecer a cinco pontes, algumas de cantaria, e de perfeita architectura, com orgulho desaguá no Douro.

Sacavem. Este rio, que discorre pelo lugar de seu nome duas leguas distante de Lisboa, desemboca no Tejo, e faz uma profundissima foz, na qual podem entrar os maiores navios d'este porto; e ficando

(1) Benedictin. Lusit. tom. 2. p. 256.

quasi ao norte da cidade, volta contra o noroeste, navegando-se até a Mealhada, e da sua ribeira se levantam uns montes, que a cultura tem feito aprazíveis, os quaes se vão estendendo com uma larga volta contra o poente, levando sempre ao pé um fundo valle aberto por muitas partes com regatos, que por elle correm. Por ordem d'elrei D. João V se reformou a barca da passagem d'este rio pela admiravel idéa do nosso insigne maquinista Bento de Moura, com grande commodidade para os passageiros.

Sadão, ou *Sado*. O nascimento d'este rio foi ignorado por Duarte Nunes na Descripção de Portugal; porém João Salgado de Araujo diz, que nasce nas faldas da serra de Monchique junto á villa de Almodovar, e passando por Ourique, recebe as ribeiras do Aivados, Gracido, Ferrarias, Campilhas, Figueira; Roxo, e Garcia menino, onde faz um grande lago, e mais para diante outro, que chamam de Santa Margarida, até que copioso vai acabar em Setubal. André de Resende ignorando lhe tambem o principio, e dando-lhe o nome de Callipode, que o tirou de Ptolomeu, diz que depois de se ajuntarem as torrentes do Enxarrama, Santa Detença, e Odivellas acima de Porto de Rei, é que se começa a chamar Sado; nome que usurpa pela demora que faz no esteiro de Alcacere, antigamente Salacia; e por não viver muito tempo soberbo, e desvanecido com tanto roubo, morre d'ahi a pouco em Setubal, formando-lhe uma grande foz, e bahia. É navegavel este rio por doze leguas até Porto de Rey; e as terras por onde passa, adornadas de muitas fontes, e arvoredos, ficam ferteis, e cheias de nata para corresponderem abundantes na breve producção dos seus fructos.

Safrins. Corre em distancia de meia legua da villa de Ferreira, e a provê de bordallos tão bons, que se mandam dar aos doentes.

Sarmenha. É uma ribeira, que dista do rio Douro duas leguas, e nasce nas raizes da serra do Marão.

Sarrazola. Caudalosa ribeira, que banha Benavilla, uma legua distante de Aviz.

Seda. Nasce esta ribeira nas serras de Portalegre, e rega a villa, a que dá o nome.

Sertima. Rio, que corre pelo termo da villa de S. Lourenço do Bairro, e que se augmenta com muitos ribeiros, que fertilisam o mesmo termo.

Sequa. Divide, ou corta pelo meio a cidade de Tavira, o qual nascendo do sertão, faz este transito por uma boa ponte de sete arcos.

Sever, ou *Severa*. Tem sua origem na serra de S. Mamede no Alemtejo, e com as fontes, que se despenham das serras de S. Braz, e Portalegre, se faz copioso. D'esta sorte correndo pela villa de Ouguela, paga seu tributo ao Tejo junto a villa Velha, onde se pescam as mais excellentes trutas. O padre Poyares no Diccionario Geografico lhe dá o fim no Guadiana á vista de Badajoz.

Silveira. Pequena ribeira, que se despenha da serra d'Ossa da banda do sul.

Sizandro. Principia a descubrir-se na Sapataria de uma fonte chamada Sizandro, e vem cercar Torres Vedras, que para maior commodidade se atravessa com cinco pontes.

Sobrena. É uma ribeira do Alemtejo, que nasce entre Vianna, e Villa Nova da Baronia, a qual, regando os seus pomares, se mette em Odivellas.

Sorraya. É uma ribeira, que pela parte do sul banha a villa de Erra.

Sor. É uma caudalosa ribeira, que banha a villa da Ponte de Sor pela banda do oriente, e se mette no Tejo ao pé de Coruche. Os romanos fundaram aqui uma grandissima ponte, para por ella fazerem a estrada de Santarem para Merida.

Sordo. Na freguezia de Santa Eulalia da Comieira do concelho de Penaguião corre este rio da parte do norte; e passando pelo lugar de Relvas, se vai esconder no Corgo.

Sozeis. Dista esta ribeira duas leguas de Evora no caminho de Beja, e se recolhe no Enxarrama.

Sousa. Nasce junto á igreja de Moura entre o mosteiro de Pombeiro, e o de Cramos; e d'aqui descendo a fertilisar todas as terras, a que vai dando nome por espaço de oito leguas, vai acabar no Douro defronte do lugar de Arnelas, duas leguas acima do Porto.

Soberbo. Deixou este rio de ser Tavora por ser Soberbo, depois que o ultimo marquez d'aquelle titulo Francisco de Assis padeceu no caes de Belem a 13 de Janeiro de 1759 a injuriosa morte pela conjuração, em que entrou contra o fidelissimo D. Joseph I. E, porque não corresse mais com o nome de Tavora, cujo appellido recebia, tanto que fazia alto na venda do Cepo, d'aquelle dia por diante se mandou chamar o rio Soberbo. Origina-se elle de uma fonte chamada de João Durão, perto de Trancoso, e do mosteiro de S. Francisco. Augmentado com outros pequenos rios alcança nome; e caminhando para o norte até a ponte do Abbade, divide os dois bispados de Viseu, e Lamego. Avista Sernancelhe, e o mosteiro da Ribeira, que é de Freiras de Santa Clara, e com ponte de madeira se vai indo direito nornordeste ao Villar, e por ponte de pedra se diffunde a Fonte Arcada; e voltando outra vez para o norte, marcha por entre Paredes, e castello de Cabriz até descer ao mosteiro de S. Pedro das Aguias. Estende-se a Espinhosa, e vai buscar sua ponte de pedra, onde é chamado o poço do fumo. Visita a villa de Tavora, e o lugar de Taboaço, e d'aqui caminha para o Douro. (1)

Sul. Rega a villa de S. Pedro do Sul, a que deu nome, e consen-

(1) João Salgad. Success. Milit. p. 103. Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 2.° p. 714. Santuar. Marian. tom. 3. p. 172.

te vadear-se com duas pontes de pedra, que mandou fazer o infante D. Luiz, que foi senhor do concelho de Lafões.

Tamega. É dos principaes rios do reino. Nasce em Galiza junto da serra do Larouco na fonte, a que chamam Tamega, de que herdou o nome. Atravessa grande parte do Minho de norte a sul, até que entra pela villa de Chaves por uma excellente ponte feita pelos naturaes da villa, em tempo, que governava o imperador Trajano, como consta do letreiro, que se lê esculpido em um pilar d'ella, o qual transcreve Grutero, e Argote, (1) e vem a ser:

IMP. CÆS. NERVÆ.
TRAJANO. AUG. GER.
DACICO. PONT. MAX.
TRIB. POT. CONS. V. P. P.
AQUIFLAVIENSES
PONTEM LAPIDEUM.
D. S. F. C.

Quer dizer: *Imperatori Cæsari Nervæ Trajano Augusto Germanico Dacico Pontifici Maximo Tribunitiæ Potestatis Consuli quinto Patri Patriæ Aquifavienses Pontem lapideum de suo fieri curarunt.*

O doutor João de Barros infere, que esta ponte devia ser feita antecedentemente de madeira, porque a inscripção diz: *Pontem lapideum*; e, como aquella estrada era mui frequentada dos romanos para Braga, mandaram fabrical-a de pedra. O certo é, que esta ponte tem já dezaseis seculos de duração, e é toda de cantaria mui forte com noventa e tres passos de comprido, vinte e seis de largo, e trinta e dois de alto.

Passa este rio pela villa de Canavezes, e de Amarante, onde tem outra ponte feita, e ordenada pelo glorioso S. Gonçalo. Chegando em fim á villa de Entre ambos os rios, se mette no Douro, seis leguas pouco mais, ou menos acima do Porto; e duas leguas para baixo de Amarante ha outra ponte de cantaria nobre sobre o mesmo rio, á qual chamam de Canavezes, que mandou fazer a rainha D. Mafalda, filha d'elrei D. Sancho I. Tem mais a ponte de Cavez mui alta com cinco arcos. Chama-se de Cavez, porque o architecto que a fabricou, assim se chamava. Consta de um monumento, onde jaz o seu corpo, que é no fim da ponte, em que se lem as lettras da Era, em que se acabou de fazer, que foi pelos annos de Christo 1226. Ha mais a ponte de Mondim, que parece mais moderna do que as outras; e, porque o rio é n'esta parte fundo, se vai damnificando pouco a pouco.

No anno de 1109 aconteceu n'este rio um admiravel prodigio, que

(1) Gruter. p. 162. n. 4. Argot. nas Antig. da Chancel. de Brag. p. 108. e João de Barr. na Descripç. do Minho.

referem a Monarquia, e a Benedictina Lusitana, (1) e foi dividirem-se suas aguas pelo mez de Dezembro para darem passagem ao sagrado corpo do glorioso S. Giraldo, e a toda a mais gente, que o acompanhava, quando lhe foram dar sepultura na cidade de Braga.

Taveiró. É ribeira, que banha as villas da Bemposta da Beira, e do Castello Novo, e entra no Ponsul.

Tedo. Nasce em Caria. onde chamam Granja do Tedo. Recebe o ribeiro de Leomil, avista a villa de Nagoza. e vai ao Douro por baixo de Santo Adrião.

Teja. Provê esta ribeira de peixe a villa de Nomão.

Tejo. Entre escriptores gregos, e latinos foi sempre mui celebrado o Tejo, e por isso alguns lhes dão a primazia entre os mais rios do reino. Nasce nas serras de Molina, junto da cidade de Cuenca: outros o fazem natural de Mancha de Aragão: outros das serras de Albarracim; e discorrendo pelo reino de Castella a nova, e provincia da Estremadura castelhana, rega os povos de Zurita, Aranjuez, Toledo, Talavera de la Reyna, Almaraz, e Alcantara, em cujo progresso recebe as correntes de muitos rios, principalmente o Henares, Xarrama, Mançanares, e Guadarrama; e com cento e vinte leguas de jornada vem por Santarem descahçar em Lisboa, fazendo na melhor cidade o melhor porto do mundo: e, se a vulgar fama dos antigos, que lhe attribuia areias de ouro, (2) nos serve sómente hoje de admiração, e não de experiencia, fica semelhante falta bem supprida com os avanços das copiosas riquezas, que todos os annos lhe estão entrando pela sua famosa barra nas opulentas frotas do Brasil.

E quando nem isso fôra, bastava para estimação e riqueza, encerrar em si o preciosissimo thesouro do glorioso corpo de Santa Iria, sepultado debaixo de suas aguas defronte de Santarem. Duas vezes foi visto milagrosamente: a primeira, quando o tio da santa, chamado Celio, com a maior parte do povo de Nabancia, assim ecclesiasticos, como seculares, o foram ver por permissão de Deus, fazendo com que se separassem as aguas, e Celio chegou a abrir o sepulchro, e tirar da santa parte de seus cabellos, e pedaços da tunica: a segunda no anno 1324 pela rainha Santa Isabel, e elrei D. Diniz, em cuja occasião se abriram tambem as aguas para dar passagem á santa rainha, e tempo a se fazer um padrão de pedra, que indica o sitio do sepulchro, (3) que o senado de Santarem mandou aperfeiçoar no anno de 1644. Do Tejo escrevem os authores abaixo allegados. (4)

(1) Brand. na Monarq. Lusit. liv. 8. cap. 25. Benedictin. Lusit. tom. 2. pag. 299.
(2) Catul. Juven. Estaço, Ovid. e outros apud Macedo nas Flor. de Hesp. cap. 4. excel. 2. (3) Vasconcell. Histor. de Santar. part. 1. liv. 2. cap. 23. (4) Plin. liv. 4 cap. 22. e lib. 33. cap. 3. Mela lib. 3. cap. 1. Ludovic. Nun. Hispan. illustrat. tom. 3. cap. 35. Rodrig. dos Santos Histor. Hispan. part. 1. cap. 3. Resend. lib. 2. de Antiquit. Vasconcel. Descr. Lusitan. p. 407. Duart. Nun. Descr. de Port. p. 33. Nicolau de Oliveir. Grand. de Lisb. p. 21. João Salgad. Success. Milit. p. 175. D. Francisc. Xavier de Garma no Theatr. de Hesp. tom. 1. p. 68. e outros muitos.

Temitólas. Nasce em Lumiares, e pela villa de Armamar se vai direito ao Douro.

Tera. Tem seu nascimento na serra d'Ossa n'aquella parte, que olha para Estremoz, e corre junto da villa de Pavía: tem ponte, por onde se vai para Aviz, e paga seu tributo ao Guadiana.

Terena. Esta ribeira é a mesma que a Lucéfece: dá nome a uma villa, e mette-se no Guadiana.

Tinhella. Nas serras de Carrezedo de Monte Negro, termo da villa de Chaves, tem este rio o seu berço. Fertilisa a villa de Murça de Panoya, e depois de caminhar oito leguas vai desaguar no Tua.

Tourões. Esta ribeira nasce perto do lugar de S. Pedro do Rio Seco, termo da villa de Almeida; e vindo separando o reino de Leão, entra no Agueda abaixo de Escarigo.

Trancão. É uma ribeira no termo de Lisboa, que passando pelo Milharado, Sapataria, e Bussellas, vem regar, e fertilisar a grande quinta dos conegos regulares de S. Vicente acima do Tojal, entrando-lhe pelo meio d'ella; e correndo por penedias furioso no tempo de inverno vai buscar Unhos para morrer no Tejo; fazendo primeiro trabalhar muitas azenhas, e lagares com as suas correntes precipitadas.

Trogalha. Corre entre Sarzedas, e Castello Branco, e entra no Tejo.

Trovella. Fertilisa os coutos de Correlhã, e o da Feitosa pouco distante de Ponte de Lima.

Tua. Nasce em Galiza proximo ao lugar de Pias: corre por Mirandella, onde é recebido em ponte de dezanove arcos de cantaria; e fertilisando muitas terras, vai fenecer no Douro no porto de Foz-Tua.

Vade. Fertilisa com saborosas trutas o termo da villa da Ponte da Barca.

Val de Abrahão. Pequena ribeira, que nasce, e desce da serra d'Ossa da parte do sul.

Val de lobos. Ribeira, que passa por um lugar da freguezia de Bellas, e faz animar muitas azenhas, e fertilisar muitos pomares.

Valdouro. Corre esta ribeira uma legua distante da villa de Ferreira, e a enriquece de grandes bordalos, e pardelhas.

Valla. Discorre junto da villa de Mayorga, e com prejuiso de um formoso campo, que pelo inverno padece suas innundações.

Varche. Meia legua distante da cidade de Elvas corre este ribeiro pelo valle de seu mesmo nome.

Varzeas. Faz dividir Melgaço de Galiza pela parte do oriente, e desagua no Minho.

Vascão. Corre por Alcoutim, e entra no Guadiana, separando o reino do Algarve de Campo de Ourique.

Vez. Banha este rio primeiramente o val de Poldros, termo da villa dos Arcos, onde nasce nas montanhas de Penella; e continuando seu

caminho pelos campos de Valdevez, a que dá nome, vai logo perdel-o d'ahi a uma legua, por se misturar com o Lima junto de S. Pedro do Souto, posto que já caudaloso com os muitos regatos, que entram n'elle.

Vellarva. É uma ribeira, que rega o lugar de Santa Justa, que fica no termo de Alfandega da Fé, onde desagua a ribeira Alvar.

Velariça. Nasce na serra de Montemel acima do lugar da Burga, termo de Bragança. Despenha-se pela serra até parar em um valle, a que dá o nome, e por elle detido o espaço de seis leguas, fertilisa todo aquelle terreno bastantemente. Depois vai pagar o tributo ao Sabor meia legua acima do Douro.

Vereza. No cimo da serra da Gardunha nasce esta ribeira, e vem logo refrescando o lugar do Louriçal, que fica no termo da villa de S. Vicente, e vai avistar Castello Branco, passando por boa ponte.

Videgão. Passa esta ribeira não mui distante da villa de Cabeço de Vide, fertilisando muitas hortas e pomares.

Vide. Cerca esta ribeira a villa de Castello de Vide.

Vizella. Fórma-se de tres regatos, que nascem no concel ho Monte Longo; e lavando com suas aguas a aldeia de Arricanha, se mistura com o Ave, e perdem ambos o nome, mergulhando-se no mar pela villa do Conde. Alguns lhe chamam *Avizella.* D'elle cantou Manoel de Faria: (1)

Corre el Visela amado
Progresso sonoroso,
O crystalino parto de una peña,
A ser favor de un prado.

Unhaes. Pequeno ribeiro, que passa pelo pé da villa de Alvares, e se mette no Zezere.

Voliarça. Nasce esta ribeira na freguezia de S. Brissos, termo de Beja, e correndo de poente a nascente, se mette no Guadiana, passando primeiro entre Beja e Cuba, da qual dista uma legua

Vouga. Assignam o nascimento d'este rio na fonte da Senhora da Lapa, ou na serra de Alcoba. D'aqui vem descendo ao mosteiro de S. Bento, que ha em Ferreira de Aves, pela parte do poente, rega muitos lugares, até que misturado com os rios Sul e Agueda, entra em Aveiro com bastante soberba, segundo diz fr. João Felix na Isagoge:

Amnibus innumeris, Agathoque superbus in œquor
Piscoso laté gurgite Vacca fluit.

Tem uma grandiosa ponte, acabada no anno de 1713 por ordem do fidelissimo rei D. João V.

(1) Far. Font. de Aganip. part. 3. canç. 5.

Xever, *Xevera*. *Xeverete*, e *Xola*. São ribeiras, que procedem da serra de Portalegre.

Xudruro. Ribeiro, que nasce na fonte Freja, do concelho do Guardão, e fertilisa muito o lugar de Janardo.

Zacharias. Com este nome corre uma ribeira pelo termo da villa de Alfandega da Fe sujeita a uma ponte de quatro arcos, e tem seu nascimento na serra de Sambade, que outros chamam de Montemel. Tendo corrido seis leguas, vai acabar no rio Sabor, junto do lugar dos Picões.

Zezere. A este rio chama Camões caudaloso, e na verdade o é com as enchentes de outros, que entram n'elle. Nasce na serra da Estrella sobre a villa de Manteigas pela parte de Levante; e dando volta ao poente, recebendo varios rios, e ribeiros, enfadado da jornada se vai a sudoeste, e se torna para o sul receber outros riachos, e dá entrada ao Nabão, que com o ribeiro da Cortiça, e regatos d'aquelles montes fertilisa Thomar. Na aldeia da Matta se deixa atravessar com a barca da Esteveira: e pela famosa ponte do Cabril, que faz a divisão dos termos de Pedrogão grande e pequeno. Vai finalmente acabar em Punhete, mergulhando-se no Tejo com tanto impeto, que na distancia de mil e quinhentos passos ainda conserva a mesma côr azul, e sabor doce das suas aguas, como bem advertem Resende, e outros.

CAPITULO VIII

Das fontes mais notaveis

N'este capitulo fazemos só memoria d'aquellas fontes, que por alguma particularidade se fazem dignas de admiração; pois seria intentarmos um quasi impossivel querer dar noticia de todas as que circulam por nossas terras, sendo verdadeiramente innumeraveis. Nós em outra obra (1) já referimos algumas, e o doutor Francisco da Fonseca Henriques em o seu curioso *Aquilegio* faz menção de outras. Repetiremos outra vez as mais singulares, pois que assim o pede o assumpto, e a ordem que seguimos, nomeando primeiramente para maior clareza as terras d'onde emanam, e onde correm.

Abrantes. Na distancia de quatro leguas d'esta villa sobre a ribeira de Sor ha uma fonte, a que chamam da Fedegosa, a qual nascendo em mineral de enxofre tem qualidades frescas, e sara muitos achaques, que peccam em quentura. E no seu termo junto da ermida de Nossa Senhora do Tojo ha outra fonte de tão excellente agua, que a mandam buscar para os doentes beber: e accrescentam os moradores uma cousa (diz a Corografia Portugueza, que para mim é incrivel) e vem a ser: que ha-

(1) Recreação Proveitosa part. I. p. 369, e seq.

vendo algumas differenças sobre quem ha de encher primeiro, visivelmente se diminue a agua na mesma fonte. (1)

Aguiar de Sousa. Na freguezia de S. Mamede de Val-Longo ha no mais alto da montanha um poço mui profundo, que de inverno secca-se, e de verão tem tanta abundancia de agua frigidissima, que serve não só de regalo á gente, mas tambem aos milhos, que com ella se regam.

Alandroal. A fonte d'esta villa é memoravel pela grande copia de agua, que expulsa, a qual dizem que se lhe communica de um rio subterraneo. Formou aqui a natureza uma larga concavidade, a que os moradores chamam *Algar*, em cujo fundo se acha um poço com bocal feito ao picão, e d'elle sahe uma levada de agua muito grande. (2) N'esta mesma villa, na estrada que vai para Terena, ha outra fonte, que não corre de inverno, senão no estio. (3)

Alcacer do Sal. Na herdade das Praxanas, distante duas grandes leguas da villa, existe uma fonte, cuja agua é buscada de muitas leguas para remedio contra o mal da pedra; e tem as mesmas virtudes da que ha na villa de Almada.

Alcanede. No termo d'esta villa, e no lugar dos Amiaes debaixo corre uma fonte, que bebendo da sua agua qualquer pessoa, que tiver sanguisugas na garganta, immediatamente lh'as faz expellir, e se comprova com muitas experiencias.

Aljustrel. Em distancia de meia legua d'esta villa, chegado á ermida de S. João do Deserto, ha uma fonte de agua tão azeda, que ninguem a bebe, nem ainda os animaes; porem tomada como medicina, serve de excellente vomitorio, e boa para lançar fóra sezões.

Almada. N'esta villa ha uma fonte, cuja agua tem conhecida virtude para os achaques de pedra e areias. (4)

Amarante. No campo chamado da Feitoria, que fica defronte ao convento de S. Gonçalo d'esta villa, brota uma fonte abundantes aguas, que tambem tem notoria analogia, e semilhante virtude á de Almada.

Anção. N'esta villa se acha uma fonte, que lança de verão agua frigidissima, e pelo inverno tepida. Tambem por experiencia se tem observado, que a sua agua bebida facilita os partos, e preserva dos achaques de pedra, e outras enfermidades.

Armamar. Uma fonte ha no termo d'esta villa, que tem virtude as suas aguas para varias enfermidades. No sitio, onde nasce, ha muitas pedrinhas quadradas semelhantes áquellas, que vem da India, e se attribue, que a virtude, que tem a agua, será communicada das pedras

Batalha. Perto d'esta villa ha uma fonte no lugar das Brancas, cuja agua com facilidade, e em breve tempo se transmuta em sal.

(1) Corograf Portug. tom 3. p. 190. (2) Novaes na Relação dos Bisp. de Elv. (3) Fonseca, Aquileg. p. 194. (4) Duart. Nun. Descripç. de Port. p. 31. Vasconc. ib pag. 404.

Besteiros. Fica este lugar no termo da villa de Anciães, e aqui existe uma fonte de agua tão delgada, que com ella não se póde fabricar azeite.

Braga. Em distancia de um quarto de legua d'esta cidade, na quinta dos religiosos de Santo Agostinho corre de uma fonte agua tão fria, que no tempo mais ardente do verão mal se póde aturar a mão dentro d'ella, nem ainda em quanto se reza uma Ave Maria; e em poucos minutos reduz a vinagre um frasco de vinho, se o metterem dentro d'ella.

Bragança. Além de outras fontes, que ha n'esta cidade, notaveis, ha uma na quinta de Val de Flores, que a sua agua é efficacissima para facilitar a digestão, e abrir a vontade de comer.

Cadima. Ha aqui n'este lugar, que fica em distancia de Tentugal duas leguas, a celebre fonte chamada *Fervença*, de que fallam muitos authores, (1) a qual sorve quanto lhe deitam dentro da voragem, que sempre está em continua fervura. A causa d'este fenomeno é, porque alli ha alguma occulta cataracta ou precipicio, como bem explica o doutissimo Feijó. (2) Tambem na freguezia de S. Mamede, termo de Alcacer do Sal, d'onde dista quatro leguas, está da parte do poente um grande olho de agua, que corre para o rio Sado, o qual sorve tudo quanto lhe lançam dentro: chamam-lhe a *Anceira.*

Caldezes. Fica este lugar no concelho da Povoa de Lanhoso, e tem uma fonte chamada do *Tojal*, da qual saem misturadas com a agua muitas pedras quadradas, como já dissemos das de Armamar, e que tem a mesma virtude alexifarmaca.

Cano. Junto d'esta villa ha uma fonte, a que chamam dos *Olhos*, porque em seu nascimento está sempre a agua fervendo, e tem a particularidade de converter sua agua facilmente em pedra as cousas, que lhe lançam dentro.

Castello de Vide. Entre a grande quantidade de fontes, que regam esta villa, pois passam de trezentas, ha especialmente uma no arrabalde, que chamam da *Mealhada*, com a excellente virtude de livrar de dores nefriticas aos que costumam beber da sua agua: e no termo da villa de Oiteiro ha outra, que dizem ter a propriedade, e natureza do vinho.

Coimbra. Perto d'esta cidade, e no meio da estrada poucas leguas antes de chegar a ella, está a celebre fonte de *Alcabedeque* uma das mais copiosas que ha no reino, cujo nome lhe deram os mouros pela sua virtude, pois *Alcabedeque* na lingua arabe quer dizer *Agua de Deus.* Elles que lhe sabiam o prestimo mais do que nós, a estimavam tanto, que fi-

(1) Monarq. Lusitan. tom. I. liv. 2. cap. 5. Resend. lib. 2. de Antiquit. Duart. Nun. Desc de Portug. p. 30 Costa, Corograf. Portug. tom. 2. p. 85. Caram. no seu Philipp. Prud. Proem. §. I. num. 3. Plinio lib. 2. cap. 103. (2) Feijó, Theatr. Critic. tom. 9. pag. 43.

zeram junto d'ella um forte para a guardar. Veja-se a *Corografia Portugueza* no tom. 2.º pag. 34.

Covilhã. Na cerca dos religiosos de S. Francisco d'esta villa está uma fonte de agua frigidissima; e já tem acontecido algumas vezes acharem convertido em vinagre, o vinho que mandavam aqui resfriar.

Envendros. Existe uma fonte no sitio do Alpalhão, termo d'esta villa, cuja agua bebida no lugar, em que brota, é ingrata ao gosto, mas estando em casa, se faz de bom sabor. Attribuem os moradores, que a causa de se viver aqui muito, e com saude, procede da boa qualidade d'esta agua.

Ervedal. Quasi chegado á estrada, que vai do Ervedal para Benavilla, termo de Aviz, corre uma fonte, que no mez de Outubro secca, e vindo Março torna a correr, e dura todo o estio, por mais ardente que seja. Reduz tambem a pedra quanto lhe deitam dentro. (1)

Estremoz. A fonte da Lagôa, que ha na herdade dos Alens no termo d'esta villa, tem a mesma analogia que a antecedente, pois secca-se de inverno, e corre de verão.

Ferreirím. Uma legua distante de Lamego, na cerca do convento de Santo Antonio de Ferreirim, ha uma fonte de agua tão fria, que tambem converte promptamente o vinho em vinagre.

Freixeda. Este lugar, que fica no termo de Miranda, comprehende com admiração uma fonte de agua muito fria, e tão corrosiva, que consome no espaço de meia hora a carne, que se lhe lança dentro, deixando os ossos esburgados.

Grandola. Da serra dos Algarves, que dista uma legua d'esta villa, manam dois olhos de agua com duas propriedades bem contrarias, sendo irmãs no nascimento; porque as que saem para a parte do sul, são excellentes, e as que correm para o norte, não ha quem as possa beber, e por isso lhe chamam agua azeda. De outro olho de agua, que sae com maior abundancia, se tem observado, que toda a terra, que banha a sua corrente, fica infructifera, deixando tambem um fortissimo gelo, por onde passa.

Guarda. Por baixo da Cruz da Faya, nos limites d'esta cidade, emana uma fonte de agua fria com qualidades tão nocivas, que passam a mortiferas.

Guardão. Fertilissimo é este concelho de aguas admiraveis: tal é a fonte da Pipa junto da Povoa da Longera, a do lugar das Paredes, a fonte das Amexieiras, a chamada das Donas, e outras de singular qualidade, que refere a Corografia Portugueza. (2)

Guimarães. Afastado da villa para o sul fica a milagrosa fonte de S. Gualter, cuja virtude para varias enfermidades faz attrahir muita gen-

(1) Leit. nas Miscelan. p. 347. (2) Corograf Port. tom. 2. p. 192.

te, que ou bebendo, ou lavando-se em sua agua, experimentam conhecida melhoria.

Marmellos. É este um lugar, que fica no termo da villa de Lamas de Orelhão, onde existe uma fonte de igual virtude curativa de varias enfermidades, que a experiencia tem mostrado infallivel.

Massouco. Junto da igreja matriz d'este lugar, que é do termo da villa de Freixo de Espadacinta, ha uma fonte, a que chamam do Xido, a qual principia a correr do mez de Março por diante: e tem os moradores feito observação, que, se o anno ha de ser fertil, expulsa mui pouca agua: e, quando ha de ser esteril, brota com abundancia; e d'esta fórma vem a ser um quasi reportorio para as gentes d'aquelles contornos.

Monchique. Com a mesma propriedade ha outra fonte n'este lugar, que fica no Algarve, a qual em Dezembro totalmente se secca. De igual singularidade se admira outra em Monforte, meia legua distante da villa, a qual se secca no mez de Setembro, e em Maio torna a rebentar com grande torrente. Em Monsanto tambem corre outra com as mesmas circumstancias do tempo.

Olmos. A fonte chamada do Gogo, que fica no termo d'esta villa, lança agua de fórma, que faz fio como clara de ovo, e affirma-se ter virtudes medicinaes.

Ouguella. Bebem os moradores d'esta villa a agua de uma fonte, que dizem não cria cousa viva dentro em si, senão sómente rãs. São presentaneas para matar sanguisugas e lombrigas. Se por acaso, ou inadvertencia põem a coser legumes com esta agua, é escusado gastar tempo, porque nunca os coze.

Santarem. Nos limites d'esta villa, e no lugar de Rio-Mayor ha um olho de agua salgada seis leguas distante do mar.

Sardoal. Aqui ha a fonte de Penha, que tem a circumstancia de não correr, senão tambem de verão, e seccar-se pelo inverno. Tal é a providencia de Deos.

Serra da Estrella. Emana do sitio chamado Valdcrosim uma fonte de agua tão fria, que em pouco espaço de tempo transmuta em vinagre o vinho, quando o querem resfriar.

Setubal. Tem a praça d'esta villa uma formosa fonte, cuja agua é petrificante; por isso o seu aqueducto é aberto, para se desintupir desembaraçadamente.

Thomar. Em a freguezia dos Formiguaes, que é no termo d'esta insigne villa, e no lugar da Quebrada rebenta de inverno uma fonte com alguns olhos de agua, pelos quaes saem alguns ouriços de castanha, não havendo d'alli a tres leguas castanheiros.

Valverde. Só em dia de S. João Baptista lança agua uma fonte chamada por este motivo Santa, que existe n'este lugar do termo da villa de Alfandega da Fé.

Vinhaes. Affirma-se que a melhor agua, que ha na provincia de Tras os Dontes, é a que existe no rocio d'esta villa em uma fonte admiravel. Por mais que se beba d'ella, nunca offende o estomago, e facilita muito a exclusão de areias e pedra. No lugar dos Casares, termo da dita villa, ha outra fonte de agua tão fria, que mettendo-lhe dentro um quarto de carneiro, o come todo sem lhe deixar mais que os ossos; e não faz damno aos moradores que d'ella bebem.

Urros. Chamam á fonte, que ha n'esta abbadia da comarca da villa de Moncorvo, a fonte Santa, porque dizem que Santo Apollinario a fizera rebentar n'este sitio: e muita gente se aproveita de suas aguas para algumas molestias, usando d'ellas com fé: mas não consiste aqui só a maravilha, porque estando uma legua distante do Douro, se communica de sorte com elle, que tambem se altera, quando elle se ensoberbece.

Com estas, e outras innumeraveis fontes enriqueceu a Providencia divina este nosso terreno, encontrando-se pelas provincias do reino aguas nativas de exquisitas propriedades, que se a alguns dos leitores, ou estranhos, ou forasteiros, fizerem duvida, offerecemos a fé e credito dos mesmos naturaes, que o affirmam, quando a verdade d'esta sincera narração não baste: pois o nosso objecto por agora não attende a sondar, nem a averiguar os occultos arcanos da natureza, como cousa impropria ao intento geografico. O doutor Francisco da Fonseca Henriques escreveu d'este assumpto um livro, que intitulou «Aquilegio Medicinal», a que os curiosos podem recorrer.

CAPITULO IX

Das Caldas

Da abundancia das aguas saudaveis procede o beneficio dos banhos, ou Caldas, de que o reino tambem gosa, de cujo assumpto, supposto escreveram alguns dos nossos, (1) daremos informação das mais especiaes, por não defraudarmos d'este apontamento o nosso mappa.

Alcafache. Uma legua de Viseu, e no termo de Azurara nascem de uma fonte, que está chegada ao rio Dão, aguas sulfureas, que fazem o mesmo effeito com sua virtude medicinal, como as de S. Pedro do Sul, ainda transferidas para outras partes distantes.

Alvor. Afasta[illegible] quatro leguas d'esta villa no lugar de Monchique estão uns banhos medicinaes, onde se foi curar elrei D. João II de uma hydropezia.

(1) Jacob. de [illegible] Rector Medic. Fonsec. Aquileg. Medicin. Curv. na Polyanth. etc. Vasconcel. Descr[illegible] p. 432. Duart. Nun. cap. 12.

Anciães. Junto ao lugar do Pombal, termo da villa de Anciães, ha umas caldas, que nascem de uma fonte em serra aspera, e as suas aguas são sulfureas, que tomadas em banhos servem para debilidades de nervos, estupores, vertigens e outros achaques d'esta classe: ha occasiões, em que a experiencia tem mostrado bastar ao doente um só banho para sarar de todo.

Aregos. No concelho de Aregos, comarca de Lamego, ha muitas caldas da mesma natureza que as referidas.

Cascaes. As caldas d'esta villa estão na quinta do Estoril junto ao convento dos religiosos de Santo Antonio: nascem de tres olhos de agua, e servem para paralysias, rheumatismos, convulsões, e para todas as queixas espurias, e de calor.

Chaves. Para achaques frios de nervos são estas as melhores caldas do reino. Nascem entre a muralha da Praça, e o rio Tamega: procedem de mineraes de enxofre, caparrosa, salitre, e pedra hume. Os romanos usavam muito d'ellas para as suas molestias.

Covilhã. No termo d'esta villa, e no lugar chamado Unhães da serra ha caldas procedidas de uma fonte de agua sulfurea, presentanea para achaques frios de juntas e nervos.

Evendros. Debaixo de um penedo n'esta villa brota um chorro de agua mais que tepida, a qual tomada em banhos tem grande virtude para achaques frios e cutaneos.

Favayos. Estão no termo d'esta villa umas caldas, que nascem de mineraes de enxofre, e usam os naturaes d'ellas para quaesquer molestias, que padecem, porque para todas encontram virtude n'aquellas aguas.

Gerez. N'esta serra ha algumas aguas calidas, e sulfureas, que tem prestimo para achaques frios de nervos.

Guimarães. Estão estas caldas na freguezia de S. Miguel, distante uma legua da villa, e se compõem das aguas calidas, que nascem de uma fonte por sete olhos: applicam-se a achaques frios.

Lagiosa. No areal do rio Dão, que corre por esta freguezia duas leguas affastada de Viseu, se acha em qualquer parte d'elle agua tepida, e sulfurea, tomando muita gente os banhos na abertura de covas, que costumam abrir na mesma areia, e são admiraveis para frialdades.

Leiria. Brotam no rocio d'esta cidade duas fontes, que parecem uma só pela união, e lançam dois tornos de agua differentes, porque um é frio, outro tepido, e d'elles se formam as caldas, boas para achaques frios.

Lisboa. Entre os chafarizes d'elrei, e dos Paus estão estas caldas, chamadas vulgarmente os banhos das Alcaçarias: são estas aguas admiraveis para intemperanças quentes das entranhas, e mais partes do corpo. A continuação dos enfermos, que a ellas concorrem sempre, acreditam muito o seu prestimo.

Longroiva, e *Monção*. Participam estas villas de suas caldas admiraveis para enfermidades frias, e para convulsões, estupores, paralysias e vertigens.

Obidos. Chamam-se os banhos, que ha junto d'esta villa, caldas da rainha, porque a rainha D. Leonor, mulher d'elrei D. João II, mandou fazer alli hospital para os enfermos se curarem. Vem as suas aguas por mineraes de enxofre, e salitre, infundindo-lhe tal virtude para differentes achaques, como a experiencia frequentadissima o publica. Elrei D. João V tomou aqui banhos em Agosto de 1742 com a assistencia de toda a corte, e continuou nos dois annos seguintes para remedio do ataque da paralysia, que lhe debilitou a parte esquerda. Vendo porem o quanto estava destruido o edificio, o mandou reedificar desde o anno de 1747 com toda a magnificencia, e commodidade para os doentes, que alli vão curar-se n'aquelle verdadeiramente regio hospital. Diogo Patulhet, francez, sargento mór da artelharia, mas muito curioso, e de grandes experiencias medicas, compoz no anno de 1752 um excellente livro de observações d'estas caldas, a cujas aguas justamente intitula divinas, e os seus banhos prodigiosa Piscina.

S. Pedro do Sul. Tambem estas caldas são famosas. Ficam tres leguas distantes de Viseu, e se compõem de aguas sulfureas, e nitrosas, e tão calidas, que mettendo-se no lugar, onde nascem, qualquer animal, logo o pellam. Servem para estupores, paralysias, e outros achaques. Elrei D. Affonso Henriques tomou aqui banhos, e d'elles ha uma descripção impressa em livro de quarto muito boa e erudita.

Pena-garcia. Na comarca de Castello Branco, e na raiz da serra de Pena-garcia se admiram varias fontes de agua tepida com a prodigiosa virtude de sarar varias enfermidades, ou bebida, ou applicada em banhos.

Penaguião. N'este concelho ha duas caldas sulfureas, que remedeiam achaques frios de nervos.

Ponte de Cavez. Ao pé d'esta ponte ha um nascimento de agua com a mesma virtude, que as que nascem de mineraes sulfureos.

Nossa Senhora do Pranto. No termo da villa de Montemór o velho, e no lugar da Azenha ha as caldas de Nossa Senhora do Pranto, cujas aguas são salitrosas, e sulfureas, e com a mesma virtude analoga, que ja temos referido.

Ribeira do Boy. Estas caldas estão no termo da villa de Touro, comarca de Castello Branco: compõem-se de aguas sulfureas, onde se tem descuberto remedio para estupores, e debilidades de nervos.

Villar da Veiga. Na freguezia de Santa Anna, que está n'este lugar situado no monte Gerez, ha pouco tempo se descubriram estas caldas, que dizem são as melhores do reino. Veja-se ao reverendo padre Argote. (1)

(1) Argot. nas Antiguid. da Chancellaria de Brag. pag. 382.

CAPITULO X

Da fertilidade do reino em commum

Quando fallámos de cada provincia em particular, dissémos a benigna qualidade do sitio, e clima favoravel, que pertencia a cada uma; e pelo que vimos, não ha em Portugal palmo de terra, que seja esteril em quasi todo genero de fructos. Os authores antigos não só lhe dão o titulo de paiz pingue, senão do mais delicioso do mundo; (1) e, porque esta verdade necessita de mais individual expressão para inteirar o conceito dos estranhos, comecemos pelos mantimentos, e pelo mais preciso.

Trigo. Todos os nossos escriptores affirmam, (2) que em outro tempo houve mais trigo no reino, que no tempo de agora; e já Luiz Nunes na sua Lusitania, (3) comparando sómente Santarem com Sicilia, não quiz que esta villa cedesse áquelle reino na fecundidade d'este producto. Esta abundancia não só de Santarem, mas de outras muitas terras nossas puderam os naturaes experimental-a da mesma sorte presentemente, se não houvera tanta extracção de farinhas para as conquistas, e houvera mais applicação para a agricultura. Tambem este ponto é mui lamentado pelos zelosos da patria. (4)

A verdade é, que temos muitas terras baldias, que, se quizeramos aproveitar-nos d'ellas, cultivando-as, dariamos trigo a todo o mundo. No reino do Algarve ha grandes valles, e fertilissimos, porem devolutos. No Alemtejo ha charnecas, que nunca viram arado, nem enxada, e por causa da ociosidade se acham infructiferas, que de si o não são; e n'este sentido se deve entender o padre Mariana, que chama a esta provincia esteril. (5) Na mesma provincia, e no sitio das Vendas Novas, que é terreno de areia solta, e até aqui tida por infructifera, desde que el-rei D. João V mandou fabricar alli um grande palacio no anno de 1729, se principiou a plantar vinhas, pomares, e hortas muito boas, de que se colhe grande renda.

Certos authores (6) dizem, que se abrirem o lamarão de Sacavem até Alverca com vallos por dentro, e fizerem diques pela parte do rio, dará pão para meia Lisboa, e linho canamo para enxarcias, e amarras. O mesmo se poderá fazer em outras muitas partes do reino, onde se acham lamarões, sapaes, e terras alagadiças, tomando o exemplo dos

(1) Strab. lib. 3. Athen. lib. 4. Gymnosoph. Polyb. lib. 38. (2) Apud. Duart. Nun. Descr. de Port. (3) «Jactitet se Cereris dono Sicilia, nihil video cur Santareno praeferantur. (4) Duart. Nun. Descripç. de Portug cap. 34. (5) P. Marian. Histor. de Hesp. liv. 10. p. 1. cap. 13. (6) Luiz Mendes de Vasconcel. no Sitio de Lisb. O A. dos Serões do Principe part. 1. disc. 6. § 9. Sever. de Far. Notic. de Portug. disc. 1.

romanos, venezianos, e senhores de Ferrara, os quaes, como diz Botero, (1) assim o executaram com as lagôas Pontinas, campos de Poleseno, e valles de Comachio em grande proveito de seus vassallos, e interesse dos direitos reaes, D'este projecto se aproveitou em outro tempo elrei D. Sancho I, que se honrou muito de ser chamado o *Lavrador,* (2) e o mesmo cuidado teve el-rei D. João II.

Sem embargo de toda esta negligencia, ou ociosidade, que não é defeito das terras, mas dos homens, se não houvera tanta gente superflua estrangeira, que habita em nosso reino, e a grandeza de herdades particulares, teria elle para os naturaes pão superabundante, e do melhor da Europa, principalmente do Alemtejo, e termo de Lisboa, onde vemos ainda assim as melhores tercenas, ou celeiros de toda a Europa com a provisão d'este genero de alimento. Nas outras provincias, onde não ha tanta abundancia de trigo, suppre o milho, a castanha, a cevada, e o centeio, de que fazem farinha, e se sustentam.

Azeite. É tanta a abundancia de azeite, que escusamos repetir o que n'este particular affirmam nossos escriptores, (3) principalmente da fertilidade,, e bondade, que ha d'este genero em Santarem, Abrantes, Thomar, Torres-Novas, Montemór o Novo, Coimbra, Evora, Moura, Elvas, Beja, Beringel, termo de Lisboa, e na Torre de Moncorvo, onde só o dizimo importa mais de seiscentos almudes, gastando-se na fabrica do sabão dois mil cantaros, e provendo-se Galiza, e outras terras de Castella do muito que d'aqui levam.

Vinho. D'este producto soccorre o nosso reino a muitos dos estranhos, principalmente das partes septentrionaes, porque aos portuguezes lhes é impossivel dar consumo á grande copia de vinhos, que todos os annos recolhem das provincias, sendo os mais gabados os de Alvor, Beja, villa de Frades, Vidigueira, Cuba, Peramanca, Alcochete, Almada, Caparica, Carcavellos, Camarate, Oeiras, Ourem, Lamego, Monção, deixando os da Beira, e Tras os Montes tão excellentes, que os não tem melhores todo o mundo, sendo todos estes ordinariamente bem incorporados, e com especialidade os tintos, que tem força para lotar os outros. Os francezes, e inglezes gostam muito dos vinhos extrahidos do lugar chamado Barra a barra, que fica da outra banda de Lisboa; porque dizem, que são mais delicados, e menos cubertos, (4) e por isso conduzem muitos de Alhos Vedros, e outras terras para as suas; não deixando de se admirar de que nós não estimemos o licôr de Baccho, tanto como elles, e que as fontes sejam ordinariamente as que nos matam a sede, e não as vides. Os peiores vinhos do reino são os do Minho, chamados verdes, (5) porque duram pouco; e ou pela sua aspereza lhe chamam de enfor-

(1) Boter. de Ration. Stat. lib. 8. (2) Nun. na Vid. de Sancho I. (3) Duart. Nun. Descripção de Portugal cap. 25. Fr. Nicol. de Oliv. Grand. de Lisb. tract. I. cap. 4 Maced. nas Flor de Hespanh. cap 3. excel 4. (4) Le Baron de Lahontan. tom. 3. Voiages de Portug. p. 208. (5) Far. Europ. Portug. tom. 3. part. 3. cap. 8. n. 2.

cado, (ou talvez porque lançam as vides, e cachos pendurados nas arvores), d'onde veio a dizer o sentencioso Sá de Miranda, alludindo ao dito de Cineas. (1)

Depois nos Olmos mostrado,
Nunca vi, disse, enforcado,
Que a forca assim merecesse.

Carnes. Da grande copia em todo o genero de gados, que ha no reino, ninguem duvida. O grande consumo, que se faz d'elles no provimento de armadas, e frotas, e a consideravel extracção de lãs para o negocio do norte, e Inglaterra, bastava para prova d'esta opulencia, se já o não tiveramos mostrado só na fecundidade da provincia do Minho. No que se deve reparar é no sabor, e mimo das vaccas, e vitellas da Beira: carneiros, cordeiros, e leitões do Alemtejo: cabritos da serra de Cintra, e Caldeirão, sem omittir a preciosa provisão de leite, natas, manteigas, e queijos muito melhores que os flamengos, e parmazanos: nem nos esquecermos dos excellentes presuntos da Beira, e chacina do Alemtejo.

E que diremos da montaria, e caça real? Sem encarecimento Castella não a tem melhor. Admiraveis são as corças, e cervos da serra do Algarve: os veados das serras de Mertola, Portel, Almeirim, Arrabida, Cintra, e tapada de Villa Viçosa: javalis da Tapada, Pinheiro, serras de Portel, Vascão, Grandola, e Alcacer: lebres, e coelhos das Berlengas, Alcantara, e Nossa Senhora do Cabo, pelo especial gosto, que lhe causa o pasto do perrexil.

Aves. Deixando a grande creação das domesticas, que em grandes ninhadas, e bandos vemos por todo o reino em abundancia, galinhas, patos, pombos, e perus, não ha cousa como os perdigotos e perdizes do termo de Lisboa, das serras de Cintra, Beira, e Caldeirão: tordos de Thomar, e do Alemtejo, taralhões de Cezimbra, rolas de Alcacer, adens, e galeirões dos Paus de Palma, Obidos, e Benavente, com outros varios bandos de passaros de arribação, que com o cibato das nossas terras se fazem muito mais saborosos que os hortolanos de Paris. Aqui se póde aggregar a quantidade grande de canoras, e vistosas aves, os rouxinoes, pintasilgos, chamarizes, codornizes, cochichos, lavercos, verdelhões, tentilhões, melros, pintarroxos, tutinegras, e outros mil suaves passarinhos, que pelos bosques, e ramos dos alemos, choupos, freixos, loureiros, e outros arvoredos espessos divertem os olhos, e os ouvidos com excellente musica natural em distinctos córos.

E ainda que as terras são differentos em arvores, e fructos, os de

(1) Sá de Miranda cart. 2. est. 10.

Portugal são tantos, e tão bons, que se produzem n'elle todos os que nas outras partes são estimados: porque de frutas de espinho tem por toda a parte admiraveis laranjas da China, doces, e bicaes, a que os estrangeiros chamam fructas propriamente de Portugal: prodigiosas limas da serra d'Ossa, limões em Collares, Cintra, Peninha, Loures, Povos, Azeitão, Setubal, Couto do Bouro, Condeixa, Borba, Santiago de Cacem, e as admiraveis cidras do Landroal.

Das fructas de pevide tem especial estimação as camoezas de Thomar, Alcobaça, Torres, Lourinhã, Montemór o Novo: saborosissimas peras de muitas castas, e nomes: de rei, de conde, bergamotas, bojardas, cornicabras, carvalhaes, conforto, flamengas, gervasias, codornos, de rio frio, engonxo, de S. Bento, de bom christão, virgulosas, e lambe-lhe os dedos, com as formosas, e appetitosas maçãs de Abrantes, baunezas, leirioas, melapios, repinaldos, verdeaes, e até rainetas de França na villa de Mafra, com outras muitas, que em dilatados, e frescos pomares dão que invejar a reinos estranhos, pois só na villa de Montemór o Novo ha quatrocentos pomares de regadio mui deliciosos.

Antecipam-se a estes deliciosos productos aquellas fructas de caroço, que logram universal estimação por primeiras, e por gostosas: taes são as cerejas de Palayos, Bucellas, e Pampilhosa, e as chamadas de saco da Lousã, Coimbra, Leiria, e Portalegre: as ginjas garrafaes de Lamego, Borba, e Alemquer: as fructas novas, e ameixas reinoes de Montemôr o Novo, com as brancas, saragoçanas, e abrunhos de Cintra, Collares. Azeitão, e Cezimbra: os gentis figos lampos, e perinhas de cheiro do termo de Lisboa e Setubal, com os graciosos damascos, alperches, e pecegos de tantas castas em Abrantes, Aviz, Azeitão, e villa Franca, sem nos esquecermos das mimosas amoras, e morangos, e das bellas uvas moscateis de Jesus, tamaras, ferraes, diagalves, e malvasias de Punhete: do chamado singular bastardo de Cacilhas, Barreiro, e Almada, com os seus excellentes e incomparaveis figos brancos; dos selectos melões da Vellariça, Chamusca, Arrayolos, Benavente, e Muxagata: das doces, e vermelhas melancias de Patayas, junto da Nazareth, de Coruche, e Chamusca: das romãs, marmellos, e gamboas de Santarem, com a quantidade sem numero de castanhas verdes, e piladas da Beira, e Minho: de amendoas, passas, figos, e alfarrobas do Algarve, principalmente de Estoy: nozes, sorvas, nesperas, e avelãs da Estremadura; bolotas, azeitonas, e pinhões do Alemtejo, sem fazermos caso dos medronhos, murtinhos, camarinhas, e amoras de silva, que a natureza como fructos agrestes produz nos matos, e nas charnecas; a que se podem ajuntar as chamadas tuberas da terra, de que a Beja se vão vender aos alqueires, e são especial prato, ou feitas á semelhança de coelho, ou á imitação de favas.

Seguia-se lembrarmo-nos das hortaliças, que não tem que invejar as nossas cousa alguma ás de Italia, ou França, pois em parte alguma haverá couves tão grandes, e nabos tão monstruosos, que se possam

igualar com as da Beira, especialmente as murcianas de Azeitão, e Setubal: Repolhos da villa do Conde: Cardos das hortas de Beja, e Baleizão, e toda a hortaliça de Santarem: e muito menos com a riqueza, regalo, e recreação das muitas quintas, e hortas, tendo só Lisboa em si, e seu termo mais de sete mil; porem toda esta especie não cabe na memoria por infinita, e da mesma sorte a copiosa fertilidade de legumes de todo o riba-Tejo, raizes, arbustos, e ervas comestiveis, e aromaticas. Só com as medicinaes pudera Portugal supprir os balsamos, as massas, e especiarias da India, se os portuguezes foram mais curiosos em se dar á intelligencia da Botanica, ou virtude das ervas, e plantas, sendo certo, como confessão os estrangeiros, (1) não haver terreno mais bastecido, e fertil de ervas medicinaes, que Portugal, ainda no mais escabroso das suas serras.

Assim vemos que por ellas cria a natureza prodigamente sem a diligencia da cultura o alecrim, a arruda, o aipo, a argentina, a alfavaca de cobra, os almeirões, os agriões, a agrimonia, a artemija, a avenca, as azedas, a bisnaga, a borragem, o cardo santo, a carqueja, a celidonia, a centaurea, a congossa, a douradinha, a dormideira, o endro, o ensaião, a erva cidreira, a erva doce, a escabiosa, a escorcioneira, a eufrazia, o funcho, a filipendola, o gilbarbeiro, a hepatica, a hera, o hyssopo, o jaro, a labaça, o lirio, a lingua de vacca, a losna, a macela, a malva, o malvaisco, a mangerona, o mastruço, o marroio, o meimendro, o millefolio, a moleirinha, a murta, o nardo celtico, a neveda, o oregão, a ortelã, as papoilas, a peonia, a pimpinella, os poejos, a rabaça, o rosmaninho, a salgadeira, a salsa, o saramago, a segurelha, a sanguinaria, a semprenoiva, a serpentina, a solda, a tamargueira, a tanchagem, o tomilho, o trevo, o trovisco, a valeriana, o verbasco, a versa, a veronica, a viola, e outras de experimentada virtude e prestimo, (2) de que tambem os multiplicados enxames de abelhas se aproveitam para a fabrica do mel nos excellentes colmeares, principalmente nas serras de Serpa, Portel, termo de Palmella, e toda a provincia de Tras os Montes, que costuma repartir com os visinhos; não sendo menos util a copiosa colheita do linho, grã, e esparto das provincias do Minho, Beira. Estremadura, e Algarve, de que tanto se aproveitam as nações estrangeiras.

Ainda para recreio dos sentidos, vista, e olfato se mostra a natureza tão provida, e liberal em nossos campos na producção de infinitas flores, umas brancas, outras encarnadas, outras roxas, outras amarellas, azues, e verdes, que não ha monte, nem valle, que no tempo do verão deixe de respirar alegria, e suavidade com o esmalte, e fragrancia das boninas, junquilhos, mosquetas, lirios, madresilva, legacão, azareiro,

(1) Mervelleux Memoir. instr. tom. I. p. 193. e 216. Barlamont no Elixir do Univ. cap. 4. e 5. (2) Gabr. Grisley Desengan. da Medicin. Duart. Nun. Descripç. de Portug. Vigier Histor. das Plant.

giesta, murta, flor de laranja, e outra muita diversidade, que exhalando agradavel cheiro, nascem, e se criam em qualquer prado, compondo um continuado ramalhete; porque a industria da arte nas cercas, e nos jardins tem em todo o anno constante o Abril, e florescente a primavera com vistoso matiz de amarantos, ambretas, amores perfeitos, angelicas, aquilegias, araras, assucenas, artemijas, azareiros, anemolas, bordões de S. Joseph, botões de ouro, borboletas, caracoleiros, caxias, cravos, cravinas, disciplinas, ervilhas de cheiro, esporas, flores pombinhas, flores do Cabo de boa Esperança, flores de liz, girasoes, goivos, jasmins, jacintos, junquilhos, lilazes, malmequeres da sessia, malvas da India, maravilhas, mauritanas, margaritas, melindres, mogarins, narcisos, noturnos, novelos, orelhas de urso, papagaios, papoulas da India, perpetuas, piramides, primaveras, rainunculos, rosas, saudades, selindres, suspiros, tulipas, valverdes, e violas, com as frondosas latadas de caracoes, trepadeiras, chagas, e martyrios, e o verde adorno dos crespos, e cheirosos mangericões.

Quanto ao peixe, alem de o gabar Marineo Siculo, (1) e Botero, (2) tem Portugal razão forçosa para o ter em abundancia, e mui saboroso, por ser um paiz verdadeiramente maritimo, lançado, e estendido pela costa do oceano, onde o mar continuamente o está regalando de differentes peixes, uns maiores, outros menores, merecendo especial memoria os deliciosos salmões do Minho, as gabadas azevias de Alhandra: os raros solhos, e tainhas do Sado; os saborosos saveis, e lampreias do Mondego, e Coa: as douradas, escolares, e atum do Algarve: os salmonetes, linguados, redovalhos, bezugos, e sardas de Setubal: as admiraveis trutas, e mugens da Beira, e Minho: as selectas bogas, barbos, e escalhos de Alviella: os ruivos de S. João da Foz, e villa do Conde: as famosas pescadas, e curvinas de Cezimbra, Cascaes, Ericeira, Caminha, e Esposende: os congros, e roballos de Peniche, e Buarcos: os safios, eirozes, cachuchos, e gorazes do Tejo. E deixando de particularisar outras innumeraveis especies de peixe, que os rios, ribeiras, e lagôas nos tributam com a fecunda pescaria de sardinhas, e carapaus, e os celebrados camarões de Villa Franca, com os saborosos cardumes de ostras, bribigões, e mais mariscos de Aveiro, e Setubal, vimos a concluir, que de tanto genero de mantimentos, e regalos, com que nos provê benigna a natureza, se vem a fazer um todo admiravel contra o que diz Virgilio, que *non omnis fert omnia tellus*, pois todas as cousas vemos em tanta copia juntas n'esta opulenta peninsula.

(1) Marin. Sicul. de Reb. Hispan. lib. 1. (2) Boter. Relaç. Univ. part. 1. liv. 1. pag. 14.

CAPITULO XI

Dos mineraes

A tanta fertilidade, e mimo de especies sensitivas, e vegetaveis, como temos summariamente mostrado haver n'este nosso reino, quiz Deus tambem ajuntar-lhe as estimaveis riquezas de preciosos mineraes. Os de oiro, e prata são muito antigos em toda a Hespanha, como refere a Escriptura sagrada; (1) e tão naturaes em o nosso Portugal, como affirma Plinio, (2) e o confirma Estrabo, (3) rendendo ao senado de Roma cada anno dos direitos, que se tiravam das minas de Asturias, Portugal, e Galiza, trinta mil marcos de oiro: sendo este sem duvida o unico attractivo, e reclamo, que chamou de tão longe os Frigios, Fenices, Tyrios, Carthaginezes, e Romanos a fazer-nos guerra, e tributarios á sua cubiça.

Mas deixando a lembrança das minas antigas, como as de que faz menção Justino (4) que havia na provincia do Minho, e as que houve na freguezia de S. Mamede de Val-Longo do concelho de Aguiar de Sousa, e no lugar de Villa Verde, termo de Mirandella, (5) e no termo de Grandola, e no sitio de Alfarella da provincia de Traz os Montes, e no lugar do Seixo não longe de Anciães, (6) e em outras muitas partes do reino, esgotadas pela ambição dos romanos.

É certo que no anno de 1290 concedeu elrei D. Diniz privilegios aos que tiravam ouro na Adiça junto á foz do Tejo entre Almada, e Cezimbra, que era a officina mais antiga, d'onde se tirava ouro n'este reino em grande copia. Os mesmos privilegios concederam os mais reis até elrei D. Manoel, em cujo tempo com o descubrimento das riquezas da Asia foram diminuindo as extracções das minas de Portugal, como tudo conta a Monarquia Lusitana. (7)

Tambem no anno de 1628 se descubrio no lugar de Paramio, tres leguas da cidade de Bragança, uma mina de prata tão fina, que de oito arrobas de pissarra ficavam na fundição seis de prata; e havia tanta quantidade d'ella, que promettia o superintendente oito arrobas cada dia livres para elrei. (8) Bem sabido é, e celebrado pelos antigos o purissimo ouro, que se tirava de entre as areias do Tejo, (9) e tambem não é para esquecer o sceptro, que elrei D. João III mandou fazer do ouro extrahido das mesmas areias, o qual sceptro affirma Duarte Nunes, (10) que muitas vezes vira nas mãos dos nossos monarchas em occasião de côrtes, e que ainda se conserva no thesouro regio.

(1) 1. Machab. 8. (2) Plinio lib. 33. cap. 4 (3) Strab. lib. 3. de Situ Orbis: «Nec in alia parte terrarum tot saeculis haec fertilitas. Plin. alleg. (4) Justin. lib. 44. (5) Costa. Corograf. Port. tom. I. p. 374. e 452. (6) Ibid. tom. 3. p. 337. Argot. Antig. da Chanceil. de Brag. p. 224. e 332. (7) Monarq. Lusit. liv. 16. cap. 30. (8) Ibid. Monarq. Lusit. (9) Silio Italico, Martial, e outros apud Maced Flor. de Hespanh. cap. 4. excel. 2 (10) Duarte Nun. Descripç. de Portug. cap. 14.

Se nós fizermos uma natural reflexão ácerca do muito, que nossos primeiros reis dispendiam, já com o sustento de grandes exercitos em continuas campanhas; já com grossas armadas; já na erecção de Templos, e palacios sumptuosos; nos thesouros riquissimos, que deixavam a seus filhos; nas distribuições generosas, e soccorros poderosissimos, com que ajudavam a muitos principes catholicos, (1) sem que n'aquelle tempo houvesse tanta renda dos direitos reaes, nem o descubrimento das riquezas da Asia tivesse ainda contribuido com seus thesouros para supprir estes gastos, forçosamente devemos inferir, que em Portugal havia opulentas minas. Este pensamento confirma com bastante erudição o doutor fr. Serafim de Freitas, (2) dizendo, que antes do descubrimento da India não havia reino na Europa mais opulento que Portugal: por isso com elevado episodio, e sabio fundamento introduziu o erudito Botelho na infancia de Portugal a idade preciosa de ouro, (3) que o singular Camões no cant. 9.º e 10.º attribuiu ao tempo, e governo do sempre saudoso rei D. Manoel.

Esta observação é só por uma natural conjectura; porque è infallivel haver sempre muitas minas de ouro, e prata por todo o reino, como ainda ha na villa de Borba, Beja, Evora, no termo de Barcellos, e Thomar, em Tras os Montes, e em outras partes conhecidas, (4) as quaes não se praticam hoje por certa razão de estado, que aponta Plinio (5) nas de Italia, e Duarte Nunes, (6) e as memorias instructivas de um viajor nas de Portugal: ou tambem porque com o descubrimento das minas da America no estado do Brasil tão fecundas, e com as mais modernas de diamantes, descubertas no serro do frio, de cujos riquissimos transportes resulta ao reino tão copioso lucro, (pois chega a vinte milhões de cruzados o que nos vem todos os annos das minas,) attrahidos d'esta fertilidade, e opulencia os portuguezes, se esqueceram do que tinham mais perto.

Não só enriqueceu a natureza o reino de ouro, e prata, mas tambem de pedras preciosas. No monte do Oiteiro, que cerca a villa de Borba, acham-se finissimas Turquezas, as quaes não são de cor verde, como disse Duarte Nunes, (7) e por sua informação Manuel de Faria, e a Corografia Portugueza, (8) mas sim de cor azul opaco, segundo bem adverte, e emenda o padre Bluteau. (9) Na ribeira de Bellas, pouco distante de Lisboa, e principalmente no lugar do Suimo, ha muita quantidade das pedras preciosas chamadas Jacinthos, que na cor arremedam

(1) Resend. Chron. delrei D. João II cap. 61. Marian. lib. 25. c. 11. Osor. liv. 2. de Reb. Emman. Andrad. Chron. delrei D. João III part. 3. cap. 15. (2) Freitas de Justo Imperio Lusit. cap. 16. «Ita ut ante Indiæ explorationem nullum ex Europeis Regnum opulentius Lusitano inveniretur». (3) Botelh. no Alfonso da impressão de Salamanc. ann. 1731 liv. 10. est. 76. e seqq. (4) Far. na Europ. Portug. tom. 3. part. 3. cap. 8. n 10. Corograf. Port. tom 3. p. 11. (5) Plin. lib 33. c. 4. (6) Duart. Nun. Descripç. de Portug. cap. 14. Memor. instruct. tom. I. p. 210. (7) Duart. Nun. Descripç. de Portug. p. 44. (8) Far. na Europ. Port. tom. 3. p. 183. Corograf. Port. tom. 2. p. 513. (9) Bluteau, Vocab. verb. «Turqueza».

muito á flor bemmequer. (1) No Algarve acham-se rubis. Na serra de Cintra ha minas de magnetes, ou pedras de cevar, (2) de que os estrangeiros se tem aproveitado mais do que nós. E no rio Cávado apparecem amethystos, jacinthos, e crystaes finissimos.

Tudo isto é mui conforme com o que dizem Botero, e Gil Gonçalves de Avila, (3) que em Portugal não só ha muitas minas de preciosos metaes, mas muitas pedras preciosas; d'onde fr. Marcos de Guadalaxara Xivier, tratando da nova França, diz, (4) que n'aquella terra se acham diamantes semilhantes aos que ha no Tejo: e isto não póde causar duvida, quando sabemos que na real capella de Villa Viçosa, ha uma custodia, cuja pedraria, de que está cravejada, foi toda extrahida das minas de seus contornos. (5)

De cobre se descubriu no anno de 1620 na serra de Grandola uma mina muito boa. De estanho, e muito fino temos em Amarante, Bouzella, S. Pedro do Sul, Belmonte, e em outras partes, (6) que nós vimos no anno de 1736 pela diligencia de monsieur Damy. De ferro ha bastante copia nas villas de Penella, e Thomar: (7) e affirma o erudito Severim de Faria, (8) que é o melhor ferro do mundo, pois d'elle se costumam fabricar espingardas mui estimadas de todos os principes. O cristal em muitas partes d'este reino se acha em pedaços; e refere Duarte Nunes, (9) que na villa do Crato havia no seu tempo poços, d'onde se tirava grande quantidade. O mesmo se acha nas montanhas de S. Mamede de Val-Longo, termo de Aguiar de Sousa, e em S. Vicente de Caldellas, termo de Pico de Regalados. (10)

No concelho de Gondomar na freguezia de S. Christovão do Rio-Tinto ha minas de talco tão bom, que se conduz por negocio para muitas partes. Chumbo se extrahe de Aremenha. Que diremos das grandes cantarias de tantas variedades de pedras, quantas vemos em todo o reino? Os marmores brancos tão admiraveis, que se tiram da villa de Estremoz: os pretos de Cintra: os vermelhos, azues, amarellos, e pardos de Pedro Pinheiro, com os quaes se fabricou o real templo de Mafra, que, com o adorno de tanta diversidade de pedras, bem podemos dizer, que é uma joia preciosa, ou um vistoso ramalhete, em que está unida a robustez com a delicadeza, o natural com o artificioso. Com igual estimação vemos os porfidos de Setubal, e os celebrados marmores da serra da Arrabida, e os de Montes Claros, e os de Villa Viçosa, dos quaes se tem aproveitado ainda os melhores edificios de terras estranhas. (11)

(1) Corograf. Portug. tom. 3. pag. 52. Blut. verb. «Jacintho». (2) Mem. instructiv. tom. I. p. 112. (3) Boter. Relaç. Univ. part. I. liv. I. Avila, Grand de Madrid. liv. 4. (4) Xivier part. 5. Pontif. lib. 3 cap. 4. (5) Serões do Princip. part. I. disc. 6. §. 10. (6) Corogr. Port. tom. 2. p. 393. (7) Duart. Nun. Descr. de Port. p. 42. (8) Sever. Notic. de Port. disc. I. (9) Duart. Nun. Descripç. de Port. p. 42. (10) Corogr. Port. tom. I. p. 224. e 374. Monarq. Lusit. liv. 16. cap. 30. (11) Duart. Nun. Descripç. de Portug. p. 45. Luiz Mendes no Sitio de Lisb. p. 192.

Não longe de Coimbra ha uma casta de pedra mui clara, e lustrosa, mas tão branda, que basta qualquer prego sem maceta para a lavrar. (1) Outra mais admiravel se produz no lugar das Antas, termo da villa da Arruda, com a qual costumam ladrilhar os fornos, em que se coze o pão; porque tem ella tal virtude, e calor intrinseco, que basta receber pela manhã a quentura sufficiente, para a conservar todo o dia, sem ser necessario renovar-se o fogo, ou administrar-lhe mais lenha. (2) A esta especie podemos ajuntar as pedras molares de Cezimbra, e Porto de Mós, e as admiraveis pederneiras de espingarda, que ha por Alcantara junto de Lisboa, com todas as suas pedreiras matrizes de muita differença de pedra, que com a falta de curiosidade inda ignoramos.

Poucas terras levarão vantagem á nossa na producção de barros finos, aptos para a fabrica de cousas domesticas. Entre todos merece o primeiro lugar o barro vermelho, e odorifero de Estremoz, de que se fazem preciosos pucaros, os quaes não só tem a galantaria de ficarem presos, e pendurados nos beiços, quando por elles se bebe, mas tem a virtude bezoartica, e alexifarmaca, com que se extenuam as qualidades do veneno, (3) pelo que é bem merecida a estimação, que em toda a parte logram. Em Roma no museu do padre Kirker, e Bonani, que se conserva no collegio dos padres Jesuitas, os vimos com especial recato; e em muitos gabinetes de monsenhores, e principes de Italia constituem não pequeno adorno. Depois d'estes seguem-se os de Lisboa, chamados pucaros da Maya, ou do Romão, feitos com summa delicadeza, e formosura, especialmente aquelles, a que chamam de aletria, de um barro tambem odorifero, com os quaes lá lhe achou uma bella analogia o discreto Camões (4) para comparar as formosas damas lisbonenses. Os de Montemór o Novo, Sardoal, Aveiro, e Pombal são fabricados de barros igualmente selectos, não sendo para desprezar a louça de barro, que se fabrica na villa das Caldas.

De azeviche ha muitos mineraes, maiormente na villa da Batalha, de que se fazem curiosos brinquinhos, e figuinhas, as quaes trazidas á vista dizem que são contra o quebranto, e fantasmas melancolicas: (5) por isso rara é a criança n'este reino, que não ande armada de muitas d'estas figas contra o mau olhado. O padre Eusebio Nieremberg (6) approva a virtude natural do azeviche para este effeito, mas condemna a effigie.

A formosura do coral nos contribue muitas vezes o mar de Peniche, lançando-o pelas praias em ramos, e esgalhos bem galantes, de que

(1) Far. Europ. Port. tom. 3. p. 183. (2) Rodrig. Mend. da Silv. na Poblac. gener. de Hesp. p 30. e Duart. Nun. ut supr. (3) Aldrovand. in Musaeo Metal. lib. 2. pag. 229. Curvo na Polyanth. p. 592. mihi. n. 15. Fonseca no Aquil. p. 210. (4) Cam. cart. I. (5) Dioscorid. lib. 5. cap. 103. Plin. liv. 25. cap. 10. S. August. de Civit. Dei cap. 9. (6) Nieremb. Filosof. Natur.

temos visto alguns. O vermelhão se colhe no rio Minho, d'onde tomou o nome, e de que falla Justino. (1) No tempo d'elrei D. Manoel se descobriram minas de vermelhão, e de azougue. (2) O cheiroso ambar acha-se algumas vezes pelos areaes de Troya defronte de Setubal, que o mar lança fóra, quando tem andado tempestuoso. O salitre não falta pelas grutas de Alcantara. (3)

O sal se coalha copiosamente nas muitas marinhas, que ha em Aveiro, Santo Antonio do Tojal, e em Setubal, bastando só os direitos reaes d'estas salinas de Setubal para satisfazerem aos hollandezes os milhões, que se obrigou o reino a pagar-lhe pelo tratado da liga defensiva, concluindo-se o anno de 1703 o seu ultimo pagamento. Bastante prova é d'esta fertilidade o grande numero de navios estrangeiros, que continuamente vemos em nossos portos a fazerem carregações do sal, que lá nas suas terras não tem: e é isto tão antigo, que affirma Pedro de Mariz (4) ver-se em tempo d'el-rei D. Pedro I nos portos de Lisboa, e Setubal muitas vezes quatrocentos, e quinhentos navios a esta carga, e outras nossas mercadorias. Seguia-se tratarmos agora do commercio do reino; mas eomo reservamos esta noticia para quando descrevermos Lisboa, primario archivo de todas as grandezas, e trafegos de Portugal, passemos á averiguação das moedas, que se tem lavrado, com toda a sua diversidade, e valor.

CAPITULO XII

Das moedas de ouro, prata, e cobre antigas, e modernas, que se tem lavrado em Portugal

As moedas mais antigas, de que ha noticia em o nosso reino, são as do famoso Sertorio, capitão romano, o qual vindo a Portugal no anne 83 antes de Christo, com o projecto de se fazer senhor de Hespanha, mandou bater moedas. Tinham de uma parte esculpido o seu rosto de meio perfil, e da outra banda a figura de uma corça, como offerece uma estampada o erudito chantre de Evora Manoel Severim de Faria. (5) Era ella de prata do tamanho de seis vintens, e semelhante a esta foram achadas outras. Foi isto muito antes dos imperadores romanos.

Com a morte porem de Sertorio, ficando a nossa Lusitania reduzida a provincia sujeita ao imperio romano, o dinheiro, que então corria n'estas partes, era o mesmo de Roma; e ainda que se acham algumas moedas d'aquelle tempo abertas em algumas cidades, e terras nossas, era por especial privilegio dos imperadores, dos quaes se tem descu-

(1) Justin. lib. 44, cap. 4. (2) Monarq. Lusit. tom. 5. p. 80. (3) Mervelleux Memoir. instr. tom. I. p 216. (4) Mariz Dialog. 3. cap. 6. (5) Manoel Severim de Faria Notic. de Portug. disc. 4. §. 2.

berto em todas as nossas provincias muita quantidade das de ouro, prata, e cobre, como referem o mencionado Severim, e outros. (1)

Acabado o imperio dos romanos, seguiram-se os godos: e desde o anno 411 de Christo até o de 570, que é o em que governou Leovigildo com poder absoluto, tambem não ha memoria de moeda alguma. De Leovigildo até D. Rodrigo, ultimo rei godo, acham-se algumas, ainda que mal abertas, de ouro, e prata, como as expressa o allegado Severim no §. 3. Fr. Bernardo de Brito, diz, que no tempo do rei godo Flavio Recaredo, o qual morreu pelos annos de Christo 601 havia moedas de ouro, e prata batidas em diversas partes da Lusitania; e que alem da que refere Ambrosio de Morales batida em Evora com seu rosto de ambas as partes, e a letra de seu nome com a outra ELBORA. JUSTUS: conservava elle em seu poder outra de ouro baixo com seu rosto esculpido grosseiramente, e no reverso uma cruz com esta letra OLISBONA, PIUS. D'onde se deixa ver, que havia em Lisboa officina de bater moeda em tempo d'este rei. Tambem diz que vira outra do rei Svintila, de ouro, batida na cidade de Evora, com seu rosto de uma parte, e ao redor SVINTILA REX: da outra banda uma cruz com esta bordadura: EBORA VICTOR. Vencedor em Evora. Sem embargo de que o padre Argote diga, que não vira em author algum moeda de prata do tempo dos godos. (2)

Seguiram-se depois os mouros no anno de 714, ou 716, e introduziram as suas moedas por toda a Hespanha em todos os tres generos de metal, ouro, prata, e cobre, de que se tem achado ainda algumas, principalmente no Alemtejo, e terras do Algarve, e nós vimos bastantes de prata com certos caracteres arabicos, que se descubriram em Loulé. Um dos dinheiros, de que usavam os mouros, era chamado Maravedi, e permaneceu tanto em Hespanha, que até o reinado d'elrei D. Fernando I de Leão todas as computações das contas se faziam por maravedis, assim como nós as fazemos [illegible] pela valia de réis. Pouco depois se estabeleceu a monarquia portugueza com reis proprios, e das moedas, que estes mandaram lavrar, e das que presentemente correm, faremos uma resumida memoria pelo estylo, que observamos.

Alfonsim. Esta moeda mandou lavrar elrei D. Affonso IV, que d'elle tomou o nome, com o consentimento do clero e povo. (3) Era de tres qualidades, cobre, prata, e ouro; o alfonsim de cobre valia pouco mais de um real dos nossos: o de prata era do tamanho de um tostão, e valia pouco mais de quarenta reis. Tinha de uma parte sobre o nome *Alfo* uma corôa, e por baixo do nome d'elrei havia umas, que tinham a letra L, por serem abertas em Lisboa, outras a letra P, por serem feitas

(1) Idem ibid. Far. Europ. Port. tom. 3. part. 4. cap. 11. Argot. Memor. do Arceb. de Brag. tom. 3. no Supplem. ao liv. 4. pag. LVII. Sousa na Histor. Geneal. tom. 4. p. 107.

(2) Argot. ut supr. pag. LV. Monarq. Lusit. l. 6. cap. 19. 21. e 22. (3) Chron. delrei D. Fernand. cap. 58.

no Porto, e pela orla tinham esta inscripção: *Adjutorium nostrum in nomine Domini.* O mesmo se lia da outra parte, onde estavam os cinco escudos do reino postos em cruz. O alfonsim de ouro valia quinhentos e tantos reis. (3) Todas estas moedas tinham o mesmo cunho.

Aureo. Foi moeda, que correu no tempo d'elrei D. Sancho II pelos annos 1240, como se acha em escripturas publicas. O reverendo padre fr. Francisco de Santa Maria em um tratado, que fez das moedas de Portugal, e anda incorporado no tom. 4.º da Historia Genealogica da casa real a pag. 261, é de parecer, que esta moeda fosse d'aquellas mesmas dobras de ouro, que fez lavrar elrei D. Sancho I com a sua figura armado a cavallo, com a espada na mão, e a letra: *Sancius Rex Portugaliæ* de uma banda, e da outra os cinco escudos em cruz, que nós chamamos quinas, e dentro em cada um cinco dinheiros não mais, e a letra á roda: *In nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti. Amen*: (1) e sendo esta tal moeda, valia o tal Aureo pouco mais de cento e vinte réis da nossa moeda corrente, e é a mais antiga, que se acha no reino.

Barbuda, ou *Celada*. Foi moeda de prata muito-ligada, que mandou lavrar elrei D. Fernando com o valor de 36 réis. De uma parte tinha um capacete com viseira, e peito de malha, a que tudo chamavam Barbuda, ou Celada, d'onde tomou o nome, e em cima uma corôa, e pela orla da moeda a letra: *Si Dominus mihi adjutor, non timebo*: da outra parte uma cruz da Ordem de Christo, que tomava todo o vão, e no meio da cruz um escudo pequeno com as quinas de Portugal, e nos angulos da cruz quatro castellos, e em roda a letra: *Fernandus Rex Portugaliæ, Alg.* No tom. 4.º da Historia Genealogica da casa real vem aberta a sua figura, cuja circumferencia se póde ver melhor, que por informação dos authores, os quaes discrepam muito nas medidas da sua grandeza.

Calvario. Era certa moeda de ouro de 22 quilates, e tambem chamavam cruzados, que mandou lavrar elrei D. João III com o valor de quatrocentos reis, que depois subio a seiscentos rêis. Tinha de uma parte a cruz sobre o monte Calvario, que d'aqui tomou o nome, com a letra em roda: *In hoc signo vinces*: da outra banda o escudo real coroado, e a lettra: *Joann. III. Port. et Algarb. R. D. Guin.*

Ceitil. Mandou lavrar esta moeda de cobre elrei D. João I, ou na occasião, em que tomou a cidade de Ceuta aos mouros, como dizem alguns authores, ou porque era cada dinheiro d'estes a sexta parte de um real de cobre, e por isso ceitil é o mesmo, que sextil, e esta nos parece a mais verdadeira deducção. Lavraram-n'a os reis successores até elrei D. Sebastião.

(1) Fr. Anton. da Purificaç. Chronic. de S. Agost. part. 2. liv. 7. tit. 6. §. 6. (3) Monarq. Lusitan. liv. 10, cap, 7.

Conceição. Esta moeda mandou lavrar elrei D. João IV em ouro, e em prata no anno de 1648. A de ouro valia doze mil reis: tinha de uma parte a effigie da Senhora da Conceição com tres symbolos d'este mysterio por cada lado, e em circulo as letras: *Tutelaris Regni*: da outra parte estavam as armas reaes no meio de uma cruz da Ordem de Christo, e na cercadura: *Joannes IIII D. G. Portugaliæ, et Algarbiæ Rex.* A de prata tinha o mesmo cunho, mas era de maior diametro, que os cruzados novos, e corria com o valor de seiscentos reis. A origem, que houve para se cunhar esta moeda, foi assim:

Depois que o felicissimo rei D. João IV fez tributario o reino de Portugal á Conceição da Senhora em cincoenta cruzados de ouro cada anno, applicados para a sua real capella de Villa Viçosa, jurando, e tomando n'este mysterio a Senhora por protectora do reino em côrtes do anno de 1646 (1) tratou logo de lhe pagar o tributo em moeda especial, e para isso mandou abrir a França um cunho da fórma, que temos dito, o qual trouxe, e fez Antonio Ruiter, a quem se deu tres mil reis, que dispendeu com a abertura do ferro, como consta do liv. 1. do registo da casa da moeda pag. 256, vers. d'onde inferimos, que o primeiro anno, em que elrei fez a sobredita offerta, seria no anno de 1648, por ser este anno o que se vê expresso na sobredita moeda, a qual desde o anno de 1651 principiou a ser moeda corrente pela lei, que saiu para isso. E sem embargo de que no tom. 4.º da Historia Genealogica da casa real pag. 287 se diga, que umas, e outras moedas corriam com peso de uma onça, foi equivocação; porque da mesma lei, que vem no dito tomo a pag. 359 se vê, que as de ouro corriam com o peso de doze oitavas, e valiam por doze mil réis; e as de prata com peso de uma onça, e corriam por seis tostões: e peso de doze oitavas é onça e meia.

Elrei D. Affonso VI continuou tambem a mandar lavrar as sobreditas moedas em todo o tempo do seu governo, e da mesma sorte elrei D. Pedro II, e n'esta moeda se fazia a offerta de vinte e quatro mil réis no dia da festa da Conceição, em cujo dia trazem pendente ao pescoço os tres officiaes, que administram a casa da Senhora, uma das taes moedas. No anno porém de 1685 teve fim a fabrica d'estas moedas, porque desde então nunca mais se lavraram, entregando-se os referidos vinte e quatro mil réis em outra qualquer moeda para a despeza da festa de Villa Viçosa.

Coroa. Foi moeda de ouro, que mandou lavrar elrei D. Duarte com o valor de 216 réis. Elrei D. Manoel tambem a mandou lavrar, e valia 120 réis: chamava-se meia coroa. Este preço conservou até o reinado d'elrei D. João III e elrei D. Sebastião. (1)

(1) Fr. Anton. da Purific. allegad. e o illustr. Cunha na Histor. Eccl. de Lisb. allegad. Ordenaç. delrei D. Man. liv. 4. tit. 1.

Cruzado. Quando o papa Pio II mandou a Bulla da Cruzada para a guerra santa contra os turcos, ordenou el-rei D. Affonso V que se lavrasse uma moeda de ouro subido de 24 quilates, e que se chamasse cruzado em reverencia da Bulla, e com o valor de 400 réis. Tinha de uma parte a cruz de S. Jorge com a letra: *Adjutorium nostrum in nomine Domini*; e da outra o escudo real com a coroa sobre a cruz da Ordem de Aviz com estas letras: *Cruzatus Alphonsi Quinti R.* Manoel de Faria (2) mostra que viu uma moeda d'estas com differente cunho. No anno de 1561 valia cada cruzado d'estes 500 réis, e depois foram subindo ao valor de 600 réis, e d'este ao de 640. (1)

Presentemente correm cruzados novos de ouro, que mandou lavrar el-rei D. João V desde o anno de 1718 com o valor intrinseco de 400 réis, e na estimação commum de 480. Por decreto de 8 de Fevereiro de 1730 mandou o mesmo senhor que se lavrasse nas minas quartos de escudo de ouro com o valor extrinseco de 400 réis cada um, e intrinseco de 375 réis, tendo de uma banda o retrato d'el-rei, e da outra na parte superior uma coroa real, na inferior a era, em que se fabricam, e na circumferencia o nome d'el-rei. A esta moeda chamamos cruzado dos quaes já não ha muitos.

El-rei D. João IV mandou lavrar cruzados de prata com o valor de 400 réis, e meios cruzados com 200 réis de valia. Depois foram subindo até ao reinado delrei D. Pedro II que levantou os cruzados a seis tostões, e os meios cruzados a tres tostões mandando tambem lavrar cruzados novos de prata com o valor de 480, e meios cruzados com o de 240, a que presentemente chamamos doze vintens, e que ainda correm nos nossos tempos.

Dinheiro. Foi moeda de cobre, que tinha de uma banda a cruz da Ordem de Christo com duas estrellas, e duas meias luas nos vãos, e a letra *A. Rex Portugaliæ*; da outra parte tinha as cinco quinas com a letra *Algarbii.* Valia um ceitil menos um decimo. D'estes dinheiros faz menção a Ordenação velha liv. 4. tit. 1. § 17.

Dobra. Moeda de ouro de varias castas: *Portuguezas*, *Castelhanas*, *Mouriscas* ou *Barbariscas.* As portuguezas chamavam-se *Cruzadas*, que mandou lavrar el-rei D. Diniz com o valor de 270 réis: outras se chamam Dobras d'el-rei D. Pedro, e valiam 147 réis. Das dobras castelhanas havia umas, que se chamavam da Banda por serem lavradas por el-rei D. Affonso XI de Castella, e tinham de uma parte a banda, insignia da Ordem Militar, que o mesmo rei instituiu, e valiam 216 réis: com este nome faz d'ellas menção a Ordenação velha liv. 4 tit. 1. Tambem se chamavam Valedias, porque valiam, e corriam em Portugal. Havia outras dobras com o nome de Dona Branca, e outras Sevilhanas, que mandou bater em Sevilha el-rei D. Affonso o Sabio, e valiam 600 réis. Tinham de uma parte el-rei armado a cavallo com a espada na mão, e

(1) Far. na Europ. Port. tom. 3. part. 4. cap. 11. n. 12. (2) Cunha na Hist. Eccles. de Lisb. tom. 1. part. 2. cap. 20. n. 10.

a lettra em roda: *Dominus mihi adjutor*: da outra parte as armas de Castella, e Leão com o letreiro: *Alfons. R. Castellæ, et Leg.* (1) As mouriscas, ou barbariscas valiam 270 réis. Elrei D. Pedro I mandou lavrar meias dobras com o valor de 73 réis e meio.

Ducatão de ouro. Quando elrei D. Sebastião foi a Guadalupe, mandou lavrar esta moeda: uma com o valor de quarenta mil réis, outra de trinta, outra de dez cruzados. (2)

Engenhoso. Foi moeda de ouro, que fez lavrar elrei D. Sebastião no anno de 1562 com o valor de 500 réis. Tinha de uma parte a cruz com a letra: *In hoc signo vinces*; e da outra banda o escudo do reino com a letra: *Sebastian. I. Rex Portugal.* Chamou-se esta moeda do engenhoso, por assim se chamar João Gonçalves, natural de Guimarães, que fez o cunho. Ordenou-o elle de sorte, que as moedas sahiam fundidas de pezo, e com um circulo ao redor para não se poderem cercear, (3)

Escudo. Moeda de ouro com muita liga, que mandou fazer elrei D. Duarte com a valia de 90 réis. Elrei D. Manoel a mandou desfazer.

Espadim. Houve n'este reino moedas com este mesmo nome de tres castas. Espadins de ouro mandou-os lavrar elrei D. João II com o valor de 320 réis. Tinha de uma parte o escudo do reino com a lettra: *Adjutorium nostrum in nomine Domini*: e do reverso uma espada empunhada com a ponta para cima, e em circulo o nome d'elrei. Em tempo d'elrei D. Manuel valia 500 réis. Espadins de prata, que mandou abrir elrei D. Affonso V com o mesmo cunho que os de ouro, só com a differença de ter a ponta da espada voltada para baixo. Chamou-se espadim em memoria da Ordem da Espada, que instituiu para a conquista de Fez, como diz Severim. (4) Valiam 24 réis. Espadins de cobre prateados mandou bater elrei D. João II com o valor de quatro réis.

Forte. Com este nome mandou lavrar elrei D. Diniz uma moeda de prata com o valor de dois vintens, ou quarenta réis; e meios fortes, que valiam um vintem. Tinha um, e outro de uma parte o habito de Christo com a letra: *Dionysius Rex Portugal. et Algarb.* da outra parte as armas do reino, e a letra: *Adjutorium nostrum in nomine Domini.* Houve outros fortes, e meios fortes, que fez bater elrei D. Fernando em preço de 29 réis, que depois abateu a 16.

Frizante. Foi moeda de prata, que corria no tempo de nossos primeiros reis, mas não se sabe de que valor era. A Monarquia Lusitana faz menção d'esta moeda. (5)

Gentil. Elrei D. Fernando mandou lavrar esta moeda de ouro, mas de quatro castas. Havia gentil de um ponto, e valia 162 réis: gentil de dois pontos 144 réis: gentil de tres pontos 126 réis: gentil de quatro

(1) Cunha, Histor. Eccl. de Lisb. part. 2. cap. 20. n. 13. (2) Fr. Manoel dos Sant. Histor. Sebast. p. 488. (3) Barbos. Remiss. á Ord. tit. 21. liv. 4. p. 30. (4) Manoel Severim de Far. Notic. de Portug. disc. 4. §. 29. (5) Monarq. Lusit. p. 3. in Append. n. 16.

pontos 116 réis. Fr. Antonio da Purificação (1) diz, que o gentil d'elrei D. Fernando valia 720 réis.

Grave. Moeda de prata, que mandou bater elrei D. Fernando do tamanho de meio tostão, e valia 21 real. Tinha de uma parte a letra F, primeira do seu nome, e sobre ella uma coroa dentro em um escudo, e nos lados duas cruzes, com a letra na orla: *Si Dominus mihi adjutor.* No reverso tinha a cruz de S. Jorge sobre um escudo rodeado de quatro castellos, e o nome do rei na cercadura.

Indios. Mandou elrei D. Manoel no anno de 1499 lavrar esta moeda de prata com o valor de 33 réis em memoria do descubrimento da India. Tinha de uma parte a cruz da ordem de Christo com o letreiro: *In hoc signo vinces*; e da outra parte as armas do reino com a letra: ***Primus** Emmanuel.*

Justo. Esta moeda era de ouro, que mandou fazer elrei D. João II e valia 600 réis. De uma parte tinha o escudo real já com as quinas direitas sem a cruz de Aviz, e o nome d'el-rei na cercadura; e no reverso tinha a effigie delrei sentado em um throno com a espada na mão entre dois ramos de palma, e a letra em roda: *Justus ut palma florebit.*

Leal. Era moeda de prata, que mandou fabricar elrei D. João II com valor de doze réis. Tinha de uma parte a letra *Leal* por baixo de uma cruz; e da outra parte o escudo do reino com o nome d'elrei na orla.

Livra. Foi moeda lavrada em varios reinados, e de varias castas, d'onde procede a alteração do seu valor. A livra de ouro em tempo d'elrei D. Diniz valia oito vintens: o mesmo valor tinha já no reinado d elrei D. Affonso III. No tempo d'elrei D. João I valiam pouco mais de 82 réis. A livra de prata era de dois generos: antigas, e novas. Havia livras antigas, por cada uma das quaes se haviam de pagar setecentas das novas, e assim valia cada uma das antigas 36 réis; e havia tambem livras antigas, por cada uma das quaes se pagavam quinhentas das novas, e então valia cada uma 25 réis. A livra de cobre era de tres sortes, porque havia livra de dez soldos, que valiam tres réis e meio; livras de dez livras pequenas, e valiam meio real: livras de tres livras e meia, que valiam real e meio, e corriam até o anno de 1407.

Maravedim, ou *Morabitino.* Foi moeda, que introduziram no reino os mouros almoravides, ou morabitos, que significa fieis, segundo o mostra Aldrete. (2) Havia maravedim de ouro, que mandou lavrar elrei D. Sancho I com o valor de 500 réis. Tinha de uma parte a effigie d'elrei a cavallo com a espada nua na mão, e pela orladura: *In nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti.* No reverso tinha o escudo real, e o nome

(1) Purific. Chron. de S. Agost. allegada. (2) Aldret. no Thesouro da lingua Castelh. Vide etiam Bochart, in Geograf. Sacra no principio da sua vida.

d'elrei em gyro. Os maravedis mouriscos não tinham mais que uns caracteres, ou attributos de Deus de uma parte, e da outra, o nome do principe, que os mandara abrir. Houve tambem maravedis de prata, que corriam com o valor de 27 réis.

Mealha. Não era moeda, que tivesse cunho particular, mas era metade da moeda, que chamavam dinheiro, e valia meio ceitil.

Nomeada. Moeda de prata, que fez lavrar elrei D. João I e seu filho elrei D. Duarte. Não se sabe o que valia. Tinha de uma banda a cruz de S. Jorge com a letra: *Dominus adjutor fortis*; e da outra o escudo do reino com o nome d'elrei na circumferencia.

Patacão. Era moeda de cobre com o valor de dez réis, que mandou fazer elrei D. João III. Tinha de uma parte o escudo real coroado com o nome d'elrei, e da outra parte a letra X, com a inscripção: *Rex Quintus decimus.* Havia tambem meios patacões com a letra V, que valiam cinco réis. Elrei D. Sebastião reduziu esta moeda ao valor de tres réis.

Peças Moeda de ouro, que corria no tempo do infante D. Pedro, duque de Coimbra. Elrei D. João II a mandou desfazer.

Pé-Terra. Moeda de ouro, que fez lavrar elrei D. Fernando com o valor de 216 réis.

Pilarte. Foi moeda de prata, que lavrou elrei D. Fernando com o valor de treze réis, e dois ceitis. O nome de Pilarte foi posto em attenção, ou memoria dos pagens dos soldados estrangeiros, que lhe levavam os capacetes, ou barbudas, a que o francez chama *Pilartes.*

Portuguez. Elrei D. Manoel, do ouro, que lhe vinha das conquistas da Asia, fez lavrar umas moedas, que se chamaram portuguezes de 500 ducados cada uma, e depois mandou lavrar outras, que valiam quatro mil réis. D'estas houve tanta copia, que nas praças não se pagava por quasi todo o reino com outra moeda, senão com a chamada portuguezes de ouro. (1) Tinha de uma parte a cruz da Ordem de Christo, e a letra em roda: *In hoc signo vinces*; e da outra o escudo real coroado com as letras: *E. R. P. A. C. U. A. D. G.* que queriam dizer: *Emmanuel Rex Portugaliæ, Algarb. q. Citra, Ultra Afric. Dominus Guineæ.* Tinha outro letreiro por fóra junto á garfila, ou orla: *C. C. N. E. A. P. I.* que dizia; *Commercio, Conquista, Navegação, Ethiopia, Arabia, Persia, India.* Elrei D. João III tambem os mandou lavrar da mesma fórma. Elrei D. João V mandou lavrar em Lisboa no anno de 1718 portuguezes de ouro de 22 quilates, e com o valor de 19200 cada portuguez, os quaes foram sómente para se lançar nos alicerces da real igreja de Mafra. Tambem elrei D. Manoel mandou fabricar portuguezes de prata no anno de 1504, e valia cada um 400 réis. A estes portuguezes depois resuscitou elrei D. João IV e elrei D. Pedro II chamando-lhe cruzados.

(1) Far. no Comm. das Lusiad. de Cam. cant. I. p. 115.

Quatro vintens. Mandou lavrar esta moeda de prata elrei D. João III que de uma parte tem o nome do rei com coroa, e o numero LXXX, e na orla a letra: *Rex Portug. et Algarb.* Da outra parte tem a cruz de S. Jorge com a sabida inscripção: *In hoc signo vinces.*

Real. Esta moeda a mandou lavrar em prata varias vezes elrei D. João I sempre com o mesmo valor, mas cada vez de menor pezo. Os primeiros valiam nove dinheiros, os segundos seis dinheiros. Até o tempo d'elrei D. Manoel corriam reaes de prata com o valor de vinte réis, e outros de trinta. Elrei D. João III tambem os mandou lavrar com o valor de quarenta réis, e com os mesmos cunhos da moeda de quatro vintens, mudando o numero 80 em 40. A mesma moeda fez lavrar D. João IV, e é o chamado meio tostão, que hoje corre. Havia real de cobre de varias sortes: uns tinham mistura de estanho, com que ficavam mais claros, e se chamavam reaes brancos. Mandou l'vral-os elrei D. Duarte e D. Affonso V. Os que se lavraram antes do anno de 1446 valiam dez ceitis. Havia outros reaes chamados pretos, por serem de cobre puro, e valiam pouco mais de um ceitil. Elrei D. João II para desterrar tanta confusão de reaes, fez lavrar real de cobre de seis ceitis. O mesmo fizeram seus successores até el-rei D. João III. Tinham de uma parte um R, debaixo de uma coroa, e da outra o escudo do reino com o nome d'elrei na orla. Elrei D. Sebastião fez lavrar meios reaes com a valia de tres ceitis: tinha de uma banda um S coroado, e da outra um R entre dois pontos.

Sinquinho. Moeda de prata d'elrei D. João II e D. Manoel: valia cinco réis. O delrei D. Manoel tinha de uma parte os cinco escudos do reino em cruz com as letras: *Emmanuel P. R. et Al.* da outra uma malta com a mesma letra. Tambem elrei D. João IV fez lavrar sinquinhos de prata.

Soldo. Foi moeda das mais antigas do reino lavrada em ouro, prata e cobre. A de ouro valia oito reales, ou dezaseis vintens: a de prata dez reis: a de cobre um real. Este soldo em tempo d'elrei D. João I chamava-se moeda-febre.

Talento. Corria esta moeda no governo d'elrei D. Sancho I no anno de 1188, e valia quatro ducados, ou cruzados, e era de ouro.

Tornezes. Moeda de prata em tempo d'elrei D. Pedro I. Tinha de uma parte a cabeça d'elrei com barba comprida, e a lettra: *Petrus Rex Portugal et Algarbii*: da outra banda o escudo do reino, e na orla a letra: *Deus adjuva me.* Valia treze réis. Elrei D. Fernando tambem lavrou tornezes, que valiam oito soldos, ou quatorze reis.

Tostão. Elrei D. Manoel mandou bater esta moeda em ouro, e em prata. A de ouro era o quarto de ouro dos Portuguezes, a de prata valia cem réis. Tinha de um lado a cruz da Ordem de Christo com a letra: *In hoc signo vinces*; e do outro as armas do reino com coroa, e o nome do rei na orladura. Mandou lavrar tambem meios tostões com os mesmos cunhos, e letras, e valíam cincoenta réis.

S. Vicente. Moeda de ouro, que fez lavrar elrei D. João III com o valor de mil réis. Tinha de uma parte a imagem de S. Vicente com uma nau na mão esquerda, e um ramo de palma na direita com a letra: *Zelator Fidei usque ad mortem*: da outra parte o escudo real com a letra: *Joan. III. Rex Portug. et Algarb.*

Vintem. Moeda de prata, que teve principio no tempo d'elrei D. Affonso V, e todos os mais reis continuaram a mandar lavrar, ainda que com a fórma, e figura mudada, mas sempre com o valor de vinte réis. Em tempo dos reis Filippes houve a moeda de meio vintem em prata, que valia dez réis.

Dinheiro, que presentemente corre

Em ouro	*Valor*	*Pezo*
Dobrão de	24U000	15 oitavas
Meio dobrão de	12U000	1 onça
Dobra de 4 escudos	6U400	4 oitavas
Meia dobra de 2 escudos	3U200	2 oitavas
Moeda de ouro de	4U800	3 oitavas
Meia moeda	2U400	oitava e meia
Escudo.	1U600	1 oitava
Quarto de moeda	1U200	54 grãos
Meio escudo	U800	meia oitava
Cruzado novo	U480	21 grãos
Quarto de escudo	U400	18 grãos

Em prata	*Valor*	*Pezo*
Cruzado novo	480	4 oitavas 59 grãos
Doze vintens	240	2 oitavas 29 grãos
Seis vintens	120	1 oitava 14 grãos
Tostão	100	1 oitava
Tres vintens	60	43 grãos
Meio tostão	50	36 grãos
Vintem.	20	17 grãos

Em cobre	*Valor*
Moeda de	10 réis
Moeda de	5 réis
Moeda de	3 réis
Moeda de	1 real e meio

Por lei do anno de 1732 prohibio elrei D. João V que se lavrassem dobrões de doze mil e oitocentos, moedas de quatro mil e oitocentos, nem outras, que excedam o valor de seis mil e quatrocentos réis; e que em todas, assim nas que corriam, como nas que se lavrassem, se pozesse a sarrilha, que tem as de prata.

Noticia do valor, que tem tido o marco de ouro, e prata n'este reino em varios governos

Rei	*Metal*	*Valor*
D. Sancho I	Ouro	6U480
D. Pedro I	Idem	7U380
Idem	Prata	U945
D. Fernando	Idem	U900
D. João I	Idem	2U600
D. Affonso V	Idem	1U260
D. Manuel	Idem	2U280
D. João III	Ouro	30U000
Idem	Prata	2U600
D. Sebastião	Idem	2U400
Idem	Idem	2U680
D. Henrique	Ouro	40U000
Idem	Prata	4U000
D. João IV	Ouro	42U240
Idem	Idem	51U200
Idem	Idem	55U680
Idem	Idem	80U000
Idem	Prata	3U600
Idem	Idem	4U000
Idem	Idem	5U000
D. Affonso VI	Idem	4U400
Idem	Idem	4U600
D. Pedro II	Ouro	85U312
Idem	Idem	96U000
Idem	Prata	5U600
D. João V	Ouro	96U000
Idem	Prata	5U600

CAPITULO XIII

Da lingua portugueza

A primeira lingua, que se fallou em Portugal, foi a que communicou Tubal aos turdulos, primeiros habitadores de Lisboa, os quaes

multiplicando-se foram povoar depois parte da Turdetania, ou Andaluzia; (1) porem que lingua fosse aquella é toda a difficuldade. Dizem uns, que fôra a lingua hebraica, (2) outros a Caldaica, ou alguma das setenta e duas, em que Deus prodigiosamente dividira a primitiva na torre de Babel. Muitos se capacitam, que a lingua primeira, e geral de toda a Hespanha fôra a vasconça, ou biscainha.

Filippe de la Gandara julga (3) que era idioma particular, e distincto do caldeo, e hebreu; mas conforme os caracteres, de que usavam os antigos turdulos portuguezes, infere fr. Bernardo de Brito, (4) que seria a lingua dos Hetruscos, usada em Italia desde o tempo de Noé; porém ou fosse um, ou outro idioma, é certo que a tal lingua dos turdulos não foi universal em toda esta nossa peninsula, porque comprehendia differentes nações, e cada uma, em quanto viveu sobre si, conservou seu particular idioma, conforme assevera Plinio. (5)

Com a fama, e attractivo das riquezas de Hespanha, fizeram transito a estas partes muitas gentes de outras nações; (6) e como as linguas entram nas provincias com os seus conquistadores, introduziram os carthaginezes, e gregos muitos vocabulos dos seus idiomas, que ainda conservamos, e retemos. (7) Depois vieram os romanos, e para expulsarem de Hespanha aos carthaginezes, gastaram não menos que duzentos annos até a vinda de Augusto Cesar.

Em todo este espaço de tempo foram os romanos intromettendo, e espalhando pouco a pouco as suas leis, costumes, e locução: (8) e confederando-se com os nossos por casamentos, fundando colonias, e estabelecendo conventos juridicos, para que todo o governo de paz, e guerra dependesse d'elles, obrigaram por este modo politico, e sagaz a que todos os lusitanos fallassem latim. N'elle sahiram tão insignes alguns, que depois o foram ensinar dentro a Roma. (9)

Corria o anno de Christo 409, quando os godos, alanos, vandalos, suevos, e outras nações barbaras septentrionaes invadiram Italia, França, e Hespanha; e assim como esta barbaria gotica fez descahir da pureza da lingua latina aos romanos, produzindo em Italia o dialecto italiano, em França o francez, em Hespanha o castelhano, assim em nossos paizes fez nascer a lingua portugueza. (10) Verdade é que os godos

(1) Monarq. Lusitan. liv. 2. cap. 5. (2) Matut. Prosapia de Christ. Edad. 2. cap. 4. § 8. Marin. Siculo, Garibay, e outros apud D. Thomaz Tamayo na Defensa de Flavio Dextro p. 103 (3) Gandara, Triunf. del Rein. de Galiz. no Append. cap. 5. (4) Monarq. Lusit. ut supr. (5) Plin. lib. 3. cap. 1. (6) Strab. lib. 1. et lib. 15. Vasaeus lib. 1. cap. 11. (7) Resend. lib 1. Antiq. e nas Notas ao poema de S. Vicent. liv. 2. not. 44. Far. na Europ. Port. tom. 3. part. 4. cap. 9. Matut. ut sup. § 5. João Franco Barreto na Ortogr. Port. Luiz Marinho nas Antiguid. de Lisb. liv. 1. cap. 13. (8) Resend. lib. 3. Antiquit. «Abiere tandem in Romanorum mores Lusitani, et civilitatem, linguamque Latinam, sicut et Turdetani accepere.» Aldret. nas Antiguid. de Hesp liv. 1. cap. 11. (9) Manoel Severim de Faria Notic. de Port. disc. 5. § 2. (10) Kirquer de Turri Babel lib. 3. p. 131. «Ex adventu Gothorum, Alanorum, Vandalorum ingentem corruptionem passa, quaternas alias peperit, Italicam, Gallicam, Hispanicam, Lusitanicam.

desejaram muito accommodar-se com a lingua romana, mandando verter em latim os nomes dos officios de seus palacios, corte, e exercitos; porem como era gente mal disciplinada, misturou de tal fórma um com outro idioma, que enchendo-o de sollecismos, barbarismos, e improprie-dades, relaxou, e corrompeu totalmente o latim, que os nossos fallavam, mudando-lhe até os caracteres latinos em letras gothicas, que introduziu o bispo Ulfilas, (1) especialmente nos livros sagrados, e ecclesiasticos.

Sobrevieram os mahometanos, e então se acabou de arruinar, e perverter a lingua totalmente com as palavras arabigas. Um nosso anthor muito erudito (2) diz, que na invasão dos mouros, ficando livres as montanhas de Asturias, para onde foram refugiar-se os hespanhoes, que ficaram depois do ultimo rei godo D. Rodrigo, se conservara entre elles illezo o romance, que era vulgar no dominio gothico, sem mescla do idioma arabe. Assim seria; mas quem poderá negar que dos arabes se deduziram, e permanecem ainda em o nosso dialecto muitas dicções, que principiam por *al*, e *xa*, e as que finalisam em *z*, como observou o insigne João de Barros? (3)

Entrou finalmente em Portugal o conde D. Henrique, primeiro tronco dos reis portuguezes; e como elle era francez, e casou com princesa castelhana, causou na lingua outra mudança, aggregando-lhe novo complexo de palavras castelhanas, e francezas; porque como bem advertio o discreto Bembo, (4) tratando da alteração, que tinha havido na lingua de Roma até o anno de 1540, conforme são os soberanos, que governam, assim são os idiomas, que se fallam; porque o discurso como o corpo se costuma vestir, e ornar, segundo o uso, que ordinariamente sempre segue o exemplo do rei: e attendendo a este peregrino, e verbal matiz, disse o padre João de Marianna, (5) que a lingua portugueza era mesclada de latim, francez, e castelhano. Todavia as camposições feitas em vulgar portuguez, que d'aquelle seculo permanecem, são de fórma, que hoje se fazem imperceptiveis, e de ingrata dissonancia aos mesmos compatriotas. (6)

Ainda no tempo d'elrei D. Diniz, do qual affirma Manoel de Faria, (7) que fora douto, e poeta, e que o nosso idioma grangeára por esse respeito mais perfeita cultura, se conferirmos, e cotejarmos o estylo, e as palavras d'aquella era com as de agora, acharemos infinita differença. O padre D. Antonio Caetano de Sousa (8) transcreve uma car-

(1) Marian. Histor. de Hesp. tom. I. liv. 9. cap. 18. Yanes liv. 2. p. 644. de la Era, y Fechas de Hesp. (2) Martinh. de Mendoç. Disc. Philolog. contr. P. Feijó impress. em Madrid ann. 1727. (3) João de Barr. Dialog. do louv. da nossa linguag. p. 56. (4) Bemb. nas Pros. liv. I. p. 16. vers. (5) Marian. Histor. de Hesp. lib. I. cap. 5. (6) Veja-se a Far. na Europ. Portug. tom. 3. part. 4. cap. 9. e no Comm. das Rim de Cam. tom. 4. part. 2. pag. 81. Brit. Chron. de Cister liv. 6. cap. I. (7) Idem Far. na Europ. Portug. tom. 3. part. 4. cap. 9. (8) Sousa no Agiolog. Lusit. tom. 4 pag. 58. Veja-se o Apparat. da Histor. Geneal. do mesmo author tom. I. p. 208. e a Leitão Ferreira nas Noticias Chronolog. n. 574.

ta d'aquelle rei em resposta de outra de sua santa consorte a rainha Santa Isabel, cuja locução bem confirma o que dizemos. Veio ultimamente o grande Virgilio portuguez Luiz de Camões com as suas poesias epicas, e lyricas, e o incomparavel Demosthenes lusitano o padre Antonio Vieira com as suas declamações evangelicas, para communicarem o ultimo resplendor, formosura, e perfeição á lingua portugueza.

Com este augmento, e estado participa ella presentemente de todos aquelles attributos, que a podem fazer summamente estimavel entre as melhores da Europa, porque tem abundancia de termos, e copia de palavras, com que se explica: e algumas tão efficazes, que as que são nativas, e propriamente portuguezas, em nenhuma outra lingua se encontram semelhantes, nem ainda equivalentes. Só o portuguez com a unica palavra saudade sabe exprimir com muito maior força, e energia a constancia do amor ausente: e com a voz magoa a penetrante dôr do sentimento. Para fallar em todo o genero de assumptos tem a extensão necessaria de vocabulos, e modos abundantes: por isso disse bem o Tito Livio portuguez João de Barros, (1) que se Aristoteles fôra nosso natural, não fôra buscar lingua emprestada para escrever na Filosofia, e em todas outras materias, de que tratou: e se lhe faltára algum termo succinto, fizera o que vemos em muitas partes aos presentes, que, quando carecem de termos theologaes os theologos para entendimento real da cousa, os compozeram, e assim os filosophos, mathematicos, juristas, e medicos: e o recurso a idiomas estranhos na introducção de vozes novas não só é licito, mas preciso.

Nós não podemos negar que a nossa lingua se tem valido, enriquecido, e aproveitado das vozes, e frazes de outras nações, como até agora temos visto: mas qual será o idioma, que não tenha usado d'este subsidio? Não nos dá o breve methodo, que seguimos, lugar para nos deter com exemplos demonstrativos: porem só notamos, que a lingua castelhana, (da qual intenta mostrar um author (2) que a portugueza é seu dialecto,) mendigou tambem da nossa algumas palavras: e se nós foramos mais sollicitos nas traducções latinas, como tem sido a gente castelhana, italiana, e franceza, tiveramos avocado muitos mais vocabulos, e vozes da lingua latina, em fórma que a portugueza não parecesse já corrupção sua, como lhe chamou Camões, (3) mas muito mais semelhante a ella, como filha legitima de mãi tão nobre. (4) E assim como por meio das conquistas da Asia, e Africa adquirimos as palavras: Lascarim, Chatino, Zumbaya, e outras muitas, que nos são já domesticas, da mesma sorte tiveramos conquistado inteiramente a lingua latina, cujos vocabulos ainda assim tem degenerado tão pouco no idioma portuguez, que sem violencia podem n'elle compôr-se muitos discursos com

(1) João de Barr. Dialog. ut supr. pag. 55. (2) Gregor. Lop. Madeira no Disc. del monte Santo de Granad. part. 2. cap 19. p. 70. (3) Camões cant. 1. Lusiad. est. 33. (4) Kirquer de Turri Babel lib. 3 cap. 1. p. 131.

mesma conformidade com a latina, (1) o que não succederá facilmente ás outras locuções, que se prezam de serem seus dialectos.

Participa mais a lingua portugueza da estimavel circumstancia de se poder articular com uma pronunciação sonora, desembaraçada e suave: porque nem é gutural, nem finalisa as dicções em consoantes asperas, como são: d, n, t, x, assim como ouvimos a muitas linguas da Europa. E quando não houvera a confissão constante de muitos authores graves castelhanos, (2) que affirmam haver na lingua portugueza esta mesma suave prolação, bastava o provar aquella aptissima, e notoria facilidade, com que os portuguezes adquirem, e fallam com cadencia todas as linguas estrangeiras, a que se applicam, o que não é tão factivel aos outros com a nossa, que poucas vezes atinam com a sua verdadeira pronunciação. (3)

Attribuem muitos esta difficuldade áquella frequencia do nosso dipthongo *ão*, corruptamente deduzido do *om* francez, e gallego, em que nossos compatriotas antigamente acabavam todas as dicções, que hoje terminamos em *ão*, excepto os da provincia do Minho, que pela maior visinhança de Galiza ainda claudicam n'isso. A quem se faz mais difficil articular este dipthongo, é á gente castelhana, porque tem o costume, de finalisar com a letra *n* quasi todas as palavras, que nós acabamos em *m*. Este embaraço pertendeu desterrar do nosso idioma Antonio de Mello da Fonseca no seu *Antidoto da lingua portugueza*, cujo arbitrio não foi bem aceito pelo sabio, e prudente juizo dos criticos; porque este proprio mytacismo, (se assim lhe quizermos chamar) convem muito com o *am* dos latinos, terminação frequente assim de nomes, como de verbos, e com tudo a defende Quintiliano; (4) nem deixa de parecer grave, e suave a cadencia latina com estas terminações, que com maior facilidade suavisaremos, usando do remedio, que em outra parte advertimos (5) para a boa elegancia, e eloquencia portugueza.

D'esta magestosa harmonia procede fazer-se o idioma portuguez apto, e opportuno para todos os estylos, e assumptos, e para o verso com especial propriedade. Tal era o apreço, e estimação, que as musas castelhanas faziam da nossa lingua para expressar quaesquer affectos por meio do Numen, ou enthusiasmo poetico, que deixavam a sua lingua para compor no rithmo portuguez. Assim o affirma Argote de Molina, (6) allegando umas coplas portuguezas de Macias, poeta castelhano: *Si alguno le parecer que Macias era portuguez, esté advertido, que hasta los tiempos delrei D. Enrique III todas las coplas, que se hazian, commum-*

(1) João de Barros, Manoel de Far. João Franco Barreto já allegados, Manoel Severim de Far. Disc. var. disc. 2. Macedo nas Flores de Hespanh. cap. 22. excel. 7. (2) Marian. Histor. de Hesp. liv. 1. cap. 5. Lope da Vega na Descr. da Tapada, e na Dorot. act. 2. scen. 2. pag. 40. (3) Veja-se a Faria no prologo do tom. 1. da Europ. Port. e a D. Bernarda Ferreira na Espana libertada cant. 1. est. 6. (4) Quintil. lib. 9. cap. ult. (5) No Espelho da Eloquencia § 7. n. 4. (6) Molina liv. 2. de la Nobreza de Andaluzia p. 273.

mente por la mayor parte eran en aquella lengua. De maneira, que assim como em Italia entre todos os idiomas era a lingua provençal a escolhida para o verso por todos os poetas, ainda que não fossem provençaes, (1) assim na Hespanha era reputada mais propria para a poesia a locução, e frase portugueza por todos os poetas hespanhoes, por lhe acharem genio, e caracter especial para isso. Com o governo porem d'elrei D. João I que mandou usar da lingua castelhana nas cousas publicas, de então para cá deixaram os castelhanos de compor versos no idioma portuguez. (2)

A vantagem de escrevermos da mesma sorte, que pronunciamos, tambem é uma das perfeições, que se encontra na lingua portugueza, e que se não acha nas outras, porque só assim se dá uma regra geral, para que todos observem uma igual orthografia: pois as etymologias ainda das linguas mais doutas sempre são distantes, e incertas, e como já mortas se tem corrompido, e alterado muito, havendo varias palavras portuguezas, que se derivam de outras linguas mais modernas, e não entroncam com a latina, grega, arabica, e hebraica, senão depois que as nações menos antigas beberam nas fontes, e alteraram a sua nativa pureza.

N'este particular tem grande força o uso, e por isso o grande padre Vieira, revendo os seus proprios livros, (aos quaes só elle podia emendar), disse onde imprimiram Devoção, leia-se Devação; mas o primeiro ficou prevalecendo. Alguns compositores se tem mostrado nimiamente declarados por esta parte, querendo que a palavra Homem, e outras assim semelhantes se escrevam sem H, como os italianos. O melhor é seguir a mediania, como fazem os doutos, cujo exemplo é só assequivel, e não proceder com affectação, e extravagancia, assim como fez certo author moderno, (posto que engenhoso) em uma nova orthographia, que usa, pondo tambem ligados dois *rr* no principio da dicção, (3) contra toda a norma, e costume dos eruditos. Outras muitas propriedades, e predicados da nossa lingua observou curiosamente o chantre de Evora Manoel Severim de Faria no discurso, que temos allegado.

CAPITULO XIV

Do genio, e costumes portuguezes

Um dos pontos mais precisos, e uteis, que se costuma sinalar no assumpto geografico, é a informação, e pintura dos genios, usos, e inclinações das gentes de qualquer paiz, (4) por isso depois de ter dado noticia

(1) Bembo nas Pros. pag. 10. (2) Sever. de Far. Disc. var. disc. 2. p. 85. Brandão na Monarq. Port. liv. 16. cap. 3. (3) Veja-se o tom. I. das Cart. Famil. de Francisco Xavier de Oliv. Cart. 7. p. 54. (4) Bentivoglio tom. 4. Relaç. p. 86.

do material do sitio, qualidade, abundancia, e outras especies memoraveis do terreno portuguez, como primeira base do nosso intento, segue-se expôr as propensões naturaes, e costumes de seus habitadores.

E se nós houveramos de deduzir esta informação desde a raiz de sua primeira origem, e segundo a examinou diligentemente Estrabo, (que por agora ommittimos,) com serem os primeiros portuguezes povos incultos, e agrestes, nem por isso veriamos as suas condições tão barbaras, e intrataveis, que presentemente nos pudessemos envergonhar de serem elles nossos progenitores. (1) Com a melhor cultura, e religião se melhoraram alguns abusos, que depois se foram alterando com a entrada de outras nações; mas como os ramos não degeneram da substancia do tronco, nenhuma se atreveu até agora a questionarnos o esforço, espirito, valentia, e gloria militar.

Esta primeira prerogativa, e brazão, que como herança alcançaram os portuguezes de pais a filhos sempre com a mesma honra, que os antepassados, se acha soberanamente acreditada, e expendida nos annaes, e historias do mundo em todos os seculos. Diodoro Siculo affirmou, (2) que os lusitanos eram os homens entre os hespanhoes os mais fortes, e valentes. O mesmo conceito ratificaram Vegecio, Plutarco, Tito Livio, Valerio Maximo, e outros muitos authores antigos, e estranhos, com quem os modernos se conformam, (3) cujos testimunhos, e ditos não referimos por extenso, por ser este um ponto de maior grandeza, e indubitavel.

Só é preciso conhecer que o caracter d'esta valentia não é furor, que offusca o juizo, mas sim um valor virtuoso, que obra por impulso da razão. É um natural movimento, que, segundo a opportunidade das acções, sabe sempre usar com bizarria. Como todo o portuguez só estima o apreço da honra, despreza qualquer perigo para o conseguir. Este brio, e alento intrepido faz ser aos portuguezes homens de ferro para o trabalho marcial, commettendo, e executando façanhas, que tem mais de verdadeiras, que de verosimeis, e conforme disse nosso poeta, (4) excedem as sonhadas, fantasticas, e fabulosas, que as estranhas musas tanto souberam engrandecer.

(1) Resend. liv. 1 de Antiquit. «Neque tunc quidem malos, neque modo nobis erubescendos. (2) Diodor. Sicul. lib. 6. cap. 9. e Boem. de morib. gent. lib. 3. cap 25. e Fern. Nun no Commento á Copla 48. de Juan de Mena. (3) Justin. lib. 44. Bos. lib. 5. cap. 23. e outros apud Maced. nas Flor. de Hesp. cap. 14. per totum Justo Lipsio lib. 5. Epist. 66. Famian. Strad. de bel. Belgico lib. 4. pag. mihi 188. Boter. nas Relac. p. 2. liv. 4. p. 93. e 101. João Bautista Moreli na Reducion, y Restaur. de Port. p. 15. e 183. Garibay tom. 4. liv. 35. cap. 16. Fr. Anton. de S. Roman. Histor. da India liv. 1. cap. 16. Sandoval Histor. de Carl. V. part. 2. liv. 22. §. 4. Marian. Hist. de Hesp. tom. 1. liv. 10. cap. 13. Lope da Vega na Arcad. liv. 3. p. 109. Dos nossos veja-se a Gaspar Estaço na Antig. de Port. cap. 74. Monarq. Lusit. tom. 3. liv. 10. cap. 15. Bento Pereira nas Pallas togata, et armata clas. 4. p. 319. Fr. Francisc. de Maced. no Propugn. Lusit. part. 1. cap. 6. p. 146. Far. nos Comm. das Lusiad. pag. 245. Fr. Manoel Hom. no Memor. das arm. cap. 37. (4) Cam. cant. 1. est. 11.

À *lealdade a seus principes soberanos* é outra admiravel prenda, de que só os portuguezes podem blazonar com grande singularidade. Todas as chronicas do mundo, se bem repararmos, estão salpicadas do sangue de parricidios, e inconfidencias dos vassallos para seus reis; só da nação portugueza não consta que faltassem já mais á fé promettida de seu verdadeiro soberano. Foi observação do doutissimo Thomaz Bosio, (1) natural de Gubio, cidade de Urbino, e de outros gravissimos authores. (2) Ardem os portuguezes no amor do seu rei, e com esta preclara segurança triumfam nossos monarcas de todo o receio, podendo-se chamar reis não de vassallos, mas de filhos. (3)

Com as dilatadas viagens das conquistas acabaram elles de confirmar, e appropriar-se a virtude d'esta fiel obediencia, e respeitosa constancia, sem ser possivel desvial-os, ou arrancal-os em obsequio d'ella ainda os immensos trabalhos, e perigos, que padeceram, (e padecerão, quando a occasião o peça,) de climas encontrados, e asperos; de fomes, sedes, frios, e traições malevolas de inimigos. Foi o que disse Vasco da Gama por boca do nosso famoso poeta (4) ao rei de Melinde:

> *Cres tu que se este nosso ajuntamento*
> *De Soldados não fora Lusitano,*
> *Que durara elle tanto obediente*
> *Por ventura a seu rei, e a seu regente?*
>
> *Cres tu que já não foram levantados*
> *Contra seu capitão, se os resistira.*
> *Fazendo-se piratas obrigados*
> *De desesperação, de fome, de ira?*
> *Grandemente por certo estão provados,*
> *Pois que nenhum trabalho grande os tira*
> *D'aquella portugueza alta excellencia*
> *De lealdade firme, e obediencia.*

Com termos de grande elogio particularisam tudo authores de grave authoridade. (5) E posto que a 13 de Janeiro de 1759 vímos no caes de

(1) Bosio tom. I. de Signis Eccles. Dei cap. I. lib. 8. «Nulla natio ab orbe condito praeter Lusitanicam reperitur, quae per tot saecula civilibus bellis minús advertús Reges suos fuerit comnota, Imó nunquam commota adversús Reges communi decreto constitutos... Hanc laudem deberi Lusitaniae genti, ut Regum studiosissima fuerit... Catholicis hoc Lusitanis ab orbis exordio divinitús est concessum, ut nunquam Reges suos communi decreto constitutes armis petiverint.» (2) Barr. decad. 4. liv. I. cap. 6. Duart. Nun. na vida d'elrei D. Sancho II, e na Descripç. de Port. cap. 85. Monarq. Lusit. liv. I. cap. 20. Freit. de Just. Imper. Lusit. cap. 15. n. 2. (3) Cam. cant. 10. est. 148. (4) Idem cant. 5. est. 71. e 82. das Lusiad. (5) Franc. de Monçon. Espejo de Princip. lib. I. cap. 89. Zurita tom. 5. liv. 3. cap. 30. Gil Gonçalv. d'Avila Grandez. de Madr. liv. 4. Marian. Histor. de Hespanh. tom 1. liv. 10. cap. 13. e liv. 12. cap. 4. João Bautista Moreli na Reducion, y Restaur. de Port. pag. 39.

Belem d'esta cidade lastimosamente punidos por traidores, perfidos, e parricidas, uns miseraveis, que se denominavam portuguezes, foi bem acordado á suprema junta da Inconfidencia, antes de sentenciar o insulto, desnaturalisar aos aggressores; para que em nenhum tempo servisse de ludibrio a uma nação tão fiel ao seu rei, um exemplo tão indigno, e execrando. A mesma fé, e palavra estipulada na correspondencia de qualquer negocio, ou com o estrangeiro, ou nacional, se observa sempre inviolavel. (1)

O heroico titulo de Conquistador é uma das excellencias felicissimas, que particularmente compete tambem ao genio portuguez. Desde o feliz reinado d'elrei D. João I pelos annos de 1415 meteram os portuguezes o braço, e asseguraram o pé nas quatro partes do mundo com inveja gloriosa de todo elle; e se as generosas ousadias conseguem o brazão de grandes já desde o seu primeiro intento, muitos annos antes da sua execução residia no sublime peito, e mente regia de nossos antigos principes o mesmo glorioso projecto. (2) Por este meio se vio a monarquia portugueza augmentada sem diminuir os reinos alheios: fez-se grande sem fazer nenhum pequeno; e com grandeza verdadeiramente propria até o tempo d'elrei D. João III numerou trinta e dois reinos remotos tributarios, e quatrocentas e trinta e tres praças presidiadas, com outras muitas ilhas consideraveis, (3) não havendo no mundo clima, em que as sagradas quinas portuguezas não se exaltassem triumphantes. (4)

Mas sobre todas as prendas, nenhuma acredita melhor de estimavel o genio portuguez, que o zelo, e fervor. com que abraçaram, dilataram, e conservam a fé de Christo. Elles foram os primeiros, que na Europa erigiram templos sagrados para o culto da verdadeira religião: elles foram os que debellaram, e expulsaram de suas provincias aos sarracenos muitos centos de annos antes que outro algum reino de Hespanha podesse livrar-se de tão vil gente: elles foram os que depois de limpar as suas terras da infecta nação arabe, continuaram em perseguil-a na Asia, e Africa, não com outro motivo, senão para lhes intimar, e propagar a fé catholica. Aos portuguezes devem todos aquelles dilatados povos do oriente o conhecimento da verdade evangelica, a obediencia

(1) Veja-se a Macedo nas Flores de Hespanh. cap. 13. per totum Monarq. Lusitan. part. 4. pag. 165. Miguel Leit. nas Miscel. p. 47. (2) Cam. cant. 8. est. 70. (3) Bos. de Sign. Eccl. tom. 1. lib. 8. sign. 32. cap. 1. n. 2. 3. e 4. «Nulla umquam gens, ex quo mundus est productus, tot maria transmisit, ac tam longé dissitas terras obivit, ut Lusitanica... Nulla unquam gens ab humani generis exordio in tot, ac tam longé positis oris sedes fixit, coloniasque deduxit, ut gens Lusitanica. Videbatur hoc esse Romanorum, vel etiam Macedonum, Phoenicumque: sed his proculdubió Lusitani superiores. Romani namque Colonias nullibi posuerunt, nisi intra Imperii sui confinia, quae non protendebantur ultra gradus nonaginta ab Occidente in Orientem; Lusitanorum veró sunt ultra gradus 250. Nulla unquam natio tam remota regna, terrasque in suam potestatem redegit, ut Lusitanica. Plures quidem plura, sed non adeo longinqua. Igitur Lusitani non modo remotissimas oras adierunt, et in hoc omnibus praecellunt, sed et in iis domos posuerunt, amplius etiam subegerunt imperio suo. (d) Bucanan. e Scaliger. apud Freit. de Just. Imper. pag. 29. 82 e 83. Maced. no Olisip. pag. 24. est. 60. Cam. cant. 1. est. 8. e cant. 7. est. 11.

aos summos pontifices da igreja, e a salvação das suas almas: (1) elles são finalmente os que para gastar no culto divino tem mais ambição do que o mundo todo cubiça para adquirir ouro, e riquezas. Todo este zelo, e piedade é ponto, que para caber no breve espaço d'este nosso Mappa, é preciso resumil-o, e assignalal-o com caracteres miudos.

Nas sciencias, supposto que antigamente floreceram n'ellas alguns portuguezes, de que faz menção Antonio de Sousa de Macedo, (2) com tudo não era com aquella fertilidade, com que pelos seculos mais chegados aos nossos deram os portuguezes a conhecer a extensa capacidade do seu talento, e engenho. A confusão, e estrondo das armas, e das guerras n'aquelles primeiros tempos tão continuas, e o accommettimento de inimigos tão differentes, não permittiam a tranquillidade, e socego, que requerem as musas. Havia mais portuguezes valerosos, que letrados. Produzia Portugal Scipiões, Cesares, Alexandres, e Augustos no valor, mas destituidos do adorno das sciencias, como lamentou Camões, (3) e Francisco de Sá de Miranda: (4)

Dizem dos nossos passados
Que os mais não sabiam ler,
Eram bons, eram ousados,
Eu não gabo o não saber.

Até o tempo delrei D. Diniz, sexto rei d'este reino, ainda não se conhecia n'elle que cousa eram graus [de doutores, nem de bachareis, nem de mestres: aos que sabiam alguma cousa chamavam-lhe escolares, porque iam estudar fóra do reino. De sorte, qne o primeiro rei, que instituio escolas publicas para se aprenderem as sciencias, foi elrei D. Diniz, o qual fundou tambem a insigne universidade de Coimbra, d'onde continuamente se estão produzindo mestres eruditissimos, e formando infinitos homens prodigiosos em todo o genero scientifico. Tudo cantou Camões na 97 do 3.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva,
E de Helicona as musas fez passar-se
A pizar do Mondego a fertil herva.

(1) Freit. de Just. Imper. Lusit. cap. 18. n. 12. 13. e 14. Bosio de Sign. Eccles. tom I. lib. 4. cap. 2. pag. mihi 245. «Toti Lusitanicae genti debetur haec laus, ut nobis ad remotissimas oras, et antiquis invias, facillimus, ac tutus fuerit aditus apertus, ita ut Christiana in amplissimis regionibus religio longé, lateque potuerit disseminare». Aubert. Miraeus in Politica Ecclesiast. liv. 2. cap. 15. «Lusitanis itaque in Indiam commigrantibus, et Imperio laté propagato, Christi cultus, ac reverentia per vastissimum illum Asiae tractum sese erigere coepit». Gerard Mercat. in Tabula Lusit. Marian. tom. I. liv. 10. cap. 13. João Pinto Ribeiro, Desengano ao parecer enganoso. Gil Gonçalv. d'Avil. Grandez. de Madrid; «Siendo (los Portuguezes) los primeros hombres, que seminaron en el Indo la semilla de la palabra Divina, aumentada con el riego de su sangre, haziendo se mas gloriosos con las palmas del martyrio». (2) Maced. nas Flor. de Hesp. cap. 8. (3) Cam. est. 95. do 5. (4) Sá de Miranda na epist. 4

Quanto póde de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apolo aqui reserva:
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do Baccaro, e do sempre verde louro.

Esta habilidade intellectual confirmaremos com provas mais evidentes, quando mostrarmos o genio, e engenho dos portuguezes em toda a faculdade litteraria. Passemos a expressar outros predicados. Na producção de alguns inventos são elles não só fecundós, mas utilissimos. Henrique Garcez foi o primeiro, que achou na America o uso do azougue para purificar o ouro. Portuguezes foram os que usaram primeiro que outrem comer sentados em cadeiras. Bartholomeu Dias descubriu o cabo da Boa Esperança; e Fernando de Magalhães o Estreito, a que deu nome. Os famosos mestres Rodrigo, e Joseph, medicos delrei D. João II inventaram o astrolabio, instrumento mathematico, o qual abrio caminho a tão estupendas navegações. O infante D. Henrique inventou a carta de marear; e em outros muitos raros inventos tiveram nossos nacionaes a primazia, e industria, que largamente mostra Manoel de Faria. (1)

São os portuguezes commummente pouco inclinados a aprender linguas estranhas, com a sua se contentam, que muito presam. Para as que mais se dedicam alguns, são a latina, castelhana, italiana, e franceza, e nas duas primeiras fallam, e compõem com energia e elegancia. Parece que nos reinados gloriosos delrei D. Manuel, e D. João III havia maior curiosidade em se applicarem os nossos ás linguas orientaes pela precisa interpretação conducente a facilitar o commercio d'aquelles povos, em cujos idiomas foram insignes, alem de outros, Pedro da Covilhã, e Fernão Martins, dos quaes se lembram João de Barros, e Camões. (2)

O primor, brio, e bizarria são attributos mui proprios da gente portugueza. Não emprendem cousa alguma, por difficultosa que seja, que gloriosamente não a consigam. Affectam muito nas occasiões publicas ostentar-se pomposos com gravidade, maiormente os nobres, e quando estão fóra do reino. D'aqui nasce serem os fidalgos portuguezes reputados por vãos, presumidos, e soberbos; d'onde o Criticon de Gracian (3) disse: «Que serian famosos, si non fuessen fumosos»; porem não póde deixar de haver muito fumo, onde ha muito fogo: e como bem observou o eruditissimo Feijó, (4) toda esta jactancia da fidalguia portugueza não é mais que um chiste, garbo, e desafogo da vivacidade do seu espirito. A urbanidade, cortezania, e attenção, com que tratam a to-

(1) Far. na Europ. Port. tom. 3. part. 4. cap. 8. e no Comm. do Cant. 5. de Cam. est. 25. e João de Barr. Decad. I. liv. 4. cap. 2. (2) Idem ibid. liv. 3. cap. 5. Camões cant. 5. est. 77. (3) Gracian part. 3. do Criticon cris 8. (4) Feijó tom. 6. do Theatr. Critic. disc. 3. §. 4. n. 6.

dos, é incompativel com a soberba, e orgulhosa arrogancia, e inchação que se lhes attribue. São muito amigos de valer a quem busca o seu patrocinio; e nas acções de piedade excedem a todo o mundo, dispendendo com mão generosa, e liberal. «Para mi tengo colegido, que los nobles de Portugal, es gente cuerda en lo que hacen, y agudos en lo que dizen»: disse D. Antonio de Guevara em uma das suas cartas.

Com desconfiança sua nos reputam os estrangeiros (1) por nação extremosamente aferrada ás maximas, e costumes nacionaes, que só estimamos, e encarecemos por vantajosos. Póde ser que se assim fôra em todos esta constancia, não nos levariam elles muita parte da honestidade, verdade, compostura, modestia, honra, e desinteresse, que nossos antepassados professaram, e que em lugar d'estas boas prendas nos não vissemos agora cheios de cautella, ambição, ociosidade, soltura, brindes, banquetes, e outras desordens, que as nações estrangeiras nos introduziram; (2) porem este conceito não se compadece com o que ordinariamente estamos vendo, que é o nimio apreço, que quasi todos fazem das acções, modas, e costumes estrangeiros, desamparando com aleivosia aquelles, em que foram creados, sem mais razão que por serem os outros estranhos. Este vicio nacional foi reprehendido por um dos nossos poetas antigos, (3) dizendo:

Se um estranho á terra vem,
Dizeis todos em geral:
Nunca aqui chegou ninguem;
E do vosso natural
Nada vos parece bem.

Em fim que por natureza,
E constellação do clima
Esta nação Portugueza
O nada estrangeiro estima,
O muito dos seus despreza.

Imitou-lhe o conceito, e a sentença com igual graça o grande Francisco Rodrigues Lobo no fim da Eglog. I.

Ouvir qualquer estrangeiro
Fallar de seus naturaes,
Dá d'elles tão bons signaes,
Qne o não tem por verdadeiro.

Fallem-vos n'um natural,
Dizeis faltas que não tem;
Mente o outro para bem,
Nos mentimos para mal.

Quanto ao traje, e modo de vestir, não se pode dizer que o temos proprio: as invenções dos estrangeiros são os modelos, ou moldes dos nossos habitos. Até o tempo delrei D. João III pouca alteração, e mudança houve no modo de trajar. N'aquelle feliz seculo delrei D. Manuel, em que o reino nadava em ouro, trajavam os principes vestidos, que

(1) Mervelleux Memoir. instr. tom. I. pag. 86. Gracian. no Critic. ibid. (2) D. Franc. Man. na Visita das Font. pag. 218. (3) Simão Machad. na Comed. de Alfeo p. 72. Veja-se tambem a Man. de Far. na Font. de Agan. part. 3. Ode 15. est. 11. Franc. Rod. Lobo Eglog. I.

*

hoje desprezariam os filhos de qualquer mecanico humilde. Elrei D. João III sendo ainda moço, e vendo em differentes occasiões variar de traje, nunca deixou o portuguez, dizendo, que nenhuma cousa havia de ser bastante a fazel-o parecer estranho em sua patria. (1) Neste mesmo reinado, e pelos annos de 1530 é que em Portugal começaram a entrar as galas de Castella, e as delicias asiaticas, que nos corromperam a modestia, e parsimonia antiga, de que tanto se lamentou Sá de Miranda. (2) Concorreu depois a communicação das gentes de outros paizes, que com suas extravagantes invenções nos tem feito servos dos seus caprichos, e por imitar o alheio perdemos o proprio. Bem o disse, e deplorou Simão Machado. (3)

Vellos-heis, disse, á Franceza,
Depois d'isso á Castelhana,
Hoje andam á Bolonheza,
A'manhã à Sevilhana,
E já nunca á Portugueza.

Confirma-o Francisco Rodrigues Lobo na Egloga 4.

Por isso qualquer profano
Nos toma para entremez,
Porque fazemos cada anno
Té no traje Portuguez
Mais mudanças que um cigano.

Não tomamos isto em grosso,
Vestimos por tantos modos
Cada hora, que dizer posso,
Que não temos traje nosso,
Porque o tomamos de todos.

O que tem mais permanecido, é na gente civil a capa, e volta, e na plebe o uzo do capote, de que os estrangeiros não gostam, porque dizem ser contrario á boa politica, por causa de servir de grande rebuço ás pessoas mal intencionadas; (2) porem a boa commodidade, que este habito faz no inverno, e ainda ás vezes no tempo calido, póde justificar o seu uzo, e dissimular a indifferença da má intenção, que se lhe attribue. As espadas antigamente se traziam debaixo do braço sem a a prizão de boldrié: os italianos é que inventaram, e nos iutroduziram a moda do talim; d'onde Camões nos seus chamados Disparates veio a picar esta introducção.

Vereis mancebinhos de arte
Com espada em talabarte,
Não ha mais Italiano, etc.

(1) Faria no Comm. das Lusiad. Cant. 2. est. 97. (2) Idem nos Com. das Rim. de Cam. Eglog. I. est. 2· Francisc. Nun. de Velasco no Dialog. 11. Sá de Mirand. cart. 2.
(3) Simão Machado na Comed. de Alfeo part. I. (4) Description de la Ville de Lisbonne pag. 92.

Tambem se costumavam adagas, que hoje estão prohibidas; e até o adereço das espadas já tem degenerado em espadim, e cotós. As barbas compridas até á cintura se foram diminuindo no tempo d'el-rei D. João IV, em que ainda se usavam bigodes: depois no governo do senhor rei D. Pedro II se extinguiram, e entrou o uzo das cabelleiras já agora tão domesticado, que se faz reparavel o que não uza d'ellas; e ainda neste genero de compostura ha cada dia differentes novidades.

Entre todas as nações do mundo é só a portugueza naturalmente conhecida por namorada. Perguntou a madre Soror Maria de la Antiga em certa occasião a Christo, se era portuguez? O Senhor lhe respondeu: «Sim filha, que tudo que diz amor, e mais amor está em mim; e essa parte dos portuguezes são de natural mais nobre; e por certa natureza que n'aquelle ceu influem os planetas, são commumente alli as gentes d'essas qualidades.» (1) Derretidos de amor nos chamam os castelhanos; mas este affecto foi, e é sempre exercitado por aquelle teor, e modo, que aperfeiçoa as pessoas, e as incita a acções decorosamente galantes. As venerações, e cultos do amor candido são tão antigos em Portugal, que já em tempo dos cartaginezes havia templo em Villa Viçosa dedicado a Cupido, a cujo idolo, que era de prata, e chamavam Endovelico, iam em romaria os portuguezes fazer os seus sacrificios, offerecendo no principio de cada mez por victima um cordeiro branco, (2) para mostrarem o sincero, e racionavel exercicio da mais poderosa paixão da alma. D'aqui se infere, que na chamma do amor portuguez não ha fumo de torpeza: por isso Valerio Maximo reprehendeu asperamente a Q. Metelo Pio por delinquir nos excessos de Venus dentro da provincia lusitana, que só amava os furores de Marte. (3) Assim o deram a entender tambem aquelles cavalleiros da ordem militar dos Namorados, que na celebre batalha de Aljubarrota obraram tantas maravilhas em pura, e honesta contemplação das suas damas; (4) e por desafronta de outras passaram a Londres no anno de 1390 os doze celebrados portuguezes, que com gloria, e lustre da patria ficaram vencedores. (5) Foram finalmente os palacios dos reis sempre escolas universaes da fina galanteria. Celebravam-se saraus, e festins entre damas, e galantes nas vodas, nascimentos de principes, e vindas de embaixadores, e a este exemplo o faziam os particulares com toda a modestia. Hoje está mui sincopada, ou, para melhor dizer, extincta a galanteria; (6) d'onde o grande Sá de Miranda (7) dizia já no seu tempo:

(1) Sor. Mar. de la Antigua l. 12. cap. 13. (2) Monarq. Lusit. part. 1. liv. 2. cap. 11. (3) Valer. Maxim. lib. 9. cap. 1. n. 5. «En ubi ista? Non in Graecia, neque in Asia, quarum luxuria severitas ipsa corrumpi poterat; sed in horrida, et bellicosa Provincia, cum praesertim acerrimus hosis Sertorius Romanorum exercituum oculos Lusitanis telis perstringeret.» (4) Fr. Jacinto de Deos no Escudo dos Cavall. §. 59. (5) Cam. Lusiad. cap. 6. est. 43. e seq. e seu Commentador Manoel de Faria tom. 2. pag. 113. (4) D. Franc. de Port. na Arte de Galanteria, e D. Franc. Man. na Visit. das Fontes pag. 279. (7) Sá de Miranda cart. 2. est. 76.

Traspozeram os amores, *E deixaram o paço ás cegas.*

Este amor, e estimação para com o bello sexo faz ser aos portuguezes mais ciosos de suas mulheres, do que merece a sua grande honestidade, e por conta dos zelos praticam cautelas bem escusadas, de que os estrangeiros não costumados a semelhantes precauções bastantemente se admiram, e estranham. As mulheres civis raras vezes saem de casa: e quando chega a occasião, que é no domingo, ou dia santo, vão acompanhadas de suas criadas, e cubertas com um manto de seda preta, mas com tal ar, e garbo, que os mesmos estrangeiros reconhecem especial genero de attractivo na sua grave compostura, e meneio. Antigamente usavam de guardinfantes: pouco ha se extinguiram os donaires: hoje todo o luxo anda pelos pés, e de rastos; bom signal para se acabar. Na formosura, talento, e sagacidade excedem as portuguezas ás mulheres de todo o mundo: parece todavia que com a prenda natural da formosura não vivem algumas com toda a satisfação, obrigando-as a sua mal fundada desconfiança, ou ambição de parecer melhor, a pôr no rosto unguentos, e certos signaes, ou retalhinhos redondos de tafetá negro; porque imaginam se fazem d'aquelle modo mais bellas, e que realçam muito a alvura da cara, de cujo accidente nem todas participam, porque de ordinario as mais d'ellas são de côr algum tanto morena, porem o cabello, e olhos pretos com graça, e viveza.
Nos casamentos usavam as antigas portuguezas da provincia do Minho não sahirem de casa de seus pais para as de seus esposos, senão como violentadas: os seus parentes faziam a ceremonia de puxarem por ellas para fóra da porta arrebatadamente, e indo no meio de dois padrinhos, adiantava-se a toda a comitiva um moço, que levava a roca cheia de linho, e o fuso. No tempo do doutor João de Barros, que floreceu pelos annos de 1549, ainda permanecia quasi este costume; porque a noiva, quando sahia da casa de seus pais, diz elle na Descripção do Minho, chorava muito, dando assim a entender saudosa, que se apartava da sua companhia contra vontade. Tambem costumavam, quando sabiam que alguma moça estava contratada para casar, juntarem-se as visinhas, e parentas d'ella, e fiarem todas á porfia uma noite até pela manhã, a que chamam fazer serão; e como ordinariamente todas as mulheres d'esta provincia são grandes fiandeiras, chegavam em semilhante empreza a fiar muitas varas de panno para o enxoval da noiva. (1) D'esta sorte ajudam uns aos outros para o dote das filhas, e no dia da voda fazem grandes festas, e banquetes.

No livro dos costumes antigos de Beja se acha escripto, que os moradores d'esta povoação se queixaram a elrei D. Diniz no anno de 1339, dizendo: que os fidalgos, e poderosos, quando casavam seus filhos, e

(1) João de Barr. na Descripç. do Minho cap. 9.

parentes, rogavam ao alcaide mór, alvazis, (isto é, vereador) fidalgos, e homens bons da terra, com os alcaides das aldeias, e que com toda esta companhia iam pelos montes pedir carneiros, galinhas, e outras cousas, que lhe não podiam negar em abundancia com vergonha do acompanhamento que levavam. Este excesso remediou elrei, mandando que d'alli por diante não houvesse acompanhamentos semelhantes, permittindo que só o noivo com um companheiro fosse recolher a voluntaria offerta de seus paizanos. Assim o refere fr. Francisco Brandão na *Monarquia Lusitana* liv. 18.º cap. 30.º accrescentando: que este costume que agora pareceria incivil, e pouco decente para os noivos, que sempre hão-de ostentar grandezas, e não indigencia, conforme o costume moderno cheio de fausto, e ostentação, julgava a singeleza advertida d'aquella boa idade por decorosa correspondencia dos novos casados, gratificando n'esta parte do estado da republica, que pelo matrimonio se amplia.

Muitas vezes acontece escolherem as filhas o marido contra a vontade dos pais, e para obviar esta opposição na eleição livre do seu estado, e de seu esposo, consentem que estes as tirem por justiça. Vão logo ser depositadas pelo meirinho ecclesiastico em alguma casa de pessoa honesta; e procedendo a perguntas, se persistem na mesma vontade, se recebem, ficando os pais da noiva obrigados a contribuir com o dote proporcionado aos bens, que lhe competem.

O divertimento da caça é generico em todo o Portugal. Os gregos, quando vieram a Lisboa, (1) introduziram o da altenaria, que se pratica com açores, falcões, e gaviões, de que compoz uma excellente arte Diogo Fernandes Ferreira; porem este exercicio nobre foi mais proprio dos nossos principes, e muito usado até o tempo d'elrei D. Sebastião. Permanecem hoje os outros generos de caça mais laboriosos em grande risco das mais ligeiras aves, que se não livram da destreza dos tiros para abonarem á custa da sua vida o primor, e acerto da espingarda portugueza. Offerecem igualmente um admiravel passatempo as muitas ribeiras, e rios com a pescaria de seus peixes. Os jogos da péla, tabolas, bola, e cartas entertem a muitos ociosos, e ás vezes passa a occupação cheia de damnos e perigos. Nas academias, ou casas publicas d'estes jogos é costume dar barato, ou alguma porção do lucro aquelle, que tiver ganhado, aos que estão em roda vendo.

Sobre todos os divertimentos, o mais celebre, e plausivel é o combate dos touros, ou seja de pé, ou de cavallo: festa que traz origem do gentilismo, para o qual todos concorrem com grande gosto, e se fazem com muito apparato, e magnificencia. (2) Esta é só a occasião em que os estrangeiros dizem (3) que podem á sua vontade ver as damas por-

(1) Figueiroa na Plaça Univ. disc. 12. §. 2. n. 3. (2) Veja-se a Blauteau no Vocab. verb. Tourear, e a Colmenar. nas Delicias de Portug. pag. 857. (3) Memoires pour un Voyageur tom. 2. pag. 131.

tuguezas ornadas com todos os seus enfeites; mas todavia é este genero de espectaculo tão perigoso, que só o costume lhe podia tirar o horror, e que justamente reprova nosso D. Francisco Botelho em uma das suas satyras latinas. Mais vistosas são as outras festas, que ás vezes fazem os cavalleiros portuguezes, chamadas justas, torneios, alcancias, e cavalhadas, onde se vê a destreza, brio, e desembaraço de andar a cavallo, em que algumas pessoas de qualidade são insignes.

Amam os portuguezes com especial affecto a poesia, e a musica. Hoje anda muito em moda no applauso de qualquer acção meritoria transferir o Parnaso para o sitio do elogiado, e alli glosando motes, e compondo versos de improviso, mostram as portuguezas musas n'estes outeiros laudatorios, que não tem inveja de Apollo no seu aprazivel monte de Acaya. O instrumento musico, a que chamam viola, é propriamente portuguez, e que serve em todos os festejos domesticos, e publicos, a cujo som entoam ordinariamente motetes, e cantigas pateticas com aquella variedade, que pede a intenção do divertimento. O grave aspecto da compleição nacional parece que insinua pouca familiaridade entre uns e outros compatriotas: d'aqui vem serem raras as pessoas, que convidam a seus amigos para jantar com elles; mas, quando o fazem, é com mesa farta, limpa, e saborosa, e as mais das vezes ostentando grandeza, vaidade, e desperdicio.

Outros muitos costumes omittimos, não só porque seria preciso um grande volume, se houvessemos de descrevel-os pontualmente, mas porque estas extensas narrações são mais proprias para a historia, que para a geografia. Com tudo antes de clausular este capitulo, diremos alguns sentenciosos attributos dos portuguezes para maior conhecimento do seu genio, segundo a discreta observação, e experiencia de alguns authores nossos.

Os portuguezes sempre tiveram pouca duvida nos grandes casos. (1)

Lastima muito mais aos portuguezes o louvor alheio, que o esquecimento do seu proprio. (2)

Tem o portuguez por desfavor usado com elle o favor, que vê usar com o seu companheiro. (3)

É muito proprio de cavalheiros portuguezes com a inveja da primeira gloria estorvarem-se a si o logro da segunda, querendo mais ficar sem alguma, que ver a outrem com vantagem. (4)

Cada um dos portuguezes da primeira grandeza tudo querem para si, e todos nada para alguem. (5)

Cada um dos portuguezes presume que se lhe deve tudo; e assim qualquer cousa, que se dá aos outros, cuida que se lhe rouba.

(1) Far. tom. 3. da Asia p. I. c. I. n. 15 (2) Ibid. tom. I. c 5. part. 2. (3) Ibid cap. 7. (4) Idem tom. I. da Asia part. 4. cap. I. n. 2. (5) Ibid. part. 2. c. 2.

Sempre o animo portuguez esteve alegre nos perigos, e ainda nos tormentos.

Amou sempre mais um portuguez a fidelidade, que a fortuna.

Nenhuma cousa logrou a maior antiguidade, que a não lograsse a gente portugueza.

A gente portugueza para com seus desejados principes mil vezes substituiu a adoração pelo decoro.

Não se sujeitou já mais a gente portugueza sem ter alguma soberania.

Nunca a espada portugueza deveu triumphos á multidão dos exercitos, senão á grandeza dos corações.

Mil vezes tem sido a confiança natural cutello da nação portugueza.

Na gente portugueza desde os fundamentos está de posse encommendar ao espirito o que outras nações á copia.

A nação portugueza sempre se prezou mais de ser acredora da voz da fama, que de sujeita a seus favores.

A gente portugueza sempre foi affectadora de estimações, e decoros pela ostentação do pomposo, e do grave, e ainda do vão.

Mais cabem no mundo os portuguezes, que elle n'elles.

Ao coração portuguez ainda um mundo lhe vem estreito.

Com a gente portugueza nunca pode tanto o furor da guerra, como a affabilidade dos principes.

Os portuguezes são como o mar: mui serenos no socego, e na colera insupportaveis.

As mulheres portuguezas em seguindo o caminho da modestia, são unicas n'ella; e tambem unicas em liberdades, se tomam o caminho de livres.

Não poucas vezes as matronas portuguezas depozeram a roca pela espada, fiando vidas assim como linho.

Todo o zelo é mal soffrido, mas o zelo portuguez mais impaciente que todos.

É natureza, ou má condição da nossa Lusitania não poder consentir que luzam os que nascem n'ella.

É timbre da nossa nação, tanto que sahe á luz quem póde luzir, tragal-o logo, para que não luza.

Os portuguezes deram fundo com as ancoras, onde Santo Agostinho não achou fundo com o entendimento.

Nenhum golpe deu a espada dos portuguezes, que não accrescentasse mais uma pedra á fabrica da igreja.

Os portuguezes para os infieis tem a espada, para os catholicos tem o escudo.

Os portuguezes primeiro se chamaram mundanos, e depois lusitanos, para trazerem no nome a luz do mundo.

Os portuguezes sempre descobriram imperios para si, e cubiças para outros.

O maior louvor da nossa nação é chegarem os portuguezes com a espada, onde Santo Agostinho não chegou com o entendimento.

Em Portugal esteve sempre certo o descuido com quem mereceu cuidado.

A nação portugueza mais se préza de fazer, que de dizer.

Quem quizer inteirar-se mais do genio portuguez, e sem a desconfiança de ser informado por algum nacional, póde ver entre os estranhos sem suspeita aos authores abaixo citados, (1) e outros, que allega Hoffman, (2) porque nós concluimos com o que promette aos portuguezes o grande Camões em um dos seus cantos.

Por mais que da fortuna andem as rodas
Não vos hão-de faltar, (gente famosa)
Honra, valor, e fama gloriosa.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

(1) Justo Lipsio na epist. 96. do liv. 5. Andr. Scot na Bibliotheca Hispanica tom. 2. clas. 9. e tom. 3. clas. 2. Bosio tom. 3. de Sign. Eccles. lib. 8 cap 1. Caesar de Bello Gallico lib. 3. Fr. Jeronym. Rom. Republic. do mund. liv. 4. cap. 18. Magin. in nova Geograp. §. Portugalenses. (2) Hoffman. Diccion. verb. Portugallia. Veja-se tambem a mons. de la Hontan, Mervelleux, Davity, Maffeu Historia da India, Sanson, Moreri, Coronelli, e outros muitos, que por brevidade deixo de allegar.

MAPPA

DE

PORTUGAL

PARTE IV

CAPITULO I

Memorias dos primeiros povoadores da antiga Lusitania

Entramos n'esta segunda parte do nosso Mappa com a laboriosa averiguação de um dos pontos historicos mais difficil do seculo primeiro Lusitanico. Os antiquarios hespanhoes, e commummente os doutos convem uniformes em que dos descendentes de Jafet, terceiro filho do patriarcha Noé, (entre os quaes se repartio a povoação de toda a Europa, e parte da Asia depois do universal diluvio), coubera a Tubal, seu quinto filho, plantar, e propagar Hespanha.

Modernamente D. Francisco Xavier da Garma (1) pertendeu excluil-o do continente hespanhol, substituindo em seu lugar por primeiro povoador d'elle a Tharsis, sobrinho de Tubal, filho de seu irmão Javan, e neto de Jafet: porém esta opinião já seguida antecedentemente por outros, desfaz com razões mais provaveis o erudito padre Joseph Moret da companhia de Jesus. (2)

Assentando pois que os hespanhoes, e por consequencia os lusitanos se originam de Tubal, vista a grande authoridade dos escriptores, que o affirmam, (3) nasce d'aqui um reparo, e vem a ser: que dizendo Joseph, (4) procederem os iberos de Tubal, e interpretando S. Jerony-

(1) Garma no Theatr. Univ. de Hesp. tom. 1. c. 1. (2) Moret, Anales de Navarra, tom. 1. no Append. § 1. (3) Strabo, Anselmo Laurunense, Lyra, Abulens. Delrio, Alapide, e outros apud Malvend. de Anti-Christo lib. 6. cap. 22. Genebrad. Chronol. lib. 1. p. 31. Arias. Montan. in Isai. 66. v. 19. Villalp. in cap. 27. Ezech. v. 13. Sá ibid. Heitor Pint. ib. c 38. v. 2. Torniello. Annales Sacri ad ann. 1931. n. 22. Pineda lib. 4. de reb. Salom. cap 15. §. 7. Bent. Per. in Genes tom. 2. liv. 15. Marin. Sicul. lib. 6. cap. 1. Vasaeus, Chron. Hisp. tom. 1. ann. 143. Munster, Cosmograf. liv. 2. pag. 56. D. Rodr. Arceb. de Toled. liv. 1. c. 3. Flor. do Camp. liv. 1. cap. 4. Garibay tom. 1. liv. 4. cap. 4. Escolan. Hist. de Valenç. liv. 1. cap 4. Henao, Antig. de Cantabr. liv. 1. c. 1. Pined. Monarq. Eccles. liv. 1. cap. 18. §. 4. Matut. Prosap. de Christ. edad. 2. cap. 3. § 3 Aldret Orig. da ling. Castelh. liv. 2. cap. 15. Clericat. etá 2. del mondo rag. 7. Marian. liv. 1. c. 1. e 7 Kircher de Arc. Noé cap. 9. Yanes Espana en la S. Biblia part. 1. cap. 1. (4) Joseph. de Antiq. lib. 1. cap. 7.

mo, Santo Isidoro, (1) e outros aos iberos pelos hespanhoes, todavia como na Asia se acham tambem semelhantes povos iberos desde aquelles primeiros tempos, duvida-se justamente quaes devem ser reputados primarios descendentes de Tubal?

Os authores, que se persuadem fôra o mundo povoado pouco a pouco, e principiara do oriente, estendendo-se os povos á medida, que a gente crescia, dizem, que a Iberia hespanhola, ou occidental, foi colonia dos iberos asiaticos. (1) A outros porem se lhes faz mais verosimel que os hespanhoes levassem á Asia por transmigração o nome de iberos; (3) d'onde Rufo Festo Avieno veio a dizer: (4)

. . . . Asper iberus
Hic agit: hic olim Tyrrhenide pulsus ab ora
Cespitis Eoi tenuit sola.

Esta opinião parece que se conforma mais com o sentido natura do Genesis, que no capitulo 10.º dá a entender como os primeiros netos de Noé logo se dividiram a povoar o mundo; e cabendo á familia de Tubal lançar os alicerces, e estabelecer os limites de Hespanha, veio positivamente a ella, ou fosse por mar em pequenas embarcaçoes, passando da Armenia ao Egypto, do Egypto a Africa, e d'aqui atravessando o Estreito de Gibraltar até o Promontorio, que depois se chamou Sacro; ou fosse por terra, caminhando do Egypto a Jerusalem pela Natolia, depois penetrando a Tartaria, Hungria, Alemanha, França, Hespanha, e Portugal, sem lhe ser necessario por este caminho passar braço algum de mar consideravel; ou finalmente transitando por outra qualqner via, que lhe destinasse a Providencia, para soccorrer a necessidade da segunda povoação do genero humano com viagem, que fosse prudente, e não temeraria, como bem adverte o erudito Yañes.

Collocado já Tubal, e sua familia n'estas partes occidentaes da Europa pelos annos 150 depois do diluvio, conforme a melhor chronologia, (5) resta saber em que parte da Hespanha fez o seu primeiro assento? N'isto, por mais que se intente indagar, não póde haver certeza; porque o grande Abulense, julgando ser esta entrada pelos montes Pyrineus, attribue a Pamplona a primazia das fundações de Tubal em todo este tracto hispanico, (6) Florião do Campo a Andaluzia, (7) Martim de

(1) D. Hieron quaest. Hebraic. in Genes. 10. et in cap. 32. Ezech. S. Isidor. lib. 9. cap. 2. Origin. Euseb. lib. 9. cap. 3. (2) Melancthon in Chron. allegado por João Guilherme Stukio nos Scholios in Periplum Pont. Euxini de Arriano pag. 32. e 144. Plin. Strab. Marc. Varr. Arias Montan, apud Hoffman. in Diction. verb. Thubal, et Iberus. Torniel. ad ann. 1931. ainda que duvidoso. Marian. liv. I. c. 7. Volaterr. liv. 3. (3) Moret, Anales de Navarra, tom. I. liv. I. c. I. Nicefor. liv. 8. cap. 34. Yanes Espana en la S. Bibl. part. I. cap. 2. n. 5. e 6. e cap. 3. n. 3. (4) Avien. in Descript. Orbis vars. 882. (5) Far. tom I. da Europ. Port. part. I. cap. I. n. 5. Yanes Espana en la S. Biblia part. I. cap. 3. n. 2.

(6) Abulens. super Genes. cap. 10. «Tubal, á quo Hispani, iste sedem posuit in descensu montis Pyrinaei apud locum, qui dicitur Pampilona.» O mesmo repete sobre o Prologo da Biblia, que se chama Epistola ad Paulinum, cap. I. (7) Flor. do Camp. liv. I.

Viciana a Valença, (1) Joseph Moret a Tafalla, (2) outros a Toledo, (3) e fr. Bernardo de Brito, Heitor Pinto, e outros muitos a Setubal em Portugal. (4) Mais facil será crer (diz Manoel de Faria judiciosamente) ter sido Tubal fundador de muitas povoações na Hespanha, que o assegurar a primazia de alguma entre todas: (5) e d'este parecer foi o erudito Malvenda, que já allegámos. Todavia o insigne commentador de Virgilio Francisco de Lacerda, allegado por Luiz Marinho de Azevedo, diz, que da Lusitania sahiram os primeiros fundadores de Hespanha (6) a estabelecer povoações em varias partes d'ella.

O certo é, que dos tempos immediatos á primitiva povoação de Portugal, até que as armas cartaginezas, e romanas abriram o caminho á communicação das gentes occidentaes da Europa, não póde a historia dar um passo, senão ás escuras, e com a vehemente suspeita de claudicar na verdade; porque alguns escriptores fundados em documentos ou apocrifos, ou de pouca authoridade, e exame, constituiram em Hespanha, e Portugal com demasiada, e incauta crença o governo de alguns reis duvidosos, como foi Ibero, Jubalda, Briga, Beta, e outros, de que não ha historia verdadeira. Sómente consta, que havia em nossas terras alguns regulos, como foi Lucinio, Culca, Gorgoris, Abides, Argantonio, Theron, Mandonio, e alguns outros, de que fazem memoria authores veridicos. (6)

Tambem temos por certo, que n'aquelles principios todo este nosso continente estava occupado de varios povos, cada um com seu nome, costumes, e usos differentes, formando distinctas especies de pequenas republicas com suas leis, especialmente desde o governo de Gorgoris, ou Gorgaris. Não será relação importuna communicarmos aqui um breve monumento d'estes povos primitivos para melhor intelligencia da historia.

Abobricenses; ou *Aobricenses*. Habitavam pouco distantes de Chaves. (7) A Hoffman lhe parece que eram os da villa do Conde, e a João de Barros os da Nobrega, ou Valdevez.

Amaienses. Eram povos da Lusitania. (8)

Amfilocos. Habitavam na cidade Amfiloquia, que estava na provin-

(1) Vician. liv. 1. cap. 6. (2) Padr. Moret, Anales de Navarra tom. 1. p, 4. (3) Apud Yanes ut supr. n. 6. (4) Brit. Monarq. Lusit. p. 1. l. 1. c. 3. Heyt. Pint. in cap. 27. Ezech. p. 247. «Prima Urbis Hispaniae, ut aiunt, appellata est Thubal, ab ipso conditore nomine desumpto, quam viri docti eam dicunt esse. quae nunc Setubal appellatur in hac nostra Lusitania sita ad Occidentem.» Diogo de Colmenar. na Histor. de Segovia cap. 1. «Dize-se, que fundó Tubal al lado meridional del rio Tajo sobre el grande Oceano un pueblo, que nombró Setubal, nombre al parecer compuesto en honra del S. Seth, su 10. abuelo, hijo de Adan.» Matut. Prosap. de Christ. edad. 2. cap. 3. §. 3. e outros apud. fr Benard. da Silva na Def. da Monarq. Lusit. part. 1 cap. 10. (4) Faria ut supr. (5) Lacerd in Virgil. apud L. Mar. lib. 1. cap. 15. Antig. de Lisb. «Ab Lusitania exuberante gente dissipati in reliquam Hispaniam sunt, et tanquam in colonias deducti.» (6) Livius lib. 3. decad. 4. Macrob. liv. 1. Saturn. Polyb. lib. 3. apud Resend. lib. 3. Antiq. Herodot. lib. 1. cap. 42. Plin. liv. 7. cap. 48. (7) Idem liv 4. cap. 20. Mela liv. 3. cap. 1. Resend. liv. 1. de Antiq. Monarq Lusit. liv. 5. cap 9. Argot. Memor. do Arcebisp. de Brag. p. 177. e 373. (8) Resend. liv. 1.

cia de Galiza, a que hoje chamamos Orense, a qual no tempo dos romanos veio a pertencer á chancellaria de Braga. (1) Da vida de Alexandre Magno escripta pelo segundo Xenofonte Arriano Nicomediense, consta que os amfilocos não estavam mui distantes da Ambracia, (2) que conforme alguns, (3) foi Barcellos. Ortelio colloca os amfilocos entre os calaicos, e os Bracaros.

Ancondeos. Povos nacionaes, que viviam nas visinhanças do monte Gerez. (4)

Arevácos. Procediam dos celtiberos, e eram os ultimos povos, em que se terminava Galiza junto do Douro. (5)

Artabros, que depois se chamaram *Arrotebras*, occupavam desde o promontorio celtico até os astures. (6)

Astures. Occupavam a provincia de Tras os Montes, e eram notaveis mineiros. (7)

Barbaros, ou *Sarrios.* Habitavam por toda a serra da Arrabida até Lisboa, ou todo aquelle tracto de terra, que fica entre o Tejo e Setubal. Viviam sem lei, sem policia, e com pouca, ou nenhuma religião. Sustentavam-se dos fructos, que a terra produzia, e da caça, que na montanha apanhavam. Este modo de viver barbaro, e agreste os fazia tão rigidos, que não só tiveram sanguinolentas guerras com os celtas seus visinhos, mas fizeram uma das maiores resistencias, que experimentou Julio Cesar na conquista da Lusitania. No anno 501 antes de Christo, vendo que a patria os não podia manter com a sua multiplicação, determinaram que todos os moços até á idade de quarenta annos fossem buscar outras terras desoccupadas, em que viver: e depois de varios transes foram cultivar muita parte da Beira, principalmente aquellas terras, que se estendem por algumas leguas á roda do rio Soberbo. (8)

Bardulos, ou *Vardulos.* Habitavam onde agora se chama Guipuscoa. Plinio diz, que os bardulos eram os mesmos, que os turdulos da Lusitania. Baudrand diz, que eram diversos uns dos outros.

Belitanos. O mesmo que lusitanos.

Berones. Querem alguns (9) conjecturar que habitavam na provincia da Beira, sendo que o padre Argote (10) não convem n'isso. Baudrand, e Hoffman, dizem, que eram povos sujeitos aos celtiberos, e a sua principal cidade era onde hoje está Trejo.

Bibalos. Conforme João de Barros (11) habitavam em Val de Bou-

(1) Strab. liv. 3. Justin. liv. ult. cap. ult. Resend. liv. 1. (2) Arrian. rer. gestar. Alex. liv. 2. »Sed Geryonis Regnum in continenti fuisse circa Ambraciam, et Amphilocos, indeque Herculem boves abegisse. (3) Veja-se a prim. parte do nosso Mappa cap. 2. n. 5.
(4) Argot. nas Antig. da Chancel. de Brag. p. 132. (5) Plin. lib. 3. cap. 3. Baudrand. (6) Mela liv. 3. cap. 1. Strab. liv. 3. Plin. lib. 4. cap. 20. Argot. nas Memor. do Arceb. de Brag. pag. 184. Flores na Espanha sagrada tom. 15. pag. 26. (7) Strab. liv. 3 Argot. ut supr. p. 149. Monarq. Lusit. part. 1. cap. 4. da Geograf. Martial. lib. 10. Epigram. 16. (8) Pimentel. Notic. Academic. de 2. de Janeir. de 1727. (9) Brit. na Geogr. c. 4. Flor. do Camp. Histor. de Hespan. liv. 2. cap. 10. Plin. liv. 4. cap. 20. (10) Argot. nas Memor. de Brag. p. 450. (11) João de Barr. nas Antig do Minho cap. 6.

ro na provincia do Minho. O padre Argote os situa nas visinhanças de Orense, e fóra do territorio de Portugal; (1) porem Resende é de parecer que a palavra *Bibalos* não era nome de povos, mas de cidade, (2) porque assim o diz expressamente a inscripção da ponte de Chaves sobre o Tamega, na qual estão gravados os nomes dos povos de todas aquellas comarcas, que concorreram para trabalharem n'ella: mas n'isto achamos pouca razão a Resende: porque, ainda que a tal inscripção diga *Civitates X* é sem duvida que as cidades não haviam de ir trabalhar na ponte, mas sim os moradores das taes cidades, os quaes pela maior parte seriam os d'aquellas visinhanças de Chaves, como bem adverte fr. Bernardo de Brito. (3) Finalmente Baudrand diz, que estiveram situados junto do rio Lima.

Bracaros. Ficavam estes povos na provincia do Minho, e era nome generico, que abraçava outros muitos povos particulares, (4) e comprehendia povoações muito notaveis, como era Braga, Porto, Ponte de Lima, Neiva, Caminha, e outros. (5)

Calaicos. Eram de duas especies: Bracarios, e Lucenses: os primeiros existiam na provincia de Traz os Montes; os segundos no Minho, e reino de Galiza, onde hoje é Compostella.

Callenses. Habitavam na cidade de Gaya fronteira ao Porto.

Caperenses. Lembram-se Resende, e Baudrand por boas conjecturas de existirem estes povos na Estremadura Lusitana entre Merida e Placencia. (6)

Celerinos. Eram os povos, que habitavam na cidade Celiobriga, a qual, conforme a indagação do padre Argote, ficava ou em Celorico de Basto, ou nas suas visinhanças. (7) Baudrand, allegando a Sanson, julga que os celerinos eram os habitadores de Barcellos. Na ponte de Chaves, mandada fazer pelo imperador Vespasiano, vem assignados os celerinos, os quaes eram povos d'aquella comarca de Chaves, parte dos quaes ficava em Portugal, parte em Galiza.

Celtas. Existiam na provincia do Alemtejo, e confinavam da parte do Meio dia com os turdetanos, da banda do norte com o Tejo: pelo occidente lhe ficava a ribeira de Canha, tendo tambem por visinhos os barbaros da Arrabida. Eram as suas principaes povoações Elvas, Estremoz, Villa Viçosa, e Evora. Havia na Andaluzia outros celtas, porem diversos d'estes. (8)

Celtiberos. Eram povos, que se originaram dos celtas do Alemtejo, os quaes passando-se para Andaluzia, e confederando-se com os que habitavam pelas ribeiras do Ebro, deram origem aos celtiberos, gente mui

(1) Argot. ut supr. liv. 1. cap. 14. n. 285. (2) Resend. lib. 1. de Antiquit. «Sed haec potius Civitatum sunt nomina.» (3) Brit. na Monarq. Lusit. liv. 5. cap. 9. (4) Vasaeus tom. 1. Chron. pag. 64. Argot. ut supr. p. 155. (5) Brit. na Geogr. cap. 4. (6) Resend. lib. 1. Antiq. (7) Plin. lib. 3. cap. 3. Resend. lib. 1. Argot. nas Memor. de Brag. tom. 1. p. 157. e 317. (8) Brito na Geogr. cap. 4.

conhecida em toda a Hespanha por valerosa, e que fizeram forte resistencia aos romanos, e carthaginezes. D'elles fallam muitos dos authores antigos allegados. (1)

Cerenecos. Povos, que habitavam onde hoje chamam concelho de Thuyas junto a Canavezes. (2)

Cinesios. Viviam junto dos Ostidanienses.

Colarnos. Eram visinhos dos turdulos modernos, e occupavam aquella parte da Estremadura, que está entre os rios Tejo, e Odivor.

Curetes. Habitavam no Algarve, fundaram Silves, e vieram a Hespanha quasi no tempo de Tubal. (3)

Grayos, ou *Gravios.* Tinham sua habitação na provincia do Minho, e n'esta mesma provincia viveram os gronios. (4) Alguns historiadores querem que os primitivos grayos, e todos os mais povoadores d'esta província d'aquelles primeiros seculos fossem de nação grega; (5) porem temos por mais provavel, que todas, quantas noticias se nos offerecem nas historias de fundações gregas, e nomes gregos anteriores ao ultimo anno do reinado de Argantonio, são fabulosas; pois consta de Herodoto, o mais antigo historiador d'aquelles tempos, serem os feníces os primeiros gregos, que emprenderam de proposito o descubrimento de novas terras, até chegarem a Hespanha em tempo, que ainda reinava Argantonio, que foi 543 annos antes de Christo. (6)

Herminios. Tinham sua habitação na serra da Estrella da provincia da Beira. (7)

Iberos. Este nome era generico a todos os hespanhoes.

Labricanos. Residiam junto das ribeiras do Ave por aquella parte, em que se lança no mar pela villa do Conde. (8)

Lancienses. Estavam n'aquellas partes da provincia da Beira, que se extende do norte para o Meio dia, do Ponsul até o Tejo; e do oriente ao occidente, do Elja até o Zezere.

Limicos. Viviam junto das margens do Lima. (4)

Luancos, ou *Lubenos.* Habitavam na provincia do Minho, mas ignora-se a paragem certa.

Lusos, ou *Lusitanos.* Possuiam terras entre o Tejo, e o Douro, e occupavam tambem todo o lado occidental, que corre desde a foz do Douro até o promontorio celtico, e pelo lado septentrional desde este promontório até adiante da Corunha. O nome de lusitanos era univer-

(1) Diodor. lib. 6. Strab. lib. 4. Plin. lib. 3. cap. 1. Liv. lib. 5. Flor. liv. 2. cap. 17. Lucan. lib. 4. v. 10. Silius Italic. lib. 3. v. 340. Catul. Epigr. 40. Martial lib. 4. Epigr. 55. (2) Argot. nas Memor. de Brag. p. 157. (3) Justin. lib. 44. Strab. lib. 3. Gerund. lib. 1. (4) Mela lib. 3. cap. 1. Brit. na Geogr. cap. 4. (5) Plin. lib. 4. cap. 20. Estaço nas Antiguid. c. 9. Resend. lib. 1. «Graecorum sobolis omnia». (6) Herod. lib. 1. cap. 163. «Hi Phocenses primi Graecorum longinquis navigationibus usi sunt. Adriamque simul, et Tyrrheniam, Iberiam, atque Tartesum occuparunt.» Pausan lib. 2. pag. mihi 144. Plin. lib. 7. c. 48. Valer. Max. lib. 8. c. 13. Vasaeus tom. 1. Chron. ann. 129. ab urbe condita.

(7) Monarq. Lusit. tom. 1. liv. 4. cap. 1. (8) Ibib. p. 322. (9) Argot. nas Antiguid. da Chancel. de Brag. p. 128. Resend. lib. 1. Antiq:

sal, porque comprehendia outros muitos povos, como celtiberos, turdulos, vetones, etc.

Narbassos. Eram visinhos dos Vacceos, e viviam junto a Freixo de Espadacinta. (1)

Nemetates. Existiam na provincia de Tras os Montes desde Bragança até o monte Gerez, separando-os de Galiza o rio Lima. No mappa de Ortelio os vemos situados junto de Araduca, passando-lhe pelo meio o Tamega.

Ostidanienses. Occupavam aquelle angulo de terra, que se termina no cabo de S. Vicente pelo espaço não mais que de duas leguas. (2)

Pesures. Estes povos eram pouco conhecidos; por isso na incripção da ponte de Alcantara estão no ultimo lugar. Tinham a sua habitação na Covilhã, e Castello Branco, e parte da serra da Estrella. Não são os mesmos, a que Resende chama *Meidobrigenses*, ou *Plumbarios.* (3) O padre Bluteau diz, que elles são oriundos dos antigos celtas, e que o nome Pesures era ignominioso, pois significava gente cobarde, e n'isto concorda com a Monarquia Lusitana. (4)

Sarrios. Eram os barbaros da Arrabida.

Seurbos. Povos, que viviam pouco acima de Braga.

Tamacanos. Viviam nas margens do Tamega pelo sitio, onde elle entra no Douro. (5)

Transcudanos. Pelos annos de 560 pouco mais, ou menos antes de Christo, deixando alguns dos turdulos antigos a costa maritima, em que viviam, foram habitar aquelle espaço de terra, que se estende de norte a sul entre os rios Coa, e Agueda; e pela situação, em que ficaram alem do Coa, se vieram a chamar povos transcudanos. (6)

Turdetanos. Possuiam a maior parte do Algarve, e do Alemtejo, e era tudo o que vai de Beja até Sines. Foram reputados por insignes guerreiros até á segunda guerra Punica. Eram engenhosos, tinham politica, e amavam as sciencias com fructo, e cultura. Presavam-se de ter leis escriptas em verso, e todas as suas antiguidades conservadas em livros de seis mil annos anteriores: mas cada anno constava só de tres mezes. Estrabo os julga tão opulentos, e ricos, que escreve tinham até nas estrebarias argolas de prata. (7)

Turdulos. Eram de duas especies: uns antigos, outros modernos. Os turdulos antigos foi a gente mais veterana, e nobre da Lusitania: tinham por domicilio todas as terras, que estão do norte ao Meio dia entre o Tejo, e o Douro, das quaes eram as principaes Lisboa, Santarem, Alfeizerão, Coimbra, Leiria, Aveiro, Lamego, e Viseu. Os turdulos mo-

(1) Argote nas Memor. de Brag. p. 160. e 322. (2) Ortel. no Mappa da Lusitan. Cellar. Geogr. antiq. lib. 2. cap. I. (3) Brit. na Geograf. cap. 4. Clede na Histor. de Port. tom I. liv. I. (4) Bluteau, Vocabul. verb. Pesures. Monarq. Lusit. liv. I. cap. 28.
(5) Argot. Memor. de Brag. pag. 161. (6) Monarq. Lusit. liv. I. cap. 30. Pimentel. Notic. da Academ. de 2 de Jan. de 1727. Vasconcel. nos Schol. a Resend. (7) Baudrand in Diction. Geograp.

dernos tinham o Tejo pela parte do norte: pelo meio dia confinavam com os celtas, e nos costumes pouco se differençavam uns dos outros. Christovão Cellario (1) situa os turdulos no Alemtejo, e em parte do Algarve com pouca distancia dos turdetanos. Samuel Bocharto confunde uns com outros. (2)

Turolos. Habitavam nas margens do rio Minho da parte esquerda, onde está a freguezia de S. Martinho de Lanhelas. (3)

Tyrios. Eram povos, que antes dos cartaginezes vieram com os celtas accommeter aos iberos. (4)

Vacceos. Tinham a sua habitação entre Coimbra, e o Porto, e tomaram o nome do rio Vouga. (5)

Vetones. Viviam junto do Tejo na Estremadura entre os povos da Lusitania. (6)

Todos estes povos, ou os mais d'elles, independentes uns dos outros se governavam conforme as leis, e costumes particulares que tinham. Nas guerras elegiam seus capitães, a que obedeciam com tanta efficacia, que desprezavam a vida, se acaso aquelles morriam na batalha. Armavam-se regularmente com duas espadas, uma comprida, outra mais curta, ao modo das nossas espadas, e adagas, que ainda alcançámos ver. Os naturaes da serra da Estrella foram os primeiros, que a inventaram: d'onde veio a cantar o nosso Botelho: (7)

Van muchos del confin, y heroico assiento,
Que ilustra la altivez del monte Herminio:
La espada lusitana, que es su invento,
Manejaban con fuerte predominio.

Usavam tambem de uma certa especie de pequeno escudo, que mais propriamente era broquel, que adarga, a que chamavam *cetras*, segundo explica Diogo Mendes de Vasconcellos nos Escolios de Resende: e batendo uns nos outros, faziam um tripudio sonoramente horrivel. (8) Assim cantou d'elles Silio Italico: (9)

. . . . *Misit dives Gallæcia pubem,*
Barbara nunc patriis ululantem carmina linguis,
Nunc pedis alterno percussa verbere terra,
Ad numerum resonas gaudentem plaudere cetras.

(1) Cellar. Geograf. liv. 2. cap. 1. (2) Bochart. Geograph. Sacr. lib. 1. cap. 34.
(3) Argot. Mem. de Braga tom. 1. p. 162. (4) Ibid. p. 60. (5) Agiol. Lusit. tom. 2. (6) Resend. lib. 1. (7) Botelho no Alphonso liv. 3. oitav. 88. Vide Just. Lipsium lib. 3. de Militia Roman. Dialog. 3. (8) Vasconcel. in Schol. ad lib. i. Resend. de Antiq. «Cum enim Cetras resonas, (explica o texto de Silio) hoc est, tinnitum, et sonitum edentes vocet, manifeste innuit esse illa parva scuta, quae Bluqueria dicuntur ex ligno fabrefacta, atque aere contecta, quae clarissimum sonitum inter se collisa edunt; quod coriaceis illis, et maioribus scutis, seu parmis nequaquam convenire potest. (9) Silius Ital. lib. 3. vers. 346.

Em parte o quiz imitar Botelho: (1)

> *Vinieron los Calaicos, a quien lavan*
> *Las dos orlas del Mino difundido,*
> Y *sus antiguas cetras los muravan,*
> *Que servieron un tiempo a su alarido.*

Em dizer este poeta que as cetras, ou escudos os muravam, ou cobriam todos, não se conforma com a advertencia critica de Vasconcellos.

Solemnisavam com louvores, e festas, a que chamavam Gymnopodia, aos que morriam pelejando; (2) e nas maiores solemnidades faziam o sacrificio das Hecatombas, que era matar cem animaes de uma mesma especie. (3) Adoravam a Marte, Minerva, e Hercules; d'onde parece, (diz de la Clede) (4) que a veneração, e culto, que elles davam a Hercules, póde servir de uma prova da vinda, que este heroe fez a Portugal, para livrar muitos de seus habitadores da oppressão de varios tyrannos, e fundar aquelle famoso templo no cabo de S. Vicente, chamado promontorio Sacro, onde se adorava o sol com ritos, e ceremonias egypciacas, e d'onde o mesmo Hercules se mandou sepultar.

Áquellas tres divindades fabulosas offereciam em sacrificio as mãos direitas dos seus prisioneiros de guerra, que elles cortavam ao pé dos altares; e da observação, que faziam nas abertas entranhas dos mesmos inimigos, prognosticavam bons, ou maus successos para as suas batalhas. (5)

Nas doenças, e enfermidades servia de medico todo aquelle, que tinha experiencia do remedio prestante, e concernente á queixa. Para isso costumavam expor os enfermos nas portas das casas, ou nos transitos das ruas, para que o passageiro applicasse o que soubesse, e fosse opportuno pela observação, que tivesse feito em outra semelhante molestia (6) e d'estas bem sortidas experiencias sacou depois Hypocrates documentos, e aforismos admiraveis para a sua medicina. (7)

Com estes, e outros usos viviam os mais dos lusitanos na sua primitiva liberdade, quando acontecendo aquella extraordinaria secca, e fome, de que faz menção Justino, e as Historias de Hespanha, (8) poz em incrivel consternação toda a terra. Despovoou-se o Alemtejo, o Algarve, e parte da Estremadura, e foram seus habitadores refugiar-se nas serras da Beira, e Minho, como mais ferteis, e frescas; outros foram para

(1) Botelh. no Alphons. liv. 3. est. 90. (2) Monarq. Lusit. liv. 2. cap. 24.
(3) Ibid. liv. 5. cap. 1. (4) De la Clede, Histor. de Portug. tom. 1. pag. mihi 21.
(5) Alexand. ab. Alexand. lib. 6. cap. 26. «Lusitanis vetus mos erat, ex intestinis hominum exta prospicere, atque inde omina, et divinationes captare, abscissasque captivorum dextras pro munere diis offerre.» (6) Bohem. lib. 3. cap. 25. de Vetustis Lusitanorum moribus «Aegrotos vetusto ritu Aegyptiorum in plateis deponunt, ut qui eo morbi genere tentati sunt, commonefacere eos valeat» (7) Garm. no Theatr. Univ. de Espana tom. 1. pag. 195.
(8) Justin. liv. 44. cap. ult. Marian. tom. 1. liv. 1. cap. 14. Monarq. Lusit. liv. 1. cap. 23.

Italia: tão grande, e continuada foi a calamidade, que padeciam, posto que Vaseu duvida muito d'ella. (1)

Applacou finalmente o ceu sua ira, e restituidos á patria os ausentes, e saudosos de tanto tempo, vieram tambem entre os nacionaes muitos dos gallos celtas. Depois acontecendo pelos annos 1380 do diluvio, conforme Vaseu, aquelle memoravel incendio nos montes Pyreneus, que penetrando até as cavernas da terra, causou horrorosos tremores, e fez descubrir muitas minas de ouro, e prata, (2) divulgou-se a noticia d'esta fluente riqueza, a qual com a vehemencia da sua virtude attraindo de tão longe a ambição dos fenices, foi causa de expedirem promptamente uma grossa armada, que aportou na ilha de Cadiz, e d'aqui vindo costeando as margens maritimas das nossas terras, ancorou no Algarve.

CAPITULO II

Estado da Lusitania com a invasão dos fenices, e carthaginezes

Tanto que a armada fenicia surgiu no porto de Tavira, saltaram logo em terra os novos estrangeiros, e introduzindo-se por ella dentro, chegaram a invadir, e assolar Andaluzia, onde obrigaram os povos a que lhe trabalhassem na extracção dos preciosos metaes; usando com elles inesperadas desattenções. Os andaluzes achando-se por este modo turbados, e opprimidos, pediram soccorro aos portuguezes turdetanos seus visinhos. Declarou-se a guerra, fizeram-se promptos os batalhões, e logo neste primeiro combate principiou a brilhar o esforço lusitano com a victoria, que alcançou do africano poder, porem o demasiado descuido dos andaluzes fez eclipsar algum tanto a fama dos alliados; porque deixando respirar quasi á porta as forças do inimigo, poude este conquistar a Betica, paiz fertil, rico, e agradavel.

Por este tempo, que foi pouco mais, ou menos 589 annos antes de Christo, querem alguns chronistas (3) que Nabucodonosor viesse, ou mandasse em alguns navios fornecidos de gente valerosa acometter os tyrios, e fenices, que occupavam a garganta do oceano no estreito de Gibraltar, e que estes valendo-se do esforço dos turdetanos, quebrantaram os projectos do soberbo rei; porem esta expedição é tida por duvidosa no exame da critica mais exacta. (4) O certo é, que umas esquadras de gente estrangeira vieram inquietar os fenices: que os turdetanos tomaram armas para os defender: que os fenices em recompensa d'este soccorro atacaram a seus bemfeitores, e que estes castigaram aquella vil ingratidão, expulsando-os não só da Betica, mas da ilha de Cadiz.

(1) Vasaeus tom. I. Chron. ann. 1250. «Circa hunc annum ponunt admirabilem illam siccitatem... quod mihi quidem non sit verisimile, quia nulla ejus rei memoria in veterum libris reperitur, qui rem tam stupendam, ac raram proculdubio non tacuissent (2) Diodor. Sicul. liv. I. Arist. de mirab. auscult. Monarq. Lusit. liv. I. cap. 26. (3) Strab. liv. 15. Monarq. Lusitan. liv. I. cap. 28. Yanes España en la S. Biblia part. I. cap. 15. n. 3. e outros muitos. (4) Estaço nas Antig. de Port. cap. 33. n. 4. Paiv. Exame de antiguid. p. 120. Bochart. na Geograf. Sacr. liv. I. cap. 34.

Vendo-se os fenices expulsos, e destroçados, foi o seu remanente buscar soccorro, e refugio a Sidonia, cidade capital da Fenicia, e lá formando sufficientes reclutas, conduziu um importante corpo de exercito, que commandava Mezerbal venturoso, e perito soldado. Começou a litigar com os turdetanos, os quaes animados com o agigantado valor, e sciencia militar do inclyto Baucio Capeto, a quem Mariana chama Principe, (1) fizeram tal destroço no inimigo, que o proprio Mezerbal para salvar a vida lhe foi preciso desamparar o campo, e junto ao rio Gaudalete (2) deixou nas mãos de Baucio a segurança da vitoria com os preciosos despojos, que depois se expozeram como trofeus honorificos pendurados nas paredes dos templos.

Dissimulou Mezerbal o estrago, ou a pena dos seus effeitos, e para maior disfarce fez treguas com os turdetanos. Pendentes ellas, e á sombra da paz mandou pedir a Carthago novos subsidios, com os quaes mais animoso, rompendo a suspensão das armas, atacou os turdetanos, e os expediu da Betica. Retira-se Baucio á Lusitania, e os turdetanos não querendo expor-se a outra ruina, determinaram deixar a patria. Passaram o Guadiana, e o Tejo, padecendo nesta marcha muitos embaraços, porque os gallegos pertenderam impedir-lhes o passo misturados com gregos, e celtas; porem brilhando n'esta resistencia o espirito varonil das matronas portuguezas, triumpharam os turdetanos de seus inimigos, e a victoria ficou famosa com o titulo honroso de Empresa das mulheres, produzindo-se por meio d'ella a tranquillidade na provincia do Minho. (3)

Em quanto estas acções se obravam na Lusitania, foram os fenices sacudidos da Betica pelos carthaginezes; e reforçados estes com as tropas auxiliares, que lhe vinham de Cartago, se foram fazendo poderosissimos na conducta de Amilcar, Hasdrubal, Hymilcon, Hanon, e outros valerosos capitães, principalmente Anibal, os quaes, estabelecendo pazes com os lusitanos, experimentaram quanto era melhor a amizade com elles, que a desavença. Em muitas facções de perigo se valiam do valor dos nossos, e os nossos conservando sua alliança alcançaram victorias dos Tyrios, e outros povos de Chipre, que vinham com o designio de invadir a Lusitania com hostilidades e insultos.

Passaremos agora em silencio os successos de alguns annos, porque a narração abreviada, que expendemos, mais permitte á pena vôos, que rasgos. Já os romanos invejosos da fortuna, que dava conhecida vantagem ao poder dos carthaginezes, tinham publicado guerra contra elles; e provando alternativamente as armas em varios recontros, chegaram a ver maior que a de Cartago a força romana. Porem Anibal ainda assim com uma ousadia incomparavel, querendo resarcir tanto de reputação quanto havia perdido de gente, partindo de Hespanha se introduz no

(1) Marian. tom. 1. liv. 1. cap. 13. (2) Flor. do Camp. liv. 2. cap. 29. (3) Monarq. Lusit. liv. 2. cap. 4. Far. Europ. Port. tom. I. part. I. cap. 9. num. 9

coração de Italia á custa de immensos riscos a combater com os romanos.

Constavam suas tropas, alem de africanos, de um grande numero de Lusitana soldadesca, vetones, turdulos, e celtas, da qual era commandante Viriato I. A qualidade do exercito augmentou a intrepidez do coração de Anibal, e em todas as operações de brio, e honra nomeava os lusitanos, que sempre valentes lhe corresponderam á idéa, e desempenharam o conceito; e assim foram elles os que contribuiram para o maior numero das suas victorias. (1) Elles foram os que em credito da robustez, e constancia de animo supportaram com admiravel paciencia a fome, a sede, e todas as fadigas de Marte; bastando a impraticavel passagem dos Alpes, em que até a mesma natureza venceram, como emula, para evidente demonstração do seu esforço.

Escolhida pois Italia para theatro da guerra, principiou Anibal a assombrar os romanos; e sendo muitas, e repetidas as batalhas, em que os nossos occupavam sempre as testas dos exercitos, como lugares mais arriscados, vencendo os consules Cneyo Servilio, Cayo Flaminio, Lucio Emilio, e Cayo Terencio, nenhuma grangeou para a fama nome de maior permanencia, que a chamada batalha de Canas; na qual depois do primeiro Viriato ter morto seis mil romanos, lhe tirou a vida o consul Paulo Emilio, cuja perda resarciram os nossos incitados da indignação, e vingança, chegando a escalar cincoenta mil soldados inimigos em recompensa de um só Viriato. (2)

Sem duvida esta batalha de Canas (assim chamada pelo sitio, em que se deu) teria sido o ultimo raio de Roma, se Anibal soubesse aproveitar-se da victoria; porém este insigne capitão em vez de marchar no seguimento da sua felicidade para acabar de prostrar as forças romanas já tibias, se retira a Capua, onde com desgraçado ocio fez adormecer o heroico alento com os mimos d'aquella cidade. (3)

Com este enorme descuido de Anibal cobraram os romanos novas esperanças de salvarem a patria mais animosos, quanto mais desfallecidos. Renovam os consules suas tropas, Scipião triumpha dos cartaginezes, e reduz a seu dominio toda Cartago. Empenham os dois valerosos capitões em argumento de armas as ultimas forças, e vendo Anibal titubear o conflicto da sua parte, houve por bem eximir-se do risco, pondo azas nos pés; e depois tirando-se a si proprio a vida, por não cair nas redes da contraria traição, Scipião mereceu á fortuna alcançar uma tão importante victoria, que os lusitanos partidarios de Anibal lhe venderam bem cara; e destruindo por uma vez as armas africanas, que mais de trezentos annos subjugaram Hespanha, constituiu senhora dominante da nossa peninsula a famosa Roma.

(1) Liv. decad. 3. lib. 7. (2) Sil. Ital. lib. 10. Resend. lib. 3. de Antiquit. (3) Valer. Maxim. lib. 9. Just. Lipsio lib. 4. de Magnitud. Roman. cap. 5. Turselin. Epitom. Historic. lib 3.

CAPITULO III

Conducta dos portuguezes no governo dos romanos

Assim continuava a soberania romana em dominar Hespanha, que sendo até o anno 534 da fundação de Roma uma só provincia consular, pelos annos porém de 557 da mesma fundação, e 196 antes de Christo, foi dividida em duas provincias pretorias, ou proconsulares, chamadas Ulterior, e Citerior. N'aquella se comprehendia a Betica, e a Lusitania, isto é, Andaluzia, e Portugal: na Citerior todas as mais partes de Hespanha. (1)

Para exacto geverno d'ellas eram enviados de Roma varios pretores, ou governadores fortalecidos com legiões de gente militar para presidio das terras, que iam conquistando; porém como os lusitanos mal soffriam o jugo romano, foi preciso ao respeito dos senadores para nos sujeitar á obediencia mandar tambem o consul Catão Censorino, o qual usando de affabilidade, dominou os corações da nossa gente até o ultimo dia do seu governo, pois tanto que Scipião Nasica lhe succedeu, logo se revoltaram como leões indomitos cantra elle.

Inconstante fortuna experimentou Nasica no principio da sua pretura; porém no fim a logrou tão favoravel á custa dos nossos, que a sorte, mais que o esforço, o fez vencedor de cento e trinta e quatro bandeiras. (2) Mas não perdendo os lusitanos já mais o accordo na desgraça presente, e appellando para o primeiro conflicto, souberam vingar a perda passada com destruição total do exercito romano, que governava Lucio Emilio, (3) ruina, que por muitos dias continuos foi deplorada dentro em Roma, e até a vingança, que depois meditaram, foi mal succedida.

Continuavam os pretores, e consules o governo da Hespanha, os quaes ou abatidos, ou victoriosos, sempre confessavam por formidaveis as armas lusitanas, custando-lhe cada palmo de nosso terreno adquirido rios de sangue romano. Entre os nossos capitães, que deixaram resplandecente nome na veneravel duração da memoria, foram Apimano, Cesaron, Chancheno, Viriato, e Sertorio, cujas gloriosas proezas occupam até as historias dos que pertenderam diminuir-lhe a fama.

Aquelle espantoso terror, que o brio dos lusitanos tinha semeado em Roma, chegou a produzir tal impressão nos animos de todos, que não havia nem tribuno, nem pretor, que se quizesse encarregar da guerra de Hespanha; e por acudirem pelo credito da nação, buscaram o caminho do ludibrio, que foi o da aleivosia, não sem escandalo do mundo.

(1) Strab. lib. 3. Liv. decad. 4. lib. 3. Plin. lib. 3. c. 3. Guid. Pancirol. Notitia Dignit. utriusq. Imper. c. 66. Robortel. de Provinc. Roman. Vasacus tom. I. cap. 8. n. 14.

(2) Monarq. Lusitan. liv. 2. cap. 23. (3) Oros. liv. 4. cap. 19. Liv. decad. 4. lib. 6. Moral. lib. 7. cap. 11.

Assim se experimentou na morte de Viriato II pela perfidia de Quinto Servilio, e na de Sertorio pela de Marco Perpenna. (1)

Seria alheio da brevidade, que promettemos, particularisar acções, e successos dos lusitanos: todas tão benemeritas da honra, e da eternidade, como indignas de fama as que os romanos obravam em nossos paizes; e muitas vezes com o dolo, e malicia em tão vulgarisadas operações, que mal podiam occultar a ignominia, que d'ellas lhes resultava, como aconteceu com Servio Galba, reprehendido no capitolio pelas manifestas aleivosias, que usava com a gente portugueza. (2)

Mais de duzentos annos tardou a conquista da Lusitania: e depois que se achavam nossas forças já lassas, e vigoroso o poder romano, ainda assim foi preciso ao prudente conselho dos senadores para acabar de conquistar Hespanha determinar que se expedissem em diversos tempos dois famosissimos imperadores, Julio Cesar, e Octaviano Augusto. Aquelle sendo o maior guerreiro do mundo, padeceu innumeraveis resistencias dos nossos. Que cuidados, e desconfianças não causaram a Cesar os habitadores da serra da Estrella? Prenderam-lhe os embaixadores, zombaram d'elles, e se não usára Cesar de alguns estratagemas, nem lhe domára a ferocidade, nem os vencera. (3)

Pouco tempo durava esta sujeição, porque os nossos com obediencia forçada, ainda que com forças diminutas, a cada passo se estavam rebelando contra os presidios romanos, querendo antes expor as vidas aos maiores empenhos da guerra, que renderem-se a quem lhe queria supear a liberdade; e como já tinham perdido as esperanças ao socego da paz, era inconquistavel o seu animo, e orgulho.

Seguiram-se os incendios tambem na Hespanha das guerras civis entre Cesar, e Pompeu, e então se acabou de ver que só ficavam triumfantes aquellas bandeiras, a cuja sombra militavam portuguezes. Veio finalmente Octaviano Augusto, e conseguida uma paz universal, se viram os lusitanos totalmente sujeitos ao jugo do imperio romano. Em agradecimento d'esta tranquillidade offereceram muitas povoações nossas nas fabricas de alguns templos, eternos elogios, que por acreditarem a duração, ainda o tempo gastando-lhe as pedras, lhe não poude consumir a memoria.

Dentro d'este feliz, e pacifico silencio nasceu ao mundo a salvação d'elle Christo bem nosso; e depois de ter completado Octaviano trinta e seis annos de imperio formal, se lhe seguio Tiberio, e successivamente outros imperadores sempre com o dominio das nossas terras, as quaes com a cubiça dos legados fluctuavam em mares de turbulencia. Rompiam-se os montes para se desentranharem das suas veias o ouro, e a prata.

(1) «Tantus metus Romanos omnes invasit, ut nemo inveniretur, qui vel Tribunus, vel Legatus ire in eam Provinciam vellet.» Vasaeus tom. I. cap. 12. Liv. decad. 3. lib. 6.
(2) Orosius lib. 4. cap. 21. (3) Monarq. Lusitan. liv. 4. cap. 2. e 3.

Alguns d'estes disturbios da ambição fez serenar a prudencia de Vespasiano, e de seu filho Tito, os quaes com generosa, e liberal affabilidade illustraram o reino com obras, os vassallos com beneficios. A aspereza dos caminhos se vio reduzida a planicies suaves; os rios caudalosos vadeados com pontes magnificas; e toda a Lusitania para o seu bom regimen dividida em tres comarcas, cinco colonias, e tres municipios.

Foram passando os annos, e as vidas de outros imperadores, a quem nossos antepassados reconheceram vassallagem, até que no imperio de Galieno começou a descahir a grandeza romana, (1) experimentando mais lamentavel estrago em tempo de Arcadio, e Honorio pela invasão dos barbaros de Alemanha, que discorrendo sem piedade por todas as provincias da sujeição de Roma, entraram a sepultar nas ruinas, que abriram suas espadas, as glorias da monarquia imperial por tantos seculos triumphante, mas agora opprimida, e arrastada pelo decreto fatal da Providencia. Será conveniente antes que entremos a informar do estabelecimento do novo dominio, formar um catalogo chronologico dos pretores, e consules, que nos governaram, noticia, que em obsequio, e beneficio da Historia, se fará estimavel aos estudiosos.

Catalogo chronologico dos pretores, consules, e pro-consules romanos, que vieram governar Hespanha desde a sua primeira divisão em Ulterior, e Citerior até o nascimento de Christo Senhor nosso.

Ant de Chr.	Fund de Rom.	
196	557	Na Ulterior Marco Elio, ou Helvio.
		Na Citerior Cneyo Sempronio Tuditano.
195	558	Na Ulterior Quinto Fabio Buteo.
		Na Citerior Quinto Minucio Thermo.
194	559	Na Ulterior Appio Claudio Nero.
		Na Citerior Paulo, ou Publio Manlio.
		Com estes dois pretores veio tambem n'este anno o consul Marco Porcio Catão Censorino, o qual teve o governo em toda a Hespanha, e com felicidade, porque os lisbonnenses, e os de toda a sua comarca lhe levantaram alguns padrões honorificos, e elle recolhendo-se a Roma riquissimo, introduzio no thesouro publico mais de quatrocentos mil cruzados em ouro, e prata, que extrahiu das nossas terras; e para ter estas seguras na sua ausencia, antes que partisse, mandou derrubar os muros a quatrocentas cidades, e lugares fortes. (2)

(1) Monarq. Lusitan. liv. 5. cap. 17. (2) Liv. decad. 3. lib. 7. Jul. Front. l. 1. c. 1. Val. Max. l. 4.

192	560	Na Ulterior Publio Cornelio Scipião Nasica.
		Na Citerior Sexto Digicio.
		Tiveram os portuguezes n'este governo grandes batalhas com os romanos, e estes andavam tão desconfiados, e Nasica tão temeroso do valor lusitano, que chegou a fazer votos a Jupiter pela victoria, a qual com effeito alcançou, porque a fome, e fadiga dos nossos debilitou muito o nosso exercito, e com tudo custou-lhe sete mil e novecentos romanos, que morreram no conflicto.
191	561	Na Ulterior Marco Fulvio Nobilior.
		Na Citerior Cayo Flaminio.
190	562	Na Ulterior Appio Atilio Serrano.
		Na Citerior Marco Bebio Pamfilo.
189	563	Na Ulterior Lucio Emilio Paulo.
		Na Citerior Cayo Flaminio reconduzido.
		Venceram os lusitanos ao pretor Emilio, matando-lhe seis mil romanos.
188	564	Ficaram reconduzidos os mesmos pretores, e Lucio Emilio alcançou victoria dos portuguezes.
187	565	Na Ulterior Lucio Bebio Divite.
		Na Citerior Lucio Plaucio Hipseo.
		Lucio Bebio morreu em Marselha antes de chegar a Hespanha, e assim os consules mandaram para a pretura de Portugal a Publio Junio Bruto.
186	566	Na Ulterior Cayo Catinio.
		Na Citerior Lucio Manlio Acidino.
185	567	Os mesmos reconduzidos.
184	568	Na Ulterior Cayo Calfurnio Pison.
		Na Citerior Lucio Quincio Crispino.
		Os lusitanos unidos com os celtiberos ganharam a estes dois pretores uma batalha, em que lhe mataram cinco mil homens.
183	569	Os mesmos reconduzidos.
182	570	Na Ulterior Paulo, ou Publio Sempronio Longo.
		Na Citerior Aulo Terencio Varro.
181	571	Ficaram reconduzidos.
180	572	Na Ulterior Publio Manlio.
		Na Citerior Q. Fulvio Falco.
178	574	Na Ulterior Lucio Posthumio Albino.
		Na Citerior Tiberio Sempronio Graco.
		O pretor Posthumio teve uma grande batalha com os bracarenses, a quem venceu depois de uma grande derrota no seu exercito.
176	576	Na Ulterior Tito Fonteyo Capito.

		Na Citerior Marco Ticinio Curvo.
174	578	Na Ulterior Marco Cornelio Scipião.
		Na Citerior Publio Licinio Crasso.
		Estes dois pretores não chegaram a vir a Hespanha, e assim foram reconduzidos os antecedentes.
173	579	Na Ulterior ignora-se quem fosse n'este anno o pretor.
		Na Citerior Appio Claudio Cento.
172	580	Na Ulterior Cneyo Servilio Cepio.
		Na Citerior Publio Furio Filo.
171	581	Na Ulterior Marco Macieno.
		Na Citerior Cneyo Fabio Buteo.
170	582	Na Ulterior Spurio Lucrecio.
		Na Citerior Marco Junio.
169	583	N'este anno determinaram os consules que houvesse na Hespanha uma só pretura, ou provincia, e assim elegeram para pretor a Lucio Canuleyo.
167	585	Claudio, ou Marco Marcelo.
166	586	Publio Fonteyo.
165	587	N'este anno tornaram a dividir Hespanha em duas preturas, e para a Ulterior veio Cayo Licinio Nerva, e para a Citerior Cneyo Fulvio.
153	599	Na Ulterior Marco Manilio.
		N'este governo floreceu um insigne capitão bracarense, chamado Apimano, a quem se seguio Cesaron, que ambos aterraram os romanos.
152	600	N'este anno, conforme Orosio, foi pretor Sergio Galba; mas Apiano Alexandrino diz que era Calfurnio Pison.
151	601	N'este anno foi Hespanha provincia consular, e para seu governo vieram os consules Q. Fulvio, e Tito Anio.
149	603	Lucio Luculo, e Albo Posthumio consules tiveram com os celtiberos, e vacceos algumas batalhas tão mal succedidas, que causou em Roma tanto medo, que não havia quem quizesse vir militar para Hespanha; até que Publio Scipião Emilitano, offerecendo-se voluntario, persuadiu a muitos a que viessem.
		No governo d'estes consules diz Paulo Orosio que acontecera aquella vil traição, que fez Servio Galba aos portuguezes do Algarve, (1) e que refere a Monarquia Lusitana. (2)
145	607	No governo dos consules Cneyo Cornelio Lentulo, e L. Mumio principiou a florecer o esforçado valor do segundo Viriato, dando maior credito ao valor dos portuguezes com as repetidas victorias, que alcançava dos romanos.

(1) Oros. l. 4. cap. 21. (2) Monarq. Lusitan. liv 2. cap. 30.

144	608	C. Vetilio, ou Marco Vetilio, pretor da Hespanha Ulterior, foi vencido por Viriato.
143	609	Cayo Plaucio, pretor da Hespanha Ulterior, tambem vencido por Viriato em muitas batalhas.
142	610	Claudio Unimano vencido por Viriato com grande infamia dos romanos. N'este governo obraram prodigios os portuguezes.
141	611	Cayo Nigidio, a quem uns dão o titulo de pretor, outros de consul, ficou vencido por Viriato no campo de Viseu em umas grandes vallas, que abriu para isso. Tão atemorisados tinham aos romanos estes prosperos successos de Viriato, que lhes foi preciso para esta conquista de Hespanha duplicar os soccorros com exercitos consulares.
140	612	Q. Fabio consul usou crueldades com os portuguezes.
139	613	Q. Fabio proconsul expugnou muitas cidades da Lusitania.
138	614	O mesmo reconduzido, e juntamente os consules Cayo Lelio o sabio, e Q. Servilio Cepio, que foi author do assassinio, e morte de Viriato; (1) e João de Barros diz, que Viriato fôra morto no Lumiar, termo de Lisboa. (2)
137	615	M. Pompilio na Hespanha Citerior.
136	616	Decio Junio Bruto consul fez pazes com os lusitanos.
135	617	N'este anno sendo proconsul o mesmo Decio, ou Decimo Junio Bruto, sujeitou ao seu dominio quasi toda a Lusitania, e na passagem do rio Lima lhe aconteceu com os soldados, que não queriam passar, o que fica referido na primeira parte pag. 127 fallando d'aquelle rio. A maior resistencia, que experimentou este proconsul, foi a que lhe fez a cidade de Cinania.
134	618	N'este anno vieram a Hespanha o consul Q. Furio, e os proconsules Q. Metello, e Q. Pomponio.
133	619	M. Emilio Lepido proconsul.
132	620	Scipião Africano consul com C. Fulvio Flaco poz um apertado cerco a Numancia.
131	621	N'este anno vendo-se os numantinos tão fortemente cercados pelos romanos, determinaram pôr fogo á cidade, e morrer antes todos, que entregarem-se. Assim o executaram de sorte, que os romanos não acharam cousa, de que triumfar, mais que do nome de Numancia.
130	622	N'este anno, e em alguns dos seguintes vieram a Hespanha varios pretores, e consules, cujos annos de seus governos não se podem produzir em chronologia certa.

(1) Vide Monarq. Lusitan. liv. 3. cap. 10. (2) João de Barros na Descripção do Minho cap. 3.

107	645	Q. Servilio Cepio, ou Scipião, triunfou dos portuguezes.
103	649	Venceram os lusitanos aos exercitos dos consules P. Rutilio Rufo, e C. Manlio.
100	652	C. Mario IV, e Q. Luctacio consules ficaram vencidos dos lusitanos, e a Hespanha Ulterior em grande paz.
97	655	Lucio Cornelio Dolabella proconsul da Hespanha Ulterior triumfa dos lusitanos.
92	660	Publio Licinio Crasso proconsul triunfa dos lusitanos.
79	673	N'este anno floreceu o valor do capitão Q. Sertorio, que fugindo de Sylla, seu inimigo romano, veio a Hespanha, e conciliando a vontade, e animo dos portuguezes, venceu a muitos capitães romanos. Edificou varias obras em Portugal, principalmente Evora.
75	677	N'este anno veio a Hespanha Pompeo Magno, a quem Sertorio venceu com graude credito dos portuguezes.
69	683	Foi morto Sertorio em Evora atraiçoadamente por M. Perpenna, e outros conjurados.
68	684	Com a morte de Sertorio conseguiu Pompeo que quasi todas as cidades de Hespanha se lhe entregassem, ainda que á força de armas, e com bastante resistencia de outras.
67	685	Publio Pison proconsul.
62	690	N'este anno veio a Hespanha com titulo de legado um nobre mancebo romano, chamado Cneyo Pison, ao qual mataram publicamente uns soldados hespanhoes por industria de Pompeu. Tambem aconteceu n'este anno um notavel tremor de terra na costa de Portugal, e Galiza, com que se arruinaram muitos lugares. (1)
60	692	Q. Calidio com titulo de pretor de Hespanha destruiu muitas companhias de lusitanos.
59	693	Na Hespanha Ulterior Tuberon pretor. Veio por seu questor C. Julio Cesar.
58	694	Na Hespanha Ulterior C. Julio Cesar pretor fez sujeitar ao imperio romano a Lusitania, e Galiza; e recolhendo-se a Roma foi feito consul.
57	695	Veio Pompeo a Hespanha, que ao depois administrou por legados.
56	696	Publio Lentulo pretor.
54	698	Q. Metello Nepos proconsul.
53	699	Q. Cecilio Dentato. Houve em Portugal tanta fartura, que os mantimentos se davam quasi de graça.
52	700	Q, Cecilio Metello Neto.

(1) Monarq. Lusitan. liv. 3. cap. 30.

50	702	Tuberon proconsul.
47	705	Foi nomeado Pompeo para pretor de ambas as provincias de Hespanha, as quaes administrou por legados, que foram Petreyo, Afranio, e M. Varro. N'este anno andavam em grande calor as guerras civis entre Pompeu e Julio Cesar.
46	706	Sendo Julio Cesar consul, e dictador, regeram ambas as Hespanhas Q. Cassio a Ulterior, e o proconsul M. Lepido a Citerior.
44	708	Q. Cassio Longino propretor da Hespanha Ulterior summamente avaro, e cruel.
43	709	C. Trebonio proconsul.
42	710	Q. Fabio consul triunfou na Hespanha. N'este anno pelejando Julio Cesar contra os filhos de Pompeo, alcançou d'elles o triunfo junto da cidade de Munda no reino de Granada, em que os portuguezes mostraram grande fidelidade a Pompeu. (1)
40	712	Q. Pelio proconsul triunfa na Hespanha.
39	713	M. Emilio Lepido tambem alcançou victoria na Hespanha.
37	715	Tomam os lusitanos a era de Cesar.
35	717	Cneyo Domicio Calvino proconsul triunfa.
		C. Norbano Flaco proconsul triunfa.
31	721	C. Asinio Polion, discipulo de M. Tulio, ficou governando Hespanha na ausencia de Julio Cesar.
26	726	Vendo o imperador Octaviano Augusto o pouco, que as armas romanas tinham conseguido em Hespanha pelo espaço de duzentos annos, determinou vir em pessoa, e dentro em quatro annos conciliou a paz em toda a Hespanha. Estando em Tarragona, gosou um pleno dominio da honra imperial. Muitos povos portuguezes lhe dedicaram templos, e estatuas pelas mercês, e privilegios, que lhes concedeu, singularisando-se Evora, Mertola, Lisboa, e Santarem, mudando todas os seus nomes, que tinham, em outro, que dissesse respeito aos favores recebidos; e assim Evora se principiou a chamar *Liberalitas Julia*, Mertola *Mirtilis Julia*, Lisboa *Felicitas Julia*, Santarem *Julium Præsidium*.
2	750	N'este anno mandou o dito imperador, estando em Tarragona, publicar o edicto geral para se alistar toda a gente, que havia no mundo sujeita ao imperio romano, e pagar certo tributo, que era trinta e seis réis cada pessoa em reconhecimento da vassalagem. De portuguezes se alistaram cin-

(1) Vid. Monarq. Lusit. liv. 4. cap. 17. e 18. Vas. tom. 1. cap. 12. Resend. lib. 3. Antiquit.

co contos e sessenta e oito mil pessoas cabeças de familias, cuja ordem se passou nas chancellarias do reino, chamados então conventos juridicos, e eram Merida, que hoje está fóra do territorio de Portugal; Beja, á qual acudia o povo de Alemtejo, e Algarve; Braga para o povo do Minho, e Tras os Montes; Santarem para o da Beira, e Estremadura

1 | 751 — N'este anno se fez famoso um portuguez do Minho, chamado *Corocota*, que com certo numero de vadios inquietou varias terras, e o imperador promettendo tres mil cruzados a quem o apanhasse, elle mesmo se lhe veio offerecer, e o imperador perdoando-lhe, o admittiu para sua guarda.

Depois do nascimento de Christo até os godos não ha cousa memoravel, que pertença á Lusitania, mais que o achar-se em uma socegada paz na obediencia dos romanos. Até os tempos dos imperadores Maximiniano, e Diocleciano durou o governo de Hespanha em pretores, e proconsules: no de Constantino houve outro estilo, porque se instituiu um vigario do imperio, a que obedeciam todos os legados, e regedores das provincias, e o tal vigario ainda reconhecia por superior ao prefeito do pretorio, que residia em França, por estar no meio das terras da sua jurisdicção. Depois se começou a governar por condes. Havia tambem alguns regulos, ou fidalgos, senhores de cidades, subditos ao imperio romano, qual foi Ont Comero, pai de Santa Engracia, e no tempo dos godos Castinaldo, principe de Nabancia, e Cathelio, senhor de Norba Cesarea, e pai das santas nove irmãs. (1)

CAPITULO IV

Entrada das nações barbaras, e dominio dos godos

Pela ambiciosa perfidia de Estelicon, aio, e sogro do imperador Honorio, que pertendia recahisse a corôa imperial em seu filho Eucherio, o que não conseguiu, se introduziram na Hespanha certas gentes septentrionaes de Alemanha, chamada, Vandalos, Suevos, Alanos, e Selingos, os quaes depois de terem saqueado Roma, e destruido grande parte de França, invadiram nossas terras com uma expedição tão barbara, talando campos, e edificios, que igualaram a colera com a crueldade. (1)

O anno, em que se experimentou esta invasão, não é fixo na epoca dos escritores: entre os annos de 409, e 416 de Christo sem duvida que aconteceu; mas a maior parte dos historiadores hespanhoes se inclinam

(1) Veja-se a Cujac. liv. 8. cap. 21. Observ. a Vaseu tom. I. Chron. cap. 13. Resend. lib 3. de Antiq. Monarq. Lusit. part. I liv. 4. cap. 30. e liv. 5. cap. 18. 21, e 24. (2) Paul. Diac. lib. 13. Turselin. Epitom. Historic. lib. 5. pag. 113.

a assinar esta invasão na era de Cesar, 447, (1) que corresponde aos annos 409; e sendo a cidade de Lisboa a primeira povoação nossa, que esteve a risco de ser devorada pela fereza d'aquelles leões, que a tinham em cerco, brevemente o levantaram por um pequeno donativo, que os cidadãos lhe offereceram; porem continuando com a mesma ferocidade, arruinaram outras terras na Lusitania, e o que estava sugeito ao imperio romano, cujo estrago foi o intuito principal, a que todos estes barbaros se encaminhavam.

Cada parcialidade d'estas gentes tinha seu rei, a que obedeciam; e por não se confundirem nesta assolação, os vandalos, e selingos com o seu rei Gunderico, ou Mondigelesio, occuparam Andaluzia, que d'elles adquiriu nome: os alanos, e suevos com os seus reis Resplandiano, e Hermenerico possuiram a Lusitania, e Galiza, ficando Asturias, e Biscaia permanecendo na sujeição romana. (2)

Morto Resplandiano se lhe seguio Atáces, o qual estribando seu atrevimento nas maiores forças por senhorear maior parte da Lusitania, foi accommetter Hermenerico, rei dos suevos; a quem tomou algumas terras, especialmente Coimbra, que então se achava existente no sitio de Condeixa a velha, e principiou a edificar a que agora existe, obrigando ao trafego da obra toda a qualidade de pessoas.

Quizera Hermenerico resistir, e castigar os atrevimentos de Atáces; convocou em seu favor a Gunderico, rei dos vandalos; fortifica-se no Porto, e fortifica tambem a cidade. Chegam a litigar os dois exercitos, e declinando de uma parte o poder, fica Hermenerico derrotado: tudo porem se compoz logo, offerecendo Hermenerico a el-rei Atáces sua filha Cindasunda para esposa com um thesouro por dote de riquezas consideraveis. (3) Nesta paz viveram socegados sogro, e genro, occupandose unicamente em fazer algumas correrias contra os que seguiam o partido romano.

Tinham-se incorporado os vandalos, e suevos, para maquinarem rijo accommettimento contra os alanos, que com a soberba do seu rei Atáces pertendiam uzurpar as terras dos seus visinhos. Honorio havia feito pazes com os godos, e tambem com os vandalos; e soccorridos estes com taes auxilios, deram batalha, pelejaram valerosamente, e venceram a Atáces.

Recuperam outra vez os alanos, e selingos as terras perdidas, fundam a villa de Alemquer, e já sem rei, que os governasse, tornam a ser feudatarios ao imperio romano. Ajustam pazes com os suevos, e com tal união se enlaçaram, que desde esta confederação se começaram os portuguezes a chamar suevos. (4) Passam os vandalos para a Africa

(1) Monarq. Lusit. liv. 6. c. 2. (2) Oros. Cassiodor. e outros apud Gandar. nas Palm. e triumf. Eccles. de Galiz. part. 2. l. 6. cap. 10. e 11. Saavedra Coron. Gotic. tom. 1. p. 32. Monarq. Lusit. liv. 6. cap. 2. e 3. (3) Clede, Histoire de Portug. tom. 1. liv. 3. pag. mihi 224. (4) Monarq. Lusit. liv. 6, cap. 4.

em numero de oitenta mil, e os alanos, e suevos se deixaram ficar na Lusitania possuindo aquellas terras, que lhe couberam em sorte.

Numerava já o mundo christão mais de quatrocentos e cincoenta annos, quando Theodorico, rei godo, entrando por Hespanha contra Reciario, rei dos suevos, depois de o apertar com uma guerra cruenta, o venceu junto a Astorga, dissipando n'aquelle dia todas as grandezas, e nome suevo, para fundar nas suas ruinas o imperio gotico; e deixando as terras de Portugal já sujeitas á sua obediencia, se retira a França.

Os suevos vendo-se destruidos recorrem ao rei godo por meio dos bispos, supplicando-lhe a liberdade de acclamarem rei proprio, e nacional com o reconhecimento de feudatario. Orou nesta embaixada eloquentemente Idecio, bispo de Lamego, por cuja efficacia, e persuasão lhe outorgou Theodorico com grandeza regia quanto pediam. Voltam os prelados para Braga, e elegem a Masdra para seu rei.

Alguns dos nobres mal satisfeitos da eleição, com o pretexto de não se acharem presentes, acclamaram em Lugo por seu legitimo rei a Franta. D'aqui principiaram a nascer muitas discordias, cujos effeitos descarregando em insultos sobre os povos, lhes fizeram sentir, e padecer as molestias, e os riscos d'aquella opposição.

Socegaram emfim com a morte de Masdra, e com o tratado de paz, que seu filho Remismundo, successor no governo, fez com o Franta, mas como a este se lhe seguisse Frumario, e presistisse na teima de ser elle o rei legitimo, fez resuscitar as antigas contendas que ultimamente feneceram com o fim de seus dias, ficando Remismundo, com todo o principado da Lusitania, e dos suevos.

Para maior segurança do seu dominio mandou Remismundo pedir ao rei godo Theodorico lhe quizesse confirmar o tratado das pazes, que seus antecessores tinham feito, expressando-lhe a prompta fidelidade, e reconhecimonto, em que vivia. Lisongeado Theodorico d'esta attenção, houve por bem suas conquistas, e lhe deu por esposa uma sua filha, a qual. como era, Arriana, introduzio em Portugal esta seita, que inficionon todo o reino, (1) na qual foram permanecendo outros reis até Theomiro, que foi quem resuscitou a fé catholica, e fez que abjurassem os suevos os dogmas da perfidia Arriana, em que tinham vivido noventa annos.

Reinava na monarquia gotica Leovigildo, e estimulado das tyrannias, que Andeco usava com os suevos, em cujo governo se introduzira, voltando as armas contra elles, o cativou, e se fez senhor de todo o reino, e dominio suevo, pelos annos 585, (2) principiando d'aqui para diante o governo, e imperio dos godos em Portugal.

Subordinada já nossa Peninsula ao total poder gotico, foram continuando em seu governo os seus monarcas, pondo em algumas terras

(1) Morales lib. 11. cap. 33. (2) Vasaeus Chron. tom. I. p. 39.

governadores com titulo de condes, que residiam a arbitrio dos reis godos. (1) Passados annos, chegou a monarquia a perigar na falta de successor; mas por conselho do romano Pontifice, que para isso teve revelação divina, (S) foi acolhido Vamba, natural, e habitador de Idanha, onde o foram achar bem alheio de outro governo, que não fosse o despotico exercicio da sua agricultura.

Intimaram-lhe os embaixadores o grave negocio, a que hiam, e elle, que teve a embaixada por equivocação, o cargo por impossivel, respondeu, e protestou, cravando a aguilhada na terra, que só então seria rei, quando aquella vara brotasse flores. Assim succedeu, pois ella começou logo a florecer, e elle sendo obrigado pela palavra, foi conduzido para Toledo, onde o ungiram e respeitaram rei de toda Hespanha (3) no anno de 710. (4)

Venceu este rei varias batalhas, promulgou leis, fez celebrar Concilios, ajustou os limites na jurisdicção das igrejas, e por um accidente, em que o reputaram por morto, tornando a si, renunciou a corôa em Ervigio, e tomando o habito de religioso Benedictino em o convento de Pampliega, cinco leguas entre Burgos, e Valhadolid, (5) acabou seus dias tranquillamente, deixando de si fama tão gloriosa, que Arnoldo Ubion o põe no catalogo dos santos.

Seguio-se Ervigio, que foi jurado rei com toda a solemnidade, depois Egica seu genro, e a este Witiza seu filho, que collocando sua corte umas vezes em Braga, outras ém Tuy, ou em Toledo, de qualquer parte lançava raios, como astro maligno, que tudo inficionava. Chamavam-lhe Nero de Hespanha: tal era seu infame procedimento. (6)

Com melhor esperança de que extinguisse os escandalos passados acclamaram os godos a el-rei D. Rodrigo, porem depressa viram desvanecidos os seus conceitos, porque este principe tudo obrava por apetite; e o conde D. Julião, que era seu capitão da guarda, por conservar sua fortuna sempre prospera, executava francamente a arte da lisonja. Vivia no paço, como era costume, uma filha do tal conde, chamada Florinda, ou vulgarmente Cava, dama de estremada formosura: affeiçoou-se el-rei d'ella, e para grangear melhor os seus agrados, lhe prometteu na união do matrimonio a igualdade da corôa, porem não se passou muito tempo, que repudiasse a Florinda por coroar a Eylata, ou Egilona, formosa princeza de Africa, a quem a braveza das ondas fizera por um incidente arribar a Hespanha. (7)

Sentio Florinda aquella affronta, ou violencia, e meditando com seu pai algum genero de vingança, e desaggravo proporcionado, elle se pas

(1 Monarq. Lusit. liv. 6. cap. 24. (2) Far. na Europa Portug. tom. I. part. 3. cap. 20. (3) Monarq. Lusit. liv. 6. cap. 25. (4) Morales liv. 12. cap. 40 e 41.
(5) Berganç. Antig. de Hesp. part. I. liv. I. cap. 6. n. 67. (6) Castilh. liv. 2. disc. 10. Monarq. Lusit. ut supr. cap. 30. (7) Garibay liv. 36. Clede tom. I. liv. 3. pag. mihi 309. Monarq. Lusit. liv. 7. cap. I.

sou a Africa, se acaso não estava já lá, como querem outros, por ser governador d'aquelles dominios, posto pelo mesmo D. Rodrigo, e conciliando um poderoso exercito de serracenos, vieram accommetter Hespanha pelas instrucções do conde, obrando total estrago na florente monarquia dos godos.

Esta é a substancia de toda a historia da perdição de Hespanha, que corre entre os authores com mais vulgaridade, supposto que em algumas circumstancias haja entre elles differença. Todavia considerando outros com reflexão mais prudente a facilidade, com que os mouros em dois annos conquistaram quasi toda a Hespanha, e a negligencia, com que os hespanhoes a defenderam, não succedendo assim com os fenices, nem cartaginezes, nem romanos, nem ainda com os mesmos godos, pois qualquer d'estas nações gastou muitos annos para entabolar o seu dominio; julgam que o motivo d'esta fatalidade se originou por haver naquelle tempo alguma guerra civil na monarquia gotica, e esta achar-se dividida em parcialidades, das quaes a menos poderosa se foi valer dos arabes, e que estes em lugar de soccorrer a outrem, foram conquistando para si, o que alcançaram facilmente por causa da mesma divisão. (1) E porque os suevos, e godos foram senhores das nossas terras, é justo que façamos d'elles total memoria, ainda que seja em resumida chronologia.

Catalogo chronologico dos reis suevos, que reinaram em Portugal, e Galiza

Annos de Christo.—409 *Hermerico*, ou *Hermenerico*. Teve guerras com os alanos. Depois dos vandalos passarem a Africa ficou senhoreando quasi todo o reino de Portugal da fórma, que hoje está dividido, e ainda algum pedaço de Galiza. Morreu em Merida de uma doença, que lhe durou sete annos, e governou trinta e dois.

440 *Rechila*, filho do antecedente. Fôra principe perfeito, se não seguira o arrianismo. Com prosperidade, e paz governou sete annos.

448 *Reciario*, filho de Rechila. Teve alguns emulos no principio do seu reinado: casou com a filha de Theodorico, rei godo: saqueou, e destruiu os Vascões: passou a França a visitar seu sogro, e na retirada conquistou muitas terras de Hespanha. S. Balconio, bispo de Braga, lhe fez abraçar o Christianismo. Na cidade do Porto foi degollado por seus inimigos, e n'elle se extinguiu a linha verdadeira dos suevos. Governou nove annos.

457 *Maldra*, ou *Masdra*. Foi eleito na cidade de Braga, pelos bispos, e alguma nobreza do reino; mas padeceu as opposições, que

(1) Argot. Memor. do Arcebispad. de Brag. liv. 5. cap. 2. num. 367.

lhe fez Franta, que os do partido contrario introduziram no governo, e elle governou tres annos. Seguiu-se outro tambem intruso, chamado *Frumario*, que reinou tyrannicamente dois annos, e a Masdra se seguio.

464 *Remismundo*, a quem Santo Isidoro chama *Arismundo*, filho de Masdra. Ficou prevalecendo o seu reinado entre os dois precedentes contendores. Foi captivo, e preso por elrei godo Theodorico, o qual introduzio em Galiza a heresia Arriana. D'aqui para diante não é mui certa a successão dos reis suevos por se interromper a sua serie com a morte de Remismundo. Fr. Bernardo de Brito (1) dá por incertos a Theodulo, Veremundo. Miro, Pharamiro. Filippe de la Gandara, (2) seguindo o Chronicon de Marco Maximo, assigna depois de Remismundo a Hermenerico no anno 558 com o governo de quasi cincoenta annos: a *Rechila II Reciario II* a quem S. Martinho Dumiense converteu á fé catholica, e a Ariamiro, ou

560 *Theodomiro*, filho de Reciario. Converteu-se á fé juntamente com seu pai, e foi grande defensor da divindade de Christo. Celebrou-se no seu tempo o primeiro concilio bracarense. Os annos do seu governo são muito incertos. Santo Isidoro, a quem segue o allegado Gandara, diz que reinou vinte e quatro annos. Yañes dez, Coronelli no seu Prodromo seis, o abbade de Valclara tambem lhe assigna dez annos de governo, e parece o mais provavel. O padre Argote lhe dá o nome de Theodomiro Junior, porque antes d'elle diz que houvera outro Theodomiro Senior. (3)

570 *Miro*, ou *Ariamiro*. Foi excellente principe em piedade, e religião. Fez convocar em Braga o segundo concilio para desterrar alguns abusos, e governou treze annos. Aqui ha grande equivocação em o nome d'este rei, que alguns confundem com Theodomiro, e por isso não se ajusta entre os authores a chronologia como deve ser. (4)

583 *Eborico*, ou *Eurico*. Succedeu no governo ao antecedente. Foi logo despojado do reino por Andéca, padrasto de Eburico, o qual para mais o inhabilitar para a successão, lhe fez tomar o habito de religioso no mosteiro de Dume, e professar. Esta violencia vingou pelos mesmos fios Leovigildo, rei godo, obrigando tambem a Andéca a se ordenar de sacerdote; e desterrando-o para Beja, tomou posse de todas as riquezas do reino, o qual no poder dos suevos tinha durado em ambas as fortunas cento e setenta e sete annos.

Advertimos, que o erudito padre mestre fr. Paulo Yañes produz uma serie dos reis suevos com diversidade d'esta, que temos expendido, tanto em os nomes dos reis, como em o numero, e calculo dos an-

(1) Monarq. Lusit. liv. 5. cap. 10. (2) Gandar. Triunf. Eccles. de Galiz. part. 2. liv. 7. cap. 7. (3) Argot. Memor. de Brag. liv. 5. cap. 1. (4) Veja-se ao padre Yañes no liv. 2. cap. 27. num. 4. de la Era, y Fechas de España.

nos. (1) Este author, como o seu intuito foi mostrar, e explicar o cap. 7 de Daniel, n'estas quatro nações barbaras, que occuparam Hespanha, não quiz incluir na serie dos reis aquelles, que foram tyrannos, e intrusos, e assim exclue a Frantran, Fumario, e Andéca, numerando sómente oito reis suevos legitimos, e verdadeiros.

Catalogo chronologico dos reis godos, que governaram Hespanha, e Portugal

Annos de Christo.—411 *Ataulfo.* Foi o primeiro rei godo, que teve dominio em Hespanha. Succedeu a Alarico: casou com Gala Placidia, irmã do imperador Honorio, a quem este deu em dote as terras de Hespanha com o designio de expellir d'ellas aos vandalos, e as outras nações septentrionaes; porem Ataulfo, portando-se com brandura no governo, foi desobedecido pelos seus, e por elles morto em companhia de sete filhos. Dizem uns que governára cinco annos, outros seis.

416 *Sigirico.* Era valeroso capitão, e por isso o elegeram para rei. Quiz levar as cousas pelo termo de paz; e não se contentando os godos com o seu modo, tambem lhe tiraram a vida. Governou um anno.

416 *Walia.* Começou a governar com o projecto de conquistar Africa: perdeu uma grande armada: retira-se a Barcelona, faz pazes com Honorio, e depois guerra aos vandalos, e os vence. Morre em Tolosa, tendo governado tres annos.

419 *Theodoredo*, ou *Theodorico.* Fez guerra aos romanos, e morreu na cruelissima batalha dos campos Catalaunicos, caindo de um cavallo. Governou trinta e tres annos.

452 *Thurismundo*, filho de Theodoredo. Foi morto por industria de seus irmãos. Governou um anno.

453 *Theuderico*, irmão de Thurismundo. Venceu, e matou a Reciario, rei dos suevos, e em Braga fez grandes hostilidades. Foi morto por seu irmão Eurico. Governou treze annos.

466 *Eurico.* Deu leis escriptas aos godos, expulsou aos romanos de Hespanha, conquistou, e saqueou muitas terras de Portugal. N'este tempo se achava Hespanha dividida em tres imperios: os suevos tinham a Galiza, e parte da Lusitania: a Betica, e Catalunha era dos godos: os romanos eram senhores das provincias de Cartagena, e Carpentana com o restante da Lusitania. Depois de algumas victorias morreu em Arlés de França, e governou dezasete annos.

483 *Alarico II* filho de Eurico. Litigou com Clodoveu, rei de França, e em uma batalha junto a Carcasona perdeu com ella a vida. Governou vinte e tres annos.

506 *Gesalico*, ou *Gesaleuco*, ou *Gensalarico*, filho illegitimo de Ala

(1) Idem part. 1. cap. 19. de la Espana en la Santa B illia.

rico. Foi acclamado pelos godos na menoridade de Amalarico. Perdeu o que seus antecessores possuiam em França; e sendo vencido por Theodorico, rei dos ostrogodos de Italia, avô do herdeiro legitimo, morreu de melancholia. Govornou quatro annos.

511 *Theudorico II.* Tendo reinado dezoito annos em Italia occupou o cetro de Hespanha. Dizem uns que como rei verdadeiro, outros só como tutor, ou administrador de seu neto. Governou quinze annos.

526 *Amalarico,* filho de Alarico. Teve por mulher a Crotilde, princeza catholica, filha de Clodoveu, rei de França; mas como o marido era arriano, padeceu com elle grandes trabalhos, até que os irmãos a vingaram, matando-o, e destruindo muitas povoações de Hespanha. Governou cinco annos.

531 *Theudo,* ou *Theudio,* ou *Teudis* Tinha sido tutor de Amalarico, e governador de Hespanha: outros o fazem descentente delrei Theodorico de Italia. Acabou, e extinguiu o governo dos romanos em Hespanha, quanto aos magistrados. Foi morto em seu palacio por um homem, que se fingia bobo. Governou dezasete annos.

548 *Theudiselo,* ou *Theudisclo.* Foi arriano, e um dos maus reis dos godos. Os seus o mataram em Sevilha, estando em um banquete. Governou um anno.

549 *Agila.* Por eleição dos grandes foi eleito rei. Os cordovezes o venceram. Muitos dos seus se rebellaram contra elle, e o mataram em Merida. Governou cinco annos.

554 *Athanagildo.* De capitão, que se havia rebelado, ficou com o reino dos godos. Morreu em Toledo, e governou quatorze annos.

567 *Liuva,* ou *Luiva.* Depois de reinar um anno cedeu o senhorio de Hespanha a seu irmão Leovigildo, e elle se retira ás terras, que tinha em França. Governou um anno.

568 *Leovigildo.* Alcançou muitas victorias dos suevos de Galiza, recopilou as leis gothicas, foi o primeiro, que usou de insignias reaes, throno, cetro, e coroa. Teve grandes guerras com seu filho Hermenegildo, a quem perseguio, e fez martyrisar em Sevilha depois de uma apertada prisão. Governou dezoito annos.

586 *Flavio Recaredo,* filho de Leovigildo, e sobrinho de S. Leandro, e S. Fulgencio. Desterrou a heresia de Arrio das terras de Hespanha, e governou quinze annos.

601 *Liuva II* filho de Recaredo, que alguns querem que fosse bastardo. Foi pio, e catholico. Witerico lhe usurpou o reino, tirando-lhe com tyrannia a vida. Governou dois annos.

603 *Witerico.* Renovou em seu governo a perfidia de Arrio, e por isso o mataram, e arrastaram pelas ruas publicas de Toledo, dando-lhe immunda sepultura. Governou seis annos.

610 *Gundemaro.* Foi defensor da immunidade ecclesiastica, e venceu aos navarros. Governou dois annos.

612 *Sisebuto*. No principio do seu reinado constrangeu aos judeus a que seguissem a lei de Christo, por cujo motivo fugiram muitos para França. Acabou de lançar fóra de Portugal aos romanos, que ainda se conservavam n'este tempo por toda a costa do Algarve, e entre os cabos de S. Vicente, e de Espichel. Fortaleceu a cidade de Evora, e fundou em Toledo a igreja de Santa Leocadia. Governou oito annos e meio.

621 *Flavio Suyntila*, filho de Recaredo. Destruiu os imperiaes, e sujeitou ao dominio gotico todo Portugal. Entregou-se aos vicios, e crueldades de forma, que o concilio Toledano IV em que se achou Santo Isidoro, o excommungou, e a sua mulher, e filhos. Os vice-godos o privaram do reino. Governou dez annos.

631 *Sisenando*. Foi sublimado ao throno por favor de Dagoberto, rei de França, a quem deu dez pezos de ouro tão grandes, que bastaram para acabar o grande templo de S. Diniz. Governou quatro annos.

636 *Chintila*. Por votos uniformes da nobreza foi eleito rei; e querendo perpetuar no estado regio sua descendencia, convocou alguns concilios para estabelecer o seu intento. Governou tres annos.

640 *Tulga*. Viveu pouco, porem fez obras de grande piedade, e zelo christão. Morreu em Toledo com grande sentimento, e saudade de todos. Governou dois annos.

642 *Chindasuindo*. Entrou a governar por violencia, continuou com justiça de sorte, que soube temperar o arduo do principio com o suave do progresso. Convocou em Toledo concilio, fundou o mosteiro de S. Romão entre Toro, e Torresilhas, onde está enterrado. Governou seis annos.

649 *Recesuindo*, filho do antecedente. Entrou a governar sem contradição, e com justiça. Governou vinte e tres annos.

672 *Wamba*, ou *Bamba*. Foi eleito, e ungido rei milagrosamente. Ganhou muitas batalhas contra aquelles povos, que se queriam eximir do jugo gothico: até dos sarracenos triunfou. Um accidente lhe fez mudar uma coroa por outra: repudiou o reino, e deixando a purpura pelo habito de religioso, acabou santamente. Governou sete annos.

680 *Ervigio*. Obteve o cetro por industrias, que maquinou em vida de Bamba. Governou sete annos.

687 *Egica*, ou *Egiza*, genro de Ervigio. Tomou por companheiro a seu filho Witiza, e obrigou aos nobres a que lhe jurassem fidelidade. Divide o governo entre si, e o filho, dando a este o dominio de Portugal, e Galiza, e elle ficando com o restante de Hespanha. Governou dez annos.

701 *Witiza*. Tanto que subio ao throno, fez estabelecer sua corte em Braga, e dando-se a todo o genero de vicios, chegou ao extremo da maldade, e tyrannia, mandando tirar os olhos a seu irmão Theodofredo,

que residia pacifico no governo de Cordova. Concedeu varios privilegios aos judeus, e depois de outras muitas perversidades, que o fizeram aborrecivel de todos, morreu em Toledo. Governou dez annos.

711 *D. Rodrigo*, filho de Theodofredo, e neto de Chindasuindo. Pouco se distinguiu nos vicios ao antecessor. Os amores, que teve com Florinda, filha do conde Julião, foram causa de sua ruina, e de toda a Hespanha, introduzindo-se por conducta do conde offendido no desprezo de sua filha um grande corpo de exercito arabe, que derrotou a D. Rodrigo, e todo o poder dos godos, que havia durado na Hespanha mais de trezentos e oitenta annos. (1)

CAPITULO V

Invasão, e dominio dos mouros

Derrotado, e extincto o exercito dos godos nas praias do Guadalete em dia de S. Martinho 11 de Novembro de 714 conforme a melhor computação, (2) e refugiando-*se* nas terras de Portugal o infeliz rei D. Rodrigo, onde passados alguns annos acabou com a morte os seus dias junto a Viseu, (2) entraram os arabes a executar com todo o furor a conquista de Hespanha, vendo-se logo nos seguintes dois annos a maior parte d'ella, e do nosso reino sujeita, e subordinada ao dominio barbaro, excepto aquellas porções de Galiza, e Asturias, que pela aspereza de suas brenhas, se fizeram inaccessiveis ás armas dos africanos. (4)

O lastimoso estado, em que se achariam nossas terras com aquelle improviso, e accelerado captiveiro, bastantemente se faz crivel, vendo-se em tão pouco tempo sem liberdade, afflictas, e tributarias a uma nação barbara, e contraria da fé catholica: as igrejas, e sacerdotes desprezados com desacatos, e insultos, experimentando estes golpes, primeiro que outras, aquellas povoações, que estavam mais proximas ao oceano. (5)

Havia-se achado na batalha do Guadalete o infante D. Pelayo, da antiquissima familia dos hespanhoes Cantabros, (6) que com as breves

(1) Veja-se Loays. nos Concil. de Hesp. Coronelli no Prodrom. part. 4. p. 465. Vasaeu tom 1. Chron. p. 39. Resend. lib. 3. de Antiq. Marian. Histor. de Hesp. part. 1. Savedr. Coron. Gotica, Gandar. nas Palm. y Triunf. de Galiza part. 2. Berganz. Antig. de Hesp. part. 1. liv. 1. Yanes Espana en la S. Biblia part. 1. cap. 19. pag. 224. (2) D. Rodrig. Arceb. liv. 1. cap. 255. Histor. Gen. de Hesp. part 2. cap. 55. Moral. liv. 12. cap. 69. Bergança. Antiguid. de Hesp. part. 1. liv. 1. cap. 13. n. 212. Yanes de la Era, y Fechas de Espana lib. 2. cap. 29. p. 482. Chronic. Albendense seguido por Marian. part. 1 liv. 6. cap. 23. Monarq. Lusit. liv. 7. cap. 2. concorda no anno, mas discrepa no dia, porque assenta que foi no meio de outubro. (3) Vasaeus Chron. tom. 1. p. 113. Monarq. Lusit. liv. 7. cap. 3. p. 186. Aqui affirma Brito, que na igreja de S. Miguel do Fetal, que está fóra dos muros de Viseu, vira a sepultura de D. Rodrigo; mas já não tinha os ossos delrei, por haver annos, que os haviam trasladado para Castella, e não diz onde se depositaram. (4) Moret Anales liv. 3. cap. 4. e no tom. 1. Append. §. 2. (5) Ferrer. ad ann 713. n. 9. (6) Fr. Franc. Sota Chron. de los Princip. de las Astur. liv. 3 cap. 42. n. 7.

reliquias de alguns godos se tinha acolhido ás montanhas das Asturias. Passado algum tempo, resentido da violencia, que um governador mouro fizera a uma sua irmã, tomando-a por mulher, estando elle ausente, (1) com o motivo de tão justa vingança, e de sacudir dos seus hombros, e de seus nacionaes o gravame de tal jugo, convocou, ou se lhe aggregou muita gente valerosa com armas, e petrechos proporcionados á empreza: e depois de o acclamarem rei no valle de Cangas, ou Covadonga, noticioso Alahor, governador arabe, d'aquella sublevação, o mandou accommetter com o formidavel exercito de cento e oitenta e sete mil mouros, aos quaes milagrosamente destruiu D. Pelayo. (2)

Divulgada a noticia d'este primeiro triunfo, respirou o animo dos christãos dispersos ao mesmo tempo, que se abateu o furor barbaro; e concorrendo ao estrondo d'este feliz successo D. Affonso, filho de D. Pedro, duque de Biscaya, descendente do glorioso Recaredo, rei godo, (3) se offereceu com bom numero de biscainhos a elrei D. Pelayo, o qual reconhecendo animo, e valor heroico na pessoa de D. Affonso, o desposou com sua filha Ermesenda.

D. Affonso agradecido a este favor, querendo explicar bem o seu zelo, e gratidão, entrou poderosamente em Portugal pela provincia do Minho, e recuperando Braga, Porto, Viseu, Agueda, e outras terras d'este reino, libertando-as da escravidão sarracena, se recolheu victorioso, deixando com estes triumphos aturdidos os barbaros, que já começavam a tratar os nossos mais com algum respeito, e menos oppressão. (4)

O governo politico se praticava, nomeando o governador mouro a um conde christão em cada comarca, o qual sentenciava as causas ordinarias segundo as leis gothicas, excepto a sentença de morte, que só a podia dar o alcaide dos mouros, que pouco a pouco foram introduzindo, e intimando as suas leis. (5)

Como o catholico rei D. Affonso, (o qual pela morte de D. Favila, seu cunhado, havia recebido o cetro, e a coroa,) não podia n'esta gloriosa conquista pela falta de gente, conservar nas terras, que resgatava, aquelle presidio sufficiente, que rebatesse as sublevações dos inimigos; acontecia que umas vezes ficavam nossas terras na obediencia dos christãos, outras na dos barbaros, e n'esta inconstancia de dominio permaneceu o reino nos tempos de D. Froila, D. Aurelio, D. Silo, D. Mauregato, e D. Bermudo, todos reis de Asturias, até que elrei D. Affonso o *Casto*, reforçado com maior poder, se avançou desde as Asturias até Lisboa, que bloqueou, venceu, e guarneceu de maior presidio, e a ou-

(1) Isidor. Pacens. apud Brit. na Monarq. Lusit. liv. 7. cap. 6. (2) Monge de Silos apud Bergança nas Antig. de Hesp. part. 1. liv. 2. cap. 1. n. 7. Vasaeus Chron. tom. 1. ad ann. 716. Marian. part. 1. liv. 7. cap. 1. Monarq. Lusit. liv. 7. cap. 6. (3) Salazar Histor. da Casa de Lara liv. 2. cap. 1. (4) Ferrer. tom. 4. na Dedicat. (5) Monarq. Lusit. liv. 7. Bergança part. 1. liv. 2. cap. 1. num. 2.

tras muitas terras, que lhe ficavam intermedias do Minho, e Beira, por onde passára.

Teriam passado oito annos, quando os infieis, creando novos alentos, sahiram com poderoso exercito, que commandava Aliatan, e recuperaram todas aquellas terras, que reconheciam o nome d'el rei D. Affonso; porem este fazendo-lhe valerosa oppugnação os obrigou a pactear. Em fim com este perturbado governo se foi continuando bastantes annos o estado das nossas provincias, conforme era a fortuna que experimentavam; e mudando-se para conhecida prosperidade em tempo, que governava elrei D. Affonso VI se vio o imperio christão em grande augmento.

Discorriam as armas catholicas tão felizmente, que ao pregão de seus gloriosos progressos vinham muitos capitães de nome, emulos do valor, e da honra, militar pelo credito da fé á sombra das bandeiras de tão venturoso monarcha. Entre estes veio o illustrissimo, e valeroso conde D. Henrique, do qual procedeu uma florentissima arvore dos soberanos monarchas portuguezes, que nô capitulo seguinte havemos de expor, demorando-nos agora um pouco, em quanto mostramos em abreviado catalogo a serie dos reis de Asturias, cujo dominio reconheceu Portugal, como sua primeira, e propria conquista sobre os arabes; e d'estes tambem fizeramos catalogo chronologico pelo que pertence aos seus califas, ou governadores em o tempo do imperio, que tiveram em Portugal, se acaso os escriptores arabes foram coherentes nas suas hegiras, ou chronologias, cuja confusão nos absolve d'este trabalho, podendo quem quizer maiores noticias das expedições dos mouros, e guerras intestinas, que fizeram em toda Hespanha, ver a obra de Abulcacim Tarif Abenterique, traduzida em castelhano por Miguel de Luna, e impressa no anno de 1600, ou o que se acha junto no Chronicon de Vaseu.

Catalogo chronologico
dos reis de Asturias e Leão, que em tempo dos mouros
começaram a conquistar e governar Portugal

Annos de Christo.—738 *D. Affonso I* chamado o catholico, filho do duque de Biscaya. Casou com a filha delrei D. Pelayo: foi o primeiro rei de Asturias, que depois da perda de Hespanha teve dominio sobre os portuguezes, e conquistou aos mouros terras de nosso paiz: fundou, e reparou muitas igrejas. Governou dezenove annos.

757 *D. Froila*, ou *Fruela*, filho de D. Affonso. Ganhou algumas batalhas aos mouros, e lhe conquistou Beja, Setubal, e outras terras de Portugal. Com inveja de ser mais bem quisto seu irmão Vimarano, o matou, deslustrando com esta crueldade todas as boas obras, que tinha feito. Reformou o estado ecclesiastico de Hespanha, e no seu tempo succedeu a vinda do corpo de S. Vicente a Portugal. Seus vassallos o ma-

taram, e foi sepultado na igreja de Oviedo, que elle fundou. Governou onze annos e meio.

768 *D. Aurelio*, filho de D. Fruela. Serenou com prudencia um grande tumulto de escravos, que se levantaram contra seus senhores. Governou seis annos.

774 *D. Silo*. Succedeu na coroa, por casar com Adosinda, filha de D Affonso o catholico. Teve paz com os sarracenos, e só com os gallegos teve uma guerra, em que venceu. Entrou poderosamente na cidade de Merida, d'onde tirou o corpo de Santa Eulalia, e o depositou na igreja de S. João Evangelista de Pravia, onde elle está enterrado, com uma inscripção na sua sepultura em labyrintho, que diz, e se lê por todos os lados: *Silo Princeps fecit.* Governou nove annos.

783 *D. Mauregato*. Obteve a coroa por usurpação; porque a rainha Adosinda pertendeu que os grandes de Hespanha acclamassem por successor a D. Affonso, seu sobrinho, filho delrei D. Fruela; e sabendo isto Mauregato, filho bastardo de D. Affonso o catholico havido em uma moura, anhelando tambem ao cetro, se foi valer de Abderramen, rei de Cordova, promettendo-lhe vassalagem, se o soccorresse na sua pertenção. Foi o promettimento dar-lhe todos os annos cem donzellas de tributo, cincoenta nobres, e outras tantas plebeas, e se mandavam recolher em Asturias, Portugal, e Galiza. D. Joseph Pellizer, (1) a quem segue D. João de Ferreras, (2) quizeram persuadir que este rei nem se chamava Mauregato, nem promettera ao mouro o tributo annual das cem donzellas christãs: porem não tem razão, segundo o que se lê na Monarquia Lusitana, (3) e o que diz o padre fr. Francisco de Bergança. (4) Governou cinco annos.

789 *D. Bermudo I*, filho de D. Fruela. Sendo diacono, e destinado á igreja, por instancias dos grandes do reino entrou a governar. Não quiz contribuir aos governadores mouros com o tributo das cem donzellas. Depois de haver governado tres annos, e oito mezes, renunciou o reino em D. Affonso, filho de seu primo D. Fruela, e passou a buscar o habito de monge no mosteiro de Sahagum, onde viveu muitos annos.

791 *D. Affonso II*, chamado o casto. Encarregando-se do governo, que lhe cedeu D. Bermudo, começou a se fazer temido dos mouros. Recuperou Lisboa por assalto, e conquistou as cidades de Lamego, Viseu, Coimbra, Braga, e outros lugares. Mahamet fez pazes com elle, e o servia como vassallo. Em seu tempo se descubriu o corpo do glorioso apostolo Santiago, a quem mandou edificar uma igreja com magnificencia real. Governou conforme a nossa chronologia cincoenta e um annos; porem a Clave Historial do padre fr. Henrique Flores lhe assigna trinta e quatro.

(1) Pellizer Anal. p. 401. (2) Ferrer. tom. 4. p. 108. (3) Monarq. Lusit. liv. 7. cap. 9. (4) Bergança part. I. das Antiguid. de Hesp. liv. 2. cap. 3. n. 35.

842 *D. Ramiro I*, filho delrei D. Bermudo. Logo no principio do seu reinado se levantou contra elle um conde das Asturias, chamado Nepociano, a quem venceu, e castigou, mandando-lhe tirar os olhos, supplicio ordinario d'aquelle tempo. Com fortuna igual ao seu valor ganhou aos mouros o Porto, Lamego, Viseu, Coimbra, e Montemór o Velho. Aqui poz por governador a seu tio o abbade João, o qual cercado d'ahi a tempos pelos barbaros, vendo que todos pereciam irremediavelmente por falta de mantimentos, resolveu com os mais, que se as mulheres, velhos, e meninos haviam ficar expostos ao furor dos tyrannos, fossem elles mesmos os que sacrificassem a innocencia por victima da sua honra: e assim cada um degollou por suas proprias mãos a quem mais amava. Sairam logo a accommetter desesperadamente aos mouros, os quaes não podendo soffrer aquelle tremendo modo de pelejar, se deram por vencidos á custa de setenta mil que pereceram. No outro dia voltando alguns á villa, se lhes offereceu novo motivo para a admiração, vendo que todos os degollados viviam resuscitados milagrosamente. Referem este caso nossos historiadores, (1) e parece que o acredita a tradição de pais a filhos, que ainda permanece n'esta villa. No seu castello está um antiquissimo padrão, que supposto ter já muitas letras carcomidas, bem se percebe da contextura ser narração d'este prodigio. Havendo finalmente D. Ramiro governado sete annos, e oito mezes, morreu no primeiro de Fevereiro de 850, e está sepultado na igreja de Oviedo.

850 *D. Ordonho I*, filho de D. Ramiro, a quem succedeu com universal applauso, por ser principe de grande valor, e talento. Serenou uma rebellião dos vascões seus vassallos, e venceu ao renegado Musa, de grande nome entre os infieis, por cuja victoria ficaram mui temerosos. Ganhou Santarem, Leiria, e outras terras de Portugal. Morreu de gota, e governou dezaseis annos.

866 *D. Affonso III* chamado o magno pelas grandes victorias, que alcançou dos mouros, e sumptuosos templos que edificou, e esmolas que deu. Os seus o perseguiram, rebellando-se, e os barbaros oppondo-lhe fortes exercitos; mas elle pacificou uns, e triunfou dos outros. Em Portugal reedificou muitas cidades arruinadas, Braga, Porto, Chaves, e Viseu. Renovando-se as inquietações domesticas, e sabendo que os seus mesmos filhos queriam despojal-o do cetro, pelos não vencer a elles n'aquella violencia, se venceu a si, e repartindo o imperio, deu a D. Garcia o governo de Leão, Oviedo, e Castella, e a D. Ordonho Galiza, e Portugal, ficando elle só com a espada contra os mouros, de quem ainda alcançou victorias. Governou quarenta e quatro annos.

910 *D. Garcia*. Entrou a governar bem, explicando o seu valor

(1) Monarq. Lusit. liv. 7. cap. 14. Benedict. Lusit. tom. 1. trat. 2. part. 2. cap 6. Fr. Luiz dos Anjos Jardim de Port. n. 52. Paes Viegas nos Princip. de Portug. liv. 6. p. 219. Agiolog. Lusit. tom. 3. p. 801. Ann. Histor. tom. 2. p. 257.

na victoria, que teve dos mouros em Talavera, prendendo ao general Ayola, que ao depois lhe fugiu. Governou tres annos.

913 *D. Ordonho II.* Morto D. Garcia, foi acclamado rei pelos bispos, e principaes do reino. Combateu a cidade de Beja, que era a mais opulenta, que os mouros occupavam, e a ganhou matando toda a gente da guarnição. Poz grande terror aos barbaros, de fórma que elrei de Merida lhe veio render vassalagem. Suspeitando que os quatro condes, que governavam então Castella, se queriam rebellar, mandou-os vir a Tejares junto do rio Carrion, segurando-lhes queria tratar com elles materias importantes; mas dissimuladamente os prendeu, e os fez degollar. Governou nove annos e meio.

923 *D. Froila II.* Não se conta d'este rei acção contra os mouros, antes o culpam de tyranno, mandando matar os filhos de Olimundo, e desterrar a Fronimio, bispo de Leão, por terem seguido as partes do infante D. Affonso. Por isto se fez aborrecivel dos vassallos. Morreu de lepra, e governou um anno.

924 *D. Affonso IV.* Entrando a governar, e conhecendo-se inutil, renunciou o dominio em seu irmão D. Ramiro, e elle foi buscar a vida monastica no convento benedictino de Sahagum. Depois passados seis mezes, largando o habito, se foi a Leão, onde o admittiram, e intitularam rei. Sabendo isto D. Ramiro, passou áquella côrte, e cercando-a, obrigou a D. Affonso a entregar-se-lhe, e irado lhe mandou tirar os olhos, e prender até acabar seus dias. Os annos do seu governo, e tempo do monacato pertendem ajustar fr. Francisco de Bergança, (1) e fr. Manoel da Rocha. (2)

931 *D. Ramiro II.* Depois de prendor a seu irmão, e seus sobrinhos, determinou fazer crnel guerra aos mouros, como com effeito fez tão felizmente, que sempre os venceu. Ajudando-o visivelmente Santiago, matou junto de Simancas a setenta mil mouros. Alguns historiadores (3) dizem, que morrera sendo religioso. Governou dezanove annos.

950 *D. Ordonho III.* Foi filho de D. Ramiro, e principe valeroso e prudente. Casou com a filha do conde Fernão Gonçalves, o qual querendo rebellar-se contra elle, repudiou-lhe a filha, e lh'a mandou a Castella. Sujeitou aos gallegos, que se haviam levantado, e passando a Portugal, chegou até Lisboa, que entrou sem embaraço, saqueando os mais lugares, que estavam em poder dos mouros. Governou cinco annos e meio.

955 *D. Sancho I*, chamado o gordo, porque na verdade o era, e foi motivo para ser deposto do throno, e subir em seu lugar o infante D. Ordonho, filho de D. Affonso IV intervindo n'isto o conde Fernão

(1) Berganç. part. I. das Antig. de Hesp. liv. 3. cap. 6. n. 63. (2) Rocha *Portug. Renascid.* part. 2. n. 124. e seqq. (3) Apud. Berganç. ut supr. cap. 12. n. 138.

Gonçalves, e alguns senhores de Galiza. Passou D. Sancho a Cordova, alcançando lá remedio á sua queixa, o buscou tambem aos seus interesses, valendo-se d'elrei Abderramen, que com um exercito de mouros fez com que D. Ordonho lhe restituisse o reino de Leão. Os condes, que governavam as terras do Minho e Galiza, se conjuraram contra elrei; mas elle pacificando-os, os obrigou a jurarem fidelidade, em cujo acto um dos condes lhe deu peçonha, de que morreu. Governou doze annos.

967 *D. Ramiro III.* Tomou a investidura do reino, tendo cinco annos de idade, e começou este governo pelas direcções de sua mãe e tia. Fez pazes com elrei de Cordova, recuperou dos mouros o corpo do glorioso S. Pelagio, destruiu pelo valor do conde Gonçalo Sanches uma armada de normandos, que aportou em Galiza. Tratando com pouca attenção aos condes de Portugal e Galiza, estes acclamaram por seu rei ao infante D. Bermudo, filho delrei Ordonho, a 15 de Outubro de 982. Contenderam ambos rijamente, e a morte de D. Ramiro decidiu o argumento. Governou dezaseis annos.

985 *D. Bermudo II* chamado o gotoso. Foi pouco afortunado, pois encontrou sempre mui poderoso a seu contrario Almançor. Em Portugal tudo que ia desde a corrente do Douro até o Algarve estava sujeito aos mouros, e só a pequena comarca de Entre Douro e Minho com algumas terras da Beira estavam na obediencia delrei D. Bermudo. Unido com elrei de Navarra, e o conde Garcia Fernandes, venceu uma grande batalha a Almançor, que o obrigou a fugir para Cordova, deixando-lhe no campo setenta mil sarracenos. Morreu arrependido de suas culpas em Galiza, e governou quatorze annos.

999 *D. Affonso V,* filho de D. Bermudo. Succedeu na coroa, tendo cinco annos de idade. Foi principe mui pio, e caritativo. Com intentos de destruir os mouros passou a Viseu, onde elles tinham as maiores forças, e resistencia, e os cercou apertadamente; mas chegando-se perto das muralhas, uma setta disparada das suas ameyas o atravessou, e fez levantar o sitio. Governou vinte e sete annos.

1027 *D. Bermudo III,* filho de D. Affonso. Foi principe de grande animo, porem infeliz, porque nas guerras, que teve com seu cunhado D. Fernando, rei de Castella, mettendo-se na batalha do Carrion por entre as armas, lhe tiraram a vida. Governou dez annos,

1038 *D. Fernando* o magno. Por morte de seu cunhado tomou posse do reino de Leão. Deveu-lhe Portugal a restauração das suas terras desde o Douro até o Mondego. Depois de muitas victorias mereceu que o glorioso Santo Isidro lhe revelasse o fim dos seus dias; e antes de morrer repartio seus reinos por seus filhos: a D. Sancho deixou Castella, a D. Affonso Leão, e a D. Garcia Galiza, e Portugal. Governou vinte e nove annos.

1067 *D. Garcia.* No seu governo se deixou este principe levar

das lisonjas de um seu valido, chamado Verna, que foi causa de se descontentarem os illustres portuguezes, e gallegos, os quaes levantando-se tomaram armas, e lhe deram uma batalha, que elle todavia venceu. D. Sancho, seu irmão mais velho, o metteu em prisões, e o reino de Portugal, e Galiza se lhe entregou, ficando por então incorporado na corôa de Castella. Governou quatro annos.

1071 *D. Sancho II.* Perseguiu fortemente a seus irmãos, e querendo usurpar tambem do poder de sua irmã Dona Urraca a cidade de Çamora, que poz em apertado cerco, um cavalleiro chamado Velhido Dolsos o matou com uma lança. Governou um anno.

1072 *D. Affonso VI.* Teve o titulo de imperador, e reinou em Castella, Leão, Portugal, e Galiza. Foi um dos mais bem afortunados principes de Hespanha, e o que conquistou mais terras aos mouros, aos quaes atropellou com o valor do celebrado Cid. Distribuio o governo de algumas comarcas de Portugal por illustres pessoas. O conde D. Sisnando governava as terras de entre Douro e Mondego. Egas-Ermigio Arouca. O conde D. Nuno Mendes a provincia do Minho, a quem succedeu o illustrissimo conde D. Henrique, gloriosa origem dos reis portuguezes, de cujo assumpto ornaremos só como epitome o capitulo seguinte.

CAPITULO VI

Erecção do senhorio de Portugal separado dos mais dominios de Hespanha, e estabelecimento dos soberanos monarcas portuguezes

Ainda a maior parte das nossas terras era perseguida, e infestada dos mouros, sem ter sido bastante o grande poder dos reis de Leão, e Asturias, para os lançar fora de Hespanha, quando apparecendo o conde D. Henrique no anno de 1080 com o intento de se naturalizar na gloria das conquistas de el-rei D. Affonso, mereceu com as suas grandes proezas o premio de que este lhe desse por espoza uma sua filha, e em dote não só o que estava em Portugal conquistado aos sarracenos. mas tudo inteiramente o que seu valor aspirasse a conquistar. D'este esclarecido tronco se produzio a fecundissima arvore da casa real portugueza com uma união de florecentes ramos em periodo gloriosamente continuado, como já entramos a vêr.

Conde D. Henrique

Cinco pontos mais difficultosos exporemos primeiramente na vida d'este illustrissimo conde. O primeiro: Qual é a sua origem? Não menos que seis opiniões houve ácerca d'este verdadeiro conhecimento, que se podem vêr no destro politico Duarte Ribeiro de Macedo. (1) A mais

(1) Rib. de Maced. na Geneal. do conde D. Henr.

certa, e verdadeira, com que os authores d'este seculo se conformam, é a que faz ser ao conde D. Henrique descendente por varonia dos duques de Bragança, e da caza real de França. Funda-se esta opinião no celebre Exemplar Floriacense, que se achou em França na livraria do convento de Fleury, d'onde o alcançou Pedro Piteu para o dar á impressão no anno de 1596. É uma historia genealogica de França, escrita em tempo do proprio conde por um religioso de S. Bento, a qual é tida por texto indubitavel,

Depois de toda esta segurança, e certeza tão recommendada tambem pelo grande genealogico D Antonio Caetano de Sousa (1) fomos encontrar uma passagem no capitulo 11 da Historia manuscrita da fundação de Santa Cruz de Coimbra por fr. Jeronymo Romano, religioso douto de Santo Agostinho, e de quem muitas vezes se lembra nosso chronista Brandão com credito. Este pois referindo o epitafio antigo, que estava na cabeceira da sepultura do invicto rei D. Affonso Henriques, antes que el-rei D. Manoel a mandasse reformar, diz, que se lia alli, entre outras clausulas a seguinte:

Aqui yaze sepultado el mui poderoso, y muy excelente principe D. Alonso Henriques, primero Rey de Portugal, el qual de parte de su Padre Dom Henrique, conde de Astorga, deciende por linea derecha de los Reyes de Aragon, y de parte de su madre de los Reyes de Castilla, etc.

Alguma violencia nos causa querer dar assento á verdade d'este epitafio; porque primeiramente lembrando-se d'elle o grande Brandão, (2) diz, que estava em versos latinos, e os transcreve, mas nem em uma só palavra se conforma com o que diz fr. Jeronymo. Mais: Accrescenta este uma reflexão sobre a mesma clausula da inscripção, digna de reparo, dizendo: *En lo que toca a ser su padre el Conde D. Henrique de linage de los Reyes de Aragon, y haver se llamado Conde de Astorga, es muy facil de provar, y por no ser para aqui, lo dexo.*

Chamamos reflexão digna de reparo, porque o mesmo fr. Jeronymo no capitulo primeiro da vida do infante D. Fernando deixou dito, que o conde D. Henrique era principe da casa real de França, (3) em que coincide com o exemplar Floriacense, e se aparta da sobredita reflexão do epitafio. Sirva isto sómente de noticia, a qual quizemos communicar, porque esta obra, como outras tambem de fr. Jeronymo, não anda impressa, supposto correrem alguns transumptos pelas mãos dos curiosos, e d'elle conservamos alguns tratados. Veja-se porem Damião de Goes na Chronica delrei D. Manoel part. 4, cap. 72.

O segundo ponto difficultoso é: Se a rainha D. Theresa, mulher

(1) Sousa. Histor. Genealog da Casa Real Port. tom. I. pag. 31. (2) Brand. na Monarq. liv. 11. cap. 38. (3) Apud Maced. allegad. e Far. no tom. 2. da Europ. Port. part. I. cap. 2.

do conde D. Henrique, foi filha legitima d'elrei D. Affonso VI de Leão? A razão de duvidar vem a ser; porque elrei D. Affonso sendo casado com D. Ximena Nunes de Gusmão, da qual teve a senhora D. Theresa, foi depois separado d'este matrimonio pelo papa Gregorio VII como consta da sua carta, ou Breve, que principia: *Dici non potest*, escripta ao mesmo D. Affonso por se contrahir sem dispensa do parentesco, que a dita D. Ximena tinha com outra mulher delrei D. Affonso, o qual foi casado seis vezes.

Fundados n'esta nullidade, affirmaram authores castelhanos, e ainda portuguezes, que a senhora D. Theresa era filha bastarda, tendo por sua parte esta opinião o exemplar Floriacense, (1) objecção forçosa, com que argumenta Manoel de Faria. (2) Porem isto não obsta; porque alem de constar da contextura da carta pontificia, que elrei D. Affonso tinha a senhora D. Ximena por legitima mulher, como tambem o dá a entender Baronio, (3) é certo que os filhos havidos de matrimonios separados por falta de dispensação de parentesco, são reputados filhos legitimos, e successores, como bem diz Brandão, e com elle Duarte Ribeiro. (4) Este ponto está tão admiravelmente discutido pelo erudito, e infatigavel D. Joseph Barbosa, que parece escusado duvidar já na legitimidade da senhora infanta D. Teresa. (5)

A terceira difficuldade é: Saber o anno, em que entrou o conde D. Henrique a governar Portugal, e as terras que lhe deram em dote? Quanto á primeira parte, resolve o laborioso D. Joseph Barbosa (6) que entrara o conde no anno de 1093. O fundamental genealogico D. Antonio Caetano (7) é de parecer que viera no anno antecedente; e outros ainda anticipam mais esta entrada. Quanto á segunda parte, o dote foram as provincias do Minho, Beira, e Traz os Montes, e em Galiza não comprehendia terra alguma, como affirma o chronista Brandão, (8) contra o que alguns disseram. Este era o estado de Portugal, que o valeroso conde augmentou depois com as outras terras, que foi ganhando aos mouros, por onde livremente podia.

O quarto ponto difficultoso é: Se o reino de Portugal foi dado ao conde D. Henrique com alguma obrigação de feudo? Os authores castelhanos dizem que sim; (9) porem o certo é que foi dado independente, e sem genero algum de subordinação aos reis de Castella. Assim o mostra e prova com evidencia o erudito D. Joseph Barbosa, (10) e o dis-

(1) Exempl. Flor. «Alteram filiam, sed non ex conjugali thoro natam Ainrico... dedit.

(2) Far. Com. de Cam. cant. 3. est. 25. (3) Baron, tom. II. ad an. 1080. «Constat enim á Rege Catholico Alphonso... uxorem diversam á consanguinea defuncta conjugis accepisse.» (4) Monarq. Lusit liv. 8. cap. 13. fin. Ribeir. de Maced. allegad. (5) Barbos. Catal. das rainhas de Portug. pag. 7. Vide etiam Sous. na Hist. Geneal. tom. I. p. 33. Berganc. Antig. de Hesp. part. I. liv. 5. n. 451. (6) Barbos. ut supr. p. 37.

(7) Sousa ut supr. p. 32. (8) Monarq. Lusit. liv. 8. cap. 10. (9) Marian. Hist. de Hesp. tom. I. liv. 13. cap. 20. Garibay tom. 2. liv. 13. cap. 11. Ortiz, Anales de Sevilla liv. 2. p. 205. Garma Theatr. univers. de Hesp. tom. 3. p. 288. (10) Barbos. Catal. das rainh. p. 38.

creto academico José da Cunha Brochado; (6) porque não se descubrindo em algum archivo ou nosso, ou de Castella, copia d'este contracto dotal, devemós recorrer á mais constante tradição, de que foi um dote puro, sem imposição, ou clausula de reserva de alguma direita soberana.

A quinta difficuldade é: Saber em que tempo foi o conde D. Henrique á conquista de Jerusalem, se antes, ou depois de haver entrado em Portugal? Brandão diz, (2) que depois, e no anno de 1103. Manoel de Faria affirma, que antes, mas em tempo, que já estava casado, (3) e que fôra elle um dos doze capitães, que Urbano II, author d'aquella expedição, nomeara para a mesma empreza. Temos por segura a sentença de Brandão.

Suppostas estas maiores duvidas, e com brevidade resolvidas, o que resta saber das acções gloriosas d'este valeroso conde, são as muitas victorias, que alcançou dos mouros. Dezasete se lhe contam das de maior fama. Deu foraes a Coimbra, Tentugal, Soure, Certã, Zurara, S. João da Pesqueira, Guimarães, e a outras muitas villas. Dotou, e enriqueceu muitas igrejas com rendas, e beneficios, e depois de ampliar com egregios merecimentos seu grande espirito, foi chamado pelo Senhor ao descanço eterno em o primeiro de Novembro de 1112, tendo vivido setenta e sete annos, e governado mais de vinte. Jazem seus ossos, e cinzas na Sé de Braga.

D. Affonso Henriques 1.º rei

Nenhum principe mereceu mais justamente o titulo de heroe famoso, e o nome de primeiro hercules lusitano, que o preclaro, e soberano rei D. Affonso Henriques; porque se meditarmos os preciosos trabalhos, que passou na ampliação da fé, e estabelecimento da monarquia portugueza, não lhe fica o epitheto fabuloso, mas tão verdadeiro, que o excede.

Teve o seu nascimento na villa de Guimarães, (primeiro solio, e côrte dos principes portuguezes) a 25 de Julho de 1109 conforme o melhor calculo; (4) e sendo seu nascimento festejado, assim como era util, moderou o contentamento de pais, e vassallos um defeito corporal em sua pessoa. Dos braços de sua ama D. Ausenda (5) passou logo á cultura, e instrucções de Egas Moniz, varão de maduro juizo, e destinado para seu aio. Este por continuas deprecações alcançou da purissima Virgem saude, e desembaraço aos pés do principe, collocando-o por divina revelação no altar da imagem da Senhora de Carquere junto a Lamego, pro-

(1) Brochado na conta de 13 de Maio de 1723 das Mem. Academ. Veja-se tambem a Monarq. Lusit. liv. 8. c. 9. (2) Monarq. Lusit. liv. 8. cap. 22. (3) Far. no Com. de Cam. cant. 3. est. 27. (4) Barbos. Catal. das rainh. p. 79. e seqq. (5) Estaço nas Antig. de Port. cap 12. n. 7.

digio, que referem quasi todos os nossos historiadores, e de que parece duvidar Mons. de la Clede. (1)

Corria o anno 1125, e o inclyto principe contava dezaseis de idade, quando na igreja cathedral de Çamora, que por este tempo estaria sujeita á coroa de Portugal, elle mesmo se armou cavalleiro, tomando as insignias militares do altar do Salvador. (2) Passados dois annos, considerando-se já em idade competente de poder suster o cetro, intentou dar principio ao seu governo. Duvidou a rainha sua mãi, que até alli governava, entregar-lhe o dominio, e foi preciso ao filho excluil-a por força de armas, e á custa de uma escandalosa batalha, que lhe ganhou no campo de S. Mamede junto a Guimarães em 24 de Junho de 1128.

D'este dia por diante ficou D. Affonso com absoluto senhorio de Portugal; e reclusa a rainha no castello de Lanhoso, mandou pedir a elrei de Leão adjutorio, que prompto a veio soccorrer, mas infelizmente, pois ficou desbaratado na Veiga de Valdevez; (3) porem tornando no anno seguinte com exercito mais poderoso, cercou a villa de Guimarães, onde se achava o principe D. Affonso, e a tanto aperto reduziu a villa, que se não fôra Egas Moniz ir occultamente ajustar com o Leonez certas condições, e estipular para isso sua palavra, ficaria D. Affonso a arbitrio de seus inimigos; porem não querendo o principe depois convir nos artigos do tratado, que Moniz havia feito, dizem, (4) que este fôra a Toledo com mulher e filhos, apresentar-se a elrei de Leão, para que tomasse n'elle vingança pela falta do promettido; acção, que o mesmo rei queixoso julgou sufficiente satisfação da palavra de um vassallo tão fiel a seu soberano.

Proseguia D. Affonso a conquista da Estremadura com a fortuna tão prospera, que parecendo-lhe já pequenos os limites do seu estado, passou ao Alemtejo, provincia então sujeita a Ismael, rei arabe poderoso, e com o projecto de augmentar o seu dominio, e extinguir os barbaros chegou ao Campo de Ourique. Aqui triunfou de cinco reis mouros, e quinze regulos confederados, e unidos em um grosso corpo de quatrocentos mil combatentes. (5)

Facilitou-o para tão memoravel batalha o prodigioso apparecimento de Christo crucificado, o qual escolhendo-o para base da monarquia portugueza, lhe declarou como queria n'elle, e n'ella estabelecer para si um reino com as regalias de imperio, e que para signal distinctivo

(1) Monarq. Lusit. liv. 9. cap 8. Mariz Dialog. 2. cap. 3. Duart. Nun. Chronic. do conde D. Henriq. Telles Chron. da Comp. part. 1. liv. 1. cap. 16. n. 4. Far. na Europ. tom. 2. part. 1. cap. 3. n. 4. Maced. Excel. de Port. cap. 21. excel. unic. n. 9. Vasconc. Anac. Maced. Propugn. Lusit. Galic. confut. 20. §. 1. Clede Hist. de Port. tom. 2. p. 67.

(2) Monarq. Lusit. liv. 9. cap. 14. (3) Brand. Monarq. Lusit. liv. 9. cap. 16.

(4) Brit. na Chron. de Cister part. 1. liv. 3. cap, 4. Cam. Lusiad. cant. 3, est. 35. Benedict. Lusit. tom. 2. p. 275. Monarq. Lusit. liv. 9. cap. 19. Toscan. Paral. de var. illustr. cap. 26. Maced. Flor. de Hesp. cap. 12. excel. 2. (5) Resend. lib. 4. Antiq. «Tantas congregavit copias, ut millia quadringenta exercitus superaret.»

da sua promessa lhe dava por estandarte, e escudo as suas cinco chagas. Animado o venturoso principe, antes de entrar no conflicto assentio a que o acclamassem rei em 25 de Julho, dia felicissimo do anno 1139, a cujo titulo se não oppoz, tanto que o soube, elrei D. Affonso de Castella, (1) e confirmou depois o papa Alexandre III no anno 1179 pela bulla, que começa: *Manifestis probatum est argumentis.* (2)

A verdade d'esta mysteriosa visão se confirma do juramento do mesmo rei D. Affonso, que fez na presença dos grandes da sua corte, passados treze annos, no de 1152, e se conserva no cartorio de Alcobaça, d'onde se tem extrahido alguns traslados, (3) alem de um grande numero de authores não só nacionaes, mas estranhos, que d'este admiravel apparecimento fazem memoria, como se póde ver nos que abaixo allegamos, (4) não sendo digno de se ler n'este particular o padre Mariana, (5) que a esta visão de Christo, e derivação das suas sagradas chagas ao nosso escudo tem por fabulosa, contra um tão authentico monumento, sendo n'elle tão claros os erros, quando diz aqui mesmo, que o campo do escudo das armas de Portugal, onde estão as cinco quinas, é azul, constando a todos ser branco, e que a orla dos castellos de ouro em campo vermelho ajuntara D. Sancho II constando por escripturas da Torre do Tombo a ajuntara D. Affonso III.

Como tudo n'este mundo está sujeito ao juizo dos homens, se oppozeram os mal affectos, contradizendo esta apparição, a cujos argumentos responderemos com brevidade. Dizem não haver noticia em Portugal de um caso tão celebre, e maravilhoso, antes de se descubrir a firma do juramento em tempo delrei D. Filippe II. Responde-se: que na Chronica delrei D. Affonso Henriques, que recopilou de outra antiquissima por mandado delrei D. Manoel o chronista Duarte Galvão, se diz assim no cap. 15: «E o principe sahiu fóra da sua tenda; e segundo elle mesmo deu testimunho em sua Historia, vio a Nosso Senhor em a cruz na mesma maneira que disse o ermitão». Camões, que morreu muito

(1) Horat. Tursellin. Epitom. Histoir. liv. 8. ad ann. 1140. «Itaque victoriis ingens ab Alphonso Rege Castellae, rex Lusitaniae appellatur. (2) Conserva-se na Torre do Tombo tit. 1. p. 1. dos Breves. (3) Monarq. Lusit. liv. 10. cap. 5. Sousa Histor. Geneal. tom. 1. das Prov. n. 3. (4) Cam. Lusiad. cant. 3. est. 45. e seg. e seu commentador Manuel de Far. Brit. Chron. de Cist. liv. 3. c. 2. Monarq. Lusitan. liv. 10. c. 5. Paes Viegas nos Princ. de Port. liv. 4. Resend. liv. 4. de Antiq. Dam. de Goes in Descript. Olisip. Man. da Cost. celebre Jurista, na Oração funebr. delrei D. João III em 25 de Junho de 1557, e impressa em Cimbr. an. 1558. Osor. de reb. Emm. l. 8. et de Nobil. l. 3. Vasconc. Anacephal. n. 5. Freit. de just. Imp. Lusit. cap. 18. n. 16. Duart. Galv. na Chron. deste rei cap. 15. e outros, que allega o doutor Joseph Pinto Pereira no Appar. Histor. de argum. sanctit. Reg. Alphons. Henr. arg. 1. Os authores estrangeiros são os seguintes: Thom. Boss. de sign. Eccl. tom. 2. l. 7. c. 7. Beyerlinck verb. Apparitio. Delr. Disquis. magic. lib. 2. quaest 26. sect. 5. Thyraeos de Christi apparition. impersonalib. cap. 3. Rosignol de actib. virtut. lib. 1. cap. 16. Bagat. de admir. orb. Christian. tom. 2. l. 5. cap. 1. n. 45. Petra sancta in Tesseris gentilic. Jarric. Thesaur. rer. indic. p. 2. cap. 3. Birag Histor. de Port. part. 13. Tracagnot. Histor. Ital. Morel. Reducion de Port. part 1. n. 10. e outros, que allega D. Anton. Caetano de Sousa no tom. 4. do Agiolog. Lusit. a 25. de Julho. (5) Marian. liv. 10. cap. 17. tom. 1 Histor. de Hespanh.

antes da vinda do rei Filippe, o cantou tambem no cant. 3. oitava 45 e 46. O letreiro que mandou pôr elrei D. Sebastião no arco triunfal do campo de Ourique, escripto em portuguez, e em latim pelo insigne André de Resende, como elle o confessa no liv. 4. de Antiquit. faz memoria d'esta apparição. O mesmo affirmam outros muitos escritores antiquissimos.

Dizem mais: que para tão grande favor lhe faltava ao rei santidade. Responde-se que é falso; pois sempre foi tido por santo; d'onde Sá de Miranda na carta 5. est. 9. disse fallando de Coimbra:

Cidade rica do Santo
Corpo do seu rei primeiro,
Que inda vimos com espanto,
Ha tão pouco tempo inteira,
Dos annos que podem tanto.

Confirma esta santidade a tradição constante, com que assim o nomeia ainda, e publica o vulgo; fazendo-se em nossos tempos na igreja de Santa Cruz de Coimbra com grande jubilo nova demonstração da integridade de seu corpo, para servir de uma authentica prova ao projecto, com que o papa Benedicto XIV o pertendia beatificar a instancias dos reis fidelissimos D. João V, e D. Joseph I cujo processo ficou suspenso pelo embaraço de outros negocios politicos mais urgentes.

Dizem mais: que se o rei decretou as armas do reino com os cinco escudos em memoria das cinco chagas de Christo, como houve n'ellas tanta variedade, segundo consta de moedas antigas? Responde-se: que sem embargo de haver nas Armas variedade no accidental, sempre conservam a substancia dos cinco escudos, e trinta dinheiros contados de diversos modos, como bem mostra Manoel de Faria nos commentarios de Camões cant. 3. desde a est. 153.

Um dos fortes argumentos é ter a escritura a data da Era de Christo, que n'aquelle tempo não se usava, mas sim a de Cesar. Responde-se: que não só esta escriptura, porem outras do mesmo rei se acham com a era de Christo, como é a em que fez o reino feudatario a Santa Maria de Claraval, que se conserva em Alcobaça com o sello pendente do rei, e subscripções dos grandes d'aquelle tempo, segundo a transcreve Brito na Chronica de Cister livro 3. cap. 5. e outras muitas que se podem ver na mesma Chronica l. 3. c. 6. e na Monarquia Lusitan. liv. 8. c. 26. e na Historia Ecclesiast. de Lisboa part. 2. cap. 56.

Deixando outros argumentos, é infallivel, que reconhecendo-se D. Affonso filho obediente da igreja, quiz expressar esta devoção á Sé Apostolica, offerecendo aos summos pontifices, não por modo feudatario, mas

liberal tributo, dois marcos de ouro, (1) cujo reconhecimento durou até o tempo delrei D. Affonso III. O mesmo acto de vassalagem devota, e pia, fez a Santa Maria de Claraval em cincoenta escudos cada anno: e como a sua religião foi igual á sua força, tudo quanto ganhava na guerra, distribuia pelas igrejas, edificando magestosos templos, tantos, que dizem chegaram ao numero de cento e cincoenta, (2) dando a todos rendas perpetuas com tanta opulencia, e liberalidade que alguns d'elles tem hoje mais, do que então rendia todo Portugal. (3)

Instituiu as duas ordens militares: da Aza, que se extinguiu; e de Aviz, que permanece: admittindo tambem em seu reino os cavalleiros de S. João de Malta, e Santiago, com quem distribuia donativos cortados com mão não só liberal, mas prodiga. Perseguio fortemente os mouros, e libertou de seu jugo impio muitas terras da Estremadura, Alemtejo, e Algarve em um progresso continuado de triunfos, que alcançou de vinte reis, e dois imperadores.

No anno de 1146 casou com a rainha D. Mafalda, filha de Amadeu III, conde de Saboya, e Mariana, cujo real consorcio Deus fecundou com a producção de tres filhos, e quatro filhas. Contando finalmente setenta e seis annos de idade, quatro mezes, e doze dias, exhalou o espirito aos seis de Dezembro de 1185, estando em Coimbra, havendo governado cincoenta e sete. Jaz seu corpo inteiro no convento de Santa Cruz de Coimbra com grande veneração, obrando Deus por elle alguns prodigios, como se podem ver no argumento 10. do Apparato Historico, que para a beatificação d'este veneravel rei imprimiu em Roma no anno de 1728 o doutor Joseph Pinto Pereira, o qual lhe tece vinte e sete elogios fabricados pelas testimunhas das pessoas mais conspicuas em virtude, que bem acreditam os indicios de serem os merecimentos d'este santo rei premiados com a eterna felicidade.

D. Sancho I, 2.º rei

Nasceu D. Sancho em Coimbra a 11 de Novembro de 1154, e creado com os exemplos, e instrucções de tão grande pai, logo nos primeiros annos mostrou os affectos de valor na propensão que tinha ao exercicio das armas. Ainda não contava quatorze annos de idade, quando se achou na jornada, ou batalha do Arganhal, em que capitaneando o exercito portuguez contra o delrei de Leão, deixou ao menos indecisa a victoria, e defendido seu pai. (4) De vinte e um annos casou com D. Dul-

(1) Brit. Chron. de Cister l. 3. cap. 4. e 4. Manriq. Annal. Cisterc. ann. 1142 cap. 4. Brandão Monarq. liv. 11. cap. 4. liv. 16. cap. ult. e liv. 99. cap. ult. Maced. de Div. tutelar. p. 240. Maced. Philipp. Portug. cap. 19. Velasc. Justa Acclam. part. I. §. 4. n. 24. Baron. ad ann. 1144. in Lucio II. Aguirre tom. 3. Concil. ad ann. 1144. n. 92. (2) Mariz Dialog. 2. cap. 7. Garibay liv. 34. cap. 14. Mend. da Silv. Catal. Real § 59. Mendoça in Viridar. lib. 6. or. 3. num. 67. Vieg. in Apocalyps cap. 21. sect. 5. n. 6. (3) Brit. Chron. de Cister liv. 3. cap. 21. (4) Monarq. Lusit. liv. 11. cap. 13.

ce, filha de D. Ramon, principe de Aragão, e logo no anno de 1178, tendo vinte e quatro de idade, atravessou com um exercito de doze mil homens por Castella dentro, até se pôr á vista de Sevilha, cidade mais bem presidiada dos mouros, e até alli impenetravel ás armas christãs.

Os barbaros olhando-nos com desprezo, e como quem se offendia da nossa confiança, sairam raivosos em tom de batalha, mas foram tão fatalmente cortados pelas nossaa lanças, que a grande copia do sangue derramado dos corpos fez sensivelmente mudar a côr ás aguas do Guadalquivir. (1) Com este glorioso triunfo mais qualificado ainda com a opulencia dos ricos despojos, se recolhia D. Sancho a Portugal, quando noticioso do novo, e apertado cerco em que os mouros tinham posto a Elvas, voou a soccorrer a necessidade d'aquella praça; e desassombrando-a da oppressão, que padecia, continuou a jornada, vindo primeiro satisfazer grato ao ceu as victorias recebidas com as liberaes offertas, que tributou ao mosteiro de S. João de Tarouca, de quem se prezou ser seu especial bemfeitor. (2)

Succedeu a morte delrei seu pai, e passados os tres dias das honras funebres, foi D. Sancho acclamado, e coroado rei em Coimbra aos 9 de Dezembro de 1185, anno em que contava trinta e um de idade, como bem diz Brandão, (3) e não trinta e oito, como dizem outros. (4) Logo sollicito em introduzir a paz no seu reinado, cuidou em convertel-a em utilidade publica, fez guarnecer muralhas, reparar edificios, fundar villas, reedificar cidades, e cultivar as terras, acções, que lhe grangearam os honrosos cognomes de Povoador, (5) e Pai da patria, (6) manifestando-se muito mais a sua piedade, e grandeza com os donativos, que offerecia ás ordens militares com tanta prodigalidade, que não contente de dar a Deus o que possuia, fazia offerta até do que ainda esperava ter. (7)

Com o soccorro de uma poderosa armada do norte, que caminhando em direitura das terras da Palestina, mas forçada de um rijo temporal veio abrigar-se na foz do Tejo á sombra de Lisboa, foi D. Sancho conquistar o Algarve; e fundando na cidade de Silves igreja cathedral com bispo, continuou a conquista de outras terras d'aquelle reino, intitulando-se rei tambem do Algarve desde o anno 1188 até 1190. (8) Porem no anno seguinte 1191 entrando Miramolim Aben Joseph pelas terras de Portugal com um poderosissimo exercito, assolou tudo, e recuperou no Algarve o que tinhamos adquirido, sem ser possivel a D. Sancho resistir-lhe pór nos ter n'aquella occasião uma grande peste, e fome attenuado muito as forças. (9)

(1) Monarq. Lusit. liv. 11. cap. z7. (2) Idem ibid. cap. 27. (3) Brand. ibid. l. 12. c. 1. (4) Sousa, Hist. Geneal. tom. 1. p. 80. (5) Monarq. liv. 12. cap. 1. e 11. (6) Ibid. (7) Idem ibid. cap. 3. (8) Monarq. Lusit. liv. 22 c. 7. e no fim do prologo da quarta parte. (9) Idem cap. 13.

Persuadido em fim que a vista do principe concilia o amor dos povos, por se fazer amavel, e estimado, visitava as terras mais populosas do reino, e ainda as que o não eram, fazendo a todas não só a honra da sua presença, mas as mercês da sua generosidade, (1) sendo primeiramente soccorridos os lugares sagrados com fabricas, e esmolas, experimentando-o especialmente o sumptuoso convento de Alcobaça, e outros mais da ordem de S. Bernardo, de quem foi particular bemfeitor, (2) acabando todos de ver o governo, e a piedade d'este rei nas clausulas do seu testamento, pelo qual deixou grandes sommas de ouro, prata, joias, e tapeçaria repartido por seus filhos, amigos, pobres, hospitaes, e igrejas com tão boa formalidade, que o papa Innocencio III lh'o confirmou por uma bulla, que se conserva no mosteiro de Lorvão. (3) Depois de reinar vinte e seis annos, deixou em Coimbra no fim de uma grave doença os alentos vitaes para sempre em 27 de Março do anno de 1211, contando cincoenta e sete de idade. Jaz em Santa Cruz de Coimbra.

D.Affonso II, 3.º *rei*

Suspenderam-se as mal enxutas lagrimas, que se haviam derramado na morte de D. Sancho, com a festiva acclamação de seu filho D. Affonso no mesmo dia 27 de Março de 1211, contando vinte e seis annos de idade, e havendo já dez que era casado com a senhora D. Urraca, por se ter recebido no anno 1201. (4) Havia nascido em Coimbra a 23 de Abril de 1185, e padecendo na infancia a continuada molestia de um achaque perigoso, foi livre d'elle milagrosamente pela virtude de Santa Senhorinha, a quem D. Sancho foi em pessoa supplicar á sua igreja de Basto, a melhoria, gratificando-lhe depois aquelle beneficio com o liberal donativo de muitas terras, e privilegios para ellas. (5)

Apenas D. Affonso subio ao throno, expressou logo o seu animo generoso, dando a villa de Aviz aos cavalleiros da ordem militar d'este nome, que haviam residido em Evora; e como pelos annos 1212 se havia alterada a paz estabelecida entre elrei D. Affonso IX de Castella, e Mahomet IV intentando este a conquista de Hespanha, e empenhando todas as forças, foi tambem preciso a elrei de Castella valer-se, alem de outros, do adjutorio delrei de Portugal, que lhe mandou grande numero de soldados, os quaes tiveram grande parte no triunfo, que dos arabes alcançou elrei de Castella na celebre batalha chamada das Navas, por se appellidar assim o sitio, onde se deu, junto á serra Morena a 16 de Junho de 1212. (6)

Pouco affavel, e conforme se mostrou D. Affonso com seus irmãos, e assim intentou tirar as villas, e terras a suas santas irmãs, que seu pai lhe havia deixado, de que resultaram graves litigios, que em parte

(1) Clede tom. 2. p. mihi 165. (2) Monarq. Lusit. l. 12. c. 31. (3) Ibid. c. 35. Sousa Hist. Geneal. tom. 1. das Prov. n. 10. Olede tom. 1. p. 166. (4) Barbos. Catal. das rainhas de Port. p. 143. (5) Brandão na Monarq. Lusit. liv. 12. c. 27. (6) Cled. tom. 2. Histoir. de Port. p. 174.

fez serenar o pontifice com censuras, e elrei de Leão com as armas; e temendo igual perseguição seus irmãos, D. Fernando desamparando a patria, passou-se para Castella, e D. Pedro para Marrocos. (1)

No anno de 1217 haviam partido de varios portos do norte differentes naus para a expedição, e conquista da Terra santa, as quaes chegando a incorporar-se na altura do Algarve, compunham uma fortissima armada de trezentas vellas. Quizeram voltar o cabo de S. Vicente, e levantando-se furiosa tormenta, vieram demandar o abrigo da barra de Lisboa, de cuja vinda aproveitando-se o bispo della D. Sueiro, (e não D. Matheus, como nossos historiadores dizem, sem reflectirem no reparo do insigne chronista Brandão) (2) ajudado com outros commendadores das ordens militares, e das reclutas de gente, que elrei havia mandado conduzir, foram todos expugnar a villa de Alcacer do Sal, praça de armas fortissima, presidiada dos mouros, e uma das mais importantes, que elles conservavam na Hespanha. Não obstante a grande resistencia, que faziam ao nosso sitio com resolução, e esforço auxiliado dos reis de Cordova, Sevilha, Jaen, e Badajoz, ficaram finalmente rendidos depois de repetidos assaltos, e porfiada peleja.

Parece que o aspecto d'esta victoria, que alcançámos, tão formidavel para os arabes, os devia intimidar; porem elles mais irritados, renovando numerosos esquadrões, entram por Portugal com intentos de ganharem Elvas, a quem elrei com felicidade promptamente soccorreu, e venceu. e penetrando por Andaluzia victorioso, poz grande terror aos mouros. Outras muitas batalhas ganhou nosso monarca sempre em grande credito das armas christãs, até que completando trinta e oito annos de idade, e doze de reinado, concluiu seus dias em Coimbra aos 25 de Março de 1223. Jaz no mosteiro de Alcobaça.

D. Sancho II, 4.º rei

Foi Coimbra patria de D. Sancho, onde nasceu a 8 de Setembro de 1202, padecendo logo na sua infancia as disposições de pouca saude. Entrou a governar a 25 de Março de 1223, e mostrou que não degenerava do valor de seus predecessores, nem nos desejos de dilatar a fé, nem de extinguir os arabes; pois ainda que o maior numero dos nossos chronistas o infamaram de pouco cuidadoso para o governo, sabemos que no anno de 1225 entrára pelo Alemtejo na frente de um poderoso exercito assolando o poder ismaelita com tanto valor, que mereceu por esta acção os publicos, e honrosos elogios, que o papa Honorio III lhe mandou. (3)

Continuou a guerra contra os mouros sempre victorioso até o anno de 1242, recobrando d'elles á força de armas muitas praças, e villas do

(1) Far. na Europ. Port. tom. 2. part. 1. c. 7. n. 7. (2) Brand. Monarq. liv. 13. cap. 10. e liv. 14. c. 8. (3) Bzovius tom. 13. Annal. ad ann. 1225. apud Barbos. Catal. das rainh. p. 160.

Alemtejo, e Algarves, Elvas, Jurumenha, Serpa, Aljesur, Mertola, Cacela, Ayamonte, e Tavira. Fez porem elrei diminuir estes prosperos successos, consentindo na oppressão, que se fazia ao estado ecclesiastico, de que resultaram gravames, queixas, e censuras pontificias. Outros attribuem estas desordens á demasiada introducção dos validos nas cousas do governo, e nimia frouxidão delrei, procedida tambem da sua bondade, como diz o Platão portuguez. (1) Porem vendo o pontifice que as suas admoestações eram inuteis quanto ao vexame do clero, Innocencio IV o depoz do throno pelo decreto, que anda inserto no livro 6 das Decretaes cap. 2. que principia *Grandi non immerito*, (2) substituindo em seu lugar por governador a seu irmão D. Affonso, conde de Bolonha, que então se achava no reino de França.

Chegou o infante regente novamente nomeado, e aceito por commum consentimento dos tres estados do reino, e vendo-se D. Sancho infelizmente deposto do governo, se valeu de seu primo elrei D. Fernando de Castella, o qual formando um exercito em seu favor, marchou contra Portugal; mas intimando-se aos generaes castelhanos as censuras, e decretos pontificios contra os que embaraçassem a regencia de D. Affonso, (3) desenganado D. Sancho da sua pertenção se recolheu a Toledo, onde entregue a obras pias, executou acções dignas de eternos elogios; porque não satisfeito de ter declarado a sua generosa virtude com a erecção de alguns templos em Portugal, mandou fazer a capella dos reis na Sé de Toledo, onde se mandou enterrar. Acabou finalmente cheio de desgostos, e merecimentos para alcançar a verdadeira coroa da eternidade feliz em 4 de Janeiro do anno de 1248, tendo quarenta e seis de idade, e vinte e cinco de governo.

D. Affonso III, 5.º *rei*

Era D. Affonso irmão segundo delrei D. Sancho, e havia casado no anno de 1235 em França com Matilde, condessa proprietaria de Bolonha, sendo chamado para governar Portugal pelos defeitos, que inventaram, ou criminaram a D. Sancho. Jurou primeiramente em França na presença de certos prelados portuguezes, que lá se achavam a 6 de setembro de 1245, alguns artigos pertencentes ao bom governo. No anno seguinte entrou no reino com intento de conquistar o Algarve, empreza, que no anno de 1250 conseguiu quasi plenamente, (4) e em que se distinguiu muito o insigne D. Payo Peres Correa, mestre da cavallaria de Santiago.

Como as conquistas de Portugal, e todas as mais terras de Hespanha occupadas pelos mouros eram sem limite, e ficavam no dominio d'aquelles principes christãss, que primeiro as ganhavam, intentou D.

(1) Sá de Mirand. cart. 5 est. 11. (2) Monarq. Lusit. l. 14. c. 25. (3) Monarq. Lusit. l. 14. c. 29. (4) Monarq. Lusit. liv. 45. c. 5.

Affonso depois de sujeitar o Algarve reduzir tambem a seu dominio algumas terras de Andaluzia, como com effeito subordinou as villas de Aroche, e Arecena, que ao depois passaram para o senhorio de Castella. (1)

Proseguia D. Affonso com tranquillidade no seu governo, estabelecendo leis mui uteis para o bom regimen; (2) porem no meio de tanta paz elle mesmo se constituiu causa de um geral escandalo, e perturbação do reino com o repudio, que fez de sua legitima esposa a condessa Matilde, casando segunda vez com D. Brites, filha bastarda delrei D. Affonso Sabio de Castella no anno de 1253, motivo de haver tanto disturbio com as censuras ecclesiasticas, que opprimiram o povo, e não tiveram fim, senão com a morte da condessa sua primeira mulher. Então pedindo os bispos de Portugal ao pontifice quizesse dispensar com elrei no segundo matrimonio, tudo concedeu o papa Urbano IV, e ficou o reino aliviado dos terriveis effeitos d'aquella regia contumacia. (3)

Alguns escritores se enganaram (4) em dizer que o reino do Algarve fôra dado em dote a D. Affonso III e tal não foi, como doutissimamente provam D. Joseph Barbosa, e outros. (5) porque só consta que os reis de Castella eram usufructuarios do Algarve desde o anno 1253 até o de 1264, em que se commutou em cincoenta lanças, com que Portugal havia de ajudar a Castella em caso de necessidade. Depois no anno de 1267 se tirou esta pensão em agradecimento de um grande soccorro, que o infante D. Diniz levou a D. Affonso o Sabio contra os mouros.

Vendo-se elrei desassombrado das guerras, e censuras pontificias, tornou a metter o reino em novas oppressões com o mau tratamento, que dava ao sacerdocio portuguez. Os prelados, querendo defender o seu respeito, queixaram-se ao papa, que então era Clemente IV, o qual reprehendendo-o, e continuando as violencias no estado ecclesiastico, continuaram tambem os pontifices successores Gregorio X, e João XX, ou XXI com repetidas censuras, a que finalmente elrei mostrou querer obedecer, e sujeitar-se ás determinações do papa. (6)

Não obstante esta contumacia, pela qual talvez nosso poeta (7) equivocadamente lhe chamasse Bravo, foi elrei D. Affonso de notavel governo: adiantou o commercio, reedificou muitos lugares do reino, fundou alguns conventos, como o de S. Domingos de Lisboa, o de Elvas, e Santa Clara de Santarem. (8) Alimpou o reino de facinorosos, estabeleceu feiras publicas, e morreu em Lisboa a 16 de Fevereiro de

(1) Mon.Lus.cap. 12. (2) Ibid.cap. 13. (3) Cunha Catalog.dos bispos de Port. part. 2. c. 12. Monarq. Lusit. l. 16. c. 10. (4) Barbud. Emprezas Militar. p. 12. e outros. (5) Barbos. Catal. das rainh. pag. 61. e seqq. Brand. na 4. part. da Monarq. Lusit. e liv. 16. cap. 41. Lim. Geogr. Histor. tom. 2. p. 288. et seq. Far. Epitom. part. 4. cap. 8. (6) Far. na Europ. Port. tom. 2. part. 2. c. i. n. 22. (7) Cam. cant. 3. est. 94. (8) Esperanç. Histor. Serafic. p. i. l. 5. c. 11. Monarq. Lusit. l. 15. c. 47.

1279 com trinta e dois annos de reinado, e sessenta e nove de vida. Foi depositado seu corpo no convento de S. Domingos de Lisboa, e d'aqui se trasladou para o de Alcobaça no anno de 1289, onde agora jaz.

D. Diniz, 6.º rei

Nasceu em Lisboa a 9 de Outubro do anno 1261. Conferiu-lhe o sacramento do bautismo o bispo do Porto D. Vicente Mendes, e foi seu padrinho D. Egas Lourenço da Cunha, um dos principaes cavalheiros d'esta nobilissima familia, e privado delrei D. Affonso III. Teve por aios a Lourenço Gonçalves Magro, neto do grande Egas Moniz, e a Nuno Martins de Chacim, que ambos concorreram para pulirem o precioso, e regio animo de D. Diniz, unidos com os desvelos de seu mestre D. Aymerico, que depois foi bispo de Coimbra. (1)

A primeira acção notavel de D. Diniz, sendo ainda menino de quatro annos e meio, foi quando seu pai elrei D. Affonso III o mandou a Sevilha com um poderoso exercito soccorrer a elrei de Castella seu avô (2) contra os mouros africanos, que invadiram no anno 1266 a Hespanha, e correndo o de 1279 em 16 de Fevereiro, dia, em que morreu D. Affonso III, foi acclamado rei com todas as ceremonias costumadas em Lisboa, tendo dezoito annos de idade menos oito mezes, e começando a governar em companhia da rainha sua mãi, não consentio muito tempo o novo rei esta coadjutoria, e assim a excluio com respeito, mas não sem magoa, e sentimento da rainha.

Constituido D. Diniz senhor do reino, principiou a visital-o, como era costume, sendo o Alemtejo a primeira provincia, que logrou esta honra da sua presença, da qual tambem participou a Beira, e Estremadura com a confirmação dos seus foros, e privilegios, fortificação das fronteiras, e boa administração da justiça, experimentando tambem as mesmas honras as outras comarcas do reino nos annos seguintes.

No de 1282, estando elrei em Trancoso, recebeu por sua mulher a rainha Santa Isabel em 24 de Junho, dia de S. João Bautista, e n'este mesmo anno compoz as controversias, que havia no estado ecclesiastico, e estabeleceu leis mui uteis para a republica, especialmente remediando a dilação nas demandas, e assinando modo facil para se processarem as causas, e que a justiça nos pobres tivesse mais segurança. Este cuidado experimentaram tambem as povoações, as quaes elrei melhorou, mudando algumas para sitios mais defensaveis, e accommodados, como foi Mirandella, e outros.

Uma das acções suas bem considerada, e que os historiadores louvam, foi revogar todas as doações inofficiosas, que tinha feito em dis-

(1) Monarq. Lusit. l. 16. c. 1. 2. e 3. (2) Ibid. c. 4.

pendio dos bens da coroa logo no principio do seu reinado, incorporando outra vez com melhor acordo, e conselho de pessoas doutas ao padroado real todas as terras, e fazendas, que inconsideravelmente doára; e costumava dizer, quando lhe fallavam n'esta materia: «Que justamente se tirava o que injustamente se concedera». (1) Passou esta lei em Coimbra a 26 de Dezembro de 1283, na qual revogação exceptuou unicamente o chanceller mór D. Domingos Annes Jardo, bispo de Evora, e Lisboa, pelos grandes serviços, que tinha feito ao reino.

Não causou pequenos cuidados a elrei D. Diniz o orgulho de seu irmão D. Affonso, porque andando com o projecto de lhe usurpar o reino, pois dizia que a elle lhe pertencia, por nascer depois que o papa revalidara o matrimonio de seu pai com a rainha D. Brites, e D. Diniz ter nascido antes, e por isso illegitimo, (2) com este motivo chegaram a pegar em armas, e D. Diniz cercando-o em Arronches apertadamente, o fez convir em composições, intervindo tambem na reconciliação dos dois irmãos a rainha Santa Isabel, e a rainha de Castella D. Maria, ajustando-se as pazes em Badajoz, onde tambem se acharam a nossa rainha D. Brites, e sua filha a infanta D. Branca aos 13 de Dezembro de 1287.

Alcançou D. Diniz do papa Nicolau IV no anno 1288 o poder separar-se a ordem militar de Santiago da sujeição dos mestres de Castella; e como era mui amante das letras, e que sabia cultival-as, instituio em Lisboa a primeira universidade, que houve no reino, por bulla do mesmo Nicolau IV, expedida em Roma a 13 de Agosto de 1290, (3) e continuando os estudos publicos em Lisboa com grande fructo, e acceitação, considerados todavia alguns inconvenientes, ordenou o mesmo rei que se transferisse para Coimbra no anno 1308.

Entre algumas leis notaveis, que fez promulgar, foi uma, em que prohibio as religiões herdarem bens de raiz, acudindo n'isto á eminente ruina do estado dos nobres, e mais povo, se continuassem as igrejas nas heranças, como bem adverte o chronista Brandão; (4) e porque esta limitação nos bens ecclesiasticos não fosse interpretada por acção menos pia, desmentiu o minimo conceito contra a sua generosidade, dispendendo na fabrica de templos, e erecção de conventos muito cabedal, bastando para prova da sua devota grandeza, e justificar-se de não desaffecto aos bens da igreja, a fundação do real mosteiro de S. Diniz de Odivellas no anno de 1295, e o de Santa Clara de Coimbra, e villa do Conde, dotados tambem em seu tempo, ainda que não foram estes dois participantes da sua liberalidade.

Foi elrei D. Diniz principe insigne em muitas virtudes, e em tres excedeu a todos os monarcas do seu tempo, na justiça, verdade, e libe-

(1) Monarq. Lusit. l. 16. c. 34. (2) Far. Europ. Port. tom. 2. p. 2. c. 2. n. 7. Monarq. Lusit. l. 16. c. 50. (3) Monarq. Lusit. l. 16. c. 72. e p. 320. Sousa tom. I. das Provas da Histor. Geneal. p. 74. (4) Monarq. Lusit. l. 17. c. 7.

ralidade. Pela primeira foi eleito juiz arbitro em companhia delrei de Aragão para sentenciar a causa delrei D. Fernando de Castella, e D. Affonso de Lacerda sobre a coroa de Castella, e Leão, em cuja causa deu sentença na cidade de Tarragona de Aragão sem queixa de nenhuma das partes, e compoz outras differenças, que havia entre os reis de Castella e Aragão.

A sua liberalidade foi tanta, que a D. Fernando, um dos mesmos dois reis, pedindo-lhe grande somma de dinheiro emprestado, D. Diniz lh'o deu gratuitamente com grande magnificencia, e ainda mais do que pedia, porque lhe deu um milhão de escudos, e uma copa de uma finissima esmeralda, que se avaliou em onze mil e tantos cruzados, (1) e não houve cavalheiro de ambos os reinos, que d'elle não alcançasse dadivas, e mercês grandiosas; e com tudo deixou, quando morreu, muita riqueza a seu filho sem offensa de seus vassallos.

Elle foi o primeiro, que introduzio no paço rezarem-se as horas canonicas, e ter para isso capella permanente. Instituio a ordem militar de Christo dos bens dos Templarios, que se extinguiram no seu tempo. Da agricultura teve um especial cuidado, d'onde obteve o cognome de Lavrador, aos quaes chamava nervos da republica, e por este augmento, e diligencia mereceu chamarem-lhe tambem Pai da patria. Teve desavenças com elrei D. Fernando de Castella, e entrou por seu reino com poderoso exercito, porem com casamentos serenou a guerra.

Em seus ultimos annos padeceu alguns desgostos com seu filho o infante D. Affonso, procedido da dura condição do infante, e inveja, que tinha dos favores, que elrei fazia a D. Affonso Sanches, seu meio irmão. Houve guerras civis com grande disturbio do reino, e cessaram com as supplicas da rainha Santa Isabel, e de S. Raimundo. Morreu emfim este glorioso rei em Santarem a 7 de Janeiro de 1325, tendo vivido sessenta e tres annos, e tres mezes, reinado quarenta e cinco, dez mezes, e vinte dias. (2) Jaz seu corpo no insigne mosteiro de Odivellas em soberbo mausoleu.

D. Affonso IV, 7.º rei

Começou a empunhar o cetro elrei D. Affonso IV desde 7 de Janeiro de 1325 em idade de trinta e tres annos, e onze mezes, menos um dia, contados desde 8 de Fevereiro de 1291 de seu nascimento em Coimbra, conforme a exactissima, e verdadeira chronologia do academico Francisco Leitão Ferreira. (3) Desde a primeira idade mostrou o aspero natural, de que era dotado. Casou em Maio de 1309 (4) com a se-

(1) Far. Europ. tom. 2. p. 2. cap 2. n. 20. Monarq. l. 18. c. 2. Barbud Emprez. Milit. p. 17. vers. (2) Leit. Ferr. Notic. Chron. da Univ. de Coimb. n. 310. (3) Ibid. num. 312. (4) Monarq. Lusit. t. 7. l. 3. c. 3. n. 1.

nhora D. Brites, filha delrei D. Sancho o IV de Castella, e em Lisboa se celebraram os desposorios com grande fausto e pompa.

Com o novo estado, que o fez separar de casa, e governo, foi dando entrada a muitas occasiões de o perverterem homens estragados, fazendo capricho de os amparar; e dando-se todo ao exercicio da caça, tomava por occupação o que só devia ser divertimento, e este excesso lhe causou alguns desgostos. Como o animo, e condição delrei era aspero, de fórma que por elle grangeou o epitheto de Bravo, emprendeu acções arduas, e teve grandes discordias com seu pai, e seu sobrinho D. Affonso rei de Castella, com bastante damno de ambos os reinos. (1)

Todavia estas desavenças não foram sufficientes para deixar de ajudar com sua pessoa, e vassallos a elrei seu genro na famosa batalha do Salado contra Ali-Poacem, rei de Marrocos, e elrei de Granada, cujos exercitos rompeu, desbaratou, e venceu com grande credito do valor portuguez em 30 de Outubro de 1340. (2) Fez por duas vezes mudar os estudos geraes, que seu pai instituiu; a primeira de Coimbra para Lisboa no anno de 1338, a segunda de Lisboa para Coimbra no de 1354, (3) concedendo-lhe, e ampliando-lhe varios privilegios.

Obrou algumas acções de piedade regia, como foi o edificio da Sé com erecção de capellas, e renda fixa para os capellães cantarem; hospitaes, e outras acções pias. O que lhe causou maior affronta na sua memoria, foi alem das discordias, e desobediencia, que temos dito, o consentir que no anno 1355 tirassem a vida com tanta crueldade á formosa D. Ignez de Castro, que clandestinamente estava casada com o principe D. Pedro seu filho. Falleceu na cidade de Lisboa em 28 de Maio de 1357 com sessenta e seis annos de vida, tres mezes, e vinte dias, e de reinado trinta e dois annos, quatro mezes, e vinte e um dias. Jaz na basilica de Santa Maria, que foi a antiga metropole de Lisboa, da parte do Evangelho, e na capella mór. (4)

D. Pedro I, 8.º rei

O dia do nascimento delrei D. Pedro I é calculado com muita variedade pelos nossos escriptores. O diligentissimo academico Francisco Leitão Ferreira depois de referir todas as opiniões, que ha n'este ponto, conclue, e assigna por mais certo o dia 18 de Abril na antemanhã de uma sexta feira em o anno do Senhor 1320. (5) Tanto que este monarca tomou posse do governo, que foi a 28 de Maio de 1357, tendo então de idade trinta e sete annos, um mez, e nove dias, cuidou logo em se vingar dos que foram cumplices na morte de D. Ignez. Tinham elles

(1) Ruy de Pin. Chron. c. 5. (2) Sousa, Hist. Geneal. t. I. p. 606. (3) Leit. Ferr. Notic. Chron. n. 321. e 333. (4) Monarq. Lusit. part. 7. liv. 10. c. 22. e 23. (5) Leit. Ferr. Notic. Chron. da Univ. de Coimb. n. 404.

fugido para Castella, e como em Portugal andavam tambem refugiados tres hespanhoes facinorosos, contratou elrei com o de Castella que lh'os entregaria, com condição de lhe dar a Alvaro Gonçalves, Meirinho Mór, Pedro Coelho, e Diogo Lopes Pacheco, que eram os aggressores d'aquella innocente morte.

Fez-se o contrato com grande escandalo, porque dizem que elle havia promettido com juramento a elrei seu pai de perdoar aos executores da morte de D. Ignez. Na villa de Santarem se poz por obra a vingança, e D. Pedro mandando justiçar a dois, (porque Diogo Lopes salvou-se a beneficio de um pobre, que o avisou antes de prenderem os outros,) com fera, e terrivel execução lhes mandou tirar os corações a um pelas costas, a outro pelos peitos, e depois queimal-os. (1) Parece que este excesso, com que castigava os delictos, lhe adquiriu o epitheto de Justiceiro, que o vulgo com menos respeito, e mais ignorancia mudou para o cognome de Cruel, de que os deixou desenganados o Platão portuguez Sá de Miranda, quando disse d'elle: (2)

Pedro, que amores teve com a justiça
Real, e não cruel inclinação.

Socegada a indignação delrei, passou a mostrar ao reino com toda a legalidade como D. Ignez de Castro tinha sido sua legitima mulher, fazendo depois de morta que a reconhecessem como rainha, e ordenando-lhe umas honras funebres nunca até aquelle tempo vistas com tanto apparato, e pompa. Como era tão amante da justiça, fez leis para a boa administração d'ella, que com temor, e reverencia se observava, administrando-a elle muitas vezes, como se fôra particular ministro. Ordenou que não houvesse letrados, que advogassem, e assim evitou as dilações, que costuma haver nos litigios por causa d'elles.

Admiram-se com razão os nossos chronistas, quando caracterisam o genio delrei D. Pedro; porque sendo por uma parte mui severo, por outra era mui affavel, amigo de festas, e alegrias; mui liberal, de fórma que lhe parecia dia perdido aquelle, em que não fazia mercês: e unidas estas boas qualidades com a paz, que conservou no seu reinado, soube infundir em seus vassallos um tal amor, que depois da sua morte diziam, que taes dez annos, como os de seu governo, nem os tinha visto Portugal, nem esperava de os tornar a ver. Achando-se na villa de Estremoz, falleceu aos 18 de Janeiro de 1367 em uma segunda feira pela madrugada. Viveu quarenta e seis annos, e nove mezes justos; reinou nove annos, sete mezes, e vinte e um dias. Está sepultado em Alcobaça junto de sua amada esposa a rainha D. Ignez de Castro.

(1) Nunes de Leão Chron. delrei D. Pedro f. 179. (2) Sá Elegia á morte do principe D. João p. mihi 277. Vide Barbud. nas Emprez Milit. p. 23.

D. Fernando 9.º rei

Em uma segunda feira, que se contavam 31 de Outubro de 1345, vespera de todos os Santos, nasceu em Coimbra elrei D. Fernando, conforme a chronologia mais bem averiguada. (1) A natureza o dotou de tão gentil, e regia presença, que ainda disfarçado entre muitos era logo conhecido como rei pela magestade da pessoa. (2) O genio, e condição era mui suave, e branda: frouxo, e remisso lhe chamou Camões, (3) e totalmente diverso do rigor delrei D. Pedro. Esta brandura ajudada com o assenso, que deu a validos, o fizeram arruinar, e correr quasi a mesma fortuna delrei D. Sancho II.

Subio ao throno em o mesmo dia, que falleceu seu pai, contando vinte e dois annos de idade, e começando a governar o mais rico, e opulento rei, que até alli conheceu Portugal, pelos grandes thesouros, que tinham junto seu pai e avós. (4) Cuidou logo em reedificar as fortificações do reino, e guarnecer as praças com o preciso, fazendo mercês com profusa liberalidade.

Mal aconselhado intentou a conquista de Castella por morte de D. Pedro o Cruel, tendo por injusto possuidor a elrei D. Henrique, como bastardo, e fratricida, e pertendendo D. Fernando aquella coroa como bisneto delrei D. Sancho. Para esta guerra fez liga com elrei de Granada, e tambem com elrei D. Pedro de Aragão, a quem pediu sua filha D. Leonor por mulher; e durando algum tempo a guerra com mortes, e damnos de parte a parte, veio a cessar por intervenção do papa Gregorio XI, fazendo-se o tratado de paz com Castella na cidade de Evora no ultimo de Março de 1371. (5)

Esquecido elrei de uma tão ratificada promessa, rendendo-se ao forte amor de D. Leonor Telles de Menezes, mulher de João Lourenço da Cunha, senhor de Pombeiro, tão cegamente se namorou d'ella, que buscando pretextos para lhe annullar o matrimonio, a usurpou, e recebeo por mulher propria, atropelando todos os inconvenientes, e não fazendo apreço da murmuração do povo amotinado. (6) João Lourenço da Cunha se passou para Castella, e de lá se oppoz quanto poude a elrei, já militando nas tropas inimigas, já intentando dar-lhe peçonha, por cujos crimes lhe foram confiscados seus bens, que tinha n'este reino.

Recebido elrei D. Fernando, e vendo o de Castella a falta da sua palavra, o repudio, que havia tambem feito da sua filha, e a infracção da paz, porque novamente aliado com o duque de Lencastro, filho delrei Duarte III de Inglaterra, que por ser casado com D. Constança, filha delrei D. Pedro o Cruel, se intitulava rei de Castella, e pertendia a coroa, por todos estes motivos estimulado elrei D. Henrique, delrei D.

(1) Ferreir. Notic. Chronolog. de Coimb. n. 495 e seqq. (2) Fern. Lop. Chron. c. 2. (3) Cam. Lusiad. cant. 3. est. 138. (4) Monarq. Lusit. tom. 8. l. 22. c. 6. (5) Nunes de Leão na Chron. d'este rei. (6) Monarq. Lusit. t. 8. l. 22. c. 21.

Fernando, ao mesmo tempo que esperava d'elle satisfação, entrou por Portugal com grande exercito, dizendo, que não embainharia a espada, sem que vingasse primeiro os aggravos recebidos.

Chegou até Lisboa, deixando primeiramente devastadas muitas povoações da provincia da Beira com igual ruina, e estrago dos moradores de tal fórma, que, como bem diz Camões, (1) esteve perto de destruir-se o reino totalmente. Elrei de Castella se alojou no convento de S. Francisco, e a cidade, e seus habitadores padeceram tanta oppressão, que já como desesperados pozeram fogo a parte d'ella, e os castelhanos ajudaram a executar, e augmentar o incendio. (2) Achava-se elrei D. Fernando n'este tempo na villa de Santarem mui socegadamente, vendo correr para Lisboa as bandeiras inimigas, e subir ao ceu o fumo, e as lavaredas de uma boa parte d'esta cidade queimada, e elle com tanto descuido, como diz Manoel de Faria, (3) sem dar providencia, ou remedio a tanta ruina, e insultos, que os castelhanos commettiam já com soberba descoberta por falta da opposição.

Quiz Deus que o papa Gregorio XI, que n'este tempo ainda residia com toda a curia romana em Avinhão de França, atalhasse com sua intervenção promptamente tantas hostilidades, expedindo para ajustamento de pazes ao cardeal de Santa Rufina Guido de Monforte, que fez a composição entre elrei Henrique de Castella, e o nosso D. Fernando pacificamente aos 19 de Março de 1373, avistando-se ambos os monarcas no meio do Tejo defronte de Santarem com grande, e vistosa comitiva de pequenas embarcações, e jurando nas mãos do cardeal legado a observancia dos artigos das pazes, e o ajuste dos casamentos da irmã, e filha de D. Fernando. (4)

Toda a frouxidão, e infelicidade, que elrei tinha nas emprezas militares, emendou no governo da paz, executando acções mui benemeritas de o constituirem por este lado glorioso. Mandou cercar de novos muros muitas cidades, e villas: os de Lisboa, que principiando-se no ultimo de Setembro de 1373, se viram de todo acabados no mez de Julho de 1375. Santarem, Obidos, Ponte de Lima, Vianna, Almada, Torres Vedras, Leiria, Almeida, com outros muitos castellos, e fortificações por todas as comarcas do reino. Promulgou tambem leis mui uteis; e para que houvesse mais letrados, tornou a mudar a universidade de Coimbra para Lisboa no anno de 1377, em razão de que alguns lentes, que mandára vir de reinos estrangeiros, não queriam ler senão em Lisboa. (5) Inventou novos arbitrios sobre a utilidade do commercio, (6) e fez varias mercês com liberalidade regia.

Porem novamente inquieto, renovando a liga com Inglaterra, e

(1) Cam. cant. 3. est. 138. (2) Monarq. Lusitan. t. 8. l. 22. c. 24. Barbud. Emprez. Militar. p. 32 (3) Far. no Comm. da est. 138. do cant. 3. de Cam. (4) Monarq. Lusit. p. 8. l. 22. c 26. (5) Notic. Chron. da Univ. de Coimb. n. 438.
(6) Monarq. Lusit. part. 8. p. 211.

rompendo a paz, continuou a guerra contra Castella no anno 1381, e padeceu Portugal tanto damno dos amigos inglezes, como dos inimigos castelhanos, (1) concluindo-se finalmente com o casamento de D. Brites, filha delrei D. Fernando, com elrei de Castella D. João I, que se effeituou no anno 1383, e n'este mesmo anno falleceu elrei na cidade de Lisboa nos paços do Limoeiro aos 22 de Outubro, tendo de idade trinta e oito annos, menos nove dias, e de governo dezaseis annos, nove mezes, e quatro dias. Jaz no coro novo do convento de S. Francisco de Santarem.

D. João I 10.º *rei*

Com a morte delrei D. Fernando se originaram no reino grandes inquietações pela falta de principe legitimo, que succedesse na coroa. A maior parte dos portuguezes receiava muito que o reino fosse recahir no dominio dos castelhanos; e ainda que a rainha D. Leonor ficou por governadora, e regente de Portugal, em quanto sua filha D. Brites, que havia casado com elrei de Castella, não tinha filho capaz de empunhar o cetro, ella usando de toda a jurisdicção, e poder, mandou acclamar, ainda que infaustamente, em algumas cidades, e villas do nosso reino a elrei de Castella, e sua mulher por legitimos successores. (2)

Por esta causa se fez a todos odiosa a rainha, e muito mais pela grande attenção, que ella dava ao conde de Ourem João Fernandes Andeiro, seu escudeiro, escandaloso valido, por cujas mãos corriam todos os negocios, não sem murmuração do povo, e inveja dos grandes, os quaes julgando o valimento culpa, e os grandes favores, que a rainha fazia ao conde, infamia da magestade, induziram ao infante D. João, mestre de Aviz, irmão do rei defunto D. Fernando, e filho natural delrei D. Pedro, que havia nascido em Lisboa aos 11 de Abril de 1357, a que obviasse as fatalidades, tropeços, e perigos, em que se via titubear a monarquia, matando ao conde João Fernandes Andeiro, pedra de tanto escandalo, como com effeito executou o infante dentro dos proprios paços da rainha, (que hoje servem de Limoeiro) em 6 de Dezembro de 1383. (3)

Executou-se esta fatal acção com grande alvoroço, e contentamento do povo, o qual estava tão affeiçoado ao infante mestre de Aviz, que

(1) Monarq. Lusit. part. 8. l. 22. c. 47. (2) Idem ibid. l. 23. c. 4. Pufendorf, Introduct. a la Histoir. tom. i. c. 3. p. 128 (3) Fern. Lop. Chron. d'este rei c. 14. Monarq. Lusit. part. 8. p. 460. Silv, Memor. delrei D. João i. t. i. p. 116. Quanto ao dia, mez, e anno natalicio delrei D. João i ha muita variedade entre os chronistas: ninguem investigou melhor este ponto que o academico Francisco Leitão Ferreira nas eruditas Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra desde o n. 623. para diante, o qual assenta, seguindo a Fernão Lopes, que o mestre de Aviz nascera aos 15 de Abril de 1358; porém nós seguimos a opinião commummente recebida, e approvada pelo academico Joseph Soares da Silva t. i. p. 64. das Memor. d'este rei.

publicamente, e com grandes vivas o declarou defensor, e governador do reino em 16 de Dezembro do mesmo anno de 1383. Este honroso emprego começou a exercer o infante com muita felicidade, sem embargo de ter contra si a maior parte da nobreza, que toda estava pela rainha, e o grande poder de Castella, o qual intentando opprimir a liberdade do nosso reino, entrando com violencia pelas suas fronteiras, e pondo sitio a Lisboa por mar, e por terra, foi obrigado a se retirar sem fazer nada depois de perder bastante gente. (1)

Com esta retirada dos castelhanos, e conseguindo os portuguezes algumas victorias, em que teve grande parte o invencivel valor do famoso heroe Nuno Alvares Pereira, estando na cidade de Coimbra o infante regente D. João mestre de Aviz, foi em acto de côrtes acclamado rei de Portugal em uma quinta feira, que se contavam 6 de Abril de 1385 pelas nove horas da manhã, (2) tendo então de idade o novo rei vinte e sete annos, menos cinco dias, conforme o calculo de alguns, (3) ou vinte e oito, conforme outros, (4) ou, o que temos por mais certo, vinte e sete annos, onze mezes, e vinte e seis dias, concorrendo tambem muito para esta acclamação o talento do insigne jurisconsulto João das Regras com as efficazes razões, que allegou n'este caso. (5)

Depois de tão gloriosa exaltação, occupado elrei com maiores cuidados da guerra, e de segurar na cabeça a coroa, distribuindo primeiro algumas mercês pelos benemeritos, passou o seu valor a occupar aquellas praças fortes, que conservavam o partido de Castella, reduzindo-as á sua antiga obediencia; e, ainda que elrei de Castella continuando os seus projectos veio atacar Portugal com um formidavel exercito, o novo rei lhe desfez inteiramente as forças na celebre, e grande batalha de Aljubarrota, em que triumfou de mais de oitenta mil homens, sendo os nossos em numero tão desproporcionado, que por isso ajudaram a augmentar no mundo a fama de victoria tão celebrada, e gloriosa em todas as memorias, (6) e succedida a 14 de Agosto de 1385, vespera da Assumpção gloriosa da Senhora.

Na cidade do Porto, e em 2 de Fevereiro de 1387 se recebeu com a senhora D. Filippa, filha do duque de Lencastre em Inglaterra, e com esta alliança poude recuperar todas as povoações, e praças, que nos tinha usurpado elrei de Castella, com o qual ajustando o duque um tratado de paz, houve tambem entre nós, e os castelhanos uma suspensão de armas, que interrompida depois com alguns successos, se veio finalmente a segurar a paz no anno 1399 entre os dois reinos.

(1) Fr. Man. dos Sant. na 8. part. da Monarq. Lusit. l. 23. c. 19. (2) Notic. Chron da Univ. n. 534. (3) Soar. da Silv. nas Memor. delrei D. João I. liv. I. c. 42. n. 281. (4) Lim. Geog. Hist. t. I. (5) Monarq. Lus. part. 8. l. 23. c. 29. (6) Fern. Lop. Chron. delrei D. João I part. 2. c. 37. p. 91. Monarq. Lus. part. 8. l. 23. c. 40. Clede, Histoir. de Port. t. 3. l. 10. Pufendorf, Introduct. a la Histoir. t. I. c. 3. Teixeir. Vida de D. Nun. Alvar. Pereir. l. 3. n. 173. p. 359. Conde da Ericeira vida delrei D. João t. l. 2. p. 200. e liv. 3. p. 230. Sá Memor. Historic. do Carmo part. I. p. 82.

D'esta sorte restabelecida a tranquillidade em Portugal, se resolveu elrei ir pessoalmente expugnar Ceuta, cidade famosa de Africa, para cuja gloriosa facção mandou compôr uma armada de duzentas e vinte velas, que com grande estrago dos mouros, e credito da nação portugueza conseguio por augmento da fé o fim de tão santa idêa dentro de um dia, que foi 21 de Agosto de 1415, accrescentando depois aos titulos de rei de Portugal, e do Algarve o de senhor de Ceuta. (1)

Para evitar a confusão, que havia em contar os annos, pondo-se muitas vezes a era de Cesar juntamente com o anno de Christo, de que resultavam embaraços, e duvidas nos documentos, e escrituras publicas, mandou esquecer, e supprimir aquella antiga, e praticada computação da era de Cesar, e que se usasse em todas as escrituras calendar o anno pela epoca do nascimento de Christo Senhor nosso, passando para isto uma lei escripta em 22 de Agosto de 1420, (2) que parece só teve pleno effeito do anno de 1422 por diante, conforme o dão a entender quasi todos os escriptores. (3) N'isto imitou o exemplo delrei D. João I de Castella, que tambem havia seguido o delrei de Aragão, como dizem Yañes, e o erudito Gerardo Casteel na Controversia I.

Continuando elrei na boa administração da Justiça, dando com igualdade o premio, e o castigo a quem o merecia, promulgou leis mui uteis, e mandou observar as que havia feito em lingua vulgar o celebre João das Regras. (4) Para testemunhas da sua grande devoção sublimou á dignidade metropolitana a cathedral de Lisboa por bulla, que o papa Bonifacio IX passou á sua instancia em 10 de Novembro de 1394, (5) servindo de iguaes monumentos da sua piedade a erecção de edificios sacros, como foi o regio convento da Batalha, o mosteiro de Penha-Longa da ordem de S. Jeronymo, o de S. Francisco de Leiria, o de Santa Clara do Porto, o da Carnota junto de Alemquer, a insigne igreja de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães, a igreja de Nossa Senhora da Escada junto á de S. Domingos de Lisboa, e outras muitas fundações, para que concorreu com magnifica generosidade, admittindo tambem no reino os conegos seculares de S. João Evangelista, chamados commummente os Loyos. (6)

Alem de obras tão santas fez outras, ainda que profanas, magestosas, e taes foram os palacios de Lisboa, Santarem, Cintra, e Almeirim. Instituiu o tribunal da Relação, e fez outras doações, e mercês, que depois revogou não sem escandalo. (7) Finalmente no dia 14 de Agosto de 1433, a tempo que a terra padecia um tenebroso eclypse do sol,

(1) Soar. da Silv. Memor. delrei D. João I p. 1505. Leit. Ferr. Notic. Chron. n. 733.
(2) Sous. t. I. das Prov. da Hist. Geneal. n. 5. (3) Sous. Hist. Geneal. t. 2 p. 23. Far. Europ. Port. t. 2 part. 3. c. I. Mariz, Dialog. 4. Silv. Memor. delrei D. João I tom. 4. docum. 19. p. 140. Argot. Mem. de Brag. t. 3. p. 36. (4) Soar. da Silv. allegado p. 267.
(5) Sous. allegad. t. 2. p. 24. (6) Soar. da Silv. Mem. delrei D. João I l. 2. c. 104. 105. (7) Anno Hist. t. 2. 14 de Agost. Teixeir. Vida do condestav. p. .89.

exhalou o espirito, deixando de si feliz memoria, e tendo vivido setenta e seis annos, quatro mezes, e tres dias, e reinado quarenta e oito annos, quatro mezes, e oito dias. (1) Foi seu corpo depositado na igreja da Sé, onde esteve dois mezes, e dez dias, e a 25 de Outubro foi transferido com pompa magestosa em um carro triunfal até o convento da Batalha, onde jaz em sumptuosa sepultura, que elegantemente descreve fr. Luiz de Sousa. (2)

D. Duarte 11.º rei

Era o senhor D. Duarte filho terceiro delrei D. João I, e havia nascido em Viseu a 31 de Outubro de 1391. Os dotes naturaes, e adquiridos foram n'elle tão excellentes, como mal logrados. Foi destrissimo, e singular no exercicio nobre de andar a cavallo; mui eloquente, e vigilante da religião christãa; grande favorecedor dos homens doutos, como particular professor, e amante das doas letras, em cujo estudo se aproveitou de modo, que podera ser mestre. D'elle existem alguns tratados, e fragmentos, irrefragaveis provas do seu juizo, e sciencia. (3)

Succedeu a elrei seu pai, tendo de idade quarenta e um annos, nove mezes, e quatorze dias, (4) e foi acclamado aos 15 de Agosto de 1433 nos paços do castello de Lisboa. Havia casado a 22 de Setembro de 1428 com a rainha D. Leonor, infanta de Aragão; e subindo agora ao throno, começou a governar com tanta prudencia, que se dizia d'elle (talvez por influxo de lisonja) entendia melhor a arte de reinar, que elrei seu pai. (5) Mandou reduzir a um só tomo todas as leis, que andavam dispersas, para facilitar a sua lição: promulgou tambem leis contra o luxo, embaraçando os excessivos gastos dos grandes, aos quaes ordenou fossem residir nas suas terras para os livrar da assistencia da corte, que os obrigava a empenhos, (6) excepto aquelles fidalgos, que por turno lhe haviam de assistir por obrigação de seus cargos.

N'este monarca não houve que desejar senão melhor fortuna, porque os unicos cincos annos que reinou, foram todos cheios de desgraças; e bastava para fazer infausto o tempo do seu reinado o cativeiro do infante D. Fernando seu irmão; porque emprendendo os infantes D. Henrique, e D. Fernando conquistar aos mouros a cidade de Tangere, e ficando vencidos, e prisioneiros no anno de 1437, para salvarem as vidas, prometteram aos mouros entregar-lhe Ceuta, de cuja palavra ficou em refens dos mais o infante D. Fernando; porem como os conse-

(1) Soar. da Silv. Mem. delrei D. João I t. I. c. 53. p. 270. (2) Sous. na Hist. de S. Doming. part. I. f. 330. (3) D. Anton. Caetán. de Sousa no tom. I. das Prov. p. 529. (4) Fern. Lop. Chron. delrei. D. João I part. 2. p. 323. col. I. (5) Cled. Hist. de Portug. t. 3. p. 203. (6) Far. t. 2. da Europ. part. 3. c. 2. n. 7. Cled. Hist. de Portug. t. 3. p. 205.

lheiros de Portugal foram de parecer, que não convinha entregar todo um povo christão ao furor dos barbaros pela liberdade de um só homem, de cujo accordo dizem que tambem fôra o papa, e o mesmo infante generoso, (1) determinou-se em côrtes, que para isso fez convocar em Leiria elrei D. Duarte, ficasse o infante no cativeiro, onde morreu depois de fallecer o mesmo rei, que todavia no seu testamento mandava se resgatasse o infante seu irmão por todo o dinheiro, e ainda a troco da mesma cidade de Ceuta. (2)

Mons. de la Cled (3) accrescenta, que el-rei D. Duarte sem embargo do que determinaram as cortes, excitado do affecto de seu irmão cativo, e da justa paixão de se vingar dos barbaros, com o desejo de sejo de procurar tambem a liberdade dos portuguezes, que os infieis retinham em suas infames prizões, mandara pedir ao Papa uma nova Bulla da Cruzada, que se publicou pelas provincias do reino, e ajuntando tropas, e apparelhando náos para a expedição d'esta grande interpreza, foram todos os preparos inuteis por causa da peste, que sobreveio ao reino, occupando-o de lamentavel consternação, como bem o descreve Vasco Mousinho no canto 5 do seu admiravel poema; pois derrubando todas as idéas d'el-rei, o obrigou a andar vogando de villa em villa, não só para consolar os povos em aperto semelhante com a sua presença, mas para evitar aquelle contagio; até que achando-se na villa de Thomar, e abrindo uma carta, que vinha inficionada da corrupção venenosa, poz fim aos dias de sua vida afflicta aos 9 de Setembro de 1438, tendo vivido quarenta e seis annos, dez mezes, e nove dias, e reinado cinco annos, e vinte e seis dias. (4) Jaz no convento da Batalha.

D. Affonso V, 12.º rei

Havia nascido o principe D. Affonso nos paços de Cintra aos 15 de Janeiro de 1432, e quando morreu seu pai el-rei D. Duarte, contava seis annos, sete mezes e vinte e cinco dias, e d'esta idade foi acclamado logo herdeiro da coroa na villa de Thomar; porêm o governo ficou á disposição da rainha dona Leonor sua mãi, e tutora com a assistencia do infante D. Pedro, irmão d'el-rei D. Duarte, com o titulo de defensor do reino, da qual regencia foi depois a rainha exclusa, e o governo entregue ao infante D. Pedro, de que se originaram tantas perturbações, e de que existem memorias tão lastimosas. (5)

Continuava o infante o manejo dos negocios, e regencia do reino com applauso commum, quando fazendo quatorze annos el-rei, e sendo preciso entregar-se-lhes o cetro, seu tio regente o fez com a solemni-

(1) Cled. Hist. de Port. t. 3. p. 233. (2) Duart. Nun. de Leão c. 18. Soar. da Silv. Mem. delrei D. João i p. 494. (3) Cled. Hist. de Port. t. 3. p. 233. (4) Not. Chron. da Univ. de Coimb. n. 750. (5) Far. na Europ. Port. t. 2. part. 3. c. 3. n. 14. et seqq.

dade de cortes no anno 1446, e el-rei lhe agradeceu muito o bem, que o servira, de cujos louvores existe uma carta delrei escrita ao infante cheia de grandes, e honrosas expressões, (1) encommendando-lhe, aca. bado o acto da entrega, que fosse continuando na mesma fórma, dimit. tindo de si totalmente o regimen, e ratificando o casamento, que tinha feito com a senhora dona Isabel, filha do mesmo infante D. Pedro.

Porém a inveja dos emulos fazia tão máos officios para arruinar a felicidade do infante, que lhe maquinou, e conseguiu a desgraça delrei, o qual intempestivamente passado um anno mandou dizer ao infante, que o dava por absoluto, e desobrigado da incumbencia do governo, que lhe encarregara. D'aqui procedeu recolher-se o infante ás suas terras, nas quaes, declarando elrei seu inimigo por crimes falsos, que imputaram ao infante, inconsideradamente o foi buscar com mão armada, e pondo-se o infante em defensa, foi morto em o sitio de Alfarrobeira a 20 de Maio de 1449. (2)

Desejando depois elrei expressar o seu animo zeloso da fé no convite, que o Papa Calixto III lhe propoz, e tambem a outros principes christãos de ir contra o turco, para o que mandou para este reino a Bulla da Cruzada no anno 1457, começou elrei a fazer para esta empre. za uns grandes preparos. Escusaeam-se os outros principes; porém el. rei não esfriando da santa idéa, transferiu a guerra para Africa, onde parece que a voz do justo D. Fernando ainda clamava vingança; e encaminhando primeiramente as proas de duzentas embarcações cheias de gente para as praias de Alcacer, o mesmo foi chegar, que vencer no anno de 1458 em Sabbado 30 de Setembro. Com a mesma felicidade ganhou a praça de Arzila em 24 de Agosto de 1471, e se lhe entregou a de Tangere, cujas gloriosas victorias lhe adquiriram a antonomasia de Africano, e aos titulos da sua grandeza accrescentou elle o *daquem, e dalem mar em África*.

Morto el-rei de Castella Henrique IV que tinha sido casado com a rainha dona Joanna, irmã do nosso rei D. Affonso V lhe ficou uma unica filha, chamada dona Joanna, herdeira d'aquelle reino. Com ella se dispoz casar el-rei D. Affonso V. seu tio já neste tempo viuvo da senhora dona Isabel. Para isto passou a Castella com um exercito de vinte mil homens, porque assim o pediam as contradições, que sobre esta successão se levantaram, e em Placencia se desposou com sua sobrinha no anno de 1475. Os castelhanos, que disseram não era a senhora dona Joanna filha d'el-rei Henrique, e que por isso não lhe pertencia a herança da coroa, nomearam herdeira a dona Isabel, irmã d'el-rei Henrique, e a casaram com D. Fernando de Aragão.

D'aqui nasceram muitas calamidades em Castella, e Portugal; porque nosso rei D. Affonso, querendo defender o que era seu, como de

(1) Sous. t. I. das Prov. da Hist. Geneal. n. 17. (2) Ruy de Pin. Chron. delrei D. Affonso V c. 21. e 22.

sua sobrinha, e esposa, foi justamente demandar a D. Fernando de Aragão para litigarem este ponto em argumento de armas. Não o levou a ambição, como lhe attribue Camões. (1) mas sim rasão justificada, sem embargo de ficar desbaratado na batalha de Toro, em que o ajudou valerosamente seu filho o principe D. João.

Depois d'esta memoravel batalha succedida em Maio de 1476, passou el-rei logo a França no mez d'Agosto, onde se deteve até Outubro do seguinte anno de 1477; e vendo frustrada a negociação, a que lhe faltou el-rei Luiz XI com pouca fé, se resolveu el-rei D. Affonso a deixar o mundo, e ir peregrinando até Jerusalem. D'esta resolução deu parte a seu filho por uma carta, em que lhe ordenava se fizesse logo jurar rei de Portugal, que em cumprimento d'ella assim o fez em Santarem a 10 de Novembro do proprio anno. (2)

Teriam passado quatro dias depois d'esta solemnidade, quando sabendo o principe regente que seu pai tornava outra vez para Portugal, porque elrei de França lhe embaraçára politicamente a jornada, o foi buscar a Oeiras, e com solemne procissão entrou em Lisboa, e continuou a governar como de antes, sem o generoso principe se intrometer em cousa alguma, proseguindo D. Affonso em executar acções de liberalidade regia, e tantas, que affirmou um escriptor nosso (3) fôra entre os reis de Portugal o que fez maiores mercês a seus vassallos, assim de honra, como de fazenda; em tal modo, que dizia o principe seu filho, quando lhe succedeu: «Meu pai me deixou feito rei das estradas, e dos caminhos de Portugal;» porque quasi todos os logares e terras tinha dado.

O real genio d'este monarca tambem se deixava ver na grande propensão, e amor das sciencias, applicando-se aos estudos, e favorecendo aos estudiosos. Elle foi o primeiro, que no palacio de Evora ajuntou copiosa livraria, e o que determinou se escrevessem na lingna latina as historias portuguezas, mandando para este effeito vir de Italia a D. fr. Justo Baldino, religioso dominico, e insigne latino, (4) que morreu sem fazer cousa alguma por embaraços de molestia. Finalmente vendo elrei que os negocios das suas pertenções se não concluiam, e achando-se quasi obrigado a convir em um tratado de paz, que se publicou em Outubro de 1479, e com o justo sentimento de ver a senhora D. Joanna sua esposa com uma honesta violencia da parte de Castella obrigada a entrar em religião com o unico tratamento de excellente senhora, se retirou melancholico a Cintra, e alli, na mesma casa onde nascera, enfermou, e morreu aos 28 de Agosto de 1481, em uma terça feira, contando de idade quarenta e nove annos, sete mezes, e treze dias, e de

(1) Cam. cant. 4. est. 57. (2) Garc. de Resend. Chron delrei D. João II. c 16. e 17. Duart. Nun. Chron. delrei D. Affonso V. c. 62. (3) Far. no Comm. de Cam. cant. 4. est. 57. (4) Idem no Epitom. part. 3. c. 13. n. 24. Pint. Ribeir. no Trat. da Prefer. das letr. ás arm.

reinado quarenta e dois annos, onze mezes, e dezanove dias. (1) Jaz no mosteiro da Batalha na casa do capitulo.

D. João II, 13.º *rei*

Nasceu elrei D. João II na cidade de Lisboa nos paços da Alcaçova a 3 de Maio do anno 1455, e a 25 de Junho do mesmo anno foi jurado principe herdeiro do reino com todas as ceremonias costumadas. Teria quinze annos, quando na villa de Setubal a 22 de Janeiro de 1471 recebeu por esposa a senhora D. Leodor de Lancastre sua prima com irmã, e a 15 de Agosto acompanhou seu pai elrei D. Affonso na gloriosa conquista de Arzilla, onde obrou acções maiores que a sua idade promettia. (2)

Depois da morte de seu pai, achando-se em Cintra, e passados os tres dias de nojo, foi acclamado rei em 31 de Agosto do anno de 1481, e foi esta a segunda acclamação, que teve. Cuidou logo em dar cumprimento aos legados de seu pai, e applicando-se a conhecer as pessoas, que se sabiam distinguir pela sua capacidade, e talento, as honrava, e premiava de sorte, que se fez amar, e estimar de todos, especialmente do povo.

No principio de seu reinado aconteceram grandes desasocegos nascidos da altivez dos nobres, que saindo da brandura delrei D. Affonso, e dando na integridade do filho, mal sabiam viver em tão desconformes extremos, de que procederam conjurações contra elle, que severamente punio, e com grande excesso no duque de Bragança D. Fernando II mandando-o degollar na praça de Evora em 21 de Julho de 1483, tragedia reputada horrivel, como effeito da causa, cujas circumstancias não mereciam tanto rigor, (3) sendo na verdade o duque cavalheiro, conforme o juizo de todos, merecedor de melhor fortuna, como bem adverte o elegantissimo marquez de Alegrete. (4)

Foi elrei D. João principe de coração intrepido, como o deu a conhecer em varias occasiões; (5) de um engenho mui vivo, e desembaraçado, que nunca se deixou governar de outrem, parecendo-lhe que não merecia chamar-se rei aquelle, cuja vontade pendia de arbitrio alheio. Nunca tardou em fazer mercês, e remunerar serviços, e o que havia de dar, o dava logo, e muitas vezes sem lh'o pedirem, trazendo occultamente um livro com os nomes das pessoas benemeritas. As mesmas dadivas mandava destribuir por outras pessoas de outros reinos, que

(1) Garibay, Damião de Goes, Barbuda, Ferreras, e outros apud Leit. Ferr. Notic. Chron. da Uuiv. de Coimb. n. 861. (2) Garc. de Resend. na Vida d'este rei c. 5. (3) Zurit. Anal. l. 20. c. 44. Sous. Hist. Geneal. t. 5. l. 6. c. 7. p. 455. (4) Telles da Siv. de reb. gest. Joann. II. p. 92. «Sed in universum aestimanti sané fuit meliori facto dignus.»

(5) Garcia de Resend. na vida d'este rei c. 50. 76. e 146. Far. Europ. Port. t. 2. part. 3. c. 4, n. 98.

lhes serviam de promptas, e diligentes espias, ardil, que lhe grangeou a sciencia politica de muitos negocios, e segredos reconditos. (1)

Attendeu muito ao bem publico, e por conta d'esta conservação desfez muitos abusos, e fez com que se evitassem as casas de jogo, mandando queimar uma, onde concorria mais gente, em cuja acção deixou aos vindouros um exemplo mais digno de se imitar, que imitado. (2) Publicou tambem leis, em que prohibia todo o excesso de galas, e tudo o que podesse causar destruição na fazenda, e bons costumes do seu povo. Deu muitas provas da verdade, com que amava a religião christã: fez todo o excesso, para que os judeus, que se vieram refugiar em Portugal, se reduzissem á fé de Christo, obrando a generosa acção de lhes mandar dar embarcações para se irem os que não quizeram converter-se.

As fundações dos templos são tambem sufficiente prova da sua religião. Elle deu principio á magnifica igreja do hospital real de Lisboa, e lançou a primeira pedra nos alicerces do mosteiro de Jesus de Setubal, e deu nova casa ás commendadeiras de Santos no convento, onde hoje existem em Lisboa. Dispoz que na sua capella real se rezassem em coro as horas canonicas, estabelecendo rendas para isso. Aspirando á gloria de fama perduravel, descubriu com suas frotas o reino do Congo, e n'elle fundou igreja, onde se bautizou o rei com seus filhos, e bastante parte do povo. Abriu o caminho á navegação das Indias Orientaes, e sollicitou descubrir incansavelmente por mar, e por terra a costa de Africa até aquelle tormentoso cabo, a que chamou de Boa Esperança, pelas que se abriam do descubrimento da India.

Tão grandes brados tinha dado a fama das suas acções, que alguns principes estrangeiros vieram a Portugal de proposito sómente para o ver, porque sem duvida na liberalidade, na justiça, na piedade, na generosidade, e na religião foi singularissimo, recto, admiravel, pomposo, e catholico, e assim acabou com a fama de principe perfeito em 25 de Outubro de 1495 na villa de Alvor com suspeitas de lhe terem dado veneno. Viveu quarenta annos, cinco mezes, e vinte e dois dias: reinou quatorze annos, um mez, e vinte e cinco dias. Foi sepultado na sé de Silves, d'onde passados quatro annos, elrei D. Manoel lhe trasladou seu corpo para o convento da Batalha, onde se conserva incorrupto, sinal, que alguns pertendem attribuir aos que são predestinados. (3)

(1) Resend. c. 167. (2) Idem c.109. Sá de Mirand. cart.2.est. 39. Telles da Silv. de reb. gest. Joann II. p. 33. (3) Garcia de Resend. c. 211. e 213. Dam. de Goes Chron. delrei D. Manoel p. I. c. I. Fonsec. na Evora glor. p. 97.

D. Manoel, 14.º rei

Parece, como bem disse o nosso Homero, (1) que Deus tinha escolhido a elrei D. Manoel para ser monarca entre os de Portugal o mais venturoso. Logo no seu nascimento começou a experimentar o ceu propicio; porque achando-se na villa de Alcochete sua mãe a infanta D. Brites vencida das dores de parto, e com evidente perigo, quasi milagrosamente o deu á luz no mesmo ponto, que lhe passava pela porta o Santissimo Sacramento na procissão solemne do Corpo de Deus, por cuja mysteriosa causa se lhe impoz o nome de Manoel, e por cuja notavel circumstancia de festa, e procissão infere, e assigna judiciosamente o beneficiado Francisco Leitão Ferreira, (2) que o verdadeiro dia natalicio d'este monarca foi no primeiro de Junho de 1469, porque a letra dominical d'aquelle anno, que foi A, assim o insinua, prova irrefragavel, que convence a contraria opinião de todos os que collocaram este feliz nascimento no ultimo de Maio do mesmo anno.

Era D. Manoel duque de Beja, e de Viseu, filho do infante D. Fernando, e neto delrei D. Duarte; e com haver nascido sem esperança de reinar, succedeu no reino depois de ver como para conseguir esta felicidade lhe iam fazendo lugar com a morte algumas pessoas, a quem tocava a successão. Subio finalmente ao throno em 27 de Outubro de 1495, estando em Alcacer do Sal, d'onde veio logo a celebrar cortes na villa de Montemór o Novo, dando principio ao governo mais feliz, que vio o reino com a reforma, que fez dos ministros, e officiaes de justiça, e boa arrecadaçãe da fazenda. (3)

Como bom catholico se lembrou logo da obediencia á igreja, e assim despedio para Roma promptamente um embaixador, para dar noticia ao pontifice da sua investidura do reino de Portugal, mandando tambem pedir ao mesmo papa, que era Alexandre VI a impetra, para que os cavalleiros das ordens militares podessem casar, como com effeito lhes concedeu, (4) e com a mesma protecção augmentou a ordem de Christo em gloria, e renda.

Imitando o louvavel exemplo dos reis de Castella, mandou expulsar fóra do seu reino aos mouros, e judeus, excepto os que se quizeram converter á fé de Christo: (5) e logo em Outubro do anno 1497 recebeu por mulher a senhora D. Isabel, viuva do nosso principe D. Affonso, filho delrei D. João II, e ella filha dos reis catholicos D. Fernando e D. Isabel.

Se pertendessemos narrar todas as acções memoraveis deste monarca, fariamos um grande volume; sirva ao menos a expressão d'esta

(1) Cam. nas Lusiad. cant. 4. est. 66. (2) Leit. Ferr. Not. Chronol. n. 905. et seqq.
(3) Goes Chron. delrei D. Manoel part. I. c. 9. (4) Idem ibid. c. 17. Faria t. 2. da Europ. Port. part. 4. c. I. n. 10. Sous. Histor. Geneal. t. 3. p. 185. (5) Goes Chron. delrei D. Manoel p. I. c. 18. e 20.

impossibilidade, segundo a ligeireza do estylo, que guardamos, para provar a sua grandeza. O certo é, que na regencia delrei D. Manoel foi o reino de Portugal elevado ao maior grão do seu explendor. Então se viram quebrantadas as forças dos reis africanos: então se acabou de descubrir a navegação da India oriental, que elrei D. João II havia pre. meditado, sendo o inclyto heroe Vasco da Gama, o primeiro, que no anno de 1497 logrou a gloria de abordar as praias de Calecut, e introduzir o commercio das suas preciosas especiarias em Portugal, não obstante a grande resistencia, e embaraço, que a isso fizeram os venezianos. (1)

Accrescentou D. Manoel a seu imperio não pequena parte da Ethiopia, Persia, India, dentro e fóra do rio Ganges, o Brasil, e innumeraveis ilhas do oceano até alli incognitas. Sujeitou muitos reis: e estando tão apartados por tanto espaço de mar, e terra, os fez tributarios: outros se fizeram confederados e amigos. Venceu muitas vezes na India as armadas do Soldão de Babylonia, e de outros poderosissimos reis orientaes. Plantou a religião christã na Ethiopia, India, e outras partes do mundo ainda não allumiadas com a luz do Evangelho, favorecendo e amparando aos convertidos. Libertou o estado ecclesiastico de tributos, e pensões, e dos mesmos allivou aos mais vassallos, dando novos foraes ás terras, de que mandou formar cinco livros, que se conservam na Torre do Tombo.

Para maior augmento da sua felicidade se viu jurado rei de Castella em 28 de Abril de 1498, (2) cuja posse e titulo brevemente possuio pela intempestiva morte da rainha D. Isabel sua esposa, herdeira d'aquelle reino. Fundou templos, que podem competir com os melhores de Roma. (3) Fez nadar em ouro o reino, e quasi chover em Portugal perolas, e diamantes, em tal fórma, que se chamou idade de ouro a em que reinou D. Manoel, como bem mostra Manoel de Faria. (4) Agradecido aos continuados beneficios, com que Deos lhe dilatava o imperio, quiz religiosamente gratifical-os ao Senhor, mandando ao papa Leão X, então reinante, offerecer-lhe, e tributar-lhe como a vigario de Christo na terra, as primicias das riquezas da India, e Ethiopia. Para isso dispoz uma embaixada, que a 12 de Março de 1514 fez Tristão da Cunha com tanta magestade, pompa, e grandeza, que nunca se viu semelhante em Roma. (5) Em fim não houve prosperidade, que elle não abraçasse, parecendo ser d'isto auspicio a grandeza dos braços, que tinha maiores que nenhum outro homem. Tambem amparou as letras grandemente: (6) e cheio de tão heroicas acções fechou o giro de seus dias aos 13 de

(1) Pufendorf Introduct á la Histoir. t. 1. c. 3 (2) Far. Europ. Port. t. 2. part. 4. c. 1. n. 23. Sous. Hist. Geneal. t. 3. p. 226. (3) Goes part. 4. c. 85. (4) Far. no cant. 1. das Lusiad. p. 111. (5) Descrevem esta embaixada largamente Damião de Goes na Chron. delrei D. Manoel part. 3. desde o c. 55. Osor. de reb. Emman. Ann. Histor. a 12 de Fev. (6) Leit. Ferr. Not. Chronol.

Dezembro pe 1521 pelas nove horas da noute, achando-se em Lisboa nos paços da Ribeira, tendo de idade cincoenta e dois annos, seis mezes, e dois dias, dos quaes reinou vinte e seis annos, um mez, e dezoito dias. Jaz no real convento de Belem extra muros de Lisboa, que elle mandou edificar para sen jazigo.

D. João III, 15.º *rei*

Succedeu no throno a elrei D. Manoel seu filho D. João III que havia nascido em Lisboa a 6 de Junho de 1502, dia memoravel pela horrivel tempestade, que houve no reino, de trovões, raios, e coriscos. (1) Foi acclamado a 19 de Dezembro de 1521, fazendo-se o acto á porta do convento de S. Domingos de Lisboa. Os principios do seu reinado foram tecidos com egregias acções de piedade, clemencia, e generosidade, adquirindo-lhe estas virtudes amor de seus vassallos, e a estimação de todos os principes da Europa.

Foram os seus primeiros cuidados proseguir logo vivamente as conquistas da India, em que os portuguezes obraram façanhas de eterna memoria, e este maior projecto lhe fez relaxar aos mouros de Africa quatro praças principaes, Alcacer, Arzila, Çafim, e Azamor, de que tanto se lamenta Manoel de Faria, (2) e a cujo consentimento attribue o maior desacerto d'este rei, ou de seus conselheiros. Melhorou esta acção, impetrando do papa Clemente VII o veneravel tribunal da inquisição para este reino. Reformou muitas das religiões, que iam descaindo da sua primitiva observancia. Admittiu em Portugal a religião denominada da companhia de Jesus, e lhe instituiu em diversas partes do reino collegios: devendo-se a este monarca a gloria da conversão da gentilidade em tão continuados progressos na Asia, Africa, e America, que n'aquelles primeiros tempos souberam plantar com zelo aquelles religiosos.

Descubrindo elrei alguns inconvenientes de haver na côrte estudos publicos, removeu a Universidade outra vez para Coimbra no anno de 1534 conforme dizem uns, (3) e segundo outros no de 1537, (4) mandando vir a este respeito, e com grandes dispendios os melhoees mestres de letras, que havia na Europa, (5) de sorte que restabeleceu em Coimbra a mais florente academia das sciencias: e extendendo-se este louvavel affecto para as conquistas, mandou estabelecer tambem na India escólas para as artes, e sciencias. (6)

(1) Goes na Chron. delrei D. Manoel part. I c. 62 Far. na Europ. Port. t. 2. part. 4. c 2. (2) Idem ibid. n. 3. (3) Cabed. de Patron. c. 47. Cunha no Catal. dos Bispos do Port. p. 451. Fr. Anton. da Purif. na 2. part. da Chron. l. 7. tit. I. §. 3. f. 215. Far. na Vida de Camões, que vem no principio do Commento das Rimas. (4) Leit. Ferr. Notic. Chronol n. 1150. (5) Bent. Pereir. de Academ. n. 111. Maced. nas Flor. de Hesp. c. 8. excel. 7. (6) Bossius de Sign. Eccles. t. I. l. 5. c. 3.

Por sua instancia se erigiram no reino os tres bispados de Leiria, Portalegre, e Miranda, e outros nas conquistas; e levantando em metropolitana a igreja cathedral de Evora, reedificou o sumptuoso aqueducto d'esta cidade, que se ia arruinando. Continuou o edificio regio de Belem, e fez outros de novo em publica utilidade, como foi a Alfandega, as Tercenas, os Armazens, e a Torre do Tombo. (1) Para a boa administração da Justiça instituiu o tribunal da mesa da consciencia, e ordens, e para os mais tribunaes teve o dom de saber escolher ministros proporcionados. Amou muito a paz, e por isso dizia, que «mais perdia no que se gastava na guerra, do que lucrava com o que alcançava na victoria». Finalmente assim nas cousas da paz, como nas da guerra, foi elrei D. João principe admiravel, nascido para beneficio dos homens, amparo dos humildes, e estranhos, verdadeiro conservador do culto divino, e propugnaculo da religião catholica. Morreu em Lisboa aos 11 de Junho de 1557, e aos cincoenta e cinco annos, e cinco dias da sua idade, e de governo trinta e cinco annos, e seis mezes. Jaz no convento de Belem junto de seu grande pai. Foram muitas as lagrimas, que o povo derramou na sua morte, a qual foi tida por termo, que o ceu punha ás felicidades do reino.

D. Sebastião, 16.º *rei*

Foi elrei D. Sebastião filho do principe D. João, e da princeza D. Joanna, e neto delrei D. João III. Nasceu em Lisboa posthumo a 20 de Janeiro de 1554, e d'ahi a tres annos, morrendo seu avô, ficou herdando o cetro, mas sujeito á tutoria da prudentissima rainha D. Catharina, e aos preceitos de seu aio D. Aleixo de Menezes, e dos do padre Luiz Gonçalves da Camera, ambos fidalgos illustres, os quaes em toda a sua educação lhe inspiraram o amor da justiça, e o zelo da religião christã.

Como os espiritos d'este principe eram generosos, e cheios de um grande, e admiravel desejo de adquirir gloria, começou logo a idear emprezas verdadeiramente temerarias para a sua idade: de sorte, que chegando aos quatorze annos se resolveu tomar posse do governo em 20 de Janeiro de 1568, e então dando-se todo ao aspero exercicio das armas, e da caça, fazia brio de se mostrar intrepido, e destemido em todas as occasiões. Quando os ventos, e as ondas andavam mais irados, então sahia fóra da barra a luctar com a tempestade: e em fim as suas acções eram todas imagens de seu precipicio, como bem diz Manoel de Faria. (2)

Tanto confiava em seu valor, que tinha para si podia conquistar

(1) Far. allegad. na Europ. Port. Sous. Hist. Geneal. t 3. p. 483. (2) Far. na Europ. Port. t. 3. part. 1. c. 1. n. 8. Veja-se tambem o Anno Hist, a 4. de Agosto.

todo o mundo: e como sempre sahia bem dos perigos, em que se mettia, se lhe augmentavam cada vez mais os desejos de principiar pela conquista de Africa. Este santo intento trouxe quasi do berço, e para o executar se dirigiam os seus cuidados, e pensamentos, que assoprados com a lisonja dos que se queriam conformar com o seu fogoso genio, mais lhe accendiam no peito deliberações temerarias. Praticou-as, passando primeiramente no anno de 1574 a discorrer pelas terras de Tangere, e Ceuta, onde fazendo differentes correrias, e escaramuças, assustou os barbaros, mas vio a difficuldade, a que a sua ambição aspirava.

Todavia succedendo despojar Muley Maluco dos reinos de Marrocos, e Fez a seu sobrinho Muley Hamet, este se veio valer do nosso rei, offerecendo sua pessoa, e os que o seguiam. Preparou-se D. Sebastião para soccorrer a Hamet, e atropellando todos os conselhos prudentes, que lhe dissuadiam, esta perigosa e incauta jornada, sahiu do porto de Lisboa em 24 de Junho de 1578, anno, e dia tão infaustos para Portugal. (1) Compunha-se o exercito delrei de dezoito mil homens, dos quaes eram tres mil castelhanos, tres mil alemães, novecentos italianos, e os mais portuguezes, gente a mais luzida, e lustrosa, que havia no reino, mas sem exercicio militar.

Chegou a Arzila, e logo achou aqui na mostra, que mandou passar, diminutos os regimentos, que não passavam de doze mil homens. Constava porem o exercito inimigo de cento e cincoenta mil, a maior parte de cavallo, de cujo fatal numero opprimidos os nossos ficaram vencidos a cinco de Agosto do mesmo anno de 1578, dia de Nossa Senhora das Neves, eclipsando-se n'esta infeliz, e lastimosa batalha toda a gloria, e lustre portuguez nos campos de Alcacere, os quaes ficaram memoraveis pelos tres reis, que alli morreram. Bem é verdade que ninguem verifica ter visto morrer na batalha a elrei D. Sebastião, nem depois com certeza o tornaram a ver, d'onde tomaram alguns motivos para esperar por elle, delirio, que com teimosa tradição permaneceu bastante tempo, pertendendo os seus sequazes em tão fanatica esperança fazer verdadeiramente crer, que este lamentavel monarca fosse entre os homens outra ave Fenix, da qual dizem que existe, mas ninguem a viu. Mons. de la Clede assenta, (2) que elrei não morrera no conflicto de Alcacere, mas sim no castello de S. Lucar de Barrameda, opinião, que os nossos escriptores não admittem.

A noticia d'esta fatalidade trouxe a Portugal grande confusão; porque depois d'ella não se via, nem ouvia em todos mais que lagrimas, e impaciencia pela perda geral de um reino sem successão, e de um rei extincto na flor da sua idade, e com elle a flor da nobreza, vindo-se a

(1) Far. Europ. Port. tom. 3. part. i. cap. 1. n. 39. Sous. Histor. Genealog. tom. 3. p. 591. Lima Success. de Port. c. 30. Anno Histor. a 23 de Junh. (2) Clede t. 5, p. 496.

concluir toda esta catastrophe com as exequias, que se celebraram com a possivel expressão de sentimento, até que passados quatro annos chegou a Lisboa, mandado pelo xarife, o corpo, que diziam ser delrei D. Sebastião, e se mandou sepultar no convento de Belem, onde jaz todavia com a incerteza, que indica a inscripção de seu epitaphio, (1) o qual diz assim:

«Conditur hoc tumulo, si vera est fama, Sebastus,
Quem tulit in Lybicis mors properata plagis.
Nec dicas falli Regem qui vivere credit,
Pro lege extincto mors quasi vita fuit.»

D. Henrique 17.º rei

Tanto que a triste nova da perda delrei D. Sebastião chegou a Portugal, elegeram, e acclamaram os tres estados do reino ao cardeal D. Henrique, filho delrei D. Manoel, que então se achava na avançada idade de sessenta e seis annos, contados desde 31 de Janeiro de 1512 em que nasceu. Era elle ornado de excellentes dotes, e virtudes, mui pio, e temente a Deus, e em tudo mostrou quanto era capacissimo para o baculo, e para o cetro. Amou as sciencias, e amparou a orfandade, soccorreu a pobreza, confundiu as heresias, restaurou templos, e em fim foi pastor, e rei sem embaraçar com as desculpas de monarca os empregos de sacerdote. (2)

Acclamado porem a 28 de Agosto de 1578 por legitimo rei, e successor de Portugal, cuidou logo no resgate dos fidalgos, e mais gente, que ficaram captivos na fatal batalha de Alcacere, em que dispendeu muito dinheiro; porem como os achaques, e a idade já decrepita lhe diminuiam as forças attenuadas, e comprimidas tambem pelas negociações, e governo de uma monarquia decadente pela falta de successão, muitos principes da Europa estavam attentos não só ao fim, que por instantes esperavam haver no reino, mas como se Portugal fôra herança, que a todos lhe pertencesse.

Eram os oppositores cinco descendentes delrei D. Manoel, que pertendiam herdar o reino por linha transversal, alem de outros pertendentes, que todos fizeram sua opposição, como foi a rainha de França D. Catharina por allegar que descendia delrei de Portugal D. Affonso III, e de D. Mathilde sua primeira mulher, mas foi exclusa sua pertenção por improvavel. Tambem a Sé apostolica pertendia que fosse uma coroa o espolio de um capello vago, mas não se fez caso da pertenção do Pon-

(1) Sous. Hist. Geneal. t. 3. p. 594. Anno Histor. a 5 de Agosto n. 2. (2) Damião de Goes 3. part. da Chron. delrei D. Manoel c. 27. Barbos. nos Fast. da Lusit. a 31 de Janeiro §. 5.

tifice, porque na presente opposição só se tratava dos descendentes delrei D. Manoel, como se vê na taboa seguinte:

Elrei D. Manoel entre outros filhos teve:

A infanta D. Isabel, imperatriz, que casou com Carlos V imperador, e teve a Filippe II, rei de Castella, 1.º pertendente.

A infanta D. Brites, que casou com D. Carlos, duque de Saboia, e teve a Manuel Filisberto, duque de Saboya, e principe de Piemonte, 2.º pertendente.

O infante D. Luiz, duque de Beja não casou, mas de Violante Gomes, chamada a Pelicana, teve a D. Antonio, prior do Crato, 3.º pertendente.

O infante D. Duarte, duque de Guimarães, casou com D. Isabel, filha de D. Jayme duque de Bragança, e teve a D. Maria, que casou com o principe de Parma, de quem teve a Rainucio principe de Parma, e 4.º pertendente. D. Catharina que casou com D. João duque de Bragança 5.º pertendente.

D'estes foi excluido o prior do Crato por illegitimo, o duque de Saboya por estrangeiro, o principe de Parma por falta de representação, pois já era bisneto, e tambem porque sua mãi, casando fóra do reino, perdeu o direito, que a elle podia ter, como se mostra das côrtes de Lamego; de sorte que só elrei Filippe, e a senhora D. Catharina, como estavam em igual grau, tinham jus para a pertenção, e maior a senhora D. Catharina.

Não queria elrei D. Henrique decidir este ponto, e assim nomeou em côrtes juizes para a decisão d'elle, e cinco governadores para sentenciarem a quem verdadeiramente tocava o reino; e depois passandose para Almeirim por causa da peste, que já lavrava em Lisboa, veio a fallecer em 30 de Janeiro de 1580 com sessenta e oito annos de idade, e dezasete mezes de governo. Houve um grande eclipse da lua na mesma noite, em que espirou, e um geral sentimento, porque todos viam com aquella morte o reino tambem eclipsado. De Almeirim foi conduzido seu corpo para Belem, onde agora jaz em nobre sepultura, que lhe mandou fazer o senhor rei D. Pedro II no anno de 1682, e por causa da trasladação foi visto, e achado seu corpo inteiro, depois de terem passado cento e dois annos, por cujo signal é crivel esteja gosando da Bemaventurança.

Com a morte delrei D. Henrique começaram os cinco governadores a usar do cetro; mas tão desunidos, temerosos, e abalados, que cada um seguia o partido dos oppositores, a que a propensão o inclinava, ou talvez o attractivo do interesse. Muito mais ficaram perplexos, quando viram que elrei D. Henrique no seu testamento não atten-

dera mais que ás cousas da sua alma, deixando as do reino ao arbitrio dos juizes.

O prior do Crato, ainda que estava excluido, tornou a fomentar a sua pertenção, e adquirindo algum sequito de gente popular, esta o acclamou rei em Santarem a 24 de Junho de 1580, (1) e logo passando-se a Lisboa, soltou os presos do Limoeiro, aposentou-se nos paços da Ribeira, começou a passar provisões, mandar bater moeda, e finalmente a intitular-se rei, seguindo a sua facção algumas villas do reino.

Sabendo elrei D. Filippe de Castella as operações, que em Lisboa executava o prior do Crato, despediu um sufficiente corpo de exercito de mais de vinte mil homens, (2) e dois mil gastadores, commandados pelo grande general o duque de Alva; e chegando a Setubal sem resistencia alguma, fez transito a Lisboa, onde alojou suas tropas junto da ponte de Alcantara. No dia seguinte, que se contavam 26 de Agosto de 1580, pelas dez horas da manhã atacou D. Antonio, prior do Crato, ao exercito castelhano; porem este desbaratou os esquadrões portuguezes, e D. Antonio se poz em salvo, passando ao depois varia fortuna até vir a morrer em Paris no anno de 1595.

Pacificada algum tanto a furia dos vencedores, que não fez pequeno damno aos arrabaldes de Lisboa, os governadores d'ella entregaram as chaves ao duque, o qual mandou logo presidiar o castello com tres mil castelhanos, e muita artelharia, e a nobreza do reino foi á sua presença dar obediencia ao novo rei introduzido, que á força de armas, invadindo o reino, decidiu o litigio a seu favor, sem esperar pelo acordão dos jurisconsultos contra todo o direito, e boa consciencia. (4)

D. Filippe II, III, e IV de Castella,
e em Portugal 18.º, 19.º, *e* 20.º, *intrusos*

Declarado rei de Portugal D. Filippe II nas cortes, que se celebraram em Thomar a 19 de Abril de 1581, caminhou para Lisboa, onde fez uma publica entrada com o maior apparato, e grandeza, que até ali se tinha visto. (5) Começou a tratar os portuguezes com muita affabilidade, e industria, fazendo-lhe varias mercês, e augmentando os privilegios do reino, com a qual politica temperou os desgostos passados. D'esta sorte fazia parecer mais suave aos portuguezes aquella violenta sujeição, e elles vendo que se diminuiam as esperanças de recobrar a

(1) Far. Europ. Port. t. 3. part. 1. c. 3. n. 20. Sousa Hist. Geneal. t. 3. p. 376. Torres de Lima nos Successos de Port. part. 1. c. 33. (2) Herrer. l. 3. §. 52. diz que eram cem mil homens. (3) Fr. Man. Hom. na Disposição das arm. Castelh. c. 3.

(4) Bonacin. t. 2. de Restitut. disp. 3. quaest. ult. sect. 1. punct. ult. §. 2. Sá verb. Bellum n. 8. Suar de Charit. disp. 13. de Bello sect. 6. n. 4. 5 et 6. Vasq. in 1. 2. disp. 64. c. 3. Molin. de Justit. t. 1. tract. 2. disp. 103, n. 2. et 11. etc. (5) Faria Europ. Port. t. 3. part. 2. c. 1. n. 15 Anno Hist. a 29 de Junho.

antiga liberdade, cuidavam muito em merecer a graça delrei Filippe, o qual tornando para Castella, e deixando por substituto a seu filho o serenissimo cardeal Alberto, archiduque de Austria, morreu a 13 de Setembro de 1589 no convento do Escurial, que elle havia fundado, e onde jaz em soberbo mausoleu, tendo vivido setenta e um annos, governado em Portugal dezoito, e quarenta e tres em toda a Hespanha.

Succedeu no throno seu filho D. Filippe III, e para nós II, que havia nascido em Madrid a 14 de Abril de 1578, e agora contava já vinte annos de idade. No seu governo deixou facilmente penetrar quaes eram os seus designios; e não eram elles outros mais que reduzir os portuguezes a uma tão debil fortuna, que nunca podessem ter forças para sacudir o dominio castelhano, conforme as normas, que lhe deixára seu pai Não poude porem conseguir tudo o que intentava, porque lh'o embaraçou a morte, que lhe sobreveio em Madrid no ultimo de Março de 1621 com quarenta e dois annos de idade, e vinte e dois e meio de reinado. Jaz no convento do Escurial.

D. Filippe IV foi filho do antecedente, e nasceu a 8 de Abril de 1605. Poucos dias depois da morte de seu pai começou a governar com grandes annuncios de felicidades, mas para Portugal com mui poucas: porque não cessando de quebrantar as promessas, e juramento, que seu avô tinha feito de conservar este reino em seus antigos foros, e privilegios, todo o seu ponto foi abatel-o, anniquilal-o, e obrar tudo em nosso prejuizo. Não escapou artificio algum em ordem a consummir o reino, que deixassem os seus ministros, e conselheiros de lhe apontar para nossa ruina. A mesma experimentou a India, e as mais conquistas que tanto nos custaram a ganhar. Dilatadissima seria a narração d'estas desordens, se pertendessemos renovar d'ellas a memoria: não faltam escritores, que as referem. (1)

Impaciente já todo o reino com tanta vexação, e desejosos todos da commum liberdade da patria, começaram a pôr os olhos no serenissimo duque VIII de Bragança D. João, no qual concorriam razão e justiça para o acclamarem rei, e senhor verdadeiro do reino não só pelo direito, que o acompanhava de sua avó a senhora D. Catharina. filha herdeira do infante D. Duarte, a qual havia de preceder a todos os oppositores da coroa, porque representava a seu pai, que, se vivêra, havia de ser rei, (2) mas tambem por ser o serenissimo duque natural do reino, e o maior senhor d'elle, a quem por suas qualidades verdadeiramente reaes tocava protegel-o, amparal-o, e libertal-o das oppressões, que padecia.

(1) Far. Europ. Port. João Pinto Ribeiro na Usurp. de Potr. João Baptista Morelli na Restit. de Port. part. 1. Maced. Lus. liberat. D. Franc. Man. Eco politic. O author da arte de furtar c. 17. que supponho é João Pinto Ribeiro, e outros muitos. (2) Velasc. na Justa Acclam. part. 2. punct. 1. §. 1. João Salgad. no Marte Port. certam. 2. art. 5. Port. restaur. l. 1.

Por estes, e outros muitos fundamentos, persuadidos os portuguezes quanto lhe era util acabarem já com tão pezado jugo, determinaram ajustar o modo mais conveniente para negocio tão arduo. Achava-se presidindo no governo de Portugal a duqueza de Mantua Margarida de Saboya, prima delrei Filippe IV desde o anno de 1635, em que passou a fazer assistencia em Lisboa: tinha por secretario de estado a Miguel de Vasconcellos, aborrecido do reino por soberbo, descomedido, e ambicioso, que com industriosa independencia ministrava os negocios de Portugal, e a quem muito favorecia a princeza Margarida, e o primeiro ministro de Hespanha o memoravel conde duque, (1) ambos interessados na agencia de Vasconcellos, que lhes servia como de canal, por onde se enchiam continuamente os seus insaciaveis cofres do perenne curso de dinheiro extrahido da substancia do cabedal do reino, e de tributos exorbitantes.

Esta oppressão, e violencia dos ministros acabou de exasperar mais a todos os portuguezes: até que escolhendo o dia de sabbado primeiro de dezembro do anno 1640 para aquella gloriosa empreza, depois de varias conferencias, que entre si tiveram os fidalgos amantes, e zelosos da patria, (2) convidando tambem a outros com todo o segredo, se acharam no terreiro do Paço sem fazerem rumor, e assim que deram nove horas accommetteu cada um aquelle posto, que se lhe destinou por interpreza. Tudo o que se havia premeditado, apezar de todos os incidentes, que se atropellaram, se poz em execução no dia predito com tanta felicidade, e maravilha, que dentro em tres horas se vio na cidade de Lisboa morto Miguel de Vasconcellos, deposto Filippe IV, acclamado o serenissimo duque de Bragança D. João por legitimo senhor do reino de Portugal, que no espaço de sessenta annos gemeu debaixo da sujeição de principes estrangeiros, onde o tinha levado a providencia.

D. João IV, 21.º rei

Conseguida prodigiosamente a saudosa liberdade do reino, e restituido com tanta gloria, e justiça o cetro da monarquia portugueza ao senhor rei D. João IV, o qual havia nascido em Villa Viçosa a 19 de Março de 1604, e casado com a senhora D. Luiza Francisca de Gusmão em 12 de Janeiro de 1633, se expediram diversos avisos para os lugares ultramarinos da nossa corôa, para reconhecerem, e acclamarem o mesmo soberano rei: e foi esta noticia recebida com tanto gosto, como se experimentou na prompta obediencia da vassalagem, e nos vivas, e

(1) D. Franc. Man. Epanafor. I. p. 21. 42. 74. O abbade de Vertot nas Revolutions de Portugal p. mihi 82. (2) O padre Anton. dos Reis in Epist. ad Jamet. Nota 115. traz um catalogo dos fidalgos confederados para a acclamação delrei D. João IV. e são mais dos quarenta, que refere o tomo I. do Portug Restaurad. pag. 98. Sousa Histor. Genealog. tom. 7.

festas, com que expressaram todos a estimação d'aquella felicidade, (1) sendo para admirar completar-se este reconhecimento dentro de quinze dias por todo o reino sem guerra, sem armas, sem violencia, estando todas as praças governadas, e presidiadas por ministros, e soldados castelhanos. O certo é que foi obra da mão do Altissimo. (2)

Logo que o novo rei chegou de Villa Viçosa a Lisboa, e dispoz as expedições, que temos dito, determinou dia para a sua coroação, que foi em 15 de Dezembro, a qual se celebrou com toda a pompa, e alegria do povo. Depois passou promptamente a cuidar nos negocios interiores do reino: nomeou ministros para os tribunaes: generaes, e cabos para as provincias. Estava o reino destituido de forças, sem armas, sem gente com exercicio militar, sem naus, e sem dinheiro para se poder defender, e isto foi motivo para se descuidarem tanto em Castella, considerando seus ministros ser impossivel podermos resistir-lhe na conjunctura debil, em que estavamos: e assim disseram a elrei Filippe, que não era necessario fazer guerra offensiva a Portugal, porque com duas mãos de papel firmadas por sua magestade se reduziria outra vez brevemente o reino á sua obediencia. (3)

Este mysterioso descuido foi causa da nossa prevenção, e fundamental segurança, dando-nos tempo para mandarmos vir armas do Norte, fortificar praças, e fazer confederação com França, Inglaterra, Hollanda, Suecia, e Dinamarca, que todos nos ajudaram com gente, dinheiro, munições, e naus de tal fórma, que, quando os castelhanos quizeram accommetter-nos por Olivença, foram bem rechaçados, experimentando a mesma adversa fortuna em todos os choques; e batalhas, que tiveram com os nossos exercitos, ficando mais memoravel a de Montijo, que no anno de 1644 conseguiu com tanta gloria portugueza o intrepido Mathias de Albuquerque: e d'esta sorte conseguimos outras muitas victorias em grande credito da nação por todas as provincias do reino.

Não causava pequena inveja a Castella este feliz progresso das nossas armas; e vendo que á força d'ellas não podia tomar vingança da nossa liberdade, maquinou a da aleivosia, e astucia, fiando mais do ouro, que do ferro; e corrompendo com elle algumas pessoas suas affectas com esperanças de maiores augmentos, se conjuraram contra elrei D. João; porem descubrindo-se, foram presos, sentenciados, e degolados (4) a 29 de Agosto de 1641 em publico cadafalso na praça do Rocio de Lisboa. Eram elles o marquez de Villa Real, o duque de Caminha, o conde de Armamar, e D. Agostinho Manoel de Vasconcellos; sendo o principal motor d'esta conjuração o arcebispo de Braga D. Sebastião de Mattos,

(1) Almeid. Restaur. prodigiosa part. 2. cap. 10. (2) «Haec mutatio dexterae Excelsi est.» Psalm. 76. vers. 11. (3) Morelli na Restituic. de Portug. pag. 114.

(4) D. Franc. Manoel no Manifesto de Portug. Sousa Histor. Genealog. tom. 7. p. 162. Vieir. Hist. do futuro p. 94. e seqq. Port. Restaur. t. 2. Evor. glor. p. 166. Anno Hist. a 29 de Agosto.

que se mandou metter em segura custodia. Em todos estes movimentos se vio o particular auxilio de Deus, com que sempre livrou a elrei D. João da iniquidade de seus inimigos, que intentaram tirar-lhe a vida por meio do perverso Domingos Leite, o qual sendo convidado a executar aquelle enorme delicto por quatrocentos escudos, foi tambem descuberto, e castigado, como merecia a grandeza da sua culpa.

Continuando elrei o seu governo com tanta felicidade, e desvelo, estabeleceu leis utilissimas para a sua conservação, erigiu novos tribunaes, o conselho de guerra, o da junta dos tres estados, o do conselho ultramarino, e o da junta do Commercio. Foi muito devoto do mysterio da Conceição da Senhora, e assim a tomou por protectora do reino em côrtes do anno de 1646, fazendo-o tributario em cincoenta cruzados cada anno. (1) e em 25 de Março do proprio anno jurou, e declarou authenticamente a immaculada Conceição da Virgem Maria Senhora nossa, fazendo com que seus vassallos fizessem o mesmo, mandando intimar ás universidades do reino, que todos os estudantes, quando tomassem qualquer grau, jurassem defender o tal mysterio. (2)

Finalmente achando-se em Lisboa, e opprimido com uma molesta suppressão, fechou o circulo de seus dias em uma segunda feira 6 de Novembro de 1656 na idade de cincoenta e dois annos, sete mezes, e dezoito dias, e de reinado dezaseis annos, menos vinte e quatro dias. Jaz no convento de S. Vicente de Fóra.

D. Affonso VI, 22.º rei

Teria o principe D. Affonso treze annos de idade, contados desde 21 de Agosto de 1643, em que nasceu, até 15 de Novembro de 1656, quando subio ao throno, e foi acclamado rei pela morte de seu glorioso pai, mas em razão da sua menoridade ficou sujeito á tutoria da rainha sua mãi, a quem elrei seu marido tinha deixado por tutora, e governadora do reino, que com tanta prudencia, e desvelo exercitou; porem passados seis annos, a 23 de Junho de 1662, contando elrei dezanove annos de idade, tomou posse do governo com a formalidade costumada. (3)

Antes de elrei tomar posse do governo a tinham já tomado da sua vontade o conde de Atouguia, Sebastião Cesar de Menezes, e o conde de Castello Melhor, descançando n'este ultimo o pezo dos negocios da monarquia, e a cuja dispozição se vio luzir em prosperos successos a fortuna delrei com as victorias das nossas armas; porque fazendo Castella pazes com França, e unindo em varios corpos de exercito os bellicosos espiritos dos alliados, cercou todas as nossas provincias com um estrondoso poder, mas sempre ficou Portugal triumfante. Assim se vio

(1) Monarq. Lusit. part. 6. l. 19. c. 23. (2) Sous. Hist. Geneal. t. 7. p. 204.
(3) Catastrofe de Port. p. 77.

nas celebres batalhas do Amexial, do Canal, e de Montes claros, em que os nossos generaes acreditaram o seu valor, e sciencia militar.

Não correspondiam as felicidades da guerra ao governo politico da côrte, porque elrei desde a idade de tres annos, padecendo um accidente de paralysia, que lhe deixou arida toda a parte direita do corpo, o mesmo defeito padecia n'aquella parte interior da cabeça: d'aqui se originaram varios excessos, e desordens, com que desgostou muito sua mãi prudentissima, e a todo o reino; e como o principal motor d'estas indignas acções era um Antonio Conti, pessoa humilde, mas muito de seu agrado, que lhe inspirava perniciosos conselhos, de algum modo se lhe fez applacar os exercicios escandalosos com o degredo de Conti para a Bahia.

Determinou-se o casamento delrei com a princeza Maria Francisca Isabel de Saboia, a qual chegou a Lisboa em 2 de Agosto de 1666, e não se passando muito tempo, que experimentando a rainha a incapacidade delrei para as obrigações do thalamo, e que muitas vezes lhe faltavam aos respeitos de rainha, resolveu recolher-se no mosteiro da Esperança a 2 de Novembro de 1667, e de lá começou a tratar a nullidade do matrimonio. Logo que se começou o litigio, se teve por certa a sentença da separação; e com este fundamento os zelosos da successão real propozeram ao serenissimo infante D. Pedro devia casar com a rainha pelas razões forçosas, que allegaram, (1) e que para evitar maiores damnos na monarquia avocasse a si o governo.

Assim se conseguiu, porque elrei D. Affonso admittindo o regimen, ficando conservando a magestade na pessoa, mas não no exercicio, foi recluso em um quarto do Paço a 23 de Novembro de 1667, e o infante D. Pedro foi jurado principe regente, e herdeiro da coroa nas côrtes de 27 de Janeiro de 1668. Passaram depois a elrei D. Affonso para o castello da Ilha Terceira, onde esteve seis annos, no fim dos quaes veio para os Paços de Cintra, onde falleceu a 12 de Setembro de 1683, e jaz no convento de Belem. (2)

D. Pedro II, 23.º *rei*

Em quanto elrei D. Affonso foi vivo, não quiz o serenissimo principe D. Pedro seu irmão outro titulo, que o de regente do reino, cujo encargo tomou pelos repetidos rogos de seus vassallos; mas tanto que falleceu D. Affonso, foi conhecido pelo soberano titulo de rei D. Pedro II. Havia nascido em Lisboa a 26 de Abril de 1648, e se achava já na idade de trinta e cinco annos ao tempo da morte de seu irmão. Como a nullidade do matrimonio entre elrei D. Affonso, e a rainha D. Maria Francisca de Saboya foi julgada, e em virtude da sentença se alcançou

(1) Catastrofe de Port. p. 225. (2) Portug. Rest. part. 2. p. 919.

breve para se receber o principe com a rainha, de cujo consorcio não houve outro fructo mais que a senhora D. Isabel, e a rainha tinha espirado a 27 de Dezembro de 1683, foi preciso que elrei passasse a segundas vodas para segurar a sua real descendencia.

Não custou pouco determinar-se elrei para segundo casamento: mas em fim se completou com a serenissima princeza D. Maria Sofia, filha do eleitor Palatino do Rhim, em 11 de Agosto do 1687, e n'esta ditosa união augmentada com a felicidade da paz foi continuando elrei o seu governo com grande gosto dos vassallos: porque alem de possuir da natureza dotes mui especiaes na soberana, robusta, e galharda presença exterior, nos costumes, e prendas do animo excedeu a todos os monarcas do seu tempo, porque era mui pio, devoto, compassivo, liberal, benigno para com todos, e amante das pessoas virtuosas.

Com grande acerto levantou muitas judicaturas de novo para bom regimen da justiça, em que era exacto, se bem na punitiva propendia mais para a clemencia. Erigiu tambem muitos bispados, o de Pernambuco, Rio de Janeiro, Maranhão, Pekim, Nankim, e o da Bahia elevou á dignidade de arcebispado, e teve a fortuna de possuir ministros em todos os empregos de grande experiencia.

Corria o anno de 1701, quando elrei fez uma liga offensiva, e defensiva com França, e Hespanha contra a casa de Austria, a qual se desfez depois a 16 de Maio de 1703, entrando elrei D. Pedro no tratado da grande alliança com o imperador Leopoldo I, Inglaterra, e Hollanda, a fim de metterem de posse de Hespanha o archiduque Carlos, filho segundo do imperador, (1) o qual havia de entrar pelas nossas terras, e por este ajuste se prometteram grandes conveniencias a Portugal. Chegou aqui elrei Carlos a 7 de Março de 1704, e fazendo uma publica, e pomposa entrada, depois de assistir algum tempo na côrte, partiu com elle elrei D. Pedro para a provincia da Beira, por onde se havia de introduzir em Castella.

Poz-se elrei Filippe V em campanha contra Portugal: porem o nosso exercito, de que era general o marquez das Minas, fez render varias praças de Castella, como foram Valença, Coria, Albuquerque, Alcantara, Placencia, e Ciudad Rodrigo, e sujeitando-as á obediencia delrei, penetrou até Madrid, onde fez acclamar rei de Hespanha a Carlos III em 2 de Julho de 1706. (2)

Havia-se elrei D. Pedro restituido a Portugal em 17 de Novembro de 1704, e depois de ouvir com grande alvoroço, e celebrar com plausivel contentamento a feliz acclamação delrei Carlos III, passados cinco mezes, achando-se na quinta de Alcantara, o accommetteu um pleuriz legitimo com perigo manifesto da vida: e no dia 9 de Dezembro de 1706, tendo recebido com grande edificação o Santissimo Viatico, e o

(1) Cled. t. 8. p. 533. (2) Sous. Hist. Geneal. t. 7. p. 639.

Sacramento da Extrema-Unção, deu a alma a Deus pela uma hora depois do meio dia, deixando por suas singulares virtudes eterna saudade a seus vassallos. Viveu cincoenta e oito annos, sete mezes, e treze dias: reinou como principe regente mais de quinze annos, e como rei mais de vinte e tres. Jaz sepultado no convento de S. Vicente de Fóra.

D. João V, 24.º rei

Por fallecimento do senhor rei D. Pedro II de saudosa memoria lhe succedeu no throno seu filho elrei D. João V, tendo dezasete annos de idade, contados desde 22 de Outubro de 1689, em que nasceu na cidade de Lisboa. Foi acclamado no primeiro de Janeiro de 1707, felicitando-lhe com repetidos obsequios a exaltação á coroa, não só os seus vassallos, mas todos os principes da Europa.

Começando logo a dirigír suas acções pelo caminho, e maximas da heroicidade, ratificou a grande alliança, que elrei seu pai celebrára contra Hespanha, mas esta liga fez experimentar ao nosso exercito em 25 de Março de 1707 a mesma fortuna das tropas alliadas; porque depois de termos vencido valerosamente a batalha de Almança na fronteira do reino de Valença, melhorou o inimigo com tanta vantagem os seus esquadrões, que o duque de Baruvic nos prizionou treze regimentos á custa de um grande destroço da sua gente. (1)

No seguinte anno de 1708, elegendo S. Magestade para esposa a serenissima archiduqueza D. Maria Anna de Austria, filha do imperador Leopoldo I, nomeou ao conde de Villar Maior por embaixador extraordinario á côrte de Viena para esta negociação; e conduzida a serenissima rainha pelo mesmo conde, chegou á barra de Lisboa em 26 de Outubro do mesmo anno, e a 22 de Dezembro fez sua entrada publica por entre dezanove arcos triunfaes custosamente ornados, e um innumeravel concurso de gente, que com as repetidas demonstrações de alegria faziam aquella funcção mais plausivel, e vistosa.

A guerra com Castella ia continuando, em que os nossos generaes davam evidentes provas do seu valor, e sciencia em varios choques, cercos, e outros movimentos bellicos, recuperando algumas praças, que o inimigo nos havia usurpado, quando tudo se suspendeu pelo tratado da paz, que entre as tres corôas de França, Hespanha, e Portugal se celebrou na cidade de Utreck em o anno de 1713, e se publicou em Lisboa a 6 de Abril de 1715.

Estabelecida assim a paz no reino, fez a vigilancia de monarca tão augusto, que nas terras do seu dominio prosperamente florecessem, e se gozassem os fructos da mesma paz por meio de utilissimas leis, extincção de abusos, perfeição de costumes, e outras muitas dispozições pro-

(1) Cled. t. 8. p. 535. Anno Histor. t. 2.

duzidas da sua perspicaz advertencia, e regios pensamentos. O zelo da religião, o amor das letras, a observancia da justiça, o cuidado, e cultura da sua monarquia foi todo o seu desvelo.

Do zelo, culto, e respeito da religião sobejam provas, e testimunhos; pois bastando o incansavel excesso, com que se empregou o seu generoso, e pio animo, á maneira de outro Salomão, nas sumptuosas fabricas de templos divinos, fazendo contribuir para elles os mais preciosos marmores nobremente pulidos, parecendo-lhe ainda pouca toda a profusão do dispendio, excedeu a todo este cuidado o incessante desejo, e a incansavel ancia de engrandecer, e augmentar cada vez mais o obsequio, e respeito da mesma religião, e a formalidade magestosa de seus ritos e cultos.

Este projecto não só christianissimo, mas regio, o elevou á generosa obra da erecção da santa igreja patriarchal, onde vemos entre a pomposa grandeza, e reverente devoção celebrarem-se os officios divinos, e todas as funcções ecclesiasticas perfeitissimamente, ornando este excellentissimo collegio patriarchal de pessoas mais esclarecidas em sangue, e letras, a que conferiu muitas preeminencias, e honras, e a que ajuntou grandes rendas, conforme a jerarquia das suas dignidades. E para que a grandeza, e jurisdicção d'esta santa igreja fosse mais ampla, fez supprimir o arcebispado de Lisboa oriental pela bulla do Santissimo papa Benedicto XIV, intimada no primeiro de Setembro de 1741, ficando desde então havendo um só cabido patriarchal em todo o territorio, e diocese de Lisboa, que até este tempo estava dividida em dois arcebispados, erigindo tambem nos paços dos antigos arcebispos de Lisboa um seminario para se educarem os estudantes, que houverem de servir na Santa igreja patriarcal.

Incitado do mesmo zelo da religião, e a rogos do summo pontifice Clemente XI, mandou o nosso magnanimo rei duas vezes soccorrer Italia contra o formidavel poder othomano, devendo-se á esquadra portugueza, que se compunha de seis náus de guerra, dous burlotes, e uma tartana, a gloria de embaraçar ella só a terrivel força de vinte e duas sultanas, e outras tantas naus de Barbaria, com que o Grão Baxá vinha sobre Corfú, e Veneza, fazendo o terror das nossas armas retiral-o injuriosamente para a Moréa com a perda de cinco mil turcos; e deixando desassombrados, e seguros os portos não só d'aquella republica, mas de toda Italia em Agosto de 1717, ficou nosso monarca na victoria d'este conflicto naval constituido arbitro dos que o tem sido no mundo. (1)

(1) Franc. Botelh. no Alfons. da impressão de Salamanc. de 1741. l. 1. est. 6.
«Roma, de quien fue throno el mundo intero,
Buscó tu auxilio en riesgo furibundo,
Y fuiste con tu armada, oh Real guerrero,
Arbitro de los arbitros del mundo.»

O amor das letras se vê na util erecção da academia da historia, que teve o seu principio em 8 de Dezembro de 1720, compondo-a dos homens mais eruditos do reino. e a cujas conferencias permittiu a honra da sua real presença repetidas vezes. Para a celebre academia dos Arcades, que ha em Roma, comprou novo domicilio, para se fazerem as suas assembléas com melhor commodidade. Em todas as provincias do reino ordenou que houvessem academias militares, para que florescesse a sciencia mathematica; e para a da Jurisprudencia erigiu tambem na universidade de Evora tres cadeiras do direito civil, e duas do canonico, excedendo para prova d'este affecto não só o amparo, que os eruditos achavam na sua benignidade, nem a grande collecção de livros selectos, com que formou uma das maiores bibliothecas da Europa, mas a vasta comprehensão das mesmas sciencias, e a continua lição dos mesmos livros.

Não é possivel caber na curta esfera d'este mappa a expressão de acções tão grandes, que obrou elrei D. João V: os maravilhosos edificios de templos, palacios, e casas de campo; a utilissima, e sumptuosa construcção do aqueducto de Lisboa; o desafogo das suas ruas; a melhor commodidade da navegação do Tejo; a introducção de novas fabricas: o augmento dos arsenaes: e sobre tudo o da propagação da fé em todas as suas conquistas, com a recta observancia da justiça, são acções tão notaveis, e tantas, que justamente poderá questionar a posteridade, se foram obradas por um só heroe, ou por muitos: mas que muito se no augusto, e magnanimo peito d'este monarcha residiam juntos elevadamente os espirituosos brios de todos os monarcas lusitanos, e de fórma o animavam, que o faziam exceder a todos: (1) ajuntando-se a todos estes dotes a magestosa presença, e bem proporcionada estatura de seu galhardo corpo, que, ainda disfarçado, mal podia encubrir o respeito de soberano.

Com toda esta felicidade padeceu todavia elrei a 10 de Maio de 1742 um fortissimo ataque de paralysia, que lhe debilitou a parte esquerda do corpo: mas com os banhos das Caldas, chamadas da rainha, para onde foi em 9 de Julho do dito anno, e com a applicação de outros remedios adquiriu alguma melhoria, mas não aquella total saude, que os seus vassallos desejavam. Assim foi continuando com grande constancia de animo o prolongado tormento da sua queixa, que sem embargo de lhe embaraçar os passos para andar, não lh'os poude impedir ao progresso da sua devoção e piedade.

Com esta assistia de continuo na tribuna da santa igreja patriarcal,

(1) «...Lysiae reliquos nunc adspice Reges,
Ut collata videns illorum insignia gesta
Joannis gestis, quantum caput efferat omnes,
Hic super agnoscas.................»
Padre Antonio dos Reis no Enthusiasmo Poetico prope finem.

adorando, e deprecando a Deus nos muitos sacrificios de missas que ouvia, e officios que resava. A elle devem as almas detidas no purgatorio o grande suffragio, que por indulto apostolico obteve da santidade de Benedicto XIV, expedido em Roma aos 21 de Agosto de 1748, para que no dia da commemoração dos fieis defunctos podessem todos os sacerdotes dos seus dominios rezar tres missas. Este grande animo, e fervor de espirito, com que favorecia as almas, foi n'elle sempre inseparavel, dispendendo caritativo no frequente beneficio dos seus suffragios grosso, e innumeravel cabedal. D'estas acções tão pias, e magnanimas persuadido o pontifice Benedicto XIV lhe concedeu a 23 de Dezembro do mesmo anno de 1748 para si, e seus successores o titulo de Fidelissimo.

Chegando finalmente o prazo ultimo de seus dias, os terminou aos 31 de Julho de 1750, e foi viver na bemaventurança em premio das virtudes que exercitou: tendo-se primeiramente disposto, e preparado como catholico com todos os sacramentos da igreja. Jaz seu corpo no templo de S. Vicente de Fóra.

A inclyta nação portugueza deu ao publico em Roma uma demonstração do seu reverente obsequio á saudosa memoria de tão grande monarca: celebrou na real igreja de Santo Antonio as solemnes exequias com aquella magnificencia, e esplendor, que eram devidas ás excelsas prerogativas de um principe tão benemerito da sé apostolica: para isto fez erigir um sumptuoso mausoleu com engenhoso artificio pela idéa do architecto portuguez Manoel Rodrigues dos Santos, ornado de primorosas figuras, medalhas, e epigraphes; concluindo-se todo o apparato lugubre com a seguinte inscripção:

JOANNI V.
Lusitaniæ Regi Fidelissimo,
Pio, Victori, Pacifico.
Christianæ rei ubicumque terrarum Orbi, et Gentium
Propagatori.
Bonarum artium, omniumque Disciplinarum
Parenti vindici, Mæcenati munificentissimo.
Qui
Feralibus bellorum dissidiis, aut consilio restinctis,
Aut virtute sublatis,
Pacis artes, publica Sacerdotia,
Ecclesiæ majestatem, dignitatemque
Post Constantini Magni memoriam,
Quam qui maxime ornavit, auxit, amplificavit.
Principi Optimo
Deque omnium Nationum ordinibus benemeritissimo
Lusitani D. N. M. Q. Ejus.

D. Joseph I, 25.º rei

É o fidelissimo senhor D. Joseph monarca presentemente reinante, augusto successor de seu grande pai D. João V. Foi acclamado rei na cidade de Lisboa em uma segunda feira de tarde aos 7 de setembro de 1750 com festivos applausos de seus vassallos. Para esta ceremonia cheia de grande alegria, se levantou uma varanda magnifica no terreiro do Paço junto a palacio, a qual começando da sala dos Tedescos, por onde tinha a entrada, rematava no torreão do Forte com quarenta palmos de largo, e trezentos e setenta de comprido, sustida em dezaseis altas columnas ligadas com uma balaustrada, que fazia face ao mesmo terreiro, e revestido tudo com o mais precioso ornato, que soube idear o bom gosto.

Tanto que subiu ao throno, e empunhou o cetro, fez ver que existia vivamente não só na magestade da pessoa, e clemencia do genio, mas na generosidade das acções, reproduzido o coração magnanimo de seu memoravel pai. Este bom conceito annunciaram seus vassallos desde o dia 6 de Junho de 1714, em que este monarca vio a primeira luz do mundo, onde havia ser o primeiro brilhante astro da esfera lusitana. Para segurar a successão regia casou em 19 de Janeiro de 1729 com a serenissima princeza das Asturias D. Maria Anna Victoria, filha delrei catholico Filippe V, e da rainha D. Isabel Farnese sua segunda mulher.

Logo nos primeiros passos do seu reinado mostrou o grande zelo de conservar os seus povos em paz, justiça, e prosperidade: e, como estes attributos não se podem estabelecer sem o recto manejo de bons ministros, cuidou em os eleger competentes, e de alta comprehensão aos interesses politicos, e economicos do estado. Com esta providencia se disposeram as negociações da marinha, do commercio, e de todos os tribunaes n'aquelle melhorado regimen, que o reino experimenta: ajudando ao bom exito de tudo as justissimas leis, que em utilidade do bem publico tem promulgado.

Para augmentar o commercio, e navegação, de que resultam opulencias maiores, que as da naturesa, ordenou que os despachos fossem promptos, evitando demoras na expedição dos tribunaes. Exaltou, e renovou o exercicio das bellas letras com a reforma de melhores methodos: dispondo que fossem educados seus vassallos principalmente os nobres: fundando para este effeito collegio, onde se aprendam todas as uteis, e estimaveis profissões das artes, abolindo por decreto de 29 de Julho de 1759 o magisterio aos jesuitas, e a lição da arte do padre Manoel Alvares.

Nos extraordinarios accidentes do terremoto, e incendio, que fatalmente destruiram Lisboa no anno de 1755, se vio a grandesa do coração d'este augusto monarca: porque conservando-se inalteravel em um caso tão repentino, e horrendo, em que vacillaram os maiores talentos,

elle se applicou pio, e providente a soccorrer, e acautelar a consternação do afflicto povo: e, como se fôra pequeno este empenho, intentou d'entre as cinzas de Lisboa abrazada reproduzir outra de novo com maiores vantagens, excedendo nas circumstancias a grandeza de Trajano. (1)

Com igual constancia de animo tolerou aquelle barbaro desacato, com que a aleivosia, rompendo as obrigações da fidelidade portugueza, se atreveu a insultar a sua veneravel pessoa em a noite de 3 de Setembro de 1758. Mas a providencia de Deus, salvando-lhe com prodigio a vida, fez que não ficassem sem castigo os perfidos delinquentes, fazendo-os justiçar a 13 de Janeiro do seguinte anno em o caes de Belem: porque o principe que dissimula a malicia, reina só no nome; o que a castiga, reina no nome, e no officio.

Ainda não havia bem descançado de punir traições, e acautelar-se de insultos, quando os reis catholico, e christianissimo com o Pacto de Familia, que entre si estipularam, querendo por força que nos declarassemos contra Inglaterra, invadiram, e atacaram com cavilosos pretextos algumas das nossas praças trasmontanas: commettendo o marquez de Sarria, e outros generaes castelhanos muitas hostilidades desde 8, 15, e 21 de Maio de 1762, em que se introduziram em Miranda, Bragança, e Chaves, e em cujas acções tem perturbado a paz publica, e fé dos tratados estabelecidos com antiga solemnidade.

Porem, como da nossa parte milita a justiça, e a razão, espera elrei fidelissimo triunfar do poder, e industria de seus inimigos. Para este bom exito mandou fazer promptas as suas tropas, cujo total mando, e manejo entregou plenamente ao conde soberano de Lippa Guilherme de Schaumburg, cavalleiro da real ordem prussiana da Aguia Negra, pessoa que elrei da Grã Bretanha, como nosso alliado, elegeu, por ser de uma distincta reputação, e de conhecido valor, e fama nas guerras da Europa. Sua magestade fidelissima o nomeou marechal general dos seus exercitos, e director geral de todas as suas tropas por decreto de 3 de Julho de 1762.

Toda esta boa razão, e justiça, em que se estriba a nossa defensa, fez persuadir tambem ao principe Carlos Luiz Federico, duque de Meckelburgo, Streliz, principe de Vandalia, a que passasse dos exercitos britannicos, onde era marechal de campo, para as tropas delrei fidelissimo, o qual logo o nomeou coronel general de um regimento de cavallaria, a que deu titulo de Meckelburgo. Não só promettem estas antecedencias felicidades ás armas portuguezas, mas animo. Será cada coração portuguez um escudo á vida, e gloria de nosso augusto monarca, o qual em militares campanhas amedrontará com o ecco do seu valor dilatados climas do universo.

(1) «Magnum hoc tuum, non erga homines modo, sed erga tecta ipsa meritum, sistere ruinas, solitudinem pellere, ingentia opera, eodem quo extructa sunt animo, ab interitu vendicare.» Plin. in Panegyr. Trajani.

N.	NOME	COGNOME	PATRIA	NASC	COROAÇ.	ANN. QUE REIN.	ANN. QUE VIV.	ANNO DA MORT.	LUGAR DA MORTE	LUGAR DA SEPULTURA
1	D. Affonso I	Conquistador	Guimarães	1109	1128	57	76	1185	Coimbra	St. Cruz de C.
2	D. Sancho I	Povoador	Coimbra	1154	1185	26	57	1211	Coimbra	St. Cruz de C.
3	D. Affonso II	Gordo	Coimbra	1185	1211	12	38	1223	Coimbra	Alcobaça
4	D. Sancho II	Capello	Coimbra	1202	1223	25	46	1248	Toledo	Sé de Toledo
5	D. Affonso III	Belonhez	Coimbra	1210	1246	32	69	1279	Lisboa	Alcobaça
6	D. Diniz	Lavrador	Lisboa	1261	1279	46	63	1325	Santarem	Odivelas
7	D. Affonso IV	Bravo	Coimbra	1291	1325	32	66	1357	Lisboa	Sé de Lisboa
8	D. Pedro I	Justiceiro	Coimbra	1320	1357	9	46	1367	Estremoz	Alcobaça
9	D. Fernando	Formoso	Coimbra	1345	1367	16	38	1383	Lisboa	Santarem
10	D. João I	Boa memoria	Lisboa	1357	1385	48	76	1433	Lisboa	Batalha
11	D. Duarte	Eloquente	Viseu	1391	1433	5	46	1438	Thomar	Batalha
12	D. Affonso V	Africano	Cintra	1432	1438	43	49	1481	Cintra	Batalha
13	D. João II	Perfeito	Lisboa	1455	1481	14	40	1495	Alvor	Batalha
14	D. Manoel	Venturoso	Alcochete	1469	1495	26	52	1521	Lisboa	Belem
15	D. João III	Piedoso	Lisboa	1502	1521	35	55	1557	Lisboa	Belem
16	D. Sebastião	Desejado	Lisboa	1554	1557	21	24	1578	Africa	Belem
17	D. Henrique	Casto	Almeirim	1512	1578	1	68	1580	Almeirim	Belem
18	D. Filippe II	Prudente	Valhadolid	1527	1581	18	71	1598	Escurial	Escurial
19	D. Filippe III	Pio	Madrid	1578	1598	23	43	1621	Madrid	Escurial
20	D. Filippe IV	Grande	Valhadolid	1605	1621	19	60	1665	Madrid	Escurial
21	D. João IV	Restaurador	Villa Viçosa	1604	1640	15	51	1656	Lisboa	S.Vicente de F.
22	D. Affonso VI	Victorioso	Lisboa	1643	1656	11	40	1683	Cintra	Belem
23	D. Pedro II	Pacifico	Lisboa	1648	1667	39	58	1706	Alcantara	S.Vicente de F.
24	D. João V	Fidelissimo	Lisboa	1689	1706	44	60	1750	Lisboa	S.Vicente de F.
25	D. Joseph I	Fidelissimo	Lisboa	1714	1750					

CAPITULO VII

Catalogo das serenissimas rainhas de Portugal.

O preclarissimo titulo de rainha neste reino é mais antigo que o dos reis; porque foi costume d'aquelles primeiros monarcas de Leão dar em vida titulo de reis aos filhos, e de rainhas ás filhas para ficar assim n'elles mais estabelecida, e segura a successão real, (1) e ainda que alguns erradamente disseram, que o illustrissimo conde D. Henrique assentava o senhorio de Portugal debaixo do titulo de condado, (2) ninguem até agora duvidou que sua mulher, a senhora D. Teresa, como filha, que era delrei D. Affonso de Castella, deixasse de se chamar sempre rainha, e não condessa; e do mesmo modo se chamaram rainhas suas filhas, cujo estylo se praticou neste reino até D. Sancho I, (3) do qual tempo até este nosso tomaram o nome de infantes, o que não entendendo alguns historiadores flamengos, attribuiram a ambição chamar-se rainha, e não condessa a senhora D. Teresa, filha delrei D. Affonso I, que casou com o conde de Flandes Filippe de Alsacia. (4) Isto supposto, entremos a executar o promettido.

Dona Tereza, mulher do conde D. Henrique, era filha delrei D. Affonso VI de Leão, e herdeira de seus estados, senhora de notavel formosura. Casou com o illustrissimo conde no anno de 1093, trazendo em dote todo o reino de Portugal, que elle governou dezaseis annos depois da morte do conde seu marido, como senhora proprietaria d'elle; (5) e porque se aproveitava dos conselhos de um cavalheiro gallego, chamado D. Fernando Peres, conde de Trastamara, quizeram muitos dizer (6) que a rainha D. Teresa contrahira segundo casamento com o tal conde; porem é certo que tal não houve, como efficazmente prova o erudito padre D. Joseph Barbosa. (7) Fundou a igreja de S. Pedro de Rates na cidade de Braga: fez varias doações ás Sés de Braga, Porto, e Coimbra; admittiu em Portugal os cavalleiros Templarios; e finalmente morreu em o primeiro de Novembro de 1130. Jaz na capella mór da Sé de Braga.

Dona Mafalda, filha de Amadeo III, conde de Saboya, e Moriana, casou com D. Affonso Henriques, primeiro rei de Portugal, no anno de 1146. Fundou e dotou um Hospital na villa de Canavezes para nove passageiros, e peregrinos terem nelle agazalho com todo o commodo possivel: unio-lhe as rendas da ponte, que mandou fabricar grandiosamente. Edificou a igreja de Santa Maria de Sobre-Tamega, e o mosteiro da Costa de Guimarães, que deu aos conegos regulares de Santo Agostinho, e hoje possuem os religiosos de S. Jeronymo. Faleceu a 4 de Novembro de

(1) Mariz Dialog. 2. pag. mihi 42. (2) Monarq. Lusitan. liv. 8. cap 11. pag. 34. (3) Sousa Histor. de S. Dom. part. I. liv. I. cap. 11. (4) Marchanc. liv. 2. Descripç. de Fland. Veja-se a Monarq. Lusit. liv. 11. cap. (5) Monarq. Lusit. liv. 8. cap. 29. (6) Conde D. Pedro no seu Nobiliario tit. 4. Estaç. nas Antiguid. de Port. cap. 21. n. 3. (7) Barbos. no Catalog. das Rainh. p. 87.

1157, e está sepultada no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra junto de seu marido. (1)

Dona Dulce foi filha de D. Ramon Berenguer, conde de Barcelona, e principe de Aragão. Casou com elrei D. Sancho I, no anno de 1175, confirmou com elrei seu marido algumas doações pias, e morreu em Coimbra no primeiro de Setembro de 1198. Está sepultada no mosteiro de Santa Cruz da mesma cidade. (2)

Dona Urraca era filha de D. Affonso IX Rei de Castella. Casou com D. Affonso II de Portugal no anno de 1201. Teve a felicidade de receber em seu palacio a S. Francisco, e aos cinco martyres de Marrocos: e sendo trazidos seus corpos a Coimbra, os foi buscar, e deu sitio para se fundar na mesma cidade o primeiro convento de S. Francisco em o reino. Viveu com exemplar virtude, e mereceu que Deus lhe revelasse o dia da sua morte, que foi a 3 de Novembro de 1220. Jaz no mosteiro de Alcobaça. (3)

Dona Brites filha delrei D. Affonso X de Castella, chamado o Sabio, e ella princeza de singular perfeição, e prudencia, casou com D. Affonso III de Portugal no anno de 1253. Fundou o hospital dos Meninos Orfãos de Lisboa, e o convento de S. Francisco de Estremoz. O maior louvor, que se lhe póde dar, é a grande fidelidade, que mostrou a elrei D. Affonso seu pai, soccorrendo-o com os seus thesouros. Morreu em 27 de Outubro de 1303, e está sepultada no real mosteiro de Alcobaça. (4)

Santa Isabel foi filha del-rei D. Pedro III de Aragão, chamado o Grande. Casou com elrei D. Diniz em 24 de Junho de 1282. Instituio com seu marido a igreja, e festa do Espirito Santo em Alemquer. Fundou a capella de Nossa Senhora da Conceição no convento da Trindade de Lisboa. Por morte de seu marido se recolheo ao mosteiro de Santa Clara de Coimbra, tambem fundação sua, onde viveo com tão grandes evidencias de santidade, obrando Deos por sua intercessão muitos prodigios em vida, e depois de sua morte, que alcançou ser numerada no catalogo dos santos por Urbano VIII em 25 de Maio de 1625. Partiu d'esta vida a gozar da eterna em 4 de Julho de 1336. Está seu veneravel corpo no mosteiro de Santa Clara de Coimbra. (5)

D. Brites filha de D. Sancho IV. rei de Castella, chamado o Bravo, casou com D. Affonso IV de Portugal em 12 de Setembro de 1309. Instituio na Sé de Lisboa as Mercearias que chamam de Affonso IV, por concorrer tambem seu marido para esta instituição. Morreu em Lisboa no anno de 1359 a 25 de Outubro. Jaz na antiga Sé de Lisboa. (6)

(1) Vide João Bapt. Lavanh. nas Notas do Conde D. Pedro tit. 7. Brand. Monarq. Lusit. liv. 10. c. 19. Goes part 4. cap. 71. Estaço nas Antiguid. de Port. cap. 25. num. 21. Corogr. Portug. tom. 1. p. 135. Barbos. Catalog. das Rainh. p. 110. Sous. Histor. Genea. tom. 1. pag. 6. (2) Barbud. Emprez. Militar. pag. 7. Benedict. Lusit. tom. 2. p 318. Duart. Ribeiro p. 301. part. 1. Barbos. Catalog. das Rainh. (3) Idem ibid. p. 143. Esperança na Histor. Serafica tom. 1. liv. 2. cap. 28. num. 2. (4) Idem tom. 2. liv. 1. cap. 15. Monarq. Lusit. liv. 15. cap. 16. e liv. 16. cap. 32. e liv. 18. cap. 9. (5) Lacerda na Vida desta Santa. Mendoça in Viridar. liv. 6. Barbos. Catalog. das Rainhas. (6) Duarte Nun. Chronic. d'el-rei D. Affonso IV p. 172. Sous. Histor. Genealog. tom. 1. p. 307.

Dona Constança foi filha de D. João Manoel, duque de Penafiel, marquez de Vilhena. Casou no anno de 1340 com elrei D. Pedro I, sendo ainda infante, e foi sua primeira mulher. Morreu de parto do infante D. Fernando a 13 de Novembro de 1345. Está sepultada no convento de S. Francisco de Santarem. (1)

D. Ignez de Castro foi filha de D. Pedro Fernandes de Castro, grande senhor em Galiza. Casou com o principe D. Pedro no anno de 1354 occultamente. Fundou a capella, em que está sepultado S. Gervaz na paroquia da villa de Basto. Por mandado delrei D. Affonso IV, foi morta com grande tyrannia, e injustiça aos 7 de Janeiro de 1355. Passados dois annos, declarou elrei D. Pedro que havia sido sua legitima mulher, e como a tal a fez sepultar em Alcobaça com insignias reaes, onde jaz em primorozo tumulo. (2)

Dona Leonor Telles, filha de Martim Affonso Tello de Menezes, casou com elrei D. Fernando, que se namorou d'ella, e a recebeu no anno de 1371 contra o parecer de todos, porque a usurpou a seu marido João Lourenço da Cunha, com quem estava casada, sem embargo de alguns dizerem que indevidamente em razão de affinidade, e sem dispensa. Em vida de seu marido foi causa dos excessos escandalosos de João Fernandes Andeiro, conde de Ourem. Passou-se a Castella, e morreu em Tordesilhas a 27 de Abril de 1386. Jaz no convento de Valhadolid. (3)

D. Filippa de Lancastro foi filha do duque de Lancastro João de Gante. Casou com elrei D. João I de Portugal a 2 de Fevereiro de 1387. Edificou a igreja de S. Francisco de Leiria, e fez muitas obras pias e acções de caridade, por ser uma senhora de grande virtude. Morreo no lugar de Sacavem aos 18 de Julho de 1415, para onde tinha ido por causa da peste, e d'alli foi conduzida para Odivellas, onde se fizeram as exequias, e depois se transferiu para o convento da Batalha, onde agora jaz. É fama, que na hora do seu transito a consolara Maria Santissima com a incomparavel graça da sua vista, cujo favor parece que se faz provavel, porque d'alli a um anno foi achado seu corpo incorrupto, e cheirozo. (4)

Dona Leonor era filha delrei D. Fernando I de Aragão. Casou com elrei D. Duarte a 22 de Setembro de 1428. Deixou-a elrei seu marido por tutora e governadora do reino na minoridade delrei D. Affonso seu filho, o que não consentindo os infantes seus cunhados, houveram discordias grandes entre elles, e a ráinha até que ultimamente largou o governo ao infante D. Pedro, e se foi para Castella, onde morreu em

(1) Monarq. Lusit. liv. 10. cap. 6. (2) Duart. Nun. Chronic. d'el-rei D. Pedro, Mariz Dialog. 3. cap. 3. Caram, Philipp. Prud. p. 138. Barbos. no Catalog. das Rainh. e Sousa tambem allegado na Histor. Geneal. tom. I. (3) Monarq. Lusit. tõm. 8. p. 147. Vejão-se tambem as razões, que allegou o Doutor João das Regras, e se acham na 8. part. da Monarq. Lusit. pag. 651. (4) Sous. Histor. de S. Doming. part. I. liv. 6. cap. 25. Barbos. no Catal. das Rainhas.

Toledo a 18 de Fevereiro de 1445, sendo depois seu corpo conduzido para o convento da Batalha, onde jaz. (1)

D. Isabel foi filha do infante D. Pedro, duque de Coimbra, regente do reino. Casou com elrei D. Affonso V em 6 de Maio de 1448, sendo que o insigne genealogico D. Antonio Caetano de Souza diz, que fôra no anno antecedente, e o prova com escritura authentica. Mandou edificar um convento para os conegos seculares de S. João Evangelista, e é o que se vê hoje no sitio de Xabregas. Morreu finalmente em 2 de Dezembro de 1455 na cidade de Evora, e jaz no convento da Batalha. (2)

Bem se pudera unir a este catalogo a pouco venturosa rainha D. Joanna, filha d'elrei D. Henrique IV de Castella, de quem foi jurada herdeira, e casou em Maio de 1475 com elrei D. Affonso V, mas como este matrimonio não se consumou, porque lhe embaraçaram a dispensa de parentesco a rainha de Aragão, e elrei D. Fernando o Catholico seu marido, por isso é infelizmente exclusa da ordem das rainhas de Portugal, sem embargo de que conservou até á morte estado de rainha, e lhe chamavam excellente senhora. Morreo em Lisboa nos paços do Castello no anno de 1530. Jaz no mosteiro de Santa Clara. (3)

Dona Leonor filha do infante D. Fernando, duque de Vizeu, casou com elrei D. João II a 22 de Janeiro de 1470. Foi princeza adornada de singular formosura, e virtudes admiraveis. Governou o reino em tempo, que elrei D. Manoel seu irmão esteve em Castella. Fundou o mosteiro da Madre de Deus de Lisboa, e o adornou de preciosas reliquias, e de uma estimavel imagem. Tambem edificou o mosteiro da Annunciada no primeiro sitio, que teve junto ao castello, e o Hospital das Caldas no termo de Obidos, chamadas por seu respeito da rainha. Instituio a Irmandade da Misericordia de Lisboa, donde emanaram todas as mais de Hespanha. Estabeleceu cinco Mercearias na Igreja de Santa Maria de Obidos, e outras tantas em Nossa Senhora da Graça de Torres Vedras. Falleceu em Lisboa a 17 de Novembro de 1525, deixando de si, e de suas virtuosissimas acções saudosas e eternas memorias, que entre as princezas portuguezas é recommendavel por singular. Está sepultada no claustro do mosteiro da Madre de Deus á porta do refeitorio em sepultura raza. (4)

D. Isabel, filha dos reis catholicos D. Fernando e D. Isabel, casou primeiramente com o principe D. Affonso, filho d'el-rei D. João II de Portugal, aquelle, que depois de estar casado com esta senhora não mais que seis mezes acabou lastimosamente a vida junto a Santarem. Como do principe lhe não ficaram filhos, tornou a casar com el-rei D. Manoel em Outubro de 1497, e passando a Castella, foi jurada princeza her-

(1) Damião de Goes, Chron. do Princip. D. João cap. 17. Agiolog. Lusit. tom. 3.

(2) Barbos. no Catalog. das Rainh. Sous. Hist. Geneal. tom. 3. p. 64. Chronic. dos Padres Loyos liv. 2. cap. 26. (3) Sous. Hist. Geneal. tom. 3. p. 67. Histor. Seraf. part. 3. liv. 3. cap. 16. n. 528. (4) Sous. Histor. Geneal. tom. 3. pag. 139. Goes Chron. d'el-rei D. Manoel part. 4. cap. 26. p. 282. Santuar. Marian. tom. 2. p. 329. e tom. 7. p. 219. Duart. Nun. Descripç. de Port, cap. 77.

deira d'aquelle reino juntamente com el-rei seu marido, e indo a Aragão para serem tambem jurados alli, morreu em Çaragoça de parto do principe D. Miguel aos 24 d'Agosto de 1498. Jaz no coro das religiosas de Santa Isabel a real de Toledo. (1)

D. Maria era filha dos mesmos reis catholicos, e foi a segunda mulher d'el-rei D. Manoel seu cunhado, com quem casou em 30 de Outubro de 1500. Foi senhora de notavel governo. Fundou nas Berlengas o convento dos monges de S. Jeronymo, que depois se mudaram para Val bem feito. Morreu em Lisboa a 7 de Março de 1517. Está sepultada no convento de Belem. (2)

D. Leonor, III mulher d'el-rei D. Manoel, filha d'el-rei Filippe I de Castella, casou em 24 de Novembro de 1518. Foi senhora muito formosa. Deu principio ao mosteiro de Nossa Senhora d'Assumpção de Faro das religiosas de Santa Clara. Por morte d'el-rei D. Manoel voltou para Castella, e passou a segundas vodas com el-rei Francisco I de França. Faleceu em Talavera junto a Badajoz em 18 de Fevereiro de 1558. Jaz no Pantheon do Escurial. (3)

D. Catharina filha d'el-rei D. Filippe I. de Castella, casou com el-rei D. João III em 5 de Fevereiro de 1525. Foi senhora de muita bondade, zelosa do augmento da religião, e adornada de uma singular prudencia. Governou felizmente o reino por morte de seu marido na menoridade d'el-rei D. Sebastião seu neto. Teve uma natural perspicacia na boa eleição dos ministros. Fundou o convento de Val bem feito de monges Jeronymos, e o mosteiro de freiras de S. Francisco na cidade de Faro, e a parochial igreja de Santa Catharina de Lisboa. Instituiu no convento de S. Domingos da mesma cidade uma cadeira de moral com renda para trinta clerigos assistirem ás lições, que ainda hoje se pratica no mesmo convento. Dotou o collegio dos meninos orfãos. Estabeleceu no convento de Belem vinte mercearias, para cavalleiros pobres que tivessem servido em Africa, ou nas conquistas, e quatro na capella do Santo Christo em Cintra. Alcançou de Roma a instituição do tribunal do Santo Officio em Goa. Falleceu a 12 de Fevereiro de 1578 na cidade de Lisboa, e jaz no real mosteiro de Belem. (4)

D. Anna de Austria, filha do imperador Maximiliano II foi a quarta mulher de Filippe II, com quem casou a 12 de Novembro de 1570, sendo sua sobrinha. Foi fecunda, e virtuosa. Morreu em Badajoz a 26 de Outubro de 1580, e jaz no Escurial. (5)

D. Margarida de Austria, filha de Carlos, Archiduque de Austria, casou com Filippe III. em 18 de Abrilde 1599. Morreu no Escurial a 3 de Outubro de 1611, e jaz sepultada no Pantheon do mesmo Escurial. (6)

(1) Damião do Goes na Chronic d'elrei D. Man. p. 1. liv. 46. Barbos. no Catalog. p. 333. (2) Idem, ibid. (3) Barbos. nos Fastos da Lusit. a 25 de Fevereiro p. 664.

(3) Barbos. no Catalog. das rainha. p. 404. e o doutor Ignacio Barbosa seu irmão nos Fast. da Lusit. a 12 de Fevereiro p. 511. Sous. Histor. Genealog. tom. III. p. 525.

(5) Barbos. allegad. Les Delices de l'Espagne tom. 2. p. 285. (6) Ibid.

D. Isabel de Borbon, filha de Henrique IV, rei de França, foi a primeira mulher de Filippe IV com quem casou no anno de 1615, e morreu a 6 de Outubro de 1664. Jaz no Escurial. (1)

D. Luiza Francisca de Gusmão, filha de D. João Manoel Peres de Gusmão, oitavo duque de Medina Sidonia, casou com o serenissimo senhor D. João, oitavo duque de Bragança, e depois rei de Portugal em 12 de Janeiro de 1663. Foi princeza de espirito altivo, e de admiraveis virtudes. A restauração de Portugal esteve pendente da sua industria, e magnanima resolução, com que soube persuadir tão grande empreza do duque seu marido. Este fiou sempre d'ella os negocios mais arduos do reino, e ella o governou depois da morte d'el-rei na minoridade de D. Affonso VI, seu filho, em cujo tempo fez resplandecer no throno todas as grandes qualidades de um soberano. Introduziu n'este reino a Ordem da descalcez de Santo Agostinho, e fundou dois conventos no Valle de Xabregas para os religiosos, e religiosas d'esta Ordem. Tambem fundou o convento dos religiosos dominicanos Irlandezes ao Corpo Santo, e o dos Carmelitas descalços aos Torneiros. Excitada de maiores pensamentos se recolheu ao mosteiro das religiosas descalças de Santo Agostinho, que havia fundado no sitio do Grilo, onde totalmente se esqueceu de que tivesse reinado, e a 27 de Fevereiro de 1666 faleceu, deixando de suas virtudes eterna memoria, e jaz sepultada no mosteiro do Grilo. (2)

D. Maria Francisca Isabel de Saboya, filha de Carlos Amadeu de Saboya, duque de Neomurs, casou primeiramente com el-rei D. Affonso VI de Portugal em 27 de Junho de 1666; porém, como este matrimonio foi julgado por nullo, tornou esta princeza a casar segunda vez, e se recebeu com seu cunhado o principe regente, que depois foi rei D. Pedro II, precedendo para isto dispensa do Pontifice, e se celebraram estas segundas vodas, em 2 de Abril de 1668. Foi esta senhora de estremada formosura, e dotada de muita prudencia, e por isso conservou com seu marido um amor mui reciproco. Mandou fazer a capella de S. Francisco de Salles na igreja dos Padres do Oratorio de Lisboa, e no noviciado da Cotovia dos Padres da Companhia mandou edificar a capella da Conceição. Fundou o mosteiro das religiosas Capuchinhas francezas do Santo Crucifixo em Lisboa. Morreu a 27 de Dezembro de 1683, na quinta do conde de Sarzedas em Palhavã, e jaz no coro das religiosas do mosteiro, que edificou. (3)

D. Maria Sofia Isabel de Neoburg, filha do eleitor palatino do Rhim Filippe Vilhelmo, foi a segunda mulher d'el-rei D. Pedro II, com quem se recebeu em 11 de Agosto de 1687. Foi princeza muito benigna, e caritativa, em cujos actos se exercitava continuamente. Venerou muito

(1) Ibid. (2) Os irmãos Barbos. um no Catalog. das rainh. e outro nos Fast. da Lusit. tom. I. p. 691. Sousa Histor. Geneal. tom. VII. p. 247. Catastrof. de Port. p. 133. Passarel. de Bell. Lusit. L'Abbé de Vertot. Histor. des Revolut. de Portug. pag. mihi 52. e 152. Santuar. Marian. tom. 7. p. 10. e 132. (3) Sous. Histor. Geneal. tom. 7. p. 725. e segg. Barbos. no Catalog. das rainh.

a religião da Companhia de Jesus, e foi mui devota de S. Francisco Xavier, em cujo obsequio mandou edificar um collegio para os seus padres, na cidade de Beja, ao qual dotou grandiosamente. Morreu no paço da corte real a 4 de Agosto de 1699, e está sepultada no convento de S. Vicente de Fóra. (1)

D. Maria Anna de Austria, filha do imperador Leopoldo I casou em 27 de Outubro de 1708 com el-rei D. João V. Era princeza mui affavel e por isso estimada de seus vassallos: mui devota, mui pia, e exercitada na cultura das principaes linguas da Europa. Quando el-rei seu esposo passou ao Alemtejo no anno 1716, ficou esta senhora com o governo do reino, em o qual mostrou a sua rara capacidade, prudencia, e justiça, virtudes, que praticou com a mesma incumbencia na molestia d'el-rei. Soube medir as suas acções, e distribuir o tempo com ordem inalteravel. Concorreu para se extinguirem os theatros profanos das comedias, e para exemplo de occupação mais segura visitava os templos com frequencia. Em signal da sua verdadeira piedade e religião fundou o convento dos Carmelitas descalços alemães em Lisboa, dedicado a S. João Nepomuceno, cuja nova igreja se benzeo a 6 de Maio de 1741. A todos estes habitos de tão grandes virtudes, que esta augusta heroina praticou com edificação, se ajuntam os repetidos actos de caridade, com que remediava generosa, e liberalmente os pobres. Parece que o exercicio d'estes pios, e santos impulsos era hereditario da augustissima casa d'Austria, a qual em toda a igreja catholica se singulariza em religiosa piedade, e em benigna clemencia, sem embargo que para a execução de tantas virtuosas perfeições, nunca a magestade d'esta perfeitissima princeza necessitou de estimulo, nem de exemplo. Em fim foram as suas virtudes, e attributos tantos, e taes, que excedendo a todos os elogios, mal poderão caber nas breves clausulas d'esta nossa humilde expressão. Faleceu no palacio de Belem aos 14 de Agosto de 1754, e foi seu corpo sepultado na igreja dos Carmelitas descalços alemães, que ella mandara edificar.

D. Maria Anna Victoria, filha d'el-rei catholico Filippe V, e da rainha D. Isabel Farnese, casou em 19 de Janeiro de 1729 com el-rei fidelissimo D. José I. É princeza dotada de uma natural vivacidade, a qual se nos bosques faz admirar as ninfas, e as deusas com os seus tiros, é igualmente fervorosa nos seus retiros, e cheia de grande devoção, e piedade. O primoroso templo de S. Francisco de Paula é um grande testemunho da sua grandeza; nem a sua inviolavel soberania necessita de ser elogiada, para ser immortal.

(1) Idem ibid.

N.	NOME	NAÇÃO	ANN. EM QUE CASOU	MARIDO	FILHOS	ANN. EM QUE MORREU	LUGAR DA MORTE	LUGAR DA SEPULTURA
1	D. Teresa	Castelhana	1093	D. Henrique	4	1130	. . . . .	Sé de Braga
2	D. Mafalda	Saboyana	1146	D. Affonso I	7	1157	Coimbra	St. Cruz de Coimbra
3	D. Dulce	Aragoneza	1175	D. Sancho I	11	1198	Coimbra	St. Cruz de Coimbra
4	D. Urraca	Castelhana	1201	D. Affonso II	4	1220	Coimbra	Alcobaça
5	D. Brites	Castelhana	1253	D. Affonso III	7	1303	. . . . .	Alcobaça
6	Santa Isabel	Aragoneza	1282	D. Diniz	2	1336	Estremoz	St. Clara de Coimbra
7	D. Brites	Castelhana	1309	D. Affonso IV	7	1359	Lisboa	Sé de Lisboa
8	D. Constança	Castelhana	1340	D. Pedro I	3	1345	Santarem	S. Franc. de Santar.
9	D. Ignez	Castelhana	1354	D. Pedro I	4	1355	Coimbra	Alcobaça
10	D. Leonor	Portugueza	1371	D. Fernando	3	1386	Tordesilh.	Valhadolid
11	D. Filippa	Ingleza	1387	D. João I	8	1415	Odivelas	Batalha
12	D. Leonor	Aragoneza	1428	D. Duarte	9	1445	Toledo	Batalha
13	D. Isabel	Portugueza	1448	D. Affonso V	3	1455	Evora	Batalha
14	D. Leonor	Portugueza	1470	D. João II	1	1525	Lisboa	Madre de Deos
15	D. Isabel	Castelhana	1497	D. Manoel	1	1598	Çaragoça	St. Isabel de Toledo
16	D. Maria	Castelhana	1500	D. Manoel	10	1517	Lisboa	Belem
17	D. Leonor	Flamenga	1518	D. Manoel	2	1558	Badajoz	Escurial
18	D. Catharina	Castelhana	1525	D. João III	9	1578	Lisboa	Belem
19	D. Anna	Castelhana	1570	D. Filippe II	3	1580	Badajoz	Escurial
20	D. Margarida	Alemã	1599	D. Filippe III	7	1611	Escurial	Escurial
21	D. Isabel	Franceza	1615	D. Filippe IV	7	1664	Madrid	Escurial
22	D. Luiza	Castelhana	1633	D. João IV	7	1666	Lisboa	Grilo
23	D. Maria Franc.	Franceza	1668	D. Pedro II	1	1683	Palhavã	Francezinhas
24	D. Maria Sofia	Alemã	1687	D. Pedro II	7	1699	Lisboa	S. Vicente de Fóra
25	D. Maria Anna	Alemã	1708	D. João V	6	1754	Lisboa	S. João Nepomuceno
26	D. Maria Anna	Castelhana	1729	D. Joseph *I*	4			

CAPITULO VIII

Dos filhos legitimos, e illegitimos dos soberanos reis de Portugal

N'este reino assim como a successão dos serenissimos reis se introduziu por via de morgado, conforme o uso de Castella, tambem o portentoso heróe D. Affonso Henriques depois de acclamado rei deu o mesmo regio titulo a seus filhos, (1) e se costumou até el-rei D. Affonso II que a todos chamou infantes, o qual titulo nos primogenitos igualmente com seus irmãos durou até o tempo d'el-rei D. Duarte, que á imitação dos reis de Inglaterra ordenou que seu filho D. Affonso V fosse chamado principe, e foi o primeiro que em Portugal começou a intitular-se assim. (2) O mesmo tratamento de princeza tinha tambem a filha d'el-rei, que nascia primeiro, em quanto não havia filho varão. Os outros filhos se chamavam infantes; porém os filhos d'estes tinham só o tratamento de senhores. Isto supposto, daremos uma breve noticia de todos os filhos, que os senhores reis de Portugal tiveram.

Filhos do conde D. Henrique

El-rei D. Affonso Henriques, de quem já dissemos no capitulo VI.

A infanta D. Sancha Henriques casou com Fernão Mendes de Bragança, chamado o Bravo, fidalgo aventureiro, que se achou na batalha do Campo de Ourique. Era senhor de Bragança, e não teve filhos. (3)

A infanta D. Urraca nasceu em Guimarães, antes que seu irmão D. Affonso Henriques. Casou com D. Bermudo Paes de Trava, conde de Trastamara, de que nasceram duas filhas, de uma das quaes procedem os viscondes de Villa nova da Cerveira, e outras familias illustres. (4)

A infanta D. Thereza casou com D. Sancho Nunes de Barbosa, descendente do conde D. Nuno de Cella-Nova, como diz Brandão liv. 10. cap. 20.

Teve mais outros dois filhos, de que não se sabe o nome, e morreram de pouca idade.

Fóra do matrimonio teve de uma mulher nobre a D. Pedro Affonso, valerosissimo capitão, como o deu a conhecer em varias batalhas, em que se achou com seu irmão D. Affonso Henriques. Em França, onde el-rei o mandou como embaixador, teve grande estimação, e com a amizade, que lá teve com S. Bernardo, voltando a Portugal, e dando noticia a seu irmão do Santo, foi causa principal, para que el-rei fun-

(1) Monarq. Lusit. liv. 16. cap. 10. (2) Estaco nas antiguid. de Portug. cap. 12. n. 9. Duart. Nun. Descripç. de Port. cap. 89. Alvar. Ferr. de Vera Orig. da Nobr. cap. 6 Monarq. Lusit. liv. 8. cap. 12. (3) Monarq. Lusitan. liv. 9. cap. 23. (4) Idem liv. 8. cap. 27. Sousa Histor. Genealol. tom. I. pag. 40.

dasse o insigne convento de Alcobaça, no qual D. Pedro se recolheu, assistindo-lhe el-rei com toda a corte no dia, que tomou o habito. Morreu mais honradamente ainda do que tinha vivido, por que deixou de ser principe para ser santo. Nunca se quiz ordenar de Missa, julgando-se indigno de exercicio tão soberano. Faleceu a 9 de Maio de 1169. Jaz em Alcobaça ao pé do altar mór da parte do Evangelho. (1)

Filhos d'el-rei D. Affonso Henriques

O infante D. Affonso Henrique, filho primogenito, nasceu a 5 de Março de 1147, e faleceu de poucos annos.

El-rei D. Sancho, que lhe succedeu na coroa.

O infante D. João. D'este não consta mais que morrera a 25 de Agosto. (2)

A infanta D. Urraca nasceu no anno de 1148. Casou no anno de 1160 com D. Fernando II rei de Leão; mas por causa do parentesco o Papa fez dissolver este matrimonio no anno de 1171. Manoel de Faria diz, que ácerca d'este divorcio se fizera um concilio em Salamanca. Morreu a 16 de Outubro. (3)

A infanta D. Mafalda. No anno de 1160 esteve contratada para casar com D. Affonso II de Aragão; mas nunca sahiu de Portugal, nem o casamento se ajustou, por falecer esta infanta pouco depois de tal contracto. (4)

A infanta D. Thereza, a quem os flamengos chamam Mathilde, casou com Filippe I de Alsacia, conde de Flandres, em Agosto de 1184, o qual morrendo no sitio de Acre no anno de 1191, ficou a infanta governando aquelles seus estados com muita prudencia. Depois passou a segundo matrimonio, e o celebrou com Eudo III, duque de Borgonha no anno de 1194; mas foram separados por causa de parentesco no anno seguinte, e a infanta passados alguns annos morreu desastradamente afogada em uma lagôa a 6 de Maio de 1218. Jaz no convento do Claraval em Borgonha. (5)

A infanta D. Sancha. Não consta mais que morreu a 14 de Fevereiro.

Fóra do legitimo matrimonio teve a Fernando Affonso, alferes mór do reino, e a D. Affonso, mestre da insigne Ordem de Rhodes. Foi muito valeroso; e renunciando a dignidade, passou a Portugal, onde morreu, e jaz sepultado na igreja de S. João da villa de Santarem. (6)

D. Thereza Affonso. Não consente o doutor Brandão (7) que el-rei

(1) Caram. Philip. Prud. lib. I. p. 14. Monarq. Lusit. liv. X. cap. 33. e liv. 11. cap. 1. Sousa Histor. Genealog. tom. I. pag. 40. e segg. (2) Monarquia liv. 10. cap. 19. Vide Fastos da Lusit. tom. I. pag. 189. (3) Faria no Epitom. part. 3. cap. 2 (4) Monarq. Lusit. liv. 10. cap. 42. Duarte Nun. Chronic. del Rei D. Affons. Henriq. Sousa Histor. Geneal. tom. I. pag. 61. (5) Barbos. no Catalog. das rainhas. (6) Cardos. Agiolog. Lusit. tom. II. Sousa Histor. Genealog. tom. I pag. 61. (7) Brand. Monarq. Lusit. liv. 10. cap. 20.

D. Affonso Henriques tivesse esta filha, porque não vira memoria d'ella em escrituras authenticas; porém D. Antonio Caetano de Sousa diz, que a houvera el-rei em Elvira Gualter. (1)

Teve mais a D. Urraca Affonso, que casou com D. Pedro Affonso Viegas, neto de D. Egas Moniz.

Filhos d'el-rei D. Sancho I

A infanta D. Constança nasceu em Maio de 1182, e morreu a 3 de Agosto de 1202.

A infanta Beata Thereza. Estando casada com el-rei D. Affonso IX de Leão, e já com tres filhos, foi separada pelo Papa Celestino III no anno de 1195 por causa do parentesco, e casar sem preceder dispensa. Voltou para Portugal, e restaurando o mosteiro de Lorvão, collocando n'elle freiras da Ordem de Cister, professou o mesmo instituto, e n'elle morreu santamente a 17 de Junho de 1250. Passados trezentos annos, foi achado seu corpo incorrupto, por cujo motivo, e pelos milagres, que obrava o Papa Clemente XI lhe confirmou o culto de beata por Bulla de 23 de Dezembro de 1705, e no anno de 1724 approvou, e concedeu o Officio Proprio para todo o reino de Portugal. Jaz seu veneravel corpo na capella mór de igreja de Lorvão. (2)

A infanta Beata Sancha foi senhora de Alemquer, onde fundou um convento da Ordem de S. Francisco em vida do mesmo Santo, e foi o primeiro d'esta Ordem, que houve em Portugal. Tambem fundou a igreja da Redonda na mesma villa, e o mosteiro de Cellas em Coimbra, onde fez vida Monacal, e morreu a 13 de Março de 1229, e n'este mosteiro é venerada pelos fieis, e resplandece em milagres, tributando-lhe os fieis os mesmos cultos, que a sua gloriosa irmã a Beata Thereza. (3)

O infante D. Affonso, que lhe succedeu no throno.

O infante D. Pedro nasceu a 23 de Março de 1187. Por desavenças, que teve com seu irmão el-rei D. Affonso, sahiu do reino, e foi militar nos exercitos d'el-rei de Leão. Depois se passou para a corte d'el-rei de Marrocos, e serviu nas tropas do imperador Miramolim, e de lá fez transito para Aragão, onde casou no anno de 1228, com Aurembiaux, condessa de Urgel, a qual morrendo sem lhe ficarem filhos, deixou a D. Pedro seu marido por herdeiro de seus Estados, que depois elle trocou com el-rei D. Jayme I pela ilha de Malhorca, que havia conquistado aos mouros; e não tendo D. Pedro armas para a defender d'elles, lh'a restituiu, e houve d'elle a cidade de Segorbe, Morelha, e outras praças. Ajudou tambem este infante a Guilherme de Mongrio, prelado

(1) Sousa Histor. Geneal. tom. I. pag. 63. (2) Barbos. no Catalog. das rainh. p. 126. Cardos. Agiolog. Lusit. tom III. a 17 de Junh. Sousa Histor. Genealog. tom. I. pag. 109. (3) Barbos. no Catalog. das rainh e Sousa allegad. na Histor. Geneal. tom. I.

de Tarragona, a ganhar a ilha de Iviça, que possuiam os mouros no anno de 1230. Finalmente faleceu a 2 de Junho do anno de 1258, deixando dois filhos bastardos, D. Rodrigo insigne em lettras, e D. Fernando . (1)

O infante D. Fernando nasceu a 24 de Março de 1188. Foi principe de altos pensamentos. No anno de 1211 casou com a princeza Joanna, filha do imperador Balduino de Constantinopla, e herdeira dos estados de Flandres. Deu grandes mostras do seu valor na batalha de Bovinas, em que se achou militando por parte do imperador Othon IV, e João I rei de Inglaterra contra Filippe Augusto, rei de França; sendo o infante preso, o levaram para o castello de Louvre, onde esteve alguns annos. Depois de livre ajudou a rainha D. Branca de França contra D. Pedro, duque de Bretanha, e outros potentados, que embaraçavam áquella senhora a tutoria d'el-rei S. Luiz seu filho. Morreu em fim na cidade de Noyon a 26 de Julho de 1233, e está sepultado na abbadia de Market junto a Lila. (2)

O infante D. Henrique nasceu no anno de 1189, e morreu a 8 de Dezembro, e não ha d'elle mais memoria. (3)

O infante D. Raymundo faleceu a 9 de Março.

A infanta D. Mafalda casou com Henrique I de Castella no anno de 1215; porém sendo este casamento julgado nullo, por serem parentes em gráu prohibido, foram separados; e voltando a infanta para Portugal, se recolheu ao mosteiro de Arouca de freiras benedictinas, que ella reformou com as da Ordem de Cister; e aqui tomando o habito viveu em continuo exercicio de virtudes, e morreu com opinião de Santa no 1.º de Maio de 1256. Jaz no mosteiro de Arouca. (4)

A infanta D. Branca foi senhora da cidade de Guadalaxara em Castella; mas não se sabe porque titulo lhe veio aquelle dominio. Foi muito devota da religião dos prégadores, e por isso lhe fundou em Coimbra o convento de S. Domingos o velho no Arnado, de que por causa das enchentes do Mondego não ha vestigios, só sim do campanario, como ainda havia no tempo do author da Benedictina Luzitana. Morreu aos 17 de Novembro de 1240. Jaz em Santa Cruz de Coimbra. (5)

A infanta D. Berenguella, ou Berengaria casou no anno de 1213 com el-rei Valdemaro II de Dinamarca, a quem chamaram o Victorioso de que teve tres filhos, e uma filha. Morreu no primeiro de Abril de 1220. (6)

Fóra do matrimonio teve os seguintes filhos. D. Martim Sanches, que nasceu de uma fidalga chamada D. Maria Annes, ou Ayres de Tor-

(1) Barbos. no Catalog. das rainh. p. 127. Sousa Histor. Geneal. tom. I. p. 100.
(2) Ibid. p. 103. Monarq. Lusit. liv. 15. cap. 35. p. 232 (3) Barbos. allegad. p. 127. (4) Monarq. Lusit. tom. IV. liv. 12. cap. 21. Sous. Histor. Geneal tom. I. liv. 1. cap. 9. Caram. Philipp. Prud. lib. I. pag. 19. (5) Barbos. Catal. das rainh. p. 127. Monarq. Lusitan. tom. 4. liv. 12. cap. 21. Sous. Histor. Geneal. tom. I. cap. 9. Benedict. Lusitan. tom. 2. p. 318. Garibay. tom. 4. liv. 4. c. 15. (6) Barbos. no Catal. das rainhas p. 134. Sous. Histor Geneal. tom. I. p. 125.

nellos. Por differenças que teve com seu irmão el-rei D. Affonso II se passou a Castella, e el-rei D. Affonso de Leão seu cunhado lhe fez grandes mercês e honras. Lá casou com D. Ello, ou Olaya, filha do conde D. Pedro Fernandes de Castro, e não teve descendencia. Jaz em Cosinos terra de Campos. (1)

D. Urraca Sanches, irmã do antecedente foi senhora muito virtuosa. Casou com o neto D. Egas Moniz, e a infanta D. Mafalda a nomeou sua testamenteira.

Teve mais el-rei D. Sancho de outra fidalga chamada D. Maria Paes da Ribeira a D. Rodrigo Sanches, do qual consta que morrera valerosamente em 7 de Junho de 1245 em uma contenda, que tivera com D. Martim Gil de Soverosa sobre reciprocas dependencias; e vindo mortalmente ferido, espirou á porta do convento de Grijó de conegos regrantes, onde pozeram uma cruz de pedra para memoria. (2)

D. Gil Sanches. Dizem uns sómente que não casára: outros accrescentam que fôra clerigo, e que morrera a 14 de Setembro de 1236 .(3)

D. Nuno Sanches morreu de tenra idade.

D. Mayor Sanches tambem morrera menina.

D. Constança Sanches. Ha tradição que vivera no mosteiro das donas de Santa Cruz, que estava junto ao proprio convento dos religiosos e que possuira grandes rendas, as quaes soube distribuir com piedade, e grandeza. Dizem que lhe appareceram os gloriosos S. Francisco, e Santo Antonio, e que morrera com opinião de santa a 8 de Agosto de 1269. Seu corpo foi achado inteiro, e incorrupto em tempo d'el-rei D. Manoel. Jaz em Santa Cruz de Coimbra. (4)

D. Thereza Sanches foi a segunda mulher de D. Affonso Telles de Menezes, Rico Homem, e senhor de Albuquerque, e outras muitas terras. D'este fecundo consorcio procedem algumas casas illustres de Portugal, como a dos Menezes, Cantanhede, Tarouca, e outras. (5)

Filhos d'el-rei D. Affonso II

O infante D. Sancho successor.

O infante D. Affonso nasceu a 5 de maio de 1210, e succedeu a seu irmão, entrando a governar ainda em vida d'elle.

A infanta D. Leonor nasceu no anno de 1211, e casou no de 1229 com Valdemaro III rei de Dinamarca, e não de Dacia, como diz eruditamente D. Antonio Caetano de Sousa emendando a Brandão, e outros escriptores. Morreu de parto a 13 de maio de 1231, e não deixou suc-

(1) Sous. Histor. Geneal. tom, I. p. 89. Benedictin. Lusit. tom. 2. p. 318. Mariz Dial. 2. p. 93. Monarq. Lusit. liv 13. cap. 6. (2) Monarq. Lusitan liv. 14. cap. 24. Corograf. Port. tom. 2. p. 171. (3) Monarq. Lusitan. liv. 12. cap. 21. Sous. Histor. Genealog. tom. I. 91. (4) Monarq. Lusitan. liv. 15. cap. 35. Barbos. no Catalog. das Rainh. p. 129. Sous. Histor. Geneal. tom. I. p. 92. (5) Monarq. Lusit. liv. 12. cap. 21.

cessão alguma, como bem mostra D. Joseph Barbosa contra o bispo Caramuel. Está sepultada esta infanta em Ringstad. (1)

O infante D. Fernando, a quem chamaram o infante de Serpa, por que foi senhor d'esta villa. Passou a Castella, e lá militou contra os mouros valerosamente, por cujas acções el rei D. Fernando o *Santo* o casou no anno de 1241 com a senhora de Balvas D. Sancha Fernandes de Lara, filha do conde de Lara. Não consta de certo quando morreu, nem onde está enterrado. (2)

Fóra do matrimonio teve o sobredito rei a D. João Affonso, do qual não ha mais memoria, que a que se infere da inscripção de uma sepultura collocada no mosteiro de Alcobaça á porta do Capitulo da parte de fóra, da banda esquerda, por onde consta que morrera no anno de 1234. (3)

Filhos d'elrei D. Affonso III

A infanta D. Branca nasceu a 28 de Fevereiro de 1259 na villa de Guimarães. Foi senhora de Montemór o velho, de Campo maior, e de outras terras, e foi abbadeça do mosteiro de Lorvão, onde procedia com tanto exemplo, que lhe deram em Burgos o governo do mosteiro das Huelgas, de cujo dominio, e obediencia pendiam doze mosteiros. Não se sabe quando morreu. (4).

O infante D. Fernando não se sabe quando nasceu. Morreu ainda menino no anno de 1262, e jaz em Alcobaça.

O infante D. Diniz, que succedeu na coroa.

O infante D. Affonso nasceu a 8 de Fevereiro de 1263. Foi senhor de Portalegre, Castello de Vide, Marvão, Arronches, e outras terras. Por dezavenças, que teve com seu irmão el-rei D. Diniz, passou-se a Castella, e lá seguiu a corte, casando com a infanta D. Violante Manoel, filha do infante D. Manoel, senhor de Escalona, e filho do Santo D. Fernando III rei de Castella. Morreu em Lisboa a 2 de Novembro de 1312. Jaz em S. Domingos, collocado em um tumulo na parede por cima da porta, que hia do cruzeiro para a sacristia. (5)

A infanta D. Sancha nasceu a 2 de Fevereiro de 1264. Perfilhou-a sua tia D. Constança Sanches, e lhe largou muitas terras, que possuia. Tendo não mais que cinco annos, foi com a rainha sua mãi a Castella, e estando em Sevilha morreu no anno de 1302. Jaz em Alcobaça. (6)

A infanta D. Maria nasceu a 21 de Novembro de 1265. Viveu religiosa no mosteiro das Donas de Santa Cruz de Coimbra, e aqui mor-

(1) Sous. Histor. Geneal. tom. I. p. 144. Barbos no Catal. das Rainh. p. 237. et seq.
(2) Monarq. Lusit. liv 13. cap. 20. Sous allegad. tom. I p. 141. (3) Monarq. allegad.
(4) Barbos. Cathalog. das Rainh. p. 257. (5) Sous. Histor. Genealog. tom. I. p. 185. Monarq. Lusit. liv. 16. cap. 31. e liv. 6. p. 178. Cardos. Agiol. Lusit. tom. I. p. 62.
(6) Sous. Histor. Geneal. tom. I. p. 176. Monarq. Lusit. liv. 16. cap. 48.

reu com opinião de santidade a 6 de Junho de 1304. Jaz em Santa Cruz de Coimbra. (1)

O infante D. Vicente nasceu a 22 de Janeiro de 1268. Morreu em Lisboa, e jaz em Alcobaça. (2)

Além d'estes filhos teve fóra do matrimonio os seguiutes: D. Diniz, que nasceu de Maria Peres de Enxara, e casou com D. Maria Ribeira, donde procedem os Sousas da caza de Arronches. (3)

D. Martim Affonso Chichorro. O chronista fr. Antonio Brandão, diz que a mãi d'este senhor fora uma filha do alcaide, ou governador de Fáro, muito formosa, de quem nosso rei D. Affonso se namorára; e que casando D. Martim na caza dos Sousas, foi progenitor dos Sousas da familia dos marquezes das Minas; porém não assegura esta origem com certeza. (4)

D. Fernando Affonso. Foi cavalleiro templario, e filho de D. Chamoa Gomes, filha do conde D. Gomes Nunes. Os Freires de Veles o mataram em Evora, e jaz sepultado na igreja de S. Braz de Lisboa. (5)

D. Gil Affonso. Foi tambem cavalleiro templario, e Ballio da igreja de S. Braz de Lisboa, onde está sepultado.

D. Rodrigo Affonso. Parece que fr. Antonio Brandão dá a entender, que el-rei D. Affonso tivera dois filhos com este mesmo nome. Vejam-se os lugares citados. (6).

D. Leonor Affonso. Foi esta senhora casada duas vezes; a primeira com D. Estevão Annes, filho de D. João Garcia de Sousa, chamado o Pinto. Por morte de D. Estevão tornou a casar com D. Gonçalo Garcia de Sousa, alferes mór d'el-rei D. Affonso, a quem tambem fez conde. De nenhum d'estes matrimonios teve filhos D. Leonor. (7)

D. Urraca Affonso. Casou com D. Pedro Annes, que governava a provincia de Tras-os montes. (8)

D. Leonor Affonso. Foi religiosa no mosteiro de Santa Clara de Santarem, e alli resplandeceu em grandes actos de virtude. (9)

D. Urraca Affonso. Viveu, e morreu no mosteiro de Lorvão em 4de Novembro de 1281. Jaz no mesmo convento em sepultura descuberta. (10)

O grande genealogico D. Antonio Caetano de Sousa numera mais outro filho d'el-rei D. Affonso III, e diz que foi o infante D. Henrique Affonso, mas põe-no em duvida. O padre D. Luiz de Lima (11) entre os filhos bastardos d'el-rei assina tambem a D. Pedro Affonso, de que não achamos noticia em outra parte.

(7) Cardos. a 6 de Junh. (2) Monarq. Lusit. liv. 15. cap. 28. (3) Ibid. cap. 29. Sous. Histor. Genealog. tom. I. p. 177. Moreir. Theatr. Geneal. da Casa dos Sous. p. 319. diz que este D. Affonso Diniz não fôra bastardo. (4) Brand. Monarq. Lusit. liv. 15. cap. 29. Emprez. Militar. p. 13. Beuedict. Lusit. part. 2. p. 322. (5) Sous. Histor. Geneal. tom. p 177, Malt. Port. tom. I liv. 2. cap. 6. n. 71. (6) Monarq. Lusit. liv. 15. cap. 29. e no Prol. da part. 5. Veja-se tambem a Leitão Ferr. nas Notic. Chronol. n, 71. (7) Monarq. Lusit. liv. 15. cap. 29. e cap. 36 (8) Idem ibid. Sous. Histor. Geneal. tom. I. p. 179
(9) Cornej. Chronic. da Ord. tom. 2. p. 61. Esperanç. Histor. Serafic. liv. 5. cap. 9.
(10) Sous. Histor. Geneal. tom. p. 180. (11) Lima Geograf. Histor. tom. p. 210.

Filhos d'el-rei D. Diniz

A infanta D. Constança nasceu a 3 de Janeiro de 1290, e no de 1302 casou com D. Fernando IV rei de Castella, de que teve dois filhos, cuja descendencia se póde ver em D. Antonio Caetano de Sousa. Morreu a 18 de Novembro de 1313. (1)

O infante D. Affonso successor.

Teve mais fóra do matrimonio de differentes mulheres os seguintes filhos: D. Affonso Sanches nascido de D. Aldonça Rodrigues Telha. Foi muito querido de seu pai, o qual o fez seu mordomo mór, e senhor da villa do Conde, e outras muitas terras. Esta nimia affeição causou tal inveja a seu irmão D. Affonso, que o perseguiu fortemente depois que principiou a governar. Casou com D. Thereza Martins, filha do conde de Barcellos, e fundou com sua mulher o mosteiro de Santa Clara da Villa do Conde, dotando-o grandiosamente. Faleceu no anno de 1329, e jaz sepultado no mesmo mosteiro com opinião de virtuoso. Ha tradição, que depois de morto apparecera com sua mulher ás religiosas do seu mosteiro, animando-as em uma occasião de guerra em Castella. (2) D'este matrimonio descendem por allianças muitas familias illustres d'este reino.

D. Pedro Affonso havido em D. Garcia Froyas, mulher de qualidade, natural de Torres Vedras. Foi o sobredito D. Pedro, conde de Barcellos, alferes mór do reino, mordomo mór da infanta D. Brites, e possuiu muitas terras, com cujo dominio, e rendas conservava uma casa magnifica. El-rei D. Diniz seu pai o estimava muito, e elle o merecia pelo seu valor, e lettras. Compoz o celebre nobiliario, em que descreve a origem de quasi todas as familias de Hespanha, e é estimavel, por não haver outro d'este genero mais antigo. Casou tres vezes, mas não teve descendencia. Morreu no anno de 1354, e jaz enterrado no convento de S. João de Tarouca da Ordem de Cister. A estatura de seu corpo tinha de comprido onze palmos. (3)

D. Pedro Affonso. Este foi outro filho d'el-rei D. Diniz, e casou com D. Maria Mendes. Muitos se enganaram com este D. Pedro, fazendo-o author do famoso nobiliario, o que desfaz facilmente o insigne D. Antonio Caetano de Sousa. (4)

D. João Affonso. Foi ligitimado a 13 de abril de 1317, e nascido de Maria Pires, mulher de qualidade. Foi mordomo mór da rainha Santa Isabel, e el-rei D. Affonso irmão d'este D. João o mandou degolar a 4 de Junho de 1325. (5)

D. Fernão Sanches. El-rei seu pai lhe fez muitas mercês. Casou com D. Froylhe Annes de Briteiros.

(1) Sous. Histor. Geneal. tom. I. p. 286. (2) Monarq. Lusit. tom. 6. p. 271. e tom. 5. p. 39. e 270. Agiol. Lusit. no primeiro de Janeiro. Sous. Histor. Geneal. tom. I. p. 237. (3) Idem ibid. p. 254. e seg. Rodrig. Mend. da Silv. Catal. Real. Monarq. Lusitan. liv. 18. cap. 48. (4) Sous. Histor. Geneal. tom. I. p. 280. (5) Idem ibid. p. 281.

D. Maria Affonso havida em D. Marinha Gomes, mulher nobre de Lisboa, e que fundou a igreja de Santa Marinha. Casou com D. João de Lacerda, de quem houve descendencia. (1)

D. Maria Affonso. Foi freira em Odivellas, e faleceu no anno de 1320 com opinião de virtuosa.

Filhos d'el-rei D. Affonso IV

A infanta D. Maria nasceu no anno de 1313, e no anno de 1328 casou com el-rei de Castella D. Affonso XI a quem soffreu muitas desatenções originadas dos illicitos amores, que elle havia contrahido com D. Leonor Nunes de Gusmão. Morto seu marido, voltou ella para Portugal, e em Evora faleceu a 18 de Janeiro, de 1357, porém seu corpo foi trasladado para a capella dos reis em Sevilha, aonde jaz junto d'el-rei seu marido. (2)

O infante D. Affonso nasceu no anno de 1315 na villa de Penella, e morreu menino na mesma villa. Jaz sepultado em S. Domingos de Santarem. (3)

O infante D. Diniz nasceu em Santarem a 12 de Janeiro de 1317, d'ahi a um anno morreu e jaz em Alcobaça.

O infante D. Pedro successor.

A infanta dona Isabel nasceu a 21 de Dezembro do anno de 1324, a d'ahi a dous annos morreu. Jaz no mosteiro de Santa Clara de Coimbra.

O infante D. João nasceu a 23 de Setembro de 1326, e morreu a 21 de Junho de 1327. Está sepultado em Odivellas.

A infanta D. Leonor nasceu no anno de 1328, e no de 1347 casou com el-rei de Aragão D. Pedro IV. Morreu na villa de Exerica no ultimo de Outubro de 1348. (4)

Filhos d'el-rei D. Pedro I

A infanta D. Maria nasceu a 6 de Abril de 1342 na cidade de Evora. Casou na mesma cidade a 3 de Fevereiro de 1354 com D. Fernando infante de Aragão, e passando-se para aquelle reino, logrou poucos annos a união de seu marido, pois no de 1363 o mandou matar aleivosamente el-rei D. Pedro de Aragão seu irmão. Voltou a infanta para Portugal, e vivendo na villa de Aveiro, alli faleceu, e descançam suas cinzas no mesmo mosteiro de Santa Clara de Coimbra. (5)

O infante D. Luiz não teve mais que oito dias de vida.

(1) Salazar Casa de Lara tom. I. liv. 3. cap. 8. § 3. Torre do Tombo liv. 3 del Rei D. Diniz fol. 34. e fol. 36. (2) Garibay tom 2. liv. 14. cap. 5. e 6. Barbos. no Catal. das Rainh. p. 279. (3) Monarq. Lusit. liv. 18. cap. 32. (4) Zurit. Annaes de Aragão tom. 2. liv. 8. cap. 13. 14. e 42. (5) Barbos. no Catal. das Rainh. p. 295. Leitão Ferreir. Notiç. Chronol. num. 512. Sous. Histor. Geneal. tom. I. p. 383. Carm. Philipp. Prudent. p. 142. Far. no Com. de Cam. cant. 3. est. 101.

O infante D. Fernando successor.

De sua segunda mulher dona Ignez de Castro teve os seguintes filhos. O infante D. Affonso faleceu de tenra idade.

O infante D. João casou a primeira vez com dona Maria Telles de Menezes no anno de 1376, irmã de sua cunhada; porém induzido por esta, que era a rainha dona Leonor, matou injustamente sua mulher, por cujo crime, passando-se a Castella, el-rei D. Henrique II o fez conde de Valença, e lhe deu o senhorio de outras terras, e sua filha bastarda dona Constança com quem casou. Morto seu irmão el-rei D. Fernando, temendo-se el-rei D. João de Castella, que pretendia o reino de Portugal pela rainha dona Brites sua mulher, que levantassem os portuguezes por seu rei ao infante D. João, o mandou prender, e na prisão morreu. Jaz no convento de Santo Estevão de Salamanca. (1)

O infante Diniz. Por não querer beijar a mão a sua cunhada a rainha dona Leonor, sahiu de Portugal, e passou-se para Castella, onde elrei D. Henrique o casou com uma filha bastarda, chamada dona Joanna. Jaz no mosteiro de Nossa Senhora de Guadalupe, em cuja sepultura se lê o titulo de rei de Portugal, pela pretenção, que tinha ao reino. (2)

A infanta dona Brites casou no anno de 1377 com D. Sancho, conde de Albuquerque, filho bastardo d'el-rei D. Affonso XI, de Castella, d'onde procede uma dilatada, e real descendencia. Está sepultada na Sé de Burgos. (3)

Fóra do matrimonio teve a D. João, mestre d'Aviz, havido em uma nobre senhora de Galiza, chamada dona Thereza Lourenço, e depois foi rei. (4)

Teve el-rei D. Pedro mais outra filha bastarda, a que não se sabe o nome, mas consta que se creára no mosteiro de Santa Clara de Coimbra.

Filhos d'elrei D. Fernando

O infante D. Pedro, que morreu menino.

O infante D. Affonso tambem morreu de pouca idade.

A infanta dona Brites nasceu em Coimbra no anno de 1372. Casou a 14 de Maio de 1383 na cidade de Badajoz com elrei D. João I de Castella, precedendo dispensa pontificia no gráu de parentesco, que havia entre os esposos, e celebrando-se esta funcção com grande pompa e magnificencia. Pouco durou esta união, porque morrendo elrei no anno de 1390, ficou a rainha dona Brites sem filhos, e dezamparada de parentes, e amigos em Portugal e Castella. Em Portugal, porque elrei D. João I seu tio havia tomado posse do reino, contrariando para maior

(1) Faria Epitom. part. 3. cap. 9. (2) Monarq. Lusitan. liv. 16. c. 1.
(3) Sous. Histor. Geneal. tom. 1. p. 887. e seg. (4) A'cerca da verdadeira Mãi de D. João, Mestre de Aviz, veja-se Joseph Soares da Silva nas memorias delrei D. João I, e a D. Antonio Caetano de Sousa no tom. 2. da Historia Geneologica da casa real Portugueza.

força a sua legitimidade; e em Castella era mal acceita por causa das guerras, que então houve na pretenção de Portugal. Sem embargo d'esta afflição, em que se via, considerando-se na flor dos seus annos, e formosissima, sendo procurada para segundas vodas pelo duque de Austria, foi esta princeza tão virtuosa, e prudente, que mandou dizer aos embaixadores, que as mulheres como ellla não casavam duas vezes: de cuja resposta ficaram admirados. Morreu emfim na villa de Madrigal. (1)

Fóra do matrimonio teve a dona Isabel, que nasceu no anno de 1364, e no anno de 1378 casou em Burgos com D. Affonso conde de Gijon, e Noronha, filho bastardo d'elrei D. Henrique II de Castella. D'este matrimonio procedem muitas familias illustres d'este nosso reino, os condes de Monsanto, marquezes de Cascaes, os condes de Valladares, os de Arcos, e de Villa Verde, os marquezes de Angeja, os de Marialva, os condes de Cantanhede, os senhores de Ilhavo, etc. Por morte de seu marido voltou esta senhora para Portugal, onde seu tio elrei D. João I lhe fez muitas mercês. (2)

Filhos d'elrei D. João I

A infanta D. Branca nasceu em Lisboa a 13 de Julho de 1388, e morreu no de 1389. Jaz na Basilica de Santa Maria antiga metropolitana de Lisboa, junto d'elrei D. Affonso IV seu visavô.

O infante D. Affonso nasceu em Santarem a 30 de Julho de 1390. Foi jurado successor do reino. Viveu 10 annos, porque faleceu a 22 de dezembro de 1400. Jaz na Cathedral de Braga em um tumulo de bronze dourado, que lhe mandou de Borgonha a infanta D. Isabel sua irmã. (3)

O infante D. Duarte successor.

O infante D. Pedro nasceu em Lisboa a 9 de Dezembro de 1392. Foi duque de Coimbra, e senhor de Montemór o Velho, e outras terras do infantado. Casou com D. Isabel de Aragão, filha do conde de Urgel D. Jaime II no anno de 1429. Foi este principe illustre na paz, e na guerra. No anno de 1424 saiu de Portugal, e fazendo uma larga peregrinação na companhia de alguns fidalgos, viu as côrtes dos principaes soberanos da Europa, Africa, e Asia. Na do imperador Sigismundo se demorou mais tempo, a quem ajudou na guerra contra os turcos. Não foi só excellente na disciplina militar, porque tambem cultivou o seu engenho com as letras divinas, e humanas, e foi perito nas linguas estrangeiras, e versado nas artes liberaes. Ficou por tutor delrei D. Affonso

(1) Sous. Histor. Geneal. tom. I. p. 431. Monarq. Lusitan. tom. 8. p. 651. Duart. Nun. Descr. de Port. p. 189. Anno Historic. a 14. de Maio. Pint. Ribeir. nos Injust. Succes. dos Reis de Leão § 13. (2) Sous. allegad. p. 427. (3) Cunh. Histor. de Braga tom 2. cap. 58. n. 1 Soares da Silva nas Memorias delRei D. João I liv. I. c. 45. n. 292.

V, seu sobrinho, e no governo do reino se houve com singular prudencia, mas com inveja de muitos emulos, cuja ambição nunca poude saciar. Sahindo elrei da idade pupilar, e tomando o governo do seu reino, em lugar das graças, que houvera de dar ao infante seu tutor, tio, e sogro, o desterrou: e pelas calumnias de seu irmão D. Affonso, conde de Barcellos, e de outros seus inimigos, vindo o infante a Santarem para se desculpar, elrei lhe sahiu ao encontro com um exercito. Poz-se o infante em natural defensa com alguma gente da sua facção, deu-se a vergonhosa batalha chamada da Alfarrobeira, e n'ella foi morto o infante atrevidamente do tiro de uma destinada setta a 20 de Maio de 1449. Foi sepultado na igreja de Alverca, e d'aqui trasladaram o corpo para Abrantes, depois para Santo Eloy de Lisboa, e de Lisboa para a Batalha, onde jaz. Teve seis filhos, que foram: D. Pedro, condestavel de Portugal, e acclamado rei de Aragão. D. João, chamado de Coimbra. D. Isabel rainha de Portugal, mulher delrei D. Affonso V. D. Brites, que casou em Flandes com Adolfo de Cleves, senhor de Revestein. D. Filippa, que morreu recolhida em Odivellas. D. Jaime, arcebispo de Lisboa, e depois cardeal do titulo de Santo Eustaquio. (1)

O infante D. Henrique nasceu na cidade do Porto a 4 de Março de 1394. Foi duque de Viseu, e Mestre da ordem militar de Christo, em gloria da qual pelejou contra os infieis em muitas occasiões, dando sempre mostras de seu grande valor. Desde a flor dos seus primeiros annos se applicou tanto ás mathematicas, que a puras contemplações, e igual constancia de quarenta annos, emprendendo novos descobrimentos de ceus, terras, e climas differentes, deu a conhecer ao mundo o que o mesmo mundo ignorava. Alem de tanto valor, e sciencia era dotado de um heroico espirito, vida santa, e pura, até que acabou como virtuoso em Sagres do reino do Algarve a 13 de Novembro de 1460. Jaz na Batalha. (2)

A infanta D. Isabel nasceu em Evora a 21 de Fevereiro de 1397, e a 10 de Janeiro de 1430 se recebeu com D. Filippe III o Bom, duque de Borgonha, e conde de Flandes, em cujo dia, para que fosse celebrado com maior solemnidade, instituiu o duque a ordem militar do Tusão de ouro na cidade de Bruges, onde se festejaram as vodas com uma rara, e extraordinaria magnificencia. Teve esta princeza tal dom de conselho, que nenhuma acção executava seu marido sem o seu parecer, ainda nas resoluções militares: porque alem do grande juizo e prudencia, existia n'ella um valor verdadeiramente varonil, como em algumas occasiões o mostrou. Morreu a 17 de Dezembro de 1471, e jaz no convento da Cartuxa de Dijon, cidade capital d'aquelle estado. (3)

(1) Fernão Lopes Chron. delrei D. João I c. 148. Nunes Chron. do mesmo rei c. 101.

(2) Sous. Hist. Geneal. t. 2. p. 103. Vieira t. 11. n. 622. Sous. Hist. de S. Dom. part. I. liv. 6. cap. 15. Soares da Silva nas Memorias delrei D. João I. liv. I. cap. 75. e segg. (3) Sous Hist. Geneal. t. 2. p. 115. e segg. Duart. Nun. Descripç. de Port. p. 144.

O infante D. João nasceu em Santarem a 13 de Janeiro de 1400. Casou no anno de 1424 com a infanta D. Isabel sua sobrinha, e filha de D. Affonso, primeiro duque de Bragança, seu irmão. Era o infante terceiro condestavel de Portugal, mestre da ordem de Santiago, e principe mui prudente, valeroso, e bemquisto de todos. Morreu na villa de Alcacer do Sal a 18 de Outubro de 1442, e jaz no templo da Batalha na mesma capella delrei seu pai (1)

O infante D. Fernando nasceu em Santarem a 29 de Setembro de 1402. Foi mestre de Aviz com o titulo de administrador, e governador perpetuo da dita ordem. A sua vida sempre foi de procedimento não só inculpavel, mas exemplar pelo continuo exercicio de virtudes, com que se fazia amado de todos. Sendo dado em refens aos mouros até lhes ser entregue a cidade de Ceuta, por concerto, que os portuguezes fizeram com os barbaros na infeliz jornada de Tangere em tempo delrei D. Duarte, padeceu ignominias, e injurias n'aquelle cativeiro com uma paciencia santa, até que morreu depois de seis annos de escravidão a 5 de Junho de 1443, obrando Deus por intercessão d'este santo infante muitos prodigios. Jaz no convento da Batalha. (2)

Sendo elrei D. João ainda mestre de Aviz teve antes de casar o senhor D. Affonso, primeiro duque de Bragança, que nasceu no castello de Veiros do Alemtejo no anno de 1370, e havido em D. Ignez Pires, mulher nobre, a qual depois foi commendadeira de Santos. Casou a 8 de Novembro de 1401 com a senhora D. Brites Pereira, condessa de Barcellos, filha unica do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, de cujo feliz consorcio descende, como de tronco glorioso, a serenissima casa de Bragança hoje reinante. Morreu na villa de Chaves em o mez de Dezembro de 1461. Foi sepultado na igreja dos Capuchos da mesma villa. (3)

A senhora D. Brites não se sabe quando nasceu: porem casou a 26 de Novembro de 1405 com Thomaz Fitz, conde de Arundel em Inglaterra, onde foi esta senhora recebida com pomposa magnificencia. D'este casamento não teve successão, e pela morte de seu marido passou a segundas vodas no anno de 1415 com Gilberto Talbot, barão de Irchenfield, de que tambem ficou viuva no anno de 1419. Ignora-se o anno em que morreu.

(1) Silv. Mem. delrei D. João I. l. I. c. 94. Sous. Hist. de S. Dom. l. 6. c. 15. p. 332.

(2) Nun. de Leão na Chron. delrei D. Duart. e na Desc. de Port. p. 120 Cardos. Agiol. Lusit. t. 3. a 5 de Junh. Sous. Hist. de S. Dom. part. I. l. 6. c. 27. e 28. Soar. da Silv. Mem. delrei D. João I. l. I. Sousa Hist. Geneal. t. 2. l. 3. c. 6. Vasco Mousinho no Affonso Africano cant. 4. est. 52. e segg. (3) Sous. Hist. Geneal. t. 5. l. 6. Per. Chron. dos Carm. t. I. Lorena perseg. p. 405.

Filhos delrei D. Duarte

O infante D. João nasceu em Lisboa em Outubro de 1429, e morreu de tenra idade.

A infanta D. Filippa nasceu em Santarem a 27 de Novembro de 1430, e morreu a 24 de Março de 1439, ameaçada de peste.

O principe D. Affonso successor.

A infanta D. Maria nasceu a 7 de Dezembro de 1432 na villa do Sardoal, e não teve mais que um dia de vida.

O infante D. Fernando nasceu em Almeirim a 17 de Novembro de 1433, e no de 1438 foi jurado principe successor do reino. Era duque de Viseu, condestavel do reino, senhor de Beja, e de outras muitas terras. Casou nas Alcaçovas com a infanta D. Brites, filha de seu tio o infante D. João no anno de 1447. Como o infante era de elevados espiritos, sahio do reino occultamente, e foi ter a Ceuta com a idéa de ser alli Fronteiro: porem elrei D. Affonso seu irmão o fez voltar ao reino, e depois se servio do seu valor na jornada, e expugnação de Africa. Morreu em Setubal a 18 de Setembro de 1470, e jaz no mosteiro da Conceição de Beja, que a infanta sua mulher fundára. D'esta real união nasceram o senhor D. João, o senhor D. Diogo, o senhor D. Duarte, o senhor rei D. Manoel, a rainha D. Leonor, a duqueza D. Isabel, communicando-se tambem por via d'este casamento o regio sangue dos serenissimos senhores duques de Bragança a quasi todos os soberanos principes da Europa. (1)

A infanta D. Leonor nasceu em Torres Vedras a 18 de Setembro do anno 1434. Casou com o imperador Federico III no anno de 1451, e a 16 de Março de 1452 o papa Nicolau V a recebeu em Roma, e a coroou imperatriz a 19 do mesmo mez: e passando depois a Alemanha, foi coroada rainha de Hungria, e Bohemia. Foi esta princeza igualmente mui formosa e discreta, cujos predicados fazia realçar mais com uma singular modestia, que era o attractivo de todos a amarem, e respeitarem. Falleceu em Neustadt a 3 de Setembro de 1467. Jaz no mosteiro de Cister da mesma cidade. (2)

O infante D. Duarte nasceu em Alemquer a 12 de Julho de 1435, e morreu de tenra idade.

A infanta D. Catharina nasceu a 25 de Novembro de 1436. Esteve desposada com D. Carlos, principe de Navarra, e com elrei de Inglaterra Duarte IV, mas nenhum casamento se effeituou. Foi princeza de muitas virtudes, e com tanta applicação ao exercicio das letras, que chegou a traduzir em portuguez o livro da perfeição dos monges, que em latim compoz S. Lourenço Justiniano. Morreu no mosteiro de Santa

(1) Nun. Chron delrei D. Affonso V c. 1. Barbos. no Catal. das rainh. Sous. Histor. Geneal. t. 2. (2) Far. Eur. Port. t. 2. part. 3. c. 2. n. 28. Duarte Nun. Desc. de Port. p. 140. Sous. allegad.

Clara de Lisboa com opinião de virtuosa aos 17 de Junho de 1463. Jaz no convento de Santo Eloy d'esta cidade. (1)

A infanta D. Joanna nasceu no fim de Março de 1439 na quinta do Monte Olivete da villa de Almada. Casou com Henrique IV de Castella a 21 de Maio de 1455. Foi mui formosa, e naturalmente alegre, e esperta, d'onde se lhe originaram as calumnias, de que a arguiram. Teve uma unica filha, que foi a princeza D. Joanna, jurada herdeira de Castella, a quem a fortuna, que lhe usurpou o reino, contentou com o nome de excellente senhora. Morreu a rainha D. Joanna em Madrid a 13 de Junho de 1475. Foi sepultada no mosteiro de S. Francisco da mesma villa, cuja sepultura está hoje desfeita. (2)

Ainda que Manoel de Faria tem por certo que elrei D. Duarte não tivéra mais filhos fóra do matrimonio, os genealogicos mais indagadores affirmam que tivera a D. João Manuel, nascido de D. Joanna Manoel, dama da rainha D. Leonor. Criou-se em casa do inconquistavel, e grande D. Nuno Alvares Pereira, e de quatorze annos tomou o habito da religião do Carmo em Lisboa, e aqui foi prior, e provincial, d'onde a merecimentos das suas virtudes foi elevado á dignidade de bispo de Ceuta, depois bispo da Guarda. Elrei D. Affonso V, seu irmão, o fez tambem seu capellão mór, e se aproveitou muito da sua prudencia, virtude, e conselhos. Morreu em Lisboa, e jaz no convento do Carmo da mesma cidade na casa do capitulo velho, como nos mostra o moderno, e insigne chronista d'esta religião, e não na Sé de Lisboa, como escreve o author da Corografia Portugueza. (3) D'aqui procedem os illustrissimos condes de Atalaya.

Filhos d'elrei D. Affonso V

O principe D. João nasceu em Cintra a 29 de Janeiro do anno 1451, e morreu de tenra idade.

A infanta beata Joanna nasceu em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1452. Foi de singular virtude, e admiravel formosura, por cujas prendas muitos principes a pertenderam para esposa: mas repudiando a todos, viveu em perpetua castidade. Consagrando-se toda a Deus, tomou o habito de religiosa de S. Domingos no mosteiro de Jesus de Aveiro no anno de 1475, onde vivendo dezoito annos em continuo exercicio de todas as suas virtudes, em que floreceu, acabou o circulo de seus dias n'este mundo a 12 de Maio de 1490. Jaz sepultada no mesmo mosteiro em um primoroso tumulo, que lhe mandou fazer o senhor rei D. Pedro II, para onde se trasladaram as veneraveis reliquias em 22 de Outubro de 1711 por ordem delrei D. João V. O mesmo senhor

(1) Agiol. Lusit. t. 3. a 17 de Junho. (2) Sous. Hist. Geneal. t. 2. p. 661.
(3) Bened. Lusit. t. 1. p. 381. Per. Chron. dos Carm. t. 1. n. 1655. Cor. Port. t. 2. p. 311.

D. Pedro II alcançou do papa Innocencio XI o culto de Beata desde 4 de Abril do anno de 1693. (1)

O principe D. João successor.

Filhos delrei D. João II

O principe D. Affonso nasceu em Lisboa a 18 de Maio do anno 1475. Casou com a princeza D. Isabel, filha delrei D. Fernando o Catholico, a 23 de Novembro de 1490. Nas suas vodas se fizeram as maiores festas, e demonstrações de alegria em variedade de espectaculos, profusão monstruosa de manjares, e invenção exquisita de bailes quaes nunca se viram, nem ouviram: porem como se toda aquella magnificencia, divertimento, e grandeza fôra feita por jogo, e brinco da fortuna, dentro em poucos dias se mudou em subitos prantos, e lutos, porque este principe na florida idade de dezaseis annos, casado de sete mezes, caindo de um cavallo, em que risonho corria pelas margens do Tejo junto a Santarem, se fez em pedaços: e deitado sobre a humilde cama de feno na choça de um pobre pescador, exhalou a alma a 13 de Julho de 1491 nos braços delrei seu pai, da rainha sua mãi, e da princeza sua esposa, desfeitos todos em lagrimas, e sentimento por tão lastimosa fatalidade. Jaz na Batalha na casa do capitulo. (2)

Teve fóra do matrimonio a D. Jorge, que nasceu em Abrantes a 12 de Agosto de 1481. Foi sua mãi D. Anna de Mendonça, dama da rainha D. Joanna, e senhora muito nobre, e tão estimada, e querida delrei, que a seu respeito (diz o author do Anno Historico) mandou erigir o mosteiro de Santos o Novo, e a nomeou commendadeira perpetua, onde falleceu virtuosamente no anno de 1545. Não foi menor o amor, que elrei teve a este filho, o qual se criou em casa da senhora D. Joanna sua tia: e fallecendo esta princeza, o trouxe para o Paço a rainha sua madrasta, e o conduzio a Evora, onde elrei estava, o bispo do Porto. Foi esperal-o fóra da cidade o principe D. Affonso seu irmão com toda a nobreza, mandou-o seu pai tratar de excellencia, mas por lisonja lhe fallavam por alteza. Quiz elrei deixal-o por successor do reino, ao que se oppoz a rainha, por ser em prejuizo de seu irmão D. Manoel, a quem de direito tocava, e tambem não quiz vir n'isso o papa Alexandre VI, havendo por esta causa grandes discordias entre elrei, e a rainha. Mas, como elrei não poude conseguir o que desejava, fez a D. Jorge o maior senhor, que havia em Hespanha, porque quiz que succedesse aos bens de seu bisavô o infante D. Pedro, e assim ficou sendo duque de Coimbra, senhor de Montemor o Velho, marquez de Torres No-

(1) Fr. Luiz de Sous. Chron. de S. Dom. part. 2. l. 5. Agiol. Dom. a 12 de Maio. Sous. Histor. Geneal. t. 3. c. 2. p. 79 (2) Garc. de Resend. Chron. delrei D. João II. c. 8. e 131. Anno Hist. a 12. e 13 de Julho. Sous. Hist. Geneal. t. 3. c. 4. Fonseca Evora glor. p. 96.

vas, mestre das ordens de Santiago, e Aviz, e senhor de outras muitas rendas. Morto elrei, foram muitos fidalgos a Villa Nova buscar o senhor D. Jorge, e o conduziram a Montemór o Novo, onde estava elrei D. Manoel. Foi logo em direitura apear-se ao Paço vestido de burel, e assim subio a beijar a mão a elrei: e o prior do Crato D. Diogo de Almeida, que era seu aio, pegando-lhe pela mão, se puzeram ambos de joelhos, e o entregou a elrei seu tio, fazendo-lhe uma eloquente oração, em que lhe dizia como elrei defuncto lh'o deixára encommendado. Elrei D. Manoel lhe fez grandes honras, e lhe deu casa no Paço. Contava já o senhor D. Jorge vinte annos de idade, quando elrei o casou com D. Brites de Vilhena, filha de D. Alvaro, irmão do duque de Bragança D. Fernando II, e d'este matrimonio descende a illustre familia dos Alemcastres. Morreu o senhor D. Jorge no anno de 1550, e jaz no convento de Palmella. (1)

Filhos delrei D. Manoel

O principe D. Miguel da Paz foi filho da primeira mulher a rainha D. Isabel. Nasceu na cidade de Çaragoça a 24 de Agosto de 1498. Foi jurado principe herdeiro de Castella, e de Portugal. Não viveu mais que dois annos, porque a 20 de Junho de 1500 espirou na mesma cidade, onde jaz.

O principe D. João, filho da segunda mulher a rainha D. Maria, foi successor do reino.

A infanta D. Isabel nasceu em Lisboa a 24 de Outubro de 1503. Foi rara a formosura, com que a dotou a natureza. Casou em Sevilha com o imperador Carlos V a 11 de Março de 1526. As suas virtudes foram maiores que os seus elogios, e estes foram innumeraveis. Adoeceu em Toledo, e aqui espirou no primeiro de Maio de 1539. Foi conduzido o cadaver da imperatriz pelo marquez de Lombay a ser sepultado na cathedral da cidade de Granada: e como fosse preciso para aquella entrega abrir-se o caixão, chegando-se o marquez a tirar a toalha, que cubria o macilento rosto, vendo-o tão demudado, e espantoso á vista, foi causa do prodigioso desengano do marquez, porque d'alli se converteu em um S. Francisco de Borja, cujo resplandor de virtudes illustrou tanto a companhia de Jesus. No mesmo dia d'esta portentosa transformação, que foi a 7 de Maio do sobredito anno, vio a grande serva de Deus Soror Francisca de Jesus, abbadessa do mosteiro de Gandia, estando em oração, sahir do purgatorio a alma da imperatriz assistida de

(1) Garc. de Resend. Chron. delrei D. João II. c. 112. e 213. Goes Chron. delrei D. Manoel part. I. c. 45. Far. Eur. Port. t. 2. p. 492. n. 5. Leitão Miscelan Dialog. 20. p. 632. Osor. de reb. Emman. l. I. c. I. Fr. Jer. Rom. Hist. da Ord. Milit. de Santiago c. 9. Anno Hist. a 12 de Agosto.

alguns anjos. A 4 de Fevereiro de 1574 foi trasladado o corpo para o Escurial, onde jaz. D'este consorcio nasceu elrei D. Filippe II. (1)

A infanta D. Brites nasceu em Lisboa a 31 de Dezembro de 1504. Casou com Carlos III, duque de Saboya a 29 de Setembro de 1521, Foi esta princeza ornada de grandes virtudes, pelas quaes era muito amada de seu esposo, e tida por uma singular heroina d'aquelles tempos. Morreu em Nisa, cidade de Saboya a 8 de Janeiro do anno de 1538. (2)

O infante D. Luiz nasceu em Abrantes a 3 de Março de 1506. Foi este principe duque de Beja, condestavel de Portugal, administrador do priorado do Crato, e ornado de tantas virtudes, que, como diz Damião de Goes, para a natureza cumprir de todo com os dotes, que lhe deu, lhe havia de conceder tambem occasiões para poder conquistar maiores reinos, e senhorios do que Alexandre, porque para a execução d'isso lhe sobejou animo. Assim se vio na famosa expedição, e conquista de Tunes, que o imperador Carlos V seu cunhado fez no anno de 1535, onde se achou o infante D. Luiz governando o celebre galeão Botafogo, e a armada auxiliar, que elrei D. João III mandou ao imperador, devendo-se á animosa deliberação do infante cortar-se a fortissima cadeia, que atravessava o porto da goleta, de que tanta gloria se seguiu á christandade, credito á nação portugueza, e fama ao valor do infante. Alem d'estas prendas teve um sublime engenho, que com o exercicio das artes liberaes, ensinadas pelo grande mestre Pedro Nunes, soube adquirir um logar eminente na republica das letras. Na religião foi exemplar, e tão pio, como o testifica o mosteiro das Maltezas de Estremoz, que elle edificou, e outras acções de caridade. Finalmente falleceu na quinta de Marvilla junto a Lisboa a 27 de Novembro de 1555, e jaz em Belem. De Violante Gomes, chamada a Pelicana, donzella humilde, mas de rara formosura, a qual morreu professa no mosteiro de Almoster, teve ao senhor D. Antonio, que foi prior do Crato. (3)

O infante D. Fernando nasceu em Abrantes a 5 de Junho de 1507. Foi duque da Guarda, e principe de condição sincera, muito animoso, amigo da verdade, e dizia o que entendia sem o rebuço da politica adulação. Foi muito dado á lição da historia verdadeira, e não fabulosa, e por ajuntar quantas chronicas havia escriptas em qualquer lingua que fosse, gastou grosso cabedal. Mandou fazer uma arvore genealogica illuminada pelo mais insigne pintor, que havia em Flandes, e constava desde Noé

(1) Barb. no Catal. das rainh. p. 282. Sous. Hist. Geneal. t. 3. p. 247. Duart. Nun. Descripç. de Port p. 145. Cienfueg. Vida de S. Franc. de Borja l. 2. c. 6. e 7. Anno Hist. no primeiro de Maio. Barb. nos Fast. da Lusit. a 11 de Março. (2) Sousa Hist. Geneal. t. 3. p. 293. Barb. nos Fast. da Lusit. t. 1. p. 108. (3) Damião de Goes Chron. delrei D. Manoel part. 1. c. 101. Mariz Dial. 4. c. 22. Telles part. 1. l. 3. c. 17. Sousa Hist. Geneal. t. 3. p. 357. Far. Epitom. part. 3. c. 16. n. 9. Paul Jov. l. 31. Tarcagnot Hist. del mondo part. 3. l. 3. p. 170. Ilhescas Hist. Pontif. part. 2. l. 6. c. 27. §. 1. Sandoval part. 2. l. 22. §. 4. Anno Hist. a 12 de Julho.

até elrei D. Manoel seu pai. Casou com D. Guiomar Coutinho, filha herdeira do conde de Marialva D. Francisco Coutinho, e morreu em Abrantes a 7 de Novembro de 1534. Jaz em Belem. (1)

O infante D. Affonso nasceu em Evora a 23 de Abril de 1509. O papa Leão X o creou cardeal diacono de Santa Luzia. Foi bispo da Guarda, e de Viseu, arcebispo de Lisboa, e o primeiro prelado, que n'estes reinos ordenou se lesse o cathecismo da doutrina christã nas igrejas aos meninos, e que nas paroquias houvesse livros, onde se assentassem, e escrevessem os nomes dos bautisados, e casados, sendo elle o que muitas vezes conferia estes, e os mais sacramentos com grande caridade. Foi mui dado á lição dos livros, e teve por mestres aos insignes Ayres Barbosa, e Pedro Margalho. Morreu em Lisboa a 21 de Abril de 1540, Jaz em Belem. (2)

O infante D. Henrique, cardeal, que succedeu no throno.

A infanta D. Maria nasceu conforme a conjectura do incansavel D. José Barbosa entre o anno de 1511 e 1513. Morreu em Evora no anno de 1513, e jaz em Belem. (3)

O infante D. Duarte nasceu em Lisboa a 7 de Setembro de 1515. Desde os primeiros annos foi muito inclinado ás letras, nas quaes fez bons progressos ajudado da portentosa memoria, que tinha, e das bem ordenadas instrucções de seu mestre o celebrado, e erudito André de Resende. Na musica foi destro, e sciente, e no exercicio da caça incansavel. Casou em Villa Viçosa a 23 de Abril de 1537 com a senhora D. Isabel, filha de D. Jayme, quarto duque de Bragança, de cujo matrimonio nasceram a senhora D. Maria, princeza de Parma, e a senhora D. Catharina. Antes d'este infante fallecer predisse elle mesmo o dia da sua morte, que foi a 20 de Outubro de 1540. Jaz em Belem. (4)

O infante D. Antonio nasceu em Lisboa a 9 de Setembro de 1516. Morreu logo, e jaz em Belem. D'este parto ficou a rainha D. Maria tão mal, que tambem falleceu d'ahi a pouco tempo; e tornando elrei D. Manoel a casar com a rainha D. Leonor, teve d'ella

O infante D. Carlos, que nasceu em Evora a 18 de Fevereiro de 1520. Morreu em Lisboa a 15 de Abril de 1521, e jaz em Belem.

A infanta D. Maria nasceu em Lisboa a 8 de Junho de 1521. Era princeza, que em gentileza, e virtudes excedeu as melhores do seu tempo. Seu palacio era uma universidade de mulheres singulares em letras, e outras artes de engenho, a quem presidia a famosa dama toledana,

(1) Damião de Goes Chron. delrei D. Manoel part. 2. c. 19. Far. Eur. Port. t. 2. part. 4. c. 1. n. 57. O author do Anno Historico assigna superfluamente o nascimento d'este infante a 5 de Julho, tendo já d'elle feito memoria a 5 de Junho, dia proprio e verdadeiro.

(2) Goes Chron. delrei D. Manoel part. 2. cap. 42. Agiol. Lusit. tom. 2. p. 658. e 666. Sous. na Hist. Geneal. Barb. nos Fastos da Lusit. (3) Barbos. no Catal. das rainh. p. 391. (4) Goes Chron. delrei D. Manoel part. 3. c. 79. Barb. no Catal. das rainh. p. 388. Rodr. Mend. da Silv. Catal. Real. p. 98. Manoel de Galheg. Templo da fama l. 4. est. 50. Sousa Hist. Geneal. t. 3. p. 421.

chamada Luiza Sigea, cuja erudição fez aturdir a Europa. Fundou o mosteiro de N. Senhora da Luz, uma legua distante de Lisboa, e o sumptuoso hospital alli visinho. O mosteiro da Encarnação de commendadeiras de Aviz em Lisboa, e em Evora o mosteiro de Santa Helena do Monte Calvario, e em Torres Vedras o convento de nossa Senhora dos Anjos para os religiosos arrabidos, alcançando da sé apostolica para esta igreja o jubileu da Porciuncula *in perpetuum*. Morreu a 10 de Outubro de 1577. Jaz no convento da Luz. (1)

Filhos delrei D. João III

O principe D. Affonso nasceu em Almeirim a 24 de Fevereiro de 1526. Falleceu passados poucos dias, e jaz em Belem.

A infanta D. Maria nasceu em Coimbra a 15 de Outubro de 1527. Casou com D. Filippe, principe de Castella, e se celebraram as vodas em Salamanca a 15 de Novembro de 1543. Morreu de parto a 12 de Julho de 1545, estando em Valhadolid. Jaz no Escurial.

A infanta D. Isabel nasceu em Lisboa a 28 de Abril de 1529. Morreu de poucos mezes, e jaz em Belem.

A infanta D. Brites nasceu em Lisboa a 15 de Fevereiro de 1530, e morreu de tenra idade. Jaz em Belem.

O principe D. Manoel nasceu em Alvito no primeiro de Novembro de 1531. Falleceu em Evora a 14 de Abril de 1537, e jaz em Belem.

O infante D. Filippe nasceu em Evora a 25 de Março de 1533. Foi jurado principe herdeiro do reino. Viveu pouco, porque falleceu a 29 de Abril de 1539. Jaz em Belem na mesma sepultura de seu irmão D. Affonso.

O infante D. Diniz nasceu em Evora a 26 de Abril de 1535, e na mesma cidade morreu no primeiro de Janeiro de 1537. Jaz em Belem.

O principe D. João nasceu em Evora a 3 de Junho de 1537. Foi jurado principe herdeiro nas côrtes, que se celebraram em Almeirim a 30 de Março de 1544. Casou com a princeza D. Joanna de Austria, filha do imperador Carlos V, e se recebeu por procuração na cidade de Toro a 11 de Janeiro de 1552, e no fim de Novembro do mesmo anno entrou por Elvas em Portugal. Gil Gonzales Davila faz honorifica memoria d'esta princeza no cap. 9. das Grandezas de Madrid. mas discrepa na chronologia que seguimos. D'este augusto thalamo nasceu D. Sebastião, que sendo principe de esperanças, depois foi rei de pouca ventura. Morreu

(1) Barb. Catal. das rainh. p. 396. Sous. Hist. Geneal. t. 3. p. 459. Cam. cent. I. Sonet. 83. João de Barr. no Panegyr. d'esta princeza, que vem no fim das Noticias de Sever. Maced. Flores de Hesp. c. 8. excel. 11. Santuar. Marian. tom. 2. Anno Historico a 10 de Outubro. Duarte Nunes Desc. de Port. p. 151.

em fim o principe D. João a 2 de Janeiro de 1554, e jaz em Belem em magnifico mausoleu. Mereceram as bellas prendas, e saudosa memoria d'este principe serem eternisadas na mais illustre, e canora Egloga do Homero portuguez, e nas citharas de outros insignes poetas d'aquelle tempo. (1)

O infante D. Antonio nasceu em Lisboa a 9 de Março de 1539, e morreu a 20 de Janeiro de 1540. Jaz em Belem.

Fóra do matrimonio teve elrei a D. Duarte, que nasceu no anno de 1521. Foi sua mãi D. Isabel Moniz, moça da camera da rainha D. Leonor, e filha de um alcaide de Lisboa, homem honrado, a quem chamavam o Carrança, e ella depois foi freira de Santa Clara do Porto. Criou-se D. Duarte no convento de S. Jeronimo, chamado da Costa, junto de Guimarães, e aqui estudou com exemplar progresso as boas letras e costumes. Mandou-o elrei buscar ao dito convento com grande ostentação, e trazel-o a Cintra, onde estava a corte; porem sendo preciso a elrei vir a Lisboa, tanto que D. Duarte chegou a Cintra, foi o conde da Castanheira buscal-o, e o conduziu a Lisboa, e elrei o veio esperar ao convento de S. Domingos de Bemfica, onde o recebeu com grandes honras, e expressões de alegria. Foi D. Duarte arcebispo de Braga, mui pio, e mui versado nos estudos de filosophia, theologia, e ambos os direitos. Começou a escrever em lingua latina a historia dos reis de Portugal, de que deixou elegantemente composta a delrei D. Affonso Henriques, da qual fazem memoria D. Nicolau Antonio, e o abbade de Sever. Morreu na flor dos seus annos a 11 de Novembro de 1543. Jaz em Belem. (2)

D. Manoel morreu menino.

Filhos d'elrei D. Filippe II

O principe D. Carlos nasceu a 12 de Julho de 1545. Os castelhanos lhe chamam o *infeliz*: porque sendo de genio turbulento, o pai temeroso das extravagancias do filho, não desapprovou os meios, que lhe assinaram para lhe abreviar a vida, e assim veio a acabar violentamente em 24 de Junho de 1568. Foi filho da sua primeira mulher.

A infanta dona Isabel nasceu a 12 d'Agosto de 1566. Casou com o archiduque Alberto no anno de 1599, e sem successão morreu a 29 de Novembro de 1633.

A infanta D. Catharina nasceu a 10 de Outubro de 1567. Casou com o duque de Saboya Carlos Manoel no anno de 1585, e morreu a 6 de Novembro de 1597. Estes dois foram filhos do terceiro matrimonio.

(1) Os eruditos irmãos Barb. no Catal. das rainh. p. 403. e nos Fast. da Lusit. t. I. p. 33. Cam. Eglog. I. Sá de Miranda na Elegia á morte d'este principe. Anton. Ferr. Eglog. 7. Luiz Per. na Elegiada cant. I. p. 11. (2) Sous. Hist. Geneal. t. 3. p. 539. Nicol. Anton. na Bibl. Hisp. Barb. na Bibl. Lusit. t. I, p. 721.

O principe D. Fernando nasceu a 4 de dezembro de 1571, e morreu a 18 de Outubro de 1578.

O infante D. Carlos Lourenço nasceu a 12 de Agosto de 1573, morreu a 30 de Junho de 1575.

O principe D. Diogo nasceu a 12 de Julho de 1575, e morreu a 11 de Novembro de 1582.

O principe D. Filippe, que lhe succedeu.

A infanta D. Maria nasceu a 21 de Março de 1580, e morreu a 4 de Agosto de 1583. Estes cinco foram filhos do quarto matrimonio.

Filhos d'elrei D. Filippe III

A infanta D. Anna Mauricia de Austria, rainha de França nasceu em Valhadolid a 22 de Setembro de 1601. Casou com Luíz XIII rei de França no anno de 1615, morreu a 14 de Maio de 1643, jaz em S, Diniz. D'este matrimonio nasceram Luiz XIV rei de França, e Filippe de França, duque de Orleans.

O principe D. Filippe successor.

A infanta D. Maria nasceu em Valhadolid a 18 de Agosto de 1606. Casou com o imperador de Alemanha D. Fernando III e morreu a 13 de Maio de 1646.

O infante D. Carlos nasceu em Madrid a 14 de Setembro de 1607, e morreu a 13 de Julho de 1632.

O infante D. Fernando nasceu no Escurial a 16 de Maio de 1609. O Papa Paulo V o creou cardeal a 29 de Julho de 1619, não tendo mais que dez annos, e lhe deu logo o governo do arcebispado de Toledo e o fez capitão general dos Paizes baixos, onde morreu a 9 de Novembro de 1641.

A infanta dona Margarida nasceu em Lerma a 25 de Maio de 1610, e morreu a 11 de Março de 1617.

O infante D. Affonso Mauricio nasceu no Escurial a 22 de Setembro de 1611, morreu a 16 de Setembro de 1612.

Filhos d'elrei D. Filippe IV

A infanta dona Margarida Maria nasceu a 14 de Agosto de 1621, e morreu no mesmo dia.

A infanta dona Maria Margarida nasceu a 25 de Novembro de 1623, e morreu a 22 de Dezembro do mesmo anno.

A infanta D. Maria nasceu a 21 de Novembro de 1625, e morreu a 21 de Julho de 1627.

O principe D. Balthazar Carlos nasceu a 17 de Outubro de 1629. Foi muito festejado o seu nascimento. Morreu a 9 de Outubro de 1646.

A infanta dona Isabel Thereza dos Santos morreu no 1.º de Novembro de 1627.

A infanta D. Anna Antonia nasceu a 17 de Janeiro de 1635, e morreu a 5 de Dezembro de 1636.

A infanta dona Maria Thereza, rainha de França, nasceu a 20 de Setembro de 1638. Casou com elrei de França Luiz XIV a 4 de Julho de 1660, e morreu em Versalhes a 30 de Julho de 1683. Todos estes foram filhos do primeiro matrimonio: e do segundo teve:

A infanta D. Margarida Maria Thereza, que nasceu a 12 de Julho de 1651. Casou com o imperador Leopoldo no anno de 1666, e morreu a 12 de Março de 1673.

A infanta dona Maria Ambrosia morreu menina a 21 de Dezembro de 1659.

O principe D. Filippe Prospero nasceu a 20 de Novembro de 1657. e morreu no 1.º de Novembro de 1661.

O infante D. Fernando nasceu a 22 de Dezembro de 1658, e morreu a 22 de Outubro de 1659.

O principe Carlos II successor no throno, nasceu a 6 de Novembro 1661, e casando duas vezes, morreu sem successão no 1.º de Novembro de 1700.

Fóra do matrimonio teve a D. João de Austria, que nasceu a 7 de Abril de 1629, e teve por mãi dona Maria Caldeiron. Foi grão prior de Malta em Castella, vice-rei de Sicilia, governador de Flandres, general de todas as forças maritimas da monarchia de Castella, primeiro ministro d'elrei Carlos II e um dos mais valerosos soldados d'aquelle seculo. Morreu a 17 de Setembro de 1679, e jaz no Escuríal.

Filhos delrei D. João IV

O principe D. Theodosio nasceu em Villa-Viçosa a 8 de Fevereiro de 1634. Foi jurado principe de Portugal a 28 de Janeiro de 1641, e segundo as memorias felicissimas, que existem d'elle, foi certamente um protento da natureza, e da graça, sabendo accrescentar, e augmentar os dotes de uma e outra, com as prendas adquiridas na continuada, e illustre occupação das virtudes. Acabou na flor da sua idade a 15 de Maio de 1653, ejaz em Belem. (1)

A senhora dona Anna nasceu em Villa-Viçosa a 21 de Janeiro de 1635. No mesmo dia expirou, e jaz no coro das religiosas do mosteiro das Chagas da mesma villa.

A infanta dona Joanna nasceu em Villa-Viçosa a 18 de Setembro de 1636. Morreu a 17 de Novembro de 1653, e jaz em Belem.

(1) Menezes Port. Restaurad. tom. I. liv. XI. p. 796. Vieir. tom. 13. p. 92. Agiol. Lusit. a 15 de Maio. Os eruditos irmãos Barbos. no Catal. das rainh. p. 426. e nos Fast. da Lusitan. tom. I. a 8 de Fevereiro. Anno Historico tom. 2. p. 81

A infanta dona Catharina nasceu em Villa-Viçosa a 25 de Novembro de 1638. Casou com Carlos II rei de Inglaterra a 18 de Maio de 1661. Padeceu em Londres com varonil paciencia fortissimos contratempos, culpando-a o parlamento de querer introduzir em Inglaterra a religião catholica, por cujo motivo intentaram dar-lhe veneno, de que a innocencia de sua virtuosa vida a livrou, até que passados sete annos depois da morte de seu marido, voltou para Portugal, e chegou a Lisboa a 20 de Janeiro de 1693. No anno de 1704, quando el-rei D. Pedro seu irmão passou á Beira, ficou governando o reino com grande satisfação de todos; mas a 31 de dezembro de 1705 deixou com sua morte a todos saudosos. Jaz em Belem. (1)

O senhor D. Manoel nasceu em Villa-Viçosa a 6 de Setembro de 1640, e logo morreu. Jaz no convento de Santo Agostinho da mesma villa.

O infante D. Affonso successor.

O infante D. Pedro, que succedeu a elrei D. Affonso seu irmão.

Fóra do matrimonio teve a senhora dona Maria, que nasceu no anno de 1643. Creou-se em casa do secretario Antonio Cavide, ao qual passou alvará a rainha dona Luiza de tutor, curador, e administrador da pessoa, e bens da dita senhora. De casa do sobredito secretario foi para o mosteiro de Carnide no anno de 1649, onde vestiu o habito da religião de Santa Thereza, mas não professou. Nunca veio á corte em publico; porém indo ás Caldas, foi acompanhada de Antonio Alvares da Cunha, e de sua irmã a condessa de Villa-flor. Elrei D. João a declarou por filha, e lhe deixou feita a mercê da commenda maior de S. Thiago, e das villas de Torres-Vedras, e Collares, cujas disposições foram todas inteiramente satisfeitas pela rainha regente, e o serenissimo rei D. Affonso, os quaes em todos os decretes, alvarás, e cartas, em que fallavam n'ella lhe chamavam dona Maria, muito amada, e presada irmã, sem o titulo de infanta; porque, como elegantemente prova o doutor chronista fr. Antonio Brandão, (2) nunca em Portugal se deu aos filhos illegitimos o titulo de infante. Fez esta senhora varios, e grandiosos donativos ao mosteiro em que viveu, até que aos 50 annos da sua idade acabou esta vida a 6 de Fevereiro de 1693. Jaz no coro debaixo do mesmo mosteiro. (3)

Filhos d'elrei D. Pedro II

A infanta D. Isabel, filha do primeiro matrimonio, nasceu em Lisboa a 6 de Janeiro de 1669. Foi jurada princeza herdeira do reino, e esteve despozada com o duque de Saboya Victorio Amadeu : mas a in-

(1) Sous. Histor. Geneal. tom. 7. p. 281. Anno Historic. tom. 2. p. 98. (2) Monarq. Lusitan. liv. 8. cap. 12. (3) Sous. Histor. Geneal. tom. 7. p. 257. Barbos. nos Fast. da Lusit. tom. 1. p. 464.

tempestiva morte embaraçou este desejado consorcio, porque a infanta faleceu a 21 de Outubro de 1690. Jaz no mosteiro do Santo Crucifixo de Capuchas francezas junto da rainha dona Maria Francisca sua mãi.

Do segundo matrimonio teve o principe D. João, que nasceu em Lisboa a 30 de Agosto de 1688, e morreu a 17 de Setembro do mesmo anno. Jaz em S. Vicente de Fóra.

O serenissimo D. João successor na coroa.

O serenissimo infante D. Francisco nasceu em Lisboa a 25 de Maio de 1691. Foi grão-prior do Crato, e fez o Officio de Condestavel do reino nas cortes de 1697 e no auto do levantamento d'elrei D. João V seu irmão. Possuiu as grandes, e opulentas casas do infantado, e da Feira com outras muitas rendas, jurisdições, e prerogativas. Deveu-lhe a sciencia nautica um particular disvello, como se fôra seu professor, e não menos todo o manejo bellico, para que tinha natural viveza, e propensão. A caça foi todo o seu divertimento, em que era perito, destro, destemido, e incansavel, por cujo motivo mais era habitador do campo que da corte. Teve entranhavel devoção com a imagem da Senhora da Atalaia, a quem tributou liberaes offertas; e aos religiosos capuchos da Conceição lhes mandou edificar um Hospicio junto do seu palacio da Bemposta de Lisboa, delineado pela simetria do convento da Arrabida. Achando-se finalmente na quinta de Bernardo Freire, meia legua distante das Caldas da Rainha, para onde tinha hido acompanhar a elrei, faleceu de um volvulo a 21 de Julho de 1742. Jaz em S. Vicente de Fóra.

O serenissimo infante D. Antonio nasceu em Lisboa a 15 de Março de 1694. Participou logo da natureza attributos verdadeiramente reaes; porque a bizarria da sua magestosa presença, revestida de um soberano agrado, e de uma seria affabilidade, era a fortissima cadeia de oiro com que atava suavemente a todos, para que o amassem; mas muito mais poderoso attractivo para o nosso affecto eram aquellas nobres prendas do animo, e alma, que brilhavam grandemente em todas as suas acções, e inculcavam a grandeza do seu espirito heroicamente generoso, sublime, pio, e benigno. Faleceu finalmente a 20 de Outubro de 1757 em Alcantara na quinta chamada da Tapada. Jaz em Belem.

A senhora infanta dona Thereza nasceu em Lisboa a 24 de Fevereiro de 1696. Elrei seu pai ajustou casal-a com o archiduque Carlos, mas desfez este ajuste a morte da infanta, que foi buscar ao Ceu outra coroa mais perduravel em 16 de Fevereiro de 1704. Jaz em S. Vicente de Fóra.

O serenissimo infante D. Manoel nasceu em Lisboa a 3 de Agosto, de 1697. Para mostrar que no sangue real portuguez não estava adormecida aquella natural aversão contra os sequazes da seita de Mafoma, levado de um sobrenatural impulso, e ardor militar, que o não soffria conter nos limites da patria, não contando mais que dezasete annos de idade, sahindo occultamente do porto de Lisboa em 4 de Novembro de

1715, passou a Hollanda, e'd'aqui á Hungria, onde militando sempre ao lado do famoso principe Eugenio nas perigosas batalhas de Peterwaradin, Temeswar, e Belgrado, obrou com tanto valor, e desembaraço que mais parecia mestre, que discipulo de Marte. Depois de serenadas as campanhas, e passando a ver algumas cortes da Europa, adquirindo ao seu augusto nome immortal fama, se restituiu a Portugal no anno de 1723, fazendo com as suas gloriosas proezas, que as musas tivessem heroico assumpto para os elogios, e as virtudes exercicio nos seus louvaveis, e generosos empregos.

A senhora infanta dona Francisca nasceu em Lisboa a 30 de Janeiro de 1699. Ornou-a a natureza liberalmente em gráu supremo de uma formosura magestosa, alegre, affavel: de um genio compassivo, pio, magnifico: e por todos estes, e outros muitos virtuosos predicados dominava esta princeza o coração de todos, attrahindo a nobreza, e o povo a amal-a, e adoral-a tanto, que arrebatando-a o Ceu em 15 de Julho de 1736, ainda cá na terra a saudade existe viva em nossa memoria. Jazem as suas cinzas em S. Vicente de Fóra.

Teve elrei D. Pedro fóra do matrimonio a senhora dona Luiza, que nasceu a 9 de Janeiro de 1679. Creou-se em casa do secretario d'estado Francisco Correa de Lacerda, e de oito annos passou a viver recolhida no mosteiro de Carnide em companhia de sua tia a senhora dona Maria. Em 14 de Maio de 1695 se recebeu na ermida de Nossa Senhora das Necessidades com o duque D. Luiz Ambrosio de Mello, filho do duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello: porém morrendo o duque D. Luiz a 13 de Novembro de 1700, e ficando a senhora D. Luiza viuva e sem filhos, tornou a casar em 16 de Setembro de 1702 com seu cunhado o duque D. Jayme, do qual tambem não teve successão. Faleceu a 23 de Dezembro de 1732, e jaz no mosteiro de S. João Evangelista da cidade de Evora.

O senhor D. Miguel nasceu em Lisboa a 15 de Outubro de 1699. Creou-se em casa do secretario das mercês Bartholomeu de Souza Mexia, onde aprendeu as bellas letras, como se houvera de as professar: e unindo á intelligencia das artes liberaes outros muitos dotes heroicos, conseguiu justamente fazer-se credor de uma estimação universal. Elrei D. João V o reconheceu por seu irmão, e ordenou se lhe desse tratamento de alteza fazendo-lhe muitas honras devidas ao seu sublime nascimento. Casou em 30 de Janeiro de 1715 com dona Luiza Cazimira de Sousa, herdeira da illustrissima casa de Arronches, a quem elrei D. João V fez a mercê das honras de duqueza. D'este plausivel matrimonio nasceu em 11 de Novembro de 1715 a senhora dona Joanna Perpetua, a quem elrei D. João V concedeu honras de duqueza, e casou em 20 de Setembro de 1738 com o quarto marquez de Cascaes D. Luiz, que morrendo em 14 de Março de 1745, ficou esta senhora viuva, e sem successão. O senhor D. Pedro de Bragança, duque de Lafões nasceu em 19 de Janeiro de

1718, foi regedor das justiças da Casa da Supplicação, em que entrou no anno de 1749, e faleceu no de 1761, e o senhor D. João de Bragança nasceu em 6 de Março de 1719. Morreu emfim o senhor D. Miguel desgraçadamente, naufragando no Tejo em 13 de Janeiro de 1724, e apparecendo o corpo a 5 de Fevereiro, foi conduzido ao convento de Santa Catharina de Ribamar, da provincia da Arrabida, onde jaz.

O senhor D. Joseph nasceu a 6 de Maio de 1703. Foi sagrado arcebispo de Braga a 5 de Fevereiro de 1741 pelo emminentissimo cardeal patriarca, e a 23 de Julho do referido anno fez a sua entrada publica n'aquella cidade com grandes festas, obsequios e alegrias de seus cidadãos, onde depois de um feliz governo acabou os seus dias.

Filhos d'elrei D. João V

A serenissima princeza dona Maria Barbara nasceu em Lisboa a 4 de Dezembro de 1711. Desde a abençoada indole dos seus primeiros annos se instruiu com tanta perfeição nos solidos dictames da prudencia, e das virtudes, que ainda hoje possue a gloria de ser venerada por uma das princezas mais benemeritas da attenção entre as expectaveis da Europa. No anno de 1729, a 19 de Janeiro se desposou com o serenissimo senhor D. Fernando, principe das Asturias, passando a viver em Castella com o seu regio esposo em reciproco affecto, e universal contentamento dos hespanhoes, até que a 27 de Agosto de 1758 foi gosar da eterna Bemaventurança, como as suas virtudes nos persuadem.

O principe D. Pedro nasceu em Lisboa a 19 de Outubro de 1712. Não viveu mais que dous annos, e dez dias, porque a 29 de Outubro de 1714 foi para o Ceu, e jaz seu corpo em S. Vicente de Fóra.

O serenissimo principe D. Joseph successor na coroa, e hoje felizmente reinante.

O serenissimo senhor infante D. Carlos nasceu em Lisboa a 2 de Maio de 1716, e dando evidentes mostras de uma vasta capacidade por acções heroicas, a sua intempestiva morte, supposto que succedida depois de uma larga enfermidade, deixou a todos magoados em 30 de Março de 1736. Jaz em S. Vicente de Fóra.

O serenissimo senhor infante D. Pedro nasceu em Lisboa a 5 de Julho de 1717. Sua magestade o collocou na alta dignidade de grão prior do Crato, pondo n'esta fórma em praxe o grande conceito, que merece o relevante de suas admiraveis prendas. A 6 de Julho de 1760, se recebeu com a serenissima senhora dona Maria princeza da Beira, e herdeira do reino, sua sobrinha, na capella real de Nossa Senhora d'Ajuda. De cujo consorcio nasceu a 21 de Agosto no anno seguinte pelas dez horas da noite o serenissimo principe D. Joseph Francisco Xavier, e foi bautizado na igreja do palacio de Nossa Senhora d'Ajuda pelo car-

deal patriarcha D. Francisco Saldanha, festejando-se tudo com muitos repiques, e luminarias.

O serenissimo senhor infante D. Alexandre nasceu a 24 de Setembro de 1723, e morreu de bexigas a 2 de Agosto de 1728. Jaz no convento de S. Vicente de Fóra.

Teve o senhor D. João V fóra do matrimonio ao senhor D. Antonio, que nasceu em o primeiro de Outubro de 1714, ao senhor D. Gaspar em 8 de Outubro de 1716, o qual a 24 deAgosto de 1758 foi sagrado arcebispo de Braga, onde felizmente governa com o exemplo e justiça, de que nasce o affecto que todas as suas ovelhas lhe tributam. Ao senhor D. Joseph que nasceu a 8 de Setembro de 1720, e foi erecto em inquisidor geral pela Bulla *Cum officium* de Benedicto XIV de 15 de Março de 1758.

Filhos d'elrei D. Joseph I

A sersnissíma senhora princeza da Beira dona Maria Francisca nasceu a 17 de Dezembro de 1734, de quem já fallámos. A serenissima senhora infanta dona Maria Anna, que nasceu a 7 de Outubro de 1736. A serenissima senhora infanta dona Maria Francisca Dorothea, que nasceu a 21 de Setembro de 1730. A serenissima senhora infanta dona Maria Francisca Benedicta que nasceu a 25 de Julho de 1746.

CAPITULO IX

Do governo antigo, e moderno da casa real

Ainda que alguns escritores nossos se inclinassem (1) a que os officios, com que se serviu a casa real até elrei D. Fernando, fossem sómente mordomo da corte, alferes, e trinchante, (2) todavia varios outros officiaes tiveram muitos dos reis, que lhe precederam, dos quaes daremos breve informação por aquella ordem, que nos for lembrando, sem darmos exacta preferencia aos taes officios que requer a grandeza da sua dignidade.

Mordomo mór. É entre todos os officios titulares da casa real o que tem o primeiro lugar. No regimento que fez Gomes Annes de Azurara, (se accaso não foi Martim Affonso de Mello) dos officios móres do reino por mandado de el-rei D. Affonso V que foi o principe, que reduziu a singular ordem a fidalguia portugueza nos empregos de palacio, se lê, que em outras cortes chamavam á preeminencia d'este officio Senescal, que vale o mesmo que *Senex calculi*, ou presidente das

(1) Não fazem menção de outros officiaes até o dito tempo Fr. Antonio Brandão, Ruy de Pina, e Duarte Nunes, sendo estes dos mais principaes Chronistas entre os nossos. (2) Os que contam em um dos tres Officios ao Trinchante, é porque entendem que isto significava «Dapifer;» mas enganam-se, porque este officio corresponde ao de Veador, entre o qual, e o de Mordomo mór não havia antigamente differença. Danct. in Diction. antiq. Roman. verb. «Comes.» Castr. Palat. Ducange verb. «Dapifer.»

contas, (1) porque a seu cargo toca tomal-as de todas as despezas dos reis, porém o Scipião Amirato affirma, que Senescalco era o Architiclino antigo, e que o officio de mordomo mór tivera origem no reino de França, donde se derivou a outras cortes da Europa.

N'este reino devia começar com o conde D. Henrique: porque em tempo d'elrei D. Affonso seu filho assina, e confirma muitas vezes as doações o mordomo mór Gonçalo Rodrigues. O que temos por infalivel é, que esta dignidade andou sempre nos principaes senhores de Portugal. Elrei D. Diniz honrou com ella a seu filho illegitimo D. Affonso Sanches, de quem foi summamente affeiçoado. O conde D. Nuno Alvares Pereira foi mordomo mór d'elrei D. João I, e assim a tiveram outros muitos cavalheiros da primeira nobreza.

Além da superintendencia, que o mordomo mór tem na casa real entende particularmente em receber todos os creados, e moradores d'ella: e, porque antigamente em lugar do verbo *tomar* se dizia *filhar*, conserva ainda hoje esta palavra, chamando-se a estas recepções *filhamentos*. Os fóros, que ha na casa real, em que entram os novamente filhados, são estes: Moços da camara, moços da guarda-roupa, escudeiros fidalgos, cavalleiros fidalgos, moços fidalgos, fidalgos escudeiros, fidalgos cavalleiros, fidalgos do conselho.

No foro de moços fidalgos filha o mórdomo mór aos filhos, e netos dos já filhados, ou a outros, a quem elrei faz mercê de novo, ainda que seus antepassados não fossem filhados. O filhamento dos primeiros é ordinario, porque não se póde negar ao filho do creado d'elrei o foro, e moradia de seu pai. Chegando os moços fidalgos a vinte annos, os accrescentam a fidalgos escudeiros: e depois sendo armados cavalleiros em algum acto de guerra, lhe dão foro de fidalgos cavalleiros: porém n'isto póde haver dispensa com facilidade. O ultimo accrescentamento é de fidalgos do conselho, porém não é accrescentamento ordinario, nem os filhos o pódem requerer, mas elrei dá este titulo a quem lhe parece, e anda annexo a todos os arcebispos, e bispos, priores móres de Aviz e Santiago, a todos os inquisidores do conselho geral do Santo Officio, a todos os condes, dezembargadores do paço, chancelleres da Casa da Supplicação de Lisboa, e relação do Porto, e chanceller mór, reitor da Universidade de Coimbra, governador do Algarve, aos governadores das praças de Africa, Brasil, e Angola, e presentemente o concedeu sua magestade aos setenta e dois mon-senhores prelados da santa igreja patriarchal.

Os moradores da casa d'elrei, que não entram por moços fidalgos, são tomados por moços da camara, e depois se accrescentam a escudei-

(1) Veja-se a Bluteau no vocab. «Mordomo mór, e Senescal,» e a Gil Gonçalves Davila no Theatro de las grandezas de Madrid p. 313. Nunes de Castro no livro «Solo Madrid es Corte» liv. I. cap. X. Villasboas na Nobiliarq. Port. cap. XII. Lima Geograf. Histor. tom. I. p. 481. Solan. Succo de Pegas tom. II. p. 376. verb. «AEconomus.»

ros fidalgos, e ultimamente a cavalleiros com a terceira ou quarta parte mais de moradia, conforme suas qualidades. Os moços da capella, porteiros, reposteiros, e toda a mais gente d'aqui para baixo tem accrescentamento ordinario a escudeiro sómente, e este menor, e de quantia certa.

O foro dos fidalgos cavalleiros, que sómente se dava em algum famoso acto militar, mais era dignidade que foro, e começou n'este reino a ser accrescentamento ordinario depois da tomada de Alcacer, como diz Gomes Annes de Azurara: porque até então, como o reino estava sem conquistas, não havia occasião, senão rara, de alcançar semelhante honra, e os que hiam buscal-a fóra do reino, eram poucos, e por isso esta dignidade era tão estimada, que todos os principes, d'aquelle tempo, a procuravam alcançar com grande cuidado: assim lemos que para este effeito vieram a Hespanha, e Portugal grandes senhores em varios tempos: e os que nesta parte alcançaram maior gloria foram os nossos infantes, filhos d'elrei D. João I, porque só com este intento emprenderam a expugnação de Ceuta, e elrei D. João II sendo principe, a de Arzilla.

Dava-se tambem esta dignidade em tempo de paz, e com grandes festas quando alguma personagem subia ao novo titulo, como fez elrei D. Pedro I quando creou conde de Barcellos a D. João Affonso Tello, seu grande privado, (1) para o qual acto mandou fazer cinco cirios, que outros tantos homens tiveram nas mãos toda a noite, que o conde vellou as armas no convento de S. Domingos de Lisboa, estando postos em duas allas desde a igreja até os paços do Castello. Elrei D. Affonso V armou cavalleiro a seu irmão, o infante D. Fernando com tanta solemnidade, que o menor apparato d'esta pompa foi precederem diante deste magnifico acto mil tochas, que levavam quatrocentos cavalleiros, e seiscentos escudeiros dos mais luzidos da corte todos vestidos de uma libré, e trage.

O camareiro mór é o segundo officio da casa real, conforme a distribuição, que lhe assina a ordenação do reino. (2) Chamava-se esta dignidade em tempo dos imperadores romanos *Primicerius sacri cubiculi*. Os reis godos intitularam ao camareiro mór *Comes cubicularius*, e havia outros, a que chamavam condes do cubiculo, que eram os que agora são gentis-homens da camara. (3)

Esta dignidade começou mais tarde neste reino, pois no governo d'elrei D. Affonso III é a primeira vez, que se encontra este titulo em João Fernandes; e antes que a houvesse, fazia este officio o reposteiro mór. Sua particular obrigação é vestir, e despir a pessoa d'elrei, aos pés de cujo leito costumava dormir. Ultimamente andou este officio na

(1) Faria na Europ. Port. tom. 2. part. 2. cap. 4. num. 22. (2) Orden. liv. 3. tit. 5. no princip. (3) Petr. Pantin. de Offic. Regiae domus Gothor. Garm. Theatr. de Hesp. tom. 3. p. 143. e 223.

familia dos Sás, condes de Penaguião, e marquezes de Abrantes que exercitava com o titulo de camarista, ou gentil-homem da camara em companhia de outros, que todos servem ás semanas, e trazem chave dourada. (1)

Guarda mór da casa. D'esta dignidade se faz menção no rigimento dos officios móres d'elrei D. Affonso V, o qual ordena, que o guarda mór traga sempre vinte cavalleiros para guarda da pessoa d'elrei, que o acompanhem em toda a parte. Na Chronica d'elrei D. Manoel escreve Damião de Goes, (2) que o dito rei, em quanto viveu, tivera sempre guarda da camara, e dos ginetes, de que muito se prezava. Constava a sobredita guarda de vinte e quatro cavalleiros dos mais assinalados da corte, que dormiam no paço junto da camara d'elrei, e na mesma casa dormiam tambem alguns moços fidalgos, e na outra salla outros tantos moços do monte. Na guarda dos ginetes havia duzentos cavalleiros muito valentes, que armados com lanças, e adargas, acompanhavam a elrei para onde hia.

Tanto que elrei se deitava na cama, antes de se lhe correr a cortina, entrava o guarda mór, e via a elrei, e então corria a cortina o Sumilher, e sahiam para fóra. Fechava o guarda mór a porta, e junto della se lhe fazia a cama aonde dormia, e mais afastado se seguiam as camas dos outros fidalgos da guarda. Pela manhã, quando el-rei chamava, entrava o guarda mór com o Sumilher; este levantava a cortina, e o guarda mór assistia ao vestir d'elrei. Este costume se usou até o tempo d'elrei D. Sebastião, (3) e o officio expirou em Pedro de Mendonça Furtado no reinado d'elrei D. João IV, que depois não se tornou mais a prover.

Reposteiro mór. Chamavam os romanos a este officio *Comes Castrensis*, e presidia aos castrensianos, que punham a meza ao imperador; aos lampadarios, que tratavam das luzes, que de noite havia no paço; aos cellarios, que tinham cuidado na dispensa, e a outros muitos. N'este reino serve de chegar a cadeira, ou almofada a elrei, quando se assenta, ou põe de joelhos: e preside aos reposteiros, cujos officios provê. Anda hoje esta dignidade na casa do conde de Castello-melhor, que a herdou por morte de Bernardim de Tavora.

Veador da casa. O primeiro veador, de que ha noticia n'este reino, é de Egas Moniz em tempo do invicto rei D. Affonso Henriques; e os mais que se lhe seguiram, foram sempre cavallheiros de grande caracter. (4)Estava a seu cargo não só o governo total das oxarias, mas grande parte do regimen da casa real, porque servia inteiramente o officio de

(1) Vide Gil Gonsalv. Theatr. de las grandez. de Madrid p. 315. Peg. á Orden. tit. 13. liv. 3. tit. 5. gloss. 2. n. 64. Barbos. á dit. Orden. n. 2. Carv. in cap. Raynald. de test. part. I. n. 364. Villasboas Nobiliarq. Port. cap. XII. (2) Goes part. 4. cap. 84.

(3) Sous. Histor Geneal. tom. 3. p. 552. Lim. Geograf. Histor. tom. I. p. 444. Veja-se a Argote no Discurso da Montaria Real cap. 6. e a D. Franc. Xavier de Garma no Theatr. Univ. de Hesp. t. 3. c. 14. (4) Monarq. Lusit. liv. 9. cap. 5. e liv. 10. cap. 4. Chron. delrei D. João I. cap. 68.

mordomo mór quando este por qualquer ausencia, ou molestia faltava no paço: assim o determinou elrei D. Affonso V no seu regimento, (1) e se vê tambem no da fazenda, (2) estylo, que em muitos reinos é estabelecido. (3)

Ha muitos exemplos de servirem os veadores o officio de mordomo mór, como foi Vasco Annes Corte Real pelos annos 507, 512, e 515; Ruy Lopes em 527, e 529; D. Francisco de Sousa em 541, Thomé de Sousa em 551, D. Diogo Lopes de Lima em 570, e Damião Borges em 579, sendo estes tempos comprehendidos nos governos dos senhores reis D. Manoel, D. João III D. Sebastião, e D. Henrique. Na mesma fórma continuou Francisco Barreto no tempo d'elrei Filippe II.

É verdade que servindo o veador Francisco Barreto de mordomo mór, se moveram entre elle, e o proprietario varias duvidas. Primeira sobre qual d'elles havia de levar o ordenado de mordomo mór. Segunda como se havia de dizer nos alvarás: «Eu elrei faço saber a vós F. meu mordomo mór: ou F. meu veador, que hora servis de meu mordomo mór.» Terceira, se quando tornava a servir o mordomo mór, lhe havia de entregar o veador as consultas, e mais papeis, que, quando tinha servido, despachara, ou se haviam de ficar em seu poder. Resolveu-se que ambos levassem o ordenado de mordomo mór: que nos alvarás se dissesse: «Veador, que servis de mordomo mór:» e que os papeis fossem todos para o cartorio, em que costumavam estar.

Em todo o tempo dos senhores reis D. João IV, e D. Affonso VI governavam os veadores ás semanas pela precisa, e continua assistencia, que faziam no paço, assistindo aos comeres de suas magestades, e não mandando os ditos senhores fazer nem ainda para si cousa alguma, que não fosse ordenando-o vocalmente ao veador de semana, e este aos officiaes subalternos. Quando as pessoas reaes estavam doentes, eram obrigados a assistir nas juntas dos medicos, para verem o que lhe mandavam comer, e receitar. Aos veadores tocava o mando de todos os officiaes pertencentes á meza d'elrei: elles tinham o governo dos moços da camara: a seu cargo estava a enfermaria, onde se curavam os creados pobres: e nas jornadas, que os reis faziam, corriam com todos os gastos inteiramente, e era totalmente sua a disposição. No governo do serenissimo senhor D. Pedro II como se servia com os camaristas, e comia pela casa da rainha, e as despezas ordinarias se faziam pela do infantado, quasi ficaram sem exercicio os veadores. Anda hoje este officio nas casas dos illustrissimos condes do Redondo, e Assumar, e D. Francisco Xavier de Sousa.

(1) No tit. de Mordomo Mor. (2) Cap. 211. (3) L'Etat de la France, et de la Gran Bretana. Etiquetas de Hespanha.

CAPITULO X

Dos officiaes, e ordem com que se assistia á meza dos reis

Costumavam os senhores reis d'este reino comer ordinariamente em publico, e com magestoso apparato desde o tempo delrei D. Affonso V, que imitoa a seu tio, o infante D. Pedro. (1) Assistia á meza um trinchante, que cortava. Até o tempo delrei D. João III foi um só, depois se accrescentou mais outro, e no reinado delrei D. João IV houveram tres trinchantes de tres differentes casas. Hoje anda na de D. Antonio Alvares da Cunha, senhor da Taboa, e na de D. Joseph de Vasconcellos e Sousa, que herdou este officio por casar com uma filha herdeira de Diogo de Brito Coutinho. (2) A' mão direita do trinchante ficava o Uchão, e junto com elle o servidor da toalha. Da parte esquerda se seguia o mantieiro.

Traziam os moços da camara as iguarias, vindo diante o prestes da cosinha, que é um accrescentado, e nas festas grandes o mestre-salla. Davam-se os pratos ao servidor da toalha, que os punha na meza, e o Uchão os chegava para o trinchante por ordem, conforme se havia de comer. Depois de trinchados os que eram para isso, fazia a salva o servidor da toalha, e o trinchante os chegava a elrei: e, tanto que elrei comia, os tirava o mantieiro, e mettia outros, e novamente guardanapo.

Uchão é o que tinha cuidado de mandar guardar a caça na ucharia ou dispensa da casa real, e por isso parece que se lhe deu o nome de Uchão, tomado de *Occello*, que em italiano significa passaro. O officio de copeiro mór, a que os godos chamavam conde das Escancias, ou *comes escanciarum*, que é o mesmo que se dissessemos conde das bebidas, é o que dá o pucaro de agua a elrei para beber, e anda hoje este officio na casa do conde de Villa-Flor. Quando elrei lhe fazia signal, hia buscar o pucaro á porta da casa, onde elrei comia, e lho entregava o copeiro menor, e tornando a entrar acompanhado do mesmo copeiro, e dois porteiros da cana, que faziam suas cortezias e se punham de joelhos, chegava o copeiro mór á meza, dava o pucaro a elrei, que acabando de beber, o tomava estando até então inclinado sobre a meza, tendo a salva debaixo do pucaro. Depois se levantava, e tres pés atras fazia a cortezia, e dava o pucaro ao copeiro menor, que o levava á copa acompanhado dos porteiros.

Nas solemnidades grandes se fazia este acto com muito maior ceremonia: porque hiam diante os porteiros da maça dois e dois, os reis de armas, arautos, e passavantes, o porteiro mór, mestre-salla, veador da casa, os veadores da fazenda, e detraz de todos o mordomo mór, e todos hiam descubertos até o estrado, onde faziam suas cortezias. Os

(1) Nun. Chronic. delrei D. Affonso V cap. 125. Soares da Silva nas Memorias delrei D. João I p. 3,6. (2) Lima Geograf. Histor. tom. I. p. 511. Sous. Grandes do Portug. p. 279.

védores da fazenda tiravam os chapeos no meio da salla, e o mordomo mór até o fazer da cortezia, que juntamente a fazia, e tirava o chapeo, e neste tempo se tocavam os instrumentos musicos. Este mesmo acompanhamento se fazia nas primeiras e ultimas iguarias, que vinham á meza, e quando traziam a fructa. (1) Todos estes officiaes, que assistiam á meza levavam certas iguarias, de gajes da copa, as quaes eram de tanta importancia, que mandando elrei D. Filippe II que lh'as dessem a dinheiro, se lhe arbitraram por ellas grossos ordenados.

Todos os senhores, que assistiam á meza, estavam em pé encostados á parede, e nenhum dos grandes tinha assento, porém cubriam-se os que tinham esse privilegio. A' roda da meza estavam de joelhos os moços fidalgos: e, quando no fim vinha a confeiteira, repartia elrei com elles dos doces, e fructas. (2) Em quanto os reis comiam, costumavam praticar com os fidalgos, principalmente com aquelles, que tinham andado fóra do reino: e com os doutos, que sempre estavam presentes, se excitavam questões curiosas, e uteis.

Muitas vezes nos domingos, e dias santos jantavam, e ceavam com musicas; e nas festas principaes com atabales, e trombetas. Vespera de Natal consoava elrei em publico com todo o estado, e entretanto davam de cear a todos os escudeiros, e fidalgos, que estavam na salla. Depois mandavam de consoar ás damas, e officiaes delrei se lhes mandava a suas casas. Os moços da camara consoavam na guarda-reposta, e aqui mesmo se dava consoadas aos capellães, e d'aqui para baixo até os moços da estribeira, e do monte.

O fausto, e grandeza, com que elrei D. João II celebrou as vodas de seu filho o principe D. Affonso com a serenissima senhora dona Isabel, especialmente nos banquetes, que deu em Evora foram tão notaveis, que nos obriga a transcrever o mais raro delles pelas formaes palavras do seu chronista Garcia de Resende cap. 123 o qual diz: «Logo á entrada da meza veio uma grande carreta dourada, e traziam-na dois grandes bois assados inteiros com cornos, mãos, e pés doirados, e o carro vinha cheio de muitos carneiros assados inteiros com os cornos doirados, e vinha tudo posto n'um cadafalso tão baixo com rodetas no fundo d'elle, que não se viam, que os bois pareciam vivos, e que andavam. E diante vinha um moço fidalgo com uma aguilhada na mão, picando os bois, que parecia que andavam, e levavam a carreta, e vinha vestido como carreteiro com um pelote, e um gaibão de veludo branco forrado de brocado, e assim a carapuça, que de longe parecia proprio carreteiro, e assim foi offerecer os bois e carneiros á princeza, e feito o serviço, os tornou a virar com sua aguilhada por toda a salla até sair fóra, e deixou tudo ao povo, que com grande grita, e prazer foram espedaçados, e levava cada um quanto mais podia. E assim vieram juntamente a todas as mezas

(1) Garcia de Resend. Chron. delrei D. João II cap. 123. (2) Goes Chron. delrei D. Manoel part. 4. cap. 84.

muitos pavões assados com os rabos inteiros, e os pescoços, e cabeças com toda sua penna, que pareceram muito bem, por serem muitos, e outras muitas sortes de aves, e caças, manjares e frutas, tudo em muito grande abundancia, e muita perfeição.»

A ultima vez, que as magestades portuguezas comeram em publico, foi, quando veio de Alemanha a rainha dona Maria Anna de Austria. A primeira cea, e jantar se deu na casa da galé, e foi de grande esplendor, disposição, aceio, e apparato. Tinha a meza de comprido quatorze palmos e meio, e de largo seis e meio. Constava de quatro cobertas de vinte e um pratos cada uma: as tres primeiras de cosinha, e a ultima de doces, e frutas. A disposição era n'esta formalidade, segundo o mappa, que vimos em casa do excellentissimo conde do Redondo.

			K	K	K	K		
X								Z
			A.		B.			
X	C.					E.	Y	Z
			*		*		Y	
X	D.		G.		H.	F.		Z
	I L M N					O P Q I		
X	S V T V					V T V R		Z

A Lugar do talher delrei N. Senhor.
B Lugar do talher da rainha nossa Senhora.
C Lugar do guardanapo do senhor infante D. Francisco.
D Lugar do guardanapo do senhor infante D. Antonio
E Lugar do guardanapo da senhora infanta D. Francisca.
F Lugar do guardanapo do senhor infante D. Manoel.
G Primeiro aviamento de trinchar.
H Segundo aviamento de trinchar.
I Moços fidalgos com abanos.
L Lugar do veador.
M Lugar do mantieiro.
N Lugar do primeiro trinchante.
O Lugar do segundo trinchante.
P Lugar do servidor da toalha.
Q Lugar do mestre sala.

R Lugar do copeiro mór.
S Lugar do escrivão da cosinha.
TT Dois moços da camera com pratinhos.
VV Moços da camera, que servem á meza.
XX Lugar dos titulos.
ZZ Lugar dos officiaes da casa.
YY Fisico mór, e cirurgião mór.
KK Lugar das senhoras, que acompanharam a rainha nossa senhora.
** Girandolas, ou serpentinas de luzes.

CAPITULO XI

Do acompanhamento, com que os reis sahiam pela cidade, e caminhavam com a corte

Quando os reis caminhavam pela cidade, hiam n'esta fórma: Os porteiros da cana, e os reis de armas precediam a todos a cavallo, e descubertos. Depois os moços da estribeira tambem descubertos. Seguia-se o estribeiro mór a cavallo, e cuberto. D'ahi a espaço a pessoa delrei: e atraz d'elle todos os fidalgos a cavallo cubertos sem ordem. Só havendo algum infante, ou senhor grande, ia este mais chegado á pessoa delrei, conforme o parentesco. Sendo dia solemne, iam os trombetas e timbales diante delrei.

Na cidade não usaram alguns reis de guarda. Elrei D. João II, e elrei D. Manoel a traziam: já elrei D. João III muitas vezes usava sahir fóra só com dois porteiros da cana diante de si, a que alludiu Francisco de Sá e Miranda, quando disse: (1)

Que se póde ir mais á vante
Com quanto alcança o sentido,
Sem ferro, ou fogo, que espante,
Com duas canas diante
His amado, e his temido.

Elrei D. Sebastião pelos muitos estrangeiros, que havia em Lisboa, introduzio a guarda de pé de alabardeiros portuguezes, e não tedescos, com seu capitão fidalgo dos principaes. Elrei Filippe II admittiu guarda tedesca, e a deixou ao archiduque Alberto, depois do qual se continuou com os governadores, e vice reis. Elrei D. João IV fez duas companhias de guarda, uma de alemães, outra de portuguezes, como explica o douto, e diligente Padre D. Luiz de Lima. (2)

Tinham por costume os senhores reis ir fóra todos os domingos

(1) Sá de Mirand. Epist. 1. (2) Lim. Geogr. Hist. part. 1. p. 399.

depois de jantar ver correr a carreira, e algumas vezes elles mesmos a corriam. (1) Para isto se ajuntavam alem dos familiares do Paço muita outra gente dos contornos, onde elrei estava, e corriam diante d'elle a cavallo. Eram os reis tão benignos, e humanos, que, quando iam pelas ruas, e viam alguns homens nobres á porta, se detinham, e fallavam com elles. (2) Honravam tanto a seus criados, que a alguns iam levar a suas casas em dia de noivado: assim se lê delrei D. João III, que recebendo-se nos paços dos Estáos (hoje da inquisição) D. Maria de Menezes com o avô de D. Antão de Almada, sahio elrei acompanhando-a, atravessou o Rocio, e chegou até á esquina das casas de D. Braz da Silveira; e apontando para as dos Almadas, lhe disse galantemente: «D. Maria, até aqui cheguei para vos mostrar as vossas casas, porque vos não enganassem, e levassem a outras. (3)

Quando elrei ia fóra da côrte, o acompanhavam ordinariamente os moradores da sua casa, conselho de estado, e outra muita gente, que o seguia, assim por este respeito, como por seus requerimentos e despachos: pelo que em qualquer parte, que a côrte estava, havia tanta frequencia, como em uma boa cidade, e por isso ordenaram que a côrte trouxesse comsigo todos os officiaes assim politicos, como de justiça, que são necessarios para o governo d'uma republica. Eram estes o aposentador mór, almotacé mór, correio mór, corregedores do crime da corte, corregedores do civel com seus officiaes de justiça inferiores.

O aposentador mór tem por obrigação ir diante da corte um, ou dois dias, para ter prevenido o alojamento delrei; porque é costume antigo n'este reino aposentarem os moradores de qualquer povo a elrei, e sua corte, dando ametade das casas para se recolherem os que acompanham a elrei. Esta distribuição de aposentos faz o aposentador mór, e é juiz de todas as duvidas, que sobre esta materia occorrerem. Hoje anda este officio na casa dos illustrissimos condes de Santiago. (4)

Ao almotacé mór pertence provêr a corte, onde quer que estiver, de mantimentos, e para isso tem grande jurisdicção que se estende cinco leguas da côrte. Antes que elrei faça jornada para alguma parte, manda adiante fazer promptos os mantimentos, e convocar certo numero de regatões, que chamam da corte, cujos officios elle dá, os quaes tem por obrigação prover a corte de caça, e do mais preciso, com tanto que não tragam os mantimentos dos povos cinco leguas á roda do lugar, onde a corte está; e para ser provida melhor, quando a corte está fóra de Lisboa, se quita meia ciza a quaesquer outros regatões, que fóra das cinco leguas trazem mantimentos. Anda este cargo de almotacé mór em João Gonçalves da Camera Coutinho. (5)

(1) Goes Chron. delrei D. Manoel p. 341. (2) Clede t. 3. p. mihi 421. na vida delrei D. João II. (3) Sous. Hist. Geneal. t. 4. p. 258. (4) Veja-se a Pegas á Orden. t. 13. add. t. 5. gloss. 2. n. 100. Far. no Epitom. p. mihi 665. Villasb. na Nobil. Port. c. 12. Lima Geogr. Hist. t. 1. p. 337. Navarret. Conservac. de las Monarq. c. 20. (5) Orden. l. 1. tit. 18.

Ao correio mór compete prover de cavalgaduras para os moradores da corte caminharem, e pôr as postas ordinarias no reino: e, quando elrei corre a posta, serve elle de postilhão. Despacha os correios ordinarios de pé, e cavallo, assim para o reino, como para fóra d'elle. A propriedade d'este officio concedeu D. Filippe II, e confirmou elrei D. João IV de juro, e herdade á familia dos Matas. (1) N'estas jornadas usavam os reis ás vezes de guarda de cavalleiros, e particularmente a trazia elrei D João II, a quem sempre acompanhava o capitão dos ginetes com ella. Elrei D. Manoel lhe accrescentou o numero, que faziam duzentos cavalleiros, que com o mesmo capitão lhe precediam sempre.

Com a mudança de governo houve tambem mudança na formalidade da guarda real. Para idéa da que hoje se pratica nas funcções solemnes, mostraremos brevemente a ordem, com que as pessoas reaes caminharam de Elvas para o Caya em 19 de Janeiro de 1729 para as reciprocas entregas, e desposorios dos principes, e princezas. Principiava aquelle vistoso acompanhamento por mais de quarenta coches dos fidalgos titulares do reino, a maior parte d'elles tirados a seis frizões. Seguia-se uma partida de quinze cavalleiros com um alferes, vinte e quatro trombetas, e atabaleiros da casa real, vestidos de veludo carmesim apassamanados de galões de ouro. Logo os cavallos de mão dos infantes D. Francisco, e D. Antonio cubertos de telizes de veludo verde bordados de ouro, e trinta delrei, do principe, e do seu estribeiro mór. Depois marchava um tenente com quinze cavallos, e logo doze postilhões de gabinete com fardas de panno encarnado com alamares de prata. Seguiam-se muitos coches, e berlindas, em que iam muitos officiaes do Paço de maior graduação. Logo os coches de respeito dos infantes, da princeza, do principe, e delrei, e ultimamente o coche magnifico, em que ia a familia real, e atraz d'elle muitos moços da estribeira a cavallo, e sete berlindas com as camareiras móres, e outras senhoras, e cento e trinta seges da familia, e no fim de tudo um esquadrão de guarda com quinhentos cavallos, que desde Lisboa foram acompanhando a elrei, e governavam quatro fidalgos da primeira nobreza. Não fallamos na magnificencia, e magestosa pompa d'esta jornada mais extensamente, porque se póde ver nos authores allegados; (2) só advertimos, que para esta funcção mandou elrei que a libré antiga da serenissima casa de Bragança, que era de panno silvado de verde e branco guarnecida de galões de prata, se mudasse sómente para a sua casa real, da rainha, e principes do Brasil na cor, de que usaram os antigos reis, que era de panno encarnado com os cabos, e vesteas azues agaloadas de prata, e aos archeiros da guarda da mesma cor com a differença de serem os galões de ouro. (3)

(1) Corog. Port. t. 3. p. 390. (2) Sous. Hist. Geneal. t. 8. p. 286. Barb. nos Fast. da Lusit. t. 1. p. 229. (3) Veja-se o livrinho francez intitulado. Description de la ville de Lisbonne p. 82.

CAPITULO XII

Dos officiaes destinados para a caça, e montaria, e das principaes coutadas do reino

O exercicio da caça assim de volateria, como de montaria foi sempre a mais ordinaria recreação dos reis portuguezes, para a qual mantinham com grande pompa officiaes, e caçadores, que fossem destros, e intelligentes em semelhantes artes. (1) Do infante D. Duarte, filho delrei D. Manuel, se conta, (2) que era n'elle tão dominante este divertimento, que não reparava em descommodo algum só para matar um veado, chegando muitas vezes a dormir vestido no campo exposto á inclemencia do tempo. Continuou este passatempo até o reinado delrei D. Sebastião; depois conforme o genio, e inclinação dos principes, assim ia crescendo, ou diminuindo.

Quanto aos officiaes para este ministerio, é o monteiro mór o que preside aos mais ministros da caça, o qual aceita todos os monteiros de cavallo, e de pé, e moços do monte, de que elrei se serve. Havia tambem caçador mór para a caça de volateria, e falcoeiro mór para a que se fazia com falcões. Hoje todas estas tres occupações unidas ao officio de monteiro mór andam na familia dos Mellos. (3)

As coutadas antigas do reino em tempo delrei D. Affonso V occupavam grande quantidade de terra, e por isso pediram os povos a elrei D. João II nas cortes de Montemór o novo, que descoutasse parte d'ellas para os campos se poderem aproveitar, e se escusarem os damnos, que as caças silvestres faziam nas sementeiras. Elrei como principe tão amante de seus vassallos o consentio, e descoutou muitas terras. O mesmo fez elrei D. Manoel nas cortes de Lisboa de 1498, (4) e Filippe II no anno de 1594 descoutou as montarias de Palmella, a de Montemór o novo, a de Montemór o velho, e a de Aveiro, ordenando que não houvesse mais coutadas que as de Lisboa, Cintra, Collares, Almeirim, e Salvaterra.

A coutada de Lisboa principiava das portas de Santo Antão, estrada direita até o lugar de Bemfica, e de Bemfica até Agualva, e da Agualva a S. Marcos, e de S. Marcos a Oeiras, e d'aqui direito ao mar. As de Cintra, e Collares tinham duas leguas em circuito ao redor de cada uma das ditas villas. As de Almeirim, e Salvaterra principiava a sua demarcação de Santo Eustacio direito pela estrada de aguas vivas acima até as Simalhas, e d'ahi atravessando até a ribeira de Muja por cima

(1) Diogo Fernandes na Arte da caca de altanaria p. 4. (2) Dam. de Goes Chron. delrei D. Manoel part. 3. c. 78. Sous. Hist. Geneal. t. 3. p. 424. (3) Vide Solano Succo de Peg. t. 3. p. 413. Cabed. decis. 90. part. 2. Ord. l. 3. tit. 5. e gloss 2. n. 115. Vilasboas Nobil. Port. c. 12. (4) Dam. de Goes Chron. delrei D. Manoel part. 1. c. 26.

da mouta das Corvas, e atravessando a dita ribeira para o Zebro, e arneiro dos Cruzentes, e d'aqui ás Bezerras: d'ahi atravessando a ribeira da Lamarosa direito ás Cortesinhas, e das Cortesinhas á Erra, depois pela estrada de Coruche, e pela mesma estrada abaixo até S. Romão, e logo a Santo Estevão, atravessando a ribeira de Canha direito para as casas de Belmonte, e d'ahi ao longo das terras do duque até a ponta da mata de Payo Real, que parte as lavouras, e d'aqui pela banda do Tejo a Santo Eustacio. (1)

Não obstante isto, ficou sempre conservando as montarias de Santarem, que constam de muito mais de vinte e seis matas, com outras de particulares: as de Alemquer, as de Obidos com quinze matas, e outras particulares: as de Leiria com o famoso pinhal de quatro leguas de comprido, e uma de largo: as de Pombal, as de Coimbra, as de Coruche, as de Benavente, e as de Alcacer do sal, onde junto ao rio, que vai para a dita villa, ha um pinhal de uma legua de comprido, e de largo um quarto de legua bastecida de muita caça.

As mais notaveis coutadas, que servem hoje de divertimento aos principes de Portugal, são as dos sitios de Alcantara, e Belem abundantes de perdizes, lebres, coelhos, e gamos: a de Cintra, que se estende por dilatados bosques, cujo sitio excede em qualidades a todos os do reino, e chega até a villa de Cascaes, fertil todo o seu terreno de perdizes, lebres, coelhos, e de certa especie de caça de arribação, que a fertilisa nos mezes de Setembro, e Outubro. Ao sul da serra de Cintra da parte opposta do rio corre a serra da Arrabida, tão povoada de todo o genero de caça, e em particular de veados, que alem de serem os maiores de toda a Hespanha, excedem em quantidade a outras coutadas do reino, com tanto commodo para os caçadores, quantas são as quintas, e casas de campo, que tem o seu assento nos vistosos e fertilissimos sitios de Azeitão, Cezimbra, e Calhariz, situadas nas margens e visinhanças da mesma serra.

Para o tempo de inverno ha a celebre coutada de Pancas, tres leguas de Lisboa da outra banda do rio, tão fertil de todo o genero de caça, que em pouca distancia da terra costuma entreter muitos caçadores. Tanta é a abundancia, e variedade, que no mesmo tempo se occupam os monteiros em correr á lança grandes javalis, e generosos veados, e os caçadores em tirar ás perdizes, correr ás lebres, e matar os coelhos, alem de outra muita caça de arribação, que concorre ás lagôas, e pantanos d'aquelle sitio. Com pouca mais distancia de leguas no termo da grande villa de Setubal nas ribeiras do rio Sado estão as duas grandes coutadas do Pinheiro, e Palma, notaveis pela abundancia de veados, e porcos montezes muito pingues, e grande quantidade de perdizes, lebres, coelhos, e outras variedades de caças.

(1) Veja-se o Regimento do Monteiro mór.

Apartadas de Lisboa dez, e quatorze leguas se seguem as reaes casas de campo de Salvaterra, e Almeirim, que pelo Tejo acima se communicam pelo mar, sendo o caminho de terra facil, ameno, e commodo pelo assento, e concurso de muitos lugares vistosos, que em toda aquella distancia se vão continuando por uma povoação successiva, onde a côrte se entretinha todos os annos por espaço de quarenta dias com diversos exercicios de passatempo. (1) São ferteis de veados, porcos, e toda a especie de caça; commodas para as montarias de cavallo; faceis para as caçadas de lança, e de espingarda; abundantes nas volaterias; dispostas para o entretenimento das damas com tal commodidade, que dos mesmos coches veem alancear os porcos, matar os veados, correr as lebres, apanhar os coelhos, e voar as aves tão suavemente, e sem fadiga, que na maior distancia se escusa todo o desvelo, porque a fecundidade do sitio facilita os exercicios igualmeute a quem os vê, e a quem os segue.

De mais d'estas grandes coutadas se aparta de Lisboa em distancia de trinta leguas aquella mais celebre da serenissima casa de Bragança, que com o nome de Tapada tem o seu assento em Villa Viçosa, aonde os javalis são ferozes, e muitos, e em grande quantidade os veados, e muita caça miuda, que ainda sendo o sitio fertil por natureza, os sustenta por maravilha. (2) Porem melhor que todas é a tapada real de Mafra, depois que se acabaram de fechar os seus muros pela circumvallação de tres leguas, servindo para maior grandeza, e divertimento as ermidas, bosques, rios, pontes, e outras officinas, que ha dentro do seu circuito, tudo igualmente magnifico, e perfeito.

CAPITULO XIII

Do estylo com que os principes e embaixadores estrangeiros eram recebidos pelos nossos reis, e do modo, com que estes assistem no acto das cortes

Dos estylos, que os reis tinham no recebimento de outros grandes principes, que vinham ao reino, ha poucos exemplos, por serem raras as vezes, que isto aconteceu em Portugal; e ainda que algumas memorias referem, que elrei D. Affonso II de Castella veio a este reino pedir a elrei D. Affonso IV o soccorro, com que o foi ajudar na batalha de Tarifa, com tudo não se escrevem as ceremonias, que neste acto passaram. E quando elrei D. Pedro de Castella expulso fóra do reino por seu irmão veio a Portugal valer-se d'elrei D. Pedro I, não se viu com elle, porque, como os nossos principes em razão, e respeito de estado o não quizeram ajudar, evitaram as vistas, e o mandaram acompanhar sómente por alguns fidalgos principaes do reino até á raia de Galiza;

(1) Luiz Mendes de Vasconcel. no Sitio de Lisboa p. 207. Nicol. de Oliveir. nas Grandez. de Lisb. trat. 2. c. 5. Brandão Monarq. Lusit. l. 16. c. 41. e l. 18. c. 2. Sous. Hist de S. Doming. part. 2. p. 256. (2) Sous. Hist. Geneal. t. 5. p. 559. e t. 6. p. 408

porém é facil de entender que em semelhantes occasiões seriam tratados nos recebimentos das cidades com as mesmas cerimonias dos reis naturaes, pois assim em Castella e em França se fez o mesmo aos reis d'este reino.

Em tempo d'elrei D. Fernando veio a este reino Aymon, conde de Cambrix, infante de Inglaterra, trazendo comsigo a infanta dona Isabel sua mulher, e filha d'elrei D. Pedro de Castella, por cujo respeito o conde pretendia aquelle reino. Chegados os infantes a Lisboa elrei os foi visitar á náu, e desembarcados foram fazer oração á Sé, indo todos a pé, e levando elrei a infanta pelo braço. A' vinda montaram todos a cavallo, e elrei por ser grande cortezão, levou a infanta de redea até S. Domingos, onde havia ordenado que pouzassem. (1)

No anno de 1670 veio á corte de Lisboa o grão duque de Toscana Cosme III, e se aposentou no collegio de Santo Antão. Fallou com elrei D. Pedro em audiencia particular com a formalidade seguinte: Entrou ás oito horas da noite pelo picadeiro da corte real em um coche de respeito de sua alteza, e D. João de Sousa, vedor da casa real, o veio buscar com doze moços da camara com tochas; e, depois de responder ao cumprimento de D. João de Sousa, mandou cobrir os moços da camara; e subindo pela escada recondita, o veio buscar uns poucos de degraus abaixo o gentil-homem da camara, que estava de semana, do principe regente, a cuja presença o conduziu, e em cuja camara estava uma cama rica de tela azul, um bofete cuberto, e uma cadeira. O principe regente o recebeu com agrado, dando os passos necessarios para chegar ao meio da casa; e tornando para o seu lugar, disse ao grão duque: cubra-se V. alteza; e no discurso da conversação lhe deu sempre o tratamento de vós, e o grão duque ao principe regente o de magestade. Os gentis-homens da camara sahiram para fóra, e quando o duque se despediu, o principe deu os mesmos passos, e elle foi acompanhado da mesma fórma, que no principio. (2)

Tambem no anno de 1688 veio incognito a Lisboa o principe Jorge Augusto de Saxonia, que depois foi rei Augusto II de Polonia, e fallou a elrei D. Pedro com quasi a mesma formalidade. (3)

O recebimento dos embaixadores se fazia com muita solemnidade. Mandava-os elrei acompanhar ao Paço no dia da audiencia por fidalgos da primeira nobreza, segundo a graduação, e grandeza dos principes, de que eram enviados; e entrando pela casa, onde elrei os esperava, se levantava elrei da cadeira, e punha a mão no chapeu, e tornava a abaixal-a; e encostando-se no braço da cadeira, lhe vinham os embaixadores beijar a mão, e lhes tomava as cartas de crença, e em pé os ouvia até os despedir. Depois para tratar dos negocios, a que vinham, se lhes dava

(1) Far. Europ. Portug. tom. 2. pag. 2. cap. 5. n. 63. (2) Sousa Histor. Geneal. tom. 2. p. 441. (3) Sousa Histor. Genealog. tom. 7. p. 694.

audiencia em casa particular em cadeira rasa com alcatifa por cima. (1)

As cortes de Portugal correspondem ás assembléas de França, dietas de Alemanha, e parlamentos de Inglaterra. Compõem-se dos tres estados do reino, ecclesiastico, nobresa, e povo, aos quaes costuma elrei convocar para as determinações publicas, e de grandes interesses. Juntam-se as pessoas dos tres estados em uma sala ricamente adornada: na cabeceira d'ella se levanta um estrado de seis degraus com a elevação de sete palmos, que é para o throno delrei: na parte inferior arrimados á parede se põem bancos, e pelo corpo da sala, para se sentarem os chamados, que são os titulos, prelados, senhores de terras, e procuradores das cidades, e villas.

Principia este acto com a assistencia delrei, o qual costuma vir com oppa rossagante de brocado, e sceptro de ouro na mão. Vem diante d'elle o condestavel do reino com o estoque levantado, e mais adiante o alferes mór com a bandeira real enrolada, precedendo os reis de armas, arautos, e passavantes vestidos em cottas, onde se vê bordado o escudo do reino. A estes antecedem os porteiros com maças de prata; e, se o acto é de juramento de algum principe, precedem a tudo os atabales, e clarins. Chegando elrei á cadeira, se accommodam todos nos seus assentos determinados.

Preferencia dos procuradores das cidades, e villas do reino, que tem assento em acto de cortes

Bancos

1 Porto, Evora, Lisboa, Coimbra, Santarem, Elvas.
2 Tavira, Guarda, Viseu, Braga, Lamego, Silves.
3 Lagos, Faro, Leiria, Beja, Guimarães, Estremoz, Olivença.
4 Portalegre, Bragança, Thomar, Montemôr o Novo, Covilhã, Setubal, Miranda.
5 Ponte de Lima, Vianna, Foz de Lima, Villa Real, Moura, Montemór o Velho.
6 Cintra, Torres Novas, Alemquer, Obidos, Alcacere, Almada.
7 Niza, Torres Vedras, Castello Branco, Aveiro.
8 Mourão, Serpa, Villa do Conde, Trancoso.
9 Aviz, Arronches, Pinhel, Abrantes, Loulé.
10 Alter do Chão, Freixo de Espada á cinta, Valença, Monção, Alegrete.
11 Castello Rodrigo, Castello de Vide, Penamacor, Marvão, Certã.
12 Crato, Fronteira, Monforte, Veiros, Campo Maior.
13 Caminha, Torre de Moncorvo, Castro Marinho, Palmella, Cabeço de Vide.
14 Barcellos, Coruche, Monsanto, Gravão, Panoias, Ourem.
15 Arrayolos, Ourique, Albufeira, Borba, Portel.

(1) Garc. de Resend. Chron. delrei D. João II c. 77. p. 50. vers. Chron. delrei D. João II part. I. c. 25. Far. na Eur. Port. part. 4 c. 2. n. 26.

16 Atouguia, Monsarás, Villa Viçosa, Penela, Santiago de Cacem.
17 Vianna junto de Evora, Villa Nova de Cerveira, Porto de Mós, Pombal.
18 Alvito, Mertola.

CAPITULO XIV

Das ceremonias, e estylo que se praticava nas mortes dos reis

Havia costume antigamente em Portugal, deduzido desde o tempo da gentilidade, tanto que morria alguem conduzirem a preço certas mulheres, chamadas pranteadeiras, para virem assistir aos defunctos, e acompanhal-os até á cova, chorando, e pranteando sobre elles. Por esta ceremonia começava a demonstração do sentimento; e, quando a pessoa era real, se executava com muito maior excesso, e maior numero de pranteadeiras, ou carpideiras, as quaes entre as lagrimas, e os gemidos, misturavam louvores do defuncto, que se era rei, diziam d'elle o bom tratamento, que fizera ao seu povo, que o não vexára com tributos, que introduzira tanto dinheiro no thesouro, accrescentando tanto mais sobre o que herdára; e com estes, e outros elogios gritando, e soluçando faziam mais luctuoso aquelle regio funeral. (1)

Assim consta que se fizera no enterro delrei D. Diniz, e no delrei D. Fernando, (2) até que no tempo delrei D. João I fez o senado da camera de Lisboa extinguir semelhante costume, (3) conservando-se porem ainda até o tempo delrei D. Manoel o luto de burel branco, porque o primeiro luto negro, que se usou n'este reino, foi o que se vestiu na morte da senhora D. Filippa, tia delrei D. Manoel. (4) Isto supposto, tanto que fallecia algum dos reis portuguezes, se despachavam logo correios para as comarcas do reino, com a qual noticia se levantavam nas cathedraes, e paroquias tumulos de madeira cubertos de luto para se fazerem os officios, e funeraes dobrando ao mesmo tempo os sinos.

Depois sahia em dia determinado da casa do senado a comitiva seguinte: A principal pessoa ia a cavallo vestida de luto, e levava uma bandeira negra ao hombro, que arrastava até o chão. Com o mesmo luto, e da mesma sorte o seguiam os tres vereadores d'aquelle anno acompanhados de toda a nobreza, e assistidos de tres ministros, que lhes levavam tres escudos pretos; e caminhando para a parte mais publica do lugar, onde já estava prevenido um estrado com alguns degraus, cuberto tudo de pannos negros, se subia n'elle o primeiro vereador com um escudo preto nas mãos, e voltado um pregoeiro para o povo, dizia tres vezes em voz alta: «Ouvide, ouvide, ouvide». Logo o primeiro vereador dizia estas palavras, que levava escritas: «Chorai, povo, chorai a morte do vosso rei, que vos governou com justiça, e amor de pai». E

(1) Monarq. Lusit. l. 19. c. 44. e l. 22. c. 52. (2) Ibid. (3) Ibid.
(4) Soares da Silv. Mem. delrei D. João i. n. 153.

subindo o escudo sobre a cabeça, o deixava cair em terra, e se quebrava. Com as mesmas circumstancias se repetia a mesma ceremonia pelos outros vereadores, levantando ao mesmo tempo o povo grandes clamores, e prantos. Depois caminhavam para a igreja, na qual assistiam ao funeral, que tambem se fazia com aquella expressão de pena, e dor, que merecia a grandeza da perda. Veja-se a Damião de Goes, Garcia de Resende, e a outros chronistas antigos, que as descrevem com miudeza.

Na corte se fazia este acto com maior pompa, porque ao alferes da cidade pertencia levar a bandeira, aos vereadores varas pretas nas mãos, a dois juizes do crime, e um do civel o levarem sobre a cabeça os tres escudos, que pela referida ordem se quebravam, o primeiro no taboleiro da Sé, o segundo no meio da rua nova, o terceiro no Rocio. (1) As maiores demonstrações de sentimento, que n'este reino se tem feito por pessoas reaes, foram as que se viram na morte do principe D. Affonso, filho delrei D. João II, refere-as por extenso Garcia de Resende; (2) porem as de maior formalidade, e pompa foram as que se executaram no enterro delrei D. João I, vindo-se a concluir tudo nas breves, e verdadeiras clausulas d'esta sentença: (3)

Tot mundi principes, tanta potentia:
In ictu oculi clauduntur omnia.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

(1) Monarq. Lusit. part. 7. l. 5. c. i. Far. Eur. Port. t. 2. part. i. c. 6. (2) Resend. c. 131. e 133. (3) Drexelio no Prodrom. aeternitat. c. 3. §. 3. n. 4.

INDICE

DOS CAPITULOS D'ESTE PRIMEIRO TOMO

PARTE I

PARTE II

INDICE

DAS COUSAS NOTAVEIS D'ESTE PRIMEIRO TOMO

FIM

MAPPA

DE

PORTUGAL

ANTIGO E MODERNO

PELO PADRE

JOÃO BAUTISTA DE CASTRO

BENEFICIADO NA SANTA BASILICA PATRIARCHAL DE LISBOA

TOMO SEGUNDO

PARTE III E IV

3.ª EDIÇÃO REVISTA E ACCRESCENTADA

POR

MANOEL BERNARDES BRANCO

LISBOA

TYP. DO PANORAMA — Rua do Arco do Bandeira — 112

MDCCCLXX

CORRECÇÕES, E ADDIÇÕES

Não obstante ficarem já pelo corpo da obra advertidos alguns erros, e equivocações da primeira impressão, e addicionadas outras noticias que lhe faltavam; agora offereço aqui separadamente mais emendas, e advertencias, deixando á perspicacia dos leitores prudentes outras muitas, que elles com facilidade poderão corregir.

Em semelhante assumpto, que pela maior parte se compõe de informações differentes, não é facil a um author, que não as póde examinar todas com os olhos, ser tão exacto como quizera. Trabalhei quanto me foi possivel para que esta obra sahisse perfeita, sem embargo das conhecidas repugnancias, e ingratos descuidos, que experimentei em muitas pessoas, as quaes podendo n'esta parte promover a gloria da nação, parece que por mesquinhez, ou assinte fazem capricho de não quererem que se adiante com o seu auxilio os estudos alheios; especialmente quando estes involvem materias, e pontos, que não é facil poder abrangel-os a curta esfera de um só braço.

Porém todas as difficuldades dissimulei, pelo dezejo que tenho de servir a patria, a cujo devido obsequio sacrifico o meu disvelo, e deligencia. E bastaria para me não fazer retroceder do meu intento na impreza que tomei, e benignidade dos poucos que para ella cooperaram com affecto. Distinguiu-se este particularmente no meu amigo, e companheiro o M. R. Beneficiado Joseph Caetano de Almeida Bibliotecario d'el-rei fidelissimo; pois informado d'este meu litterario projecto, com singular zelo não se contentou só de me franquear toda a boa copia de livros, que me foram precizos, mas se dignou animar-me, participandome com liberalidade muitos importantes monumentos conducentes a illustrar esta minha obrr, extrahidos do copioso cabedal de erudição, que o seu infatigavel estudo tem recolhido.

Com igual agradecimento devo tambem publicar o grande zelo do M. R. P. fr. Fancisco de Oliveira, religioso conspicuo da Ordem dos Prégadores, e filho memoravel da cidade de Beja, o qual sem me conhecer mais que pela noticia das fracas producções do meu trabalho, quiz acreditar a minha applicação honrando-me, solicitando a minha corres-

pondencia, e com ella enriquecendo-me de muitas advertencias, e noticias, que frequentemente me communica, em que mostra não só o pleno conhecimento, que tem da Historia do nosso reino, mas o generoso coração, e genio de que é dotado, como assim o publicam tambem por experiencia alguns dos nossos escritores; (1) pois conhece quanto é honroso, e estimavel refundir nos outros com generosidade a erudição adquirida, com que se possa utilizar o publico.

Igualmente me não devo esquecer do senhor Francisco Xavier de Santarem, e a mesma memoria farei de todos os mais sujeitos, que contribuirem benevolos, e zelosos com suas advertencias; porque só assim errarei menos, e poderá esta obra conseguir pelo tempo adiante aquella perfeita utilidade, que agora talvez lhe falte por minha insufficiencia. Passemos a notar o mais importante.

NO TOMO I

Pag. 46. As dezoito villas de que se compõe a comarca de Beja, são as seguintes: Agua de Peixes, Albergaria, Alvito, Beringel, Faro, Ferreira, Ficalho, Moura, Odemira, Oriola, Portel, Serpa, Torrão, Vidigueira, Villalva, Villa de Frades, Villa nova da Baronia, Villa Ruiva.

Pag. 93. Aqui se deve agregar a famosa fonte de Alvito, que nasce debaixo do castello, onde habitam os condes, com a qual se regam muitas hortas, e moem muitas azenhas.

Tambem na villa de Agua de Peixes ha a famosa, e fertil fonte na quinta do Duque de Cadaval, a que chamam o Olho de Pedro.

Pag. 96. Todas as aguas de Monchique nascem da fonte chamada a Foya, e d'alli vem uma ribeira, que bate no dormitorio das Caldas; porem adverte-me na sua carta o R. P. fr. Francisco de Oliveira, que quando lá estivera, nunca experimentara, nem ouvira dizer as propriedades de se secar em Dezembro.

Pag. 113. A móeda chamada *Espadins de Ouro* a mandou lavrar el-rei D. João II na cidade de Beja, e na rua, a que ainda chamam da moeda cuja entrada fica na praça da parte do Occidente.

Pag. 276. Sobre o successo dos degolados de Monte-mór o velho me escreveu o R. P. fr. Francisco de Oliveira, dizendo-me, que o examinara com o literato, e insigne poeta Francisco de Pina d'alli natural, o qual assentara ser veridico; e que em memoria de tanto prodigio ainda se representava na dita villa todos os annos a 10 de Agosto o sobredito caso, formando-se um exercito fingido de mouros, e outro de christãos, que nas gargantas poem um sinal vermelho para memoria do successo.

(1) Barbos. na Bibliot. tom. 4. p. 139. Pereira na Chronic. do Carm. tom. II. pag. 308. Cardos. no Diccion. Geogr. tom. I. p. 141. tom. II. p. 114., e 767. Sousa no Agiol. Lusit. tom. 4. p. 101. e 690. Belem na Chron. dos Algarv. tom. I. p. 170. Ignacio Joseph Magro na Farmacop. Pacense tom. I.

Pag. 247. O principe D. João primogenito d'el-rei D. Affonso V jaz na capella do Rosario no convento da villa da Batalha, como se diz no *Claustro Dominicano tom. 1. pag.* 315.

TOMO II

Pag. 1. O templo dedicado ao Deus *Endovelico* quer o P. fr. Francisco de Oliveira, que fosse aonde hoje chamam S. Miguel do Landroal.

Ibid. Deve-se accrescentar o templo de *Diana* erecto no sitio, onde está a igreja de S. Agueda termo de Villa nova da Baronia, cuja inscripção alli achada fez conduzir o sobredito fr. Francisco de Oliveira incansavel indagador das antiguidades do reino para o frontispicio da nova casa do despacho da Misericordia da mesma villa em o anno de 1761.

Pag. 5. Não só do S. Aprigio, mas de Angelo, e Isidoro de Beja se acham hoje os retratos em primorosos paineis collocados na igreja da Graça da mesma cidade por industria, e diligencia do mencionado fr. Francisco de Oliveira, que tudo que for honrar a sua patria é para elle o obsequio o mais estimavel.

Pag. 28. O senhor D. Jorge morreu no anno de 1550.

Pag. 68. Onde está o hospicio lea-se convento.

Pag. 76. O convento Xabregano de S. Francisco de Beja existia alli já no anno de 1271 segundo o testamento d'el-rei D. Affonso III que lhe deixou certa esmola, como consta do *tom. 1. das Provas da Historia Genealogica da Casa real pag.* 56.

Pag. 77. Advirta-se que em Alvito não ha convento Xabregano, mas só um hospicio onde residem tres religiosos. Este de Nosssa Senhora dos Martyres fica fóra da villa, e d'ella falla o Diccionario Geografico de P. Luiz Cardoso tom. 1.

Pag. 76. Em Alvito se assina um convento aos religiosos Trinitarios, e me escreve o R. fr. Francisco de Oliveira, que em Alvito nunca houvera convento de Trinos. O que ha é só um hospicio, em que se recolhe o reitor, que é parocho da Matriz unica da villa, com um sacerdote, e um leigo procurador: e por mais diligencias, que fizeram, nunca poderam obter fundação de convento; e se assistem mais de tres frades, a camara os manda despejar, conforme o ajuste que fizeram. A ultima sentença, que o barão, e moradores de Alvito alcançaram, para que os padres da Trindade não fundassem alli convento da sua Ordem, não obstante terem para isso breve de Clemente VIII foi passada no anno de 1655.

Pag. 80, O convento de Nossa Senhora da Victoria, e não de S. Victoria, é hoje uma das freguezias do termo de Beja. As suas rendas no anno de 1445 foram applicadas para o convento de Santa Clara da mesma cidade, d'onde se infere, que já antes do anno de 1503 não havia alli communidade.

Pag. 84. S. Adosinda primeiro foi casada, e depois religiosa, como prova D. Antonio Caetano de Sousa no tom. 4.º do Agiol. pag. 438.

Pag. 85. No termo de Beja entre a ribeira de Marcabron, e Villa de Frades houve no tempo dos godos o mais celeberrimo convento benedictino dedicado a S. Cucufate. D'elle ainda existem ruinas de columnas, torre, abobedas, e outros vestigios de grande edificio. Conservou-se no tempo dos arabes com igreja, altares, e imagens. Chamava-se vulgarmente o Mosteiro de S. Covádo, e era cabeça de todos os mais conventos da provincia do Alemtejo. O seu Superior se intitulava Abbade dos Abbades, e de um d'elles se refere uma carta no tom. 2. do Agiologio Lusitano pag, 583, mandada ao Summo Pontifice, em que lhe dizia assim: «Abbas Abbatum de S. Cucufato mittimus ad te nostrum legatum. Nostri opideni nolunt quod ego, nec ego quod illi. De billis in billis venimus ad capillis. De me fac quod vis, dummodo sim Abbas. Vale.»

Pag. 85. De S. Fausto ha uma ermida fóra do villa do Torrão, com o qual tem o povo muita fe.

Pag. 94. O V. Irmão Mercenario Fr. Antonio de S. Pedro morreu em Ossuna cidade de Andaluzia, onde jaz, a 30 de Julho de 1622, como consta do seu epitafio, que allega Sousa no Agiologio tom. 4. pag. 375.

Pag. 98. Por seguir a Duarte Nunes disse, que o V. Arcebispo de Braga D. Fr. Bartholomeu dos Martyres falecera no anno de 1592; porem D. Antonio Caetano de Sousa no tom. 4. do Agiologio Lusitano pag. 206, e Barbosa na Bibliotheca, allegando a sua inscripção sepulchral, que se lê em Vianna, dizem que fallecera a 16 de Julho de 1590.

Pag. 97. Entre os veneraveis servos do Senhor d'esta provincia merece especial memoria a V. Maria do Lado natural do Louriçal, sete leguas de Coimbra, a qual depois de fundar na sua patria, e casas natalicias um Recolhimento de devotas, que em continuo lausperenne venerassem o Santissimo Sacramento. que hoje se acha reduzido a mosteiro de Religiosas Claristas, falleceo com opinião, e sinaes de predestinada a 29 de Março de 1632. D'elle se lembra Cardoso no tom. 2. do Agiol. Lusit. pag. 750, e mais largamente Sousa no tom. 4. do mesmo Agiol. pag. 642.

Pag. 103. Ainda na praça d'esta villa da Vidigueira se conservam as casas onde este varão apostolico nasceu.

Ibid. Aqui se deve fazer memoria de S. Aprigio Bispo da cidade de Beja, e de grande honra para ella, não só pelas suas virtudes raras, mas pela profunda intelligencia da sagrada Escriptura, em que floreceu no seculo VI, e imperio dos godos; e d'elle se lembram muitos, que refere Barbosa na Bibliot. 1. pag. 432.

Pag. 104. D'este Santo ha na provincia do Alemtejo duas freguezias uma no termo de Beja, e outra no de Montemór. Ha mais tres ermidas

com a mesma invocação; uma no termo de Coruche, que no anno de 1534 foi paroquia: outra no termo de Mertola, e outra no termo de Villa nova da Baronia junto á ribeira do Xarrama.

Pag. 106. O doutor Francisco de Negreiros Alfeirão ex-vigario geral de Beja collocou na igreja dos Monges de S. Paulo de Montemór uma excellente imagem d'esta Santa no anno de 1759.

Pag. 107. A esta provincia se deve ajuntar a memoria da Madre Soror Maria Joanna, filha da cidade de Evora, e religiosa no mosteiro do Louriçal, que falleceu a 25 de Março de 1754 com grandes demonstrações de virtuosa, e sinaes de predestinada.

Pag. 107. A V. Soror Maria Perpetua da Luz serve de grande decoro a esta provincia Transtagana, e com especialidade á cidade de Beja d'onde foi natural. Era religiosa no mosteiro da Esperança da mesma cidade, e dotada de muitas virtudes praticadas em grão heroico. Falleceu a 26 de Agosto de 1736.

Pag. 116. A cabeça de S. Fabião Papa diz o Agiologio Lusitano, que existe em Cazevel na igreja paroquial de S. João Bautista; porem em Roma é venerada na igreja de S. Sebastião ás Catacumbas a cabeça d'este santo; e agora me escreve o P. Fr. Francisco de Oliveira, segurandome que vira com o mesmo titulo, e nome outra na cella dos Guardiões de S. Antonio de Abrantes. Um só foi o Pontifice S. Fabião, uma só deve ser a sua cabeça: será preciso revelação para sabermos qual é a verdadeira.

Pag. 134. Todas estas reliquias, de que tambem faz memoria o Agiol. Lusit. tom. 4. pag. 605, se conservam presentemente em um cofre dentro em um armario, que na enfermaria do convento mandou fazer o P. Guardião Fr. Jorge de Campo maior no anno de 1757.

Pag. 135. Na Abbadia de Urros, que fica na provincia Transmontana, e comarca do Moncorvo, se conservam em uma ermida as veneraveis reliquias de S. Apollinar Bispo, e Martyr, pelas quaes obra Deus muitos prodigios continuamente, especialmente nas pessoas quebradas, como se refere no Agiol. Lusit. tom. 4. pag. 642.

Pag. 145. A estas milagrosas imagens se deve ajuntar a que se venera no termo da villa de Chacim com o titulo da Senhora de Balsamão, por ser santuario mui frequentado de toda a provincia Transmontana, cujos devotos recorrem com fé a esta veneranda, e formosa imagem da Senhora pela experiencia dos prodigios, que ella lhes faz continuamente, e d'elles se lembra o author do Santuar. Marian. tom. 5. pag. 598.

Pag. 151. Outra imagem da Senhora com o mesmo titulo do Rosario se venera na matriz de Santa Maria de Beja, a qual por uma grande peste, que affligia a cidade, fizeram seus cidadãos voto de a levarem todos os annos em procissão na primeira oitava da Pascoa ao convento de Santa Clara extra muros, o que ainda se pratica segundo a informação que por carta nos deu o R. Padre Fr. Francisco de Oliveira.

Pag. 158. Aqui accrescentarei a veneração, que os povos da cidade de Beja, e villas da sua comarca costumam ter com devoção especial a a varios santos.

Beja a N. Senhora das Neves distante da cidade meia legua, a cuja sagrada imagem recorrem os cidadãos nas faltas de agua, trazendo a dita imagem processionalmente para a cidade. Alvito ao Senhor Jesus das Almas, Albergaria a N. Senhora do Oiteiro. Agua de Peixes ao Senhor S. Joseph. Beringel á Senhora da Conceição. Faro a S. Luiz Bispo de Tolosa. Ferreira á Senhora da Conceição. Ficalho a S. Marcos. Moura á Senhora do Carmo. Odemira á Senhora da Piedade além do rio. Oriola a S. Bartholomeu do Oiteiro. Portel á Vera Cruz do Marmelal. Serpa a S. Antonio no convento Xabregano. Torrão a S. Domingos na igreja Matriz. Vidigueira á Senhora das Reliquias no Carmo. Villa de Frades a S. Antonio dos Assores. Villalva a S. Bartholomeu entre as vinhas. Villa nova da Baronia a S. Noitel. Villa ruiva ao Senhor da Ladeira.

Pag. 162. Por ordem del-rei fidelissimo já não existem no convento da Batalha Dominicano os estudos, mas sim no de Santarem; servindo o da Batalha para creação dos Noviços, que forem para a India.

Pag. 232. Advertem-me, que á praça de Mertola nada lhe faz frente, como tambem o não faz Xerez á praça de Moura; e que o castello de Ferreira se acha arruinado, e perdido.

Pag. 266. Os ossos do inclyto D. Payo Peres Correa se trasladaram antigamente para a igreja Matriz de Tavira; e ignorando-se o sitio do jazigo, se descubriram no anno de 1724 por diligencias do doutor juiz de fóra João Leal da Gama, como refere Barbosa na Bibliot. tom. 3. pag. 537 e seu irmão nos Fastos da Lusit. tom. 1. pag. 485.

MAPPA

DE

PORTUGAL

CAPITULO I

Do estabelecimento, e progressos da Religião em Portugal

Antes de darmos noticia do estabelecimento, e progressos da Fé Catholica em o nosso Reino, havemos de saber, que na abençoada prole de Tubal, primitiva ascendencia dos lusitanos, se conservou largo tempo a lei natural, a fé, e religião, que aquelle Patriarcha ensinou, com as ceremonias destinadas para o culto de um só Deus verdadeiro (1), até que pela entrada dos gregos, fenices, e romanos se introduziu, e fomentou em nossas terras a idolatria.

O que se acha em pedras, e inscripções antigas é, que na Lusitania desde aquelle tempo dos gregos, e romanos havia templos dedicados a varios deuses da gentilidade: templo a *Minerva* nas praias de Lisboa; templo a *Venus* em Evora; templo a *Jupiter* no Torrão; templo ao celebre deus *Endovelico* junto de Terena no Alemtejo; templo de *Proserpina* em Villa Viçosa; templo, e idolo de *Vulcano* em Santiago de Cacem: templo a *Isis* em Braga; templo a *Ceres* em Guimarães; templo ao *Sol*, e á *Lua* na serra de Cintra; templo, e estatuas a *Tiberio*, a *Trajano*, a *Nero*, a *Agripina*, e a outras mentirosas divindades gentilicas. (2)

Porém é observação, que não merece desprezo, reparar, que entre a maior turba d'aquelles falsos deuses não ha historia memoravel, que attribua aos primitivos lusitanos serem elles positivamente os que lhes erigissem estatuas, ou dedicassem sitios para se lhes edificar templos: todos foram introduzidos, e maquinados por gregos, e romanos. Dos callaicos, e celtibéros escreve Estrabo, que desprezavam a multidão dos

(1) Largamente o prova Yanes na Espan. en la Santa Biblia tom. 1. cap. 23, e de Faria, e Mariana o mostra Fonseca na Evora gloriosa n. 336. (2) Resend. de Antiquit. Lusit. Brito na Monarq. Lusitan. tom. 1.

deuses. (1) O famoso templo de Hercules, erecto na Betica pelos tyrios, foi destruido pelos lusitanos, (2) acção, que nenhum idolatra emprendera.

Prova-se tambem, que sendo Geryão rei da Lusitania, e fazendo-se memoria de um templo seu levantado em nossos paizes, onde se faziam consultas, e se ouviam respostas, consta que foi fabricado por gregos, e não por lusitanos. (3) Mas quando algum dos nossos prevaricassem da sua primitiva fé, foi em tempo mui posterior, e quasi quando a providencia divina tinha preparado o fim medio da vinda de Christo, para que a luz do Evangelho lhes amanhecesse mais cedo, e fosse n'elles mais breve a noite da idolatria. (4)

Assim sabemos que foram os lusitanos os primeiros de toda a Hespanha, que promptamente se converteram, e abraçaram a verdadeira religião, annunciada pelo Apostolo Santiago Maior, e depois confirmada pelo Apostolo S. Paulo, e alguns de seus discipulos. Da vinda de Santiago a Hespanha já não se póde duvidar com fundamento depois de tão doutos tratados, que se tem escripto, bastando só os dois grandes volumes, que sobre este ponto compoz, e publicou o laborioso academico D. Manoel Caetano de Sousa, onde se vê diffusamente a evidencia irrefragavel dos argumentos, e a impenetravel força de mais de seiscentos authores de todas as nações, que asseveram concordes a vinda d'aquelle santo Apostolo a Hespanha, (5) além de uma tão antiga, e constante tradição, que ha n'esta materia.

Querer tambem negar a vinda de S. Paulo, seria temeridade, por ser aquella expedição apostolica n'estas partes occidentaes um facto plenamente assegurado com os relevantes testemunhos de muitos santos padres, e um quasi innumeravel computo de outros escriptores. (6)

O anno da primeira missão evangelica dizem uns que fôra o de 41 de Christo, outros o de 35, ou 36 depois da admiravel Ascensão do Senhor. (7) E sendo Braga a primeira terra de Hespanha, que mereceo a gloria de ser allumiada com as luzes do Evangelho, n'ella ficarão logo pelo Apostolo Santiago convertidos alguns, dos quaes escolhendo o santo nove discipulos, deixou dois para continuarem a promulgação da verdadeira fé, sendo um d'elles S. Pedro de Rates, primeiro Bispo de toda

(1) Strab. lib. 3. «Callaicos perhibent nihil de diis sentire... Celtiberos autem, & eos, qui ad Septentrionem eorum sunt vicini, innominatum quendam Deum venerari. (2) Monarq. Lusitan. part. 1. pag. 114. (3) Rufo Fest. Avien. «Ora maritima» vers. 261. apud Yanes allegad. tom. 1. cap. 24. n. 15. pag. 285. (4) Resend. lib. 4. de Antiq. pag. mihi 236. Quod si nebuloso infelicis gentilitatis aevo superstitionibus addicti Lusitani fuere, certe Evangelica luce radiante, morati diu non sunt, quin veri Dei cultum, et religionem amplecterentur.» (5) Supposto que o allegado academico D. Manoel Caetano esgotasse este assumpto, com tudo depois delle escreveo o erudito Yanes, accrescentando algumas outras razões, fundamentos, e authoridades, que merecem ser vistas no tom. 2. da Esp. en la S. Biblia. (6) Baron. in Martyrol. Roman. a 22 de Março. Natal Alexand. e outros, que allega Tamayo in Dext. Escolan. Histor. de Valenca liv. 2. cap. 1. Arnold. Theatr. convers. gent. pag. 47. Diffusamente o Mestre Yanes tom. 2. da España en la S. Biblia pag. 252 n. 150. et seqq. (7) Monarq. Lusitan. liv. 5, cap. 3. Bozius de Signis Ecclesiae tit. 1. lib. 4 sign. 6. cap. 1. Far. tom. 1. part. 3. cap. 1.

a Hespanha: e partindo para Çaragoça, levantou a casa santa do Pilar. Depois, tornando a Braga, consagrou outra igreja a Maria Santissima, e embarcando na Corunha com os sete discipulos *Torcato*, *Thesifonte*, *Secundo*, *Indalecio*, *Cecilio*, *Eufrasio*, e *Hesyquio*, voltou a Jerusalem, onde foi martyrisado por Herodes Agrippa.

Recolhendo então os discipulos com muitas lagrimas o truncado corpo do santo Mestre, partiram com elle de Joppe, e chegando prodigiosamente á cidade de Iria Flavia, chamada hoje do Padrão, lhe deram decente, e religiosa sepultura. D'aqui constando-lhe que S. Pedro, principe dos Apostolos, fora livre por um anjo da prizão, em que estivera, e assistia já em Roma, se foram lá a dar-lhe conta do succedido, e elle consagrando-os em Bispos, os enviou outra vez a Hespanha, em que discorrendo separados por varias povoações, continuaram tambem em nossas provincias a fundação da christandade, evangelizando o reino do ceu, desterrando a idolatria, convertendo muita gente, fundando igrejas e estabelecendo os ritos, e ceremonias, que se haviam de usar nos divinos officios conformes á igreja romana (1) até acreditarem a mesma doutrina, que prégavam, com a exposição espontanea das proprias vidas e crueis martyrios. (2)

Como nas cousas ecclesiasticas dos primeiros seculos nos informam as historias confusamente, he mui difficil averiguar o estado, e governo ecclesiastico da primitiva igreja lusitana; mas sendo certo, que o furor dos imperadores romanos não permittiam outros templos, nem outros simulacros, que os das suas falsas divindades, de crer he, que os Templos dos christãos portuguezes seriam ou as grutas escondidas, ou particulares oratorios, onde concorreriam occultos a fazer suas orações, e sacrificios, porem sempre perseguidos do gentilismo; mas com tanta constancia na fe, que a ennobreciam com seu sangue, confessando intrepidamente innumeravel multidão de martyres a verdadeira religião de Christo diante dos mesmos tyrannos.

Assim se hia multiplicando o christianismo, e alargando pouco a pouco os oratorios em templos, exercitando-se nelles o religioso culto, e mais funcções ecclesiasticas ordenadas pelos bispos. E posto que Diocleciano, perseguidor cruel dos christãos, mandasse em Hespanha por Daciano, seu feroz ministro, derrubar os templos, sempre todavia ficaram alguns; até que no seculo terceiro regenerado no santo lavatorio do bautismo o grande imperador Canstantino, restituindo a paz universal á igreja, reedificou, e fundou novos templos, com que a Fé Catholica começou a ir lentamente respirando das continuas perseguições,

(1) Baron in Martyrol. a 15 de maio. Labbé Concil. tom. 10. col. 53. onde se allega a celebre Epist. de S. Gregor. VII. escrita a nossos Reis e aos de Hespanha. Filippe de la Gandara nos Triunfos Ecclesiasticos de Galiza produs uma Relação da jornada do Santo Apostolo que julga pela mais certa, mas afasta-se de Baronio. (2) Vasaeus ad ann. 37. Cardoso no Agiolog. Lusit. tom. 3. pag. 275.

*

que padecia, (1) e o estado ecclesiastico tomou formalidade no seu governo jurisdiccional, querendo alguns escritores, que a primeira divisão de bispados feita em Hespanha fosse a de Constantino, o qual constituindo seis bispos Metropolitanos em toda ella, dera a todos por destrictos muitas cidades, (2) ficando em nossas terras por Metropoles Braga, e Merida, e por suffraganeas as seguintes:

Braga. — Astorga, Tuy, Coimbra, Iria Flavia, Britonia, Viseu, Lamego, Idanha, Orense.

Merida. — Beja, Lisboa, Evora, Ossonoba, Calliabria, Salamanca, Coria.

Mas como a vinda de Constantino a Hespanha, e a divisão dos bispados attribuida a elle sejam factos duvidosos, e que muitos contradizem, (3) é provavel, que antecedentemente tivessem as cidades de Hespanha ja determinados bispos, e que a divisão das nossas provincias ecclesiasticas estivessem dispostas conforme a divisão temporal, que os imperadores tinham feito em nossas terras, (4) o que se póde tambem provar pelas actas do Concilio Eliberitano, celebrado no anno de Christo 305 antes do batismo de Constantino, ou, segundo a opinião de outros, no anno 324 junto a Granada, e um dos primeiros que se congregou não só em Hespanha, mas em toda a universal igreja depois do que os Apostolos celebraram em Jerusalem, no qual entre os dezenove bispos, que assistiram, subscreveram os bispos portuguezes *Singio* de Braga, *Vicencio* do Algarve, *Januario* de Alcacer do Sal, *Quinciano* de Evora. (5).

N'estas cònvenientissimas assembleas se congregavam os bispos para determinarem, e resolverem os pontos tocantes á verdadeira observancia da fé, e confirmar n'ella aos catholicos, estabelecendo varios canones da disciplina ecclesiastica, corroborando-se cada vez mais o animo dos prelados, e seu vigilante zelo para se opporem a qualquer erro, ou abuso, que produzisse a infidelidade Assim se vio na diligencia, e constancia, com que procederão dous bispos nossos, *Ursasio* de Merida, e *Ithacio* do Algarve contra a seita de Prisciliano, mostrando-se tão zelosos da religião, que o Concilio celebrado em Çaragoça para este intento lhes encommendou a execução da sentença contra aquelle inimigo da igreja, em que os dous sabios, e virtuosos prelados se houveram valerosamente contra os portentosos esforços dos sequazes d'aquella herezia, valendo-lhes não pouco a authoridade do imperador Graciano, para haver de se desterrar de Hespanha, e de nossas provincias aos hereges. (6)

(1) Euseb.Histor.Eccl. liv. 10. cap. 15. et. de Praepar. Evang.liv. 4. (2) Monarq. Lusit. liv. 6. cap. 24. Marian. liv. 6. cap. 15. Padilha cent. 4. tom. I. c. 46. Garibay liv. 7. c. 48. Aguirre tom. 2. Concil. col. 301. num. 15. No modo de assinar as igrejas suffraganeas ás metropoles ha muita variedade. (3) Labbè tom. 5. Concil col. 876. Baron ad ann. 680 § 9. Moral liv. 10. cap. 32. (4) Assim se collige da Epistola 3 de Santo Anacleto Papa, que allega a Monarq. Lusita. liv. 6. cap. 5. (5(Baron. tom. 2. ad an. 305. Pineda liv. 12. c. 14. Padilha part. I. cent. 4. cap. 35. (6) Monarq. Lusitan. liv. 5. cap. 28.

Acabado o poderoso dominio dos romanos, entrou nova perturbação em nossos paizes com a invasão dos alanos, vandalos, e godos, alguns dos quaes, sendo sectarios dos perniciosos dogmas arianos, perseguiam fortemente o christianismo, tratando com descortezia aos ministros ecclesiasticos, e com desacato as sagradas imagens, e reliquias, confiscando as rendas das igrejas, privando-as dos seus privilegios, e desterrando aos bispos orthodoxos, entre os quaes singularisou o nosso bispo santo Olympio, o qual com seus sermões, e publicas disputas foi acerrimo flagello de tão infernal seita.

Para atalhar esta assolação querem alguns, que o arcebispo Pancracio celebrasse em Braga o primeiro concilio nacional, em que se acharam varios bispos suffraganeos, que andavam dispersos, e desterrados das suas igrejas por causa da furia, e terror dos barbaros. (1) Alli se determinou, que cada um no seu bispado fizesse esconder os corpos, e reliquias dos santos em lugares sinalados até Deos permittir maior socego á christandade. Verdade seja, que não faltam tambem escriptores que tem este concilio por apocrifo. (2)

Afrouxando algum tanto a ferocidade d'estas nações, e determinando seus principes residir em nossas terras, tornou a paz da igreja lusitana a tomar alento: porque os reis godos já consentiam aos christãos o uso dos Sacramentos, e a frequencia dos Templos, ajudando a esta paz el-rei Theodorico, a quem deveo muito o socego do estado ecclesiastico, para que tambem concorria o valor de muitos santos prelados, que sempre trabalhavam, para que os christãos perseverassem conformes na pureza da lei Evangelica. Taes foram *S. Julião* bispo de Evora, *Aprigio* de Béja, *Idacio* de Lamego, e o famoso *Paulo Orosio*; e nos seculos mais posteriores *S. Martinho* bispo de Dume, e *S. Fructuoso* de Braga.

No dominio dos suevos, e godos teve o estado ecclesiastico em nossas provincias outras divisões: porque el-rei Theodomiro, grande defensor da religião catholica, fazendo celebrar na cidade de Lugo um concilio no anno 569, rogou aos bispos alli congregados, que sendo em toda a Galiza mui dilatadas as dioceses, e governadas por poucos bispos, havia grande descommodo nos pastores, e nas ovelhas; e assim determinou o concilio, que a Sé de Lugo, e a de Braga fossem metropolitanas, e que houvesse mais cathedraes. repartindo as parochias. que tocaram a cada cathedral. (3) A terceira divisão foi feita por el-rei Wamba, que quasi confirmou a do concilio de Lugo, (4) e com esta reforma permaneceu o estado ecclesiastico em toda Hespanha até o anno 714, em que succedeu a invasão dos Arabes.

(1) Monarq. Lusit. liv 6. cap. 2. e 3. Cunha bispos do Porto. part. 1 cap. 3. (2) S. Nicolas nos siglos Geronimian. tom. 3. ann. Christ. 414 c. 33. e outros, que allega o academico Pereira Leal na dissert. Exegetica (3) Loaysa na Collecção dos Concil. de Hesp. Argot. Mem. do Arceb. de Brag. tom. 2. docum. 1. (4) Monarq Lusit, liv. 7. cap. 7. Padilha cent. 7. cap. 52.

Toda esta santa paz se perturbou com a lamentavel entrada dos impios Saracenos, os quaes posto, que no principio da sua conquista não fossem tão asperos de sofrer, porque deixavam aos christãos ter algumas igrejas de pobre fabrica, e celebrar n'ellas os divinos officios ás portas fechadas, a troco de lhes remirem estas liberdades com tributo taxado a seu gosto, sendo o mosteiro de Lorvão Benedictino um dos que Deus quiz conservar intacto com particular providencia no meio dos infieis para sustentar em Portugal o lume da fé em tempo tão calamitoso; (1) donde é de crer, que os christãos sacerdotes usassem da Liturgia, e rito gotico que por esta mistura dos arabes se veio a chamar *Muzárabe*, determinado pelos nossos bispos no primeiro concilio de Braga, deduzido de Santiago, e praticado até Gregorio VII, que foi o que introduzio o romano, (2) todavia crescendo o poder dos mouros, e lavrando as calamidades, padeceu a igreja terrivel oppressão, como exaggera Isidoro Pacense.

Com este infame jugo passavam os portuguezes afflictos, e tyrannisados, até que pelos annos 750 de Christo lhe mostrou o ceu esperanças de liberdade no animo d'el-rei D Affonso o catholico, o qual entrando por Galiza com seu cunhado o valeroso D. Fruella, chegou victorioso ás praias do Douro á custa de asperos combates. Continuavam os assaltos dos barbaros, de cujas correrias sobresaltados os bispos ainda se não podiam conservar em pacifica paz, sendo-lhes preciso valer-se do recondito das brenhas para salvar as vidas, d'onde vigiavam todavia pela pureza da fé, permittindo Deus, que para maior animo da sua constancia supprissem os milagres celestes, onde faltavam as forças humanas. Tomou finalmente verdadeiro alento, e esforço o Christianismo em nossos paizes, vendo-se defendido por principes portuguezes, que empenhados em sacudir das nossas terras os infieis, lograram sublimes triumfos; e convertendo as mesquitas em templos, o alcorão no Santo Evangelho, a superstição mahometana no culto do verdadeiro Deus, reduziram as igrejas ao seu antigo, e melhorado socego, e animaram aos bispos a que residissem nas suas dioceses, acrescentando outras pelo tempo a diante, as quaes presentemente são as seguintes:

BRAGA

Este é o mais antigo arcebispado de toda Hespanha, como provam gravissimos authores, (3) e o seu primeiro prelado foi S. Pedro de Rates, constituido pelo apostolo Santiago Maior. Sempre estes arcebispos usaram do honorifico titulo de Primaz; prerogativa, que os serenissi-

(1) Chronic de Cister. liv. 6. cap. 29. Bened. Lusitan. tom. 2. pag 316. Fr. Jeronym. Rom. Histor. Eccles. de Hesp. liv. 4. cap. 6. (2) Grancolas Comment. Histor. Brev. Rom. liv. 1. cap. 41. (3) Cunha. Trat. da Primazia da Igreja Bracharens. Barbos. de Potest Eccles. tit. 3. cap. 8. Sebast. Caes. Hierarch. Eccles. part. 1. disp. 4. § 5. num. 53. 54. e 70. Maced. Flores de Hespanha.

mos reis catholicos desejaram sempre avocar ao seu arcebispo de Toledo: e sendo tão poderosos na curia romana, nunca o poderam conseguir, nem nos sessenta annos, que intrusos governaram este reino, signal mais que evidente da falta da sua justiça; e correndo a causa ha tantos annos, nunca a poderam fazer sentenciar, contentando-se com a duvida de o poder ser a seu favor na opinião de alguns. Tem continuado o governo d'esta metropole em cento e vinte e cinco arcebispos até o presente, que é o senhor D. Gaspar, filho d'el-rei D. João v, sagrado n'esta suprema dignidade em 23 de julho de 1758. Tem por suffraganeos os bispados seguintes: *Porto*, *Viseu*, *Coimbra*, *Miranda*.

LISBOA

A dignidade archiepiscopal começou do reinado d'el-rei D. João I por bulla de Bonifacio IX anno 1393 conforme a melhor opinião, e foi seu primeiro arcebispo D. João escudeiro: porem a dignidade episcopal foi a primeira, e seu primeiro bispo foi o glorioso S. Manços: de sorte, que conta trinta e oito bispos até D. Martinho, que foi aquelle, a quem o povo de Lisboa indevidamente precipitou da torre da Sé; e arcebispos numéra vinte e tres. Depois no reinado feliz d'el-rei D. João V, se dividiu o arcebispado em duas dioceses por Bulla de Clemente XI em 7 de Novembro de 1716, ficando a parte occidental constituida Patriarchado, e eleito em primeiro patriarcha D. Thomaz de Almeida, que tinha sido bispo do Porto, e depois passou á dignidade cardinalicia: a outra parte de Lisboa oriental ficou com o titulo de arcebispado: porém Benedicto XIII a instancias do mesmo soberano supprimiu este arcebispado por Bulla do primeiro de Setembro de 1741, e fez que existisse um só cabido Patriarchal, e que as suas dignidades gozassem grossas prebendas, e grandes privilegios, como mais largamente diremos na quarta parte. Tem por suffraganeos os seguintes bispados: *Leiria*, *Lamego Guarda*, *Portalegre*, além de outros ultramarinos.

EVORA

Foi erecta em Metropolitana esta igreja por Paulo III a instancias del rei D, João III, anno 1540, e foi seu primeiro arcebispo e cardeal D. Henrique, do qual até o presente se numeram quatorze prelados diversos. Era antes suffraganea de Lisboa, que tinha começado a governar D. Sueiro do anno 1166, desde que el-rei D. Affonso Henriques a tirou da infame sujeição dos mouros, e até este tempo a haviam já governado vinte e tres bispos, dos quaes o primeiro foi S. Manços, e o ultimo Justino, que morreo no anno 715. Hoje tem por suffraganeas *Faro*, e *Elvas*.

Guardou sempre Portugal esta religião pura, podendo ter a gloria de que nenhum heresiarca lhe pudesse semear a zizania da heresia en-

tre o grão do Evangelho, que desde os primeiros tempos cultiva com anto credito da igreja. É verdade, que a seita ariana inficionou este treino no governo dos suevos, mas foi por pouco tempo; (1) de maneira, que foi a ultima terra de Hespanha, onde entrou, e a primeira d'onde sahio.

Luthero, e Calvino abrazaram a maior parte dos reinos do norte com aquelle fogo do inferno, que se accendeu com as suas doutrinas erroneas; mas Portugal ficou sempre isento d'estes contagios, porque a vigilancia do Santo Tribunal da Inquisição, a rectidão dos prelados, o zelo dos reis affugentam com o castigo, com a doutrina, e com o exemplo a perversidade de taes monstros: e é para notar, que depois do Papa Urbano VIII erigir em Roma uma cadeira de controversia; nenhum principe catholico o imitou primeiro, que nosso rei D. Affonso VI estabelecendo-a na Universidade de Coimbra no anno 1664, julgando que aos reis de Portugal lhe competia mais que a nenhum catholico monarcha não só conservar o seu reino puro na fé, mas fazer com que os seus subditos fossem scientes, e capazes de destruir, converter, e ensinar os infieis. (2)

Por isso raro será o lugar descuberto no universo, onde não chegassem os portuguezes com o motivo de converter gentios, e trazel-os ao gremio da igreja pelo conhecimento de Christo, rompendo para este fim mares de difficuldades, cujo beneficio não deixou de conhecer, e agradecer aos nossos monarchas o Papa Julio III, na Bulla *Non dubitamus*, do anno 1550. (3)

Nem é pequena preeminencia gozar Portugal da primazia em muitas cousas ecclesiasticas, como bem adverte o insigne chronista Brandão; (4) porque o primeiro bispo, que houve em Hespanha, constituido por Santiago, foi em Braga S. *Pedro de Rates*: o primeiro martyr de toda a Europa foi o mesmo *S. Pedro*: as primeiras martyres de Hespanha foram nove irmãs, filhas de C. Atilio Bracarense: o primeiro anacoreta da Europa foi *S. Felix* junto a Rates: o primeiro fundador da Ordem da Santissima Trindade foi *S. João da Mata*, portuguez, segundo a opinião de alguns: o primeiro fundador da Ordem de S. Jeronymo em Hespanha foi o *veneravel fr. Vasco*, portuguez: o primeiro fundador da Ordem dos Hospitalarios foi *S. João de Deus*, natural de Monte mór o Novo: a primeira instituidora da Ordem da Conceição, e Tribunal do Santo Officio em Castella foi *D. Brites da Silva*, portugueza: o primeiro

(1) Monarq. Lusit. liv. 6. cap. 12. Maced. Flor de Hesp cap 9 excel. 6. (2) D. Fr. Isidoro da Luz no Opuscul. de sacris Traditionib. praelud. 1. n. 28. (3) «Orbis terrarum antea ignotus, magna ex parte nunc cognitus, et quod plus est, Deo, ac vobis per agnitionem christianae veritatis acquisitus est, ut illud tamdiu expectatum videre nostris temporibus coepe-rimus: in omnem terram exivit sonus eorum etc «Quod quoniam vestro ministerio Deus omnipotens fieri voluit, vos propterea in conspectu divinae Majestatis gratos, et acceptos filios fuisse agnoscimus; vobisque, ac caeteris, qui eidem Deo tale obsequium, et illis populis in tenebris jacentibus tantum beneficium nempe salutis aeternae, prestiterunt, una cum universa christiana Religione valde debemus. (4) Monarq. liv. 9. cap. 9.

que fundou em Italia a Ordem dos Amadeos, foi o *Beato Amadeo*, irmão de D. Brites. Tambem o convento mais antigo, que a religião de S. Bento teve em toda a Hespanha, foi o de Lorvão, assim como a de S. Domingos em Santarem, a de S. Francisco em Alemquer, e a da Companhia de Jesus em Santo Antão em Lisboa.

Um grande volume puderamos escrever, se entrassemos a expressar o grande amparo, e protecção, com que os christianissimos monarchas portuguezes tem admittido em seu reino quasi todas as ordens religiosas, enriquecendo-as com grandeza, e mão não só liberal, mas prodiga, ficando este catholico zelo como legado hereditario de pais a filhos; porque tambem raro será o principe, ou infante portuguez, que não tenha concorrido para tão pias erecções com liberaes dispendios. (1) E sendo a devoção das cousas sagradas um dos maiores sinaes da verdadeira fé, nenhum reino se poderá prezar de mais devoto, que o de Portugal, e por consequencia nenhum mais catholico.

Ao *Santissimo Sacramento do Altar* que nação catholica ha, que o venere com maior decencia, grandeza, e affecto, do que a portugueza? O padre Abrahão de Gorgis jesuita, e natural do Monte Libano, que foi martyr na Ethiopia, vindo em certa occasião para este nosso reino, e dizendo-se-lhe que já estava em terras d'elle, pondo-se de joelhos, beijou a terra com grandissima reverencia, e copia de lagrimas; e perguntando-se-lhe a causa d'aquelle excesso, respondeu, que o faria, por ser o reino de Portugal tão devoto do Santissimo Sacramento. (2)

Bem podem confirmar esta devoção as demonstrações do sentimento, que os portuguezes tem mostrado nos roubos sacrilegos da sacrosanta Eucharestia aquellas vezes, que neste reino tem acontecido, que foram quatro, a saber: a primeira na cathedral de Coimbra anno 1362; a segunda na cathedral do Porto anno 1614; a terceira na paroquial igreja de Santa Engracia de Lisboa anno 1630: a quarta no mosteiro de Odivellas anno 1671, (3) remunerando em desaggravo d'estes grandes insultos festas, e solemnidades votivas, estabelecidas pela maior nobreza do reino.

A devoção ao mysterio da *Santissima Trindade* é especial no affecto dos portuguezes. (4) E que diremos do culto, e veneração a *Maria Santissima*? Bem sabido é, que o reino de Portugal começou feudatario a esta Senhora, e que seus inclitos monarchas foram continuando com este reconhecimento, fazendo cada um algum sinal de obsequio, com que a veneram. Sufficiente prova d'este zelo é o grande numero dos tem-

(1) Sousa, Histor. de S. Dom. part I. liv. 2 cap. 4 Faria na Europ. part. I cap. 4 §. 12 e cap. 3 §. 22 e part. 2 cap. 2 §. 26. e part 3. cap. I §. 169. Esper. Histor. Seraf, part. I liv, 2 cap. I e liv. 3 cap. 13. Mariz. Dialog. 2 cap. 15. Dial. 5. cap. Cond daÉriceir. Portug. restaur. liv. 12 fin. Maced Flor. de Hesp cap. 9 Vieir. tom. II. num. 158 (2) Telles. Histor Ethiop. liv. 3. cap. 10. Maced. nas Flores de Hesp. e João Pinto Ribeiro. (3) Agiolog Lusit. tom 3 pag. 394. Jard. de Portug. pag. 598. Pereir. de Man. Regia part. 2. cap. 56. num. 24. Barbos. in Addit ad Collect. cap. Afferte de Praes. sumption. Pegas, Tratado especial d'este desacato. (4) P. Fernand. Alma instruid. tom. 2. pag. 1006.

plos, que lhe tem erecto; pois não só todas as cathedraes de Portugal são dedicadas a esta purissima Virgem, mas quasi todas as igrejas matrizes das cidades, e villas, além de outros muitos templos, e altares. (1) Nem é das menores confirmações as festividades, que lhe tem consagrado, especialmente a dos *Prazeres*, e *Conceição*. N'aquella foi a igreja portugueza primeira que nenhuma da christandade a que festejou as alegrias da Senhora na Resurreição de seu unigenito Filho: (2) no mysterio da Conceição tambem foi Portugal o primeiro, que tomou a Maria Santissima por Padroeira do seu reino, fazendo com este exemplo, que outros principes catholicos imitassem tão religioso, e devoto culto. (3)

O mesmo affecto se observa na devoção de outros particulares santos, para cuja veneração, e festivos applausos parece sempre aos portuguezes pouco o maior dispendio. A' vista temos a maior demonstração em todos os templos d'este reino, e com especialidade nos de Lisboa, onde presentemente está o culto Divino tão subido de ponto, que parece não só competir, mas exceder ao asseio, e grandeza da mesma Roma. Seria objecto de compaixão vêr aqui demolir as sagradas fabricas dos templos antigos, em que a mesma antiguidade do desenho recommendava respeito, se depois não vissemos das mesmas ruinas resuscitar outras de novo com tão melhorada idéa, e gosto de arquitectura. A verdade é, que em nenhuma parte do mundo ha tanta cubiça de ajuntar dinheiro, como ha em Portugal ambição de o gastar com Deus.

Que igreja ha entre a multidão de tantas, que em um dia festivo não tenha semelhança com a que se descreve no apocalypse de S. João? As paredes cubertas de ouro, e seda; os córos cheios de armonias: os altares brilhando com chuveiros de luzes; nas caçoulas recendendo o almiscar: as flores nos ramalhetes: tudo suspensão dos sentidos, incentivo da devoção, e pasmo dos estrangeiros. (4)

Não de balde está promettido ao reino de Portugal ser o imperio universal do mundo, e a seus christianissimos monarchas serem os Moysés, os Gedeões, os Samsões, e finalmente os Josués, que tirem do mesmo mundo os perseguidores da christandade, e restituam á verdadeira igreja de Deus os lugares santos da nossa redempção. Toda esta felicidade destinada por Deus para Portugal se concorda com as historias, e vaticinios, que por diffusos deixamos de referir, (5) pois já é tempo de passarmos a outro capitulo.

(1) P. Fernand. Alma instruid. tom. I. pag. 761. Santuar. Marian. tom. I. pag. 8 (2) Agiolog. Lusit. tom. 2. pag 581. (3) Maced. Eva, Ave part. 2. pag. mihi 290. Santuar. Marian. tom. 1. liv 1. tit. 11 Fernand. Alm. instr. tom. 1 pag. 766. (4) P. Scherer, Histor. Geograf tom. I. pag. 66. «Multum apud exteros commendatur Lusitanorum pietas, & munificentia in Deum, & Deo dicatos Religiosos, quorum Coenobia sunt splendida, at longe splendissima eorum Templa: utpote quorum Altaria magnam partem ex mero, solidoque argento consrucla, et gemis pretiosis exornata sunt. (5) Recarr. Anacephaleos. da Monarq. Lusit. estad. 1. estanc. 127. Vier. tom 13. Palavra do Pregad. empenhada. Agiolog. Lusit. tom. 3. pag. 496. col. 2.

CAPITULO II

Das ordens militares, que existem em Portugal, e de outras que se extinguiram

Esta especie de religião instituida, e observada pelos principes catholicos, na qual se compadece o nome de religioso com o de soldado, é um dos maiores lustres, que adornam, e augmentam o esplendor do nosso reino; porque tem todos os seus votos fundados na perseguição dos inimigos da Cruz de Christo, e maior auge da lei Evangelica, para cujas victorias cooperaram sempre com heroicos esforços nossos soberanos monarcas, tomando tanto a peito os religiosos militares defender a fé, que a elles deve o nosso reino a total expulsão dos mouros, a restituição das terras, que hoje possuimos, e a liberdade, e paz de que gozamos. Primeiramente daremos noticia das Ordens equestres, que hoje permanecem, e depois renovaremos a memoria das que pereceram com o tempo.

§ 1

Ordem militar de Aviz

Teve esta inclyta milicia seu principio na união de certos cavalheiros portuguezes, que ambiciosos de honra, e gloria obraram taes acções contra os mouros em varias terras d'este reino, e na conquista de Lisboa, que se fizeram acredores de que el-rei D. Affonso Henriques os favorecesse, dando lhe rendas para augmento, e conservação de tão util, e honrada liga. N'aquelles primeiros tempos não teve outro titulo, e nome mais, que a *ordem nova*, o qual durou em quanto não se lhe deu lugar certo, e conhecido para seu estabelecimento.

Vendo el-rei a utilidade d'estes cavalheiros, para maior firmeza os reduziu a fórma regular, dando-lhes a regra de S. Bento com a reformação de Cister, para o que ajuntou em Coimbra todos os Prelados do reino com o cardeal Ostiense, Legado *á latere* do papa Alexandre III que convieram na determinação d'el-rei, e elegeram para primeiro mestre a seu irmão bastardo D. Pedro Affonso. Succedeu isto no anno de 1147. (1) Ganhada Evora aos mouros anno 1166 pelo famoso Giraldo sem pavor, mandou el-rei que esta nova ordem passasse para aquella cidade, e lhe assinou o sitio, que depois se chamou, e conserva o nome de *Freiria*, por causa de fundarem alli a sua primeira igreja. Desde então principiou a intitular-se a *Ordem de Evora*, cujo titulo conservou por todo o tempo, que aqui permaneceu.

(1) Monarq. Lusit. liv. 11. cap. 1. Barbos. de jur. Eccl. liv. 1. cap. 41 n. 80. Tamburin. de jur. Abb. tom. 2. disp 24. q, 5. Villasboas, Nobil Portug. cap. 18, fr. Jacinto de Deos, Escudo das Ord. Militar. part. 1. § 10.

Verdade seja, que existindo ainda em Evora el-rei D. Affonso Henriques, a sujeitou á ordem de Calatrava, em cuja obediencia esteve até o tempo d'elrei D. João I, e segundo affirma fr. Jeronymo Roman, (1) se denominou *Ordem de Calatrava*; e porque o lugar de Evora já não era conveniente, por ficar affastado da habitação dos mouros, governando el-rei D. Affonso II a fez trasladar para o sitio de Aviz, em que hoje permanece desde o anno 1211, e não 1181 como diz Barbosa allegado. No anno 1213 se separou em provincia distincta a Ordem de Aviz em Portugal da de Calatrava, em Castella, (2) e por Bulla de Eugenio IV se eximio totalmente da subordinação de Castella depois de precederem muitas queixas dos mestres de Calatrava ao Concilio de Basilea, devendo-se esta isenção a el rei D. João I. Os mestres, que teve, foram os seguintes:

I *D. Pedro Affonso*, irmão illegitimo de el-rei D. Affonso Henriques, foi nomeado pelo Legado *á latere* anno 1162, e no anno 1165 se meteu monge em Alcobaça, por cuja causa os Cavalleiros da Ordem elegeram a

II *Gonçalo Viegas*, filho de Egas Moniz. Grande duvida se offerece aqui com o que escreve fr. Jeronymo Roman no Cathalogo dos mestres de Aviz, dizendo, que este Gonçalo Viegas fôra o primeiro, e que pelos annos 1142 já era mestre d'esta ordem, a qual governou mais de trinta e oito annos; e que em tempo d'este mestre nem a Ordem estava sujeita á de Calatrava, nem tinha confirmação solemne da Sé apostolica; porque com a authoridade dos bispos se conservava o estado pelo acharem bom, e proveitoso á igreja. Elle foi o que transferiu o convento para Evora, e augmentou a ordem. Não se sabe quando morreu, mas provavelmente se crê que estará enterrado na igreja de S. Miguel em Evora. Seguiu-se

III *D Fernando Annes*. Consta que este cavalleiro ajudara a conquistar o Algarve, como mestre da cavallaria de Evora; e cuidando que n'esta cidade ficaria a ordem, começou a fortificar o castello, e pediu a approvação ao papa Innocencio III que lh'a concedeu no anno 1201. (3) Por consentimento d'el-rei D. Sancho sujeitou a Ordem, e a incorporou á de Calatrava, vendo que tambem professava a Regra de S. Bento. Elle passou o convento de Evora para Aviz, e illustrou aquelle deserto, fundando uma rica villa com seu convento, e castello. Governou vinte e dois annos, e morreu no de 1219.

IV. *D. fr. Fernando Rodrigues Monteiro*, e não *Metella*, como diz o Author da Evora gloriosa, (4) nomeando-o por primeiro mestre da Ordem, que se deve entender dos que foram eleitos em Aviz, governou este mestre dezoito annos, e morreu no de 1237

V. *D. fr. Martim Fernandes* succedeu ao antecedente no anno 1238, reinando D. Sancho Capello, e foi o segundo dos mestres assim chama-

(1) Roman. Histor. da Ord. de Aviz cap. 4. (2) Figueiroa, Plaça univ. pag. 122. num. 231 (3) fr. Jeronym. Rom. allegad. (4) Fonseca, Evora glorios. num. 75.

dos em Portugal, em cujo tempo serviram pouco as ordens militares por andar o reino inquieto. Parece que a eleição d'este mestre não devia ser mui justificada, porque de Calatrava vieram examinal-a, como se vê de um assento, que allega a Chronica da Ordem de Calatrava, feito aos 22 de agosto do dito anno de 1238. Todavia ficou confirmado em mestre, e elle com a sua cavallaria de Aviz foi ajudar ao santo rei D. Fernando no anno 1248, quando lhe cercaram Sevilha, de que se recolheu victorioso, e utilizado. Não se sabe quando morreo, mas ainda vivia no anno 1256.

VI. *D. fr. João Portario*. Deste mestre não faz menção o Catalogo de fr. Jeronymo, e em duvida o allegão alguns dos nossos Escritores. (1)

VII. *D. fr. Fernão Soares*. Governou o mestrado em tempo d'el-rei D. Affonso III. A Chronica deste monarcha diz, que o Mestre de Aviz D. Lourenço Affonso ganhara no Algarve a Villa de Albufeira, e que por isso el-rei a dera á Ordem. Não podia ser o tal mestre, mas sim D. Fernão Soares, que vivia, e governava no anno 1260, em que a tal terra se ganhou aos mouros.

VIII. *D. fr. Simão Soares*. Governou quatorze annos, alcançando o reino d'el-rei D. Affonso III. e D. Diniz. Morreu no anno 1290.

IX. *D. fr. João Peres*. Governou onze annos, e morreu no de 1301.

X. *D. fr. Lourenço Affonso*. O catalogo dos mestres de Aviz, que expende o author do escudo das Ordens Militares, antepõe este mestre a D. João Peres, cuja chronologia não seguimos. Deste D. Lourenço Affonso não ha mais memoria, que ter governado dez annos, e morrer no de 1310.

XI. *D. fr. Garcia Pires* Tambem este mestre não vai no lugar da serie de Fr. Jeronymo, e fr. Jacinto de Deus; porém agora seguimos ao academico fr. Joseph da Purificação.

XII. *D. fr. Gil Martins*. Entre as pessoas excellentes desta ordem foi D. Fr. Gil, o qual ainda que governou pouco mais de cinco annos na religião, mostrou bem seu valor, e prudencia, do qual dá testemunho a Bulla da fundação da Ordem de Christo, que neste tempo se instituio a supplicas d'el-rei D. Diniz no anno 1319. Aqui encontrámos outra difficuldade na chronologia. Diz o academico fr. Joseph da Purificação no seu Catalogo, que este D. Gil Martins governara até o anno de 1325, em que renunciou a instancia d'el-rei D. Diniz o seu mestrado, para ser instituido primeiro mestre da nova Ordem de Christo. Consta porém, que a Cavallaria de Christo foi instituida no anno 1319, e D. Gil Martins morreu a 13 de Novembro de 1321, como consta da sua sepultura, que está em Thomar na igreja da ordem, donde se mostra evidente equivocação do sobredito academico.

(1) Apud Fr. Joseph da Purificação no Catalog dos Mestres de Aviz, quevem na Collecção Academ, do anno 1722.

XIII. *D. fr. Vasco Affonso.* Governou a ordem dez annos pouco mais, ou menos.

XIV. *D. fr. Gil Peres.* Foi eleito no anno 1332.

XV. *D. fr. Affonso Mendes* no de 1334.

XVI. *D. fr. Gonçalo Vaz.* Este mestre se achou com a sua cavallaria em varias batalhas por el-rei D. Affonso IV.

XVII. *D. fr. João Rodrigues Pimentel.* Foi cavalleiro brioso, e de governo. Governou desde o anno 1341 até o de 1343. Celebrou n'este anno capitulo com seus freires, e commendadores.

XVIII. *D. fr. Sancho Soares.* Succedeu ao antecedente.

XIX. *D. fr. Diogo Garcia.* Governou cinco annos.

XX. *D. fr. João Affonso.* Succedeu, e morreu no anno 1353.

XXI. *D. fr. Egas Moniz.*

XXII. *D. fr. Martinho de Avelar.* Foi eleito no anno 1357, e governou perto de sete annos.

XXIII. *O infante D. João*, que depois veio a ser rei primeiro d'este nome, foi eleito no anno de 1364, tendo não mais de sete annos de idade. A Ordem o ajudou muito para a investidura do reino, e elle depois de coroado a ampliou muito mais, fazendo-a izenta da sujeição de Calatrava, não consentindo que viessem visitadores de Castella tomar residencia em Aviz; mas não chegou a completar esta isenção por causa da morte.

XXIV. *D. fr. Fernando Rodrigues de Siqueira.* Depois que o infante D. João foi acclamado rei, tomou a administração do mestrado anno 1386, e no seu tempo veio de Castella o mestre de Calatrava D. Gonçalo Nunes de Gusmão para visitar a Ordem de Aviz, na qual achando os cavalleiros conspirados, e mais politicos que obedientes, protestando da resistencia que lhe faziam, voltou para Castella, d'onde se queixou ao Concilio de Basiléa, e com effeito alcançou um Breve no anno 1436 para que a Ordem de Aviz reconhecesse subordinação á de Calatrava; porém achando-se no dito Concilio D. Affonso Pereira, embaixador d'el-rei D. Duarte, e que depois foi marquez de Valença, alcançou do papa Eugenio IV uma Bulla de perpetua isenção para esta ordem da de Calatrava. N'este cavalleiro acabaram os mestres, que sahiram do corpo da Ordem, e se crearam na observancia Regular; porque d'aqui para diante o Mestrado succedeu aos que sahiam da corôa real, para que mantivessem, e conservassem seus estados honorificamente, como convinha a filhos, ou netos de reis.

Morto o mestre D. Fernando Rodrigues de Siqueira, reinando D. Duarte, se tratou logo de prover o Mestrado de Aviz no infante D. *Fernando*, que foi o primeiro administrador, no anno de 1434. Em tempo d'este senhor se alcançaram muitas cousas para a Ordem. Primeiramente, que se cazassem os cavalleiros d'ella, começando dos que tocassem ao habito depois de passadas as Bullas. No anno de 1443 morreu este

virtuosissimo infante em Africa depois de um rigoroso cativeiro, deixando para a sua Ordem a grande gloria de haver tido por mestre, e senhor d'ella um principe santo. Seguiu-se o infante D. Pedro, filho primogenito do infante D. Pedro, regente que foi d'este reino; e por morte d'este. el-rei D. João II, e depois o principe D. Affonso seu filho, o qual não possuiu a administração do Mestrado mais que anno e meio, pela intempestiva. e desgraçada morte, que lhe succedeu em Santarem. Succedeu-lhe finalmente o senhor D. Jorge anno 1492. e por sua morte se annexaram na corôa as tres Ordens Militares do reino, tomando os senhores reis o titulo de perpetuos administradores d'ellas.

Depois dos mestres em todas as ordens militares segue-se o lugar honrado dos commendadores móres, os quaes levam o estoque diante do mestre, e a bandeira, quando vão á guerra. Ha mui pouca memoria d'estas cousas nas Historias do reino. Poremos aqui aquelles, que achamos.

D. Simão Ermigues foi commendador mór no anno 1226.
D. Pedro Yanes no de 1260.
D. Egas Martins no de 1268.
D. João Martins no de 1290.
D. Lopo Affonso no de 1296.
D. Arias Peres no de 1300.
D. Affonso Mendes no de 1321.
D. Vasco Esteves no de 1330.
D. João Soares no de 1332.
D, Vasco Martins no de 1349.
D. Fernando Rodrigues de Siqueira no de 1370.
D. Lopo Vasques no de 1386.
D. Garcia Rodrigues de Siqueira no de 1431.
D. Pedro da Silva no de 1492.
D. Luiz de Alencastre no de 1514.

Todos estes commendadores administraram a Ordem nos impedimentos dos mestres.

Antigamente o prior do convento não era mais que um cura d'aquella freguezia para administrar os Sacramentos aos cavalleiros, e freguezes da villa. Depois crescendo a Ordem, e vendo que o prior do convento, conforme as mais ordens militares, era pae espiritual de toda ella, a de Calatrava, como mui curiosa em tudo, quiz que o prior tivesse suprema authoridade, e que nos Capitulos da Ordem occupasse o lado esquerdo do mestre, porque o direito era do commendador mór, e que fosse no espiritual como é o bispo no seu bispado, e que os clerigos, que hiam providos nos beneficios, fossem por seu exame, e nomeação, cuja regalia durou até el-rei D. João III instituir o Tribunal da Mesa da Consciencia. Leão X, por Bulla de 13 de Março de 1515 lhes concedeu insignias pontificaes, Roquete, Bago, Mitra, etc., com jurisdição especial

no espiritual nas villas de Noudar, e Barrancos, além da temporal do convento de Aviz. O primeiro D. Prior, de que ha memoria, é D. fr. Gonçalo no anno de 1349 em tempo do mestre D. João Rodrigues Pimentel, como se mostra pelo Capitulo, que este senhor celebrou. Bem desejaramos expender um catalogo dos D. Priores, mas não o encontrámos até agora certo, por isso nos absolvemos d'elle.

Tem celebrado esta religião os Capitulos seguintes:

I No anno 1343 pelo mestre D. João Rodrigues Pimentel, e se celebrou em Aviz.

II No anno 1414 no mesmo convento de Aviz pelo mestre D. Fernando Rodrigues de Siqueira, e se tratou alli o modo de se eximir esta Ordem da de Calatrava.

III No anno 1445 pelo senhor D. Pedro, filho do infante D. Pedro.

IV No anno 1469 pelo principe D. João, administrador da Ordem.

V No anno 1482 em Evora pelo mesmo principe D. João.

VI No anno 1488 no mesmo convento.

VII No anno 1503 em Setubal no hospital da Annunciada pelo mestre D. Jorge; e este foi o ultimo Capitulo que se celebrou.

Ha n'esta Ordem quatro juizes. I O prior da igreja de Benavente. II O prior de Santa Maria de Estremoz. III O prior da matriz de Moura. IV O vigario da matriz de S. Miguel de Aveiro. As dignidades são seis. I O mestre, ou em seu lugar o administrador. II O prior mór. III O commendador mór. IV O claveiro, e a este compete distribuir o mantimento dos cavalleiros, quando está no convento, e tomar conta dos gastos que se fazem. V Alferes mór. VI Sacristão mór. As insignias do mestre são estas: Estoque, Bandeira, que de uma parte tem pintada a Virgem Santissima, e da outra a cruz de Aviz de côr verde com duas aguias aos lados inferiores de côr parda; e o sello da Ordem.

Consiste o seu patrimonio em quarenta e oito commendas mui rendosas dentro e fóra do mestrado, a saber, dentro do mestrado: Aviz, Benavilla, Cabeção, Coruche, Cano, Cabeço de Vide, Alter Pedroso, Benavente, Defesa do Hospital, Ervedal, Figueira, Mora, Galveas, Pavia, Jerumenha, Seda, Fronteira, Alandroal, Alvarinha, Veiros, Alcanede, Alpedriz, Pernes.—Fóra do mestrado: Freiria de Evora, Borba, Beja, Estremoz, Moura, Mourão, Serpa, Sousel, Olivença, Albufeira, Aveiro, Penella, Seixo Amárello, S. Meice, Seixo do Ervedal, Santiago de Varzea, Cazal, S. Vicente da Beira, Meymea, Oriz, Noudar, Alcaçova de Santarem, Montargil. (1)

O habito d'estes cavalleiros era antigamente composto de um escapulario curto com capello de côr preta. El-rei D. Affonso IV pediu ao papa Innocencia VI transmutasse o capello em cruz verde, o qual no anno 1353 concedeu a transmutação. Além da cruz, usavam no convento, e fóra d'elle nos actos ecclesiasticos de um habito branco com a mesma

(1) Poyares no Diccion Geograf. pag. 57.

cruz dos peitos, e cauda comprida. (1) Tem esta Ordem um mosteiro de religiosas commendadeiras em Lisboa, chamado Nossa Senhora da Incarnação, fundado no anno 1630, de que hoje é commendadeira a senhora D. Magdalena de Bourbon. (2)

§ II

Ordem militar de Christo

Extincta a famosa Religião Equestre dos Templarios pelo papa Clemente V no anno 1311 pretendeu logo el-rei D. Diniz instituir outra Ordem n'este reino intitulada de Nosso Senhor Jesus Christo, cujos cavalleiros peleijassem contra os mouros inimigos da fé. Para isto supplicou ao papa João XXII successor de Clemente V quizesse convir na erecção da nova cavallaria; o qual assentindo a tão pia supplica, expediu uma Bulla em Avinhão de França, que chegou, e se publicou em Santarem, onde el-rei estava, a 5 de Maio de 1319,

Logo mandou el-rei desembaraçar no Algarve o castello de Castro-Marim, e alli fez estabelecer a nova Ordem, para onde foi D. fr. Gil Martins, seu primeiro mestre, que vinha nomeado na Bulla, por ser cavalleiro valeroso da Ordem de Aviz, e se mandou que os novos cavalleiros se governassem pelas constituições da Ordem de Calatrava, as quaes observaram pelo espaço de cento e dezanove annos, até que o infante D. Henrique, oitavo mestre, lhes deu outras leis, que são as que hoje observam.

Qual fosse o habito, que primeiramente usaram os cavalleiros d'esta Ordem, nem a Bulla da instituição o declara, nem outra qualquer memoria; porém mandando o pontifice, que se vivesse pelas constituições de Calatrava, é crivel que seguissem n'este ponto tambem o que aquella Ordem usava, que era escapulario, ou bentinho branco por insignia essencial da religião. Depois com o exemplo das Ordens antigas usaram de uma cruz vermelha assentada sobre branco desde o anno de 1330, e el-rei D. Manoel no Capitulo, que mandou celebrar em Thomar no anno de 1503, deu a fórma do que hoje se pratica bordado nos mantos, ou nos vestidos da parte esquerda.

Nos lugares publicos, e tempo da guerra para maior authoridade usavam de bandeira branca quadrada com Cruz vermelha, que se conserva em Thomar na igreja da Ordem. Tinham tambem os mestres por preeminencia levar diante de si nos actos publicos o Commendador mór com um estoque ao hombro, pegando-lhe pela ponta, e as guarnições voltadas para as costas. O D. prior nos lugares publicos tem o da mão direita, e lhe andam annexas preeminencias Episcopaes. Antigamente tinham maior jurisdicção,

(1) Fr. Jacinto de Deus no Escudo de Cavalleir. pag. 128. (2) Lima, Geogr. Histor. part. 1 n. 544. Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 237.

Em tempo d'el-rei D. Fernando se mudou esta Ordem para a villa de Thomar, que tinha sido cabeça da Ordem dos Templarios; e ainda que alli viviam os freires conventualmente, el-rei D João III no anno de 1530 os reduziu a observancia monacal com estatutos tirados da regra de S. Bento, e de Cister, e foi seu reformador o Padre fr. Antonio Moniz da Silva, religioso da Ordem de S. Jeronymo. Os mestres, que houve n'esta inclita ordem até se unir á coroa, foram os seguintes:

I *D. Gil Martins.* Começou a g vernar a ordem desde o anno de 1319 com admiravel direcção, e mui correspondente ao conceito, que el-rei fazia da sua capacidade. Congregou capitulo geral, que foi o primeiro d'esta ordem, na cidade de Lisboa nas casas, que tinham sido dos Templarios, e se chamam as escolas geraes. Faleceo a 13 de Novembro de 1321, e jaz em Thomar na igreja de Santa Maria dos Olivaes.

II *D. João Lourenço*, varão de grande esforço, e brio. Celebrou duas vezes capitulo geral, em que determinou cousas mui uteis para a ordem, e governou cinco annos.

III *D. Martim Gonçalves.* Foi dotado de muitas prendas naturaes, e adquiridas. Procurou a communicação dos privilegios da Ordem Teutonica côm a de Christo. El-rei D. Affonso IV o estimou muito, e em um privilegio, que concedeu a esta cavallaria, lhe chama: *Magnifico, estrenuo e poderoso cavalleiro.* Governou oito annos, e morreu no de 1335.

IV *D. Estevão Gonçalves*, irmão do antecedente, foi grande flagello dos mouros, e augmentou muito a ordem em bens temporaes, tirando muita fazenda, que tinha sido dos Templarios, e andava sobnegada. Governou nove annos, e morreu no de 1344.

V *D. Rodrigo Annes*, grande cavalleiro, e de muito valor. El-rei D. Affonso IV fez d'elle grande estimação: porém dissabores, e aleivosias o fizeram renunciar, depois de ter governado a ordem doze annos.

VI *D. Nuno Rodrigues*, de illustre descendencia. Em seu tempo se passou o convento de Castro Marim para Thomar, onde celebrou o primeiro capitulo geral, a que presidiu o D. Abbade de Alcobaça, conforme a authoridade da Bulla da erecção. Governou quinze annos.

VII *D. Lopo Dias de Sousa*, sobrinho da rainha D. Leonor de Menezes. Assim o nomea fr. Jeronymo Roman, e o author do Escudo das Ordens Militares; porém o padre D. Luiz de Lima lhe chama *D. Diogo Lopes de Sousa.* (1) Sendo eleito de mui tenra idade, não quiz o papa Bonifacio IX confirmar a approvação, e assim passados treze annos, governando-se n'este espaço de tempo o Mestrado por particular administrador, completando o dito D. Lopo Dias de Sousa vinte e cinco annos, foi confirmado na antiga eleição, e veio a governar vinte annos com reputação de grande valor, e morreu na villa da Covilhã no anno 1418, d'onde foi trasladado para o convento de Thomar, onde jaz.

(1) Lima, Geogr. Histor. tom. I. pag. 532.

VIII *O Infante D. Henrique*, filho d'el-rei D. João I. Aqui tinhamos occasião de nos alargar mais, referindo as acções d'este grande, e inclito mestre, por serem todas singulares, mas a brevidade nos suprime; e porque os outros mestres, ou administradores, que se lhes seguiram, foram ou infantes, ou filhos de infantes, bastará nomear-lhes unicamente os nomes.

IX *O Infante D. Fernando*, duque de Viseu.

X *D. Diogo*, filho do dito infante.

XI *O senhor D. Manoel*, que depois foi rei.

XII *O senhor rei D. João III.*

D'aqui por diante, como esta milicia se incorporou na coroa, foram seus mestres os soberanos reis, presando-se muito d'ella, pois só com o seu habito se ornam.

As outras dignidades são a de D. Prior, Commendador mór, Claveiro, Sacristão mór, e Alferes. Os capitulos geraes, que tem celebrado, são os seguintes:

I No anno 1321, sendo mestre D. Gil Martins.

II No anno 1326 em Thomar por D. João Lourenço.

III No anno 1326 em Lisboa.

IV No anno 1372 em Thomar por D. Nuno Rodrigues.

V No anno. . . . em Thomar pelo infante D. Henrique.

VI No anno 1492 ibid. por el-rei D. Manoel.

VII No anno 1503 ibid. pelo mesmo rei.

VIII No anno 1523 ibid. por el-rei D. João III.

IX No anno 1538 em Lisboa no hospital de todos os santos, governando el-rei D. Sebastião, e presidio n'elle D. fr. Vicente, prior de Thomar.

X No anno 1573 em Santarem pelo mesmo rei.

O patrimonio d'esta ordem é mui rendoso, porque se compõe de quatrocentas e cincoenta e quatro commendas, e vinte e uma villas, e lugares, que os serenissimos reis lhe doaram para manter, e conservar o lustre de seus progressos, correspondente ao da sua erecção. (1)

§ III

Ordem militar de Malta

A sempre famosa, e esclarecida Ordem militar de S. João do Hospital de Jerusalem, chamada hoje de Malta, (por ser esta ilha a cabeça da tal religião, e existir n'ella o seu Grão mestre) teve principio na

(1) Veja-se Brito, Chron. de Cister part. 2. Duarte Nun. Chronic. del-rei D. Diniz. Tamburin. Barbos. e outros apud Figueiroa na Placa universal disc. 3. § 238. Villasboas, Nobiliarq. Portug. cap. 18. fr. Jacinto de Deos no Escud. das Ordens Militar. § 21 e tambem a Vieira na Histor. do Futuro n. 229 onde em grande credito desta Ordem refere ser visto S. Francisco Xavier com o manto branco, e a Cruz vermelha no peito.

santa cidade de Jerusalem, e no pontificado de Urbano II d'onde vindo alguns cavalleiros a Portugal no anno pouco mais, ou menos de 1130, doze annos depois que começou a ter fórma de religião, (1) o victorioso rei D. Affonso Henriques lhes deu não só entrada, mas os honrou com varios privilegios, e doações de terras, estimando tão opportunos hospedes, mui proprios á expulsão dos mouros, em cuja fadiga continuamente lidava, sendo sempre bem succedido.

Pouco a pouco se foi augmentando a ordem n'este reino, e os cavalleiros, que tinham n'elle o governo, se intitulavam *Priores do hospital* até os annos de 1340, pois já d'aqui para diante achamos nomeados os priores do hospital com o titulo de *priores do Crato*, erecção que se deve ao Grão mestre Elion de Villanova em tempo d'el rei D. Affonso IV. (2) Para maior intelligencia devemos saber, que esta sagrada milicia está espalhada, e distribuida por toda a christandade, e se compõe de Grão mestre, dignidade principal, e de illustre preeminencia, o qual tem o honorifico tratamento de cardeal, e os seus vassallos seculares o tratam por alteza. A este sublime, e venerando magisterio tem subido até agora quatro nobilissimos, e benemeritos cavalleiros Portuguezes, que vem a ser:

I Fr. D. Pedro Affonso de Portugal, filho natural d'el-rei D. Affonso Henriques, o qual foi eleito no anno de 1194 em XI Mestre. Renunciou o governo no anno de 1196, e passou a Portugal, onde morreu na villa de Santarem em o primeiro de Março de 1207, jaz na igreja de S. João de Alporão da mesma villa, e ordem.

II Fr. D. Luiz Mendes de Vasconcellos, Ballio de Acre, eleito em LIV, mestre a 17 de Setembro de 1622. Occupou o throno não mais que cinco mezes, porque morreu em 7 de Março de 1623, e jaz no commum jazigo dos Grão mestres.

III Fr. D. Antonio Manoel de Vilhena, Ballio de Acre, eleito em LXV Mestre a 19 de Julho de 1722. Morreu a 12 de Dezembro de 1736.

IV Fr. D. Manoel Pinto da Fonseca, eleito em LXVII. Mestre em 18 de Janeiro de 1741. Governa presentemente.

Compõ-se mais esta ordem de 3 classes de professores. I. *Cavalleiros de justiça*, os quaes para serem admittidos devem mostrar ao menos cem annos de antiga nobreza qualificada, e reconhecida com rendas, e armas notorias. II. *Capellães*, e estes se dividem em capelães conventuaes, que assistem em Malta, em capellães de obediencia, que assistem nas igrejas da religião, providos por algum prior, ballio, ou commendador. III. *Serventes de armas, ou de Estagio*, e são os que administram os publicos officios da religião. Tambem consta a Ordem de

(1) Fr. Luc. de S. Cathar. na Malta Portug. liv. 2. cap. 1. pag. 222 Soares da Silv. Memor. del-rei D. João I pag. 618. (2) Monarq. Lusit. liv. 9. pag. 11. Fer. na Europ. tom. 2. part 2 cap. 3.

confrades, e *donatos*, aos quaes se concede a cruz da Ordem, menos a parte superior.

Para o bom regimen d'este militar imperio ha em Malta sete Ballios conventuaes, a que tambem chamam *Pilheres*, que são uns conselheiros de estado, e governadores, ou presidentes das linguas, ou nações, em que a religião se acha dividida.

I A lingua, ou nação de Provença tem por seu Ballio conventual ao Grão commendador, ao qual incumbe a superintendencia dos celeiros. N'esta nação ha dois grandes priorados, o do Santo Egidio, e o de Tolosa, e a baliiagem capitular de Manoasca.

II A lingua de Alvernia tem por seu Ballio conventual ao *Mariachal*, que é principe, e superior a todo o militar, e n'elle ha o Grão Priorado de Alvernia, e a balliagem de Daveset.

III A lingua de França tem por seu Ballio conventual ao *Hospitalario*, que tem todo o governo do hospital, e seus ministros. Consta de tres grandes priorados, o da França, o de Aquitania, e o de Capitania, ou Champanha, e a Balliagem Capitular da Morea, e o Thesoureiro geral.

IV A lingua de Italia tem por seu Ballio conventual ao *Almirante*, o qual tem o mando sobre as expedições maritimas. N'esta lingua ha sete grandes priorados, o de Roma, Lombardia, Veneza, Pisa, Barleta, Messina, e Capua: quatro balliagens Capitulares, a de Santa Eufemia, a de Santo Estevão, a da Trindade de Veneza, e a de S. João de Napoles.

V A lingua de Aragão, Catalunha, e Navarra tem por seu Ballio conventual ao *Grão conservador*, que preside, e exercita a superintendencia de toda a fardagem dos soldados. Consta de tres grandes priorados, o da Castellania de Amposta, o de Catalunha, e o de Navarra; e as balliagens Capitulares de Malhorca, e Caspe.

VI A lingua de Alemanha tem por seu Ballio conventual ao Grão Ballio, que tem por exercicio visitar a cidade antiga de Malta, e o castello de Gozo. Consta de quatro grandes priorados, o de Alemanha, o de Bohemia, o de Hungria, e o de Dacia, com a balliagem Capitular de Brandemburg.

VII A lingua de Portugal, Castella, e Leão tem por seu ballio conventual ao *Grão cancellario*, o qual pode eleger um vice-cancellario para fazer as suas vezes de Secretario de estado de toda a religião. N'esta lingua ha dois grandes priorados, o de Portugal, chamado do Crato, que hoje dignissimamente possue o serenissimo senhor infante D. Pedro, e as balliagens de Leça, Acre, Lango, e Negroponte; e o priorado de Castella, e Leão.

No priorado do Crato tem havido até o presente trinta e tres Grão priores, posto que nem todos tiveram o titulo de priores do Crato, senão do tempo d'el-rei D. Affonso IV para diante. De todos daremos noticia abreviada no Catalogo seguinte.

I D. fr. Aires. Occupou esta dignidade em tempo d'el-rei D. Affonso Henriques.

II D. fr. Mem Gonçalves em tempo d'el-rei D. Sancho I.

III D. fr. Pedro Affonso em tempo d'el-rei D. Affonso II.

IV D. fr. Gonçalo Egas no mesmo tempo.

V D. fr. Rodrigo Gil em tempo d'el-rei D. Sancho II.

VI D. fr. Fernando Lopes em tempo d'el-rei D. Affonso III.

VII D. fr. João Garcia no mesmo tempo.

VIII D. fr. Affonso Pires Farinha no mesmo tempo.

IX D. fr. Vasco Martins no tempo d'el-rei D. Diniz.

X D. fr. Garcia Martins, a qne chamam vulgarmente o Santo, commendador de Leça, viveu no mesmo reinado.

XI D. fr. Estevão Vasques Pimentel no mesmo reinado.

XII D. fr. Alvaro Gonçalves Pereira, esclarecido tronco da rea casa de Bragança, viveu em tempo d'el-rei D. Affonso IV.

XIII D. fr. Pedro Alvares Pereira, filho do antecedente.

XIV D. fr. Alvaro Gonçalves Camelo em tempo d'el-rei D. João I.

XV D. fr. Lourenço Esteves de Goes no mesmo tempo.

XVI D. fr. Nuno de Goes no mesmo tempo.

XVII D. fr. Henrique de Castro em tempo d'el-rei D. Affonso V.

XVIII D. fr. Vasco de Ataide no mesmo reinado.

XIX D. fr. Diogo Fernandes de Almeida em tempo d'el-rei D. João II.

XX D. fr. João de Menezes. Foi mordomo mór dos reis D. João II, e D. Manoel.

XXI D. fr. Gonçalo Pimenta em tempo d'el-rei D. João III.

XXII O infante D. Luiz, duque de Beja, filho segundo d'el-rei D. Manoel.

XXIII O senhor D. Antonio, filho bastardo do infante D. Luiz.

XXIV O cardeal Alberto, archiduque de Austria.

XXV Victor Amadeo, principe de Piemonte, e depois XII duque de Saboya.

XXVI. *O cardeal infante D. Fernando.*

XXVII. *D. fr. Jeronymo de Brito*: em tempo d'el-Rei D. João IV.

XXVIII. *D. fr. Braz Brandão* no mesmo tempo.

XXIX. *D. fr. João de Sousa* em tempo d'el-rei D. Pedro II.

XXX. *D. fr. João Mascarenhas*, primeiro marquez de Fronteira.

XXXI. *D. fr. Manoel de Mello* no mesmo tempo.

XXXII. *O serenissimo senhor infante D. Francisco.*

XXXIII. *O serenissimo senhor infante D. Pedro* goza presentemente desta alta dignidade, confirmada por Bulla Pontificia desde Março de 1743, em cujo decoroso emprego entrou com zelo tão providente, que logo em 16 de Junho do mesmo anno nomeou por visitador do seu grão priorado ao excellentissimo, e reverendissimo D. fr. Francisco de Santa

Rosa de Viterbo, bispo de Nankim, e filho dos suburbios da mesma villa do Crato, o qual com prompta, e expedita vigilancia naquella empreza deixou acreditada não só a sua virtude, e sciencia, mas o grande conceito. que o serenissimo senhor fizera da sua capacidade.

Porém sendo preciso retirar-se para Nankim o dito Bispo, foi logo nomeado o doutor fr. João de Azevedo, collegial do Real Collegio dos Militares de Coimbra, lente da cadeira de Codigo, e desembargador da Relação do Porto, o qual no anno de 1744 completou a visita com aquella reputação, que se esperava da sua virtude, confirmada pelo continuo acerto de seu espirito, integridade, e prudencia, cujas acções lhe souberão grangear a eleição, com que sua magestade o nomeou no anno de 1744 para visitador de Palmella, além de o ter constituido juiz geral das tres ordens militares, elevando-o finalmente a bispo de Portalegre.

Não contente o serenissimo senhor com estas demonstrações de seu religioso zelo, acertadissimo na escolha de tão especiaes visitadores, cuida particularmente com empenho catholico em mandar todos os annos missionarios ás terras do seu priorado, e que as igrejas d'elle sejão providas nos sujeitos mais benemeritos, pois ordinariamente não as dá, senão precedendo exame de oppositores por concurso. Zela, e attende a que o culto Divino se observe com toda a perfeição, e decencia supprindo liberalissimo com todos os ornamentos precisos n'aquellas igrejas, em que faltão, para que se não falte ao asseio do culto, e esplendor dos templos.

É o grão prior do Crato um geral provincial da Religião de Malta com dignidade quasi Episcopal no destrito de seu priorado, e assim tem jurisdição civil, e criminal nos cavalleiros, que residem n'este reino (com dependencia porém do grão mestre, e convento, para que d'elle se appella) além da especial jurisdição, que tem no dito priorado, e habitadores d'elle, posto que não sejão maltezes. A respeito d'este destrito tem um provisor vigario geral, que admitte a ordens, passa reverendas, e lhe exercita a jurisdição episcopal *in temporalibus, & spiritualibus*.

Consta mais de um tribunal, chamado Mesa Prioral do Crato, onde se zela da sua fazenda, se consultam ministros, e ainda os Officiaes das Ordenanças das terras do dito priorado, e das mais, em que a Ordem tem commendas, em razão da especial graça, e decreto d'el-rei passado a 18 de Abril de 1744. (1)

A respeito dos maltezes tem mais este priorado dous juizes ordidarios, que ou hão de ser cavalleiros do habito, ou pessoas ecclesiasticas, um no Porto, outro em Lisboa, além de um conservador para defender os privilegios da religião, cargos, que muitas vezes costumam andar unidos na mesma pessoa do provisor, como hoje se acha. D'este juiz ordinario se appella para assemblea, Tribunal de Malta em Lisboa,

(1) Acha se este Decreto registado no liv. 14. da Secretaria do Conselho de Guerra fol. 121.

dentro do qual se completão as tres instancias, sendo precisas, como concedeu o santo papa Pio IV. á Religião de Malta pela Bulla *Circumspecta*; (1) e com effeito no anno de 1738, sendo juizes João Marques Bacalháo, Manoel Gomes de Oliveira, Antonio Coelho Meireles, e Antonio Sanches Pereira, se julgou em um recurso posto pelo promotor da assemblea, e o procurador da Religião desta monarquia contra o auditor da Nunciatura, que quiz fazer compulsar uns autos, em que era parte cavalleiro maltez, determinando-se na coroa, que elle fazia notoria força, e violencia, por quanto o Nuncio não tem jurisdição para commetter ao auditor nas causas entre os maltezes, por estar concedido per amplissimos privilegios da Sé Apostolica, que as causas entre estes religiosos movidas sejão pelos juizes della finalmente determinadas, sem que se possa appellar, senão pelos graos declarados na mesma constituição, não sendo permittido aos religiosos appellar para a Sé Apostolica, omittidos os ditos gráos, por se relaxar a disciplina regular em desprezo dos prelados, o que os Nuncios apostolicos não devem alterar, como está declarado pela sagrada Congregação dos Regulares em 8 de Novembro de 1593.

Pela Ordenação do Reino *liv.* 2. *tit.* 1, *in princip.* se manda que as pessoas religiosas não tendo neste reino superior ordinario, respondão perante as justiças seculares; porém isto não tem lugar a respeito dos religiosos maltezes, por terem superior em o Grão Prior, e juizo ordinario para conhecer das suas causas, como se julgou ultimamente no Juizo da Coroa a 20 de Fevereiro de 1721 a favor do commendador D. Lopo de Almeida contra Miguel Rodrigues Barros, declarando-se no acordam, que assim se tinha julgado muitas vezes; e com effeito não só se tem julgado a respeito dos religiosos, mas tambem a respeito das religiosas maltezas de Estremoz, que se não póde negar serem verdadeiras filhas da Religião de Malta.

Neste grão priorado tem Malta quatro Balliados, que administram cavalleiros portuguezes, chamados Ballios Capitulares, e Grão-Cruzes, porque só os ballios pódem usar de uma grande cruz de panno branco, que lhes cobre todo o peito. Balliado é o mesmo que commenda, e n'esta religião ha quatro lotes de commendas. *Commenda de Cabimento*, que é aquella, que toca a cada cavalleiro conforme a sua antiguidade. *Commenda de Melhoramento*, que é a de maior lote, a que se sóbe tambem por antiguidade, *Commenda de Graça*, que é a que de cinco em cinco annos póde o grão mestre dar a qualquer cavalleiro, porque de cinco em cinco annos tem elle uma commenda em cada priorado. *Commenda Magistral*, que é a que dá o grão mestre a quem lhe parece, porque em cada priorado tem uma commenda com este titulo. E nenhum cavalleiro, ou servente de armas póde conseguir commenda de cabimento, ou de graça, sem fazer primeiro tres caravanas.

(1 Bullar de Cherub. Bulla 36. num. 9. §. 8.

As commendas, que a Religião tem n'este reino, são vinte e cinco, a saber:

O Grão Priorado do Crato, a Balliagem de Leça, as Commendas de S. Braz em Lisboa, de Fontes, do Barro, de Fergim, do Chavão. de Moura Morta, de Poiares, de Vera Cruz, de Algozo, de Rocor, de Tavora, de Villa Cova, de Oliveira do Hospital, de S. João da Curbeira, de Elvas e Montoito, de S. João de Alporão, de Ancemil, de Aguas Santas, de Trancozo, de Torres Vedras, de Oleiros, de Sernancelhe, da Covilhã, de Aldea Velha.

Tem mais o Grão Prior do Crato dominio dispotico sobre treze Villas, a saber: Crato, Gafete, Tolosa, Amieira, Gavião, Belver, Envendos, Carvoeiro, Proença, Certã, Pedrogão pequeno, Oleiros, Alvaro.

O habito destes cavalleiros é tunica preta, e comprida, com uma cruz de panno branco oitavada sobre o lado esquerdo. O manto, ou a tunica é como um roupão de mangas largas, que se vem estreitando até os bocaes, e se prendem atraz, e representa a tunica do Bautista. A cruz, ou as oito pontas d'ella significa as oito bemaventuranças. Do hombro esquerdo lhes pende um cordão tecido de seda preta, e branca, em que se vem bordados os mysterios da Paixão de Christo. No exercicio das armas, e nas occasiões de campanha, ou caravana, usão de umas sobrevestes encarnadas, curtas de feitio de cottas com cruzes brancas sem pontas. Do primeiro sobredito ornato usão, quando residem em convento, porque fóra d'elle prevalece o traje das cortes.

Finalmente tem a Ordem de Malta neste reino um mosteiro de religiosas em Estremoz, que fundou o Infante D. Luiz, filho d'el-rei D. Manoel, sendo Grão Prior do Crato, por Breve de Paulo III de 1545. E, porque não havia n'este reino capellães da Ordem, que podessem assistir ás religiosas na administração dos Sacramentos, foram chamados os religiosos de S. Francisco assistentes na dita Villa para ministros de consciencia, que actualmente exercitão. (1)

§ IV

Ordem Militar de Santiago

Deve esta preclara ordem militar a sua introducção n'este reino ao invicto rei D. Affonso Henriques, o qual vendo o soccorro, e valimento, que o Apostolo Santiago fazia nos exercitos dos christãos contra os mouros, começou a invocal-o na tomada de Santarem. de cuja victoria agradecido, admittio, e favoreceo muito os cavalleiros d'esta milicia, dando-lhe muitas terras, e commendas. Depois seu filho D. Sancho I

(1) Fr. Luc de S. Cathar. na Malta Portug. liv. 2. cap. 8. Fonsec. Evora gloriosa num. 708.

a illustrou grandemente, fazendo-lhe mercê das villas de Palmella, Almada, Arruda, e Alcacer do Sal.

Augmentou-se mais esta religião em tempo d'el-rei D. Sancho o capello, e seu irmão el-rei D. Affonso III porque florecendo então o grande mestre d'ella D. Payo Peres Correa, e ganhando aos mouros muitas terras e quasi todo o Algarve, deram nossos reis muitas das sobreditas terras á Ordem de Santiago, com as quaes enriquecida, reinando já el-rei D. Diniz, intentou eximil-a da obediencia, que davam os cavalleiros existentes em Portugal ao mestre, que residia em Castella.

Os motivos, e as causas que houve para esta isenção, foram muitas, que por varias vezes se represantaram na Curia Romana, (1) as quaes julgadas por forçosas, expedio o papa Nicoláu IV um Breve a 17 de Setembro de 1288 mui favoravel á ordem de Santiago d'este reino, pelo qual mandou, que os commendadores de Portugal, e seus bens se apartassem da obediencia, e dominio do Grão Mestre de Castella, e podessem eleger Mestre Provincial, como com effeito juntos os commendadores portuguezes de Santos o Velho de Lisboa no anno de 1291 elegeram a D. João Fernandes.

Sabendo isto o grão mestre de Castella, que então era D. Pedro Fernandes Matta, procedeu contra o de Portugal novamente erecto, valendo-se dos pontifices Celestino V, e Bonifacio VIII successores de Nicoláo, para que derogassem o Breve da isenção. Procederam os papas com censuras, mas reclamando os cavalleiros portuguezes, obtiveram outros Breves, e favores dos mesmos summos pontifices, com que foram continuando na eleição dos seus mestres provinciaes, até que el-rei D. Diniz lhes deu posse, entregando as Commendas do reino ao mestre portuguez, para que da sua mão as désse aos benemeritos; e averiguados pelo pontifice João XXII os fundamentos, que havia para se eximirem de Castella os cavalleiros portuguezes, houve por bem passar a Bulla da separação no anno de 1320, que era o quarto de seu pontificado.

Na tutoria d'el-rei D. Affonso V tornou a porfiar Castella; porém Ruy da Cunha, que no anno de 1440 se achava em Roma com o caracter de embaixador, e o mestre fr. João Manoel, provincial do Carmo, que depois foi bispo da Guarda, alcançarão do papa Eugenio IV a isenção para sempre, mandando com censuras, que se pozesse perpetuo silencio n'este ponto; e assim dahi por diante continuaram a fazer suas eleições dos mestres sem mais instancia contraria. Os mestres, que tem havido depois da isenção de Castella, são os seguintes.

I D. João Fernandes eleito no anno de 1292 no primeiro Capitulo Provincial, que se celebrou em Lisboa no mosteiro de Santos. Governou sómente anno e meio.

II D. Lourenço Anes Carnes eleito no anno 1292. Começou o edificio do convento de Alcacer do Sal, e govérnou vinte e tres annos.

(1) Monarq. Lusitan. liv. 6. cap. 59.

III D. Pedro Escacho foi eleito no anno de 1316 em Mertola. D'aqui mudou o convento para Alcacer do Sal. Adquiriu para a Ordem muitos privilegios, e lhe servio de grande utilidade. Governou pacificamente dez annos e meio. O author da *Evora gloriosa* num. 32 lhe chama *D. Pedro Estaço*, e diz que fora o primeiro Mestre depois da separação de Castella: porém em uma, e outra noticia se equivoca.

IV D. Garcia Peres. Não se sabe em que anno foi eleito: sabe-se sómente que governou dezaseis annos.

V D. Vasco Anes. Foi o primeiro mestre, que visitou todos os lugares, e terras da Ordem com grande utilidade d'ella. Morreu no anno de 1367, e governou quatorze.

VI D. Gil Fernandes de Carvalho, alferes d'el-rei D. Fernando. Governou vinte annos.

VII D. Estevão Gonsalves. Foi um dos valerosos cavalleiros, que el-rei D. Fernando poz nas fronteiras do reino contra Castella. Parece que morreu no anno de 1382, e governou dez annos.

VIII D. Fernando Affonso de Albuquerque, bisneto, ainda que por bastardia, d'el-rei D. Diniz. Foi cavalleiro de grande estimação, e governou oito annos.

IX D. Mem Rodrigues de Vasconcellos. A sua eleição foi confirmada pelo papa Bonifacio IX por ser canonica, e não outra, que fizeram os commendadores da Ordem, de que se originaram varias inquietações. Governou dezanove annos, e morreu no de 1415.

X O Infante D. João, filho d'el-rei D. João I. Transferiu a Ordem de Alcacer do Sal para a villa de Palmella, e depois de ter levantado grande parte dos edificios, morreu no anno de 1442. Governou vinte e sete annos.

XI D. Diogo, filho do antecedente, a quem succedeu nos bens, e dignidades. Viveu pouco, e não se sabe o tempo que governou.

XII O infante D. Fernando, filho d'elrei D. Duarte. Foi eleito em Alcacer do Sal por Bulla Pontificia. Acabou a igreja e convento de Palmella e outras obras, que estavam começadas. Governou dez annos.

XIII D. João, filho do sobredito. Herdou tudo o que possuia seu pai, e não ha d'elle mais memoria.

XIV O principe D. João, que depois foi rei II do nome. Poz na ultima perfeição o convento de Palmella, e o completou no anno de 1482.

XV O principe D. Affonso, filho d'elrei D. João II. Pouco tempo logrou o Mestrado, por morrer intempestiva e desgraçadamente em Santarem no anno de 1491.

XVI D. Jorge, filho bastardo d'elrei D. João II. Sendo de doze annos, lhe fez elrei seu pai a mercê do Mestrado, precedendo para isso capitulo, que a Ordem celebrou em Santarem, e alli no mez de Abril de 1492 tomou juramento aos Cavalleiros, presente todo o Capitulo. Ce-

lebrou-o no anno de 1508 no convento de Palmella com muita solemnidade, reformando e accrescentando os estatutos da Ordem por Bulla Pontificia. Morreu no anno de 1511, e jaz no convento de Palmella.

Por morte do senhor D. Jorge incorporou Adriano VI no anno de 1522 o Mestrado d'esta Ordem na coroa real, e assim desde elrei D. João III tem continuado até o presente na magestade d'elrei D. José I que é o XXVII mestre da Ordem depois da sua separação. O author da *Corografia Portugueza* no tom. 3.º transcreve uma relação dos mestres d'esta Ordem Militar, de que diz haver memoria no convento de Palmella; mas é dos mestres, em quanto a Ordem esteve subordinada a Castella, e ainda essa é diminuta, e não faz menção alguma dos que governaram só em Portugal, que é o que nos pertence.

Depois da dignidade de grão mestre segue-se a de prior mór de Palmella, ao qual estão annexas insignias pontificias e jurisdição quasi episcopal, que lhes concedeu o papa Leão X pelo Breve, que passou no anno de 1516. O insigne academico D. Luiz de Lima diz, (1) que o primeiro prior fora D. João de Braga, porém na Historia d'esta inclyta Ordem, escripta por fr. Jeronymo Roman, que conservamos em nosso poder, consta que o primeiro prior mór de Palmella fora D. Christovão, a quem se seguiram Martim Dias, André Peres, D. Fernando, D. Gonçalo. D. Martinho II, D. Pedro I, D. Pedro Anes II, D. Loureuço Anes, D. Gonçalo, D. Pedro Dias III, D. Luiz da Rosa, D. João Fernandes, D. João de Braga; de sorte que antes d'este tinham precedido treze.

As commendas, com que liberalmente enriqueceram esta Ordem os senhores reis, bem mostram o seu pio e generoso animo, que ainda para reinos mais populosos e opulentos seria um grande reconhecimento do muito que a estimavam. A Geografia Historica lhe assigna cento e cincoenta commendas. Professam os cavalleiros d'esta Ordem os tres votos essenciaes de pobreza, obediencia, e castidade conjugal, conforme o privilegio de Paulo III. O seu habito é uma cruz vermelha, bordada sobre o manto branco, ou sobre os vestidos, com as guarnições á maneira das espadas antigas com uma concha no meio.

Tem finalmente esta Milicia sagrada um mosteiro de religiosas situado fóra dos muros de Lisboa, para onde vieram da igreja de Santos o Velho, e se governa por uma commendadeira, que sempre é das principaes senhoras do reino, e é hoje a excellentissima senhora D. Maria Rosa de Portugal, mulher que foi do conde de Pombeiro.

§ V

De outras Ordens Militares que houve no reino, e já não existem

A Ordem da aza de S. Miguel. Foi instituida por elrei D. Affonso Henriques no anno de 1167 em Alcobaça, em memoria de ser conquis-

(1) Geograf. Historic. tom. I.

tada a villa de Santarem aos mouros em 8 de Maio do mesmo anno, dia da apparição de S. Miguel Archanjo, cujo poderoso braço coberto de uma aza foi visto pelejar em sua defensa. Tratam d'esta Ordem os authores abaixo allegados. (1)

A Ordem da espada. Foi instituida por el-rei D. Affonso V no anno de 1459, tomando por divisa uma torre com uma espada no alto, e admittindo vinte e sete cavalleiros em contemplação dos annos que tinha, quando foi conquistar Féz. (2)

A Ordem da frecha. Foi instituida por el-rei D. Sebastião no anno de 1576, da qual não houve mais que um cavalleiro, natural de Guimarães. Começou o dito rei a fundar um templo para cabeça da Ordem junto da alfandega de Lisboa, de que hoje não ha memoria: alguma existe disto na sumptuosa igreja de S. Vicente de fóra, pois n'ella pelos frizos ha frechas aspadas. (3)

A Ordem de S. João do Pereiro. Teve por author a um ermitão Portuguez, chamado Amando, no tempo do conde D. Henrique, o qual vivia em uma pequena ermida junto das ribeiras do rio Coa, e da villa do Pereiro, termo de Pinhel, que aconselhou a erecção da cavallaria a um nobre mancebo por nome D. Soeiro, que foi seu primeiro superior. Passou-se esta religiosa milicia para Castella, e existe hoje com o titulo de Alcantara. (4)

A Ordem da madre-silva. Teve principio no reinado d'el-rei D. João I em uns moços fidalgos, que com beneplacito d'el-rei tomaram por divisa a madre-silva, e se distinguiam em acções valerosas. (5)

A Ordem dos namorados. Principiou no mesmo tempo d'el-rei D. João I no valor de certos cavalleiros portuguezes, dos quaes consta que na batalha de Algibarrota obraram maravilhas. (6)

A Ordem dos templarios. Foi esta militar Ordem uma das mais celebres, que houve no orbe christão, e floreceu assim em grandes acções de valor, como em opulencias. Distribuida por toda a christandade, entrou em Portugal no anno 1126, onde foi seu primeiro mestre D. Galdim Paes, natural de Braga. Aqui teve esta milicia muitas commendas, e igrejas, até que o papa Clemente V por varias queixas, que houve dos cavalleiros, principalmente dos existentes em França, extinguiu esta religião no anno de 1311 no concilio Vienense. Os que existião em Portugal não foram comprehendidos n'aquelles crimes: porém

(1) Tamburin tom. 2. disp. 24. q. 5. n. 78. Brito, Chronic. de Cister liv. 3. cap. 19 e liv. 5. cap. 19. Brand. na Monarq. Lusitan. liv. n. cap. 22. liv. 10. cap. 23. Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag. 49. e tom. 3. pag. 127. Benedict. Lusit. tom 2. pag. 183. Nobiliarq. Portug. cap. 18. Escudo das Ord. Milit. § 16. Plaça univers. de las sciencias pag. 125. (2) Nobiliarq. Port. alleg. Histor. Gener. de las Relig. y Ord. Milit. part. 6. tom. 8. cap. 42 col. 70. Histor. Genea. da Casa real Port. tom. 3. pag. 9. (3) Faria nos Commentar. das Rim. de Camões tom. 4. pag. 119. (4) Monarq. Lusit. liv. 10. cap. 37. Benedict. Lusit. tom. 1. pag. 178. Plaça univ. de las sciencias pag. mihi 120. n. 222. Brito, Chronic. de Cister. liv. 5. cap. 3. Mariz, Dialog. 2. (5) Nobiliarq. Portug. pag. 172. Esperana Histor. Serafic. liv. 1. cap. 36. (6) Fr. Jacinto de Deos no Escud. das Ord. Militares § 59. pag. 227.

como a Ordem se extinguiu, lhe foram confiscadas as fazendas, e elles passaram para a nova milicia de Christo, que em seu lugar se esclareceu n'este reino. (1)

CAPITULO III

De todas as ordens religiosas, e mais congregações, que ha n'este reino, com a expressão dos conventos, e mosteiros, que tem cada uma, e annos das suas fundações.

Não é pequena gloria de Portugal, sendo um reino de tão estreitos limites, agasalhar, e sustentar com tanta decencia muitas sagradas jerarquias, que constituem as ordens religiosas da igreja de Deos, fundando outras de novo, que são como fruto proprio do terreno portuguez, ás quaes suppre a caridade do povo, quando por especial instituto lhes faltam as rendas, estabelecendo por hypotheca da sua subsistencia a Providencia divina. Esta piedade, e religioso cuidado é mui antigo no coração dos portuguezes: (2) por ora mostraremos com individuação este ponto; e, porque o melhor modo para não escandalizar a harmonia d'estas legiões angelicas é seguir a serie alfabetica, pois assim deixamos a cada uma em seu direito de preferencia, e antiguidade, por ella regularemos esta noticia.

§ I

Agostinhos Calçados

Querem os chronistas d'esta sagrada religião, (3) que S. Profuturo arcebispo de Braga, e discipulo de Santo Agostinho introduzisse esta Ordem em Portugal pelos annos de 393, pouco depois de a ter fundado em Tagaste o mesmo santo doutor, e que o eremita alemão Santo Ancirado fundasse em Pena-firme pelos annos de 850, o primeiro convento d'esta Ordem Augustiniana em Portugal, (4) onde S. Guilherme duque de Aquitania, vindo em perigrinação a Santiago de Galiza, habitára algum tempo, e reedificára o claustro, e officinas, que ainda hoje perseveram. (5)

O que temos por indubitavel é, que esta exemplarissima Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho entrou em Lisboa no anno de 1147 aos 25 de Outubro, dia em que tambem entrou na mesma cidade triunfando dos mouros o invicto rei D. Affonso Henriques. Plantaram esta sa-

Monarq. Lusit. liv. 9. cap. 11. e outros muitos, que allega Fr. Jacinto de Deos no Escudo das Ordens Militar. pag. 77 Veja-se a Collecção Academica do anno 1722, onde vem um Catalogo dos Mestres da Ordem do Templo Portuguezes. (2) Sousa na Chronic. de S. Doming. part. I. liv. 2. cap. 4. Macedo nas Flor. de Hesp. cap. 9 excel. 8 e 9 e na Eva, e Ave part. 2. cap. 66. (3) Fr. Ant. da Purific Chronol. Monast. proem cap. 2. pag. 12. e outros muitos apud Barbos. Decis. Apostol. Collect 325. (4) Cardos. Agiolog. Lusitan tom. I. pag. 345.
(5) Fr. Heronym. Roman nas Centur. da O.d. ad ann. 1264, e Fr. João Marq. no Defensor. da mesma cap. 17. §. 2.

grada Ordem no Eremitorio de S. Gens, na raiz do monte do mesmo santo, hoje mais conhecida pelo nome de Nossa Senhora do Monte, dois eremitas, de cujo nome não consta, constando sómente que tinham estado no Eremitorio de S. Vicente do Algarve.

Com beneplacito do bispo de Lisboa D. Gilberto fundaram estes dois eremitas o Eremitorio de S. Gens, promettendo obediencia ao mesmo bispo, por não gozarem ainda n'esse tempo do privilegio da isenção, que lhes concedeu depois o papa Bonifacio VIII, na Bulla *Sacer Ordo* de 21 de Janeiro de 1298, (1) e assim nem igreja tinham, mas só oratorio em que se encommendavam a Deus, sujeitos ás obrigações das paroquias. como os mais fieis, e sem dependencia de outro superior entre si mais, que do prior, que elegia a familia do mosteiro com approvação do ordinario.

N'este estado foram vivendo os Eremitas de S. Gens, engrossando-se com sujeitos habeis para os seus ministerios, até que não cabendo já n'este Eremitorio, reedificaram, ou fundaram outro no territorio de Pena-firme, termo de Torres Vedras, no anno de 1226, subordinado tambem ao bispo de Lisboa. Chegou o anno de 1256, em que o papa Alexandre IV na sua Bulla *Licet* de 9 de Abril (2) uniu á Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho varias congregações de Eremitas Augustinianos, sujeitando todos a um geral, com faculdade de se dividir a Ordem em provincias, nomeando-se logo quatro, Italia, Allemanha, França, e Hespanha.

Houve n'esta de Hespanha suas difficuldades em admittirem os bispos provincial, em quanto de todo os não izentava d'elles o pontifice, as quaes duvidas cessaram, firmando-se o privilegio de isenção, a que resistiu o bispo de Lisboa D. João Martins Soalhães no espaço de cinco annos, desde o de 1298 até o de 1303. No de 1304 era já provincial de Hespanha fr. Sancho de Rada, prior actual no convento de Santo Agostinho de Lisboa. Já não existiam no Eremitorio de S. Gens os Eremitas de Santo Agostinho; existiam sim no sitio, em que ao presente vivem, por terem deixado o seu primeiro domicilio por justas e urgentes causas, como declarou o mesmo bispo na sua provisão de 8 de Julho de 1306. (3)

A este tempo não tinha n'este reino a Ordem, além do deserto de S. Gens, mais que o Eremitorio de Nossa Senhora da Assumpção de Pena-firme, e o convento de Santo Agostinho de Lisboa, e o de Villa Viçosa, fundados todos antes de se radicar a provincia de Hespanha. Depois de estabelecida se fundaram os conventos de Santo Agostinho de Torres Vedras, e o de Santarem, até que alterada Hespanha com as guerras d'el-rei D. Fernando, e D. João I, não consentiram estes na união

(1) Consta do Bullario Nimpoli p. 44 constit. 10. apud Barbos. Decis. Apostol. collect. 323. num. 9. (2) Apud Laert. Cherub. in Bullar. tom. I. p. 84. (3) Cunha na Histor. de Lisboa, e vida deste Prelado.

dos conventos d'este reino com os mais de Hespanha, mas só na sujeição de um prior geral do destricto d'este reino, até que veio a convir a Ordem em que fizessem provincia á parte no anno de 1477.

Correndo o anno de 1535 mandou el-rei D. João III zeloso pai das religiões, reformar esta, escrevendo para isso ao prior geral da Ordem em Castella, que então era o padre Gabriel Veneto, o qual mandou aquelles dois apostolicos varões fr. Francisco de Villa Franca, e fr. Luiz de Montoya religiosos de grande exemplo, experiencia, e virtude, dando principio á tal reforma no convento de Lisboa. (1) Os privilegios, e indultos, que os summos pontifices tem concedido a esta sagrada Ordem, se poderão vêr nos anthores, que tratam d'isso. (2) A provincia de Portugal consta dos conventos seguintes:

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, situações, fundações

N. Senhora da Graça—1.ª Fundação, Lisboa 1147. 2.ª Fundação, ibid. 1291. 3.ª Fundação ou reedificação. ibid. 1556. N. S. da Assumpção, Pena-firme 1226- Santo Agostinho, Villa Viçosa 1270. Santo Agostinho, Torres Vedras 1367. Santo Agostinho, Santarem 1376. N, Senhora dos Anjos, Montemor-o-Velho 1494. N. Senhora da Graça, Evora 1512. N. Senhora da Graça, Castello-Branco 1526. Collegio de N. S. da Graça, Coimbra 1543. N. Senhora da Graça, Tavira 1544. N. Senhora da Luz, Arronches 1570. Santo Agostinho, Leiria 1576. N. S. da Graça, Loulé 1574. Santo Agostinho, Porto 1592. Colleg. de S. Agostinho, Lisboa 1594. Colleg. de N. S. do Popul., Braga 1595. N. S. de Penha de França, Lisboa 1603. N. Senhora da Piedade, Lamego 1630.

MOSTEIROS DAS RELIGIOSAS

S. Monic. ou Menin. Jesus, Evora 1460. Santa Cruz, Villa Viçosa 1529. Santa Monica, Lisboa 1586. Santa Anna, Coimbra 1610.

§ II

Agostinhos Descalços

A santa reforma de Agostinhos Descalços principiou em 2 de Abril

(1) Cardos. no Agiolo. Lusit tom. 2. p. 263. (2) Barbos. allegad Figueiroa na Plaça univers. disc. 3. §. 2· num. 96. Cassan. Catalog. glor. mund. part. 4. confid. 17, Tambur. de jur. Abbat. tom. 2. disp. 24. quaest. 4.

de 1663, cuja introducção teve origem na religiosa piedade da serenissima senhora D. Luiza rainha de Portugal, mulher d'el-rei D. João IV, a qual desejando retirar-se do seculo, e fundar semelhante reforma, communicou este seu pensamento com o seu confessor o insigne fr. Manoel Poeiros, religioso n'este tempo de Nossa Senhora da Graça, o qual não sómente lhe approvou aquelle santo projecto, mas lhe persuadiu, que para a subsistencia do tal mosteiro se lhe fazia preciso haver outro de religiosos da mesma Ordem.

Este conselho admittiu a serenissima rainha, e fazendo-o pôr em execução, foi o dito confessor o primeiro, que com licença do geral da Ordem vestiu o habito da Reforma, e se chamou fr. Manoel da Conceição. Com elle tambem vestiram o mesmo habito cinco religiosos do mesmo convento de Nossa Senhora da Graça, insignes em letras, e em virtudes. Fez-se esta função em dia de Nossa Senhora dos Prazeres na ermida de D. Gastão Coutinho, onde se descalçaram, e tomaram posse do convento chamado do Monte Olivete no sitio do Grillo, legua e meia de Lisboa, que a sobredita rainha tinha mandado edificar para os novos religiosos.

O respeito, e grande veneração, que todos tributavam a esta admiravel princeza, fez assustar, e impedir algumas objecções, que se levantaram contra esta Reforma, a qual desde então continúa com grande augmento, e exemplo, confirmando-lhe o papa Clemente X no anno 1675 todos os seus conventos. Dão estes religiosos obediencia a um vigario geral, que totalmente os governa, e gozam dos mesmos privilegios, e indultos, que os summos pontifices concederam aos Eremitas de Santo Agostinho. Consta dos seguintes:

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, situações, fundações

N. Senhora da Conceição do Monte Olivete, Valle de Xabregas 1663. N. Senhora das Mercês, Evora 1669. N. S. da Conceição, Montemor o Novo, 1671. N. S. da Consolação, Estremoz 1671. N. S. da Boa Hora, Lisboa 1674. N. Senhora da Piedade, Santarem 1675. O Bom Jesus, Porto de Mós 1676. N. S. da Assumpção, Sobreda 1677. N. Senhora da Orada, Monsarás 1679. Santa Maria, Portalegre 1683. N. S. do Bom Despacho, Mampedrozo do Porto 1745.

HOSPICIOS

N. S. dos Pobres, Loulé 1695. S. Nicoláo de Tolentino, Mora 1711. N. S. da Boa Hora. Setubal. . . . N. Senhora dos Anjos, Grandola 1727. Jesus Maria, Coimbra 1731. Santa Rita, Lisboa 1748.

MOSTEIRO DE RELIGIOSAS

Nossa Senhora da Conceição, Valle de Xabregas 1663.

§ III

Arrabidos

A Penitente, e observante provincia da Arrabida foi erecta em Portugal pelo veneravel Padre Fr. Martinho de Santa Maria, natural de Cartagena de Levante, o qual encontrando-se na romaria de N. Senhora de Guadalupe com o illustrissimo D. João de Lancastre, Duque de Aveiro, seu parente, e convidado por elle para vir fundar na Serra de Arrabida, e na ermida, que alli tinha o duque, obtida licença do padre geral fr. João Calvo, se poz em execução a nova fabrica no anno de 1539, ou de 1542. (1)

Logo se aggregaram religiosos de varias partes, varões de grande penitencia, e entre elles fr. João de Aguila, e S. Pedro de Alcantara, filhos da provincia de S. Gabriel de Castella, e assim perseveraram n'aquelle sitio primeiro, que foi no alto da Serra, e se foram fundando outros conventos de sorte, que no anno de 1545 já era Custodia, quando o veneravel fundador falleceu no hospital de todos os Santos em Lisboa. Depois á instancia do cardeal D. Henrique concedeu Pio IV a erecção em provincia no anno 1560. Consta presentemente dos conventos seguintes.

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, situações, e fundações

N. S. e Santo Antonio, Mafra 1717. S. Pedro de Alcantara, Lisboa 1672. S. Joseph de Ribamar, termo de Lisboa, 1559. N. Senhora da Arrabida, junto a Azeitão 1542. S. Catharina de Ribamar, termo de Lisboa 1634. N. S. da Boa-Viagem, termo de Lisboa 1551. Santa Cruz, termo de Cintra 1560. N. Senhora da Piedade, Caparica 1558. N. Senhora da Conceição, Alferrára 1576. N. Senhora dos Prazeres, Palhaes 1601. Madre de Deos, Verderena 1591. S. Cornelio, Olivaes, 1674. N. Senhora da Conceição, Azoya 1584. O Espirito Santo, Loures 1573. N. Senhora dos Anjos, Torres Vedras 1570. S. Miguel, Gaeiras 1602. Santa Maria Magdalena, Alcobaça 1566. Santo Antonio, Leiria 1652- Santo Antonio, Torres Novas 1591. Santa Maria de Jesus, Val de Fi-

(1) Chronic. desta Prov. liv. I. cap. 13, e outros, que allega Cardoso no Agiolog. Lusitan tom. I. pag. 17. donde o tirou o Author do Santuar, Marian. tom. 7. pag. 266. Claustr. Franc. pag. 12. e 60.

gueira 1623. Santo Antonio, Santarem 1590 N. Senhora da Piedade, Salvaterra 1626.

HOSPICIOS E ENFERMARIAS

Invocações, Situações e Fundações

N. S. da Conceição, no hospital de Lisboa 1542. N. S. do Porto Seguro, Cascaes 1695. S. Antonio Hospital e enfermarias, Caldas, 1663. N. Senhora hospital e enfermaria, Setubal 1589. N. Senhora da Arrabida, Azeitão, . . . Santo Antonio, Minde 1733. Santo Antonio Torres, 1646 A Enfermaria, Santarem 1570 N. S. da Assumpção, ~~Torres~~ Novas 1662.

§ IV

Bentos

Tão antiga é a monastica religião Benedictina em Portugal, que ha mais de mil e duzentos annos, que teve n'elle principio no mosteiro de Lorvão, vivendo ainda o proto patriarcha S. Bento, como se collige de uma antiquissima memoria, que allega fr. Bernardo de Brito. (1) De Italia mandara o glorioso patriarcha a Hespanha doze monges pelos annos 537 por supplicas, que lhe fez a rainha D. Sancha, mulher de Theudes ou Theodorico, rei Godo, a qual tendo fundado o mosteiro de S. Pedro de Cardenha, distante duas leguas de Burgos, metteu de posse d'elle aos taes monges.

D'aqui para effeito de dilatarem a sua religião, passaram alguns a Portugal, e chegando a Coimbra, escolheram perto do rio Mondego o sitio de Lorvão, onde edificaram o primeiro convento Benedictino d'este reino, sendo Lucencio um dos primeiros abbades fundadores, que depois subiu á dignidade de bispo conimbricense; (2) e como traziam reliquias dos martyres S. Mamede, e S. Pelagio, dedicaram a igreja á memoria dos taes santos. O anno d'esta fundação foi algum dos que correm entre os de 537 até 543, em que morreu o esclarecido S. Bento.

Fundado o mosteiro, começaram a florecer os novos monges em tanta virtude, que foram tidos em summa veneração por toda a Hespanha, de fórma, que, quando se celebravam concilios, eram os abbades d'este convento chamados a elles, como sujeitos de muita importancia. Ainda com a entrada dos mouros se conservaram com o mesmos respeito milagrosamente, sem nunca os barbaros lhe fazerem damno em

(1) Brito, Chronic de Cister liv. 6. cap. 29. «Domus nostra Lurbani constructa fuit vivente Patre nostro Benedicto, et dedicata Sanctis Martyribus Mameti, et Pelagio etc. (2) Monarq. Lusitan. liv. 6 cap. 12. Benedict. Lusitan. tom. 1. trat. 2. part. 2. cap. 1. Cunha, Catalog. dos Bisp. do Port. part. 1. cap. 4. Cardos. Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag. 504.

bens, nem pessoas. Os reis de Leão favoreceram este convento com muitos donativos, e confirmações de privilegios; e, depois que Portugal foi senhoreado por monarcas portuguezes, estes fizeram o mesmo; de sorte, que o mosteiro, que hoje é da religião Bernarda, foi a fertil mina, donde pelo tempo adiante emanou a maior parte dos conventos Benedictinos d'este reino, em o qual houve tempo, que se contavam cento e sessenta.

Até o anno de 1400 perseverou esta santa Ordem em sua regular observancia, depois descahindo de seu primitivo fervor, por varios motivos, que para isso teve, principalmente pelos commendatarios perpetuos, que os reis nomeavam para administradores dos conventos, e confirmavam os pontifices, cujo indulto obteve o cardeal de Alpedrinha D. Jorge da Costa dos papas Julio II, e Leão X chegou a tal estado, que no anno de 1500 todos os conventos de S. Bento estavam em poder de commendatarios, que ordinariamente eram clerigos seculares, e não cuidavam mais, que em disfructar as rendas dos mosteiros; do qual principio nasceu tal estrago ás communidades, que foi necessario ao zelo de D. Antonio da Silva, ultimo commendatario do mosteiro de S. Thyrso de Riba d'Ave, procurar pelos annos de 1549 a reformação do seu convento, conseguindo que do mosteiro do Monserrate viessem por ordem do geral de Castella dois religiosos, que foram fr. Pedro de Chaves, e fr. Placido de Villalobos, natural de Lisboa, os quaes se houveram com tanta prudencia, e felicidade, que dentro em quatro annos concluiram o tal negocio.

Pareceu tão admiravelmente esta reforma, que o cardeal Henrique pediu ao santissimo papa Pio V reformação para os mais conventos Benedictinos, o que lhe foi concedido por Bulla de 22 de julho de 1659, ficando desde então unidos todos os mosteiros a um só corpo de congregação com a formalidade do habito, escapulario, capello, e coroa differente dos antigos claustraes, e governados por um geral independente do de Castella, o qual reside na casa de Tibães, como cabeça da congregação, não só por ser mais antiga, mas por ficar quasi no centro dos mais conventos do Minho. Tem o dito Geral, que tambem se chama D. Abbade, sobre o seu couto jurisdicção de Capitão mór, Coudel mór, Alcaide mór, e Ouvidor, e suas amplissimas preeminencias se pódem ver nas eruditas Chronicas d'esta religião, (1) a qual consta dos Conventos seguintes:

(1) Fr. Leão de S. Thom. na Benedictin Lusitan. Yepes, Chronic. de S. Bento, e outros allegados por Barbos. Decis. Apostol. Collect. 481. Tambur. de Jure Abbat. tom. 2. disp. 24. quest. 5. num. 58.

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, Situações e Fndações

S. Martinho de Tibães, uma legua de Braga 562. 2ª Fundação, ibid. 1080. S. Bento da Saude, Lisboa 1598. Collegio de S. Bento, Coimbra 1551. S. Bento da Victoria, Porto 1596. S. Thyrso de Riba d'Ave, quatro leguas do Porto 713 2.ª Fundação, ibid. 965. 3.ª Reedificação, ibid. 1094. Santa Maria, Pombeiro 900. 2.ª Fundação, ibid. 1041. Salvador de Paço de Sousa, uma legua de Arrifan. de Sousa 1088. S. Miguel de Refoyos, Basto 669. S. André de Rendufe, duas leguas de Braga 1107. Salvador de Travanca, duas leguas de Amar. 1009. S. Bento dos Apostolos, Santarem 1571. S. João da Pendurada, seis leguas do Porto 1024. S. Romão, Neiva 1100. Salvador de Ganfei, termo de Valença 690. 2.ª Reedificação, ibid. 1018· S. Miguel de Bostello, termo de Arrifana 1039. Santa Maria de Carvoeiro, duas leguas de Vianna 805. Salvador de Palme, duas leguas de Barcel 1028, S. João de Arnoya tres leguas de Amar 1033. S. Martinho do Couto 1177. Santa Maria de Miranda, Ponte de Lima 659. S. João de Cabanas, duas leguas de Caminha 564. Colleg. de N. S. da Estrella, Lisboa 1572.

MOSTEIROS DE RELIGIOSAS

Santa Maria, Ferreira d'Aves 1059. Salvador de Vairão, quatro leguas do Porto 1110. N. S. da Assumpção, Semide 1150. Santa Anna Vianna 1502. S. Bento, Porto 1518. S. Bento, Ibid. 1550. S. Bento, Monção 1550. S. Bento, Coimbra 1555. O Bom Jesus, Viseu 1560. S. Bento, Murça 1587. Santa Escolastica, Bragança 1590. N. S. da Purificação, Moimenta da Beira 1596. Salvador, Braga 1602.

§ V

Bernardos

Não menos que tres famosos Santos foram os fundadores d'esta esclarecida Ordem em Portugal. O glorioso precursor S João Baptista apparecendo visivelmente a S. Bernardo estando em Claraval no anno de 1119, lhe revelou que seria muito do agrado de Deus que elle mandasse fundar n'este nosso reino um convento da sua regra. Poz logo em execução o mellifluo santo o que lhe fora insinuado, e escolhendo alguns religiosos de exemplar vida, chamados *Boemundo*, *Aldeberto*, *João*, *Bernardo*, *Sisinando*, *Rolando*, e *Alano*, os enviou com carta de recommendação ao Santo João Cerita, que fazia vida solitaria em uma ermidinha

no territorio de Lafões, pouco distante do rio Vouga, onde se fundou depois o convento de S. Christovam.

A este santo anacoreta tambem lhe foi revelado pelo mesmo santo medianeiro o intento, e vinda dos religiosos, e o quanto era conveniente que elle, como pratico da terra, os instruisse. Chegados que foram os conduziu á corte, que então era em Guimarães, e á presença d'el-rei D. Affonso Henrique, a quem communicou tudo: o qual como principe tão catholico, não tendo diante dos olhos mais que o augmento do culto Divino, estimou muito aos religiosos francezes, e lhes deu ampla licença para fundarem convento no seu reino, e no lugar, que o Ceo determinasse, conforme as instrucções, que lhe havia insinuado o seu santo prelado.

Com esta faculdade partiram de Guimarães, e chegaram ao rio Barosa, que corre pouco mais, ou menos legua e meia apartado de Lamego, e na descida de umas serras, onde agora chamam o Pinheiro, fizeram quatro cellinhas, e uma ermida, que dedicaram á honra do Salvador do Mundo, e aqui os deixou o santo eremita João, e elles em continuas orações, e jejuns ficaram esperando o sinal do Ceo para a sua nova fabrica. Em breve tempo viram cumpridas as suas esperanças, porque a 13 de Abril de 1121 junto d'aquelle sito desceu um resplandor a modo de raio, que de noite allumiava todos aquelles montes em circuito.

Reconhecido então ser aquel!e o sinal do Ceo promettido, cercaram com balizas todo aquelle terreno, em que a claridade se estendia, e alli fundaram o primeiro convento da Ordem n'este reino, dedicando-o a S. João Baptista, e lançando a primeira pedra nos alicerces o invicto rei D. Affonso Henriques a 21 de Junho de 1122, achando-se presente o bispo de Lamego, que benzeo a pedra, e o santo abbade João Cerita com outros religiosos. Depois se foram estabelecendo os mais conventos, sendo o de Alcobaça um dos mais magnificos, e opulentos do reino, em cuja primitiva fundação chegaram a viver juntos novecentos e noventa e nove religiosos.

Porem, como em tanta multidão succedia haver algum embaraço, porque não cabiam todos no coro, nem refeitorio, nem um só prelado podia dar assento a tantos subditos, dividiram-se em decadas, ou decanias, dando-se a cada dez religiosos um velho por prelado, e com esta repartição nunca faltavam no coro aos divinos louvores de dia, e de noite em todas as horas. (1) Verdade seja, que segundo a mais provavel opinião, estes monges não viviam todos juntos no mesmo convento de Alcobaça, mas divididos em differentes quintas, e lugares circumvisinhos, se ajuntavam na igreja para rezar, e celebrar alternativamente os divinos officios em todas as horas.(2)

Durou este celestial concerto muitos annos sem interpolação algu-

(1) Brito, Chronic. de Cister liv. 3. cap. 22. (2) Bluteau no Vocabular. verb. «Lausperenne».

ma, até que veio a affrouxar, e diminuir por causa de uma peste, que afligiu o reino, e assim esteve interrupta esta perenne assistencia do coro alguns tempos: depois no anno de 1672, sendo geral da Ordem o padre fr. Antonio Brandão, introduziu novamente este santo, e louvavel estilo, dividindo os religiosos em turmas, cada uma de seis, que sem intermissão estão continuamente louvando a Deus de dia, e de noite, e depois que todos os conventos de Cister foram unidos em congregação pelo papa Pio V no anno de 1580 a instancios d'el-rei D. Sebastião, e do cardeal Henrique, ficou o convento de Alcobaça constituido cabeça da Ordem. (1)

Governa-se ella por um abbade, que ordinariamente assiste em Alcobaça, e de tempo immemorial anda n'elle annexo, o titulo e preeminencia de esmoler mór de el-rei. (2) Trata-se com insignias de bispo, e é senhor no espiritual, e temporal de treze villas, e muitos lugares, que cahem debaixo do seu senhorio, nas igrejas das qnaes apresenta Beneficios simplices, e curados. Até o tempo d'elrei D. João III visitava o abbade a Ordem militar de Christo: hoje é o abbade geral de toda a Ordem de Cister immediato ao papa, e absoluto reformador de todos os mosteiros, que ha da sua religião n'este reino. Até o governo do cardeal Henrique foram os abbades perpetuos, depois se começou a eleição dos triennaes, que presentemente se usa. Consta dos conventos seguintes:

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, Situações e Fundações

Santa Maria, Alcobaça 1148. Colleg. de N. S. da Conceição, junto a Alcobaça 1648. Santa Maria, Tamaraes 1171. Santa Maria, Ceiça 1174. S. Paulo, ... 1163. Santa Maria, Maceiradão 1200. Santa Maria, Bouro 1169. Santa Maria, Fiaens 889. Santa Maria, Hermelo 666. Santa Maria da Estrella, Serra da Estrella 1161. S. João Baptista, Tarouca 1122. S. Pedro das Aguias 1145. Santa Maria de Aguiar 1170. S. Christovão, Lafões 1123. N. Senhora do Desterro, Lisboa 1591. Santa Maria, Salzeda . . . O Espirito Santo, Coimbra 1550.

MOSTEIROS DE RELIGIOSAS

Santa Maria, Lorvão 537. Santa Maria, Arouca 1222. S. Bento de Castris, termo de Evora 1169. S. Diniz, Odivellas 1294. Santa Maria, Cellas 1217. Santa Maria, Almoster 1300. S. Bernardo, Portalegre 1518. Santa Maria, Cós . . . N. Senhora da Piedade, Tavira 1509. N. Senhora da Nazareth. Lisboa 1653. N. S. da Assumpção, Tabosa 1685.

(1) Barbos. alleg. Collect. 489. n. 17. (2) Monarq. Lnsitan. liv. 17. cap. 9. Lima. Geograf. Histor. part. 1. pag. 421

§ VI

Brigidas

Foi esta religião estabelecida no reino de Suecia por Santa Brigida no anno de 1344, cuja regra, como affirma a mesma Santa, foi dictada por Christo Senhor nosso. O papa Urbano V a approvou no anno de 1370, e seus successores a confirmarão. Com a heresia de Gustavo de Bassia padeceram muito suas religiosas, e muito mais as que estavam estabelecidas em Inglaterra por causa do scisma de Henrique VIII que lhes arrazou os conventos, e tomou todas as rendas, de que se sustentavam.

Desta sorte desamparadas foram para Flandes, depois para França, e em fim por occasião das guerras, que então havia, lhes foi preciso andar desterradas trinta e sete annos por varias provincias da Gallia Belgica, até que aportando as peregrinas inglezas em Lisboa por inspiração Divina, se hospedaram no convento da Esperança a 4 de Maio de 1594. Depois Isabel de Azevedo, mulher nobre, e moradora ao Mocambo, lhes deu casas, onde fizeram sua igreja, a qual em 17 de Agosto de 1651 padeceu a ruina de um incendio, (1) porem logo a 2 de Outubro do mesmo anno se começou a fabricar o convento, em que hoje habitam, a que chamam das inglezinhas, de cuja Ordem ha outro em Marvilla, junto a Lisboa, de religiosas portuguezas, fundado pelo arcediago Fernão Cabral.

MOSTEIROS

S Salvador de Sion	Lisboa	1651
N. Senhora da Conceição	Marvilla	1660

§ VII

Brunos

A Sagrada, e admiravel Religião da Cartuxa tomou o nome de um deserto assim chamado na Diocese de Grenoble em França, onde S. Bruno natural de Colonia a fundou no anno de 1084: e deixando por agora os motivos, que teve este insigne Heróe da santidade para instituir, e emprender modo de vida tão aspero, que por extenso referimos no seu elogio, é de saber, que até o anno de 1587 não se conhecia em Portugal esta religião, cuja noticia, e entrada devemos ás piedosas diligencias do Senhor D. Theotonio de Braçança, filho do Duque D. Jayme, e de D. Joanna de Mendoça

(1) O Author do Santuar. Marian. tom. I. pag. 205. diz, que esse incendio fora em 9. de Agosto de 1652. Desta Religião trata Barbosa nas Apostolicas Collect. 384.

Tinha este illustrissimo Cavalheiro estudado em Pariz, e communicado n'aquella corte, e na cidade de Catalunha com os Religiosos deste santo instituto; e, depois que a divina Providencia o elevou á dignidade de arcebispo de Evora, que foi pelos annos de 1587, saudoso do grande exemplo, e edificação d'aquelles monges, emprendeu trazel-os para mais perto, e que no fertil jardim de Portugal florecessem tambem aquellas candidas assucenas da virtude. Para este effeito escreveu a França ao padre Geral, ou Grão prior de toda a ordem cartusiana, que então era D. Jeronymo Marchant, que lhe assignasse religiosos para virem fundar em Portugal. Deu elle esta incumbencia ao prior da casa de *Scala Dei*, que existe em Moréa do arcebispado de Tarragona, e lhe chamavam D. Luiz Telmo, sujeito de grandes prendas, e virtudes, o qual com titulo de prior veio para este Reino, trazendo por companheiros os padres D. Jeronymo Ardio, e D. Francisco Monroi, e aos conversos Fr. Silvestre, Fr. João Vellis, e Fr. Paulo.

Chegados a Evora foram hospedados nos Paços junto a S. Francisco em dia da Natividade de Nossa Senhora do anno de 1587, onde estiveram quasi onze annos em fórma de convento, aceitando Noviços, e exercendo as mais obrigações da religião, em quanto se não punha capaz, e prompto o sumptuoso convento, que o arcebispo lhes mandara edificar, para o qual se mudaram em 15 de Dezembro de 1598 (1).

A fundação da outra casa de Laveiras teve seu principal motor no Illustrissimo D. Jeronymo de Ataide, filho dos condes da Castanheira, capellão mór d'el-rei D. Filippe II, e depois bispo de Viseu, o qual propondo esta fundação ao capitulo geral, deu este plenissima commissão ao veneravel D. Luiz Telmo para admitil-a. Veio elle a Lisboa conferir este negocio com o bispo, o qual dando-lhe umas casas, que tinha no sitio da Pampulha, mandou o Padre D. Luiz fazer uma capella, onde se celebravão os Divinos Officios, porém por falta de assistencia não se pôde adiantar a fabrica.

Vendo os religiosos o embaraço, que havia para se augmentar o edificio, trataram de se mudar para uma quinta de Laveiras, termo de Lisboa, no anno de 1598, a qual quinta tinha sido de D. Simoa Godinho, mulher de cor preta, mas mui rica, nobre, e principal da Ilha de S. Thomé, com quem casara certo fidalgo Portuguez, e vindo para Lisboa, havia ficado viuva, e sem successão. Distribuindo os seus bens em obras pias, deixou a quinta de Laveiras para se fundar um convento de frades pobres a arbitrio da mesa da misericordia. Houve muitos empenhos, porque cada uma das religiões mendicantes a pretendia, até que el-rei Filippe II alcançou de Roma licença de transacção para os Padres da Cartuxa, e a confirmação de um censo de cem mil réis, que todos os annos pagava a corôa á dita D. Simoa. (2)

(1) Fonseca, Evora gloriosa num. 677. (2) D. Joseph de Valles no Instit. de la Sagr. Relig. de la Cartux p. 469.

Com esta mercê foi crescendo a fundação, e vieram os fundadores da cartuxa de Evora. No anno de 1612, sendo eleito prior d'ella D. Basilio de Faria, adiantou muito esta fabrica; e no anno de 1736, sendo prior D. Luiz de Brito, fundou nova, e excellente igreja em sitio mais alto, correspondente ao plano do novo claustro, que tinha feito o Cardeal Sousa, em cuja obra tem gasto mais de sessenta mil cruzados, extrahidos de esmolas, que a sua zelosa diligencia, e virtude acompanhada de um raro attractivo dos animos tem grangeado em grande augmento da religião, e culto divino.

CASAS

Scala Cœli, Evora 1587. Vallis Misericordiæ, Laveiras 1598. Hospicio, Lisboa 1719.

§ VIII

Capuchos

Entre as oito provincias da religião serafica existentes neste Reino participa o sexto lugar a provincia de Santo Antonio dos Capuchos, intitulada da *Observancia mais estreita*, a qual, se a considerarmos em seus radicaes principios, teve origem no anno de 1392, reinando el-rei D. João I. Vieram da provincia de Santiago Fr. Diogo Arias, e Fr. Gonçalo Martinho, herdeiro da casa dos condes de Altamira, os quaes com o favor d'el-rei fundaram aqui alguns conventos, sendo o primeiro Nossa Senhora do Mosteiró, mais de uma legua de Valença do Minho.

No anno de 1482, sendo vigario provincial fr. João da Povoa, confessor d'el-rei D. João II pediram os religiosos, que moravam n'estes conventos, mais outros para viverem em estreita reformação, e com o favor do geral fr. Francisco dos Anjos, e industria do dito vigario provincial, que eram affectos aos reformados, além dos taes conventos lhe foram dados outros, em os quaes sujeitos á provincia de Portugal, viveram sempre em estreita observancia.

Correndo o anno de 1565, sendo geral fr. Luiz Puteo, com o favor de fr. André da Insua, filho d'esta reformação, foi erecta em Custodia de Santo Antonio; e no de 1568, por Bulla de S, Pio V impetrada pelo cardeal Henrique, foi levantada em provincia, separando-se da de Portugal. No anno de 1705 se erigio outra provincia separada chamada da *Conceição*. Ambas constão dos conventos seguintes.

PROVINCIA DE SANTO ANTONIO

Invocações, situações, fundações

Santo Antonio, Lisboa 1570. Santo Antonio, Castanheira 1402. S. Antonio da Pedreira, Coll. de Coimbra 1602. Santo Antonio, Penella

1576. S. Antonio da Merciana, Aldea-Galega 1600. N. Senhora do Amparo, Alverca 1553. S. Catharina da Carnota, Alanquer 1408. N. Senhora dos Anjos, Sobral 1597. S. Antonio do Pinheiro, Chamusca 1519. N. Senhora do Loreto, Tancos 1572. N. S. da Conceição, Cantanhede 1675. Santo Antonio, Certã 1635. N. Senhora do Cardal, Pombal 1707. S. Anton. da Cruz de pedra, Bemfica 1640. 2.ª Reedificação, Bemfica 1746. S. Joseph, Sernache 1699.

PROVINCIA DA CONCEIÇÃO

Santo Antonio, Viana do Minho. Santo Antonio da Estrella, Coll. de Coimbra 1612. Santo Antonio, Ponte de Lima 1707. Santo Antonio, Viseu 1635. S. Francisco, Lamego 1568. S. Bento, Arcos de Valdevez 1677. Santo Antonio, Serem 1635. Santa Maria de Mosteiró, duas leguas de Valença 1392. S. Francisco, Moncorvo 1569. S. Francisco, Villa Real 1573. Santo Antonio, Caminha 1618. Santo Antonio, Villa Cova 1712. S. Francisco do Monte, Viana do Minho 1392. S. Francisco de Orgens, termo de Viseu 1407. Santa Maria da Insua, termo de Caminha 1392. Santo Antonio, Pinhel 1731. N. S. da Conceição, Hospicio de Lisboa 1707.

§ IX

Capuchos francezes, e italianos

Os religiosos capuchinhos francezes, que pertencem á famosa provincia de Bretanha no reino de França, introduziram-se n'este reino com o designio de passarem ás missões das conquistas d'elle no anno de 1647 por industria do padre fr. Cyrillo de Mayene, o qual conseguiu d'el-rei D. João IV licença para fundar em Lisboa o primeiro Hospicio, que é o unico em Portugal, fundado na freguezia de Santos com o titulo de — Nossa Senhora dos Anjos da Porciuncula, Lisboa 1648.

Os outros religiosos capuchos italianos se congregaram em Lisboa com licença d'el-rei D. Pedro II no anno de 1686, para d'aqui disporem as missões para as conquistas, e para este ministerio vem de varias provincias de Italia, e se sujeitam a um Superior. Existiram primeiramente na Ermida de Nossa Senhora do Paraiso, onde haviam estado as Commendadeiras de Santos: depois el-rei D. João V lhes deu outro sitio, em parte mais eminente fóra dos muros da cerca do antigo, applicando-lhe de esmola mais de cincoenta mil cruzados para a nova fabrica a supplicas do irmão fr. Francisco, religioso de grandes virtudes.

Nossa Senhora da Porciuncula, Lisboa 1689.
2.ª Fundação Ibid. 1739.

§ X

Carmelitas Calçados

Até o anno de 1250 não foi conhecida em Portugal esta tão antiga religião, que é uma das quatro mendicantes, e que entrou n'este reino, governando-o D. Sancho II. Aportaram aqui certos cavalheiros maltezes, que traziam comsigo para seus padres espirituaes alguns Carmelitas; e como estes cavalheiros já eram senhores de algumas villas, e lugares n'este reino, entre as quaes se contava a villa de Moura no Alemtejo, n'ella fundaram conventos para os religiosos no sobredito anno de 1250, que foi o primeiro da provincia de Portugal, e esta teve o titulo de provincia no anno de 1423. (1)

O insigne Jorge Cardoso não dá tantos annos de antiguidade em nosso reino a esta esclarecida religião, pois diz, (2) que no tempo que entraram os Carmelitas na villa de Moura, e estabeleceram alli convento, pertencia Portugal á corôa de Castella, e assim que não se póde contar d'aqui a sua antiguidade, mas só desde o reinado d'el-rei D. João I quando o victorioso condestavel D. Nuno Alvares Pereira fundou em Lisboa o famoso convento do Carmo, que foi pelos annos de 1389; mas n'isto não tem rasão tão grave escriptor, como está manifesto, pois a antiguidade das religiões não se toma pelo governo, e dominio dos reis, mas pelos annos da posse, e introducção das terras. Consta dos seguintes:

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, situações, e fundações

N. Senhora do Carmo, Moura 1250. Santa Maria do Carmo, Lisboa 1389. Santa Anna, Collares 1450. N. Senhora das Reliquias, Vidigueira 1495. S. Miguel, Beja 1526. N. Senhora da Luz, Evora 1669. Coll. de N. S. da Conceição, Coimbra 1540. N. Senhora do Soccorro, Alagoa no Algarve 1551. S. Gregorio Magno, Torres Novas 1558. S. Romão, Alverca 1600. N. Senhora do Soccorro, Camarate 1602. N. Senhora do Carmo, Setubal 1652.

MOSTEIROS DE RELIGIOSAS

N. Senhora da Esperança, Beja 1542. N. S. da Conceição, Lagos 1558. N. S. da Natividade, Tentugal 1591. S. Joseph, Guimarães 1704.

(1) Pereir. Chronic, dos Carmelit. tom. 1. part. 2. num. 322. Sá. Memor. Historic. part. 1. cap. 6. (2) Cardos. Agiolog· Lusitan. tom. 3. pag 214.

§ XI

Carmelitas Descalços

Pretendendo a gloriosa, e mystica doutora Santa Theresa renovar a primitiva regra, que deu aos Carmelitas Santo Alberto, instituiu a reforma em Avila sua patria no anno de 1562, e tomou por companheiro d'esta santa empreza a S. João da Cruz. Pio IV approvou a tal reforma, Gregorio XIII no anno de 1580 a separou dos Calçados, e Gregorio XV os fez participantes de todas as graças, e privilegios das religiões mendicantes, declarando a esta por uma das quatro. (1)

Um anno antes que a Santa falecesse, expediu para a fundação de Portugal ao veneravel padre fr. Ambrosio Mariano, e ao padre fr. Gaspar de S. Pedro com outros religiosissimos companheiros, os quaes chegaram a Lisboa no primeiro de Outubro de 1581, e logo no sitio, e bairro da Pampulha fundaram o primeiro conventinho com a invocação de S. Filippe, que ao depois passou para habitação dos religiosos de S. João de Deos, e os Carmelitas vieram para a igreja de S. Crispim. Finalmente elegeram o sitio da rua larga, que vai de Santos para Alcantara, e alli se estabeleceram. (2) Consta esta provincia dos conventos seguintes:

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, situações, e fundações

N. S. dos Remedios, Lisboa 1581. N. Senhora da Piedade, Cascaes 1594. N. Senhora do Carmo, Figueiró 1600. S. Joseph, Coimbra 1603. N. S. dos Remedios, Evora 1606. N. Senhora do Carmo, Aveiro 1613. N. Senhora do Carmo, Porto 1619. Santa Cruz, Bussaco 1630. N. Senhora do Carmo, Vianna 1647. Santa Theresa, Santarem 1648. N. S. da Incarnação, Adolhalvo 1648. N Senhora do Carmo, Braga 1653. Santa Theresa, Setubal 1661. Corpus Christi, Lisboa 1648. S. João da Cruz, Carnide 1681. N. Senhora do Carmo, Tavira 1745.

MOSTEIROS DE RELIGIOSAS

Santo Alberto, Lisboa 1584. Santa Theresa, Carnide 1642. S. João Evangelista, Aveiro 1658. N. S. da Conceição, Lisboa 1681. S. Joseph, Evora 1681. S. Joseph, e Maria, Porto 1704. Santa Theresa, Coimbra 1739.

(1) Fr. João de Santa Mar. na Chron. dos Carm. Descalç. Figueiroa na Plaça Univ. pag. 137 Garma no Theatr. Univ. de Hesp tom. 2 cap. 22. (2) Corograf. Portug. tom. 3. pag. 521. Fonseca, Evor. glorios. 706.

§ XII

Carmelitas Descalços allemães

Introduziram-se estes religiosos em Portugal no mesmo anno de 1708, em que a soberana rainha D. Marianna de Austria chegou a este reino. Considerou esta piedosa princeza quanto era preciso haver aqui religiosos, que administrassem os Sacramentos, especialmente o da penitencia, aos individuos da nação allemã residentes em Lisboa, e este zelo catholico, e amor nacional a persuadiu communicar este pensamento com o padre fr. Leopoldo de Santa Theresa, Carmelita Descalço alemão, que tinha vindo por companheiro do Bispo da Persia D. fr. Elias. Com este projecto mandando vir de Allemanha mais tres religiosos, lhes alugou umas casas junto á ermida de S. Pedro Gonçalves no largo do Corpo Santo, onde estiveram alguns annos exercendo com grande caridade o ministerio, para que foram destinados.

Depois se passaram para a ermida da Ascenção de Christo, que está na calçada do Combro, e no anno de 1723 se mudaram para umas casas suas ao pé do monte de Santa Catharina, nas quaes habitaram até ao anno de 1737, em o qual a soberana rainha, depois de vencidos certos embaraços, mandou alli mesmo fundar a 26 de Março um templo dedicado ao glorioso martyr S. João Nepomuceno, e Santa Anna, com um hospicio para os ditos religiosos da provincia de Austria, onde presentemente residem sujeitos ao seu Padre Geral da Congregação de Italia em grande beneficio espiritual da nação alemã.

HOSPICIO

S. João Nepomuceno, Lisboa 1737.

§ XIII

Claristas

A ordem da gloriosa Virgem Santa Clara entrou n'este Reino pelos annos pouco mais, ou menos de 1250, sendo umas virtuosas Portuguezas de Lamego, que viviam em communidade, as primitivas, que abraçaram esta regra, a qual lhes concedeu o papa Alexandre IV no anno de 1258. Depois se foram fundando outros mosteiros, e os que actualmente existem, são os seguintes.

Mosteiros

Santa Clara, Guimarães 1548. N. Senhora do Amparo, Villa-Real 1602. Santa Clara, Vinhaes 1659. Santissimo Sacramento, Louriçal 1640.

S. Luiz, Pinhel 1596, As Chagas, Lamego 1588. Madre de Deus, Barro 1671. O Salvador, Evora 1606. N. Senhora da Graça, Torrão 1570. Santa Apollonia, Lisboa 1718. Santa Martha, Lisboa 1580. Santo Crucifixo, Lisboa 1666. N. S. da Assumpção, Bragança 1 . .

§ XIV

Conceição de Maria

Esta ordem foi instituida pela illustre, e virtuosa portugueza D. Brites da Silva, irmã do Beato Amadeo, a qual no anno de 1484 em Toledo nos Paços chamados de Galiana lhe deu principio com doze religiosas Dominicas do Mosteiro de S. Domingos o Real. Innocencio VIII lhes confirmou no anno de 1489 o habito, que é manto, e escapulario azul com saia, ou tunica branca, segundo tinha apparecido a Senhora em Tordesilhas á dita D. Brites. Naufragou o navio, em que vinham as Bullas, porém estas unicamente salvas por milagre, foram entregues pelos Anjos nas mãos da bemaventurada fundadora; e por conta deste prodigio se conservão ainda no sacrario do Mosteiro da Conceição de Toledo (1.)

Faleceu a Veneravel D. Brites em 17 de Agosto de 1490, e depois de varios progressos, que teve a Ordem, no anno de 1511, o Papa Julio II a fez restituir ao primeiro estado da sua fundação, habito, e officio divino, com sujeição porém á Ordem Serafica, por ser esta especial defensora da Immaculàda Canceição de Maria. (2) Passados dez annos, no de 1521 intentou introduzil-a em Portugal Isabel Fuzeiro, mulher nobre de Villa-Viçosa, e de facto edificou um mosteiro para religiosas desta Ordem; mas falecendo antecipadamente, não se completaram os seus designios, porque no anno de 1555 foi habitado pelas religiosas claristas. Depois no anno de 1625 se começou a estabelecer esta Ordem no reino, principiando por Braga, e consta dos seguintes.

MOSTEIROS

Invocações, Situações, Fundações

N. S. da Conceição, Braga 1625. N. S. de Penha de França, Braga 1652. N. Senhora dos Anjos, Chaves 1685. N. S. da Conceição, Ar-

(1) Fr. Luiz dos Anjos, Jardim de Port. pag. 325. (2) Eusebio Golçalv. na Chron da Relig. Seraf. apud Figueiroa, Placa univ. pag. 133. num. 20. da ultima impressão. Fr. Apolinar. da Conc. Claustr. Franc. cap. 30. e 37. Fr. Jeronym. Roman. Republ. del mund. tom. 1. lib. 6. cap. 31. Fr. Henriq. Chron dos Eremit. da Serra de Ossa tom. 1. pag. 31 Souf. Agiolog. Lusitan. tom. 4. Gubernatrix tom 2. de Orbe Serafic. lib. 11. cap. 8. Orbaneja na Vida de S. Indalecio pag. 178. com outros que allega.

rifana de Sousa 1726. N. S. da Conceição, Loulé 1688. N. S. da Conceição, Carnide 1694.

RECOLHIMENTO

Porta Coeli, e S. Damaso, Pontevel 1632.

§ XV

Conegos Regrantes de Santo Agostinho

O instituto de conegos regulares teve principio na igreja latina pouco depois do anno de 362 por Santo Eusebio, Bispo de Vercelli. Depois S. Martinho o introduzio em França, e Santo Agostinho em Africa na Sé de Hippone. D'aqui é provavel, (1) que passassem a Hespanha os discipulos de Santo Agostinho, quando pelos annos de 430 foram lançados d'aquella Provincia pelos Vandalos; e, assim como S. Gelasio passou a Roma nesta occasião, e fondou na igreja Lateranense o mosteiro do conegos regulares, assim a Portugal viriam outros com o mesmo designio; donde se vê, que não é tão moderno este santo instituto, como quer fr. Jeronymo Roman, que lhe dá principio pelos annos de 1117, em que floreceu S. Rufo, (2) pois em Portugal á conventos d'esta Ordem fundados muito antes.

Confirma-se mais a antiguidade d'este instituto em o nosso reino, porque nas mais das cathedraes d'elle viveram regularmente na sua primitiva, de que são testemunhas as igrejas de Braga, Lisboa, Lamego, Porto, Viseu, Guarda, Coimbra, e ainda as collegiadas de Guimarães, Cedofeita, Lessa, e outras, que todas foram de conegos regrantes; (3) e tornando da casa Santa D. Tello, arcediago da Se de Coimbra, com o seu bispo Mauricio, achou os conegos reduzidos á vida secular, e não lhe soffrendo o animo ver perder o santo instituto, que professara, ajuntou outros clerigos virtuosos, que o quizeram seguir, e fundou fóra dos muros de Coimbra um mosteiro com o titulo de Santa Cruz.

Fundado o mosteiro no anno de 1131, e entrando n'elle o mesmo B. Tello com onze companheiros, (4) elegeram por seu primeiro prior a S. Theotonio, que já o havia sido da collegiada de Viseu, tambem de conegos regrantes. Floreceu logo n'este convento a santidade, e a sciencia em illustres varões, sendo um dos grandes ornamentos, e brazões d'esta Ordem poder numerar por filho ao glorioso Santo Antonio; e pela grande fama d'estes religiosos, erão elegidos para arcebispos, e bispos das cathedraes do reino, e outros para reformar mosteiros já edificados. Tanta era a opinião d'este convento, que não se fallava por toda

(1) Severim de Faria no Disc 4 da Origem das Vestes Sacerdotaes. (2) Rom. na Republ. Chist. liv 10 cap 16. tom. i. (3) Chronic. dos Coneg. Regr. liv. 5. cap.10. (4 Barbos. Decis. Apost. Collect. 106.

a parte, senão d'elle, por cuja causa os soberanos reis de Portugal o dotaram com tão liberal, e prodiga mão, que sahindo das rendas d'este convento as dos bispados de Leiria, e Portalegre, e o que se applicou para fundar a Universidade de Coimbra, ainda ficaram ao mosteiro de Santa Cruz mais de setenta mil cruzados de renda.

Por muitos annos permaneceu este, e os mais mosteiros do seu instituto em exemplar observancia, veio porém com o tempo a affrouxar pelos motivos, que dissemos da religião benedictina, e o piissimo rei D. João III com faculdade da sé Apostolica mandou reformar o convento de Santa Cruz pelo famoso fr. Braz de Barros, da Ordem de S. Jeronymo, que depois subio á dignidade de primeiro Bispo de Leiria, a cuja reforma deu principio a 13 de Outubro de 1527; e com tanta felicidade sublimou esta santa, e canonica Ordem a tal perfeição, que logo se vio n'ella outra Cartuxa, e a antiga observancia; o que moveu aos priores commendatarios de S. Vicente, e Grijó a largarem os seus mosteiros para se reformarem, e unirem ao de Santa Cruz debaixo de uma congregação; o que foi confirmado por Paulo III, e se obteve faculdade para os mais fazerem o mesmo, tanto que fossem vagando, estabelecendo-se a fórma do seu governo com priores triennaes, e um geral de toda a Congregação, que juntamente é prior de Santa Cruz, prelado do seu isento, e cancellario da universidade de Coimbra, o qual nos actos, e gráos de Doutoramento tem o primeiro lugar, e se lhe capta benevolencia primeiro que ao reitor.

Ultimamente se mandou reformar esta congregação por breve do Santissimo papa Innocencio XIII passado em 1723 á instancia do soberano rei D. João V como tão zeloso do bem espiritual das religiões, e com especialidade desta, noméando logo o pontifice para reformador, e visitador com preceito formal de obediencia ao reverendissimo padre fr. Gaspar da Encarnação, missionario Apostolico do seminario de Varatojo, varão illustre por sangue, virtudes, e desengano do mundo, que deixou, e todas as honras, e dignidades, que já tinha, e as que podia esperar.

Continua esta reforma ha trinta e nove annos com grande exemplo, e observancia, e tem abraçado o seu instituto varios Senhores da primeira Nobreza do reino attrahidos das virtudes, que alli veem praticar, por cujos progressos louvou, e confirmou o Santissimo Papa Benedicto XIV em sua constituição, e motu proprio de 1742 tudo o que o reverendissimo roformador tinha obrado; pois nas grandes expressões, e elogios, com que honrou esta reforma, deu a mais irrefragavel prova da grande utilidade d'ella, e grande serviço, que fazem a Deus estes religiosos.

Os conventos de conegos regrantes foram muitos n'este reino; porém no tempo dos commendatarios se extinguiram a maior parte d'elles, passando alguns a commendas, e igrejas seculares, outros se uniram

a conventos de diversas religiões. Os, que se uniram ao de Santa Cruz, foram dezesete, a que accresceram tres, que se fundaram depois, e por todos fazem vinte, dos quaes só quatorze são habitados, e os seis estão unidos a outros, como se vê no Mappa seguinte.

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, Situações, Fundações

Salvador de Moreira, Concelho da Maya 862. Salvador de Grijó, Comarca da Feira 922. Santa Maria de Villa-boa, Conc. de Bemviver 992. S. Martinho de Caramos, Conc. de Felgueir 1068. S. Simão da Junqueira, Termo de Barcellos 1072. S. Jorge, Junto á Coimbra 1084. Santa Maria de Landim, Termo de Barcellos 1096. Santa Maria de Refoyos, Ponte de Lima 1120. Salvador de Paderne, Arcebisp. de Braga 1130. Santa Cruz, Coimbra 1131. S. Vicente de Fóra, Lisboa 1147. S. Agostinho da Serra, Villa nova do Porto 1538. Collegio de S. Agostinho, Coimbra 1593. S. Theotonio, Vianna 1631.

Conventos que a estes estão unidos

Santa Maria de Oliveira, unido a S. Vicente 1033. S. Miguel de Villarinho, ao de Landim 1070. S. Pedro de Folques, ao Coll. de Coimb. 1086. Santa Maria de Muhya, a Santa Cruz 1103. Santo Estevão de Villela, a S. Agost. da Serra 1118. S. Martinho de Crasto, a Santa Cruz 1136.

MOSTEIRO DE RELIGIOSAS

S. Felix, Chelas 1192.

§ XVI

Conegos seculares de S. João Evangelista

Os primeiros alicerces, que esta santa congregação lançou n'este reino, foram em casa do prior de Santa Maria dos Olivaes, uma legua de Lisboa, onde no anno de 1421 o veneravel mestre João Vicente, natural de Lisboa, medico d'el-rei D. João I, Fisico mór do reino, e que depois foi bispo de Lamego, e de Viseu, se ajuntou elle, e mais cinco sacerdotes de boa, e exemplar vida, com o projecto de reformar o clero relaxado. D'aqui passaram ao Porto no anno de 1423 com o mesmo intento, e os favoreceo muito o bispo D. Vasco, recolhendo-os na igreja de Santa Maria da Campanhã, uma legua fóra da cidade.

Depois o arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra, reduzindo o mosteiro de Villar de Frades, que tinha sido de monges Benedictinos, a

igreja paroquial, collou n'ella ao veneravel mestre em 25 de Fevereiro de 1425. Aqui se congregaram os outros companheiros, e começaram a exercer taes actos de virtude, que adquiriram o nome de *Bons homens de Villar.*

No anno de 1430 o veneravel fundador passou a Roma, e em 15 de Janeiro do anno seguinte obteve do Papa Martinho V um Breve, que confirmava a nova congregação. N'este meio tempo chegou de Veneza D. Affonso Nogueira, um dos primeiros companheiros do veneravel mestre, o qual por sua devoção tinha ido visitar a Casa de S. Jorge de Alga, fundada pelo insigne veneziano D. Antonio Corrario, que instituiu n'ella a regularidade dos conegos reformados no anno de 1408. (1)

Com a communicação, que o devoto portuguez (o qual depois foi Bispo de Coimbra, e Arcebispo de Lisboa) teve com aquelles conegos, alcançou d'elles a regra, e formalidade do habito, das quaes cousas agradados os padres de Villar, escreveram a Roma ao veneravel fundador, para que confirmasse a nova Ordem á imitação da de S. Jorge de Alga. É Alga uma pequena ilha do mar Adriatico, a qual dista duas milhas da cidade de Veneza.

Facilmente conseguiu este negocio do Papa Eugenio IV, mui affecto ao veneravel mestre, porque em 18 de Maio de 1431 se passou o Breve para a nova congregação se estabelecer em Villar de Frades com os mesmos privilegios, e graças concedidas aos Conegos de S. Jorge de Alga, e com o mesmo habito azul, de que hoje usam os nossos, porque até então se vestiam de pardo. (2)

Foi esta Casa de Villar até o anno de 1461 cabeça da congregação, sendo o seu reitor capitão mór, senhor donatario, e ouvidor do couto de Manhente, onde faz audiencia, e preside ás eleições dos juizes no primeiro de janeiro. Depois a instancias da rainha D. Isabel, mulher d'el-rei D. Affonso V se mudou o nome, que tinham de conegos de Sa Salvador de Villar, para o de Conegos de S. João Evangelista, e a Cas. de S. Bento de Xabregas junto a Lisboa começou a ser cabeça de congregação, e o seu reitor geral d'ella, que tudo confirmou o Papa Pio II no anno de 1471, aggregando-lhe de novo, além das graças, que já tinha, as presentes, e futuras da Ordem de S. Jeronymo de Hespanha.

Viveram sempre os filhos d'esta sagrada congregação com tão bom exemplo, que o Papa S. Pio V lhes mandou pedir por Breve de 28 de Março de 1568 sujeitos para reformarem a congregação de Veneza, (3) como de facto foram cinco, de que resultou professar a congregação de Italia os tres votos essenciaes, como as mais religiões, não se entenden-

(1) Tambur. de jur. Abbat. tom 2. disp. 34. q. 4. num. 32. (2) A'cerca deste habito azul veja-se o que diz Cardoso no Agiolog. Lusitan tom. 3. pag. 160. (3) Veja se o Padre Joseph da Natividade de Seixas do seu erudito Opusculo TheologicoJuridico de «Saecularitate Canonicorum etc. explanat. 2. n. 15. Cardos. no Agiolog. Lusit. tom. 3. pag. 701. e 220. fr. Franc. de Santa Maria no Ceu aberto na terra tom. 1.

do isto com a nossa de Portugal, que ainda hoje são conegos seculares, que vivem em commum, sem mais regra, que os estatutos feitos pelo seu santo fundador o veneravel mestre João. Consta esta congregação dos conventos seguintes:

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, situações, e fundações

Salvador de Villar, duas leguas de Braga 566. 2.ª Fundação, Ibid. 1070. 3.ª Fundação, Ibid 1425. Santa Cruz de Val de Rei, Lamego 1596. Santo Eloy, Lisboa 1284. S. Bento, Xabregas 1455. 2.ª Fundação Ibid. 1600 S. João Evangelista, Evora 1485. N. S. da Consolação, Porto 1491. N. S. da Assumpção, Arrayolos 1527. Coll. de S. João Evangel, Coimbra 1631. O Espirito Santo, Feira 1560.

§ XVII

Congregação de clerigos agonizantes

Introduziu em Portugal este instituto o virtuoso padre Manoel de Jesus Maria, que antes de sacerdote se chamava Manoel de Beça Leal, natural da freguezia de S. João de Nespereira, comarca de Penafiel, bispado do Porto, o qual desenganado das vaidades, e promessas do mundo nos poucos annos, que o havia experimentado, por inspiração celeste determinou retirar-se ao deserto; e não contando mais que vinte e quatro annos de idade, no de 1677 foi buscar no Alemtejo o solitario sitio da Tomina, distante da villa de Moura cinco leguas, em um valle cercado de asperas montanhas, que dividem Portugal de Castella. Alli começou uma vida contemplativa, e santa, corroborando sua primeira vocação com varias mortificações, e penitencias continuamente. Aggregaram-se-lhe alguns companheiros, os quaes lhe persuadiram que se ordenasse de sacerdote, como com effeito o ordenou o bispo de Targa D. fr. Bernardino de Santo Antonio no anno de 1683.

Para mais decente commodidade dos seus santos, e espirituaes exercicios, erigiu um conventinho com sua ermida; porem, como o commum inimigo desejava demolir, e extinguir aquella nova atalaya da virtude, urdiu tal enredo, que el-rei D. Pedro II mandou ao desembargador do Porto Francisco Barroso de Faria fosse arrazar aquella obra, por ser erecta sem sua permissão. Foi o prudente ministro; mas vendo, e observando n'aquelles varões penitentes um proceder virtuoso, e edificativo, suspendeu a execução, e deu parte ao tribunal competente do quanto serviam ao bem das almas dos rusticos habitadores d'aquellas visinhanças aquelles anacoretas.

D'aqui resultou começar el-rei mais bem informado a proteger com affecto ao virtuoso padre, e sua nova congregação, fazendo-lhe a mercê de o admittir á sua presença algumas vezes, de que sempre ficava edificado da sua virtude, que até no semblante reverberava. Tinha elle formado seus estatutos, e para haver de os confirmar pela Sé Apostolica, passou a Roma no anno de 1704, sendo-lhe preciso repetir esta jornada tres vezes sempre a pé, lutando, e soffrendo com singular paciencia innumeraveis trabalhos, e contra tempos, até que a santidade de Clemente XI em 23 de Dezembro de 1709 lh'os confirmou com os tres votos simplices, sendo o seu especial instituto assistir aos enfermos de morte até espirarem. em cujo exercicio foi o fervorosissimo instituidor exacto, e exemplar observante, excitando-o o bem das almas a sahir muitas vezes de dia, e de noite a agonizar os moribundos em tão remotas distancias, que bem mostrava ser o seu zelo solido, radicado em verdadeira caridade.

Achando-se finalmente em Lisboa, e em casa do doutor Manoel Guerreiro Camacho com uma doença de predestinado, soltou o espirito da prizão corporea, e voou ao premio eterno de seus trabalhos em 28 de Novembro de 1720, com sessenta e sete annos de idade, depois de receber os ecclesiasticos Sacramentos com grandes preparações. O ceo depositou em sua alma um copioso thesouro de virtudes, porque o animo era lizo, e sincero; o coração candido, e humilde; a vida austera, e penitente; abominador de embustes, perseverante na oração, mortificado nas paixões do animo: assim se experimentou na constancia imperturbavel, com que soffreu algumas penosas injurias, que os seus mesmos (dispondo-o a Providencia) inventaram para o perseguir. Jaz na igreja do convento de N. Senhora da Graça de Lisboa, depositado em um caixão no carneiro, que está na entrada da capella do Rosario da parte direita.

A communidade lhe fez um officio solemnissimo com todas aquellas honras, que se costumam fazer aos religiosos mais graves da mesma provincia. Muitas pessoas, que tinham conhecimento das suas virtudes, concorreram a pedir reliquias, mas só se concedeu o seu barrete ao reverendo desembargador Francisco Barroso de Faria, seu especial devoto. Consta o que temos dito não só da attestação, e assento do livro dos obitos, que está na sacristia do mesmo convento a fol. 21 vers. mas tambem da informação, que nos communicou o zeloso, e reverendo padre Paulo de S. Joseph, benemerito professor d'esta pia congregação, a qual consta das seguintes

CASAS

Invocações, situações, e fundações

N. S. das Necessidades, Tomina 1709. N. Senhora do Alcance, Mou-

rão 1718. N. Senhora de Sacaparte, Alfayates, 1726. S. Pedro, Arronches 1729.

§ XVIII

Congregação das Covas de Monfurado

Na freguezia de Santiago do Escoiral, termo de Monte-mór o Novo, uma legua distante da villa para o sul, está um sitio, a que chamam as Covas de Monfurado pelas grandes concavidades, que alli abriu a natureza. N'estas asperas brenhas, e bem no meio de uma serra foram no anno de 1716 habitar dois eremitas, cujo exemplo, arrependido das verduras da sua mocidade, imitou no anno de 1713 o irmão Balthasar da Encarnação, a quem acompanhou tambem o irmão Francisco da Cruz. Vestidos pois de um desprezivel burel, começaram a viver asperrimamente, mortificando-se com tão exquisitas penitencias, que eram venerados pelos habitadores d'aquelles contornos.

Succedeu a morte do irmão Francisco da Cruz, que, dando sinaes de predestinado, fez augmentar a fama dos outros companheiros; e como a virtude onde existe, logo exhala suave fragrancia de admiravel attractivo, foram concorrendo varios sujeitos, que em breve tempo fizeram sua ermidinha, e a dedicaram a Nossa Senhora do Castello, mandando o illustrissimo ordinario de Evora benzel-a a 11 de Fevereiro de 1725, para se celebrarem n'ella os officios divinos, os quaes se começaram a fazer com tanta perfeição pelas pessoas capazes, que se tinham aggregado, que muita gente concorria de muito longe a dar graças a Deus, por verem convertido aquelle covil de feras em morada de anjos.

Chegou á corte a noticia do exemplar procedimento d'estes virtuosos solitarios, e a impulsos de excessiva, e piedosa benevolencia, os tomou debaixo da sua protecção o serenissimo senhor infante D. Antonio, e a seu exemplo toda a nobreza os favoreceu muito. Ordenado o irmão Balthasar de sacerdote no anno de 1732, e constituido director da congregação, instavam fortemente os monges por estatutos fixos: fabricou-os o padre Balthasar inspirado pela fortaleza do seu espirito, e aspereza da sua vida penitente, totalmente fóra do caminho ordinario, e das forças humanas, e assim foi preciso á incomparavel piedade do serenissimo senhor infante mandar consultar os melhores homens de virtude, prudencia, e letras, os quaes entendendo bem que o nimio rigor costuma affrouxar com o tempo, formaram uns estatutos muito do agrado de sua alteza, e dos mesmos monges, que o Ordinario approvou a 4 de Junho de 1738.

No anno seguinte a 18 de Janeiro deram sujeição ao illustrissimo Cabido de Evora, por estar então *Sede vacante*, e professaram todos nas mãos do conego Simão Joseph Silveiro Lobo, deputado do Santo Officio, e n'esta observancia vivem com grande edificação. O seu habito

consta de tunica interior parda, habito exterior preto de panno grosso, capello, escapulario, manto curto com uma palma debuxada no hombro esquerdo, e no meio do escapulario, como em memoria do deserto de S. Paulo primeiro eremita, e seu protector.

CASAS

N. Senhora do Castello	Monfurado	1725
2.ª Fundação	Ibidem	1743

§ XIX

Congregação do Senhor Jesus da Boa Morte, e Caridade.

Supposto que esta piedosa congregação principiou a estabelecer-se em Lisboa com os monges das Covas de Monte-mór, que em companhia do padre Balthasar vieram dar principio á Irmandade da Caridade no anno de 1736, reconhece todavia por seu principal motor ao irmão Antonio dos Santos, natural de Camarate, e official de canteiro, mas de espiritos tão pios, e catholicos, que edificando por suas mãos uma ermida, em que collocou a devota Imagem do Senhor Jesus da Boa Morte, que elle mesmo tinha erecto no sitio de Buenos Ayres no anno de 1728, offereceu ao dito padre Balthasar, e mais irmãos a tal ermida para seu hospicio.

Aceitaram os padres a offérta, e começaram a fazer cubiculos para sua habitação, deitando logo o habito ao devoto Antonio dos Santos, e continuando a trabalhar nas mesmas obras com singular zelo, de fórma que concorrendo muitos individuos, está hoje em grande augmento, exercitando a principal clausula do seu Instituto, que é pedir em communidade, cantando o Terço pelas ruas, pará os pobres prezos, e mais necessidades particulares. O eminentissimo Cardeal Patriarcha lhe approvou no anno de 1743 os seus Estatutos, que são differentes dos dos padres das Covas, ainda que o habito é o mesmo, excepto no capello, porque o não tem, e as capas são mais compridas: trazem barbas, como os das Covas, e tem como elles confessionario publico com porta para a estrada. Consta presentemente de uma só

CASA

O S. Jesus da Boa Morte, Lisboa 1736.

§ XX

Congregação de Marianos Conceicionistas

O veneravel padre fr. Estanisláo de Jesus Maria, natural de Polonia, deu principio a esta Ordem no ermo Corabiense pelos annos de 1679, em uma congregação de Terceiros Franciscanos, que a serenissima republica poloneza tomou debaixo da sua protecção. A santidade do Papa Innocencio XI pela Bulla *Exponi nobis etc.* de 6 de Setembro de 1686 lhe approvou a regra.

Consiste ella na observancia das dez virtudes evangelicas, ou beneplacitos da Immaculada Virgem Senhora nossa, reveladas á christianissima rainha Santa Joanna Valesia, (1) e em dilatar o culto ao santissimo Mysterio da Conceição da Senhora, encommendando juntamente a Deus com suffragios as almas do Purgatorio. Os Summos Pontifices Innocencio XII no anno de 1699, e Innocencio XIII no de 1723 approvaram a sobredita regra com grandes indultos. cujo veneravel instituidor concluindo seus dias no anno de 1701 cheio de virtudes, e merecimentos foi gozar o glorioso premio da Bemaventurança, como piamente se crê.

N'este reino a introduziu o padre fr. Casimiro de S. Joseph, polonez, varão de exemplar virtude, o qual tendo sido já duas vezes expreposito geral da mesma Ordem em Polonia, passou a Portugal pelos annos de 1752, com o santo intuito de promover os cultos de Maria Santissima em o Mysterio da sua Purissima Conceição. Soube elle, que na provincia de Tras os Montes, meia legua distante da villa de Chacim, havia a ermida de Nossa Senhora de Balsemão, onde viviam congregados alguns eremitas com admiravel edificação dos fieis, aos quaes se aggregou.

Tinha alli estabelecido para aquelle modo de vida penitente, e contemplativa o irmão Antonio de S. Joseph, natural do Oiteiro, um hospicio com seus dormitorios pelos annos de 1732, onde com o attractivo da milagrosa Imagem da Senhora de Balsemão concorria muita gente. Persuadidos então os ditos eremitas das grandes virtudes, que viam observar em o novo hospede religioso, abraçaram pelos annos de 1754, com licença do Bispo de Miranda, que então era D. fr. João da Cruz Salgado, o seu instituto, e habito, o qual é de côr de cinza nos vestidos interiores, branco nos exteriores, e negro nos barretes, e chapeos. O escapulario da Immaculada Conceição, que trazem por dentro, é azul claro celeste, com a Imagem da Senhora, e as fitas, ou ligaduras do escapulario são encarnadas. Cingem-se com o cordão de S. Francisco, e n'elle pendente da parte esquerda a coroa das dez virtudes da Virgem, que consta de dez contas negras.

Desta fórma continuando o exemplar fr. Casimiro com a observan-

(1) Torres. Chron. Seraf. part. 6. liv. 4. cap. 15.

cia da sua regra na união dos mais congregados em grande utilidade espiritual, faleceu no anno de 1755 com evidentes demonstrações de predestinado. Presentemente existem quatorze religiosos, e consta de uma só.

CASA

N. S. de Balsemão. Chacim. 1732

§ XXI

Congregação da Missão

Foi instituida esta congregação nos reinos de França no anno de 1625 por S. Vicente de Paulo, e canonicamente approvada no anno de 1632 por Urbano VIII pela Bulla *Salvatoris nostri* de 12 de Janeiro, e confirmada por Alexandre VII no anno de 1655 com especial regra, e constituições, que comprehende quarto voto de permanencia na Congregação, só dispensavel pelo Pontifice, ou pelo Superior Geral da Congregação. O fim é exhortar aos fieis, prégando-lhes a palavra divina, instruil-os na Doutrina Christã nos povos, para onde forem chamados, ou onde os destinar o ordinario, a quem reconhece respectivamente cada casa, quanto ás funções destinadas ao proximo, por ser esta congregação do corpo Clerical, e não do numero das Ordens religiosas.

Tem tambem por obrigação coadjuvar aos sacerdotes, para que se instruão n'aquellas sciencias, que seu estado requer, e admittir por dez dias em suas casas aos que estão proximos a se ordenar *in Sacris*, applicando-os á Oração mental, sagrada escritura, e theologia Moral, com outros exercicios pertencentes ao sacerdocio, ceremonias da missa, e ritos ecclesiasticos. Da mesma sorte recebem por oito dias a qualquer clerigo, ou secular, que querendo regular sua vida, se sujeitar ás suas instrucções, e documentos.

Em Portugal a introduziu o padre Joseph Gomes da Costa, natural do Arcebispado de Braga, o qual tendo entrado na Congregação da missão em Roma, impetrou da santidade do papa Clemente XI um breve em 13 de março de 1716 para poder fundar a congregação n'este reino, especialmente no bispado da Guarda. Chegou a Portugal, e achando melhor commodidade de fazer sua primeira fundação em Lisboa, alcançou licença d'el-rei, passada em Alvará de 14 de janeiro de 1717, e declaração do eminentissimo cardeal patriarca ao breve pontificio, de lhe não prejudicar á concessão a variação do lugar por decreto de 7 de abril de 1717.

Desembaraçados, e dispostos estes principios, vieram logo de Italia para esta fundação quatro sacerdotes com dous irmãos leigos da mesma congregação, e se estabelecerão no sitio, e quinta de Rellafoles,

onde começaram a exercer as funções do seu instituto; porém, como depois quizesse sua magestade, que a nova casa da Congregação estivesse em tudo subordinada ao Eminentissimo cardeal patriarca de Lisboa, não quizeram os ditos padres condescender com esta absoluta determinação d'el-rei.

Faleceu o padre Joseph Gomes em 2 de novembro de 1725, e vendo os mais padres impossibilitado o seu estabelecimento, voltaram em diversos tempos para Italia, excepto o padre Joseph Joffreu, Catalão, e o irmão leigo João Bautista Marquisio, Italiano, os quaes ajudados de alguns padres Portuguezes, foram todavia continuando com os exercicios espirituaes de ordenandos. E sem embargo de que el-rei impetrou breve pontificio, para que podessem livre, e licitamente passar a esta casa da congregação da missão sujeita ao Senhor Patriarca quaesquer individuos da congregação da missão sujeita ao seu padre geral, ninguem quiz entrar n'ella.

Estava já como frustrada, e desfeita esta fundação, quando no anno de 1738, em que sua magestade quiz celebrar com extraordinaria grandeza a festa, e oitavario da canonização de S. Vicente de Paulo, no ultimo dia 26 de julho concedeu o dito senhor ao padre Joffreu licença para se fundar esta congregação sujeita ao superior geral d'ella, residente em Paris. Ficou logo por superior o padre Joseph Joffreu, e vieram em diversos tempos sujeitos da mesma congregação de França, Italia, e Catalunha, e se começaram a admittir noviços, e continuar as funções, e exercicios do dito instituto com admiravel edificação, e utilidade de todos; e para maior estabelecimento, el-rei D. João V com a sua costumada generosidade dotou esta casa de abundantes rendas. Em 19 de janeiro de 1743 faleceu o padre Joffreu, e foi nomeado para superior o padre Salvador Barreira: presentemente governa o padre Manuel Carvalho.

SEMINARIO

S. João, e S. Paulo.	Lisboa.	1717

§ XXII

Congregação de Oliveira

Existe esta congregação de terceiros sacerdotes no destricto da freguezia de Santa Eulalia de Oliveira, meia legua distante da cidade do Porto, a qual fundou o reverendo padre Antonio Leite de Albuquerque, conego do Algarve, no anno de 1679, dando-lhe estatutos, que fez com o veneravel padre fr. Antonio das Chagas. El-rei D. Pedro II protegeu esta congregação, consignando-lhe cincoenta mil réis de renda na alfandega da dita cidade annualmente. Innocencio XII no anno de 1700 os

isentou da jurisdição ordinaria, e ficaram subordinados immediatamente ao geral de toda a serafica religião. O seu habito é formado de uma oppa preta com murça parda, e cordão franciscano. Tem por instituto acudir á necessidade dos clerigos pobres, cegos, e entrevados do bispado do Porto, a quem soccorrem com toda a caridade, e para cujo adjutorio são applicadas todas as suas rendas patrimoniaes. Rezão em coro, e fazem outros exercicios espirituaes com geral edificação.

RECOLHIMENTO

N. S. da Conceição.	Meia leg. do Porto.	1676
Hospicio.	Porto.	...

§ XXIII

Congregação do oratorio de S. Filippe Neri

Deu principio a esta admiravel congregação em Roma na igreja de Santa Maria de Vallicella pelos annos de 1550 o extatico Florentino S. Filippe Neri, e foi approvada por Gregorio XIII em a Bulla de 13 de Julho de 1575, (1) e confirmada por Paulo V em 24 de Fevereiro de 1612. Consta de sacerdotes seculares, sem outra especial obrigação, que a de obediencia ao seu prelado, a que chamam Preposito, e cada casa se governa independente, e sem subordinação respectiva, por serem familias separadas. (2)

Em Portugal a introduziu o veneravel padre Bartholomeu do Quental, filho da ilha de S. Miguel, varão de sublime espirito, e desengano do mundo; de rara persuasão no pulpito, e direcção no confessionario, por cujos predicados, sendo capellão da capella real d'el-rei D. João IV foi eleito confessor da casa real, e seu prégador, (3) e subiria a outras dignidades promettidas, se a sua humildade não as repudiasse. Desprezando todas as bem merecidas estimações, que el-rei, e a nobreza faziam da sua pessoa, porque o ardor do seu zelo se encaminhava só ao bem das almas. Para mais livremente se empregar n'este santo exercicio, foi elle com o veneravel padre Francisco Gomes occupar o pequeno collegio, que nas Fangas da farinha tinham deixado os religiosos Dominicos irlandezas, quando se passaram para o Corpo Santo, e a 16 de Julho de 1668 deram principio ao seu instituto, lançando-se a roupeta um ao outro.

Aqui estiveram até o anno de 1674, no qual tendo crescido o numero dos congregados, em 14 de Agosto se mudaralm para a igreja do

(1) Apud. Tambur. de jur. Abbat. tom. 2. disp. 24. quaest. 6. num. 2. Miraeus de Congregat Cleric. in communi viv. cap. 10. pag. 85. e cap. 11. (2) Barbos. Decis. Apost. Collect. 542. (3) Franc. Affonso de Chaves na Descripç. da ilha de S. Miguel pag. 353.

Espirito Santo, como diz o author do Santuario Mariano, sem embargo que a Geografia historica diga, que no anno de 1671 tomaram posse. Clemente X a 6 de Maio de 1671 approvou os estatutos d'esta congregação, e a 24 de Agosto de 1672 confirmou especificamente os estatutos particulares do veneravel padre Bartholomeu do Quental, desde o qual tempo tem feito tão admiraveis progressos, e tem produzido tão esclarecidos sujeitos, que nas seis casas, que hoje possue no reino esta resplandecente, e sagrada palestra do espirito, tem levantado ao zenith da maior exaltação as letras, e as virtudes, podendo ter juntamente a gloria de ver com brevidade venerado nos altares (como efficazmente se espera, e solicita) tão virtuoso fundador, que falecendo a 20 de Dezembro de 1698 em idade de setenta e dous annos com a opinião competente aos seus merecimentos, foi seu corpo achado inteiro, e incorrupto a 26 de Abril de 1727, sendo examinado com uma junta de medicos na presença do arcebispo de Lacedemonia D. João Cardoso Castello, provisor do patriarcado.

Oratorios

Invocações, Situações e Fundações

O Espirito Santo, Lisboa 1270. 2.ª Reedificação, Ibid. 1668. N. Senhora do Villar, Freix. de espadacinta 1673. Santo Antonio, Porto 1680. N, S. da Assumpção, Vizeu 1688. N. S. da Assumpção, Braga 1689. N. S. da Conceição, Estremoz 1697. N. S. das Necessidades, Alcantara 1745.

§ XXIV

Dominicanos

Na jerarquia das religiões Mendicantes tem esta preclarissima Ordem o primeiro lugar, como declarou a santidade de S. Pio V na Bulla de 27 de Agosto de 1566, (1) e é chamada Religião dos Prégadores, por assim o profetizar o veneravel abbade Joaquim, quando disse: *Consurget in Ecclesia Dei novus Ordo docentium,* (2) verificando-se mais com a revelação, que o fundador S. Domingos teve, quando os bemaventurados Apostolos S. Pedro, e S. Paulo lhe disseram: *Vade et prædica, nam ad hujusmodi munus obeundum á Deo electus es.*

N'este reino entrou pelos annos de 1217, e a estabeleceu o veneravel D. fr. Sueiro Gomes portuguez, a quem o glorioso S. Domingos havia encarregado, e mais a tres companheiros a missão Evangelica de Hespanha. Depois que este famoso prégador semeou o grão da palavra divina por Catalunha, Barcelona, Çaragoça, e outras terras de Castella,

(1) Tambur. ubi supr. qaest. 4. num. 56 Barbosa, Decis. Apostol· Collect. 372. (2) Yanes, Espana en la S. Biblia tom. 1. pag. 261.

alargando mais sua jornada, passou a Portugal a tempo, que o achou interdicto por causa das grandes dissensões entre el-rei D. Affonso II, e as santas infantas D. Theresa, Sancha, e Branca suas irmãs.

Achava-se sómente desassombrada de excommunhões a villa de Alemquer, e foi esta a primeira povoação do reino, que teve a dita de ouvir explicar a doutrina Evangelica da boca d'este novo missionario. Divulgou-se a fama da sua virtude, e da efficacia de sua persuasão, da qual agradada a santa infanta D. Sancha, fez com que aquelle varão Apostolico fundasse alli convento da sua Ordem, o qual logo se poz em execução. D'aqui emanaram as outras sagradas fabricas da virtude, que se foram espalhando pelo reino, as quaes se governaram subordinadas á provincia de Castella até o anno de 1392, em que se desmembraram, e fizeram provincia á parte, e consta dos seguintes:

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, Situações e Fundações

N. Senhora das Nevas, Montejunto 1218. N. S. da Oliveira, Santarem, 1225. S. Domingos, Coimbra, 1227. 2.ª Reedificação, Ibid. 1547. N. S. dos Fieis de Deos, Porto, 1239. S. Domingos, Lisboa, 1242. N. S. dos Martyres, Elvas, 1267. N. S. das Neves, Guimarães, 1271. S. Domingos, Evora, 1286. N. Senhora da Victoria, Batalha, 1388. S. Domingos, Bemfica, 1399. N. S. da Misericordia, Aveiro, 1423. N. Senhora da Piedade, Azeitão, 1435. S. Domingos, Villa-Real, 1524. N. S. da Consolação, Abrantes, 1509. N. Senhora da Luz, Pedrogão grande, 1476. N. Senhora da Serra, Almeirim, 1500. S. Gonçalo, Amarante, 1543. N. S. da Esperança, Alcaçovas, 1544. Santo Antonio, Montm. o Novo, 1564. Santa Cruz, Vianna, 1559. S. Sebastião, Setubal, 1562. S. Paulo, Almada, 1561. Santa Joanna, Lisboa, 1699. S. Martinho, Mancelos, 1551. Santo André, Ansede, 1559. S. Thomaz collegio, Coimbra, 1566. S. Domingos, Lisboa, 1659.

MOSTEIROS DE RELIGIOSAS

S. Domingos das Donas, Santarem, 1246. 2.ª Fundação, Ibid. 1280. Corpus Christi, Vil. nov. do Porto, 1345. Salvador, Lisboa, 1392. Jesus, Aveiro, 1461. Santa Anna, Leiria, 1498. N. Senhora da Saudação, Montem. o novo, 1506. Annunciada, Lisboa, 1539. N. Senhora do Paraiso, Evora, 1516. N. Senhora da Rosa, Lisboa, 1519. S. João Baptista, Setubal, 1529. N. S. da Consolação, Elvas, 1528. N. Senhora da Graça, Abrantes, 1541. Santa Catharina de Sena, Evora, 1547. N. S. da Assumpção, Moura, 1562. O Santissimo Sacramento, Lisboa, 1612. N. Senhora da Oliva, tres leguas de Vizeu, 1640. N. Senhora do Bom Successo, Junto a Lisboa, 1639. Santa Rosa, Guimarães, 1680.

§ XXV

Franciscanos

Os primeiros religiosos da esclarecida Ordem dos Menores, que pozeram os pés no reino de Portugal, foi o mesmo serafim dos patriarcas S. Francisco de Assis com seus companheiros fr. Bernardo, e fr. Maffeu no anno de 1214, aos quaes trouxe a Hespanha o ardente desejo de padecer martyrio em Marrocos; mas não podendo seguir sua derrota por causa de enfermidade, que lhe sobreveio, passou o Santo a Galiza a visitar o bemaventurado corpo de Santiago. (1)

De caminho entrou n'este reino pela provincia de Traz-os-Montes, e demorando-se algum tempo em Bragança, alli querem alguns que fundasse a primeira colonia serafica. (2) Depois passou a Guimarães, e logo a Coimbra, onde, segundo nossas chronicas, visitou a rainha D. Urraca, mulher d'el-rei D. Affonso II, á qual com espirito profetico prometteu a permanencia do portuguez imperio.

Voltando a Italia, no primeiro capitulo geral, que se celebrou em Assis no anno de 1217, com parecer dos religiosos n'elle congregados, mandou a diversas partes da christandade alguns, cabendo a Portugal dois, que foram os Santos fr. Zacharias, e fr. Gualter, ambos italianos, e sujeitos de grande virtude, dos quaes tendo noticia a mui Catholica, e Santa infanta D. Sancha, que vivia na sua villa de Alemquer, os mandou logo chamar, dando-lhes um quarto do seu palacio para sua habitação, e alli fundou fr. Zacharias o segundo convento da Ordem n'este reino, e S. Gualter o terceiro em Guimarães, para onde foi chamado, e persuadido d'aquelle devoto povo. (3)

No decantado capitulo das Esteiras, que se celebrou no anno de 1219 em Assis, e em que se acharam cinco mil capitulares, ficou a custodia de Portugal sujeita á obediencia da provincia de Castella, e assim permaneceu até o anno de 1233, em que a provincia de Hespanha se dividiu em tres, chamadas de Castella, Aragão, e Santiago, e a esta ultima ficou unida a de Portugal, e com a mesma sujeição; porém no anno de 1378 lha negou, levantando-se em corpo de provincia separada por dois motivos; o primeiro pelas travadas guerras, que por este tempo se principiaram entre Portugal, e Castella: o segundo pelo lamentavel scisma, que então houve, seguindo a provincia de Portugal ao verdadeiro pontifice Urbano V, e os de Castella ao antipapa Clemente VII.

Assim permaneceram alguns annos, até que eleito Martinho V, e acabado o scisma, se uniu toda a igreja catholica á sua obediencia, e

(1) Gonzag. apud Cunha, Cathalog. dos Bisp. do Port. part. 1. cap. 14. (2) O Padre Fr. Manoel de Monforte na Chron. da Provinc. da Piedade liv. 3. cap. 16. diz, que o primeiro Convento, que S. Francisco fundara em Portugal, fora o de Coimbra, e nega que fosse este de Bragança. (3) Esper. Histor. Serafic. liv. 2. Wading. tom. I. ad ann. 1217.

querendo os castelhanos unir tambem á sua provincia serafica a d'este reino, como a separação havia sido tão justificada, determinou o pontifice, que ficassem separadas, tomando, e conservando a religião n'este reino o titulo de provincia de Portugal, fecunda prole em tão numerosos conventos, d'onde tem sahido todas as mais provincias de reforma, e recoleição Franciscana em grande credito d'esta chamada de Portugal, que presentemente consta dos seguintes:

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, situações, e fundações

S. Francisco, Lisboa, 1217. 2.ª Ampliação, ibid. 1246. 3.ª Reedificação, Ibid. 1528. 4.ª Reedificação, Ibid. 1709. 5.ª Reedificação, Ibid. 1742. S. Francisco, Porto, 1233. 2.ª Fundação, Ibid. 1344. S. Francisco, Santarem, 1242. S. Francisco, Alemquer, 1216. 2.ª Fundação, Ibid. 1222. S. Francisco, Coimbra, 1217. 2.ª Fundação, Ibid. 1247. 3.ª Fundação, Ibid. 1602. S. Boaventura collegio, Ibid. 1665. S. Francisco, Guimarães 1216. 2.ª Fundação, Ibid. 1274. 3.ª Fundação, Ibid. 1322. S. Francisco, Leiria, 1234. S. Francisco, Guarda, 1236. S Frannisco Covilhã, 1235. S. Francisco, Bragança, 1214. N. S. das Virtudes, Azambuja, 1419. Santa Christina, Tentugal, 1437. Espirito Santo, Cartacho, 1525. S. Antonio de Ferreirim, Tarouca, 1525. Espirito Santo, Gouvea . . . Santo Onofre, Golegã, 1519. Santo Antonio, Trancoso, 1569. N. S. da Conceição, Motosinhos, 1478. Santa Sita, Aceiceira . . . Santo Antonio, Figueira, 1527. N. S. da Incarnação, Villa do Conde, 1522. S. Paio do Monte, Vil. nov. da Cerveira, 1392. S. Francisco, Thomar, 1625. O Bom Jesus, Valhelhas, 1548. Santa Catharina, Alemquer, 1623. N. S. da Porta do Ceo, Tilheiras . . . S. Luiz, Montem, o Velho, 1645. S. Francisco, Mezão frio, 1734. Santo Christo da Barca. Almeida 1734.

MOSTEIROS DE RELIGIOSAS

Santa Clara, Lisboa, 1292. Santa Clara, Santarem, 1259, Santa Clara, Porto, 1256. 2.ª Fundação, Ibid. 1416. Santa Clara, Coimbra, 1286. 2.ª Fundação, Ibid. 1314. 3. Fundação, Ibid. 1649. Santa Clara, Villa do Conde, 1317. Santa Clara, Amarante . . . Santa Clara Guarda . . . S. Francisco, Ponte de Lima, 1360. N. Senhora da Cernancelhe, Ibid. 1460. Santa Iria, Thomar, 1467. N. Senhora de Campos, Montem. o Velho, 1495. N. Senhora da Subserra, Castanheira, 1520. N. Senhora da Esperança. Lisboa, 1534. Madre de Deus, Miragaia, 1533. O Espirito Santo, Torres Novas . . . N. Senhora do Sepulchro, Trancoso, 1539. N. Senhora do Couto, Gouveia, 1539. N. Senhora da Piedade, Braga, 1547. Santa Anna, Lisboa 1561. N. Senhora da Esperança, Abrantes, 1548. N. S. da Consolação,

Figueiró, 1549. N. S. da Conceição, Alemquer, 1533. N. S. da Misericordia, Caminha, 1561. Madre de Deus, Vinhó, 1568. N. Senhora dos Poderes, Via Longa, 1561. S. Francisco, S. Vicente da Beira, 1564. Calvario, Lisboa, 1618. Madre de Deus, Guimarães, 1673.

§ XVII

Hospitalarios de S. João de Deus

Deve este caritativo instituto a sua origem ao prodigioso, e singular patriarcha portuguez S. João de Deus, o qual nascendo na villa de Montemór o Novo a 25 de Março de 1495, foi tão applaudido no Ceu, que este poz luminarias, apparecendo sobre as casas, em que nascera, uma resplandecente columna de fogo, e ouvindo-se repicar os sinos da sua paroquia, sem intervir impulso humano, tendo juntamente revelação das excellencias do recem-nascido a santo varão de Valença, eremita da serra d'Ossa. (1)

Aos oito annos da sua idade, deixando a patria, se passou a Castella, onde se empregou em differentes exercicios até á idade de quarenta e dois annos, que completou no de 1537, no qual a 8 de Novembro, dia, em que a igreja celebra a Oitava de Todos os Santos, e o martyrio dos quatro coroados de Roma, o coroaram Maria Santissima, e S. João Evangelista com uma coroa de espinhos; e assim coroado lançou o primeiro alicerce a sua religião, principiando n'esse mesmo dia a fundação do Hospital de Granada, (2) o qual governou até os cincoenta e cinco annos de sua vida, que finalizou em 8 de Março de 1550, cujo ditoso fim annunciaram ao povo todos os sinos de Granada, dobrando por mãos invisiveis, para que de alguma sorte correspondesse a morte com o nascimento. (3)

Passados vinte annos, nove mezes, e vinte e tres dias depois do seu felicissimo transito, approvou S. Pio V esta religião á instancia de seus filhos pela Bulla *Licet ex debito*, expedida no primeiro de Janeiro de 1571, (4) de cuja approvação se devem contar os annos da sua antiguidade, como contra varias opiniões de alguns authores declarou a Sagrada Congregação dos Ritos por decreto do anno de 1742. (5)

Tem gerado esta fecunda, e caritativa Mãe mais de cento e noventa filhos singulares na virtude, cujas vidas se lem na sua chronologia Hospitalaria, entrando n'este numero muitos, que mereceram a coroa do martyrio, e não entrando os muitos, que voluntariamente tem sacrificado as suas vidas na assistencia dos enfermos em occasiões de peste.

(1) Santos, Chronolog. Hospitalar. tom. I. liv. 2. cap. 2. Monarq. Lusit. liv. 8. cap. 32. Corogr. Portug. tom. 2. pag. 459. (2) Barbos. Decis· Apost. Collect. 385. (3) Sant. citad. liv. 3. cap. 31. Fr. Henriq. Chron dos Erem. da Serra de Ossa tom. I, pag. 33. (4) Laert Cherub. in Bullar. tom. 2. Constit. 143. pag. 356. (5) Consta do Compendio dos Privilegios impresso no fim das Constituições da mesma Religião.

Não ha muitos tempos, que vimos arder ainda nos corações de seus filhos o incendio da caridade d'este Santo Patriarca, pois convidando o padre geral de Hespanha por carta circular de 15 de Outubro de 1743 aos religiosos d'aquelle reino para irem assistir aos feridos da peste, que havia nas praças de Ceuta, e Peñon de Vellez de Gomera, se offereceram mais de cem, como nos consta por certidão authentica do secretario geral de 13 de Dezembro do dito anno; e depois da data d'esta se offereceram, e instaram com repetidas supplicas communidades inteiras, não os intimidando as lastimosas noticias, que chegavam dos que hiam morrendo na empreza, em que gloriosamente acabaram dezanove as suas vidas.

Dentro de tão pouco tempo se tem propagado esta religião de sorte, que conta hoje desoito provincias, de que se compõem as duas Congregações de Italia, e Hespanha, com dois geraes independentes um do outro, e divididas por Paulo V no Breve, que principia: *Piorum Virorum*, de 12 de Abril de 1608, por virtude do qual se celebrou em Madrid o primeiro Capitulo geral da Congregação de Hespanha em 20 de Outubro do mesmo anno, e sahiu eleito geral o veneravel padre fr. Pedro Egypciaco, varão de admiraveis virtudes. (1)

No anno de 1606, antes d'esta divisão, vieram dois religiosos de Hespanha a este reino para fundarem o primeiro convento na propria casa, em que nasceu o santo patriarca, que logo compraram com esmolas, e n'elle fundaram um pequeno templo com um hospital, (2) e deste tempo se deve estabelecer a épocha da sua fundação, sem embargo de que depois se fez outro templo maior, em que poz a primeira pedra D. Francisco de Mello, sobrinho do arcebispo de Evora D. Joseph de Mello em 24 de Junho de 1625, ficando debaixo do presbyterio do Altar mór a mesma casa do Santo, que hoje está reduzida a ermida, mas com as mesmas paredes, para a qual se desce por uma formosa escada.

O convento de Lisboa é fundação de D. Antonio Mascarenhas, Deão da Sé, hoje Basilica de Santa Maria, commissario da Bulla, e presidente da Mesa da Consciencia, do qual tomaram posse os religiosos no anno de 1629. Com estes dois conventos, e alguns hospitaes, que os senhores reis d'este reino lhes entregaram, para n'elles lhes curarem os seus soldados, (podendo-se ter propagado muito mais este tão pio instituto, pois o santo além de ser nosso natural, e o unico patriarca, que temos, é a sua religião tão celebre em Hespanha) ainda assim foi erecta em provincia no duodecimo Capitulo geral, que se celebrou em Madrid a 3 de Maio de 1671, e foi o seu primeiro provincial o padre fr. Estevão da Silva, varão de elevado talento, e grande caridade. Tem esta provincia os conventos, e hospitaes seguintes:

(1) Santos no Bullar. part 1. pag. 141. (2) Sant. Chronol. tom. 2. liv. 2 cap. 22.

Conventos

Invocações, Situações e Fundações

S. João de Deus, Montem. o-novo, 1606. 2.ª Fundação, Ibid. 1625. S. João de Deus, Lisboa, 1629.

HOSPITAES

S. João de Deus, Elvas, 1645. S. João de Deus, Campo-maior, 1645. N. Senhora da Gloria, Moura, 1650. S. João de Deus, Estremoz, 1671. N. Senhora da Conceição, Castello de Lisboa, 1673. S. João de Deus, Olivença, 1676. Santo André, Montem. o-novo, 1677. S. João de Deus, Castello de Vide . . . S. João de Deus, Lagos, 1696. S. João de Deus, Salvaterra da Beira . . . S. João de Deus, Penamacor . . . S. João de Deus, Almeida . . . S. João de Deus, Caminha . . . S. João de Deus, Monção . . . S. João de Deus, Bragança . . . S. João de Deus, Chaves . . . S. João de Deus, Miranda . . .

§ XXVII

Jeronymos

A Ordem moderna de S. Francisco se renovou em Portugal no anno de 1355 pelo veneravel padre fr. Vasco Martins da Cunha, de illustre ascendencia, que havia feito vida monastica eremitica na Italia em companhia dos monges do Santo Sepulchro, os quaes vindo da Palestina no seculo decimo, e sendo derivados da religião, que o doutor Maximo instituira em Belem, tinham fundado diversos mosteiros por toda a Italia.

Por morte de seu mestre, que era varão santo, e dotado de espirito profetico, passaram alguns monges para Hespanha, e entre elles o veneravel fr. Vasco, todos com o pensamento de resuscitarem a Ordem de S. Jeronymo. (1) O padre fr. Vasco no anno de 1355 veio para a serra de Cintra, e no sitio, em que está o convento de Penha longa, fabricando cellas junto a uma ermida de Nossa Senhora da Piedade, que alli havia, viveu santamente com varios discipulos, que se lhe aggregaram.

No anno de 1390 os patrocinou el-rei D. João I, e lhes comprou o sitio de Penha-longa por tres mil e oito centos, e lhes edificou o primeiro convento, que tiveram no reino. (2) Mandando porem o veneravel fundador a Roma um seu companheiro chamado Fernandianes pela confirmação da Ordem, o papa Bonifacio IX a approvou no primeiro de

(1) Monarq. Lusit. tom. 8. pag. 239. (2) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 1. pag. 280.

Abril de 1400, e d'este anno se começa a contar a fundação dos conventos, que são os seguintes:

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, situações, fundações

S. Jeronymo, Penha-longa, 1400. S. Jeronymo do Mato, Termo de Alemquer, 1400. 2.ª Fundação, Ibid. 1500. S. Marcos, Termo de Coimbra, 1451. N. S. do Espinheiro, Evora, 1452. 2.ª Fundação, Ibid. 1566. N. Senhora de Belem, junto a Lisboa, 1497. N. Senhora da Penna, Cintra, 1509. Santa Marina da Costa, Guimarães, 1477. N. S. da Conceição, Val bemfeito, 1534. S. Jeronymo Collegio, Coimbra, 1550.

MOSTEIROS

Jesus	Vianna do Alemtejo	1560.

§ XXVIII

Minimos de S. Francisco de Paula

Fundou o milagroso S. Francisco de Paula a sua religião na cidade de Calabria sua patria no anno de 1435. Alexandre VI lhe approvou a regra pela Bulla *Meritis Religiosae*, de 26 de Fevereiro de 1493, mudando-lhe o nome, que tinham seus congregados, de Ermitães Penitentes no de Minimos. Ultimamente a santidade de S. Pio V no anno de 1567 a declarou Religião Mendicante, na qual se estabelece por quarto voto a obrigação de perpetua vida quaresmal.

N'este reino a introduziu fr. Ascenso Vaquero, religioso leigo, natural da villa de la Palma, e conventual no convento de Nossa Senhora da Consolação da villa de Utrera, provincia de Andaluzia, o qual a 13 de Julho de 1717 alcançou d'el-rei um decreto para poder fundar um hospicio, onde assistissem alguns religiosos de virtude. Com effeito se estabeleceram no sitio da Pampulha, defronte do convento de S. João de Deus, e no anno de 1719 lhes concedeu licença o senhor Patriarcha para terem ermida com porta para a rua.

Vieram logo de Castella varios religiosos dignos de toda a estimação pelas suas virtudes, e letras, entre os quaes são memoraveis o padre fr. Francisco da Penha, que morreu n'esta corte, e jaz depositado com grande distinção no mosteiro carmelitano de Santo Alberto: o padre fr. Marcos da Cruz, o qual a 31 de Maio de 1733 com uma morte de predestinado entre as maravilhas, que obrou, deu bastante prova da sua virtude: e finalmente o irmão fundador fr. Ascenso concluindo os

seus dias a 3 de Janeiro de 1738, teve na sua morte as estimações, que lhe grangearam as suas virtudes, o seu exemplo, e a candidez do seu animo. Presentemente está separada esta religião da jurisdicção de Castella, com provincia á parte subordinada ao provincial portuguez. Consta esta religião unicamente no nosso reino do seguinte

HOSPICIO

S. Francisco de Paula	Lisboa	1719

§ XXIX

Missionarios apostolicos

O veneravel padre fr. Antonio das Chagas, religioso franciscano da provincia dos Algarves, varão de grande espirito, desengano do mundo, e de efficaz persuasão no pulpito, querendo instituir particular Seminario de Pregadores da Penitencia, recorreu ao padre geral fr. Joseph Ximenes Samaniego, pedindo-lhe faculdade para o novo instituto, o qual lh'a concedeu no anno de 1675, e logo no de 1679 o Summo Pontifice Innocencio XI lhe approvou os Estatutos em 3 de Novembro. Para esta nova instituição lhe destinou a sua provincia o convento de Varatojo, que dista um quarto de legua de Torres Vedras ao lado de um oiteiro, que o esconde da villa, e d'elle tomou posse a 6 de Março de 1680.

Depois crescendo o numero dos sujeitos d'esta nova recoleição, e experimentando-se o grande fruto, que produziam as missões d'estes pregadores evangelicos, estabeleceram outro convento em Setubal no sitio de Brancanes, de que el-rei D. João V se constituiu padroeiro, e protector por Alvará de 20 de Agosto de 1713.

SEMINARIOS

S. Antonio de Varatojo, Torres Vedras, 1470. N. Senhora dos Anjos, Brancanes, 1682. N. Senhora dos Anjos, Hospicio, Lisboa, 1725. S. Francisco, Hospicio, Lisboa 1761.

§ XXX

Paulistas

O instituto dos eremitas da Serra de Ossa no Alemtejo é antiquissimo: as mesmas Bullas dos Pontifices Paulo III, e Gregorio XIII, que lhe approvaram, e confirmaram a regra, encarecem a sua antiguidade. O certo é, que esta serra foi habitada dos primeiros christãos converti-

dos por S. Manços, os quaes em distinctas brenhas da serra começaram a fazer vida solitaria de anacoretas, e n'este estado perseveraram por todo o seculo terceiro.

No principio do quarto seculo passaram ao estado de cenobitas, persuadindo-os a isso o santo varão anacoreta chamado Lazaro, e alcançando licença do bispo de Evora Aurino, edificaram o primeiro convento na sobredita serra; e, porque n'este se não podiam já accommodar tantos eremitas, se resolveram a fazer segunda fundação em um valle, que tomou o nome de Lazaro em respeito do santo fundador, que muitos annos conservou até o trocar pelo de Val de Infante por causa do motivo, que explica o insigne Cardoso. (1) Finalmente depois de varios progressos o Papa Gregorio XIII no anno de 1578 á instancia do Cardeal Henrique approvou os estatutos d'esta Ordem, que consta dos seguintes

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, situações e fundações

S. Paulo, Serra de Ossa, 315. 2.ª Fundação Ibid. 1182. 3.ª Fundação, Ibid. 1434. 4.ª Fundação, Ibid. 1578. Santo Antão, Val de Lazaro 321. 2.ª Fundação, Val de Infante, 1372. N. S. da Consolação, Alferrara 1383. Santa Cruz, Rio Mourinho, 1400. Santa Margarida, junto a Evora 1400. N. Senhora da Rosa, Caparica, 1410. S. Paulo, Elvas, 1418. 2.ª Fundação Ibid. 1593. 3.ª Fundação, Ibid 1603. 4.ª Fundação, Ibid. 1660. N. Senhora da Luz, Montes claros, 1407. S. Paulo, Portel, 1420. N. S. do Amparo, Val bom, 1435. 2.ª Fundação, Villa Viçosa, 1593. S. Julião, Alanquer, 1441. N. Senhora da Ajuda, S. Marcos, 1439. 2.ª Fundação, Tavira, 1606. N. S. da Consolação, Serpa, 1440. 2.ª Fundação, Ibid. 1617. S. Paulo, Collegio de Evora, 1578, Santo Antonio, Sousel, 1605. Santissimo Sacramento, Lisboa, 1647. N. S. da Soledade, Collegio de Borba, 1704. S. Paulo, Coll. de Coimbra 17..

§ XXXI

Piedosos

A santa provincia da Piedade n'este reino procede da de Santiago de Castella, e foi seu fundador o veneravel padre fr. João de Guadalupe com seus companheiros fr. Pedro Melgar, fr. João Abulense, e fr. Angelo Pinciano, os quaes, vindo a Portugal pelos annos de 1500, e patrocinados pelo duque de Bragança D. Jayme, erigiram em villa Viçosa a

(1) Veja-se Barbos. nas Decis. Apost. Collect. 374. Chronic. dos Coneg. Regr. liv. 4. cap. 13. Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag. 495. e tom. 3. pag. 383. Corogr. Portug. tom. 2 pag. 449. Fonseca, Evor. glorios. num 672. Plaça univers. pag. 94. fr. Henriq. Chronic. dos Eremit. tom 1. pag, 101 et. seq.

sua primeira casa, que lh'a confirmou Alexandre VI. Informado depois sinistramente Julio II pelos padres claustraes, que perseguiam a estes zeladores da regra evangelica, determinou o pontifice extinguil-os; porem favorecidos do sobredito duque, d'el-rei, e do mesmo Pontifice já inteirado da verdade, permaneceram dezesete annos sujeitos á provincia de Santiago.

No anno de 1517 por Bulla de Leão X se constituiu provincia separada, e fructificou de maneira, que em todo o reino levantou conventos, onde com grande edificação dos povos se conservam nos observantes principios de seu nascimento, tendo a gloria de ser a primeira capucha do universo, que d'ella tomou o nome. Porem no anno de 1673 por Bulla de Clemente X se separou d'ella a provincia da Soledade, sendo geral fr. Francisco Maria Rhini. Constam ambas dos seguintes conventos:

PROVINCIA DA PIEDADE

N. Senhora da Piedade, Villa-Viçosa, 1500. 2.ª Fundação, Ibid. 1547. 3.ª Fundação, Ibid. 1606. N. S. da Consolação, termo de Borba, 1505. 2.ª Fundação, Ibid. 1548. 3.ª Fundação, Ibid. . . . S. Francisco, Elvas 1518. 2.ª Fundação, Ibid. 1591. Santo Antonio, Portalegre, 1522. 2.ª Fundação, Ibid. 1570. Santo Antonio, Alter do Chão, 1595. Santo Antonio, Fronteira, 1613. Santo Antonio, Estremoz, 1637. 2.ª Fundação, Ibid. 1662. Santo Antonio, Redondo, 1605. Santo Antonio, Evora, 1576. Bom Jesus de Valverde, legua e meia de Evora, 1544. S. Francisco, Portel, 1547. Santo Antonio, junto de Moura, 1684. N. S. da Assumpção, junto da Vidigueira, 1545. Santo Antonio, Beja, 1609. S. Antonio da Esperança, Tavira, 1612. Santo Antonio, Faro, 1620. Santo Antonio, Loulé, 1546. 2.ª Fundação, Ibid. 1675. N. S. da Esperança, Villa nova de Portimão, 1530. S. Francisco, Lagos, 1518. 2.ª Fundação, Ibid. 1560. S. Vicente, Cabo de S. Vicente, 1516. Hospicio, Lisboa, 1640.

PROVINCIA DA SOLEDADE

Santo Antonio de Val de Pied., fronteiro do Porto, 1569. Santo Anto Antonio, perto de Aveiro, 1524. Santo Antonio dos Olivaes, perto de Coimbra . . . Santo Antonio, Ourem, 1600. N. S. da Annunciada, Thomar, 1645. Santo Antonio, Abrantes, 1526. 2.ª Fundação, Ibid. 1571. 3.ª Fundação, Ibid. 1599. N. S. da Caridade, Sardoal, 1571. Santo Antonio, Castello-branco, 1562. Santo Antonio, Idanha a nova, 1630. Santo Antonio, Penamacor, 1571. N. Senhora do Seixo, Covilhã, 1526. 2.ª Fundação, Ibid. 1577. Santo Antonio, fronteiro da Covilhã, 1553. S. Francisco, Chaves, 1637. Santo Antonio, Guimarães, 1664. S. Frutuoso, perto de Braga . . . S. Francisco, Barcellos. 1649. Bom Jesus do Monte, Mei. leg. de Barcel. 1497. N. Senhora dos Anjos, perto de Azurara . . . San-

to Antonio, Arrifana de Sousa, 1663. N. S. do Soccorro, Mei. leg. de Chaves, 1673. Santo Antonio Enferm., Porto, 1735.

§ XXXI

Theatinos

Teve esta religião seu nascimento em Roma no anno de 1524. Foi seu fundador o glorioso S. Caetano, natural de Vicencia, cidade de Napoles, juntamente com tres insignes illustres companheiros João Pedro Caraffa, que depois foi Summo Pontifice com o nome de Paulo IV. D. Bonifacio del Colle, e D. Paulo Consiliario, cavalheiro romano. Clemente VII a 24 de Junho de 1524 approvou seu instituto.

Em Portugal a introduziu o padre D. Antonio Ardizoni Spinola, natural de Napoles, varão apostolico, virtuoso, e letrado, o qual chegando da missão da India com outros seus companheiros no anno de 1648, el-rei D. João IV lhe concedeu o Hospicio, que lhe pedia para os seus religiosos, que passavam a servir nas missões do Oriente. Antes de se escolher sitio para a fundação viveram estes padres em umas casas ás portas de Santa Catharina; e, fundada a nova casa, e benta a igreja em 28 de Setembro de 1653 com o titulo de Hospicio, para cuja fabrica tinha concorrido D. Marianna de Noronha e Castro, bisneta do grande D. João de Castro, passaram os padres a tomar posse da igreja com grande contentamento, e beneplacito de todos. Depois no anno de 1681 lhe concedeu el-rei D. Pedro II licença para fundarem casa, e tomar noviços, e assim deram ordem á nova fabrica, a qual completa, será uma das grandiosas.

CASAS

N. S. da Divin. Providenc., Lisboa, 1653. 2.ª Fundação, Lisboa, 1698. S. Caetano, Hospicio, Campo grande . . .

§ XXXIII

Terceiros Regulares de Jesus

Foi instituida a Terceira Ordem Regular Serafica n'este reino por um religioso de Galiza, cujo nome se ignora, o qual no anno de 1443 com outros companheiros, que se lhe aggregaram, foram habitar nos arrabaldes de Santarem, um quarto de legua para o norte em um valle solitario, e proprio ao exercicio da penitencia. Alli erigiram um pequeno oratorio, dedicando-o a Santa Catharina, e começaram a viver exemplarmente.

Depois, tendo noticia el-rei D. Affonso V dos virtuosos procedimen-

tos d'estes religiosos, lhes deu licença no anno de 1470 para fundarem maior casa, ajudando-os com mão liberal, e grandiosa, e pelo tempo adiante foram erigindo novas casas subordinadas á provincia da observancia, até que no anno de 1594 os absolveu a Sé Apostolica da tal subordinação, e se tem estabelecido pelas terras de Tras os Montes, Beira, Estremadura, e Algarve com os conventos seguintes.

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, situações, e fundações

N. Senhora de Jesus, Lisboa, 1595. S. Pedro Collegio, Coimbra 1584. N. Senhora de Jesus, Santarem, 1617. S. Francisco, Caria, 1444. S. Francisco, Viana do Alentejo, 1580. S. Francisco, S. João da Pesqueira, 1581. S Francisco, Vimieiro, 1554. N. S. da Esperança, Belmonte 1564. S. Francisco, Mogadouro, 1617. S, Francisco dos Villares, Marialva, 1447. S. Francisco, Erra, 1582. S. Francisco, Sylves, 1518. N. S. do Desterro, Monchique, 1631. S. Francisco, Arrayolos, 1633. Santa Catharina, Santarem, 1470. N. S. da Conceição, Almodovar, 1680. N. S. das Flores, Sesulse, 1679.

MOSTEIROS DE RELIGIOSAS

N. S. do Loreto, Almeida, 1555. Madre de Deus. Junto a Aveiro 1644. S. Francisco, Monção, 1563. O Bom Jesus, Valença do Minho 1499.

§ XXXIV

Thomaristas

Esta Ordem verdadeiramente é militar, e já fállamos d'ella. quando tratámos da Ordem de Christo; porém, como pela sua reforma houve mudança no habito clerical ao monacal, pertence juntamente a esta jerarquia: e assim é de saber, que o piissimo rei D. João III tomando por cuidadosa empreza restituir todas as religiões á sua primitiva observancia com uma exemplar reforma, não quiz deixar de fóra, como Administração da Ordem de Christo, aos seus freires, que d'esde el-rei D. Diniz viviam conventualmente no regio templo de Thomar.

Para tão grande empreza elegeu ao padre fr. Antonio Moniz da Silva, ou de Lisboa, da Ordem de S. Jeronymo, da provincia de Guadalupe, donde veio para reformador, e prelado do novo rebanho, principiando com doze sujeitos, aos quaes lançou o habito em 24 de junho de 1530 com grande solemnidade. O habito, que lhes vestio, foi composto de tunica, e escapulario branco, murça aberta adiante para se ver a

Cruz da Ordem, que lhes poz nos peitos, talho, que deu a serenissima rainha D. Catharina. A regra foi tirada da de S. Bento com particulares constituições, que depois confirmou o Papa Gregorio XIII. O mesmo zelosissimo rei D. João III os isentou da visita do abbade de Alcobaça. O cardeal Henrique, chegando a empunhar o cetro, pretendeu extinguir esta nova reformação ; porém Deus até agora a tem conservado em toda a observancia regular. Consta dos seguintes:

CONVENTOS

N. Senhor Jesus Christo, Thomar, 1147. 2.ª Fundação, Thomar 15 ... 3.ª Reedificação, Thomar 15.. N. Senhora da Luz, Carnide, 1463. 2.ª Fundação, Carnide, 1545. N. Senhor Jesus Christo, Coimbra Collegio . . .

§ XXXV

TRINITARIOS

Teve a sagrada religião da Santissima Trindade por fundadores aos esclarecidos, e Santos Varões João da Mata, que, segundo opinião provavel, era Portuguez. (1) e Felix de Valois no anno de 1198. Divulgou-se brevemente por toda a christandade, e não passou muito tempo, que não chegasse a Portugal, onde era tão necessario por causa das guerras domesticas, que tinhamos com os Mouros, em que forçosamente havia de haver cativos, e necessidade de os rasgatar.

Corria o anno de 1217, em que governava este reino D. Affonso II quando acontecendo no mar oceano pelo mez de Outubro terrivel tempestade, entrou quasi milagrosamente no porto de Lisboa uma náo, que partindo do reino de França em conserva de outras duas, fazia viagem para a terra Santa Perderão-se as duas á violencia da tormenta : porem esta, que trazia oito religiosos trinitarios, que por mandado do seu geral hião povoar os conventos da Palestina, não só entrou livre, mas esteve surta, em quanto não desembarcaram os religiosos, os quaes tanto que pozeram os pés em terra, prodigiosamente, sem outras algumas diligencias, sahiu a náu pela barra fóra, e foi buscando o rumo, a que antecedentemente se encaminhava.

Era bispo de Lisboa n'este tempo D. Sueiro Viegas, ou, como affirmam outros, D. Matheus Sueiro, e Governador d'esta Cidade Pedro Alvares, os quaes visitaram os religiosos ; e persuadidos de que aquelle acaso fosse alta providencia de Deus, os mandaram cunduzir a Santarem, onde estão estava a corte. Foram recebidos d'el-rei com grande benevolencia, e com o seu real favor fundaram n'esta villa a sua primei-

(1) Maced. nas Flor. de Hesp. cap. 9, excel. 8. Monarch.Lusitan, tom. 4, nas advertencias que vem no sim do liv. 15.

ra casa em uma Ermida de Nossa Senhora intitulada, da Abobeda. que o mesmo rei D. Affonso II lhes deu com um Hospital de cativos, que tinha mandado fazer seu pai el-rei D. Sancho I.

No seguinte anno o veneravel padre fr. Mattheus Anes, um dos primeiros Portuguezes, que em Santarem tomaram o habito trinitario da mão do veneravel padre fr. André Claramont, tendo feito varias redempções, e ultimamente uma por ordem do dito seu Prelado em Alcacere do Sal, villa então de Mouros mui populosa, e fortificada, onde havia innumeraveis cativos Portuguezes, e vendo a grande utilidade, que resultaria ao reino se d'alli expulsassem os Mouros, persuadiu ao bispo de Lisboa D. Sueiro Viegas tomasse á sua conta esta empreza.

Aceitou o bispo o conselho pela grande opinião, que fazia d'este padre, mas duvidava no modo, com que o podia pôr em praxe. N'este tempo aportou a Lisboa outra armada das partes septentrionaes, que hia á restauração da Terra Santa, a qual entrou com alguma ruina por força de uma tormenta, e communicando ao gereral o seu intento, parte da armada, como diz Brandão, (1) se unio com vinte mil Portuguezes, que passando a Setubal, e d'alli a Alcacere, estes por terra, e os estrangeiros por mar, tiveram a fortuna de renderem, e ganharem a Praça com a morte de trinta mil Mouros, e outros dizem sessenta mil. Achou-se na batalha o veneravel fr. Mattheus com dous religiosos seus companheiros, que eram fr. Julião Alvares, e fr. Bras de Lisboa, que os levou o bispo comsigo.

Entre os muitos prodigios, que na batalha se viram, e refere o chronista Brandão, (2) é o mais memoravel descerem do Ceu anjos vestidos com o habito d'esta religião, como dá a entender Cesareo, monge de Alcobaça, que vivia n'aquelle tempo, e descreveo o sucesso:

Agmen in auxilium nostris venit ecce supernum
Dante Deo signum, qui dedit ante Crucis.
Vestis ei splendens ut sol, ut nix nova candens,
Suntque suo rose pectore signa Crucis.

Conseguida a victoria se recolheu o bispo; e reconhecendo que muita parte d'ella devia ao veneravel fr. Matheus, não só pelo conselho senão tambem pelo trabalho, que n'ella tivera, determinou fundar-lhe convento, para gosar de mais perto da companhia do dito padre, e seus companheiros. Deu conta a el-rei D. Affonso IJ, pedindo-lhe licença para lhe dar a ermida de Santa Catharina, que estava extramuros da cidade de Lisboa, e de que el-rei era padroeiro: concedeu-lh'a, e todo o mais campo, que o dito bispo quizesse para a fundação. De tudo tomaram posse em Fevereiro de 1218. O veneravel fr. Matheus foi o superior.

(1) Monarq. Lusit. liv. 13 c. 10 (2) Ibid. cap. 12.

Fr. Julião Alvares, fr. Estevão de Sousa Luzia, e fr. Braz de Lisboa foram os primeiros conventuaes.

Já el-rei tinha pedido ao veneravel fr. Andre Claramont religiosos para fundarem em Lisboa, e terem os resgates maior expediente, e os fieis mais ministros dos Sacramentos, e prégação Evangelica, pois não havia aqui mais convento, que o de S. Vicente de Fóra. (1) A Bulla de Honorio III expedida em Roma a 2 de Abril de 1219 já faz menção deste convento, Porque diz: *Vestram domum Ulisiponensem in Erimitorio S. Catharinæ V. et M. a Rege donatione, et a fidelibus omnibas pertinentiis etc.* (2)

Pelos annos adiante se foram fundando os mais conventos sujeitos á provincia de Castella, até que no anno de 1312 se dosuniram e começou a ser provincia separada governada por vigarios geraes; porem no de 1329 se elegeu provincial, e foi o primeiro fr. Affonso Pires, varão sabio, prudente, e virtuoso, que depois foi promovido á dignidade de bispo de Evora. El-rei D. João III mandou reformar esta religião pelo padre fr. Salvador de Mello, religioso da Ordem de Christo, o qual lhe deu principio a 25 de Março de 1545, e com os novos sujeitos, que se criaram no convento de S. Vicente de Fóra, d'onde foram em procissão no anno de 1552 para o convento Trinitario de Santarem, se fez eleição e foi eleito provincial o veneravel padre fr. Roque de Espirito Santo, o qual com sua prudencia, e exemplar vida reformou os mais conventos d'esta Ordem, e lhes deu novos estatutos da reforma, que confirmou depois o papa Pio IV no anno de 1561. (3)

Tem esta religião a gloria de ser ella d'onde emanou por todo o reino a santa, e illustre irmandade da Misericordia, tão cheia de piedade. Foi seu primeiro instituidor, e provedor no anno de 1498 o Apostolico varão fr. Miguel de Contreiras, Valenciano, d'onde procede trazer a dita Irmandade, para conservar a memoria do fundador, pintada nas bandeiras da casa a copia do seu retrato no mesmo habito da Ordem Trinitaria com estas letras F. M. I. que querem dizer: fr. Miguel Instituidor. (4) Consta esta religião dos conventos, e mosteiros seguintes:

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, situações, fundações

Santissima Trindade, Santarem, 1217. Santissima Trindade, Lisboa 1218. Santissima Trindade, Cintra, 1400. Santissima Trindade, Louza

(1) Consta da Chronica de Fr. Marcos de Moura cap. 58. e de Fr. Antonio da Trind. e Torre nos Annaes Sacros. e Martyrolog. Trinitario. (2) Fr. Jorge do Pombal no liv. dos Docum. espirit. liv 3. cap. 23. Hayedo na Histor. gener. de Argel seu Topograf. (3) Cunha, Histor. Eccles. de Lisb. part. 2. cap 31. Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 422 e tom. 3. pag. 219 Barbos. Decis. Apostolic. Collect. 387. (4) Cardos. no Agiolog. tom. 1. pag. 289. Barbos. nas Decis. Apostol. Collect. 387. num. 7.

1500. Santissima Trindade Collegio, Coimbra, 1552. Santissima Trindade, Lagos, 1599. Santissima Trindade, Alvito, 1366. Santissima Trindade, Setubal, 1669. N. S. do Livramento, Alcantara, 1679.

MOSTEIROS DE RELIGIOSAS

N. Senhora da Soledade,	Mocambo	1657.
N. Senhora dos Remedios,	Campolide	1720.

§ XXXVI

Xabreganos

Os religiosos da Serafica observancia, chamados xabreganos, por ser a cabeça da sua provincia o convento de Xabregas junto a Lisboa, tambem se intitulam da provincia dos Algarves, que se dividiu da de Portugal no Capitulo, que se celebrou em Tolosa no anno de 1532. Como esta separação se fez á instancia d'el-rei D. João III escolheu a provincia para seu sello a imagem de S. João Evangelista sobre uma esfera com as armas do Algarve, e assim conservou muitos annos o titulo de provincia de S. João Evangelista até se absolver da sua subordinação á Custodia da ilha dos Açores no anno de 1640; porque então esta tomou para si o titulo de S. João Evangelista, e a, de que tratamos agora, ficou com o nome da provincia dos Algarves, verdadeiramente provincia magna, pois consta de trinta e dois conventos de religiosos, e dezasete de religiosas, entre as quaes governa alguns de raformadas, que guardam a primeira regra de Santa Clara, e administram os Sacramentos ás Maltezas de Estremoz.

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, situações, e fundações

Santa Maria de Jesus, Xabregas, 1455. S. Francisco, Evora, 1224. S. Francisco, Setubal, 1410. S. Francisco, Beja, 1286. S. Boaventura collegio, Coimbra, 1530. S. Francisco, Tavira, 1328. S. Francisco, Portalegre, 1265. S. Francisco, Estremoz, 1239. S. Bernardino, Atouguia, 1451. Santo Antonio, Campo-maior, 1494. 2.ª Fundação, dentro do castello, 1646. 3.ª Fundação, dentro da villa, 1708. S. Francisco, Olivença, 1500. 2.ª Fundação, Ibid. 1594. Santo Antonio, Sines, 1504. N. Senhora do Loreto, Santiago de Cacem, 1505. Santo Antonio, Serpa, 1502. Santo Antonio, Alcacer do Sal, 1524. Santo Antonio, Cascaes, 1527. Santo Antonio, Faro, 1516. N. S. dos Martyres, Alvito, 1524. N. S. da Visitação, Villa-verde, 1540. S. Francisco, Montemór o novo, 1516. S. Francisco,

Moura, 1547. N. S. da Estrella, Marvão, 1448. Santo Antonio, Odemira, 1531. N. S. da Conceição, Messejana, 1567. O Bom Jesus, Peniche, 1452. N. S. do Soccorro, Alcochete, 1572. N. S. da Conceição, Castello de Vide, 1585. Santo Antonio, Lourinhã, 1598. Santo Antonio, Crato, 1603. Santo Antonio, Torrão, 1604. S. Francisco, Mertola, 1612. Santo Antonio, Estombar, 1615.

MOSTEIROS DE RELIGIOSAS

N. S. da Conceição, Beja, 1467. As Chagas, Villa-viçosa, 1534. N. S. dos Martyres, Sacavem, 1577. Santa Clara, Beja, 1340. Santa Clara, Evora, 1458. Jesus, Setubal, 1490. Madre de Deus, Lisboa, 1508. Bom Jesus, Monforte, 1513. N. S. da Esperança, Villa-viçosa, 1516. N. S. da Conceição, Elvas, 1526. N. S. de Ara Coeli, Alcacer do Sal, 1573. N. S. da Assumpção, Faro, 1519. S. Elena do Calvario, Evora, 1570. Santa Clara, Portalegre, 1389. Santa Clara, Moura, 1610. N. S. da Quietação, Lisboa, 1584. N. S. das Hervas ou das Servas, Borba, 1600.

§ XXXVII

De outras ordens religiosas, que já não existem n'este reino

Conegos de Santo Antão. Deram principio no anno de 1095 a esta religião em França dois nobilissimos varões, pae, e filho, chamados Gastão, e Gerino, os quaes livres de um perigosissimo achaque por virtude de Santo Antão, cujo glorioso corpo trazido de Constantinopla se venera em Viena do Delfinado, lhe prometeram fundar esta Ordem, cujos individuos se applicassem a curar os pobres opprimidos do mal chamado de Santo Antão, ou fogo sacro, que n'aquelle tempo opprimia as terras do Occidente. Permaneceram os seus congregados quasi duzentos annos em habito secular, até que Bonifacio VIII no anno de 1297 os fez religiosos, e conegos com o titulo de Santo Antão, mas debaixo da regra de Santo Agostinho. (1)

Entraram em Portugal pouco depois da sua confirmação, e os seus prelados se chamavam *Commendadores* pelo *Tau*, que traziam na capa, que é uma letra grega correspondente ao nosso T, a que na dita religião chamavam *Potentia*. Chegaram a ter n'este reino os conventos seguintes:

Santo Antão de Benespera no bispado da Guarda.
Santo Antão em Lisboa ao pé do Castello.
Santo Antão de Marvilla em Santarem.
Santo Antão de Aveleiro, comarca de Pinhel.
S. Domingos de Basto. bispado de Viseu.

Todos estes conventos estavam unidos aos padres da Companhia por Bulla de Julio III do anno de 1550. Chamavam-se estes conventos Peti,

(1) Cassan. Catal. glor. mund. part. 4. consid. 65.

torios, os quaes por justas causas foram prohibidos por S. Pio V no anno de 1566, até se extinguirem de todo. (1)

Conegos premonstratenses. Entraram em Portugal no anno de 1147 na occasião, em que el-rei D. Affonso Henriques tinha de cerco a cidade de Lisboa, e elles tinham vindo na armada dos christãos do norte. Edificando então el-rei um templo a S. Vicente, d'elle tomaram posse no anno de 1148. Vendo porem el-rei, que o seu abbade Gualter intentava sujeitar este mosteiro ao de Premostrato de França, o não consentiu, e o abbade desavindo-se com el-rei voltou para França. Refere isto a Chronica dos Conegos Regrantes, (2) porem padece suas difficuldades, e não se conforma com o que diz o padre Purificação na Chronologia Monastica, pois lhe assina de entrada o anno de 1400, e um convento no bispado de Lamego.

Conegos chamados da vida commua instituida em Alexandria por S. Marcos. Entrou em Portugal no anno de 1082, porem não permaneceu mais que cem annos. (3)

Congregação de Terceiros de S. Jeronymo. Entre as seis, que refere o padre Gubernatis, (4) derivadas da Ordem Serafica, é uma a que introduziu em Portugal o Beato Stupa, da qual não sabemos mais, que isto somente, que escreve este author.

Jesuitas. Entrou esta religião em Portugal no anno de 1540, governando el-rei D. João III, o qual á maneira do antigo Numa Pompilio Romano adornou de religião, e piedade todo o seu pacifico reinado; e como n'aquella primitiva Ordem instituida por Santo Ignacio se faziam estimaveis os seus individuos, supplicou el-rei ao Pontifice Paulo III lhe quizesse mandar para o seu reino alguns d'aquelles novos missionarios. Promptamente satisfez o Papa os desejos do rei, e lhe enviou ao padre Simão Rodrigues de Azevedo portuguez, e a S. Francisco Xavier, os quaes chegaram a Lisboa em 30 de Maio de 1540, e se mandaram hospedar no Hospital de Todos os Santos, por ficarem mais perto do Paço, que então era os chamados Estáos. D'alli começaram a fazer as suas missões com fruto. No anno seguinte partiu o Santo Xavier para a India, e el-rei determinou logo a fundação do Collegio de Coimbra para os novos padres, dando-lhe para sua renda a commenda de Carquere, que o padre Simão Rodrigues trocou depois com a de Benespera, por ficar com o Collegio de S. Antão junto ao monte do castello de Lisboa, que lhe pertencia, e para onde se mudou com o padre Gonçalo de Medeiros aos 5 de Janeiro de 1542. De tal sorte se foram estabelecendo, radicando, e crescendo em numero, e em casas, que em breves tempos se distinguiram entre as outras religiões mais antigas, e opulentas, cuidando muito em saber attrahir sobre tudo a vontade dos principes, que sempre não ha duvida foram de singular benignidade para com os individuos da

(1) Cardos. Agiolog. Lusitan. tom. I pag. 74 (2) Chronic. dos Coneg Regrant. liv. 4 cap. 15. num. 9, (3) Purific. Chronol, Mora. uc. in Prooemio. (4) Orb, Seraph, 1, 13 cap 1,

Companhia, admittindo-os já para mestres, já para seus confessores, e outros ministerios honorificos por todo o espaço de dois seculos. A este auge tinha subido o periodo jesuitico, quando chegou a epoca da sua decadencia em Portugal; «porque, sabendo-se que elles embaraçavam na America a execução do tratado de limites das conquistas entre as duas coroas portugueza, e hespanhola, que desde 16 de Janeiro de 1750 se havia celebrado, procurando com outros designios, e maquinações obliquas remover a ideia das duas cortes, e não achando a magestade fidelissima do senhor D. Joseph I remedios mais efficazes para obviar os seus projectos, que desterral-os dos seus reinos, e dominios:» determinou a 21 de Setembro de 1757 excluir primeiramente do Paço a todos os jesuitas confessores das pessoas reaes, que com esse pretexto alli residiam. A 2 de Maio do anno seguinte se lhe intimou o Breve de Benedicto XIV, em que fazia seu reformador ao cardeal Saldanha. A 5 de Junho do mesmo anno, publicou o dito eminentissimo reformador uma Pastoral, em que os prohibia de todo o genero de negocio, mandando-lhe que dentro de tres dias lhe apresentassem todos os livros, e papeis de contas. A 7 do proprio mez, e anno passou o Patriarcha D. Joseph Manoel um edital assignado pelo seu punho, em que os prohibia de pregar, e confessar n'este patriarchado por justos motivos, e por serviço de Deus, e do bem publico. E como n'este meio tempo se descobriu a horrivel, e sacrilega conjuração contra a preciosissima vida de sua magestade, em a qual os ditos jesuitas tiveram grande parte, como consta da sentença dos réos justiçados a 13 de Janeiro de 1759; a 5 de Fevereiro do dito anno se lhe fez sequestro em todas as casas, e fazendas que possuiam, ficando elles reclusos em S. Roque, e no Collegio de S. Antão com guardas militares; e a 19 do dito levaram prezos a todos os que estavam em o novo Hospicio de S. Francisco de Borja na Cotovia; até que finalmente a 16 de Setembro do dito anno pela madrugada se mandaram embarcar em uma náo, que ia para Genova, e expulsos totalmente do reino, foram para o seu Geral. N'este deploravel estado, em que são vistos, se verificou (póde ser) a profecia do Santo Borja, quando lhes annunciara: *Veniet tempus cum se Societas multis quidem hominibus abundantem, sed spiritu, et virtute destitutam, moerens intuebitur.* (1) Constava dos collegios, e casas seguintes:

COLLEGIOS

Invocações, situações, fundações

Santo Nome de Jesus, Coimbra, 1542. Espirito S. Universidade, Evora. 1551. Santo Antão, Lisboa, 1552. S. Roque casa professa, Lisboa 1553. S. Paulo, Braga, 1560. S. Lourenço, Porto, 1560. Santo Nome de Jesus, Bragança, 1561. S. Patricio, Lisboa, 1593. Assumpç de N. S. Novic, Campolide, 1597. 2.ª Fundação, Cotovia, 1603. Santiago Mayor, Faro, 1599. N. S. da Purificação, Evora, 1577. N. S. Madre de Deus. Evo-

(1) Esta profecia allega Lacroix no tom. I. tract. de Conscientia num. 166

ra 1583. S. João Evangelista, Villa-Viçosa, 1601. S. Sebastião, Portalegre 1605. Conceição de N. S., Santarem, 1621. Santiago Mayor, Elvas, 1644. S. Francisco Xavier, Setubal, 1655. S. Francisco Xavier, Villa nova de Port. 1660. S. Francisco Xavier, Bėja, 1670. S. Francisco Xavier, Lisboa 1679. N. S. da Nazareth Novic. Lisboa, 1705. Santos Reis, Viça-Viçosa, 1735. Santissima Trindade, Gouvea, 1739.

RESIDENCIAS

Situações, sujeições, e dieceses

Barrocal, Evora, Evora. Canal, Coimbra, Coimbra. Canissos, Santo Antão, Lisboa. Carquere, Coimbra, Lamego. Fassalamim, Evora, Coimbra. S. Fins, Coimbra, Braga. S. João de Longos valles, Coimbra, Braga. Labruja, Santarem, Lisboa. N. Senhora da Lapa, Coimbra, Lamego. Monte agraço, Evora, Lisboa. Monte da Barca, Evora, Evora. Paço de Sousa, Evora, Porto. Pedrozo, Coimbra, Porto. Pernes, Santarem, Lisboa. Roriz, Braga, Braga. Val-bom, Evora, Evora. Villa-franca, Coimbra, Coimbra.

Mercenarios. Vieram a Portugal no anno de 1284 em companhia da rainha Santa Isabel. O primeiro convento, que fundaram, foi o de santa Victoria no termo de Béja, e durou até o anno de 1503, em que se unio ao de santa Clara da mesma cidade, e hoje é curado. Na pedra do portal da dita paroquia, ainda existem gravadas as armas dos ditos religiosos mercenarios. Em Lisboa tiveram outra casa, que se extinguiu pelos annos de 1504, não só por falta de religiosos, que residiam n'ella, mas por seram poucas as esmolas, que tiraram para o resgate dos cativos, que é o fim, para que esta religião foi instituida, cujo emprego como tambem é do instituto da Ordem da Santissima Trindade, pareceu que bastava esta para a grandeza, e capacidade d'este reino. (1)

Todavia no anno de 1682 a 22 de Junho lhe concedeu o Senhor rei D. Pedro II, sendo ainda Principe Regente, licença para terem hospicio, especialmente os que vinham a este reino da America, onde el-rei D. João IV no anno de 1648 lhes tinha feito restituir o seu antigo convento do Pará, e de facto se estabeleceram em Lisboa no bairro do Mocambo, atè que representando alguns inconvenientes, houve por bem conceder-lhes el-rei D. João V faculdade para novo hospicio (largando o outro em 22 de Novembro de 1746, o qual começaram a fundar em Março de 1747 no bairro, e Freguezia de S. Joseph da mesma cidade de Lisboa, na rua chamada do Passadiço.

Roque Amador. O Author do Santuario Mariano diz, que esta Ordem tivera em Portugal muitas casas, e hospitaes em tempo d el-rei D. Sancho I no anno de 1112, e que florecera com muito nome até o reinado d'el-rei D. João II, em o qual tempo se extinguiu, mas ignoro o motivo. (2)

(1) Agiolog. Lusitan. tom. 1. Esperanç. Histor. tom. 1. pag. 312. Monarq. Lusit. tom, 5, liv. 16, cap, 31, (2) Sant. Marian: tom. 1 liv. 1, tit. 9. Monarq. Lusit, q. 5.

Mappa de todas as Ordens Religiosas, que ha em Portugal

RELIGIÕES	ENTRADA NO REINO	CONV. E HOSP.	MOSTEIROS	CASA PRINCIPAL
Agostinhos calçados	1147	18	4	Lisboa
— Descalços	1663	17	1	Lisboa
Arrabidos	1539	30	—	Lisboa
Bentos	543	22	11	Tibães
Bernardos	1122	17	11	Alcobaça
Brigidas	1594	—	2	Lisboa
Brunos	1587	3	—	Laveiras
Capuchos	1565	15	—	Lisboa
— Da Conceição	1705	17	—	Viana
— Francezes	1647	1	—	———
— Italianos	1680	1	—	———
Carmelitas calçados	1250	12	4	Lisboa
— Descalços	1581	16	7	Lisboa
— Descalços Alemães	1708	1	—	———
Claristas	1250	—	12	———
Conceição de Maria	1625	—	7	Braga
Conegos Regrantes	1131	15	1	Lisboa
Conegos Secul. S. J. Ev.	1421	9	—	Villar
Congr. de Cler. Agost.	1709	5	—	———
— Das Covas	1713	1	—	Monfurado
— Boa Morte	1728	1	—	Lisboa
— Marian. Conc.	1754	1	—	Chacim
— Da Missão	1717	1	—	Lisboa
— Da Oliveira	1679	2	—	Porto
— Do Oratorio	1668	7	—	Lisboa
Dominicanos	1217	27	18	Lisboa
Franciscanos	1217	30	27	Lisboa
Hospitalarios	1606	2	—	Lisboa
Jeronymos	1355	9	1	Lisboa
Minimos	1717	1	—	Lisboa
Missionarios Apostolicos	1680	4	—	Varatojo
Paulistas	1578	18	—	Serra d'Ossa
Piedosos	1673	21	—	Villa Viçosa
— Soledade	———	21	—	———
Theatinos	1648	2	—	———
Terceiros de Jesus	1443	17	4	Lisboa
Thomaristas	1530	3	—	Thomar
Trinitarios	1217	9	2	Lisboa
Xabreganos	1532	32	17	Lisboa

CAPITULO IV

Dos pontifices, e cardeaes portuguezes

A tantas religiosas jerarquias, quantas vemos florecer no fertil terreno de Portugal, bem se segue a memoria, ainda que abreviada, d'aquelles egregios portuguezes, que tem condecorado o sacro collegio pontificio, não só com a eminente honra da purpura, mas com a dignidade suprema da Tiara. Todos os, que até agora subiram pelos seus merecimentos a estas preclarissimas preeminencias, tem sido mui especiaes, cujos nomes, patrias, e outras circumstancias competentes se expressam no seguinte mappa.

Pontifices portuguezes

NOMES	PATRIA	ELEIÇÃO	GOVERNO
S. Damaso	Guimarães	Anno 367	17 annos
João XXI ou XXII	Lisboa	Anno 1276	8 mezes

NOMES	PATRIA	PAPA	ELEIÇÃO	TITULO	ANNO DA MORTE	LUGAR DA MORTE	SEPULTURA
S. Damaso	Guimarães	Liberio	366	———	384	Roma	Roma
D. Paio Galvão	Guimarães	Innoc. 3.	1206	S. Maria in 7. col.	1228	M. Cassin.	Mont. Cassin.
D. João Froes	Coimbra	Gregor. 9.	——	———	1236	———	———
D. Pedro Julião	Lisboa	S. Gr. 10	1274	———	1277	Viterbo	Viterbo
D. Ordonho	———	Nicol. 3.	1278	———	1283	Roma	Salamanca
D. João Affonso	Azambuja	João 23.	1411	Santa Eudoxia	1415	Bruges	Lisboa
D. Pedro da Fons.	———	Mart. 5.	1419	S. Angel. in Piscin.	1422	Tivoli	Roma
D. Antão Martins	Chaves	Eugen. 4.	1439	S. Chrysogono	1447	Roma	Roma
D. Jayme	———	Calixt. 3.	1456	Santo Eustaquio	1459	Florença	Florença
D. Jorge da Costa	Alpedrinha	Xisto 4.	1476	S. Maria trans Tib.	1508	Roma	Roma
O infante D. Affonso	Evora	Leão 10.	1517	Santa Luzia	1540	Lisboa	Belem
D. Miguel da Silva	———	Paulo 3.	1539	Dos doze Apost.	1556	Roma	Roma
O infante D. Henriq.	Lisboa	Paulo 3.	1545	Dos Ss. 4. Coroad.	1580	Almeirim	Belem
D. Veris. de Lanc.	Lisboa	Innoc. 11.	1686	———	1692	Lisboa	S. P. de Alc.
D. Luiz de Sousa	Porto	Innoc. 12.	1697	———	1702	Lisboa	Sé de Lisboa
D. Nuno da Cunha	Lisboa	Clem. 11.	1712	Santa Anastacia	1750	Lisboa	S. D. de Lisb.
D. Joseph Pereira	Moura	Clem. 11.	1719	Santa Susana	1738	Faro	Sé de Faro
D. João da Motta	Castel. Br.	Bened. 13.	1727	———	1747	Lisboa	Carmo
D. Thom. de Alm.	Lisboa	Clem. 12.	1737	———	1754	Lisboa	S. Roque
D. Joseph Manoel	Lisboa	Bened. 14.	1747	———	1758	Atalaya	Atalaya
D. Francisco	Lisboa	Bened. 14.	1756	———	——	———	———

CAPITULO V

Dos Varões mais memoraveis em santidade, e virtude

Determinamos recolher n'este capitulo as memorias respeitaveis de alguns Santos Portuguezes, porque de todos não só seria improprio á brevidade do nosso methodo, mas tão impossivel, como o pretender formar calculo ao numero das estrellas: tão fecundo é de Varões Santos o Lusitano Imperio. Porém, antes que principiemos, é justo protestar, que nos conformamos com os decretos do papa Urbano VIII ácerca do titulo de santidade, martyrio, e favores do ceu, de que faremos menção em algumas partes, quando fallarmos de alguns varões virtuosos, pois o nosso sentido não é querer alterar nem o credito dos authores, de quem extrahimos estas noticias, nem a fé immutavel da igreja, cujas determinações catholicamente abraçamos.

§ I

Santos da Provincia do Minho

Santo Absolonio, natural da antiga Viana de Caminha, na perseguição de Nero padeceu glorioso martyrio em Cappadocia acompanhado de outros Santos companheiros, e de S. Lucio seu prelado.

Santa Adozinda, grande lustre da cidade do Porto, onde teve seu nascimento dos illustrissimos condes de Agueda D. Guterres Arias, e D. Aldarara. Seguindo os vestigios de seu irmão S. Rosendo, professou vida religiosa no mosteiro chamado Villa-Nova, em que acabou santamente; e não com menor felicidade deixou de si eterna memoria sua venturosa mãi D. Aldara. (1)

Santo Avito, presbytero, natural de Braga, e arcediago da sua metropolitana. Suas acções foram tão virtuosas, que não só acreditaram sua patria, mas illustraram grandemente a santa cidade de Jerusalem, onde concluio seus dias felizmente a 17 de Junho de 440. (2)

Santa Basilia, ou Basilissa, uma das nove irmãs Santas, que nasceram de um maravilhoso parto na cidade de Braga, e filhas de C. Atilio Regulo. Alcançou esta a palma do martyrio em Siria da Asia, uns dizem que a 29 de Agosto, outros no primeiro de Novembro. (3)

S. Cassiano, e Ceciliano, que na companhia de outros Cavalleiros Portuguezes partiram de Braga com a Princeza Santa Engracia, e junta-

(1) Cunha no Catalog. dos Bisp. do Port. part. 1. cap. 13. fr. Luiz dos Anjos no Jardim de Portug. pag. 141. e 144. (2) Vasaeus ad ann. 388. Vasconcel. in Descript. Lusitan. num. 4. Possevin. in Apparat. Sacr. tom. 1. pag. 141. Estaço. Antig. de Port cap. 71. num. 4. Argote tom. 4 das Memor. de Braga. (3) Maced. Eva, e Ave part 2. cap. 65. num. 16. fr. Luiz dos Anjos no Jardim de Portug. pag. 44.

mente com ella conseguiram em Çaragoça de Aragão o glorioso triunfo de Martyres.

Santa Columbina, ou Comba, a qual na comitiva de vinte e nove patricias donzellas com outros muitos Christãos Portuguezes no mesmo dia, anno, e lugar em que padeceu Santa Quiteria, foram todos coroados da sempre florente coroa do martyrio a 22 de Maio. (1)

S. Cucufate, natural de Braga, e irmão dos Santos Susana, e Torcato, que na mesma patria, e perseguição de Nero ficou victorioso da sua tyrannia em 15 de Abril, e cujo glorioso corpo se venera na cathedral de Santiago em Castella. Dizem alguns, que este Santo era natural de Barcelona.

S Damaso Papa, que na melhor opinião foi natural de Guimarães, ou, como diz João de Barros, do Couto de Pedralva, que é entre Braga, e Guimarães. Dos Pontifices da igreja foi um dos mais insignes, que occuparam a Cadeira Pontificia. Não só possuia uma grande sciencia, e discrição, mas uma eminente virtude, e tão especiosissima, que muitas provincias estranhas. o pretendem para seu patrono, e o perfilhão por seu conterraneo. O Academico Manuel Pereira da Silva Leal nas Memorias da Guarda diz, que S. Damaso fora natural da Idanha. (2)

Santa Engracia, glorioso ornamento da cidade de Braga, derramou pela fé seu virginal, e nobilissimo sangue em Saragoça de Aragão com os mais exquisitos tormentos, que podia inventar a crueldade. Muitos dias esteve com os figados arrancados, o coração patente, e rasgado o peito, protestando ainda assim alegremente a Fé de Christo, e merecendo ainda viva o raro titulo de Martyr, como elegantemente cantou Prudencio em um admiravel hymno, como testemunha de vista. (3) Outra Santa *Engracia* houve tambem no territorio de Braga, que foi martyrizada pela Fe em Carvajales, junto a Leão, de que se lembra fr. Luiz dos Anjos no Jardim de Portugal pag. 126.

Santo Epitacio, discipulo de S. Pedro de Rates, e natural de Ambracia, que, segundo a opinião de alguns, foi Barcellos.

Santo Evento, um dos dezoito cavalleiros Portuguezes, que em companhia da Princeza Santa Engracia deram as vidas pela religião Christã.

Santa Eufemia, ou Eumelia, filha quarta de C. Atilio Regulo de Braga, e illustre Martyr da Igreja Catholica no anno de 138 mereceu seu santo cadaver venerações na Sé de Orense.

S. Fausto, ultimo dos companheiros de Santa Engracia, e com ella em Saragoça de Aragão martyrizada, donde sendo levado seu glorioso corpo para Buyarda, bispado de Calahorra, é alli continuamente visitado, e com especialidade das mulheres infecundas, que conseguem do santo maravilhosos despachos. (4)

(1) Cardos. no Agiolog. Lusit. tom. 3. pag. 370 (2) Leal, Memor. da Guard. part. 1. tit. 3. cap. 4. Gandar. Arm. y triunf. de Galiza cap. 17. num. 3 Macedo nas Flor. de Hesp. cap 9. excell. 10. num. 6. Corograf. Portug. tom. 1 pag. 81. (3) Prudentius in Peristaphanon Hymn. 4. (4) Agiologio Lusitano tom. 2. pag. 721.

S. Felís, discipulo de S. Pedro de Rates, a cujo corpo deu decente sepultura por celestial aviso. Foi o primeiro, que santificou os desertos desta provincia com a vida eremitica muitos centos de annos antes, que S. Paulo abrisse o caminho a este modo de viver Angelico na Thebaida do Egypto. (1)

S. Fronto, cavalleiro, que na comitiva de Santa Engracia triunfou da tyrannia em credito da religião.

S. Frutuoso em tempo dos godos foi conego, e bispo de Braga. Jaz seu corpo em Santiago de Galiza.

O Beato D. Garcia Martins, Ballio de Lessa na religião de Malta, e nella commendador em cinco reinos de Hespanha. Seu corpo é venerado na igreja de Lessa, onde os moradores d'aquella comarca o visitam com o nome de *Homem Santo*. (2)

Santa Gemma, uma das nove filhas de C. Atilio Regulo Bracarense. Alguns lhe chamão *Marinha*, e outros *Margarida*. Com igual gloria se prezam os patricios de Braga de outras duas irmãs *Genebra*, e *Germana*, esta martyr em Cartago de Africa, e aquella em Tuy,

S. Gennadio, natural de Braga, donde se ausentou de menor idade para ser Monge Benedictino, e fez n'aquella vida monastica taes progressos, que foi elevado á dignidade de bispo de Astorga; porém saudoso da solidão, veio acabar n'ella santamente, e com a prerogativa de milagres. (3)

S. Gonçalo de Amarante nasceu no lugar da Riconha, termo de Guimarães. Suas virtudes, e santidade foram tão admiraveis, que as duas religiões benedictina, e dominicana ambas o pretendem possuir como proprio filho, (4) sendo que mais razão tinha o nosso honorifico estado clerical de o numerar entre os insignes heroes, que o illustram, por elle ter sido conego na insigne collegiada de Guimarães, segundo mostra, e persuade Gaspar Estaço nas Antiguidades cap. 30. e 31.

O Beato fr. Gonçalo Abbade Cisterciense, natural de Chaves, cuja vida foi cheia de merecimentos, e a morte de prodigios; porque exhalando o espirito no meio do caminho, fazendo jornada, em que ficou submergido em um grande monte de neve, não cessaram os sinos de se tocarem milagrosamente por si até o darem á sepultura. (5)

O Beato fr. Gonçalo Dias, natural da Villa de Amarante, menos conhecido na patria, que nas Indias de Hespanha, onde no convento mercenario de Calháu de Lima floreceu pelos annos de 1600 com singulares favores da Omnipotencia no dom de profecia, no dote da agilidade, e no portento de milagres. (6)

(1) Idem. tom. 1. pag. 1 Argot. nas Memor. de Braga tom 1. liv. 1. cap. 2. num. 36. (2) Bzovio, Ann. Eccles. tom 13. ann. 1286. Funes, Chronic. de Malta liv. 1 cap. 26. e outros, que allega Cardos. no Agiolog. tom. 1. pag. 7. (3) Salazar, Martyrol. Hisp. a 25 de Maio. e no mesmo dia o Agiolog. Lusitan. de Cardos. (4) Fr. Leão de S. Thom. no Prol. as Constit. cap. 3. §. «Fulsere.» Corograf. Port. tom 1. pag. 85. e 109. (5) Cunha, Histor. de Brag. part. 2. c. 68. (6) Agiol. Lusit. tom. 1. p. 23. e 30. e tom. 3. p. 286. Chronol. Monast. liv. 2. cap. 4.

S. Januario, um dos cavalleiros Portuguezes, que em Saragoça de Aragão foi martyrizado pela Fé em companhia da gloriosa Princeza Santa Engracia.

O padre Ignacio de Azevedo, ditoso martyr, o qual navegando para o Brasil a dilatar a fé, foi morto por um corsario herege francez com trinta e nove companheiros, e missionarios da Companhia de Jesus aos 15 de Julho de 1570. No mesmo dia foram todos vistos por Santa Theresa subir ao Ceo laureados com a coroa, e palma de martyrio, como consta da vida da santa; e a 21 de Setembro de 1742 Benedicto XIV passou um decreto de declaração do martyrio. (1)

O veneravel fr. *João Cerita*, religioso abbade cisterciense, floreceu em virtude em tempo dos primeiros reis portuguezes, sendo um dos principaes meios de se introduzir n'este reino a meliflua religião de S. Bernardo.

S. João do Porto, a quem uns lhe chamam *Terçon*, outros *Teyçon*, ou *Içon*, fez vida solitaria, ou contemplativa em Tuy, onde hoje está o convento dominicano, e alli resplandece em milagres o seu sepulchro.

S. Julião, que na cidade antiga chamada Flavia Lambria junto das ribeiras do Lima, sendo mancebo de dezoito annos, foi coroado de glorioso martyrio, e é hoje venerado seu incorrupto corpo em Arimino, cidade Adriatica. (2)

Santa Iria, ou *Herena*, irmã do Pontifice S. Damaso, com o qual viveu em Roma santamente. Jaz seu veneravel corpo na igreja de S. Sebastião da mesma cidade em companhia de seu irmão, e de sua mãi. (3)

Santa Liberata, ou Wilge-Forte, filha do Regulo Lucio C. Atilio, a qual depois de converter muitos gentios á fé de Christo, e os doutrinar nos santos preceitos, por cujo motivo se lhe dá o titulo de primeira doutora portugueza, e por viver retirada no ermo, em cuja vida solitaria tambem foi a primeira das portuguezas, que abraçou semelhante modo de viver, padeceu finalmente glorioso martyrio na cidade do Porto em tormento de cruz a 20 de Julho do anno de 138, e é venerado seu corpo na Sé de Siguença, de que é Padroeira, e se lhe faz festa a 18 de Janeiro. (4)

O beato fr. Lourenço Mendes, da Ordem dos Pregadores, em Guimarães, o qual compadecido dos moradores d'esta comarca, fabricou a ponte de Cavez, duas leguas além da de S. Gonçalo, em cuja obra resplandeceu a sua virtude com evidentes prodigios. Elle foi a quem um anjo em fórma humana lhe entregou em Chaves, que alguns dizem ser sua patria, um cofre de reliquias, que por mandado de Deus havia recolhido de uma cidade de christãos, que n'aquella mesma hora fora entrada de infieis. Faleceu em fim a 27 de Janeiro de 1280.

(1) Agiolog. Lusit. tom. 4 pag. 175. (2) Petr. á Natal. in Catolog. Sanctor. liv. 5. cap. 141. (3) Baron. tom. 4. Annal. ann. 384 (4) Bivar ad Dextr. ann. 138. Gretser. de Cruc. liv. 1. cap. 98 Jardim de Portug. p. 33 Macedo, Eva, e Ave part. 2. cap 65. 8.

S. Luperco, tio da princeza Santa Engracia, e principal capitão da nobilissima tropa de cavalleiros portuguezes, que pela lei de Christo foram martyres em Çaragoça de Aragão na perseguição de Diocleciano no anno de 303, cujos veneraveis corpos são hoje na Igreja do Convento de Jeronymos da mesma cidade de Saragoça respeitados com toda a veneração. (1)

S. Marcial, um dos companheiros de Santa Engracia.

Santa Marciana, ou *Marcia*, filha de C. Atilio, e martyrisada em Toledo a 12 de Julho do anno de 155. (2)

Santa Marinha, martyrizada em Anfiloquia de Galiza, cujo glorioso corpo se conserva, e venera em Aguas Santas do mesmo reino.

Santa Matrona Virgem, e não martyr, como alguns disseram, (3) sendo filha de Remismundo, Regulo da Lusitania em tempo dos Suevos, ausentando-se de Braga sua patria, passou a Italia, e na cidade de Capua á sombra das sagradas reliquias de S. Prisco, um dos setenta e dois discipulos de Christo, que a santa descubriu por divina revelação, passou a vida, e acabou santamente, (4)

Santo Optato, companheiro dos dezesete fidalgos portuguezes, que em Saragoça de Aragão triunfaram da crueldade, e dos tormentos.

S. Pascasio, discipulo, e amanuense de S. Martinho de Dume, floreceu pelos annos de 560 não só em letras, mas em virtudes, de que se lembra S. Gregorio Papa nos seus Dialogos.

S. Pedro de Rates, discipulo do Apostolo Santiago, por quem foi constituido em primeiro Arcebispo de Braga. Depois de pregar em varias partes de Hespanha com grande fervor, aos 26 de Abril do anno 64 de Christo pouco mais, ou menos, foi morto em Rates pelos idolatras odiosos da fé catholica, estando em oração diante do altar. (5)

O irmão Pedro de Basto, da Companhia de Jesus, illustre em todas as virtudes, e Deus o enriqueceu de dons sobrenaturaes tão antecipadamente, que de menino lhe communicou em varias visões muitos segredos, e successos occultos.

S. Primitivo, um d'aquelles companheiros portuguezes, que morreram martyres com Santa Engracia em Saragoça de Aragão.

(1) Martyrol. Rom. a 16 de Abril. Brito na Monarq. liv. 5, cap. 21, Vasconcel. in Descr. Lusitan. p. 447. Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag. 721. e 728. (2) Baron in Notis ad Martyrol. 12. Jul. Maced. Eva, e Ave part. 2. c. 65. n. 13. (3) Fr. Luiz dos Anjos no Jardim de Portug. n. 38. e outros apud Cardos. no Agiolog. tom. 1 p. 244. (4) Idem Cardos. tom. 2. p. 185 (5) Dizem muitos, que S. Pedro de Rates era um d'aquelles Judeus das doze Tribus, que Nabucodonosor desterrara de Babylonia para Hespanha, e lhe chamavam Malaquias o velho, ou Samuel o moço, e que entrando Santiago em Hespanha, se fora á sepultura do tal Malaquias, que havia mais de seiscentos annos que estava enterrado, e o resuscitara em Illipula, cidade proxima a Granada, bautizando o com o nome de Pedro, e o mandara a Braga prégar a Lei de Christo. Este facto sem embargo de constar do Breviario Bracarense modernamente reimpresso, e ser tido por certo de todos os Anthores, que allega o Agiolog Lusitan. tom. 2. pag. 725. com tudo muitos, e gravissimos Escritores tem isto por fabula, como se pode ver em Nicoláu Antonio liv. 1. Bibliot. Hispan. veter. cap. 21. num. 456. Aguirre tom. 2. Concil Hisp. dis. 3. Estaço nas Antiguid. cap. 59. e no Padre D. Jeronym. Argote no tom. 4. das Memor. de Braga liv. 1. cap. 2.

Santa Quiteria, ou *Guiteria*, irmã das nove filhas de C. Atilio, a qual sendo martyrizada junto á cidade de Toledo aos 22 de Maio, levou em suas mãos degollada a propria cabeça por espaço de duas leguas até Marguelizza, onde na ermida de S. Pedro foi sepultada, e se conservam com grande veneração suas reliquias. (1)

S. Quintiliano, martyr da comitiva de Santa Engracia.

S. Raymundo pastor, e natural de Medelhim, colonia da antiga Lusitania, morreo no anno de 900 cheio de maravilhosas obras, e merecimentos, cuja memoria se celebra no terceiro dia de Pascoa da Resurreição. (2)

S. Recesuintho, natural de Braga, e abbade do mosteiro de S. Martinho de Sande, varão de singular virtude, e letras, como bem mostrou no decimo quarto Concilio Toletano, a que assistiu pelos annos de 684.

Santa Revocata, natural de Viana de Caminha, e alli mesmo martyr a 6 de Fevereiro do anno de 253.

S. Rosendo, irmão de Santa Adozinda, sendo de vinte e oito annos foi promovido ao bispado de Dume, e depois ao de Mondonhedo, e de Compostella. Sua alma foi levada ao Ceo entre coros de anjos, e celestiaes melodias, como ouviu a gloriosa Santa Senhorinha, estando no coro no mosteiro de Vieira. (3) Foi gozar da Bemaventurança em o primeiro de Março de 977. Alexandre III o declarou Santo, e foi o primeiro, que foi canonizado com as diligencias, que determinou a igreja.

S. Saturnino foi martyr em Viana de Caminha juntamente com Santa Revocata.

Santa Senhorinha, natural de Basto, onde nasceu pelos annos de 924. Outros dizem que foi natural de Attei, povoação antiga sobre a ribeira de Baça, onde agora se vê o lugar de Cunhas, e que seu pai Hufo Hufes Belfajal, conde da maior parte da Beira, e Minho, e illustrissimo principio da familia dos Sousas, hoje condes do Redondo, lhe puzera por nome *Domitilla*, ou *Genovêsa*, porem os nossos nunca lhe souberam outro nome, que o de Santa Senhorinha de Basto. Criou-se no mosteiro Benedictino de Vieira com sua tia *Santa Godina*, abbadessa do mesmo mosteiro, por cuja morte foi eleita em prelada, obrando, e acabando n'aquelle emprego cheia de merecimentos, e prodigios. (4)

S. Silvestre, natural de Braga, e bispo da mesma cidade, triunfou dos idolatras no anno de 70.

Santa Susana, irmã dos santos Torcato, Victor, e Cucufate, e todos naturaes de Braga, e martyres pela fé de Christo na perseguição de Ne-

(1) Bivar ad ann. 138. Jardim de Portug. pag. 37. Agiolog. tom. 1. pag. 178. (2) Idem. tom. 2. pag. 428. (3) Cunha no Catalog. dos Bisp. do Port. 1. cap. 13. Jardim de Portug. pag. 150. Cardos. Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag. 5. (4) Monarq. Lusit liv. 7. cap. 25. Cunha no Catalog. dos Bisp. do Porto part. 1. cap. 23. Jardim de Portug. pag. 147. Benedict. Lusitan. tom. 2. trat. 1. part. 3. cap. 6. Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag 669.

ro. Veneram-se as reliquias d'esta santa na paroquia de seu nome fóra dos muros da cidade de Santiago em Hespanha. (1)

S. Theofilo martyr pela confissão da fé em companhia de S. Saturnino, e Revocata, no anno de 260 em Viana da Foz do Lima.

S. Theotonio, natural da freguezia de Garfei junto á villa de Valença do Minho, e não de Tuy, como diz Duarte Nunes. (2) Foi varão de admiraveis virtudes, e prodigios; e querendo o conde D. Henrique fazel-o bispo de Viseu, elle por não aceitar aquella dignidade fugiu para Jerusalem, e tornando para a patria, se aggregou ao novo convento de Santa Cruz, a que havia dado principio D. Tello, arcediago de Coimbra, onde foi eleito primeiro prior d'aquella santa congregação, florecendo com acções tão meritorias, que alcançou para si eterna gloria no ceu, e para os seus nacionaes avantajados creditos de honra. Foi seu transito a 18 de Fevereiro de 1162, e jaz seu glorioso corpo no convento de Santa Cruz em sumptuoso mausoleu. (3)

S. Torcato, irmão de Santa Susana, e Cucufate, naturaes de Braga, com elles padeceu martyrio na mesma cidade a 12 de Abril, imperando Nero. Houve outro S. Torcato, bispo do Porto, e natural de Toledo, que na invasão dos mouros junto a Guimarães foi martyr em defensa da fé com vinte e sete companheiros tambem naturaes de Braga. (4)

Santa Veatride bracarense, que em companhia de dezoito patricias foi pela abbreviada estrada do martyrio gozar da patria celestial. (5)

S. Victor, ou *Vitouro*, natural dos arrebaldes de Braga, e a quem o capitão Victor Photino, filho da Samaritana, converteu á fé de Christo. Sendo ainda catecumeno, por não querer sacrificar aos idolos de Silvano, e Ceres, que a cega gentilidade festejava aos 12 de Abril fóra da dita cidade de Braga uma milha, foi martyrizado, e degollado. (6)

Sancta Victoria, filha de C. Atilio, e igualmente Virgem, e martyr com as mais irmãs; padeceu porem em Cordova com S, Zoilo, ou Aziclo a 17 de Novembro, em cujo dia affirmam alguns authores se colhem rozas, que nascem junto da sua sepultura. (7) No termo de Beja ha uma freguezia de Santa Victoria, que no meio da capella mór tem um tumulo de madeira levantado, onde erradamente affirmam estar alli enterrada a santa: sendo constante o existir no convento dominico de Cordova.

Santo Urbano; illustre companheiro da gloriosa Santa Engracia, que tambem gozou da coroa de martyr pela fé de Christo.

(1) Cardos. Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag. 582 (2) Nunes, Descriç. de Port. cap. 89. (3) Monarq. Lusit. liv. 10 cap. 43. Cunh. Histor. de Brag. part. 1ª cap 17 (4) Idem. Catalogo dos bispos do Porto part. 2. cap. 48. (5) Cunh. Histor. de Brag. part. 1. cap. 95. (6) Duarte Nun. Descripç. de Portug. cap. 40 (7) Fr. Luiz dos Anjos, jardim de Portug. p. 45. Maced. Eva, e Ave part. 2. c. 65. n. 10

§ II

Santos da Provincia de Tras os Montes

Santa Aquilea, ou *Aquila*, que na companhia de outros martyres todos naturaes da cidade de Bragança, padeceram no anno de 300 pela religião catholica glorioso martyrio a 23 de Março.

S. Domicio, companheiro de Santa Aquila na patria, e no martyrio.

Santo Eparchio, outro companheiro dos antecedentes martyres.

O Apostolico varão fr. Filippe Dias da Ordem dos Menores, natural da mesma cidade de Bragança, grande lustre da sua religião, e honra da sua patria; porque alem de ter singular persuasão no pulpito, o seu raro exemplo ainda persuadia mais as reformas das vidas. Morreu com opinião de santo em Salamanca a 9 de Abril de 1600. (1)

S. Frutuoso, natural da freguezia de Santa Maria de Constantim, meia legua de Villa Real, abbade que foi d'aquella igreja, em que se houve exemplarissimamente no pasto espiritual das suas ovelhas, nos braços das quaes espirou a 16 de Abril em tempo de Eleutherio, arcebispo de Braga, depois de ter visitado em Jerusalem, e Roma em devota romaria os lugares sagrados. Jaz seu corpo no pavimento da capella mór da sua igreja, obrando Deus por seu meio innumeraveis milagres. (2)

S. Gallicano Ovino, natural da cidade de Braga, foi em Roma capitão valerosissimo, que conseguiu insignes victorias, e duas vezes obteve a dignidade de consul. Milagrosamente não só triunfou do barbaro Scytha, que opprimia Thracia, mas o fez tributario, e elle se fez christão pelos rogos de S. João, e S. Paulo seus parentes. Vendo que pela verdadeira religião, e fé de Christo conseguira tantos triunfos, repudiando os desposorios de Constancia, filha do imperador Constantino, se recolheu ao deserto a fazer vida anacoretica, onde depois de succeder no imperio o apostata Juliano, padeceu martyrio na sua perseguição em Alexandria a 25 de Julho de 362. (3)

S. João, e Paulo, irmãos, nascidos em Bragança, d'onde se ausentaram com Gallicano para Roma, e lá foi João Mordomo mór de Constancia, filha do imperador Constantino, e Paulo seu secretario. Governando o apostata Juliano, e sabendo que eram christãos, os mandou degolar dentro a sua casa em Roma a 26 de Junho de 372. (4)

O veneravel irmão João Fernandes Varejão, natural da villa de Freixo de Espadacinta, como diz o author da Corografia portugueza, (5) sem embargo que outros o fazem natural de Cordova, como diz Jorge Cardoso, (6) e o padre Antonio Franco no livro *Annus gloriosus Soc.*

(1) Esperança, part. 1. da Chron. Seraf. liv. 1. cap. 5. num. 7. e outros apud Cardos. no Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 494. (2) Duarte Nun. Descr. de Port. cap. 56. e Cardos. no Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 595. (3) Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 3. pag. 814.

(4) Ibid. pag. 836. (5) Corograf. Portug. tom. 1. pag. 340. (6) Agiolog. Lusit. tom. 1. pag. 833.

Jes. Lusit. foi na segunda religião jesuitica um dos maiores obreiros nas missões do Japão, onde converteu innumeraveis almas ao gremio do christianismo com a grande efficacia do seu espirito, e admiravel intelligencia d'aquelle idioma, em que compoz algumas obras utilissimas para o ministerio, e facilidade da missão. D'elle se aproveitou muitas vezes o Santo Xavier, como quem lhe conhecia a sua virtude; até que cançado de trabalhos, tendo revelação da sua morte, entregou o espirito a Deus a 27 de Junho de 1568, e foi descançar no Paraiso, ficando seu corpo venerado em Firando, reino do Japão, e na igreja de Nossa Senhora da Conceição, que elle fundara. Na igreja da misericordia da villa de Freixo de Espadacinta se conserva com estimação um seu retrato. (1)

O servo de Deus fr. João Hortelão, natural do lugar do Valverde, termo da villa da Alfandega da Fé, o qual servindo de pastor, era tão devoto de ouvir missa, que pela não perder todos os dias, deixava cravado no chão o seu cajado, d'onde o gado se não afastava até elle não vir; e prohibindo-lhe seu amo aquella devoção pelo risco, a que expunha todo o rebanho, dando por ordem aos barqueiros do rio Sabor que o não passassem, o servo de Deus, ouvindo tocar á missa, e vendo embaraço, lançou a capa no rio, e com grande fé na Omnipotencia, n'ella facilitou a passagem. Correndo o tempo, tomou o habito de leigo observante no Convento de Santa Marina em Castella a velha, mudando o o nome de Pascoal, que até alli tinha, em fr. João Hortelão; appellido, que elle tomou pelo exercicio, que na religião lhe deram de tratar da horta, na qual, porque os passaros lhe não comessem as sementes, elle os deixava fechados em uma casinha, em quanto hia á Missa, e depois os soltava para irem buscar sua vida em outra parte. Foi summamente devoto do Santissimo Sacramento da Eucharistia, cujo altar ornava, e concertava todos os dias com summo cuidado, e affecto: a caridade para com os pobres era grande, e muito mais a penitencia, que usava comsigo: na oração muitas vezes o viram em extasis arrebatado; e entre as mais virtudes teve sciencia infusa, e espirito profetico, até que declarando o dia, e hora de seu transito, acabou em o Senhor aos 11 de Janeiro de 1499 no convento de Salamanca, onde jaz seu corpo. (2)

O veneravel padre João Cardim, natural da Torre de Moncorvo, onde nasceu no anno de 1586, e entrando na companhia, resplandeceu n'ella em grandes virtudes, com as quaes acabou no collegio de Braga a 18 de Fevereiro de 1615, merecendo que ao tempo de espirar, o crucifixo, que tinha nas mãos, despregando os pés, e o braço direito, lhe cahio sobre o rosto prodigiosamente, e na mesma hora apparecendo a

(1) Nieremberg Var. illustr. tom. 5. pag. 584. Lucena, Vida de S. Franc. Xavier liv. 7. cap. 25. Telles, Chron. part. 1. liv 2. cap 19 e 35. P. Anton. Franco. «Annus glorios. Soc. Jesu Lusitan.» diz que morrera a 26 de Junho de 1567. (2) Gil Gonçalv. Histor de Salam. liv. 3. cap. 20. Cardos. e no Agiolog. Lusit. dit. dia. Corogr. Portug. tom. 1. pág. 457.

sua mãi, que morava em Vianna de Alemtejo, lhe disse, que pela misericordia de Deus hia gosar da Bemaventurança. (1)

O padre fr. Luiz da Cruz, filho da cidade de Bragança, e religioso franciscano da provincia de S. Gabriel, mui virtuoso, e douto, foi de vida integerrima, insigne em erudição e letras sagradas, porque foi summamente respeitado em Italia, e com especialidade do papa Gregorio XV. Morreu finalmente em Saragoça de Aragão no anno de 1633. (2)

Santa Marina, a qual nascendo na villa do Mogadouro, se retirou pelos annos de 1450 aos desertos de Salamanca, e alli, escolhendo uma gruta mais desabrida, fez morada, viveu, e acabou santamente; manifestando o Ceo pelas maravilhas, que esta santa anacoreta obrava, os grandes merecimentos, que tinha feito, para adquirir a bemaventurança, que possue. Jaz seu corpo no mesmo sitio, mas dentro de um grandioso templo, e convento Serafico da sua mesma invocação, onde em dia da Ascensão se dá a beijar sua santa cabeça ao povo, que alli concorre. (3)

O pastor santo de Izeda, lugar que dista cinco leguas de Bragança, o qual, ainda que não se lhe sabe o nome, todavia venera-se a sua cabeça na igreja de S. Braz do dito lugar, pela qual obra Deus muitos milagres, e é fama, e tradição constante que alli nascera. (4)

Santa Pelagia, natural de Bragança, e alli mesmo com outros companheiros no glorioso certame da fé triumfou, como elles, da barbaridade, despresando os idolos, e morrendo por Christo, e sua santa lei. (5)

O veneravel padre Pedro de Mesquita, presbytero do habito de S. Pedro, e natural da Torre de Moncorvo, e da principal gente d'ella. Os ultimos dez annos de sua vida os empregou em santa penitencia, retirando-se para isso á serra da Arrabida, onde exercitou as virtudes em tal competencia, e fervor, que lhe grangearam uma felicissima morte a 25 de Março de 1649, e depois uma gloriosa opinião. (6)

§ III

Santos da provincia da Beira

Santo Amador, natural da villa de Monsanto, que na antiquissima ermida de S. Pedro de Viracorça feito ermitão perseverou até á morte em continuas penitencias, confirmando Deus suas virtudes com os prodigios, que obrava, e com a morte feliz, que teve. (7)

(1) Cardos. Agiolog. Lusitan. tom. 1. pag. 466. Corograf. Portug. tom. 1. pag. 421. (2) Wading. dos Escrit. da Ord. Esperança liv. 1. cap. 5. (3) Cardos. no Agiolog. Lusit. tom. 3. pag. 65. (4) Ibidem tom. 1. pag. 333. (5) Fr. Luiz dos Anjos no Jardim de Portug. pag. 91. (6) Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 291. Corogr. Port. tom. 1. pag. 422. (7) Cardos. no Agiolog. tom. 2. pag. 320.

Santa Antonina, glorioso lustre da villa de Cea, onde nasceu, e padeceu constante pela fé de Christo no anno de 300, sendo seu corpo encerrado em uma urna de madeira, e precipitado pelo tyranno na celebre lagoa da Serra da Estrella, brilhante cofre de tão preciosa reliquia. (1)

O veneravel Bartholomeu da Costa, thesoureiro, e conego da Sé de Lisboa, chamado vulgarmente *Thesoureiro Santo*, nasceu na villa de Castello-branco a 24 de Agosto de 1553, e foram as suas acções tão louvaveis em todo o tempo, que sempre serviu de exemplar. A caridade para os pobres resplandecia n'elle singularmente, vindo a gastar com elles tudo, quanto possuia, e herdara. Faleceu a 27 de Março de 1608 com opinião de santo, e jaz na mesma Sé diante da capella do Santissimo Sacramento, conservando-se na casa do cabido um retrato seu com grande veneração. (2)

Santa Comba Ozores, abbadeça do mosteiro Archense Benedictino, que os mouros destruiram, padecendo pela confissão da fé a tyrannia do alfange agareno esta santa abbadeça, e todas as mais religiosas no sitio de tres leguas distante de Lamego.

Santa Comba, ou Columba, virgem, natural de Coimbra, deu sua vida pela fé de Christo, e defensa da sua castidade não longe do mosteiro de Cellas. (3)

O padre Diogo Carvalho, da companhia de Jesus, e natural de Coimbra, padeceu em Japão com oito companheiros no anno 1624. (4)

O veneravel fr. Antonio de S. Pedro, mercenario, natural de Celorico, foi portento da mortificação propria nas principaes potencias de juizo, e vontade. Morreu no anno de 1300, e é um dos servos de Deus, que andam na rota romana para serem beatificados.

Santa Espinella, religiosa de Cister no mosteiro de Arouca, donde foi natural, e onde se veneram suas reliquias mui milagrosas. (5)

A beata Feliciana, virgem, conega que foi do convento de S. João das Donas, contiguo ao de Santa Cruz de Coimbra, e do mesmo instituto, floreceu em grande observancia religiosa, e Deus lhe fez especiaes favores, como foi o de lhe responder a uma supplica pela boca de um devoto crucifixo, e de lhe acreditar a sua virtude com as prodigiosas maravilhas depois da morte, que foi a 4 de Fevereiro do anno de 1192. (6)

S. fr. Gil, da Ordem dos prégadores, e natural de Vouzella, bispado de Viseu, e da principal nobreza do reino. Foi no seculo insigne doutor em Filosofia, Medicina, e Nigromancia, que dizem aprendera do

(1) Card. no Ag. tom. 2, pag. 2 e 11. Martyrol. Roman. a 2 de Março. O Academico Manoel Pereira nas Memor. da Guard. he de contrario parecer, e veja-se na part. 1. tit. 3. cap. 3. (2) Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 324. (3) Duart. Nun. Descr. de Port. cap. 50. Corograf. Port. tom. 2. pag. 30. (4) Alegamb. Bibliot. pag. 570. (5) Fr. Luiz dos Anjos pag. 194. (6) Fr. Anton. da Purif. na Cronolog. Monast. Lusit. pag. 30. Fr. Luiz dos Anjos, Jardim de Portug. pag. 171. sem lhe declarar o nome Agiolog. Lusit. tom. 1. pag. 341

demonio, e obteve alem de outros beneficios o arcediago da terceira cadeira da Sé de Lisboa, e a thesouraria na de Coimbra. Depois arrependido, por inspiração de Deus tomou o habito da religião Dominicana, onde com penitencias continuas, e efficazes deprecações á Virgem Maria, alcançou d'ella restituir-lhe o principe das trevas a cedula, que lhe tinha feito, e assinado fr. Gil para ser seu. Logo dando-se a estudos de Theologia, em que se graduou de doutor, foi na sua religião o primeiro mestre de Filosofia, e Theologia, onde tambem foi provincial algumas vezes, e pregador d'el-rei até que cheio de merecimentos, e dias, faleceu no convento de Santarem a 14 de Maio de 1265. (1)

Santo Hermogio, tio de S. Paio, e natural de Coimbra, o qual renunciando o bispado de Tuy depois de ficar cativo de mouros na infeliz batalha de Val de Junqueira, em que acompanhou el-rei D. Ordonho II acabou santamente na sua primitiva religião Benedictina da serra de Labruja perto da estrada, que vai de Braga para Tuy.

O padre mestre Ignacio Martins, da Companhia de Jesus, e grande gloria da villa de Gouveia sua patria. Foi o primeiro, que leu filosofia nos collegios de Coimbra, e Evora. Teve uma ardente caridade, e zelo da salvação das almas; um fervor apostolico em seus sermões, e exercicio da doutrina christã, com que instruiu os meninos de Lisboa no espaço de desaseis annos, acreditando o Ceo com prodigios o seu santo intento. Faleceu com opinião de justo a 8 de Fevereiro de 1598, e jaz no collegio da Companhia de Coimbra. (2)

A beata Mafalda, infanta de Portugal, filha d'el-rei D. Sancho I, e da rainha D, Dulce, que supposto casar com el-rei D. Henrique I de Castella, como o matrimonio se não consummou pela nullidade, adquiriu o titulo de virgem prudentissima, dando-se toda aos affectos do divino esposo, e a obras de piedade, e religião, acabando santamente no mosteiro Cisterciense de Arouca ao primeiro de Maio de 1256, e conforme o author do Agiologio Lusitano a 2 de Maio de 1252. (3)

O beato Mendo, prior de Ribas, mosteiro antigamente de conegos regulares, foi varão de assinalada virtude, e perfeição religiosa, e tão observante, que se lhe mandou gravar na sepultura as especiaes palavras: *Qui nunquam, dum vixit, pedem movit, nisi in obsequium Dei.* Passados mais de quatrocentos annos, porque elle faleceu a 27 de Junho 1160, lhe mandou abrir a sepultura D. Rodrigo de Mello, commendatario d'aquelle convento no anno de 1565, e se achou o cadaver desfeito, e só os pés estavam incorruptos em manifesta confirmação, de que assim como na vida nunca deram passo, senão em serviço de Deus, era bem que ficassem livres da corrupção com publico prodigio. (4)

(1) Sousa part. 1. da Chron, de S. Doming. liv. 2. cap. 36. Nun. Descr. de Portug. cap. 47. Monarq. Lusit. liv. 15. cap, 32, Delrio. Disq. Magicar. liv. 6. cap. 2. sect. 3. q. 3. e outros, entre os quaes Echard. tom. 1 pag. 241. Script. Ord. Praed. tem por apocryfa a historia da sua conversão. (2) Fonseca, Evora glorios. pag. 432. Carlos. no Agiolog. Lusit. tom. 1. pag. 378. (3) Ibid. tom. 3. pag. 37. (4) Cunha, Histor. de Brag. tom. 2. cap. 10.

S. Payo, ou Pelagio, natural, conforme a melhor opinião, da cidade de Coimbra. (1) Em tenra idade mereceu ser victima de Christo na cidade de Cordova por Abderramen, rei mouro, que o mandou cruelmente atenazar por ser constante na fé, até que com tão illustre martyrio assombrando o mundo, e illustrando a igreja catholica, foi glorificar a Deus a 26 de Junho do anno de 925, e treze de sua idade, depois de estar cativo tres annos em rigoroso calabouço.

S. fr. Payo, tambem natural de Coimbra, filho primitivo da religião Dominicana n'este reino, e seu primeiro prior. Prégou, e doutrinou com grande fruto dos que o ouviam, e com grande zelo da honra de Deus. Faleceu na mesma cidade pelos annos de 1240. A terra da sua sepultura fez um evidente milagre na fundição de um sino, para o qual faltando metal, estando o mais derretido para se lançar nas formas, cresceu tanto a liquida massa, que sahindo perfeitamente o sino dos moldes, ainda sobejaram vinte arrobas, e vinte e quatro arrateis. Persevera hoje este sino em o convento novo, vendo-se n'elle o metal arenoso da mistura da terra, sem que por isso tenha máo sonido, antes quando se toca, produz um tom grato, e harmonioso ao ouvido, e faz trazer á memoria aquelle prodigio. (2)

S. Paschasio, conego regular de Santa Cruz de Coimbra, d'onde se crê foi natural, e que floresceu em illustres acções de virtude logo nos primeiros seculos d'aquella religiosa Ordem. (3)

O beato fr. Pedro dá Guarda, religioso leigo Franciscano, e natural da mesma cidade do seu appelido, foi varão de conhecida virtude, e summa caridade, continua oração, e aspera penitencia. Na sua morte, que foi no convento de S. Bernardino da ilha da Madeira a 11 de Fevereiro de 1505, se tocaram os sinos por si mesmo, e no anno de 1597 foram achadas suas santas reliquias por divina revelação, e collocadas pelo bispo do Funchal D. Luiz Figueiredo de Lemos na capella mór do seu convento, pelas quaes obra Deus muitos milagres, não sendo pequeno o verem-se continuadas vezes na gruta, em que de ordinario orava, luzes, e resplandores celestiaes. (4)

O beato Remisol, bispo que foi da Sé de Vizeu sua patria em tempo dos suevos. O Ariano rei Leovigildo o desterrou para introduzir na dignidade a Sunilla da mesma seita, padecendo o santo prelado n'aquelle degredo tantos trabalhos, que lhe abreviaram a vida, grangeando-lhe porem eterno descanço na patria dos viventes, e perduravel fama na memoria dos homens. (5)

A memoravel infanta D. Sancha, filha de D. Reimão, conde de Coimbra, onde esta illustre filha nasceu pelos annos de 1094. A entranhavel

(1) Monarq. Lusit. liv. 7. cap. 19. Benedict. Lusit. tom. 2. part. 3. cap. 2. § 2. e outros apud Cardos. no Agiolog. Lusit. tom. 3. p. 338. (2) Nun. Descr. de Portug. c. 54. Sous Chronic. de S. Doming. liv. 3. c. 2. Monarq. Lusit. liv. 4. c. 23, (3) Agiolog. Lusit. tom. 2. p. 33. (4) Wanding. Annal. tom. 2. ad ann. 1268. e tom. 8. ann. 1529 e outros apud Cardos. tom. 2. pag. 412. e tom. 3. pag. 416. (5) Monarq. Lusit. liv. 6. cap. 17.

devoção, que tinha aos mysterios da paixão de Christo, a obrigou a perigrinar até Jerusalem, onde esteve sete annos occupada em pios exercicios, e alli recebeu a soberana mercê em dia do Espirito Santo de lhe dar fogo novo em sua alampada administrado pelas mãos dos Anjos. De Jerusalem veio a Roma visitar os santos sepulchros dos sagrados apostolos, e voltando para Hespanha, acabou cheia de virtuosos merecimentos no convento de Espina, que ella fundou no bispado de Placencia. (1)

Santa Teixelina, patricia conimbricense, que floreceu em tempo dos godos com fama de santidade. (2)

O santo rei Wamba, gloria da antiga Idanha sua patria, hoje cidade da Guarda, o qual soube unir o valor militar á piedade christã, authorisando a Omnipotencia Divina com maravilhosos prodigios as suas acções, com as quaes deixou gloriosa memoria, acabando santamente a vida no convento Benedictino de Arlança a 20 de Janeiro.

Santa Xantippe, natural de Idanha, casada com Probo, varão illustre. Teve a felicidade de hospedar em sua casa ao apostolo S. Paulo, e receber d'elle as primeiras luzes da fé, e depois de obrar grandes milagres, descançou em o Senhor (3)

§ IV

Santos da provincia da Estremadura

O Santo fr. Alvaro de Cordova, portuguez, e natural de Lisboa, como tem a verdadeira opinião. (4) De tenra idade passou a Castella, e lá tomando o habito Dominicano, floreceu em virtude, e notaveis milagres ainda depois de sua morte, que foi no anno de 1420.

Santo Antonio, lisbonense, portento de santidade, e de prodigios, eterna gloria de Portugal, esplendor honorifico de Italia, clarim do Evangelho, Arca do Testamento, grande dos menores, soberano dos humildes, genito, senão o primeiro, o mais querido de seu pai o serafim dos patriarcas. Nasceu em Lisboa a 15 de Agosto de 1195, e foi canonisado com grandissima solemnidade na cathedral de Espoleto por Gregorio IX a 30 de Maio de 1232, onze mezes depois de seu feliz transito, com a singular maravilha de se repicarem os sinos em Lisboa sem industria humana no mesmo dia, por cujas acções tão gloriosas foi sempre Antonio Santo devotissima saudade dos portuguezes; porque supposto a morte o enterrasse em Padua, o amor o sepultou nos corações dos seus nacionaes.

(1) Fr. Luiz dos Anjos Jardim de Port. pag. 155. (2) Agiolog. Lusitan. tom. 3. pag. 75 (3) Bolland. Continuat. tom. 5. Acta Sanctor. pag. 400. e outros muitos, que allega o Academico Manoel Pereira da Silva Leal nas Memorias da Guarda part. 1. tit. 3. cap. 1. (4) Fr. Luiz de Sousa, Chronic. de S. Doming. part. 1. liv. 5. cap. 13.

O veneravel padre Antonio da Conceição, com quem se honra a villa de Pombal sua patria, e a sagrada congregação de S. João Evangelista, de que foi brilhante Astro. Á sua eximia confiança na Providencia de Deus se deve a erecção fundamental do regio convento de S. Bento de Xabregas, a cujo edificio deu principio com cinco tostões. Depois de accumular os oitenta annos de vida com preclaras virtudes, pagou o tributo de moral a 12 de Maio de 1602.

O veneravel D. fr. Bartholomeu dos Martyres, natural de Lisboa, que depois de illustrar a sua religião Dominicana com a doutrina de mestre, o arcebispado de Braga com o exemplo de Pastor, e o Concilio de Trento com o concelho, e praxe das virtudes, expirou aos 16 de Junho de 1592 com evidentes demonstrações de predestinado.

O veneravel Celio, tio da gloriosa virgem, e martyr Santa Iria, e lustre da villa de Thomar, chamada antigamente Nabancia, abbade do convento Benedictino, que houve em Santa Maria dos Olivaes. Por divina revelação descubrio, e fez ver no fundo do Tejo defronte de Santarem o glorioso corpo de Santa Iria sua sobrinha com o manifesto prodigio de se affastarem as aguas contra a sua natural corrente. Com o grande augmento de virtudes foi gosar a Bemaventurança pelos annos de 660, e jaz seu corpo na mesma igreja d'aquelle antigo convento, mas ignora-se o lugar.(1)

S. Domingos Martins, decimo quinto abbade de Alcobaça, cujo insigne cargo regeu sete annos com admiravel exemplo, e depois renunciando a abbadia, se retirou á quietação da sua cella, onde em continua oração, e penitencias, e a prerogativa de milagres alcançou uma santa, e preciosa morte a 22 de Janeiro de 1302. (2)

Os Santos Martyres Donato, Secundiano, Romulo e oitenta e seis companheiros naturaes de Bezelga, territorio de Thomar, padeceram alli mesmo pela confissão da fé no anno de 145 governando o imperador Antonino. (3)

Santa Felicissima virgem, e martyr, natural de Alcacer do Sal, onde triumfou da tyrannia com sua mãi, e Gratiliano em 12 de Agosto de 269, e foram seus corpos transferidos para a cidade Castellana de Italia, em cujo dia são festejados. (4)

S. Felis Diacono, e martyr, natural de Santarem, arcediago de S. Narciso arcebispo de Braga, a quem acompanhou sempre em todas as suas funcções, e operações Evangelicas até conseguir com elle a immarcessivel coroa do martyrio em Girona a 18 de Março do anno de 277 na perseguição de Aureliano, e seu glorioso corpo gosa a cidade de Pariz com grande inveja de Portugal. (5)

(1) Monarq. Lusit. liv. 6. cap. 24. Benedict. Lusit. trat. 2. part. 4. cap. 11. Cunha, Histor. de Lisb. part. 1. cap. 28. (2) Brito, Chronic. de Cister. liv. 3. cap. 22. Monarq. Lusit. liv. 15. cap. 8. (3) Cunha, Catalog. dos Bisp. de Lisb. part. 1. cap. 14. Bened. Lusit. tom. 1. pag. 4. trat. 11. cap. 8. Martyrol. Roman. a 17. de Fever. (4) Jardim de Portug. part. 58. (5) Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 286.

O beato Fillipe (que em Italia, por elle ser pequeno do corpo, chamavam *Filippino*) foi natural de Lisboa, e a quem escolheu o esclarecido Santo Antonio, por ser patricio, para seu companheiro leigo, quando empreendeu a jornada de Marrocos, a qual embaraçada pela divina Providencia, passou a viver angelicamente no convento de Columbario de Castellania, cidade de Italia, onde lhe succedeu o feliz transito para a Bemaventurança no primeiro de Maio de 1290, e descançando alli seu veneravel corpo até o anno de 1349, foi a 25 de Abril transferido para o convento de S. Marcos no monte Alcino em occasião, que chovendo incessantemente por todo o caminho em grande abundancia, não cahio uma só pinga de agua no feretro das santas reliquias, nem nas pessoas que o levavam. (1)

O infante D. Fernando, grande gloria de todo o reino, e com especialidade da villa de Santarem sua patria. Depois de um glorioso cativeiro em Fez, cidade de Berberia, foi gosar da eterna liberdade na Corte celeste entre a jerarchia dos martyres em 25 de Junho de 1443

O veneravel padre Gonçalo da Silveira, illustre por nascimento, porque foi filho do primeiro conde da Sortelha D. Luiz da Silveira, guarda mór d'el-rei D. João III, e insigne por virtudes heroicas, com que honrou a Companhia, em que foi professo, engrandeceu Almeirim sua patria, e serviu de grande gloria ao reino, e á religião, derramando seu nobre sangue por ella em Monomotapa da Ethiopia Oriental a 16 de Março de 1561, aos trinta e seis annos da sua idade, seguindo se ao seu martyrio gravissimos castigos do Ceo n'aquelle imperio. (2)

O beato fr. Jeronymo da Cruz, filho de pais nobres da cidade de Lisboa, e luminoso astro da religião Dominicana. Por obediencia passou ao Oriente, e no reino de Sião, exercitando o sagrado ministerio de missionario Apostolico, foi morto, e alanceado pelos mouros a 25 de Janeiro de 1566.

S. João Godo, inclito, e glorioso filho de Santarem, gerado de pais godos lusitanos. Em Toledo aprendeu as primeiras letras humanas, e em Constantinopla se aperfeiçoou nas divinas. Voltando á patria, reduziu seus pais á fé catholica, e a muitos amigos, e parentes, sequazes todos da Ariana seita, por cuja causa o perfido rei Leovigildo o desterrou para Barcelona, onde elle á custa de graves perseguições não cessou de impugnar fortemente aquella heresia. Alli fundou o celebre Mosteiro Benedictino de Val-clara, e resuscitando á fé com o novo governo do christianissimo Recaredo, este o constituiu bispo de Girona, com o qual Pastoral officio cresceu geralmente o aproveitamento espiritual das ovelhas,

(1) Fr. Marcos de Lisb. Chron. de S. Franc. part. 2. liv. I. cap. 46. e liv. 5. cap. 19. e outros apud Cardos. no Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 715. e tom. 3. pag. 20. (2) Maffeu, Histor. Ind. lib. 16. Franc. Ann. glorios. Soc. Jes. Cam. nas Rim. cent. 1. Sonet. 37. em cuja interpretação não atinou o celebre Manoel de Faria seu commentador.

*

até que cheio de avantajados meritos de piedade, e doutrina, passou do mundo ao Paraiso a 6 de Maio de 621. (1)

O veneravel mestre João Vicente, natural de Lisboa, e fundador da Congregação de S. João Evangelista, chamada dos Loyos, viveu, e morreu com opinião de santo a 29 de Agosto de 1463, ouvindo-se no ponto, em que expirou, musicas celestes, cantando a antifona: *Euge. serve, bone, etc.*, e os sinos todos da cidade de Lamego, onde succedeu o seu transito, se dobraram por si. Da sua sepultura manou oleo por muito tempo, que curava muitas enfermidades. Teve dom de profecia, e obrou Deus por elle muitos milagres. Fazem d'elle honorifica menção os authores abaixo allegados. (2)

O Servo de Deus fr. Joseph de Santa Anna, religioso da observancia de S. Francisco da Provincia dos Algarves, e natural do Lugar dos Francos, Freguezia de S. Silvestre, termo de Obidos, exercitou em sua vida virtudes heroicas, e foi adornado de outras sobrenaturaes. Manifestou Deus a predestinação da sua alma com a morte prodigiosa, que n'esta corte admirámos em 18 de Abril de 1731, continuando até o presente effeitos milagrosos, que os seus devotos experimentam (3)

Santa Iria, ou Eiria Virgem, e Martyr nascida de nobres pais na antiga Nabancia, hoje a Villa de Thomar, a qual por conservação da sua pureza alcançou a coroa virginal, e a palma de martyr a 20 de Outubro do anno de 653, merecendo que o ceu descubrisse a sua innocencia com o prodigio de se patentear seu sepulchro no fundo do Tejo fabricado pelas mãos dos anjos. (4)

A Santa Princeza D. Joanna, filha d'el-rei D. Affonso V, a quem Deus dotou de perfeições sem numero até a honrar com a prerogativa de milagres.

S. *Narciso*, odorifera flor do jardim espiritual de Santarem, de cuja producção justamente se gloria esta insigne villa. Foi elle o duodecimo arcebispo de Braga, e em Girona prégando a fé, e estando celebrando missa, foi traspassado com tres penetrantes feridas em 18 de Março de 277, imperando Aureliano. É especial Patrono de Girona, cidade de Catalunha, onde jaz seu incorrupto corpo na igreja de S. Felis, e é advogado contra a peste, e contra os raios. (5)

Santo Olympio, preclaro alumno da cidade de Lisboa, á qual por

(1) Baron. tom. 7. ad ann. 584. Monarq. Lusitan. liv. 6. cap. 17. Cunha, Histor. Eccles. de Lisb. part. 1 cap. 31. Bened. Lusit. tom. 1. tract 2 part. 5. cap. 32. P. Purificação na Chronolog. Monastic. pag. 54. e outros apud Barbos. Lusit. tom. 2. pag. 575. (2) O Chronista Santa Maria em diversas partes, principalmente do cap. 1. até 14. Vasconcell. na Descr. de Portug. pag. 522. Far. na Europ. port pag. 194. Purific. Chronol. Monast. pag. 63. Agiolog. Lusit. tom. 1 pag. 53. nas Advert. Bened. Lusit. tom. 2. pag. 350. Sousa, Chron. de S. Dom. part. 2. cap. 27. Cunha, Histor. Eccles. de Lisb. part. 2. O Bisp. Jacob Filipp. Thomaz no Annal. pag. 1480. (3) Fr. Jeronym. de Belem na Vida especial deste Servo de Deus. (4) Monarq. Lusit. liv. 6 cap. 24. Nunes, Descr. de Port. cap. 45 Fr. Luiz dos Anjos cap. 116. (5) Surio tom. 4. a 5. de Agosto. Padilha. Histor. Eccles. de Hesp. cent. 3. cap. 17. Barreir. Corograf. pag. 137. Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 210

muitos titulos se lhe augmenta a gloria em haver gerado tal filho, que na sciencia foi eruditissimo, cujas excellentes obras são applaudidas grandemente por Santo Agostinho: na dignidade zelosissimo arcebispo de Toledo, illustrando com os raios de sua sciencia, e virtude os concilios Gangrense, Sardicense, Cordubense, Toletano, e Ariminense, a que assistiu: na santidade heroico, de que são qualificadas testemunhas S. Gregorio Nazianzeno, Santo Athanasio, Santo Agostinho, Sozomeno, Volaterrano, e outros innumeraveis. Com tão portentosos merecimentos poz fim a seus dias em 12 de Junho de 360. (1)

O beato Pedro Negles, natural de Lisboa, onde teve o seu berço no anno de 1348. É mais conhecido em Italia, que em Portugal, e lá foi assombro da penitencia e vida eremitica. Deixou de viver no mundo em 15 de Outubro de 1405, para viver na eternidade, enchendo de prodigios continuos o logar de Bettona, onde é Patrono. (2)

Santa Silla, de quem Calcia, mulher de C. Atilio, se fiou para lhe extinguir, e lançar no rio as filhas, que prodigiosamente parira de um ventre; porém a piedosa parteira entregando-as ao Santo Prelado Ovidio, para que as bautizasse, mandou criar depois todas nove creaturas por differentes amas christãs, que com a doutrina, e instrucção evangelica foram as primeiras, que derramaram o seu sangue virginal pela pureza da fé, cuja palma conseguiu tambem Silla na maior perseguição do gentilismo. (3)

O beato Thadeu, chamado vulgarmente o apostolo das Canarias, para cujas Ilhas passou cheio de zelo apostolico d'esde Lisboa, d'onde era natural, e professo no convento Augustiniano de Nossa Senhora da Graça. D'alli passou a Berberia, onde prégou a divina palavra aos infieis com grande utilidade d'elles, e vantagem do christianismo. Em premio de tã relevantes merecimentos foi gozar da perenne gloria a 8 de Janeiro de 1470. (4)

O Veneravel fr. Vasco da Cunha, natural de Camarate, de illustre descendencia. Foi o primeiro, que introduziu n'este reino a Ordem de S. Jeronymo, donde passando para Andaluzia, lá resplandeceu em virtude, e em alguns prodigios, até voar seu espirito ao eterno descanço do ceu. (5)

S. Verissimo, Maxima, e Julia, todos tres irmãos, e lusitanos, os quaes ausentando-se da sua patria com o piedoso intuito de visitar em Roma os devotos santuarios, lá foram avisados por um anjo, que voltassem para Lisboa, onde haviam de ser Martyres. Assim o executaram, e offerecendo-se ao furor dos crueis ministros de Daciano, depois que estes os mandaram arrastar pelas ruas publicas, e vingar em seus cor-

(1) Peres in Chron. ad. ann. 354. num. 161. e outros apud. Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 3. pag. 655. (2) D. Joseph Barbosa na Vida especial, deste Santo impressa em Lisboa no anno de 1738. (3) Vasconcell. in Descript. L. sit. pag. 446 (4) Calvo. Lagrimas dos Justos liv. 2. cap. 12. e outros apud Cardos. Agiol Lusit. tom. 1. pag. 83. e tom. 3. pag. 254 (5) Purific. Chronol. Monastic. pag. 58.

pos com varios generos de tormentos o odio de Christo, os degollaram, e deitaram no mar entre Lisboa, e Almada; e sem embargo de atarem a todos com grandes pedras para irem ao fundo, immediatamente appareceram na praia com grande espanto dos mesmos tyrannos, onde os christãos lhes deram solemne sepultura, e se lhes erigio depois sumptuoso Templo. A Lenda da igreja de Lisboa faz ser a estes Santos naturaes d'ella, por ser o anfiteatro de sua constancia, sendo que a historia da sua vida, que de letra gotica se conserva no archivo das commendadeiras de Santos, os fazem oriundos de Roma (1)

§ V

Santos da Provincia do Alemtejo

O beato Amadeu, maravilhoso heroe da igreja de Deus, grande resplandor da illustrissima familia dos Sylvas, e Menezes, filho de Ruy Gomes da Silva, alcaide mór de Campo-maior, e Ouguella, e de D. Isabel de Menezes, filha do primeiro conde de Villa-Real, e capitão de Ceuta. Antes de ir para Italia se chamava D. João de Menezes, e com extremado affecto amava dentro dos limites do respeito a infanta D. Leonor, filha d'el-rei D. Duarte, a quem tinha offerecido todos os seus pensamentos, explicando a sua sympathica veneração na empreza, que tomou de um falcão volante com a letra: *Ignoto Deo*. Vendo porém, que o objecto do seu amor passava a differente hemisferio com os desposorios de Frederico III, imperador de Alemanha, passou elle tambem occultamente no anno de 1452 na mesma armada até Roma, onde a viu coroada da mão do pontifice Nicolau IV. Então desenganado do mundo, e conhecendo quem era Deus, que havia de amar verdadeiramente, tomou o habito de eremita de S. Jeronymo no mosteiro de Guadalupe, e alli teve revelação para seguir o Instituto Serafico, cujo habito recebeu em Assis, onde Deus por suas deprecações obrou relevantes maravilhas, pelas quaes era buscado, e reverenciado de todos; e, porque alcançou de Deus um filho herdeiro aos Duques de Milão, estes lhe deram sitio na sua cidade, onde fundou o convento da Paz, dando principio n'elle á congregação dos Amadeos no anno de 1460. Xisto IV o elegeu por seu confessor, approvou a sua congregação, ou reforma, e lhe deu o domicilio de S. Pedro Montorio em Roma para fundar convento, e alli foi reconhecido por D. Garcia de Menezes, seu primo, bispo de Evora, que passou a Roma por capitão general de uma armada, que el-rei D. Affonso V mandava ao papa para soccorrer Otranto. Morto Xisto IV se passou o beato Amadeu ao convento da Paz de Milão, e alli escreveu as suas celebres profecias, e depois a 10 de Agosto de 1482 foi gozar

(1) Cunha, Histor. Eccles. de Lisb. part. I. c. 18. num. 8. Duarte Nun. Descripç. de Portug. cap. 39. Anjos, Jardim de Portug. pag. 83.

da felicidade eterna, deixando de si a opinião, que correspondia a suas heroicas virtudes. Está sepultado no meio da capella mór, sobre o qual sepulchro se vê a sua imagem de pedra com raios na cabeça, assim como está pintado em S. Pedro Montorio em Roma, que nós vimos. É de advertir, que Possevino o celebra com diversos nomes, de Amedeu, Amador, Ameoli, e Amodei. Tambem discrepam, quando lhe assinam patria; porque uns o fazem natural de Ceuta, outros de Tangere, outros de Lisboa, outros de Campo-maior, e outros de Evora, opinião, que modernamente seguiu o Padre Fonseca na sua Evora gloriosa. (1)

O Veneravel fr. Antonio das Chagas, illustre esplendor da Vidigueira sua patria, onde viu a primeira luz do mundo a 25 de Junho de 1631. Cultivou as letras, as armas, e as virtudes, portando-se em tudo com engenho, e capacidade tão sublime, que de todos os professores é venerado por mestre, e exemplar Director da salvação das almas, crendo-se piamente, que a sua está gozando da visão beatifica, segundo os merecimentos de sua vida, que finalisou a 20 de Outubro de 1682 com vinte annos de religião, e cincoenta e um de idade. Jaz na casa do capitulo do seminario de Varatojo, que elle estabeleceu para missionarios apostolicos (2)

Santo Atto, natural da cidade de Beja. Sendo conego, passou á Palestina a visitar os Lugares sagrados, e daqui inspirado por Deus foi no anno de 1125 professar o instituto monachal de Vallumbrosa, onde se houve com tal exemplo, que vindo a ser abbade geral, conservou sempre no primitivo rigor aquella observante religião, por cujas virtudes, e maravilhas Innocencio II o elegeu bispo de Pistoya em Toscana no anno de 1133, cuja dignidade regeu dous annos com evidente utilidade do seu rebanho, até que cheio de merecimentos foi possuir o premio da visão beata a 22 de Maio de 1135. Clemente VIII concedeu breve ao clero de Pistoya para poderem rezar d'elle como de Beato, por Breve expedido a 24 de Maio de 1605. (3)

O Veneravel Padre Bautista, e por outro nome *Fernando Alvares*, natural de Evora, foi mestre dos filhos de D. Affonso, primeiro duque de Bragança, e em Lisboa occupou uma das cadeiras da Universidade, quando aqui residia. Excitado da vida eremitica, passou a viver na serra d'Ossa, onde Deus lhe fez alguns favores; porém reconhecendo que era do seu maior agrado servil-o na congregação de S. João Evangelista, recebeu a santa Murça no convento de Villar, e proseguiu uma vida tão

(1) Wading. Annal. Minor. tom. 6. ad ann. 1482. Torres, Consuelo de los devot. de la Concepcion liv. 1. cap. 5. Salazar, y Castro, Histor. da casa Sylva part. 2. liv. 6. cap. 4. Nunes, Desc. de Port. cap. 48. Vasconcel. in Descr. Lusit. pag. 625. Barreir. Corograf. pag. 246. Sever. de Far. no Promptuar. espir. pag 141 Barbos. Bibliot. Lusit. tom. 1. Carv. Corograf. Port. tom. 2. pag. 550 Figueiroa, Plaça univers. disc. 3. §. 4. num. 17. Fonsec. Evora gloriosa n. 422. Fr. Luiz dos Anjos, Jardim de Portug. pag. 322. (2) Barbos. Bibliot. Lusit. tom 1. pag. 238. (3) Nicol. Ant. Bibl. Vet. Hisp. liv. 7. cap. 4. num. 82. Ughell. Ital. Sacr. tom. 3. pag. 359. Ferrar. Catal. Sanctor. Ital. fol. 302. e outros.

observante da perfeição religiosa, que discorrendo por todo o reino, e sendo incançavel em prégar, nunca acceitou esmola de sermão, e com elles fez innumeraveis conversões de peccadores. Como era summamente prudente, e de grande authoridade, foi por obediencia de sua congregação tratar varios negocios d'ella a Roma, onde lhe chegou a hora ultima de vida, e assim a terminou a 12 de Janeiro de 1465, e foi seu corpo sepultado na Igreja de Santa Maria Maior com grande pompa na sepultura da casa Ursina, cuja nobilissima progenie sempre soube estimar a virtude. (1)

S. Barão, famoso eremita, natural de Mertola, e irmão dos santos martyres Brissos, e Barbara. Retirado em aspera gruta legua e meia da sua patria viveu solitario em continua contemplação, e penitencia; e costumando nos sabbados vir a povoado pedir esmola, se repicavam os sinos sem impulso humano milagrosamente, como querendo o ceu manifestar por aquelle modo a santidade d'aquelle anacoreta: e faltando a execução d'aquelle prodigio, antes em lugar de repicar dobrando os sinos, o povo suspeitando a morte do santo eremita, correu á sua cova, e o achou de joelhos com as mãos erguidas, e os olhos no ceu, para onde tinha voado seu espirito a 17 de Março do anno 700, conforme a Chronologia Monastica, (2) ou pelos annos de 300, segundo o Agiologio Lusitano. (3)

S. Brissos, tambem natural de Mertola, e observante da mesma vida solitaria. S. Jordão o tirou do deserto, e o ordenou de sacerdote. Procedeu elle com tal exemplo, que lhe succedeu na cadeira episcopal; porem em Mertola o presidente Marciano, vendo, e examinando quanto o santo bispo abominava os idolos, o mandou açoutar, e quebrar-lhe os dentes, e metel-o no carcere; mas succedendo um grande terremoto, em que o presidente ficou sepultado nas ruinas, os seus ministros temerosos deram liberdade ao santo, que ainda sobreviveu quatro annos, e no de 312 foi gozar da bemaventurança. (4)

A memoravel D. Brites, ou *Beatriz da Silva*, irmã do beato Amadeu. Sendo dama da rainha D. Isabel, que de Portugal foi casar a Castella com el-rei D. João II, era tal a sua formosura, que aturdindo a todos, andava a corte inquieta nas competencias do galanteio, de que a honestissima D. Brites summamente se affligia, vendo que lhe attribuiam aquellas desordens; e muito mais, quando a rainha, sem mais crime que a sua belleza, a mandou prender dentro em um estreito carcere, onde esteve tres dias, no qual lhe appareceu a Virgem Nossa Senhora, consolando-a n'aquella agonia, e fazendo D. Brites diante d'ella voto de castidade. Instituiu depois a Ordem da Conceição, como deixamos dito no capitulo 3.º, e cheia de merecimentos acabou seus dias em Toledo a 17

(1) Agiolog. Lusit. tom. 1. pag. 118. Fonsec. Evora glorios. num. 430 e 431. (2) Purif. Chron. Monast. pag. 128. (3) Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 207. (4) Fonseca, Evor. glorios n. 365.

de Agosto de 1490, e foi vista em sua testa, quando a estavam ungindo, uma estrella de ouro, e uma grande claridade em seu rostro. Jaz seu corpo no primeiro mosteiro da sua Ordem, no coro em um arco da parte direita ornada com as imagens de N. Senhora, S. Francisco, e Santo Antonio seus padroeiros. (1)

A veneravel madre Brites da Coluna, natural de Viana do Alemtejo, foi dotada de grande espirito, e virtude. Fundou o mosteiro de Jesus de Viana, da Ordem de S. Jeronymo, unico n'este reino d'este instituto. Teve revelação da sua morte, e morreu felizmente. Jaz seu corpo no mesmo mosteiro. (2)

Santa Celerina, illustrissima senadora Lusitana, e senhora de grande parte do Alemtejo, onde havia nascido, conforme uns na villa de Sines, e segundo outros na cidade de Evora, a qual deu honorifica sepultura ao glorioso S. Torpes, quando prodigiosamente aportou em Sines; e sendo notoria sua grande caridade, e religião christã, foi martyrizada pelos impios ministros de Nero a 17 de Maio do anno de 263, ou conforme outros authores na perseguição de Domiciano. (3)

Santa Christeta, com seus irmãos Vicente, e Sabina todos tres eborenses, e todos laureados com a coroa, e a palma do martyrio pelo cruel Daciano em 28 de Outubro de 303 na cidade de Avila. Suas santas reliquias foram descubertas prodigiosamente pelo santo D. Garcia, abbade de S. Pedro de Arlança em Avila no anno de 1062. (4)

S. Comba, e *Anonymata*, irmãs, e martyres em Ourega, ou Tourega, lugar distante de Evora oito milhas, que na perseguição de Diocleciano pelos annos de 303, e em companhia de outros santos martyres, dando a vida por Christo, acreditaram a verdade da fé, e illustraram a igreja. (5)

A virtuosa Constança Xira, e sua irmã Maria, grandes servas de Deus, naturaes de Evora, e chamadas de vida pobre, nome, que antigamente se dava ás beatas, ou emparedadas, as quaes floreceram em tanta virtude, que mereceram particular culto de santas, celebrando-se-lhe festa na primeira oitava do Espirito Santo, cuja solemnidade acabou com a publicação do Concilio Tridentino, e decretos de Urbano VIII. Foram estas duas beatas as que fundaram o mosteiro Augustiniano de Santa Monica em Evora no anno de 1380. Falleceu esta serva de Deus a 23 de Março, segundo affirma o padre Fonseca; (6) porem o Agiologio Lusi-

(1) Duarte Nun. Descr. de Port. c. 49. Fr. Luiz dos Anjos. Jardim de Port p. 312. Fonseca. Evor. glorios. n. 424. Yepes, Avila. e outros apud Maced. Eva, e Ave part. 2. c. 15. n. 27. Fr. Franc. de Bivar na Vida desta Vener impressa no anno de 1618. Figueir. Plaça univ. pag. 132. n. 18. (2) Agiol. Lusit. tom. 4. p 332. (3) Vasaeus tom. 1. Chron. Anjos. Jardim de Port. p. 24. Cardos. no Agiol Lusit. tom. 3. p. 293. Fonsec. Evora glorios. n. 316. Estevão de Lis. Velho na Vida de S Torpes n 56. (4) Fr. Luiz dos Anjos, Jardim de Port. p 79. Agiolog. Lusitan. tom. 2. p. 695. Fonsec. Evor. glorios. n. 360. Martyr. Rom a 28 de Outub. Nun. Descr. de Portug. c. 38. (5) Agiol. Lusit. tom. 3. p. 6. Anjos. Jardim. de Portug. p. 57. Fonseca, Evora gloriosa num. 361. (6) Fonseca. Evora glorios. n. 425.

tano faz memoria d'ella a 30 de Maio, (1) e a Chronologia Monastica a 31. (2)

O *beato fr. Domingos da Cuba*, natural da aldeia de seu mesmo sobrenome, que fica tres leguas distante de Beja, foi discipulo do patriarca S. Domingos, de cujas mãos recebeu o habito, e o zelo apostolico; porque no sagrado ministerio do pulpito grangeou muitas almas para Deus, e adquiriu tantas esmolas, que poude fundar em Santarem o convento da sua Ordem, em que sempre floreceu a virtude nos seus religiosos. Querendo Deus premiar-lhe tão incançavel trabalho, o levou para o Paraiso celeste pelos annos de 1363. (3)

Santo Elias Presbytero, e natural de Beja, martyr em Cordova na perseguição mahometana em 17 de Abril do anno de 856. Teve por chronista das suas proezas, que obrou pela fé, o famoso martyr Santo Eulogio. (4)

Santa Guiteria teve por patria solar a villa de Montemór o Novo, e vivia em uma cova santamente em pouca distancia da villa; mas na perseguição do cruel Daciano, depois de padecer varios tormentos pela constancia da fé de Christo, foi lançada ao rio Canha com uma pedra de moinho ao pescoço pelos annos de 300 pouco mais, ou menos, a qual pedra dizem que apparecera no anno de 1738. (5)

S. João de Deus, brilhante sol de Portugal, e astro luminoso de Montemór o Novo, em cuja villa teve o seu feliz nascimento a 25 de Março de 1495, manifestando o ceu com repiques dos sinos da sua paroquia movidos pelas mãos dos anjos a vinda ao mundo de tão grande personagem nos olhos de Deus. Depois de varios progressos, e acções de sua vida radicadas em caridade, que lhe grangearam sobrenaturaes favores, instituiu em Granada a religião da hospitalidade; e accumulado de virtudes, merecimentos, e prodigios, foi viver com Christo na celestial morada em 8 de Março de 1550, ennobrecendo a cidade de Granada com o precioso relicario de seu milagroso corpo. (6)

O santo eremita João Guarim, de cuja exquisita penitencia, e abalizada santidade vive sempre fresca a memoria nas montanhas de Monserrate em Catalunha.

S. Jordão bispo, e natural de Evora, e irmão das gloriosas santas martyres Comba, e Anonymata. Confortou valerosamente a suas irmãs para padecerem o martyrio, e elle a rogos de suas ovelhas, retirando-se á Serra da Espinheira, foi todavia descuberto pelos crueis exploradores de Daciano, e no sitio, onde hoje está a paroquia de seu nome, foi degolado aos 6 de Agosto de 305. (7)

(1) Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 3. p. 453. (2) Purif. Chronolog. Monastic. pag. 61. Vide Jardim de Portug. p. 247. (3) Sousa, Histor. de S. Dom. part. 1. liv. 2. c. 12. Cunha, Histor. Eccles. de Lisboa part. 2. cap. 64. (4) Purific. Chronol. Monastic. pag. 48. Moral Chron. de Hesp. liv. 14. cap. 24. (5) Fr. Luiz dos Anjos no Jard. de Port pag 40. Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag. 335. (6) Vilhegas, Flos Sanctor. Nunes, Deser. de Portug. cap 57 e outros apud. Cardos. no Agiolog. Lusitan tom 2. pag. 106. e Barbos. Bibliot. tom. 2. pag. 646 (7) Fonseca, Evor. glorios. num. 364. Cardos. Agiolog. Lusitan. tom. 3. no primeiro de Maio let. E.

S. Julião, Dativo, e Vincencio com outros vinte e sete companheiros, dos quaes era capitão S. Julião, inclyto filho da villa de Moura, triunfaram todos pela confissão da fé do impio Domiciano em Galiza a 27 de Janeiro do anno de 95. (1)

A beata Margarida Fernandes, terceira dominicana, natural de Estremoz, passou a visitar os lugares santos de Jerusalem, e depois residiu em Bolonha com prodigiosa penitencia, e conhecida virtude. Faleceu a 16 de Janeiro de 1540, e jaz seu corpo veneravel collocado aos pés de S. Domingos seu patriarca. (2)

A serva de Deus Maria da Cruz, da Terceira Ordem Serafica, e natural da villa de Olivença, foi de notavel penitencia, e mereceu grandes favores de Deus até acabar santamente os seus dias no primeiro de Janeiro de 1635. Jaz seu corpo na capella de Santa Isabel do convento de S. Francisco da mesma villa. (3)

O inclyto, e veneravel heroe D. Nuno Alvares Pereira, condestavel de Portugal, e gloriosa inveja de Elvas, e Portalegre, que ambas o pretendem por filho, nasceu em Junho do anno de 1360, e foi terror dos castelhanos, a quem ganhou dezesete victorias em gloria dos portuguezes. Suas relevantes façanhas iguaes ás suas heroicas virtudes tão conhecidas viverão eternamente frescas na memoria dos homens, ainda que deixou de viver na companhia d'elles desde o primeiro de Novembro de 1431, em que foi chamado ao premio da bemaventurança. Jaz seu corpo em Lisboa no convento do Carmo, que edificou. (4)

S. Sisenando martyr em Cordova, para onde tinha ido de Beja sua patria a ordenar-se de diacono, e alli padeceu atrocissimos tormentos pelo cruel Abderramen a 16 de Julho. (5)

S. Silvano, da illustrissima casa dos Silvas, bispo, e martyr de Gaza na Palestina, onde padeceu no anno de 303. (6) De outro S. Silvano faz menção o allegado Jorge Cardoso no seu Agiologio Lusitano pag. 57, que parece ser diverso d'este.

§ VI

Varões insignes em virtudes da provincia, e reino do Algarve

Alvaro Garcia com outros seis cavalleiros da Ordem Militar de Santiago, chamados D. Pedro Rodrigues, Mem do Valle, Damião Vaz, Estevão Vasques, Valerio de Ora, e Garcia Rodrigues, que no lugar das Antas, uma legua de Tavira, defenderam a fé de Christo até darem a vida por ella, resistindo valerosamente aos mouros, em cujos alfanges expi-

(1) Dextr. ad ann. 95. (2) Sousa na vida de fr. Bartholomeu dos Martyres liv. 2. cap. 19. Agiolog. Lusit. tom. 1. pag. 159. (3) Fr. Jeronymo de Belem na vida especial desta Serva de Deus. (4) Pereir. Chron. dos Carmelit. tom. 1. num. 1003. Purificação na Chronol. Monast. liv. 2. c. 8. (5) Duarte Nunes. Descripc. de Portug. cap. 42. (6) Martyrolog. Roman. a 4 de Maio, e outros apud Agiolog. Lusit. tom. 3. pag. 64.

raram, e são seus corpos venerados na igreja matriz de Santa Maria de Tavira, aos quaes communmente chamam os Santos Martyres. (1)

A veneravel madre Catharina da Conceição, natural de Tavira, e de nobilissimos pais, que depois de varios transes da fortuna mereceu receber da propria mão da madre Santa Theresa o habito da nova Reforma Carmelitana com o prodigio de que não sabendo lêr, começou logo a pronunciar excellentemente pelo Breviario o Psalmo *Beatus vir* com grande admiração dos circumstantes. Depois de ter o ceu mostrado a qualidade de sua virtude em diversas maravilhas, que por seu respeito obrou, acabou em paz no mosteiro de Saragoça de Aragão, e rindo, como havia profetizado a mesma madre Santa Theresa. Foi seu transito a 20 de Fevereiro de 1617. Conserva-se seu corpo incorrupto, e as religiosas em algumas solemnidades a assentam no coro em cadeira, como se estivera viva, com uma devota postura de mãos, por estar o corpo tratavel, e tão leve, que sendo grande, posta em pé, a sustenta um só dedo. (2)

O *memoravel padre Diogo Fernandes*, natural de Faro, capellão da capella real, exactissimo no coro, e de grande silencio, devoção, e assistencia. A caridade n'elle era tanta, que chegou a dar a propria cama em que dormia, por cujas virtudes era tido por varão santo; e esta opinião deixou depois de falecer em Lisboa em 6 de Março de 1599. Seu corpo jaz no mosteiro de Santo Alberto de Carmelitas Descalças na capella de Jesus, que elle eregiu a proprias expensas. (3)

O *padre Diogo da Madre de Deus*, que tambem teve por berço nacional a cidade de Faro, floreceu na ilha de S. Miguel no Valle das Furnas pelos annos de 1614 com procedimento não só virtuoso, e exemplar, mas com opinião, e veneração de santo, sendo elle o que instituiu o Recolhimento junto á Ermida de Nossa Senhora da Consolação, onde acabou felizmente em 11 de Abril de 1630, e jaz seu corpo incorrupto na capella mór de Nossa Senhora da Conceição do Valle de Cabaços, para onde se passaram os eremitas seus companheiros no anno de 1634 por causa do horrendo vulcão de fogo, que rebentara no Valle das Furnas. (4)

O *padre Gonçalo Fernandes*, natural de Villa Nova de Portimão, sendo graduado em Theologia passou a Madrid no anno de 1616 para tomar o habito da religião dos Clerigos Menores, e alli floreceu em todas as virtudes com igual emulação de umas, e outras, e foi tido por varão santo, como na sua feliz morte, que foi a 23 de Janeiro de 1628, se confirmou. (5)

O *beato fr. Gonçalo de Lagos*, natural da cidade do seu mesmo ap-

(1) Monarq. Lusit. liv. 14. cap. 20. Mariz, Dial. 2. cap. 15. Barbuda, Emprez. Milit. pag. 12. Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3. p. 631. (2) Agiolog. Lusit. tom. I. pag. 481.
(3) Ibid. tom. 2. pag. 63. (4) Ibid. tom. 2. pag. 514. Franc. Affonso Chaves na Descr. da Ilha de S. Miguel pag. 316. (5) Agiolog. Lusit. tom. I. pag. 230.

pellido, tomou o habito Augustiniano no convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa pelos annos de 1389, pouco mais, ou menos. Foi dotado de um grande espirito, e zelo apostolico, e de grande persuasão no pulpito. Obrou acções verdadeiramente prodigiosas, e cheio de merecimentos, e virtudes, passou d'esta vida á eterna aos 15 de Outubro de 1422 em Torres Vedras, cujos moradores o tomaram por seu padroeiro. (1)

Fr. João Bautista, Carmelita Descalço, honra da cidade de Silves, e na sua religião o maior exemplar da penitencia, e modestia nos desertos de Bolarque em Castella, e de Bussaco em Portugal, devendo-lhe este o beneficio de plantar por sua mão quasi todos os arvoredos d'aquella santa soledade com incançavel trabalho. Não contente com estes merecimentos, passou a Moçambique com o designio, e emprego de missionario, que não exercitou, porque logo faleceu a 25 de Fevereiro de 1643, deixando de si eterna fama correspondente ás suas virtudes. (2)

João Galego, e *Pero Galego*, pai, e filho, lavradores, naturaes de Aljezur, aos quaes communicou o ceu aquella especial virtude curativa, que a medecina terrena ignora, sendo por essa causa continuamente cercado o seu alvergue de innumeraveis enfermos, continuando ainda depois de mortos a acreditar Deus sua virtude com os prodigios, que as suas cabeças veneraveis executaram, e se conservam com suave cheiro. (3)

O penitente varão fr. Martinho dos Santos, da santa provincia da Arrabida, no qual se comprovou bem quanto podem as repugnancias espirituaes contra as inclinações humanas, fazendo seu corpo um theatro de continua guerra, em quanto viveo, em que peleijou o espirito contra a carne, mortificando esta com o portentoso jejum, e penitencias, de que recebeu conhecidos augmentos na virtude. Esta recendia tanto, que chegou á noticia da infanta D. Maria, que o elegeu por seu confessor. Finalmente completando os dias de vida n'este mundo, foi gozar das celestiaes delicias no primeiro de Maio de 1571, deixando seu corpo no convento de Santarem acompanhado da memoria de suas virtuosissimas, e exemplares acções. (4)

O padre Pedro de Sousa, um dos primeiros religiosos dos Clerigos Menores, que se matriculou em Madrid, sendo patricio de Villa Nova de Portimão. Alli floreceu em grandes quilates de perfeição religiosa, e regular observancia, deixando eterna saudade na sua religião, quando faleceo, que foi a 10 de Junho de 1626.

(1) Purific. Chron. dos Eremit. de S. Agost. liv. 7. tit. 7. (2) Agiol. Lusit. tom. 1. pag. 520. (3) Cardos. Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag. 251. (4) Idem tom. 3. pag. 10.

CAPITULO VI

Das sagradas reliquias mais notaveis, que se veneram em alguns santuarios d'este reino

Muito deve a igreja lusitana á Providencia de Deus, pois permittio fosse ella das primeiras de Hespanha, que se enriquecesse com o precioso thesouro dos veneraveis corpos dos santos. Como Portugal em todo este tracto hispanico foi o primeiro reino, que abraçou a fé de Christo, era justo que tambem o fosse na posse, e veneração das inestimaveis reliquias, verdadeiros penhores da eternidade.

As do protomartyr Santo Estevão foram as primeiras, que se veneraram em toda a universal igreja, e de Jerusalem enviou, logo que se descubriram, grande porção d'ellas o santo sacerdote portuguez Avito á Metropole de Braga, depositando-as nas mãos do veneravel Paulo Orosio para as entregar ao arcebispo Balconio. (1) De sorte, que por meio da igreja Bracarense vieram depois a alcançar as outras, até as de Africa, da preciosidade d'esta mina, que repartiu com algumas.

Augmentou Portugal esta gloria com outras muitas notaveis reliquias, que possue, esmerando-se grandemente no seu culto desde os primitivos tempos da religião. Assim o cremos da summa vigilancia, que os prelados applicaram para o seu resguardo, logo que os barbaros invadiram a Lusitania. Determinaram zelosos no primeiro Concilio bracarense a fórma de se salvarem as santas reliquias, porque os hereges não as ultrajassem. (2) Depois no terceiro Concilio tambem bracarense evitaram um abuso de alguns bispos, que nas procissões, deitando reliquias ao pescoço, se faziam levar em andores aos hombros dos Diaconos. (3)

Todo este cuidado bem prova a grande devoção, com que em Portugal são veneradas as preciosas reliquias com o verdadeiro fim, que é de agradar a Deus, e honrar a seus santos, cujos ossos, e cinzas, á maneira de fontes saudaveis, estão continuamente derramando beneficios de muitos modos; porque elles curam as enfermidades, tiram as tentações, affugentam as tristezas, e communicam mil bens, porque Christo Senhor nosso assiste n'elles, infundindo-lhes ainda ao pó, a que estão reduzidos, a virtude da gloria, que seus espiritos participam no Ceo. (4)

Para dar pois noticia das reliquias mais notaveis, que existem dis-

(1) Surio tom. 4 a 3 de Agosto. Monarq. Lusitan. liv. 6. cap. 27. Cunha, Histor de Brag. part. 1. cap. 57. Cardos. Agiolog. Lusitan. tom. 3. pag 710 e 727. D. Sancho Davila, trat. de la Venerac. de las Reliq. liv 3 cap. 8. Gandara, Triunf. Eccles. de Galiza part. 2. liv. 6, cap. 8. Argot. Memor. de Braga tom. 4. pag. 775. (2) Monarq. Lusit. liv. 6. cap. 2. (3) Ibid. cap. 27. (4) Concil. Nicen. action. 3. «Servator noster Christus fontes salutares Sanctorum Reliquias nobis reliquit, multis modis beneficia in debiles fundentes. . . . atque id per Christum, qui in ipsis habitat;» e S. Gregor. Nazianz. apud Brancat de Virtut. Theol. tom 3. pag. 214. Quorum vel sola corpora idem possunt, quod animae..... Quorum vel solum sanguinis guttae, atque exigua passionis signa, idem possunt, quod corpora.

persas pelo reino, achámos ser mais proprio ao nosso methodo coordenal-as, e distribuil-as pelas terras, aonde são veneradas, que alfabeticamente nomearemos primeiro da maneira seguinte:

Abrantes. N'esta villa se venera na Parochial igreja de S. Vicente, um dente d'este glorioso martyr, dadiva do seu primeiro alcaide mór, que se achou na tomada de Lisboa, d'onde levando para aquella villa a sobredita reliquia, fez edificar a igreja á honra d'este Santo, e por cujo respeito se aggregaram ás armas, ou insignias d'esta villa os corvos junto das lizes. (1) Ha tradição, que no lugar, onde está hoje a capella de Santo Antonio na dita igreja, jazem sepultados dous discipulos de S. Francisco, os quaes prégando na dita villa o Evangelho, morreram santamente.

Alcacer do Sal. Em pouca distancia d'esta villa, e em sitio emminente fica o convento de Santo Antonio de religiosos Xabreganos, e n'elle existe um inestimavel thesouro das seguintes reliquias: um cabello da santissima barba de Christo Senhor nosso; um retalho da sua sagrada purpura; algumas particulas do Santo Lenho da Cruz; um dos trinta dinheiros, porque o aleivoso discipulo vendeu a seu Divino mestre; leite da Virgem Maria Senhora Nossa; a cabeça de Santa Responsa, uma das onze mil virgens, e a de outra sua companheira juntamente com os peitos, e outras muitas reliquias de outros Santos martyres, todas encaixilhadas em decentes relicarios de prata, ás quaes se faz solemne festa na Dominga de Bom Pastor com officio duplex, e jubileu concedido por Clemente VII, e confirmado por Paulo III. Foi este thesouro dadiva do famoso vice-rei da India D. Pedro Mascarenhas, que adquiriu em Roma, quando lá foi por embaixador d'el-rei D. João III. (2)

Alcobaça. Um dos santuarios mais magestosos, e veneraveis, que tem este reino, é o que se conserva no real mosteiro de Alcobaça. Occupa uma nobre capella, cuja porta sáe para o Cruzeiro, e alli estão as reliquias collocadas com toda a decencia, e distincção, conforme os titulos, que comprehende.

No titulo 1. estão reliquias da esponja do Senhor, da columna, do santo sepulchro, da palmeira, que deu tamaras, quando o Senhor hia para o Egypto; da purpura, que lhe vestiram; do Santo Sudario; da Mesa em que celebrou a Cea com seus discipulos; e um pedaço do Santo Lenho.

No titulo 2. contem cabellos da Virgem Maria Senhora Nossa, e uma unha sua: dos seus preciosos vestidos; do seu sepulchro; reliquias das onze mil Virgens, e de outras santas.

No titulo 3. parte de um braço de S. Sebastião; reliquia de S. Vicente; um osso de S. Lourenço; outro de S. Braz; um dedo de S.

(1) Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 1. pag. 468. Corograf. Portug. tom. 3. pag. 187.
(2) Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 684.

Felis martyr; um dente de S. Christovão, e de outros santos Martyres.

No titulo 4 dos vestidos dos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo, e de outros Apostolos.

No titulo 5, dentes de S. Bernardo, e dos seus vestidos, e de S. Bento; da capa de S. Domingos; um pedaço do braço de S. Malaquias, bispo, e reliquias de outros santos pontifices.

Em um relicario grande guarnecido de prata estão cabellos da Magdalena; um pedaço da estola, com que foi sepultado S. Bernardo; da mitra de S. Edmundo; da barca, em que veio o glorioso corpo de S. Vicente; do cilicio de S. Thomaz de Cantuaria; um osso de Santo Alexandre; reliquias de S. Zacharias, pai do Santo Baptista; do habito de S. Francisco; e reliquias das onze mil Virgens.

Em outro relicario triangular estão reliquias de S. Malaquias bispo; de S. Bernardo; de S. Guilherme; um osso de santa Maria de Tortosa; e outras mais reliquias.

No relicario do *Agnus Dei* ha reliquias da coroa de Christo: cabellos de Maria Santissima; ossos de S. Lourenço; um dente de S. Vicente martyr; do cilicio de S. Bartholomeu; do prato, em que se poz a cabeça do grande Baptista quando o degollaram; reliquias de Santa Barbara, Santa Agueda, Santa Margarida, S. Braz, S. Marcello, e outros santos.

No relicario de feitio de arca se guardam reliquias de Santa Maririnha, de S. Jorge, de S. Nicolau, de S. Gregorio papa, de S. Cypriano, e de S. Simeão: das varas com que açoutaram a Christo: do seu santo sudario, e das pedras do monte Calvario. Em outros relicarios ha innumeraveis reliquias, que por não terem letreiros, não se sabem de quem são. (1)

N'este mesmo convento, e na Casa do Capitulo jazem os veneraveis ossos de S. Domingos Martins, decimo quinto abbade d'esta esclarecida Ordem, entre as mais sepulturas de outros abbades seus predecessores com o prodigio de que as pedras das sepulturas dos outros pelo tempo do inverno se fazem denegridas em razão do sitio: porem a d'este santo abbade permanece alva, por cuja causa lhe chamam sepultura santa. (2)

Alemquer. No convento de S. Francisco, á parte direita da capella mór, se conserva collocado em um nicho o corpo do beato fr. Zacharias, discipulo amado do patriarca Serafim, cujas veneraveis reliquias foram trasladadas para este lugar em 11 de Abril de 1611 por consentimento do arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro, deixando-se de fóra algumas reliquias do mesmo santo, que no seu dia, e outros festivos se expõem á publica veneração dos fieis, uma das quaes se guarda no oratorio de Santa Catharina da mesma villa, e outra no peito de uma imagem do santo, que se põe no altar em correspondencia de outra de S.

(1) Fr. Jeronym. Roman. Histor. do Mosteiro de Alcobaça cap. 9. (2) Monarq. Lusit. liv. 15. cap. 8. Cardos Agiolog. Lusitan. tom. 1. pag. 224.

Francisco, a qual mostra no lado um retalho do habito, com que recebeu as chagas. (1)

Aljezur. Na Freguezia de nossa Senhora da Alva existente n'esta villa do reino do Algarve se veneram as cabeças santas de dous bemaventurados lavradores João Gallego, e Pedro Galego, pai, e filho, cuja virtude tem Deus confirmado com os continuos milagres, que obra por meio d'ellas, especialmente com os feridos de mal contagioso, e mordidos de cães danados, os quaes concorrem alli com tanta fé, que infallivelmente se recolhem utilizados de tão saudavel medicina. (2)

Almoster, que dista de Santarem duas leguas, e se illustra com o mosteiro de religiosas Bernardas, numéra entre as preciosas reliquias, que este possue, uma grande porção do santo lenho; um dente de S. Bernardo: a cabeça de uma das onze mil Virgens, e reliquias de S. Braz, com outras de varios santos collocadas em primorosos relicarios no altar, que está no Coro. (3)

Amarante. Venera-se n'esta villa o corpo do milagroso S. Gonçalo, que jaz na capella mór do seu convento em precioso tumulo, fechado com grades, e allumiado com perpetuos lumes. Concorre todo o anno, e com especialidade no seu dia, grande numero de gente em romaria devota para venerarem tão inestimavel thesouro. (4)

Ansede. Na vigairaria Dominicana d'este Couto, que dista do Porto dez leguas pelo Douro acima, se venera especialmente no primeiro de Maio a cabeça santa de um virtuoso conego regular, chamado D. Giraldo, pela qual obra Deus maravilhas sem numero nos inficionados de mal contagioso; e assim mesmo toda a pessoa achacada de dor de costas, tocando com ellas na sepultura do dito santo, alcança perfeita melhoria. (5)

Arcos de Valdevez. Na freguezia de Santa Maria de Grade é venerada no altar collateral da mão direita a famosa reliquia do Santo Lenho da maior grandeza, que se sabe haver no reino. É visitada de muita romagem todo o anno, e particularmente em 3 de Maio, 8 de Setembro, dia da Ascensão, e na primeira oitava do Espirito Santo. (6)

Arganil. Junto a esta villa no antigo mosteiro de S. Pedro de Folques de conegos regulares se conserva em cofre com muita veneração a cana da perna de um dos primeiros priores d'este convento, chamado Goldrofe, o qual floreceu em virtude no tempo, que os mouros dominaram Hespanha. Concorre muita gente vespera de nossa Senhora de Setembro a visitar esta reliquia. (7)

Aviz. Na freguezia de S. Martinho d'este lugar, que fica no conce-

(1) Cardos. no Agiol. Lusit. tom. 2. pag. 508. e tom. 3. pag. 61. (2) Idem tom. 2. pag. 251. Corograf. Portug. tom. 3. p. 7. (3) Vasconcel. Histor. de Santar. part. 2. p. 272. (4) Fernand. Milagr. do Rosar. liv. 10. cap. 5. Davila, Tratad. de la Veneracion de las Reliquias p. 296. (5) Sousa, Chronic. de S. Doming. part. 3. liv. 6. cap. 2. (6) Monarq. Lusitan. liv. 9. cap. 16. Agiol. Lusit. tom. 3. pag. 54. Corograf. Portug. tom. 1. pag. 227. (7) Agiolog. Lusit. tom. 1. pag. 341.

lho de Bem-viver, bispado do Porto, se conservam muitas reliquias notaveis, a saber: uma boa porção do Santo Lenho: parte de um espinho da coroa de Christo: parte de uma vara, com que foi açoutado: do Santo Sudario: leite da purissima Virgem: ossos dos Apostolos S. Bartholomeu, Santo André, Santiago Menor, S. Mathias, e de outros Santos, que todas se festejam em 3 de Maio. (1)

Arouca. No convento de S. Bernardo se guarda uma Cruz do Santo Lenho, que foi da rainha D. Mafalda, que na attestação confessa tinha sido da rainha Santa Elena. Tambem se guarda o queixo de S. Braz com tres dentes, e um dente de S. Pedro, e o corpo da soberana infanta D. Mafalda, filha d'el-rei D. Sancho I. (2)

Aveiro. No mosteiro de Jesus da Ordem Dominicana se conserva o dedo polegar de S. Pantaleão Martyr; e em sepultura honorífica o corpo da princeza de Portugal Santa Joanna, filha d'el-rei D. Affonso V. Na mesma cidade, e no convento de Carmelitas Descalços existe com devida veneração uma particula do Santo Lenho, e um grande retalho do escapulario da gloriosa Santa Thereza. (3)

Aviz. No convento dos freires se conservam reliquias de Santo Urbano, Aniceto, Fabião, Bonifacio, Martinho, Patricio, Manilino, Julio, Sergio, Theodoro, e de outros Santos Martyres, que trouxe de Roma no anno de 1601 fr. Damião Vaz da Matta. (4)

Basto. Venera-se no Benedictino convento de Basto o glorioso corpo de Santa Senhorinha, ou Senorina, entre o de S. Gervaz seu irmão, e o de Santa Godinha sua tia abbadessa.

Belem. No magnifico, e regio convento de Belem entre as muitas reliquias, de que está de posse, é venerada a cabeça de Santa Prisca romana virgem, e martyr, e se festeja a 18 de Janeiro. (5)

Belver. Por causa prodigiosa se reputa a conservação das sagradas reliquias, que na ermida de S. Braz dentro do castello d'esta villa depositou o devoto infante D. Luiz, filho d'el-rei D. Manoel, as quaes dentro em um cofre vieram pelo Tejo abaixo; e sendo em differentes tempos levadas para a igreja matriz da dita villa, tornaram milagrosamente para o mesmo sitio, onde são veneradas pelos fieis, que alli concorrem quatro vezes no anno, a saber: nas festas da Santa Cruz de Maio, e Setembro, Quinta feira maior, e dia de S. Braz. As preciosas reliquias são estas: parte do santo presepio, em que Christo Senhor nosso nasceo; parte da mesa, em que instituiu o Santissimo Sacramento: um pedaço do Santo Lenho, e do Santo Sudario, e porção da terra do monte Calvario: um vaso de marfim do feitio de uma caixa grande de hostias, em que a Santa Magdalena levou o odorifero balsamo, com que ungio os sacrosantos pés do Redemptor do mundo; gotas do virginal leite de

(1) Ag. Lus. tom. 3. pag. 45. Corogr. Portug. tom. I. p. 398. (2) Monarq. Lus. liv. 15. cap. 20. Agiol. Lusit. tom. 3. pag. 26. (3) Corogr. Portug. tom. 2 p. 104. (4) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 139. (5) Ibid. tom. 1. p. 178

Maria Santissima: um de seus preciosos cabellos: bocadinhos d'aquella pedra, em que descançou no caminho do Egypto, e terra do seu glorioso sepulchro: reliquias de S. Joseph, de S. João Baptista, e dos Santos Innocentes: da sepultura de Lazaro: cabellos de Santa Magdalena; da anfora de S. Paulo Apostolo: do cilicio de S. Thomé: da pelle de S. Bartholomeu, ossos de Santo Estevão, de S. Sebastião, de Santo Arcadio, e de S. Cyriaco: o dedo index da mão direita de S. Braz, carne de Santo Antão, e de Santo Arsenio: da cabeça de Santo Albino: reliquias de Santa Margarida, de S. Salvador monge, da capa de S. Domingos, e outras de varios santos. (1)

Bemfica. No grandioso, e observante convento da familia Dominicana no sitio de Bemfica quasi uma legua de Lisboa, na estrada, que vae para Cintra, existe um dedo do angelico doutor S. Thomaz de Aquino, dadiva do glorioso Santo Antonio de Florença, que no dia do santo se expõe á veneração publica dentro de um relicario de crystal guarnecido de prata em fórma pyramidal. (2)

Bombarral. Lugar do termo de Obidos. Venera-se na freguezia de S. Braz a santa cabeça, que dizem ser de um ditoso lavrador, a qual em certos dias festivos do anno se expõe publicamente, como infallivel remedio ao gado doente d'aquelles contornos, obrando o Ceo evidentes maravilhas em confirmação da virtude d'esta santa reliquia. (3)

Braga. Entre o riquissimo santuario, com que se orna, e engrandece a santa Sé de Braga, tem principal lugar o veneravel corpo de S. Pedro de Rates, o qual da igreja de seu nome foi trasladado a 17 de Outubro de 1552 pelo arcebispo D. fr. Balthazar Limpo, e levado á Sé, onde jaz em tumulo decente, ficando de fóra a veneravel cabeça encastoada em prata, que se conserva com as mais reliquias. (4) Aqui mesmo permanece o estimavel corpo de S. Jacobo Interciso, persiano de nação, que trouxe de Roma D. Mauricio Burdino, que depois obteve a dignidade Primacial d'esta metropole. Estando este sagrado penhor muitos annos occulto, o sempre memoravel arcebispo D. Agostinho de Castro por suas diligencias, e deprecações ao Ceo o descubriu em um cofre chapeado de prata, o qual aberto, mandou depositar o santo corpo em particular tumulo na capella do Espirito Santo no anno de 1606, cuja trasladação celebra a igreja de Braga com Officio particular a 12 de Maio. (5) Na mesma igreja se conserva o milagroso corpo de Santo Ovidio, seu terceiro arcebispo, o quál da antiga sepultura, em que jazia com menos decencia, o trasladou no anno de 1527 o arcebispo D. Diogo de Souza para um bem lavrado tumulo de pedra, que fez collocar na parede do cruzeiro elevado da terra dous covados, sobre o qual se vê a imagem do proprio santo, de que muitos fieis se valem, como effi-

(1) Agiol. Lusit. tom. I. p. 332. Sautuar. Marian. tom. 3. p. 415. (2) Agiol. Lusit. tom. I. p. 48. (3) Agiol. Lusit. p. 333. (4) Ibid. tom. 2. p. 727. (5) Cuuha, Histor. Eccles. de Braga part. 2. cap. 10. e 90. Nunes, Descr. de Portug. cap. 75.

caz remedio para as dores de ouvidos, chegando a cabeça para esse effeito ao marmore da mesma sepultura. (1) Possue mais o glorioso corpo do insigne prelado S. Martinho de Dume, o qual falecendo pelos annos de 583, e sepultado no mosteiro de Dume, que elle edificara, com a invasão dos mouros se occultou a memoria do lugar, em que jazia, até que passados oitocentos e setenta e sete annos: por diligencias do piissimo Primaz D. Agostinho de Castro, e quasi por divina revelação foi descuberto a 5 de Fevereiro de 1591, e collocado a 22 de Outubro, onde agora se venera. (2) Possue mais um braço do martyr S. Vicente, patrono de Lisboa, que no anno de 1176 foi alli collocado pelo inclito prelado D. Godino. Existe mais na capella de S. Thomaz d'esta cathedral o veneravel corpo de S. Lourenço de boa memoria: (3) mais um espinho da coroa de Christo: gotas do candido leite de Maria purissima: um braço do Evangelista S. Lucas: algumas cruzes formadas do santo Lenho: e as milagrosas cadeias do glorioso S. Giraldo. (4) Junto aos muros da mesma cidade na igreja de S. João Marcos é tambem venerado o corpo d'este glorioso santo, que os Martyrologios fazem discipulo de Christo, e primo de S. Barnabé. (5) Na mesma cidade, e convento Augustiniano, e collegio de N. Senhora do Populo estão reliquias da gloriosa Virgem, martyr Santa Susana; (6) e na antiquissima igreja de S. Victor, ou Vitouro, o corpo d'este invicto martyr. (7)

Castello branco. No convento de Santo Antonio de Piedosos se venera uma notavel porção do Santo Lenho, e a milagrosa cabeça de uma das onze mil Virgens em primoroso relicario com letras authenticas de Ottho Turches de Velarbuch, Cardeal de Augusta, em que testifica ser esta santa cabeça extrahida da aurea Camera de Santa Cecilia de Colonia. Trouxe-a de Roma D. Fernando de Menezes, Padroeiro d'este convento, onde a collocou. (8)

Cazevel. Na paroquial igreja de S. João Bautista d'esta villa no arcebispado de Evora se conserva a veneravel cabeça de S. Fabião Papa, e martyr, a qual se expõe á publica veneração dos fieis em um dos Domingos de Agosto, e nas primeiras oitavas das tres Pascoas. (9)

Chelas. Conserva-se no mosteiro de Conegas Regulares fundado n'este sitio, que fica nos suburbios de Lisboa, um grande numero de reliquias dos Santos Martyres, Felis, Adrião, Natalia, com vinte e tres companheiros, que todos padeceram glorioso martyrio em Nicomedia de Bithynia pelos annos de 306. A historia da trasladação d'estas sagradas reliquias pode-se vêr mais extensamente nos authores abaixo allegados. (10)

(1) Vasconcel. in Descript. Lusit. pag. 441. e 559. (2) Monarq. Lusit. liv. 6. cap. 18. Benedict. Lusit. tom. 1. pag. 367. (3) Corogr. Port. tom. 1. p. 177. (4) Cunha, Histor. de Brag. part. 2. cap. 7. e 56. Benedict. Lusit. tom. 2. p. 302. (5) Ferrar. Catalog. Sanctor. fol. 221. (6) Fr Luiz dos Anjos, jardim de Port. p. 32. (7) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 529. (8) Monforte, Chronic. da Provinc. da Piedade liv. 3. cap. 46. (9) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 196. (10) Idem p. 140. e tom. 2. p. 46. e tom. 4. p. 395. Fr. Lucas na Malta Portug. liv, 2. cap. 7. n. 77.

Cete. Na freguezia de S. Pedro, que fica na comarca ecclesiastica de Pena-fiel, do bispado do Porto, se venera do Santo Lenho uma boa porção, e se festeja a 3 de Maio, aonde concorrem quasi vinte mil pessoas em romaria. (1)

Coimbra. Possue esta antiquissima, e nobre cidade um thesouro riquissimo de reliquias notaveis, especialmente no convento de Santa Cruz, onde alem dos veneraveis corpos dos Santos Martyres de Marrocos, chamados Berardo, Pedro, Acursio, Adjuto, e Ottho, primicias, que a religião serafica offereceu ao ceu; o corpo de S. Vidal, de Santa Comba, de S. Theotonio, do Santo Rei D. Affonso Henriques, tambem conserva reliquias da tunica inconsutil de Christo; da columna, em que foi atado; da mesa em que ceou com seus discipulos; da pedra do santo Sepulchro; da pedra em que foi arvorada a cruz no Calvario; da pedra sobre a qual chorou Christo Senhor nosso á vista de Jerusalem; da terra, sobre que cahiu seu precioso sangue, quando suou no Horto; um espinho da coroa do Senhor encastoado em outra de ouro da mesma grandeza, como a que foi cravada na sacrosanta cabeça do Redemptor; outros dois espinhos tirados do mesmo espinheiro, d'onde se arrancaram aquelles, de que se teceu a coroa; uma cruz de prata, que contem um pedaço do Santo Lenho. Ha tambem reliquias dos vestidos da Virgem; de seu santissimo leite; da casa santa do Loreto; a cabeça de S. Palmacio; ossos de S. Sebastião; um braço, e um dente de S. Vicente martyr; dois ossos de S. Julião martyr; dois ossos de Santo Antão; a cabeça de S. Claudio martyr; e grande parte da de S. Braz; reliquía de Santo Antonio; de S. João Bautista; grande parte do espinhaço de S. Jorge; e outras muitas, de que ha livro impresso. (2)

No Collegio dos Monges Benedictinos se venera uma notavel reliquia do patriarca S. Bento, pela qual obra Deus muitos prodigios. (3)

No Collegio da Companhia de Jesus existem reliquias notaveis, de que se reza, a saber: de Santo Ireneo, S. Candido, S. Theotonio, primeiro Prior do convento de Santa Cruz, Santo Antonino, S. Coulizio, S. Alizandro, Santa Celestina, S. Rufino, S. Bento, S. Donato, S. Dionysio, S. Martinho, S. Julizio, Santa Honorata, S. Constantino, Santa Justina, Santa Innocencia, Santa Basilea, S. Timotheo, S. Pacifico, Santo Eleutherio, S. Quirino, S. Justino, S. Leoncio, Santo Acolano, S. Faustino, e seus companheiros, S. Laurentino, Santa Luzia, S. Coronato, S. Zenão, Santa Rufina, S. Verino, Santo Evagrio, S. Maximo, Santa Ursula, e suas companheiras, Santa Victoria, S. Saturnino, Santos Martyres de Treveris, e os mais d'elles quasi todos martyres.

No mosteiro de Santa Clara é venerado o incorrupto corpo da Santa

(1) Agiol. Lusit. tom. 5. p. 54. Purificac. Chron. dos Eremit. do S. Agost. part. 3. (2) Fr. Jeronym. Roman. Histor. de S. Cruz de Coimbr. cap 9. Agiol. Lusit. tom. 3. p. 147. Corograf. Port. tom. 2. p... (3) Benedict. Lusit. tom. 2. p. 441.

Isabel, rainha de Portugal, que no infausto dia da sempre lamentavel perda d'el-rei D. Sebastião se cubriu de cupioso suor.

Constantim. Na freguezia de Santa Maria Magdalena d'este lugar, que fica no termo de Villa Real, se conserva, e venera além do corpo, e cabeça de S. Fructuoso Gonçalves, abbade que foi da mesma igreja, uma particula do sagrado Lenho; outra do santo Sepulchro de Christo; da sua inconsutil tunica; do pão da cea; leite da Virgem immaculada, e de seu precioso cingulo; ossos de S. Pedro apostolo; carne de S. Bartholomeu: ossos de S. Lourenço, e de S. Braz, e das onze mil Virgens, cujas preciosas reliquias trouxe de Roma o mesmo S. Fructuoso. (1)

Evora. É venerado religiosamente na Santa Sé Metropolitana um braço do glorioso martyr S. Manços, primeiro apostolo d'esta provincia, cuja sagrada reliquia foi alli collocada pelo arcebispo D. Theotonio de Bragança no anno de 1592, fazendo-a transferir do real mosteiro de Sahagum, onde jaz o veneravel corpo. (2)

Na mesma cidade, e na sumptuosa Cartuxa de *Scala Coeli* entre outras veneraveis reliquias é reverenciada a cabeça de Santo Erasmo, bispo, e martyr de Antiochia, a qual foi aqui depositada pelo seu fundador o arcebispo D. Theotonio de Bragança, e da qual reza a Ordem solemnemente a 8 de Novembro. (3)

No Collegio da Companhia existem as seguintes reliquias todas notaveis, de que se reza: de S. Vital, Santa Clara, Santa Clemencia, S. Pio, Santo Emiliano, S. Marcellino, S. Justo, Santo Innocencio, S. Lucillo, Santa Celestina, S. Firmo, Santa Perpetua, Santa Lucilla, S. Basileu, S. Felis, S. Bento, S. Castulo, S. Viciorino, S. Crescencio, Santo Emerito, S. Conciano, S. Nominando, S. Cesario, S. Vicente, S. Luciniano, S. Serviliano, S. Peregrino, S. Celestino, S. Justino, S. Vito, Santo Albano. S. Celso, Santo Antonino, S. Columbano, Santa Felicissima, alguns dos santos martyres Thebeos, e de Treveris, Santa Ursula. e suas companheiras, Santa Lucida, S. Theofilo, S. Clemente, S. Bajulo, quasi todos martyres.

Na sacristia dos Carmelitas Descalços entre as muitas reliquias de um rico santuario, que possuem, é venerada a cabeça de Santo Apollonio martyr, e a de S. Lucio, discipulo de Christo, dadiva do arcebispo D. Joseph de Mello, que trouxe de Roma, e depositou alli no anno de 1609. (4)

Guarda. No mosteiro de Santa Clara se guardam dois espinhos da coroa de Christo, e o corpo de S. Pancracio, cuja estimavel reliquia alcançou em Roma o padre Francisco Saraiva, secretario do arcebispo D. Joseph de Mello, agente n'aquella curia dos negocios de Portugal, e a 10 de Março de 1614 a offereceu, e depositou neste mosteiro juntamen-

(1) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 2. p. 607. Corograf. Port. tom. 1. p. 519. (2) Bened Lusit. tom. 1. p. 451. Agiol. Lusit. tom. 3. pag. 350. Fonseca. Evora glorios. n. 344.
(3) Agiol. Lusit. tom. 3. p. 505. (4) Ibid. tom. 1. p. 622.

te com as reliquias dos santos Rustico, Vital, Antigonio, Nicoláo, Satyro, Claro, e outros martyres. (1)

Guimarães. Ennobrece grandemente esta villa o estimavel thesouro de reliquías, que se conserva no convento de S. Domingos depositadas pelo beato fr. Lourenço Mendes, a quem as havia entregado prodigiosamente um anjo, declarando-lhe como n'aquella hora tendo destruido os infieis a cidade de Antioquia, salvara por mandado de Deus aquellas santas reliquias, para não padecerem o desprezo dos herejes, e tivessem culto devido no seu convento. Eram ellas as seguintes: parte do santo Lenho; das faxas, e mantilhas, com que Maria santissima envolveu seu amado Filho; uma pedra do Sepulchro de Christo, e outra d'onde subiu glorioso ao ceu; do veu de Nossa Senhora; ossos dos santos apostolos; do manná que se achou no sepulchro de S. João Evangelista; da vara de Moysés: reliquias dos Santos Innocentes, e de muitos santos martyres, confessores, e virgens, cujos sacros despojos se collocaram no anno de 1415 no formoso retabulo, onde presentemente se veneram, ficando de fóra uma das mais insignes, que é o coração de Santo Ignacio, Bispo de Antioquia, no qual depois de morto se achou gravado com letras de ouro o Santissimo nome de Jesus. (2) Na sacristia da igreja de Nossa Senhora da Oliveira se conserva um pedaço do santo Lenho, leite da Virgem Maria Senhora nossa, uma massaroca da mesma Senhora, um tornozello do pé de S. Torcato, ossos de S. Pedro martyr, e outras reliquias. (3)

Lamego. Na igreja de Reriz se venera o corpo d'aquelle santo eremita Vigildo Pires de Almidra, ou Almeida, a quem muitos chamam Magayo, que por mandado de Deus animou ao invencivel, e santo rei D. Affonso Henriques a noite antecedente á famosa batalha do Campo de Ourique, annunciando-lhe juntamente a victoria, que conseguiu.

Lessa. Junto do Porto na igreja da ordem Militar de Malta é venerado o corpo do seu Ballio o beato D. Garcia Martins, o qual havendo quasi trezentos annos, que estava sepultado, foi achado inteiro. (4)

Lisboa. Na santa igreja Patriarcal se depositou no anno de 1743 em primoroso santuario um copioso, e inestimavel thesouro de notaveis reliquias, as quaes nos dias de maior festividade se expunham á publica veneração.

Na Basilica de Santa Maria, antiga Metropole de Lisboa, descançava honorificamente na capella mór o glorioso corpo do inclyto martyr S. Vicente, para onde foi trasladado do Promontorio Sacro, onde estivera muitos seculos occultos, e por zelo do preclarissimo, e santo rei D. Affonso Henriques descuberto, e transferido a 15 de Setembro de 1173. (5) Aqui mesmo permanecem umas limitadas memorias, que o esclare-

(1) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3. p. 71. e 213. (2) Ibid. tom. 3. p. 236. (3) Corogr. Port. tom. 1. p. 32. (4) Agiol. Lusit. tom. 3. no primeiro de Maio. (5) Ibid. tom. 4. a 15 de Setemb. Yanes, Espana en la S. Biblia tam. 2. c. 26. n. 36.

cido Thaumaturgo Santo Antonio nos deixou: tal é a Pia, em que foi baptizado, a qual existe debaixo de um arco á mão esquerda da porta principal com o seguinte distico aberto em jaspe negro:

Hic sacris lustratus aquis Antonius orbem
Luce beat, Paduam corpore, mente polum.

Tambem na escada do coro existe, e se venera uma cruz, que o santo abriu com o dedo na dureza da pedra para affugentar o demonio tentador.

Na igreja, e casa do mesmo Santo Antonio se guarda em cofre de prata dourado um pedaço do casco ainda com cabello do circilo do santo, que o infante D. Pedro, filho d'el-rei D. João I, alcançou de Padua. Tambem se guarda um dedo do proprio, e glorioso lisbonense, que no anno de 1610 conseguiu da Republica de Veneza a rainha D. Margarida de Austria, mulher de Filippe III. (1)

Na paroquial igreja de Santa Justa era venerado o casco de uma das onze mil Virgens, dadiva da serva de Deus Anna Maria da Conceição, Terceira Carmelitana. Tambem existia uma reliquia da gloriosa Santa Barbara, que deu o eminentissimo senhor Cardeal da Cunha no anno de 1744.

Na freguezia de Santa Cruz do Castello ha uma porção do santo Lenho.

Na freguezia de Santo André entre outras reliquias se guarda em precioso cofre uma do apostolo padroeiro d'esta igreja.

Na paroquial de Santo Estevão existe uma notavel reliquia d'este santo dentro de uma ambula de prata dourada, e d'ella rezam os beneficiados com officio duplex.

Na paroquial de S. Mamede é venerado um espinho da coroa de Christo Senhor nosso, ao qual se faz solemne festa em dia da Circumcisão, e Invenção da Cruz.

Na freguezia de Santa Engracia na ermida de S. Pedro de Alcantara existe o corpo de S. Celestino martyr, que com outras reliquias depositou alli o doutor Gaspar de Abreu de Freitas no anno de 1676, as quaes adquiriu em Roma.

Na paroquial igreja de S. Christovão se venera o casco d'este santo, que com uma reliquia de S. Marcos se vê incluso no mesmo cofre.

Na freguezia de S. Sebastião da Pedreira ha um osso d'este glorioso martyr.

Na paroquial igreja de S. Julião entre outras reliquias ha o casco inteiro de S. Bartholomeu na capella do mesmo santo com duas canas inteiras do mesmo santo, dadiva da rainha D. Leonor, terceira mulher

(1) Soares da Silva. Memor. d'el-rei D. João I. tom. I. p. 317. Sousa no Agiol. Lusit. tom. 4 pag. 678.

d'el-rei D. Manoel. Tambem se guarda com estimação uma custodia do primeiro ouro da mina, que deu para esta freguezia o mesmo rei D. Manoel.

Na paroquial igreja do Santissimo Sacramento era venerado com toda a decencia o corpo inteiro do glorioso martyr S. Basilio, estimavel prenda, que fez aqui depositar no anno de 1745 Manoel de Sande de Vasconcellos, thesoureiro mór da Junta dos Tres Estados, mas pereceu com o incendio.

Na casa do despacho da santa igreja da Misericordia se guardava desde o anno de 1554 uma cana do braço com a mão até o cotovello da gloriosa Santa Anna, mãi da Virgem Maria nossa Senhora, engastada em prata, pela qual obrava Deus muitos prodigios.

No convento dos religiosos Carmelitas Calçados se conservava um grande thesouro de muito notaveis reliquias. Em todo o vão do altar, que estava no coro alto, estavam as seguintes: uma cruz formada da taboa, em que o Senhor ceou; dentro d'esta cruz estava outra do santo Lenho, e nos lados partes do ferro da lança, e da esponja; mais cinco reliquias do santo Lenho juntas com particulas do berço do Menino Jesus, da aspa de Santo André, da lança do apostolo S. Thomé, do leito em que S. Joseph falleceu, cabellos do Menino Jesus, e de Nossa Senhora, e de Santa Isabel rainha de Portugal, e de S. João Evangelista, e de Santa Joanna infanta portugueza, e de Santa Catharina, e de Santa Iria, e de Santa Agueda, e de Santa Rosa de Viterbo, e de Santa Maria Magdalena, um espinho da coroa do Senhor com sinaes de sangue, parte da corda, com que o Senhor foi prezo, uma ponta das varas, com que açoutaram ao Senhor, parte da cinta, ou toalha, com que cubriram a desnudez de Christo na cruz com sinaes de sangue, parte da camizinha do Menino Jesus, parte da beatilha de Nossa Senhora, parte da taboa, em que se entalharam as letras do titulo da cruz de Christo, parte da haste da lança, com que abriram o lado ao Senhor, parte da tunica de Christo, parte da beatilha da Senhora santa Anna, parte da roupa de S. João Evangelista, parte do habito de S. Pedro de Alcantara, parte da pedra da columna, onde foi prezo Christo bem nosso, pedra do horto de Gethsemani, pedra do lugar onde crucificaram ao Senhor, pedra do lugar onde assentaram a Christo para o coroarem, pedra do sepulchro, do presepio, do monte Olivete, e do sepulchro de Nossa Senhora, parte da purpura, que por zombaria puzeram a Christo, parte da toalha, com que a mulher pia alimpou o rostro ao Senhor, parte da veste inconsutil, parte da tunica da Virgem Nossa Senhora, parte da cuberta da cama de Maria Santissima, parte do lençol, em que foi envolto o corpo de Christo para o sepultarem, parte das faixas, em que a Senhora envolveu seu bento Filho no Presepio, parte do véu do Templo, que se rasgou na morte de Christo, parte dos habitos de Santo Antonio, e de S. Francisco de Paula, e de Santa Teresa de Jesus, e de S. Francisco

Xavier, e reliquias de outros muitos santos doutores, e martyres insignes: finalmente continha letras escriptas pelas mãos dos quatro evangelistas, e por S. Paulo apostolo; e dos quatro doutores da igreja, Epistolas inteiras assinadas de seus nomes, e outra de Santa Monica.

No coro da igreja se veneravam muitas reliquias de varios santos collocadas em meios corpos, e em custodias com toda a decencia, que por serem innumeraveis, e incomprehensiveis na pequenez do nosso Mappa, contentamo-nos com as inculcar ao leitor, que se quizer ter d'ellas individual noticia, pode ler o tom. 1.º da Chronica dos Carmelitas part. 4.ª num. 1300 do padre fr. Joseph Pereira, e as Memorias Historicas do padre fr. Manoel de Sá part. 1.ª liv. 2.º cap. 12. Mas todavia não deixaremos de fazer especial memoria do Breviario, por onde rezava Santa Teresa de Jesus, e um livro de poesias varias, e umas disciplinas de ferro, tudo da mesma santa, que se conservavam neste sanctuario.

Na casa professa de S. Roque da Companhia de Jesus ha um dos grandiosos thesouros de reliquias notaveis, que ainda tem Lisboa. Diremos das mais insignes, de que rezavam os jesuitas, quando aqui residiam, e se conservam nos dois altares do cruzeiro da igreja.

S. Brigida Virgem.	Cabeça	Fevereiro 1
S. Dorothea Virg. M.	Cabeça	6
S. Apollonia Virg. M.	Dente	9
S. Clemente Bisp. M.	Cabeça	14
S. João Esmoler B. C.	Cana do br.	18
S. Gabino M.	Cana	19
S. Vedasto Bisp. C.	Cabeça	21
S. Amancio M.	Cana	23
S. Jozippa Virg. M.	Cabeça	Março 1
S. Ethereo Bisp. M.	Cabeça	4
S. Bento M.	Cana	11
S. Urbana Virg. M.	Cana	14
S. Liberal M.	Cana	16
S. Basilio M.	Cabeça	22
S. Geva Virg. M.	Cabeça	28
Da coroa de Christo	Um espinho	1 sest. feira d'este mez
S. Benigno M,	Cana	Abril 3
S. Tiburcio M.	Cana	14
S. Cayo Pap. M.	Cana	22
S. Bonifacio M.	Cana	Maio 14
S. Pudenciana Virg.	Cana	21
S. Paulino M.	Cana	23
S. Marcellino M.	Cana	Junho 2
S. Otho Bisp. Conf.	Cana	3
S. Justino M.	Cana	18

S. Lauro M.	Cana	Agosto 19
S. Filippe M.	Cana	Setembro 2
S. João M.	Cana de br.	7
Dos Mm. Thebeos	6 Cabeças	22
S. Placido M.	Cana	Outubro 5
S. Gereão M.	Cana	11
S. Aurelia Virg.	Cabeça	16
Das onze mil Virgens	12 Cabeças	21
S. Cordula Virg. M.	Cana	22
S. Chrysantho B. C.	Cabeça	26
S. Feliciano M.	Cana	29
S. Gregorio Thaum.	Cabeça	Novembro 17
S. Isabel R. de Hung.	Cana	19
S. Clemente M.	Cana	26
Dos Ss. Innocentes	Canas varias	Dezembro 28

Existem mais outras muitas reliquias singulares, a saber: alguns pedaços do santo Lenho, e pequena porção das toalhas da mesa, em que Christo instituiu o Santissimo Sacramento. O padre Leandro no tom. 2.º tract. 7. disp. 1. *De Eucharistia* quæst. 12. com Granados, e Vulterio diz, que nesta casa de S. Roque de Lisboa se conservam as taes toalhas. Levado d'esta irformação, que não ha duvida nós communicámos ao padre Valerio de Oliveira, este assim o escreveu tambem nas *Memorias dos instrumentos da Paixão*, que ajuntou ao Methodo devoto de ouvir Missa; porem nós informando-nos melhor, achámos que somente nesta casa de S. Roque existe uma pequenina parte das taes toalhas. Existem tambem cabellos de Nossa Senhora; uma varinha da coroa de espinhos de Christo Senhor nosso; do véu, camiza, e roupa exterior de Maria Santissima; das taboas do Presepio, em que Christo nasceu, cuja maior porção se venera em Santa Maria Maior de Roma; reliquias dos santos apostolos, e evangelistas; das oliveiras do monte Olivete, reliquias de Santa Anna, de S. Joseph, e dos quatro Santos Doutores da Igreja: um dente, osso, e casula de Santo Ignacio de Loyola: ossos de S. João Bautista, de S. Bento, de Santo Antonio, de Santa Maria Magdalena, de S. João Chrisostomo, de S. Roque, de S. Francisco de Borja: um dedo ainda com carne de S. Basilio Magno: pedaço de queixo com cinco dentes de S. Vicente Martyr; e de outros muitos inclytos, e insignes Martyres, confessores, e Virgens, que seria demaziado em referir, pois ha livro impresso, que trata de todas estas reliquias. Só advertimos, que na Sacristia d'esta casa se guarda um quadro com a Imagem de Nossa Senhora, a primeira, que se copiou do original pintado por S. Lucas, que está em Santa Maria Maior de Roma, e o mandou o Santo Francisco de Borja á rainha D. Catharina pelo ditoso Martyr o padre Ignacio de Azevedo, e a rainha por sua morte o deixou a esta casa. Esta noticia, que se nos

communicou por tradição constante, em parte não se conforma com o que diz o padre Alexandre de Gusmão no seu livro intitulado: *Rosa de Nazareth*, porque diz, que o tal quadro está na Bahia: mas bem podia ser que de lá viesse para esta casa. Dizemos isto prescindindo da opinião, que segue o douto Serry nas *Exercitationes Historicœ*, de que S. Lucas não fora pintor, nem são d'elle as taes pinturas, ou quadros.

Na Congregação do Oratorio de S. Filippe Neri se venerava grande numero de reliquias no altar de Jesus Maria Joseph, cujo catalogo se imprimiu no anno de 1723 na Officina de Francisco Xavier de Andrade, e tambem o padre Manoel Consciencia faz memoria d'ellas em um tomo da *Innocencia prodigiosa*. Constava o tal santuario do altar de cento e noventa e sete relicarios entre maiores, medianos, e pequenos, e n'elles se achavão inclusas seiscentas e trinta e quatro sagradas reliquias de Santos, e Santas.

No convento de clerigos regulares de S. Caetano se guarda decentemente o corpo de S. Venancio Martyr, e o de Santa Eufemia Virgem, e Martyr: duas canas inteiras, uma de S. Jacinto Martyr, outra de S. Vicente, com outras reliquias notaveis de Santa Luzia Virgem, e Martyr, de S. Donato, de Santo Urbano, de Santa Peregrina, e outras, que trouxe de Roma o Embaixador Francisco do Sousa Coutinho.

No convento de Santo Eloy havia uma formosa reliquia do santo lenho; parte da Dalmatica do Protomartyr Santo Estevão, e um dos seixos, com que foi apedrejado, dous dentes de Santa Apollonia, uma cabeça inteira das onze mil Virgens, e parte do casco de outra; e varias reliquias de outros santos: porém como cousa singular, e de estimação se conservava ha muitos annos uma d'aquellas bandeiras, que estando encostadas á parede do pretorio de Pilatos ao tempo, que Christo Senhor nosso entrou por elle prezo, e succedendo cahirem por terra sem impulso humano, o Senhor passou por cima d'ellas, e as santificou com o contacto fisico de seus pés sacratissimos. Esta bandeira enviou de Roma a este convento no anno de 1480 o cardeal D. Jorge da Costa: era de seda exquisita de cor vermelha escura, e fórma quadrada, que acabava na parte inferior em cinco linguas boleadas: expunha-se no cruzeiro da igreja todos os annos d'esde quinta feira maior até á segunda feira dos Prazeres. (1)

No convento da Santissima Trindade havia um grande santuario de notaveis reliquias na capella de todos os santos, entre as quaes era memoravel o corpo de S. Bono Presbytero, e Martyr, com uma redoma de seu sangue, e uma reliquia de Santo Acacio Martyr.

No convento de Nossa Senhora da Graça, especialmente da sacristia sumptuosa, existe ainda um copioso numero de reliquias de varios santos, de muitos dos quaes rezam os religiosos, e com especialidade é venerada

(1) Refere Santa Maria no Ceu aberto na terra tom. I. liv. 2. c. 21.

a cabeça de Santa Christina Virgem, e Martyr, e a cana do braço do glorioso S. João de S. Facundo, ou Sahagum.

No convento de S. João Nepomuceno de Carmelitas Descalços Alemães occupão os vãos de dous Altares da Igreja os veneraveis corpos de Santa Bonina Virgem, e Martyr, e de S. Fortunato Martyr, e cabellos da Virgem Maria, dadiva da devota Rainha a Senhora D. Marianna de Austria sua fundadora.

No regio mosteiro das commendadeiras de Santos estão depositados os veneraveis corpos dos tres irmãos Martyres. S. Verissimo, Maxima, e Julia.

No mosteiro do Salvador ha uma boa porção do Santo Lenho, o qual guardando-se decentemente na sacristia, foi collocado em um sacrario sobre o altar do Coro por causa de um prodigio, que refere Cordoso. (1)

No Mosteiro de Santo Alberto de religiosas Carmelitas Descalças se guarda reverentemente a preciosa reliquia, que é uma das mãos da Madre Santa Teresa de Jesus inclusa em uma ambula de crystal.

No mosteiro exemplarissimo da Madre de Deus existe um santo Sudario retratado pelo que está em Turim, o qual mandou o Imperador Maximiliano á Rainha D. Leonor, fundadora d'este mosteiro: é a copia mais propria que ha, e dizem, que quasi prodigiosamente fora copiada, O Patriarca de Jerusalem, quando veio a este reino pelos annos de 1597. vendo este santo Sudario, disse, que, se equivocava muito com o de Turim. Mostra-se quinta feira de Endoenças, e concorre a vel-o, e venerallo toda a Nobreza, e povo de Lisboa assim por mar, como por terra em grande concurso. Existe mais um espinho da coroa de Christo com umas pingas de sangue; uma cruz formada de pedacinhos de Santo Lenho unidos, que fazem a grandeza da quarta parte de um palmo, e a grossura de um dedo delgado; o corpo de Santa Auta, uma das onze mil virgens, collocado em um cofre de madre perola; duas cabeças das onze mil Virgens, um osso grande de um dos Santos Innocentes; uma tigelinha de páu, por onde Santo Antonio bebia; um pedaço de pedra da columna de Christo do tamanho de uma avelã, e outras muitas mais reliquias, sendo a maior parte d'ellas dadiva da Rainha D. Leonor sua fundadora.

No mosteiro do Calvario existia uma cabeça das onze mil Virgens; uma grande reliquia do Santo Lenho; e um espinho da Coroa de Christo.

No mosteiro das Brigidas ao Mocambo se venera entre outras reliquias um braço de Santa Catharina Virgem, filha de Santa Brigida, fundadora d'esta sagrada religião.

No mosteiro das Flamengas junto a Alcantara se conserva o dedo de um pé do Apostolo S. Filippe, que com outras muitas reliquias trouxeram as fundadoras de Flandes.

(1) Agiol. Lusit. tom. I. p 231.

Em casas particulares de cavalheiros ha tambem n'esta cidade reliquias mui notaveis, especialmente ;

No Palacio da Inquisição guardava o eminentissimo, e reverendissimo senhor Cardeal da Cunha na sua capella o corpo de S. Marciano Martyr com uma redoma de seu sangue ; pedaço do habito de S. Francisco, com que recebeu as chagas ; um bom retalho da capa de S. Joseph, Esposo da Virgem Maria nossa Senhora, e outras muitas.

No Oratorio dos Barões de Alvito estão depositados os veneraveis corpos de Santo Eugenio Papa, de S. Lucio Papa Martyr, e de Santa Anastacia Virgem, e Martyr, os quaes trouxe de Roma a este reino o padre Luiz Lobo da Companhia no anno de 1619.

No Palacio, e Oratorio dos Excellentissimos Viscondes de Barbacena se conserva um cofre de prata, que mandou o Pontifice Gregorio XIII a el-rei D. Sebastião, e contem um pedaço de ferro de uma das settas de S. Sebastião banhada em sangue ; uma particula do Santo Lenho ; um espinho da coroa ; reliquia notavel de S. Francisco Xavier, e outras mais pequenas.

No Cartorio da Serenissima Casa de Bragança se conservavão com todo o recato, e estimação innumeraveis cartas originaes de muitos Santos, e outras pessoas insignes em virtude, cujo catalogo, que nos communicou o Senhor Manoel da Maya, é o seguinte;

De S. Aberto Magno 2.
D. Fr. Aleixo de Menezes 1.
Aymerico de Malafayla, Patriarca de Antioquia 3.
B. Amadeu 4.
B. Ambrosio Senense 1.
S. André Avellino 15.
S. André Corsino 5.
S. Antonio de Lisboa 20.
V. P. Antonio da Conceição 2.
S. Antonino de Flor. 1.
S. Agostinho 1.
P. Balthazar Alvares 1.
B. Baronica 1.
V. D. Fr. Bartholomeu dos Martyres 3.
Cardeal Baronio 2.
Cardeal Bellarmino 5.
S. Basilio 1.
S. Benedicta de Catan. 3.
S. Benardino de Sena 5.
S. Bernardo 5.
V. D. Brites da Silva 3.
S. Brigida 1.
S. Bruno 1.
S. Caetano 24.
Cardeal Caetano 1.
S. Carlos Borromeu 8.
S. Cathar. de Bolonha 1.
S. Catharina de Sena 4.
S. Clara do Monte-Falco 4.
S. Coleta 3.
S. Columba de Riete 1.
S. Columbano 1.
S. Conrado Placentino 2.
S. Constança 1.
D'el-Rei D. Diniz 2.
V. Fr. Diogo de Alcalá 4.
P. Diogo Laynes 1.
P. Diogo Granado 1.
S. Domingos de Gusm. 6.
Eleazaro peccador. 1.
Estefania da Conceiç. 1.
Egidio Colon 4.

Cardeal Farnesi 2.
O Inf. S. D. Fernando 2.
S. Filippe Benicio 3.
S. Filippe Neri 42.
e 26 paginas escritas de versos Latinos, e Castelhanos, tudo de sua propria letra.
S. Francisco de Borja 4.
Francisco Carraxolo 1.
Fr. Francisco del Prado 4.
S. Francisco de Paula 4.
S. Francisco Xavier 19.
S. Francisco de Sales 7.
S. Francisca Romana 4.
S. Francisco de Assis 11.
S. Francisco Solano 3.
S. Felis Capuchinho 7.
S. Fructuoso Bispo 1.
S. Fulgencio Bispo 1.
S. Fulgencio irmão de S. Isodoro. 1.
S. Gertrudes 3.
S. Fr. Gil 1.
S. Giraldo 1.
Giraldo sem pavor 1.
Gonçalo da Silveira 4.
V. Fr. Henrique Suso 1.
Cardeal Hippolyto Aldobrandino 2.
S. Jeronymo 1.
S. Isidoro 3.
S. Jacinto. 3.
S. Ignacio 7.
Ignacio Martins 2.
S. Ignez. 3.
V. João Affonso de Santarem 1.
S. João Capistrano 2.
João Duns Scoto 1.
S. João Franc. Regis 4.
S. João da Mata 2.
S. João de S. Facundo 3.
S. João Gualberto 1.
S. João da Cruz 5.
S. João de Deus 5.
V. P. João de Avila 8.
A Infanta S. Joanna 1.
V. Fr. Jordão 2.
Sor Joanna de la Cruz 1.
S. Isabel Rainha de Portugal 8.
S. Leandro 2.
S. Leandro Bispo de Sevilha 4.
Fr. Lope de Olmedo 1.
S. Lourenço Justiniano 7.
Ludovico Blosio 1.
Infante D. Luiz 1.
S. Luiz Beltrão 5.
S. Luiz Gonzaga 3.
V. Fr. Luiz de Granada 3.
V. Luiz de la Puente 2.
S. Luiz Rei de França 1.
S. Lutgarda 7.
S. Luzia 1.
V. Luzia de Narni 2.
S. Marcos Evangelista 1.
B. Margarida do Castello 2.
B. Margarida de Cortona 2.
B. Maria Carraffa 2.
V. Maria Raggi 1.
S. Maria Magdalena de Pazzi 4.
S. Nicoláu de Tolent. 3.
S. Norberto 2.
V. Conde Nuno Alvares Pereira 3.
Pontifice Paulo IV 4.
S. Pedro de Alcantara 1.
Fr. Pedro de Jesus 1.
S. Pedro Nolasco 1.
S. Pedro de Verona 3.
S. Pedro Moronio 4.
S. Pedro Thomás 2.
S. Pio V 2.
V. Querubim de Espoleto 1.
S. Raymundo de Pena-fort. 1.
S. Reginaldo 1.
B. Rita Ferri 3.
S. Romualdo 3.
S. Roberto Fundador da Ordem de Cister 1.
S. Rosa 2.
A Infanta S. Sancha 2.

P. Simão Rodrigues 2.
S. Simão Sthock 3.
S. Simeão de Zassia 1.
S. Stachi Bonaventura 6.
S. Theotonio, I. Prior de S. Cruz de Coimbra 9.
S. Teresa de Jesus 25.
e dous caderninhos de versos.
S. Tiburciu 1.
S. Thomás B. de Cantuaria 1.
S. Thomás de Aquino 7.
S. Vicente Ferreira 11.

Por todas são 545 Cartas.

Larvão. No Mosteiro de Religiosas Bernardas é venerado o corpo da gloriosa Infanta D. Sancha: mais um espinho da coroa de Christo: grande parte do Santo Lenho: e a cabeça de um Santo abbade, que alli floreceu em virtude, chamado João.

Loulé. No convento de Santo Antonio da provincia da Piedade existem reliquias do Santo Lenho, de S. João Bautista, de Santo Estevão, de S. Mattheus, de S. Bento, de S. Braz, e de Santa Catharina. (1)

Lumiar, termo de Lisboa. Na Igreja de S. João se conserva a cabeça de Santa Brigida Virgem, a qual querendo-a collocar el-rei D. Diniz pelos annos de 1300 no mosteiro de Odivellas, por duas vezes foi vista milagrosamente á porta da Igreja do Lumiar, onde finalmente se depositou, e se guarda em sacrario com particular culto, concorrendo em todo o anno grande numero de pessoas pelos innumeraveis prodigios, que Deus obra por intercessão d'esta Santa. Na casa professa de S. Roque de Lisboa tambem se venera a cabeça de Santa Brigida Virgem, e como de tal rezão d'ella os reverendos padres no primeiro de Fevereiro, donde não é certa a advertencia do erudito Jorge Cardoso, (2) que diz ser aquella de Santa Brigida Viuva, canonizada no anno de 1391 para a distinguir d'esta do Lumiar. Este ponto só se pudera averiguar bem, se das authenticas constara: mas o certo é que não consta: todavia para as differençarmos podemos dizer, que a veneravel cabeça, que está no Lumiar, é de Santa Brigida Virgem natural de Lisboa, como diz a chronologia monastica: (3) e a que está em S. Roque será de Santa Brigida Virgem natural de Escocia.

Meinedo. N'este lugar, que fica no bispado do Porto, distante uma pequena legua de Arrifana de Sousa, em uma ermida junto da igreja paroquial se depositaram as sagradas reliquias de S. Tyrso Martyr, natural de Toledo, as quaes trouxe de Constantinopla um Conde da Lusitania, chamado Fonsa, no anno de 600 de Christo. (4)

Miranda. Na igreja cathedral depositou a piedosa rainha D. Catharina as reliquias seguintes: parte grande do santo lenho, um osso de S. João Bautista; uma correa de vara atamarada, e pospontada de bran-

(1) Monfort. Chronic. da Pied. liv 3. c. 23. (2) Cardos. Agiol. Lusit. tom. I. p. 317. (3) Chronol. Monastic. I. Febr. «Genus illius Regale, patria Lisbona; ubi sacrum ejus caput servatur. . . in Ecclesia sus nominis. que extra muros á parte Aquilonis visitur ad oppidum Luminare. (4) Agiol. Lusit. tom I. p. 274.

co, que dizem ser do Apostolo S. Pedro: dous ossos de S. Paulo; reliquia de S. Lourenço: cana do braço de S. Braz: outra de S. Donato Martyr, cabeça de S. Henrique Martyr: reliquias de S. Sempronio, de Santo Eustaquio, S. Gregorio, Santo Athanasio, e S. Espiridonio: uma coifa bordada de aljofar, de que usava Santa Maria Magdalena, e um osso da mesma, tres ossos de Santa Catharina, um de Santa Cecilia, casco de Santa Agueda: dente de Santa Barbara, ossos de Santa Marinha, Santa Basilissa, Santa Miliana, Santa Abcela, e das onze mil Virgens, com outras muitas reliquias, de que não se sabem os nomes. (1)

Mogadouro. No mosteiro de Santa Marina, meia legua ao nascente do lugar de Lagoaça, se venera o corpo da mesma Santa Marina, a cuja veneração concorre muita gente em dia da Ascensão, em que se dá a beijar sua santa cabeça. (2)

Monsanto. N'esta Villa, que é do bispado da Guarda, se conservam os ossos do glorioso Santo Amador Anacoreta em um cofre dourado forrado de setim carmesim em uma Ermida de S. Pedro de Viracorsa. (3)

Montemór o Novo. No convento de S. Francisco d'esta Villa se conserva, e venera desde o anno de 1564 a cabeça do Apostolo S. Filippe em um nicho da parte do Evangelho na capella mór, fechado a tres chaves, das quaes tem uma o Guardião, outra o padroeiro, outra o procurador mais velho do senado. Foi dadiva do insigne D. Fernão Martins Mascarenhas, Embaixador d'el-rei D. Sebastião ao Concilio Tridentino, o qual a adquiriu em Alemanha com outra tambem notavel de outro Santo, que se suppõe ser de S. Pedro Martyr. Grandes diligencias fez el-rei Filippe III para levar daqui esta notavel reliquia, e collocal-a no Escurial, mas não lhe foi possivel. (4)

Moreira. Na freguezia d'este lugar do bispado do Porto, que é convento de conegos regulares de Santo Agostinho, se conserva uma grande, e notavel reliquia do santo lenho de tempo antiquissimo. É innumeravel o concurso de gente, que alli concorre a 3 de Maio, e a 14 de Setembro, experimentando-se continuamente os milagres, que Deus Senhor nosso alli obra, attribuindo-se tambem á virtude d'esta reliquia o prodigio de que sendo todas as freguezias circumvisinhas infestadas de muitas viboras, só nesta de Moreira não mordem, nem ha memoria que alli cahisse nunca raio. (5)

Moura. No convento do Carmo ha parte do santo lenho, e reliquias de Santo Alberto Confessor, S. Bartholomeu, Santa Basilissa Virgem, e Martyr, S. Braz bispo, e Martyr, e de outros Santos Martyres. (6)

Odivellas. No mosteiro regio de religiosas Barnardas, fundado n'este sitio por el-rei D. Diniz, se conserva em cofre de prata o glorioso

(1) Agiol. Lusit. tom. 3. p. 396. (2) Ibid. tom. 3. p. 73. (3) Ibid. tom. 2. p, 331. (4) Agiol. Lusit. tom. 3. p. 1. e 14. (5) Cunha. Catalog. dos Bispos do Porto part. 2. c. 45. Agiol. Lusit. tom. 3. p. 34. Corogr. Portug. tom. 1. p. 363. (6) Sá, Memor. Historic. part 1. p. 52.

corpo de S. Guilherme, Arcebispo de Bituria, do qual rezam a 10 de Janeiro. No mesmo cofre está a cabeça de Santa Ursula, e grande parte da de sua tia a rainha Jerafina, com outras reliquias das onze mil Virgens. Tambem se venera um dedo de S. Sebastião Martyr. (1)

Ourega, que dista de Evora duas leguas para o Occidente, no sitio onde chamão a cova dos Martyres, é tradição estarem alli sepultados os corpos de S. Jordão bispo, Santa Comba, e Santa Anonyma suas irmãs, com outros muitos Martyres, que alli padeceram. (2)

Panoyas. Villa do campo de Ourique. Conserva-se na Igreja Matriz a cabeça de S. Romão Eremita, natural de França, que tem sobrenatural virtude para os mordidos de cães damnados. No mesmo sitio, e ermida de seu proprio nome existe o corpo do mesmo S. Romão, onde é continuamente frequentado dos devotos peregrinos. (3)

Paredes. Villa da Comarca de Pinhel, bispado de Lamego. Na ermida do desembargador Joseph de Azevedo Vieira, dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, existe em primoroso santuario uma grande parte do santo lenho, e os corpos inteiros dos gloriosos Martyres S. Paulo, e S. Felis, cujas reliquias alcançou de Roma o R. P. Manoel de Azevedo, religioso da Companhia de Jesus, filho do dito desembargador, e as depositou n'esta capella, que presentemente é das mais sumptuosas da provincia, aonde concorre bastante gente para venerarem as santas reliquias O santissimo padre Benedicto XIV por especial graça (declarando que não se pudesse ao diante allegar por exemplo) em Breve de 7 de Junho de 1747 se dignou conceder a esta capella, e a todos os que vão visitar este santuario, muitas indulgencias plenarias, e perpetuas; que o altar da Senhora da Assumpção fosse todos os dias privilegiado para todos, e para todas as missas, qne n'elle se disserem, e para sempre, e em fim presentemente não ha n'este reino capella particular, que tenha alcançado da Sé Apostolica tantas graças. Consta tudo do Breve, que nos communicou o M. R. P. D. João de Santa Maria, conego regrante de Santo Agostinho, e filho do sobredito desembargador Joseph de Azevedo Vieira, instituidor da sobredita capella.

Pendorada. No convento de religiosos benedictinos distante do Porto seis leguas ao Norte existe com summa veneração o prodigioso dedo index da mão esquerda do santificado Bautista, livre de toda a corrupção, e ainda revestido de carne, posto que mirrada, mas com perfeitissima unha, por cuja reliquia notavel obra Deus milagres sem numero. Não consta ao certo quem trouxe esta preciosa reliquia: porém conjectura-se por tradição, que fora o bispo D. Sisnando. (4) Aqui mesmo existem reliquias de Santa Comba, Santa Eugenia, e S. Romano. (5)

(1) Agiol. Lusit. tom. 1. p. 102. (2) Agiol. Lusit. tom. 3. p. 18. Evora glorios. n. 363. (3) Agiol. Lusit. tom. 1. p. 512. Purific. Chronol. Monast. die 28. Februar. Fr. Jacint. de S. Miguel Tract. Histor, tom. 1. p. 462. (4) Benedict. Lusit. tom. 2. p. 223. Agiol. Lusit. tom. 3. p. 868. (5) Corogr. Portug. tom. 1. p. 400.

Pesqueira. Na devotissima ermida de S. Salvador, meia legua distante da Villa, entre muitas reliquias, que alli depositou o virtuoso eremita Gaspar da Piedade, adquiridas em Roma, e Jerusalem, é insigne uma formosa cana do braço do grande Doutor da Igreja S. Jeronymo, a qual nas Oitavas da Pascoa, e Pentecoste se mostra ao povo, que a este santuario concorre com devoção. (1)

Pinhal. No mosteiro de S. Luiz de religiosas claristas existem, e se veneram, além de outras reliquias, quatro corpos inteiros de santos, a saber: o de S. Cayo Papa, e Martyr: o de S. Vital: o de Santa Theodora Virgem: e o de Santa Christina, os quaes de Roma foram transferidos a este reino por Heitor da Sella Falcão, a quem o Pontifice Paulo V fez mercê d'elles com outras reliquias no anno de 1620. (2) No termo de Pinhel desfazendo-se no anno de 1620 o altar de S. Julião do Pereiro, se achou debaixo d'elle uma arca de pedra, e n'ella boa quantidade das mysticas offertas do ouro, incenso, e myrrha, que os Santos Magos tributaram ao Menino Jesus no portal de Belém, como se referia nos pergaminhos, que juntamente se acharam. Estas reliquias se authenticarão, e estão approvadas pelo Ordinario, e todos os annos em dia da Ascensão se mostram ao povo, que alli concorre para as venerar. (3)

Pombeiro. No convento de religiosos benedictinos se venera uma preciosa reliquia do Precursor de Christo S. João Bautista, e é um pedaço do queixo encastoado em prata em uma custodia com letreiro em circulo, que diz: *Demonstravit Deo homini.* (4)

Portalegre. Ennobrece a Cathedral d'esta cidade o precioso cofre de reliquias, que alli se veneram, e vem a ser, uma cabeça das onze mil Virgens, um osso do Martyr S. Lourenço, outro de S. Mauricio, outro de S. João Chrysostomo, um admiravel santo lenho em ambula de crystal, que foi dadiva da rainha D. Catharina sua Padroeira. (5)

Portel. Na freguezia da Vera Cruz de Marmelal, que fica no termo d'esta villa, é venerada uma notabilissima, e milagrosa reliquia do santo lenho. (6)

Porto. Na Cathedral se venera o corpo do invicto Martyr S. Pantaleão seu Padroeiro, e um braço do Martyr S. Vicente. Aqui mesmo no convento de S. Bento da Vitoria se conserva um rico santuario de varias reliquias em trinta e dois meios corpos, quatorze braços, dous pés, e quatro pyramides. (7) Na freguezia de S. Miguel do Couto d'este bispado se guarda com veneração a pia, em que foi bautisado S. Rosendo, e pela devoção dos que se valem de suas reliquias para remedio de varias enfermidades, está já pela parte de fóra notavelmente gastada. (8) Outras muitas reliquias reservou o ceu para esta nobre cidade pela grande piedade de seus moradores.

(1) Agiol. Lusit. tom. 2. p. 319. (2) Ibid. tom. 2. p. 387. e 679. (3) Agiol. Lusitano tom. 1. p. 58. (4) Idem tom. 3. p. 803. (5) Idem tom. 1 p. 428. e tom. 3. p. 248. (6) Mariz Diolog. 3. c. 4. Agiol. Lusit. tom. 3. p. 55. (7) Benedict. Lusit. tom 2. p. 433. (8) Jardim de Port. p. 143.

Porto de Mós. Na freguezia de Nossa Senhora dos Murtinhos se veneram em sacrario particular as reliquias, que do convento de Merida, chamado Cauliniana, trouxe o Santo Eremita Romano pelos annos de 714 em companhia d'el-rei D. Rodrigo, ultimo dos Godos, quando veio parar á Pederneira. São ellas as seguintes, um pedaço do casco de S. Braz da largura de tres dedos, um osso de um dos quarenta Martyres, um retalho da vestidura de uma das onze mil Virgens, um osso de S. Sebastião, outro de Santo Erasmo, e outras pequenas reliquias, que não se sabem de quem são. (1)

Refoyos. Junto ao rio Lima no convento de Santa Maria de Conegos Regrantes se conserva o corpo do beato Romeu, natural de Italia. (2)

Salvaterra. No convento de Nossa Senhora da Piedade se venera a cabeça de S. Bacho Martyr, que em doentes de febres obra maravilhas. (3)

Sacavem. No mosteiro Serafico de Nossa Senhora dos Martyres se conservam notaveis reliquias, a saber: um espinho da coroa de Christo: um pedaço da veste purpurea do mesmo Senhor: a cabeça de Santa Barbara, (que entendemos não é a de Nicomedia; porque essa, como dissemos na vida da santa a pag. 128, existe em Napoles) e, a maior parte da de Santa Juliana, e de uma das onze mil Virgens; o espinhaço de S. Sebastião Martyr: duas cabeças dos santos Thebeos: um pedaço do santo lenho do tamanho de um alfinete grosso: uma pequena de cera do milagre de Santarem: um pedaço do lençol, do tamanho da palma da mão, em que pozeram a Christo Senhor nosso, quando o tiraram da Cruz, e com sangue, um retrato do santo Sudario, que se mostra em quinta feira de Endoenças, um dedo de santa Ignez, dous dentes de Santa Juliana, dous ossos de Santa Cecilia, um pequeno do casco de Santa Maria Magdalena do tamanho de tres dedos, um osso de S. Marcos Evangelista, sete ossos pequenos de santo André Apostolo, e de outros santos Martyres, cujas reliquias mandou collocar, e venerar, vistas suas authenticas, o arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida por duas Provisões suas, que se guardam no cartorio d'este mosteiro, e a fol. 59, do tombo d'elle dá o seu Padroeiro Miguel de Moura attestação do modo, com que alcançara estas reliquias. (4)

Santarem. Um dos singulares theatros de maravilhas, que admira, e venera, a piedade christã em o nosso reino, é a villa de Santarem, porque na freguezia de Santo Estevão se conserva, e admira a santa Particula, vulgarmente chamada o *Santo Milagre.* É ella do tamanho ordinario com algumas manchas de sangue distinctas, mas já denegridas, o resto d'ella branco, e no fundo do vaso em que se guarda, se divisam algumas gotas de sangue da propria cor do da particula. No convento de S. Domingos da mesma villa estão parte dos despojos d'este famoso

(1) Santuar. Marian. tom. 3. p. 320. (2) Agiol. Lusit. tom. 2. p. 507. (3) Histor. de Santarem tom. 2. p. 363. (4) Agiol. Lusit. tom. 1. p. 445.

milagre, e vem a ser, a santa beatilha conservada, e venerada no sacrario em ambula de cristal, na qual se vê o sangue tão fresco, que causa admiração, e juntamente duas pilulas d'aquella sagrada cera do tamanho de grãos, em que se recolheu o precioso sangue. (1) Na mesma villa, e na Igreja de S. Bartholomeu do Alfange existem dous corpos inteiros dos ditosos pais d'aquelles santos meninos, que no anno de 1277, no dia da Ascensão subiram prodigiosamente ao ceu. No convento de S. Francisco da mesma villa se conserva um pedaço da pelle de S. Jorge. um espinho da coroa de Christo, e a cabeça de Santa Aurea, companheira de Santa Ursula. (2)

Santiago de Cacem. Conserva-se aqui com grande veneração a notavel reliquia do santo lenho, que trouxe de Grecia a devota matrona D. Bataza. (3)

Setubal. No mosteiro das descalças de Jesus existe a cabeça de S. Eliodo Martyr, do qual se reza a 22 de Junho com jubileo concedido por Paulo V, um prodigioso pedaço do santo lenho do tamanho, e largura de uma polegada, uma cabeça das onze mil Virgens, cinco contas, e um pedaço do habito, e véu de Santa Clara, um santo Sudario tirado pelo que está em Turim, e outras muitas reliquias de Martyres.

Sines. É venerado na Igreja Matriz em capella propria o corpo do glorioso Martyr S. Tórpes, que padeceu em Piza a 29 de Abril, e deitando-o os tyrannos em uma barca velha com um cão, e um gallo no rio Arno, veio aportar no porto de Sines, onde lhe deu sepultura decente a illustre, e Santa Matrona Celerina, e perdendo-se com o tempo sua memoria, o arcebispo D. Theotonio persuadido do Papa Xisto V, fazendo exactas diligencias, o foi achar nas praias do rio Junqueira em uma urna de pedra, e o depositou na Matriz d'esta villa, onde se conserva até agora com grande veneração, obrando Deus por elle continuos prodigios, entre os quaes se refere um notavel, de que todos os annos em sesta feira maior, a tempo que se fazia a procissão do enterro do Senhor, sahia da parte da urna, em que estão as santas reliquias, quantidade de borboletas com azas prateadas, e acabada a Procissão desappareciam. Continuou este prodigio até o anno de 1730, no qual demolindo-se a Igreja Matriz, nunca mais appareceram as borboletas. (4)

Tavira. Na Igreja Matriz de Santa Maria se guardam os corpos dos gloriosos sete invenciveis cavalleiros da militar Ordem de Santiago, D. Pedro Rodrigues, Mem do Valle, Damião Vaz, Alvaro Garcia, Estevão Vasques, Valerio de Ora, e Garcia Rodrigues, os quaes antes da recuperação d'esta cidade foram martyrizados pelos Mouros em defensa da Fé. (5)

(1) Monarq. Lusit. liv. 15. c 32. Sousa, Histor. de S. Doming. part. 1 liv. 2. c. 43. e outros apud. Cardos. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 451. (2) Vasconcel. Histor. de Santar. tom. 2. p. 191. (3) Resend. de Antiquit. Lusitan. (4) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3. p. 297. com outros que allega. Fonseca na Evora glorios. n. 349. Luis. Velho na Vid. de S. Torpes p. 162. (5) Agiol. Lusit. tom. 3. p. 642.

Thomar. Aqui se conserva o veneravel corpo de Santa Cita, que de Italia trouxe um certo Ermitão para o lugar da Aceiceira. (1) Tambem se venera um pedaço do craneo de S. Sebastião Martyr, que alli depositou el-rei D. Sebastião: tres espinhos da coroa do Senhor collocados em uma cruz preciosissima, onde tambem ha grandes porções do santo lenho, e uma mão do bemaventurado S. Gregorio Nazianzeno, e uma pedra com salpicos de sangue de Santa Iria, cujas reliquias eram dos cavalleiros Templarios. (2)

Torres Novas. No convento dos Carmelitas existe a veneravel, e milagrosa cabeça de S. Gregorio Magno, dadiva do arcebispo de Ceuta D Jayme de Lancastre.

Torres Vedras. Em Nossa Senhora do Ameal, ermida da freguezia de S. Miguel, uma das quatro, que contem esta villa, são veneradas, e tidas em grande estimação as reliquias seguintes: uma grande parte de uma camizinha do menino Jesus: uma maçaroca fiada pelas divinas mãos de Maria Santissima, um novelinho de linhas com duas agulhas da mesma Senhora, e uma ambula de crystal com o leite da purissima Virgem, tudo dentro em um precioso cofre, cujas chaves tem o prior da igreja de S. Miguel. (3)

Val bem feito. legua e meia de Peniche. No convento de religiosos Jeronymos depositou a rainha D. Catharina a veneravel cabeça de S. Gereão Martyr, que lhe mandou de presente D. Fernando rei de Hungria no anno de 1532. No convento de nossa Senhora da Graça em Evora tambem dizem, que está a cabeça de S. Gereão mas como bem adverte o insigne Jorge Cardoso, deve ser de algum companheiro de S. Gereão Martyr. (4)

Vianna do Alemtejo, Goza o convento de S. Francisco de religiosos da terceira Ordem, entre outras reliquias, a preciosa cabeça de um dos santos tres reis Magos encostoada em prata com inscripção no craneo da propria letra da rainha D. Catharina, que foi a que deu esta reliquia, a qual veio entre as que mandou o imperador Maximiliano á rainha D. Leonor, mulher d'el-rei D. João II. (5) No mosteiro de Jeronymas ha um braço de S. Alexandre Martyr de Hungria, e na capella da Conceição se guarda em relicario de prata a fórma da profissão, que depois do noviciado fez na companhia o veneravel padre João Cardim, escrita com o seu proprio sangue em papel, pelo qual applicado a doentes tem Deos obrado muitas maravilhas. (6)

Vidigueira. No convento de Piedosos de N. Senhora da Assumpção existe um grande numero de reliquias, a saber: porção do Santo Le-

(1) Anjos, Jardim de Port. p. 55. (2) Cardos, Agiol Lusit. tom. 3. p. 142. (3) Corogras. Port. tom. 3. p. 20. (4) Cardos. Agiol. Lusit. tom 3. p. 18. (5) Idem tom. 1. p. 58. Depois d'esta noticia achei na Relação da jornada que fez o Conde de Villa Maior a Alemanha. escrita pelo P. Fonseca p. 444 que se venerão em Colonia todas as tres cabeças dos Santos. Reis Magos. O mesmo diz o P. Pedro Correa. (6) Alegambe apud. Cardos. Agiol. Lusit. tom 1. p. 469. Carvalh. Corogr. Port. tom. 1. p. 422.

nho: da tunica de Christo: da vestidura que lhe vestiram em casa de Pilatos: da corda com que o ataram: do páo da mesa, em que deu de cear a seus discipulos: do santo Sudario; do berço em que nasceu: da pedra sobre a qual chorou á vista de Jerusalem: da pedra da columna em que o ataram para o flagellarem: da pedra do sepulchro: da beatilha de Maria Santissima: da cera que offereceu no templo em dia da Purificação: pedra da casa em que S. João Evangelista costumava dizer Missa: reliquias de S. João Baptista, e de outros muitos santos apostolos, martyres, confessores, e virgens: as quaes reliquias foram achadas por um caso milagroso, que extensamente se conta na Chronica da provincia da Piedade. (1) Aqui mesmo, e no convento do Carmo se veneram reliquias de Santo Alberto, e dous dedos de S. Cosme, e S. Damião com outras muitas mais reliquias insignes de outros santos. (2)

Villa Viçosa. No mosteiro das Chagas existem os veneraveis corpos de tres santos martyres, a saber, Santo, Hilario, S. Clemente, e Santo Anastacio, offerta do arcebispo de Evora D. Joseph de Mello, que os adquiriu em Roma. (3) Aqui mesmo n'esta villa, e na capella Ducal se conserva o corpo de S. Gandulfo, que outros chamam Goldrofe, que alcançou em Alemanha o senhor D. Duarte pelos annos de 1638.

Villar de Frades. No convento de S. Salvador de conegos seculares de S. João Evangelista se venera um retalho do manto de nossa Senhora, que è de pano de côr azul, além de outras reliquias, entre as quaes tambem se guarda o proprio calix, e patena, com que S. Giraldo arcebispo de Braga dizia missa. (4)

Viseu. Na cathedral entre outras reliquias se venera um braço de S. Theotonio.

Ainda que não vem em seu lugar proprio, vem todavia a tempo a memoria seguinte:

Em Lisboa, na igreja de Nossa Senhora do Loreto, paroquia famosa da nação italiana, se conserva o corpo de S. Justino martyr com toda a veneração.

No convento de Nossa Senhora da Porciuncula de capuchinhos italianos se venera no polido altar mór o corpo de S. Benigno martyr, dadiva do excellentissimo Nuncio Cavalieri: e na sacristia da mesma igreja se conserva a cabeça inteira com todos os seus dentes do glorioso, e invicto martyr S. Maximo.

No real convento de S. Vicente de Fóra existem as reliquias seguintes: cabeça de um dos cinco Santos martyres de Marrocos: cabeça de uma das companheiras de Santa Ursula; uma grande reliquia de S. Sebastião; uma cana do braço de S. Theotonio: um dedo de Santo Agostinho; reliquias de S. Vicente martyr: cabeça de Santa Margarida: re-

(1) Monfort. liv. 3. c. 22. (2) Sá, Memor. do Carm. part. 1. p. 241. (3) Agiol. Lusit. tom. 1. p. 530. e tom. 2. p. 56. e 189 (4) Santa Maria no Ceo aberto na terra tom. 1. p. 25. e 378.

liquias de Santa Catharina Virgem, e martyr, Santa Ursula, S. Roque, S. Gregorio Magno, Santo Agapito, S. Pedro de Arbues: leite de Nossa Senhora: uma cruz de prata com dous grandes pedaços do Santo lenho: o corpo de um Santo, cujo nome se ignora: e outras muitas reliquias.

De outras varias reliquias poderamos fazer memoria, se escreveramos unicamente d'ellas, d'onde não estranhará o leitor, se vir que passamos algumas em silencio.

CAPITULO VII

Das imagens milagrosas

A veneração, e culto das sagradas imagens é tão antigo em Portugal como a mesma religião. Logo que o Apostolo Santiago a estabeleceu n'este reino, edificou altar á Mãi de Deus em Braga. (1) Foi continuando o culto com singularissimo zelo, como se prova do Canon 36 do Concilio Eliberitano. Sobreveio a invasão dos mouros, com os quaes vendo os afflictos christãos a irreverencia, e ultraje, a que se expunham as santas imagens, imitando aos sacerdotes antigos na destruição do Templo de Jerusalem, trataram de occultal-as, como melhor poderam, assim como aquelles tinham escondido em um poço profundo o fogo sacro: até que permittindo Deus serenasse aquella turbulenta perseguição dos barbaros, expulsos elles do reino, se foram descubrindo pouco a pouco a maior parte d'estas imagens com particulares maravilhas. (2)

Não é para despresar a reflexão, que devemos fazer no especial favor, com que Deus Senhor nosso por sua immensa bondade, e por meio das suas venerandas imagens, e dos seus santos assiste benigno a este reino, trazendo-as a elle por meios tão exquisitos, e conservando tantas, que com os frequentes milagres que obram, não só nos corroboram na devoção, mas nos servem de refugio para nos valermos do seu patrocinio em nossas urgentes necessidades. (3)

§ I

Imagens de Christo Senhor nosso

Em Matosinhos, lugar maritimo distante uma legua da cidade do Porto, é venerada a devota, e respeitosa imagem chamada do Santo Christo de Bouças. Esta imagem é a mais antiga que ha em Portugal, e dizem ser feita pelo nobre decurião Nicodemus, discipulo de Christo, e achada milagrosamente por uns pescadores toda cuberta de limos no si-

(1) Macedo nas Flor. de Hesp. c. 9. excel. 5. (2) 2. Machab. 1. 2. Paralipom. 7.
(3) Concil. Trid. sess. 25. de Sacr. Imagin.

tio do Espinheiro, onde a expulsaram as ondas. O vulto será pouco maior que a imagem do Senhor Jesus, que está na igreja de S. Domingos de Lisboa: tem nove palmos de alto, e oito de braço a braço: o veneravel rosto levantado: dos olhos o direito está fechado para a terra, e o esquerdo aberto para o Ceo. Sem ter musculos, veias, ou feições polidas, não ha imagem mais perfeita, nem mais excellente. Causa nos que empregam n'ella a vista um reverencial temor, e quasi sobrenatural compunção. É o asylo, e refugio dos moradores do Porto, que cada dia experimentam por meio d'esta Santa imagem infinitas misericordias de Deus. (1)

Na villa de Barcellos é reverenciada uma Santa imagem de Christo com a cruz ás costas, a qual no anno de 1505 foi achada nas praias de Biscaya, e trazida para o sitio, onde hoje está, com grande decencia, e ornato, fazendo logo o primeiro milagre na sua collocação na capella de Santa Cruz, porque entrou pela porta da ermida com facilidade, sendo a imagem grande, e a porta pequena. Em circuito d'esta ermida se vê cada anno o celeberrimo prodigio da apparição das Cruzes nos dias 3 de Maio, e 14 de Setembro, e algumas vezes pela quaresma, porque no espaçoso rocio, que cerca a igreja, sendo o terreno de cor barrenta, apparecem por estes tempos varias cruzes cinzentas, ou a sombra d'ellas, uns annos em maior numero, outros em menor; umas grandes, outras pequenas: e não apparecem só na superficie da terra, mas tanto se profunda aquella sombra, que por mais que se cave, sempre se encontra a mesma cruz. Passado o dia desapparecem, ficando o terreno da mesma fórma. Em 20 de Maio de 1730 foi notavel o grande numero de cruzes, com que se alcatifou aquelle terreiro. (2)

Em Santarem no convento de religiosos Benedictinos se adora com especial culto uma devotissima, e milagrosa imagem de Jesus Christo crucificado com os braços despregados, estendido o direito, offerecida a mão, e curvado o santissimo corpo na mesma postura, com que testemunhou ha tantos seculos a verdade de uma afflicta pastora, que com lagrimas, e verdadeira fé lhe pedia justificasse na presença dos ministros da justiça o seu requerimento, como irrefragavel testemunha, que havia sido dos esponsaes, que lhe fizera certo moço. Os summus pontifices tem concedido muitas indulgencias aos Confrades, que ha n'aquelle convento em obsequio da mesma imagem, de que ha summario impresso no anno de 1739 na officina de Miguel Rodrigues. (3)

Na mesma villa no convento Dominicano ha outra devota imagem

(1) Cunha. Catalog. dos Bispos do Porto part. 2. c. 45. Fr. Luiz dos Anjos no Jardim de Portug. num. 182. Agiol. Lusit. tom. 3. pag. 615. Corograf. Portug. tom. 1. p. 361. Fernandes, Alma instruida tom. 2. p. 792. (2) Cunha, Histor. Eccles. de Braga p. 2. c. 55. Faria no Epitom. part. 4. c. 17. Severim, Promptuar. espirit. p. 89. Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3. pag. 58. Nobiliarq. Port. c. 9. Corogr. Port. tom. 1. pag. 298. (3) Faria na Europ. Port. Mariz no especial tratad. deste milagre. Benedict. Lusit. tom. 2. p. 367. Vasconcel. na Histor. de Santar. tom 2. liv. 1. c. 8. Jardim de Port. p. 559. Corog Port. tom. 3. p. 245.

de Christo crucificado com o titulo do Senhor dos Afflictos, ao qual dizem, que lhe crescem os cabellos da barba, e as unhas dos pés, e que fallara a um noviço, que queria deixar a religião, de cujas vozes atemorizado permaneceu, e n'ella acabou santamente. (1) Tambem no convento de S. Francisco da propria villa, logo á entrada da porta principal, á mão esquerda, se venera uma devotissima imagem de um crucifixo, que mandou fazer el-rei D. João I pela sua propria estatura, e d'elle ha milagres authenticos. (2)

Venera-se no convento franciscano da villa de Balhelhas, ou Valhelhas, tres leguas distante da cidade da Guarda, a milagrosa imagem do Bom Jesus, em cuja capella se vê pendurada uma taboa, que relata a historia do seu prodigioso apparecimento no anno de 1502 por um piedoso pastor, o qual observando, que o seu gado se detinha demasiadamente em uma lapa, querendo desvial-o, ouviu uma voz, que o chamava pelo seu nome, e caminhando para aquella parte, foi dar com a santa imagem de magestoso aspecto (3)

Em uma ermida de S. Nicoláo da cidade do Porto é venerado um santo crucifixo com grande devoção, porque nas publicas necessidades de sol, ou chuva tem obrado evidentes maravilhas, levando-o em procissão da ermida para a Sé; e quando o restituem, é com igual concurso de gente. (4) N'esta mesma cidade tem os religiosos Dominicanos no seu convento uma devota imagem de Christo crucificado, pela qual o mesmo Senhor obra muitos milagres, e com especialidade por meio de uma toalha, chamada toalha de Jesus, por onde tem conseguido saude muitos enfermos. (5)

Adorna ao regio convento de Santa Cruz de Coimbra um santo crucifixo, que está em uma capella da sacristia, para onde veio do antigo mosteiro das Donas, o qual respondeu á beata Feliciana por despacho de uma injusta petição aquellas palavras, que já o mesmo Senhor tinha dito á mãi dos filhos de Zebedeu: *Nescitis quid petatis.* (6)

De igual respeito, e devoção é uma imagem de Christo crucificado, que se venera em Guimarães na capella de Nossa Senhora da Consolação do Campo da Feira, cujo devoto rosto se julga foi obrado pelas mãos dos Anjos. (7) Tambem no concelho de Felgueiras, e freguezia de Santiago de Sandim existe um devoto crucifixo, que dizem fora do famoso Egas Moniz. (8) E na vigairaria de Santa Vaya de Tonois, termo de Braga, ha a milagrosa imagem do Bom Jesus do Monte, não só visitada de grande numero de romeiros, mas festejada sumptuosamente. (9) Não o é menos o Santo Christo de Cabeça boa, que é uma imagem

(1) Historia de Santarem tom. 2. p. 55. (2) Ibid. p. 190. (3) Cardos. Agiol. Lusit. tom 3 p. 583. e 591. (4) Cunha. Catalog. dos Bisp. do Port. part. 2. c. 42. (5) Fr. Luiz dos Anjos no Jardim de Port. p. 485 Bullar. Dominic. tom. 3. p. 234. onde vem um Breve sobre a decisão de pertencer esta santa imagem ao convento de S. Domingos depois do anno de 1449. (6) Agiol. Lusit. tom. I. p. 348. e tom. 3. p. 625. (7) Corograf. Port. tom. I. p. 68. (8) Ibid. p. 121. (9) Ibid. pag. 185.

mui milagrosa, que se venera fóra dos muros da cidade de Bragança. (1)

Faz bastantemente respeitavel ao convento de S. Francisco de Chaves um santo crucifixo de grandeza, e proporção natural, cujo aspecto infunde sacro terror, e provoca a devoção: é mui visitado com frequentes romarias, e tido por milagroso. (2)

Ennobrece não pouco a villa de Alemquer outra santa imagem de Christo crucificado, que muitas vezes fallou ao santo fr. Zacharias, a qual se guarda no convento de S. Francisco no cruzeiro dá igreja em sacrario fechado, que não se abre senão nas sestas feiras da quaresma, e em 3 de Maio. (3)

Na grandiosa igreja da Misericordia da villa de Aveiro é venerada a imagem de Christo com o titulo de *Ecce Homo*, de estatura natural, e tão perfeita na proporção symmetrica de todas as suas partes, que é suspensão dos artifices, e attractivo da devoção: no reino dizem que não ha outra semelhante. (4)

Com especial favor coube maior numero de santas imagens de Christo Senhor nosso a esta famosa cidade de Lisboa, porque no mosteiro do Salvador de religiosas Dominicas existe com grande veneração uma antiquissima imagem do santo crucifixo achada n'aquelle sitio entre umas espessas matas logo nos principios, que o santo rei D. Affonso Henriques conquistou Lisboa aos mouros. Foi descuberta por um nobre cavalleiro, o qual ao pé da cruz, em que a imagem pendia, achou um altar de cera, que as abelhas prodigiosamente haviam fabricado. (5)

Illustrava muito ao famoso templo de S. Domingos a antiga, e respeitavel imagem do Senhor Jesus crucificado, em cujo lado de tempo immemorial estava continuamente exposto o Santissimo Sacramento. A ella recorria o devoto povo lisbonense nas suas urgentes necessidades certo da sua infallivel clemencia.

Na igreja de Santa Barbara do Castello se adora um santo Christo de vulto pouco menor que a estatura natural, e ha tradição que fallava muitas vezes com a rainha Santa Isabel. Porem entre as imagens de Christo notaveis, que ha em Lisboa, goza o religiosissimo convento da Graça de duas mui respeitaveis: uma é o santo crucifixo, o qual dizem fora trazido ao veneravel padre Montoya pelos Anjos, e é tradição antiquissima, que muitas vezes se ouvia estar fallando com o dito padre; a outra imagem é o Senhor Jesus dos Passos, que tem feito grandes prodigios. Succedeu na sua compra um mysterio memoravel; porque andando o grande servo de Deus Luiz Alvares de Andrade com o piedoso intento de estabelecer n'esta corte pelos annos de 1587 a devoção dos

(1) Corog. Port.. p. 496. (2) Monforte, Chronic. da Pied. liv. 2. c. 10. (3) Esperança, Histor. Serafic. part. 1. c. 16. Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3. p. 61 e 625. (4) Corogr. Port. tom. 2. p. 101. (5) Agiol. Lusit. tom. 3. p. 61. Corogr. Port. tom. 3. p. 385. Sousa. Histor. de S. Dom. part. 2. Anjos, Jardim de Port. n. 89. Santuar. Marian. tom. 1. pag. 45.

Passos, como com effeito estabeleceu, veio a sua casa um estrangeiro, que trazia varias cabeças de imagens para vender, e entre ellas a devotissima do Senhor Jesus, a qual comprou o dito devoto por tres cruzados, preço com que alguns contemplativos querem que fosse vendido o divino original. É tida esta imagem por uma das de maior veneração, que tem esta côrte, e assim é servida com uma grandiosa irmandade, em que entra a maior parte da nobreza. (1)

Adorava-se no convento do Carmo a imagem do Santo Christo cativo, porqne o esteve em Argel. No seu resgate concorreram circumstancias prodigiosas, qua o faziam mais veneravel. (2) Aqui mesmo em uma capella dos claustros estava collocada a sagrada imagem do Senhor Jesus dos Agonizados, que veio do convento de Moura, onde é constante fallara a um religioso leigo, e que tinha obrado innumeraveis prodigios.

Em S. Francisco de Xabregas em uma nave da igreja para a parte da sacristia está collocada em uma capella a devotissima imagem com o titulo do Senhor Jesus do Bom despacho, com a qual é tradição, que corria a Via-Sacra o veneravel padre fr. Antonio das Chagas, assistindo ainda n'este convento. D'esta santa imagem foi devotissimo o servo de Deus fr. Joseph de Santa Anna, religioso do mesmo convento, que morreu com opinião de virtude.

Enriquecia o convento da Santissima Trindade a imagem do santo crucifixo, que no anno de 1140 estando no coro, e cahindo este a tempo, que por baixo passavam dois religiosos, ficando ambos opprimidos da ruina, de tal fórma os amparou o crucifixo, com quem se acharam abraçados, que elles não receberam damno algum; porem a imagem ficou com a nodoa de uma grande pizadura no peito. (3) Tambem aqui era venerada a imagem do Senhor Jesus do Resgate.

No mosteiro das Inglezinhas se venera um crucifixo chamado do Milagre; guarda-se na cella das abbadessas, da qual é levado ao coro em procissão todas as sestas feiras. Trouxe-o a madre soror Isabel Arte, a qual, quando residia em uma das cidades, que os hereges saquearam em tempo do scisma de Henrique VIII tirando-lhe um das mãos por força a tal imagem, com que a serva de Deus estava abraçada, e lançando-a em uma fogueira, ella com grande valor correu, e a tirou do meio das lavaredas sem lesão alguma, perdendo o fogo por então a sua actividade. (4)

O santo Christo da cruz Archiepiscopal da antiga Sé de Lisboa merece particular memoria, porque no dia da feliz acclamação d'el-rei D. João IV (escrevem os nossos historiadores) despregou o braço defronte da igreja de Santo Antonio com geral admiração de todos. De igual respeito são os veneraveis crucifixos, que se adoram, um no grande

(1) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 2. p. 409. (2) Pegas. Forens tom. 6. c. 164. n. 10. Corograf. Port. tom. 3. p. 472. Pereira, Chronic. dos Carmelit. tom. I. (3) Corograf Portug. tom. 3. pag. 463. (4) Cardos. Agiol Lusit. tom. 3. pag. 819.

templo da misericordia, a que chamam o santo Christo dos padecentes, por ser levado diante d'elles até o lugar do supplicio; outro na freguezia de Santa Maria Magdalena, chamado o Senhor Jesus dos perdões, cujo cravo da mão direita, que por varias vezes tem deixado cahir prodigiosamente, se expõe todas as sestas feiras á publica veneração.

O senhor Jesus da Boa Morte, que se venera no sitio de Buenos Aires, e no convento dos Padres da Caridade, obra maravilhas notorias, não sendo menos prodigio conservar-se ha mais de oito annos um pé de feto, que nasceu no pedestal, em que assenta a cruz, que está fóra da igreja, pois estando encerrado onde não lhe entra sol, nem chuva, nem se lhe lança agua alguma, permanece fresco todavia ha tanto tempo, de que somos testemunha de vista: e alguns devotos pedem, e levam raminhos da tal herva, que pelo antigo contacto da cruz, e d'aquella imagem tem obrado alguns prodigios em febricitantes.

Não ha muitos tempos que o zeloso, e devoto irmão Antonio dos Santos resuscitando a sensivel memoria do ultruje, que o Senhor soffreu no roubo da sagrada pyxide da Eucharistia de Odivellas, e querendo justamente que n'aquelle mesmo sitio, em que foi achado o vaso, se reverenciasse a Deus, e se convertessem os despresos em adorações, arvorou um cruzeiro obrado pelas suas mãos em Novembro de 1744, a que deu o titulo do Senhor Jesus roubado, o qual faz tantos milagres, que hoje concorre alli já muita gente em romaria de varias partes.

É tida em grande veneração na igreja de S. Roque uma imagem de Christo retratada conforme a visão, que teve a veneravel Marina de Escobar. N'ella se vê uma modesta formosura de rosto, proporção do corpo admiravel, e um ornato de vestidos, que por novidade são dignos de referir-se. Primeiramente se vê no braço mais junto á mão camiza de linho de cor branca, e depois se vê mais recolhida a manga justa no pulso do braço de cor entre vermelha, e roxa, que é a tunica inconsutil, a qual cor se vê tambem na imagem, que se nos propõe pintada por S. Lucas. Segue-se logo uma vestidura a modo de toga usada entre os romanos, ou pallio entre os gregos, com a manga larga, e demais corpo; a cor é violada, e se aperta com um cingidouro da mesma cor. Ultimamente o manto é de cor não totalmente preta, mas tem alguma semelhança com a toga: no mais é segundo o modo dos hebreos graves, e honestos. Tambem se lhe divisam alparcas, que era calçado muito usado entre os hebreos. (1)

Este quadro deu a condessa de Sortelha, que trouxe de Castella, e tem feito alguns milagres applicado a doentes, que já estavam desconfiados dos medicos. Hoje se vê collocado por cima da porta interior da capella chamada da communidade em um dos dormitorios d'esta casa, que nós vimos, e observamos miudamente, e achamos ser conforme ao

(1) Fernandes, Alma instruid. tom. 2. p. 734

que nos diz o padre Manoel Fernandes allegado. Tambem no convento de Carmelitas descalços de Aveiro existe um retrato proprio de Christo Senhor nosso, que foi tirado de Amiralda, e o enviou de presente o Grão Turco ao papa Innocencio VIII para effeito de lhe resgatar um irmão seu, que tinha cativo. (1) Em uma exacta noticia, que dos conventos da santa provincia dos Algarves da regular observancia nos communicou o M. R. P. fr. Jeronymo de Belem, achamos, que no convento da Conceição de Castello de Vide existe uma preciosa lamina de cobre com a vera effigie de Christo Senhor nosso metida em uma vidraça com um letreiro por fóra, que diz ser tirado de Amiralda pelo Grão turco, e mandado de presente ao papa Innocencio VIII para effeito de lhe resgatar um irmão, que tinha cativo. D'esta sorte não sabemos qual d'estes dois retratos é o verdadeiro, que se mandou ao pontifice, porque pela identidade dos letreiros se conhece, que algum d'alles é copia.

Modernamente é mui frequentada a imagem do Senhor Jesus da Pedra nos arrabaldes da villa de Obidos, muito milagrosa; e é tanta a concorrencia da gente, que só de esmolas se lhe erigiu uma sumptuosa igreja de cantaria, que importou quasi duzentos mil cruzados, em cuja magnificencia logra a maior parte a liberalissima piedade, e devoção do nosso inclyto monarca D. João V. Foi este templo em Maio de 1747 bento pelo excellentissimo arcebispo de Lacedemonia D. Joseph Dantas Barbosa. Tambem em Villa Franca de Xira se renovou no anno de 1745 a devoção dos fieis com os prodigios do Senhor dos Incuraveis, imagem composta de um certo genero de pasta, ou papelão conglutinado, que se venera junto da Misericordia da dita villa, sendo alli mui frequentes as romarias, e visitas do povo devoto.

Conservava-mos ainda outras santas imagens em Lisboa, de que não é justo esquecermo-nos. Com especialidade na freguezia de S. Mamede existia a devotissima imagem de Christo crucificado, que obrava continuos prodigios. Na freguezia de Santa Justa a veneravel imagem do Senhor Jesus atado á columna, que ainda existe, e é de summo respeito. Na igreja da Conceição dos Freires da Ordem de Christo a devotissima imagem, que se adorava na segunda capella á mão esquerda entrando pela igreja. No convento de Agostinhos descalços da Boa-Hora o Senhor Jesus de Tangere, que era frequentado de muitos devotos pelos milagres, que experimentavam da efficacia das suas supplicas.

Além d'estas imagens ha outros muitos santos crucifixos pelo reino de grande devoção, a saber: o da freguezia do Salvador de Torres Novas, o do convento dos Agostinhos de Torres Vedras, o Senhor Jesus da Carnota, o santo crucifixo de Poyares, o do convento de Santa Cruz de Lamego, o de Soure, o de Mação, o de Chacim, o de Algoso, o de Oiteiro, o de Alvor, o de Moncarapacho no Algarve, o de Vianna, o de Va-

(1) Corogr. Port. tom 2. pag. 106.

lença, o de Setubal chamado senhor do Bom Fim, o da freguezia de S. Martinho de Lordelo, chamado o Santo Christo da Ajuda, o que está junto da villa de Ferreira de Aves com o titulo do Senhor da Fraga muito milagroso, e de grande veneração pela muita gente, que alli concorre em ramaria de todo o bispado de Vizeu attrahidos não só das maravilhas do Senhor, mas tambem da virtude da agua de uma fertil fonte, que alli ha poucos tempos brotou. No mesmo bispado é celebre, e mui visitado um santo crucifixo, que haverá seis annos appareceu milagrosamente, e existe na igreja de Ribafeita.

Outras imagens de Christo menino se conservam, e adoram em nosso reino com grande devoção. Em Santarem no convento Dominicano é famosissima a do Menino Jesus dos milagres, não só pela continuada maravilha de crescer evidentemente, mas pelo authenticado prodigio de vir muitas tardes merendar com dois meninos nos degráos do altar, que com santa, e pura sinceridade o convidavam, voltando elle outra vez a collocar-se nos braços da imagem de sua Santissima Mãi. Recompensou-lhes depois este convite, e a seu feliz mestre o beato fr. Bernardo de Merlans, sacristão da mesma igreja, com o eterno banquete da Bemaventurança, determinando-lhes o dia, que foi o da admiravel Ascensão do Senhor, em que foram achados todos tres no mesmo altar, o mestre paramentado com vestes sacerdotaes, e os meninos discipulos, que lhe serviam de acolytos, todos de joelhos, com as mãos, e olhos erguidos ao Ceo, em cuja postura expiraram. Guardam-se ainda hoje suas santas reliquias, e á prodigiosa imagem se faz todos os annos solemne festa. (1)

Em Evora no mosteiro Agostiniano de Santa Monica é venerada outra imagem do Menino Jesus ha muitos annos, a qual pelos seus estupendos milagres, que principiou a manifestar pelos annos de 1570, quer o mestre Anjos que se propagasse em Portugal a grande devoção, que n'elle ha do Menino Deus. (2)

Em Lisboa gozamos a milagrosa imagem do Menino Jesus no recolhimento do Menino Deus de Mantellatas, ou Beatas da terceira Ordem de Xabregas, cujos prodigios são bem notorios n'esta côrte. (3) No mosteiro do Salvador ha outra imagem de Christo Menino com o titulo de Rei Salvador tambem muito milagrosa.

Em Setubal no mosteiro de Jesus situado fóra dos muros é tambem venerada outra imagem do Menino Jesus, que se chama dos milagres pelos muitos, que tem feito quasi em todo este reino.

(1) Vasconcel. Histor. de Santar. tom. 2. p. 61. (2) Fr. Luiz dos Anjos no Jard. de Port. n. 145. Purific. Chronol. Monast. p. 61. Fonsec. Evora glorios. n. 690. (3) Coregr. Port. tom 3. p. 353.

§ II

Imagens de Maria Santissima

Nossa Senhora dos Açores é venerada na vtlla do seu mesmo nome. Esta imagem é muito antiga, e milagrosa ainda em tempo dos godos, fazendo a um rei d'aquelle seculo muitos prodigios, quaes foram dar-lhe um filho successor, resuscital-o depois de morto, e trazer-lhe á mão um falcão, que elle muito estimava. Reinando em Portugal D. Sancho I foi esta Senhora a causa de conseguir el-rei uma famosa victoria contra el-rei de Leão, fazendo a maravilha, de que sendo já sol posto quando começou a batalha, e durando o conflicto algumas horas, não se experimentou falta de claridade para acabar de vencer, vendo-se na Lua, e nas estrellas reproduzida verdadeiramente maior luz, e resplandor, que o ordinario; e, como esta maravilha foi visivelmente alcançada por intercessão da Senhora, que el-rei, e o exercito implorou, fizeram voto de ir todos os annos á igreja celebrar obsequiosos o favor recebido. De facto aiuda o cumprem a villa de Trancoso, e os concelhos de Algodres, e Fornos na primeira oitava do Espirito Santo; a villa de Linhares na terceira oitava; a villa de Celorico a 3 de Maio: e a cidade da Guarda na primeira oitava da Pascoa. (1)

Nossa Senhora da Alagoa, que se venera na freguezia de Argomil, termo da villa de Jarmello, duas leguas distante da cidade da Guarda, é imagem, que appareceu a uma pastorinha, e obra tantos prodigios, especialmente nos que padecem o achaque de gota coral, e gota podagra, que é a sua igreja um dos mais frequentados santuarios de toda a provincia da Beira. (2)

Nossa Senhora da Ameixoeira, duas leguas distante de Alemquer, imagem que antes da invasão dos mouros já era milagrosa, e servida por uns devotos anacoretas, que viviam n'aquelle mesmo sitio, ao qual se dignou honrar a Mãi de Deus, descendo corporalmente a visital-o, e imprimindo para memoria eterna d'este prodigio uma das suas sagradas plantas em uma pedra, que ainda hoje se conserva. Foi achada esta imagem pelo veneravel fr. Soeiro Gomes, religioso Dominicano. (3)

Nossa Senhora da Arrabida. Esta santa imagem, que existe na serra do mesmo nome, na comarca de Setubal, e termo de Cezimbra, fugio (digamos assim) de uma náo ingleza, em que a trazia o capellão d'ella chamado Haldebrant, em uma noite de tanta tormenta na altura de Lisboa, que se não fora a mesma Senhora, que allumiou a náo com um prodigioso resplandor, certamente ficaria submergida das ondas. Socegada a tempestade, e examinando no outro dia os navegantes o sitio d'aquella luz, acharam a imagem da Senhora n'elle, de que admirados,

(1) Monarq. Lusit. liv. 12. c. 5. Santuar. Mar. tom. 3. p. 51. (2) Ibid. pag. 41. (3) Sousa Chronic. de S. Doming. part. 1. liv. 1. cap. 12. Monarq. Lusit. part. 4. Agiol. Lusit. tom. 2. part. 132.

e agradecidos, conjecturando ser aquelle lugar escolhido pela mãi de Deus para n'elle a venerarem, com esmolas lhe fizeram uma ermida, ficando o padre Haldebrant por seu capellão. (1)

Nossa Senhora da Atalaya. Venera-se em uma formosa ermida meia legua afastada da villa de Aldea Galega da outra parte do Tejo. Appareceu esta Senhora em cima de uma aroeira, cujas folhas depois produziam certa especie de balsamo, ou rezina cheirosa, que era remedio admiravel para as sezões, de que usavam os devotos da Senhora. Entre o grande numero de milagres, que esta santa imagem tem feito, foi celebre o que aconteceu em tempo d'el-rei D. Filippe I, o qual mandando cortar alguns pinheiros, que povoam o largo campo, ou rocio d'aquelle terreno, para fabrica de algumas embarcações, todos os que tinham sinal para o córte, ao outra dia estavam tão retrocidos, que por incapazes não só se deixaram, mas todos os mais, percebendo-se com espanto o prodigio: assim se conservam ainda alguns, que nós vimos, quando fomos visitar no anno de 1736 este santuario mui frequentado de gente não só do Alemtejo, mas da Estremadura. (2)

Nossa Senhora da Barroquinha junto da villa da Castanheira. Manifestou-se no anno de 1658 no sitio de uma barroca, de que fez brotar uma fontezinha de agua, a qual sarava muitas enfermidades. É imagem de muita romaria. (3)

Nossa Senhora da Boa Viagem. Venera-se no convento de religiosos da provincia da Arrabida, duas leguas de Lisboa rio abaixo sobre as praias do mar, e é mui buscada da gente de Lisboa, e de todos os navegantes, que lhe fazem sua festa nas oitavas do Espirito Santo.

Nossa Senhora das Brotas, famoso santuario da provincia do Alemtejo. Existe no termo da villa das Aguias, sete leguas afastado de Evora para o Noroeste, entre dous montes altissimos: o templo é sumptuoso, e serve de paroquia: a imagem da Senhora não tem um palmo de altura: dizem que é feita pelas mãos dos anjos, e da canella da mão de uma vacca, que a Senhora resuscitara no anno de 1470 a supplicas de um pobre, e sincero lavrador. O certo é, que a imagem é milagrosissima, e que para a festejarem concorrem todos os annos em romaria desde a Pascoa até Setembro os moradores de dezasete villas. (4)

Nossa Senhora do Cabo, imagem de grande respeito, mas mui pequenina, com o menino Jesus nos braços, que existe no Cabo de Espichel. É muito milagrosa, e á sua igreja concorre muita gente em romaria, e lhe fazem grandiosas festas. (5)

Nossa Senhora do Capitulo do convento de S. Francisco de Alemquer. Em uma occasião declarou esta imagem a um noviço, que o hym-

(1) Idem tom. I. p. 17. Purificaç. Chronic. de S. Agost. part. 2. liv. 4. tit. 5. § 2. (2) Santuar. Marian tom. 2. p. 407. (3) Ibid. p. 3?6. (4) Vasconcel. in Descript. Lusit. p. 538. Santuar. Marian. tom. 6. p. 125. (5) Faria na Europ. Portug. tom. I. part. 2. cap. 16.

no O' *gloriosa Domina etc.* era de seu maior agrado; e para credito d'este dito mudou o menino, que tinha no braço direito, para o esquerdo. Está dentro de um especial sacrario, em cujas portas da parte de fóra se vê pintado o milagre. (1)

Nossa Senhora de Carquere. É venerada esta Senhora tres leguas distante de Lamego, em cuja casa, e altar recebeu nosso primeiro rei aquella singular mercê de poder andar sem o defeito, com que nascera. (2)

Nossa Senhora do Carmo. Venera-se em Lisboa no convento de religiosos Carmelitanos: é imagem mui formosa, e em agradecimento dos beneficios, que d'ella recebeu o veneravel condestavel Nuno Alvares Pereira, lhe edificou magestoso templo, em que fosse servida, e adorada. (3)

Nossa Senhora da Conceição da ermida de Messejana, termo de Torres Vedras. É imagem muito milagrosa, e tem suado varias vezes com prodigiosas circunstancias. (4)

Nossa Senhora da Incarnação do convento de S. Jeronymo do Mato, duas leguas de Alemquer. Hoje está na casa do Capitulo, mas antigamente estava sobre o portico do alpendre da igreja. Sendo mui devoto d'esta Senhora o veneravel padre fr. Lourenço, confessor da rainha D. Leonor, succedeu morrer, e mandar-se enterrar no adro defronte d'aquella imagem, que tanto venerava: e passado algum tempo, da cabeceira da sepultura nasceu um mysterioso espinheiro, cujos ramos se estendiam em fórma de cruz, e em cada uma das folhas com distinctas letras se viam escritas estas palavras: *Rubum, quem viderat Moysés incombustum*, o qual durou até trasladarem d'alli o corpo d'aquelle veneravel religioso, de cujo tempo até agora cessou tambem aquella maravilha, da qual ha um instrumento authentico com muitas testemunhas, que se guarda no cartorio d'aquelle convento. (5)

Nossa Senhora dos Enfermos no Almargem do Bispo, cuja imagem pela sua escultura mostra antiguidade, e pelas circunstancias do seu apparecimento indica ser obrada por impulso superior. É venerada, e buscada de muita gente de Lisboa, e seus termos em continuas romarias. (6)

Nossa Senhora da Escada, ou da Purificação junto ao convento de S. Domingos de Lisboa. Era imagem antiquissima, e mui venerada d'el-rei D. Affonso III quando assistia nos paços dos Estáos. A mesma devoção tiveram el-rei D. João I, D. Duarte, D. Affonso V, D. Manoel, D. João III, e outros principes. Sendo capellão d'esta Senhora o padre fr.

(1) Cunha, Histor. de Lisb. part. 2. cap. 27. Cardos. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 179. e 513. Santuar. Marian. tom. 2. p. 335. (2) Monarq. Lusit. liv. 9. c. 6. Faria na Europ. Port tom. 3. c. 12. § 3. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 75. (3) Pereir. Chronic. do Carm. tom. 1. (4) Santuar. Marian. tom. 1. (5) Cunha, Catal. dos Bisp. de Lisb. part. 2. cap. 96. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 383. Santuar. Marian. tom. 2. p. 331. (6) Ibid. tom. 7. p. 189.

Fernando do Cadaval, religioso de S. Domingos, descia dos braços da Senhora o Menino Jesus, e se punha sobre o altar para o abraçar, mercê que a Soberana Mãi de Deus lhe alcançava repetidas vezes em premio da grande devoção, com que aquelle religioso a servia, e amava. (1) O insigne padre Sebastião Barradas teve a felicidade de que esta Senhora lhe fallasse, dizendo-lhe, que entrasse na Companhia.

Nossa Senhora do Espinheiro junto a Evora, e existente no convento de monges Jeronymos, é imagem antiga, e muito milagrosa. Chama-se do Espinheiro, por apparecer a um pastor em cima de uma çarça perto da atalaia, que servia antigamente aos mouros de vigia. Por sua intercessão se viu prodigiosamente livre das masmorras africanas, e restituido á sua liberdade certo portuguez cativo, que sem saber como, entrou pela igreja dentro da Senhora, e lhe rendeu as graças de tão grande favor, pendurando para trofeo, a memoria d'aquelle milagre os mesmos grilhões do seu cativeiro. (2)

Nossa Senhora do Faro. Venera-se em uma ermida, que está sobre um monte fronteiro á villa de Valença. D'esta Senhora recebeu outro cativo de Argel igual mercê, amanhecendo um dia á porta da igreja com o mesmo grilhão nos pés, o qual para memoria está pendurado na parede da capella mór. Além d'este obra continuamente outros muitos milagres, attrahida dos quaes concorre bastante gente a este santuario. (3)

Nossa Senhora da Flor da Rosa na villa do Crato, que alli appareceu milagrosamente, ordenando que se edificasse a igreja, em que é venerada. É imagem de rara formosura, e de soberana magestade. Concorre muita gente a veneral-a do Alemtejo, e Beira, e lhe fazem os devotos grandiosa festa na primeira sesta feira de Março. (4)

Nossa Senhora da Graça, que se adora em Lisboa no convento Augustiniano. Foi achada nas redes de uns pescadores da villa de Cascaes a tempo, que estando recolhendo o seu lanço, veio entre o mais peixe esta prodigiosa imagem sem a minima lesão, na escultura, ou colorido das roupas, obrando logo a estupenda maravilha, de que uma menina de peito, que no concurso da muita gente, que acudio a ver aquelle prodigio, se achava ao collo de sua mãi, articulasse vozes, dizendo: esta Senhora quer que a levem ao mosteiro dos seus frades. Á vista do que vieram todos em procissão, e a collocaram onde hoje se venera. Succedeu isto pelos annos de 1362, e sendo até então nomeado o convento de Santo Agostinho, d'alli por diante se começou a chamar Nossa Senhora da Graça. Tambem o grande Mathias de Albuquerque, estando na India, foi livre milagrosamente de que o pelouro de um arcabuz o não matasse, invocando esta Senhora. (1) Com o mesmo titulo de Senhora

(1) Sousa, Histor. de S. Dom. Agiol. Lusit. tom. I. p. 61. (2) Vasconcel. Descr. Lusit. p. 536. (3) Corogr. Port. tom. I. pag. 275. (4) Santuar. Marian. tom. 3. p. 116. Corograf. Portug. tom 3. p. 358. Santuar. Marian. tom. I. p. 88.

da Graça se venera outra imagem na paroquial de S. Bartholomeu de Lisboa, que obra innumeraveis prodigios.

Nossa Senhora a Grande, ou de Betancourt. Venera-se na antiga Sé de Lisboa: é imagem de grande magestade, e respeito. No litigio, que a paroquia de S. Paulo teve com a cathedral sobre a posse em que estava de ser a sua igreja a primeira, onde se collocou a Senhora, e alcançando sentença contra o cabido, sendo a Senhora levada em procissão para a freguezia, no seguinte dia se achou a veneravel imagem outra vez na Sé, onde ficou, e se adora presentemente, fazendo muitos milagres a quem recorre ao seu patrocinio com devoção. (1)

Nossa Senhora da Lapa. É um dos mais frequentados santuarios da provincia da Beira, e bispado de Viseu, existente em pouca distancia do lugar de Quintella. Foi achada no anno de 1408 por uma pastorinha chamada Joanna, que sendo muda, a Senhora lhe deu falla. A imagem é do tamanho de dois palmos, e se venera em igreja sujeita ao collegio que foi dos Padres da Companhia de Coimbra. Á parte da epistola está a mesma lapa, onde a Senhora appareceu, formada de quatro pedras mui grandes, e de um natural, e exquisito artificio. Obra esta Senhora grandes prodigios, e se lhe fazem muitas festas, que começam desde o Espirito Santo até Outubro, a que concorre muita gente com offertas, não só de Portugal, mas de Castella. (2)

Nossa Senhora do Livramento. Venera-se no sitio de Alcantara na igreja dos religiosos Trinitarios. É imagem que, que infunde grande respeito, e que obra muitos prodigios.

Nossa Senhora da Luz do lugar de Carnide, termo de Lisboa, a qual entre os innumeraveis prodigios, que tem obrado, permanece ainda a memoria do extraordinario beneficio, que no anno de 1463 fez a um Pedro Martins, natural do sobredito lugar de Carnide, transferindo-o do cativeiro de Africa, em que estava afflicto, para a sua patria com as mesmas cadeas, as quaes por muitos annos se conservaram na igreja para memoria do admiravel milagre. (3) Outro semelhante se conta, que obrara Deus por intercessão da Senhora dos Covões da villa de Alvayazere.

Nossa Senhora Madre de Deus, imagem perfeitissima, e santuario de maior frequencia n'esta corte. Venera-se no mosteiro de religiosas Franciscanas, a que a milagrosa, e formosissima imagem deu o nome. A rainha D. Leonor, mulher d'el-rei D. João II fundadora do mosteiro, não sabendo a invocação, que lhe havia de impor, acaso lhe trouxeram certos estrangeiros esta imagem para feirar, pela qual pediam um altissimo preço. Irresoluta o rainha, os mandou ir ao outro dia; porém elles

(1) Ibid. p. 132. (2) Monarq. Lusit. liv. 7. c. 23. Vasconcel. na Descripç. de Port p. 538. n. 15. Anjos, Jardim de Port. n. 48. Telles, Chronic. da Companh. part. 2. liv. 5. c. 51. (3) Santuar. Marian. tom. 1. tit. 13. Cardoso. no Agiol. Lusit. tom. 2. p. 175. Fr. Roque de Soveral no Tratad. do Apparecimento desta Senhora.

não tornaram mais a apparecer. Então conheceu a princeza, que não sem mysterio permittia isto o Ceo, e mandou collocar a imagem no altar da sua capella, e desde então começou a chamar-se aquelle mosteiro da Madre de Deus. Faz esta Senhora innumeraveis maravilhas a quem se encomenda a ella: assim o testifica o continuo concurso de gente devota, especialmente nos sabbados, que vai á sua casa render-lhe as graças dos beneficios recebidos. (1)

Nossa Senhora da Nazareth, que se venera junto da Pederneira. Consta por tradição, que esta veneranda imagem fora obrada pelas mãos de S. Joseph na propria presença da Mãi de Deus, e encarnada por S. Lucas, e que da cidade de Nazareth a trouxera um monge grego chamado Syriaco, em tempo que se lhe levantou nas partes do Oriente uma heresia contra a veneração das imagens: e como esta era estimavel, e resplandecia em milagres, o tal monge a deu a S. Jeronymo, e este a enviou a Santo Agostinho, que estava em Africa, e era bispo de Hipponia, o qual a mandou para o mosteiro de eremitas de Santo Agostinho, que havia em distancia de duas leguas de Merida, chamada Cauliano, do qual a trouxe o monge romano na companhia d'el-rei D. Rodrigo, ultimo rei dos godos, para Portugal, e para o monte de S. Bartholomeu no anno de Christo de 714, em que aconteceu a perda geral de Hespanha. D'ahi a dias a trouxeram para o lugar junto da villa da Pederneira, onde esteve occulta 469 annos. Depois, sendo achada por D. Fuas Roupinho no anno 1182 succedeu, que andando á caça, arremeçando inconsideradamente o cavallo no alcance de um veado, que lhe fugia, e na realidade era ficção diabolica, indo já para cahir da ultima ponta de um grande despenhadeiro, invocando o nome da Virgem, foi livre do precipicio, e em remuneração lhe erigiu uma ermida, que depois el-rei D. Fernando mudou para melhorado sitio, ainda que em pouca distancia, no anno de 1377. A rainha D. Leonor accrescentou este templo. El-rei D. Manoel o cercou de alpendres; e no anno de 1600 se lhe fez o portico, e as escadas com bom gosto de architectura. A imagem da Senhora é de madeira, e ainda persevera com a mesma pintura, com que ha tantos seculos se pintou: está sentada com o Menino Jesus nos braços, e n'esta postura tem de alto quasi palmo e meio; mas concilia com extraordinario attractivo grande devoção: assim o experimentamos em Julho de 1742, quando visitamos este santuario. Os milagres que obra, são infinitos. O concurso da gente, que alli vai em romaria, não tem numero, principalmente da provincia da Estremadura, e no Verão, em cujo tempo ha dia, que se acham alli vinte mil pessoas, fazendo á Senhora festas grandiosas treze confrarias, em que se gastam muitos mil cruzados, parecendo pou-

(1) Agiol. Lusit. tom. 1. p. 374. Faria na Europ· tom. 3. p. 3. c. 11· Santuar. Marian. tom. 1. p. 122. O Author da Corografia Portuguez. tom. 3. p. 350. diz, que no Palacio contiguo á Freguezia de S. Bartholomeu de Lisboa apparecera esta devotissima imagem, sendo que a pag. 372. convem com o que temos dito.

co todo o dispendio, que os fieis gastam no culto d'esta devotissima imagem, a qual certamente tudo merece. (1)

Nossa Senhora das Necessidades. Com este titulo é venerada uma formosa imagem de Maria Santissima no sitio de Alcantara de Lisboa, por meio da qual obra Deus muitos milagres, sendo mui celebre o do azeite da sua alampada, que visivelmente cresceu tanto á vista de uma sua devota, que trasbordou, e correu até á porta da igreja. Muita gente concorre a ella, como a verdadeiro refugio das necessidades, e saude de enfermos, e muitos soberanos principes, e rainhas de Portugal lhe foram devotissimos: excedeu a todos nosso inclyto monarca D. João V, que na sua molestia a implorou efficazmente, mandando-lhe fabricar novo templo com todo o primor da arte, e excessos de grandeza. Era o seu affecto tão inseparavel d'esta Senhora, que, em quanto durou a dilatada doença de que morreu, a conservou sempre em seu palacio com regia decencia; e para qualquer parte que fosse, a levava em sua companhia.

Nossa Senhora da Oliveira. Esta imagem, que antes se venerava em Lisboa na rua dos Confeiteiros em um nicho, floreceu estes annos passados em tantos milagres, que era innumeravel a gente, que alli concorria: hoje enfraquecendo com o tempo a devoção, não é tanto o concurso do povo; mas a Senhora não cessa de favorecer a quem com fé, e affecto a busca nas suas tribulações. Maior permanencia tem tido a devoção dos fieis com a imagem da Senhora da Oliveira de Guimarães, onde são alli continuas as supplicas, e as maravilhas.

Nossa Senhora de Penha de França. Acha-se collocada esta Senhora em um formoso templo, e servida pelos religiosos de Santo Agostinho. Desde o anno de 1599 continua a camara, e o senado de Lisboa a execução de um voto que fez, de ir em procissão á casa d'esta Senhora na madrugada de 5 de Agosto, por applacar o contagio, que atribulava este povo. Os prodigios, que esta Senhora obra, se manifestam pelos muitos troféos, e memorias que se vem pendurados das paredes do templo, e do concurso da gente, que alli vai sempre sendo este sanctuario um dos famosos entre os de Lisboa. (2)

Nossa Senhora da Peninha. Fica no termo de Cintra uma legua de distancia no alto de uma eminente serra. Appareceu esta imagem a uma pastorinha muda, fazendo-lhe logo o milagre de lhe dar falla. Está collocada em uma formosa igreja, a que concorre muita gente em romaria, e obra muitos prodigios. (3)

Nossa Senhora da Piedade do convento dos Agostinhos Descalsos de Santarem. Entre os grandes, e innumeraveis milagres, que a Mãi de Deus tem obrado por meio d'esta sua santa imagem, foi famosissimo o

(1) Monarq. Lusit. liv. 11. cap. 33. Far. no Epitom. e p. 2· c. 71. n. 6. § 2. Santuar. Marian. tom. 2. p. 143. Benedictin. Lusit. tom. 1. p. 433. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 83. e tom. 2· pag. 287. Cunha, Histor. de Lisb. p. 1. c. 34. Manoel de Brito Alão em especial Tratad. desta Sagrada Imagem, que compoz no anno de 1624. (2) Vieir. tom. 1. Serm. 10. (3) Santuar. Marian. tom. 2. p. 53.

que succedeu a 22 de Maio de 1663; porque estando n'esse dia, que era sabbado, encommendando á Senhora algumas pessoas devotas o bom successo das nossas armas, e os grandes apertos, em que se via o reino com o inimigo de portas a dentro, senhor da cidade de Evora, viram o rosto da Senhora inflamado, e resplandecente, e o do Senhor muito mais infiado do que se costuma ver, a qual maravilha não revelaram logo a taes pessoas. Continuaram de tarde na sua oração, e viram o rosto da Virgem Senhora mais inclinado, e sahido para fóra do nicho, e a do Senhor ir levantando seu lastimado rosto para cima, divisando-se melhor a chaga do lado, que até então estava encuberta, e a cor do sangue, que era denegrida, mais rebicunda, movendo-se tambem seu sacrosanto corpo, de sorte, que ficou nos braços da Senhora muito mais levantado do que se via de antes, chegando-se os divinos rostos tanto um ao outro, que apenas cabe entre elles um dedo, sendo que até alli estavam tão afastados, que bem cabia uma mão travessa, deixando-se conhecer no gesto, fórma, postura, e cor das santas imagens uma notavel differença; e sendo estas de barro fragil, e quebradiço, ficaram sãs, e sem gretas, divisando-se n'ellas algumas cousas, que até áquella hora se não viam. Divulgada a maravilha, se fizeram processos authenticos, e começou a crescer a devoção da piedade christã, e a visitar este santuario com grande zelo, e fervor. (1)

Nossa Senhora do Porto Salvo. Esta santa imagem venera-se em uma formosa igreja distante de Lisboa tres leguas, e pouco menos de meia legua do lugar de Oeiras. Tem a gente maritima grande devoção com esta imagem, e nas tormentas a invocam com a experiencia de a acharem sempre propicia. Pelos rogos de uma mulher, que tinha seu filho cativo em Argel, lhe appareceu sem saber como, com o mesmo grilhão no pé, que para memoria existe pendurado na mesma igreja. (2)

Nossa Senhora do Rosario. No convento de S. Domingos de Lisboa era mui venerada a imagem d'esta Senhora, não só por ser de uma admiravel formosura, mas por alcançar de seu bento filho infinitos favores para com os seus devotos.

Nossa Senhora da Saude. Em Lisboa no bairro da Mouraria se venera esta Senhora em uma igreja do seu nome, que antes tinha sido de S. Sebastião, e se collocou n'ella pelos annos de 1569. O povo de Lisboa tem grande devoção com esta magestosa imagem, que evidentemente livrou esta cidade de um terrivel mal de peste, que padeceu no anno de 1560, e continuaria, se esta clementissima Senhora não quizesse assentir piedosa aos clamores do seu povo.

Nossa Senhora do Valle. Tambem é grande a devoção, que o povo de Lisboa tem com a imagem d'esta Senhora, que se venera no conven-

(1) Agiol. Lusit. tom. 3. p. 512. Santuar. Marian. tom. 2. p. 219. Histor. de Santar. om. 2. p. 123. (2) Santuar. Marian. tom. 2. p. 19.

to de Santo Eloy. Obra ella muitos prodigios, e dizem que tem m strado sinaes de lagrimas em seu magestoso rosto. (1)

§ III

Imagens de outros Santos

Santo Alberto. Na Igreja do convento carmelitano de Lisboa era venerada a magem d'este glorioso santo, especialissimo advogado contra as febres. Com esta grande fé concorre ainda hoje muita gente a 7 de Agosto a beber, e buscar agua, que em muitas vasilhas se benze, e se distribue para este fim na sobredita Igreja.

Santo Alcastor. No territorio da villa do Vimieiro ha uma notavel imagem em ermida propria do Martyr Santo Alcastor. esculpido em marmore, e descuberta no mesmo sitio no anno de 1562. Obra Deus por sua intercessão evidentes milagres nos queixosos de maleitas, e sezões, trazendo da dita imagem pendurada ao pescoço alguma lasca, a qual ao depois se lhe restitue. (2)

Santo Amaro. D'este santo temos no reino algumas imagens milagrosissimas, tal é a do termo da villa de Veiros, a do lugar de Bertelhe, bispado de Viseu, e a dos suburbios de Lisboa.

Santa Anna. É muito milagrosa a que se venera no convento do Carmo da villa de Moura. As mulheres com especialidade a buscam, quando tem necessidade de leite para criarem seus filhos, e ordinariamente conseguem o remedio. (3) Em Aveiro ha outra imagem d'esta esclarecida santa mui milagrosa, por cujos favores a villa a tomou por padroeira. (4)

Santo Antonio. Só no patriarcado de Lisboa existem mais de trezentas imagens d'este gloriosissimo santo nosso patricio, como se póde ver no oratorio de santo Antonio, que compoz o incansavel, e apostolico varão fr. João de Nossa Senhora. Por maravilhosa é tida a imagem chamada D'entre as vinhas, á vista de Punhete. Está assentada, as mãos descançam sobre os joelhos, e os olhos elevados ao Ceu. Dizem que em tempo de necessidade salta do altar, sendo de pederneira, e vai acudir aos que o invocam intercessor, e muitas vezes torna orvalhado, ou empoado do caminho. (5) Não era menos maravilhosa a que se venerava na sacristia do convento de nossa Senhora do Carmo d'esta corte. Esta imagem, que tinha dous palmos de alto, e era de escultura antiga, foi aquella, que fugindo do oratorio, em que a tinha um seu devoto, e saltando no poço, veio depois preza na fateixa com um embrulho das pe-

(1) Agiol. Lusit. tom. 3. p. 290. S. Maria no Ceo aberto na terra tom. I. liv. 2. c. 20. p. 439. (2) Agiol. Lusit. tom. 3. p. 627. (3) Chronic. do Carm. tom. I. p. 201. (4) Corograf. Port. tom. 2. p. 116. (5) Agiol. Lusit. tom. 3. p. 680.

ças preciosas que lhe tinham roubado. (1) No convento de S. Francisco de Santarem existe outra imagem antiquissima d'este santo com as mãos juntas erguidas, e os olhos levantados para o Ceu: é muito milagrosa. (2) E não será menos outra qualquer d'este santo invocada com fé, pois para os Portuguezes é santo Antonio o conhecido, e geral refugio das tribulações, e advogado das cousas perdidas.

S. Bartholomeu. Em Santa Clara de Coimbra com especial devoção é venerada uma formosa imagem do apostolo S. Bartholomeu seu particular advogado, o qual notoriamente livrou este mosteiro do irremediavel mal da peste, em que ardia todo o terreno, porque, depois que as afflictas religiosas o tinham elegido n'aquella tribulação para seu patrono, nas sortes que tiraram para isso, apparecendo um pobre na portaria, (cujo disfarce se presumio tomara o mesmo santo) este communicou á abbadessa D. Margarida de Menezes a Antifona *Stela Coeli*, escrita em um papel, para que se rezasse todos os dias, e que com o favor Divino ficariam livres do susto, como de facto ficaram, introduzindo d'alli por diante no mesmo mosteiro a sobredita abbadessa cantar-se sempre a tal antifona, e que o dia do santo fosse festejado, e se désse de comer aos pobres em abundancia. (3) Tambem junto aos muros de Evora ha um templo dedicado ao mesmo glorioso apostolo, por cuja imagem tem obrado Deus muitos milagres. (4)

S. Bento. Na villa do Alandroal se venera uma imagem d'este santo mui milagrosa. Tem livrado prodigiosamente aos moradores d'aquelles contornos em todas as occasiões, que houve peste no Alemtejo, e com especialidade no anno de 1600, onde se observou, que muitas pessoas feridas d'aquelle mal, recolhendo-se á dita villa, saravam. (5) Outra imagem do mesmo santo ha na serra de Pomares, quatro leguas distante de Evora, em cujo sitio, e freguezia nunca houve peste, nem mal contagioso, e sendo toda aquella serra cheia de viboras, que faziam muito damno á gente, e gado, depois que os moradores tomaram por padroeiro ao santo, (porque lhe cahiu seu nome em sorte, que para isso tiraram) não ha memoria, que d'alli por diante mordesse vibora a pessoa alguma. (6) Tambem no convento, e igreja de Villar de Conegos seculares de S. João Evangelista é venerada uma antiquissima imagem de S. Bento muito milagrosa, e como tal buscada da gente de toda a Provincia do Minho, á qual concorre muitas vezes em fórma de procissão com rogativas, a que chamam clamores, deprecando o seu patrocinio. (7) Não é menos milagrosa outra imagem d'este santo, que se venera no Couto de Feães do concelho de Valladares. (8)

S. Bernardino. Em toda a comarca de Chaves é venerada com

(1) Pereir. Chronic. do Carmo tom. 1. p. 753. (2) Esper. Histor. Serafic. tom. 1. c. 23. Vasconcel. Histor. de Santar. tom. 2. p. 192. (3) Jardim de Portug. p. 330. Corograf. Portug. tom. 2. pag. 28. (4) Fonseca Evora glorios. n. 401. (5) Benedictin. Lusit. tom. 1. p. 435. (6) Ibid. p. 451. (7) Santa Maria no Ceo aberto na terra tom. 1. p. 398.
(8) Corograf. Port. tom. 1. p. 293.

summa devoção a imagem d'este santo, e em agradecimento dos muitos beneficios, que tem recebido os moradores d'aquella comarca, lhe edificaram uma ermida afastada da villa uma legua, onde o festejam todos os annos a 20 de Maio com grande pompa, e solemnidade. (1)

S. Caetano. Entre o copioso numero de imagens, que d'este santo venera a devoção dos Portuguezes, as que são visitadas com mais frequencia em razão, ou dos favores, ou dos milagres devidos á sua invocação, são estas: primeira a que existe em villa Ruiva no Alemtejo, que é a primeira imagem d'este santo, que entrou no reino quasi prodigiosamente, e se venera na igreja de nossa Senhora da Repreza, pintada em um quadro: segunda a de Porto de Mós no convento dos Agostinhos Descalços: terceira a de Linhares na collegiada de Nossa Senhora da Assumpção: quarta a que se venera na igreja de S. João de Longos Valles, arcebispado de Braga: quinta a que está collocada na igreja dos Capuchos de Torres Novas: sexta a da villa da Atalaya: setima a de Santa Clara do Porto; e outras, de que não temos por ora noticia. (2)

Santa Catharina de Sena. Venera se a imagem d'esta santa na igreja dos religiosos dominicanos de Santarem com muita devoção, pelos prodigios que obra. (3)

S. Cornelio. Perto da villa de Belmonte, bispado da Guarda, ha uma antiga ermida de S. Cornelio, em cujo sitio dizem, que estivera o santo desterrado, (4) sendo que outros escritores de critica mais exacta tem isto por historia, e tradição destituida de fundamento. (5) O certo é, que pela imagem do santo, que alli se venera, obra Deus muitos prodigios. Os devotos usam uma particularidade celebre, que parece irrisoria, e é, que os molestados de dores de cabeça, quando vão em romaria á dita ermida, levam por offerta ao santo uma ponta de boi, a qual deixam á porta da tal ermida, e logo alcançam saude. É tão antigo, e frequente este uso, que d'estas retrocidas offertas estão feitos grandes montes ao redor da igreja. D. Nuno de Noronha, Bispo da Guarda, pelos annos de 1600 quiz prohibir isso, e de facto mandou tirar aquellas armações da porta da Ermida, porém sobrevieram-lhe taes dores de cabeça, que advertido lhas mandou restituir ao proprio lugar: assim o diz o author do Agiologio Lusitano no lugar allegado: valha porém unicamente a verdade, a que sempre nos aggregamos.

No convento Arrabido de S. Cornelio dos Olivaes, legua e meia de Lisboa, tambem é venerada uma imagem d'este santo, e se tolera sinceramente uma especie d'aquella ceremonia de Belmonte, introduzida pelos devotos, que justamente reprova o padre Feijó. (6) O mesmo se observa em outra ermida de S. Cornelio, meia legua afastada de Evora.

(1) Monforte Chron. da Piedade liv. 2. c. 9. (2) Argote na Vida de S. Caet. p. 475. (3) Vasconcel. Histor. de Santar. tom. 2. p. 72. (4) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 338. Monarq. Lusitan, liv. 5. cap. 24. (5) Pereira Leal nas Memor dos Bisp. da Guarda p. 335. e segg. com outros muitos. (6) Feijó no Theatro Critic. tom. 7. disc. 8. n. 25. allegando ao Padre Casnedi na Crisis Theologica.

S. Domingos. No termo da villa de Alvayazere ha uma ermida d'este santo, cuja imagem de vulto é muito milagrosa, e por tal buscada, e visitada dos devotos, e é cousa certa, que ha n'ella uma pedra, da qual levam o pó, que raspando pódem colher para reliquias, e mesinha contra as febres. (1)

Tambem pouco distante da villa de Penamacor existe uma ermida do glorioso S. Domingos, por cuja imagem obra Deus muitos prodigios, entre os quaes é mui notavel o que se refere no tom. I. do anno Historico pag. 182.

Santa Eufemia. As imagens d'esta santa mais frequentadas dos devotos em razão dos seus milagres, ou dos seus favores, são estas: uma, que existe no Lugar de Youguinha, bispado de Viseu, mui visitada dos que padecem quebraduras, inchaços, e verrugas, outra no destricto da freguezia de S. Pedro de Penafirrim da villa de Cintra, a qual obra evidentes maravilhas.

S. Gonçalo. No adro da freguezia de S. Julião d'esta cidade de Lisboa na Ermida de Nossa Senhora da Oliveira era venerada uma imagem de S. Golçalo, e tida por milagrosa, e com o mesmo culto é visitada outra, que existe em Santarem no convento de S. Domingos. (2)

S. João Bautista. A veneravel imagem do Santo Precursor de Christo, que se adora em Campo-Maior, é tão milagrosa, que n'aquella villa, e Praça de Armas o tomou por padroeiro, e lhe erigio sumptuosa igreja no anno de 1520. Na villa de Abrantes ha tambem outra imagem do mesmo santo, de quem el-rei D. João I, foi devotissimo, e a quem deveu a victoria de Aljubarrota. (3) Na igreja de S. João de Longos Valles, que antigamente foi convento de Conegos Regrantes, e depois residencia dos Jesuitas, ha no Altar mór uma imagem de S. João Bautista, a que chamam da Gorra, por uma que tem na cabeça, á qual visitam todos d'aquelles contornos com grande devoção pelos muitos, e frequentes prodigios, que Deus obra pelas supplicas d'este santo. (4)

S. Jorge. Não é pequena a devoção, que os Portuguezes tem com o Senhor S. Jorge, pois o constituiram desde o anno de 1381, Defensor do reino, e Tutelar da Milicia Lusitana, costumando os soldados de então para cá invocal-o nas batalhas, para se animarem com o seu auxilio em valor contra os inimigos. Uma das suas imagens, que veneravamos, e se conservava em Lisboa no templo do Hospital Real, ia todos os annos na solemne Procissão de *Corpus Christi* a cavallo desde o anno de 1387, com tal postura, e brio, que representava um famoso general, armado de lança, e adarga, acompanhado de Alferes vestido de armas brancas, pagem da lança, e de uma pomposa comitiva de cavallos custosamente ajaezados, e os melhores das pessoas reaes. No anno de 1610, prohibio o arcebisbo de Lisboa D. Miguel de Castro, que por de-

(1) Sousa Histor. de S. Domin. part. 1. liv. 4. c. 7. (2) Vasconcel. Histor. de Santar. tom. 2. p. 74. (3) Agiol. Lusit. tom. I. p. 215. (4) Corograf. Port. tom. I p. 215.

cencia do Santissimo Sacramento não fossem os cavallos na procissão, porém o que levava sobre si a imagem do santo, chegando ao topo da Padaria, parou, e, como se ficara immovel, não foi possivel a quantas diligencias fizeram, que elle désse um só passo para diante. D'esta sorte empatada a procissão, recorreram ao prelado, o qual conhecendo que Deus se pagava d'esta pompa, mandou que fosse como de antes hia, e logo marchou o cavallo. Conta-se mais, que no domingo seguinte, administrando á Missa no seu altar o Mordomo, que fora causa d'esta novidade, cahindo-lhe ao santo a lança da mão, o feriu na cabeça. No anno de 1601, queimando-se a igreja do Hospital, ficou esta sagrada imagem intacta do fogo, porém com o incendio geral do anno de 1755, pereceu. Hoje existe outra na igreja do convento de S. Bento. É este santo especial patrono da cidade de Bragança, e os seus cidadãos vão todos os annos no seu dia inviolavelmente por voto, que lhe fizeram d'esde o anno de 879, á sua igreja, que fica meia legua da cidade, cantar-lhe missa, e festejal-o. O mesmo fazem os moradores do Lugar de Samil. (1)

S. Joseph. Na igreja do hospital da cidade de Tavira no Algarve se venera a imagem d'este glorioso patriarca, o qual tem feito muitos prodigios, e por varias vezes tem suado com abundancia em Domingo de Lazaro, quinta feira, e sabbado seguinte do anno de 1722; e na Quaresma seguinte tornou a repetir o mesmo, por cuja causa os moradores lhe tributam com devoção muitos obsequios.

S. Liborio. Venerava-se na igreja da congregação do oratorio d'esta corte uma imagem d'este santo advogado contra a dor de pedra, experimentando os devotos, que recorriam a esta imagem, conhecidas maravilhas em suas affliçôes,

S. Lourenço. Na villa da Ponte da Barca ha a freguezia de S. Lourenço de Tovedo, onde se tem por fé, que no dia d'este santo toda a pessoa, que entra primeiro n'esta igreja, fica livre de qualquer achaque, que padeça, e por isso é venerado com muita romagem, e procissões. (2)

Santa Luzia. A' vista da cidade de Viseu no alto de um monte, e na distancia de uma legua é venerada com frequencia de devotos uma imagem d'esta santa muito prodigiosa em milagres.

S. Macario. É mui frequentada de romagens a antiga, e devota imagem d'este santo, que se venera em uma ermida na freguezia de S. Martinho das Moitas, do concelho de Gafanhão, bispado de Viseu, pela qual obra Deus innumeraveis prodigios em todo o genero de enfermidades.

S. Mamede. Em Lisboa na freguezia de S. Mamede era venerada uma imagem d'este santo, com o qual tinham muita devoção as matro-

(1) Refere tudo Cardos. no Agiol. Lusit. tom. 2. p. 691. e Faria no Epitom. part. 3. c. 11. (2) Corogr. Port. tom. I. p. 238.

nas lusitanas, pois tanto que se lhes secava o leite, com que criavam seus filhos, recorriam ao santo milagroso, e conseguiam a abundancia, que desejavam. Outra imagem milagrosa d'este santo ha no termo da villa de Bellas no sitio da ribeira de aguas livres. (1)

Santa Maria Magdalena. Na freguezia de Cernache, termo da villa da Certã, se venera uma imagem d'esta collocada em lugar deserto, onde é buscada do povo attrahido dos grandes prodigios, que obra Deus pelos merecimentos d'esta santa. (2)

S. Miguel Archanjo. Foi sempre conhecido dos Portuguezes por Anjo Custodio d'este reino, depois que o invicto rei D. Affonso Henriques venceu com seu patrocinio a Albaraque nos campos de Santarem, e por isso lhe erigio copiosas capellas, assim na igreja de Alcaçova da dita villa, como nos mosteiros de Santa Cruz de Coimbra, e Santa Maria de Alcobaça, onde suas santas imagens são veneradas, e milagrosas. (3)

S. Pedro Gonçalves. Em Lisboa no bairro chamado o Corpo Santo ha uma ermidinha, onde se venera uma imagem d'este santo, a que os homens maritimos chamam S. Telmo. Fazem-lhe grande festa em dia de Nossa Senhora dos Prazeres, levando o santo debaixo do pallio em procissão com muita folia por varias hortas, e casas particulares de Lisboa, e é recebido pela communidade de S. Domingos com muito applauso, no claustro de cujo convento se lhe faz breve, porém vistoso obsequio. Recebem os navegantes d'este santo conhecidos favores, quando o invocam afflictos nas tempestades.

S. Pedro de Viracorça. Na villa de Monsanto na raiz do monte está uma ermida da invocação d'este santo, e dizem ser a primeira igreja, que se erigiu no mundo ao sagrado apostolo S. Pedro. É a imagem do santo, que alli se venera, muito milagrosa, e por isso frequentada de continuas romagens de gente devota de toda a provincia da Beira, e acham no santo remedio infallivel para o achaque de quebraduras. (4)

Santa Quiteria. É venerada no termo de Alenquer a antiquissima imagem d'esta santa, que faz incessantes milagres nos mordidos de cães danados, e ainda nos mesmos cães raivosos, dando-lhe a comer pão molhado no azeite da sua alampada. Esta imagem foi achada quasi milagrosamente por uns pastores. (5)

S. Roque. Junto á estrada, que está perto de Santo Antonio do Tojal, ha uma ermida de S. Roque, cuja imagem dizem, que apparecera n'aquelle sitio. É muito milagrosa, e a segunda d'este santo, que houve n'este reino. Os habitadores d'aquellas visinhanças lhe chamam o seu medico, porque para todas as enfermidades acham remedio prompto na sua intercessão: e é cousa infallivel, que os meninos doentes de ozagre

(1) Corogr. Port. tom. 3. p. 52. (2) Fr. Lucas de S. Catharin. na Malta Portug. p. 255. (3) Agiol. Lusit. tom. 3 p. 126. (4) Agiol. Lusit tom. 2. p. 331. (5) Idem tom 3. 369.

chegando-os a lavar com a agua de um poço, que está junto da dita ermida, e em uma pia, que para este effeito se vê collocada na beira da estrada, ficam sãos, e livres d'aquella molestia.

S. Sebastião. Entre as muitas imagens, que ha no reino do glorioso Martyr S. Sebastião, é mais venerada por milagrosa a de Albufeira no Algarve, não sendo menos famosas a de Casevel em Campo de Ourique, a de Alcacer do Sal, a de villa de Rei, que quasi todos os annos sua no dia do santo, em quanto se canta o evangelho.

Santa Susana. A imagem d'esta santa, que está na Ermida de S. Braz no territorio de Palmella, onde se festeja nas oitavas da pascoa com grande concurso de gente, é muito milagrosa. Permanece alli viva a tradição do celebre prodigio, que esta santa obrara, transferindo áquelle sitio o conde Oliberto, que estava cativo em terra de Mouros, e atado com cadea de ferro a uma mó de pedra. (1) Já hoje não existe cousa alguma do que diz o Agiologio.

S. Tude, ou Antidio. Venera-se a imagem d'este santo no convento de conegos regrantes de Santo Agostinho de Lisboa, e ha mais de seiscentos annos com a mesma encarnação, e polimento, que trouxe de França. É imagem milagrosa, e as suas vestes sacerdotaes andam sempre por casa dos enfermos febricitantes, e opprimidos de tosse, com o contacto das quaes recebem conhecidas melhorias. (2)

Outras muitas imagens de santos ha pelo reino milagrosas, que a piedade Portugueza venera, de que nós presentemente não damos noticia, por não sermos demasiadamente importunos. Só advertimos, que muitas terras de Portugal em agradecimento de alguns beneficios tem escolhido para seus patronos differentes santos, que não confirma pouco a piedade, e religião catholica dos Portuguezes; taes são: Alemquer ao Beato Zacarias Minorita; Aveiro a Santa Anna; Beja a S. Sizenando Martyr: Braga a S. Giraldo, Bragança a S. Jorge Martyr, Campo-Maior a S. João Bautista, Coimbra a Santiago Apostolo, Elvas a S. Jorge, Evora a S. Manços, Guimarães a S. Damaso, e S. Gualter, Lamego a S. Sebastião, e S. Vicente, Leiria a S. Theotonio, Lisboa a S. Vicente, S. Sebastião, Santo Antonio, e Nossa Senhora da Conceição, Porto a S. Vicente, e S. Pantaleão, Santarem a Santa Iria, Thomar a S. Thomaz de Villa-Nova, Viseu a S. Theotonio. (3)

FIM DA TERCEIRA PARTE

(1) Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag. 582. (2) Idem tom. 3. pag. 728. (3) Veja-se ao Padre Antonio de Macedo no Tratado «Divi Tutelares orbis Christiani» pag. 10. e seguint.

MAPPA

DE

PORTUGAL

PARTE IV

CAPITULO I

Da origem, e progressos das letras, e universidades n'este reino

O amor, e propensão, que os portuguezes tiveram sempre á cultura das sciencias é antiquissimo. Alguns auhores deduzem este genio estudioso desde o fundamental principio de Tubal, fundados na authoridade de Estrabo, o qual affirma, que em seu tempo, que foi no imperio de Octaviano Augusto, corria ainda a tradição, de que os Beticos, isto é, os portuguezes antigos habitadores da maior parte do Alemtejo, (1) eram os mais doutos dos hespanhoes, pois usavam da arte de escrever, e conservavam muitas poesias, e leis em verso, com varios monumentos de grande antiguidade, e em que não só mostravam as gloriosas memorias de seus progenitores, mas a elevada sciencia de seus antepassados. (2)

Esta erudita inclinação, ou natural capacidade foi bem conhecida pelo grande romano capitão Sertorio; porque instituindo em Osca uma universidade, ou escola publica de artes, ordenou que fossem a ella estudar os moços portuguezes, filhos d'aquelles, que seguiam o seu partido, (3) os quaes desempenharam de sorte o bom conceito, e intento de Sertorio, que foram depois ostentar dentro a Roma plausivelmente. (4) E se é certo o que escreve nos seus Apparatos o arcypreste Julião Peres, (5) os mesmos romanos chamavam a Braga *Nimis lucida* pelos esclarecidos sujeitos em letras, que viam produzir-se n'esta fecundissima terra.

(1) Cardos, no Agiol. a 13 de Junh. nos Commentar. lit. A. diz que eram os tordetanos. (2) Strabo lib. 3. «Rerum Geographic.» diz: «Hi inter Hispaniae populos sapientiâ putantur excellere, et litterarum studiis utuntur, et memorandae vetustatis volumina habent, poemata, leges quoque versibus conscriptas, è sex annorum millibus». Veja-se a Oliveira nas Grandez. de Lisb. trat. 2. cap. 4. a fr. Bernardin. da Silv. na Defens. da Monarq. Lusit. part. 1. cap. 30. e Marinho de Azeved. nas Antiguid. de Lisb. cap. 12. Bento Pereir. na Republic. Litter. lib. 1. quaest. 6. n. 113. (3) Justo Lipsio lib. 5. epist. 66. (4) Cicer. pro Archia Poet. (5) Per. in Adversar. n. 245. Gandara nas Palm. y triunf. de Galiz tom. 1. pag. 233.

Porem accommettido o reino de nações barbaras, que o dominaram, fizeram affugentar as musas, e resfriar muito a applicação litteraria, (1) e de todo estaria murcha n'este continente a arvore da sciencia, se o conde D. Sisnando, logo que obteve a investidura do governo nas terras de entre Douro, e Mondego pelos annos de Christo 1073 não tivesse o cuidado de plantar em Coimbra um seminario, ou collegio para n'elle aprenderem as divinas letras as pessoas, que se escolhiam para o estado ecclesiastico. (2)

Desde aquelle tempo começou a florecer em Portugal a theologia, em cuja sagrada faculdade se abalisou entre os mais o doutissimo portuguez Gastão de Fox, a quem elegera o santo rei D. Affonso Henriques para bispo de Evora, e embaixador de Roma. (3) Ensinavam-se tambem nas cathedraes algumas sciencias, e publicamente em Santa Cruz de Coimbra, se lia grammatica, logica, theologia, e medicina com grande aproveitamento dos seus alumnos. (4)

Como as sciencias, e artes se viam amparadas, e favorecidas por um monarca tão pio, e douto, teve o reino a felicidade de produzir logo no principio do seu imperio varões sabios, perspicazes, e prudentes, como se collige, e observa no bem, que elles souberam discorrer nas côrtes de Lamego ácerca dos interesses, e isenções da monarquia portugueza. (5)

Governando já elrei D. Diniz, principe amante das letras, emprendeu fundar n'este reino casa fixa á sabedoria, e evitar o grande descommodo, que os naturaes padeciam em ir mendigar dos estrangeiros muitas sciencias, que na patria podiam aprender; e assim consentio que alguns prelados dos mosteiros, e igrejas do reino se congregassem na villa de Montemór o Novo, e determinassem em 12 de Novembro de 1288 supplicar uniformemente ao papa Nicolau IV o indulto apostolico de se poder erigir uma universidade de letras em Portugal. (6)

Chegou a supplica a Roma, e em 12 de Agosto de 1290 expediu o pontifice a bulla para o estudo geral da cidade de Lisboa com amplos privilegios, (7) e elrei assignou para se fundarem estes utilissimos estudos o sitio chamado da Pedreira, no bairro de Alfama junto ás portas da Cruz nas casas da moeda velha. (8) Alli se ensinavam leis, canones, logica, musica, grammatica, e medicina. Não havia lentes de theologia, porque esta se apprendia nos conventos dos religiosos, nem tão pouco havia lentes de mathematica, nem das linguas hebraica, e grega, como erradamente escreveu o padre Purificação. (9.

(1) Viv. in lib. 8. cap. 9. de Civit. Dei. Lamentou esta perda Camões cant. 3. das Lusiad. est. 97. e Sá de Mirand. cart. 4. est. 3. (2) Monarq. Lusit. liv. 8. cap. 5. Leitão Ferr. nas Notic. Chronolog. da Universid. de Coimbra. (3) Monarq. Lusit. part. 3. liv. 16. cap. 3. (4) Ibid. c. 72 Chronic. dos Coneg. Regr. part. 2. liv. 7. c. 15. n. 7. (5) João Pinto Ribeiro na Preferenc. das letras ás armas faz esta observação mui judiciosa, não duvidando das taes Cortes. (6) Monarq. Lusit. part. 5. no Append. escrit. 21. (7) Ibid. liv. 16. c. 72. (8) Leitão Ferr. nas Notic. Chronol. da Univ. de Coimbr n. 136, e 137. (9) Purific. Chronic. de S. Agost. part. 2. liv. 7. tit. 1.

Permaneceu esta Universidade em Lisboa dezoito annos, quando no de 1307, representando el-rei D. Diniz ao Papa Clemente V as grandes discordias, que havia entre os moradores, e os estudantes, as quaes difficilmente se podiam serenar, lhe expoz, que a cidade de Coimbra pelo delicioso do sitio, pela abundancia de mantimentos, e por ficar no coração do reino, parecia a parte mais opportuna, para onde se podia transferir a Universidade. Admittiu o Papa benignamente a supplica, e mandou passar uma Bulla aos 26 de Fevereiro de 1308, applicando para sustentação da Universidade, e salarios dos lentes os frutos de seis igrejas do padroado real, que supprimiu. (1)

Havia trinta annos, que a Universidade residia em Coimbra, quando el-rei D. Affonso IV resolvendo collocar a sua corte n'aquella cidade, ordenou no anno de 1338, que se mudassem as escolas geraes para Lisboa, afim de que os estudantes com o trafego, e negocios dos cortezãos não se divertissem dos seus estudos. (2) Restituida a Universidade outra vez ao seu primeiro berço, é verosimel que viria para as casas da sua primeira habitação, e aqui persistiu somente quinze annos, pois no de 1354 consta, que o mesmo rei D. Affonso IV a fizera transplantar para Coimbra. (3)

No governo d'el-rei D. Fernando, e pelos annos de 1377 houve outra mudança da Universidade para Lisboa, por causa de que alguns mestres, que el-rei mandára vir de fóra, não queriam lêr senão nesta cidade, e aqui permaneceu com grande protecção, e privilegios, que os soberanos reis lhe concederam; porém como para subsistencia dos lentes eram pequenas as rendas, e a promoção das cadeiras se fazia em pessoas de menos sufficiencia, acontecia que os estudantes desgostosos não frequentavam as aulas, e se experimentou uma conhecida decadencia nas letras desde o anno de 1440 até o de 1480, como affirma João de Barros. (4)

Acudiu a está ruina litteraria el-rei D. Manoel, o qual, como tão afeiçoado ás sciencias, (5) fez no anno de 1496 novos estatutos á Universidade de Lisboa, edificou escolas novas no bairro de Alfama abaixo de Santa Marinha, que ainda conservam hoje o nome de Escolas geraes; (6) accrescentou o ordenado aos lentes, e o numero das cadeiras, creando de novo a de Vespera de Theologia, a de Filosofia moral, e a de Astronomia. (7)

Succedeu no governo el-rei D. João III, insigne Mecenas dos eruditos, e parecendo-lhe Coimbra melhor sitio para os estudos publicos, os fez mudar ultimamente para aquella cidade no anno de 1537, e para que alli não só brilhassem as sciencias, e artes, mas se perpetuassem,

(1) Cunha, Histor. Eccles. de Lisb. part. 2. c. 74. n. 3. Mariz. Dialog. 5. c. 3. Faria, Europ. tom. 3. part. 3. cap. 12. n. 237. Cabedo de Patronat. c. 47. (2) Leitão Ferr. nas Notic. Chronol. da Univ. n. 321. (3) Ibid. n. 333. (4) Barr. na Descripç. do Minho c. 4. Notic. Chronol. allegad. n. 814 e 832. (5) Goes. Chronic. d'el-rei D. Manoel part. 4. c. 84. (6) Notic. Chronol. da Univ. n. 930. (7) Ibid. n. 983. Monarq. Lusit. liv. 16. c. 73.

fundou muitos collegios, por cujo augmento lhe chamaram alguns escritores instituidor, (1) sendo propriamente reparador, e illustrador d'aquella Universidade.

A este respeito convidou á custa de grandes dispendios os melhores homens de letras, que havia na Europa, de sorte que restabeleceu em Coimbra a mais florente, e nobilissima Academia das sciencias, como testificou o insigne Clenardo (2) escrevendo a João Vaseu admirado de ouvir alli ao mestre Vicente Fabricio explicar a Homero, como se na mesma Athenas o estivesse lendo.

Com tão regio amparo, e nativa habilidade dos portuguezes foram tendo as sciencias em nossos paizes progresso, e augmento felicissimo até o tempo do cardeal rei D. Henrique, o qual para mostrar não só o quanto amava as boas letras, mas o muito, e bem que ellas tinham produzido no reino, fez consagrar á sabedoria na cidade de Evora outro templo litterario.

Principiou esta segunda Universidade no anno de 1553 em fórma de collegio, regido pelos Padres Jesuitas, (3) e no anno de 1558 foi erecta em Universidade por Bulla do Pontifice Paulo IV passada a 18 de Setembro com o indulto de se ensinarem alli todas as sciencias, excepto leis, e medicina. (4) Por outra Bulla do mesmo Papa, expedida a 13 de Abril de 1559 se lhe concederam os privilegios de todas as Universidades da Christandade.

Podem entrar tambem por privilegio especial em titulo de Universidade as cinco escolas publicas, que os Religiosos Dominicanos tem em outros tantos conventos da sua Ordem, a saber, em S. Domingos de Lisboa, na villa da Batalha, e nas cidades de Evora, de Coimbra, e do Porto, nas quaes por Bullas de S. Pio V, Benedicto III, e Clemente XII, podem dar o grão de doutor em Theologia não só aos seus religiosos, mas tambem aos estudantes seculares, que alli aprenderem. (5)

Com estes publicos erarios da sabedoria, e outras mais particulares litterarias disciplinas não só tem Portugal radicadas as artes, e com ellas enriquecido o reino proprio, mas demonstrado ao mundo toda a eminencia do talento de seus alumnos para todo o genero de artefactos scientificos. A cada passo se acredita este nobre estudo nas eruditas, e engenhosas producções de seus nacionaes. Florecem, e brotam nas Academias copiosissimos frutos das faculdades assim amenas, como severas, merecendo esta universal intelligencia os repetidos elogios, que os va-

(1) Mendo de Jure Academ. lib. 1. q. 6. n. 110. Suar. de Relig. tom. 4. trat. 10. liv. 5. cap. 4. (2) Clen. apud. Notic. Chronol. num. 1166. «Omitto reliqua, quo properemus Conimbricam, ubi Rex novam tum moliebatur Academiam. Hic opus est multis laudibus, quando sese ipsa in dies magis, ac magis commendat... E' quibus auspiciis, si fas est divinare, florentissima erit Conimbrica linguarum studiis. (3) Sever Notic. de Port. disc. 5. § 4. Telles, Chron. da Companh. part. 1. liv. 3. c. 19. Fonseca, Evor. glorios. n. 723. (4) Bent. Pereir. de Academ. lib. 1. quaest. 7. n. 112. et. seq. Fonseca allegad. n. 727. (5) Transcreve estas Bullas Fr. Pedro Monteiro no Claustr. Dominic. lanço. 3. p. 436. et. seq.

rões mais doutos, estrangeiros, e desinteressados nos tributam. (1) Passemos agora a mostrar com distincção, ainda que succinta, esta aptidão mental dos portuguezes versada na cultura das sciencias.

CAPITULO II

De alguns famosos escriptores portuguezes, qae floreceram em varios generos de litteratura

Não obstante haver publicado com grande desvelo, erudição, e elegancia neste nobre argumento a *Bibliotheca Lusitana* o incansavel acadêmico, e reverendo abbade de Sever Diogo Barbosa Machado, nosso amigo, a quem soccorremos tambem com preciosas noticias, e algumas originaes, conducentes ao material de tão insigne obra, com tudo, por não defraudarmos aos leitores de memorias tão gloriosas á nação, recolheremos aqui alguns dos nossos escriptores de maior fama, distribuidos pelas faculdades, e materias nos parrafos seguintes:

§ I. Theologia Escolastica, e Moral.
§ II. Ascetica, e Mystica.
§ III. Escritura Sacra.
§ IV. Jurisprudencia Canonica, e Civil.
§ V. Filosofia.
§ VI. Grammatica, Rhetorica, e Bellas letras.
§ VII. Oratoria sacra, e profana.
§ VIII. Poesia Epica, e Lyrica.
§ IX. Comica.
§ X. Historia Ecclesiastica, e Secular.
§ XI. Genealogica.
§ XII. Fabulosa.
§ XIII. Mathematica.
§ XIV. Musica.
§ XV. Medicina, e Cirurgia.
§ XVI. Erudição varia.

(1) Just. Lips. epist. 96. a Man. Correa: «Gentem illam vestram dico, id est, Lusitanos jam olim armis, et litteris inclytos, quas primus Sertorius intulit... Semina ejus instituti etiam nunc fructificant; et ardet in animis vestris semel accensus honestior ille ignis. Audimus certe non in alio Hispaniae tractu magis veteres artes coli; et exempla, ac scripta sunt, quae ad nos quoque manant. et testantur.» Crusenius in Monast. part. 3. c. 48. ad. an. 1617. Janus Nicius Erythraeus in Pinacothec. part. 2. imag. 18. Andr. Schot. in Epist. dedicator Bibl. Hisp. e na p. 472. Dian. tom. 4. Rosol. Mor. 27. § 1. Nicol. Ant. Bibl. Hispan. tom. 2. p. 251. Bossus. tom. 3. de Sign. Eccl. liv. 8. c. 1. n. 8. et seq. Guicciardin. in. Histor. Ital. lib. 6. Zuinger. in. Theatr. vit. hum. vol. 19. lib. 2. Marian. de reb. Hispan. lib. 10. c. 14. Valdecobr. no templ. de la fama cap. 25. Gracian. no Critic. p. 3. cris. 8. etc.

*

§ I

Theologia Escolastica, e Moral

Alvaro Gomes, insigne filho da cidade de Evora, e um dos mais celebres theologos do seu tempo. Nesta divina sciencia illustrou em publico magisterio as Universidades de Paris, Salamanca, e Coimbra; e reconhecendo el-rei D. João III neste grande varão talento profundo, e merecimentos relevantes, o elegeu para seu confessor, e o nomeou em prior, uns dizem que da paroquia de S. Nicolau, (1) outros que de Santa Justa. (2) D'elle fazem honorifica menção muitos authores, e o famoso poeta Henrique Cayado no liv. 2. epigr. 95, que é todo em seu louvor, conclue assim:

Nil mortale sapis, divinas cuncta, Gomesi:
Dicere te possent barbara sæcla Deum.

D. fr. Alvaro Paes, bispo de Silves, e natural de Santarem, posto que alguns o fazem natural de Galiza. Foi discipulo em Paris do subtil Escoto, e sabio tão instruido na disciplina, e perspicacia do mestre, que a sua vasta erudição lhe grangeou um especial affecto no Pontifice João XXII. Compoz, alem de outras, a insigne obra intitulada *De planctu Ecclesiae*, tão applaudida dos varões sabios. (3)

D. André de Almada, filho egregio de Lisboa, e tão venerado por sua litteratura, juizo, e capacidade, que entre todos os cathedraticos da Universidade de Coimbra foi elle nomeado para escrever ao Papa, supplicando-lhe a definição da immaculada pureza da Senhora. Foi lente de Vespera de Theologia, duas vezes jubilado, e socio no magisterio do eximio Soares Granatense. Escreveu um doutissimo tratado De Incarnatione, e mereceu as estimações dos homens mais eruditos da Europa. Acabou a vida no anno de 1642 em Coimbra. (4)

Fr. Antonio de Senna, natural de Guimarães, e brilhante astro do Paraiso Dominicano, incansavel na faculdade theologica, em que não só foi graduado, mas pela sua grande fama eleito regente dos estudos geraes do seu convento de Lovanha. Deve-se á sua diligencia o melhor methodo, e formalidade, com que hoje se veem impressas as obras do doutor Angelico, as quaes elle sabia de memoria. Escreveu muitas obras uteis, e eruditas, e faleceu em Nantes no primeiro de Fevereiro do anno de 1584. (5)

(1) Barbos. Bibl. Lusit. tom. 1. p. 101. (2) P. Franeisc. da Cruz no Appar. m. s. para a Bibl. dos Escritor. Portug. que conservamos em nosso poder. Raynaud Annal. Eccl. tom. 20. ad ann. 1531. Fonseca, Evor. glorios. p. 409. (3) Graveson, hist. Eccles. liv. 5. e outros apud. Barbos. in Bibl. Lusit. tom. 1. P. Franc. da Cruz no App. para a Bibl. Lusit. Histor. Serafic. part. 1. c. 32. (4) Fr. Leão de S. Thom. Bened. Lusit. tom. 2. p. 439. Cunha no Catalog. dos Bispos do Porto part. 2. c. 42. (5) Possevin. Apparat. Sac. tom. 1. p. 92. Far. Europ. Portug. tom. 3. part. 4. c. 6. Monteir. Claustr Dominic. tom. 3. p. 160. ainda que discrepa no anno de seu falecimento, pois diz que foi no de 1586. Barbos. Bibliot. Lusit. tom. 1. p. 384.

V. D. fr. Bartholomeu dos Martyres, arcebispo de Braga, varão excellente em letras sagradas, e pureza de vida. A cidade de Lisboa sua patria se gloria muito de o ter por filho, pois no zelo da reforma, e observancia do estado ecclesiastico foi efficaz a sua disciplina. Com ella admirou no Concilio Tridentino, a que assistiu, os veneraveis Prelados de tão santa assemblea, e mereceu as estimações, e amizade, que com elle tiveram S. Pio V, e S. Carlos Borromeo. Edificou em Braga um Seminario para n'elle aprenderem as sciencias quarenta e quatro collegiaes naturaes do seu arcebispado. Compoz varias obras espirituaes cheias de solida, e santa doutrina, e acabou santamente. (1)

P. Bautista Fragoso, jesuita, e natural do Algarve, floreceu pelos annos de 1600 na Theologia moral, e ambos os Direitos, em cuja faculdade igualou os mais insignes professores do seu tempo. Escreveu *De Regimine Reipublicae Christianae* tres volumes grandemente applaudidos dos doutos, e varias vezes reimpressos. (2)

P. Bento Pereira, religioso da Companhia de Jasus, nasceu em Borba, e floreceu em varias faculdades, especialmente na Theologica, em que se graduou doutor, e escreveu com applauso o *Promptuarium Morale*, alem de outras obras recommendaveis. Morreu no anno de 1681. (3)

P. Christovão Gil, famoso jesuita, natural da cidade de Bragança, foi tido, e estimado pelo maior theologo do seu tempo. O grande Soares disse d'elle, ouvindo-o argumentar, que era na Theologia escolastica o credito não só de Portugal, mas do mundo todo. Compoz *De Essentia, et virtute Dei* dois tomos summamente eruditos. Morreu no anno de 1608. (4)

Diogo de Gouvea nasceu no termo de Santarem, estudou em Paris, onde se doutorou em theologia, e n'ella foi tão insigne, e famoso, que el-rei D. João III o elegeu seu Theologo para o Concilio de Trento. Faleceu prior mór de Palmella no anno de 1576, e alli jaz. (5)

Diogo de Paiva de Andrade, illustre filho da cidade de Coimbra, mereceu pela grande sciencia theologica, de que era dotado, que el-rei D. Sebastião o nomeasse para assistir ao Concilio Tridentino, onde assombrou com a sua erudição, e elegancia de sorte, que juntamente se fez venerado pelos catholicos, e temido pelos hereges, entre os quaes Kemnicio, summamente atrevido contra a Igreja, e suas sagradas determinações, cessou de blasfemar, ouvindo o que contra elle publicara este profundo theologo. Bem notorios são os elogios, que muitos sabios escritores fizeram a Diogo de Paiva. (6) Morreu finalmente em Lisboa

(1) Nicol. Anton. Bibl. Hispan. tom. I. p. 154. col 2. e outros muitos apud. Barbos. na Bibliothec. tom. I. p. 468. (2) Macedo na Eva, e Ave part. I. c. II. n. 15. (3) Franco, Annus glorios. Societ. Jesu p. 61. Fonseca, Evor. glorios. p. 427. (4) Franco, Ann. glorios. Soc. Jesu p. 9. Fonseca na Evor. glorios. p. 428. Nicol. Anton. Bibliot. Hisp. tom. I. p. 187. Ann. histor. tom. I. p. 56. e Barbos. na Bibliot. tom. I. (5) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 2. p. 380. (6) Nicol. Anton. in Bibl. Hisp. tom. I. p. 235. Bayle no Diccionar Critic. Capassi in Histor. Philosoph. p. 453. e outros apud. Barbos. Bibl. Lusit. tom. I. p. 686.

no anno de 1575, quando só contava quarenta e sete annos de idade.

Fr. Egidio da Apresentação, honroso credito da villa de Castello Branco, d'onde era filho, e insigne ornamento da religião augustiniana em o convento de nossa Senhora da Graça de Lisboa, onde era professo, foi bem conhecido pela faculdade theologica, em que era consummado, e mui distincto pelo epitheto de mestre. Escreveu algumas obras dignas de todo o apreço, especialmente o tratado *De voluntario, et involuntario*, pela sua profunda, e solida doutrina. Morreu no anno de 1626 em Coimbra. (1)

P. Estevão Fagundes, da Companhia de Jesus, e natural de Vianna foz do Lima, foi um dos mais graves, e profundos theologos d'este reino, e por isso todas as suas obras são universalmente estimadas, e allegadas, e com especialidade os tratados *Dos Preceitos do Decalogo, e da Igreja*. Morreu em Lisboa no anno de 1645. (2)

Fr. Francisco de Araujo, natural de Chaves, e religioso dominico, foi dotado de eminente engenho, e erudição na faculdade Theologica, na qual adquiriu tal credito para com el-rei Filippe IV, que prefiria o seu voto a todos os mais, ainda que fosse só. Compoz muito, e morreu em Madrid bispo de Carthagena em o anno de 1614 com opinião de santidade. (3)

Fr. Francisco Foreiro, lisbonense, da veneravel Ordem dos Pregadores, varão egregio na sagrada theologia, em que foi mestre. As suas grandes letras, e talento lhe grangearam os honorificos empregos de pregador d'el-rei D. João III, e confessor d'el-rei D. Sebastião, e da infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Manoel. Foi mandado assistir ao Concilio Tridentino por theologo d'este reino, e lá brilhou de maneira, que aquelles veneraveis padres reconhecendo o seu juizo, e erudição, o escolheram para secretario da junta, que se fez para a censura dos livros prohibidos, e reforma do Missal, e Breviario Romano, cujo Proemio é composto por fr. Francisco Foreiro. Juntamente com o arcebispo de Lanciano, e bispo de Modena formou o Catecismo Romano. Conferiu, e emendou do Hebreu, em cujo idioma era perito, os mais dos livros da Escritura, a que tambem fez excellentes exposições. Faleceu na villa de Almada no anno de 1580. (4)

P. Gaspar Gonçalves, conimbricense, e doutor theologo da Companhia de Jesus, varão igualmente egregio nesta faculdade, e em todas as mais. Xisto V. estando bem informado das suas letras o nomeou entre os theologos de maior nome para um dos correctores da sagrada Biblia. Floreceu pelos annos de 1560. (5)

Fr. João de S. Thomaz, natural de Lisboa, e religioso dominico,

(1) Brand. Monarq. Lusit. liv. 19 c. 23. Marrac. Bibl. Marian. part. I. pag. 17. (2) Moreri, Diccion. Histor. Nicol. Anton. Bibliot. Hisp. tom. I. p. 234. (3) Echard. apud. Fr. Pedro Monteir. no Claustr. Dominic. tom. 3. p. 210. (4) Xysto Senens. in Bibliot. Palavicin. Histor. Concil. Trident. part. I. liv. 15. cap. II. n. 3. Cardos. no Agiol. tom. I. pag. 429. (5) Telles, Chron. Soc. Jesu part. 2. liv. 5. num. 9. cap. 45.

foi tão grande theologo, que el-rei Filippe IV o elegeu para seu confessor, e em Castella lhe chamavam o S. Thomaz d'aquelle seculo. Compoz muito, e bem nesta faculdade. Finalizou os seus dias no anno de 1644. (1)

Fr. Isidoro da Luz, natural da villa de Santarem, e religioso trinitario, doutor na sagrada theologia, em cuja faculdade era attendido como oraculo, foi o primeiro lente de Prima, que leu controversias em Coimbra, nas quaes compoz, e imprimiu eruditamente. Faleceu em o anno de 1670. (2)

Fr. Lourenço de Portel, a quem a patria deu o appellido, Religioso dos Menores na provincia dos Algarves, escreveu doutamente na Theologia Moral, e floreceu pelos annos de 1600.

P. Luiz Nogueira, natural de Fermozelhe, e douto jesuita, que na exposição da Bulla da Cruzada adquiriu eterno, e famoso nome. Morreu no anno de 1696.

Fr. Luiz de Beja Perestrello, religioso augustiniano, e natural de Coimbra, foi mestre de theologia em algumas Universidades de Italia, e em Bolonha teve por ouvinte ao Cardeal Paleoto, que muito se prezava de ser seu discipulo. (3)

Fr. Manoel Rodrigues, religioso franciscano da provincia de Santiago, foi em Salamanca venerado por todos os cathedraticos como oraculo na sciencia theologica, pois nas duvidas mais difficeis reccorriam a elle para lhas soltar. Floreceu pelos annos de 1590, e compoz bastante, e plausivelmente.

P. Sebastião de Abreu, natural da villa do Crato, religioso jesuita, e insigne theologo, como se vê no seu livro *Institutio Parochi*, summamente louvado pelos estranhos. Morreu em Outubro de 1674. (4)

P. Vicente da Resurreição, conego secular de S. João Evangelista, foi chamado pela sua vasta litteratura, e sciencia theologica, o Salomão Lusitano. Floreceu pelos annos de 1600. (5)

§ II

Theologia Ascetica, ou Mystica

Frei Affonso dos Prazeres, natural de Penamacor, e filho do visconde de Barbacena. Seguiu primeiramente a vida militar com grandes creditos de valeroso, chegando a exercitar o posto de sargento mór de batalha, que desempenhou com honra, e reputação. Depois desenganado do mundo, deixando até a primogenitura de sua casa, se retirou para a religião de S. Bento, onde esteve quatorze annos exercitando com

(1) Fr. Pedr. Monteir. no Claustr. Dom. tom. 3.º (2) Barbos. in Bibliot. Lusit. tom. 2. (3) Crusenius in Monast. part. 3. c. 48. ad ann. 1581. (4) Coronelli, Bibl. Univ. tom. 1. verb. Abreu. (5) Santa Maria no ceu aberto. tom. 1. p, 526.

grande edificação o pulpito, e confessionario; porem desejando vida mais austera, passou para o seminario de Varatojo, e aqui foi incançavel varão verdadeiramente apostolico em cumprir diligente o seu instituto, fazendo por muitas partes utilissimos sermões; e como tão instruido nas doutrinas mysticas, publicou as *Maximas espirituaes, e varias Consultas* cheias de solidos documentos. Morreu no anno de 17...

P. Alexandre de Gusmão, natural de Lisboa, e religioso veneravel da Companhia de Jesus, foi insigne cultor da vida espiritual, de elevada meditação, e grande mestre de espirito, cuja doutrina é venerada em todas as suas obras, como de varão sabio, prudente, e santo. Morreu na Bahia aos 15 de Março de 1724.

V. fr. Antonio das Chagas, de quem já fizemos menção na terceira Parte d'este Mappa, foi dotado de um espirito, e efficacia tão especial para instruir a mente, e commover os affectos ás cousas celestes, que ainda reverberam nas suas obras espirituaes as faiscas do amor divino, em que sempre andava inflammada a sua ardente contemplação.

Fr. Antonio do Espirito Santo, natural de Montemór o Velho, religioso dos Carmelitas Descalços, e depois bispo de Angola, compoz um *Directorium mysticum* com grande juizo, e acerto, pois n'elle se mostra a melhor exposição do doutor Angelico, e de Santa Teresa. (1)

V. fr. Bartholomeu dos Martyres. Ninguem ignora o elevado espirito d'este varão insigne, nem a clareza, com que demonstrou muitos reconditos da sciencia mystica nos seus admiraveis escritos asceticos.

V. Bartholomeu do Quental, que nasceu na Ilha de S. Miguel, e instituiu neste reino a Congregação do Oratorio, ensinando, e praticando a virtude, deixou documentos de mestre, que servem de seguras, e luzentes maximas para a direcção do espirito. Morreu santamente a 20 de Dezembro de 1698.

P. Diogo Monteiro, eborense, varão illustre da Companhia de Jesus, foi o primeiro, que poz, e reduziu a arte, e preceitos as subtilezas da Mystica, em cuja sciencia foi extatico professor. (2) Faleceu no anno de 1634 com opinião de santo.

Fr. Luiz de Granada, a quem podemos chamar nosso, porque entre nós viveu, ensinou, e morreu. Em materias asceticas foi mestre, e luz efficaz, que aclarou caminho tão pouco trilhado da mystica theologia. São neste genero estimadas as suas obras por sublimes. (3)

P. Manoel Bernardes, natural de Lisboa, e da Congregação do Oratorio, foi um dos engenhos mais claros, agudos, e affectuosos, que o seculo presente, e passado admirou nesta divina faculdade. A sua eloquencia, energia, profundidade, e erudição resplandecem em todas as suas

(1) Fr. Joseph de Santa Teresa na Chronic. tom. 4. liv. 18. c. 40. num. 35. (2) Nieremberg. tom. I. dos. var. illustr. da Comp. p. 562. Franco. Ann. glorios. Soc. Jes. Barbos. in Bibliot. Lusit. tom. 1. e outras. (3) Sousa, Chronic. de S. Dom. part. 1. liv. 5. c. 12. e outros apud. P. Monteir Claustr. Dom. tom. 3. p. 266.

obras, em que se vem os mais vivos, importantes, e efficazes documentos para afervorar a vontade no exercicio da vida espiritual. Faleceu aos 17 de Agosto de 1710.

P. Manoel Consciencia, filho de Lisboa, e um dos Congregados do Oratorio. Foi varão muito estudioso, pio, e perfeito nas suas obras, as quaes são a maior prova da sua erudição. Faleceu em Lisboa no anno de 1739.

Fr. Manoel Guilherme. Nasceu em Lisboa, e foi religioso dominicano, a cuja religião serviu de grande lustre, e utilidade pelos seus sermões, que eram cheios de muito espirito, e efficaz doutrina, acompanhados de uma voz terna, e maviosa: soube grangear para os ouvintes muitas conversões, e para a communidade um grosso, e importante cabedal, com que fez varias obras, especialmente a livraria do convento de S. Domingos, a qual pereceu toda fatalmente no incendio geral de 1755. Faleceu este memoravel religioso em Lisboa no anno de 1730, deixando varias composições dignas dos seus vastos estudos, como o *Conselheiro fiel*, e outras obras mysticas, elegantes, e eruditas.

P. Manoel Monteiro, da Companhia de Jesus. Os seus *Exercicios espirituaes* estão cheios de solida doutrina, e zelo ardente do aproveitamento das almas.

Fr. Paulo de Vasconcellos na *Arte espiritual* desempenhou o titulo de mestre na clareza dos preceitos mysticos. Foi D. Prior geral dos Thomaristas, em cujo real convento faleceu no anno de 1654.

V. fr. Thomé de Jesus, eremita de Santo Agostinho, e irmão do grande Diogo de Paiva de Andrade, mereceu possuir um elevado espirito, e coração grande; como se observa nos varios livros asceticos, que compoz, principalmente os *Trabalhos de Jesus*, e *Oratorio Sacro*, tão estimados pelos doutos nesta sciencia. Faleceu no anno de 1582, depois de haver estado captivo quatro annos em Marrocos.

§ III

Exposição da Sagrada Escritura

Beato Amadeo. Já em outra parte d'esta obra damos noticia d'este veneravel varão. Pelo que toca á jerarquia de escritor, foi elle famoso na composição das suas celebres profecias, a que deu titulo de *Apocalypsis nova*, na qual vaticina muitas cousas do estado futuro da igreja. Uma das copias mais pura se conserva em Barcellona em o Collegio de S. Boaventura.

P. André Pinto Ramires, lisbonense, e varão insigne da Companhia de Jesus, foi discipulo do grande Mendoça, e conspicuo na interpretação do *Apocalypse*, e *Cantares*. Floreceu pelos annos de 1600. (1)

(1) Nicol. Ant. Bibl. Hisp. tom. 1. p. 65.

Fr. Antonio da Madre de Deus Arouca, natural de Lisboa, e religioso da Ordem de S. Paulo primeiro eremita, foi sogeito de grande credito, e talvez o mais insigne do seu tempo. A inveja lhe não poude esconder os elogios, que ás suas obras lhe fizeram os estranhos, a quem foi assombro. Contava pouco mais de vinte annos, quando compoz o *Apis Libani*, que é uma exposição litteral, e mystica das Parabolas de Salomão, cheia de elegancia, subtileza, e profunda investigação do sentido genuino. Morreu aos 19 de Junho de 1696. (1)

P. Antonio Vieira, insigne, e singular varão da Companhia, sempre famoso, e em todos os seculos memoravel, e do qual outra vez nos lembraremos. Para prova do seu raro talento na intelligencia das sagradas Escrituras bastava a grande obra intitulada *Clavis Prophetarum*, em que gastou cincoenta annos com o dilatado estudo dos Santos Padres, e sagrados interpretes. Fazia o padre Vieira d'este livro tanto apreço, que costumava dizer, queimaria de boamente todos os seus papeis, se podesse concluir como queria esta grande obra. O arcebispo de Goa D. Ignacio de Santa Teresa, que depois foi bispo do Algarve, na *Crisi Paradoxa*, que fez sobre este livro do *Clavis Prophetarum*, diz, que vira na Bahia dois exemplares, um mais resumido que outro; mas eu tenho uma copia que trasladei, da que o Eminentissimo Cardeal da Cunha trouxe de Roma, extrahida do verdadeiro original, que se conserva no Vaticano, e encontro differença segundo o que leio no mencionado arcebispo. Esta obra sempre foi desejada, mas nunca se imprimiu. Principia assim o titulo d'ella:

Clavis Prophetarum, verum eorum sensum aperiens ad rectam Regni Christi in terris consummati intelligentiam assequendam. A P. Antonio Vieira Soc. Jesu summo studio elaborata, sed morte preveniente non absoluta, nec ultima manu expolita. Opus posthumum, ac desideratissimum a Collegio Bahiensi ad admodum R. P. nostrum Thyrsum Gonzales ejusdem Soc. Praepositum Generalem missum. Ann. 1699.

Divide-se em tres livros toda esta obra. O primeiro trata *De regno Christi in terris consummato*, e consta de doze capitulos. O segundo *De ejusdem consummationis sincera imagine, novusque in mundo status elucidatur*, e consta de dez capitulos. O terceiro livro trata *De tempore, quo, et quando consummandum est, quandiu duraturum*, e consta de treze capitulos.

S. Antonio lisbonense, o maior credito da nossa patria, e brilhante astro da religião serafica, a quem o Pontifice Gregorio IX chamava Arca do Testamento, e thesouro das letras sagradas: compoz muitos sermões e uma exposição mystica da sagrada Escritura, como diz Labbé no tratado dos Escritores ecclesiasticos.

(1) Le Long. in Bibl. Sac. p. 611.

Fr. Balthazar Paes nasceu em Lisboa, e foi religioso trinitario, um dos mais insignes expositores da divina Escritura, em cujo estudo foi mui versado, incansavel, e incessante, e por isso mui celebrado pelos eruditos. Morreu a 13 de Março de 1638. (1)

P. Bento Fernandes, natural da villa de Borba, e insigne jesuita na pericia escrituraria, em cuja ardua empreza investigou com felicidade os sentidos moraes reconditos do Genesis, e Evangelho de S. Lucas. Morreu no anno de 1630. (2)

P. Bento Pereira, diverso do outro, de quem já nos lembrámos, o qual supposto ser valenciano, muitos authores o fazem portuguez, foi tambem jesuita, e nos admiraveis commentarios, que eruditamente compoz sobre a Escritura, desempenhou o arduissimo caracter de expositor sagrado, especialmente no Genesis. Morreu em Roma no anno de 1610. (3)

P. Braz Viegas, eborense, foi jesuita grave, e doutissimo escriturario, de engenho excellente, de juizo agudo, e de doutrina exquisita. Expoz o Apocalypse de S. João magistralmente, e é tida pela melhor exposição, que ha n'aquelle genero. Finalizou os seus dias na mesma patria a 22 de Agosto de 1599. (4)

P. Cosme de Magalhães, bracarense, e tambem jesuita eminente nas divinas letras, compoz com profunda clareza commentarios a diversos livros da Escritura, que logram a estimação dos doutos. Deixou a mortal vida aos 9 de Outubro de 1624. (5)

Fr. Diogo Estella, religioso franciscano da provincia de Santiago, a quem muitos querem fazer natural do reino de Navarra, sendo verdadeiramente portuguez, (6) foi varão mui douto nos livros sagrados, como se vê nas reflexões, e interpretação litteral, que fez ao Evangelho de S. Lucas.

P. Francisco de Mendoça, varão illustre em sangue, e letras entre os famosos da Companhia de Jesus. Os seus Commentarios aos livros dos Reis são estimaveis; e diz Calmet na Bibliotheca Sacra, que se o padre Mendoça chegasse a concluir a obra, não haveria mais que desejar em semelhante assumpto. Morreu em Leão de França aos 3 de Junho de 1626. (7)

Fr. Heitor Pinto, religioso de S. Jeronymo, a quem verdadeiramente chamaram o Heitor dos Expositores, porque expoz profundamente os profetas maiores. É lastima, que semelhante homem morresse desterrado em Castella por causa do zelo portuguez.

Fr. Jeronymo da Azambuja, chamado vulgarmente Oleastro, insigne ornamento da Ordem Dominicana, e dignamente louvado em todo o mun-

(1) Nicol. Ant. Chronic. de S. Agost. liv. 4. c. 7. n. 11. (2) Telles, Chronic. part. 2. liv 4. c. 47. n. 7. (3) Barbos. in Bibliot. Lusit. tom. i. p. 507. (4) Macedo in Propugn. Lusitano. Gallic. ad. art. 10. (5) Cardos. Agiol, Lusit. tom. 3. p. 519. (6) Natal. Alexand. e outros muitos apud. Barbos. Bibliot. Lusit. tom. i. p. 650. col. 2. (7) Franc. de Franciscis in Philologia.

do pelos singulares Commentarios, que fez aos primeiros cinco livros da Escritura chamados *Pentateuco*. Faleceu no anno de 1563. (1)

D. Jeronymo Osorio, bispo do Algarve, insigne escriturario, e em tudo o que escreveu foi applaudido. Varão, que acreditou não só a Portugal, mas a igreja catholica. A sua fama fez abalar de longe aos estrangeiros para o verem, assim como se escreve de T. Livio. Expirou no mez de Agosto de 1580.

Fr. João da Silveira, religioso carmelita, foi dotado de summa erudição, como se observa na grande copia de livros, que compoz, em que sem duvida se fez estimavel dos estrangeiros primeiro que dos nacionaes. Foi certamente um dos grandes expositores das divinas Escrituras, que tivemos no seculo passado.

Fr. Luiz de Souto Mayor, religioso dominico, famoso em letras sagradas, e mestre d'ellas nas Universidades de Lovanha, e Coimbra. O Papa Clemente VIII no anno de 1587 expediu um Breve em 28 de Março, excitando-o a que fizesse publicos os seus Commentarios á Escritura, que de facto publicou em grande credito seu, e da nação. (2)

P. Manoel de Sá, da Companhia de Jesus, foi mestre do Santo Borja, e no exercicio das virtudes igualou o das sciencias. Fez notas a toda a Biblia mui judiciosas, e morreu no ducado de Milão aos 30 de Dezembro de 1596 com grande fama de santidade. (3)

Fr. Manoel da Incarnação, chamado Pontevel, por ser esta terra, que fica no termo de Santarem, sua patria, na exposição do Evangelho de S. Matheus hombreou com os mais profundos expositores. Floreceu nos principios d'este nosso seculo, e faleceu no anno de 1720.

D. Pedro de Figueiró, Conego Regular de Santo Agostinho, e natural de Figueiró dos Vinhos, foi chamado vulgarmente o *Hebreo*, por ser perito n'aquelle idioma, cuja intelligencia lhe facilitou a penetração, com que manifestou os mais occultos segredos dos sagrados prophetas. El-rei Filippe II lhe fez mercê da cadeira de Prima de Escritura na Universidade de Coimbra, persuadido da grande fama, que as suas letras lhe tinham grangeado. Cheio de boa opinião faleceo em Coimbra aos 11 de Janeiro de 1587. (4)

P. Sebastião Barradas, natural de Lisboa, e filho da Companhia de Jesus, gravissimo escriturario, a quem o grande A Lapide (5) numera entre os famosos expositores do Evangelho. Não foi menor na efficacia do pulpito, cuja persuasão fez reduzir muita gente ao caminho verdadeiro da eternidade. Morreu com opinião de santo aos 14 de Abril de 1615. (6)

(1) Sousa, Chronic. de S. Dom. tom 1. pag. 364. Monteiro no Claustr. Dominic. tom. 3. (2) Nicol. Ant. in. Bibl. tom. 2. p. 50. Fr. Luiz de Sousa, Chron. de S. Dom. part. 1. liv. 3. c. 38. Cardos. no Agiol. Lusit. tom. 3. p. 457. e 467 (3) Aubert Miraeus in Chron. Beverl. in Chron. (4) D. Nicol. Chron. part. 2. liv. 10. c. 29. n. 8. Nabonati. in Bibioth. Latino-Hebraic. p. 455. (5) A' Lapide in Prooemio ad Evang. c. 3. (6) Sousa de Maced. Lusit. Liberat. appeud. c. 1. n. 67. Nieremberg, Var illostr. p. 589.

§ IV

Jurisprudencia canonica, e civil

Affonso Alvares Guerreiro, nascendo na villa de Almodovar, foi illustrar Italia, especialmente Napoles, onde subio a ser presidente da chancellaria, e bispo de Monopoli, dignidades, a que a sua grande litteratura no direito pontificio o elevou. Cheio de meritos faleceu no anno de 1577. (1)

Agostinho Barbosa, filho do solido jurista Manoel Barbosa, nasceu em Guimarães no anno de 1590 para assombro, e corifeu da jurisprudencia, em que chegou a compor trinta e tres volumes. Lourenço Crasso nos elogios dos homens eruditos, fallando d'este famoso jurisconsulto, lhe dá o primeiro lugar entre todos os canonistas; e ainda que o doutissimo padre Feijó (2) siga a opinião de que as primeiras obras, que o nosso Barbosa deu á luz, não foram suas, mas de seu pai, todavia este *ad lib. 4. Ordin. ad tit.* 97. *et ad* 1. *Ord. n.* 4. antevendo o tal conceito, o deixou testificado de erroneo, pois diz: *Quis DD. fideliter refert filius meus Augustinus Barbosa in Remissionib. ad Concil. Trid. sess.* 21. *de Reform . . . quos non a nobis, ut aliqui opinantur, mutuatus est; imó Musœo nostro perpetuo sedens, et suas, et nostras lucubrationes miro ordine disposuit, multa addidit, et quæstionum, quas remissivé colligebam, iterum DD. percurrens dubia nimiùm obscura explanavit, dum ageret prædictus filius œtatis suœ annum* 26 *quem, dum puer esset, prius Latina lingua, quám Lusitana docui.*

Ayres Pinhel, famoso, e conspicuo jurisconsulto, natural de Coimbra, dotado de uma tenaz tentativa, e comprehensão tão feliz, que se pudera dizer d'ella ácerca das leis cesareas o mesmo, que se dizia de Esdras a respeito da Escritura Sagrada: isto é, que perdendo-se ellas, so elle as poderia recuperar. Em Salamanca foi discipulo do grande Navarro, e em Coimbra mestre não só de toda aquella provincia, como diz certo author, (3) mas de todo o reino com grande aproveitamento dos ouvintes, que o estimavam como a oraculo. Morreu em Coimbra, deixando escrito nesta faculdade alguns Commentarios eruditos. (4)

Alvaro Valasco, eximio, e celeberrimo jurista, natural de Evora. A sua grande erudição, e engenho lhe adquiriu as estimações, que d'elle fez el-rei D. Sebastião, quando o honrou com o honorifico emprego de Desembargador dos Aggravos, o qual desempenhou com applauso de todos. Deixou acreditado bastantemente o seu talento, e sciencia nos varios livros, que compoz em grande utilidade da republica litteraria. Morreu no anno de 1593 aos 17 de Abril. (5)

(1) Ughel. na Ital. Sacr. tom. I. p. 974. Ann. historic, tom. 3. p. 336. (2) Feijó, Theatr. critic. tom. 4. p. 374. (3) Figueiroa na Plaza Univers. disc. 5. §. 5. n. 25. (4) Genebrad. in vita Pii IV, e outros apud Barbos. in Bibliot. Lusit. (5) Idem tom. 1. p. 116.

Antonio de Gouvea, natural de Beja, foi de um engenho, e capacidade tão singular, que assombrou as Universidades de França, onde aprendeu, e ensinou. Disse d'elle Jacob Cujacio, principe dos jurisconsultos, que entre quantos interpretes tinha havido do Direito Justinianeo, era Antonio de Gouvea o unico, a quem se devia de justiça a palma. (1) Sendo tão consummado na jurisprudencia, cultivou a filosofia até o supremo grão, chegando a convencer publicamente diante de muitos sabios ao grande Pedro Ramos, que se oppunha á doutrina de Aristoteles. Em fim entre os talentos dos varões sabios, que se fizeram celebres na posteridade, foi este um dos mais famosos, e insignes. (2) Morreu em Turim no anno de 1565.

Antonio da Gama, natural da ilha da Madeira, lente de Coimbra famigerado pela sua grande clareza, e profundidade, attributos, que tambem o fizeram celebre em Bolonha, e lhe mereceram as honras, com que o condecorou o senhor rei D. João III, singular Mecenas dos homens doutos. Este escreveu na faculdade varias decisões, e outros tratados de credito, e estimação. Morreu no anno de 1595. (3)

Antonio Gomes, cuja patria se ignora, mas tão conhecido pelo seu talento, que sem aggravo dos outros é reputado por um dos mais graves, e solidos jurisconsultos portuguezes. As suas decisões tem quasi a mesma força que as leis dos imperadores. Commentou as leis chamadas *del Toro* magistralmente.

Bartholomeu Filippe, filho de Lisboa, que causou grandes invejas pela sua litteratura aos maiores professores da jurisprudencia, que no seu tempo concorreram nas Universidades de Salamanca, e Coimbra. Esta lhe fazia um importante partido, para que não sahisse d'ella. Escreveu bastante, e bem. (4)

Belchior Febos, lisbonense, entre os advogados do reino o mais perito, e intelligente na pratica judicial, e leis municipaes d'elle. Imprimiu algumas decisões utilissimas. Morreu no anno de 1632. (5)

Bento Gil, natural de Beja, tambem foi um dos advogados da corte mui affamado, não só pela erudição, e elegancia das suas allegações terminantes, mas pela rectidão, e integridade, com que vivia. Os nossos juristas reinicolas, e ainda os estrangeiros, allegam as suas obras com respeito. Morreu em Maio de 1623. (6)

Bento Pinhel, nasceu em Lisboa, e foi bem estimada a sua sciencia juridica nas Universidades de Pisa, e de Praga, onde regentou a cadeira de Prima, concorrendo ás suas iuterpretações insignes ouvintes. Compoz sobre o mais selecto do Direito Cesareo. (7)

(1) Cujac. in Not. ad Ulpian tit. 6. «Antonius Goveanus, cui ex omnibus, quotquot sunt aut fuere, Justinianaei juris Interpretibus, si quaeramus quis unus excellat, palma deferenda sit.
(2) Thuan. in Histor, ad ann. 1565. Hofman. in Lexic. Univers. tom. 1. p. 250. Feijó. Theatr. critic. tom. 4. p. 374 etc. (3) Salazar, y Castro na Histor. Geneal. da casa de Silva liv. 8. c. 9. (4) Nicol. Anton. Bibliot. Hisp. tôm. 1. p. 156. (5) Idem tom. 2. p. 99.
(6) Nicol. Anton. Bibliot. Hisp. tom. 2. p. 284. Cardos. no Agiol. Lusit. tom. 3. p. 68.
(7) D. Franc. Man. cent, 4. cart. 2. p. 499.

Diogo de Brito de Carvalho, natural da provincia da Beira, muito douto no Direito Pontificio, e mestre do insigne João de Carvalho. Serviu em varios tribunaes da corte ecclesiasticos, e seculares com grande rectidão, e applauso. Morreu no anno de 1635, deixando impressas varias obras juridicas. (1)

Diogo Guerreiro Camacho, transtagano, cultivou a espinhosa faculdade da jurisprudencia com credito das suas estudiosas vigilias, e utilidade da republica, mostrando juntamente até á morte a rectidão de seu animo. Acabou os seus dias em Agosto de 1709, conservando-se ainda entre nós muito fresca a memoria da sua estimavel pessoa, sciencia, e virtude.

Domingos Antunes Portugal, natural de Penamacor, adquiriu no seu tempo as estimações mais respeitosas dos homens de letras contemporaneos, e hoje são chronistas da sua litteratura os seus eruditos tratados *De Donationibus Regiis*. Morreu no anno de 1677.

Duarte Caldeira, insigne filho de Lisboa, grande imitador dos celebres Covarruvias, e Manoel da Costa seus mestres, que muito se gloriaram de o ter por discipulo. Filippe Prudente o estimou, e distinguio com o honrado ministerio de Ouvidor geral dos castelhanos. Deixou escrito em ambos os Direitos utilissimos tratados.

Francisco Caldas Pereira, professor meritissimo do Direito Cesareo, senador regio, e doutissimo nas questões da materia enfiteutica, em que adquiriu especial authoridade.

Gabriel Pereira de Castro, filho do antecedente, foi desembargador, e corregedor da corte, ministro de muita affabilidade, engenho, e sciencia, como se vê no seu livro *De Manu Regia*, e outros mais, de que em outro lugar fallaremos. (2)

Gonçalo Vaz Pinto, luz dos juristas seus contemporaneos, como lhe chama Manoel de Faria em um catalogo manuscrito da sua mesma letra, que temos em nosso poder, e o communicamos ao reverendo abbade Diogo Barbosa para a construção da sua erudita, e sempre louvavel Bibliotheca.

João das Regras, natural de Lisboa, e um dos maiores talentos que conheceu o reino. Foi este preclaro jurista discipulo de Bartolo em Bolonha, e em Portugal o Bartolo proprio; varão de tão grande respeito, e sciencia em ambos os Direitos, que por seu conselho lhe mandou el-rei D. João I, de quem foi valido, ajuntar em um volume no idioma portuguez as Leis do Codigo de Justiniano mais praticaveis neste reino com algumas declarações de Acursio, e Bartolo, e que se dessem a ellas plena authoridade. As suas letras o elevaram tambem a ser o tronco da illustre casa de Monsanto, e Cascaes. Faleceu a 3 de Maio de 1404. (3)

(1) Nicol. Ant. bibl. Hisp. tom. I. p. 208. Nouvel. Bibl. Histor. tom. 2. p. 51. (2) Barbos. de Potest. Episc. part. I. tit. 3. c. 8. n. 4. Mend. á Castr. in Prax. Lusit. liv. I. c. 2. n. 8. (3) Sous. Chron de S. Dom. part. 2. liv. 2. c. 17. Soar. da Silv. Memor. d'el-rei D. João I. liv. 2. c. 114. §. 676.

Manoel Alvares Pegas, natural de Estremoz, foi um dos mais intelligentes advogados da corte, e de tão vasta erudição, que não só defendeu com felicidade as maiores causas forenses, mas expoz uma grande parte das ordenações do reino com muita clareza em beneficio da pratica judicial. Floreceu com geral estimação de todos, e morreu a 12 de Novembro de 1696. (1)

Manoel Barbosa, pai do celebrado Agostinho Barbosa, e grande lustre da villa de Guimarães, onde nasceu, foi um dos talentos mais solidos, que conheceu a jerarquia dos Jurisconsultos. Acompanhava estas massiças letras um engenho de penetrante conhecimento das outras boas prendas, que constituem um homem grande, e estimavel. Morreu de noventa e tres annos no de 1639. (2)

Manoel da Costa, a quem o author da Bibliotheca hispanica intitula o segundo Papiniano, foi raro portento na Jurisprudencia, de subtil, e profundo juizo, vasta erudição, exquisita memoria, honra em fim de Portugal, e de Lisboa com inveja das outras nações. Faleceu em Salamanca no anno de 1563. (3)

Manoel Mendes de Castro, não teve outro letrado em seu tempo que o igualasse. A sua singular comprehensão, e memoria excedia a tudo. Não contando mais que dezasete annos de idade, substituio em Salamanca a Cadeira de Prima, em que era mestre Diogo Henriques. No anno de 1587, se incorporou na Universidade de Coimbra, onde foi conductario. Chamavão-lhe o segundo Nerva filho de Ulpiano. (4)

Manoel Themudo da Fonseca, natural da Certã, Vigario geral do arcebispado de Lisboa, bem conhecido pelas suas decisões Ecclesiasticas, que tanto serviram para allumiar a cegueira dos intrincados casos, que apparecem continuamente pelos tribunaes. Graves varões as allegão por grande authoridade. Faleceu pelos annos de 1652.

Miguel Cabedo de Vasconcellos, natural de Setubal, celebre Jurisconsulto, e mui sinalado no conhecimento das bellas letras, as quaes parece que andam em herança nos varões d'este honrado appellido. Faleceu em Lisboa no anno de 1577. (5)

Pedro Barbosa, natural de Viana do Minho, foi insigne jurista, e por tal conhecido em todo o mundo, que como a oraculo de ambas as Jurisprudencias veneravam. Foi um dos primeiros letrados, que el-rei Filippe II, escolheu para o conselho de Estado de Portugal em Madrid. Compoz muitas obras em Direito, e faleceu em Lisboa a 15 de Julho de 1606.

Ruy Lopes da Veiga, Lente de Prima jubilado na faculdade de Leis em Coimbra, e reconduzido n'ella trinta e sete annos. Os Lentes d'aquel-

(1) Ann. Historic. tom. 3. Barbos. na. Bibliot. tom. 3. (2) Maced. Flores de hesp. c. 1. excel. 1. Gabr. Per. decis. 27. n. 4 (3) Nicol. Ant. Bibl. Hisp. in Praef. Ann. histor. tom. 3. p. 553. (4) Idem Emman. in Leg. «Cúm opoitet,» in Praefat. (5) Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 2. p: 24.

la Universidade, quando allegam as suas postillas, lhe dão o titulo de Grande, e *omni œvo memorandus.* (1)

§ V

Filosofia

Padre Agostinho Lourenço, Jesuita, natural da Provincia do Alemtejo, floreceo pelos annos de 1600, com fama de excellente filosofo, em cuja faculdade compoz, e imprimio em Inglaterra tres tomos bem aceitos dos professores.

Alvaro Thomaz, Lisbonense, aprendeu em Pariz filosofia com o grande Pedro Aliaco, o qual sendo o maior mestre de Sorbona, dizia, que entre todos os filosofos de fama só Alvaro Thomaz merecia a superioridade. Imprimio no anno de 1510, um doutissimo livro *De triplici motu*, que Dionysio Faber, e Jorge Bruneau elogiaram grandemente. (2)

P. Antonio Cordeiro, Jesuita, natural da Ilha Terceira, conseguio em nossos dias a fama de singular filosofo peripatetico, em cuja sciencia eram tão veneradas as suas opiniões, que os mestres o allegavam, ainda elle presente, para se authorizarem, e defenderem. Faleceo em Fevereiro de 1722.

P. Balthazar Telles, natural de Lisboa, e varão illustre da companhia de Jesus, engenhoso, e erudito filosofo, cuja summa, que publicou, é universalmente lida, estudada, defendida, e prezada em summo gráo na America, e com preferencia aos mais livros da filosofia. (3)

Curso Conimbricense, em que mostraram os primeiros mestres do collegio da companhia de Coimbra os progressos, que tinham feito nesta faculdade. Obteve os applausos, que varões sabios, e estrangeiros lhe fizeram, affirmando o padre Antonio Possevino, que nem em estylo, nem em juizo, nem em clareza tinha visto cousa, que em semelhante assumpto lhe pudesse igualar. (4)

P. Francisco Soares, Lusitano, jesuita, vivo retrato, e imitador do Granatense, tanto em nome, como nas letras.

P. Gregorio Barreto, da sagrada relegião da companhia de Jesus, mereceo em nossos dias geral estimação com a sua logica, em que foi peritissimo.

P. João Bautista, natural de Setubal, e da congregação do oratorio de Lisboa. Foi o primeiro que nesta corte dictou a filosofia moderna, conciliando a doutrina de Aristoteles com os systemas de Newton, e de

(1) Maced. Flores de Hespanha. (2) Faber in Epigr. e outros apud Barbos. in Bibliot. tom. 1. (3) D. Franc. Man. cent. 3. cart. 1. (4) «Collegium Societatis nostrae Conimbricense in Lusitania Philosophiae curriculum novissimè edidit, quo nescio, an quidquam vel acriori judicio, vel aptiori dicendi, vel sinceriori philosophandi genere unquam ad nos manarit.» Possevin. in Biblio. Select. liv. 1. c. 5. Madeir. in Nov. Philosoph. part. 1. disp. 1. sect. 3. n. 6. Soar. Lusit. in Praef. curs.

outros celebres filosofos experimentaes, fazendo imprimir o seu novo methodo em dous tomos de folha muito estimados dos eruditos. Faleceu em o anno de 1761.

P. Pedro da Fonseca, da companhia de Jesus, a quem se pudera chamar pai de toda a filosofia Portugueza, pois foi o primeiro, que a leo em Coimbra. Venera-o muito o author da historia filosofica. (1)

P. Sebastião do Couto foi muito douto nesta sciencia, e é sua a logica incorporada no Curso Conimbricense. (2)

§ VI

Grammatica, Rhetorica, e Bellas letras

Aquilles Estaço, natural da Vidigueira, foi Portuguez de raro engenho, subtileza, e erudição. Por estes, e outros predicados adquirio em Roma as attenções não vulgares de tres Summos Pontifices, Pio IV, Gregorio XIII, e S. Pio V, diante dos quaes orou muitas vezes elegantissimamente. Soube as linguas Latina, Grega, e Hebraica na ultima perfeição: communicou com os maiores sabios do seu tempo, Paulo Manucio, Mureto, e Rebortelo, que todos o veneravam como a mestre; e, segundo escreve Ghilino, brilhava elle entre os mais, como o sol entre as estrellas. Cultivou a poesia com fertil felicidade: foi secretario do Concilio Tridentino, e das Cartas-Latinas Pontificias. Quando faleceu, que foi em Roma aos 17 de Setembro de 1581, disse d'elle o discreto cardeal Farnese, que morrera o homem mais insigne em letras, que sahira de Portugal. Um grosso volumo se pudera fazer só dos elogios, que d'este famoso sabio publicaram os authores nossos, e estrangeiros. (3)

Ayres Barbosa, natural de Aveiro, discipulo de Angelo Policiano em Florença, e mestre de André de Resende em Salamanca, foi o restaurador das letras humanas em toda Hespanha, que n'aquelle tempo jaziam nas trevas da corrupção. Antonio de Nebrissa seu contemporaneo fazia d'elle tal conceito, que recommendou no seu testamento se lhe entregassem as suas obras, para que as emendasse. Bastava-lhe para credito do seu talento ter sido procurado com empenho pela judiciosa eleição d'el-rei D. João III, para ensinar a seus irmãos D. Affonso, e D. Henrique, ambos depois cardeaes, e estudiosos, cujo honorifico emprego exerceo só por sete annos, porque no de 1530, expirou, e jaz na villa da Esgueira. (4)

(1) Capass. Histor. Philosoph. Vide Ann. Histor. tom. 3. p. 123. e 297. (2) P. Bent. Per. in Republic. litterar. lib. 1. n. 114. (3) Cardos. no Agiol. Lusit. tom. 3. a 3 de Mayo. Gasp. Estaç. na famil. dos Estaç. p. 46. Fonsec. Evor glorios. num. 716. Ann. Histor. tom. 3. p. 104. Possevin. Apparat. Sacr. tom. 1. Baron. Annal. ad. ann. Christ. 599. n. 9. Thuan. Histor. ad. an. 1566. Padilh. Histor. Eccl. cent. 4. c. 52. e Barbos. na Bibliot. tom. 1. p. 4. (4) Lilio Girald. de Potiorib. sui saecul. Poet. Baillet. Jugem. des Sçavans tom. 4. p. 331. Lour. Crass. Histor. di Poet. Greg. p. 63. Ann. Histor. tom. 2. p. 328.

Amaro de Reboredo, um dos excellentes Grammaticos Latinos, que vio o seculo passado. Nasceu em Algozo, villa de Tras os Montes; e, como era tão versado nos estudos da Latinidade, muitos cavalheiros o escolheram para mestre de seus filhos, aos quaes soube instruir fundamentalmente. Imprimio alguns livros d'esta arte com bom methodo. (1)

André de Resende, Eborense, de tão elevado talento, que ainda hoje causa invejas aos sabios das outras nações. Teve por mestres das linguas Hebraica, Grega, e Latina aos professores mais insignes, que houve na Hespanha, Nicoláo Clenardo, Antonio de Nebrissa, e Ayres Barbosa, e com as suas instrucções sahiu tão bom discipulo, que depois teve a gloria de ensinar tambem a Aquilles Estaço, e a outros muitos famosos, e illustres ouvintes. Cultivou a Oratoria, a Historia, e Critica, e a Poetica com elegancia, juizo, prudencia, e discripção; até na arte da musica era perito. As prendas deste grande homem nem ignoram, nem negam os estrangeiros. (2)

P. Antonio Franco, Jesuita Transtagano, professor memoravel da arte Grammatical, em que compoz com laborioso desvelo o Promptuario da Syntaxe para uso dos estudantes, de cujo methodo se tem aproveitado muitos mestres de Hespanha. Faleceu em 3 de Maio de 1732.

D. Antonio Pinheiro, natural de Porto de Mós, cuja rara erudição, e sublime eloquencia o fez subir ao elevado gráo de bispo de Miranda, e Leiria. Foi mestre dos moços fidalgos no reinado d'el-rei D. João III, e deste seu prégador, Chronista, e Reformador da Universidade de Coimbra. Chamavam-lhe o Cicero Portuguez. Compoz Commentarios a Quintiliano, que imprimio, fez varios preceitos da Rhetorica, e d'elle se lembram para o elogiarem muitos Escritores. (3)

Antonio Rodrigues da Costa, natural de Setubal, e Conselheiro do Ultramar, em nossos dias conseguio até dos estrangeiros uma geral acclamação de sabio na lingua Latina, a qual fallava, e escrevia facilmente com toda a energia, e natural propriedade. Foi bem estimado por isso, e por outras muitas virtudes. Morreu em Lisboa no anno de 1732.

P. Antonio Velez teve o seu nascimento na cidade de Portalegre, e adquirio com estudos continuos a fama de grande Humanista, Orador, e poeta. Illustrou a arte grammatical do padre Manuel Alvares, accrescentando-lhe os versos, em que meteo as regras da Grammatica primorosamente; pois, como bem diz o padre Franco, (4) em materia tão seca, e esteril, apenas se póde esperar poesia mais subida. Engrandecem, e louvam muito aos seus commentarios os professores desta arte.

P. Bento Pereira, bem conhecido, e applaudido por insigne observante, e professor de Humanidades. A sua Pallas Togata, e outras obras eruditas o recommendam memoravel.

(1) Nicol. Anton. Bibl. Hisp. tom. 2. p. 95. (2) Possevin. Apparat. Sacr. tom. 1. p. 76. (3) Telles. Chronic. Soc. Jesu, p. 2. liv. 6. c. 18. n. 12. Ann. Histor. tom. 3. p. 315. e outros apud. Barbos. Bibl. Lusit. (4) Franco na Contramina grammatical in princ.

Diogo Mendes de Vasconcellos, illustre filho de Alter do chão, e grandemente instruido nas bellas letras pelos melhores homens, que havia na Europa, com os quaes teve estreita amizade. Compoz nas linguas Latina, e vulgar com elegancia, e pureza; illustrou o livro quarto de Resende, e accrescentou o quinto. Teve a primazia de Chronista do reino na lingua Latina, foi muito estimado dos Principes, e elogiado dos sabios. (1)

Diogo de Teive, Bracarense, e grande competidor na eloquencia com os celebres Bucanano, e Moreto seus contemporaneos. Foi dos primeiros mestres de Humanidades, que regentaram as Cadeiras da Universidade de Coimbra, convidado por el-rei D. João III, escreveo na lingua Latina algumas obras elegantemente. (2)

Duarte Nunes de Leão, natural de Evora, além de outras faculdades, a que se applicou felizmente, escreveo da Ortografia Portugueza, que para o tempo, em que floreceu, foi plausivel. Morreu no anno de 1608.

Estevão Cavalleiro, Presbytero, e o primeiro, que escreveu arte de Grammatica, e a fez imprimir em Lisboa no anno de 1516. Foi mestre do insigne André de Resende, o qual na oração de Sapientia lhe dá o epitheto de excellentissimo Grammatico.

Fernando Soares, que na sua Grammatica Latina feita para uso do Excellentissimo Duque de Bragança mostrou a vasta noticia, e clareza nos preceitos desta arte. Floreceo pelos annos de 1570.

Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo, filho da cidade de Coimbra, primeiramente religioso Jesuita, e depois capucho observante, foi dotado de um talento incomparavel, e transcendente para todo o genero de litteratura, que excedeu os maiores elogios. Em outro lugar faremos mais extensa memoria deste grande homem.

Jeronymo Cardoso, natural de Lamego, e professor publico de letras humanas em Lisboa, tão insigne, que no seu tempo não houve segundo, que o igualasse. Teve a felicidade de serem seus discipulos muitas pessoas famosissimas, e da primeira Nobreza, Compoz um Vocabulario Lusitano-Latino, que muitos julgam melhór que o de Nobrissa. Manuel de Faria no Catalogo dos Escritores Portuguezes manuscrito lembra-se de dous Jeronymos Cardosos, um natural de Villa-Real, a quem faz author do Vocabulario, e a quem diz que na contextura d'elle o ajudava uma sua filha, depois que elle cegara; porém no de Lamego diz, que só accrescentara alguma cousa ao tal Vocabulario. Qualquer dos dous é digno de memoria.

D. Jeronymo Osorio, bispo do Algarve, a quem Mariz chama Principe dos Oradores, (3) foi certamente grande imitador de Cicero, e mui versado em toda a erudição. A sua fama se acredita com as suas obras bem conhecidas, e estimadas em todo o mundo.

(1) Monarq. Lusit. liv. 1. c. 28. e liv. 2. c. 9. e 12. Nicol. Ant. Bibl. Hisp. tom. 1. p. 230. (2) Barbos. in Bibliot. Lusit. tom. 1. p. 702. (3) Mariz, Dialog. cap. 13.

João de Barros, de quem em outra classe nos tornaremos a lembrar, resuscitou a memoria de Tullio, e o foi em Portugal. Deu preceitos para a lingua Portugueza, cuja Grammatica hoje vista de bem poucos, anda junta aos mais opusculos do author, que conservamos em nosso poder em um tomo de quarto summamente exquisito, e raro.

P. João de Moraes Madureira Feijó desempenhou o honrado emprego de mestre do Excellentissimo Duque de Lafões, e imprimio uma explicação da Grammatica Latina, que os doutos estimam.

Lourenço Botelho Sotto-Maior, Cavalheiro Lisbonense, e erudito academico. Devo por veneração, e respeito da sua memoria fazel-a aqui d'elle, de quem fiz sempre igual apreço, como amigo, e como discipulo, pois conservo a gloria de lhe ouvir os primeiros elementos da rhetorica, os quaes soube unir magistralmente com os da filosofia, em que tambem foi perito. Publicou sem nome o Systema Rhetorico, livro em semelhante genero mui solido, engenhoso, e de estimação. Tinha prompto para dar ao publico o Orador extemporaneo. Faleceu no anno de 1738.

P. Manuel Alvares, natural da Ilha da Madeira, e religioso da companhia de Jesus, um dos heroes sabios, que acreditaram a nação Portugueza, e dos primeiros mestres de humanidades, que houve no collegio de Santo Antão d'esta corte. Foi eminente nas linguas Latina, Grega, e Hebraica, e compoz a excellente arte de Grammatica Latina approvada com grandes louvores por homens doutos, e de rigorosa critica, sem embargo que o Scioppio, Vossio, e outros, especialmente os reverendos padres do oratorio, authores de novo Methodo da Grammatica Latina lhe tem descuberto mais de cento e vinte erros enormes, e censurado a incoherencia, e superfluidade de algumas regras. Faleceu no collegio de Evora aos 30 de Dezembro de 1583. (1)

Manuel Coelho de Sousa, Sargento mór dos Privilegiados da corte, foi homem, que em nossos dias penetrou com perspicacia os segredos mais reconditos da Grammatica Latina, e deu aos principiantes uma facil explicação das oito partes da oração com incansavel trabalho, excogitando sobre as regras do padre Manuel Alvares reflexões, e crises subtilissimas em estylo claro, breve, e genuino.

D. Maximo de Sousa, conego regular de Santo Agostinho, famoso Grammatico. A sua arte de Grammatica Latina foi impressa por ordem d'el-rei D. João III, para uso das escolas de Santa Cruz de Coimbra, e pela qual aprenderam os Senhores D. Fulgencio, e D. Theotonio, filhos dos Duques de Bragança. O Chronista dos conegos regrantes D. Nicoláu de Santa Maria diz, que a arte de D. Maximo fora a primeira, que em Portugal sahio á luz publica, mas o erudito abbade Barbosa na Bibliotheca tom. 3. pag. 456., diz, que miseravelmente se enganara D. Nico-

(1) Nicol. Ant. in Bibl. Hisp. tom. 1. p. 262. e o P. Anton. Franco na Contramin. grammatic. Far. in cant. 9. est. 65. de Cam.

láu, porque antes se havia impresso a arte de João Pastrana anterior trinta e quatro annos á de D. Maximo, e promettendo fazer menção do dito João Pastrana, totalmente lhe esqueceu, nem se acha no tom. 4. do additamento.

§ VII

Oratoria Sacra, e profana

Padre Antonio Vieira, jesuita famosissimo, e veneravel lisbonense, foi dotado de um engenho agudo, e fecundo, o qual unido a uma solida, e vasta erudição das escrituras, que em continuos estudos adquiriu na patria, e fóra d'ella, mereceu o applauso commum, que á sua pessoa, e aos seus escritos se dá, não só em Portugal, mas no mundo todo. (1) Elle foi o sagrado Cicero, e o pai da eloquencia portugueza, cujo idioma soube fallar com verdadeira energia, e natural propriedade. Blasfemou certo critico moderno, quando disse, (2) que nos sermões de Vieira não se acha artificio algum rhetorico, nem eloquencia, que persuada, porque isto facilmente se convence de falso com a mesma experiencia; (3) e em credito da sua valente facundia, efficaz persuasão, e methodo proporcionado para o ministerio do pulpito o tomam por exemplar as outras nações. (4) Assombro chamou o reverendo Feijó (5) a cada sermão do padre Vieira: e se este anonymo, imitador de Sciopio, mal contente lera as discretas reflexões, que n'este particular escreveu o padre D. Rafael Bluteau no Anteloquio da terceira parte dos seus sermões, talvez que fôra menos acre n'esta parte, e mais prudente o seu juizo censorio.

D. Fr. Balthazar Limpo natural da villa de Moura, honra da religião Carmelitana, e grande lustre de Braga, onde foi arcebispo oito an-

(1) Franc. Xav. de Oliv. nas Memoir. Historiq. concernant le Portug. etc. tom. I. pag. 339. (2) Luiz Anton. Verney no Verdadeir. methodo de estudar tom. I. cart. 6. pag. 206. impress. em Valença no anno de 1746. (3) Se este mesmo erudito, ainda que severo critico, assenta comsigo a p. 160. que a eloquencia sublime consiste no bom uso das figuras Rhetoricas, quem melhor do que Vieira soube usar d'ellas? Nós já o mostrámos no «Espelho da Eloquencia Portugueza.» (4) D. Gregor. Mayans, Bibliothecario del Rei Catholico Filippe V no «Orador Christiano» impresso em Valença no ann. de 1733. a pag. XXIII da Dedicator. diz; «Me he valido del Orador más illustre, que en este siglo passado ha tenido Espana, el P. Antonio Vieira, varon de admirable ingenio, y singular eloquencia. Y como este Padre es el Principe de la Predicacion Espanola, y mi intento es que se mejore esta, acercando-se más (segun lo pide tambien el mismo genio de la Nacion, grave, y vehemente) al natural modo de orar de los Demosthenes Griegos, y Cicerones Romanos, o por mejor decir, al methodo de orar de los más eloquentes Padres de la Iglesia Griega, y Latina, he alegado varios testimonios de dicho Padre, de cuya ingenua, y generosa confession consta, que el methodo, que yo propongo, de orar, es el mejor, supuesto que es el mismo, que el P. Antonio Vieira propuso. como desengañado, segun el mismo lo confessó, etc.» Tambem o douto Padre Fr. João de Ayala no seu Pictor Christianus lib. 4. c. 5. n. 3. fallando de Vieira, diz; «Is enim est Pater Antonius Vieira, Concionator Serenissimi Regis Portugalliae, imó (ut aliás taceam doctrinae laudes) sui, et nostri saeculi Concionatorum omnium, ut mea fert opinio, facile princeps». (5) Feijó. Theatr. Critic. tom. 4. disc. 14. n. 37.

nos. Foi elle o orador Evangelico mais afamado no seu tempo: e succedia, quando prégava na igreja do Carmo em Lisboa, concorrer o povo para o ouvir desde a meia noite em ordem a tomar lugar: e tal era o concurso da gente, que não cabia, havendo sempre mil brigas sobre os assentos. Veja-se a Barbosa na Bibliotheca, e a Cardoso no Agiologio tom. 2. pag. 375.

D. Fr. Christovão de Almeida, bispo de Martyria, e natural da Golegã, cultivou o exercicio predicativo insignemente, e no seculo passado teve a gloria de ser um dos mais eloquentes oradores, que subiram ao pulpito com applauso universal. Ainda reluzem nos seus sermões impressos a elegancia, e erudição. Morreu no anno de 1679.

P. Diogo de Arêda, natural de Arrayolos, e jesuita, conseguiu tambem no seu tempo fama de grande orador evangelico. Existem d'elle alguns sermões muito bons.

Diogo de Paiva de Andrade, illustre clerigo secular, de quem já fizemos menção entre os insignes theologos, foi tambem um famoso orador Evangelico, e de grande authoridade; e posto que nos seus sermões impressos se encontre um estylo apostillado, e conciso, destituido da frugalidade dos conceitos modernos, era todavia o que então melhor se usava, sem faltar ao essencial da persuasão.

Fr. Filippe Dias, natural de Bragança, e religioso franciscano, teve especial talento para o pulpito, no qual conseguiu admiravelmente os effeitos de orador apostolico. Foi douto, pio, e virtuoso. Na universidade de Salamanca adquiriu tal respeito, que por algumas vezes lhe encarregou o bispo D. Manrique de Lara a reformação nos costumes dos Academicos, que só ás suas vozes tremiam como de trovão. A esta efficacia allude um Epigramma, que anda no principio do tom. 2. dos seus sermões, que diz:

Læta Brigantinos, Salmantica, suscipe fructus,
Quos hæc terra suo lacte rigata tulit.

Faleceu em Salamanca aos 9 dias de Abril de 1600.

Fazem d'elle menção honorifica os authores seguintes: (1)

Fr. Thimotheo de Ceabra, da veneravel Ordem Carmelitana, e natural de Lisboa, foi um dos mais celebres oradores do seu tempo, sempre attendido com applauso, não só em Portugal, e Castella, mas na Italia, e Alemanha, onde foi prégador do imperador. Existem d'elle muitos sermões, e panegyricos cheios de eloquente facundia. Morreu a 17 de Fevereiro de 1651. (2)

(1) Wading. Annal. Seraphic. ad ann. 1600 Cardos. no Agiol. Lusit. tom. 2. p. 494. Gil Gonçalv. Histor. Salmant. liv. 3. c. 3. (2) Fr. Jorge Cotrim nas Flores produzid. nel Carmel. Lusit. c. 42.

§ VIII

Poesia Epica, e Lyrica

Antonio Barbosa Bacelar, natural de Lisboa, cultivou alem de outras faculdades a poesia lyrica felizmente. Os seus sonetos tem harmonia, e elegancia suavissima, elevação nas expressões, e muita naturalidade nos conceitos, por isso é summamente estimavel.

Antonio da Fonseca Soares, mais conhecido hoje por fr. Antonio das Chagas, varão veneravel na virtude, no espirito, e numen poetico. Foi mui feliz nos romances: descobrem-se n'elles boa fraze, muita energia, subtis pensamentos, e natural expressão dos affectos. O seu poema tragico da *Filis* e *Demofoante*, escrito no idioma Castelhano, ainda que incompleto, é eloquente, e elevado, e muito merecedor de se fazer publico pela impressão, (1) sem embargo da rigorosa analyse, que lhe faz o author do verdadeiro methodo de estudar. (2)

Antonio Ferreira, filho de Lisboa, sendo professor da Jurisprudencia, teve inclinação, e furor natural para a poesia, na qual floreceu com grande fama desde o anno de 1536 até o de 1569, em que morreu. Nos seus *Poemas Lusitanos* logrou entre nós a primazia da sublime fraze; e se tivera tanto espirito, como teve de estudo, excedera aos poetas antigos, a quem muito imitou. (3)

Antonio Figueira Durão, lisbonense, participou tambem de um genio, e habilidade nativa para o metro, pois de quinze annos compoz o poema *Ignatiados* com tanta felicidade, e harmonia, que alguns o igualam a Claudiano. (4)

Antonio Gomes de Oliveira, de Torres novas, tudo o que escreveu em verso é merecedor da classe poetica, e foi o primeiro poeta, que trouxe a Portugal a cultura dos versos aureos. O mesmo Gongora assás presumido, e seu contemporaneo, lhe guardou summo respeito aos *Idyllios maritimos*. (5)

Antonio Henriques Gomes foi sugeito de vivo entendimento, e perspicacia. O espirito, e enthusiasmo poetico, de que a natureza o dotou, lhe suppriu os estudos, que não teve; e sem embargo de se observar nas suas obras grande força de invenção, cadencia, e viveza nas expressões, ha quem o condemne de fantastico no seu *Siglo Pythagorico*. (6)

(1) Franc. Xav. de Oliveir. nas Memoir. Histor. tom. 1. pag. 350. (2) Este Censor critica o tal Poema com severidade, e paixão. Descobre-lhe alguns defeitos, que devem ser desculpaveis, attendendo ao fervoroso impeto do genio, e da nação Portugueza; até o condemna de imitar muito a Virgilio. E' verdade que em alguns dos reparos tem razão o juizo deste critico; mas não podemos deixar de lhe estranhar o excesso de algumas proposições, querendo regular as materias Poeticas por uma idéa demasiadamente filosofica. (3) Far. na Introd. ás Eclog. de Cam. n. 4. D. Franc. Man. no Hosp. das letr. p. 343. (4) Man. de Galheg. no juizo que fez deste Poeta, e vem no tom. 5. Corp. Poetar. Lusitan. pag. 381. (5) D. Franc. Man. Hosp. das letr. p. 385. Far. na Introd. às Oitav. de Cam. tom. 4. part. 2. p. 83 (6) D Franc. Man. nos Dialog. já allegad.

P. Antonio dos Reis, da congregação do Oratorio de Lisboa, e natural de Pernes, termo de Santarem, foi engenho, que em nossos dias, cultivou sublimemente a divina arte da poesia. Resuscitou a agudeza de Marcial nos seus Epigrammas, e imitou nobremente os conceitos de Owen, os equivocos, e as paranomasias de Hoffman. Deve-lhe muito o reino pelo trabalho, e desvelo, que teve em fazer uma collecção dos poetas portuguezes, que escreveram em latim, de que já se imprimiram sete tomos, em cuja utilissima obra vai continuando o estudioso padre Manoel Monteiro da mesma Congregação.

Antonio de Sousa de Macedo, natural do Porto, e conhecido no mundo pela sua erudição, e talento. No Parnaso portuguez teve um lugar mui distincto, o que mereceu pelo seu poema heroico, intulado *Ulyssipo*, regular, e conforme aos preceitos da arte. Imita n'elle felizmente a Marino em muitos lances do seu Adonis.

P. Bartholomeu Pereira. Jesuita, e natural de Monção, seguiu engenhosamente os passos de Virgilio na elevada, e sonora composição do seu Paciecidos.

Bartholomeu Varella teve especial dom para o estylo jocoso, em que fez algumas obras, que não viram a luz publica, mas correm pelas mãos dos curiosos com estimação: entre as mais é mui celebre a conversão do primeiro canto de Camões ao burlesco pelos mesmos consoantes, e numero de oitavas com muita felicidade. (1)

D. Bernarda Ferreira de Lacerda, a quem o insigne Lope da Vega intitulou *Decima Musa*, e os mais celebres poetas do seu tempo veneraram muito, foi matrona muito nobre do Porto, filha do Desembargador Ignacio Ferreira Leitão, e ornada de grandes prendas, pois resplandeceu n'ella famosamente o talento não só para a latinidade, rhetorica, filosofias, e mathematicas, mas com especialidade para a poetica. Os seus poemas da *Espana libertada* illustraram muito a fraze castelhana; e ainda que D. Ignacio de Luzan na arte poetica (2) os exclue da razão do poema Epico, e os põe junto da *Pharsalia* de Lucano. Morreu no anno de 1644.

Bernardim Ribeiro, moço fidalgo no tempo d'el-rei D. Manoel, e natural do Torrão, de genio naturalmente propenso para a poesia vulgar, em que floreceu com tanta excellencia, que o grande Camões lhe chamava o seu Ennio. Compoz um livro, a que intitulou *Saudades*, cheio de singulares imagens, admiraveis pensamentos, e affectos. Manoel de Faria tem para si, que foi o primeiro author, que escreveu Eclogas em Hespanha. (3)

(1) Deste Author não se lembra a Bibliotheca Lusitana; porèm o P. Franc. da Cruz o allega nos seus Apparatos, confessando que não fora este Author só o que transformara o canto de Camões, mas concorreram tambem outros Poetas, Manoel Luiz Freire, Manoel do Valle, e Luiz Mendes de Vasconcellos. (2) D. Ignacio de Luzan nas Reglas de la Poesia liv. 4. reg. 1. (3) Far. na Font. de Aganip. part. 1. no Disc. dos Sonet. Idem part. 3. disc. das Sextin. n. 2. Idem. part 3. cent. 2. madrig. 33. Idem na Introd. ás Eclog. de Cam. n. 4.

Fr. Bernardo de Brito, mais conhecido por historiador, que por poeta; porém sem duvida foi um dos canoros, Cisnes, que se ouviram pelas margens do Coa. D'elle é a *Sylvia de Lizardo*, livrinho assim intitulado, que consta de Sonetos, e Eclogas, na opinião de Manoel de Faria melhores que as de Diogo Bernardes. (1)

Braz Garcia Mascarenhas, da provincia da Beira, valente soldado, e valente poeta. Compoz o poema de *Viriato tragico*, e outras poesias de engenho, porque se fez famoso. Morreu no anno de 1656.

Cadaval Gravio, natural de Braga, foi illustre poeta latino. O bispo do Porto D. Rodrigo Pinheiro o estimava muito, e o obrigou a fazer um tomo consideravel de varios poemas, que se imprimiu, no qual descreve gentilmente a quinta de Santa Cruz, que aquelle bispo fabricara para recreio dos prelados. Consta de uma belissima descripção do sitio, e do palacio em verso heroico, e a cada quarto d'elle, a cada ermida, a cada fonte, a cada estatua, e a cada bosque ha seu epigramma elegantissimo. Camões vendo estas poesias, pareceram-lhe tão boas, que teve inveja d'ellas: assim o dá a entender no soneto 90. da *Centur.* 2. conforme a interpretação do seu commentador. (2)

Christovão Falcão foi muito celebre nas suas poesias, ás quaes intitulou *Crysfal*, fabricando este nome do seu proprio nome, e appellido, tomando d'este o *fal*, e d'aquelle o *Cris*. Consta de coplas bem feitas. (3)

Diogo Bernardes, homem de limpo nascimento, e natural de Ponte de Lima. Nas poesias, que publicou, mostrou suavidade, brandura, e estylo mui adequado ao seu assumpto pastoril, e rustico, especialmente nas Eclogas, que vem no livro intitulado *Lima*, em que mereceu a coroa de Appollo, que o constituiu principe da poesia pastoril. (4) Verdade seja, que Manoel de Faria suspeita serem alguns versos de Bernardes usurpados a Camões. (5) Morreu em Lisboa no anno de 1596, e jaz enterrado junto do mesmo Camões no mosteiro de Santa Anna. (6)

Diogo de Paiva de Andrade, sobrinho do que já referimos na classe dos theologos, nasceu em Lisboa, e foi filho do chronista mór do reino Francisco de Andrade. Teve natural cadencia para a poesia latina, em que compoz o poema *Chauleidos*, que consta das guerras, que os portuguezes tiveram em Chaul, imitando n'elle a valentia dos versos de Estacio. Fez outras poesias lyricas, que andam no tom. 3. da collecção dos poetas portuguezes. (7)

Diogo de Sousa, author da celebre *Jornada do Parnazo*, que anda

(1) Idem ibid. n. 6. (2) Deste Author se lembra Manoel de Faria, commentando o tal Soneto, e Jorge Cardoso no Catalogo dos Escritores. A Bibliotheca Lusitana do Reverendo Abbade Barbosa não falla nelle em lugar proprio, só no tom. 1. pag. 702. col. 2. o allega nos elogios de Diogo de Teive. (3) Far. Comment. das Rim. de Cam. Eclog. 4. est 7. (4) Assim o cantou Lope da Vega no Laurel de Apollo, em que celebra varios Poetas dignos delle. (5) Faria no Prolog. da 4. part. da Fonte de Aganip. n. 4. e no Juizo ás Rim. de Cam. n. 20. (6) Barbos. na Bibliot. Lusit. tom. 1. p. 637. (7) D. Franc. Man. nos Dialog. p. 396. o condemna de muito melancolico.

no tom. 5. da Fenix renascida em nome supposto de Diogo Camacho, poeta Bordalengo, foi natural do termo de Coimbra, e bem mostrou o genio festival, com que a natureza o dotou, inclinando-o á poezia alegre, pois n'aquelle genero é a tal obra mui galante, e de juizo. (1)

Diogo de Teive, Bracarense, de quem já nos lembrámos, foi um dos primeiros mestres de humanidades, que lançaram os alicerces á Universidade de Coimbra. Reluziu n'elle um engenho capacissimo para todo o genero de letras, e na poesia competiu com os melhores professores da arte (2)

Estevão Rodrigues de Castro, medico de profissão, natural de Lisboa. As suas rimas no juizo critico de Manoel de Faria não devem nada ás melhores; d'onde se vê, que com igual talento, e engenho foi admiravel professor de ambas as faculdades. (3)

Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo. O genio poetico foi n'elle naturalissimo. Compoz muito, e bem sem comparação. D'elle fallaremos ainda outra vez mais extensamente.

Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos, natural da Torre de Moncorvo, e das primeiras familias de Traz os Montes, teve furor, e enthusiasmo poetico de grande elevação, e especie maravilhosa. O seu poema Epico intitulado *Alfonso*, feliz imitação de Lucano, ennobreceu a lingua Castelhana, acreditou o Parnaso, a nação, e o author, pois por elle mereceu, que a augusta magestade d'el-rei D. João V lhe fizesse a mercê do habito de Christo com uma decente pensão na Commenda de S. Pedro de Folgozinho, valendo-lhe mais esta benignidade do soberano, (em que se viu não ser a poesia desvalida) do que se o mesmo Appollo coroasse o author de louro. Alguns legisladores da poetica lhe fizeram varios reparos sobre a contextura, machina, e artificio do poema, (4) a que elle talvez respondeu no prologo da ultima impressão de 1741. Morreu em fim em Salamanca no anno de 1747.

Francisco de França da Costa foi um dos polidos, e engenhosos poetas lyricos do seu tempo, e ainda hoje conserva muito boa fama, escrevendo tão pouco. Floreceu no anno de 1600.

D. Francisco Manoel de Mello, natural de Lisboa, illustre por sangue, e letras, desde bem pouca idade mostrou a grande, e particular inclinação, que sempre conservou ás Musas. Militando em varias partes da Europa com brio, e valor, nunca se esqueceu do seu commercio; e assim quando se achou mais desembaraçado, instituiu a celebre Academia dos singulares de Lisboa, que se fazia em sua casa

(1) D Franc. Man. nos Dialog. p. 390. (2) Ant. Ferr. Eclog. 5. Cardos. no Agiol. Lusit. tom. 3. p. 235. O livrinho intitulado «Portugallia» pag. 366. «Jacob Tevius Bracharensis . . . edidit poemata partim Latina, partim Lusitanica pererudite». (3) Far. Comm. das Rim. de Cam. tom. 3. p. I. (4) D. Ignacio de Luzan na sua Poetica liv. 4. nota de impropriedade neste Poema, que os Anjos assaltem as muralhas de uma Cidade, pois isto era empenho proprio do Heroe, e de seus soldados. Maior critica, e mais rigorosa è a que lhe faz o Author do Verdadeiro methodo de estudar tom. I. p. 269. onde diz, que este Poema não tem artificio algum de Epopeia, e que as fabulas são affectadas, e com bastantes inverosimilidades; que os versos são duros, e que em todo o Poema reina uma escuridade insoffrivel.

todos os domingos. N'esta assemblea de doutos, e luzidissimos engenhos manifestava D. Francisco os quilates do seu, com a facilidade de escrever em todos os estylos com propriedade, e descrição, e elegancia. Das muitas obras, que compoz, vem um Cathalogo no principio do seu livro *Victoria del hombre*, e se repetem em um dos seus Dialogos. Morreu em Lisboa no anno de 1666, e está sepultado na capella do Santo Christo dos Cardaes, onde tem Missa quotidiana. (1)

D. Francisco de Portugal, primeiro conde de Vimioso, e um dos mais estimados cortezãos do seu seculo, soube ajuntar nos seus versos com raridade a gala á decencia em estylo polido, mysterioso, e nobre.

Francisco Rodrigues Lobo, natural de Leiria, de profissão Jurista, e de genio mui aprasivel, escreveu varios livros de prosa, e verso, especialmente tres, que o honram muito, as *Eclogas*, e *Primavera*, e a *Corte na aldeia*. O estylo é suave, natural, affectuoso, puro, e na sua esfera felicissimo. Louvam-no muito os melhores mestres da faculdade. Só o poema intitulado Condestavel não teve entre elles tanta estimação. (2)

Francisco de Sá de Miranda, memoravel conimbricense, que podendo seguir as cadeiras da Universidade com applauso não vulgar, quiz antes obedecer ao genio, que o inclinava para a poesia. N'esta foi feliz em tudo que escreveu de verso curto, como Eclogas, e Redondilhas portuguezas. O seu estylo é mui sentencioso, e natural, mas em portuguez cerrado, e allegorico. Das suas sentenças se aproveitaram grandes homens para confirmarem doutrinas moraes. (3) Morreu no anno de 1558.

Gabriel Pereira de Castro é tambem numerado entre os famosos poetas, que illustraram este reino, sendo o seu poema da Ullyssea uma das grandes provas do sublime engenho, de que foi dotado, porque é tecido de oitavas excellentes em limpeza, facilidade, elegancia, e formosura poetica. (4)

Henrique Cayado, celeberrimo poeta latino em tempo de Policiano, de quem aprendeu passando a Italia no anno de 1495, e com a communicação dos melhores engenhos, que então floreciam em Florença,

(1) Gregor. de Almeid. na Restauração de Portug. prodigiosa part. 2. c. 24. p. 391. P. Man. Godinh. na Jornad. da India. Feijó, Theatr. Critic. tom. I. disc. 16. n. 74. Barbos. Bibl. Lusit. tom. 2. (2) Faria na Introd. ás Eclog. de Cam. n. 6 e 7. Lope no Laurel de Apollo p. 26. Gracian. no Critic. Cervant. na Vid. de D. Quix. (3) Vieir. tom. 4. n. 522. e tom. 8. p. 250. P. Fernand. Alma instruid. tom. 2. p. 52. e 258. D. Franc. de Portug. na Carta I. Sever. Disc. da Ling. Port. p. 82. Ann. Histor. a 15 de Março, e no tom. 3. p. 246. P. Macedo no liv. «Domus Sadica» faz a este Author um elogio, em que manifesta o caracter das suas obras, dizendo a p. 16. «Franciscus Sá Miranda, an mirandus? Celeberrimus ob ingenii acumen, et judicii pondus, et scientiarum veritatem, et morum integritatem, qui primus Lusitani styli nasum produxit, soccosque cothurnis miscuit feliciter, togatasque satyras in aulam induxit, et illud pastorino carmine consecutus est, ut silvae consule dignae fierent; ultra fabulas Poeta, immo et sui temporis gratus Momus, et familiaris vates, quemadmodum ejus scripta demonstrant. Certe nemo melius eo, et aptius jocos seriis, et seria jocis distinxit.» (4) Far. foi inconstante no juizo, que fez deste Poeta. Vid. Fonte de Aganip. tp. I. no Prol. e nas Rim. de Cam. e Lusiad.

Ferrara, e Bolonha, se aperfeiçoou de maneira, que foi estimada entre todos por admiravel a sua veia poetica, descobrindo-se nas suas *Eclogas, Sylvas, e Epigrammas* muita elegancia, muita regularidade, juizo, e engenho. Morreu no lugar de Bemfica junto de Lisboa. (1)

D. Francisco Xavier de Menezes, conde de Ericeira, foi um dos talentos, que em nossos dias vimos transcender por todas as materias eruditas com admiração. Pelo que toca á poesia foi sem duvida assistido de Apollo, e a sua *Henriqueida* nos faz reflectir, que um genio elevado sabe abrir novos, e difficeis caminhos, como fez Hercules nos Alpes, nem está esperando a que outros inventem para os seguir. (2)

Fr. Jeronymo Bahia, monge Benedictino, mereceu particular estimação no seu caracter, e estylo de escrever.

Jeronymo Corte Real, cavalheiro de Lisboa, excellente poeta, ainda que compoz em verso solto.

Fr. João Felix, ou Freire, Trinitario, compoz em toda a variedade de versos latinos com aceitação muitos Poemas, e Epigrammas, como se vê no seu livro intitulado *Isagoge.*

D. João de Tarsis, conde de villa Mediana, que nos conceitos nobres, e expressões graves excedeu os mais insignes poetas seus contemporaneos.

Jorge de Monte-maior foi poeta elegantissimo, e enriqueceu bastantemente com frazes, e termos proprios a lingua Hespanhola. Entre as suas obras é inimitavel a primeira parte da *Diana*, e a fabula de Pyramo, e Tisbe quasi que é invencivel. O cavalleiro Marino celebre poeta a traduziu sem confessar o author. (3)

Lopo Serrão, natural de Evora, medico d'el-rei D. Sebastião, bem mostrou a elegante veia poetica nas varias Elegias, que compoz com inveja do mesmo Ovidio, a quem soube imitar admiravelmente. (4)

Luiz de Camões, insigne, e illustre filho de Lisboa, principe dos poetas portuguezes, unico discipulo de Homero, e de Virgilio, e unico mestre de quantos lhe succederam. Lope de Vega lhe dá o epitheto de divino, e de excellente. Valdecebro chama-lhe *Fenix dos poetas portuguezes*, e *Cisne Lusitano.* Fr. Fernando de Camargo o trata com o titulo de *Immortal*, e raro é o author estrangeiro, que o não venere por um dos poetas, que mais mereceram a coroa de Apollo, tanto na poesia heroica, como lyrica. Não allegamos com authores portuguezes por escusar a suspeita. Antonio Paggi, nobre genovez, fallando das *Lusiadas* de Camões no principio da sua tradução italiana, diz, que semelhante poema é dignissimo no assumpto, facilissimo no estylo, e elegante na fraze, profundo nas allegorias, solido nas moralidades, exquisito na eru-

(1) Franc. Botelh. no Prol. do Alfonso da ultim. impressão de Salamanc. em oitav.
(2) As obras deste Poeta andam juntas no tom. 1. Corp. Poetar. Lusit. de p. 51 por diante.
(3) Dr. Franc. Man. nos Dial. p. 313. Faria no cant. 5. est 15. (4) Corp. Poet. Lusit. tom. 4.

dição, proprio nos affectos, ornado nos episodios, moderado nas metaforas, abstinente nas hyperboles, exemplar nos costumes, pio na religião, engenhoso na contextura, e finalmente uma idéa de todas as perfeições. Monsieur du Perron de Castera, que tambem traduziu fidelissimamente em França as *Lusiadas*, e as fez imprimir no anno de 1735 em tres tomos de oitavo, pinta no principio o monte Parnaso, e de uma parte a Musa Calliope apertando a seus peitos a Camões, como a filho, da outra parte Apollo offerecendo-lhe a lyra, no meio a Fama tecendo-lhe uma coroa, e em baixo a inveja despedaçando-se. Em pouco expressou um grande elogio d'este poeta.

Sem embargo teve elle contra si alguns, que lhe quizeram descobrir defeitos, especialmente no poema heroico: tal foi Rapin, que o censurou de escuro, e n'isto bem mostrou que não entendia a lingua portugueza. Monsieur de Voltaire no discurso da poesia Epica, supposto fazer alguns reparos nas mesmas Lusiadas, confessa que no estylo, e modo de expressar ninguem tem que dizer a Camões, e que esta tal arte é bastante para disfarçar quaesquer escrupulos da critica. O author moderno do *Verdadeiro methodo de estudar*, foi quem fez maior anatomia a Camões, porém cortou em partes, por onde outros já tinham cortado; e a pezar de toda a censura sempre a poesia de Camões ha de ser excellente, eterna, e admiravel. (1)

Luiz Pereira, Cavalleiro do Habito de Christo, é dos que melhor sentiram a perda d'el-rei D. Sebastião, pois desde então até morrer nunca despio o luto. Escreveu um poema d'aquella perda, a que intitulou *Elegiada*, com bons lances poeticos.

P. Manoel de Abrantes foi excellente poeta latino, e se fez memoravel pelos seus Epigrammas sacros, que compoz.

Manoel Bocarro, de quem nos lembraremos na classe da Medicina cultivou tambem a poesia com enthusiasmo, e furor natural, como se vê no seu *Anacœphaleosis*.

Fr. Manoel de S. Joseph, natural de Lisboa, e religioso eremita de Santo Agostinho, foi em Castella prégador d'el-rei Filippe IV, e de grande nome, e engenho, do qual deu provas evidentes no exercicio de varias faculdades, não se fazendo menos insigne e famoso na poetica. Seu é o poema dos sentimentos de *Lydia* e *Armindo*, que vem no tom. 1. da Collecção da Fenix renascida todo adornado de elegancia, e primores poeticos. Morreu em Madrid pelos annos de 1656.

Manoel de Faria e Sousa, do Couto de Pombeiro, que fica entre Guimarães, e Amarante, onde teve o seu nascimento a 18 de Março de 1590, foi um dos engenhos raros de Portugal, muito erudito, e de gran-

(1) Lope da Vega na Arcadia p. mihi 234. e no Laurel de Apollo p. 25. vers. Valdecebro no Templo de la fama art. 14. Camargo na Continuação da Histor. de Marian. ad ann. 1649 O Barão de Lahontan. tom. 3. dos Dial. p. 214. Solorzano de Jure Indiar. tom. 1. liv. 1. cap 3. n. 48. D. Thomaz Tamayo de Vargas na Approvação dos Commentos, que fez ao poeta Manoel de Faria, alem de outros muitos.

des estudos. Na poesia foi mestre, e soube exercital-a com furor, e fertilidade, porque compoy muito, e bem, por isso estimado em Madrid, e Roma de grandes personagens. Teve um juizo acre, e severo, que difficilmente se agradava das cousas, e no exame dos seus escritos, e alheios, propendia mais para a complacencia dos proprios, que ainda que sejam merecedores de applauso, é nota, que muitos lhe censuram. (1) Morreu em fim em Madrid a 3 de Junho de 1649.

Manoel de Gallegos, mui douto nas letras humanas, e não menos versado na poesia especulativa, e pratica. Compoz o *Templo da Memoria*, onde collocou para eterna veneração alguns authores portuguezes insignes no metro. (2)

Manoel Mendes de Barbuda, que no seu poema sacro intitulado *Virginidos* expressou o genio eminente para a poesia, conforme o juizo poetico, que fez d'elle Fr. André de Christo, famoso mestre da faculdade.

P. Manoel Pimenta, da Companhia de Jesus, cujos Epigrammas não devem nada aos preceitos da arte, alcançou applausos merecidos á sua sciencia e ao seu talento.

Manoel Pinheiro Arnaut exercitou a poesia com felicidade, pois não só foi assistido das Musas, mas das Graças. O seu poema de *Alfeo*, e *Arethusa* é estimavel, e applaudido dos doutos pela sua galantaria, e clareza do estylo.

Manoel das Povoas compoz a vida de Christo em tercetos Castelhanos, assim como o Dante, e é poema digno de estimação no sentir de Manoel de Faria. (3)

Manoel Thamaz, poeta das ilhas, não mereceu pequenos louvores com a sua *Insulana*, e *Fenix da Lusitania*, nos quaes livros mostrou capacidade, e veia poetica.

Marçal de Gouvea, mestre de letras humanas em Coimbra, e poeta laureado em Pariz. Tinha tal felicidade, que sabia imitar o estylo, e furor de qualquer poeta; porém a sua forte imitação era de Ovidio. (4)

Miguel de Barros foi dotado de um agudo engenho, e natural cadencia para o metro com tal facilidade, que parece o haviam embalado as Musas desde os seus primeiros annos.

Miguel Botelho de Carvalho soube executar os lances de bom poeta, isto é, unir a elevação dos conceitos com a facilidade do estylo, especialmente no seu poema da *Filis*, o qual está cheio de valentia, suavidade, e perfeição.

Miguel da Silveira, natural de Celorico da Beira, e canoro cisne da Europa, (5) foi professor de filosofia, jurisprudencia, medicina, e ma-

(1) João Soar. de Brito na Bibl. Lusit. m. s. «Vir fuit multae lectionis, et eloquentiae magnae, sed (quo plerumque vitio Grammatici laborant) admodum sibi placens, philautia magnopere tangebatur.» (2) Este Author no liv. Templo da Memoria liv. 4 est. 174. faz menção de trinta e cinco Poetas famosissimos. (3) Far. na Introd ás Eclog de Cam. (4) P. Scot. in Bibl. Ann. Histor. tom 3. p. 352. (5) Rodrig. Mend. da Silva na Poblac. Gener. de Espana cap. 166.

thematica, as quaes sciencias leu vinte annos na corte de Madrid com grande applauso até o de 1636. Depois foi para Napoles com o vice-rei D. Ramiro, duque de Medina de las Torres, que tinha sido seu discipulo, e lá publicou o Poema heroico intitulado *Macabeo*, em cuja composição havia gastado mais de vinte annos, dando-o a vêr a muitos engenhos, que julgou o podiam melhorar; mas depois de impresso pareceu menos bem que antes, pois por imitar o modo de Gongora se fez aspero: todavia é digno de estimar-se pelo engenhoso, altiloquo, e modesto estylo em todas as expressões. (1)

Paulo Machado Sacoto, natural de Beja, poeta lyrico, mui celebrado nos seus sonetos; mas sendo elles a causa de que o author viva na memoria das gentes, tambem foram o motivo desgraçado, porque D. Francisco Rolim seu emulo o privou da vida no anno de 1600.

Pedro da Costa Perestrello attreveu-se a competir com Luiz de Camões, escrevendo a acção de Vasco da Gama; porem vendo a Lusiada, desmaiou. Foi todavia mui applaudido nos seus versos: até em reconhecer a vantagem alheia se fez digno de memoria.

Simão Torrezão teve grande estimação no seu tempo pela natural cadencia do metro, com que facilmente compunha. As *Saudades, e zelos de Albanio* são applaudidas.

Thomaz Pinto Brandão, celebre poeta dos nossos tempos, que para o estylo jocoso teve natural energia, e propendeu muito para o satyrico; porem n'aquelle seu genero sempre os seus versos serão memoraveis. Morreu em 31 de Outubro de 1743.

D. fr. Thomé de Faria, bispo de Targa, e religioso da sagrada familia Carmelitana lisbonense, foi varão consummadissimo nas divinas, e humanas letras, e tão excellente poeta na lingua latina, que converteu no tal idioma as *Lusiadas de Camões* com admiravel elegancia.

Thomé Tavares, foi um grande engenho, que produziu a cidade do Porto, e a quem as musas fiaram todo o seu enthusiasmo poetico. As suas obras são veneraveis, e tidas pela melhor cousa, que ha no genero da poesia satyrica: não se imprimiram, mas isso não tira que o seu author seja merecedor de se lhe collocar a sua estatua no Museo de Apollo.

Vasco Mousinho de Quevedo, natural de Setubal, poeta insigne, e tão famoso, que na opinião de Manoel de Faria não reconhece superior depois de Camões no seu heroico, e regular poema de *Affonso Africano*. (2)

Soror Violante do Ceu, religiosa no mosteiro da Rosa de Lisboa,

(1) D. Franc. Man. Hosp. das letr. p. 351. (2) Man. de Far. no cant. 2. est. 103. de Cam. diz deste Poema: «Es obra, que despuos desta en este genero no conocemos otra en orden, imitacion, y facilidad, y muestras de juizio, (hablo de Authores Portuguezes hasta este ano de 1638) haviendolos examinado a todos para esta sentencia, que yo confio aprovará el mismo Apolo, porque la di despues de haver rebuelto todos los textos de las Musas, por no parecerme a los que sin examen se hazen Juezes.

possuio as influencias do numen poetico abundantemente. São as suas poesias lyricas benemeritas de toda a estimação. (1)

§ IX

Poesia comica

Antonio Ferreira foi tambem famoso neste genero de Poesia.

Antonio Joseph da Silva, que supposto ser infeliz na morte, não se póde negar ser dotado de um grande engenho, e feliz para esta composição comica, já conforme o estylo morato em ordem á expressão dos costumes, ou já pathetico, segundo o predominio, e descripção dos affectos. Testemunhas são do seu engenho os dois tomos do *Theatro comico* impressos no anno de 1744.

Antonio Prestes, natural de Santarem, teve a assistencia de um particular numen para o comico, em cujo estylo compunha com muita facilidade.

Antonio Ribeiro Chiado, natural dos suburbios de Evora, escreveu muitas comedias graciosas, e facetas, para cujo estylo teve um genio muito especial. No seu tempo foi unico: glosava de repente com muita galantaria: logrou estimação universal, e se fez memoravel. Morreu no anno de 1591.

Diogo Ferreira de Figueiroa, natural da Arruda, na invenção dos *Desmaios de Maio* mostrou grande elegancia, e erudição.

Francisco de Sá de Miranda nos seus *Villalpandos*, e *Estrangeiros*, comedias famosissimas, excede em graça, e eloquencia as melhores dos antigos mais celebrados.

Gil Vicente foi o Plauto portuguez. Não teve outro desvio para lhe levantarem estatua, que o não escrever em latim, para se fazer mais publico o seu engenho; porem verdadeiramente no estylo vulgar, jocoso, e faceto venceu em seu tempo a Terencio, e a Menandro. (2)

João Bautista Diamante compoz muitas comedias, que no seu tempo tiveram estimação.

João de Matos Fragoso, de engenho claro, e de rara invenção para os enredos comicos, e tragicos. São mui celebradas as suas comedias.

Jorge Ferreira de Vasconcellos, cavalleiro da Ordem de Christo, bom humanista, e digno de estimação nas comedias da *Aulegrafia*, *Ulyssipo*, e *Eufrosina*, as quaes a juizo dos doutos não admittem superioridade.

Luiz de Camões no seu *Anfitrião* dá documentos aos mestres comicos. São as suas comedias, conforme parece a Faria, as melhores que se tinham escrito até o seu tempo.

(1) Monteir. Claustr. Dom. tom. 3. p 325. (2) Sever. de Far. nos Disc. Polit. p. 83.

Luiz Vicente, filho do memoravel Gil Vicente, compoz a comedia dos *Cativos* com tanta felicidade, que conhecendo seu pai a vantagem, que lhe fazia o filho, lembrou-se menos do amor de pai, que da emulação de author, e assim o fez embarcar para a India, onde morreu.

Paula Vicente, ou verdadeiramente Pola Portugueza, porque depois que seu pai Gil Vicente cegou, o ajudava ella nas suas composições comicas, assim como fazia Pola a seu marido Lucano. (1)

Pedro Salgado, natural de Peniche, poeta com igual juizo no serio, e no jocoso, e mui merecedor da eterna lembrança, e veneração no comico. Floreceu pelos annos de 1644.

Simão Machado. São as suas comedias de boa invenção, e pensamentos, e na parte jocosa invenciveis. Muitos julgam que a comedia *Eufrosina* é composição sua. (2)

§ X

Historia ecclesiastica, e secular

Frei Antonio Brandão, filho de Alcobaça, e religioso de S. Bernardo, foi insigne substituto de fr. Bernardo de Brito no honroso emprego de Chronista mór do reino, e o primeiro, que descubriu a historia d'elle pela lição dos cartorios, de que teceo com muita legalidade a terceira, e quarta parte da Monarquia Lusitana. Completou os seus dias a 27 de Novembro de 1637. D. Thomaz Tamayo de Vargas, Chronista mór de Castella, e de juizo critico, lendo a terceira parte da Monarquia, disse, que era a Historia mais bem trabalhada, que até aquelle tempo tinha sahido ao publico, em estylo, disposição, clareza, e fundamento.

Antonio de Castilho, natural de Thomar, jurista de profissão, Guarda mór da Torre do Tombo, mui versado nas linguas mais polidas da Europa, Chronista mór do reino, que succedeu a Damião de Goes. Escreveu pedaços de Historia com judicioso estylo, e pureza de fraze, imitando muito a Tacito. (3)

Antonio Paes Viegas, dos suburbios de Lisboa, e secretario d'el-rei D. João IV, o qual o consultava nos negocios mais difficeis, e seguia o seu parecer como de varão prudente, e de juizo. Na Historia foi exacto, serio, e puro, como se vê no livro dos *Principios de Portugal*, que escreveu com diligente investigação. (4)

Antonio de Sousa de Macedo, de quem já referimos a grande propensão, que teve para a poesia, não foi menor a que logrou para a His-

(1) P. Reis no Enthusiasm. Poetic. n. 66.

......«Paula parentem
AEgidium sociat nunc celso in vertice Montis,
Quem juvisse ferunt, velut olim Pola maritum
Scribentem juvit Lucanum.....»

(2) Far. no cant. 7. de Camões est. 21. e cant. 10. est. 35. (3) Far. na Europ. tom. 2. part. 1. c. 1. n. 7. (4) Birago, Histor. de Port. p. 132.

toria, cujas leis executou severamente com juizo, e escolhida advertencia.

P. Antonio de Vasconcellos, religioso jesuita, foi insigne na lingua latina, e n'ella escreveu excellentemente as acções dos serenissimos reis portuguezes, e uma breve descripção do reino com muita clareza, a que intitulou *Anacephalæosis.*

P. Balthazar Telles, jesuita lisbonense, engenhoso, e erudito na observancia dos preceitos da Historia, que escreveu com bem aparada penna. A Chronica da Companhia de Jesus na Provincia de Portugal, e a Historia Ethiopica serão eternos padrões da sua recommendavel memoria.

Fr. Bernardino da Silva, natural de Lisboa, e religioso cisterciense, foi muito versado na lição da Historia, e na melhor parte d'ella, que é a critica; e assim o mostrou na Apologia, que fez á primeira parte da Monarquia Lusitana, que defendeu nervosamente contra o Exame de Antiguidades de Diogo da Paiva. Acabou religiosamente em Fevereiro de 1641.

Fr. Bernardo de Brito, Chronista mór do reino, que succedeu a Francisco de Andrade com grande reputação do seu ministerio, não só pela erudição sacra, e profana, em que era perito, mas pelo grande trabalho, que teve em descubrir as antiguidades do reino, do qual não houve parte, que não visse, e revolvesse, em que se fez memoravel, sem embargo de que alguns escritores lhe condemnam o seguir elle em varias opiniões a authores menos conhecidos, e reputados por não verdadeiros. Faleceo no anno de 1617.

Damião de Goes, natural de Alemquer, varão illustre, e insigne em todo o genero de erudição sagrada, e profana, adquirida com incansaveis estudos, e com a communicação dos maiores homens da Europa, a cujas principaes cortes foi varias vezes tratar negocios por ordem d'el-rei D. João III. Este o fez Guarda mór da Torre do Tombo, e seu chronista, nos quaes empregos trabalhou incessantemente, no primeiro pondo em ordem os papeis desordenados d'aquelle grande cartorio: no segundo compondo as Chronicas d'el-rei D. João II, e d'el-rei D. Manoel, sendo esta na crise de Manoel de Faria a que de rei existe mais bem escrita; porque, se no estylo lhe falta aquelle adorno, que serve de salsa ao appetite de lêr, na ordem, e gravidade é excellente. (1) Morreu no anno de 1567, e fazem d'elle honorifica memoria muitos authores. (2)

Diogo do Couto nasceu em Lisboa, aprendeu latim com os melho-

(1) Far. no tom. 4. dos Com. ás Rimas de Cam. p. 101. e no Catalog. m. s. dos Escritor Portug. que conservamos, diz: «Damião de Goes de Alenquer, Cavallero de calidad, y en artes, y costumbres, y peregrinaciones notable. perito en todas sciencias, discurrió por toda Europa; excelente en letras humanas. escrevio mucho, y vario, y bueno, en Latin, y vulgar. Fuè Guarda mór del Archivo Real. y Chronista por el-rei D. João III.» (2) Maced. in Domo Sadica p. 56. Brito na Monarq. Lusit. liv. 1. cap. 22. Galv. liv. dos Descobrimentōs, e outros muitos.

res mestres, que então havia, o Padre Manoel Alvares, e Cypriano Soares, e servindo ao infante D. Luiz, ouvio com este filosofia do veneravel fr. Bartholomeu dos Martyres. Passou á India com praça de soldado, e lá até dos principes gentios foi estimado pela grande cortezia, com que tratava a todos. Applicou-se á poesia, e mathematica, e n'aquella faculdade compoz bastantes versos com tanto fundamento, que o insigne Camões seu contemporaneo o consultava. Pela fama do seu talento, e pericia, foi escolhido por el-rei Filippe Prudente para continuar as Decadas de João de Barros com o titulo de Chronista da India, que elle completou até o numero de doze Decadas, principiando desde a quarta com estylo claro, verdadeiro, e sentencioso, mostrando em tudo summo zelo da patria, e da nação. Finalizou os seus dias em Goa no anno de 1616. (1)

Fr. Diogo do Rosario, varão insigne em letras, e virtude, da esclarecida Ordem Dominicana, e natural de Evora, foi o primeiro, que em Hespanha escreveu as vidas dos Santos, e com o titulo de *Flos Sanctorum*.

Diogo de Teive foi reitor dos estudos de Coimbra, antes de se entregarem aos reverendos padres da Companhia, e na Historia grande imitador de T. Livio. João Vaseu confessa, que se Teive completára a a Historia Lusitana, que tinha promettido, seria nella inimitavel. (2)

Duarte Galvão, natural de Evora, Chronista mór do reino, emprego que lhe deu el-rei D. Affonso V, pela sua grande prudencia, talento, e erudição. Compoz, ou reduzio a melhor estylo a Chronica do santo rei D. Affonso Henriques, e d'elle fazem honorifica memoria nossos, e alheios escritores. (3)

Duarte Nunes de Leão, eborense, mui noticioso da Historia do reino, da qual compoz as Chronicas dos reis de Portugal até el-rei D. Fernando com diligente, e verdadeira investigação, não obstante ter contra o seu estylo Manoel de Faria e Sousa, que o reprova.

Fernando Lopes, cavalheiro de prendas, e authoridade nos tempos d'el-rei D. Duarte, foi o primeiro chronista das Chronicas dos reis portuguezes até aquelle tempo, as quaes, conforme o conceito de Brandão, são as de mais juizo, que andavam impressas. (4)

Fernando Lopes de Castanheda passou á India com seu pai, e lá escreveu a Historia das armas portuguezas com muita particularidade, e incansavel diligencia.

Fernão Mendes Pinto, natural de Montemór o Velho. O livro notorio das suas famosas peregrinações é o mais bem escrito de Historia, que ha em Portugal, segundo a opinião de Manoel de Faria. (5) Os que o viram, pouco duvidam da verdade d'elle; porem é digno de toda a es-

(1) Telles, Histor. da Ethiop, liv. 1. c. 27. Far. tom. 1. da Asia nas Advertenc. Moreri Diccion. Histor. verb. Couto. (2) Vas. Chronic. tom. 1. c. 4. (3) Brand. Monarq. Lusit. liv. 8. c. 1. Nicol. Anton. Bibl. Hisp. tom. 1. p. 259. (4) Monarq. Lusit. liv. 16. c. 8. (5) Far. tom. 1. da Asia no Prolog.

timação, e bem se prova pelas muitas traducções, que do tal livro ha em varias linguas.

D. Francisco Manoel de Mello, de quem entre os poetas nos lembrámos, cultivou tambem a Historia do Reino com felicidade, principalmente nas Epanaforas, e Historia de Catalunha, cujo estylo é mui observante, e conforme aos preceitos da arte.

Gaspar Alvares Lousada foi um dos eminentes em Historia, que teve Hespanha, e a quem não fez vantagem André de Resende com todas as suas letras. (1) Trabalhou muito em investigar as antiguidades d'este reino, de cujos estudos se aproveitaram outros, que talvez levaram o premio, que não mereciam. (2)

Gaspar Barreiros, sobrinho do grande João de Barros, compoz varios opusculos de Historia muito doutos, os quaes fizeram emendar a Paulo Jovio a sua Historia depois que os viu. (3)

Gaspar Estaço, sobrinho do famoso Aquilles Estaço, e conego em Guimarães, foi notavel investigador das antiguidades do reino, de que imprimiu um livro com muito acerto, erudição, e elegancia.

Gomes Anes de Zurara foi o segundo chronista de Portugal, e guarda-mór da Torre do Tombo, homem capacissimo, e mais eloquente do seu tempo. El-rei D. Affonso V lhe escrevia de sua propria mão, e hoje se conserva entre os curiosos uma carta, que é para se notar, porque entre outras clausulas (tendo-se el-rei por sciente, e elegante) lhe diz: *Porque esto, como vós mejor sabeis*. Em fim alentando-o com favores, e mercês, fez que fosse o mais proveitoso escritor, e ministro d'aquelle genero. Escreveu a Historia de todas as acções dos portuguezes em Africa, e outras muitas, e deu fórma a muitos papeis do real archivo. Seu estylo é louvado pelo grande João de Barros. (4)

Jacinto Freire de Andrade, que na Historla panegyrica do memoravel vice-rei da India D. João de Castro mereceu universaes estimações pela elegancia, e pureza da sua fraze, e estylo.

D. Jeronymo Osorio, bispo de Sylves, não teve igual em estylo, erudição, e eloquencia. Na vida, que escreveu em latim d'el-rei D. Manoel, excedeu a Suetonio, e igualou com Cicero.

João de Barros, natural da villa de Pombal, conforme diz Severim de Faria; ou de Viseu, segundo Barbosa na Bibliotheca. Foi pai dos historiadores de Hespanha, insigne Geografo, varão celeberrimo em todas as idades, e author das famosas Decadas da Asia, nas quaes guardou com igualdade as partes de um perfeito Historiador, que vem a ser, verdade, clareza, individuação, e discurso; por isso lhe chamaram o Tito Livio portuguez, e na sua sepultura tem um elegante epitafio, semelhante ao que tem Livio em Padua. Pio IV lhe levantou estatua no Va-

(1) Ferrer. Histor. de Santiag. liv. I. c. 16. (2) Cunha. Catalog. dos Bisp. do Port. part. I. cap. 2. Monarq. Lusit. liv. 10. c. 7. (3) Sever. Disc var. p. mihi. 36. (4) Monarq. Lusit. liv. 17. c. 3. e Far. no Catalog. m. s. dos. AA. Portug.

ticano junto á do Ptolomeo, e os venezianos fizeram o mesmo entre a dos varões mais insignes. (1) Faleceu no anno de 1570.

P. João de Lucena, da Companhia de Jesus, foi insigne Historiador da vida do Santo Xavier, a qual Historia traduziram os italianos, francezes, e castelhanos nas suas linguas, e tambem anda na latina, sinal evidente de ser n'aquelle genero perfeitissima.

P. Jorge Cardoso, incansavel, e famosissimo nas vidas dos varões Santos Portuguezes, que recolheu em tres volumes com titulo de Agiologio. Muito lhe deve o reino: e sem duvida se escrevera fóra d'elle, tivera estatua. (2)

Julio de Mello, elegante, e sentencioso Historiador, e digno de estimar-se.

Fr. Leão de S. Thomaz, Benedictino Conimbricense, mui laborioso, e exacto na Historia da sua Provincia.

Fr. Luiz dos Anjos, mui zeloso, e douto nas vidas das Santas Portuguezas, que fez publicar com o titulo de Jardim de Portugal.

D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira, author do Portugal restaurado, historia escrita com toda a delicadeza, força e energia possivel, sendo que na crise de Mons. de la Clede não é historia regular.

Fr. Luiz de Sousa, religioso Dominico e no seculo chamado Manuel de Sousa Coutinho, cavalheiro de muito engenho, e bem instruido nas letras humanas. Escreveu parte da historia da sua religião, e a vida do Santo Arcebispo de Braga D. Fr. Bartholomeu dos Martyres com toda a pureza de fraze, methodo, juizo, e elegancia. (3)

D. Manuel Caetano de Sousa, clerigo regular Theatino, de vasta, e mais que ordinaria erudição, de talento distincto, e incansaveis estudos. A sua Expeditio Hispanica sobre a vinda de Santiago a Hespanha é a obra mais bem trabalhada, que n'estes tempos tem visto a luz publica, Faleceu no anno de 1734. (4)

Manuel de Faria e Sousa soube executar os assumptos litterarios com engenho, e erudição. Na historia Portugueza, em quanto a genero de Epitome, excede a Justino, abbreviador de Trogo Pompeyo, É verdade que se dilata ás vezes em descripções, reflexões, e exclamações mais proprias de orador, que de historiador, e com a mesma força de eloquencia narra as acções grandes, e pequenas dos seus Heróes. (5)

Fr. Manuel de Monforte, natural da villa do seu appelido. Foi religioso franciscano da provincia da Piedade, de que escreveu a sua chronica tão aceita pelos doutos, que é numerado entre os melhores historiadores pela pureza do estylo, e prudencia em a narração dos factos. Faleceu no anno de 1741.

(1) Sever. na vida deste Escritor, e outros. (2) Valdecebr. no Templ. de la Fama c. 25. (3) Monteir. no Claustr. Dom. lanço. 3. p. 268. (4) O Author do Verdadeiro methodo de estudar no tom. I. p. 181. diz: «Eu creio que D. Manuel Caetano foi douto, e soube mais que o commum dos Portuguezes.... e pelas suas obras o discorro. (5) Mons. de la Clede tom. I. da Histor. de Port. no Prefacio.

Manuel Severim de Faria, a quem este reino deve muito pelo incansavel trabalho, e louvavel curiosidade, com que indagou muitas antiguidades d'elle, resuscitando-as do esquecimento, em que jaziam. Foi homem de grandes estudos, e compoz pedaços de historia com exacção, e verdade. Faleceu em Setembro de 1655, e jaz na Cartuxa de Evora.

Manuel Sueiro, natural de Loulé no Algarve, cavalheiro honrado, e illustre na erudição de letras humanas, e exercicio de varias linguas, que soube com perfeição. Estudou em Flandes com os melhores mestres, e sahio tão perito, que de trinta e sete annos de idade deu á luz no anno de 1624, a historia dos Annaes de Flandes escrita com todo o acerto, e louvada por varões doutos. (1)

Pedro de Mariz foi author dotado de muita erudição, e escreveu as vidas dos monarcas Portuguezes em estylo de Dialogo, mas com muita verdade, e noticias curiosas do reino.

D. Rodrigo da Cunha, bispo de Portalegre, e Porto, e depois arcebispo de Braga, e Lisboa, em todas estas dignidades prelatícias ensinou sempre com o exemplo os documentos de pastor, e a observancia das virtudes. No exercicio das letras foi incansavel, devendo-se á sua diligencia a memoria de muitas noticias pertencentes a este reino, que ião perecendo de todo. Compoz a historia ecclesiastica do Porto, Braga, e Lisboa com muita averiguação, ajudando-o tambem Pantaleão de Ciabra cidadão do Porto, como diz fr. Antonio da Purificação. Concluio os alentos vitaes em Lisboa sua patria aos 3 dias de Janeiro de 1643. (2)

Rui de Pina, cavalheiro no tempo d'el-rei D. Manuel famosissimo, succedeu no cargo de chronista, e Guarda mór do Archivo Real a Duarte Galvão. Escreveu varias chronicas dos reis Portuguezes, estremado no juizo, e caprichoso no estylo, porque affectou fallar com palavras, e termos antigos, mas polindo-o a seu modo: é escritor de veneração.

§ XI

História Genealogica

Affonso de Torres, pai do primeiro conde da Ponte, foi genealogico pontualissimo, e bem intencionado. Escreveo das familias do reino oito volumes de folha com as armas debuxadas, que nós vimos na Livraria manuscrita da Excellentissima condessa do Redondo D. Margarida, e são estimaveis, e d'elles ha copias em outras Livrarias d'esta Corte. (3)

D. Agostinho Manuel de Vasconcellos, illustre eborense, aquelle,

(1) Vasconcel. in Descript. Lusitan. Monarq. Lusit. liv. 8. cap. 2. Swertius in Athen Belgic. p 228. (2) Barbos. de Potest. Episcop. in Prolog. Birag. Histor. de Portug. liv. 2. p. 158. Rodrig. Mend. da Silva no Catalog. Real pag. 55. vers. João Pinto Ribeiro no Lustre ao Desemb. do Paço c. 1. n. 157. Purific. Chron. de S. Agost. part. 2. liv. 5. tit. 3. §. 9. (3) D. Franc. Man. cent. 4. cart. 1. Sousa Apparat. á Histor. Geneal. §. 54.

que convencido de uma conjuração contra a serenissima casa de Bragança, foi degollado no Rocio de Lisboa a 29 de Agosto de 1641, e não obstante foi grande venerador da mesma casa, pois escreveu um Memorial da Genealogia, e Privilegios da casa de Bragança em admiravel estylo, e discurso claro, de que foi dotado, e se conservava na selecta Livraria do conde de Vimieiro. (1)

Alvaro Ferreira de Vera, natural de Lisboa, muito estudioso na investigação da genealogia, e familias illustres deste reino, para o que revolveo, e examinou os cartorios mais famosos da corte, especialmente o archivo real. Compoz um livro da Nobreza com estylo claro, e umas notas ao nobiliario do conde D. Pedro utilissimas. (2)

D. Antonio Alvares da Cunha, trinchante d'el-rei D. Pedro II, e Guarda mór da Torre do Tombo, foi cavalheiro muito erudito, muito discreto, e cultivador das bellas letras, com genio naturalmente estudioso; e entre varias obras, que compoz metricas, e historicas de grande applauso, não adquirio menores elogios o seu Obelisco Portuguez Chronologico, Genealogico, que se imprimio, e outras mais composições sobre o argumento de Genealogias, em que foi versadissimo. (3) Faleceu no anno de 1690.

D. Antonio Caetano de Sousa, clerigo regular da Divina Providencia em Lisboa, donde foi natural, era muito applicado aos estudos genealogicos, em cujo assumpto compoz com incançavel trabalho a Historia Genealogica da casa real Portugueza desde a sua origem até o presente, com as familias illustres, que procedem dos reis, e dos Serenissimos Duques de Bragança, obra solidamente provada com os melhores documentos. Faleceu em Lisboa no anno de 1758.

D. Antonio de Lima, Senhor de Castro Dairo, foi um dos mais acreditados Genealogicos, que houve em Portugal, de tal sorte, que quasi todos, ou a maior parte dos Nobiliarios Portuguezes são traslados do que fez D. Antonio de Lima, posto que accrescentados, ou diminutos em muitas cousas. Louvam-no os authores mais intelligentes na materia. (4)

D. Antonio Soares de Alarcão, chamado em Castella Marquez do Trocifal, foi cavalheiro muito applicado á historia Genealogica, em que compoz relações da casa de Trocifal, e outras arvores de familias, provado tudo com documentos excellentemente. (5)

Antonio Soares de Albergaria, natural de Castello-Branco, e beneficiado em Lisboa na Igreja de Santo Estevão de Alfama, compoz Trofeos Lusitanos no anno de 1631, e outros livros mais das familias do

(1) Barbos. in Bibliot. Lusit. tom. I. p. 68. (2) Sousa no Apparat. á Histor. Geneal. da casa real Port. n 57. (3) Corograf. Port. tom. 2. trat. 5. c. 26. Barbos. na Bibl. Lusit. tom. I. (4) Severim. Notic. de Port. disc. 3. D. Franc. Man. centur. 4. cart. 1. Franckenau na Bibl. Geneal p. 38. (5) Idem ibid. p. 46. Nicol. Anton. in Bibl. Hisp. tom. I. p. 601.

reino com o escudo das suas armas, e outras curiosidades deste asumpto, em que foi peritissimo.

Antonio de Sousa de Macedo, nobre Jurisconsulto, e poeta insigne, de quem já referimos seu caracter, erudição, e genio versado em o exercicio das bellas letras, como testemunham os muitos livros, que compoz, foi tambem applicado ao estudo Genealogico, e n'elle escreveu Genealogia Regum Lusitaniae, que imprimio em Londres no anno de 1645, com geral estimação dos doutos.

Antonio de Villas-Boas e Sampaio, natural de Guimarães, e jurista de profissão, compoz o livro intitulado Nobiliarquia Portugueza, em que mostra muita noticia, e estudo na historia Genealogica do reino.

Damião de Goes, Guarda mór da Torre do Tombo, e chronista mór do reino, foi varão muito douto, e de recommendavel memoria. Compoz varias obras, como já vimos, e é mui celebrado o seu Nobiliario, em que foi seguindo ao conde D. Pedro no augmento das linhagens. Notace-lhe o cortar em algumas pela reputação alheia, (1)

Duarte Nunes de Leão soube a historia de Portugal muito bem, e n'ella, pelo que pertence á Genealogica, escreveu, e fez imprimir em Lisboa no anno de 1585, um livro de quarto *De Vera Regum Portugalliæ Genealogia*, juntamente com uma censura, que fez a fr. Joseph Teixeira, sobre outro livro do mesmo assumpto, e n'aquelle segue ser o conde D. Henrique descendente dos condes de Borgonha, e não dos Duques. D'elle, como de varão sciente, e famoso Genealogico, faz honrosa memoria a Bibliotheca Hispanica. (2)

Duarte Ribeiro de Macedo teve seu nascimento na Villa do Cadaval, e foi tão notoria a sua sciencia em varias faculdades, e estimado o seu talento, e juizo, que el-rei D. Affonso VI lhe deu empregos honorificos na corte, e o da Enviatura a Madrid, Turim, e Saboya, como tão intelligente nos interesses da Monarquia. Compoz algumas obras todas de mestre, e do assumpto Genealogico imprimio em Pariz a Genealogia do conde D. Henrique, e um Panegyrico Historico Genealogico da Serenissima casa de Nemours. (3)

Felix Machado da Silva Castro e Vasconcellos, Marquez de Monte-Bello em Italia, mercê que lhe fez el-rei Filippe IV, no anno de 1630, foi muito inclinado á lição da historia Genealogica, em cujo argumento imprimio um Memorial, em que trata da sua ascendencia, e de alguns solares, baronias, e armas, e umas Notas ao Nobiliario do conde D. Pedro. Tambem Felix Machado de Mendoça, neto d'este, foi applicado aos estudos Genealogicos, em que trabalhou bastante, e existem d'elle varias arvores de familias na sumptuosa Livraria de nossa Senhora da Graça desta corte.

(1) Sous. tom. 1. da Histor. Geneal. no Appar. dos Author. n. 11. (2) Bibl. Hisp. tom. 1. p. 260. e outros que allega Barbos. na Bibl. Lusit. tom. 1. p. 737. (3) Sous. no tom. 1. da Histor. Geneal. no Apparat. dos Author. n. 148.

Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo, de quem em outras classes litterarias temos fallado, para ser universal em todas, tambem teve os estudos de Genealogico famoso, como se prova do seu erudito livro, que intitulou *Domus Sadica*.

Gaspar Alvares de Louzada, Clerigo do habito de S. Pedro, Escrivão da Torre do Tombo, onde servio alguns tempos de Guarda mór, foi um dos homens mais applicados, que conheceu o seculo passado, e nas antiguidades do reino o mais incansavel investigador. No assumpto Genealogico fez alguns Tratados, de que se lembra honorificamente D. Antonio Caetano de Sousa. (1)

Gaspar Barreiros, natural de Vizeu, e conego de Evora, e depois religioso de S. Francisco, varão doutissimo, e sobrinho do grande João de Barros, compoz, além de outros livros, um intitulado Verdadeira Nobreza, muito estimado, e raro. (2)

Gaspar Estaço, conego da collegiada de Guimarães, e natural de Evora, foi muito douto, e no ponto de genealogias perito, de que dá prova irrefragavel o Tratado da *Familia dos Estaços*, que ajuntou ao seu livro estimadissimo das antiguidades de Portugal.

Fr. Jeronymo de Sousa, religioso franciscano, e entre os seus de respeito, e authoridade, applicou-se á Historia genealogica do reino, em que compoz um doutissimo livro com o titulo de *Pericope genealogica* em nome de D. Tivisco de Nasao Zarco y Colona. (3)

João Bautista Lavanha, natural de Lisboa, cosmografo mór do reino, e mestre de mathematica dos reis Filippe III, e IV de Castella, illustrou o Nobiliario do Conde D. Pedro com utilissimas notas, e fez outras arvores genealogicas, em que mostrou noticias, e estudo.

João Pinto Ribeiro, natural de Amarante, varão famosissimo em varios generos de litteratura, porque professou a jurisprudencia, cultivou a historia, e a poetica, e em diversos negocios consideraveis, politicos, e de interesses do reino, especialmente o da acclamação, em que foi grande motor, e agente, provou a elevada esfera do seu talento. Imprimiu varios livros, e compoz alguns tratados tambem do assumpto genealogico dignos da sua erudição, e por isso estimados, e applaudidos pelos sabios. (4)

João Rodrigues de Sá de Menezes, cavalheiro muito authorizado, e douto, que floreceu, e alcançou os reinados dos serenissimos reis D. Affonso V, D. João II, D. Manuel, D. João III, e D. Sebastião, e a todos serviu em graves empregos com satisfação, e honra. A elle deve a nobreza do reino o exercicio litterario, com quem até o seu tempo andava em divorcio; e a isto allude o grande Sá de Miranda em uma das suas

(1) Cunha, Catal. dos Bisp. do Port. part. 1. p. 22. Brand. no Prol. da 3. part. da Monarq. (2) Morales, Histor. Ger. de Hesp. liv. 10. c. 31. Estaço nas Antiguid. de Port. c. 53. (3) Sousa no Apparat. á Histor. Geneal. da Casa Real tom. 1. n. 74. (4) Portug. Restaurad. liv. 2. p. 88. Sousa na Histor. Geneal. tom. 1. §. 101.

Cartas. (1) Em fim, como homem sabio, illustrou a nação com varias composições, e na materia de genealogias são celebres as suas quarenta e nove Quintilhas, em que declara os brazões das armas de algumas familias de Portugal. Morreu no anno de 1579, quando contava cento e quinze annos de idade.

João Salgado de Araujo, natural de Monção, e abbade de S. Miguel de Pera no bispado de Viseu, foi letrado, e diligente averiguador das familias nobres de Galiza, e algumas de Portugal. Lembra-se d'elle com honrada memoria Manoel de Faria, D. Nicoláu Antonio, e outros. (2)

Joseph de Faria, guarda mór da Torre do Tombo, chronista mór do reino, e secretario de estado da magestade d'el-rei D. Pedro II, foi pessoa muito erudita, e intelligente da Historia genealogica não só d'este reino, mas de quasi toda a Europa, cuja sciencia manifestou em varios Tratados de familias muito trabalhados, de que faz menção o insigne genealogico moderno D. Antonio Caetano de Sousa.

Fr. Joseph Teixeira, religioso de S. Domingos, que seguiu o partido do senhor D. Antonio, de quem foi pregador, e confessor, deu-se aos estudos da genealogia, sobre que compoz o livro de *Portugalliæ ortu etc.* o qual censurou Duarte Nunes de Leão acerrimamente.

D. Luiz Lobo da Silveira, progenitor illustre dos excellentissimos condes de Sarzedas, foi cavalheiro de grandes noticias na historia do reino, e é reputado por um dos mais exactos genealogicos, que entre nós tem havido, pois os seus Nobiliarios, que se compoem de muitos volumes, e contém as ascendencias, e acções dos serenissimos reis portuguezes, estão provados com documentos irrefragaveis. D'elles faz honorifica menção D. Antonio Caetano de Sousa. (3)

Luiz Vieira da Silva, fidalgo honrado, que rejeitou os maiores lugares, e occupações do reino, de que as suas letras, e merecimentos se faziam credores, lugrou uma universal estimação da corte bem devida ás suas prendas. Escreveu diversos livros de familias com juizo, prudencia, e elegancia. Faleceu em Janeiro de 1725. (4)

Manoel de Carvalho de Ataide, moço fidalgo, capitão de cavallos, e commendador na Ordem de Christo, foi bem intelligente na historia genealogica, e compoz o *Theatro Genealogico* em nome do prior D. Tivisco de Nasao, que trata das arvores de costados das principaes familias de Portugal por ordem alfabetica; e supposto conter alguns erros, foram descuidos de quem lidou com a impressão, como bem adverte D.

(1) Sá de Mirand. carta 4. est. 3.

«As letras, que não achastes.
Vós as mettestes na terra,
A' Nobreza as ajuntastes,
Com quem dantes tinhão guerra.»

(2) Faria na Vida de Cam. que vem no tom. 1. dos Comment n 4. Gandara nos Triunf. de Galiza p. 489. Nicol. Anton. na Bibliot. Hispan. e Frankenau na Bibliot. Genealog (3) Franckenau na Bibliot. Genealog. e outros apud. Sousa tom. 1. Histor. Genealog. (4) Idem Sousa no Apparat. á Histor. Gen.

Antonio Caetano de Sousa no Apparato dos Authores Genealogicos num. 179. Faleceu este cavalheiro em Março de 1720.

Manoel Constantino naseeu na ilha da Madeira, e teve em Roma grande estimação pelas suas letras, e lá imprimiu em latim no anno de 1601 a Historia da origem, e acções dos serenissimos reis portuguezes excellentemente.

Manoel Delgado de Matos, natural da Guarda, lente na Universidade de Coimbra das cadeiras de codigo, e digesto, desembargador, e chanceller da Casa da Supplicação. Escreveu seis volumes de familias da Europa, e foi dotado de uma tal comprehensão, intelligencia, e memoria muito distincta nesta materia genealogica, que no seu tempo ninguem o excedia, e talvez causará invejas ao futuro. De memoria fazia a arvore de costado de qualquer familia da Europa com exacção, e de fórma, que admirava. (1)

Manoel de Faria e Sousa, cavalheiro de conhecida, e honrada fama, douto na historia, e poezia, e nas letras sagradas abundantemente. Entre as producções do seu talento são applaudidas as suas Notas ao Nobiliario do conde D. Pedro, posto que se demorou mais no que tocava a seu proprio interesse.

Manoel Severim de Faria, chantre da Sé de Evora, varão memoravel pela sua vasta noticia, e intelligencia em varias faculdades, no argumento de Nobiliarios compoz diversos tratados, filhos do seu juizo, e erudição. (2)

Manoel de Sousa Moreira, natural de Tras os Montes, e das principaes familias d'aquella provincia. Foi abbade das Chans, e secretario do padroado real, sendo capellão mór o illustrissimo Arcebispo D. Luiz de Sousa, a cujos rogos escreveu com estylo discreto o *Theatro Historico, Genealogico, y Panegyrico de la Excelentissima Casa de Sosa,* ornado com os retratos de seus ascendentes magnificamente.

D. Pedro Affonso, filho d'el-rei D. Diniz, e conde de Barcellos, foi valeroso, e entendido. Escreveu o celebre Nobiliario, principio, e fundamento de todas as Historias genealogicas de Hespanha, e quanto á antiguidade, nesta materia é o quarto livro, que se escreveu neste reino, conforme a judiciosa observação do douto genealogico D. Antonio Caetano de Sousa. (3) O original do conde se conserva no arquivo real da Torre do Tombo, e é muito mais breve do que os transumptos, que andam impressos juntamente com as notas de João Bautista Lavanha, Manoel de Faria e Sousa, Alvaro Ferreira de Vera, e Felix Machado. Alguns authores castelhanos de conhecida intelligencia tambem o annotaram, e taes foram Jeronymo Zurita, Ambrosio de Morales, João Rodrigues de Sá, e outros, que todos tiveram sempre a esta obra por estimavel, e a seu author de relevante merecimento, e credito.

(1) Sousa tom. I. n. 126. (2) Ibid. n. 102. (3) Historia Geneal. da Casa Real Port. tom. I. p. 272.

Rodrigo Mendes da Silva, natural de Celorico da Beira, chronista mór d'el-rei catholico, foi bastantemente versado na genealogia, em cujo assumpto escreveu o Catalogo Real muito seguido, e allegado dos doutos. (1)

Xisto Tavares, lisbonense, e quartanario na Sé, foi um dos mais antigos, e famosos genealogicos, que tivemos, e o seu Nobiliario é de estimação, não obstante comprehender alguns descuidos. Morreu no reinado d'el-rei D. João III.

§ XII

Historia fabulosa

Frei Antonio de Escobar, religioso carmelita, natural de Coimbra, deu claras provas do seu grande engenho, sciencia, e habilidade, em varias composições de novellas organizadas de prosa, e verso muito elegantes, e discretas. Morreu no anno de 1681.

Balthazar Gonçalves Lobato, natural de Tavira, continuou a quinta, e sexta parte do Palmeirim de Inglaterra com felicidade em tempo d'el-rei Filippe II, e fez outros livros com a mesma idéa, para o que bem mostrou a natural propensão que tinha.

Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos, cavalheiro, e poeta memoravel Transmontano, escreveu, e imprimiu á imitação de Barclayo um Satyricon, ou Historia fabulosa em lingua hespanhola nas decantadas *Covas de Salamanca*, producção, que segundo a intelligencia do mesmo author, era muito do seu agrado, como filho gerado na sua velhice, e filho traveço, e faceto, que muito o fazia rir. A verdade é, que semelhante obra bem indica o genio, e engenho do author secundo, e erudito.

Francisco de Moraes, natural de Bragança, e author do celebrado Palmeirim de Inglaterra, do qual diz o padre Telles, (2) que o author com a amenidade do seu florido engenho, e com a suavidade do seu eloquente estylo só pertendeu recrear os leitores com fabulas doutas, e com engenhosas ficções.

João de Barros compoz a historia fabulosa do Imperador Clarimundo para provar o estylo, como diz Severim de Faria na sua vida; (3) e não contando n'aquelle tempo o author mais que vinte annos de idade, nem gastando n'aquella composição mais que oito mezes, bem mostrou a fecundidade do seu engenho, eternamente digno de estimação.

Martim Cardoso de Azevedo, natural de Evora, compoz a Historia das antiguidades da sua pátria com o nome supposto de Amador Patricio, na qual com summa habilidade misturando as fabulas com as historias, e accommodando-as engenhosamente aos sitios, nomes, e bairros

(1) Bocangel em um Soneto lhe chama Livio Hispano. Sousa no tom. 1. da Hist. Geneal. e no Apparat. n. 114. (2) Telles, Histor, Ethiopica liv. I. c. I. (3) Sever. na vida de João de Barros p. 25. vers.

da mesma cidade, teceu uma galante lição para o divertimento. (1)
Vasco de Lobeira compoz em tempo d'el-rei D. João I o celebrado livro das Cavallarias de Amadiz de Gaula, o primeiro, que se compoz d'este genero, e de quem diz Tasso, que em decoro, e elegancia excede a todas as historias de Hespanha. (2)

§ XIII

Máthematica

André de Avellar, natural de Lisboa, foi douto, e celebre professor d'esta sciencia, e mestre na Universidade de Coimbra, cuja cadeira regentou vinte annos com geral applauso. Compoz um tratado da *Esfera*, e outro do *Reportorio dos tempos*. (3)

P. Antonio Carvalho da Costa, lisbonense, muito applicado aos estudos mathematicos, em cuja faculdade compoz eruditamente alguns tratados geograficos, e astronomicos. A sua *Corografia Portugueza* dividida em tres tomos, ainda que em algumas partes padeça equivocações, merece eterno elogio, pois é obra instructiva, de immenso trabalho, e para as forças de um homem só particular, e destituido de cabedaes, como elle era, assás prova ter genio incansavel, estudioso, e amante da nação. Morreu pobre em 27 de Novembro de 1715, e jaz no claustro do convento do Carmo de Lisboa. (4).

Antonio Mariz Carneiro, desembargador, e cosmografo mór do reino, applicou-se com desvelo ás mathematicas, em que foi perito. Chamavam-lhe o *Agulha fixa*, por imaginar que tinha dado no segredo de fixar a agulha de marear. Compoz *Regimento de Pilotos*, e *Hydrografia curiosa*.

Antonio de Naxera, natural de Lisboa, compoz um curioso tratado da Navegação especulativa, e pratica pelas observações do famoso Ticho Brahe. Teve tal propensão ás disciplinas mathematicas, que o obrigou o genio a sahir fóra da patria para communicar com os professores estrangeiros doutos nesta faculdade, e alcançou com esta diligencia emendar muitos erros dos antigos. (5)

P. Antonio Pimenta, nasceu na villa de Torres Novas, e foi doutor em theologia, e direito canonico pela Universidade de Coimbra, e Prior de S. Pedro na sua mesma patria. Na mathematica foi mestre, e leu em Coimbra alguns annos esta faculdade com grande credito do seu talento. Escreveu alguns tratados de engenho nesta sciencia, para a qual tinha genio tão natural, que no seu tempo não houve outrem, que o ex-

(1) Fonseca na Evor. glorios. p. 413. (2) Far. tom. 3. da Europ. Port. part. 4. c. 8. (3) Nicol. Ant. in Bibl. Hisp. tom. I. p. 54. (4) Lenglet, Method. pour etudier l'Histoir. tom. 4. p. 357. Sá, Memor. Histor. part. I. liv. 2. c. 16. (5) D. Franc. Man. na I. carta, centur. 4. Anton. de Leão na Bibl. Judic. tit. 3.

cedesse nella. Persuadido de que havia achado a solução ao celeberrimo, e difficillimo problema da quadratura do circulo, escreveu, e imprimiu no anno de 1685 um livro intitulado *Epiphania*, ou *Demonstração geometrica*, nos dois idiomas latino, e hespanhol, em que mostrou quanto o seu engenho, e estudo podia alcançar; mas não basta só o desvelo humano sem influencia superior para penetrar o rècondito de muitas proposições até agora occultas d'esta sciencia.

Fernando Alvares Seco foi um dos mais intelligentes geografos do seu tempo. Fez uma descripção, ou Mappa de Portugal muito exacto, e por ser digno de estimação o mandou imprimir em Roma o grande portuguez Aquilles Estaço, e o dedicou ao Cardeal Sforcia no anno de 1560.

Fernando de Magalhães, um dos mais peritos homens na arte de navegar, que conheceu o mundo; e supposto não ter escrito d'esta faculdade, sempre é digno de memoria, e que a façamos d'elle neste nosso Mappa. Serviu na Africa, e na India com o grande Affonso de Albuquerque sempre com honra, e valor; e porque el-rei D. Manoel não quiz accrescentar-lhe na sua moradia mais um tostão para ficar igual a seus antepassados, se passou a Castella, e foi servir a Carlos V a quem persuadiu lhe pertenciam as ilhas de Moluco, e outros descubrimentos. Fez-lhe el-rei D. Carlos muitas mercês com um honroso, e utilissimo contrato assinado em Valhadolid a 22 de Março de 1517, e era que de todas as terras, que descubrisse Magalhães, lhe dava o titulo de Adiantado, e Regedor, com vintena de todas as rendas, e direitos reaes; e que descubrindo mais de seis ilhas, el-rei escolheria as seis, e elle duas, em que teria a quinzena de tudo, e isto ficaria para seus filhos, e descendentes. Partio Fernando de Magalhães de Sevilha a 10 de Agosto de 1519 com cinco náos, das quaes era elle capitão general com poder maior civil, e crime: fez sua derrota pelo Brazil, d'onde navegando contra o sul, descubriu um estreito até alli incognito, em 21 de Setembro de 1520: nelle andaram os navegantes até os 17 de Outubro, em que passaram á outra banda do mar, no qual caminho o mataram. (1)

Gaspar Barreiros, de quem já nos lembrámos, foi tambem eminente na geografia, e os seus estudos serviram de emendar muitos erros nos Mappas da Asia pelo muito, que sabia da nossa navegação, e pela grande communicação, que tivera com seu tio João de Barros, que então compunha as suas Decadas. Escreveu mais um livro de *Observações Cosmograficas* de muitos lugares maritimos de Hespanha com todos seus campos, e promontorios, e outro intitulado *Corografia*, muito erudito, que universalmente é tido em grande estimação.

Gaspar Ferreira Reimão foi piloto mór do reino, e na pratica peri-

(1) Aubert. Miraeus ad ann. 1519. Goes Chronic. d'el-rei D. Manuel part. 4. c. 37 Andrad. Chron. d'el-rei. D. João III part. 1. cap. 10. Abrah. Bucholcer. in Indic. Chronol. ad an. Christ. 1519.

to. Imprimiu um Roteiro da navegação, e carreira da India com seus caminhos, e derrotas, que no seu tempo foi aceito.

D. Henrique, infante, filho d'el-rei D. João I. foi chamado por antonomasia o *Mathematico*, porque dando-se com particular inclinação a esta sciencia, sahio eminente na geografia, e astronomia. Manoel de Faria diz d'elle, que fora o Prometheo de Hespanha; porque se aquelle do monte Caucaso investigou o progresso, e gyro dos planetas, este deixando a corte, e indo viver no Promontorio de Sagres, d'alli penetrou os astros de sorte, que achou por elles o descubrimento de nossos mares, e conquistas. (1)

João Bautista Lavanha, professor insigne de mathematicas, na geografia foi perito, como se vê das Notas, que fez á quarta Decada de João de Barros, e do seu Mappa de Portugal, o mais correcto que tenho visto quanto á expressão dos nomes das terras.

Luiz Serrão Pimentel, engenheiro mór, e cosmografo mór do reino, pessoa de grande estudo, sciencia, e averiguação nas observações mathematicas. O seu *Methodo Lusitano de fortificar as Praças*, e o *Roteiro de Pilotos* são os livros mais solidos, e exactos, que em semelhante genero sahiram até agora ao publico. (2)

D. Manoel de Menezes, filho de D. João de Menezes, chamado de Campo Maior, por ser herdado na vizinhança d'aquella villa, inclinou-se com felicissimo progresso ás sciencias mathematicas, em que teve por mestre ao padre Delgado, discipulo de Clavio. Nas materias nauticas foi o mais sabio de todos os homens, que n'aquelle tempo serviam em Portugal, e Castella: foi muitas vezes capitão mór das náos da India, e por general da nossa armada á recuperação da Bahia, lançando d'aquelle Estado aos hollandezes no primeiro de Maio de 1625. Escreveu alguns tratados, e relações dos seus successos; e antes de morrer, que foi a 28 de Julho de 1628, tinha determinado abrir em S. Vicente de Fóra aula de cosmografia, a que convidava os amigos. Está sepultado na igreja da Madre de Deus de Lisboa. (3)

Manoel Pimentel, cosmografo mór do reino, e mestre de mathematica do serenissimo rei D. Joseph I que Deus guarde, foi varão consummado em letras humanas, e de um talento profundo, e solida doutrina. Compoz a *Arte de navegar*, que n'aquelle argumento é texto, e applaudida ainda dos professores estranhos. (4)

Pedro Nunes, natural da villa de Alcacer do Sal, foi um dos mais excellentes mathematicos, que teve o mundo até o seu tempo, e por singular o numera entre os mais insignes de Hespanha a Geografia Bla-

(1) Far. no Epitom, D. Franc. Man. Epanaf. 3. p. 309. Vasconcel Chron. do Brazil, liv. 1. num. 13. Sousa. Chron. de S. Dom. part. 2. liv. 2. cap. 20 (2) Moreri no Diccion. Historic. verb. Pimentel. Sá, Memor. Histor. do Carm. tom. 2. p. 184. (3) D. Franc. Man. Epanafor. 2. p. 268. e Epanafor. 5. pag. 576. D. Luiz de Salazar e Castro na Casa de Silva part. 2. v. 6. cap. 33. Luiz de Torres de Lima nos Successos do Port. c. 41. (4) Feijo. Theatr. crit. tom. 4. 415.

viana. Escreveu quasi de todas as materias mathematicas, como mestre que era d'ellas, e o primeiro lente, que houve d'esta faculdade na Universidade de Coimbra, não lhe sendo pequena gloria ter por discipulos ao infante D. Luiz, filho del-rei D. Manoel, ao famoso vice-rei D. João de Castro, e a el-rei D. Sebastião. A este pronosticou no mesmo dia, em que foi coroado rei o infeliz catastrofe que havia de ter. Escrevem d'este insigne mathematico muitos homens doutos, e ainda desinteressados nas nossas glorias. (1)

§ XIV

Musica

Affonso Vaz da Costa, famoso musico lisbonense, que floreceu nos principios do seculo passado. Aprendeu em Roma, e lá assistido de sciencia, e numen, mereceu lograr com a sua melodia todos os primores harmoniosos. Foi mestre da capella em Badajoz convidado com grosso partido, e depois em Avila, onde morreu. Existiam d'elle algumas obras na insigne livraria da musica do serenissimo rei D. João IV grande professor, e Mecenas d'esta arte suavissima, na estante 28, num. 710. conforme o Index impresso no anno de 1649.

Alexandre de Aguiar, musico do cardeal rei D. Henrique, e de Filippe II era natural do Porto, e tão insigne, e destro na suavidade da voz, e consonancias da viola, qne por antonomasia lhe chamavam o Orpheo. Grangeou particulares estimações dos principes; compoz em apropriada solfa, e conforme ao genio da letra as *Lamentações de Jeremias*, e morreu no anno de 1605 desgraçadamente naufragando em um rio de Castella. (2)

André de Escobar. Sendo perito na musica, singularisou-se no instrumento da charamelinha, ou boé, com o qual arrebatou a attenção no Estado da India, que até o seu tempo nunca ninguem alli tinha ouvido semelhante harmonia; e n'este reino foi nas cathedraes de Evora, e Coimbra o mais celebre instrumentista, que executava com graciosa energia a composição mais difficil. Escreveu preceitos para se aprender o mesmo instrumento com facilidade. Lembra-se d'elle Barbosa na biblioteca Lusitana.

P. Antonio Fernandes, da provincia do Alemtejo, e natural de Sousel, foi mestre do coro na freguezia de Santa Catharina de Lisboa, e teve aula publica d'esta arte, aonde concorriam muitos discipulos, que

(2) Ludov. Nun. in Hispan. c. 34. P. Clav. in Sphaer. Sacr. Bosch. Abrah. Bucholcer Indice Chronol. ad ann. Christ. 1577. Osor. de reb. Emmanuel lib. II. p. mihi 1056. Goes, Chron. del-rei D. Man. part. I. cap. 101. D. Nicol. Chron. dos Coneg. Regr. liv. 10. c. 3. n. 11. Mariz. Dialog. 5. c. 3. p. 356. Far. no Epitom. part. 3. c 16. n. 4. e na Asia tom. 3. part. 2. c. 5. n. 9. Leit. Ferr. Notic. Chronolog. que andão nas Collecções Academ. do anno de 1729. (2) Barbos. in Bibl. Lusit. tom. I.

ensinou com credito do seu nome. Compoz muitos livros da faculdade curiosos, e scientificos, especialmente a Especulação de segredos da musica. (1)

Fr. Antonio de Jesus, religioso trinitario de Lisboa, estupendo professor, e cathedratico de musica na Universidade de Coimbra. N'esta faculdade compoz varias obras de estimação. Faleceu no anno de 1682. (2)

Antonio Marques Lesbio, doutissimo em varias faculdades, e com uma habilidade rara para todas. Na Musurgia foi oraculo, e dos mais celebres, e insignes contrapontistas que houve, e excellente instrumentista. O serenissimo D. Pedro II, e os principes o estimavam com distincção. Foi mestre da capella real, e estando compondo a *Magnificat* para n'ella se cantar, foi assaltado da morte, vespera de Santa Cicilia no anno de 1709, acabando em Lisboa sua patria, como verdadeiro Cisne entre as suavidades da musica. (3)

Antonio Marques Fagote, natural de Tancos, foi mestre da capella d'el-rei D. João IV, e no instrumento musico do seu mesmo appellido foi insigne. Compoz regra para elle,

Antonio Pinheiro, filho de Montemór o novo, e mestre da capella ducal de Villa-viçosa, e depois da Sé de Evora, foi excellente professor d'esta arte, na qual deixou escrito um grosso volume da *Magnificat* por diversas vozes.

Bento Nunes Pegado foi discipulo do grande Antonio Pinheiro, e teve um especial genio para esta arte, em que compoz algumas obras com bom estylo.

Cosme Baena Ferreira, mestre da Sé de Coimbra, e natural de Evora, foi um dos afamados professores d'esta faculdade, e n'ella compoz com grande applauso.

Cosme Delgado, natural do Cartaxo, termo de Santarem, e não villa, como lhe chama a Bibliotheca Lusitana, foi mestre da capella na Sé de Evora, e celebre cantor no tempo do cardeal Alberto. Compoz um Manual da musica, e outras composições musurgicas, como de mestre.

Damião de Goes, de quem já fizemos honorifica lembrança, tambem foi insigne na musica. Era n'ella tão destro, e cantava com tanta suavi-

(1) D. Franc. Man. centur. 4. cart. 1.Barbos. na Bibl. Lusit. tom. I. p. 269. (2) Idem, ibid. p. 301. (3) P. Reis no Enthusiasm. Poetic. n. 142. na traducção de Caria cant. delle assim:

O Lesbio Mestre do sagrado Coro,
Em quanto estreita ao numero sonoro
De airosa melodia
As palavras da candida MARIA,
Dispondo em vozes puras
Se por arte Apollinea altas figuras,
Morrendo como Cisne, acha desdouro
Das Musas aceitar o verde louro,
Tendo por certa no estrellado assento
Coroa do mais alto luzimento.

dade, e melodia, que por as terras, por onde andou, lhe chamavam o *Musico* de alcunha, accrescentando a isto a admiravel agilidade em varios instrumentos, que tocava gentilmente. D'elle existiam Motetes, e Canções a tres, quatro, cinco, e seis vozes na bibliotheca regia da musica estant. 21. num. 592.

Duarte Lobo, mestre da Sé de Evora, e reitor do Seminario de Lisboa, onde tambem foi mestre de musica na sua cathedral, para cujo ministerio o elevou a sua profunda sciencia n'esta faculdade. Morreu contando cento e vinte e tres annos de idade, e deixando muitas obras estimaveis. (1)

Fr. Estevão de Christo, religioso Thomarista, e natural de Torres Novas, insigne mestre de contraponto, e tão afamado, que foi a Madrid por empenho do capellão mór D. Jorge de Ataide a dispor a musica da semana Santa, segundo a cantoria da capella do Papa, o que executou magistralmente. Deixou algumas composições admiraveis, e morreu no convento da Luz junto a Lisboa no anno de 1609. (2)

Filippe da Cruz, natural de Lisboa, e Freire de Santiago em Palmella, pessoa muito nobre, e como author do canto ecclesiastico de defuntos o cita e nomea por insigne o grande Pedro Thalesio. (3)

Filippe de Magalhães foi no seu tempo o mais famoso mestre de musica d'este reino, e teve a gloria de instruir os melhores homens, que tambem foram depois insignes n'esta suavissima arte, como foi Estevão de Brito, e outros.

D. Francisco Castelhano de nome, mas portuguez de nascimento, conego regrante de Santo Agostinho, e mestre da capella no real convento de Santa Cruz de Coimbra, insigne contrapontista. Compoz varias obras; e com primor harmonico as *Lamentações e Bradados das Paixões*, que por ordem d'el-rei Filippe II foram pedidas pelo capellão mór D. Jorge de Ataide para se cantarem no Escurial no anno de 1590. (4)

João Alvares Frouvo, natural de Lisboa, e na cathedral mestre da capella, e seu Quartanario, foi discipulo de João Duarte Lobo, e famoso compositor. Imprimiu um discurso sobre a perfeição do Diatessaron muito erudito. Faleceu no anno de 1682.

Fr. João Fogaça, religioso da Serra d'Ossa, e natural de Villa-viçosa, foi perito na arte da musica, e compoz em solfa luctuosa varias lições, e motetes, que se conservam na livraria regia.

João Lourenço Rebello, commendador na Ordem de Christo, e peritissimo n'esta divina faculdade, em que seguiu o estylo do insigne Capitan. Dizia d'elle o serenissimo rei D. João IV (cujo voto n'este particular sempre foi o melhor, como de mestre intelligente, que era insigne

(1) Far. na Font. de Aganip. part. 2. Poem. 10. est 72. diz delle;
El Lobo en la theorica lustroso
Deste estudio, que tanto oydo engana

(2) Thales. na arte do canto chão p. 35. (3) Thales. na Arte de canto chão pag. 68

(4) D. Nicol. Chronic. dos Coneg. Regr. liv. II. c. 28. n. 4.

na materia) que tendo noticia dos talentos de tantos, e tão grandes homens musicos, não tinha achado outrem, que se igualasse com a habilidade de Rebello na presteza, disposição, e arteficio, e assim o antepunha a todos os professores d'esta insigne arte. Mereceu que el-rei lhe dedicasse a *Defensa da musica moderna.*

D. João IV serenissimo rei de Portugal, entre as virtuosas prendas, com que o seu magestoso espirito foi ornado, se numera o profundo conhecimento, e affecto que teve á musica. Não cantava, diz d'elle Sousa de Macedo, (1) mas sem controversia foi na musica o mais sciente do seu tempo. As composições, que com nome supposto communicava ao mundo, por superiores eram logo conhecidas por suas em toda a Europa. Com despezas consideraveis, e diligencias particulares ajuntou uma numerosa livraria das obras musicas melhores, e mais exquisitas, e tinha disposta com curiosidade, e clareza notavel. Sendo continuo nos conselhos, e despachos, todos os dias tomava depois de jantar uma hora de alivio na musica. D'esta soube a theorica magistralmente, e compoz, e fez imprimir a *Defensa da musica moderna* contra a errada opinião do bispo Cyrillo Franco, em que mostra que a musica antiga não tinha mais força para mover que a de agora, e que não fazer os mesmos effeitos, não é falta da musica, e muito menos do compositor. (2)

Fr. Manoel Cardoso, carmelita, natural de Fronteira no Alemtejo, foi tido pelo mais celebre organista, e contrapontista, que houve no seu tempo em Portugal, e Castella, cujos monarcas D. João IV, e Filippe IV o estimaram summamente, não só pela pericia da sua faculdade, mas pela integridade da sua vida. El-rei D. João IV fazia d'elle tal conceito, que muitas vezes o hia visitar á sua cella, e consultava em pontos musurgicos. Quando mandou ornar a sua biblioteca musical com os retratos naturaes de professores mais insignes, quiz que o primeiro fosse o de fr. Manoel Cardoso. Compoz cinco livros de varias solfas de grande soccorro para os musicos, e entre as suas composições é mui celebre a missa, que por mandado d'el-rei de Castella compoz engenhosamente sobre as palavras *Philippus Quartus.* Morreu em 24 de Novembro de 1650, repetindo o hymno *Te Deum laudamus.* (3)

Manoel Correa, racioneiro em Sevilha, onde floreceu com applauso

(1) Sousa de Macedo na Fva, e Ave part. 1. c. 23. n. 15. (2) Duarte Madeira no liv. intitulado «Nova Philosophia» disp. 9. tom. 2. part. 1. sect. 6. n. 3. faz um bom elogio a este Monarca. D'elle vi o tratado da Defensa da Musica impresso em Roma sem expressar anno, nem o nome do Author, porem trazia em seu louvor um Soneto acrostico que dizia: «El-rei de Portugal.» e começava assim;

El que la nueva musica defiende
Luso Escritor, con peregrinas flores,
Retratar sabe en metricos colores
Efectos, con que el alma se suspende. etc.

(3) Deste falla Man. de Faria na Fonte de Aganippe part. 2. Poem. 10. est 72 e diz;
Desde el Carmelo altissimo el Cardoso,
Que excede al gran Ruger, se le acompana,

pelos annos de 1630, compoz, e imprimiu as melhores obras de solfa do seu tempo.

Manoel Mendes foi chamado o principe da musica, e a leu em Evora. Imprimiu uma arte d'esta faculdade. (1)

Manoel Rebello, insigne mestre de musica em Evora. Conservavamse varias composições suas na biblioteca regia. (2)

Manoel Soares, presbytero, natural de Lisboa, e um dos mais insignes professores da faculdade harmonica. Foi mestre, que deitou admiraveis discipulos pelo bom methodo que teve de ensinar, conservando sempre um respeito, e modestia inalteravel. Compoz varias obras para se cantarem na santa igreja Patriarcal por ordem do fidelissimo rei D. João V, as quaes mereceram universal applauso de todos os professores. Faleceu em Lisboa no anno de 1756, e jaz na igreja dos padres da missão em Rilhafoles.

Pedro Thalesio, grande professor de musica, compoz uma arte de canto chão mui methodica.

Peixoto da Pena era natural de Tras-os-montes, e o mais famoso, e perito instrumentista, que se conheceu no seu seculo. Achando-se em Castella, e no paço do imperador Carlos V se admirou de que os seus musicos temperassem os instrumentos: elles zombando lhe deram uma viola destemperada, para que tangesse: pegou n'ella Peixoto, e de tal fórma regulou a positura variavel dos dedos, que soube produzir consonancias, e suspender docemente os ouvintes. (3)

§ XV

Medicina e Cirurgia

Aleixo de Abreu, medico de grande experiencia, natural das Alcaçovas, e discipulo do famoso Balthazar de Azeredo, foi o primeiro, que escreveu do mal de Loanda. El-rei Filippe III o elegeu para medico da camara pela fama da sua sciencia curativa. Escreveu um tratado de sete enfermidades, que padeceu todas juntamente, e curou só, sem admittir medico de fóra. Morreu em Lisboa no anno de 1630. (4)

Alvaro Nunes, Santareno, fisico mór do archiduque Alberto, a quem acompanhou a Flandes, onde foi summamente estimado de todos pelo maior professor da medicina. Como era feliz nas curas que fazia, bri-

(1) Far. ibid. est 73.
Del Mendes raro a la Nobleza cupo
El canto, que es de oydos el arrobo.

(2) Far. ibid. num. 72 e 73
Y Rebello que pudo desde el monte Pindo
Baxar al Acheronte.

(3) Maced. na Eva, e Ave part. 1. e 23 num. 8. refere este caso, ao qual puderamos accrescentar muitos semelhantes, que succederam ao insigne, e celebre Thesoureiro mór do Algarve. (4) Barbos. Bibl. Lusit· tom. I

'hava n'elle grandemente a sciencia, e esperiencia, que tinha adquirido. Faleceu em Anvers no anno de 1603. (1)

Amato Lusitano, ou João Rodrigues de Castello-Branco, natural d'esta villa, insigne filosofo, excellente medico, e numerado entre os mais celebres, e eruditos da faculdade. Foi em Salamanca condiscipulo de André de Laguna, a quem excedeu, e viu varias cidades de Italia, e Flandes, onde communicou com os homens mais eruditos d'esta arte, e teve os mais avultados partidos de principes, que faziam d'elle especial estimação. Compoz muito na faculdade, e morreu infeliz, porque acabou judaizante no anno de 1568, porém vive a sua fama nos seus admiraveis escritos. (2)

Ambrosio Nunes nasceu em Lisboa dotado de um raro engenho. D. João III o mandou estudar medicina a Coimbra, onde se doutorou, e leu algum tempo, e depois passou a Salamanca, em que foi cathedratico de Prima com geral applauso. Voava a fama da sua sciencia por toda a Hespanha, e em Madrid, Sevilha, e outras terras fez curas prodigiosas. Restituiu-se á patria, e n'ella feito medico da camara, e cirurgião mór, deu fim a seus dias a 11 de Abril de 1611, deixando perpetuada sua memoria nos eruditos livros, que compoz, e imprimiu sobre os aforismos de Hyppocrates, e sobre a peste. (3)

André Antonio de Castro, filho benemerito de Villa-viçosa, ainda que alguns o fazem natural de Leiria, foi Fysico mór d'el-rei D. João IV de quem era muito estimado, e no seu tempo famosissimo pela felicidade, com que curava ainda as molestias mais renitentes. Compoz varios tratados medicos cheios de erudição, e experiencia. (4)

Antonio da Cruz foi um dos cirurgiões de mais experiencia e pratica, que viu o reino, porque o continuo uso, e exercicio do hospital real de Lisboa o fez expedito, e sciente de sorte, que compoz uma recopilação da cirurgia para aquelle tempo a melhor, que se tinha visto. Floreceu entre o seculo de 1500, e o de 1600.

Antonio Ferreira, natural de Lisboa, e um dos mais peritos, e experimentados na arte cirurgica, em que compoz «Luz verdadeira de toda a Cirurgia» applaudida dos professores, especialmente o tratado das feridas. Faleceu em Lisboa no anno de 1679.

Antonio da Fonseca, natural de Lisboa, teve em Flandes, e no Palatinado um grande nome, especialmente por occasião de uma epedemia, de que elle triunfou, atalhando-a, e curando-a com singular credito da sua sciencia no anno de 1620, expondo depois ao publico os fundamentos, com que obrara, para cautella dos vindouros.

Antonio Pires da Silva, Bragantino, famoso medico da villa de Ala-

(1) Ibid. (2) Zacut Lusit. in Histor. Princip. Medic. lib. 2. hist. 85. quaest 46. Ann. Histor. tom. I. pag. 101. Morcri, Doccion. Histor. verb. «Amato.» . (3) D. Franc. Man. cent. 4. cart. 1. Ann. Histor. tom. I. (4) Zacut. allegad. lib. 4. hist. 25. quaest 26.

fões, de cujas Caldas compoz um tratado, em que dá mostras de grande medico, e filosofo.

Balthazar de Azeredo, natural de Guimarães, cathedratico na Universidade de Coimbra, e alli jubilado na de Prima, depois fisico mór do reino, e tão insigne, que no seu tempo lhe chamavam o Hyppocrates, e o Galeno. Escreveu na faculdade, e morreu em Janeiro no anno de 1631. (1)

Brudo, lusitano, filho de Dionisio Lusitano, cujos nomes proprios de ambos se ignoram, e são mais conhecidos entre os inglezes, do que entre nós. Foi Brudo peritissimo nas linguas latina, grega, e arabica, e insigne medico, e deixou eternos monumentos da sua sciencia no livro, que escreveu *De ratione victus in febribus*, impresso em Veneza no anno de 1544. (2)

D. Caetano de Santo Antonio, conego regrante de Santo Agostinho, e natural de Buarcos, foi admiravel botanico, e compoz Pharmacopea lusitana com o methodo pratico para preparar os medicamentos.

Christovão Sardinha, natural de Elvas, floreceu no reinado d'el-rei D. João III, e na provincia do Alemtejo era tido pelo Deus Esculapio pela facilidade, e bom exito dos seus remedios.

Diogo de Contreiras, Eborense, medico tão famoso, e izento, que convidando-o el-rei D. Sebastião para medico da sua camara, elle não aceitou o emprego. (3)

Diogo Mourão, natural da Covilhã, eximio, e peritissimo professor da arte medica, á qual deu grandes creditos, e á sua pessoa estimação na Provença, onde a exercitou com felicidade no anno de 1639. Imprimiu alguns tratados eruditamente. (4)

Diogo de Rosales, de quem se ignora a patria, porém Zacuto o numera entre os insignes medicos portuguezes. Compoz algumas obras, de que se lembra o mesmo Zacuto, e Bartoloc. na Bibliotheca Rabbinica tom. 3.

Diogo da Silva, excellente professor d'esta arte em Roterdão, e Paris, e n'ella compoz varios livros, que os doutos veneram.

Duarte Madeira Arraes, fisico mór d'el-rei D. João IV, e natural de Moimenta da Beira, foi excellente filosofo, insigne medico, e admiravel cirurgião: tudo executou como mestre, e com desembaraço. A sua nova filosofia das qualidades occultas, que imprimiu em Lisboa no anno de 1650, é applaudida até pelos estranhos menos affeiçoados. O seu tratado *De morbo Gallico* é seguido pelos professores como texto de Hippocrates, ou Galeno. Morreu em Lisboa no anno de 1652. (5)

Estevão Rodrigues de Castro, lisbonense, e um dos mais illustres, e excellentes medicos, que nasceram em Portugal, em Pisa foi lente de

(1) Maced. Flores de Hesp. c. 8. excel. 9. (2) Lembra-se deste Author o P. Franc. da Cruz na Bibl. Lusít. m. s. (3) Fonseca na Evor. glorios. (4) Barbos. na Bibl. Lusit. tom. I. (5) Waderal in Script. Medic. Anton. de Leão Bibl. Orient.

Prima, e o grão duque de Toscana o fez seu fisico mór. A maior prova da sua incessante applicação, e talento são os seus eruditos livros, e os innumeraveis elogios, que varões sabios lhe fizeram. Morreu no anno de 1637. (1)

Fernando Cardoso, natural de Celorico, floreceu nas Hespanhas com grande nome pelos annos de 1630. Imprimio um livro *De febre syncopali*, com admiraveis observações, e outro muito curioso *De las utilidades del agua, y de la nieve; del bever frio, e caliente.*

Francisco da Fonseca Henriques, natural de Mirandella, foi um d medicos mais doutos, que floreceram no nosso seculo. Deixou escrito varias obras de grande utilidade, e cheias de erudição.

Francisco Morato nasceo em Castello de Vide, e foi medico da camara d'el-rei D. João IV, que muito o estímava. Compoz a *Luz da medicina,* com que illustrou grandemente o seu nome, e a sua arte.

Francisco Sanches, famoso, e engenhoso medico, natural de Braga, teve em Mompelher de França cadeira publica, contando sómente de idade vinte e quatro annos, e lá chegou a compor, e imprimir vinte e tantos tomos da mesma faculdade. Com ser tão estudioso, e applicado, veio a tirar por conclusão certissima, que n'este mundo nada se sabia e d'esta sentença compoz um livro elegante, a que intitulou *Nihil scitur* impresso no anno de 1649.

Gabriel da Fonseca era natural de Lamego, e tão applicado á medicina, que foi cathedratico d'ella em Pisa, e medico da camara em Roma do Papa Innocencio X, e Alexande VII em o tempo dos quaes não havia outro da sua profissão, que o excedesse, nem o igualasse.

Garcia de Orta, do qual podemos dizer que venceu a Plinio, e Dioscorides em indagar a verdadeira virtude das hervas Indianas. N'esta materia foi tão curioso, que depois de se distinguir nos actos litterarios entre todos os seus collegas nas Universidades de Alcalá, e Salamanca, e ler nos estudos de Lisboa por alguns annos com muita diligencia, exercitando-se juntamente na cura dos doentes, passou ao estado da India no anno de 1534, e la empregou sua vida pelo espaço de trinta annos em inquirir, e saber a verdade das medicinas simples d'aquellas regiões, das quaes tantos enganos, e fabulas escreveram não só os antigos, mas muitos dos modernos. De tudo compoz o admiravel livro intitulado *Colloquios dos simples, e drogas, e cousas medicinaes da India, e frutas achadas n'ella,* o qual se imprimiu no anno de 1563 em Goa, e teve a fortuna de que os insignes Costa, Monardes, Marrucino, e Carlos

(1) Zacut. Histor. Medic. liv. 3. histor. 9. quest 18. e hist. 25. Nicol. Anton. in Bibl. Hispan. tom. 2. Moreri no Diccion. verb. «Castro.» D. Franc. Manoel cent. 4. cart. 1. Ann. Histor. tom. 3. pag. 513.

Clusio o traduzissem em differentes idiomas, merecendo tambem a sua sciencia o grande elogio, que lhe fez Camões. (1)

Gaspar dos Reis Franco, natural de Evora, foi erudito, e assim o mostrou no livro *Campus Elysius jucundarum quæstionum*, impresso em Bruxellas no anno de 1661, ainda que n'elle segue algumas opiniões extravagantes.

Henrique Jorge Henriques, natural da Guarda, foi lente em Coimbra, e em Salamanca, e de grande opinião em toda Castella. Imprimiu o *Retrato do verdadeiro medico* fundado em grandes experiencias pelos annos de 1595.

Jeronymo Nunes Ramires, honrado discipulo do insigne Thomaz Rodrigues da Veiga, nasceu em Lisboa, e n'ella grangeou tal nome na medicina, que era procurado incessantemente por todos, a que elle assistia promptamente á custa do seu descanço, e com maior vigilancia nas doenças de perigo. Sem embargo do pouco tempo, que lhe restava, de que elle se queixa no prologo dos *Commentarios a Galeno*, que fez, e imprimiu no anno de 1688, escreveu com elegancia, e sciencia, dando evidentes mostras de ser erudito nas linguas grega, e latina, de que foi publico professor.

João Bravo Chamiço, a que uns fazem natural de Torres Novas, outros de Leiria, foi cirurgião mór do reino, e escreveu de cirurgia, e medicina doutamente, como refere Zacuto. (2)

João Curvo Semedo, natural de Monforte, foi n'esta faculdade, e nos nossos tempos medico de grande fama, especulação, e experiencia, com a qual inventou alguns remedios especiaes de muita utilidade, menos aquelles sympathicos, e antipathicos, que todos os sabios modernos fundados em melhores, e irrefragaveis experiencias reprovam, como ficções dos antigos. (3)

Manoel Bocarro Francez, medico, filosofo, mathematico, e poeta lusitano insigne, aprendeu medicina em Mompelher, onde se doutorou

(1) Cam. Ode 9. escrita ao conde de Redondo Vice-rei da India; pedindo-lhe que fovorecesse a Garcia de Orta, e diz-lhe;

Favorecei a antiga
Sciencia, que já Aquilles estimou,
Olhay que vos obriga
O ver que em vosso tempo rebentou
O fruto daquell'Orta, onde florecem
Plantas novas, que os doutos não conhecem.
Olhay que em vossos annos
Produz hum'Orta insigne varias hervas
Nos campos Indianos,
As quaes aquellas doutas, e protervas
Medea, e Circe nunca conheceram,
Posto que a ley da Magica excederam, etc.

(2) Zacut. Histor. Medic. liv. 2. histor. Galen. 15. (3) Feijó no tom. I. das Cartas eruditas cart. 17. n. 20. e 21. justamente censura este Author nesta parte. condenando-o tambem de muito credulo, e sem criterio em muitas cousas; porém no mais é merecedor da estimação, que delle se faz commummente.

n'elle, depois veio para Alcalá de Henares, e alli ouvindo o celeberrimo lente da mesma faculdade Pedro Garcia Carrero, tomou d'elle tambem o gráu de doutor, e em Coimbra: o imperador Fernando III lhe concedeu um privilegio para poder curar em toda a parte. D'esta sorte extendeu a sua fama tanto, que veio a ser medico de muitos principes da Europa, e até do imperador turco em Constantinopla. Correu a maior parte do mundo, e tratou com os mais insignes homens de letras, que então floreciam, como foram Galileo Galilei, e Kepler. São innumeraveis os livros, que compoz em varias faculdades, todos irrefragaveis pregoeiros do seu engenho, e erudição: d'elles se imprimiu um Catalogo em Hamburgo no anno de 1644. Estando em Liorne, e sendo chamado para curar a duqueza Strozzi, que estava em Florença, morreu no caminho pelos annos de 1662. (1)

Paulo Correa, natural de Marialva, foi lente de Vespera na Universidade de Alcalá, e tão grande professor da arte medica, que foi chamado de Roma para curar varios principes, e prelados d'aquella curia, onde viveu alguns annos, e fez celebre o seu nome. (2)

Pedro de Peramato, excellente medico do duque de Medina Sidonia, e excellente escritor da faculdade. Imprimiu tres tomos em San Lucar de Barrameda no anno de 1576, que deram grande brado pelo mundo; e varões doutos allegam sua doutrina para confirmarem a propria, por ser solida, e bem fundada. (3)

Rodrigo da Fonseca, lisbonense, cathedratico de medicina em Pisa, e depois lente de Prima em Padua, compoz muito na faculdade, e é louvado dos professores, e d'elles seguido. (4)

Thomaz Rodrigues da Veiga, eborense, cathedratico de Prima em Coimbra, e um dos mais famosos letrados, com que el-rei D. João III ennobreceu aquella Universidade. Muitos são os elogios, com que varões sabios recommendam as suas obras de eruditas, e a elle de insigne, e eminente na faculdade. (5)

Zacuto Lusitano, natural de Lisboa, medico de rara, e exquisita fama. Escreveu a historia dos varões sabios da medicina com profunda erudição: foi homem consummadissimo na sua arte: os epithetos honorificos, que lhe dão graves authores, são innumeraveis; (6) só teve

(1) Este Author certamente celebre, diz Vieira na «Palavra do Prégador empenhada» §. 9. fim que profetizara a Acclamação del-Rei D. João IV. ao menos verificou-se com o successo o que Boccarro havia escrito vinte e quatro annos antes de acontecer. (2) P.: Franc. da Cruz no Catalog. dos Authores Portuguezes. (3) Quintanaduenas tom. 2. singular. ad 4. Eccles. praecept. tract. 9. sing. 1 num. 5. (4) Servio, Dissert. de Unguent. Armario num. 28. Zacut. liv. 6. histor. 7. fin. (5) Nicol. Anton. in Bibliot. Hispan. tom. 2 pag. 251. Jeron. Nun. nos Comment. de Galen. cap. 3. fol. 11. e cap. 4. fol. 21. O. P. Ant. Vieir. tom. 11. no Serm. de S. Luc. num. 261. diz delle: «Adoeceu de uma febre El-rei D. Sebastião, e sendo chamado de Coimbra aquelle Oraculo da Medicina, que nas Cadeiras da mesma Universidade é allegado com o nome de» Magnus Thomas, ordenou que lhe fizessem uma cama de rosas, e deitado nella, ficou são. (6) Luiz de Lemos na Vida de Zacuto allega muitos elogios, que lhe fizeram, os quaes é impossivel referir neste pequeno Mappa. Debaixo do retrato

porém a infelicidade de morrer judaizante fóra da nossa verdadeira religião no anno de 1642.

§ XVI

Erudição varia

De Heroes litterarios Portuguezes, que abarcaram toda a erudição, e se fizeram celebres no mundo pela sua amplissima capacidade, puderamos numerar bastantes, sem repetir muitos dos que temos referido. Fr. Eusebio de Matos, que primeiro foi religioso da companhia, onde entrou no anno de 1644, e depois se passou para a religião carmelitana, foi talento extraordinario. Dizia delle o veneravel Vieira, que Deus se empenhara a fazel-o em tudo grande. Soube eminentemente letras humanas: leo Filosofia, e Theologia com assombro, e utilidade: foi maravilhoso poeta latino, e vulgar: grande musico por natureza, e arte: subtil Arithmetico, e tão estimado nesta materia, que tendo os homens de negocio duvidas nas suas contas, o consultavam, e elle decidia as mais ambiguas, e intrincadas: foi caprichoso pintor, maiormente no desenho: Orador Evangelico insigne, e eloquente: até na conversação era discreto, communicavel, e affabilissimo. (1)

D. Heliodoro de Paiva, colaço d'el-rei D. João III, e filho de Bartholomeu de Paiva, guarda-roupa do mesmo rei, e Védor das obras do reino, desenganado do mundo antes de tempo, foi buscar o seguro da salvação entre os conegos regulares de Santa Cruz de Coimbra, e lá unindo a virtude com o juizo, e engenho profundo, de que era dotado, se fez estimavel por todos os principios. Era sogeito de portentosa vivacidade, e se inteirou tanto nas linguas Hebrea, Grega, e Latina, que em todas compunha, e fallava como proprias. Conta-se d'elle, que ao mesmo tempo que postillava Theologia, convertia tudo em verso Grego, quanto o mestre dictava em Latim. Foi o maior Filosofo, Theologo, e Escriturario do seu tempo: imitava primorosamente quaesquer caracteres, e na pintura foi agil: cantava suavissimamente, e com o mesmo desembaraço tocava orgão, rebeca, e arpa, sendo juntamente insigne no contraponto. A todos estes extraordinarios dotes, com que a natureza o havia adornado, ajuntou o da modestia, e humildade, rejeitando diver-

deste insigne Medico, que vem no principio das suas obras, se lé esta inscripção, «En Zacutum Lusitanae fulgidum sidus plagae, Principem chori medentum, saeculi miraculum.» Paul Zachias o louva no liv. 5. quaest Medico Legal. titul. «De monstris.» porêm Gaspar dos Reis Franco no Campo Elysio quaest 31. n. 12. o censura de pouco verdadeiro, «Fuit quippé pessimus hic Judeus. alter mendaciorum pater, ut de Amato illi simillimo non absque ratione dicebat Fallopius, uterque enim, ut legentes in sui admirationem trahant; et novitatibus, inauditisque demulceant, chimaeras mille,atque putidissima mendacia scribere non erubuerunt, cujus audaciae, vaniloquentiae, ac Judaicae falsitatis, non citra rationem eumdem Zacutum convincit, et taxat Fortunatus Pemplius, etc. (1) Sá nas Memor. Histor. apud Barbos. in Bibl. Lusit. tom. I.

sos bispados, que el-rei lhe offerecia por varias vezes. Faleceu em Coimbra aos 20 de Dezembro de 1552. (1)

Não fallamos em outros muitos, por não engrossarmos demasiadamente por este ponto a estreita circumferencia do nosso Mappa; porém para dar lustre á nação, basta que façamos memoria de um famoso Portuguez, cuja vasta comprehensão de todas as faculdades o fará ser no mundo admiravel portento em todos os seculos. É este o incomparavel.

Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, de quem já nos lembrámos succintamente, foi religioso scientifico de esfera extraordinaria: na Theologia eximio, na Filosofia insigne, no direito civil, e canonico peritissimo, na oratoria eloquente, e na poezia tão facil, e prompto, que podemos dizer nasceu poeta, pois perguntado de qualquer assumpto, logo dava a resposta em verso. Tinha de memoria todas as obras de Cicero, de Salustio, de T. Livio, de Cesar, Curcio, Paterculo, Suetonio, Tacito, Virgilio, Ovidio, Horacio, Catullo, Tibullo, Propercio, Estacio, Silio, e Claudiano. Sabia as historias de todas as nações, de todas as idades, e as successões dos Imperios, e a Historia ecclesiastica. Possuia além da nativa vinte duas linguas. Não se achou cousa tão escura, ou impenetravel em algum escritor antigo Grego, ou Hebreo, que perguntado sobre o caso não respondesse promptamente. Era certamente Bibliotheca viva de todas as sciencias, e Oraculo commum de toda a Europa.

As muitas, e diversas obras que compoz, e imprimio em todas as materias, são outros tantos abonos da sua erudição. Os elogios innumeraveis, que os varões sabios de todas as nações da Europa, por onde andou, lhe fizeram, são tambem evidentes provas da universal estimação, em que era tido; porém a mais incontrastavel, e qualificada testemunha da sua portentosa memoria, são as conclusões seguintes, que elle com assombro do mundo litterario sustentou em Veneza por espaço de oito dias, permittindo aos que concorressem ao acto, poder-lhe perguntar o que cada um quizesse em qualquer materia, a que elle promptamente responderia.

Leonis
S. MARCI
Rugitus Litterarii
Ore
R. P. Fr. FRANCISCI
A' S. Augustino Macedi,
Lusitani, Observantis Minoritæ prolati,
Serenissimo Principi
D. D. DOMINICO

(1) D. Nicol. Ant. Chron. dos Coneg. Regr. part. 2. liv. 10. n. 8.

Contareno,
Venetiarum Duci, dicati.

I

De Sacra Scriptura, tum Veteris, tum Novi Testamenti, deque ejusdem sensibus, versionibus, interpretatione, et expositione.

II

De Romanorum Pontificum serie, successione, auctoritate suprema, deque Conciliis Oecumenicis, ac eorum causis, Præsidibus, et doctrina.

III

De Historia Ecclesiastica, tum ab Adamo usque ad Christum, tum á Christo usque ad annum præsentem.

IV

De Sanctorum, et Græcorum, et Latinorum ætate, et doctrina, ac præcipuè S. Augustini, cujus opera omnia exponentur; sententiæ afferentur, defendentur.

V

De tota Philosophia, et Theologia speculativa, et Morali, ac illius Scholis, præcipuè Scotica, Thomistica, Jesuitica, deque Sacris Canonibus, et Institutis, ac libris Juris Civilis.

VI

De Historia Græca, Latina, Barbara, præcipuè Itala, et Veneta.

VII

De Rhetorica, ac illius arte, et methodo, ad usum ita redacta, ut quamcumque quis quæstionem dicenti ponat, de ea ex tempore dicentem audiat.

VIII

De poetica ad mentem Aristotelis, deque illius formis, et versibus, Poetis præcipué Græcis, Latinis, Italis, Hispanis, Gallis, oblata quavis materia extemporali ,eam Poeta suscipiet, et versu describet.

Cuilibet disputaturo ponere, et rogare, quid velit, licitum esto, á die Lunæ 26 Septembris 1667. Publicè in Ecclesia S. Francisci de Vinea Venetiarum.

Aquelles, que sabem quantos volumes é preciso revolver, e ter estudado para manter um semelhante desafio litterario, necessariamente hão de confessar ser pasmosa tal memoria, e talento, e que não se po-

deria executar o acto, sem que o presidente fosse juntamente dotado de uma profunda sabedoria, e perspicacia de engenho em gráo supremo.

Quanto ao successo destas conclusões, refere o padre Arcangelo de Parma em uma carta, que escreveo ao Cardeal de Noris, (1) dizendo: «Estas Theses recebidas de todos com summa expectação, e admi-«ração, manteve o padre Macedo com felicissimo successo, achando-se «presentes muitos senadores, e nobres da republica de Veneza, e gran-«de numero de doutores, e religiosos, ainda dos estrangeiros, que a fa-«ma havia convocado. Tentaram no com innumeraveis perguntas, e ar-«gumentos varios doutores, e mestres de todas as Ordens, respondendo «elle a todos, como se tivesse de antemão premeditadas as respostas «com tanta felicidade, que nunca se vio titubear, deter-se, ou embara-«çar-se; antes succedeo muitas vezes, que esquecendo-se os arguentes de «alguma cousa, que proferiam, ou recitando-o mal, elle lhes acudia, sug-«gerindo-lhe o que queriam dizer, ou emendava o que tinham dito. Hou-«ve um, que citou mal um texto da Escritura; outro, que se esqueceu «de uma passagem de Virgilio; e outro, que allegou alguns authores «suspeitosos a favor da sua sentença. Ao primeiro corrigio o texto da «Escritura, ao segundo subministrou os versos do poeta, e ao terceiro «removendo os authores dubios substituio por elles a outros idoneos.»

Em Roma ostentou, e fez outra semelhante prova da sua sabedoria, mantendo por tres dias conclusões *De omni scibili*, de maneira, que ou na cadeira presidindo, ou no pulpito prégando, ou na cella escrevendo, sempre admirou Macedo ao mundo em todo o genero de letras. Faleceu finalmente em Padua no primeiro de Maio de 1681, uns dizem que de oitenta annos, outros que de noventa. Os seus religiosos lhe deram no mesmo convento honrosa sepultura, junto da qual se lê esta inscripção:

D. O. M.

Patri Francisco de Macedo Lusitano: hujus domus PP. eximio contubernali suo istam ex œre imaginem pro aurea illa, quam in Patavino Gymnasio Moralis Philosophiœ Doctor, et undique linguá, et calamo vir doctissimus protulit, unanimiter decrevere. Obiit ann. Domini 1681. *die* 1 *Maii œtat.* 90.

No convento de *Ara-Cœli* em Roma, defronte da escada, que sóbe para o dormitorio, mandou fr. Miguel Angelo Farulfo, Prégador do Sacro Palacio, collocar a imagem de Macedo em um busto de marmore, e no seu pedestal se vê aberto este cenotafio:

(1) Apud Feijo tom. 9. do Theatr. Critic. supplem. ao 4.º n. 156. p. 161.

P. M. S.
Viro omniscio
P. Fr. Francisco á S. Augustino Macedo,
Patria Lusitano Veneto Civi
Minor. Observ. Prov. Portug. Lector. Jubil.
In Patavina Acad. Ethicæ Professori,
Regis Lusit. Joannis IV. Chronol. Latino,
S. Officii Rom. Qualific.
In Colleg. Propag. Fidei Controv. Lector,
In Rom. Sap. Histor. Ecclesiast. Mag.
Poetæ ex tempore celeberrimo,
Pluribus in Catholic. et litterar. Reipubl.
Obsequium laboribus claro,
Encyclopœd. non paucis speciminibus.
Ac certaminibus illustri,
Adversæ fortunæ ictibus intrepido,
Ingenio acri ,infallibili memoria,
LXX voluminum patri,
Die 1 *Maii* 1681 *ætat. suæ ann.* 88.
Paduæ ad Superos profecto
Fr. Michael Angelus Farolfus de Candia
Sacri Palat. Apostolic. Prædicat.
Cism. Fam. Min. Obs. et Ref. Discr. perp.
Grati discipulatus M. P. C.
Anno Domini 1691.

Se não temeramos ser fastidioso, transcreveramos aqui o catalogo das obras deste varão insigne, e talvez mais extenso, e exacto, que o elenco ha pouco impresso no principio do tom. 6. *Corp. Poetar. Lusitanor.* sómente allegaremos os authores, que d'elle fazem honorifica menção. (1)

Tambem pela mesma causa deixamos de dar noticia de outros muitos escritores Portuguezes insignes, e memoraveis em outros generos de erudição; como Apologistas, Antiquarios, Politicos, Criticos, e Miscellaneos.

CAPITULO III

Do Militar d'este Reino, com os presidios, e forças do mar, e terra

Sendo tantas, e tão differentes nações as que vieram em varios

(1) Nicol. Anton. Bibl. Script. Hispan. tom. 1. p. 336. Alegambe, Bibl. Scriptor. Societ. p. 126. Moreri in Supplement. lit. M. p. 4. Mons. de Bayle, Diccion. Critic. D. Franc. Man. centur. 4. cart. 1. P. Reis tom. 1. Histor. Lusit. in Vita Ferdinand. de Menezes. Fr. Martinho do Amor de Deus na Chronic. dos Capuch. D. Anton. Caetan. de Sousa tom. 1. Histor. Genealog. no Apparat. dos Escritor. Portug. n. 152. Barbos. na Bibl. Lusit. tom. 2.

tempos invadirnos a patria, e pondo nossos antepassados toda a felicidade da guerra no ardimento, e constancia, com que se defendiam, ou litigavam com seus contrarios, não cuidaram em estabelecer leis fixas militares para regular suas tropas, porque a experiencia lhes mostrava talvez falliveis os preceitos bellicos na oppressão de tantos inimigos instruidos em outros tantos diversos methodos Marciaes.

Durou este inconstante, e confuso modo de guerrear até o tempo dos Arabes, de cuja milicia recebemos bastante doutrina, extendendo-se mais particularmente o seu estylo ao exercicio da cavallaria, e passando inteiramente a nós os seus termos, armas, e nomes, que reformou em parte el-rei D. Fernando com alguma luz, e imitação do conde de Cambrige (1) por se conformar com alguns reinos, e nações da Europa, especialmente França, Inglaterra, e Hespanha, mais scientes na militar disciplina.

Até este tempo chamavam ao exercito Hoste, que constava de Dianteira, isto é, vanguarda, Çaga, ou retaguarda; Costaneiras, isto é, lados, ou alas direita, e esquerda. Compunha-se a Hoste de Infantaria, e Cavallaria: esta peleijava com lanças, e aquella com dardos, fundas, béstas, virotões, páos tostados, e outras semelhantes armas, a que chamavam de arremeço.

As lanças, ou Cavallaria, parte eram d'el-rei, parte dos senhores de terras, e parte dos concelhos, ou villas do reino, mas todos pagos por el-rei, quando andavam em acção. O numero da gente era incerto tanto na cavallaria, como infantaria: só o que sabemos é, que o santo rei D. Affonso Henriques na batalha de Campo de Ourique levara doze mil infantes; el-rei D. João I, vinte mil, quando foi sobre Ceuta; e seu neto el-rei D. Affonso V, quando passou a Castella sobre a pertenção da Excellente Senhora, levara cinco mil e setecentos de cavallo, e quatorze mil de pé; (2) de sorte que até o tempo d'el-rei D. Manuel nunca o nosso exercito passou de nove mil cavallos, (3) e depois era menor o numero da gente paga no reino por causa da extracção, que se fazia della para as conquistas, de cuja falta procedeo não levar el-rei D. Sebastião, quando passou com pouca ventura a Africa, mais que onze mil homens.

Instituio, e reformou tambem el-rei D. Fernando algumas dignidades militares: a de Condestavel, que era o maior posto do exercito correspondente ao general das armas, nomeando logo no tal emprego a D. Alvaro Pires de Castro, conde de Arrayolos, e irmão da rainha D. Ignez de Castro, com as preeminencias, e exercicio, de que falla o regimento antigo da guerra. (4) No tempo presente cessou na milicia este officio

(1) Monarq. Lusit. part. 8. liv. 22. c. 27 e 48. (2) Severim. Notic. de Port. discurs. 2. §. 7. (3) Goes, Chron. d'el-rei D. Man. part. I. c. 47. (4) Monarq. Lusit. liv. 22. c. 48. Sous. tom. 3. das provas da Histor. Geneal. p. 252 Lima, Geogr. Histor. tom. 2. p. 409. Garma tom. 3. do Theatr. Univ. de Hesp. c. 50.

supremo de condestavel, e parece ser só titulo honorario, que vemos praticar-se na coroação do novo rei, e no juramento dos novos Principes, nos quaes actos tem o condestavel o estoque real levantado diante da pessoa do rei, como insignia propria da dignidade, a qual até agora tem andado nos principaes senhores do reino, sendo o ultimo, que o exerceo, o serenissimo senhor infante D. Pedro.

O outro officio do exercito, que instituio o mesmo rei D. Fernando, era o de Marechal, correspondente ao de mestre de campo general. (1) Creou mais outros officios subalternos, e inferiores: Adail, ou capitão do Campo; Anadel, ou capitão dos Bésteiros; e Almocadem, ou Guia, e encaminhador dos exercitos, cujos postos, e nomes se usam ainda hoje em Mazagão, principalmente na cavallaria. Quem quizer inteirar-se com maior individuação das obrigações d'estas dignidades militares, póde ler ao curiosissimo Manuel Severim de Faria no seu erudito livro das noticias de Portugal discurs. 2. §. 6. e o tom. 8. da Monarquia Lusitana.

Seguiram-se as guerras de Castella no reinado do serenissimo rei D. João I. e na celebre batalha de Aljubarrota ainda não havia entre nós o uso da polvora, e artelharia, o que então nos não foi muito necessario; com tudo foram trazidas pelos castelhanos na vanguarda do seu exercito dezaseis peças, ou bombardas, a que chamavam *Trons*, com que atiravam balas de pedra, cousa nova em toda a Hespanha, como diz Fernão Lopes, (2) e que causara grande admiração aos Portuguezes (3) os quaes pouco depois melhoraram o invento, pois no mesmo reinado d'el-rei D. João I, lemos, que João Gonçalves Zarco, ayo do infante D. Henrique, fora o primeiro que usara de polvora, e artelharia. (4)

No tempo d'el-rei D. Affonso V, já os nossos exercitos pelejavam com melhor ordem pelo beneficio, que recebiam da arte, e regimento militar, que lhes mandou fazer este principe com grande acerto, o qual depois melhorou el-rei D. Manuel, e aperfeiçoou el-rei D. Sebastião, mandando-o imprimir no anno de 1570, com o titulo de regimento de capitães Móres, cujo methodo só respeitava á gente da ordenança das cidades, e villas do reino, que n'aquelle tempo eram as tropas, que havia em Portugal. (5)

Quem cuidou com mais diligencia n'este ponto, foi o felicissimo rei D. João IV, pois tanto que empunhou o governo do reino, tratou logo

(1) Lima. Geogr. Histor. tom. I. (2) Chron. d'el-rei D. João I. part. 2. c. 42.
(3) Franc. Rodrig. Lobo. no Condestav. cant. 14.

Forão do som horrísono espantados
Muitos da primeira ala Lusitana
De alguns tiros aos nossos desusados,
Que vinhão na vanguarda Castelhana.

Que até áquelles bons tempos celebrados
Nos não mostrava a vã malicia humana
Que com o estrondo, e fumo, que fazião,
Aos nossos forças, e armas suspendião.

(4) Man. Thom. na Insulana liv. I. est. 83.

Bem he verdade que este o Lusitano
Primeiro foi no mar com nome eterno,
Que usou da dura fruta de Vulcano,
E o salitrado aljofar do Inferno.

(5) Disc. sobre a Discipl. Milit. disc. 3. p. 15.

de dar formalidade, e disciplina ás suas tropas, mandando compor para isso varios regimentos, e leis, que respeitavam não só á boa regra, e doutrina dos soldados, mas á boa arrecadação da fazenda real: tal é o regimento chamado das fronteiras, e outros, de que faz menção o erudito, e excellente author dos discursos sobre a Disciplina Militar.

Não ha duvida que das nações estrangeiras temos abraçado muitas regras militares, e assim de Alemanha, e Italia tomamos o louvavel costume de repartir em determinadas porções toda a infantaria do exercito, ás quaes chamamos Terços, ou Coronelias, por ser a terceira parte de um regimento; (1) e attendendo á utilidade d'esta imitação, mandou a serenissima rainha D. Luiza, como regente do reino, no anno de 1658, governando as armas da provincia do Alemtejo Joanne Mendes de Vasconcellos, indo sitiar a praça de Badajoz, que se observasse o regimento do duque de Parma, o qual regimento impresso no anno de 1641, e mais documentos irrefragaveis em como se observou, vimos na mão de um nosso curioso, e intelligente official de guerra.

A esta imitação tambem o magnanimo rei D. João V, em tudo providente, mandou no anno de 1707, que se guardassem umas novas ordenanças, em que deu fórma á infantaria, cavallaria, e dragões, determinando que cada regimento de infantaria se compozesse de doze companhias, inclusa a de granadeiros, e cada uma d'ellas tivesse um capitão, um tenente, um alferes, dous sargentos, quatro cabos de esquadra, dous tambores, que pouco depois reduzio a um só, dando-lhe o soldo de ambos, e quarenta e quatro soldados, e que o dito regimento tivesse tres officiaes superiores, a saber, coronel, tenente coronel, e sargento mór com seus ajudantes.

No anno de 1735, foi servido o mesmo soberano, que cada regimento de infantaria tivesse dous batalhões, e cada um constasse de seiscentos homens, divididos em dez companhias, a sessenta homens por companhia, inclusos os officiaes, ficando cada regimento de mil e duzentos homens, não entrando n'este numero dous ajudantes, dous capellães, dous cirurgiões, e um tambor mór.

Na cavallaria ligeira, e dragões mandou, que cada regimento se compozesse de quinhentos cavallos, divididos em dez companhias, cada uma de cincoenta cavallos, inclusos os dos officiaes, não entrando n'este numero um ajudante, um capellão, um cirurgião, e um furriel mór, que hoje se acha extincto.

Este regimento, sem embargo de pertender incluir os preceitos de toda a disciplina militar, copiou quasi em tudo as ordenanças de França, que n'aquelle tempo ainda não estavam reduzidas a tão boa ordem, como hoje se vê no codigo militar de Monsieur Briquet: e em tudo que é economia, se encontra grande differença nas duas nações, além de ser

(1) D. Franc. Manoel Epanafor.

diminuto em pontos essenciaes: e assim parece que os seus regulamentos se não pódem praticar com exacção nas tropas Portuguezas: de sorte, que, segundo exclama um excellente professor militar, ainda a milicia Portugueza suspira por melhor methodo, que se conforme com os nossos costumes, e possibilidade. Daremos noticia da guarnição pelas provincias conforme o tempo da paz.

§ I

Estremadura

Ha n'esta provincia dous regimentos de cavallaria, e quatro de infantaria, de que dous chamados da armada, e da junta eram pagos pela repartição dos armazens. Ha mais oito terços de auxiliares, e as ordenanças, que todos tem por praças de armas a corte de Lisboa. N'esta provincia ha as praças, e fortalezas segnintes.

§ II

Praças, e Fortalezas maritimas no rio Tejo da banda do Norte

Fortaleza de S. Miguel da Nazareth.
Forte de S. Martinho da Pederneira.
Fortaleza de S. João da Berlenga. Ilheo separado da terra.
Praça de Peniche, a mais fortissima do reino, porque pela parte, com que prende á terra firme se lhe communica o mar, e os baluartes, com que se defende, estão em uma linda curva, que offerece para a campanha a parte concava, de sorte que qualquer ponto do terreno, por onde póde ser atacada, é descuberto de tres, ou quatro baluartes, e como é areal movediço, não se pódem facilmente cubrir, sem que a fachina lhe venha de muito longe, e a maré basta para arruinar as trincheiras. É guarnecida com um regimento de infantaria.
Forte de nossa Senhora da Luz.
Forte de nossa Senhora da Victoria.
Forte de nossa Senhora da Consolação.
Forte de nossa Senhora dos Anjos chamado Paymogo.
Forte de Pena firme.
Forte de Santa Susana.
Forte de nossa Senhora da Graça do Porto-Novo.
Forte de S. Pedro de Mil regos.
Todos estes fortes estão subordinados ao governador de Peniche.
Forte de nossa Senhora da Natividade da Ericeira.
Forte de Santa Maria de Magoute.
Forte da Roca.

Forte do Guincho.
Forte de S. Braz de Sanxete.
Forte de S. Jorge.
Forte de nossa Senhora da Guia, onde ha obrigação de accender farol para guiar as embarcações, que vem demandar a barra de Lisboa,
Forte de Santa Martha.
Forte de Santa Catharina de Cascaes.
Fortaleza de Nossa Senhora da Luz.
Todos estes Fortes estão fôra da barra, e subordinados ao governador de Cascaes.
Praça de Cascaes com sua cidadella sobre o mar, e presidiada com um regimento de infantaria paga: foi antigamente capital da provincia.
Forte dos Innocentes.
Forte de S. Roque.
Forte de Santo Antonio.
Forte da Cruz de Santo Antonio.
Forte de S. Theodosio.
Forte de S. João.
Fortaleza de Santo Antonio situada sobre rocha viva, que entra pelo mar dentro na Costa, que faz a bahia de Cascaes fronteira á fortaleza de Nossa Senhora da Luz. É fortaleza regular com fosso seco pela banda da terra, e bataria pela parte do mar com oito peças de bronze, e poço de agua nativa. Guarnecem-na vinte e sete soldados, e doze artilheiros.
Forte ne S. Domingos de Rana.
Fortaleza de S. Julião da Barra fundada sobre uma rocha viva com cinco baluartes irregulares, e um revelim para a parte da terra. Aqui existe o grande canhão de artelharia chamado Tiro de Dio, por ser fundido na ilha de Dio, e de lá ser mandado a el-rei D. Sebastião, como diz Ufano trat. I, cap. 6. O seu comprimento é de vinte e cinco calibres, e a bala de noventa, ou cem libras de calibre. Gamboa no cap. 6 affirma que é de cento e doze libras, e mais.
Forte de Santo Amaro.
Fortaleza de S. João das Mayas.
Forte de S. Pedro de Paço de Arcos.
Forte de Nossa Senhora do Porto Salvo.
Forte de S. Bruno.
Forte de Nossa Senhora do Valle.
Forte de S. Francisco da Boa-Viagem.
Forte de Nossa Senhora da Boa-Viagem.
Forte da Cruz quebrada.
Forte de S. Joseph de Ribamar.
Forte de Nossa Sebhora da Conceição de Pedrouços.
Torre de S. Vicente de Belem, que serve de registrar os navios, que entram na barra de Lisboa, os quaes são obrigados a salval-a, quan-

do passam por ella. Consta de duas batarias, alta, e baixa, bem artilhadas, e uma plataforma avançada fortalecida de um bom parapeito.

Forte da Estrella.

Forte de S. João da Junqueira.

Forte do Sacramento.

Forte de S. João de Deus.

Fortim de S. Paulo.

Fortim do Remolares.

Baluarte de S. João no Terreiro do Paço, onde existiu a Vedoria da Provincia.

Fortim da Ribeira.

Forte de Santa Apolonia.

Forte da Cruz da Pedra.

Forte de S. Francisco de Xabregas.

Castello de S. Jorge, praça de armas em Lisboa, que domina a cidade toda.

Praça de Abrantes.

§ III

Praças e fortes maritimos, que estão fundados no rio Tejo para a banda do sul

Forte de Cacilhas.

Castello de Almada.

Castello de Palmella.

Forte de Arialva.

Forte da Fonte da pipa.

Fortaleza de S. Sebastião de Caparica, ou Torre velha, que cruza com a de Belem, Está assentada na escarpa de um monte com varias batarias.

Forte da Trafaria.

Fortaleza de S. Lourenço da Cabeça seca, ou Torre do Bogio, de figura circular. Está no meio da barra de Lisboa.

Forte da Foz.

Forte de Nossa Senhora do Cabo.

Forte de S. Theodosio na ponta do cavallo.

Fortaleza de Cezimbra.

Forte da Arrabida.

Forte de S. Domingos da Baralha.

Torre de Outão situada na fralda da Serra da Arrabida sobre o mar, e pouco para dentro da barra de Setubal. Accende-se aqui farol para guiar as embarcações.

Forte das Vieiras. Communica-se com a torre de Outão, e tem bataria com seis peças de bronze.

Forte de Nossa Senhora da Ajuda.

Forte de Albarquel.

Praça de Setubal guarnecida de um regimento de infantaria, e nova fortificação de onze baluartes, e dous meios baluartes.

Castello de S. Filippe desenhado pelo celebre arquitecto Filippe Terzo. Domina a Praça de Setubal com bataria bem artilhada tanto pela parte da terra, como do mar.

Fortaleza de Sines com dous baluartes petrechados de sufficiente artilharia.

Tem esta provincia por capital praça a corte, e cidade de Lisboa, onde ha a melhor fabrica de armas, que pode haver, e de todo o genero d'ellas um grande, e famoso arsenal, ou armazem, disposto com tão boa ordem, e arrimação, que excede aos melhores da Europa. Deu-lhe principio a actividade do tenente general da artilharia Fernando de Chegaray, continuou-o o zelo de Amaro de Macedo, e vai proseguindo na sua conservação, e augmento o bom gosto, e intelligencia do tenente general Manoel Gomes de Carvalho. Ha tambem uma fabrica de polvora no sitio de Alcantara da melhor perfeição, que se sabe, mandada erigir pela real providencia de sua magestade, e encarregada primeiramente á boa direcção de Antonio Cremer.

Quanto á fortificação d'esta cidade é de saber, que até o tempo del-rei D. Fernando existiam ainda as mesmas muralhas antigas, que edificaram os romanos, cujo breve recinto começava desde o alto do Castello, d'onde descia pelas portas da Alfofa ate á do Ferro, e d'esta pela Misericordia voltava ao longo do mar; e do chafariz del-rei subia ao arco de S. Pedro, e d'elle até ás portas do Sol hia fechar no mesmo Castello. (1) Porem como a povoação tinha crescido demasiadamente fóra dos muros, intentou D. Fernando cercal-a de novo, e assim o poz por execução no ultimo de Setembro de 1373, incluindo na circumferencia de tres leguas a nova fortificação fabricada de formosas, e firmes muralhas com setenta e sete torres, e trinta e oito portas, vinte e duas para a parte da marinha, e dezaseis para a banda da terra. (2)

Neste estado se achava Lisboa até o reinado do senhor rei D. João IV. o qual vendo quanto se havia extendido a povoação, e quanto se necessitava de maior segurança, deu ordem para se fortificar a cidade de novos muros mais amplamente, e se principiou pelos baluartes; porque como a circumvallação que se tomou, era grande, e elles sejam as partes principaes da defensa, por isso se tratou logo de fabricar a maior parte d'elles, a qual está feita, por quanto as cortinas, ainda que se offerecesse occasião de ataque, se poderiam levantar facilmente de terra,

(1(Monarq. Lusit. liv. 10. cap. 28. (2) Idem liv. 22. cap. 27. Oliveir. nas Grandez. de Lisb. c. 1. Luiz Marinho na Fundaç. e antiguidad. de Lisb. c. 29. Luiz Nun. no tratado que fez de Lisboa, e vem na «Hispan. illustrata.»

e formar de fachina uns parapeitos, que supprissem a sua falta, e podessem unir, e communicar-se uns baluartes com outros.

O primeiro baluarte é o chamado do Sacramento, cabeça da fortificação. e por isso se ordenou com duas batarias, alta, e baixa. Determinou-se logo o baluarte collateral de Nossa Senhora do Livramento, o qual por corresponder ao sitio de Alcantara, fez entrar a fortificação para dentro; e no meio da cortina d'estes dous baluartes se fez a porta principal da cidade, onde vem desembocar a estrada de Santo Amaro.

Pelo mesmo modo se foram determinando os mais baluartes até chegar quasi a Nossa Senhora dos Prazeres, e d'ahi até o Arco do Carvalhão se fez somente uma trincheira formada da mesma materia com varios redentes, porque por esta parte não era necessaria outra fortificação, cujos redentes se fizeram com angulos reintrantes; e salientes, como permittia a disposição do terreno.

O dito baluarte de Nossa Senhora do Livramento se dispoz de tal sorte, que a igreja da mesma Senhora ficasse dentro d'elle, e assim se abriu um postigo na face do tal baluarte para serventia da igreja. A mesma devoção observou o senhor rei D. Pedro II, o qual não consentio que o flanco do dito baluarte se continuasse mais para dentro, não obstante a grande defensa, que receberia d'isto a praça; porque se se continuasse, faria damno á igreja de Nossa Senhora das Necessidades. Tambem attendendo a não arruinarem o palacio do conde de Sarzedas, dispozeram o baluarte superior de Campolide de fórma, que o domina, e serve de defensa ao damno, e expugnação, que das ditas casas se poderia fazer.

Os baluartes que olham para Campolide, todos se defendem uns aos outros, e flanqueam bem o terreno, no que se mostra a boa disposição, com que se intentou fortificar a cidade por aquella parte, pela qual só podia ser invadida; e assim como na cortina, que cahe na estrada, que vem do sobredito campo até o canto da quinta, que foi dos padres Jesuitas, se havia de pôr uma das portas principaes da cidade, por isso naquella parte se ordenaram os baluartes de modo, que os seus angulos flanqueados se retirassem da linha recta, ficando os dos extremos, a saber, da Fonte quente, e o do lado da quinta do conde de Sarzedas, avançados á campanha, e os do meio mettidos mais para dentro.

Quando o nosso engenheiro Manoel Mexia, sendo chamado a esta corte, intentou tirar para dentro aquella fortificação, que vai de Nossa Senhora dos Prazeres até o arco do Carvalhão, achando a difficuldade de cavar os fossos, e enterrar os reparos, logo mudou de parecer, e approvou o que estava executado: por isso no dito arco se nota a boa collocação, que tem no terreno natural, pois nelle está bem mettido, por cuja causa o baluarte ficava da parte do norte quasi a nivel com o seu immediato para a mesma parte.

Nota-se no baluarte, que está em cima do monte proximo ao mes-

mo arco, uma obra a cavalleiro, a qual se collocou alli a fim de poder ficar a nivel com o baluarte posto na quinta do conde de Sarzedas; e além d'isto se adverte, que no mesmo baluarte se fez uma serventia fechada de abobeda, a qual conduz para se chegar ao flanco, que se metteu muito no terreno por nivelar com o baluarte proximo, e não se pode fazer em parte mais superior por causa de poder flanquear um valle, que vem do rio de Alcantara, e servia de aproche natural.

Para flanquear o valle fronteiro ao mesmo arco se fazia um redente á maneira de triangulo equilatero, o que não chegou a executar-se. Tambem no baluarte, que está no sitio de Nossa Senhora dos Prazeres, se fez o seu angulo reintrante por não cahir o angulo flanqueado d'elle em uma parte, que lá se acha abatida. Na face do baluarte de Nossa Senhora das Necessidades, que olha para o rio de Alcantara, se applicou por baixo d'ella uma berma por cauza de assentar este baluarte sobre uma pedreira alta. Finalmente continuada a dita fortificação se procedeu com desenho da marinha até ir terminar no baluarte da Cruz da pedra, que tambem serve de cabeça á praça.

Esta fortificação ficou imperfeita, e como Mons. de Schomberg fez vêr a demaziada área, que occupava a sua delineação, e que toda a gente, e artilharia do reino era pouca para se distribuir por tão grande recinto, não se cuidou muito nella, e o tempo a vai arruinando. Se se puzesse em praxe a idéa de Luiz Mendes de Vasconcellos, que assina no curioso Tratado do Sitio de Lisboa pag. 233, ficaria esta cidade com uma fortificação vantajosa; e vem a ser, communicar-se o rio de Sacavem com o de Alcantara, que para um monarca portuguez não seria empreza difficil, e cercando toda a cidade com este fosso de agua corrente, conseguiriamos a melhor defensa, que se pode imaginar.

§ IV

Alemtejo

Nesta provincia, em tempo de paz, ordinariamente ha dous regimentos de cavallaria, que guarnecem as praças de Elvas, e Moura: ha mais dous dragões nas praças de Campo maior, e Olivença, com doze companhias cada um. Aloja tambem sete regimentos de infantaria, e um de artilharia com dous batalhões cada um de dez companhias, em que entra um de granadeiros, além dos auxiliares, e ordenanças, de que se contam oito terços. São da sua dependencia, e repartição as praças, e fortalezas seguintes:

Praça de Mertola junto ao Guadiana, que faz frente á Puebla de Gusman.

Praça de Serpa, a quem banha a ribeira de Chouchou, e cercam

bons muros com cinco portas, e forte castello. Pouco distante ha o salto do Lobo no Guadiana, que se lhe póde fazer ponte, e tres leguas para baixo tem o vão chamado do Lucas junto da Aldea da Corte do Garfo, onde pode passar infantaria. Faz-lhe frente Paymogo.

Praça de Moura. Tem um recinto muito grande, e um castello naturalmente defensavel: porem os castelhanos no anno de 1707 o demoliram, e a maior parte das suas fortificações. Faz-lhe frente Xerez.

Praça de Beja em planicie eminente, e fortificada em figura circular com quarenta torres, e grande castello.

Castello de Noudar sobre o rio Mortigão.

Praça de Mourão de homenagem, e cercada com reducto inexpugnavel com sua barbacã. Foi no anno de 1657 dominada dos castelhanos, que demoliram, e arrazaram as casas, mas restaurada brevemente, se conserva com sufficiente fortificação.

Praça de Olivença, uma das melhores do Alemtejo. Consta o seu recinto de nove baluartes, e oito revelins, e uma admiravel torre no castello, onde se pode ir a cavallo. É memoravel a sua grande ponte sobre o Guadiana, que os castelhanos tem arruinado algumas vezes.

Praça de Ferreira com castello em pouca distancia da villa para a parte do sul.

Praça de Evora fortificada modernamente com doze baluartes, e dous meios baluartes, com o forte de Santo Antonio de figura quadrada, que consta de quatro baluartes, e quatro revelins.

Praça de Villa Viçosa cercada de muros com cinco portas, e um forte castello com fosso de cincoenta pés de fundo. No anno de 1665 a atacou o marquez de Carracena com tão pouca ventura, que perdeu mais de quatro mil homens na celebre batalha de Montes-Claros.

Praça de Jurumenha junto ao Guadiana fundada em sitio eminente, e forte por natureza, com bom castello, que consta de dezasete torres. Faz-lhe frente Alconchel.

Praça de Estremoz cercada de dez baluartes, e um redente. O castello tem sua retirada com torre de homenagem, obra del-rei D. Diniz, e por ser muito alto, serve de atalaya das fertilissimas campinas d'esta villa. Seus antigos moradores prevenindo a falta de agua, que com algum cerco podiam padecer, fabricaram uma fortissima couraça de duplicados muros, por entre os quaes desce uma estrada encuberta continuada da muralha da villa até o arrabalde, d'onde levavam ao alto agua de um poço guardado com seu revelim, como affirma Luiz Marinho de Azevedo nos Comment. da guerra do Alemtejo liv. I. pag. 39. Nesta praça ha presentemente um arsenal, ou armazem de toda a provincia, obra digna da grandeza, e magestade del-rei D. João V.

Praça de Elvas defronte de Badajoz, d'onde dista tres leguas, e de quem a divide o rio Caya. Está situada em lugar eminente, cercada de duplicados muros, fóra dos quaes a tiro de mosquete está o grande forte

de Santa Luzia, que consta de quatro baluartes, e dous revelins, obra perfeitissima na arquitectura militar, e feita pelo insigne Cosmandel. Tem castello fortissimo, e um magnifico aqueducto, memoravel pela fabrica incontrastavel de tres ordens de arcos, que dizem custaram mais de um milhão. Conserva tambem dentro uma grandissima cisterna, onde lhe entra agua da celebre fonte da Amoreira. O Conde Duque de Olivares no anno de 1658 poz sitio a esta praça com fortes linhas, e revelins: porem soccorrida pelo conde de Catanhede D. Antonio Luiz de Menezes, se venceu a celebre batalha chamada das Linhas de Elvas em 14 de Janeiro de 1659.

Castello de Barbacena.

Praça de Campo maior fortificada com quatro baluartes, e cinco meios baluartes, com os fortes de S. João, e de Schomberg, e um bom castello, que pode servir de cidadella. No anno de 1712 teve esta praça um rigoroso sitio, que lhe poz o marquez de Bay com trinta e tres batalhões, e setenta esquadrões: mas a boa intelligencia, e valor do conde da Ribeira, e do brigadeiro Thomás da Silva Telles, que a presidiavam, obrigou aos castelhanos a levantar o sitio depois de terem introduzido dentro mil e trezentas bombas, e dez mil e oitocentas e setenta balas no espaço de trinta dias, que durou o assedio. Ao presente se acha esta praça fortemente reedificada por ordem del-rei D. João V. depois que padeceu no anno de 1732 o fatal estrago, que lhe fez um raio cahido sobre a torre grande do castello, em que estava o paiol da polvora.

Castello de Ouguella situado em um monte distante de Campo maior uma legua.

Praça de Arronches, fronteira de Albuquerque, é cercada de muros, e barbacã, e tem um castello em lugar eminente. D. João de Austria no anno de 1661 a rendeu, e a tiveram os castelhanos quasi dous annos, até que no de 1664 não a podendo conservar a desempararam. No anno de 1712 a pertenderam levar á escala, e lhe chegaram a arrumar escadas na noite de 17 de Junho, o que não executaram.

Praça de Alegrete com seu castello notavel, e boa cisterna.

Praça de Portalegre com fortificação antiga, e em sitio irregular. Tem doze torres em igual distancia capazes de artelharia. No anno de 1704 a rendeu Filippe V, mas brevemente a largou.

Praça de Marvão inexpugnavel por natureza, situada no cume de uma serra, que terá quasi uma legua de alto, servindo-lhe de muralha pela parte que olha a Portugal, as mesmas penhas, e pelo lado de Castella tem bastante muro, e barbacã com castello, e grande praça de armas edificado por el-rei D. Diniz, nem tem padrasto, que possa ser offendido com artelharia. Dentro tem uma cisterna da maior grandeza, que ha no reino, da qual se bebe: de sorte que com pouca gente podem seus moradores defender Marvão de todo o poder de Castella. Pelas tres partes, norte, sul, e poente, está fundada sobre uma viva rocha, que se

vai a pique até o fundo dos valles, tão aspera, que é impossivel haver serventia, nem a tem, e somente se serve o povo pela parte do nascente, por onde o monte é sem penhas, mas vai-se fazendo o caminho em loros para facilitar a subida, e nesta parte está uma fonte de muita agua, de que o povo bebe. Fica esta força, ou praça distante uma legua da raia de Castella, e duas da villa de Valença de Alcantara, primeiro lugar d'ella.

Praça de Castello de Vide fronteira a Valença de Alcantara. Tem um forte castello chamado de S. Roque bem guarnecido.

Ha nesta provincia além d'estas outras forças de menos consideração, como é o Crato, Terena, Monsarás, Monforte, Veiros, Montalvão, e outros castellos, de que não fazemos memoria especial.

§ V

Beira

Guarnecem esta provincia dous regimentos de infantaria, um de cavallaria, e outro de dragões: mais uma companhia de infantaria da guarnição de Buarcos, e da Figueira: duas de artilheiros, com oito terços de auxiliares, e as ordenanças. Da sua repartição são as seguintes praças:

Praça de Rosmaninhal dista seis leguas de Castello Branco. Hoje não tem fortificação consideravel mais que a que lhe fazem os rios Tejo, e Elja, que a cercam. D. Alvaro de Abranches fez nas ruinas das suas antigas muralhas um reducto capaz de recolher a gente da villa.

Praça, e Castello de Segura, obra del-rei D. Diniz, edificado em sitio alto junto da raia castelhana. Tem ponte sobre o Elja, cuja ametade é d'este reino, e a outra de Castella.

Praça, e castello de Salvaterra do Estremo, fronteiro da villa de Sarça de Castella, de quem dista uma legua.

Praça, e castello de Penagarcia situado sobre um penhasco.

Castello de Idanha a Velha fica nas costas de Penagarcia, e quasi no meio do rio Ponsul.

Praça, e Castello de Monsanto, que tem por opposto o de Trebejo. Pode defender-se com quatro homens de todo um exercito, porque está fundado no cimo de uma aspera montanha, onde se não pode subir mais que por um só caminho, o qual faz muitas voltas, e rodeios por entre grandes penedias.

Castello de Belmonte. Os senhores d'este castello, que são os Cabraes, logram o privilegio de não darem homenagem, quando tomam posse d'elle.

Praça de Penamacor. Faz-lhe frente Moraleja. É cercada de muros, e vistoso castello, obra de D. Galdim Paes, fundado em uma aspera emi-

nancia, que domina todo o terreno das suas campinas. É esta a principal praça da Beira baixa.

Praça de Castello Branco cercada de fortes muralhas com quatro portas, e sete torres, entre as quaes ha uma de sete quinas, a que chamam da homenagem. O seu alto castello é inexpugnavel, e de fabrica antiga. No anno de 1704 foi invadida pelas tropas del-rei Filippe V. que a senhorearam, mas por pouco tempo lograram o seu dominio.

Castello do Sabugal com sua torre muito alta, e cinco quinas, obra del-rei D. Diniz.

Praça de Sortelha, forte por natureza, por ser o seu sitio em alto penhasco, e tambem por arte, pois está cercada de bons muros, e inexpugnavel castello.

Praça de Alfayates em sitio elevado com muros, e trincheiras sufficientemente defensaveis. Tem seu castello dentro do recinto, e fóra uma atalaya. Antigamente foi da coroa de Castella, e se chamava Castillo de Luna, o qual se desfez, e el-rei D. Manoel o mudou para o sitio, em que hoje está. Sendo general da Beira Fernão Telles, foi esta praça cercada em gyro com muros, e baluartes, em cujas cavas se acharam moedas antigas de prata, e cobre: hoje é uma das principaes praças da provincia.

Castello de Villar-Maior junto do rio Coa da parte do poente.

Castello Mendo junto do mesmo rio.

Castello Bom.

Praça de Almeida cabeça da provincia quanto ao militar, onde assiste o governador, e está a vedoria. Dista do rio Coa meia legua. Tem fortificação regular com tudo o preciso para a boa defensa, com gente, munição, armamento, bons fossos, e bons quarteis. No meio da praça, onde faz o terreno maior elevação, se vê o seu famoso castello, d'onde se desquartinam terras de onze bispados, e onde está o armazem da polvora feito a prova de bomba, e poço de agua nativa muito boa. Faz-lhe frente Ciudad Rodrigo.

Fortaleza de Almendra junto ao rio Agueda.

Praça de Castello Rodrigo em sitio alto, e forte, cercada de muros com duas portas, e um castello com suas torres. Fica-lhe fronteiro o castello de S. Felis.

Praça da Guarda cercada de muros de cantaria com seis portas, e varias torres, e um castello no mais alto da cidade.

Praça de Pinhel fica na ladeira de um monte, e tem bom recinto de muros de cantaria com seis portas, forte castello com duas torres muito altas, obra del-rei D. Diniz.

Tem mais esta provincia outras muitas forças, e castellos, como são o da Marialva, Moreira, Penedono, Freixo de Nemão, Cernancelhe, Trancoso, Celorico, Linhares, Cabriz, Germões, a maior parte d'elles mettidos pelo certão; e as fortalezas de Aveiro, Figueira, e Buarcos, onde

fazem foz os rios Vouga, e Mondego, todas sufficientemente defensaveis.

§ VI

Minho

Forma-se a guarnição d'esta provincia de dous regimentos de infantaria, e do presidio, que tem o castello da barra de Vianna, com oito terços de auxiliares, e as ordenanças. A cidade do Porto sustenta, e paga um regimento de infantaria, e os muitos fortes, que comprehende a sua marinha. Comprehendem-se na sua dependencia os seguintes fortes, e praças.

Praça de Melgaço na raia de Portugal, que a divide de Galiza o rio Varzeas. Tem por fronteiros os lugares de Crecente, Fornelos, e outros. O seu castello é defendido com uma barbacã, e tres meios baluartes em giro. Toda a mais fortificação é muito irregular, porque o terreno cheio de penhascos assim o permitte. É esta a ultima terra do reino por aquella parte.

Praça de Valladares.

Praça de Monção junto das ribeiras do Minho, e fronteira á villa de Salvaterra do reino de Galiza. El-rei D. Diniz a cercou do muro alto, e el-rei D. João II, do mais baixo com baluartes muito fortes, e quatro portas, na principal das quaes lhe poz a divisa do pelicano. Tem um inexpugnavel castello, e exquisitamente collocado sobre penhascos. Nas chronicas antigas foi chamado o castello do Minho.

Castello de Lapella fronteiro a Arentei.

Castro laboreiro fronteiro ao castello da Lobeira, e concelho de Instrimo.

Praça de Valença muito bem fortificada ao moderno, e com algumas obras pelo methodo de Monsieur de Vauban, insigne engenheiro. Fica fronteira á cidade Galiziana de Tuy na distancia de meio tiro de canhão. Está bem presidiada de gente, artelharia, munições, e agua dentro das muralhas, que se tira do poço de S. Vicente.

Praça de Villa-Nova de Cerveira opposta ao forte de Gayão presidio castelhano. Está fortemente defensavel com bons baluartes, muralhas, e castello. Para a parte, que olha para Valença, está o forte de S. Francisco, cujos baluartes, e plataformas são do feitio de um pentagono, e defronte d'este forte está uma Atalaya, que domina todo o terreno da praça, a qual tem de presidio tres companhias de infantaria paga.

Praça de Caminha situada entre os dous rios Minhos, e Coura. Descobrem-se-lhe tres fortificações, e a mais moderna cerca a maior parte da villa com muralhas de alvenaria, fosso, e contra-escarpa muito bem

defensavel. Fica-lhe opposta a villa da Guarda, e os logares de Tamugem, Rosal, e outros de Galiza.

Fortaleza de Santo Antonio defronte da barra de Caminha, de figura quadrada, com dous baluartes inteiros, e dous meios baluartes. É esta fortaleza cercada do rio Minho, e a faz quasi insula, ou insoa, conforme vulgarmente lhe chamam.

Forte de Ancora junto ao mar da villa de Caminha, e na barra, que alli fórma o rio Ancora. El-rei D. Pedro II commovido das queixas dos moradores d'aquelles contornos de ser aquella enseada couto dos Mouros, mandou fazer este forte, a que presentemente chamam da Lagarteira.

Forte de Porto de Cão junto do mar.

Forte de Montedos.

Castello de Santiago sobre a barra de Viana composto de cinco baluartes, dous revelins, e fosso aquatico aberto em rocha viva. Antonio do Couto de Castello-Branco no tom. I. das Memorias Militares pag. 290, lembra-se de um castello chamado de Santa Barbara n'esta mesma barra, que entendo é equivocação.

Praça de Viana cercada de fortes muros com cinco portas, e sufficiente presidio de gente paga.

Castello de Neiva.

Forte de S. João de Espozende.

Forte de Nossa Senhora da Assumpção na barra da villa do Conde com cinco baluartes artilhados, obra do celebre engenheiro Filippe Terzo Italiano.

Forte de Matozinhos.

Forte dos Leixões.

Castello de S. João da Foz na barra da cidade do Porto com quatro baluartes, e fosso aberto na rocha.

Praça do Porto cercada de muros de cantaria de vinte e quatro pés de alto com vinte e seis torres quadradas. Tem esta praça presidio separado das mais provincias, que consiste em um regimento de infantaria, e disposição para quatro terços auxiliares.

§ VII

Traz os Montes

As tropas d'esta provincia são compostas de dous regimentos de infantaria, um de cavallaria, e outro de dragões, com cincoenta e tres artilheiros, e seis terços de auxiliares, além das ordenanças. Comprehende as praças, e forças seguintes guarnecidas militarmente.

Praça de Chaves fronteira na distancia de tres leguas da praça de

Monte-Rei Galiziana. É cercada de muros reedificados á moderna, com tres baluartes, e dous meios baluartes, e alguns fortes. N'este anno de 1762, se apoderou d'ella o Marquez de Sarria Castelhano sem resistencia alguma.

Forte de S. Noutel com quatro baluartes.

Forte de S. Francisco em fórma de cidadella com quatro baluartes.

Praça de Montalegre.

Praça de Monforte do rio livre.

Forte de Vilharelhos.

Praça de Vinhaes.

Praça de Bragança fronteira quatro leguas da Puebla de Sanabria.

Forte de S. João de Deus, de pouca defensa.

Forte de Santo Antonio.

Castello de Vimioso fronteiro a Alcaniças.

Castello de Outeiro fronteiro a Çamora.

Praça de Miranda fronteira a Carvalhaes. A fortificação mais segura, que tem esta cidade, é o forte, que fica entre o Norte, e Nascente contiguo á mesma praça. No anno de 1710, esteve ella prizioneira pelo Marquez de Bay quasi nove mezes, até que o conde de Atalaya D. João Manuel não só a restaurou, mas lhe tomou toda a guarnição, que os castelhanos lhe tinham introduzido. N'este anno de 1762, succedendo na praça o desastre de pegar fogo em uns barris de polvora, que fez arruinar as muralhas, se lhe introduzio injusta, e iniquamente o Marquez de Sarria com um destacamento, sem haver mais resistencia da nossa parte.

Praça de Freixo de Espadacinta.

§ VIII

Algarve

Compoe-se este presidio de dous regimentos de infantaria, e um de cavallaria. Ha mais dous terços de auxiliares com as ordenanças, que tudo governa o governador desta provincia, e reino, que na sua ausencia substitue o bispo. Consta das praças, e fortes seguintes.

Forte da Carrapateira.

Fortaleza de Sagres.

Cabo de S. Vicente. Sobre uma ponta muito escarpada está um mosteiro fortificado, e tem artilharia.

Forte de Nossa Senhora da Guia.

Forte de Santo Ignacio do Azevial.

Forte da Vera Cruz da Figueira.

Forte de S. Luiz de Almadem.

Forte de Nossa Senhora da Luz situado sobre uma lagem pouco mais alta que o mar, e distante de Lagos uma legua para o Poente.

Fortaleza de Lagos, a que chamam da Bandeira.
Fortaleza, ou castello de Pinhão.
Praça de Lagos cercada de nove baluartes para a parte da terra, e de cinco reductos para a banda do rio.
Forte de Alvor com seu castello junto do mar.
Forte de S. João, e Santa Catharina. Estas duas fortalezas estão na barra de Villa-Nova de Portimão, uma de cada banda com suas batarias para a parte do mar, e baluartes para a terra.
Forte de Pera.
Forte de Nossa Senhora da Incarnação no Cabo de Carvoeiro.
Forte de Nossa Senhora da Rocha sobre um alto, que sáe ao mar.
Praça d'Albofeira presidiada com uma companhia de soldados pagos, e murada, com seu castello, e armazem de polvora, e mais petrechos de guerra.
Fortaleza de Valongo, legua e meia de Albufeira, com duas torres chamadas da Zimbeira, e Val de Porcarisso guarnecida de gente, e artilheria.
Forte de Santo Antonio da Quarteira.
Praça de Faro.
Fortaleza de S. Lourenço.
Forte de Tavira.
Praça de Alcoutim fronteira a San Lucar.
Praça de Castro-Marim fronteira a Ayamonte. Contem mais outros fortes tambem artilhados, mas de menor consideração.

§ IX

Das forças navaes

Nas armadas foi Portugal sempre temido, e estimado, e por ellas floreceu nos descubrimentos de innumeraveis terras Orientaes, e da America em grande augmento, e respeito do seu dominio. O conceito, que os soberanos reis portuguezes sempre fizeram de que as armadas eram a segurança da Monarquia, extensão do imperio, e terror dos inimigos, os animou a conservar opulentos esquadrões navaes, como largamente escrevem nossos historiadores. (1)

N'esta vigilancia parece que excedeu a todos seus antepassados el-rei D. João III principe de paz guerreira, pela boa ordem, com que manteve em todo o seu reinado uma armada viva de vinte navios for-

(1) Far. tom. 3 da Asia, onde exhibe um Catologo de todas as armadas, que sahiram da barra de Lisboa para as Conquistas em varios tempos. Outro mais accrescentado expende Fr. Manoel Homem no livro intitulado «Memoria da disposição das Armas Castelhanas» c. 28. porém o mais exacto, e completo é o que conserva Francisco Luiz Ameno, ordenado por elle mesmo, pelos livros do Registo das Armadas da Casa da India. Sobre este ponto pódem os curiosos vér a Severim de Faria nas Notic. de Port. disc. 2. § 15.

les, que andavam todo o anno á vista da terra em guarda costa. Repartiam-se tres para Cascaes, quatro para Atouguia, quatro para Caminha, quatro para Lagos, dous em Villa-nova, e tres em Cezimbra.

Além d'esta armada havia outra de quatro galeões muito grandes, e bem fornecidos, que andavam girando mais avançados ao mar. Quando era monção de viram as Frotas, passavam á altura das Ilhas dez navios com tres grandes náos de guerra, e vinham conduzindo as Frotas da India, Brasil, Minas, S. Thomé, e Cabo-Verde, que ordinariamente com esta segurança chegavam ao porto de Lisboa com felicidade, e sem sustos. (1)

Porém nos tempos presentes ainda que não imitamos o grande poder, que os soberanos reis d'esta monarquia conservavam sobre os mares, conserva todavia Portugal ainda os mesmos admiraveis portos, ribeiras, e arsenaes capacissimos para a factura, e apresto de toda a copia de náos, em Lisboa, em Setubal, na villa de S. Martinho, em Aveiro, no Porto, e em Vianna, sem fallar nos admiraveis estaleiros da America, e mais conquistas, nem nas suas excellentes madeiras, fortissimas, e incorruptiveis.

Permanece a grande providencia, e provisão de todo a armamento, munições, e petrechos militares, com que se acha prevenido. Sobre tudo permanece ainda o grande valor, e brio no coração dos portuguezes, que vale mais que tudo: donde não devemos temer na occasião presente o grande numero de soldados, com que Castella soberba injustamente pretende arruinar-nos; porque o forte braço de Deus, que é o que dá as victorias, enfraquecerá as suas forças. Como o nosso justificado, e recto fim se encaminha á conservação, e defensa da propria liberdade, faz-se digno, e capaz de o favorecer Deus, e com o auxilio divino não ha que recear exercitos inimigos, como diz David no *Psalmo* 36.

CAPITULO IV

Do valor militar, e memoria de alguns portuguezes, mais insignes em armas

Em todos os tempos foram os portuguezes reputados por gente valerosissima, e ornados de singular disposição para o exercicio das armas: assim o mostra com toda a evidencia Antonio de Sousa de Macedo no cap. 14 do seu curioso livro das *Excellencias de Hespanha*; pois sendo certo havermos guerreado tantos centenarios de annos com differentes nações, ainda que algumas nos sujeitaram, foi tão grande a nossa residencia, e esforço, que á custa de innumeraveis batalhas nunca perdemos a opinião do marcial espirito.

(1) Fr. Man. Homem allegado.

Os romanos, cuja nação julgam todos haver sido a mais bellicosa, e formidavel, e a quem foi ardua empreza submetter debaixo do seu jugo o pescoço lusitano, (e ainda assim nunca bem domado), acreditaram tanto nosso valor, que nas provincias mais remotas, e menos seguras do seu imperio escolhiam para presidio sempre soldados portuguezes. (1)

A fama d'esta intrepidez, e animosidade nativa dos Lusitanos é tão indubitavel, que não só se prova com o testemunho dos escritores mais conspicuos, mas com a authoridade expressa, e incorporada em um texto de direito *in Leg Nam § Servius 21. ff. de Negot. gestis*, onde se adverte o glorioso costume que tinhamos de vencedores. (2) Não com menos credito conservamos o nome na invasão dos barbaros, e tyrannia dos africanos.

Com o mesmo venturoso exercicio derivado a quasi todos os monarcas, e principes portuguezes passamos a castigar a Berberia, a conquistar, a descubrir, e a ganhar novas terras na Asia, e um novo mundo na America. Quem quizer formar conceito das valerosas acções dos portuguezes, (diz um douto escritor) (3) lea o livro dos *Parallelos dos varões illustres de Portugal*, em que consideradas as longas terras, que os nossos conquistaram; os immensos mares, e promontorios, que romperam, os ceos, e estrellas novas, que descubriram; as sedes, fomes, frios, calmas, e doenças que soffreram; gentes feras, barbaras, e bellicosas, que domaram; famosos cercos que defenderam; praças que expugnaram; batalhas que deram; victorias que conseguiram sem parar, sem tornar atraz, e indo sempre ávante, justamente os compara o auctor (4) com os maiores heroes da antiguidade.

Obrigou a experiencia constante d'este caracter a dizer Luiz Vertemano, natural, e Senador de Veneza, que depois de haver girado por todo o mundo, e militado em varias partes, não encontrára em todo elle gente mais valerosa, e esforçada que a portugueza. (5) Do mesmo parecer é Magino, (6) e igual justiça se não atreveo a tirar-nos o celebre Jeronymo Franchi Conestagio, Genovez, pouco affecto á nossa gente, pois no livro, que estampou em lingua italiana com o titulo: *União de Portugal a Castella*, chegou a dizer o seguinte:

«Verdadeiramente é digna de grande louvor esta nação, pois não «tenho mais que um pequeno, esteril reino, com a boa instituição, com «a parcimonia, e com a virtude de alguns de seus reis, não sómente se «igualou a todos os reinos de Hespanha, porém gloriosamente sustentou a «guerra muitos annos contra Castella, reino mais rico, e poderoso que «Portugal.

(1) Monarq. Lusit. liv. 5. c. 24. (2) «Ubi jam tunc temporis assueti erant Lusitani victorias reportare. Vide Peg. Forens. tom. 4. pag. 437. (3) Bluteau no vocab. Portug. verb. «Valor. (4) E' este Author Francisco Soares Toscano, que fez imprimir o tal livro em Evora no an. de 1623. (5) Ego universum terrarum Orbem peragravi, multis saepe bellis interfui, sed hac gente Lusitanorum fortiorem vidi neminem» Apud João Salg. de Araujo nos Success. milit. liv. 2. p. 85. vers. (6) Magin. in nov. Geograph. § «Portugal.»

« O mesmo esforço mostrou tambem longe de sua casa, assim «em Africa como na India, não só por haver alcançado o fim de sua es-«tupenda, e admiravel navegação, que ao principio foi reputada por te-«meraria, e louca pelos mais sabios, e entendidos, como tambem por «haver dado nas ditas partes grande prova de seu valor nas armas, e «tal, que muitas das acções, que fizeram com ellas, attribuiram os his-«toriadores a milagre pela desigualdade, com que as faziam: e nas ba-«talhas navaes, e defensa das fortalezas se mostraram ainda mais vale-«rosos, que em todas as outras cousas, etc. (1)

Confirmam todo este conceito Estevão de Garibay no Compendio da Historia de Hespanha, Sandoval na Historia do Imperador Carlos V. fr. Antonio de S. Romão na Historia geral da India, (2) e outros muitos mais, que não seria difficil allegar, o que evitamos por ser este um ponto, que não necessita de muita satisfação, e seria dilatar-nos demasiadamente contra o methodo que temos seguido; mas em recompensa de mais authoridades passemos ás acções dos mesmos portuguezes executadas em varios successos de armas honrosos, e memoraveis.

D. Affonso de Albuquerque, segundo vice-rei da India, e heroe da primeira classe, e tão grande, que todos os titulos, e epithetos honorificos juntos são poucos para explicar o eminente gráo da sua heroicidade. Escureceram as suas acções as mais celebres dos antigos. Foi heróe capaz de metter de posse do mundo todo ao monarca portuguez. A elle se deve o estabelecimento do imperio Asiatico Lusitano, onde sempre com valor incansavel, e forças desiguaes fez tremer o Persa, atropellar o Çamori, render o Malabar, enfrear o Turco, affugentar o Idalcão. Igual no vencimento á sua espada foi a sua fama, pois entrando em Goa de volta da tomada de Malaca, achou n'ella aos embaixadores dos reis de Maldiva, de Vengapor, e de Calecut, que em obsequio, e reconhecimento da sua potencia se lhe mandaram sujeitar, e entregar espontaneamente. A este exemplo se lhe offereceram tributarios outros reis amedrontados com tão formidaveis successos. No mar da Arabia abrasou trinta náos mercantis inimigas, que estavam no porto de Adem. Sustentou, e metteu de posse de varios reinos a muitos reis amigos, e edificou muitas fortalezas com grande dispendio. Determinou mudar a corrente ao Nilo para esterilizar as terras do Turco, e assollar o sepulchro de Mafamede para extinguir os seus sequazes. N'estas duas bem premeditadas emprezas faltou-lhe a vida, não o animo. Obrou o Ceo prodigios em seu favor, já mostrando-lhe nas nuvens sobre o estreito do mar Roxo para confiança da victoria o signal da Cruz como a outro Constantino, e Affonso I rei de Portugal, já na expugnação de Ormuz, fazendo reciprocar-se, ou voltar-se no ar as mesmas setas dos persia-

(1) Conestagio lib. 1. p. 12. (2) Garib. tom. 4. liv. 25. cap. 16. Sandov. part. 2. liv. 24. § 4. Roman. liv. 1. c. 16.

nos contra elles proprios. No fim de tantas fadigas, e acções gloriosas teve poder a calumnia para o tirar do throno, e governo da India, onde havia entrado desde o anno de 1509, e entregue a seus proprios accusadores, para este ultimo golpe, em poucas horas de sentimento á vista de Goa, recebidos os Sacramentos da Igreja aos 16 de Dezembro de 1515 lhe cortou a injusta parca os fios d'aquella honrada vida, tão merecedora de ser immortal, como a sua fama. Jazem seus ossos no convento de Nossa Senhora da Graça de religiosos Agostinhos em Lisboa desde 19 de Maio de 1566, porque antecedentemente havia estado seu respeitoso cadaver em deposito na ermida da Conceição, que elle mandara edificar em Goa, donde não queria el-rei D. Manoel que viesse, dizendo estava ainda com elle depois de morto segura a India. (1)

Affonso Furtado de Mendonça, general de cavallaria, foi dotado de espirito intrepido, e sciencia militar. Do seu valor dependeram varias facções gloriosas das armas portuguezas. Na celebre batalha do Ameixial obrou proezas dignas de eterna memoria. Foi açoute dos castelhanos, e tambem o seu destroço, especialmente na ruina do novo forte da Aldeia do Bispo. (2)

D. Affonso de Noronha, sobrinho do grande Affonso de Albuquerque, e de quem pelo vinculo do sangue herdara a igualdade do valor. Havia-lhe el-rei D. Manoel feito a mercê antecipada de capitão, e governador da fortaleza de Zocotorá, ilha estendida na bocca do estreito do mar Roxo, e dominada por el-rei de Caxem na Arabia fronteira da ilha. Esta honrosa promessa, e glorioso annuncio obrigou a D. Affonso a fazer mais activa a diligencia da posse. Chegou alli no anno de 1508, e sendo o primeiro que saltou em terra, como achasse resistencia, e pouca attenção no Xeque, por entre balas, e pedras rompeo de sorte furioso, e valente, que com sua mesma lança derribou ao governador, e entrou no castello, achando-se n'esta perigosa empreza acompanhado de seis homens unicamente. Os mouros, que eram oitenta, defenderam-se com tanta constancia, que não quizeram admittir outro partido, senão o da morte. Deu-lhe posse da fortaleza Tristão da Cunha, onde esteve D. Affonso governando até o anno de 1510, em que achando-se na India, e tomando uma rica náo de mouros, veio a perecer no seio de Cambaya á furia de uma tormenta. (3)

D. Alvaro de Abranches foi um dos fidalgos portuguezes dotado de grande espirito, a quem se deveu tambem o bom exito da feliz acclamação d'el-rei D. João IV. Elle foi o primeiro, que n'aquelle glorioso, e memoravel dia pegando, e arvorando bandeira da cidade, animou a todos a que o seguissem, e acclamassem o novo rei libertador da patria. Elle

(1) Aubert. Miraeus in Chron. ad an. 1515. Maff. liv. 2. 4. e 5. Barbud. Emprez. milit. liv. 5. e 6. Far. tom. 1. Asia Portug. e nos Comment. das Lusiad. cant. 1. p. 118. Ann. Hist. tom. 2. p. 498. e tom. 3. p. 478. e 590. (2) Menezes, Portug. Restaur. tom. 1. Julio de Mello na Vida de Diniz de Mello liv. 2. e 3. (3) Faria na Asia tom. 1. pag. 99. e 131.

o primeiro, que tomou posse do castello de Lisboa, obrando a generosa acção de soltar a Mathias de Albuquerque, a Rodrigo Botelho, conselheiro da fazenda, que alli estavam prezos. Elle o que governou as armas na provincia da Beira, onde obrou acções dignas do seu valor, como foram abrazar, e saquear varias villas de Castella, e outras operações, que ficaram exemplo á posteridade na esclarecida memoria do seu nome. (1)

Alvaro Gonçalves Coutinho, chamado o Magriço, filho de Gonçalo Vaz Coutinho, primeiro marichal do reino, e irmão do primeiro conde de Marialva, foi um d'aquelles doze celebrados Portuguezes, que passaram a Londres para defenderem em publico desafio as damas de palacio affrontadas de umas palavras injuriosas, que certos cavalheiros Inglezes disseram contra ellas, as quaes por conselho do duque de Alencastro João de Gante, os convidaram, e elles admittiram com grande gosto o combate, o qual succedeu no anno de 1390, vencendo aos doze Inglezes com grande credito da nação Portugueza. O famoso Magriço depois de acabar a primeira façanha, se foi a Flandes, e lá em outro desafio, segundo o costume d'aquelle tempo, por servir a condessa d'aquelle estado, matando um valeroso Francez chamado Mons. de Lansay, lhe tirou um collar de ouro, que o Francez trazia ao pescoço, e o lançou ao seu por troféo da vitoria. (2) Os outros companheiros de Magriço foram os seguintes.

I Alvaro de Almada, chamado o Justador.

II Alvaro Mendes Cerveira.

III Alvaro Vaz de Almada, o qual em Normandia com acções valerosas conseguio o titulo de conde de Abranches, e a insignia da Ordem da Jarretea em Inglaterra. Vindo depois para Portugal, o mataram na batalha de Alfarrobeira, seguindo o partido do infante D. Pedro. Lembra-se d'elle Duarte Nunes na Descripção de Portugal, cap. 87.

IV João Pereira Agostinho, filho de Gil Vaz da Cunha, senhor de Basto, e sobrinho do condestavel o veneravel D. Nuno Alvares Pereira.

V Lopo Fernandes Pacheco, irmão do progenitor dos duques de Escalona.

VI Luiz Gonçalves Malafaya.

VII Martim Lopes de Azevedo.

VIII Pedro Homem da Costa.

IX Ruy Gomes da Silva.

X Ruy Mendes Cerveira.

XI Soeiro da Costa, o que na Africa deu nome ao rio, que hoje conserva.

(1) Menez. Port. Restaur. tom. 1. p. 104. 254. e 418. Salgad. Success. milit. liv. 3. c. 30. et seg. (2) Alguns Escritores tem esta acção por fabulosa, porém Manoel de Faria commentando a est. 43. e 50. do cant. 6. de Camões, a julga verdadeira, e allega a Manoel Socio nos Annaes de Flandes, que a refere.

André de Albuquerque Ribafria, natural da villa de Cintra, donde foi Alcaide mór, e commendador na Ordem de Christo, Heróe de illustre, e immortal fama. Foi fidalgo de grandes prendas, e na disciplina militar fez um muito distincto progresso, porque primeiro aprendeo a obedecer promptamante na simples praça de soldado voluntario em a guerra Brasilica, e depois a mandar com sabia prudencia nos honrosos cargos até o de mestre de campo, em cujo exercicio sempre foi amado, e respeitado. N'elle o valor nunca chegou a temeridade, nem a prudencia a timida circunspecção. Acomettendo a villa de Alconchel, cujos valerosos resistentes obrigados das nossas armas se haviam refugiado em uma igreja, na qual o incendio se atrevia já aos altares, André de Albuquerque meditando o sacrilegio do fogo, fez tregoas por tres horas, e com zelo impaciente, lançando-se por entre as chammas, libertou do meio d'ellas o sagrado deposito do Sacramento; e continuando outra vez o ataque, fez render o castello, e a villa. Com o mesmo animo arruinou o castello da Codiceira, e abrazou, e saqueou os arrebaldes de Albuquerque. Á vista de Arronches em uma sanguinolenta batalha derrotou as tropas de Badajoz, cativando setecentos cavallos, e ficando d'este choque mortalmente ferido, e atropellado dos nossos mesmos esquadrões, tanto que se restituio com os remedios ao primeiro acordo, perguntou se tinha vencido. Tal era a ambição da gloria militar, e o zelo da patria, que residia em seu generoso peito. Sendo general da cavallaria ganhou com tanta felicidade a villa de Salvaterra, que só lhe custou as vidas de tres soldados. Na interpreza de Oliva, em que os castelhanos se entregaram nò fim de tres dias, desamparando casas, filhas, e mulheres, obrou André de Albuquerque uma piedosa magnanimidade, perservando com cautela particular a fragilidade do sexo da liberdade dos soldados. Finalmente na campanha, e batalha das Linhas de Elvas intentando render um forte, e arremeçando-se a tocar com a bengala a estacada do inimigo, ao levantar do braço recebeo uma balla, que atravessando-lhe o peito, lhe tirou a vida aos 14 de Janeiro de 1659, tendo trinta e nove annos de idade. Ficou seu corpo depois de morto ainda immovel sobre o cavallo, mostrando constante a fortaleza de seu coração, que até desanimado resistia aos perigos. (1)

André Furtado de Mendoça foi um tal Heróe Portuguez, que, como diz Mons. de la Clede, desde os primeiros alentos da vida cuidou sempre em ser homem grande, e de viver memoravel nos fastos dos que souberam distinguir-se pelo brio, valor, prudencia, generosidade, e nobre desinteresse, que tanto lustre dá á verdadeira virtude. Militou na India, e a governou algum tempo, e infinitas vezes soube grangear n'aquelle estado não só o renome de grande capitão por antonomasia, mas o terror em todos os Indios. No vice-reinado de Mathias de Albuquer-

(1) La Clede, Histoir. de Port. tom. 8. ad ann. 1649. Menezes, Portug. Restaur. tom. 1. e 2. e outros apud Barbos. Bibl. Lusit. tom. 1. e Fast. da Lusit. tom. 1. p. 175.

que destruio a cidade, e matou o rei de Jafanapatão; alimpou os mares de Malabar de corsarios inimigos; ganhou muitas fortalezas aos turcos, fez tributarios a muitos reis, defendeo prodigiosamente com pouca gente, e enferma a cidade de Malaca do poder de sete reis mouros, que a cercaram junto com as tropas dos Hollandezes: finalmente não houve parte na India, onde não introduzisse o respeito, e antigo terror das armas Portuguezas. Vindo para Portugal morreo no mar aos 15 de Abril de 1609, e seus ossos foram depositados com a pompa conveniente a seu illustre nascimento no convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa. (1)

André Vidal de Negreiros, valente, e destrissimo mestre de Campo na Bahia, e governador de Pernambuco, soube unir o brio com a prudencia, e usar das occasiões com a prevenção dos futuros. Destruio os Hollandezes em Pernambuco, e Paraiba, libertando aquelles opprimidos povos das hostilidades, que os hereges commettiam. Na celebre batalha dos Goararapes foi elle o primeiro, que começou a pelejar com tal impulso, que desbaratou os esquadrões inimigos, e se lhe deveo grande parte d'aquella victoria. (2)

Anna Fernandes fez celebre, e eternamente lembrado o seu nome, quando no cerco de Dio obrou acções filhas do maior valor. Vendo que aos soldados cançados com as fadigas incessantes na violenta porfia do ataque se lhe ião diminuindo as forças, não só os animava, mas fazendo-se capitão de outras mulheres, acudia ás obrigações dos soldados com ardor, e diligencia de Heroina, executando outras acções memoraveis, que referem as nossas historias. (3)

D. Antão de Noronha, meio irmão do marquez de Villa-Real, governando a India com o titulo de vigesimo segundo vice-rei, foi um dos Heróes, que estabeleceo para sempre a sua fama nas gloriosas acções, que obrou. Extinguio as barbaras hostilidades do Idalcão, vencendo-o com forças muito desiguaes em uma obstinada batalha; e ganhando em outra occasião a cidade de Mangalor, edificou a fortaleza de S. Sebastião, que tanto servio para os nossos sacudirem as invasões dos Canarás. (4)

Antonio Correa Baharem, valeroso cavalheiro, fez muitas proezas no Oriente. Assentou pazes com el-rei de Pegú. Expellio a el-rei de Bintão de uma fortaleza quasi inexpugnavel, assaltando-a com resolução intrepida, e militar confiança. Rendeo no mar da Persia a Ilha, e o rei de Baharem, possuidores do genero de perolas mais finas, que se acham no mundo. Em testemunho de acção tão gloriosa lhe fez el-rei D. João

(1) La Clede tom. 6. Histoir. de Portug. Far. na Asia. Menez. na Malac. Conquistad. l. 10. est. 123. (2) Menez. Portug. Restaur. tom. I. De la Cled. tom. 7. ad ann. 1653. Rocha Pita Histor. da America liv. 6. (3) Jacinto Freire na Vida de D. João de Castro. Far. na Asia tom. I. part. 4. c. 10. n. 12. Toscan. nos Paralel. de var. illustr. Sa de Menezes na Malaca conquistada liv. 7. est. 66. (4) Faria no tom. 2. da Asia Portug. part. 3. c. 5. Mariz, Dialog. 5. c. 4. p. mihi. 501. Ann. Historic. a 19 de Agosto.

III, mercê do appellido da Ilha, que havia ganhado, e por brazão de suas armas o timbre da cabeça do rei mouro, que matara. (1)

D. Antonio Filippe Camarão, sendo Indio, mas de nobre nascimento, mereceu um lugar muito distincto entre os insignes varões guerreiros Portuguezes. A estes servio nas guerras de Pernambuco sempre com destemido valor, e com tal experiencia, que difficultosamente poderia haver outro mais pratico, nem de acções mais sinaladas. Conduzio com fidelidade, e prudente astucia á obediencia de Portugal o maior sequito dos gentios do Brazil, dos quaes foi capitão general, e com elles venceo em muitas occasiões aos Hollandezes em grande abono das nossas armas. El-rei Filippe IV, o honrou com a generosa mercê do habito de Christo, e de poder usar de dom com outras graças devidas aos seus merecimentos. (2)

Antonio Galvão, destro, e valente restaurador da India, foi governador das Ilhas de Maluco, e de tal capacidade, que n'elle se viram competir uniformemente o valor, a prudencia, o desinteresse, e a religião. Destruio, e abrazou Tidore; tornou-a a reedificar de novo com vantagem; e concordou com sagacidade as desavenças dos barbaros. Quizeram os de Ternate fazel-o seu rei, e elle desprezou com galhardia o offerecimento. Procedeo na propagação da fé com tal zelo, que diziam os naturaes d'aquellas terras já convertidos, que não podia deixar de ser verdadeiro o Deus, que de tal homem era adorado. Fundou á sua custa um Seminario (e foi o primeiro, que houve em nossas conquistas) para n'elle se catequizarem, e aprenderem os que se iam convertendo á fé. Renovou, e ornou a fortaleza de Ternate com obras utilissimas, fazendo conduzir agua para ella da distancia de tres leguas. Estabeleceo entre os nossos, e os mouros uma paz tão constante, que as armas de todos chegaram a converter-se em instrumentos pacificos do campo para a sua cultura. O nome, que todos lhe davam, era o de Pai, e como tal era reverentemente amado, para cuja perpetua lembrança compozeram os ternatentes cantigas, que eram as suas chronicas cheias de louvores. Voltou finalmente a Portugal sem fazenda, e rico só de seus relevantes serviços, dos quaes não vio outro premio mais, que desprezos, e miserias, que o obrigaram a viver dezasete annos no hospital de Lisboa, onde morreo no de 1537, tão pobre, que este lhe deu a mortalha, e a confraria da corte lhe fez o enterro. Ó fatal fortuna dos grandes homens! (3)

D. Antonio Luiz de Menezes, conde de Cantanhede, e primeiro mar-

(1) Barr. Decad. 3. liv. 6. c. 3. Far. tom. 3. da Asia part. 3. c. 6. n. 5. Villas-boas, Nobiliarq. Portug. c. 28. (2) Menezes, Portug. Restaur. tom. 1. p. 675. D. Franc. Man. Epanafor. 5. p. 610. Roch. Pita, Histor. da Americ. liv. 5. n. 94. e 95. La Clede tom. 7. Histoir. de Port. p. mihi 409. Ann. Historic. a 9. de Maio. (3) Barr. Decad. 4. liv. 4. cap. ultim. Far. tom. 1. da Asia part. 4. c. 9. Menez. Malac. Conquist. liv. 7. est. 69. Barbos. na Bibl. Lusit. tom. 1. Francisco de Sousa Tavares na Dedicat. do Tratado dos Descubrimentos, que compoz o mesmo Antonio Galvão.

quez de Marialva, foi tambem o primeiro movel das maiores felicidades de Portugal, e um dos seus heroes da primeira grandeza. A muita actividade, que possuia, desembaraço, e zelo esclarecido das glorias da patria o fizeram distinguir na famosa, e fausta empreza da acclamação delrei D. João IV, e que a serenissima rainha regente D. Luiza o elegesse governador das armas do Alemtejo no maior perigo d'aquella provincia. Soccorreu Elvas apezar da opposição dos castelhanos, que com um formidavel sitio a tinham cercado, rompendo-lhe com summo valor as fortes linhas da circumvallação na feliz batalha de 14 de Janeiro de 1659. Não só com os triunfos do seu braço fez amedrontar Castella, bastava a fama do seu nome para fazer fugir os inimigos: assim succedeu a D. João de Austria, indo sobre a villa de Arronches, e retirando-se d'ella, sabendo que o marquez de Marialva tornava por general das armas. Sitiou, e rendeu com felicidade Valença de Alcantara, uma das principaes villas da Estremadura castelhana. Ganhou ao marquez de Caracena em Montes-Claros uma tão disputada batalha, que a gloria do triunfo, que tivemos, fez mais deploravel a desgraça de Castella. Finalmente deixando de ser mortal, passou no anno de 1675 a consagrar a sua saudosa memoria no templo da fama, e no sagrado de S. Vicente de Lisboa deixou aos pés do real tumulo do senhor rei D. João IV depositado o seu coração. (1)

D. Antonio Luiz de Sousa, segundo marquez das Minas, logrou com geral applauso um pleno dominio nas armas não só de quasi todo este reino, mas em muitas provincias de Castella, conseguindo em não poucas facções de perigo os creditos de valeroso soldado, e esperto general. Recuperou algumas praças do Alemtejo do poder castelhano, e soube sempre unir ao valor, e disciplina militar as precisas circumstancias do respeito, e generosidade. Houve quem lhe quiz diminuir a gloria no pouco acerto de elle largar o sitio de Badajoz, como se não fora bastante louvor seu seguir o exemplo de outros generaes, que em differentes occasiões assim o fizeram no bloqueio de outras praças, sem que ficasse menos memoravel o seu brio na posteridade. Faleceu aos 25 de Dezembro de 1721, e jaz no convento dominicano de Azeitão.

Antonio Moniz Barreto deixou perpetuo nas Historias o seu nome, pelo ardente zelo com que augmentou a gloria dos portuguezes no Estado da India. Alli alcançou em um dia duas victorias junto de Damão, vencendo tres mil abexins com quinhentos homens. Por entre perigos quasi invenciveis foi soccorrer a fortaleza de Dio no seu segundo cerco. Em semelhante consternação, em que os achens, e jaos tinham cercado Malaca, vendo-se destituido de cabedaes para a municionar, pediu emprestados á cidade de Goa quinze mil cruzados, dando-lhe em penhor

(1) Menezes. Portug. Restaurad. tom. 2. p. 142. Mello, Histor. de Diniz de Mello liv. 2. n. 113. e 115.

a Duarte Moniz seu filho, menino de sete annos, estimavel joia, que em breve tempo remiu. (1)

D. Antonio de Noronha em muitas occasiões deu prova do seu valor, e actividade nas guerras da India, onde desbaratou os turcos sempre com desigual poder, principalmente o Çamori, e outros regulos, de que foi aspero açoite.

Antonio de Saldanha foi um animoso capitão, que nas varias occasiões, em que passou á India, deixou o seu esforço tão qualificado nas mais celebres facções militares, que nunca para elle houve successo tão arduo, que lhe diminuisse a constancia do coração, antes com generosa ousadia quiz sempre mostrar a grandeza do seu espirito. Achou-se na expugnação de Dio; queimou a cidade de Madrefabat d'alli pouco distante, e com resistencia dos mouros; o mesmo fez á de Goga, e aos lugares de Belsá, Tarapor, Maii, Quelme, Agacim, e Surat, recolhendo de todos opulento, e singular despojo, deixando toda aquella marinha assombrada de tal valor. Voltando a Portugal, foi eleito general de uma forte armada, com que el-rei D. João III soccorreu ao imperador Carlos V. contra o formidavel Barbaroxa na conquista de Tunes. Nesta empreza de brio conseguiu gloriosamente com bizarria o augmento da sua fama, e o credito da nação portugueza, de quem foi em todo o tempo da sua vida acerrimo defensor. (2)

Antonio da Silveira de Menezes, heroe famoso, ganhou perduravel gloria, em quanto durar a lembrança dos varões valerosos. Assistio nas operações militares de maior empenho, que se executaram na Asia, e em todas desempenhou o conceito superior, que se fazia do seu esforço, e bellico exercicio. Excedeu a todo o applauso, quando valerosamente defendeo a Dio de doze mil turcos, que capitaneava o rei do Cairo Solimão Baxá, repartidos em sessenta e cinco vasos, e ao grande poder del-rei de Cambaya, que todos se retiraram corridos, e desbaratados em virtude do seu inclyto braço. Conquistou as cidades de Surat, Reyner, Damão, e Agaçaim apezar de toda a resistencia, porque a seu intrepido animo nenhuma força era inconquistavel. Cheio de triunfos, e proezas chegou a Lisboa, onde com reciproca alegria mereceu as estimações de toda a corte; mas sobre tudo a distinção, que d'elle fez el-rei Francisco de França, mandando-o retratar, e collocar-lhe sua effigie entre os outros clarissimos heroes, com que ornava em seu palacio de Paris a galaria da fama. (3)

Barbara Fernandes. Será sempre ouvido com admiração o valor d'esta notavel mulher, que no celebre cerco de Dio vendo mortos, e

(1) Lemos nos Cercos de Malaca part. 2. c. 4. Sá de Menezes, Malaca Conquistada liv. 7. Toscan. nos Parallel. de var. illustr. c. 39. Far. na Asia tom. I. part. 4. c. 6. e tom. 2. part. 2. c. 14. Couto. Decad. 7. liv. 6. c. 6. (2) Faria tom. I. da Asia part. 4. c. 4. n. 17. Ann. Histor. a 6 de Fever. Barbud. Emprez. Milit. fol. 201. Mariz, Dialog. 5. c. I.
(3) Cam. cant. 10. est. 62. Faria tom. I. part. 4. c. 10. Mariz, Dialog. 5. c. I. Maff. Hist. Indic. lib. II. Toscan. Parallel. de var. illustr. c. 123. Ann. Histor. a 7 de Abril.

despedaçados a seus dous filhos, não só os não chorou como mãi, mas teve alentos. sendo mulher, para lhes estar unindo os pedaços do corpo com maravilhosa constancia. (1)

Belchior de Sousa Tavares floreceu no vice-reinado de Nuno da Cunha, que por conhecer nelle espirito superior de valentia, e desembaraço nas acções, o elegeu para conciliar pazes entre os reis de Bassorá, e de Gizaira, habitadores com pouca distancia um, e outro dos rios Tigris, e Eufrates. Foi o Sousa o primeiro, que entrou por estes rios, aonde não havia entrado Grecia, nem Roma. Obrou alli muitas maravilhas; premiou-o Nuno da Cunha com lhe dar a capitania mór do mar de Ormuz. (2)

Brites de Almeida, paizana humilde de Aljubarrota. ainda mais ardente no fogo marcial, que no exercicio da sua occupação, não podendo tolerar o assalto dos castelhanos pela sua patria, e casa, com uma pá de ferro, que tinha na mão, instrumento do seu trabalho, de um impeto matou sete soldados, e fez amedrontar os mais, ficando justamente nesta acção recommendavel nas Historias entre as singulares, e gloriosas, que se obraram nos campos d'aquella villa pelo nosso exercito contra o delrei D. João I de Castella. (3)

Caetano de Mello de Castro governou a provincia de Pernambuco zeloso, activo, e com muitas qualidades, que lhe grangearam os applausos na memoria das gentes. O seu valor e direcção foi o principal movel para a victoria, que alcançámos dos negros dos Palmares venturosamente. Subio á dignidade de vice-rei da India, onde o elevaram seus meritos, que sempre acreditaram o seu valor. (4)

D. Christovão da Gama, retrato vivo do grande Vasco da Gama, igual ao pai nos espiritos, e nos effeitos. Foram as acções, que obrou dignas de memoria. Indo por ordem de seu irmão D. Estevão, que governava a India, em soccorro do Preste João contra el-rei de Zeila, desbaratou com prodigio em primeira, e segunda batalha aos mouros sómente com quinhentos homens, que levava. (5)

Christovão Jaques, fidalgo da casa del-rei D. João III mereceu a gloria de ser o primeiro descubridor, que entrou pela famosa enseada da Bahia de todos os santos no anno de 1526, nunca até alli descuber-

(1) Maff. Histor. Indic. lib. 11. Toscan. Parallel. dos varões illustr. c. 156. (2) Faria no tom. 1. da Asia part. 4. cap. 3. n. 13 14 e 15. (3) E' bem vulgar este caso da celebre forneira de Aljubarrota, que referimos pelo achar tão recommendado pelos nossos Escritores, aonde Francisco Rodrig. Lobo no Poema do Santo Condestavel cant. 14. p. 554. conclue assim:

«Celebre-se a mulher, louve-se a terra,
Onde com pás se faz tão cruel guerra.»

Veja-se o Diccionar. Geograf. do P. Luiz Cardoso tom. 1. pag. 319. (4) Rocha Pita, Americ. Portug. liv. 8. n. 49. (5) Far. na Asia. Ann. Histor. no 1. e 8. de Abril. Cam. Lusiad. cant. 10. est. 96.

«Nesta remota terra um filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro,
Ha de ser Dom Christovão o nome seu,
Mas contra o fim fatal não ha reparo.

ta pelos nossos exploradores; e por fazer mais celebre a memoria do seu valor, fez meter a pique duas náos francezas, que achou no reconcavo da Bahia, e no rio Paraguassú, que lhe queriam fazer resistencia. (1)

D. Constantino de Bragança, filho do quarto duque de Bragança D. Jaime, teve um espirito igual ao nascimento, e de taes quilates, que pareceu, e bem, só por elle se podia restaurar a India, que então se ia arruinando. Passou-se lá, e governou-a de modo, que tendo sido o vice-rei D. Luiz de Ataide famoso governador d'ella, quando el-rei D. Sebastião o mandou segunda vez governal-a, lhe disse ao despedir-se, que se governasse a India da propria maneira, que a havia governado D. Constantino, elle se daria por bem servido. Entre varias emprezas gloriosas das nossas armas, em que elle se achou, foi famosa a conquista de Damão, praça, que está nos confins do reino de Cambaya, a qual D. Constantino ganhou felicissimamente, e cuidou em conserval-a com prudencia. A outra empreza memoravel foi a de Jafanapatão, reino edificado á borda do mar, onde desemboca o rio Ganges. Era seu rei contrario aos portuguezes, e D. Constantino pelo metter debaixo do nosso jugo, passou lá em pessoa com uma forte armada. Por entre chuvas de balas, e perigos entrou na cidade, conquistou-a, fez desertar o rei com desordenada fugida, e trouxe um consideravel despojo, entre o qual foi celebre o dente de Bugio, que aquelle rei tinha, e era o idolo mais famoso de toda a Asia. Fel-o queimar D. Constantino em Goa, e desfazel-o em pó, tendo não menos valor, e constancia para desprezar meio milhão, que el-rei de Pegú lhe offerecia pelo seu resgate. Por estas, e outras gloriosas acções tão dignas de eterna lembrança, sempre D. Constantino será famoso no juiso dos grandes homens, em quanto durarem os Annaes em Portugal. (2)

Deosadeo Martins, mulher do capitão mór de Monção Vasco Gomes de Abreu, é benemerita, e digna de especial elogio; porque sitiando aquella praça D. Pedro Rodrigues Sarmento em tempo d'el-rei Henrique II, de Castella, inimigo declarado d'el-rei D. Fernando de Portugal, foi tal o seu ardil, que obrigou ao general desconfiar da empreza, e levantar o sitio, merecendo pela sua industria ficar por timbre das armas da mesma villa gravado o seu nome á roda de um meio corpo de mulher, e delineada tambem nas bandeiras da Camera, a qual instituio a honrosa ceremonia de se não abrirem as pautas dos vereadores d'aquella villa, que se costumam fazer todos os annos, senão junto da sepultura de tão assinalada matrona. (3)

(1) Roch. Pita na Americ. Portug. pag. 56. Ann. Historic. n. 1 de Novemb. (2) Far. tom. 2. da Asia part. 2 c. 14. n. 6. Couto Decad. 7. liv. 6. c. 5. Barbud. Emprez. Milit. p. 234. vers. Cam. nas. Rim. Oitav. oit. 2. Toscan. nos Parallel. de var. illustr. c. 20. Ann. Hist. a 12 de Março, 7 de Julho, e 14 de Outub. Barb. Fast. da Lusit. a 2 de Jan. De la Clede, Histoir. de Port. tom. 5. p. 528. (3) Brand. Mon. Lusit. liv. 15. c. 23. Carvalho na Corogr. Port. tom. 1. p. 211. Mend. da Silva, Poblacion General de Espana c. 127. Ann. Hist. a 7 de Outubro.

Diniz de Mello de Castro, primeiro conde das Galveas, lavraram-lhe os seus relevantes merecimentos preciosa estatua, que se vê collocada no capitolio de Portugal, e na segura memoria dos creditos da sua fama. Desde a praça de soldado até o posto de mestre de campo general, no dilatado espaço de vinte e oito annos de sanguinolenta guerra na provincia do Alemtejo, assistio a cento e onze occasiões de batalhas, choques, e conflictos, que se pódem reputar por outras tantas victorias, pois d'ellas o seu valor, e espirito se achou sempre triunfante. Tantas foram as hostilidades, que fez a Castella, que lhe chamavam os inimigos o açoite das suas campanhas. Não é facil descrever as incomparaveis proezas deste famoso Heróe, porque o esforço, a felicidade, o zelo, e a honra, com que obrou em todas, as fez iguaes, e semelhantes para a admiração, e para assumpto do maior applauso. Morreo em Lisboa a 18 de Janeiro de 1709, e jaz na capella mór dos eremitas de S. Paulo. (1)

Diogo de Anaya Coutinho foi um soldado particular, que se achou no cerco de Dio, igualmente valente, e venturoso nos lances de Marte, e assim mereceo iguaes applausos á fama, que attenções á fortuna. Conta-se delle, que desejando o capitão da praça D. João Mascarenhas saber noticias dos designios do inimigo, tivera o soldado a resolução de se deitar da muralha por uma corda, e ir em demanda dos Mouros ao campo, no qual encontrando dous, matou a um ás lançadas, e trouxe o outro, que se defendia com valerosa repugnancia, á presença do capitão. Depois vendo que no conflicto perdera o capacete, que não era seu, tornara a descer pela mesma corda, e o fora resgatar com desafogo já de entre um bom numero de inimigos, que haviam concorrido ao estrondo da briga. (2)

Diogo Batelho, tambem soldado, nobre, e valeroso, deu um testemunho efficaz da grandeza do seu espirito com uma memoravel viagem, em que fez escurecer a famosa expedição da náo Argos tão decantada. Achava-se em Dio na desgraça d'el-rei D. João III, dezejava restituir-se a ella, e sabendo o grande gosto, que el-rei tinha de que se fundasse uma fortaleza em Dio, tanto que a vio estabelecida pelo governador Nuno da Cunha, e com licença do Sultão Badur, apanhando a planta, e copia das capitulações, deu ordem a preparar escondidamente uma nova embarcação nunca até alli vista com dezoito pés de comprido, e seis de largo, e mettendo-se nella o forte, e ousado aventureiro com alguns marinheiros, e mantimento, sem lhe dizer nada se engolfou nos largos mares do Oceano com uma navegação tão ardua, e arriscada. Chegou a perder todos os companheiros, e elle só esporeado do estimulo da gloria, e confiado em seu valor, e constancia, passando por varios contra-

(1) Julio de Mello na sua Vida. Menezes, Portug. Restaur. Sous. nes Grandes de Port. p. 310. Ann. Histor. tom. I. p. 118. Barb. Fastos da Lusit. tom. I p. 215. (2) Ann. Hist. part. 2. a 24 de Junho. Couto Decad. 6. liv. I. c. ult.

tempos, chegou felizmente a Lisboa com a noticia no anno de 1535. Celebrou el-rei, e a corte a nova; porém muito mais a embarcação, que se mandou queimar logo, porque nao se facilitassem os homens, e persuadissem, que em tão pequeno lenho era factivel emprender de polo a polo carreira tão perigosa. (1)

Diogo Gomes de Figueiredo foi peritissimo em jogar as armas, e como tão insigne em tal sciencia foi dado por mestre ao principe D. Theodosio, e a el-rei D. Affonso VI. Unindo á destreza o valor, e experiencia de grande soldado, mereceo occupar todos os postos da guerra até o de general da artilharia da provincia da Beira, a qual governou algum tempo com summo cuidado, vigilancia, e esforço, devendo-se á sua incansavel actividade a segurança da praça de Almeida, que o duque de Ossuna intentou fortemente levar por assalto em 2 de Julho de 1663, onde Figueiredo obrou acções de honrada memoria. (2)

Diogo Lopes de Siqueira, quarto governador da India, mostrou os effeitos da sua actividade, e zelo das glorias do seu Soberano, para o qual descubrio, e conquistou muitas Ilhas Orientaes á custa de grandes fadigas, e foi o primeiro, que pelo mar Roxo achou sahida ao imperio do Preste João, com quem estabeleceo amizade venturosamente. (3)

Diogo da Silveira exercitou no Oriente com feliz successo o brio de Marte. Foi um dos principaes instrumentos, que facilitaram a expugnação de Panane, praça das melhores de Calecut. Em varias armadas fez evidente ostentação do seu destemido valor, rendendo, saqueando, e abrazando todas as povoações maritimas desde Bandorá até Surat, a pezar de toda a contraria resistencia, parecendo um raio vivo, que consumia tudo, e deixando assombrado o que escapava ao furor de seu braço. O mesmo estrago experimentaram os lugares da Costa de Dio, de que resultou entrar triunfante em Goa com um riquissimo despojo, e mais de quatro mil escravos. Não é menor prova do seu grande, e generoso animo o que lhe succedeo no porto de Adem, onde encontrando-se com uma náo de mouros, que vinha de Judá bem importante, e entregando-lhe sinceramente o capitão uma carta de certo Portuguez cativo n'aquella cidade com a certeza de que era um segurissimo salvo conducto, sendo na verdade uma recommendação da malignidade do mesmo capitão mouro, não quiz Diogo da Silveira fazer-lhe mal, por não aggravar a fidelidade dos Portuguezes, e dissimulando todo o engano, o deixou ir. (4)

(1) Barr. Decad. 4. liv. 4. c. 14. Maff. liv. II. fol. 256. Chron. d'el-rei D. João III, part. 3. c. 13. Fr. Ant. Histor. Indic. part. I. liv. 3. c. 18 Couto Decad. 5. liv. I. c. 2. Man. de Far. tom I. part. 4. c. 6. n. 14. onde diz, que a embarcação tinha vinte e dous palmos de comprido, doze de largo, e seis de alto, e que fora erro de quem aconselhara mandar queimar tal embarcação, antes se devia mandar pendurar em alguma sala de palacio para seu maior adorno, e duravel. troféo da maior ousadia. Toscan nos Parallel. de var. illustr. cap. 116, Ann. Hist. a 21 de maio. e 3 de Setemb. Mariz, Dial. 5. c. I. p. mihi. 431. (2) Menezes. Portug. Restaur. tom. 2. p. 586. (3) Barros, Decad. 2. liv. 4. c. 3. Decad. 3. liv. 3. c. I. Maced. no Poema Ulyssipo p. 162. vers. (4) Far. tom. I. da Asia Portug. part. 4. c. 4.

Duarte Brandão, cavalheiro Inglez, mas naturalizado neste reino, deu no exercicio das armas a conhecer a sua valentia, e o seu brio. Aproveitou-se, achando-se em Inglaterra, el rei Duarte V, fazendo-o general de uma armada, que expedira contra o de França, com a ventura de ficar victorioso por beneficio de sua actividade. Premiou o, fazendo-o cavalleiro da insigne Ordem da Garrotea. Tinha tal animo, e honra, que sendo convidado por outros cavalheiros para um banquete, e achando, quando veio, occupados os lugares mais graves, sentando-se em outro inferior, e tirando de um punhal o cravou na mesa, dizendo: *Aqui onde eu estou é a cabeceira da mesa, e quem o contradisser tire o punhal.* Porém a esta proposição ninguem se atreveo a dizer cousa alguma. Jaz no convento de Nossa Senhora do Carmo de Lisboa. (1)

Duarte Coelho teve em repetidos conflictos com os mouros do oriente no mar, e na terra prosperos successos, onde em credito da nação destruio, e cativou a muitos. Estabeleceo pazes com o rei de Siam, e o fez tributario a Portugal. Por estes, e outros serviços lhe fez el-rei D. João III, mercê da Capitania de Pernambuco, em cuja fundação padeceo perigos, e opposições do gentio, que o seu valor desfez, (2)

D. Duarte de Menezes, senhor da casa de Tarouca, pessoa, em que concorreram muitas qualidades de varão grande, e famoso, e sendo dos grandes de Portugal, foi a menor que teve a do nascimento. Deu illustres mostras de sua espada em Africa, pois sendo capitão, e governador de Tangere, alcançou dos mouros felicissimas victorias, até que na infelice batalha de Alcacere, em que se perdeo el-rei D. Sebastião, ficou elle cativo, sendo Mestre de Campo General, não obstante obrar alli maravilhas. Passou depois á India no anno de 1521, com o titulo de Governador d'aquelle estado, e lá achando rebeldes os vassallos, e o rei de Ormuz, recuperou tudo, trazendo-os outra vez á nossa obediencia, pondo-lhe maior tributo por castigo da sua rebeldia. Fez notaveis diligencias para averiguar a certeza das cousas, que se referiam do Apostolo S. Thomé, e o conseguio. (3)

Duarte Pacheco Pereira não só foi um dos maiores heroes de Portugal, mas do mundo. Camões lhe chama Aquilles Lusitano, e o grande Macedo Sansão Portuguez, e ambas as semelhanças foram proprias a Duarte Pacheco, o qual com animoso coração, e mão valente foi raio nas armas, e prodigio no esforço. Passou este insigne capitão á India em companhia do grande Affonso de Albuquerque, por cuja ordem ficou em Cochim para defender ao seu rei do de Calecut. Veio este com um horrendo exercito de cincoenta mil homens, e o soccorro de dezoito principes a seu lado com trezentas e oitenta e duas peças de artelha-

(1) Duarte Nunes na Descripç. de Port. c. 77. Pereir. Chronic. dos Carmel tom. I. n. 1391. Villasboas na Nobiliarq. Portug. p. 247. titulo dos Brandões. (2) Rocha Pita, Histor. da Americ. Portug. liv. 2. num. 69. (3) Barr. Decad. 3 liv. 7. c. 9. Far. tom. I. p. 3. c. 7. Meus. de Quevedo no Poem. de Affons. African. cant. 11. est. 39. Sous. nos Grand. de Port. p. 171.

ria, e duzentas e oitenta embarcações differentes para investir o váo de um rio, por onde se entrava na Ilha. A toda esta prevenção se oppoz Pacheco com pouco mais de cem homens, e ficou triunfante. Repetio o Malabar sete vezes a investida em menos de tres semanas, empenhando o resto da colera na ultima com a maquina de oito castellos de vinte palmos de alto, collocado cada um sobre duas galeras, e cheios de invenções diabolicas de fogo, mas tudo desbaratou a valerosa industria, e incrivel fortaleza de Duarte Pacheco. O nosso Virgilio na *est.* 14. *do cant.* I. disse, que as proezas dos Portuguezes excediam na sua realidade as fabulosas; assim se vio em todas deste admiravel capitão, do qual é impossivel referil-as, pois ainda resumidas occuparam grande parte deste volume contra a brevidade, que professamos. Com tão estupendas acções chegou Duarte Pacheco a Lisboa a 22 de Julho de 1505, opulento de triunfos, e riquezas. Recebeo-o el-rei D. Manuel com grandes demonstrações, que acreditavam seus não vulgares merecimentos, pois o levou ao seu lado debaixo de um pallio solemnemente desde a igreja matriz até S. Domingos a render a Deus as graças de tantas victorias; mas d'ahi a poucos dias, sem motivo consideravel, o mandou prender, e assim esteve muito tempo até se averiguar ser falso o crime, que lhe imputavam seus emulos. Viveo depois de solto em tanta pobreza, que veio a morrer miserrimamente no hospital de Valença de Aragão. Este pobre exito de varão tão grande foi um grave defeito, que se encontra nas acções d'el-rei D. Manuel, de que o não poderam livrar os maiores encarecimentos da lisonja; porém se o odio tirou a Duarte Pacheco o premio, nunca lhe tirará o relevante merecimento, com que alcançou perduravel estatua no templo da memoria. (1)

Egas Moniz, a cujo valor deveo Portugal muita parte da sua liberdade, era Ayo do Santo rei D. Affonso Henriques, o qual sendo vencido em um recontro d'el-rei D. Afonso VII, de Castella, sabendo-o Egas Moniz, acudio depressa, quando já se vinha retirando o principe, e o incitou a que tornasse sobre o inimigo victorioso. Reduzido, e reparado tudo com a industria de Egas, voltou sobre elle, e venceram-no. Depois tendo o mesmo rei cercado ao nosso na villa de Guimarães, fez Egas com que o Castelhano levantasse o sitio, e ficasse desassombrada a villa do poderoso exercito, promettendo-lhe para isso fazer com el-rei conviesse em certas clausulas, que o de Castella desejava. Não quiz D. Affonso Henriques cumprir a promessa do seu Ayo, e este passando a Toledo com mulher, e filhos, com cordas nas gargantas, pés descalços, e

(1) Maced. no Serm. de S. Thomé Barr. Decad. I. liv. 7. c. 2 até 8. Cam. nas Lusiad. cant. I. est. 14. cant. 2. est. 52. cant. 10. est. 12. Goes, Chronic. d'el-rei D. Manoel part. I. c. 100. Osor. I. 4. de reb. Emman. Far. tom. I. da Asia part. I. c. 7. Monarq. Lusit. liv. 6. pag. 257. Toscan. nos Parallel. c. 58. Manoel de Faria dá a entender que Duarte Pacheco está enterrado em Santarem; porque diz no Comm. da est. 25. do cant. 10 «Si yó me hallara con la codicia fuera-me a la Villa de Santarem a hurtar la calavera de Duarte Pacheco, y la truxera a Roma, que aunque nó es Romano, creo multiplicara buena suma de escudos, vendiendo-la.»

habitos de condenados, se expoz á vontade do rei por satisfação de não poder cumprir a palavra, que lhe dera em nome do seu principe, em cuja acção mostrou brio, valor, honra, e amor de patria. (1)

Elena Peres, mulher valerosa, e honesta da praça de Monção, estando esta em rigoroso sitio pelas armas de Castella no anno de 1658, e sendo poucos os defensores, se deliberou com bizarria varonil a governar trinta mulheres, que escolheu, e com um chapeo na cabeça, e um chuço nas mãos as foi distribuindo, e collocando nos lugares mais perigosos das muralhas, sem que as podesse entibiar a alguma d'ellas o susto do assedio, antes mostraram todas em forças debeis alentos robustissimos. (2)

D. Estevão da Gama, filho do inclyto Vasco da Gama, e undecimo governador da India, onde mostrou o muito, para que era o seu esforçado espirito em proezas heroicas, fez esmorecer toda a ousadia d'el-rei Ujantana no mar Roxo, ganhando-lhe a cidade de Jor, saqueando-a, e abrazando-a depois de uma bem ganhada victoria, e das mais illustres, que até alli se tinham visto em toda a Asia. (3)

D. Filippa de Vilhena, condessa de Atouguia, em veneração da grandeza do seu valente, e nobre espirito ficou recommendada á posteridade. Fiando-se-lhe o segredo da acclamação d'el-rei D. João IV, teve tal valor, que ajudando a armar a seus dous filhos D. Jeronymo de Ataide, e D. Francisco Coutinho de tenra idade, os exhortou com razões de brio a conseguir a valerosa acção, que intentavam. (4)

D. Francisco de Almeida, primeiro vice-rei que houve na India, e o verdadeiro Machabeo Lusitano, como lhe chama o nosso grande Francisco de Macedo, foi um tão insigne heroe, que justamente disse Camões chorará por elle sempre o Tejo. Poz a fogo, e cutello as ilhas de Quilóa, Mombaça, Panane, e Dabul. Levantou fortalezas em Cranganor, Sofala, e outros portos. Desbaratou armadas, e fez derramar muito sangue aos Arabes, Persas, Mouros, e Turcos, e finalmente fez tremer quasi toda a Asia. Mas quem dissera, que quatro Cafres com páos tostados tiveram poder para tirar a vida nas praias Africanas a um heroe, contra o qual tantos exercitos, e tantas náos carregadas de tantos homens bellicosos com armas de fogo, e maquinas horrendas foram de nenhum effeito? (5)

Francisco Barreto, estremado cavalheiro, e decimo oitavo governador da India, na qual concluio as emprezas de seus antepassados com grande gloria da nação, e executou outras de novo com immenso cre-

(1) Galv. na Chron. d'el-rei D. Affons. Henriq. c. 8, 9, e 10. Brit. Chron. de Cister. p. 1. liv. 3. c. 4. Cam. Lusiad. c. 3. est. 35. c. 8. est. 13, 14, 15. Brand. liv. 9. c. 19. e Duart. Nun. negam esta ultima acção de Moniz; porém defende a Manoel de Far. no Comm. da est. 14. do cant. 8 (2) Menezes. Portug. Restaurad. tom. 2. liv. 4. (3) Far. na Asia tom. 1 (4) Menez. Portug. Restaur. tom. 1. liv. 2. p. 100. (5) Barr. Decad. 2, liv. 3. c. 4. e 10. Far. tom. 1. part. 2. c. 3. Cam. Lusiad. cant. 1. est. 14. cant. 10. da est. 26. por diante até 38. Goes, Chron. d'el-rei D. Manoel part. 2. c. 39. Mar. Parbud. e outros que allega Barbosa nos Fast. da Lusitan. Ann. Historic. no 1. de Março.

dito da sua capacidade, valor, e juizo, foi um dos governadores d'aquelle estado benemerito da estimação, que fizeram d'elles os senhores reis D. João III, e D. Sebastião. Só desmereceo ao nosso poeta os louvores, com que honrou aos outros heroes Portuguezes, deixando este inclyto soldado no escuro silencio por despique de o haver desterrado para a China por algumas travessuras, e principalmente pela satyra, que é o ultimo das suas obras.

Francisco Barreto de Menezes, varão distincto em sangue, espirito, juizo, e valor, cujas prendas o fizeram preferir entre muitos para a dignidade de Mestre de Campo General do exercito de Pernambuco, soube desempenhar de sorte o grave conceito da sua fama, que d'elle pendeo toda a felicidade, que as nossas armas conseguiram contra os Hollandezes nas duas batalhas chamadas dos *Goararapes*. (1)

D. Francisco Coutinho, segundo conde do Redondo, e vice-rei da India, que succedeo a D. Constantino de Bragança, foi varão merecedor dos elogios do principe dos poetas Portuguezes. Alcançou elle muitas victorias em Malabar, e Ceilão, e obrou outras acções, que ficaram para exemplo do valor, e nós as deixamos talvez mais bem descriptas no dilatado estylo do silencio, que na estreiteza d'este Mappa.

D. Fuas Roupinho, cavalleiro muito valeroso, cujas proezas desejou celebrar Camões com a cithara de Homero, desbaratou, e prendeu a el-rei Gamy, senhor das terras da Estremadura, que o veio cercar a Porto de Mós com um tremendo pé de exercito. Alcançou famosas victorias navaes de inimigos, que inquietavam os lugares maritimos d'este reino, e passando ao porto de Ceuta, queimou algumas náus, até que acabou pelejando valerosamente. Este foi aquelle cavalleiro, que teve a dita de lhe apparecer a Senhora da Nazareth, e o livrou de um evidente precipicio, de quem já fizemos memoria na terceira parte d'esta obra. (2)

D. Garcia de Menezes, bispo de Evora, foi igualmente famoso nas letras, que nas armas: nestas se lhe viu o esforço, e valentia em muitas occasiões de empenho. Na batalha de Touro foi um dos principaes motores da victoria. Assombrou a Italia, vendo-o ir por general da Armada, com que el-rei D. Affonso V soccorria ao Papa Xisto IV contra o Turco na oppressão de Otranto. (3)

Giraldo Giraldes, chamado Sempavor, era cavalheiro destemido, e por sua valentia temeraria adquiriu o sobrenome que tinha. Andava em desgraça del-rei D. Affonso Henriques, e se resolveu a obrar acção, com que se podesse reconciliar, e el-rei perdoar-lhe. Intentou ganhar a cidade de Evora aos mouros, poz-se a observar as sentinellas de uma torre, sentiu que estavam dormindo, subiu, matou-as, e com a gente, que

(1) Menez. Portug. Restaur. tom. I. p. 667. D. Franc. Man. Epanaf. 4, p. mihi 592. Rocha Pita na Americ. Portug. liv. 5. n. 107. Este Author assina o anno desta batalha no de 1649. e Barbos. nos Fast. da Lusit. no de 1688, e o Author do Ann. Historic. tom. I. no de 1648. (2) Brand. Monarq. Lusit. liv. 7. c. 4 e outros muitos, que allega o Agiol. Lusit. (3) Pint. Ribeir. na Prefer. das Letr. ás Arm.

havia disposto de emboscada, assaltou a cidade de repente, e a ganhou. Com esta façanha recuperou não só o perdão del-rei, mas o governo d'aquella cidade, e a eterna memoria da sua pessoa, e valor. (1)

Gomes Freire de Andrada, general de artilharia do reino do Algarve, e governador do Maranhão, mereceu os innumeraveis applausos, com que o venera a fama na memoria de suas illustres proezas. Elle foi dos primeiros soldados, que montou os mouros de Badajoz, e sustentou com valor incomparavel a forte opposição dos castelhanos em todo o templo d'aquelle sitio. Derrotou o inimigo em Valença, fazendo-lhe ceder o campo, e a victoria, sendo muitas mais occasiões, em que o seu braço se viu sempre triunfante até o ultimo alento da vida, que foi aos 3 de Janeiro de 1702. (2)

Gonçalo Mendes da Maya, o primeiro adiantado, que houve em Portugal, foi cavalheiro de tão grande valor, e esforço, que igualou com os mais insignes, que a fama celebra. Toda a sua vida exercitou a guerra contra os mouros até a idade de noventa e cinco annos, em que morreu, que foi no de 1170, por cuja causa lhe chamaram o Lidador. (3)

Henrique Dias conseguio pelas suas proezas insignes um clarissimo nome na classe dos portuguezes valerosos, ainda que foi negro por nascimento, porque a fama não attende ao accidente da côr, senão á substancia do coração. Nas guerras de Pernambuco foi o flagello dos hollandezes, e a total destruição d'elles n'aquella provincia, porque sendo capitão de todos os negros, sabia animal-os, e conduzil-os de sorte, que com elles venceu muitas batalhas, e assaltou praças em grande reputação das nossas armas. (4)

D. Henrique de Menezes, filho natural de D. Fernando de Menezes, foi chamado o Roxo, ou Ruivo, porque o era no cabello. Succedeo a Vasco da Gama no vice-reinado, e foi o setimo governador da India, e um dos mais excellentes, que ella teve. Começou a governar de vinte e sete annos, cousa nunca vista em Portugal nem antes, nem depois fóra dos reis, que tem a coroa, e sceptro hereditario: tal era a capacidade, que el rei D. João III, conheceo nos poucos annos de D. Henrique, cavalheiro, e moço professor da honra, e valor. Suas acções foram grandes, e iguaes a seus grandes pensamentos. Fez temer ao imperador do Malabar, e lhe poz gloriosamente o jugo Portuguez, a que até alli sempre havia sido indomavel. Destruio Panane, e Coulete, lugares nobres da provincia de Calecut, e bem guarnecidos de artilharia, entrando n'aquellas praças por entre nuvens, e chuveiros de balas. Seria prolixo referir outras muitas acções que obrou pelas armas. Morreo em Goa no principio do anno de 1526, deixando eterna saudade. (5)

(1) Brito, Chron. de Cister part. 1. liv. 5. c 12. Toscano. Parallel. de var. illustr. c. 114. Cam. Lusiad. cant. 8. est. 21. (2) Fr. Domingos Teixeira na vida especial deste Heroe. (3) Monarq. Lusit. liv. 11. cap. 17. Menezes, Portug. Restaur. tom. 2. p. 226. (4) Fr. Rafael de Jesus no Castrioto Lusitan. em varias partes. (5) Castanheda liv. 6. Barr.

*

Heitor da Silveira, cujas gloriosas acções o constituiram eterno, e mereceram bem a comparação de Aquilles Troyano, que d'elle fez o nosso grande poeta. Nas memorias da Asia Portugueza são bem notorias as suas façanhas, assolando muitos lugares pela costa de Cambaya, e alimpando-a de Corsarios; ganhando a fortaleza de Baçaim, e outras muitas, fazendo tributarios aos reis de Adem, e de Xael, e ao Xeque de Taná temerosos do seu valor (1)

D. João de Castro, governador decimo terceiro, e quarto vice-rei da India, merecedor (por quantas partes, e virtudes pódem compor um heroe famoso) de eterna lembrança. Foi soldado tão valente, que em muitas occasiões pareceo temerario, e com singularidade na praça de Dio, onde pelejou como leão desatado, entrando com a espada na mão no mais forte da batalha, de que sahio com uma das mais gloriosas palmas, que sempre estará verde no templo da fama heroica. Igual valor mostrou na tolerancia, e disfarce, com que soffreo a noticia da morte de seu bizarro filho D. Fernando, pois supprimindo a dor com alegre semblante, fez jogar canas na praça de Goa, dando a entender quanto estimava que seu filho desse a vida pela honra da patria. Teve a felicidade de morrer nos braços do Santo Xavier aos 6 de Junho de 1548, com quarenta e oito annos de idade, e quasi tres de governo. (2)

D. João da Orta, o primeiro conde de Soure, obrou acções merecedoras de particnlar elogio, e que avivam sempre a memoria do seu valeroso procedimento. No posto de general de artilharia comprou a defensa da patria na celebre batalha de Montijo, em que foi um dos principaes instrumentos da sua victoria. Governou as armas em Alemtejo com feliz successos, pois destruio as fronteiras inimigos em repetidos assaltos, e triunfos. Morreo em Lisboa a 22 de Janeiro de 1664. (3)

João de Carvalho, genro do Capitão General de Aguer em Africa D. Guterre de Monroy, em tempo d'el-rei D. João III, vendo perdida a praça, se poz só com um montante nas mãos a defender aos mouros a entrada em uma torre, e investindo-o muitos, matou trinta elle só, e os outros vendo-o rodeado de mortos, se desviavam de medo, até que unidos mais, o jarretaram. Poz elle animosamente os joelhos em terra, e assim pelejava de modo, que os apartava a todos, até que todos de longelhe arrojaram tantos dardos, que morreo com admiração universal de valor tão grande. Mereceo eterna memoria na lyra do Virgilio Portuguez em umas estancias, que restaurou seu grande commentador Manuel de

Decad. 3. liv. 9. c. 3. e 4. e liv. 10. c. 10. Far. na Asia tom. 1. part. 3. c. 9, e 10. Cam. Lusiad cant. 10. est. 55. e nas Rim. Sonet. 88. Fensec. na Evor. glorios. n. 232.

(1) Barros, Decad. 3. liv. 10. c. 1. e Decad. 4. liv. 2. c. 16. Faria na Asia tom. 1. Cam. Lusiad. cant. 10. est. 60. (2) Lucen. Vid. de S. Franc. Xav. liv. 6. cap. 1, e 4. Andrad. Chron. d'el-rei D. João III, part. 4. c. 1. até 34. Mariz, Dialog. 5. Cam. Lusiad. c. 10. est. 67. até 72. e nas Rim. Sonet. 89. cent. 2. Barr. Decad. Far. na Asia tom. 2. part. 2. e Jacint. Freir. de Andrad. Fonsec. Evor. glorios. n. 257. et seqq. (3) Menezes, Portug. Restaur. tom. 2. p. 658. Julio de Mello na Vida de Diniz de Mello liv. 1. n. 53, 62, 80, e 103. De la Clede, Histoir. de Port. Barbos. nos Fast. da Lusit. tom. 1. p. 284.

Faria, e as refere sobre a est. 72. do cant. 10. da Lusiada pag. 419, e nos commentos da Egloga. 1. est. 7. pag. 167.

Ves o grande Carvalho alli cercado
De inimigos como touro em duro corro:
De trinta Mouros mortos, rodeado,
Revolvendo o montante, diz: Pois morro
Celebrem mortos minha morte escura,
E fação-me de mortos sepultura.
Ambas pernas quebradas, que passando
Hum tiro espedaçado lhas havia
Dos geolhos, e braços se ajundando
Com nunca visto esforço, e valentia:
Em torno pelo campo retirando
Vay a Agarena dura companhia,
Que com dardos, e settas que tiravão,
De longe darlhe a morte procuravão.

D. João Coutinho, segundo conde do Redondo, e capitão de Arzilla, floreceo em estremado valor nas armas em tempo d'el-rei D. João III. Obrou em Africa acções dignas cada qual de uma estatua capaz de se collocar no templo da fama, conforme d'elle canta Camões no soneto 86. O certo é, que el-rei D. Affonso V, quando armou cavalleiro em Arzilla a seu filho o principe D. João diante d'aquelle venerando cadaver, lhe disse: *Deus vos faça tal Cavalleiro, como foi o Conde, que tendes diante.*

João Fernandes Vieira, natural da ilha do Funchal, chamado o *Castrioto Lusitano,* porque nas suas destemidas acções se houve entre os Hollandezes da America assim como Castrioto Albanense entre os Turcos, foi um raio destruidor d'aquelles hereges, de cujas mãos, e tyrannia tirou todas as praças, que dominavam pelos contornos de Pernambuco, até lhes consumir em repetidas batalhas todo o poder, e paciencia, alcançando por premio de tanta lida marcial o renome de restaurador de Pernambuco. (1)

João, ou Joanne Mendes de Vasconcellos deixou recommendavel o seu nome á posteridade pelas suas gloriosas acções. Elle foi o primeiro Portuguez, que na Bahia acclamou a el-rei D. João IV, com uma intrepidez de animo digno do maior applauso. Elle o que nas guerras, que tivemos com Castella, governando as armas da provincia do Alemtejo, obrou proezas pela espada, além de ser n'aquelle seculo o primeiro Oraculo da disciplina militar, buscando-o todos para a decisão das duvidas

(1) Fr. Rafael de Jesus na Vida especial deste heroe. Roch. Pita na Americ. Portug. liv. 5. n. 40. et seqq. D. Franc. Man. Epanaf. 5. p. mihi 590. Ann. Historic. tom. 3. p. 265.

marciaes, e se estimava qualquer sua resposta por lei, e maxima infallivel da milicia. (1)

D. João de Menezes, chamado o *Famoso*, porque o foi nas emprezas militares em todo o tempo, que guerreou contra os mouros de Africa. Na tomada de Azamor foi o primeiro, que pregou a lança nas suas portas, e no governo d'aquella praça mostrou os quilates do seu coração sempre destemido, e valente. (2)

João Rodrigues de Vasconcellos, primeiro conde de Castello-Melhor, e um dos mais benemeritos portuguezes da serie dos da primeira grandeza, foi muito valeroso, muito amante da patria, e da sua liberdade, pela qual soffreu com coração constante, e intrepido algumas tyrannias de Castella. Soube-as vingar, quando governando as armas do Minho, e Alemtejo, poz a fogo, e sangue muitas Praças inimigas, e por embaraçar os seus assaltos, fortificou outras nossas, obrando sempre em tudo com summa prudencia, discrição, e juizo. Morreu em Ponte de Lima aos 13 de Novembro de 1658. (3)

Isabel Fernandes, que por alcunha foi chamada a velha de Dio, quando aquella praça esteve sitiada pelos mouros, em muitas occasiões acudia a animar os soldados não só com o esforço de palavras, mas de obras, porque com uma chuça nas mãos pelejava como o soldado mais valeroso, donde mereceu que durasse vivo o seu nome entre as celebradas varonís matronas portuguezas. (4)

Isabel Madeira foi outra singularissima mulher, que no mesmo cerco mostrou valor não vulgar; porque atando as feridas mortaes a seu marido, que lhe espirou nos braços, o enterrou por suas proprias mãos, e depois com animo intrepido foi continuar o trabalho das tranqueiras com as outras mulheres, sem se lhe ver nos olhos lagrima alguma com admiração do mesmo esforço militar. (5)

Isabel Pereira estando cercada a praça de Ouguella no Alemtejo pelos Castelhanos no anno de 1644, e sendo ferida com uma bala, não quiz ir tratar de se curar, nem largar o posto, em que tambem pelejava contra elles, sem primeiro os ver largar o sitio. (6)

D. Isabel da Veiga, matrona de singular modestia, e mulher do cavalleiro Manoel de Vasconcellos, ostentou no cerco de Dio um animo verdadeiramente heroico, e brioso; porque rogando-a seu marido (vendo a defensa da fortaleza na ultima miseria) que se retirasse para Goa, temendo não viesse a cahir nas mãos dos Turcos, ella não só não quiz ausentar-se d'aquelle risco, mas animou, e persuadio a outras mulheres

(1) Menezes, Port. Restaur tom. 2. liv. 2, Julio de Mello liv. 1. n. 130. Castriot. Lusit part. 1. liv. 5. n. 14. (2) Ann. Historic. tom. 2 p. 86 (3) João Salgado de Araujo nos Success. milit. liv. 1. Menezes. Portug. Restaur. tom. 2. pag. 166. (4) Jacinto Freire na Vida de D. João de Castr. liv. 2. num. 117. Manoel Thom. na Insulana liv 9. est 127. (5) Jacinto Freire na Vida de D. João de Castr. liv. 2. num. 119. Duart. Nun. descripc. de Portug. c. 89. p. 146. vers. (6) Antonio de Sousa de Macedo na Lusitania Lierata liv. 3. cap. 9. n. 34.

a acarretar pedra, e outros materiaes em alcofas, que alguns homens precisos para a defensa andavam exercitando. (1)

D. Leoniz Pereira, filho illegitimo de D. Manoel Pereira, terceiro conde da Feira, foi dotado de um espirito valente, e desembaraçado. Tendo á sua conta a praça de Malaca, uma das famosas, que possuimos na India, e assaltando-a el-rei de Achem com poderosa armada no anno de 1568, que constava de tresentas e cincoenta embarcações, onde trazia sua mulher, seus filhos, suas riquezas, e o principal de seu reino, parecendo-lhe que vinha a entrar por Malaca, como se fôra por sua casa, D. Leoniz andando na praia com alguns cavalleiros jogando canas em dia de S. Sebastião, e vendo a alguns turbados com aquella inesperada maquina aos olhos, os alentou, fazendo continuar o festejo com grande socego. Acabado elle, dispoz a sua gente, de que só eram duzentos portuguezes, e com elles defendeu a praça, e degolou a muitos dos inimigos, obrigando ao rei a fugir vergonhosamente, e a deixar muitas joias preciosissimas, que D. Leoniz distribuiu grandiosamente pelos vencedores. Mereceu ficar memoravel na eterna lyra de Camões. (2)

Lopo Barriga, valentissimo cavalleiro, que executou em Africa acções dignas de honrada lembrança, era destemido, e nenhum poder contrario lhe causava terror. Entre as mais celebres façanhas, que d'elle se escrevem, foi a que lhe succedeu no castello de Alguel em Çafim. Investio-o um numeroso esquadrão de mouros, e o apanharam: porém elle assim preso arrebatou a lança das mãos a um valente mouro, e o matou com ella propria, e se restituiu á liberdade com todos os seus.

Lopo Soares de Albergaria, o terceiro entre os governadores da India, para onde foi no anno de 1515, e no de 1517 deu a conhecer o seu valor, sahindo com uma armada de trinta e seis vasos a aterrar as ribeiras da Arabia. A instancias d'el-rei de Cochim destruiu Cranganor, e Panane. Entrou na cidade de Zeila, e a entregou ao fogo. Fez a el-rei de Columbo tributario a Portugal, levantou fortaleza em Ceilão, e obrou outras acções de valor. (3)

Lopo Vaz de Sampaio não teve inveja a nenhum dos celebrados da fama em todas as suas emprezas militares. Foi o oitavo governador da India, que regeu quatro annos, nos quaes, como outro Joab, subjugou a el-rei de Cambaya poderosissimo, e destruiu uma armada do de Calecut, que continha mais de seis mil homens de guerra, e um capitão d'el-rei de Narsinga, que o soccorria com vinte e cinco mil, achando-se elle só com mil e cento. Iguaes mostras de valor deu em Ormuz, sendo o primeiro que atravessou a punhaladas ao tyranno Raez Hamet.

(1) Faria na Asia tom. I. part. 4. c. 10. n. 12. Duarte Nunes na descripç. de Portug. c. 89. (2) Cam. no Sonet. 28. da Centur. 3. e na Eleg. 2. Faria tom. 2. da Asia Portug. part 3. c. 9. Vide Macedo nas Flores de Hesp cap. 9. n. 9 Toscan. Parallel. de var. illustr. c. 15. (3) Farr. Decad. I. liv. 7 c. 9. e 10. Decad. 3. liv I. c. I. 2. 5. e 6. Cam. Lusid. cant. 10. est 50. Far. na Asia tom. I.

com que assegurou o dominio portuguez n'aquelle reino, e finalmente obrou outras muitas cousas benemeritas de capitão insigne. (1)

D. Lourenço de Almeida, o macabeo lusitano, filho do vice-rei D. Francisco, servirá de admiração ao mundo sempre que forem ouvidas as suas acções bisarras militares cheias de nobilissimo ardor. Eram os golpes de seu braço como raios fulminantes. Em Panane, Lugar de Calecut, a um mouro, que o investiu membrudo, e forte, lhe descarregou um golpe na cabeça, que o abriu até aos peitos. Entrava por entre esquadrões armados do inimigo com tal valor, que parecia temeridade. Defronte de Cananor destruiu uma poderosa armada do Çamorí só com a perda de seis homens. Até quando se achou nos braços da morte despedaçado com dous pelouros de bombarda, fazendo resistencia no porto de Chaul ás armadas do Egypto, e de Cambaya, mandando-se atar ao mastro da náo, d'alli com a espada, e com o animo intrepido, sem saber ser rendido, como disse Camões, pelejava, e influia espiritos nos seus á vingança. O mesmo insigne poeta convida a todos os antigos, e famosos capitães, que tem havido no mundo, para virem aprender de D. Lourenço valentias, que nunca viram em seu tempo. Tal era a sua sciencia, e o seu esforço. (2)

D. Luiz de Ataide, conde de Atouguia, vice-rei duas vezes da India, e n'ella o segundo Noé portuguez, ou o Reparador da gloria portugueza profanada, foi heroe maior que todo o louvor, e obrou elle só o que outros heroes portuguezes haviam executado por varias occasiões. Viu sobre si os mais poderosos reis do Oriente conjurados a extinguir de um golpe o dominio portuguez: o Hidalcão em Goa, o Nizamaluco em Chaul, o Çamorí em Achem todos com poderosissimos exercitos foram reduzidos a miseravel destroço por D. Luiz, que triunfante lhe concedeu a paz, que pediram, e augmentou tributarios ao reino. Em fim elle foi valente como um Marte, e justo como um Numa Tirou-o a morte do mundo no anno de 1580 a pezar de outras heroicas emprezas, que do seu inclyto animo seguramente se esperavam. (3)

Martim Affonso de Sousa, duodecimo governador da India, foi valente cavalheiro, que antecedentemente no Brasil havia mostrado seu valor, e destruido uma poderosa armada de piratas francezes. Depois na India em tempo do governo de Nuno da Cunha, sendo capitão mór do mar, escalou a praça de Damão soberbamente fortificada, e defendida, sendo elle o primeiro, que com extraordinaria ousadia entrou pela porta cheia de fogo, e nuvens de frechas. Destruiu a cidade de Repelim, pondo ao rei em fugida, e o mesmo fez em Beadalá, e Baticalá. Conseguiu finalmente com seu valor, e juizo, que todos o temessem como ao proprio Marte. (4)

(1) Barr. Decad. 4. liv. 1. c. 2. e liv. 2. c. 9. 12. 13. e 14. Cam. Lusiad. cant. 10. est 59. Far. na Asia tom. 1. part. 4. c. 4. (2) Barros, Decad. 1. liv. 10. c. 4. e Decad. 2. liv. 2. c. 7. e 8. Cam. Lusiad. cant. 10. est 27. até 32. Barbos. Fast. da Lusit. tom. 1. p. 649. (3) Far. na Asia tom. 2. part. 3. c. 5. e 6. Cam. Sonet. 64. (4) Maff. Histor-

D. Martim de Freitas, conhecido pela constancia de seu valor, e fidelidade, soube resistir intrepido ao cerco, que el-rei D Affonso II de Portugal lhe fez em Coimbra para lhe entregar aquella Praça, que el-rei D. Sancho II tambem de Portugal lhe havia dado para a governar, não descançando até não ir pessoalmente entregar as chaves do castello nas mãos d'el-rei, que já estava sepultado na Sé de Toledo. (1)

Martim Moniz, cavalleiro portuguez, que na batalha do Campo de Ourique dera irrefragaveis testemunhos do seu valor, na tomada de Lisboa fez perduravel o seu nome com uma acção merecedora do mais elegante elogio. Tendo os nossos entrado na cidade pela porta do castello, e sendo rebatidos dos mouros, que pertendiam fechal-a, pelejou com tanto valor o invencivel Moniz, que dando, e recebendo feridas, se deixou cair morto n'ella, mas com tal accordo, que por cima d'elle, como por segura ponte, entraram os christãos, e se fizeram senhores do castello, merecendo por esta acção tão illustre ficar para eterna memoria gravada em um busto de pedra a imagem da sua cabeça no mesmo sitio, onde se conserva ainda hoje. (2)

Mathias de Albuquerque, unico conde de Alegrete, e governador das armas na provincia do Alemtejo pelos annos de 1640, fez igualmente lembrado o seu nome na defensa da America, nas guerras de Flandres, e emprezas militares da Europa, onde com acções de grande soldado conseguiu muitas victorias, e adquirido a reputação de immortal. (3)

Nuno Alvares Pereira, segundo condestavel de Portugal, heroe invencivel, Aquilles Santo, Scipião portuguez, luzeiro dos capitães valerosos, esclarecido Marte Lusitano, pai da liberdade da patria, monstro do valor, açoute do soberbo castelhano: com todos estes epithetos é appellidado nas nossas historias. Foram suas acções quasi milagrosas, e fizeram parecer o seu braço não só instrumento do seu esforço, mas da sua virtude. São ellas tão memoraveis, e de tal qualidade, que postas em balança com todas as dos heroes clarissimos pela espada, pela magnificencia, e pela religião, não ha duvida que pesaram sempre mais que as dos outros, conforme ponderou Manoel de Faria, (4) porque n'este heroe se viram juntas todas as virtudes até chegar a coroar suas singulares proezas em querer morrer no sagrado habito Carmelitano com o mesmo valor, com que tinha vestido o arnez de Marte. (5)

Indiar. liv. 11. Castanhed. liv. 8. c. 102. Barros, Decad. 4. liv. 4. c. 27. e liv. 6. c. 12. e liv. 7. c. 19. e liv. 8. c. 13. Far. tom. 2. da Asia part. I. c. 11. até 14. Mariz, Dial. 5. c. I. Vasconcel. na Chron. do Brasil tom. I. liv. I. n. 63. Cam. Lusiad. cant. 10. est 63. e segg

(1) Monarq. Lusit. liv. 14. c. 30. e outros apud Barbos. nos Fast. da Lusit. tom. I. p. 490.

(2) Monarq. Lusit liv. 10 c. 28. Franc. Botelho no seu Poema epico do Alfons. liv. 9. celebra muito esta acção de Moniz, veja-se.

(3) Castrioto Lusit. liv. 3. Rocha Pita liv. 4. Julio de Mello, Mons. de la Clede

(4) Far. no Com. á est. 28. do cant. 8. de Cam.

(5) Deste portentoso heroe escreveram muitos, que se podem ver no tom. I. da Chronica do Carmo escrita pelo doutissimo fr. Joseph Pereira. Em Latim é elegante o que do Santo Condestavel publicou Antonio Rodrigues da Costa, e em vulgar lhe escreveu a vida fr. Domingos Teixeira, imitando muito o estylo de Jacinto Freire.

Nuno da Cunha, nono governador da India, cujo bastão empunhou no anno de 1529, e foi um dos excellentissimos heroes Lusitanos, que na Asia augmentou o respeito ao nome portuguez. Foi sobre Mombaça, e a ganhou, castigando seu rei, e fazendo-o tributario ao nosso. Destruiu a ilha de Bet, e a de Baçaim: fundou em Chale uma fortaleza, e outra em Dio; e em fim não deu passo na Asia, que não fosse victorioso. Morreu no mar, e no mar mandou que o sepultassem. (1)

D. Payo Peres Correa, mestre da Ordem de Santiago em Castella, e natural de Evora, conforme uns, (2) ou de Santarem, segundo outros, (3) é chamado o Cesar Hespanhol, e o Josué Lusitano, porque nas grandes victorias, que alcançou contra os mouros em augmento da religião, e Monarquia portugueza com valor, e manha de sabio capitão, parece que o Ceo lhe fomentava os triunfos, cooperando para elles o mesmo Sol, obedecendo-lhe, e parando como o Josué, para que concluisse á sua satisfação um caso de armas contra os infieis na Serra Morena, de que sahiu victorioso, e com creditos não só de cavalleiro intrepido, mas piissimo. Morreu no anno de 1275, e jaz sepultado na igreja de Santa Maria de Tudia, que elle mandara edificar. (4)

Pedro Alvares Cabral, filho de Fernando Cabral, senhor de Azurara, e alcaide mór de Belmonte, mereceu tambem ser acredor de indefectivel memoria, pois ao seu coração animoso deve Portugal o imperio do opulento, e dilatado continente do Brasil, que elle descubriu no anno de 1500, fazendo desde então com que os soberanos reis portuguezes se illustrassem, e dessem a conhecer ao mundo com titulos novos de senhores da navegação, commercio de Ethiopia, Arabia, Persia, e India. (5)

Pedro Jacques de Magalhães foi um general, e dos primeiros heroes, que no seculo passado immortalisou a sua fama nas repetidas gloriosas emprezas, com que illustrou o reino, e a nação em alcance da sua liberdade, já expulsando os hollandezes da America, já soccorrendo os hespanhoes no sitio de Orão, já reprimindo, desbaratando, e vencendo os castelhanos nas provincias da Beira, e Alemtejo sempre com um

(1) Goes, Chron. del-rei D. Manuel part. 3. cap. 34. Faria tom. i. da Asia part. 4. cap 10. (2) Man. de Far. na oitav. 3. de Cam que vem nas Rim. est. 5. Cardos. no Agiol. Lusit. tom. i. p. 401. Toscan. nos Parallel de var. illustr. c. 3. Fonsec. na Evor. glorios. n. 87. (3) D. Nicol. na Chonic. de S. Agost. liv. 4. c. 14. num. 6. Monarq. Lusit. liv. 16. c. 13. Vasconcell. Histor. de Santar. e outros apud Barbos. nos Fast. da Lusit. tom. i. (4) Do milagroso caso de parar o Sol duvidam alguns; porem D. Rodrigo da Cunha na Histor. Eccles. de Lisb. part. 2. c. 58. o mostra, e Lope da Vega no liv. 19. da sua Jerusalem, ainda que errou o appellido, disse;

Y aquel Portuguez Payo Silvera
Sangre de Josue de nuestra Espana,
Que al Sol paró por acabar su hazana.

(5) Barros. Decad. i. liv. 6. c. i. Faria na Asia tom. i. part. i. cap. 5. Rocha Pita na Americ. Port. liv. i. n. 5. Brit. Freire Nova Lusit. liv. 1. § 62.

merecimento superior ao premio, e com uma fortuna nas armas muito desigual dos despachos, que as suas acções mereciam. (1)

Pedro Mascarenhas, pessoa illustre por qualiidade, e valor, a quem supposto a injustiça lhe tirou da mão o sceptro do governo da India, não poderam seus contrarios derrubar-lhe da cabeça as coroas, que com valor grande conseguio em differentes casos, umas vezes destruindo a armada del-rei de Pam, outras cativando em Bintam seu orgulhoso rei, e assaltando, e saqueando sua opulenta cidade com uma das mais gloriosas victorias, que tivemos pelos annos de 1527 na Asia, na qual, como diz Faria, conseguio para si Pedro Mascarenhas em um só dia de vencimento muitas idades de illustre memoria. (2)

D. Pedro de Menezes, filho de D. João Affonso Tello de Menezes, primeiro conde de Vianna, e origem da grande casa dos marquezes de Villa Real, assombrou de puro valente aos mouros estando em Ceuta, praça, e cidade. que el-rei D. João I lhe entregou depois de a haver ganhado no anno de 1415, não porque lh'a quizesse entregar, mas porque não havia outro, que se quizesse entregar d'ella: tão formidavel se fazia o perigo da sua defensa, e tão grande era o coração de D. Pedro para o não temer, que disse se atrevia a defendel-a de todo o poder de Africa só com um cajado de azambujeiro, que acaso tinha na mão, com que estava jogando á choça ao tempo que viu a todos eximir-se d'aquella empreza. Em fim el-rei lhe encarregou a defensa da praça, e elle a livrou muitas vezes de estupendos assaltos dos mouros com gloriosas bizarrias. D'aqui veio ficar o governo d'esta praça perpetuamente em seus descendentes, que são os marquezes de Villa Real; e quando algum capitão entra de novo a governal-a, se lhe toma o juramento de fidelidade naquelle cajado, que ainda hoje alli se conserva. (3)

Salvador Ribeiro, soldado de tão conhecido valor, que superando a fortuna, e a inveja, se viu nos maiores auges da grandeza a puros merecimentos da sua espada. Fundou no reino de Pegú uma fortaleza, e resistiu só com trinta portuguezes, e tres velas a uma armada de cem náos guarnecida de seis mil mouros, e a desbaratou, venceu, e prizionou com incrivel ousadia. Com tão curto numero de gente se empenhou ao desbarate de outra armada inimiga, e o conseguio. Todas estas victorias, que para outros capitães bastariam para os fazer celebres no mundo, foi o menos, que teve Salvador Ribeiro para lhe dar gloria immortal, e acredital-o de um coração heroico. Acclamaram os mais nobres de Pegú por seu rei a Salvador Ribeiro, e o trataram com todas as ceremonias, que lhe eram devidas. Os reis circumvisinhos lhe mandaram não só embaixadores para conciliarem sua alliança, mas regalos

(1) Castriot. Lusit. liv. 10. n. 11, 12 e 47. Menez. Portug. Restaur. tom 2. Ann. Histor. a 8. de Dezembro. (2) Barr. Decad. 4. liv 1. c. 1. Faria tom. 1. da Asia part. 4. c. 1. n. 11. (3) Far. Comm. á est. 38. da Lusiad. e á est. 8. da Eglog. 1. do mesmo Cam. Ann. Histor. a 22. de Setembro.

preciosos. Toda esta estimação renunciou o grande portuguez, retirando-se com um aviso do vice-rei Ayres de Saldanha sem a minima resistencia, e com grande desgosto, e saudade dos que o acclamaram. Oh incomparavel fidelidade dos portuguezes! Oh nobre, e heroico valor de portuguez incomparavel! Parece que o profeta Isaias cap. 60 fallou dos portuguezes enviados de seus principes ás conquistas, comparando-os admiravelmente ás pombas; porque de quantos governadores, e capitães foram a partes tão remotas, e tiveram tanta occasião de ser tentados da cubiça para se levantarem com um pedaço de imperio, nenhum houve, que o fizesse, e que não tratasse, como pomba amorosa, de voltar para sua casa, e a seu principe com a nova do que tinha achado, como bem pondera Manoel de Faria na primeira Nota das Lusiadas; d'onde o nosso Virgilio na 147 do 10, fallando da obediencia dos portuguezes aos seus reis, diz: (1)

Por servirvos a tudo apparelhados,
De vós tão longe sempre obedientes,
A quaesquer vossos asperos mandados
Sem dar resposta promptos, e contentes;
Só com saber que são de vós olhados,
Demonios infernaes, negros, e ardentes
Commetterão comvosco, e não duvido,
Que vencedor vos fação, e não vencido.

D. Sancho Manoel, priméiro conde de Villa Flôr, deixou com fixa segurança encommendado seu glorioso nome á fama. Elle se houve nas guerras da acclamação com um valor, e espirito tão heroico, e ardente, que do seu braço, e direcção dependeram muitas victorias, que alcançámos dos castelhanos. O famoso triunfo do Ameixial, em que ficou desvanecida toda a generosa actividade de D. João de Austria, e perdida toda a reputação das armas de Castella, a este grande general se deve, como tambem o recuperar-se Evora cidade da injusta oppressão, que lhe fazia o conde de Sartirana Outras muitas acções, e bizarrias militares obrou D. Sancho todas dignas de memoria respeitavel, e gloriosas para Portugal. Morreu aos 5 de Fevereiro do anno de 1667, e jaz sepultado na villa de Abrantes no convento dos padres Piedosos. (2)

D. Soeiro Mendos da Maya foi um dos varões portuguezes, que no primeiro seculo d'esta monarquia floreceram em valor muito distincto, especialmente na batalha de Campo de Ourique, e em outras occasiões de empenho. (3)

(1) O Author do Anno Historico a 9 de Janeiro diz, que este heroe fora natural de Guimarães, e é para reparar, que o Padre Costa no tom. 1. da Corografia Portugueza fallando de todos os varões illustres em letras, virtude, e armas dalli nacionaes, lhe escapasse este tão distincto varão. (2) Portug. Restaurad. tom. 1. e 2. Sousa, Mem. Genealog. dos Grand. de Portug. Fonsec. Evora gloriosa, e outros apud Barbos. nos Fast. da Lusit. tom. 1. pag. 441. (3) Monarq. Lusit. liv. 8. p. 21.

Tristão da Cunha, varão portuguez tão excellente, que foi o primeiro, que el-rei D. Manoel elegeu para governar a India, e por uma enfermidade, que lhe sobreveio, passou em seu lugar o vice-rei D. Francisco de Almeida. Foi depois Tristão da Cunha por capitão mór de uma armada, onde hia á sua obediencia Affonso de Albuquerque, e com este obrou maravilhas pelas armas ua Ilha de S. Lourenço, e cidade de Oja, e outras, cativando, abrazando, e sujeitando-as ao dominio portuguez; de sorte, que, segundo canta Camões, Albuquerque era a respeito de Tristão da Cunha como um raio extrahido d'aquelle planeta da guerra, como faisca de Jupiter, como discipulo de tal Mestre. (1)

Vasco da Gama, famoso argonauta, e primeiro descubridor da India Oriental, dotado de um animo grande, e proprio para a empreza, que el-rei D. Manoel fiou d'elle. Com o honroso titulo de Almirante dos mares fez tributario ao rei de Quiloá, destruio a armada de Meca, e do Samori, e assombrou a cidade de Calecut. Com o glorioso emprego de vice-rei fez temer não só os mares, mas tremer a terra de Cambaya; e depois de causar tanta inveja ás estrangeiras nações, e não exercitar mais que tres mezes o vice-reinado, permittiu Deus, que a terra do Oriente, que elle descubrira, fosse o seu occidente no proprio dia, em que Christo teve o oriente no mundo. Jaz na Vidigueira no convento carmelitano. (2)

Viriato. Em Portugal houve dois Viriatos: um era Regulo, que passou com Annibal a Italia acompanhado de seus vassallos, como refere Silio Italico liv. 3, o outro foi mais conhecido, e destro na lança, que no cajado, como diz Camões, e segundo affirma Justino liv. ult, não produziu Hespanha outro varão mais valeroso em muitos seculos do que Viriato. Elle foi o terror de Roma, e a destruição dos romanos, a quem venceo por muitas vezes, e de todo lhes daria fim, se elles com vergonhosa manha o não matassem pelos annos 137 antes de Christo. (3)

Se a concisão do nosso estylo soffrera memorias mais dilatadas, de outros muitos varões portuguezes insignes em armas a poderamos fazer, de cujos lances gentis, e bizarros estão cheias nossas Historias, e ainda as estranhas: mas que muito, se geralmente os portuguezes são animados do espirito de Marte, e sempre haveria que dizer, se neste predicado quizessemos dizer tudo:

Porque de feitos taes, por mais que diga,
Sempre me ha de ficar muito que dizer.

(1) Barr. Decad. 1. liv. 8. c 3. e Decad. 2. liv. 2. cap. 1. Cam. Lusiad. cant. 10. est. 40. (2) Barr. Decad. 3. liv. 9. c. 2. Faria tom. 1. da Asia. Agiol. Lusit. tom. 3. p 406. (3) Apian. Alexand. liv. 3. Affirma João de Barros na Descripção do Minho cap. 3. que vira em Bellas pouco distante de Lisboa, e na quinta, que fora de Pedro Machado, a sepultura do famoso Viriato com as letras já estropeadas, mas que bem davão a lerse. «Hic jacet Viriatus Lusitanorum dux;» e que dentro da sepultura se achara tambem uma espada, que ainda se lhe divisavão letras gravadas nella. Devia ser rustico o descubridor, que de tudo fez pouco caso, pois tudo se perdeo, e só permanece esta pequena memoria.

Por isso concluimos com a sentença do grande Macedo *in Propugnac. Gallico-Lusitan. part. 1. cap. 6.* o qual fallando dos portuguezes, diz: *Lusitani (absit verbo invidia) mistum quiddam, et temperatum ex diversis virtutibus ingenium, universas prope omnes militares virtutes reddit. Ardent, fulgurant, cum invadunt; fulminant, cum feriunt; nec aut terrentur multitudine, aut copias obruuntur: ardorem constantia, alacritatem vi, agilitatem fortitudine, virtutem perseverantia temperant, stimulis honoris acti, mortem contemnunt; pudet vinci, et pro gloria dimicant; omnes alias cogitationes in bello, praeter unius gloriae memoriam, abjiciunt. Haec illis pro anima, cum pugnam ineunt. Itaque singuli strenuissime, et pro se quisque mira patrat.*

CAPITULO V

Das victorias mais assinaladas, que os portuguezes tem alcançado de varias nações

Neste lugar, como parte mais conveniente, e propria, faremos menção de alguns triunfos das nossas armas de maior fama, e gloria, já que de todos não será factivel tratar em tão estreito ambito, e muito menos sendo os portuguezes aquelles, de quem o veneravel Vieira diz, que «sempre tiveram tanto a guerra por exercicio, como a victoria por costume;» ou, segundo cantou tambem elegantemente o nosso grande poeta, «sempre tiveram os troféos pendentes da victoria. Nomearemos pois primeiramente os sitios, onde se alcançaram, pela mesma formalidade, que seguimos. (1)

Alcacer do Sal. Depois de ter ganhado esta villa aos mouros o invicto, e santo rei D. Affonso Henriques em dia do glorioso S. João Bautista do anno de 1158, á custa de dois mezes de sitio, em que houveram memoraveis lances de valor, (2) tornaram os barbaros a conquistal-a; e desejando el-rei D. Affonso II dar sobre elles, e restaural-a, o poz em execução com o auxilio de uma armada do Norte, que acaso havia entrado em Lisboa, e constava de cem vasos. Por terra foram vinte mil portuguezes capitaneados pelo bispo D. Soeiro, (3) a quem as letras não embotaram as armas para tamanha empreza. Estando todos combatendo a villa por már, e terra, sobrevieram em soccorro dos mouros quatro reis, o de Sevilha, o de Badajoz, o de Jaem, e o de Cordova com quinze mil lanças, e oitenta mil infantes, e dez galeras. Tudo desfizeram nossas armas com tão grande ruina dos barbaros, que um valle proximo

(1) Vieira tom. 7. dos Serm n. 505. Cam. Lusiad. cant. 1. est. 25. Sousa de Macedo nas Flores de Hesp. (2) Monarq. Lusit. liv. 10. c. 39. e liv. 7. c. 5. (3) Camões cant. 8. est. 24. e alli seu grande Commentador, e outros dizem, que o tal Bispo de Lisboa se chamava D. Mattheus, porém o insigne Chronista Brandão na Monarquia Lusit. part. 4. liv. 13. c. 20. e liv. 14. c. 8. e D. Rodrigo nos Bispos de Lisboa part. 2. c. 25 mostram que fora D. Soeiro. Por não descontentar as duas opiniões fez bem o Reverendo Padre Luiz Cardoso em repartir esta mesma acção pelos dous Bispos; veja-se o tom. 1. do «Diccionario Geografico de Portugal» p. 128. porém sempre é de prefumir que seria equivocação do amanuense.

ficou perpetuamente conservando a memoria da mortandade com o nome de *Valle da Matança*, e o resto d'elles para sempre ficarão amedrontados. Succedeo isto em dia de S. Lucas Evangelista a 18 de Outubro de 1217. (1)

Aljubarrota. Pela morte del-rei D. Fernando ficou este reino sem legitimo successor, e logo el-rei D. João I de Castella fez tenção de o dominar. Embaraçou-lhe os projectos o Mestre de Aviz D. João, acclamado rei de Portugal nas cortes, que se celebraram em Coimbra a 6 de Abril de 1385. Ateimou el-rei de Castella na sua injusta pertenção com grande fadiga, e entrando por Portugal, tomou sem resistencia algumas praças; porem o forte libertador da patria D. João I unido com o valeroso Condestavel Nuno Alvares Pereira, para disputarem ultimamente á ponta da espada o pertendido direito, entraram com el-rei de Castella em batalha no sitio entre as villas de Aljubarrota, e Alcobaça. Constava o exercito inimigo de trinta mil homens, e dezaseis peças de campanha, primeiros instrumentos bellicos d'aquelle genero, que viram os portuguezes; nossas tropas consistiam unicamente em seis mil e quinhentos homens. Travouse com furor de parte a parte a peleja, e como Nuno Alvares ia na frente do exercito, e era valentissimo heroe, foi o author da primeira ruina no campo contrario, e assim dentro de tres horas de conflicto se viram nossas armas victoriosas do formidavel poder de Castella aos 14 de Agosto de 1385, vespera da Assumpção de Nossa Senhora. Morreram dos inimigos dez mil pessoas, e dos nossos sómente cento e cincoenta. Foi o despojo immenso, e precioso, e entre varias cousas se achou uma famosa reliquia de um grande pedaço do santo lenho, e o rico sceptro do mesmo rei castelhano, que tudo se conservava no convento do Carmo de Lisboa, que por voto, e gratificação do vencimento edificou, e dedicou a Maria Santissima o insigne Condestavel, assim como el-rei D. João I levantava junto ao lugar da victoria outra primorosa fabrica para convento de S. Domingos, que chamou de Nossa Senhora da Batalha, em memoria d'esta, a qual obra compete, ainda estando por acabar, com qualquer outra illustremente acabada. (2)

Ameixial. No districto d'esta freguezia, que fica no termo de Estremoz na provincia do Alemtejo, conseguiram nossas armas a 8 de Junho de 1663 uma famosa victoria das tropas castelhanas. Tinham estas, que governava o principe, e capitão general D. João de Austria, rendido a cidade de Evora no mez de Maio antecedente; e porque não ficasse desvanecida a vaidade castelhana, sahio o nosso exercito á campanha,

(1) Brito liv. 4. c. 33. Mariz Dial 2. c. 11. e outros assinão o anno desta victoria no que acima escrevemos de 1217, só o P. Fonseca na Evor. glor. n. 82. o sinala no de 1219.

(2) Tratam desta victoria Fern. Lopes na Chronic. d'el-rei D. João I. part. 2. c. 37. Camões Lusiad. cant. 4. Franc. Rodrig. Lobo no Poema do Condestavel cant. 14. Faria na Europ. Portug. tom. 2. c. 1. n. 83. Mariz Dial 4. c. 1. Monarq. Lusit. part. 8. fol. 760. Ilhescas Histor. Pontif. part 2. liv. 6. c. 19. Marian liv. 10. c. 13. Sá, Memor. Histor. part. 1. liv. 2, c. 1. Pereira. Chron. do Carm. tom. 1. part. 3, c, 3, §, 5, e outros muitos que estes allegam.

de que era general o conde de Villa-Flor D. Sancho Manuel, para lhe atalhar, e rebater todos os seus designios, e atrevimentos. Passou o rio Degebe, e querendo os esquadrões castelhanos tambem intentar o mesmo, encontraram tal resistencia na passagem da ribeira, que experimentando o conhecido damno do nosso ferro, resfriaram na porfia, achando a perda de oitocentos homens que lhe causou este choque, com outros tantos feridos. Desanimado d'esta, e de outras escaramuças, se retirou D. João de Austria com a maior parte do exercito, que ainda destroçado excedia o nosso, para a eminencia de uma montanha asperissima. Avançou trepando a nossa infanteria, e vencendo aquella difficuldade com ardor impaciente, atacou o inimigo de sorte, que este obrando até os ultimos alentos do esforço, chegou a estancar-se de maneira, que obrigado do impulso vigoroso do nosso braço, voltou costas, e nos deixou nas mãos as palmas de uma completa victoria, que lhe custou mais de quatro mil mortos, ainda mais de seis mil prisioneiros, entre os quaes entraram muitas pessoas de qualidade. Tomaram-se oito peças de artilheria, um morteiro, muita quantidade de armas, quatro centos cavallos, mais de dois mil carros carregados de precioso fato, e juntamente a copa, e baixellas de D. João de Austria, e toda a sua secretaria. Para memoria d'esta victoriosa batalha se mandou levantar na estrada, que vai para a villa do Cano junto do oiteiro dos Ataques um grande padrão, ou columna triunfal de marmore, onde se lê esta inscripção: «No anno de 663 em 8 de Junho, reinando em Castella D. Filippe IV vindo D. João de Austria seu filho capitão general do exercito d'aquelle reino retirando-se com elle da cidade de Évora, se formou n'este sitio á vista do exercito de Portugal, que o seguia, de que era governador das armas D. Sancho Manuel, conde de Villa-Flor, o accommetteu, dando-lhe batalha, e destruindo ao exercito de Castella, em que vinha toda a nobreza d'ella, ganhando-lhe a artilheria, que trazia, e grande quantidade de carruagens, que o acompanhavam, e para memoria de tão glorioso successo mandou el-rei D. Affonso VI pôr aqui este padrão, que é o lugar, em que se deu, e venceu a batalha. (1)

Arcos de Valdevez. Foi tambem memoravel a batalha, que o infante D. Affonso Henriques deu no anno de 1128 a el-rei D. Affonso VII de Castella n'este sitio, que fica na provincia do Minho entre a villa dos Arcos, e a freguezia de Santo André de Guilhadezes. Nossos esquadrões executaram taes primores de valor, que reduziram aquella animosa nação a miseravel estrago, do qual foram testemunhas por muitos annos os montes de ossos, que se viam n'aquellas campinas, por cujo motivo lhe chamaram a *Veiga da Matança*, e ainda hoje descobrem os arados Pedaços de armas, e esporas. Aqui se apanhou aquella famosa reliquia

(1) Menezes, Portug. Restaur. tom. 2. p. 340. Fonseca, Evor. glorios. n. 321. Cardos. Diccion. Geogr. tom. 1. p. 440.

do Santo Lenho, que existe na freguezia de Santa Maria de Grade, e da qual nos lembramos na terceira parte d'este Mappa. (1)

Atoleiros. Fica este sitio na provincia do Alemtejo, e no termo da villa da Fronteira, meia legua distante d'ella, e alli alcançaram nossas armas outra victoria de Castella em uma quarta feira de trevas do anno de 1384. Governava nosso exercito, que constava de mil infantes, cem besteiros, e trezentas lanças, o valerosissimo Nuno Alvares Pereira, e o de Castella regia o almirante Fernão Sanches de Tovar com um numero grandemente excessivo de armas, e pessoas da primeira qualidade. Ficaram as tropas do inimigo desbaratadas, e as de Portugal com a a gloria do vencimento sem perda alguma. (2)

Campo de Ourique. Possuida, e habitada dos mouros a provincia do Alemtejo, e dezejoso nosso preclaro principe D. Affonso Henriques não só de dilatar a estreiteza de Portugal, mas de augmentar n'elle o culto á Catholica religião, se deliberou passar o Tejo, e invadir os barbaros. Não se interpoz muito tempo que o não executasse, obrando varias hostilidades por alguns lugares d'aquella provincia, até que chegando ao Campo de Ourique, ultimo limite d'ella, onde tendo já noticia d'aquelle estrago Ismael imperador de toda a mourisca dividida em differentes reis, determinou embaraçar a arrogancia portugueza. Para isso fez engrossar as suas tropas com o auxilio de outros quatro reis, com que ajuntou um corpo de exercito summamente horrivel, e numeroso. (3) Constava o nosso de doze mil soldados unicamente, e segundo a tradição, havia cem móuros para cada portuguez. Obrigou a estes a multidão quasi a vacillar na empreza; mas como a fé, e valor de Affonso era invencivel, e constante, animado tambem com o apparecimento de Christo Senhor nosso, que lhe assegurou a victoria, (4) no dia 25 de Julho de 1139, dispoz a batalha, e influiu generosa colera nos corações da sua gente. Logo ao primeiro sinal das trombetas destinado para o combate investiram nossos esquadrões com tão heroico esforço, e valor, que disbaratando furiosamente aos infieis Sarracenos, sahimos d'elles gloriosamente vencedores, e o santo rei D. Affonso fez gravar no estandarte das armas portuguezas gloriosos sinaes, e insignias de tamanho triunfo. (5)

Dio. Esta praça, que fica no reino de Cambaya, e a lingua do mar, estando nas mãos dos portuguezes foi sitiada duas vezes pelos inimigos: a primeira no anno de 1538 sendo governador Nuno da Cunha: a se-

(1) Monarq. Lusit. liv. 9. c. 16. Cam. cant. 4. est. 16. das Lusiad. (2) Monarq. part. 8. pag. 541. Corogr. Portug. tom. 2. pag. 619. Pereira, Chronic. do Carm. tom. 1. pag 299. Franc. Rodrig. no Condest. (3) André de Resende no liv. 4. «De Antiquitatibus Lusitan.» diz que o numero do exercito barbaro excedia a quatrocentos mil combatentes: «Tantas congregavit copias, ut millia quadraginta exercitus superaret.» Parece muito, supposto que assim o referimos na 2. part. do nosso Mappa e. 6. n. 16. por authoridade do mesmo Resende; pois não se faz crivel, que quatrocentos mil homens coubessem no Campo de Ourique. (4) Deste apparecimento já escrevemos o que basta para credito, quando resumimos as gloriosas acções deste Santo, primeiro Monarca Portuguez.

(5) Da formatura destas Armas, ou Escudo cantou Camões cant. 3. das Lusíad. est. 53. e 54. e alli diffusamente seu commentador Manoel de Faria, e Brand. na Monarq. Lusit. part.

gunda no anno de 1554, sendo governador o famoso D. João de Castro. N'estes dois sitios obraram os portuguezes taes cousas em armas, que sendo verdadeiras, parecem incriveis; e por isso disse bem nosso grande poeta, (1) que o proprio Marte lhes teve inveja.

Guararapes. Na raiz de um d'estes asperos montes, que ficam tres leguas distantes do Arrecife de Pernambuco para o Sul, ganharam nossas armas ás hollandezas duas bem disputadas victorias. A primeira a 19 de Abril de 1648, sendo Mestre de Campo general Francisco Barreto de Menezes, e constava o nosso exercito de dois mil e quinhentos soldados, e o do inimigo de sete mil e quatrocentos, e seis peças de artilheria, governadas por Sigismundo Vanscoph, o qual depois de valerosa resistencia se vio obrigado a fugir, deixando no campo mil e duzentos mortos, muitos prizioneiros, e um rico, e numeroso despojo, que mais parecia de cidade pacifica, do que de exercito guerreiro. Da nossa parte morreram oitenta e quatro, e ficaram feridos quatrocentos. A segunda victoria succedeu a 19 de Fevereiro do anno seguinte de 1649, com grande perda do inimigo não só da gente, mas de reputação, ficando nossas armas com duplicados creditos de honra, e valor. (2)

Linhas de Elvas. Esta victoria assim chamada pelas grandes linhas de circumvalação, com que as tropas castelhanas tinham cercado Elvas, praça consideravel do Alemtejo, foi alcançada aos 14 de Janeiro de 1659 pelo conde de Cantanhede D. Antonio Luiz de Menezes, que então governava as armas d'aquella provincia. Ficou memoravel esta famosa victoria não só pelo grande estrago, que recebeu o exercito contrario, que passaram de dez mil entre mortos, e prisioneiros, mas por nos deixar D. Luiz de Haro, mestre de campo general castelhano, o despojo de todo o seu campo, que constava de desasete peças, tres morteiros, cinco petardos, quinze mil armas, e grande numero de bandeiras. (3)

Montes-Claros. Foi esta batalha a ultima de seis que os portuguezes ganharam aos castelhanos depois da feliz acclamação d'el-rei D. João IV. Havia o marquez de Caracena, a quem a grande experiencia, e scien-

3. liv. 10. c. 7. Passando El-rei D. Sebastião ao Alemtejo no anno de 1573, e vendo, que naquelle campo não havia memoria, que declarasse tão gloriosa facção, mandou fabricar um Templo, e erigir um arco triunfal com a inscripção seguinte, que compoz o mestre André de Resende: «Heic contra Ismarium, quatutorque alios Saracenorum Reges, innumeramque barbarorum multitudinem pugnaturus felix Alphonsus Henricus ab exercitu primus Lusit. rex adpellatus est, et á Christo, qui ei crucifixus adparuit ad fortiter agendum commonitus, copiis exiguis tantam hostium stragem edidit, ut Cobris, ac Tergis fluviorum confluentes cruore innundarint, ingentis, ac stupendae rei, ne in loco, ubi gesta est, per infrequentiam obsolesceret, Sebastianus I. Lusit. rex, bellicae virtutis admirator, et maiorum suorum gloriae propagator erecto titulo memoriam renovavit. (1) Cam. cant. 2. est. 59.

Vereis a inexpugnavel Dio forte,
Que dous cercos terá, dos vossos sendo,
Alli se mostrará seu preço, e sorte
Feitos de armas grandissimos fazendō:
Invejoso vereis o grão Mavorte
De peito Lusitano fero, e horrendo.

(2) Fr. Rafael de Jesus no Castrioto Lusit. part. 1. liv. 9. n. 25. e 76. Barb. Fastos da Lusit. tom. I. p. 597. Anno Histor. tom. I. (3) Menez. Portug. restaur. tom. II. p. 206 Fonsec. Evor. gloriosa n. 309. e outros apud Barbos. Fastos da Lusit. tom. I. Lope Fernandes de Barbuda compoz um Poemp desta batalha intitulado, «Palma Lusitana.»

cia militar tinha dado o cognome de ***Marte de Hespanha***, entrado em Villa-Viçosa, e atacado fortemente a cidadella da Praça; preparou-se para a soccorrer o marquez de Marialva, e sahindo de Estremoz a 17 de Junho de 1665 com um exercito de quinze mil infantes, cinco mil e quinhentos cavallos, e vinte peças de artilheria, foi investido no sitio de Montes-Claros pelo Caracena com brioso valor, de sorte que chegou a ferir a vanguarda das nossas segundas linhas; porém reforçadas dos nossos batalhões, carregaram tão vigorosamente o inimigo, que este vendo irremediavel o perigo, em que o tinhamos mettido, nos cedeu a campanha com a perda de quatro mil mortos, e seis mil prisioneiros, escapando os mais na ligeireza dos cavallos, sendo o marquez de Caracena o primeiro, que quiz assegurar a pessoa, retirando-se apressadamente para Jurumenha, e deixando no campo toda a sua bagagem. (1)

Montijo. A 25 de Maio de 1644, dia da festividade do Corpo de Deus, governando as armas da provincia do Alemtejo Mathias de Albuquerque, teve o nosso exercito uma famosa batalha com os castelhanos no sitio meia legua distante de Montijo, meia legua para cá do Guadiana. Constava o exercito contrario de dois mil e seiscentos cavallos, e seis mil infantes, governados pelo barão de Molinguem, general de cavallaria: o nosso exercito era muito inferior no numero. Avançaram os batalhões de Molinguem com tão grande valor, que rompendo os nossos tivemos arriscado o triunfo; porém Mathias de Albuquerque animando a nossa gente, lhe infundiu taes espiritos, que investindo com ferocidade o inimigo, lhe matou grande numero de soldados, e recuperou a artilheria, que nos tinha tomado. Conceberam tamanho terror as tropas castelhanas, que voltaram costas para livrarem a vida, e se recolheram a Talavera, deixando-nos no campo todo o trem de artilheria, e bagagem com mil e setecentos soldados mortos. (2)

Salado. Ficou memoravel este rio, que fica entre Sevilha, e Granada, pela famosa batalha, que as armas portuguezas ganharam aos mouros. Tinham estes passado a Hespanha, e posto em rigoroso cerco a praça de Tarifa: sobresaltou-se el-rei D. Affonso XI de Castella, porque o poder barbaro era innumeravel: de quatro centos mil infantes, setenta mil cavallos, e doze mil lanças contam as Historias, que se compunha o formidavel exercito de Ali-Boacem, ao qual se uniu el-rei de Granada com cincoenta mil combatentes. N'esta oppressão pediu soccorro Castella ao nosso rei D. Affonso IV, que em pessoa com o maior numero de gente, que pôde recrutar, passou a auxiliar empreza tão importante. Determinou-se o dia da batalha, que uns dizem fôra a 28, outros a 29, outros a 30 de Outubro de 1340, e mandando arvorar a preciosa reli-

(1) Menez. Portug. restaur. tom. I. Fonseca, Evor. glorios. n. 325. Julio de Mello na Vida de Diniz de Mello liv. 4. Ann. Histor. a 17. de junho. (2) Menez Portug. restaur. tom. I. p. 482. João Salgad. de Araujo nos Success. milit. liv. 1. c. 25. Fonsec. Evor. glorios. n. 299.

*

quia do Santo Lenho, que tirara do Marmelar, em que se invocassem aquellas palavras do Psalm. 67 *Exurgat Deus, etc dissipentur inimici ejus*, investiu contra os esquadrões africanos com tanto furor, e constancia, que não podendo elles atalhar os nossos golpes, deram costas, e fugiram precipitadamente. Dizem que morreram dos mouros duzentos e cincoenta mil, e dos christãos sómente vinte. Sem duvida foi esta victoria das mais famosas, para a qual concorreu quasi visivelmehte o braço de Deus por ministerio dos seus Anjos, que se viram militar da nossa parte. O despojo d'esta batalha foi riquissimo, e opulento, e d'elle se não quiz aproveitar el-rei D. Affonso IV mais que de algumas bandeiras, que mandou collocar na cathedral de Lisboa, e do infante Abohamo, que elle por sua mão cativara, e depois mandou gratuitamente a seu pai Abohalí, rei de Sejulmença. (1)

Santarem. No anno de 1184 a 10 de Julho estando de presidio n'esta villa o infante D. Sancho, a atacou Miramolim rei mouro, que trazia por alliados os exercitos de treze reis seus vassallos, e formavam todos um corpo de gente innumeravel. Resistiram valerosamente os sitiados ao poder mourisco, e este vendo que o famoso rei D. Affonso Henriques chegava a soccorrer a praça, ficou atemorizado, e muito mais, quando vio sahir da villa a D. Sancho, que unindo-se aos esquadrões do pai, investiam ambos destemidamente contra os expngnadores peito a peito, de sorte que desbaratando os portuguezes aquelle monstruoso exercito africano, alcançaram uma illustrissima victoria, e das mais famosas, como quer o chronista Brandão. (2)

Tabocas. Neste monte, que dista nove leguas do Arrecife de Pernambuco, e que a natureza cingio de um espesso canaveal bravio, e grosso, se ganhou a primeira batalha aos hollandezes. Infestavam elles aquella provincia com grande damno dos portuguezes, os quaes animados do grande valor, e constancia de João Ferndndes Vieira, ainda que com forças mui inferiores ás d'aquella nação tão poderosa, os rechaçaram, e destruiram neste sitio aos 3 de Agosto de 1645. (3)

Trancoso. Sitiada esta villa no anno de 1155 por Albucazan rei mouro de Badajoz, e ganhada por elles, a tornou el-rei D. Affonso Henriques a recuperar com grande valor; porem a victoria mais famosa que aqui houve, foi no anno de 1385 em dia de S. Marcos, governando o Mestre de Avis. Pelejavam portuguezes contra castelhanos, e supposto era o numero das suas tropas mui superior ao nosso, os vencemos gloriosamente. Aqui se vio pelejar da nossa parte o bemaventurado Evangelista S. Marcos com lança, e adarga sobre um cavallo branco, fazendo voltar costas ao inimigo. Para memoria de tão assinalado favor permit-

(1) Ruy de Pina na Vida del-rei D. Affonso IV Monarq. Lusit. liv. 9. c. 11. e liv. 29. c. 30. Mariz Dial. 3. c. 4. Toscan. Parallel. e 16. Fonsec. Ever. glorios. n. 101 Ann. histor. a 28. de Outubro. (2) Monarq. Lusit. liv. 11. c. 36. (3) Castriot Lusit. part. 1. liv. 6. n. 28.

tiu aquelle illustre, e santo general, que as ferraduras do brioso ginete, em que vinha, ficassem impress^s em uma lage até o dia de hoje, que se mostram no dia do santo em uma igreja, que se edificou em veneração ao seu glorioso nome. (1)

Valverde. Neste campo, que fica duas leguas distante da cidade de Merida, conseguiu o insigne portuguez Nuno Alvares Pereira uma memoravel victoria dos castelhanos, Combatiam elles fortificados com um exercito de trinta e tres mil homens, a quem governava D. Pedro Moniz, Mestre de Santiago, e D. Gonçalo Nunes de Gusmão, Mestre de Calatrava. Reconheceu Nuno Alvares o perigo, e se occultou entre os penhascos, onde o foram achar posto em oração. Expressaram-lhe o aperto, e o quanto estavam promptos os esquadrões para o combate, e elle respondeu com pausa, que *ainda não era tempo.* Acabada porem a oração, tornou á batalha, mandou avançar, e brevemente venceu toda a maquina do inimigo, e acabou neste triunfo de jarretar todas as esperanças de Castella. (2) O certo é, que nos heroes portuguezes houve muitas d'aquellas acções dos famosos gregos, e romanos, que pararam em fama gloriosa depois de commettidas, parecendo temerarias, quando se commetteram.

Varzea. Villa celebre em Pernambuco, na qual ficaram os portuguezes victoriosos em 17 de Agosto de 1645 das armas hollandezas. Haviam-se estas apoderado violentamente d'aquella rica povoação, e fazendo-se fortes em um dos seus chamados engenhos, pertendiam zombar do nosso exercito, que governava João Fernandes Vieira, e alli atacara os contrarios com força. Viram-se opprimidos os hollandezes, e quasi sem valor já para a defeza: occorreu-lhes, e bem, abrandar nosso furor sem bala, nem polvora, e foi mandar pôr pelas janellas d'aquella fabrica as matronas pernambucanas, que lá retinham prizioneiras, as quaes, como se foram outras tantas cabeças de Medusa, fizeram converter em piedade toda a nossa oppugnação. Logo João Fernandes Vieira com espirito de verdadeiro valor lhes mandou offerecer alguns partidos para se renderem pacificamente, que interpretados pelos hereges a effeitos de fraqueza nos responderam com uma surriada de bala miuda. Aqui se accendeo vigorosamente no coração dos Portuguezes a ira de Marte: avançaram sem mais demora, e com tal efficacia, que os inimigos em breves minutos se viram desbaratados, e cativos, rendendo mais de oitocentos as vidas aos fios das nossas espadas. Seguio-se a esta victoria uma pomposa, e magnifica procissão triunfal. Precediam os soldados vencedores com as bandeiras despregadas, caminhando a passo lento ao toque das caixas, pifanos, trombetas, e clarins, que fazendo bello pros-

(1) Monarq. Lusit. liv. 9. c. 21. e liv. 10. cap. 42 Cardos. Agiol. Lusit. tom. 2. p 706. Ann. Hist. a 25. de Abril. (2) Fern. Lop. Chron. d'el-rei D. João I, part. 2. c. 57. Cam. nas Lusiad. cant. 8. est. 30, e 31. Rodrig. Lobo no Condestav. cant. 16. Toscan Parallel de var. illustr. c. 12. Pereira, Chron. do Carm. tom. I. part. 3. c. 4. § I. Ann. Hist. a 5 de Outubro.

pecto aos olhos, e harmonia aos ouvidos, enchiam de alegria os corações. Seguiam-se em grande numero de carros os ricos despojos, e entre estes aquellas nossas nobres matronas conduzidas em palanquins, e serpentinas, que são as carroças d'aquelle paiz, até serem restituidas a suas proprias habitações. Depois disto a multidão dos cativos Hollandezes em fileiras maniatados, e entre elles despojados das insignias militares os seus cabos principaes Henrique Hus, e João Blar. Rematava-se este formoso, e solemne triunfo com um esquadrão de tropas Portuguezas, que de espaço a espaço com os trovões das descargas hiam augmentando estrondosamente os apdlausos, e repetindo os vivas d'aquella insigne victoria. (1)

(1) Fr. Rafael de Jesus no Castriot. Lusit. e no Ann. Histor. tom. 2. p. 535.

INDICE

DOS CAPITULOS D'ESTE SEGUNDO TOMO

PARTE III

PARTE IV

INDICE

DAS COUSAS NOTAVEIS D'ESTE SEGUNDO TOMO

FIM